O

VISHNU PURANA

Um sistema de mitologia e tradição hindu, traduzido do sânscrito original, e esclarecido por notas derivadas principalmente de outros Puranas, por

H. H. WILSON, M. A. F.RS.

Membro da Sociedade Asiática Real, e das Sociedades Asiáticas de Bengala e Paris; da Sociedade Imperial de Naturalistas, Moscou; das Academias Reais de Berlim e Munique; PhD. na Universidade de Breslau e Professor Boden* de Sânscrito na Universidade de Oxford, Londres.

Publicado por John Murray,
Rua Albemarle.
[1840]

OXFORD, IMPRESSO POR T. COMBE, IMPRESSOR PARA A UNIVERSIDADE.

PARA O CHANCELER, MESTRES, E ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE OXFORD, ESTE TRABALHO É DEDICADO RESPEITOSAMENTE POR H. H. WILSON, EM TESTEMUNHO DE SUA VENERAÇÃO PELA UNIVERSIDADE, E EM RECONHECIMENTO GRATO PELA DISTINÇÃO CONFERIDA A ELE POR SUA ADMISSÃO COMO UM MEMBRO, E SUA ELEIÇÃO PARA O POSTO DE PROFESSOR BODEN DO IDIOMA SÂNSCRITO.

OXFORD, 10 de Fevereiro de 1840.

* O cargo de Professor Boden de Sânscrito na Universidade de Oxford foi estabelecido em 1832 com dinheiro dado para a universidade pelo Tenente-Coronel Joseph Boden, um soldado reformado do serviço da Companhia das Índias Orientais.

Traduzido para o português por Eleonora Meier - 2012.

Para ver os conteúdos de cada capítulo de cada livro vá direto para CONTEÚDOS.

Sumário

Introdução 4
Data dos Puranas 9
Classificação dos Puranas 10
1. O Brahma Purana 13
2. O Padma Purana 14
3. O Vishnu Purana 16
4. O Vayaviya Purana 16
5. O Bhagavata Purana 18
6. O Naradiya Purana 22
7. O Markandeya Purana 24
8. O Agni Purana 25
9. O Bhavishya Purana 27
10. O Brahma-vaivartta Purana 28
11. O Linga Purana 29
12. O Varaha Purana 31
13. O Skanda Purana 31
14. O Vamana Purana 33
15. O Kurma Purana 33
16. O Matsya Purana 35
17. O Garuda Purana 36
18. O Brahmanda Purana 37
Os Upa-puranas 38
Sinopse do Vishnu Purana 39
O Primeiro Livro 40
O Segundo Livro 42
O Terceiro Livro 42
O Quarto Livro 43
O Quinto Livro 47
O Sexto Livro 48
Data do Vishnu Purana 48
Conclusão 49
CONTEÚDOS 51
LIVRO 1 62
LIVRO 2 159

LIVRO 3 224
LIVRO 4 280
LIVRO 5 373
LIVRO 6 456
GLOSSÁRIO 485

Introdução

A literatura dos hindus tem sido cultivada por muitos anos com diligência singular, e em muitos dos seus ramos com sucesso eminente. Porém, há alguns departamentos que ainda estão só parcialmente e imperfeitamente investigados; e nós estamos longe de estar em posse daquele conhecimento que somente as escrituras autênticas dos hindus podem nos dar a respeito de sua religião, mitologia, e tradições históricas.

A partir dos materiais aos quais nós tivemos acesso até agora, parece provável que havia três formas principais nas quais a religião dos hindus existia, pelo mesmo número de diferentes períodos. A duração desses períodos, as circunstâncias de sua sucessão, e o estado preciso da fé nacional em cada época, não é possível determinar com alguma aproximação à precisão. As premissas também têm sido determinadas imperfeitamente para autorizar a não ser conclusões de uma descrição geral e um pouco vaga, e essas ainda precisam ser confirmadas ou corrigidas futuramente por pesquisa mais extensa e satisfatória.

A forma mais antiga sob qual a religião hindu aparece é aquela ensinada nos Vedas. O estilo da linguagem, e o sentido da composição daqueles trabalhos, até onde nós estamos familiarizamos com eles, indicam uma data muito anterior àquela de qualquer outra classe de escritos sânscritos. Porém, mal é seguro sugerir uma opinião a respeito da crença ou filosofia exata que eles inculcam. Para nos permitir opinar sobre sua tendência, nós temos somente um esboço geral de sua organização e conteúdos, com alguns extratos, pelo Sr. Colebrooke, nas Pesquisas Asiáticas[1]; algumas observações incidentais pelo Sr. Ellis, na mesma miscelânea[2]; e uma tradução do primeiro livro do Samhita, ou coleção de preces do Rig-veda, pelo Dr. Rosen[3]; e alguns dos Upanishads, ou tratados especulativos, ligados a, mais propriamente parte dos, Vedas, por Rammohun Roy[4]. A respeito da religião ensinada nos Vedas, a opinião do Sr. Colebrooke será recebida provavelmente como aquela que tem maior direito à deferência, porque certamente nenhum estudante de Sânscrito está igualmente familiarizado com os trabalhos originais. "A real doutrina da escritura indiana é a unidade da Divindade, em quem o universo está compreendido; e o aparente politeísmo que ela mostra oferece os elementos e as estrelas e planetas como deuses. As três manifestações principais da divindade, com outros atributos e energias personificados, e a maioria dos outros deuses da mitologia hindu, realmente são mencionados, ou pelo menos indicados, no Veda. Mas o culto de heróis divinizados não é parte do sistema; nem as encarnações de divindades são sugeridas em qualquer parte do texto que eu vi até agora, embora sejam às vezes indicadas pelos comentadores[5]." Algumas dessas declarações podem talvez requerer modificação; pois sem um exame cuidadoso de todas as preces dos Vedas, seria perigoso afirmar que eles não contêm nenhuma indicação de adoração ao herói; e certamente eles parecem aludir ocasionalmente aos Avataras, ou encarnações, de Vishnu. Porém, é verdade que o caráter prevalecente do ritual dos Vedas é a adoração dos elementos personificados; de Agni, ou fogo; Indra, o firmamento; Vayu, o ar; Varuna, a água; de Aditya, o sol; Soma, a lua; e outros personagens elementares e planetários. Também é verdade que o culto dos Vedas é a maior parte adoração

---

1 Asiatic Researches Vol. VIII. p. 369.

2 Vol. XIV. p. 37.

3 Publicado pelo Oriental Translation Fund Committee.

4 Uma tradução dos principais Upanishads foi publicada sob o título de Oupnekhat, ou Theologia Indica, por Anquetil Du Perron; mas ela foi feita por meio do Persa, e é muito incorreta e obscura. Uma tradução de um caráter muito diferente tem estado a algum tempo em processo de preparação por M. Poley.

5 As. Res. Vol. VIII. pág. 473.

doméstica, consistindo em orações e oblações oferecidas - em suas próprias casas, não em templos - por indivíduos para o bem individual, e dirigidas a presenças irreais, não a figuras visíveis. Em uma palavra, a religião dos Vedas não era idolatria.

Não é possível conjeturar quando essa forma mais simples e primitiva de adoração foi sucedida pela adoração de imagens e símbolos, representando Brahma, Vishnu, Shiva, e outros seres imaginários, constituindo um panteão mitológico de mais ampla extensão, ou quando Rama e Krishna, que parecem ter sido originalmente personagens reais e históricos, foram elevados à dignidade de divindades. Adoração à imagem é aludida por Manu em várias passagens[6], mas com uma notificação que aqueles brâmanes que subsistem por ministrar em templos são uma classe inferior e degradada. A história do Ramayana e do Mahabharata gira totalmente sobre a doutrina de encarnações, todas as principais figuras dramáticas dos poemas sendo personificações de deuses e semideuses e espíritos celestiais. O ritual parece ser aquele dos Vedas, e pode ser duvidado se alguma alusão à adoração de imagens ocorre; mas a doutrina de propiciação através de penitência e louvor prevalece do começo ao fim, e Vishnu e Shiva são os objetos especiais de panegírico e invocação. Naqueles dois trabalhos, então, nós localizamos indicações inequívocas de um afastamento da adoração elementar dos Vedas, e a origem ou elaboração de lendas, que formam o grande corpo da religião mitológica dos hindus. Até que ponto eles aperfeiçoaram a cosmogonia e cronologia de seus predecessores, ou em que grau as tradições de famílias e dinastias podem se originar deles, são questões que só poderão ser resolvidas quando os Vedas e os dois trabalhos em questão tiverem sido examinados mais completamente.

Os diferentes trabalhos conhecidos pelo nome de Puranas são evidentemente derivados do mesmo sistema religioso que o Ramayana e o Mahabharata, ou da fase mito-heróica de fé hindu. Porém, eles apresentam peculiaridades as quais indicam que eles pertencem a um período posterior, e uma modificação importante no progresso de opinião. Eles repetem a cosmogonia teórica dos dois grandes poemas; eles expandem e sistematizam as computações cronológicas; e eles dão uma representação mais definida e conectada das ficções mitológicas, e as tradições históricas. Mas além dessas e outras particularidades, que podem ser deriváveis de uma antiga, se não de uma era primitiva, eles oferecem peculiaridades características de uma descrição mais moderna, na importância suprema que eles designam às divindades individuais, na variedade e sentido dos ritos e observâncias dirigidos a eles, e na invenção de lendas novas ilustrativas do poder e benevolência daquelas divindades, e da eficácia de devoção irrestrita a elas. Shiva e Vishnu, sob uma ou outra forma, são quase os únicos objetos que reivindicam a reverência dos hindus nos Puranas; partindo do ritual doméstico e elementar dos Vedas, e mostrando um fervor e exclusividade sectários não observáveis no Ramayana, e só a uma extensão qualificada no Mahabharata. Eles não são mais autoridades para crença hindu como um todo: eles são guias especiais para ramos separados e às vezes conflitantes dela, compilados para o propósito evidente de promover o culto preferencial, ou em alguns casos único, de Vishnu ou de Shiva.[7]

Que os Puranas sempre tiveram o caráter aqui dado deles, pode dar margem à dúvida razoável; que isso se aplica corretamente a eles como eles são conhecidos agora, as páginas seguintes vão substanciar incontestavelmente. Porém, é possível

---

[6] Livro 3. 152, 164. Livro 4. 214.

[7] Além dos três períodos marcados pelos Vedas, Poemas Heróicos, e Puranas, um quarto pode ser datado a partir da influência exercida pelos Tantras sobre a prática e fé hindus; mas nós ainda somos muito pouco familiarizados com aqueles trabalhos, ou sua origem, para especular seguramente sobre suas consequências.

que possa ter havido uma classe mais antiga de Puranas, da qual esses que nós temos agora sejam somente representantes parciais e adulterados. A identidade das lendas em muitos deles, e ainda mais a identidade das palavras - pois em vários deles passagens longas são literalmente as mesmas - é uma prova suficiente que em todos os tais casos eles devem ser copiados ou de algum outro trabalho semelhante, ou de um original comum e anterior. Também não é incomum um fato ser declarado sobre a autoridade de uma 'antiga estrofe', que é citada adequadamente; mostrando a existência de uma fonte de informação mais antiga, e em muitíssimos casos lendas são aludidas, não contadas; evidenciando familiaridade com sua narração anterior em outro lugar. O próprio nome, Purana, que significa 'antigo', indica que o objetivo da compilação é a preservação de tradições antigas; um propósito, na condição atual dos Puranas, cumprida muito imperfeitamente. Qualquer que seja o peso que possa ser dado a essas considerações, não há evidência contestante em sentido semelhante fornecida por outra e inquestionável autoridade. A descrição dada pelo Sr. Colebrooke[8] dos conteúdos de um Purana é tirada de escritores sânscritos. O Léxico de Amarasimha dá como um sinônimo de Purana, Pancha-lakshanam, 'aquilo que tem cinco tópicos característicos,' e não há diferença de opinião entre os comentadores quanto ao que estes são. Eles são, como o Sr. Colebrooke menciona: 1. Criação original, ou cosmogonia; 2. Criação secundária, ou a destruição e renovação de mundos, inclusive cronologia; 3. Genealogia de deuses e patriarcas; 4. Reinados dos Manus, ou períodos chamados Manwantaras; e 5. História, ou tais pormenores como foram preservados dos príncipes das raças solares e lunares, e dos seus descendentes até os tempos modernos[9]. Tais, de qualquer modo, eram as partes constituintes e características de um Purana nos tempos de Amarasimha, cinquenta e seis anos antes da era cristã; e se os Puranas não tivessem sofrido nenhuma mudança desde o tempo dele, nós deveríamos esperar encontrá-las ainda. Eles estão de acordo com essa descrição? Não exatamente em qualquer caso: a alguns deles ela é totalmente inaplicável; a outros se aplica só parcialmente. Não há nenhum ao qual ela pertença tão completamente quanto ao Vishnu Purana, e essa é uma das circunstâncias que dá a este trabalho um caráter mais autêntico que a maioria de seus companheiros pode aspirar. Contudo mesmo nesse caso nós temos um livro sobre os costumes da sociedade e ritos fúnebres interpostos entre os Manwantaras e as genealogias de príncipes, e uma vida de Krishna separando as últimas de um relato do fim do mundo, além da inserção de várias lendas de um caráter manifestadamente popular e sectário. Sem dúvida muitos dos Puranas, como eles são agora, correspondem à visão que o Coronel Vans Kennedy tem do significado deles. "Eu não posso descobrir neles", ele observa, "qualquer outro objetivo a não ser aquele de instrução religiosa." A descrição da terra e do sistema planetário, e as listas de linhagens reais que se encontram neles, ele afirma serem "evidentemente extrínsecas, e não circunstâncias essenciais, porque elas são totalmente omitidas em alguns Puranas, e muito concisamente ilustradas em outros; enquanto, pelo contrário, em todos os Puranas algum ou outro dos principais princípios, ritos, e observâncias da religião hindu são discorridos completamente, e ilustrados ou através de lendas apropriadas ou pela prescrição das cerimônias a serem praticadas, e das preces e invocações a serem empregadas, na adoração de diferentes divindades[10]", Agora, embora essa descrição dos Puranas como eles são possa ser acurada, está claro que ela não se aplica ao que eles eram quando eles foram sinonimicamente designados

---

8 As. Res. vol. VII. pág. 202.

9 A seguinte definição de um Purana é citada constantemente: ela é encontrada no Vishnu, Matsya, Vayu, e outros Puranas: सर्गश्च प्रतिसर्गश्च वंशो मन्वन्तराणि च । वंशानुचरितं चैव पुराणं पञ्चलक्षणम् ॥
Uma variação de leitura no princípio da segunda linha é mencionada por Ramasrama, o comentador sobre Amara, भूम्यादिसंस्थानं, 'Destruição da terra e o resto, ou dissolução final,' em qual caso as genealogias de heróis e príncipes estão incluídas naquelas dos patriarcas.

10 Researches into the Nature and Affinity of Ancient and Hindu Mythology, pág.153, e nota.

como Pancha-lakshanas, ou 'tratados sobre cinco tópicos;' nem um dos cinco é alguma vez especificado por texto ou comentário ser "instrução religiosa." No conhecimento de Amara Sinha as listas de príncipes não eram extrínsecas e sem importância, e elas serem assim consideradas agora por um escritor tão bem familiarizado com os conteúdos dos Puranas como o Cel. Vans Kennedy é uma prova decisiva que desde os tempos do lexicógrafo eles passaram por alguma alteração material, e que nós não temos no momento os mesmos trabalhos sob todos os aspectos que eram correntes sob a denominação de Puranas no século anterior ao cristianismo.

A conclusão deduzida da discrepância entre a forma atual e a definição mais antiga de um Purana, desfavorável à antiguidade dos trabalhos existentes geralmente, é convertida em certeza quando nós chegamos a examiná-los em detalhes; pois embora eles não tenham data atribuída a eles, contudo circunstâncias são às vezes mencionadas ou aludidas, ou são feitas referências a autoridades, ou são narradas lendas, ou são particularizados lugares, dos quais a data comparativamente recente é incontestável, e que obrigam uma redução correspondente da antiguidade do trabalho no qual elas são descobertas. Ao mesmo tempo eles podem ser absolvidos de subserviência a qualquer impostura exceto sectária. Eles eram fraudes religiosas para propósitos temporários; eles nunca emanaram de alguma combinação impossível dos brâmanes para fabricar para a antiguidade do sistema hindu inteiro qualquer reivindicação à qual ele não pode confirmar totalmente. Uma parte muito grande dos conteúdos de muitos, alguma parte dos conteúdos de todos, é genuína e antiga. A interpolação sectária ou embelezamento sempre é suficientemente palpável para ser colocado aparte, sem dano para o material mais autêntico e primitivo; e os Puranas, embora eles pertençam especialmente àquela fase da religião hindu na qual a fé em alguma divindade era o princípio prevalecente, também são um registro valioso da forma de fé hindu que veio em seguida em ordem àquela dos Vedas; que enxertou culto ao herói no ritual mais simples dos últimos; e que tinha sido adotado, e estava extensivamente, talvez universalmente, estabelecido na Índia na época da invasão grega. O Hércules dos escritores gregos era indubitavelmente o Balarama dos hindus; e suas menções de Mathura no Jumna, e do reino do Suraseni e do país Pandaean, evidenciam a circulação anterior das tradições que constituem o argumento do Mahabharata, e que são repetidas constantemente nos Puranas, relativas às tribos Pandava e Yadava, a Krishna e seus heróis contemporâneos, e às dinastias dos reis solares e lunares.

A teogonia e cosmogonia dos Puranas podem provavelmente ser localizadas nos Vedas. Elas não são, até onde já é conhecido, descritas em detalhes naqueles trabalhos, mas elas são aludidas frequentemente em uma tendência mais mística e obscura, que indica familiaridade com sua existência, e que parece ter provido os Puranas com a base de seus sistemas. O esquema de criação primária ou elementar eles obtêm emprestado da filosofia Sankhya, a qual provavelmente é uma das formas mais antigas de especulação sobre homem e natureza entre os hindus. Com relação, entretanto, àquela parte do caráter purânico na qual há razão para suspeitar de origem posterior, sua indicação do culto de uma divindade favorita, eles combinam a interposição de um criador com a evolução independente da matéria em um estilo um pouco contraditório e ininteligível. Também é evidente que seus relatos a respeito da criação secundária, ou o desenvolvimento das formas existentes de coisas, e a disposição do universo, são derivadas de várias e diferentes fontes; e parece muito provável que eles sejam acusados de algumas das incongruências e absurdos pelos quais a narrativa está desfigurada, por terem tentado atribuir realidade e sentido ao que era somente metáfora ou misticismo. Há, entretanto, entre a complexidade desnecessária da descrição, um acordo geral entre eles sobre a origem das coisas, e sua distribuição final; e em muitas das circunstâncias há uma conformidade notável

com as idéias que parecem ter permeado todo o mundo antigo, e as quais nós podemos portanto crer estarem representadas fielmente nos Puranas.

O panteísmo dos Puranas é uma de suas características invariáveis, embora a divindade específica, que é todas as coisas, de quem todas as coisas procedem, e para quem todas as coisas retornam, seja diversificada de acordo com suas inclinações sectárias. Eles parecem ter derivado a noção dos Vedas, mas neles o único Ser universal é de uma ordem mais elevada que uma personificação de atributos ou elementos, e, embora concebido imperfeitamente, ou descrito impropriamente, é Deus. Nos Puranas se supõe que o único Ser Supremo está manifestado na pessoa de Shiva ou Vishnu, ou no modo de ilusão ou em esporte; e uma ou outra dessas divindades é portanto também a causa de tudo o que é, é ele mesmo tudo o que existe. A identidade de Deus e natureza não é uma noção nova; ela era muito comum nas especulações da antiguidade, mas assumiu um vigor novo nos primeiros períodos do cristianismo, e foi levada a um pico igual de extravagância pelos cristãos platônicos como pelos hindus Shaiva ou Vaishnava. Não parece impossível que tenha havido alguma comunicação entre eles. Nós sabemos que havia uma comunicação ativa entre a Índia e o Mar Vermelho nos tempos primitivos da era cristã, e que doutrinas, como também artigos de mercadoria, eram trazidos para Alexandria da primeira. Epiphanius[11] e Eusebius [12] acusam Scythianus de ter importado da Índia, no segundo século, livros sobre magia, e noções heréticas levando ao Maniqueísmo; e foi no mesmo período que Amônio instituiu a seita dos neoplatônicos em Alexandria. A base de sua heresia era, que verdadeira filosofia derivava sua origem das nações orientais; sua doutrina da identidade de Deus e o universo é aquela dos Vedas e Puranas; e as práticas que ele ordenava, como também seu objetivo, eram precisamente aqueles descritos em vários dos Puranas sob o nome de Yoga. Os discípulos dele eram ensinados a “extenuarem por mortificação e contemplação as restrições corporais sobre o espírito imortal, de forma que nessa vida eles podiam desfrutar de comunhão com o Ser Supremo, e ascender depois da morte ao Pai universal[13]." Que essas são doutrinas hindus as páginas seguintes[14] testificarão; e pela admissão de seu professor alexandrino, elas se originaram na Índia. A importação não era talvez totalmente não reconhecida; o empréstimo pode não ter sido deixado não pago. Não é impossível que as doutrinas hindus tenham recebido novo ânimo a partir de sua adoção pelos sucessores de Ammonius, e especialmente pelos místicos, que podem ter induzido, como também empregado, as expressões dos Puranas. Anquetil Du Perron deu[15], na introdução para sua tradução do 'Oupnekhat', vários hinos por Synesius, um bispo do começo do quinto século, os quais podem servir como paralelos a muitos dos hinos e preces dirigidos a Vishnu no Vishnu Purana.

Mas a atribuição a divindades individuais e pessoais dos atributos do único Ser Supremo universal e espiritual, é certamente uma indicação de uma data posterior aos Vedas, e aparentemente também ao Ramayana onde Rama, embora uma encarnação de Vishnu, geralmente aparece apenas em seu caráter humano. Há algo do tipo no Mahabharata a respeito de Krishna, especialmente no episódio filosófico conhecido como o Bhagavad Gita. Em outros lugares a natureza divina de Krishna é afirmada menos decididamente; em alguns ela é disputada ou negada; e na maioria das situações nas quais ele é mostrado em ação, é como príncipe e guerreiro, não como uma divindade. Ele não usa faculdades sobre-humanas na defesa de si mesmo ou seus amigos, ou na derrota e destruição de seus inimigos. Porém, o Mahabharata é evidentemente um trabalho de vários períodos, e precisa ser lido cuidadosamente e

---

11 Adv. Manichaeos.
12 Hist. Evang.
13 Mosheim, vol. I. p.173.
14 Veja a pág. 476 e seguintes.
15 Theologia et Philosophia Indica, Dissert. p. xxvi.

criticamente do começo ao fim antes que seu peso como uma autoridade possa ser apreciado com precisão. Como ele está agora impresso[16] - obrigado ao espírito público da Sociedade Asiática de Bengala, e seu secretário Sr. J. Prinsep - logo os estudiosos de sânscrito do continente apreciarão seu valor acuradamente.

Data dos Puranas

Os Puranas são também trabalhos de épocas evidentemente diferentes, e foram compilados sob circunstâncias diferentes, a natureza exata das quais nós podemos conjecturar só imperfeitamente a partir de evidência interna, e do que nós conhecemos da história do conceito religioso na Índia. É altamente provável, que das formas populares presentes da religião hindu, nenhuma assumiu seu estado atual antes da época de Sankara Acharya, o grande reformador Saiva, que viveu, com toda probabilidade, no oitavo ou nono século. Dos professores Vaishnava, Ramanuja data do décimo segundo século, Madhwacharya do décimo terceiro, e Vallabha do décimo sexto[17]; e os Puranas parecem ter acompanhado ou seguido suas inovações, sendo obviamente planejados para defender as doutrinas que eles ensinaram. Isso é atribuir a alguns deles uma data muito moderna, é verdade; mas eu não posso pensar que uma mais alta pode ser atribuída com justiça a eles. Isso, no entanto, só se aplica a alguns do número, como eu continuarei a especificar agora.

Outra evidência de uma data comparativamente moderna deve ser admitida naqueles capítulos dos Puranas que, assumindo um tom profético, predizem quais dinastias de reis reinarão na era Kali. Esses capítulos, é verdade, são encontrados somente em quatro dos Puranas, mas eles são conclusivos em derrubar a data daqueles quatro para um período consideravelmente subsequente ao cristianismo. Também é para ser observado, que o Vayu, Vishnu, Bhagavata, e Matsya Puranas, nos quais esses pormenores são preditos, têm em todos os outros aspectos o caráter de antiguidade tão grande quanto qualquer trabalho de sua classe[18].

Forma dos Puranas

A forma invariável dos Puranas é aquela de um diálogo, no qual alguma pessoa narra seus conteúdos em resposta às perguntas de outra. Esse diálogo é entrelaçado com outros, que são repetidos como tendo sido mantidos em outras ocasiões entre indivíduos diferentes, por causa de perguntas semelhantes tendo sido feitas. O narrador imediato geralmente é, embora não constantemente, Lomaharshana ou Romaharshana, o discípulo de Vyasa, que se supõe que comunica o que foi dado a ele por seu preceptor, como ele tinha ouvido de algum outro sábio. Vyasa, como será visto no corpo do trabalho[19], é um título genérico, significando um 'organizador' ou 'compilador.' Ele é nessa era aplicado a Krishna Dwaipayana, o filho de Parasara; é dito que ele ensinou os Vedas e Puranas para vários discípulos, mas que parece ter sido o diretor de um colégio ou lugar de ensino, sob o qual vários homens instruídos deram à literatura sagrada dos hindus a forma na qual ela se apresenta agora. Nessa tarefa os discípulos, como eles são chamados, de Vyasa eram antes seus colegas e

---

16 Três volumes foram impressos, o quarto e último está quase terminado.

17 As. Res. vols. XVI. e XVII. Descrição de Seitas Hindus.

18 Sobre a história da composição dos Puranas, como eles aparecem agora, eu arrisquei algumas especulações em minha Análise do Vayu Purana: Diário Sociedade Asiática de Bengala, dezembro de 1832.

19 Página 233.

assistentes, porque eles já estavam familiarizados com o que é contado que ele os ensinava[20]; e entre eles, Lomaharshana representa a classe de pessoas que eram encarregadas especialmente do registro de eventos políticos e temporais. Ele é chamado de Suta, como se esse fosse um nome próprio; mas esse é mais corretamente um título; e Lomaharshana era 'um Suta', isto é, um bardo ou panegirista, que foi criado, de acordo com nosso texto[21], para celebrar as façanhas de príncipes; e que, de acordo com o Vayu e Padma Puranas, tem um direito de nascença e profissão de narrar os Puranas, em preferência até mesmo aos Brâmanes[22]. Não é então improvável que nós percebamos, por ele ser representado como o discípulo de Vyasa, a instituição de alguma tentativa, feita sob a direção do último, de coletar dos arautos e analistas de seu tempo as tradições espalhadas que eles tinham preservado imperfeitamente; e daí a consequente apropriação dos Puranas, em uma grande medida, das genealogias de dinastias reais, e descrições do universo. Embora isso possa ter acontecido, o mecanismo foi apenas grudado frouxamente, e muitos dos Puranas, como o Vishnu, se referem a um narrador diferente.

Um relato é dado no trabalho seguinte[23] de uma série de compilações purânicas, das quais em sua forma atual nenhum vestígio aparece. É dito que Lomaharshana tinha seis discípulos, três dos quais compuseram muitos Samhitas fundamentais, enquanto ele mesmo compilou um quarto. Por um Samhita é geralmente compreendido uma 'coleção' ou 'compilação.' Os Samhitas dos Vedas são coleções de hinos e preces pertencentes a eles, organizados de acordo com o julgamento de algum sábio individual, que é portanto considerado como o criador e professor de cada um. Os Samhitas dos Puranas, então, deveriam ser compilações análogas, atribuídas respectivamente a Mitrayu, Sansapayana, Akritavrana, e Romaharshana: nenhum de tais Samhitas purânicos é conhecido atualmente. É dito que substância dos quatro está reunida no Vishnu Purana, o qual é também, em outro lugar[24], ele mesmo chamado de Samhita; mas tais compilações, até onde a investigação já procedeu, não foram descobertas. A especificação pode ser aceita como uma indicação de os Puranas terem existido em alguma outra forma, na qual eles não são mais conhecidos; embora não pareça que o arranjo era incompatível com sua existência como trabalhos separados, pois o Vishnu Purana, que é nossa autoridade para os quatro Samhitas, também nos dá a enumeração usual dos vários Puranas.

Classificação dos Puranas

Há outra classificação dos Puranas aludida no Matsya Purana, e especificada pelo Padma Purana, mas mais completamente. Ela não é indigna de nota, porque expressa a opinião que os escritores nativos têm da extensão dos Puranas, e do seu reconhecimento da subserviência desses trabalhos à disseminação de princípios sectários. Assim é dito no Uttara Khanda do Padma, que os Puranas, como também outros trabalhos, são divididos em três classes, de acordo com as qualidades que prevalecem neles. Assim o Vishnu, Naradiya, Bhagavata, Garuda, Padma, e Varaha Puranas, são Satwika, ou puros, por causa da predominância neles da qualidade de Satwa, ou aquela de bondade e pureza. Na realidade, eles são Vaishnava Puranas. O

20 Ver página 235.

21 Página 122.

22 Journ, Royal As. Soc. vol. V. p. 281.

23 Página 240.

24 Página 64.

Matsya, Kurma, Linga, Shiva, Skanda, e Agni Puranas, são Tamasa, ou Puranas da escuridão, pela prevalência da qualidade de Tamas, 'ignorância', 'escuridão.' Eles são incontestavelmente Shaiva Puranas. O terceiro grupo, incluindo o Brahmanda, Brahma-vaivartta, Markandeya, Bhavishya, Vamana, e Brahma Puranas, são designados como Rajasa, 'apaixonados', de Rajas, a propriedade de paixão, a qual se supõe que eles representam. O Matsya não especifica quais são os Puranas que caem sob estas designações, mas observa que aqueles nos quais o Mahatmya de Hari ou Vishnu prevalece são Satwika; aqueles nos quais as lendas de Agni ou Shiva predominam são Tamasa; e aqueles que discorrem mais sobre as histórias de Brahma são Rajasa. Eu declarei em outro lugar[25], que eu considero que os Rajasa Puranas se inclinam para a divisão Sakta dos hindus, os adoradores de Sakti, ou o princípio feminino; baseando essa opinião no caráter das lendas que alguns deles contêm, tais como a Durga Mahatmya, ou lenda célebre na qual a adoração de Durga ou Kali é especialmente fundada, a qual é um episódio principal do Markandeya. O Brahma-vaivartta também dedica a maior parte de seus capítulos à celebração de Radha, a amante de Krishna, e outras divindades femininas. O Cel. Vans Kennedy, no entanto, contesta a aplicação do termo Sakta a essa última divisão dos Puranas, o culto de Shakti sendo o objeto especial de uma classe diferente de trabalhos, os Tantras, e nenhuma forma semelhante de culto sendo inculcada particularmente no Brahma Purana[26]. Esse último argumento é de peso com respeito ao caso particular especificado, e a designação de Shakti pode não ser corretamente aplicável à classe inteira, embora seja a alguns da série; pois não há incompatibilidade na defesa de uma modificação Tantrika da religião hindu por algum Purana, e ela foi inquestionavelmente praticada em trabalhos conhecidos como Upa-puranas. A própria apropriação da terceira classe dos Puranas, de acordo com o Padma Purana, parece ser para o culto de Krishna, não no caráter no qual ele é representado no Vishnu e Bhagavata Puranas, nos quais os incidentes de sua juventude são só uma parte de sua biografia, e nos quais o caráter humano participa em grande parte, pelo menos em seus anos mais maduros, mas como o menino Krishna, Govinda, Bala Gopala, o residente em Vrindavan, o companheiro dos vaqueiros e leiteiras, o amante de Radha, ou como o mestre juvenil do universo, Jagannatha. O termo Rajasa, implicando a animação de paixão, e desfrute de delícias sensuais, é aplicável, não só ao caráter da divindade jovem, mas àqueles com quem sua adoração nessas formas parece ter se originado, os Gosains de Gokul e Bengala, os seguidores e descendentes de Vallabha e Chaitanya, os sacerdotes e proprietários de Jagannath e Shrinath-dwar, que levam uma vida de riqueza e indulgência e vindicam, por preceito e prática, a racionalidade da qualidade Rajasa, e a congruidade de prazer temporal com os deveres de religião[27].

Afirma-se uniformemente que os Puranas são dezoito em número. É dito que há também dezoito Upa-puranas, ou Puranas menores; mas somente os nomes de poucos desses são especificados nas autoridades menos criticáveis, e o maior número dos trabalhos não é obtenível. Com relação aos dezoito Puranas, há uma peculiaridade em sua especificação, que é prova de uma interferência com a integridade do texto, em alguns deles pelo menos; pois cada um deles especifica os nomes de todos os dezoito. Agora a lista não poderia ter estado completa enquanto o trabalho que a apresenta estivesse inacabado, e em um só então, o último da série, nós teríamos o direito de procurá-la. Como entretanto há mais últimas palavras do que uma, é evidente que os nomes devem ter sido inseridos em todos exceto um depois que o todo estava terminado: qual dos dezoito é a exceção, e verdadeiramente o

25 As. Res. vol. XVI. pág. 10.

26 Diário Asiático, Março de 1837, pág. 241.

27 As. Res. vol. XVI. pág. 85.

último, não há pista para descobrir, e a especificação provavelmente é uma interpolação na maioria, se não em todos.

Os nomes que são especificados são geralmente os mesmos, e são os seguintes: 1. Brahma, 2. Padma, 3. Vaishnava, 4. Shaiva, 5. Bhagavata, 6. Narada, 7. Markanda, 8. Agneya, 9. Bhavishya, 10. Brahma-vaivartta, 11. Linga, 12. Varaha, 13. Skanda, 14. Vamana, 15. Kurma, 16. Matsya, 17. Garuda, 18. Brahmanda[28]. Isso é do décimo segundo livro do Bhagavata, e é o mesmo que se encontra no Vishnu[29]. Em outras autoridades há poucas variações. A lista do Kurma Purana omite o Agni Purana, e substitui o Vayu. O Agni omite o Shaiva, e insere o Vayu. O Varaha omite o Garuda e Brahmanda, e insere o Vayu e Narasinha: nesse último isso é singular. O Markandeya concorda com o Vishnu e Bhagavata em omitir o Vayu. O Matsya, como o Agni, deixa fora o Shaiva.

Alguns dos Puranas, como o Agni, Matsya, Bhagavata, e Padma, também especificam o número de estrofes que cada um dos dezoito contém. Em um ou dois casos eles discordam, mas em geral eles concordam. O agregado é declarado em 400.000 slokas, ou 1.600.000 linhas. É contado que esses são somente um resumo, a quantia inteira sendo um krore, ou dez milhões de estrofes, ou até mesmo mil milhões. Se todas as partes fragmentárias, que reivindicam em várias partes da Índia pertencer aos Puranas, fossem admitidas, sua extensão excederia muito a menor, entretanto não alcançaria a enumeração maior. A primeira é, entretanto, como eu declarei em outro lugar[30], uma quantidade que um estudioso europeu individual mal poderia esperar ler com cuidado e atenção devidos, a menos que todo o tempo dele fosse dedicado exclusivamente por muitos anos à tarefa. Contudo sem semelhante trabalho ser realizado, estava claro, por causa da rudeza e inexatidão de tudo o que tem sido publicado até agora sobre a matéria, com uma exceção[31], que teorias confiáveis sobre o assunto da mitologia e tradição hindus não eram para serem esperadas. Circunstâncias, as quais eu já expliquei no papel, no Diário da Sociedade Asiática Real citado acima, me permitiram me beneficiar de ajuda competente, pela qual eu fiz um resumo minucioso da maioria dos Puranas. No decorrer do tempo eu espero colocar uma análise toleravelmente copiosa e conectada de todos os dezoito perante estudiosos orientais, e no meio tempo ofereço uma nota breve de seus vários conteúdos.

Em geral a enumeração dos Puranas é uma nomenclatura simples, com a adição em alguns casos do número de versos; mas a esses o Matsya Purana une a menção de uma ou duas circunstâncias peculiares a cada um, as quais, embora escassas, são valiosas, porque oferecem meios de identificar as cópias dos Puranas agora encontradas com aqueles aos quais o Matsya se refere, ou de descobrir uma diferença entre o presente e o passado. Eu anteporei então a passagem descritiva de cada Purana de acordo com o Matsya. Porém, é necessário observar que na comparação instituída entre aquela descrição e o Purana como ele existe, eu

---

28 Os nomes são colocados atributivamente, o nome substantivo, Purana, sendo compreendido. Dessa maneira Vaishnavam Puranam quer dizer o Purana de Vishnu; Shaivam Puranam, o Purana de Shiva; Brahmam Puranam, o Purana de Brahma. É igualmente correto, e mais comum, usar os dois substantivos em justaposição, como Vishnu Purana, Shiva Purana, etc. No sânscrito original os substantivos são compostos, como Vishnu-puranam, etc.; mas não é usual combiná-los em sua forma européia.

29 Página 241.

30 Journ. Royal As. Soc. vol. V. pág. 61.

31 Eu me refiro ao valioso trabalho do Cel. Vans Kennedy, sobre a Afinidade entre a Mitologia Hindu e Antiga. Embora eu possa discordar muito das conclusões daquele escritor instruído e habilidoso, eu devo fazer a ele a justiça de admitir que ele é o único autor que discutiu o assunto da mitologia dos hindus sobre princípios certos, por extrair seus materiais de fontes autênticas.

necessariamente recorro à cópia ou cópias que eu empreguei com a finalidade de exame e análise, e que foram obtidas que com alguma dificuldade e custo em Benares e Calcutá. Em alguns casos meus manuscritos foram confrontados com outros de diferentes partes da Índia, e o resultado tem mostrado que, pelo menos com relação ao Brahma, Vishnu, Vayu, Matsya, Padma, Bhagavata, e Kurma Puranas, os mesmos trabalhos, em todos os aspectos essenciais, são geralmente correntes sob os mesmos títulos. Se esse invariavelmente é o caso pode ser duvidado, e investigação mais completa pode possivelmente mostrar que eu fui obrigado a me contentar com trabalhos mutilados ou não autênticos[32]. É com essa reserva, portanto, que eu devo ser compreendido para falar da conformidade ou discordância de algum Purana com a observação dele que o Matsya Purana preservou.

1. O Brahma Purana

"Este, o todo do qual foi antigamente repetido por Brahma para Marichi, é chamado de Brahma Purana, e contém dez mil estrofes[33]." Em todas as listas dos Puranas, o Brahma é colocado na dianteira da série, e é por isso às vezes também chamado de Adi ou 'primeiro' Purana. Ele é também é designado como o Saura, porque ele é em grande parte destinado à adoração de Surya, 'o sol.' Há, no entanto, trabalhos que levam esses nomes que pertencem à classe dos Upa-puranas, e que não devem ser confundidos com o Brahma. É dito normalmente, como acima, que ele contém dez mil slokas; mas o número encontrado de fato está entre sete e oito mil. Há uma seção adicional ou final chamada de Brahmottara Purana, e que é diferente de uma parte do Skanda chamada de Brahmottara Khanda, que contém aproximadamente três mil estrofes mais; mas há toda razão para concluir que este é um trabalho distinto e separado.

O narrador imediato do Brahma Purana é Lomaharshana, que o comunica aos Rishis ou sábios reunidos em Naimisharanya, como ele foi revelado originalmente por Brahma, não para Marichi, como afirma o Matsya, mas para Daksha, outro dos patriarcas: por essa razão sua denominação de Brahma Purana. Os primeiros capítulos desse trabalho dão uma descrição da criação, um relato dos Manwantaras, e a história das dinastias solares e lunares até o tempo de Krishna, de uma maneira sumária, e em palavras que são comuns a ele e vários outros Puranas; uma descrição breve do universo vem depois; e então vêm vários capítulos relativos à santidade de Orissa, com seus templos e bosques sagrados dedicados ao sol, a Shiva, e Jagannath, o último especialmente. Estes capítulos são característicos desse Purana, e mostram que seu objetivo principal é a promoção da adoração de Krishna como Jagannath[34]. A esses detalhes sucede uma vida de Krishna, que é palavra por palavra

---

32 Ao examinar as traduções de diferentes passagens dos Puranas, apresentadas pelo Cel. Vans Kennedy no trabalho mencionado em uma nota anterior, e comparando-as com o texto dos manuscritos que eu tenho consultado, eu encontro tal conformidade quanto a justificar a crença de que não há diferença essencial entre as cópias em posse dele e as minhas. As variedades que se acham no manuscrito da Biblioteca da Companhia Índia Oriental serão citadas no texto.

33 ब्रह्मणाभिहितं पूर्वं यावन्मात्रं मरीचये ।
ब्राह्मं तु दशसाहस्रं पुराणं परिकीर्तितम् ॥

34 O Cel. Vans Kennedy objeta a esse caráter do Brahma Purana, e observa que ele contém só duas descrições curtas de pagodes, um de Konaditya, outro de Jagannath. Nesse caso, sua cópia deve diferir consideravelmente daquelas que eu encontrei; pois nelas a descrição de Purushottama Kshetra, a terra santa de Orissa, se espalha por quarenta capítulos, ou um terço do trabalho. A descrição, é verdade, é entremeada, no modo sinuoso habitual dos Puranas, com uma variedade de lendas, algumas antigas, algumas modernas; mas elas são destinadas a ilustrar alguma circunstância local, e não são então incompatíveis com o intento principal, a celebração das glórias de Purushottama Kshetra. A especificação do templo de Jagannath, porém, é por si mesma suficiente, na minha opinião, para determinar o caráter e época da compilação.

igual àquela do Vishnu Purana; e a compilação termina com um detalhe específico do modo no qual Yoga, ou devoção contemplativa, o objeto da qual ainda é Vishnu, é para ser executada. Há pouco nesse que corresponda com a definição de um Pancha-lakshana Purana; e a menção dos templos de Orissa, a data da construção original do qual está registrada[35], mostra que ele não poderia ter sido compilado antes do décimo terceiro ou décimo quarto século.

O Uttara Khanda do Brahma Purana tem ainda mais completamente o caráter de um Mahatmya, ou lenda local, sendo destinado a celebrar a santidade do rio Balaja, presumido ser o mesmo que o Banas em Marwar. Não há indício de sua data, mas ele é claramente moderno, enxertando personagens e ficções de sua própria invenção em umas poucas alusões de autoridades mais antigas[36].

2. O Padma Purana

"Este que contém um relato do período quando o mundo era um loto dourado (padma), e de todas as ocorrências daquele tempo, é portanto chamado de Padma pelos sábios; ele contém cinquenta e cinco mil estrofes[37]." O segundo Purana nas listas habituais sempre é o Padma, um trabalho muito volumoso, contendo, de acordo com sua própria declaração, como também a de outras autoridades, cinquenta e cinco mil slokas; uma quantia não longe da verdade. Esses estão divididos entre cinco livros, ou Khandas; 1. o Srishti Khanda, ou seção sobre criação; 2. o Bhumi Khanda, descrição da terra; 3. o Swarga Khanda, capítulo sobre o céu; 4. Patala Khanda, capítulo sobre as regiões abaixo da terra; e 5. o Uttara Khanda, último ou capítulo adicional. Há também corrente uma sexta divisão, o Yoga Kriya Sara, um tratado sobre a prática da devoção.

As denominações dessas divisões do Padma Purana transmitem apenas uma noção imperfeita e parcial de seus conteúdos. Na primeira, ou seção que trata da criação, o narrador é Ugrasravas o Suta, o filho de Lomaharshana, que é enviado por seu pai aos Rishis em Naimisharanya para comunicar a eles o Purana, o qual, por conter uma descrição do loto (padma) no qual Brahma apareceu na criação, é chamado de Padma ou Padma Purana. O Suta repete o que foi comunicado originalmente por Brahma para Pulastya, e por ele para Bhishma. Os primeiros capítulos narram a cosmogonia, e a genealogia das famílias patriarcais, em grande parte no mesmo estilo, e frequentemente nas mesmas palavras, como o Vishnu; e relatos curtos dos Manwantaras e dinastias reais, mas esses, que são tópicos purânicos legítimos, logo abrem caminho para invenções novas e não autênticas, ilustrativas das virtudes do lago de Pushkara, ou Pokher em Ajmir, como um lugar de peregrinação.

O Bhumi Khanda, ou seção da terra, adia qualquer descrição da terra até perto de seu fim, preenchendo cento e vinte e sete capítulos com lendas de uma descrição muito misturada, algumas antigas e comuns a outros Puranas, mas a maior parte peculiares a ele mesmo, ilustrativas de Tirthas assim chamados figurativamente - como uma esposa, um pai, ou um Guru, considerado como um objeto sagrado - ou lugares aos quais verdadeira peregrinação deve ser realizada.

---

35 Ver Relato de Orissa Próprio, ou Cuttack, por A. Stirling, Esq.: Asiatic. Res. vol. XV. pág. 305.

36 Ver Análise do Brahma Purana: Journ. Royal As. Soc, vol. V. pág. 65.

37 एतदेव यदा पद्ममभूद्धैरण्मयं जगत् ।
तद्वृत्तान्ताश्रयं तद्वत्पाद्ममित्युच्यते बुधैः ॥
पाद्मं तत्पञ्चपञ्चाशत्सहस्राणीह कथ्यते ।

O Swarga Khanda descreve nos primeiros capítulos as posições relativas dos Lokas ou esferas acima da terra, colocando acima de todas Vaikuntha, a esfera de Vishnu; uma adição que não é garantida pela que parece ser a cosmologia mais antiga[38]. Diversas informações de alguns dos príncipes mais célebres então se sucedem, conformemente às narrativas usuais; e essas são seguidas por regras de conduta para as várias castas, e para diferentes fases da vida. O resto do livro é ocupado por lendas de uma descrição diversificada, introduzidas sem muito método ou idéia; umas poucas das quais, como o sacrifício de Daksha, são de data antiga, mas das quais a maioria são originais e modernas.

O Patala Khanda dedica uma introdução breve à descrição de Patala, as regiões dos deuses-cobras; mas o nome de Rama tendo sido mencionado, Sesha, que sucedeu Pulastya como orador, começa a narrar a história de Rama, sua descendência e posteridade; na qual o compilador parece ter tomado o poema de Kalidasa, o Raghu Vansa, como sua principal autoridade. Uma originalidade de adição pode ser suspeitada, entretanto, nas aventuras do cavalo destinado por Rama para um Aswamedha, que formam o assunto de muitos capítulos grandes. Quando prestes a ser sacrificado, o cavalo mostra ser um brâmane, condenado por uma maldição de Durvasas, um sábio, a assumir a natureza equina, e que, por ter sido santificado por ligação com Rama, é libertado de sua metamorfose, e despachado como um espírito de luz para o céu. Esse trecho de ficção Vaishnava é seguido pelos louvores do Sri Bhagavata, um relato das juvenilidades de Krishna, e os méritos de cultuar Vishnu. Esses relatos são comunicados por um mecanismo emprestado dos Tantras: eles são contados por Sadasiva para Parvati, os interlocutores costumeiros de composições Tantrika.

O Uttara Khanda é uma agregação mais volumosa de assuntos muito heterogêneos, mas ele é consistente em adotar um tom decididamente Vaishnava, e não admitindo nenhum acordo com qualquer outra forma de fé. Os assuntos principais são discutidos primeiro em um diálogo entre o rei Dilipa e o Muni Vasishtha; como os méritos de se banhar no mês de Magha, e a potência do Mantra ou prece dirigida a Lakshmi Narayana. Mas a natureza de Bhakti, fé em Vishnu, o uso de marcas Vaishnava no corpo, as lendas dos Avataras de Vishnu, e especialmente de Rama, e a construção de imagens de Vishnu, são importantes demais para serem deixados para critério mortal: eles são explicados por Shiva a Parvati, e encerrados pela adoração de Vishnu por aquelas divindades. O diálogo reverte então ao rei e ao sábio; e o último explica por que Vishnu é o único da tríade que tem direito a deferência; Shiva sendo licencioso, Brahma arrogante, e Vishnu somente puro. Vasishtha então repete, depois de Shiva, o Mahatmya do Bhagavad Gita; o mérito de cada livro do qual é ilustrado por lendas sobre as consequências boas para indivíduos por o lerem ou o ouvirem. Outros Mahatmyas Vaishnava ocupam partes consideráveis deste Khanda, especialmente o Kartika Mahatmya, ou santidade do mês Kartika, ilustrado como sempre por histórias, poucas das quais são de uma origem antiga, mas a maior parte moderna, e peculiares a este Purana[39].

O Kriya Yoga Sara é repetido pelo Suta para os Rishis, depois da comunicação dele de Vyasa para Jaimini, em resposta a uma pergunta como mérito religioso poderia ser assegurado na era Kali, na qual os homens ficam incapazes das penitências e abstração pelas quais a libertação final era para ser atingida antigamente. A resposta é, naturalmente, aquilo que é anunciado no último livro do Vishnu Purana - devoção pessoal a Vishnu: pensar nele, repetir os nomes dele, usar

---

38 Ver Livro 2, cap. 7

39 Uma delas, a história de Jalandhara, foi traduzida pelo Cel. Vans Kennedy: Afinidades da Mitologia Hindu e Antiga, Apêndice D.

as marcas dele, cultuá-lo em seus templos, é um substituto completo para todos os outros atos de mérito moral ou devocional ou contemplativo.

As diferentes partes do Padma Purana são, com toda probabilidade, muitos trabalhos diferentes, nenhum dos quais se aproxima da definição original de um Purana. Pode haver alguma conexão entre as três primeiras partes, pelo menos quanto ao tempo; mas não há razão para considerá-los como de grande antiguidade. Eles especificam os jainistas por nome e práticas; eles falam de Mlechchhas, 'bárbaros', florescendo na Índia; eles recomendam o uso das marcas Vaishnava frontais e outras; e eles mencionam outros assuntos que, como esses, não são de origem remota. O Patala Khanda discorre abundantemente sobre o Bhagavata, e é consequentemente posterior a ele. O Uttara Khanda é intolerantemente Vaishnava, e é portanto inquestionavelmente moderno. Ele ordena a veneração da pedra Salagram e da planta Tulasi, o uso do Tapta-mudra, ou gravação com um ferro quente do nome de Vishnu na pele, e uma variedade de práticas e observâncias que indubitavelmente não são parte do sistema original. Ele fala dos santuários de Sri-rangam e Venkatadri no Dekhin, templos que não têm nenhuma pretensão à antiguidade remota; e ele cita Haripur no Tungabhadra, que com toda probabilidade é a cidade de Vijayanagar, fundada no meio do décimo quarto século. O Kriya Yoga Sara é igualmente uma composição moderna, e aparentemente uma bengali. Nenhuma parte do Padma Purana é provavelmente mais velha que o décimo segundo século, e as últimas partes podem ser tão recentes quanto o décimo quinto ou décimo sexto[40].

3. O Vishnu Purana

"Aquele no qual Parasara, começando com os eventos do Varaha Kalpa, expõe todos os deveres, é chamado de Vaishnava; e os eruditos sabem que sua extensão é vinte e três mil estrofes[41]." O terceiro Purana das listas é aquele que foi escolhido para tradução, o Vishnu. É então desnecessário oferecer qualquer resumo geral de seus conteúdos, e será conveniente reservar quaisquer observações sobre seu caráter e provável antiguidade para uma página subsequente. Aqui pode ser observado, entretanto, que o número real de versos contidos nele está muito aquém da enumeração do Matsya, com a qual o Bhagavata concorda. Seus conteúdos reais não são sete mil estrofes. Todas as cópias, e nesse caso elas não são menos que sete em número, obtidas no leste e no oeste da Índia, concordam; e não há aparência de alguma parte estar faltando. Há um começo, um meio, e um fim, em texto e comentário; e o trabalho como ele se encontra está incontestavelmente inteiro. Como a discrepância pode ser explicada?

4. O Vayaviya Purana

"O Purana no qual Vayu declarou as leis do dever, relativas ao Sweta Kalpa, e que inclui o Mahatmya de Rudra, é o Vayaviya Purana: ele contém vinte e quatro mil versos[42]." O Shiva ou Shaiva Purana é, como observado acima, omitido em algumas

---

40 Os fundamentos dessas conclusões são mais particularmente detalhados em minha Análise do Padma Purana: J. R. As. Soc. vol. V. pág. 280.

41 वराहकल्पवृत्तान्तमधिकृत्य पराशरः ।
यत्प्राह धर्मानखिलांस्तदुक्तं वैष्णवं विदुः ॥
त्रयोविंशतिसाहस्रं तत्प्रमाणं विदुर्बुधाः ।

42 श्वेतकल्पप्रसङ्गेन धर्मान्वायुरिहाब्रवीत् ।
यत्रैतद्वायवीयं स्याद्रुद्रमाहात्म्यसंयुतम् ॥
चतुर्विंशत्सहस्राणि पुराणं तदिहोच्यते ।

das listas; e em geral, quando esse é o caso, ele é substituído pelo Vayu ou Vayaviya. Quando o Shiva é especificado, como no Bhagavata, então o Vayu é omitido; sugerindo a possível identidade desses dois trabalhos. Isso realmente é confirmado pelo Matsya, que descreve o Vayaviya Purana como caracterizado por seu relato da grandeza de Rudra ou Siva[43]; e Balambhatta menciona que o Vayaviya também é chamado de Shaiva, entretanto, de acordo com alguns, o último é o nome de um Upa-purana. O Cel. Vans Kennedy observa que no oeste da Índia o Saiva é geralmente considerado um Purana Upa ou 'menor'[44].

Outra prova que o mesmo trabalho é tratado pelas autoridades aqui seguidas, o Bhagavata e o Matsya, sob títulos diferentes, é sua conformidade de opiniões na extensão do trabalho, cada um especificando seus versos como sendo vinte e quatro mil. Uma cópia do Shiva Purana, da qual um índice e análise foram preparados, não contém mais do que aproximadamente sete mil: ele não pode ser então o Shiva Purana do Bhagavata; e nós podemos considerar seguramente que ele é o mesmo que o Vayaviya do Matsya[45].

O Vayu Purana é narrado por Suta para os Rishis em Naimisharanya, como ele foi narrado antigamente no mesmo local para pessoas semelhantes por Vayu; uma repetição de circunstâncias não incomum do estilo inartificial deste Purana. Ele é dividido em quatro Padas, chamados respectivamente Prakriya, Upodghata, Anushanga, e Upasanhara; uma classificação peculiar a esse trabalho. Esses são precedidos por um índice, ou divisões de capítulos, da maneira do Mahabharata e Ramayana; outra peculiaridade.

A parte Prakriya contém somente poucos capítulos, e trata principalmente da criação elementar, e das primeiras evoluções dos seres, com o mesmo sentido que o Vishnu, mas em um estilo mais obscuro e não metódico. O Upodghata então continua o assunto da criação, e descreve os vários Kalpas ou períodos durante os quais o mundo existiu; um maior número dos quais é especificado pelos Saiva do que pelos Puranas Vaishnava. Trinta e três são descritos aqui, o último dos quais é o Sweta ou Kalpa 'branco', por Shiva nascer nele com uma cor branca. As genealogias dos patriarcas, a descrição do universo, e os incidentes dos primeiros seis Manwantaras, são todos tratados nessa parte do trabalho; mas eles são entremeados com lendas e louvores de Shiva, como o sacrifício de Daksha, o Maheswara Mahatmya, o Nilakantha Stotra, e outros. As genealogias, embora no principal as mesmas que aquelas nos Puranas Vaishnava, apresentam algumas variações. Um longo relato dos Pitris ou progenitores também é peculiar a esse Purana; porque são histórias de alguns dos Rishis mais célebres que estavam empenhados na distribuição dos Vedas.

A terceira divisão começa com um relato dos sete Rishis e seus descendentes, e descreve a origem das diferentes classes de criaturas a partir das filhas de Daksha, com uma copiosidade profusa de nomenclatura, não encontrada em qualquer outro Purana. Com exceção da maior miudeza de detalhes, os pormenores concordam com aqueles do Vishnu Purana. Um capítulo então sucede sobre o culto dos Pitris; outro sobre Tirthas, ou lugares sagrados para eles; e vários sobre a realização de Sraddhas, constituindo o Sraddha Kalpa. Depois disso, vem um relato completo das dinastias solares e lunares, formando um paralelo àquele nas páginas seguintes, com esta diferença: que ele é inteiramente em verso, enquanto aquele do nosso texto, como mencionado em seu lugar, é principalmente em prosa. Ele é estendido também pela inserção de descrições detalhadas de vários incidentes, brevemente observados no Vishnu, embora derivados aparentemente de um original comum. A seção termina

[43] Comentário do Mitakshara, Vyavahara Kanda.

[44] As. Journ., março de 1837, pág. 242, nota.

[45] Análise do Vayu Purana: Journ. As. Soc. de Bengala, dezembro de 1832.

com relatos semelhantes de reis futuros, e os mesmos cálculos cronológicos que são achados no Vishnu.

A última parte, o Upasamhara, descreve brevemente os Manwantaras futuros, as medidas de espaço e tempo, o fim do mundo, a eficácia do Yoga, e as glórias de Shiva-pura, ou a morada de Shiva, com quem o Iogue será unido. O manuscrito conclui com uma história diferente dos sucessivos professores do Vayu Purana, delineando-os de Brahma a Vayu, de Vayu a Vrihaspati, e dele, por várias divindades e sábios, para Dwaipayana e Suta.

A descrição dada desse Purana no Diário da Sociedade Asiática de Bengala foi limitada a algo menos do que metade do trabalho, porque eu não tinha podido então obter uma parte maior. Eu tenho agora um mais completo, um meu próprio, e há várias cópias na biblioteca da Companhia da Índia Oriental de igual extensão. Uma, presenteada por Sua Alteza o Guicowar, é datada de Samvat 1540, ou 1483 DC, e é evidentemente tão antiga quanto ela professa ser. O exame que eu fiz do trabalho confirma o ponto de vista que eu adotei antigamente a respeito dele; e a partir da evidência interna que ele fornece, ele pode talvez ser considerado como um dos mais antigos e mais autênticos espécimes existentes de um Purana primitivo.

Porém, parece que nós não temos ainda uma cópia do Vayu Purana inteiro. A extensão dele, como mencionada acima, deveria ser vinte e quatro mil versos. O manuscrito Guicowar tem apenas doze mil, e é denominado o Purvarddha, ou primeira parte. Minha cópia é de igual extensão. O índice também mostra, que vários assuntos permanecem não contados; como, subsequentemente à descrição da esfera de Shiva, e a dissolução periódica do mundo, é dito que o trabalho contém um relato de uma criação sucessiva, e de vários eventos que aconteceram nela, como o nascimento de vários Rishis célebres, incluindo aquele de Vyasa, e uma descrição de sua divisão dos Vedas; uma descrição da inimizade entre Vasishtha e Viswamitra; e um Naimisharanya Mahatmya. Esses tópicos são, entretanto, de menor importância, e mal poderiam levar o Purana à extensão total dos versos que é dito que ele contém. Se o número é exato, o índice ainda deve omitir uma parte considerável dos conteúdos subsequentes.

5. O Bhagavata Purana

"Aquele no qual são descritos amplos detalhes a respeito do dever, e que abre com (um extrato do) Gayatri; aquele no qual a morte do Asura Vritra é contada, e no qual os mortais e imortais do Saraswata Kalpa, com os eventos que então aconteceram, a eles no mundo, são relatados; aquele é célebre como o Bhagavata, e consiste em dezoito mil versos[46]." O Bhagavata é um trabalho de grande celebridade na Índia, e exerce uma influência mais direta e poderosa sobre as opiniões e sentimentos do povo do que talvez qualquer outro dos Puranas. Ele é colocado como o quinto em todas as listas; mas o Padma Purana o classifica como o décimo oitavo, como a substância extraída de todo o resto. De acordo com a especificação usual, ele consiste em dezoito mil slokas, distribuídos entre trezentos e trinta e dois capítulos, divididos em doze Skandhas ou livros. Ele é chamado de Bhagavata por ser dedicado à glorificação de Bhagavat ou Vishnu.

---

46 यत्राधिकृत्य गायत्रीं वर्ण्यते धर्मविस्तरः ।
वृत्रासुरवधोपेतं तद्भागवतमुच्यते ॥
सारस्वतस्य कल्पस्य मध्ये ये स्युर्नरामराः ।
तद्वृत्तान्तोद्भवं लोके तद्भागवतमुच्यते ॥
अष्टादश सहस्राणि पुराणं तत्प्रकीर्तितम् ।

O Bhagavata é comunicado para os Rishis em Naimisharanya por Suta, como usual; mas ele só repete o que foi narrado por Suka, o filho de Vyasa, para Parikshit, o rei de Hastinapura, o neto de Arjuna. Tendo incorrido na maldição de um ermitão, pela qual ele foi condenado a morrer da mordida de uma cobra venenosa, ao término de sete dias; o rei, em preparação para esse evento, se dirige para as margens do Ganges; para onde também vão os deuses e sábios, para testemunhar sua morte. Entre os últimos está Suka; e é em resposta à pergunta de Parikshit, o que um homem que está prestes a morrer deve fazer, que ele narra o Bhagavata, como ele o tinha ouvido de Vyasa; pois nada assegura felicidade final tão certamente, quanto morrer enquanto os pensamentos estão totalmente ocupados por Vishnu.

O curso da narração abre com uma cosmogonia que, embora em muitos aspectos semelhante àquela de outros Puranas, é mais largamente entremeada com alegoria e misticismo, e deriva seu tom mais da filosofia Vedanta do que da Sankhya. A doutrina da criação ativa pelo Supremo, como una com Vasudeva, é afirmada mais distintamente, com uma enunciação mais decidida dos efeitos sendo resolúveis em Maya, ou ilusão. Também há peculiaridades doutrinais, altamente características desse Purana; entre as quais está a afirmação que foi comunicada originalmente por Brahma a Narada, que todos os homens, hindus de toda casta, e até Mlechchhas, pessoas expulsas de suas castas ou bárbaros, poderiam aprender a ter fé em Vasudeva. No terceiro livro os interlocutores são mudados para Maitreya e Vidura; o primeiro dos quais é o discípulo no Vishnu Purana, o último era o meio-irmão dos príncipes Kuru. Maitreya, novamente, dá um relato do Srishti-lila, ou esporte de criação, de uma maneira em parte comum aos Puranas, em parte peculiar; embora ele declare que ele o aprendeu do seu professor Parasara, por desejo de Pulastya[47]; referindo-se dessa maneira à origem fabulosa do Vishnu Purana, e fornecendo evidência de sua prioridade. Porém, novamente a autoridade é mudada, e é dito que a narrativa é aquela que foi comunicada por Sesha aos Nagas. A criação de Brahma é então descrita, e são explicadas as divisões de tempo. Um relato muito longo e singular é dado da encarnação Varaha de Vishnu, que é seguido pela criação dos Prajapatis e Swayambhuva, cuja filha Devahuti se casa com Karddama Rishi; um incidente próprio a esse trabalho, como é aquele que segue, do Avatara de Vishnu como Kapila o filho de Karddama e Devahuti, o autor da filosofia Sankhya, a qual ele expõe, conforme um modo Vaishnava, para sua mãe, nos últimos nove capítulos dessa seção.

O Manwantara de Swayambhuva, e a multiplicação das famílias patriarcais, são descritos em seguida com algumas peculiaridades de nomenclatura, que estão indicadas nas notas das passagens paralelas do Vishnu Purana. As tradições de Dhruva, Vena, Prithu, e outros príncipes desse período, são os outros assuntos do quarto Skandha, e são continuados no quinto até aquele do Bharata que obteve emancipação. Os detalhes geralmente estão de acordo com aqueles do Vishnu Purana, e as mesmas palavras são empregadas frequentemente, de forma que isso dificultaria determinar qual trabalho tinha o maior direito a elas, não tivesse o próprio Bhagavata indicado suas obrigações com o Vishnu. O resto do quinto livro é ocupado com a descrição do universo, e a mesma conformidade com o Vishnu continua.

Esse só é parcialmente o caso do sexto livro, que contém uma variedade de lendas de uma descrição mista, planejadas para ilustrar o mérito de cultuar Vishnu. Algumas delas têm origem antiga, mas algumas são aparentemente modernas. O sétimo livro é principalmente ocupado com a lenda de Prahlada. No oitavo nós temos um relato dos Manwantaras restantes; no qual, como acontece no decorrer deles, uma variedade de lendas antigas são repetidas, como a batalha entre o rei dos elefantes e um jacaré, o batimento do oceano, e os Avataras anão e peixe. O nono livro narra as

---

47 Ver pág. 64.

dinastias do Vaivaswata Manwantara, ou os príncipes das raças solares e lunares até o tempo de Krishna[48]. Os pormenores geralmente estão de acordo com aqueles registrados no Vishnu.

O décimo livro é a parte característica desse Purana, e a parte na qual sua popularidade está baseada. Ele é totalmente destinado à história de Krishna, a qual ele narra de modo muito semelhante que o Vishnu, mas em mais detalhes; ocupando um lugar mediano, entretanto, entre este e a prolixidade extravagante com a qual o Hari Vansa repete a história. Não é necessário detalhá-lo mais. Ele foi traduzido para talvez todos os idiomas da Índia, e é um trabalho favorito de todas as descrições de pessoas.

O décimo primeiro livro descreve a destruição dos Yadavas, e morte de Krishna. Previamente ao último evento, Krishna instrui Uddhava na execução do Yoga; um assunto reservado pelo Vishnu às passagens finais. A narrativa é quase a mesma, mas um tanto mais sumária do que aquela do Vishnu. O décimo segundo livro continua as linhas dos reis da era Kali profeticamente até um período semelhante como o Vishnu, e dá um relato similar da deterioração de todas as coisas, e sua dissolução final. De forma consistente com o assunto do Purana, a serpente Takshaka morde Parikshit, e ele expira, e o trabalho deveria terminar; ou o fim poderia ser estendido até o sacrifício subsequente de Janamejaya para a destruição da raça inteira de serpentes. Há uma descrição muito desajeitadamente introduzida, porém, do arranjo dos Vedas e Puranas por Vyasa, e a lenda da entrevista de Markandeya com o menino Krishna, durante um período de dissolução terrena. Nós então chegamos ao fim do Bhagavata, em uma série de louvores encomiastas sobre sua própria santidade, e eficácia para salvação.

O Sr. Colebrooke observa sobre o Bhagavata Purana, "Eu estou inclinado a adotar uma opinião apoiada por muitos hindus instruídos, que consideram célebre o Sri Bhagavata como o trabalho de um gramático (Vopadeva), que se supõe ter vivido seiscentos anos atrás[49]." O Cel. Vans Kennedy considera essa uma admissão descuidada, porque "é inquestionável que o número dos Puranas sempre foi considerado como dezoito; mas na maioria dos Puranas são enumerados os nomes dos dezoito, entre os quais o Bhagavata está incluído invariavelmente; e por conseguinte se ele tivesse sido composto há apenas seiscentos anos atrás, os outros deveriam ser de uma data igualmente moderna[50]." Alguns deles são sem dúvida mais recentes; mas, como já observado, nenhum peso pode ser atribuído à especificação dos dezoito nomes, porque eles estão sempre completos; cada Purana enumera todos. Qual é o último? Qual teve a oportunidade de nomear seus dezessete antecessores, e somar a si mesmo? O argumento prova muito. Pode haver pouca duvida que a lista foi inserida conforme a autoridade de tradição, ou por algum transcritor melhorador, ou pelo compilador de um trabalho mais recente que os dezoito Puranas genuínos. A objeção também é contradita pela afirmação que havia outro Purana ao qual o nome se aplica, e que ainda está para ser conhecido, o Devi Bhagavata.

Pois a autenticidade do Bhagavata é uma das poucas questões a respeito de sua literatura sagrada que os escritores hindus têm ousado discutir. O motivo é fornecido pelo próprio texto. No quarto capítulo do primeiro livro é dito que Vyasa organizou os Vedas, e os dividiu em quatro; e que ele então compilou o Itihasa e os

---

48 Uma tradução do nono, pelo Cap. Fell, foi publicada em Calcutá em números diferentes da Revista Mensal e Trimestral, em 1823 e 1824. O segundo volume da História Antiga do Hindustão de Maurice contém uma tradução, pelo Sr. Halhed, do décimo livro, feita por meio de uma versão Persa.

49 As. Res. vol. VII. p.467.

50 Mitologia Antiga e Hindu, p.155, nota.

Puranas, como um quinto Veda. Os Vedas ele deu a Paila e o resto; o Itihasa e os Puranas para Lomaharshana, o pai de Suta[51]. Então, refletindo que esses trabalhos poderiam não ser acessíveis a mulheres, Sudras, e castas misturadas, ele compôs o Bharata, com a finalidade de colocar conhecimento religioso dentro do alcance deles. Entretanto ele se sentia insatisfeito, e vagou em muita perplexidade ao longo das margens do Saraswati, onde seu eremitério era situado, quando Narada lhe fez uma visita. Tendo confiado a ele seu descontentamento secreto e aparentemente sem motivo, Narada sugeriu que isso surgiu por ele não ter dado ênfase suficiente, nos trabalhos que ele tinha terminado, ao mérito de adorar Vasudeva. Vyasa admitiu sua verdade imediatamente, e achou um remédio para sua intranquilidade na composição do Bhagavata, o qual ele ensinou para Suka seu filho[52]. Aqui portanto está a afirmação mais positiva que o Bhagavata foi composto subsequentemente aos Puranas, e dado a um aluno diferente, e não era então um dos dezoito dos quais Romaharshana o Suta era, de acordo com todos os testemunhos conjuntos, o depositário. Entretanto, o Bhagavata é citado entre os dezoito Puranas pelas autoridades inspiradas; e como essas incongruências podem ser reconciliadas?

O ponto principal em disputa parece ter sido começado por uma expressão de Sridhara Swamin, um comentador sobre o Bhagavata, que um pouco descuidadamente fez a observação de que não havia razão para suspeitar que pelo termo Bhagavata algum outro trabalho que não o assunto de seus labores era pretendido. Essa era então uma admissão que algumas suspeitas tinham sido nutridas a respeito da correção da nomenclatura, e que uma opinião tinha sido expressada que o termo pertencia, não ao Sri Bhagavata, mas ao Devi Bhagavata; a uma composição Saiva, não uma Vaishnava. Com quem dúvidas prevaleciam antes de Sridhara Swamin, ou por quem elas foram induzidas, não aparece; pois, até onde nós estamos informados, nenhum trabalho, anterior à sua data, na qual elas são sugeridas, é conhecido. Posteriormente, foram escritos vários tratados sobre o assunto. Há três na biblioteca da Companhia da Índia Oriental; o Durjana Mukha Chapetika, 'Um tapa na cara para os vis', por Ramasrama; o Durjana Mukha Maha Chapetika, 'Um grande tapa na cara para os maus', por Kasinath Bhatta; e o Durjana Mukha Padma Paduka, 'Um chinelo' para a mesma parte das mesmas pessoas, por um disputante anônimo. O primeiro afirma a autenticidade do Bhagavata; o segundo afirma que o Devi Bhagavata é o Purana genuíno; e o terceiro responde aos argumentos do primeiro. Também há um trabalho por Purushottama, intitulado ‘Treze argumentos para dissipar todas as dúvidas a respeito do caráter do Bhagavata’ (Bhagavata swarupa vihsaya sanka nirasa trayodasa); enquanto Balambhatta, um comentador sobre o Mitakshara, abandonando-se em uma dissertação sobre o significado da palavra Purana, aduz razões para questionar a origem inspirada desse Purana.

Os principais argumentos em favor da autenticidade desse Purana são a ausência de qualquer razão por que Vopadeva, a quem ele é atribuído, não teria posto seu próprio nome nele; ele estar incluído em todas as listas dos Puranas, às vezes com circunstâncias que pertencem a nenhum outro Purana; e ele ser admitido como um Purana, e citado como autoridade, ou tornado o assunto de comentário, por escritores de reputação estabelecida, dos quais Sankara Acharya é um, e ele viveu muito tempo antes de Vopadeva. A resposta ao primeiro argumento é bastante fraca, os controversistas estando talvez pouco dispostos a admitir o real objetivo, a promoção de doutrinas novas. É dito então que Vyasa era uma encarnação de Narayana, e o propósito era propiciar suas boas graças. A inserção de um Bhagavata entre os dezoito Puranas é reconhecida; mas esse, é dito, só pode ser o Devi Bhagavata, pois as circunstâncias se aplicam mais corretamente a ele do que ao

51 Livro 1. Cap. 4. 20-22.

52 Livro 1. 7,8.

Vaishnava Bhagavata. Assim um texto é citado por Kasinath de um Purana, - ele não declara qual - que diz do Bhagavata que ele contém dezoito mil versos, doze livros, e trezentos e trinta e dois capítulos. Kasinath afirma que os capítulos do Sri Bhagavata são trezentos e trinta e cinco, e que os números se aplicam inteiramente só ao Devi Bhagavata. Também é dito que o Bhagavata contém um relato da aquisição de conhecimento sagrado por Hayagriva; os detalhes do Saraswata Kalpa; um diálogo entre Ambarisha e Suka; e que ele começa com o Gayatri, ou pelo menos uma citação dele. Esses todos se aplicam somente ao Devi Bhagavata, exceto o último; mas esse também é mais genuíno do Saiva que do trabalho Vaishnava, pois o último tem só uma palavra do Gayatri, dhimahi, 'nós meditamos;' enquanto o último a dhimahi soma: Ya nah prachodayat, 'que pode nos iluminar.' A respeito do terceiro argumento é em primeiro lugar alegado que a citação do Bhagavata por escritores modernos não é prova de sua autenticidade; e com relação ao comentário mais antigo de Sankara Acharya, é perguntado, "Onde está ele?" Aqueles que defendem a santidade do Bhagavata respondem, "Ele foi escrito em um estilo difícil, e ficou obsoleto, e está perdido." "Um argumento muito insatisfatório", replicam seus oponentes, "porque nós ainda temos os trabalhos de Sankara, vários dos quais são tão difíceis quanto qualquer um no idioma sânscrito." A existência desse comentário, também, se baseia na autoridade de Madhwa ou Madhava, que em um comentário dele afirma que ele consultou oito outros. Agora entre esses há um pelo macaco Hanuman; e embora um disputante hindu possa acreditar na realidade de tal composição, contudo nós podemos receber sua citação como uma prova que Madhwa não era muito escrupuloso na verificação de suas autoridades.

Há outros tópicos argumentados nessa controvérsia em ambos os lados, alguns dos quais são bastante simples, alguns são engenhosos; mas a declaração do texto é por si mesma suficiente para mostrar, que de acordo com a opinião recebida de todas as autoridades a respeito da anterioridade dos dezoito Puranas ao Bharata, é impossível que o Sri Bhagavata, que é posterior ao Bharata, deva ser do número; e a evidência de estilo, a superioridade do qual àquela dos Puranas em geral é admitida pelos disputantes, também é prova de que ele é o trabalho de uma mão diferente. Se o Devi Bhagavata tem um grau melhor para ser considerado como uma composição original de Vyasa, é igualmente questionável; mas não pode ser duvidado que o Sri Bhagavata é o produto de erudição não inspirada. Não parece haver alguma outra base exceto a tradição para atribuí-lo a Vopadeva o gramático; mas há razão para recorrer à tradição em questão. Vopadeva viveu na corte de Hemadri, Raja de Devagiri, Deogur ou Dowlutabad, e por conseguinte deve ter vivido antes da conquista daquele principado pelos muçulmanos no décimo quarto século. A data do décimo segundo século, geralmente atribuída a ele, está provavelmente correta, e é aquela do Bhagavata Purana.

6. O Naradiya Purana

Narada ou Naradiya Purana. "Onde Narada descreveu os deveres que eram cumpridos no Vrihat Kalpa, aquele é chamado de Naradiya, tendo vinte e cinco mil estrofes[53]." Se o número de versos estiver declarado corretamente aqui, o Purana não caiu em minhas mãos. A cópia que eu tenho analisado não contém muito mais do que três mil slokas. Há outro trabalho que poderia ser esperado que fosse de maior extensão, o Vrihat Naradiya, ou grande Narada Purana; mas esse, de acordo com a concordância de três cópias em minha posse, e de cinco outros na biblioteca da

53 यत्राह नारदो धर्मान्बृहत्कल्पाश्रयानिह ।
पञ्चविंशत्सहस्राणि नारदीयं तदुच्यते ॥

Companhia, contém só aproximadamente três mil e quinhentos versos. Pode ser duvidado, portanto, se o Narada Purana do Matsya existe[54].

De acordo com o Matsya, o Narada Purana é narrado por Narada, e dá um relato do Vrihat Kalpa. O Naradiya Purana é comunicado por Narada aos Rishis em Naimisharanya, no rio Gomati. O Vrihannaradiya é narrado para as mesmas pessoas, no mesmo lugar, por Suta, como ele foi contado por Narada para Sanatkumara. Possivelmente o termo Vrihat pode ter sido sugerido pela especificação que é dada no Matsya; mas não há descrição nele de algum Kalpa específico, ou dia de Brahma.

De um exame superficial desses Puranas, é muito evidente que eles não têm nenhuma conformidade com a definição de um Purana, e que ambos são compilações sectárias e modernas, planejadas para apoiar a doutrina de Bhakti, ou fé em Vishnu. Com essa intenção eles reuniram uma variedade de preces dirigidas a uma ou outra forma daquela divindade; várias observâncias e feriados relacionados com sua adoração; e diferentes lendas, algumas talvez de uma data antiga, outras de uma mais recente, ilustrativas da eficácia da devoção a Hari. Assim no Narada nós temos as histórias de Dhruva e Prahlada; a última contada nas palavras do Vishnu; enquanto a segunda parte dele trata de uma lenda de Mohini, a filha nascida do desejo de um rei chamado Rukmangada, encantado por quem, o rei se oferece para realizar para ela tudo o que ela pudesse desejar. Ela o obriga ou a violar a regra de jejuar no décimo primeiro dia da quinzena, um dia sagrado para Vishnu, ou executar seu próprio filho; e ele mata seu filho, como o menor pecado dos dois. Isso mostra o espírito da obra. Sua data também pode ser deduzida a partir de seu teor, porque tais extravagâncias monstruosas em louvor a Bhakti são certamente de origem moderna. Um limite ele fornece, por si mesmo, pois ele se refere a Suka e Parikshit, os interlocutores do Bhagavata, e ele é consequentemente subsequente à data daquele Purana. Ele é, provavelmente, consideravelmente posterior, pois ele fornece evidência de que foi escrito depois que a Índia estava nas mãos dos muçulmanos. A passagem final diz, "Que este Purana não seja repetido na presença dos 'assassinos de vacas' e pessoas que desprezam os deuses." Ele é possivelmente uma compilação do décimo sexto ou décimo sétimo século.

O Vrihannaradiya é um trabalho do mesmo teor e época. Ele contém pouco mais que orações laudatórias dirigidas a Vishnu, e injunções para observar vários ritos, e manter sagradas certas épocas, em honra dele. As lendas mais antigas introduzidas são o nascimento de Markandeya, a destruição dos filhos de Sagara, e o Avatara anão; mas elas são subservientes ao intento do todo, e são tornadas ocasiões por louvar Narayana; outras, ilustrando a eficácia de certas observâncias Vaishnava, são invenções pueris, totalmente estranhas ao sistema mais antigo de ficção purânica. Não há nenhuma tentativa com relação à cosmogonia, ou genealogia patriarcal ou real. É possível que esses tópicos possam ser tratados nas estrofes perdidas; mas parece mais provável que o Narada Purana das listas tenha pouco em comum com os trabalhos aos quais seu nome é aplicado em Bengala e no Hindustão.

---

[54] A descrição de Vishnu, traduzida pelo Cel. Vans Kennedy (Afinidade da Mitologia Antiga e Hindu, pág. 200) do Naradiya Purana, ocorre em minha cópia do Vrihat Naradiya. Não há nenhum Narada Purana na biblioteca da Companhia da Índia Oriental, entretanto, como citado no texto, várias do Vrihat Naradiya. Há uma cópia do Rukmangada Charitra, considerado como uma parte do Sri Narada Purana.

7. O Markandeya Purana

Ou Markanda. "Aquele Purana no qual, começando com a história dos pássaros que estavam familiarizados com certo e errado, tudo é narrado integralmente por Markandeya, como ele foi explicado por sábios santos em resposta à pergunta do Muni, é chamado de Markandeya, contendo nove mil versos[55]." Esse é assim chamado por ele ser narrado em primeiro lugar por Markandeya Muni, e em segundo lugar por certos pássaros fabulosos; até aqui concordando com a descrição dada dele no Matsya. Esse, como também outras autoridades, especifica seu conteúdo em nove mil estrofes; mas minha cópia fecha com um verso que afirma que o número de versos recitado pelo Muni era seis mil e novecentos; e uma cópia na biblioteca da Companhia da Índia Oriental tem uma especificação semelhante. Porém, a terminação é um pouco abrupta, e não há razão por que o assunto com o qual ele termina não deveria ter sido continuado mais adiante. Uma cópia na biblioteca da Companhia, de fato, que pertence à coleção do Guicowar, afirma no fim que este é o fim do primeiro Khanda, ou seção. Se o Purana alguma vez foi completado, a porção restante dele parece estar perdida.

Jaimini, o pupilo de Vyasa, recorre a Markandeya para se familiarizar com a natureza de Vasudeva, e para uma explicação de alguns dos incidentes descritos no Mahabharata; com a ambrosia de qual poema divino, Vyasa declara que ele regou o mundo inteiro: uma referência que estabelece a prioridade do Bharata ao Markandeya Purana, embora isso possa ser incompatível com a tradição, que tendo terminado os Puranas, Vyasa escreveu o poema.

Markandeya se desculpa, dizendo que ele tem um rito religioso para executar; e ele encaminha Jaimini a alguns pássaros muito sábios, que residem nas montanhas Vindhya; aves de uma origem celestial, encontrados, quando recém-nascidos, pelo Muni Samika, no campo de Kurukshetra, e criados por ele junto com seus estudantes: em consequência do que, e em virtude de sua descendência divina, eles ficaram profundamente versados nos Vedas, e em um conhecimento da verdade espiritual. Esse mecanismo é tomado do Mahabharata, com algum embelezamento. Jaimini consequentemente recorre aos pássaros, Pingaksha e seus irmãos, e faz a eles as perguntas que ele tinha feito ao Muni. "Por que Vasudeva nasceu como um mortal? Como é que Draupadi era a esposa dos cinco Pandus? Por que Baladeva fez penitência por brahmanicídio? E por que os filhos de Draupadi foram destruídos, quando eles tinham Krishna e Arjuna para defendê-los?" As respostas a essas perguntas ocupam vários capítulos, e formam um tipo de complemento ao Mahabharata; suprindo, em parte por invenção, talvez, e em parte por referência a autoridades igualmente antigas, os espaços em branco deixados em algumas de suas narrações.

Lendas a respeito da morte de Vritrasura, a penitência de Baladeva, a elevação de Harischandra ao céu, e a disputa entre Vasishtha e Viswamitra, são seguidas por uma discussão a respeito de nascimento, morte, e pecado; a qual leva a uma descrição mais extensa dos diferentes infernos do que a que é encontrada em outros Puranas. O relato da criação que está contido nesse trabalho é repetido pelas aves da mesma maneira que Markandeya o narrou para Kroshtuki, e é limitado à origem dos Vedas e famílias patriarcais, entre as quais estão personagens novos, como Duhsaha e sua esposa Marshti, e seus descendentes; personagens alegóricos, representando a iniquidade intolerável e suas consequências. Há então uma descrição do mundo, com,

---

55 यत्राधिकृत्य शकुनीन्धर्माधर्मविचारणान् ।
व्याख्यातं यन्मुनिप्रश्ने ऋषिभिर्धर्मचारिभिः ॥
मार्कण्डेयेन कथितं तत्सर्वं विस्तरेण तु ।
पुराणं नवसाहस्रं मार्कण्डेयमित्युच्यते ॥†

como usual a esse Purana, várias singularidades, algumas das quais são observadas nas páginas seguintes. Este sendo o estado do mundo no Swayambhuva Manwantara, um relato dos outros Manwantaras vem depois, no qual os nascimentos dos Manus, e vários outros detalhes, são peculiares a esse trabalho. O Manwantara atual ou Vaivaswata é tratado muito brevemente; mas o próximo, o primeiro dos futuros Manwantaras, contém a longa narrativa episódica dos atos da deusa Durga, que é o motivo de orgulho especial desse Purana, e é o livro-texto dos adoradores de Kali, Chandi, ou Durga, em Bengala. Ele é o Chandi Patha, ou Durga Mahatmya, no qual as vitórias da deusa sobre diferentes seres maus, ou Asuras, são detalhadas com força e espírito consideráveis. Ele é lido diariamente nos templos de Durga, e fornece a pompa e circunstância do grande festival de Bengala, o Durga puja, ou adoração pública daquela deusa[56].

Depois que o relato dos Manwantaras termina, lá segue-se uma série de lendas, algumas novas, algumas velhas, relativas ao sol e sua posteridade; continuadas até Vaivaswata Manu e seus filhos, e seus descendentes imediatos; terminando com Dama, o filho de Narishyanta[57]. A respeito da maioria das pessoas citadas, o trabalho narra detalhes não encontrados em outro lugar.

Esse Purana tem um caráter diferente daquele de todos os outros. Ele não tem nada de um espírito sectário, pouco de um tom religioso, raramente inserindo preces e invocações a alguma divindade, e tais quando são inseridas são breves e moderadas. Ele trata pouco de preceitos, cerimoniais ou morais. Sua principal característica é narrativa, e apresenta uma sucessão ininterrupta de lendas, a maioria das quais, quando antigas, são embelezadas com circunstâncias novas; e quando novas, partilham tanto do espírito das antigas, que elas são criações desinteressadas da imaginação, não tendo nenhum motivo particular; não sendo projetadas para recomendar alguma doutrina ou observância especial. Se elas são derivadas de alguma outra fonte, ou se elas são invenções originais, não é possível averiguar. Elas provavelmente são, a maior parte pelo menos, originais; e o todo foi narrado da própria maneira do compilador, um modo superior àquele dos Puranas em geral, com exceção do Bhagavata.

Não é fácil conjeturar uma data para esse Purana: ele é posterior ao Mahabharata, mas quanto tempo subsequente é duvidoso. Ele é inquestionavelmente mais antigo do que obras tais como o Brahma, Padma, e Naradiya Puranas; e sua liberdade de tendência sectária é uma razão por supor que ele é anterior ao Bhagavata. Ao mesmo tempo, sua conformidade parcial com a definição de um Purana, e o teor das adições que ele fez a lendas e tradições reconhecidas, indicam uma idade não muito remota; e, na ausência de algum guia para uma conclusão mais positiva, ele pode ser colocado de modo conjetural no nono ou décimo século.

8. O Agni Purana

"Aquele Purana que descreve as ocorrências do Isana Kalpa, e foi narrado por Agni para Vasishtha, é chamado de Agneya; ele consiste em dezesseis mil estrofes[58]." O Agni ou Agneya Purana deriva seu nome de ele ter sido comunicado originalmente por Agni, o deu do fogo, para o Muni Vasishtha, com a finalidade de instruí-lo no

---

56 Uma tradução em inglês por um Pandit de Madras, Kavali Venkata Ramaswami, foi publicada em Calcutá em 1823.

57 Ver Vishnu Purana, livro 4, cap. 1.

58 यत्तदीशानकं कल्पवृत्तान्तमधिकृत्य च ।
वसिष्ठायाग्निना प्रोक्तमाग्नेयं तत्प्रचक्षते ॥
तच्च षोडशसाहस्रं सर्वक्रतुफलप्रदम् ।

conhecimento duplo de Brahma[59]. Por ele o Purana foi ensinado a Vyasa, que o comunicou para Suta; e o último é representado como repetindo-o para os Rishis em Naimisharanya. Seus conteúdos são especificados diferentemente como dezesseis mil, quinze mil, ou quatorze mil estrofes. As duas cópias que foram usadas por mim contêm aproximadamente quinze mil slokas. Há duas na biblioteca da Companhia que não se estendem além de doze mil versos; mas elas são em muitos outros aspectos diferentes das minhas; uma delas foi escrita em Agra, no reinado de Akbar, em 1589 DC.

O Agni Purana, na forma na qual ele foi obtido em Bengala e em Benares, apresenta um contraste notável com o Markandeya. Pode ser duvidado se uma única linha dele é original. Uma proporção muito grande dele pode ser localizada em outras fontes; e uma comparação mais cuidadosa - se a tarefa fosse digna do tempo que requereria - provavelmente descobriria o restante.

Os primeiros capítulos desse Purana[60] descrevem os Avataras; e naqueles sobre Rama e Krishna declaradamente seguem o Ramayana e o Mahabharata. Uma parte considerável é destinada então a instruções para a realização de cerimônias religiosas; muitas das quais pertencem ao ritual Tantrika, e são transcritas aparentemente das autoridades principais daquele sistema. Algumas pertencem a formas místicas de culto Saiva, pouco conhecidas no Hindustão, entretanto talvez ainda praticadas no sul. Uma dessas é o Diksha, ou iniciação de um noviço; pela qual, com numerosas cerimônias e invocações, nas quais os monossílabos misteriosos dos Tantras são constantemente repetidos, o discípulo é transformado em uma representação viva de Shiva, e recebe naquela qualidade a homenagem de seu Guru. Entremeado com esses, há capítulos descritivos da terra e do universo, os quais são iguais àqueles do Vishnu Purana; e Mahatmyas ou lendas de lugares sagrados, particularmente de Gaya. Capítulos sobre os deveres dos reis, e sobre a arte da guerra, então ocorrem, os quais têm a aparência de serem extraídos de algum trabalho mais antigo, como é indubitavelmente o capítulo sobre judicatura, que os segue, e que é o mesmo que o texto do Mitakshara. Subsequente a esses, nós temos um relato da divisão e organização dos Vedas e Puranas, que é pouco mais do que um resumo do Vishnu; e em um capítulo sobre doações nós temos uma descrição dos Puranas que é precisamente a mesma, e na mesma posição, que o assunto semelhante no Matsya Purana. Os capítulos genealógicos são listas escassas, diferindo em poucos aspectos daquelas comumente reconhecidas, como citadas depois, mas não acompanhadas por quaisquer detalhes, como aqueles registrados ou inventados no Markandeya. O próximo assunto é medicina, compilado declaradamente, mas imprudentemente, do Sausruta. Uma série de capítulos sobre a adoração mística de Shiva e Devi vem depois; e o trabalho finaliza com tratados sobre retórica, prosódia, e gramática, de acordo com os Sutras de Pingala e Panini.

O caráter enciclopédico do Agni Purana, como ele é agora descrito, o exclui de quaisquer direitos legítimos de ser considerado como um Purana, e prova que sua origem não pode ser muito remota. Ele é posterior aos Itihasas; aos principais trabalhos sobre gramática, retórica, e medicina; e à introdução da adoração Tantrika de Devi. Quando essa última ocorreu ainda está longe de ser determinado, mas há toda probabilidade que ela data de muito tempo depois do começo da nossa era. Os materiais do Agni Purana são, entretanto, sem dúvida de alguma antiguidade. A medicina de Susruta é consideravelmente mais velha que o nono século; e a gramática de Panini provavelmente precede o cristianismo. Os capítulos sobre a arte

59 Ver livro 6, cap 5.

60 Análise do Agni Purana, Diário da Sociedade Asiática de Bengala, março de 1832. Eu declarei lá incorretamente que o Agni é um Vaishnava Purana; ele é um da classe Tamasa ou Saiva, como mencionado acima.

de manejar arco e flecha e armas, e sobre administração real, também são distintos por um caráter completamente hindu, e deve ter sido escrito muito tempo antes da invasão muçulmana. O Agni Purana é valioso, na medida em que reúne e preserva relíquias da antiguidade, embora compilado em uma data mais recente.

O Cel. Wilford[61] fez grande uso de uma lista de reis derivada de um apêndice do Agni Purana, que professa ser a sexagésima terceira ou última seção. Como ele nota, ela raramente é achada anexada ao Purana. Eu nunca a encontrei, e duvido que ela alguma vez tenha feito qualquer parte da compilação original. Pareceria a partir do que o Cel. Wilford observa, que essa lista cita Maomé como o instituidor de uma era; mas seu relato disso não é muito distinto. Ele menciona explicitamente, entretanto, que a lista fala de Salivahana e Vikramaditya; e isso é totalmente suficiente para estabelecer seu caráter. Os compiladores dos Puranas não fariam serviço tão malfeito a ponto de trazerem para dentro de sua cronologia um personagem tão conhecido como Vikramaditya. Há em todas as partes da Índia várias compilações atribuídas aos Puranas, que nunca formaram qualquer parte dos conteúdos deles e as quais, embora às vezes fornecendo informação local útil, e valiosas visto que preservam tradições populares, não são com justiça para serem confundidas com os Puranas, de modo a fazê-las serem acusadas de erros e anacronismos até mais sérios do que aqueles dos quais elas são culpadas.

As duas cópias desse trabalho na biblioteca da Companhia da Índia Oriental destinam a primeira metade a uma descrição das observâncias comuns e ocasionais dos hindus, entremeadas com poucas lendas, a última metade trata exclusivamente da história de Rama.

9. O Bhavishya Purana

"O Purana no qual Brahma, tendo descrito a grandeza do sol, explicou para Manu a existência do mundo, e as qualidades de todas as coisas criadas, no decorrer do Aghora Kalpa; aquele, é chamado de Bhavishya, as histórias sendo a maior parte os eventos de um período futuro. Ele contém quatorze mil e quinhentas estrofes[62]." Esse Purana, como o nome sugere, deve ser um livro de profecias, predizendo o que acontecerá (bhavishyati), como o Matsya Purana anuncia. Se tal trabalho existe é duvidoso. As cópias, que parecem estar inteiras, e das quais há três na biblioteca da Companhia da Índia Oriental, concordando em seus conteúdos com duas em minha posse, contêm aproximadamente sete mil estrofes. Há outro trabalho, intitulado o Bhavishyottara, como se ele fosse uma continuação ou suplemento do primeiro, contendo também aproximadamente sete mil versos; mas os assuntos de ambos esses trabalhos são somente a um grau muito imperfeito análogos àqueles aos quais o Matsya alude[63].

O Bhavishya Purana, como eu o tenho, é um trabalho em cento e vinte e seis capítulos curtos, repetidos por Sumantu para Satanika, um rei da família de Pandu. Ele menciona, contudo, ter se originado com Swayambhu ou Brahma; e se descreve como consistindo em cinco partes; quatro dedicadas, parece, a quatro divindades, como eles

61 Ensaio sobre Vikramaditya e Salivahana: As. Res. vol. IX. pág. 131.

62 यत्राधिकृत्य माहात्म्यमादित्यस्य चतुर्मुखः ।
अघोरकल्पवृत्तान्तप्रसङ्गेन जगत्स्थितम् ॥
मनवे कथयामास भूतग्रामस्य लक्षणम् ।
चतुर्दश सहस्राणि तथा पञ्च शतानि च ॥
भविष्यचरितप्रायं भविष्यं तदिहोच्यते ।

63 O Cel. Vans Kennedy afirma que ele não tinha podido obter o Bhavishya Purana, nem mesmo obter qualquer relato de seus conteúdos: Mitologia Antiga e Hindu, p.153, nota.

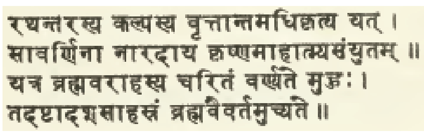
são chamados: Brahma, Vaishnava, Saiva, e Twashtra; enquanto o quinto é o Pratisarga, ou criação repetida. Possivelmente a primeira parte apenas pode ter chegado às minhas mãos, embora não pareça ser assim de acordo com o manuscrito.

O que quer ele possa ser, o trabalho em questão não é um Purana. A primeira parte, de fato, trata de criação; mas ela é pouco mais que uma cópia das palavras do primeiro capítulo de Manu. O resto é totalmente um manual de ritos e cerimônias religiosas. Ele explica os dez Sanskaras, ou ritos iniciatórios; o desempenho do Sandhya; a reverência a ser mostrada a um Guru; os deveres dos diferentes Asramas e castas; e ordena vários Vratas, ou observâncias de jejum e semelhantes, apropriados para os diferentes dias lunares. Umas poucas lendas alentam as séries de preceitos. Aquela do sábio Chyavana é contada em extensão considerável, tirada principalmente do Mahabharata. A Naga Panchami, ou quinta lunação, sagrada para os deuses-serpente, dá origem a uma descrição de diferentes tipos de cobras. Depois desses, que ocupam cerca de um terço dos capítulos, o restante deles corresponde, em assunto, a um dos tópicos referidos pelo Matsya. Eles representam principalmente conversações entre Krishna, seu filho Samba, que tinha se tornado um leproso pela maldição de Durvasas, Vasishtha, Narada, e Vyasa, sobre o poder e glória do sol, e a maneira na qual ele deve ser adorado. Há algum tópico curioso nos últimos capítulos, relativo aos Magas, adoradores silenciosos do sol, de Sakadwipa, como se o compilador tivesse adotado o termo persa Magh, e ligado os adoradores do fogo do Irã com aqueles da Índia. Porém, esse é um assunto que requer investigação mais completa.

O Bhavishyottara é, igualmente com o precedente, um tipo de manual de ofícios religiosos, a maior parte sendo destinada aos Vratas, e o restante às formas e circunstâncias com as quais doações devem ser oferecidas. Muitas das cerimônias são obsoletas, ou são observadas de uma maneira diferente, como o Rath-yatra, ou festival de carros; e o Madanotsava, ou festival da primavera. As descrições desses lançam alguma luz sobre a condição pública da religião hindu em um período provavelmente antes da conquista muçulmana. As diferentes cerimônias são ilustradas por lendas, que às vezes são antigas, como, por exemplo, a destruição do deus do amor por Shiva, e ele por isso se tornando Ananga, o desincorporado senhor de corações. Supõe-se que o trabalho é comunicado por Krishna a Yudhishthira, em uma grande assembléia de pessoas santas na coroação do último, depois da conclusão da grande guerra.

10. O Brahma-vaivartta Purana

"Aquele Purana que é narrado por Savarni para Narada, e contém o relato da grandeza de Krishna, com as ocorrências do Rathantara Kalpa, onde também a história de Brahma-varaha é contada repetidamente, é chamado de Brahma-vaivartta, e contém dezoito mil estrofes[64]." A descrição aqui dada do Brahma-vaivartta Purana concorda com seu estado atual quanto à sua extensão. As cópias antes excedem do que ficam aquém de dezoito mil estrofes. Ele também o descreve corretamente incluindo um Mahatmya ou lenda de Krishna; mas é muito duvidoso, entretanto, se o mesmo trabalho é visado.

64 
रथन्तरस्य कल्पस्य वृत्तान्तमधिकृत्य यत् ।
सावर्णिना नारदाय कृष्णमाहात्म्यसंयुतम् ॥
यत्र ब्रह्मवराहस्य चरितं वर्ण्यते मुहुः ।
तदष्टादशसाहस्रं ब्रह्मवैवर्तमुच्यते ॥

O Brahma-vaivartta, como ele existe agora, é narrado, não por Savarni, mas pelo Rishi Narayana para Narada, por quem ele é comunicado a Vyasa. Ele o ensina a Suta, e o último o repete para os Rishis em Naimisharanya. Ele é dividido em quatro Khandas, ou livros; Brahma, Prakriti, Ganesha, e Krishna Janma Khandas; dedicados respectivamente a descrever os atos de Brahma, Devi, Ganesha, e Krishna; o último, no entanto, absorvendo completamente o interesse e importância da obra. Em nenhum desses há qualquer relato sobre o Varaha Avatara de Vishnu, que parece ser pretendido pelo Matsya; nem qualquer referência a um Rathantara Kalpa. Também pode ser observado que, ao descrever o mérito de presentear uma cópia desse Purana, o Matsya acrescenta: "Quem quer que faça tal presente, é honrado no Brahma-loka;" uma esfera que é de dignidade muito inferior àquela à qual um adorador de Krishna é ensinado a aspirar por esse Purana. O caráter do trabalho é de fato tão decididamente sectário, e a seita à qual ele pertence marcada tão distintamente, - aquela dos adoradores de Krishna e Radha jovens, uma forma de crença de origem moderna conhecida, - que dificilmente pode ser encontrada uma nota em um trabalho ao qual, como o Matsya, uma data muito mais remota pareça pertencer. Embora o Matsya possa ser recebido com prova de ter havido um Brahma-vaivartta Purana na data de sua compilação, dedicado especialmente à glória de Krishna, contudo nós não podemos creditar a possibilidade de ele ser o mesmo que nós possuímos agora.

Embora algumas das lendas que se crê serem antigas estejam espalhadas pelas diferentes partes desse Purana, contudo a grande massa dele é ocupada por descrições cansativas de Vrindavan e Goloka, as moradas de Krishna na terra e no céu; com repetições infinitas de preces e invocações dirigidas a ele; e com descrições insípidas de sua pessoa e passatempos, e o amor das Gopis e de Radha por ele. Há alguns pormenores a respeito da origem das castas artífices, que são valiosos porque ele é citado como autoridade em matérias relacionadas a elas, contidos no Brahma Khanda; e no Prakrita e Ganesha Khandas há lendas dessas divindades, não totalmente, talvez, invenções modernas, mas das quais a fonte não foi localizada. Na vida de Krishna os incidentes registrados são os mesmos que aqueles narrados no Vishnu e no Bhagavata; mas as histórias, absurdas como elas são, são muito resumidas, para abrir espaço para assunto original ainda mais pueril e cansativo. O Brahma-vaivartta não tem o menor direito de ser considerado como um Purana[65].

11. O Linga Purana

"Onde Maheswara, presente no Agni Linga, explicou (os objetivos da vida) virtude, riqueza, prazer, e libertação final no término do Agni Kalpa, aquele Purana, consistindo em onze mil estrofes, foi chamado de Linga pelo próprio Brahma[66]." O Linga Purana corresponde bastante corretamente com essa descrição. É dito que o Kalpa é o Isana, mas essa é a única diferença. Ele consiste em onze mil estrofes. É dito que ele foi composto originalmente por Brahma; e o Linga primitivo é um pilar de brilho, no qual Maheswara está presente. O trabalho é portanto o mesmo que aquele referido pelo Matsya.

Um relato curto é dado, no princípio, da criação elementar e secundária, e das famílias patriarcais; nas quais, porém, Shiva toma o lugar de Vishnu, como a causa

65 Análise do Brahma-vaivartta Purana: Diário da Sociedade Asiática de Bengala, Junho de 1832.

66 यत्राग्निलिङ्गमध्यस्थः प्राह देवो महेश्वरः ।
धर्मार्थकाममोक्षार्थमाग्नेयमधिकृत्य च ॥
कल्पान्तं लैङ्गमित्युक्तं पुराणं ब्रह्मणा स्वयम् ।
तदेकादशसाहस्रं ॥

indescritível de todas as coisas. Breves relatos das encarnações e procedimentos de Shiva em diferentes Kalpas ocorrem em seguida, não oferecendo nenhum interesse exceto como características de noções sectárias. O aparecimento do grande Linga ígneo acontece, no intervalo de uma criação, para separar Vishnu e Brahma, que não só disputam a supremacia, mas lutam por ela; quando o Linga surge de repente, e os envergonha; porque depois de viajarem para cima e para baixo por mil anos em cada direção, nenhum dos dois pôde se aproximar de seu fim. No Linga o monossílabo sagrado Om é visível, e os Vedas procedem dele, pelos quais Brahma e Vishnu são instruídos, e reconhecem e louvam o poder e glória superiores de Shiva.

Um comentário sobre a criação no Padma Kalpa segue-se então, e isso leva a louvores de Shiva por Vishnu e Brahma. Shiva repete a história de suas encarnações, vinte e oito em número; pretendido como uma contraparte, sem dúvida, para os vinte e quatro Avataras de Vishnu, como descritos no Bhagavata; e ambos sendo amplificações dos dez Avataras originais, e de muito menos mérito como ficções. Outro exemplo de rivalidade ocorre na lenda de Dadhichi, um Muni e adorador de Shiva. No Bhagavata há uma história de Ambarisha sendo defendido contra Durvasas pelo disco de Vishnu, contra o qual aquele sábio Saiva é impotente: aqui Vishnu lança seu disco em Dadhichi, mas ele cai sem corte chão, e um conflito se segue, no qual Vishnu e seus partidários são todos derrotados pelo Muni.

Uma descrição do universo, e das dinastias reais do Vaivaswata Manwantara até o tempo de Krishna, atravessa vários capítulos; em substância, e muito frequentemente em palavras, as mesmas que aquelas de outros Puranas. Depois disso, o trabalho retoma seu próprio caráter, narrando lendas, e ordenando ritos, e recitando preces, pretendendo honrar Shiva sob várias formas. Embora, no entanto, o Linga ocupe um lugar proeminente entre elas, o espírito da adoração é muito pouco influenciado pelo caráter do símbolo como bem pode ser imaginado. Não há nada semelhante a orgias fálicas na antiguidade: é tudo místico e espiritual. O Linga é duplo, externo e interno. Os ignorantes, que precisam de um sinal visível, adoram Shiva através de uma 'marca' ou 'símbolo', - o qual é o próprio significado da palavra 'Linga'- de madeira ou pedra; mas os sábios consideram esse emblema externo como nada, e contemplam em suas mentes o símbolo invisível, inescrutável, que é o próprio Shiva. Qualquer que possa ter sido a origem dessa forma de culto na Índia, as noções sobre as quais ele foi fundado, de acordo com as fantasias impuras de escritores europeus, não devem ser localizadas nem nos Saiva Puranas.

Dados para conjeturar a época desse trabalho são defectivos, mas ele é mais de um ritual que um Purana, e os capítulos purânicos que ele tem inseridos, para manter algo de seu caráter, foram evidentemente emprestados para o propósito. As encarnações de Shiva, e seus 'pupilos', como especificado em um lugar, e a importância atribuída à prática do Yoga, tornam possível que sob os primeiros são pretendidos aqueles professores da religião Saiva que pertencem à escola Yoga[67], que parece ter florescido perto do oitavo ou nono século. Não é provável que o trabalho seja mais antigo, ele pode ser consideravelmente posterior. Ele preservou aparentemente algumas lendas Saiva de uma data antiga, mas a maior parte é ritual e misticismo de introdução comparativamente recente.

---

67 Ver Asiatic Researches, vol. XVII. pág. 287.

12. O Varaha Purana

"Aquele no qual a glória do grande Varaha é predominante, como ele foi revelado à Terra por Vishnu, com relação, Munis sábios, ao Manava Kalpa, e que contém vinte e quatro mil versos, é chamado de Varaha Purana[68]." Pode ser duvidado se o Varaha Purana do tempo atual é aqui indicado. Ele é narrado por Vishnu como Varaha, ou na encarnação de javali, para a Terra personificada. Sua extensão, porém, não é a metade daquela especificada, pouco excedendo dez mil estrofes. Ele mesmo também fornece evidência da circulação anterior de algum outro trabalho, similarmente denominado; porque, na descrição de Mathura contida nele, Sumantu, um Muni, é feito observar, "O divino Varaha nos tempos passados explicou um Purana, com a finalidade de dissolver a perplexidade da Terra".

Nem o Varaha Purana pode ser considerado como um Purana de acordo com a definição comum, porque ele contém somente poucas alusões espalhadas e breves à criação do mundo, e ao reinado de reis; ele não tem genealogias detalhadas das famílias patriarcais ou reais, e nenhum relato dos reinados dos Manus. Como o Linga Purana, ele é um manual religioso, quase totalmente ocupado com formas de oração, e regras para observâncias devocionais, dirigidas a Vishnu; entremeadas com ilustrações legendárias, a maioria das quais são peculiares a ele mesmo, embora algumas sejam tomadas do estoque comum e antigo; muitas delas, bastante incompativelmente com a extensão geral da compilação, dizem respeito à história de Shiva e Durga[69]. Uma parte considerável do trabalho é dedicada a descrições de vários Tirthas, lugares de peregrinação Vaishnava; e uma de Mathura entra em uma variedade de detalhes relativos aos santuários daquela cidade, constituindo o Mathura Mahatmyam.

No sectarismo do Varaha Purana não há inclinação à adoração específica de Krishna, nem o Rath-yatra e Janmashtami estão incluídos entre as observâncias ordenadas. Há outras indicações de ele pertencer a uma fase mais antiga de culto Vaishnava, e ele pode talvez ser atribuído à época de Ramanuja, a primeira parte do décimo segundo século.

13. O Skanda Purana

"O Skanda Purana é aquele no qual a divindade de seis faces (Skanda) relatou os eventos do Tatpurusha Kalpa, aumentados com muitos contos, e subservientes aos deveres ensinados por Maheswara. É dito que ele contém oitenta e um mil e cem estrofes; assim é afirmado entre a humanidade[70]." É uniformemente acordado que o Skanda Purana em uma forma coletiva não tem existência; e os fragmentos em forma de Samhitas, Khandas, e Mahatmyas, que são afirmados em várias partes da Índia serem partes do Purana, apresentam uma massa muito mais formidável de estrofes

68 महावराहस्य पुनर्माहात्म्यमधिकृत्य च ।
विष्णुनाभिहितं चोर्व्यै तद्वाराहमित्युच्यते ॥
मानवस्य प्रसङ्गेन कल्पस्य मुनिसत्तमाः ।
चतुर्विंशत्सहस्राणि तत्पुराणमिहोच्यते ॥

69 Uma dessas foi traduzida pelo Cel. Vans Kennedy, a origem das três Shaktis, ou deusas, Saraswati, Lakshmi, e Parvati. Mitologia Antiga e Hindu, pág. 209. A Tri Shakti Mahatmya se encontra, como ele a apresenta, em minha cópia, e é até aqui uma indicação da identidade do Varaha Purana nos diferentes manuscritos.

70 यत्र माहेश्वरान्धर्मानधिकृत्य च षण्मुखः ।
कल्पे तत्पुरुषे वृत्तं चरितैरुपबृंहितम् ॥
स्कान्दं नाम पुराणं तदेकाशीतिर्निगद्यते ।
सहस्राणि शतं चैकमिति मर्त्येषु गद्यते ॥

que até mesmo o número imenso do qual é dito que ele consiste. A mais célebre dessas partes no Hindustão é o Kasi Khanda, uma descrição muito minuciosa dos templos de Shiva em ou adjacentes a Benares, misturada com instruções para adorar Maheswara, e uma grande variedade de lendas explicativas de seus méritos, e da santidade de Kasi. Muitas delas são pueris e desinteressantes, mas algumas são de um caráter mais elevado. A história de Agastya registra provavelmente, em um estilo legendário, a propagação do hinduísmo no sul da Índia, e na história de Divodasa, rei de Kasi, nós temos uma tradição embelezada do enfraquecimento temporário do culto de Shiva, até mesmo em sua metrópole, antes do predomínio dos seguidores de Buda[71]. Há toda razão para acreditar que a maior parte dos conteúdos do Kasi Khanda é anterior ao primeiro ataque em Benares por Mahmud de Ghizni. Só o Kasi Khanda contém quinze mil estrofes.

Outro trabalho considerável atribuído na Índia superior ao Skanda Purana é o Utkala Khanda, relatando a santidade de Orissa, e o Kshetra de Purushottama ou Jagannatha. A mesma vizinhança é o local de templos, outrora de grande magnificência e extensão, dedicados a Shiva, como Bhuvaneswara, o que forma uma desculpa para vincular a descrição de um Tirtha Vaishnava a um Purana eminentemente Saiva. Porém, pode haver pouca dúvida que o Utkala Khanda é injustificavelmente incluído entre a progênie do trabalho pai. Além desses, há um Brahmottara Khanda, um Reva Khanda, um Shiva Rahasya Khanda, um Himavat Khanda, e outros. Dos Samhitas, os principais são o Suta Samhita, Sanatkumara Samhita, Saura Samhita, e Kapila Samhita, há vários outros trabalhos denominados Samhitas. Os Mahatmyas são mais numerosos ainda[72]. De acordo com o Suta Samhita, como citado pelo Cel. Vans Kennedy[73], o Skanda Purana contém seis Samhitas, quinhentos Khandas, e quinhentas mil estrofes; mais do que é atribuído até mesmo a todos os Puranas. Ele pensa, concluindo a partir de evidência interna, que todos os Khandas e Samhitas podem ser admitidos como genuínos, embora os Mahatmyas tenham uma aparência bastante questionável. Agora um tipo de evidência interna é a quantidade; e como não mais do que oitenta e um mil e cem estrofes alguma vez foram reivindicadas por ele, todo o excedente acima daquela quantia deve ser questionável. Mas muitos dos Khandas, o Kasi Khanda por exemplo, são tão locais quanto os Mahatmyas, sendo histórias legendárias relativas à construção e santidade de certos templos ou grupos de templos, e a certos Lingas; a origem interesseira das quais as faz muito razoavelmente objetos de suspeita. No estado atual da nossa familiaridade com as supostas partes do Skanda Purana, as minhas próprias opiniões a respeito de sua autenticidade são opostas àquelas nutridas pelo Cel. Vans Kennedy, de modo que, em vez de admitir todos os Samhitas e Khandas como genuínos, eu duvido se algum deles alguma vez foi uma parte do Skanda Purana.

71 A lenda foi traduzida pelo Cel. Vans Kennedy: Mitologia Antiga e Hindu, Apêndice B.

72 Em uma lista de supostas partes do Skanda Purana na posse do meu amigo Sr. C. P. Brown, do serviço público de Madras, os Samhitas são sete, os Khandas doze, além de partes denominadas Gita, Kalpa, Stotra, etc. Na coleção do Cel. Mackenzie, entre os Mahatmyas trinta e seis são ditos pertencerem ao Skanda Purana: vol. I. pág. 6i. Na biblioteca na Casa Índia há dois Samhitas, o Suta e o Sanatkumara, quatorze Khandas, e doze Mahatmyas.

73 Mitologia Antiga e Hindu, pág. 554, nota.

14. O Vamana Purana

"Aquele no qual Brahma de quatro faces ensinou os três objetivos da existência, como subservientes ao relato da grandeza de Trivikrama, que também trata do Shiva Kalpa, e que consiste em dez mil estrofes, é chamado de Vamana Purana[74]." O Vamana Purana contém um relato da encarnação anã de Vishnu; mas ele é contado por Pulastya para Narada, e se estende somente até cerca de sete mil estrofes. Seus conteúdos mal podem estabelecer sua pretensão ao caráter de um Purana[75].

Há pouca ou nenhuma ordem nos assuntos que esse trabalho recapitula, e que surgem de respostas dadas por Pulastya a perguntas feitas abruptamente e de modo desconexo por Narada. A maior parte delas se relaciona ao culto do Linga; um tópico bastante estranho para um Vaishnava Purana, mas absorvendo a parte principal da compilação. Elas são porém servis ao objetivo de ilustrar a santidade de certos locais sagrados; de forma que o Vamana Purana é pouco mais que uma sucessão de Mahatmyas. Assim quase na abertura do trabalho se encontra a história do sacrifício de Daksha, o objetivo do qual é mandar Shiva para Papamochana tirtha em Benares, onde ele é libertado do pecado de brahmanicídio. Em seguida vem a história da queima de Kamadeva, com a finalidade de ilustrar a santidade de um Shiva-linga em Kedareswara no Himalaia, e de Badarikasrama. A maior parte do trabalho consiste no Saro-mahatmya, ou exemplificações legendárias da santidade de Sthanu tirtha; isto é, da santidade de vários Lingas e certos tanques em Thanesar e Kurukhet, a região noroeste de Delhi. Também há algumas histórias relativas à santidade do rio Godavari; mas o local geral das lendas é no Hindustão. No decorrer desses relatos nós temos uma narrativa longa do casamento de Shiva com Uma, e o nascimento de Kartikeya. Há algumas breves alusões à criação e aos Manwantaras, mas eles são meramente incidentais; e todas as cinco características de um Purana são deficientes. Ao mencionar o Swarochisha Manwantara, perto do fim do livro, a elevação de Bali como monarca dos Daityas, e sua subjugação do universo, os deuses incluídos, são descritas; e isso leva à narração que dá seu título ao Purana, o nascimento de Krishna como um anão, para o propósito de humilhar Bali por meio de fraude, porque ele era invencível pela força. A história é contada como sempre, mas a cena é colocada em Kurukshetra.

Um exame mais minucioso desse trabalho do que aquele que foi dado a ele possa talvez descobrir alguma dica a partir da qual conjeturar sua data. Ele é de um caráter mais tolerante que os Puranas, e divide sua homenagem entre Shiva e Vishnu com imparcialidade tolerável. Ele não está ligado, portanto, com quaisquer princípios sectários, e pode ter precedido sua introdução. Ele não tem, contudo, o aspecto de alguma antiguidade, e sua compilação pode ter entretido as horas vagas de algum brâmane de Benares três ou quatro séculos atrás.

15. O Kurma Purana

"Aquele no qual Janarddana, na forma de uma tartaruga, nas regiões abaixo da terra, explicou os objetivos da vida - dever, riqueza, prazer, e libertação - em comunicação com Indradyumna e os Rishis na proximidade de Sakra, que se refere ao

74 त्रिविक्रमस्य माहात्म्यमधिकृत्य चतुर्मुखः ।
त्रिवर्गमभ्यधात्तच्च वामनं परिकीर्तितम् ॥
पुराणं दशसाहस्रं ख्यातं† कल्पानुगं शिवम् ।

75 A partir dos extratos do Vamana Pura traduzidos pelo Cel. Vans Kennedy, pág. 293 e seguines, parece que a cópia dele corresponde até aqui com a minha, e o trabalho é então provavelmente o mesmo: duas cópias na biblioteca da Companhia também concordam com a minha.

Lakshmi Kalpa, e contém dezessete mil estrofes, é o Kurma Purana[76]." No primeiro capítulo do Kurma Purana ele dá uma descrição dele mesmo, a qual não concorda exatamente com essa descrição. Suta, que está repetindo a narração, é feito dizer para os Rishis, "Este Kaurma Purana muitíssimo excelente é o décimo quinto. Samhitas são quádruplos, a partir da variedade das coleções. O Brahmi, Bhagavati, Sauri, e Vaishnavi, são bem conhecidos como os quatro Samhitas que conferem virtude, riqueza, prazer, e libertação. Este é o Brahmi Samhita, concordante com os quatro Vedas; no qual há seis mil slokas, e por ele a importância dos quatro objetivos da vida, ó grandes sábios, conhecimento sagrado e Parameswara são conhecidos." Há uma diferença irreconciliável nessa especificação do número de estrofes e aquela dada acima. Não está muito claro o que se quer dizer por um Samhita como aqui usado. Um Samhita, como observado acima, é algo diferente de um Purana. Ele pode ser uma coleção de preces e lendas, extraídas declaradamente de um Purana, mas não é normalmente aplicável ao original. Os quatro Samhitas aqui especificados se referem antes ao seu caráter religioso do que à sua conexão com algum trabalho específico, e na realidade os mesmos termos são aplicados aos que são chamados de Samhitas do Skanda. Nesse sentido um Purana poderia ser também um Samhita; isto é, poderia ser uma coleção de fórmulas e lendas pertencentes a uma divisão do sistema hindu; e o trabalho em questão, como o Vishnu Purana, adota ambos os títulos. Ele diz, "Este é o excelente Kaurma Purana, o décimo quinto (da série);" e novamente, "Este é o Brahmi Samhita." De qualquer modo, nenhum outro trabalho foi encontrado pretendendo ser o Kurma Purana.

Com relação aos outros detalhes especificados pelo Matsya, vestígios deles serão achados. Embora em dois relatos da comunicação tradicional do Purana nenhuma menção seja feita de Vishnu como um dos professores, contudo Suta repete no início um diálogo entre Vishnu, como o Kurma, e Indradyumna, no momento do batimento do oceano; e muito da narrativa subsequente é posto na boca do primeiro.

O nome, sendo aquele de um Avatara de Vishnu, pode nos levar a esperar um trabalho Vaishnava; mas ele é sempre e corretamente classificado com os Saiva Puranas, a maior parte dele inculcando a adoração de Shiva e Durga. Ele é dividido em duas partes, de extensão quase igual. Na primeira parte, descrições da criação, dos Avataras de Vishnu, das dinastias solares e lunares dos reis até o tempo de Krishna, do universo, e dos Manwantaras, são dadas, em geral de uma maneira sumária, mas não raramente nas palavras empregadas no Vishnu Purana. Com essas estão misturados hinos dirigidos a Maheswara por Brahma e outros; a derrota de Andhakasura por Bhairava; a origem de quatro Saktis, Maheswari, Siva, Sati, e Haimavati, de Shiva; e outras lendas Saiva. Um capítulo dá um relato mais distinto e conectado das encarnações de Shiva na era atual que o Linga; e ele tem ainda mais a aparência de uma tentativa de identificar os professores da escola Yoga com representações de sua divindade preferencial. Vários capítulos formam um Kasi Mahatmya, uma lenda de Benares. Na segunda parte não há lendas. Ela é dividida em duas partes, o Iswara Gita[77] e Vyasa Gita. No primeiro o conhecimento de deus, isto é, de Shiva, através de devoção contemplativa, é ensinado. No último o mesmo objetivo é ordenado por meio de trabalhos, ou observância das cerimônias e preceitos dos Vedas.

---

76 यत्र धर्मार्थकामानां मोक्षस्य च रसातले ।
माहात्म्यं कथयामास कूर्मरूपी जनार्दनः ॥
इन्द्रद्युम्नप्रसङ्गेन ऋषिभिः† शक्रसन्निधौ ।
सप्तदश सहस्राणि लक्ष्मीकल्पानुषङ्गिकम् ॥

77 Esse também foi traduzido pelo Cel. Vans Kennedy (Mitologia Antiga e Hindu, Apêndice D. pág. 444); e nesse caso, como em outras passagens citadas por ele do Kurma, seu manuscrito e o meu concordam.

A data do Kurma Purana não pode ser muito remota, pois ele é declaradamente posterior ao estabelecimento das seitas Tantrika, Sakta, e Jaina. O décimo segundo capítulo diz, "Os Sastras Bhairava, Vama, Arhata, e Yamala são planejados para ilusão." Não há razão para acreditar que os Tantras Bhairava e Yamala são trabalhos muito antigos, ou que as práticas dos Saktas esquerdos, ou as doutrinas de Arhat ou Jina eram conhecidas nos primeiros séculos da nossa era.

16. O Matsya Purana

"Aquele no qual, para promulgar os Vedas, Vishnu, no princípio de um Kalpa, narrou para Manu a história de Narasinha e os eventos de sete Kalpas, aquele, ó sábios, saibam que é o Matsya Purana, contendo vinte mil estrofes[78]." Nós podemos, pode-se supor, admitir a descrição que o Matsya dá de si mesmo como correta, contudo com relação ao número de versos parece haver uma afirmação errônea. Três cópias muito boas, uma em minha posse, uma na biblioteca da Companhia, e uma na biblioteca Radcliffe, concordam sob todos os aspectos, e contendo não mais que entre quatorze e quinze mil estrofes; nesse caso o Bhagavata está mais próximo da verdade, quando atribui a ele quatorze mil. Nós podemos concluir, portanto, que a leitura da passagem nesse aspecto está incorreta. É dito corretamente que os assuntos do Purana foram comunicados por Vishnu, na forma de um peixe, para Manu.

O Purana, depois do prólogo usual de Suta e os Rishis, abre com o relato do Avatara Matsya ou 'peixe' de Vishnu, no qual ele protege um rei chamado Manu, com as sementes de todas as coisas, em uma arca, das águas daquela inundação que na época de um Pralaya cobre o mundo. Essa história é contada no Mahabharata, com referência ao Matsya como sua autoridade; do que pode ser deduzido que o Purana era anterior ao poema. Isso naturalmente é consistente com a tradição que os Puranas foram compostos primeiro por Vyasa; mas não pode haver dúvida que a maior parte do Mahabharata é muito mais antiga do que qualquer Purana existente. O exemplo presente é em si mesmo uma prova; pois a simplicidade primitiva com a qual a história do peixe Avatara é contada no Mahabharata é de uma aparência muito mais antiga que o misticismo e extravagância do Matsya Purana atual. No primeiro, Manu coleta as sementes das coisas existentes na arca, não é dito como; no último, ele as reúne por meio de poder de Yoga. No último, as grandes serpentes vão ao rei, para servirem como cordas com as quais fixar a arca ao chifre do peixe; no primeiro, um cabo feito de cordas é mais inteligivelmente empregado para o propósito.

Enquanto a arca flutua, presa ao peixe, Manu entra em conversação com ele; e suas perguntas, e as respostas de Vishnu, formam a substância principal da compilação. O primeiro assunto é a criação, que é aquela de Brahma e os patriarcas. Alguns dos detalhes são os habituais; outros são singulares, especialmente aqueles relativos aos Pitris, ou progenitores. As dinastias reais são descritas em seguida; e então seguem capítulos sobre os deveres das diferentes classes. É ao relacionar aqueles do chefe de família, nos quais o dever de fazer doações para brâmanes está incluído, que nós temos a especificação da extensão e matérias dos Puranas. É meritório ter cópias feitas deles, e doá-las em ocasiões específicas. Assim o Matsya diz; "Quem o doa em qualquer equinócio, junto com um peixe dourado e uma vaca leiteira, doa a terra inteira;" isto é, ele colhe uma recompensa semelhante em sua

---

78 श्रुतीनां यत्र कल्पादौ प्रवृत्त्यर्थं जनार्दनः।
मत्स्यरूपेण मनवे नरसिंहस्य वर्णनम्॥
अधिकृत्याब्रवीत्सप्तकल्पवृत्तं मुनिव्रताः।
तन्मात्स्यमिति जानीध्वं सहस्राण्यथ विंशति॥

próxima migração. Deveres especiais do dono da casa - Vratas, ou atos ocasionais de religiosidade - são descritos então com extensão considerável, com ilustrações legendárias. O relato do universo é dado do modo usual. Lendas Saiva se seguem; como a destruição de Tripurasura; a guerra dos deuses com Taraka e os Daityas, e o consequente nascimento de Kartikeya, com as várias circunstâncias do nascimento e casamento de Uma, a queima de Kamadeva, e outros eventos envolvidos naquela narrativa; a destruição dos Asuras Maya e Andhaka; a origem dos Matris, e similares; entremeadas com as lendas Vaishnava dos Avataras. Alguns Mahatmyas também são introduzidos; um dos quais, o Narmada Mahatmya, contém alguns detalhes interessantes. Há vários capítulos sobre lei e moralidade; e um dos quais fornece instruções para construir casas, e fazer imagens. Nós temos então uma descrição dos reis de períodos futuros; e o Purana conclui com um capítulo sobre doações.

O Matsya Purana, será visto, mesmo desse esboço breve de seus conteúdos, é uma compilação variada, mas incluindo em seus conteúdos os elementos de um Purana genuíno. Ao mesmo tempo, ele é de um caráter muito misturado para ser considerado como um trabalho genuíno da classe purânica; e após examiná-lo cuidadosamente, pode ser suspeitado que ele está endividado com vários trabalhos, não só por seu assunto, mas por suas palavras. Os capítulos genealógicos e históricos são muito iguais àqueles do Vishnu; e muitos capítulos, como aqueles sobre os Pitris e Sraddhas, são precisamente os mesmos que aqueles do Srishti Khanda do Padma Purana. Ele extraiu largamente também do Mahabharata. Entre outros exemplos, é suficiente citar a história de Savitri, a esposa dedicada de Satyavat, que é dada no Matsya da mesma maneira, mas consideravelmente abreviada.

Embora um trabalho Saiva, ele não é exclusivamente assim, e não tem absurdos sectários como o Kurma e o Linga. Ele é uma composição de interesse considerável; mas se ele extraiu seus materiais do Padma, o qual ele também cita em uma ocasião, a especificação dos Upa-puranas é subsequente àquele trabalho, e portanto não muito antiga.

17. O Garuda Purana

"Aquele que Vishnu narrou no Garuda Kalpa, relativo principalmente ao nascimento de Garuda de Vinata, é chamado aqui de Garuda Purana; e nele são lidos dezenove mil versos[79]." O Garuda Purana que tem sido o assunto de meu exame não concorda em nenhum aspecto com essa descrição, e provavelmente é um trabalho diferente, embora intitulado o Garuda Purana. Ele é idêntico, porém, a duas cópias na biblioteca da Companhia. Ele consiste de não mais que aproximadamente sete mil estrofes; é repetido por Brahma para Indra; e não contém nenhum relato do nascimento de Garuda. Há uma breve nota sobre a criação; mas a maior parte está ocupada com a descrição de Vratas, ou observâncias religiosas, de feriados, de lugares sagrados dedicados ao sol, e com preces do ritual Tantrika, dirigidas ao sol, a Shiva, e a Vishnu. Ele também contém tratados sobre astrologia, quiromancia, e pedras preciosas; e um, ainda mais extenso, sobre medicina. A última parte, chamada de Preta Kalpa, é ocupada com instruções para a realização de ritos fúnebres. Não há nada, em tudo isso, para justificar a aplicação do nome. Se um Garuda Purana genuíno existe é duvidoso. A descrição dada no Matsya é menos específica até mesmo do que as breves notas dos outros Puranas, e poderia ter sido escrita

[79] यदा च गारुडे कल्पे विनतागरुडोद्भवम् ।
अधिकृत्याब्रवीद्विष्णुर्गारुडं तदिहोच्यते ॥
तदष्टादश चैकं च सहस्राणीह पठ्यते ।

facilmente sem qualquer conhecimento do próprio livro, sendo, com exceção do número de estrofes, limitada às circunstâncias que apenas o título indica.

18. O Brahmanda Purana

"Aquele que declarou, em doze mil e duzentos versos, a magnificência do ovo de Brahma, e no qual uma descrição dos Kalpas futuros está contida, é chamado de Brahmanda Purana, e é revelado por Brahma[80]." Normalmente é considerado que o Brahmanda Purana está no mesmo apuro que o Skanda, não mais obtenível em um corpo coletivo, mas representado por uma variedade de Khandas e Mahatmyas, professando serem derivados dele. A facilidade com a qual qualquer tratado pode ser assim vinculado ao original inexistente, e a vantagem que foi tirada de sua ausência para compilar uma variedade de fragmentos não autênticos, deram ao Brahmanda, Skanda, e Padma, de acordo com o Cel. Wilford, o caráter de serem os Puranas de ladrões ou impostores[81]. Isso não é aplicável ao Padma, o qual, como mostrado acima, se encontra inteiro e o mesmo em várias partes da Índia. A imposição da qual os outros dois são feitos os veículos não pode enganar ninguém, porque o propósito da lenda específica é sempre óbvio demais para deixar qualquer dúvida a respeito de sua origem.

Cópias do que professam ser o Brahmanda Purana inteiro são às vezes, embora raramente, obteníveis. Eu encontrei uma em duas partes, a primeira contendo cento e vinte e quatro capítulos, a última setenta e oito; e o todo contendo aproximadamente o número de estrofes atribuído ao Purana. A primeira e maior parte, entretanto, demonstrou ser igual ao Vayu Purana, com uma passagem ocasionalmente ligeiramente variada, e no fim de cada capítulo a frase comum 'Iti Brahmanda Purane' substituída por 'Iti Vayu Purane.' Eu não penso que havia alguma fraude planejada na substituição. A última seção da primeira parte do Vayu Purana é chamada de seção Brahmanda, dando um relato da dissolução do universo; e um transcritor descuidado ou ignorante pode tê-lo tomado como o título do todo. Os sinais da identidade do trabalho foram preservados honestamente, no índice e na especificação frequente de Vayu como o professor ou narrador dele.

A segunda parte desse Brahmanda não é nenhuma parte do Vayu; ela é provavelmente corrente no Dakhin como um Samhita ou Khanda. Agastya é representado como indo para a cidade Kanchi (Conjeveram), onde Vishnu, como Hayagriva, aparece para ele, e, em resposta às suas perguntas, comunica a ele os meios de salvação, o culto de Parasakti. Em ilustração da eficácia dessa forma de adoração, o assunto principal da obra é uma descrição das façanhas de Lalita Devi, uma forma de Durga, e sua destruição do demônio Bhandasura. Regras para sua adoração também são dadas, as quais são decididamente de um gênero Sakta ou Tantrika; e esse trabalho não pode ser admitido, portanto, como parte de um Purana genuíno.

80 यच्च ब्रह्माण्डमाहात्म्यमधिकृत्याब्रवीत्पुनः ।
तच्च द्वादशसाहस्रं ब्रह्माण्डं द्विशताधिकम् ॥
भविष्याणां च कल्पानां श्रूयते यत्र विस्तरः ।
तद्ब्रह्माण्डपुराणं च ब्रह्मणा समुदाहृतम् ॥

81 As. Res. vol. VIII. pág. 252.

Os Upa-puranas

Os Upa-puranas, nos poucos casos que são conhecidos, diferem pouco em extensão ou assunto de alguns daqueles aos quais o título de Purana é atribuído. O Matsya enumera apenas quatro; mas o Devi Bhagavata tem uma lista mais completa, e especifica dezoito. Eles são, 1. O Sanatkumara, 2. Narasinha, 3. Naradiya, 4. Shiva, 5. Durvasasa, 6. Kapila, 7. Manava, 8. Ausanasa, 9. Varuna, 10. Kalika, 11. Samba, 12. Nandi, 13. Saura, 14. Parasara, 15. Aditya, 16. Maheswara, 17. Bhagavata, 18. Vasishtha. O Matsya comenta, sobre o segundo, que ele é citado no Padma Purana, e contém dezoito mil versos. O Nandi ele chama de Nanda, e diz que Kartikeya conta nele a história de Nanda. Uma lista bastante diferente é dada no Reva Khanda; ou, 1. Sanatkumara, 2. Narasinha, 3. Nanda, 4. Sivadharma, 5. Durvasasa, 6. Bhavishya, narrado por Narada ou Naradiya, 7. Kapila, 8. Manava, 9. Ausanasa, 10. Brahmanda, 11. Varuna, 12. Kalika, 13. Maheswara, 14. Samba, 15. Saura, 16. Parasara, 17. Bhagavata, 18. Kaurma. Porém, essas autoridades são de peso questionável, tendo em vista, sem dúvida, as pretensões do Devi Bhagavata a ser considerado como o Bhagavata autêntico.

Desses Upa-puranas poucos serão obtidos. Aqueles em minha posse são o Shiva, considerado como distinto do Vayu; o Kalika, e talvez um dos Naradiyas, como observado acima. Eu também tenho três dos Skandhas do Devi Bhagavata, o qual indubitavelmente não é o verdadeiro Bhagavata, supondo que qualquer Purana assim chamado precedeu o trabalho de Vopadeva. Não pode haver dúvida que em qualquer lista autêntica o nome do Bhagavata não se acha entre os Upa-puranas: ele foi posto lá para provar que há dois trabalhos assim intitulados, dos quais o Purana é o Devi Bhagavata, o Upa-purana o Sri Bhagavata. A verdadeira leitura deveria ser Bhargava, o Purana de Bhrigu; e o Devi Bhagavata não é nem um Upa-purana. É muito questionável se o trabalho inteiro, o qual até onde ele se estende é eminentemente uma composição Sakta, alguma vez teve existência.

O Shiva Upa-purana contém aproximadamente seis mil estrofes, distribuídas em duas partes. Ele é narrado por Sanatkumara para Vyasa e os Rishis em Naimisharanya, e seu caráter pode ser julgado a partir das perguntas para as quais ele é uma resposta. "Ensine-nos", disseram os Rishis, "as regras do culto do Linga, e do deus dos deuses adorado sob aquele símbolo; descreva para nós suas várias formas, os lugares santificados por ele, e as preces que devem ser dirigidas a ele." Em resposta, Sanatkumara repete o Shiva Purana, contendo o nascimento de Vishnu e Brahma; a criação e divisões do universo; a origem de todas as coisas a partir do Linga; as regras do culto dele e de Shiva; a santidade de tempos, lugares, e coisas, consagradas a ele; a ilusão de Brahma e Vishnu pelo Linga; as recompensas de oferecer flores e semelhantes para um Linga; regras para várias observâncias em honra de Mahadeva; o modo de praticar Yoga; a glória de Benares e outros Saiva Tirthas; e a perfeição dos objetivos da vida por união com Maheswara. Esses assuntos são ilustrados na primeira parte com muito poucas lendas; mas a segunda é composta quase completamente de histórias Saiva, como a derrota de Tripurasura; o sacrifício de Daksha; os nascimentos de Kartikeya e Ganesha, os filhos de Shiva; e Nandi e Bhringariti, seus servidores, e outros; junto com descrições de Benares e outros lugares de peregrinação, e regras para observar tais festivais como o Shivaratri. Esse trabalho é um manual Saiva, não um Purana.

O Kalika Purana contém aproximadamente nove mil estrofes em noventa e oito capítulos, e é o único trabalho da série dedicado a recomendar a adoração da noiva de Shiva, em uma ou outra de suas múltiplas formas, como Girija, Devi, Bhadrakali,

Kali, Mahamaya. Ele pertence portanto à modificação Sakta da crença hindu, ou o culto dos poderes femininos das divindades. A influência desse culto se mostra nas próprias primeiras páginas do trabalho, que conta a paixão incestuosa de Brahma por sua filha Sandhya, de uma maneira que não tem nada análogo a ela no Vayu, Linga, ou Shiva Puranas.

O casamento de Shiva e Parvati é um assunto descrito no início, com o sacrifício de Daksha, e a morte de Sati. E esse trabalho é autoridade a respeito de Shiva carregar o corpo morto sobre o mundo, e a origem dos Pithasthanas, ou lugares onde os diferentes membros dele foram espalhados, e onde Lingas foram erguidos consequentemente. Uma lenda vem depois, dos nascimentos de Bhairava e Vetala, cuja devoção a diferentes formas de Devi fornece motivo para descrever em grandes detalhes os ritos e fórmulas nos quais seu culto consiste, inclusive os capítulos sobre sacrifícios sanguinolentos, traduzidos nas Pesquisas Asiáticas. Outra peculiaridade nesse trabalho é fornecida por descrições muito prolixas de vários rios e montanhas em Kamarupa-tirtha em Asam, e tornado solo sagrado pelo templo célebre de Durga naquela região, como Kamakshi ou Kamakhya. É uma circunstância singular, e ainda não investigada, que Asam, ou pelo menos o nordeste de Bengala, parece ter sido em um grande grau a fonte da qual as corrupções Tantrika e Sakta da religião dos Vedas e Puranas provieram.

A especificação dos Upa-puranas, enquanto cita vários dos quais a existência é incerta, omite outros trabalhos, portando a mesma designação, que são às vezes encontrados. Assim na coleção do Cel. Mackenzie[82] nós temos uma parte do Bhargava, e um Mudgala Purana, que provavelmente é o mesmo que o Ganesha Upa-purana, citado pelo Cel. Vans Kennedy[83]. Eu também tenho uma cópia do Ganesha Purana, a qual parece concordar com aquela da qual ele fala; a segunda parte sendo intitulada o Krida Khanda, na qual os passatempos de Ganesha, incluindo, uma variedade de assuntos legendários, são descritos. O principal assunto do trabalho é a grandeza de Ganesha, e preces e fórmulas destinadas a ele são detalhadas abundantemente. Ele parece ser um trabalho originado com a seita Ganapatya, ou adoradores de Ganesha. Há também um Purana menor chamado Adi, ou 'primeiro', não incluído na lista. Esse é um trabalho, entretanto, de nenhuma grande extensão ou importância, e é limitado a uma narração minuciosa dos passatempos do jovem Krishna.

Sinopse do Vishnu Purana

Do esboço assim oferecido dos assuntos dos Puranas, e o qual, embora admitindo correção, acredita-se ser na maior parte um resumo imparcial e correto, será evidente que em sua atual condição eles devem ser recebidos com precaução como autoridades para a religião mitológica dos hindus em qualquer período remoto. Eles preservam, sem dúvida, muitas noções e tradições antigas; mas essas têm sido tão misturadas com assunto estranho, planejados para favorecer a popularidade de formas específicas de adoração ou artigos de fé, que eles não podem ser reconhecidos sem reserva como representações genuínas do que nós temos razão para acreditar que os Puranas eram originalmente.

As fontes mais seguras para as lendas antigas dos hindus, depois dos Vedas, são sem dúvida os dois grandes poemas, o Ramayana e o Mahabharata. O primeiro

---

82 Coleção de Mackenzie, 1. 50, 51.

83 Mitologia Antiga e Hindu, pág. 251.

oferece só algumas, mas elas são de um caráter primitivo. O Mahabharata é mais fértil em ficção, mas é mais diverso, e muito do que ele contém é de autenticidade equívoca, e data incerta. Contudo ele fornece muitos materiais que são genuínos, e é evidentemente a grande fonte da qual a maioria, se não todos, dos Puranas extraíram; como ele mesmo sugere, quando declara que não há nenhuma lenda corrente no mundo que não tenha sua origem no Mahabharata[84].

Um trabalho de alguma extensão que professe fazer parte do Mahabharata pode ser classificado mais corretamente com as compilações purânicas de menos autenticidade, e origem mais recente. O Hari Vansa trata principalmente das aventuras de Krishna, mas, como introdutório à era dele, ele registra detalhes da criação do mundo, e das dinastias patriarcais e reais. Isso é feito com muito descuido e inexatidão de compilação, como eu tive frequentemente oportunidade de observar nas páginas seguintes. O trabalho foi muito diligentemente traduzido por M. Langlois.

Uma comparação dos assuntos das páginas seguintes com aqueles dos outros Puranas vai mostrar suficientemente que da série inteira o Vishnu corresponde mais de perto com a definição de um Pancha-lakshana Purana, ou um que trata de cinco tópicos especificados. Ele os compreende todos; e embora tenha introduzido uma porção de tópicos estranhos e sectários, ele fez isso com sobriedade e com bom senso, e não permitiu que o fervor de seu zelo religioso o levasse a grandes desvios do caminho prescrito. Os contos legendários que ele inseriu são poucos, e são organizados convenientemente, de forma que eles não distraem a atenção do compilador de objetos de interesse e importância mais permanentes.

O Primeiro Livro

O primeiro livro dos seis, nos quais o trabalho está dividido, trata principalmente dos detalhes da criação, primária (Sarga) e secundária (Pratisarga); a primeira explicando como o universo procede de Prakriti, ou matéria bruta eterna; a segunda, de que maneira as formas das coisas são desenvolvidas a partir das substâncias elementares previamente desenvolvidas, ou como elas reaparecem depois de sua destruição temporária. Ambas essas criações são periódicas, mas o fim da primeira só ocorre ao término da vida de Brahma, quando não apenas todos os deuses e todas as outras formas são aniquilados, mas os elementos são fundidos novamente na substância primária, além da qual somente um ser espiritual existe; a última ocorre ao fim de todo Kalpa, ou dia de Brahma, e afeta só as formas das criaturas inferiores, e mundos inferiores, deixando a substância do universo ilesa, e sábios e deuses incólumes. A explicação desses eventos envolve uma descrição dos períodos de tempo dos quais eles dependem, e que são detalhados adequadamente. Seu caráter tem sido uma fonte de perplexidade muito desnecessária para escritores europeus, porque eles pertencem a um esquema de cronologia totalmente mitológico, não tendo referência a alguma história real ou suposta dos hindus, mas aplicável, de acordo com seu sistema, às revoluções infinitas e eternas do universo. Nessas noções, e naquela da coeternidade de espírito e matéria, a teogonia e cosmogonia dos Puranas, como elas aparecem no Vishnu Purana, pertencem a, e ilustram sistemas de

[84] अनाश्रित्येदमाख्यानं कथा भुवि न विद्यते । 'Não relacionada com essa narrativa, nenhuma história é conhecida sobre a terra.' Vol. I. pág. 11. l. 307.

{Na tradução em português esse trecho se encontra na pág. 27, do livro 1, Adi Parva: “Não há uma história circulante neste mundo que não dependa desta história assim como o corpo dos pés que ele usa.” E na pág. 40 do mesmo volume: “Não há uma história corrente no mundo que não dependa desta história, assim como o corpo do alimento que recebe.”}

grande antiguidade, da qual nós temos só rastros fragmentários nos registros de outras nações.

O curso da criação elementar no Vishnu, como em outros Puranas, é tirado da filosofia Sankhya; mas a agência que opera sobre a matéria passiva é exibida confusamente, por causa de uma adoção parcial da teoria ilusória da filosofia Vedanta, e a prevalência da doutrina purânica do panteísmo. Embora incompatível com a existência independente de Pradhana ou matéria bruta, e embora incongruente com a condição separada de puro espírito ou Purusha, é declarado repetidamente que Vishnu, como uno com o ser supremo, não é só espírito, mas matéria bruta; e não somente a última, mas toda a substância visível, e o Tempo. Ele é Purusha, 'espírito;' Pradhana, 'matéria bruta'; Vyakta, 'forma visível; ' e Kala, 'tempo.' Isso só pode ser considerado como um afastamento dos dogmas primitivos dos hindus, nos quais a distinção da Divindade e suas obras era enunciada; nos quais após ele desejar que o mundo existisse, este existiu; e no qual sua intervenção na criação, considerada como incompatível com a quietude da perfeição, foi explicada pela personificação de atributos em ação, que depois vieram a ser considerados como divindades reais, Brahma, Vishnu, e Shiva, encarregados respectivamente por um determinado período da criação, preservação, e aniquilação temporária de formas materiais. Essas divindades são, nas páginas seguintes, de forma coerente com a tendência de uma obra Vaishnava, declaradas não serem diferentes de Vishnu. Nos Saiva Puranas eles são de modo semelhante identificados com Shiva. Os Puranas, dessa maneira, mostrando e explicando a aparente incompatibilidade, da qual há indícios em outras mitologias antigas, entre três hipóstases distintas de uma divindade superior, e a identificação de uma ou outra dessas hipóstases com seu original comum e separado.

Depois que o mundo tinha sido preparado para a recepção de criaturas vivas, ele é povoado pelos filhos gerados da vontade de Brahma, os Prajapatis ou patriarcas, e sua posteridade. Parece que uma tradição primitiva da descendência do gênero humano a partir de sete personagens santos prevaleceu no princípio, mas que com o passar do tempo ela foi expandida em uma amplificação complicada, e nem sempre consistente. Como puderam esses Rishis ou patriarcas terem posteridade? Era necessário lhes proporcionar esposas. Para responder pela existência delas, o Manu Swayambhuva e sua esposa Satarupa foram adicionados ao esquema, ou Brahma se torna duplo, masculino e feminino, e filhas são então geradas, que se casam que com os Prajapatis. Sobre essa base várias lendas da natureza dupla de Brahma, algumas sem dúvida tão antigas quanto os Vedas, foram construídas; mas embora elas possam ter sido derivadas em algum grau da tradição autêntica da origem da humanidade a partir de um único par, contudo as circunstâncias destinadas a dar mais interesse e precisão à história são evidentemente de uma classe alegórica ou mística, e levadas, em tempos aparentemente posteriores, a uma grosseria de compreensão que não era nem a letra nem o espírito da lenda original. Swayambhuva, o filho nascido por si mesmo ou não tratado, e sua esposa Satarupa, a formada de cem ou multiforme, são eles mesmos alegorias; e seus descendentes femininos, que se tornam as esposas dos Rishis, são Fé, Devoção, Contentamento, Inteligência, Tradição, e semelhantes; enquanto entre sua posteridade nós temos as diferentes fases da lua, e os fogos sacrificais. Em outra criação a principal fonte de criaturas é o patriarca Daksha (habilidade), cujas filhas, Virtudes ou Paixões ou Fenômenos Astronômicos, são as mães de todas as coisas existentes. Essas lendas, confusas como elas parecem ser, parecem admitir solução permissível, na conjetura que os Prajapatis e Rishis eram personagens reais, os autores do sistema hindu de obrigações sociais, morais, e religiosas, e os primeiros observadores dos céus, e professores de ciência astronômica.

Os personagens reais do Swayambhuva Manwantara são somente poucos, mas eles são descritos no início como governando a terra no começo da sociedade, e

como introduzindo agricultura e civilização. Quanto da história deles se baseia em uma recordação tradicional de suas ações seria inútil conjeturar, embora não haja extravagância em supor que as lendas se referem a um período anterior ao total estabelecimento na Índia das instituições bramânicas. As lendas de Dhruva e Prahlada, que são misturadas com esses detalhes, são com toda probabilidade antigas, mas elas são ampliadas, de um modo concordante com o teor Vaishnava desse Purana, por doutrinas e preces afirmando a identidade de Vishnu com o supremo. Está claro que as histórias não se originam com estse Purana. Naquela de Prahlada particularmente, como futuramente indicado, circunstâncias essenciais à integralidade da história são somente aludidas, não recontadas; mostrando incontestavelmente que o escritor se utilizou de alguma autoridade anterior para sua narração.

O Segundo Livro

O segundo livro abre com uma continuação dos reis do primeiro Manwantara; entre os quais é dito que Bharata deu um nome para a Índia, chamada Bharata-varsha por causa dele. Isso leva a uma narração minuciosa do sistema geográfico dos Puranas, com o monte Meru, os sete continentes circulares, e seus oceanos circundantes, até os limites do mundo; todos os quais são ficções mitológicas, nos quais há pouca razão para imaginar que quaisquer verdades topográficas estão escondidas. Com relação a Bharata, ou Índia, o caso é diferente: as montanhas e rios que são mencionados são prontamente verificáveis, e as cidades e nações que são especificadas também podem em muitos casos serem provadas terem tido uma existência real. A lista não é muito longa no Vishnu Purana, e provavelmente é abreviada de alguma mais amplamente detalhada, como aquela que o Mahabharata fornece, e a qual, na esperança de fornecer informação com respeito a um assunto ainda imperfeitamente investigado, a condição política antiga da Índia, eu inseri e elucidei.

A descrição que esse livro também contém das esferas planetárias e outras é igualmente mitológica, embora ocasionalmente apresentando detalhes e noções práticas nas quais há uma aproximação à precisão. A lenda final de Bharata - em sua vida anterior o rei assim chamado, mas agora um brâmane, que adquire sabedoria verdadeira, e assim obtém libertação - é palpavelmente uma invenção do compilador, e é peculiar a esse Purana.

O Terceiro Livro

O arranjo dos Vedas e outros escritos considerados sagrados pelos hindus, sendo na realidade as autoridades de seus ritos e crenças religiosas, que é descrito no princípio do terceiro livro, é de muita importância para a história da literatura hindu, e da religião hindu. O sábio Vyasa é aqui representado, não como o autor, mas como o organizador ou compilador dos Vedas, dos Itihasas, e Puranas. Seu nome denota seu caráter, significando o 'organizador' ou o 'distribuidor;' e a recorrência de muitos Vyasas, muitos indivíduos que remodelaram as escrituras hindus, não tem nada de improvável, exceto os intervalos fabulosos pelos quais seus trabalhos estão separados. A recomposição, a remodelagem, de materiais velhos, é nada mais do que o que o progresso do tempo provavelmente tornaria necessário. A última compilação reconhecida é aquela de Krishna Dwaipayana, auxiliado por brâmanes que já estavam familiarizados com os assuntos respectivamente designados para eles. Eles eram os

sócios de um estabelecimento de ensino ou escola, suposto pelos hindus ter florescido em um período mais remoto, sem dúvida, do que a verdade, mas não totalmente improvável que tenha sido instituído em algum momento antes dos relatos da Índia que nós devemos a escritores gregos, e nos quais nós vemos bastante do sistema para justificar nossa inferência que ele estava então inteiro. Que houveram outros Vyasas e outras escolas desde aquela data, que brâmanes desconhecidos à fama tenham remodelado algumas das escrituras hindus, e especialmente os Puranas, não pode ser contestado razoavelmente, depois de pesar desapaixonadamente a evidência interna forte que todos eles fornecem da mistura de ingredientes não autorizados e comparativamente modernos. Mas o mesmo testemunho interno fornece prova igualmente decisiva da existência anterior de materiais antigos; e é portanto tão inútil quanto irracional discutir a antiguidade ou autenticidade da maior parte dos conteúdos dos Puranas, em face da abundante evidência positiva e circunstancial da prevalência das doutrinas que eles ensinam, a aceitação das lendas que eles narram, e a integridade das instituições que eles descrevem, pelo menos três séculos antes da era cristã. Mas a origem e desenvolvimento de suas doutrinas, tradições, e instituições não foram o trabalho de um dia; e o testemunho, que estabelece a existência deles três séculos antes do cristianismo, os levam para trás para uma antiguidade muito mais remota, para uma antiguidade que provavelmente não é superada por quaisquer das ficções, instituições, ou crenças prevalecentes do mundo antigo.

O resto do terceiro livro descreve as principais instituições dos hindus, os deveres de castas, as obrigações das diferentes fases da vida, e a celebração de ritos fúnebres, de uma maneira curta mas primitiva, e em harmonia com as leis de Manu. É uma característica distintiva do Vishnu Purana, e é característico de ele ser o trabalho de um período mais antigo que a maioria dos Puranas, que ele não ordena atos sectários ou outros de supererrogação; nem Vratas, observâncias auto-impostas ocasionais; nem feriados, nem aniversários de Krishna, nem noites dedicadas a Lakshmi; nem sacrifícios nem modos de adoração diferentes daqueles similares ao ritual dos Vedas. Ele não contém Mahatmyas, ou lendas douradas, até mesmo dos templos nos quais Vishnu é adorado.

O Quarto Livro

O quarto livro contém tudo o que os hindus têm de sua história antiga. Ele é uma lista toleravelmente abrangente de dinastias e indivíduos; é um registro sem graça de eventos. Mal pode ser duvidado, entretanto, que muito dele é uma crônica genuína de pessoas, se não de ocorrências. Que ele é desacreditado por absurdos palpáveis com relação à longevidade dos príncipes das dinastias mais antigas deve ser admitido, e os detalhes preservados de alguns deles são triviais e fabulosos; contudo há uma simplicidade e consistência inartificiais na sucessão de pessoas, e uma possibilidade e probabilidade em algumas das transações que dão a essas tradições a semelhança de autenticidade, e tornam provável que elas não sejam totalmente sem fundamento. De qualquer modo, na ausência de todas as outras fontes de informação, o registro, tal como ele é, não merece ser colocado de lado completamente. Não é essencial para sua credibilidade, ou sua utilidade, que qualquer ajuste cronológico exato dos diferentes reinados deva ser tentado. Sua distribuição entre os vários Yugas, empreendida por Sir Wm. Jones ou seus Pandits, não encontra aprovação dos textos originais além de uma informação incidental da época na qual um monarca específico regeu, ou o fato geral que as dinastias anteriores a Krishna precedem o tempo da grande guerra, e o começo da era Kali; ambos eventos que não nos obrigam, com os hindus, a colocar cinco mil anos atrás. Para aquela época a dinastia solar de príncipes oferece noventa e três descendentes, a lunar apenas

quarenta e cinco, embora ambas comecem ao mesmo tempo. Alguns nomes podem ter sido acrescentados à primeira lista, alguns omitidos na última; e parece provável que, apesar de seu começo sincrônico, os príncipes da raça lunar eram subsequentes àqueles da dinastia solar. Eles declaradamente se ramificaram da linha solar; e a lenda de Sudyumna[85], que explica a conexão, tem toda a aparência de ter sido inventada com a finalidade de atribuí-la a um período mais remoto que a verdade. Deduzindo porém do número maior de príncipes, uma proporção considerável, não há nada para abalar a probabilidade em supor que as dinastias hindus e suas ramificações estavam espalhadas por um intervalo de cerca de doze séculos anteriores à guerra do Mahabharata, e, conjeturando que aquele evento ocorreu aproximadamente quatorze séculos antes do cristianismo, levando dessa maneira o começo das dinastias reais da Índia a aproximadamente dois mil e seiscentos anos antes daquela data. Isso pode ou pode não ser muito remoto[86]; mas é suficiente, em um assunto onde precisão é impossível, estar satisfeito com a impressão geral, que nas dinastias de reis detalhadas nos Puranas nós temos um registro que, embora não possa deixar de ter sofrido detrimento de idade, e possa ter sido prejudicado por compilação descuidada ou imprudente, preserva um relato, não totalmente indigno de confiança, do estabelecimento e sucessão de monarquias regulares entre os hindus, de uma época tão antiga, e por uma duração tão contínua, como qualquer uma nos anais críveis da humanidade.

As circunstâncias que são contadas dos primeiros príncipes têm relação evidente com a colonização da Índia, e a extensão gradual da autoridade de raças novas sobre uma região despovoada ou incivilizada. Geralmente é admitido que a religião e civilização bramânica foram trazidas para a Índia de fora[87]. Certamente, há tribos nas fronteiras, e no coração do país, que até agora não são hindus; e passagens no Ramayana e Mahabharata e Manu, e as tradições uniformes dos próprios povos, indicam um período quando Bengala, Orissa, e o todo do Dekhin, eram habitados por degradados ou párias, isto é, por tribos bárbaras. As tradições dos Puranas confirmam essas idéias, mas elas não prestam nenhuma ajuda para a resolução da pergunta de onde os hindus vieram; se de uma nação Asiática central, como Sir Wm. Jones supôs, ou das montanhas Caucasianas, as planícies da Babilônia, ou as bordas do Cáspio, como conjeturado por Klaproth, Vans Kennedy, e Schlegel. As afinidades do idioma sânscrito provam uma origem comum das agora amplamente espalhadas nações entre cujos dialetos elas são rastreáveis, e tornam inquestionável que elas todas devem ter se espalhado de algum local central naquela parte do globo habitada primeiramente pela humanidade, de acordo com o registro inspirado. Se alguma indicação de tal evento pode ser descoberta nos Vedas, resta ser determinado; mas teria sido obviamente incompatível com o sistema purânico ter reportado a origem de príncipes e principados indianos a outras que não fontes nativas. Nós não precisamos então esperar deles qualquer informação sobre a origem estrangeira dos hindus.

Nós temos, portanto, meios totalmente insuficientes para chegar a alguma informação relativa ao período ante-indiano de história hindu, além da conclusão geral

---

[85] Página 282, n. 5.

[86] Embora incompatível com a computação comum do período que se supõe ter decorrido entre a inundação e o nascimento de Cristo, isto cai suficientemente dentro dos limites maiores que são atribuídos agora, nas melhores autoridades, àquele período. Como observado pelo Sr. Milman, em sua nota no comentário de Gibbon (II. 301.) que se refere a esse assunto; "A maioria dos protestantes ingleses modernos mais instruídos, como Dr. Hales, Sr. Faber, Dr. Russell, como também os escritores continentais, adotam a cronologia mais ampla." A esses pode ser somada a opinião do Dr. Mill que, por razões que ele detalhou inteiramente, identifica o começo da era Kali dos hindus, 3102 A. C., com a época do dilúvio. Christa Sangita, Introd., nota adicional.

[87] Sir Wm. Jones sobre os hindus (As. Res. vol. III.); Klaproth. Ásia Polyglotta; Vans Kennedy sobre a Origem de Idiomas; A. von Schlegel Origines des Hindous (Trans. R. Soc. of Literature).

derivável da presença atual de tribos bárbaras e aparentemente aborígines - da admitida extensão progressiva do Hinduísmo em partes da Índia onde ele não predominava quando o código de Manu foi compilado - do uso geral de dialetos na Índia, mais ou menos copiosos, que são diferentes do sânscrito - e das afinidades daquele idioma com formas de língua correntes no mundo ocidental - que um povo que falava sânscrito, e seguia a religião dos Vedas, chegou à Índia, em alguma época muito distante, de terras do oeste do Indus. Se a data e circunstâncias de sua imigração alguma vez serão determinadas é extremamente duvidoso, mas não é difícil formar um esboço plausível do seu primeiro local e colonização progressiva.

A primeira base dos hindus dentro dos confins do Hindustão foi indubitavelmente os confins orientais do Punjab. A terra santa de Manu e dos Puranas se encontra entre os rios Drishadwati e Saraswati, o Caggar e Sursooty de nossos mapas bárbaros. Várias aventuras dos primeiros príncipes e maior parte dos sábios famosos ocorrem nessa vizinhança; e os Asramas, ou domicílios religiosos, de vários dos últimos são colocados nas margens do Saraswati. De acordo com algumas autoridades, essa era residência de Vyasa, o compilador dos Vedas e Puranas; e segundo outra, quando em uma ocasião os Vedas tinham caído em desuso, e sido esquecidos, os brâmanes foram instruídos novamente neles por Saraswata, o filho de Saraswati[88*89]. Uma das mais famosas das tribos dos brâmanes é conhecida como a Saraswata[90]; e a mesma palavra é empregada pelo Sr. Colebrooke para denotar aquela modificação do sânscrito que geralmente é chamada de Prakrit, e que nesse caso ele supõe ter sido o idioma da "nação Saraswata, a qual ocupou as margens do rio Saraswati[91]." O próprio rio recebe seu título de Saraswati, a deusa do saber, sob cujo patrocínio a literatura sagrada dos hindus assumiu forma e autoridade. Essas indicações tornam certo que, quaisquer sementes que tenham sido importadas de fora, foi na região adjacente ao rio Saraswati que elas foram plantadas primeiro, e cultivadas e criadas no Hindustão.

A área de terra assim designada para o primeiro estabelecimento do Hinduísmo na Índia é de extensão muito circunscrita, e não poderia ter sido o local de qualquer tribo ou nação numerosa. As tradições que comprovam a primeira instalação dos hindus nessa região, atribuem aos colonizadores mais um caráter filosófico e religioso, do que um caráter mundano, e combina com os limites muito estreitos da terra santa para tornar possível que os primeiros emigrantes eram os membros, não de uma comunidade política, tanto quanto de uma comunidade religiosa; que eles eram uma colônia de sacerdotes, não no sentido restrito no qual nós usamos o termo, mas naquele no qual ele ainda se aplica na Índia, a um Agrahara, uma vila ou aldeia de brâmanes que, embora casados, e tendo famílias, e se ocupando da lavoura, em deveres domésticos, e na gestão de interesses profanos relacionados à comunidade, ainda dedicam sua principal atenção ao estudo sagrado e ofícios religiosos. Uma sociedade desse tipo, com seus artífices e criados, e talvez com um grupo de seguidores marciais, poderia ter encontrado um lar no Brahma-vartta de Manu, a terra que por isso foi intitulada 'a santa', ou mais literalmente 'a região brâmane;' e pode ter comunicado aos aborígines rudes, incivilizados, e analfabetos os rudimentos de organização social, literatura, e religião; parcialmente, com toda probabilidade, trazidos junto com eles, e em parte planejados e moldados gradualmente para as crescentes necessidades de condições novas de sociedade. Aqueles com quem essa civilização começou teriam tido amplos induzimentos para prosseguirem seu trabalho bem sucedido, e com o passar do tempo a melhoria que germinou nas margens do Saraswati foi estendida para além das margens do Jumna e do Ganges.

88* [Nota omitida].

89 Ver página 241, nota 9.

90 As. Res. vol. V. pág. 55.

91 As. Res. vol. VII. pág. 219.

Nós não temos nenhuma sugestão satisfatória dos estágios pelos quais a organização política do povo da Índia Superior atravessou o espaço entre o Saraswati e a região mais para o leste, onde ela parece ter tomado uma forma concentrada, e de onde ela divergiu em várias direções, por todo o Hindustão. O Manu do período presente, Vaivaswata, o filho do sol, é considerado como o fundador de Ayodhya; e aquela cidade continuou sendo a capital do ramo mais célebre dos descendentes dele, a posteridade de Ikshwaku. O Vishnu Purana evidentemente pretende descrever a irradiação de conquista ou colonização a partir deste local, nos relatos que ele dá da dispersão da posteridade de Vaivaswata; e embora seja difícil de entender o que poderia ter levado os primeiros colonizadores na Índia para tal local, ele não é inconvenientemente situado como uma posição dominante, de onde emigrações poderiam proceder para o leste, o oeste, e o sul. Isso parece ter acontecido: um ramo da casa de Ikshwaku se expandiu para Tirhut, constituindo os reis Maithila; e a posteridade de outros dos filhos de Vaivaswata reinou em Vaisali no Tirhut ou Saran ao sul.

As emigrações mais aventureiras, entretanto, ocorreram através da dinastia lunar que, como observado acima, se originou da solar, fazendo na realidade apenas uma raça e fonte para o todo. Não tomando em consideração a lenda da transformação dupla de Sudyumna, o primeiro príncipe de Pratishthana, uma cidade no sul de Ayodhya, era um dos filhos de Vaivaswata, igualmente com Ikshvaku. Os filhos de Pururavas, o segundo desse ramo, se estenderam, por si mesmos ou sua posteridade, em todas as direções: para o leste para Kasi, Magadha, Benares, e Behar; para o sul para as colinas Vindhya, e através delas para Vidarbha ou Berar; para o oeste ao longo do Narmada para Kusasthali ou Dwaraka em Guzerat; e em uma direção noroeste para Mathura e Hastinapura. Esses movimentos são muito distintamente encontráveis entre as circunstâncias narradas no quarto livro do Vishnu Purana, e são precisamente tais como poderiam ser esperadas de uma irradiação de colônias a partir de Ayodhya. Sugestões também ocorrem de instalações em Banga, Kalinga, e no Dakhin; mas elas são breves e indistintas, e têm a aparência de adições subsequentes à inclusão daquelas regiões dentro do âmbito do Hinduísmo.

Além desses rastros de migração e fundação, várias circunstâncias curiosas, não prováveis serem invenções não autorizadas, são indicadas nessas tradições históricas. A distinção de castas não estava totalmente desenvolvida antes da colonização. Dos filhos de Vaivaswata, alguns, como reis, eram Kshatriyas; mas um fundou uma tribo de brâmanes, outro se tornou um Vaisya, e um quarto um Sudra. É falado também de outros príncipes, que eles estabeleceram as quatro castas entre seus súditos[92]. Também há várias informações de Gotras ou famílias bramânicas, originando-se de linhagens Kshatriya[93], e há várias indicações de lutas violentas entre as duas castas governantes, não por domínio temporal, mas por domínio espiritual, o direito de ensinar os Vedas. Esse parece ser o sentido especial da hostilidade inveterada que prevaleceu entre o brâmane Vasishtha e o kshatriya Viswamitra que, como o Ramayana conta, obrigou os deuses a fazerem dele um brâmane também, e cuja posteridade se tornou muito célebre como os brâmanes Kausika. Outras lendas, também, como o sacrifício de Daksha, denotam contenda sectária; e a lenda de Parasurama revela um conflito até mesmo por autoridade profana entre as duas castas governantes. Mais ou menos peso será atribuído a essas conjeturas, de acordo com o temperamento de diferentes inquiridores; mas, mesmo enquanto totalmente cônscio da facilidade com a qual deduções plausíveis podem enganar a imaginação, e pouco disposto a afrouxar todo o freio sobre a imaginação, eu acho difícil de

92 Ver págs. 318-319. Pág. 343 etc.
93 Pág. 346, 350, 353, etc.

considerar essas lendas como ficções completamente insubstanciais, ou desprovidas de toda semelhança com as realidades do passado.

Depois da data da grande guerra, o Vishnu Purana, em comum com aqueles Puranas que contêm listas semelhantes, especifica reis e dinastias com maior precisão, e oferece detalhes políticos e cronológicos, aos quais por motivo de probabilidade não há nada que contestar. Na verdade sua precisão geral foi estabelecida indisputavelmente. Inscrições em colunas de pedra, em rochas, em moedas, decifradas somente nos últimos anos, por causa da ingenuidade e perseverança extraordinárias do Sr. James Prinsep, têm verificado os nomes de linhagem, e títulos de príncipes - os Rajas Gupta e Andhra, mencionados nos Puranas - e colocado além de disputa a identidade de Chandragupta e Sandrocoptus; dando-nos assim um ponto fixo a partir do qual computar a data de outras pessoas e eventos. Dessa maneira o Vishnu Purana especifica o intervalo entre Chandragupta e a grande guerra como sendo onze centenas de anos; e a ocorrência da última pouco mais que quatorze séculos A. C., como mostrado em minhas observações sobre a passagem[94], concorda notavelmente com conclusões de igual data a partir de diferentes premissas. As informações históricas que então vêm depois são consideravelmente confusas, mas elas provavelmente fornecem um quadro preciso das distrações políticas da Índia no tempo em que elas foram escritas; e muita da perplexidade surge do estado corrompido dos manuscritos, da brevidade obscura do registro, e nossa total carência dos meios de esclarecimento adicional.

O Quinto Livro

O quinto livro do Vishnu Purana trata exclusivamente da vida de Krishna. Essa é uma das características distintivas do Purana, e é um argumento contra sua antiguidade. É possível, embora ainda não provado, que Krishna, como um Avatara de Vishnu, seja mencionado em um texto incontestavelmente genuíno dos Vedas. Ele é visivelmente proeminente no Mahabharata, mas descrito lá de modo muito contraditório. A parte que ele normalmente executa é aquela de um mero mortal, embora sejam numerosas as passagens que atribuem divindade à pessoa dele. Porém, não há nenhuma descrição no Mahabharata de suas travessuras juvenis, de seus divertimentos em Vrindavan, de seus passatempos com os vaqueiros, ou mesmo de sua destruição dos Asuras enviados para matá-lo. Essas histórias têm todas uma aparência moderna; elas não se harmonizam com o tom das lendas antigas, que é geralmente grave, e às vezes majestoso; elas são as criações de um gosto pueril, e imaginação rastejante. Esses capítulos do Vishnu Purana oferecem algumas dificuldades quanto à sua originalidade. Eles são iguais àqueles sobre o mesmo assunto no Brahma Purana; eles não são muito diferentes daqueles do Bhagavata. O último tem alguns incidentes que o Vishnu não tem, e pode-se pensar, portanto, que ele aperfeiçoou a narrativa antecedente do último. Por outro lado, abreviação é igualmente uma prova de posterioridade assim como amplificação. O estilo mais simples do Vishnu Purana existe entretanto em favor de sua prioridade; e a composição mista do Brahma Purana torna provável que ele tenha emprestado esses capítulos do Vishnu. A vida de Krishna no Hari-vansa e o Brahma-vaivartta são incontestavelmente de data posterior.

---

94 Pág. 371, nota 81.

O Sexto Livro

O último livro contém um relato da dissolução do mundo, em ambos os seus cataclismos maiores e menores; e nos pormenores do fim de todas as coisas através de fogo e água, como também no princípio de sua renovação perpétua, apresenta uma exibição fiel de opiniões que eram gerais no mundo antigo[95]. A aniquilação metafísica do universo, pela libertação do espírito da existência corpórea, oferece, como já observado, outras analogias com doutrinas e práticas ensinadas por Pitágoras e Platão, e pelos cristãos platônicos de tempos posteriores.

Data do Vishnu Purana

O Vishnu Purana manteve muita clareza de detalhes a partir dos quais uma aproximação de sua data pode ser conjeturada. Nenhum lugar é descrito do qual a santidade tem algum limite conhecido, nem qualquer trabalho citado de provável composição recente. Os Vedas, os Puranas, outros trabalhos que formam o corpo da literatura sânscrita são citados, e assim é o Mahabharata, ao qual portanto ele é subsequente. Bauddhas e Jainas são mencionados. Ele foi escrito então antes dos primeiros terem desaparecido; mas eles existiram até tão recentemente quanto o décimo segundo século pelo menos em algumas partes da Índia; e é provável que o Purana tenha sido compilado antes daquele período. Os reis Gupta reinaram no sétimo século; o registro histórico do Purana que os menciona foi então posterior, e parece haver pouca dúvida que o mesmo alude às primeiras incursões dos muçulmanos, que aconteceram no oitavo século; o que o traz ainda mais para baixo. Ao descrever as últimas dinastias, algumas, se não todas, das quais eram indubitavelmente contemporâneas, elas são descritas como reinando mil setecentos e noventa e seis anos ao todo. Por que essa duração deveria ter sido escolhida não aparece, a menos que, junto com o número de anos que é dito que decorreu entre a grande guerra e o último da dinastia Andhra, que precedeu essas diferentes linhagens, e que chegou a dois mil trezentos e cinquenta, o compilador fosse influenciado pela data vigente na qual ele escreveu. O agregado dos dois períodos seria o ano Kali 4146, equivalente a 1045 D.C. Há alguma variedade e indistinção na enumeração dos períodos que compõem esse total, mas a data que resulta disso não é improvável ser uma aproximação àquela do Vishnu Purana.

É o motivo de orgulho da filosofia indutiva, que ela tira suas conclusões da observação cuidadosa e acumulação de fatos; e é igualmente o trabalho de toda pesquisa filosófica determinar seus fatos antes de se arriscar em especulação. Esse procedimento não foi observado na investigação da mitologia e tradições dos hindus. A impaciência para generalizar aproveitou-se vorazmente de tudo o que prometeu fornecer materiais para generalização; e as opiniões mais errôneas têm sido defendidas confiantemente, porque os guias nos quais seus autores confiaram eram ignorantes ou insuficientes. A informação compilada por Sir Wm. Jones foi coletada em uma época inicial do estudo do sânscrito, antes que o campo fosse cultivado. O mesmo pode ser dito dos escritos de Paulinus da St. Barolomaeo[96], com a desvantagem adicional de ele ter sido imperfeitamente familiarizado com o idioma e literatura sânscritos, e ocultar suas deficiências sob superioridade de pretensão e uma

[95] Burnet reuniu as opiniões do mundo antigo sobre esse assunto, rastreando-as, como diz ele, "até o povo mais primitivo, e aos primeiros aparecimentos de sabedoria, depois da inundação". O relato hindu explica o que está imperfeito ou contraditório na tradição antiga, como transmitidas de outras e menos cuidadosamente perpetuadas fontes. Teoria da Terra, livro. III. c. 3.

[96] Systema Brahmanicum, etc.

exibição pródiga de erudição mal empregada. Os documentos nos quais Wilford[97] confiou provaram ser em grande parte fabricações, e onde genuínos, estavam misturados com tanto assunto vago e não autenticado, e assim dominado por extravagância de especulação, que as citações dele precisam ser peneiradas cuidadosamente e habilidosamente, antes que elas possam ser empregadas utilmente. As descrições de Ward[98] são tingidas muito profundamente pelos preconceitos dele para serem confiados implicitamente; e elas também são derivadas em uma grande medida das comunicações orais ou escritas de pandits bengalis, que não são em geral muito profundamente versados nas autoridades de sua mitologia. Os relatos de Polier[99] foram de forma semelhante coletados de fontes questionáveis, e sua Mythologie des Hindous apresenta uma mistura heterogênea de contos populares e purânicos, de tradições antigas, e lendas aparentemente inventadas para a ocasião, o que torna a publicação pior que inútil, exceto nas mãos daqueles que podem distinguir o puro metal da liga. Tais são as autoridades nas quais Maurice, Faber, e Creuzer confiaram exclusivamente em sua descrição da mitologia hindu, e não é de se admirar que tenha havido uma confusão total de bom e ruim em sua seleção de materiais, e uma mistura inextricável de verdade e erro em suas conclusões. Seus trabalhos consequentemente estão longe de terem direito àquela confiança que a erudição e diligência deles de outra maneira teriam assegurado; e uma pesquisa sensata e abrangente do sistema hindu ainda está faltando para a análise comparativa das opiniões religiosas do mundo antigo, e para uma elucidação satisfatória de um capítulo importante na história da raça humana. É com a esperança de fornecer alguns dos meios necessários para a realização desses objetivos que as seguintes páginas foram traduzidas.

Conclusão

A tradução do Vishnu Purana foi feita a partir de uma colação de vários manuscritos em minha posse. Eu tinha três quando eu comecei o trabalho, dois em Devanagari, e um na letra bengali; um quarto, do oeste da Índia, foi dado a mim pelo Major Jervis, quando algum progresso tinha sido feito, e ao conduzir a última metade da tradução pela máquina de impressão, eu a comparei com três outras cópias na biblioteca da Companhia da Índia Oriental. Todas essas cópias concordam de perto; não apresentando outras diferenças além de variedades ocasionais de leitura, devidas principalmente à desatenção ou inexatidão do transcritor. Quatro das cópias foram acompanhadas por um comentário, essencialmente o mesmo, embora variando ocasionalmente; e atribuídos, em parte pelo menos, a dois diferentes escoliastas. As anotações nos primeiros dois livros e no quinto estão em dois manuscritos ditos serem o trabalho de Sridhara Yati, o discípulo de Parananda, e que é portanto o mesmo que Sridhara Swami, o comentador sobre o Bhagavata. Nos outros três livros esses dois manuscritos concordam com outros dois em citar o comentarista Ratnagarbha Bhatta, que naqueles dois é o autor das notas no trabalho inteiro. Os versos introdutórios de seu comentário o especificam como o discípulo de Vidya-vachaspati, o filho de Hiranyagarbha, e neto de Madhava, que compôs seu comentário por desejo de Suryakara, filho de Ratinath, Misra, filho de Chandrakara, ministros hereditários de algum soberano que não é especificado. Nas ilustrações que são atribuídas a esses diferentes escritores há tanta conformidade, que um ou outro está largamente endividado com seu antecessor. Eles ambos se referem a comentários mais antigos. Sridhara cita os trabalhos de Chit-sukha-yoni e outros, mais extensos e mais concisos;

97 Asiatic Researches.
98 Account of the Hindus.
99 Mythologie des Hindous, editado por Canoness Polier.

entre os quais, o próprio dele, o qual ele chama de Atma - ou Swa-prakasa, 'auto-iluminador', possui um caráter intermediário. Ratnagarbha intitula o dele, Vaishnavakuta chandrika, 'o luar de devoção a Vishnu.' As datas desses comentaristas não são determináveis, tanto quanto eu sei, a partir de quaisquer dos detalhes que eles especificaram.

Nas notas que eu acrescentei à tradução, eu desejei principalmente comparar as declarações do texto com aquelas de outros Puranas, e mostrar as circunstâncias nas quais eles diferem ou concordam; de modo a tornar a presente publicação um tipo de concordância com o todo, porque não é muito provável que muitos deles sejam publicados ou traduzidos. O Índice* que vem depois foi feito suficientemente copioso para servir aos propósitos de um dicionário mitológico e histórico, até onde os Puranas, ou o maior número deles, fornecem materiais.

Ao traduzir o texto para o inglês, eu aderi a ele tão literalmente quanto era compatível com alguma consideração aos usos de composição inglesa. Em geral o original apresenta poucas dificuldades. O estilo dos Puranas é muito comumente humilde e fácil, e a narrativa é contada claramente e singelamente. Nos discursos para as divindades, nos desenvolvimentos sobre a natureza divina, nas descrições do universo, e em discussão argumentativa e metafísica, ocorrem passagens nas quais a dificuldade que surge do próprio assunto é aumentada pela maneira breve e obscura na qual ele é tratado. Em tais ocasiões eu derivei muita ajuda do comentário, mas é possível que eu possa às vezes ter compreendido mal e distorcido o original; e também é possível que eu possa às vezes ter falhado em expressar seu significado com precisão suficiente para tê-lo feito inteligível. Eu confio, entretanto, que esse não será frequentemente o caso, e que a tradução do Vishnu Purana será de utilidade e de interesse para os poucos que, nesses tempos de egoísmo utilitário, opinião conflitante, virulência partidária, e agitação política, podem achar um lugar de descanso para seus pensamentos na contemplação tranquila daqueles quadros ainda vivos do mundo antigo que são exibidos pela literatura e mitologia dos hindus.

* Transformado em Glossário, na tradução para o português, com as mínimas alterações necessárias.

CONTEÚDOS

LIVRO 1

Capítulo 1 - Prece. Maitreya pergunta para seu professor, Parasara, a origem e natureza do universo. Parasara executa um rito para destruir os demônios; repreendido por Vasishtha, ele desiste; Pulastya aparece, e concede a ele conhecimento divino; ele repete o Vishnu Purana. Vishnu a origem, existência, e fim de todas as coisas.

Capítulo 2 - Oração de Parasara para Vishnu. Narração sucessiva do Vishnu Purana. Explicação de Vasudeva; sua existência antes da criação; suas primeiras manifestações. Descrição de Pradhana, ou o princípio essencial das coisas. Cosmogonia. De Prakrita, ou criação material; do tempo; da causa ativa. Desenvolvimento de efeitos; Mahat; Ahankara; Tanmatras; elementos; objetos do sentido; sentidos; do ovo do mundo. Vishnu igual a Brahma o criador; Vishnu o preservador; Rudra o destruidor.

Capítulo 3 - Medida de tempo. Momentos ou Kashthas, etc.; dia e noite, quinzena, mês, ano, ano divino; Yugas, ou eras; Mahayuga, ou grande era; dia de Brahma; períodos dos Manus; um Manwantara; noite de Brahma, e destruição do mundo; um ano de Brahma; sua vida; um Kalpa; um Pararddha; o passado, ou Padma Kalpa; o atual, ou Varaha.

Capítulo 4 - O aparecimento de Narayana, no princípio do Kalpa, como o Varaha ou javali; Prithivi (Terra) se dirige a ele; ele ergue o mundo de debaixo das águas; louvado por Sanandana e os logues. A terra flutua no oceano; dividida em sete zonas. As esferas mais baixas do universo restabelecidas. Criação renovada.

Capítulo 5 - Vishnu como Brahma cria o mundo. Características gerais da criação. Brahma medita, e dá origem a coisas imóveis, animais, deuses, homens. Criação específica de nove tipos; Mahat, Tanmatra, Aindriya, objetos inanimados, animais, deuses, homens, Anugraha, e Kaumara. Relato mais específico da criação. Origem de diferentes classes de seres do corpo de Brahma sob diferentes condições; e dos Vedas a partir das bocas dele. Todas as coisas criadas novamente como elas existiam em um Kalpa anterior.

Capítulo 6 - Origem das quatro castas; seu estado primitivo. Progresso da sociedade. Diferentes tipos de grãos. Eficácia do sacrifício. Deveres dos homens; regiões designadas para eles depois da morte.

Capítulo 7 - Criação continuada. Produção dos filhos nascidos da mente de Brahma; dos Prajapatis; de Sanandana e outros; de Rudra e dos onze Rudras; do Manu Swayambhuva, e sua esposa Satarupa; dos filhos deles. As filhas de Daksha, e seu casamento com Dharma e outros. A progênie de Dharma e Adharma. A sucessão perpétua de mundos, e modos diferentes de dissolução mundana.

Capítulo 8 - Origem de Rudra; ele se tornando oito Rudras; suas esposas e filhos. A posteridade de Bhrigu. Relato de Sri em união com Vishnu. Sacrifício de Daksha.

Capítulo 9 - Lenda de Lakshmi. Durvasas dá uma guirlanda para Indra; ele a trata desrespeitosamente, e é amaldiçoado pelo Muni. O poder dos deuses enfraquecido;

eles são oprimidos pelos Danavas, e recorrem a Vishnu. O batimento do oceano. Louvores de Sri.

Capítulo 10 - Os descendentes das filhas de Daksha casadas com os Rishis.

Capítulo 11 - Lenda de Dhruva, o filho de Uttanapada; ele é tratado indelicadamente pela segunda esposa de seu pai; recorre à sua mãe; o conselho dela; ele decide se ocupar em exercícios religiosos; vê os sete Rishis que recomendam que ele propicie Vishnu.

Capítulo 12 - Dhruva começa um curso de austeridades religiosas. Tentativas malsucedidas de Indra e seus ministros para distrair a atenção de Dhruva; eles apelam a Vishnu que acalma seus medos e aparece para Dhruva. Dhruva louva Vishnu, e é elevado para os céus como a estrela polar.

Capítulo 13 - Posteridade de Dhruva. Lenda de Vena; sua impiedade; ele é executado pelos Rishis. Anarquia se segue. A produção de Nishada e Prithu; o último o primeiro rei. A origem de Suta e Magadha; eles enumeram os deveres dos reis. Prithu obriga a Terra a reconhecer sua autoridade; ele a nivela; introduz cultivo, ergue cidades. Terra chamada de Prithivi por causa dele; simbolizada como uma vaca.

Capítulo 14 - Descendentes de Prithu. Lenda dos Prachetasas; eles são desejados por seu pai para multiplicar a humanidade, por adorar Vishnu; eles mergulham no mar, e meditam nele e o louvam; ele aparece, e concede os desejos deles.

Capítulo 15 - O mundo coberto com árvores; elas são destruídas pelos Prachetasas. Soma os pacifica, e lhes dá Marisha como esposa; a história dela; a filha da ninfa Pramlocha. Lenda de Kandu. A história anterior de Marisha. Daksha o filho dos Prachetasas; as diferentes qualidades dele; seus filhos, suas filhas; os matrimônios e progênie deles; alusão a Prahlada, seu descendente.

Capítulo 16 - Indagações de Maitreya com respeito à história de Prahlada.

Capítulo 17 - Lenda de Prahlada. Hiranyakasipu o soberano do universo; os deuses dispersados, ou em servidão a ele; Prahlada, seu filho, permanece devotado a Vishnu; questionado por seu pai, ele louva Vishnu; Hiranyakasipu ordena que ele seja executado, mas em vão; sua repetida libertação; ele ensina seus companheiros a adorarem Vishnu.

Capítulo 18 - As tentativas reiteradas de Hiranyakasipu para destruir seu filho; elas sendo sempre frustradas.

Capítulo 19 - Diálogo entre Prahlada e seu pai; ele é lançado do topo do palácio, ileso; frustra os encantamentos de Samvara; ele é lançado acorrentado no mar; ele louva Vishnu.

Capítulo 20 - Vishnu aparece para Prahlada. Hiranyakasipu cede, e é reconciliado com seu filho; ele é executado por Vishnu como o Nrisimha. Prahlada se torna rei dos Daityas; sua posteridade; resultados de ouvir a história dele.

Capítulo 21 - Famílias dos Daityas. Descendentes de Kasyapa com Danu. Filhos de Kasyapa com suas outras esposas. Nascimento dos Marutas, os filhos de Diti.

Capítulo 22 - Domínio sobre diferentes províncias da criação designadas para diferentes seres. Universalidade de Vishnu. Quatro variedades de contemplação

espiritual. Duas condições de espírito. Os atributos perceptíveis de Vishnu símbolos das propriedades imperceptíveis dele. Vishnu todas as coisas. Mérito de ouvir o primeiro livro do Vishnu Purana.

LIVRO 2

Capítulo 1 - Descendentes de Priyavrata, o filho primogênito de Swayambhuva Manu; os dez filhos dele; três adotam uma vida religiosa; os outros se tornam reis das sete Dwipas, ou ilhas, da terra. Agnidhra, rei de Jambu-dwipa, a divide em nove partes, as quais ele distribui entre seus filhos. Nabhi, rei do sul, sucedido por Rishabha; e ele por Bharata; Índia recebe o nome dele, Bharata; seus descendentes reinam durante o Swayambhuva Manwantara.

Capítulo 2 - Descrição da terra. As sete Dwipas e sete mares. Jambu-dwipa. Monte Meru: sua extensão e limites. Extensão de Ilavrita. Bosques, lagos, e ramos de Meru. Cidades dos deuses. Rios. As formas de Vishnu adoradas em diferentes Varshas.

Capítulo 3 - Descrição de Bharata-varsha: extensão, principais montanhas, nove divisões, principais rios e montanhas próprios de Bharata; principais nações, superioridade sobre outros Varshas, especialmente como a base de atos religiosos. Listas topográficas: Montanhas e Rios; Povos e Regiões.

Capítulo 4 - Descrição de reis, divisões, montanhas, rios, e habitantes das outras Dwipas, isto é, Plaksha, Salmala, Kusa, Krauncha, Saka, e Pushkara, dos oceanos que as separam, das marés, dos confins da terra; a montanha Lokaloka. Extensão do todo.

Capítulo 5 - Das sete regiões de Patala, abaixo da terra. Os louvores de Narada a Patala. Relato da serpente Sesha. Primeiro professor de astronomia e astrologia.

Capítulo 6 - Dos diferentes infernos, ou divisões de Naraka, abaixo de Patala; os crimes punidos neles respectivamente; eficácia de expiação; meditação em Vishnu a expiação mais efetiva.

Capítulo 7 - Extensão e posição das sete esferas, isto é, terra, céu, planetas, Mahar-loka, Jana-loka, Tapo-loka, e Satya-loka. Do ovo de Brahma, e seus envoltórios elementares. Da influência da energia de Vishnu.

Capítulo 8 - Descrição do sol: sua carruagem, seus dois eixos, seus cavalos. As cidades dos regentes dos pontos cardeais. O curso do sol; natureza de seus raios; seu caminho ao longo da elíptica. Duração do dia e da noite. Divisões de tempo: equinócios e solstícios, meses, anos, o Yuga cíclico, ou era de cinco anos. Declinações do norte e do sul. Santos na montanha Lokaloka. Caminhos celestiais dos Pitris, deuses, Vishnu. Origem de Ganga, e separação, no topo de Meru, em quatro grandes rios.

Capítulo 9 - Sistema Planetário, sob o símbolo de um Sisumara, ou toninha {ou golfinho}. A terra nutrida pelo sol. De chuva enquanto o sol brilha. De chuva das nuvens. Chuva o sustento da vegetação, e por isso da vida animal. Narayana o sustento de todos os seres.

Capítulo 10 - Nomes dos doze Adityas. Nomes dos Rishis, Gandharbas, Apsarasas, Yakshas, Uragas, e Rakshasas que acompanham a carruagem do sol em cada mês do ano. Suas respectivas funções.

Capítulo 11 - O sol distinto de, e supremo acima, dos acompanhantes de seu carro; idêntico aos três Vedas e a Vishnu; suas funções.

Capítulo 12 - Descrição da lua: sua carruagem, cavalos, e curso, alimentada pelo sol; drenada periodicamente de ambrosia pelos progenitores e deuses. As carruagens e cavalos dos planetas; mantidos em suas órbitas por correntes etéreas presas a Dhruva. Membros típicos do boto planetário. Somente Vasudeva real.

Capítulo 13 - Lenda de Bharata. Bharata abdica de seu trono, e torna-se um asceta; trata de um corço, e fica tão apegado a ele a ponto de negligenciar suas devoções; ele morre; seus nascimentos sucessivos; trabalhos nos campos, e é afligido como um carregador de palanquim para o Raja de Sauvira; repreendido por sua inabilidade; sua resposta; diálogo entre ele e o rei.

Capítulo 14 - Diálogo continua. Bharata explica a natureza da existência, o fim da vida, e a identificação do espírito individual com o espírito universal.

Capítulo 15 - Bharata conta a história de Ribhu e Nidagha. O último, o aluno do primeiro, torna-se um príncipe, e é visitado por seu preceptor, que explica a ele os princípios de unidade, e parte.

Capítulo 16 - Ribhu volta ao seu discípulo, e o aperfeiçoa em conhecimento divino. O mesmo indicado ao Raja por Bharata, que logo após obtém libertação final. Consequências de ouvir essa lenda.

LIVRO 3

Capítulo 1 - Descrição dos vários Manus e Manwantaras. Swarochisha o segundo Manu; as divindades, o Indra, os sete Rishis do período dele, e os filhos dele. Detalhes semelhantes de Auttami, Tamasa, Raivata, Chakshusha, e Vaivaswata. As formas de Vishnu, como o preservador, em cada Manwantara. O significado de Vishnu.

Capítulo 2 - Dos sete Manus e Manwantaras futuros. História de Sanjna e Chhaya, esposas do sol. Savarni, filho de Chhaya, o oitavo Manu. Os sucessores dele, com as divindades, etc. de seus respectivos períodos. Aparecimento de Vishnu em cada um dos quatro Yugas.

Capítulo 3 - Divisão do Veda em quatro partes, por um Vyasa, em toda era Dwapara. Lista dos vinte e oito Vyasas do Manwantara atual. Significado da palavra Brahma.

Capítulo 4 - Divisão do Veda, na última era Dwapara, pelo Vyasa Krishna Dwaipayana. Paila feito leitor do Rich; Vaisampayana do Yajush; Jaimini do Saman; e Sumantu do Atharvan. Suta designado para ensinar os poemas históricos. Origem das quatro partes do Veda. Samhitas do Rig-veda.

Capítulo 5 - Divisões do Yajur-veda. História de Yajnawalkya; forçado a desistir do que ele aprendeu; adquirido por outros, formando o Taittiriya-yajush. Yajnawalkya adora o sol, que comunica a ele o Vajasaneyi-yajush.

Capítulo 6 - Divisões do Sama-veda; do Atharva-veda. Quatro Samhitas purânicos. Nomes dos dezoito Puranas. Ramos de conhecimento. Classes de Rishis.

Capítulo 7 - Por quais meios homens são libertos da autoridade de Yama, como narrado por Bhishma para Nakula. Diálogo entre Yama e um de seus criados. Adoradores de Vishnu não sujeitos a Yama. Como eles devem ser conhecidos.

Capítulo 8 - Como Vishnu deve ser adorado, como narrado por Aurva para Sagara. Deveres das quatro castas, separadamente e em comum; também em época de infortúnio.

Capítulo 9 - Deveres do estudante religioso, chefe de família, ermitão, e mendicante.

Capítulo 10 - Cerimônias a serem observadas ao nascimento e ao dar nome a uma criança. De casamento, ou levar uma vida religiosa. Escolha de uma esposa. Diferentes modos de casamento.

Capítulo 11 - Dos Sadacharas, ou obrigações perpétuas de um chefe de família. Purificações, abluções, libações, e oblações diárias; hospitalidade; ritos fúnebres; cerimônias a serem observadas em refeições, culto de manhã e à noite, e ao ir descansar.

Capítulo 12 - Obrigações diversas - purificatórias, cerimoniais, e morais.

Capítulo 13 - De Sraddhas, ou ritos em honra de antepassados, para serem executados em ocasiões de alegria. Cerimônias fúnebres. Do Ekoddishta ou Sraddha mensal, e o Sapindana ou anual. Por quem serem realizados.

Capítulo 14 - De Sraddhas ocasionais, ou cerimônias fúnebres; quando mais eficazes, e em quais lugares.

Capítulo 15 - Quais brâmanes devem ser entretidos em Sraddhas. Diferentes orações a serem recitadas. Oferendas de alimento para serem apresentadas para antepassados falecidos.

Capítulo 16 - Coisas apropriadas para serem oferecidas como alimento para ancestrais falecidos; coisas proibidas. Circunstâncias que arruínam um Sraddha; como ser evitadas. Canção dos Pitris, ou progenitores, ouvida por Ikshwaku.

Capítulo 17 - De hereges, ou aqueles que rejeitam a autoridade dos Vedas; sua origem, como descrita por Vasishtha para Bhishma; os deuses, derrotados pelos Daityas, louvam Vishnu; um ser ilusório, ou Buda, produzido do corpo dele.

Capítulo 18 - Buda vai para a terra, e ensina os Daityas a menosprezarem os Vedas; as doutrinas céticas dele; sua proibição de sacrifícios animais. Significado do termo Bauddha. Jainas e Bauddhas; suas doutrinas. Os Daityas perdem seu poder, e são superados pelos deuses. Significado do termo Nagna. Consequências da negligência do dever. História de Satadhanu e sua esposa Saivya. Comunhão com hereges deve ser evitada.

LIVRO 4

Capítulo 1 - Dinastias de reis. Origem da dinastia solar de Brahma. Filhos do Manu Vaivaswata. Transformações de Ila ou Sudyumna. Descendentes dos filhos de Vaivaswat; aqueles de Nedishta. Grandeza de Marutta. Reis de Vaisali. Descendentes de Saryati. Lenda de Raivata; sua filha Revati casada com Balarama.

Capítulo 2 - Dispersão dos descendentes de Revata; aqueles de Dhrishta; aqueles de Nabhaga. Nascimento de Ikshwaku, o filho de Vaivaswata; os filhos dele. Linha de Vikukshi. Lenda de Kakutstha; de Dhundhumara; de Yuvanaswa; de Mandhatri; suas filhas casadas com Saubhari.

Capítulo 3 - Saubhari e suas esposas adotam uma vida ascética. Descendentes de Mandhatri. Lenda de Narmada e Purukutsa. Lenda de Trisanku. Bahu expulso de seu reino pelos Haihayas e Talajanghas. Nascimento de Sagara; ele conquista os bárbaros, impõe sobre eles usos distintivos, e os exclui de oferendas ao fogo, e do estudo dos Vedas.

Capítulo 4 - A progênie de Sagara; a maldade deles; ele executa um Aswamedha; o cavalo roubado por Kapila; encontrado pelos filhos de Sagara, que são todos destruídos pelo sábio; o cavalo recuperado por Ansumat; seus descendentes. Lenda de Mitrasaha ou Kalmashapada, o filho de Sudasa. Lenda de Khatwanga. Nascimento de Rama e os outros filhos de Dasaratha. Epítome da história de Rama; os descendentes dele, e aqueles dos irmãos dele. Linha de Kusa. Vrihadbala, o último, morto na grande guerra.

Capítulo 5 - Reis de Mithila. Lenda de Nimi, o filho de Ikshwaku. Nascimento de Janaka. Sacrifício de Siradhwaja. Origem de Sita. Descendentes de Kusadhwaja. Krita o último dos príncipes Maithila.

Capítulo 6 - Reis da dinastia lunar. Origem de Soma ou a lua; ele arrebata Tara, a esposa de Vrihaspati; guerra entre os deuses e Asuras em consequência; apaziguados por Brahma. Nascimento de Budha; casado com Ila, filha de Vaivaswata. Lenda de seu filho Pururavas, e a ninfa Urvasi; o primeiro institui oferendas com fogo; ascende à esfera dos Gandharbas.

Capítulo 7 - Filhos de Pururavas. Descendentes de Amavasu. Indra nascido como Gadhi. Lenda de Richika e Satyavati. Nascimento de Jamadagni e Viswamitra. Parasurama o filho do primeiro. Lenda de Parasurama. Sunahsephas e outros os filhos de Viswamitra, formando a linhagem Kausika.

Capítulo 8 - Filhos de Ayus. Linha de Kshatravriddha, ou reis de Kasi. Nascimento anterior de Dhanwantari. Vários nomes de Pratarddana. Grandeza de Alarka.

Capítulo 9 - Descendentes de Raji, filho de Ayus; Indra renuncia a seu trono para ele; reivindicado depois de sua morte por seus filhos, que apostatam da religião dos Vedas, e são destruídos por Indra. Descendentes de Pratikshatra, filho de Kshatravriddha.

Capítulo 10 - Os filhos de Nahusha. Os filhos de Yayati; ele é amaldiçoado por Sukra; deseja que seus filhos troquem seu vigor pelas fraquezas dele. Só Puru concorda. Yayati devolve a ele sua juventude; divide a terra entre seus filhos, sob a supremacia de Puru.

Capítulo 11 - A linhagem Yadava, ou descendentes de Yadu. Karttavirya obtém uma bênção de Dattatreya; captura Ravana; é morto por Parasurama; seus descendentes.

Capítulo 12 - Descendentes de Kroshtri. Afeição conjugal de Jyamagha por sua esposa Saivya; seus descendentes reis de Vidarbha e Chedi.

Capítulo 13 - Filhos de Satwata. Príncipes Bhoja de Mrittikavati. Surya o amigo de Satrajit: aparece para ele em uma forma corpórea, lhe dá a pedra preciosa

Syamantaka; seu brilho e propriedades maravilhosas. Satrajit a dá para Prasena, que é morto por um leão; o leão morto pelo urso Jambavat. Krishna suspeito de matar Prasena, vai procurá-lo nas florestas; segue os rastros o urso até sua caverna; luta com ele pela jóia; a disputa prolongada; seus companheiros supõem que ele foi morto; ele derrota Jambavat, e se casa com a filha dele Jambavati, volta com ela e a jóia para Dwaraka; devolve a jóia para Satrajit, e se casa com a filha dele Satyabhama. Satrajit assassinado por Satadhanwan, vingado por Krishna. Disputa entre Krishna e Balarama. Akrura possuidor da jóia, deixa Dwaraka. Calamidades públicas. Reunião dos Yadavas. História do nascimento de Akrura, ele é convidado a retornar, acusado por Krishna de ter a jóia Syamantaka; a exibe em assembléia lotada; ela permanece sob responsabilidade dele; Krishna absolvido de tê-la furtado.

Capítulo 14 - Descendentes de Sini, de Anamitra, de Swaphalka e Chitraka, de Andhaka. Os filhos de Devaka e Ugrasena. Os descendentes de Bhajamana. Filhos de Sura; seu filho Vasudeva; sua filha Pritha casada com Pandu; filhos dela, Yudhishthira e seus irmãos; também Karna com Aditya. Os filhos de Pandu com Madri. Maridos e filhos das outras filhas de Sura. Nascimentos prévios de Sisupala.

Capítulo 15 - Explicação da razão por que Sisupala em seus nascimentos anteriores como Hiranyakasipu e Ravana não foi identificado com Vishnu ao ser morto por ele, e foi assim identificado quando morto como Sisupala. As esposas de Vasudeva; seus filhos; Balarama e Krishna seus filhos com Devaki; nascidos aparentemente de Rohini e Yasoda. As esposas e filhos de Krishna. Multidão dos descendentes de Yadu.

Capítulo 16 - Descendentes de Turvasu.

Capítulo 17 - Descendentes de Druhyu.

Capítulo 18 - Descendentes de Anu. Países e cidades que receberem os nomes de alguns deles, como Anga, Banga, e outros.

Capítulo 19 - Descendentes de Puru. Nascimento de Bharata, o filho de Dushyanta; seus filhos mortos; adota Bharadwaja ou Vitatha. Hastin, fundador de Hastinapur. Filhos de Ajamidha, e as tribos derivadas deles, como Panchalas, etc. Kripa e Kripi encontrados por Santanu. Descendentes de Riksha, o filho de Ajamidha. Kurukshetra chamada pelo nome de Kuru. Jarasandha e outros, reis de Magadha.

Capítulo 20 - Descendentes de Kuru. Devapi abdica do trono; assumido por Santanu; ele é confirmado pelos brâmanes; Bhishma seu filho com Ganga; seus outros filhos. Nascimento de Dhritarashtra, Pandu, e Vidura. Os cem filhos de Dhritarashtra. Os cinco filhos de Pandu; casados com Draupadi; a posteridade deles. Parikshit, neto de Arjuna, o rei predominante.

Capítulo 21 - Reis futuros. Descendentes de Parikshit, terminando com Kshemaka.

Capítulo 22 - Reis futuros da família de Ikshwaku, terminando com Sumitra.

Capítulo 23 - Reis futuros de Magadha, descendentes de Vrihadratha.

Capítulo 24 - Reis futuros de Magadha. Cinco príncipes da linha de Pradyota. Dez Saisunagas. Nove Nandas. Dez Mauryas. Dez Sungas. Quatro Kanwas [Kanwayanas]. Trinta Andhrabhrityas. Reis de várias tribos e castas, e períodos de seu governo. Predomínio de bárbaros. Raças diferentes em regiões diferentes. Período de iniquidade e decadência universal. Vinda de Vishnu como Kalki. Destruição dos maus, e restauração das práticas dos Vedas. Fim da Kali, e retorno da era Krita. Duração da

Kali. Versos cantados pela Terra, e comunicados por Asita a Jamaka. Fim do quarto livro.

LIVRO 5

Capítulo 1 - A morte de Kansa anunciada. A Terra, oprimida pelos Daityas, recorre aos deuses. Eles a acompanham até Vishnu, que promete lhe dar alívio. Kansa prende Vasudeva e Devaki. Instruções de Vishnu para Yoganidra.

Capítulo 2 - A concepção de Devaki; a aparência dela; ela é louvada pelos deuses.

Capítulo 3 - Nascimento de Krishna; levado por Vasudeva para Mathura, e trocado com a filha recém-nascida de Yasoda. Kansa tenta destruir a última, que se torna Yoganidra.

Capítulo 4 - Kansa se dirige aos seus amigos, anuncia seu perigo, e ordena que os meninos sejam executados.

Capítulo 5 - Nanda volta com os meninos Krishna e Balarama para Gokula. Putana morta pelo primeiro. Preces de Nanda e Yasoda.

Capítulo 6 - Krishna vira um carroção; derruba duas árvores. Os Gopas partem para Vrindavana. Divertimentos dos meninos. Descrição da estação das chuvas.

Capítulo 7 - Krishna combate a serpente Kaliya; temor de seus pais e companheiros; ele domina a serpente, e é propiciado por ele; manda-o partir do rio Yamuna para o oceano.

Capítulo 8 - O demônio Dhenuka destruído por Rama.

Capítulo 9 - Passatempo dos meninos na floresta. Pralamba o Asura chega entre eles; é destruído por Rama, ao comando de Krishna.

Capítulo 10 - Descrição do outono. Krishna dissuade Nanda de adorar Indra; recomenda que ele e os Gopas adorem o gado e as montanhas.

Capítulo 11 - Indra, ofendido pela perda de suas oferendas, faz chuvas pesadas inundarem Gokula. Krishna levanta a montanha Govarddhana para abrigar os vaqueiros e seu gado.

Capítulo 12 - Indra vai a Gokula; louva Krishna, e o faz príncipe do gado. Krishna promete ajudar Arjuna.

Capítulo 13 - Krishna glorificado pelos vaqueiros; suas brincadeiras com as Gopis; sua imitação e amor dele. A dança Rasa.

Capítulo 14 - Krishna mata o demônio Arishta, na forma de um touro.

Capítulo 15 - Kansa informado por Narada da existência de Krishna e Balarama; ele envia Kesin para destruí-los, e Akura para trazê-los para Mathura.

Capítulo 16 - Kesin, na forma de um cavalo, morto por Krishna; ele é elogiado por Narada.

Capítulo 17 - A meditação de Akrura em Krishna; a chegada dele a Gokula; seu deleite ao ver Krishna e seu irmão.

Capítulo 18 - Aflição das Gopis na partida de Krishna e Balarama com Akrura; sua partida de Gokula. Akrura se banha no Yamuna; vê as formas divinas dos dois jovens, e louva Vishnu.

Capítulo 19 - Akrura leva Krishna e Rama perto de Mathura, e os deixa; eles entram na cidade. Insolência de lavadeiro de Kansa, Krishna o mata. Civilidade de um vendedor de flores, Krishna dá sua bênção a ele.

Capítulo 20 - Krishna e Balarama encontram Kubja; ela é endireitada pelo primeiro; eles procedem para o palácio. Krishna quebra um arco destinado a um teste de armas. Ordens de Kansa para seus criados. Jogos públicos. Krishna e seu irmão entram na arena: o primeiro luta com Chanura, o último com Mushtika, os lutadores do rei; que são ambos mortos. Krishna ataca e mata Kansa; ele e Balarama fazem homenagem a Vasudeva e Devaki; o primeiro elogia Krishna.

Capítulo 21 - Krishna encoraja seus pais; coloca Ugrasena no trono; torna-se o aluno de Sandipani, cujo filho ele recupera do oceano; ele mata o demônio marinho Panchajana, e faz uma corneta da concha dele.

Capítulo 22 - Jarasandha sitia Mathura; é derrotado, mas renova o ataque repetidamente.

Capítulo 23 - Nascimento de Kalayavana; ele avança contra Mathura. Krishna constrói Dwaraka, e envia a tribo Yadava para lá; ele leva Kalayavana para a caverna de Muchukunda, o último desperta, consome o rei Yavana, e louva Krishna.

Capítulo 24 - Muchukunda vai fazer penitência. Krishna leva o exército e tesouros de Kalayavana, e se dirige com eles para Dwaraka. Balarama visita Vraja; perguntas de seus habitantes acerca de Krishna.

Capítulo 25 - Balarama acha vinho no buraco de uma árvore; fica embriagado; manda o {rio feminino} Yamuna vir a ele, e após a recusa dela a arrasta para fora de seu curso; Lakshmi dá a ele ornamentos e um traje, ele volta para Dwaraka, e se casa com Revati.

Capítulo 26 - Krishna arrebata Rukmini, os príncipes que vêm regatá-la são repelidos por Balarama. Rukmin derrotado, mas poupado por Krishna, funda Bhojakata. Pradyumna nascido de Rukmini.

Capítulo 27 - Pradyumna roubado por Sambara; lançado no mar, e engolido por um peixe; achado por Mayadevi, ele mata Sambara, se casa com Mayadevi, e volta com ela para Dwaraka. Alegria de Rukmini e Krishna.

Capítulo 28 - Esposas de Krishna. Pradyumna tem Aniruddha, núpcias do último. Balarama vencido nos dados, fica enfurecido, e mata Rukmin e outros.

Capítulo 29 - Indra chega a Dwaraka, e relata para Krishna a tirania de Naraka. Krishna vai para a cidade dele, e o executa. A Terra dá os brincos de Aditi para Krishna, e o glorifica. Ele liberta as princesas feitas prisioneiras por Naraka, as manda para Dwaraka, e vai para Swarga com Satyabhama.

Capítulo 30 - Krishna devolve para Aditi seus brincos, e é elogiado por ela; ele visita os jardins de Indra, e pelo desejo de Satyabhama leva a árvore Parijata. Sachi incita Indra para resgatá-la. Conflito entre os deuses e Krishna, que os derrota. Satyabhama zomba deles. Eles louvam Krishna.

Capítulo 31 - Krishna, com o consentimento de Indra, leva a árvore Parijata para Dwaraka; casa-se com as princesas salvas de Naraka.

Capítulo 32 - Filhos de Krishna. Usha, a filha de Bana, vê Aniruddha em um sonho, e se apaixona por ele.

Capítulo 33 - Bana solicita Shiva por guerra; encontra Aniruddha no palácio, e o faz prisioneiro. Krishna, Balarama, e Pradyumna vão resgatá-lo. Shiva e Skanda ajudam Bana, o primeiro é mutilado; o último afugentado. Bana enfrenta Krishna, que corta todos os braços dele e está prestes a executá-lo. Shiva intercede, e Krishna poupa a vida dele. Vishnu e Shiva são o mesmo.

Capítulo 34 - Paundraka, um Vasudeva, assume os emblemas e estilo de Krishna, apoiado pelo rei de Kasi. Krishna marcha contra, e os destrói. O filho do rei envia um ser mágico contra Krishna: destruído por seu disco, que também ateia fogo a Benares e consome a ela e a seus habitantes.

Capítulo 35 - Samba leva a filha de Duryodhana, mas é feito prisioneiro. Balarama chega a Hastinapura, e exige a libertação dele, é recusado, em sua ira ele arrasta a cidade em direção a ele, para lançá-la no rio. Os chefes Kuru entregam Samba e sua esposa.

Capítulo 36 - O Asura Dwivida, na forma de um macaco, destruído por Balarama.

Capítulo 37 - Destruição dos Yadavas. Samba e outros enganam e ridicularizam os Rishis. Os primeiro porta um pilão de ferro, ele é quebrado, e lançado no mar. Os Yadavas vão para Prabhasa por desejo de Krishna, eles disputam e lutam, e todos perecem. A grande serpente Sesha sai da boca de Rama. Krishna é atingido por um caçador, e novamente se torna uno com o espírito universal.

Capítulo 38 - Arjuna chega a Dwaraka, e queima os mortos, e leva embora os habitantes sobreviventes. Começo da era Kali. Pastores e ladrões atacam Arjuna, e levam as mulheres e a riqueza. Arjuna lamenta a perda de sua destreza para Vyasa; que o consola, e conta a ele a história de Ashtavakra amaldiçoando as Apsarasas. Arjuna e seus irmãos colocam Parikshit no trono, e vão para as florestas. Fim do quinto livro.

LIVRO 6

Capítulo 1 - Da dissolução do mundo; as quatro eras; o declínio de todas as coisas, e deterioração da humanidade, na era Kali.

Capítulo 2 - Propriedades redentoras da era Kali. Devoção por Vishnu suficiente para a salvação naquela era para todas as castas e pessoas.

Capítulo 3 - Três tipos diferentes de dissolução. Duração de um Pararddha. A clepsidra, ou recipiente para medir o tempo. A dissolução que ocorre no fim de um dia de Brahma.

Capítulo 4 - Continuação do relato do primeiro tipo de dissolução. Do segundo tipo, ou dissolução elementar; de todo ser dissolvido em espírito primordial.

Capítulo 5 - O terceiro tipo de dissolução, ou libertação final de existência. Males da vida mundana. Sofrimentos na infância, idade adulta, velhice. Tormentos do inferno. Felicidade imperfeita do céu. Dispensa de nascimento desejável pelos sábios. A natureza de espírito ou deus. Significado dos termos Bhagavat e Vasudeva.

Capítulo 6 - Meios de atingir libertação. Anedotas de Khandikya e Kesidhwaja. O primeiro instrui o último como expiar por permitir a morte de uma vaca. Kesidhwaja oferece a ele uma recompensa, e ele deseja ser instruído em conhecimento espiritual.

Capítulo 7 - Kesidhwaja descreve a natureza da ignorância, e os benefícios do Yoga, ou devoção contemplativa. Do principiante e do perito no desempenho do Yoga. Como ele é realizado. A primeira fase, proficiência em atos de restrição e dever moral; o segundo, modo específico de sentar; o terceiro, Pranayama, modos de respirar; o quarto, Pratyahara, restrição de pensamento; o quinto, percepção do espírito; o sexto, retenção da idéia. Meditação nas formas individuais e universais de Vishnu. Aquisição de conhecimento. Libertação final.

Capítulo 8 - Conclusão do diálogo entre Parasara e Maitreya. Recapitulação dos conteúdos do Vishnu Purana; mérito de ouvi-lo; como passado adiante. Louvores de Vishnu. Prece final.

VISHNU PURANA

LIVRO 1

CAPÍTULO 1

Prece. Maitreya pergunta para seu professor, Parasara, a origem e natureza do universo. Parasara executa um rito para destruir os demônios; repreendido por Vasishtha, ele desiste; Pulastya aparece, e concede a ele conhecimento divino; ele repete o Vishnu Purana. Vishnu a origem, existência, e fim de todas as coisas.

OM! GLÓRIA A VASUDEVA![1] Que a vitória seja tua, Pundarikaksha; adoração seja para ti, Viswabhavana; glória seja para ti, Hrishikesa, Mahapurusha, e Purvaja[2].

Possa aquele Vishnu, que é o existente, imperecível, Brahma, que é Iswara[3], que é espírito[4]; que com as três qualidades[5] é a causa da criação, preservação, e

[1] Uma abordagem desse tipo, a uma ou outra divindade hindu, normalmente introduz composições sânscritas, especialmente aquelas consideradas sagradas. O primeiro termo desse mantra ou prece breve, Om ou Omkara, é bem conhecido como uma combinação de letras investida pelo misticismo hindu com santidade característica. Nos Vedas é dito que ele compreende todos os deuses; e nos Puranas é ordenado que ele seja anteposto a todas as fórmulas como aquela do texto. Desse modo no Uttara Khanda do Padma Purana: 'A sílaba Om, o nome misterioso, ou Brahma, é o líder de todas as preces; que ele, portanto, ó de face adorável, (Shiva se dirige a Durga,) seja empregado no princípio de todas as preces.' De acordo com a mesma autoridade, uma das significações místicas do termo é a enunciação coletiva de Vishnu expressa por A, de Sri sua noiva sugerida por U, e do adorador deles em comum designado por M. Um capítulo inteiro do Vayu Purana é dedicado a esse termo. Um texto dos Vedas é citado lá: 'Om, o monossílabo Brahma;' o último significando o Ser Supremo ou os Vedas coletivamente, dos quais esse monossílabo é o símbolo. Também é dito que ele simboliza as três esferas do mundo, os três fogos santos, os três passos de Vishnu, etc. - Meditação frequente sobre ele, e repetição dele, asseguram libertação da existência mundana. Veja também Manu, II. 76. Vasudeva, um nome de Vishnu ou Krishna, é, de acordo com sua etimologia gramatical, um patronímico derivado que significa filho de Vasudeva. Porém, os Vaishnava Puranas inventam outras explicações; veja o próximo capítulo, e também o livro 6. cap. 5.

[2] Nessa estrofe se encontra uma sucessão dos nomes de Vishnu: 1. Pundarikaksha, tendo olhos como um loto, ou que permeia o coração; ou Pundarika é interpretado como glória suprema, e Aksha imperecível: o primeiro é o étimo mais usual. 2. Viswabhavana, o criador do universo, ou a causa da existência de todas as coisas. 3. Hrishikesa, senhor dos sentidos. 4. Maha purusha, grande ou supremo espírito; purusha, que significa aquele que reside ou é imóvel no corpo (puri sete), 5. Purvaja, produzido ou aparecendo antes da criação; o Órfico prutogonos. No quinto livro, c. 18, Vishnu é descrito por cinco nomes, que são considerados análogos a esses; ou, 1. Bhutatma, uno com as coisas criadas, ou Pundarikaksha; 2. Pradhanatma, uno com natureza bruta, ou Viswabhavana; 3. Indriyatma, uno com os sentidos, ou Hrishikesa; 4. Paramatma, espírito supremo, ou Mahapurusha; e Atma, alma; alma viva, animando a natureza e existindo antes dela, ou Purvaja.

[3] Brahma, na forma neutra, é espírito supremo abstrato; e Iswara é a Divindade em sua natureza ativa, ele que pode fazer ou deixar por fazer, ou fazer qualquer coisa de qualquer outra maneira que aquela na qual ela é feita.

[4] Puman que é o mesmo que Purusha, espírito incorporado. Por esse e os dois termos precedentes o comentador entende que o texto significa que Vishnu é alguma forma de ser espiritual que é reconhecido por diferentes sistemas filosóficos, ou que ele é o Brahma do Vedanta, o Iswara do Patanjala, e o Purusha da escola Sankhya.

[5] As três qualidades, às quais nós teremos mais ocasiões para nos referirmos, são Satya, bondade ou pureza, conhecimento, quietude; Rajas, impureza, paixão, atividade; e Tamas, escuridão, ignorância, inércia.

destruição; que é o pai da natureza, intelecto, e dos outros ingredientes do universo[6]; seja para nós o concessor de entendimento, riqueza, e emancipação final.

Tendo adorado Vishnu[7], o senhor de tudo, e prestado reverência a Brahma e os outros[8]; tendo também saudado o preceptor espiritual[9]; eu narrarei um Purana igual aos Vedas em santidade.

Maitreya[10], tendo-o saudado reverentemente, dirigiu-se dessa maneira a Parasara, o sábio excelente, o neto de Vasishtha que era versado em história tradicional, e nos Puranas; que era familiarizado com os Vedas, e os ramos de ciência dependentes deles; e hábil em lei e filosofia; e que tinha executado os ritos matutinos de devoção.

Maitreya disse, 'Mestre! Eu fui instruído por você na totalidade dos Vedas, e nos institutos de lei e de ciência sagrada; por sua generosidade, outros homens, mesmo que eles sejam meus inimigos, não podem me acusar de ter sido negligente na aquisição de conhecimento. Eu estou agora desejoso, ó tu que és profundo em piedade, saber de ti, como este mundo era, e como ele será no futuro? O que é sua substância, oh brâmane, e de onde provieram as coisas animadas e inanimadas? No que ele foi dissolvido, e no que sua dissolução ocorrerá novamente? Como os elementos foram manifestados? De onde provieram os deuses e outros seres? Qual é a posição e extensão dos oceanos e montanhas, da terra, do sol, e dos planetas? Quais são as famílias dos deuses e outros, os Manus, os períodos chamados Manwantaras, aqueles chamados Kalpas, e suas subdivisões, e as quatro eras; os eventos que acontecem ao fim de um Kalpa, e as terminações das várias eras[11]; as histórias, ó grande Muni, dos deuses, dos sábios, e reis; e como os Vedas foram divididos em ramos (ou escolas), depois que eles foram organizados por Vyasa; os deveres dos brâmanes, e das outras tribos, como também daqueles que passam pelas diferentes condições de vida? Todas essas coisas eu desejo ouvir de você, neto de

---

6 Pradhanabuddhyadisu. Esse predicado da Divindade distingue a maioria dos Puranas de vários dos sistemas filosóficos, que afirmam, como fizeram os sistemas gregos mais antigos de cosmogonia, a existência eterna e independente do primeiro princípio das coisas, como natureza, matéria, ou caos. consequentemente, o comentador nota a objeção. Pradhana sendo sem início, é dito, como Vishnu pode ser seu pai? Ao que ele responde, que isso não é assim, pois em um período de destruição mundana (Pralaya), quando o Criador se abstém de criar, nada é gerado em virtude de qualquer outra energia ou pai. Ou, se isso não for satisfatório, então o texto pode ser entendido como sugerindo que intelecto (Buddhi) etc. são formados pela materialidade da natureza crua, ou Pradhana.

7 Vishnu geralmente é derivado nos Puranas da raiz Vis, entrar, entrando em, ou permeando o universo, de acordo com o texto dos Vedas, 'Tendo criado aquele (mundo), ele então entra nele em seguida;' sendo, como observa nosso comentário, indistinto por lugar, tempo, ou propriedade. De acordo com o Matsya Purana o nome alude à sua entrada no ovo do mundo; de acordo com o Padma Purana, à sua entrada em ou combinação com Prakriti, como Purusha ou espírito. No Moksha Dharma do Mahabharata, cap. 165, a palavra é derivada da raiz vi, significando movimento, infiltração, produção, esplendor; ou, irregularmente, de krama, combinada com a partícula vi, sugerindo, variavelmente, prefixo. {O Moksha Dharma do Mahabharata em português começa no capítulo 174, página 369 do livro 12, Santi Parva.}

8 É dito que 'Brahma e os outros' se aplica à série de professores através dos quais esse Purana foi transmitido a partir de seu primeiro autor reputado, Brahma, até seu narrador atual, o sábio Parasara. Veja também livro 6, cap. 8.

9 O Guru, ou preceptor espiritual, é dito que é Kapila ou Saraswata; o último está incluído na série de professores do Purana. Parasara também deve ser considerado como um discípulo de Kapila, como um professor da filosofia Sankhya.

10 Maitreya é o discípulo de Parasara, que narra o Vishnu Purana para ele; ele também é um dos principais interlocutores no Bhagavata, e é apresentado no Mahabharata (Vana Parva, cap. 10) como um grande Rishi, ou sábio, que proclama a morte de Duryodhana. No Bhagavata ele é também chamado de Kausharavi, ou o filho de Kusharava. {Vana Parva, livro 3 do Mahabharata, cap. 10 pag. 29. Duryodhana amaldiçoado por Maitreya.}

11 Uma cópia lê Yuga dharma, os deveres específicos para as quatro eras, ou suas propriedades características, em vez de Yuganta.

Vasishtha. Incline seus pensamentos benignamente em direção a mim, que eu possa, por seu favor, ser informado de tudo o que eu desejo saber.

Parasara respondeu, 'Bem perguntado, piedoso Maitreya. Você traz de volta à minha memória aquilo que foi narrado pelo pai do meu pai, Vasishtha. Eu soube que meu pai tinha sido devorado por um Rakshasa empregado por Viswamitra; uma raiva violenta se apoderou de mim, e eu comecei um sacrifício para a destruição dos Rakshasas. Centenas deles tinham sido reduzidos a cinzas pelo rito, quando, como eles estavam a ponto de serem completamente eliminados, meu avô Vasishtha me falou dessa maneira: 'Basta, meu filho; que tua ira seja abrandada. Os Rakshasas não são culpáveis, a morte do teu pai foi obra do destino. Raiva é o sentimento dos tolos; ela não fica bem em um homem sábio. Por quem, pode ser perguntado, alguém é morto? Todo homem colhe as consequências de seus próprios atos. A raiva, meu filho, é a destruição de tudo o que o homem obtém por meio de esforços árduos, de fama, e de austeridades religiosas; e impede a obtenção de céu ou de emancipação. Os sábios mais importantes sempre evitaram a ira; não seja tu, meu filho, sujeito à sua influência. Que mais nenhum desses espíritos inofensivos da escuridão seja destruído. Compaixão é o poder dos justos[12].

Sendo assim repreendido por meu avô venerável, eu desisti imediatamente do rito, em obediência aos seus comandos, e Vasishtha, o mais excelente dos sábios, ficou satisfeito comigo. Então chegou Pulastya, o filho de Brahma[13], que foi recebido por meu avô com os símbolos habituais de respeito. O irmão ilustre de Pulaha disse para mim; 'Já que, na violência da animosidade, você escutou as palavras de seu progenitor, e usou de clemência, então você será instruído em toda ciência, já que você se absteve, embora enraivecido, de destruir minha posteridade, eu darei a você outra bênção, e você se tornará o autor de um resumo dos Puranas[14]; você conhecerá

---

12 Sacrifício de Parasara. A história do nascimento de Parasara é narrada em detalhes no Mahabharata (Adi Parva, cap. 176) {Cap. 178 na versão em português.} O rei Kalmashapada, encontrando com Sakti, o filho de Vasishtha, em uma trilha estreita em uma mata, desejou que ele ficasse fora de seu caminho. O sábio recusou, no que o Raja o golpeou com seu chicote, e Sakti o amaldiçoou a se tornar um Rakshasa, um espírito devorador de homens. O Raja nessa transformação matou e comeu seu autor, ou Sakti, junto com todos os outros filhos de Vasishtha. Sakti deixou sua esposa Adrisyanti grávida, e ela deu à luz Parasara, que foi criado por seu avô. Quando ele cresceu, e foi informado da morte de seu pai, ele começou um sacrifício para a destruição de todos os Rakshasas; mas foi dissuadido de sua conclusão por Vasishtha e outros sábios ou Atri, Pulastya, Pulaha, e Kratu. O Mahabharata adiciona, que quando ele desistiu do rito, ele espalhou o fogo sacrifical restante na face norte da montanha Himalaia, onde ele ainda resplandece nas fases da lua, consumindo Rakshasas, florestas, e montanhas. A lenda alude possivelmente a algum vulcão trans-himalaico. A transformação de Kalmashapada é atribuída em outros lugares a uma causa diferente; mas ele é em todos os lugares considerado o devorador de Sakti ou Saktri, como nome também ocorre. A história é contada no Linga Purana (Purvarddha, s. 64) da mesma maneira, com a adição, em conformidade com a tendência Saiva daquela obra, que Parasara começa seu sacrifício para propiciar Mahadeva. A dissuasão de Vasishtha, e o aparecimento de Pulastya, são dados nas mesmas palavras do nosso texto; e a história conclui, 'Assim, pela generosidade de Pulastya e do sábio Vasishtha, Parasara compôs o Vaishnava (Vishnu) Purana, contendo dez mil estrofes, e sendo o terceiro das compilações Purana (Puranasamhita). O Bhagavata (livro. 3, cap. 8) também alude, embora obscuramente, a essa lenda. Ao recapitular a sucessão dos narradores de parte do Bhagavata, Maitreya declara que esse primeiro Purana foi comunicado a ele por seu Guru Parasara, como ele tinha sido desejado por Pulastya, isto é, segundo o comentador, de acordo com a bênção dada por Pulastya a Parasara, dizendo, 'Você será um narrador de Puranas'. O Mahabharata não faz menção da comunicação dessa faculdade a Parasara por Pulastya; e como o Bhagavata não poderia derivar esse detalhe daquela fonte, ele aqui provavelmente se refere não declaradamente, como o Linga faz declaradamente, ao Vishnu Purana.

13 Pulastya, como logo será visto, é um dos Rishis que eram os filhos nascidos da mente de Brahma. Pulaha, que também é citado aqui, é outro. Pulastya é considerado como o ancestral dos Rakshasas, porque ele é o pai de Visravas, o pai de Ravana e seus irmãos. Uttara Ramayana. Mahabharata, Vana Parva, cap. 272. Padma Pur. Linga Pur. s. 63.

14 Purana samhita kertta bha de Bhavan vishyati. Você será um compositor do Samhita, ou compêndio dos Puranas, ou do Vishnu Purana, considerado como um resumo ou compêndio de tradições purânicas. Em qualquer sentido isso é incompatível com a atribuição geral de todos os Puranas a Vyasa.

a verdadeira natureza das divindades, como ela realmente é; e, esteja ocupado em ritos religiosos, ou se privando da execução deles[15], sua compreensão, por meu favor, será perfeita, e isenta de dúvidas.’ Então meu avô Vasishtha acrescentou; ‘Tudo o que foi dito a ti por Pulastya acontecerá seguramente’.

Agora realmente tudo o que me foi falado antigamente por Vasishtha, e pelo sábio Pulastya, foi trazido à minha lembrança por suas perguntas, e eu narrarei para você o todo, exatamente tudo o que você perguntou. Ouça o compêndio completo dos Puranas, de acordo com seu teor. O mundo foi produzido a partir de Vishnu, existe nele, ele é a causa de sua continuação e cessação, ele é o mundo[16]. ◄

---

15 Realizando as cerimônias habituais dos brâmanes, ou levando uma vida de devoção e penitência, a qual substitui a necessidade de ritos e sacrifícios.

16 Essas são, de fato, as respostas breves às seis perguntas de Maitreya (pág. 63), ou: Como o mundo foi criado? Por Vishnu. Como ele será? Nos períodos de dissolução ele estará em Vishnu. De onde procederam as coisas animadas e inanimadas? De Vishnu. Do que é a substância do mundo? Vishnu. No que ele foi, e será novamente, dissolvido? Vishnu. Ele é portanto a causa instrumental e material do universo. 'A resposta para o "de onde" responde à questão sobre a causa instrumental: "Ele é o mundo" responde à pergunta sobre a causa material.' 'E por essa explicação da ação da materialidade, etc. de Vishnu, com relação ao universo, (segue-se que) tudo será produzido de, e tudo repousará nele.' Nós temos aqui precisamente o ‘Para Pan’ das doutrinas órficas, e nós podemos imaginar que Brucker estava traduzindo uma passagem de um Purana quando ele os descreve nestas palavras: "Continuisse Jovem (lege Vishnum) sive summum ortum in se omnia, omnibus ortum ex se dedisse, omnia ex se genuisse, et ex sua produxisse essentia. Spiritum esse universi qui omnia regit vivificat estque; ex quibus necessario sequitur omnia in eum reditura." Hist. Philos. I. 388. Jâmblico e Proclo também testemunham que as doutrinas pitagóricas da origem do mundo material a partir de Deus, e sua identidade com ele, eram em grande parte as mesmas. Cudworth, I. c. p. 348.

CAPÍTULO 2

Oração de Parasara para Vishnu. Narração sucessiva do Vishnu Purana. Explicação de Vasudeva: sua existência antes da criação; suas primeiras manifestações. Descrição de Pradhana, ou o princípio essencial das coisas. Cosmogonia. De Prakrita, ou criação material; do tempo; da causa ativa. Desenvolvimento de efeitos; Mahat; Ahankara; Tanmatras; elementos; objetos do sentido; sentidos; do ovo do mundo. Vishnu igual a Brahma o criador; Vishnu o preservador; Rudra o destruidor.

Parasara disse, 'Glória ao imutável, santo, eterno, supremo Vishnu, de natureza universal, o poderoso acima de tudo, a ele que é Hiranygarbha, Hari, e Sankara[1], o criador, o preservador, e destruidor do mundo; a Vasudeva, o libertador de seus adoradores; a ele, cuja essência é única e múltipla; que é sutil e corpóreo, não separado e separado; a Vishnu, a causa de emancipação final[2]. Glória ao Vishnu supremo, a causa da criação, existência, e fim deste mundo; que é a base do mundo, e que consiste no mundo[3].

Tendo glorificado a ele que é a base de todas as coisas; que é o menor dos menores[4]; que está em todas as coisas criadas; o inalterado, imperecível[5] Purushottama[6]; que é uno com a verdadeira sabedoria, como verdadeiramente

---

1 As três hipóstases de Vishnu. Hiranyagarbha é um nome de Brahma; ele que nasceu do ovo dourado. Hari é Vishnu, e Sankara Siva. O Vishnu que é o assunto do nosso texto é o ser supremo em todas essas três divindades ou hipóstases, em suas diferentes condições de criador, preservador e destruidor. Desse modo no Markandeya: 'Consequentemente, como o espírito primordial que permeia tudo é distinguido através de atributos na criação e o resto, assim ele obtém a denominação de Brahma, Vishnu, e Shiva. Na qualidade de Brahma ele cria os mundos; naquela de Rudra ele os destrói; naquela de Vishnu ele é sereno. Esses são os três Avasthas (literalmente, hipóstases) do nascido por si mesmo. Brahma é a qualidade de atividade; Rudra aquela de escuridão; Vishnu, o senhor do mundo, é bondade; assim, portanto, os três deuses são as três qualidades. Eles estão combinados com, e dependentes uns dos outros; e eles nunca são separados por um instante; eles nunca deixam um ao outro.' A noção é comum a toda a antiguidade, embora concebida menos filosoficamente, ou talvez expressada menos distintamente, nas passagens que chegaram a nós. Os treis arxikas ypostaseis de Platão são considerados por Cudworth (I. 111), conforme a autoridade de Plotinus, como uma doutrina antiga, palaia doxa; e ele também observa, "Orfeu, Pitágoras, e Platão, todos eles têm afirmado uma trindade de hipóstases divinas; e como eles derivaram inquestionavelmente muito de sua doutrina dos egípcios, pode ser suspeitado razoavelmente que os egípcios fizeram o mesmo antes deles." Como porém os relatos gregos, e aqueles dos egípcios, são muito mais confusos e insatisfatórios do que aqueles dos hindus, é muito provável que nós achemos entre eles a doutrina em sua forma mais original como também mais metódica e significante.

2 Esse discurso a Vishnu segue a noção que ele, como o ser supremo, é um, enquanto ele é tudo; ele é Avikara, não sujeito à mudança; Sadaikarupa, uma natureza invariável; ele é o libertador (tara), ou aquele que leva os mortais pelo oceano da existência; ele é único e múltiplo (ekanekarupa); e ele é a causa não separada (avyakta) do mundo, como também o efeito separado (vyakta); ou a causa invisível, e a criação visível.

3 Jaganmaya, composto, ou consistindo substancialmente no mundo. Maya é um afixo denotando 'feito' ou 'consistindo de', como Kashtha maya, 'feito de madeira.' O mundo não é considerado então pelos purânicos como uma emanação ou uma ilusão, mas como consubstantial com sua causa fundamental.

4 Aniyansam aniyasam, 'o mais atômico dos atômicos;' aludindo à teoria atômica da escola Nyaya ou lógica.

5 Ou Achyuta; um nome comum de Vishnu, de a, negativo, e chyuta, decaído; de acordo com nosso comentário, 'aquele que não perece com coisas criadas.' O Mahabharata o interpreta em um lugar como significando 'aquele que não é distinto da emancipação final;' e em outro significando, 'livre de decadência'. Um comentador no Kasikhanda do Skanda Purana o explica, 'aquele que nunca declina (ou varia) de sua própria natureza.'

6 Esse é outro título comum de Vishnu, implicando supremo, melhor (Uttama), espírito (Purusha), ou masculino, ou sacrifício, ou, de acordo com o Mahabh. Moksha Dharma, qualquer sentido que Purusha possa ter.

conhecido[7]; eterno e incorrupto; e que é conhecido através de falsas aparências pela natureza de objetos visíveis[8]; tendo reverenciado Vishnu, o destruidor, e senhor da criação e preservação; o regente do mundo; não nascido, imperecível, sem decadência, eu narrarei para você aquilo que foi comunicado originalmente pelo grande pai de todos (Brahma), em resposta às perguntas de Daksha e outros sábios veneráveis, e repetido por eles para Purukutsa, um rei que reinou nas margens do Narmada. Ele foi em seguida narrado por ele para Saraswata, e por Saraswata para mim[9].

Quem pode descrever a ele que não pode ser percebido pelos sentidos, que é a melhor de todas as coisas; a alma suprema, auto-existente; que é desprovido de todas as características distintivas de cor, casta, ou semelhantes; e é livre de nascimento, vicissitude, morte, ou decadência, que existe sempre, e sozinho, que existe em todos os lugares, e em quem todas as coisas aqui existem; e que é por isso chamado de Vasudeva[10]? Ele é Brahma[11], supremo, soberano, eterno, não nascido, imperecível, sem decadência; de uma essência; sempre puro como livre de defeitos. Ele, aquele Brahma, era todas as coisas; compreendendo em sua própria natureza o distinto e o não distinto. Ele então existia nas formas de Purusha e de Kala. Purusha (espírito) é a primeira forma, do supremo; logo provieram duas outras formas, a separada e não separada; e Kala (tempo) foi a última. Esses quatro - Pradhana (matéria primordial ou bruta), Purusha (espírito), Vyakta (substância visível), e Kala (tempo) - os sábios consideram serem a pura e suprema condição de Vishnu[12]. Essas quatro formas, em suas devidas proporções, são as causas da produção dos fenômenos de criação, preservação, e destruição. Vishnu, sendo desse modo substância separada e não separada, espírito, e tempo, se diverte como um menino brincalhão, como você saberá por escutar os divertimentos dele[13].

Aquele princípio essencial (Pradhana) que é a causa não separada, também é chamado pelos sábios de Prakriti (natureza), ela é sutil, uniforme, e abrange o que é e o que não é (ou causas e efeitos); é durável, auto-sustentada, ilimitável, sem

---

7 Paramarthatas, 'por ou através do real objeto, ou sentido; por verdade real.'

8 Bhranti dersanatas, 'falsas aparências', em oposição à verdade real. 'Pela natureza de objetos visíveis'; Artha é explicado por drisya, 'visível;' swarupena 'pela natureza de,' isto é, objetos visíveis não são o que eles parecem ser, existências independentes; elas são essencialmente unas com sua fonte original; e conhecimento de sua verdadeira natureza ou relação com Vishnu é conhecimento do próprio Vishnu. Essa não é a doutrina de Maya, ou a influência da ilusão, a qual apenas, de acordo com o idealismo Vedanta, constitui crença na existência da matéria, uma doutrina estranha à maioria dos Puranas, e primeiro introduzida entre eles aparentemente pelo Bhagavata.

9 Um relato diferente e mais detalhado da transmissão do Vishnu Purana é dada no último livro, cap. 8.

10 A derivação comum de Vasudeva foi citada acima (página 62); aqui é derivada de Vas, 'morar', por Vishnu morar em todas as coisas, e tudo nele. O Mahabharata explica Vasu da mesma maneira, e Deva como significando radiante, brilhante: 'Ele faz todas as coisas residirem nele, e ele reside em tudo; por isso ele é chamado de Vasu, sendo resplandecente como o sol, ele é chamado de Deva, e aquele que é esses dois é denominado Vasudeva.' Veja também livro 6. cap. 5.

11 O comentador argumenta que Vasudeva deve ser Brahma, ou ser supremo, dos Vedas, porque as mesmas circunstâncias são atributos de ambos, como eternidade, onipresença, onipotência, etc.; mas ele não cita nenhum texto escritural com o nome Vasudeva.

12 O Tempo normalmente não é enumerado nos Puranas como um elemento da primeira causa, mas o Padma Purana e o Bhagavata concordam com o Vishnu em incluí-lo. Ele parece ter sido considerado em uma data mais antiga como uma causa independente; o comentador sobre o Moksha Dharma cita uma passagem dos Vedas, a qual ele entende se referir às diferentes teorias da causa da criação; Tempo, natureza inerente, consequência de atos, vontade própria, átomos elementares, matéria, e espírito, afirmados separadamente pelos astrólogos, os budistas, os mimansakas, os jainas, os lógicos, os sankhyas, e os vedantistas. Kronos também era um dos primeiros agentes gerados na criação, de acordo com a teogonia órfica.

13 A criação do mundo é muito comumente considerada como o Lila, esporte ou diversão, do Ser Supremo.

decadência, e estável; desprovida de som ou toque, e não possuindo nem cor nem forma; dotada das três qualidades (em equilíbrio); a mãe do mundo; sem início; e aquilo no qual tudo o que é produzido é dissolvido[14]. Por aquele princípio todas as coisas foram envolvidas no período subsequente à última dissolução do universo, e antes da criação[15]. Pois brâmanes versados nos Vedas, e ensinando verdadeiramente suas doutrinas, explicam passagens tais como a seguinte como significando a produção do princípio essencial (Pradhana). "Não havia dia nem noite, nem céu nem terra, nem escuridão, nem luz, nem qualquer outra coisa, exceto somente Um, não compreensível por intelecto, ou Aquilo que é Brahma e Puman (espírito) e Pradhana (matéria)[16]." As duas formas que são diferentes da essência de Vishnu inalterado, são

---

[14] Os atributos de Pradhana, o (princípio ou elemento) principal, aqui especificados, geralmente correspondem àqueles atribuídos a ele pela filosofia Sankhya (Sankhya Karika, pág. 16, etc.), embora alguns deles sejam incompatíveis com sua origem de uma primeira causa. No Sankhya essa incongruência não acontece; pois lá Pradhana é independente, e coordenada com espírito primordial. Os Puranas dão origem à inconsistência por um uso ambíguo de expressões filosóficas e panteístas. Os epítetos mais incongruentes em nosso texto são entretanto explicados no comentário. Assim nitya, 'eterno', é dito que significa 'uniforme, não sujeito a aumento ou diminuição; Sadasadatmaka, 'abrangendo o que é e o que não é', significa 'tendo o poder de causa e efeito', como procedendo de Vishnu, e como dando origem a coisas materiais. Anadi, 'sem início', significa 'sem nascimento', não sendo gerados por qualquer coisa criada, mas procedendo imediatamente da primeira causa. 'A mãe', ou literalmente 'o útero do mundo', significa o agente passivo na criação', operado em ou influenciado pela vontade ativa do Criador. A primeira parte da passagem no texto é uma predileta de vários dos Puranas, mas eles a modificam e a adaptam de acordo com seu próprio estilo. No Vishnu o original é: अव्यक्तं कारणं यत्तत्प्रधानमृषिसत्तमैः । प्रोच्यते प्रकृतिः सूक्ष्मा नित्यं सदसदात्मकम् ॥, traduzido como acima. O Vayu, Brahmanda, e Kurma Puranas têm 'A causa não separada, que é uniforme, e causa e efeito, e a qual aqueles que são familiarizados com primeiros princípios chamam de Pradhana e Prakriti - é o Brahma não cognoscível, que existia antes de tudo.' Mas a aplicação de dois sinônimos de Prakriti a Brahma parece desnecessária de qualquer forma. O Brahma Purana corrige a leitura aparentemente: a primeira linha é como antes; a segunda é: प्रधानं पुरुषो यस्मान्निर्ममे विश्वमीदृशम् ।. A passagem é colocada completamente; 'Havia uma causa eterna não separada, e causa e efeito, que era matéria e espírito (Pradhana e Purusha), da qual este mundo foi feito.' Em vez de 'tal' ou 'isto', algumas cópias lêem 'da qual Iswara ou deus (a divindade ativa ou Brahma) fez o mundo.' O Hari Vansa tem a mesma leitura, menos no último termo, o qual ele faz ईश्वरः, isto é, de acordo com o comentador: 'o mundo, que é Iswara, foi feito.' A mesma autoridade explica que essa causa não separada, avyakta karana, significa Brahma, o criador, uma identificação muito incomum, se não inexata, e possivelmente fundada em mal-entendido do que é declarado pelo Bhavishya Purana: 'Aquele macho ou espírito que é dotado daquela que é a causa não distinta, etc. é conhecido no mundo como Brahma; ele que está no ovo, etc.' A passagem é precisamente a mesma em Manu, I, 11; a não ser que nós tenhamos 'visrishta' em vez de 'visishtha,' a última é uma leitura questionável, e está provavelmente errada, o sentido da primeira é destacado; e o todo significa de modo muito coerente: 'Espírito incorporado separado da causa não distinta do mundo é conhecido como Brahma.' O Padma Purana insere a primeira linha, अव्यक्तं etc., mas tem: 'Que cria indubitavelmente Mahat e as outras qualidades,' atribuindo os primeiros epítetos, entretanto, como faz o Vishnu, a Prakriti somente. O Linga também aplica a expressão a Prakriti apenas, mas faz dela uma causa secundária: 'Uma causa não separada, que aqueles familiarizados com primeiros princípios chamam de Pradhana e Prakriti, procedeu daquele Iswara (Shiva).' Essa passagem é um de muitos exemplos nos quais expressões são comuns a vários Puranas, que parecem ser emprestadas uns dos outros, ou de alguma fonte comum mais antiga que qualquer um deles, especialmente nesse caso, porque o mesmo texto ocorre em Manu.

[15] A expressão do texto é bastante obscura; 'Tudo foi permeado (ou compreendido) por aquele princípio essencial antes da (recriação), depois da (última) destruição.' As elipses são preenchidas pelo comentador. Isso, ele acrescenta, é para ser considerado como o estado das coisas em um Maha Pralaya, ou dissolução total; sobrando, portanto, matéria bruta, natureza, ou caos, como um elemento coexistente com o Supremo. Essa, que é concordante com a doutrina filosófica, não é porém aquela dos Puranas em geral, nem aquela do nosso texto, que declara (no livro 6, cap. 4), que em um Prakrita, ou dissolução elementar, o próprio Pradhana imerge na divindade. Nem é aparentemente a doutrina dos Vedas, embora a linguagem deles seja um pouco ambígua.

[16] A métrica aqui é uma comum aos Vedas, Trishtubh, mas em outros aspectos a linguagem não é característica daquelas composições. O sentido da passagem é tornado um pouco duvidoso perto de seu fim, e pela explicação do comentador. O primeiro é, 'Um Pradhanika Espírito Brahma: AQUILO, existia.' O comentador explica Pradhanika, Pradhana eva, a mesma palavra como Pradhana; mas ela é uma palavra derivada, que pode ser usada atributivamente, significando: 'tendo, ou unida com, Pradhana.' O comentador, entretanto, a interpreta como o substantivo; porque ele soma: 'Havia Pradhana e Brahma e

Pradhana (matéria) e Purusha (espírito); e a outra forma dele, pela qual esses dois são conectados ou separados, é chamada de Kala (tempo)[17]. Quando substância distinta é agregada em natureza bruta, como em uma dissolução passada, aquela dissolução é chamada de elementar (Prakrita). A divindade como Tempo é sem início, e seu fim não é conhecido; e dele as revoluções de criação, continuação, e dissolução se sucedem ininterruptamente, pois quando, no último período, o equilíbrio das qualidades (Pradhana) existe, e espírito (Puman) é destacado da matéria, então a forma de Vishnu que é o Tempo permanece[18]. Então o Brahma supremo, a alma suprema, a substância do mundo, o senhor de todas as criaturas, a alma universal, o soberano supremo, Hari, por sua própria vontade tendo entrado em matéria e espírito, agitou os princípios mutáveis e imutáveis, a época da criação sendo chegada, da mesma maneira como fragrância afeta a mente por causa de sua proximidade somente, e não por qualquer operação imediata na própria mente; assim o Supremo influenciou os elementos da criação[19]. Purushottama é o agitador e a coisa a ser

---

Espírito; essa tríade existia no período de dissolução.' Ele evidentemente compreende a existência conjunta deles como apenas uma; porque ele continua: 'Assim, de acordo com os Vedas, então não havia nem a causa inexistente (causa invisível, ou matéria) nem o efeito existente (efeito visível, ou criação),' significando que havia só Um Ser, em quem matéria e suas modificações estavam todos compreendidos.

[17] Ou isso pode ser traduzido, 'Aquelas duas outras formas (que procedem) da natureza suprema dele;' isto é, da natureza de Vishnu, quando ele é Nirupadhi, ou sem atributos adventícios: निरुपाधेर्विष्णोः स्वरूपात्। 'outro' (अन्ये); o comentador declara que eles são outros ou separados de Vishnu só devido a Maya, ilusão, 'mas aqui implicando falsa noção;' os elementos da criação sendo em essência unos com Vishnu, embora em existência separada e diferente.

[18] Pradhana, quando inalterada, é, de acordo com os sankhyas e purânicos, nada além das três qualidades em equilibrio, ou bondade, impureza e escuridão neutralizando umas às outras; (Sankhya Karika, pág. 52;) assim no Matsya Purana: सत्त्वं रजस्तमश्चैव गुणत्रयमुदाहृतम्। साम्यावस्थितिरेषां प्रकृतिः परिकीर्तिता॥. Esse estado é sinônimo com a não-evolução de produtos materiais, ou com dissolução; implicando, entretanto, existência separada, e separada de espírito. Esse sendo o caso, é perguntado quem sustentará matéria e espírito enquanto separados, ou renovará sua combinação para renovar a criação? É respondido, o Tempo, que existe quando tudo mais não existe; e o qual, ao término de um certo intervalo, une Matéria, Pradhana, e Purusha, e produz criação. Concepções desse tipo estão evidentemente incluídas na tríade órfica, ou a noção antiga da cooperação de três tais princípios na criação; como Phanes ou Eros, que é o espírito hindu ou Purusha; Caos, matéria ou Pradhana; e Chronos, ou Kala, tempo.

[19] Pradhana é chamado de Vyaya 'aquele que pode ser gasto;' ou Parinamin, 'que pode ser modificado,' e Purusha é chamado de Avyaya, 'não consumível;' ou aparinamin, 'imutável.' As expressões 'tendo entrado em', e 'agitado', recordam o modo no qual a inteligência divina, mens, nous, foi entendido operar na matéria pelos antigos:

> Fren. . . frontisi kosmon apanta
> . . . . kataissoysa thoesin:

ou como em uma passagem mais familiar;

> Spiritus intus alit totamque infusa por artus
> Mens agitat molem et magno se corpore miscet:

ou talvez se aproxime mais de perto à cosmogonia fenícia, na qual um espírito se misturando com seus próprios princípios dá origem à criação. Brucker, I. 240. Como explicado em breve, a mistura não é mecânica; ela é uma influência ou efeito exercido sobre agentes intermediários, que produzem efeitos; como perfumes não deleitam a mente através de contato real, mas pela impressão que eles fazem sobre o sentido do olfato, que a comunica à mente. A entrada do supremo Vishnu em espírito como também em matéria é menos inteligível que a teoria em outro lugar considerada a respeito disso, como a infusão de espírito, identificado com o Supremo, em Prakriti ou matéria apenas. Assim no Padma Purana: 'Ele que é chamado de (espírito) masculino de Prakriti, é aqui chamado de Achyuta; e aquele mesmo Vishnu divino entrou em Prakriti.' Também o Vrihat Naradiya: 'O senhor do mundo, que é chamado de Purusha, produzindo agitação em Prakriti.' Por causa da noção de influência ou agitação produzida na matéria através de ou com espírito, o abuso de personificação levou à mistura atual ou vicária. Desse modo o Bhagavata, identificando Maya com Prakriti, tem: 'Pela operação do tempo, o Poderoso, que está ao alcance dos puros, implantou uma semente em Maya dotada de qualidades, como Purusha, que é uno com ele mesmo.' Livro 3, cap. 5. E o Bhavishya: 'Alguns homens eruditos dizem, que o Ser Supremo, desejoso de criar seres, cria no começo do Kalpa um corpo de alma (ou uma substância incorpórea); qual

agitada; estando presente na essência da matéria, quando ela é contraída e expandida[20]. Vishnu, supremo acima do supremo, é da natureza de formas separadas nas produções atômicas, Brahma e o resto (deuses, homens, etc.).

Então daquele equilíbrio das qualidades (Pradhana), presidido pela alma[21], procede o desenvolvimento desigual daquelas qualidades (constituindo o princípio Mahat ou Intelecto) no momento da criação[22]. O princípio Essencial então envolve aquele Grande princípio, Intelecto, e ele se torna triplo, como afetado pela qualidade de bondade, impureza, ou escuridão, e envolvido pelo princípio Essencial (matéria) como semente é por sua pele. Do Grande princípio (Mahat) Intelecto, Egotismo triplo, (Ahankara)[23], denominado Vaikarika, 'puro;' Taijasa, 'apaixonado;' e Bhutadi,

---

alma criada por ele entra em Prakriti; e Prakriti, sendo assim agitada, cria muitos elementos materiais.' Mas essas podem ser consideradas como noções de uma data posterior. No Mahabharata a primeira causa é declarada ser 'Intelectual', que cria por meio de sua mente ou vontade: 'O primeiro (Ser) é chamado de Manasa (intelectual), e é assim celebrado por grandes sábios, ele é Deus, sem começo ou fim, indivisível, imortal, sem decadência.' E novamente: 'O Intelectual criou muitos tipos de criaturas por meio de sua mente.'

20 Contração, Sankocha, é explicada por Samya, uniformidade ou equilíbrio das três qualidades, ou Pradhana inerte; e Expansão, Vikasa, é a destruição desse equilíbrio, por agitação prévia, e consequente desenvolvimento de produtos materiais.

21 O termo aqui é Kshetrajna, 'espírito incorporado', ou aquele que conhece o kshetra ou 'corpo;' implicando a combinação de espírito com forma ou matéria, com a finalidade de criar.

22 O primeiro produto de Pradhana perceptível para órgãos divinos, embora não para meros órgãos humanos, é, de acordo com as doutrinas Sankhya e purância, o princípio chamado Mahat, literalmente 'o Grande', explicado em outros lugares, como em nosso texto, 'a produção da manifestação das qualidades:' ou, como no Vayu: गुणभावाद्व्यज्यमानो महान्प्रादुर्बभूव ह।. Nós temos, no mesmo Purana, como também no Brahmanda e Linga, vários sinônimos para esse termo, como, मनो महान्मतिर्ब्रह्मा पूर्बुद्धिः ख्यातिरीश्वरः। प्रज्ञा चितिः स्मृतिः संविद्विपुरं चोच्यते बुधैः॥". Eles também são explicados, embora não muito distintamente, no seguinte sentido: "Manas é aquilo que considera as consequências de atos para todas as criaturas, e proporciona a felicidade delas. Mahat, o Grande princípio, é assim chamado por ser o primeiro dos princípios criados, e por sua extensão ser maior que aquela do resto. Mati é aquilo que discrimina e distingue objetos, preparatório para sua fruição pela Alma. Brahma implica aquilo que causa o desenvolvimento e aumento das coisas criadas. Pur é aquilo pelo qual a afluência da natureza ocupa e enche todos os corpos. Buddhi é aquilo que comunica para a alma o conhecimento de bem e mal. Khyati é o modo de gozo individual, ou a faculdade de discriminar objetos por designações apropriadas, e assim por diante. Iswara é aquilo que conhece todas as coisas como se elas estivessem presentes. Prajna é aquilo pelo qual as propriedades das coisas são conhecidas. Chiti é aquilo pelo qual as consequências de atos e tipos de conhecimento são selecionados para o uso de alma. Smriti é a faculdade de reconhecer todas as coisas, passadas, presentes, ou futuras. Samvit é aquilo no qual todas as coisas são encontradas ou conhecidas, e que é encontrado ou conhecido em todas as coisas; e Vipura é aquilo que é livre dos efeitos de oposições, como de conhecimento e ignorância, etc. Mahat também é chamado de Iswara, por exercer supremacia sobre todas as coisas; Bhava, por sua existência elementar; Eka, ou 'o único', por sua unicidade; Purusha, por residir dentro do corpo; e por não ser gerado ele é chamado de Swayambhu." Agora, nessa nomenclatura nós temos principalmente dois conjuntos de palavras; um, como Manas, Buddhi, Mati, significando mente, inteligência, conhecimento, sabedoria, esquema; e o outro, como Brahma, Iswara, etc., denotando um criador e regente ativo do universo, como o Vayu acrescenta, 'Mahat, impelido pelo desejo de criar, causa diversas criações,' e o Mahabharata tem, 'Mahat criou Ahankara.' Os Puranas geralmente empregam a mesma expressão, atribuindo a Mahat ou Inteligência o 'ato de criar'. Mahat é, portanto, a mente divina em operação criativa, o nous o diakosmun te kai pantun aitios de Anaxágoras; uma mente organizadora e ordenadora, que foi a causa de todas as coisas. A própria palavra sugere alguma relação com o Mot fenício que, como Mahat, foi o primeiro produto da mistura de espírito e matéria, e o primeiro rudimento de criação: "Ex connexione autem ejus spiritus prodiit mot. . . hinc seminium omnis creaturae et omnium rerum creatio." Brucker, I. 240. Mot, é verdade, parece ser uma substância puramente material, enquanto Mahat é uma substância incorpórea; mas eles concordam em seu lugar na cosmogonia, e são algo semelhante em nome. Até onde também o sistema fenício foi descrito com precisão, é questão de incerteza. Veja Sankhya Karika, pág. 83.

23 O sentido de Ahankara não pode ser muito bem traduzido por qualquer termo europeu. Ele significa o princípio de existência individual, aquilo que se apropria de percepções, e do qual dependem as noções: eu penso, eu sinto, eu sou. Ele pode ser expressado pela proposição de Descartes invertida; "Some, logo cogito, sentio", etc. O equivalente empregado pelo Sr. Colebrooke, egotismo, tem a vantagem de uma etimologia análoga, Ahankara sendo derivado de Aham, 'eu;' como no Hari Vansa: 'Ele (Brahma), ó Bharata, disse, 'Eu criarei criaturas.' Veja também S. Karika, pág. 91.

'rudimentar',[24] é produzido; a origem dos elementos (sutis), e dos órgãos de percepção; investido, por causa de suas três qualidades, por Intelecto, como Intelecto é pelo princípio Essencial. Egotismo elementar então se tornando produtivo, como o rudimento de som, produziu dele éter, do qual o som é a característica, investindo-o com seu rudimento de som. Éter se tornando produtivo, gerou o rudimento de tato; de onde se originou forte vento, a propriedade do qual é toque; e éter, com o rudimento de som, envolveu o rudimento de toque. Então o vento se tornando produtivo, produziu o rudimento de forma (cor); de onde luz (ou fogo) procedeu, da qual, forma (cor) é o atributo; e o rudimento de toque envolveu o vento com o rudimento de cor. A luz se tornando produtiva, produziu o rudimento de paladar; de onde procederam todos os sumos nos quais o sabor reside; e o rudimento de cor investiu os sumos com o rudimento de gosto. Os líquidos se tornando produtivos, geraram o rudimento de olfato; de onde um agregado (terra) se origina, do qual cheiro é a propriedade[25]. Em cada um dos vários elementos reside seu rudimento peculiar; por isso a propriedade de tanmatrata,[26] (tipo ou rudimento) é atribuída a esses elementos. Elementos rudimentares não são dotados de qualidades, e portanto eles não são calmantes, nem apavorantes, nem entorpecentes[27]. Essa é a criação elementar, procedendo do princípio de egotismo afetado pela propriedade de escuridão. Os órgãos de percepção são considerados os produtos apaixonados do mesmo princípio, afetados por

---

[24] Essas três variedades de Ahankara também são descritas no Sankhya Karika, pág. 92. Vaikarika, aquilo que é produtivo, ou suscetível de produção, é o mesmo que Satwika, ou aquilo que está combinado com a propriedade de bondade. Taijasa Ahankara é aquilo que é dotado com Tejas, 'calor' ou 'energia', por ter a propriedade de Rajas, 'paixão' ou 'atividade;' e o terceiro tipo, Bhutadi, ou 'elementar', é o Tamasa, ou tem a propriedade de escuridão. Do primeiro tipo procedem os sentidos; do último, os elementos rudimentais inconscientes; ambos os tipos, que são igualmente inertes por si mesmos, sendo tornados produtivos pela cooperação do segundo, a modificação enérgica ou ativa de Ahankara, que é por essa razão considerado a origem dos sentidos e dos elementos.

[25] As séries sucessivas de rudimentos e elementos, e eles gerando os rudimentos e elementos respectivamente em seguida em ordem, ocorrem na maioria dos Puranas, quase nas mesmas palavras. O Vrihannaradiya Purana observa, 'Eles (os elementos) em ordem sucessiva adquirem a propriedade de causalidade uns dos outros.' A ordem também é a mesma; ou, éter (akas), vento ou ar (vayu), fogo ou luz (tejas), água e terra; menos em uma passagem do Mahabharata (Moksha Dharma, C. 9), onde é éter, água, fogo, ar, terra. A ordem de Empédocles era éter, fogo, terra, água, ar. Cudworth, I. 97. O investimento (avarana) de cada elemento por seu próprio rudimento, e de cada rudimento por seus elementos grosseiros e rudimentais precedentes, também é encontrado na maioria dos Puranas principais, como o Vayu, Padma, Linga, e Bhagavata; e traços disso são achados entre os cosmogonistas antigos; porque Anaximandro supôs que, quando o mundo foi feito, uma certa esfera ou chama de fogo, separada da matéria (o Infinito), cercou o ar, que envolveu a terra como a casca envolve uma árvore: 'Kata dez genesin toude tou kosmoy apokritheinai, kai tina ek toutoy flogos spairan perifyeinai tui peri ten gein aeri, us tui dendrui floion. Euseb. Pr, I. 15. Alguns dos Puranas, como o Matsya, Vayu, Linga, Bhagavata, e Markandeya, adicionam uma descrição de uma participação de propriedades entre os elementos, o que é antes Vedanta do que Sankhya. De acordo com essa noção, os elementos acrescentam às suas propriedades características aquelas dos elementos que os precedem. Akas tem a única propriedade de som; ar tem aquelas de toque e som; fogo tem cor, toque, e som; água tem gosto, cor, toque, e som; e terra tem cheiro e o resto, dessa maneira tendo cinco propriedades, ou, como o Linga Purana descreve a série,

आकाशं शब्दमात्रं यत्तत्स्पर्शमात्रं समाविशत् ।
द्विगुणस्तु ततो वायुः शब्दस्पर्शात्मकोऽभवत् ॥
रूपं तथैवाविशतां शब्दस्पर्शगुणावुभौ ।
त्रिगुणस्तु ततस्त्वग्निः स शब्दस्पर्शरूपवान् ॥
शब्दस्पर्शरूपमात्रं रसमात्रं समाविशत् ।
तस्माच्चतुर्गुणा आपो विज्ञेयास्तु रसात्मिकाः ॥

.

शब्दस्पर्शं च रूपं च रसश्च गन्धमाविशत् ।
संहता गन्धमात्रेण आविशन्तो महीमिमाम् ॥
तस्मात्पञ्चगुणा भूमिः स्थूलभूतेषु शस्यते ।
शान्ता घोराश्च मूढाश्च विशेषास्तेन ते स्मृताः ॥

[26] Tanmatra, 'rudimento' ou 'tipo', de Tad, 'aquele', para Tasmin, 'naquele' elemento grosseiro, e matra, 'forma sutil ou rudimental'. Os rudimentos também são as propriedades características dos elementos, como o Bhagavata; 'O rudimento dele (éter) também é sua qualidade, som; como uma designação comum pode denotar uma pessoa que vê um objeto, e o objeto que é para ser visto', isto é, de acordo com o comentador: suponha que uma pessoa atrás de uma parede bradou alto, "Um elefante! Um elefante!" o termo indicaria igualmente que um elefante era visível, e que alguém o viu. Bhag. 2. 5.

[27] As propriedades aqui aludidas não são aquelas de bondade etc., mas outras propriedades atribuídas a objetos perceptíveis pelas doutrinas Sankhya, ou Santi, 'placidez; ' Ghorata, 'terror;' e Moha, 'embotamento' ou 'estupefação.' S. Karika, V.38. p, 119.

impureza; e as dez divindades[28] procedem do egotismo afetado pelo princípio de bondade; como a mente, que é o décimo primeiro. Os órgãos dos sentidos são dez, dos dez, cinco são a pele, olhos, nariz, língua, e ouvido; o objetivo dos quais, combinados com Intelecto, é a percepção de som e o resto; os órgãos de excreção e procriação, as mãos, os pés, e a voz, formam os outros cinco; dos quais excreção, geração, manipulação, movimento, e fala, são os vários atos.

Então, éter, ar, luz, água, e terra, unidos respectivamente com as propriedades de som e o resto, existiam como distinguíveis de acordo com suas qualidades, como calmantes, apavorantes, ou entorpecentes; mas possuindo várias energias, e estando desunidos, eles não podiam, sem combinação, criar seres vivos, não tendo se misturado entre si. Tendo se combinado, entretanto, uns com os outros, eles assumiram, por sua associação mútua, o caráter de uma massa de unidade inteira; e a partir da direção do espírito, com a aquiescência do Princípio não separado[29], Intelecto e o restante, os elementos grosseiros abrangidos, formaram um ovo[30], que se expandiu gradualmente como uma bolha de água. Esse ovo vasto, ó sábio, composto dos elementos, e repousando nas águas, era a residência natural excelente de Vishnu na forma de Brahma; e lá Vishnu, o senhor do universo, cuja essência é inescrutável, assumiu uma forma perceptível, e até ele mesmo residiu nele no caráter de Brahma[31]. Seu útero, vasto como a montanha Meru, era composto das montanhas; e os oceanos imensos eram as águas que enchiam sua cavidade. Naquele ovo, ó brâmane, estavam os continentes e mares e montanhas, os planetas e divisões do universo, os deuses, os demônios, e a humanidade. E esse ovo era envolvido externamente por sete envoltórios naturais, ou por água, ar, fogo, éter, e Ahankara a origem dos elementos, cada um dez vezes mais extenso do que aquele que ele envolvia; em seguida vinha o princípio de Inteligência; e, finalmente, o todo era rodeado pelo Princípio não separado, parecendo dessa maneira a noz-cacau, cheia no interior com polpa, e coberta exteriormente por casca e crosta.

---

28 O Bhagavata, que dá uma declaração semelhante da origem dos elementos, sentidos, e divindades, especifica os últimos como Dis (espaço), ar, o sol, Prachetas, os Aswins, fogo, Indra, Upendra, Mitra, e Ka ou Prajapati, presidindo sobre os sentidos, de acordo com o comentário, ou respectivamente sobre o ouvido, pele, olhos, língua, nariz, fala, mãos, pés, e órgãos excretores e geradores. Bhag. 2. 5. 31.

29 Avyaktanugrahena. A expressão é um tanto equívoca, porque Avyakta pode se aplicar aqui à Primeira Causa ou à matéria. Em qualquer caso a noção é a mesma, e a agregação dos elementos é o efeito da presidência do espírito, sem qualquer interferência ativa do princípio não separado. O Avyakta é passivo na evolução e combinação de Mahat e o resto. Pradhana é, sem dúvida, sugerido, mas sua identificação com o Supremo também está implicada. O termo Anugraha também pode se referir a uma classificação da ordem de criação, que será mencionada novamente.

30 É impossível não atribuir essa noção à mesma origem que a opinião amplamente difundida da antiguidade, da primeira manifestação do mundo na forma de um ovo. "Esse parece ter sido um símbolo predileto, e muito antigo, e nós o encontramos adotado entre muitas nações." Bryant, III. 165. Indícios disso ocorrem entre os sírios, persas, e egípcios; e além do ovo órfico entre os gregos, e aquilo descrito por Aristófanes, 'Tekten prutiston ypenemion nux que e melanopteros uon' parte da cerimônia na Dionysiaca e outros mistérios consistidos na consagração de um ovo; o qual, de acordo com Porfírio, representava o mundo: Ermeneuei de to uon ton kosmon. Se esse ovo simbolizava a arca, como Bryant e Faber supõem, não é importante para a demonstração da antiguidade e ampla difusão da crença que o mundo existiu no princípio em tal forma. Um relato semelhante da primeira agregação dos elementos na forma de um ovo é dada em todos os Puranas, com o usual epíteto Haima ou Hiranya, 'dourado', como ocorre em Manu, I. 9.

31 Aqui há outra analogia com as doutrinas da antiguidade relativas ao ovo do mundo, e como o primeiro ser visível masculino, que, como nós veremos depois, unia em si mesmo a natureza de ambos os sexos, residiu no ovo, e emergiu dele; assim "esse primogênito do mundo, a quem eles representaram sob duas formas e personalidades, e que emergiu do ovo do mundo, era a pessoa de quem os mortais e imortais foram derivados. Ele era igual a Dionusus, a quem eles chamaram, prutogonon difnei trigonon Bakxeion Anakta Agrion arreton krufion dikeruta dimofon:" ou, com a omissão de um epíteto: δικέρως:
पूर्वजमर्धनारीशं त्रिगुणं च प्रजापतिम् ।
अनाद्यं कृष्णमव्यक्तं ब्रह्माणं च त्रिमूर्तिकम् ॥

Afetando então a qualidade de atividade, Hari, o senhor de tudo, ele mesmo se tornando Brahma, ocupou-se na criação do universo. Vishnu com a qualidade de bondade, e de poder imensurável, preserva as coisas criadas por eras sucessivas, até o fim do período chamado de um Kalpa; quando a mesma divindade poderosa, Janarddana[32], coberto com a qualidade de escuridão, assume a forma terrível de Rudra, e consome o universo. Tendo assim devorado todas as coisas, e transformado o mundo em um vasto oceano, o Supremo repousa sobre seu imenso leito serpente no meio do mar; ele desperta depois de um período, e novamente, como Brahma, se torna o autor da criação.

Assim o único deus, Janarddana, recebe a designação de Brahma, Vishnu, e Shiva, conforme como ele cria, conserva, ou destrói[33]. Vishnu como criador, cria a si mesmo; como preservador, preserva a si mesmo; como destruidor, destrói a si mesmo no fim de todas as coisas. Este mundo de terra, ar, fogo, água, éter, os sentidos, e a mente; tudo o que é chamado de espírito[34], que também é o senhor de todos os elementos, a forma universal, e imperecível, por isso ele é a causa da criação, preservação, e destruição; e a vítima das vicissitudes inerentes à natureza elementar[35]. Ele é o objeto e autor da criação, ele preserva, destrói, e é preservado. Ele, Vishnu, como Brahma, e como todos os outros seres, é forma infinita, ele é o supremo, o doador de todo o bem, a fonte de toda felicidade[36]. ◄

---

[32] Janarddana é derivado de Jana, 'homens', e Arddana, 'adoração;' 'o objeto de adoração para a humanidade.'

[33] Essa é a doutrina invariável dos Puranas, diversificada apenas de acordo com a divindade individual a quem eles atribuem identidade com Paramatma ou Parameswara. Em nosso texto este é Vishnu, nos Saiva Puranas, como no Linga, ele é Shiva, no Brahma-vaivartta é Krishna. A identificação de uma das hipóstases com a fonte comum da tríade era uma incongruência não desconhecida a outras teogonias; pois Cneph, entre os egípcios, parece por um lado ter sido identificado com o Ser Supremo, a unidade indivisível, enquanto no outro ele é confundido com Emeph e Ptha, a segunda e terceiras pessoas da tríade de hipóstases. Cudworth, I. 4. 18.

[34] 'O mundo que é chamado de espírito;' explicado pelo comentador, 'que de fato leva o nome de espírito;' conformemente com o texto dos Vedas, 'este universo realmente é espírito.' Isso é antes Vedanta do que Sankhya, e parece negar a existência de matéria, e assim ele age como uma existência independente; pois a origem e fim da substância infinita é a Divindade ou espírito universal, mas isso entretanto não significa a inexistência do mundo como substância real.

[35] Vishnu é Bhutesa, 'o senhor dos elementos', ou das coisas criadas, e Viswarupa, 'substância universal,' ele é portanto, como uno com coisas perceptíveis, sujeito ao seu próprio controle.

[36] Varenya, 'mais excelente;' sendo o mesmo, de acordo com o comentador, que felicidade suprema.

CAPÍTULO 3

Medida de tempo. Momentos ou Kashthas, etc.; dia e noite, quinzena, mês, ano, ano divino; Yugas, ou eras; Mahayuga, ou grande era; dia de Brahma; períodos dos Manus; um Manwantara; noite de Brahma, e destruição do mundo; um ano de Brahma; sua vida; um Kalpa; um Pararddha; o passado, ou Padma Kalpa; o atual, ou Varaha.

Maitreya: 'Como pode a atividade criativa ser atribuída àquele Brahma, que é sem qualidades, ilimitável, puro, e livre de imperfeição?

Parasara: 'As propriedades essenciais das coisas existentes são objetos de observação, das quais nenhuma presciência é obtenível; e criação, e centenas de propriedades, pertencem a Brahma, como partes inseparáveis da essência dele, como calor, ó chefe dos sábios, é inerente ao fogo[1]. Ouça então como a divindade Narayana, na pessoa de Brahma, o grande pai do mundo, criou todas as coisas existentes.

É dito que Brahma nasce: uma frase familiar, para indicar sua manifestação, e, como a extensão peculiar de sua presença, é dito que cem dos anos dele constituem sua vida, aquele período também é chamado de Param, e a metade disso, Pararddham[2]. Eu já declarei para você, ó brâmane impecável, que o Tempo é uma forma de Vishnu, ouça agora como ele é aplicado para medir a duração de Brahma, e de todos os outros seres sensíveis, como também daqueles que são inconscientes, como as montanhas, oceanos, e semelhantes.

Ó melhor dos sábios, quinze piscadas do olho fazem um Kashtha; trinta Kashthas, um Kala; e trinta Kalas, um Muhurtta[3]. Trinta Muhurttas constituem um dia e

---

[1] Atividade depende do Raja guna, a qualidade de impureza ou paixão, a qual é uma imperfeição. Ser perfeito é livre todas as qualidades, e é portanto inerte:

> Omnis enim per se divom natura necesse est
> Immortali aevo summa cum pace fruatur:

mas se inerte para sempre, a criação não poderia ocorrer. A objeção é mais evadida que respondida. A atribuição a Brahma de propriedades inumeráveis e de não apreciáveis é sustentada pelo comentador com textos vagos e raramente aplicáveis dos Vedas. 'Nele não há nem instrumento nem efeito, seu igual, seu superior, não é visto em parte alguma.' 'Aquela alma suprema é o subjugador de tudo, o regente de tudo, o soberano de tudo.' Em vários lugares dos Vedas também é dito que o poder dele é supremo, e que sabedoria, poder, e ação são suas propriedades essenciais. A origem da criação também é imputada nos Vedas ao surgimento de vontade ou desejo no Supremo: 'Ele desejou: que eu possa me tornar múltiplo, que eu possa criar criaturas.' O Bhagavata expressa a mesma doutrina: 'O Ser Supremo era antes de todas as coisas sozinho, a alma e senhor da substância espiritual; por causa da sua própria vontade ele é definido secundariamente, como se de várias mentes.' Essa vontade porém, no misticismo do Bhagavata, é personificada como Maya: 'Ela (aquele desejo) era a energia do Supremo, que estava contemplando (o mundo não tratado); e por meio dela, cujo nome é Maya, o Senhor fez o universo.' Isso, que era no princípio uma mera personificação poética da vontade divina, veio, em obras tais como o Bhagavata, a denotar uma divindade feminina, co-igual e co-eterna com a Primeira Causa. Pode ser duvidado se os Vedas autorizam tal mistificação, e nenhum vestígio muito evidente disso se acha no Vishnu Purana.

[2] Esse termo também é aplicado a um período diferente e ainda mais prolongado. Veja livro 6. Cap. 3.

[3] A última proporção é expressada bastante obscuramente: 'Trinta deles (Kalas) são a regra para o Muhurtta.' O comentador diz que isso significa que trinta Kalas fazem um Ghatika (ou Ghari), e dois Ghatikas um Muhurtta; mas a explicação dele é sem fundamento, e está em desacordo com passagens mais explícitas em outra parte; como no Matsya: 'Um Muhurtta é trinta Kalas.' Nessas divisões das vinte e quatro horas, o Kurma, Markandeya, Matsya, Vayu, e Linga Puranas concordam exatamente com nossa autoridade. Em Manu, I. 64, nós temos a mesma computação, com uma diferença no primeiro artigo,

noite de mortais, trinta de tais dias fazem um mês, dividido em dois meios meses, seis meses formam um Ayana (o período do progresso do sol em direção ao norte ou sul da eclíptica), e dois Ayanas compõem um ano. O Ayana do sul é uma noite, e o do norte um dia dos deuses. Doze mil anos divinos, cada um composto de (trezentos e sessenta) de tais dias, constituem o período dos quatro Yugas, ou eras. Eles são distribuídos desse modo: a era Krita tem quatro mil anos divinos; a Treta três mil; a Dwapara dois mil; e a era Kali um mil, assim declaram aqueles familiarizados com a antiguidade. O período que precede um Yuga é chamado de Sandhya, e ele é de tantas centenas de anos quanto há milhares no Yuga, e o período que segue um Yuga, chamado de Sandhyansa, é de duração similar. O intervalo entre o Sandhya e o Sandhyansa é o Yuga, denominado Krita, Treta, etc. O Krita, Treta, Dwapara, e Kali constituem uma grande era, ou agregado de quatro eras, mil de tais agregados são um dia de Brahma, e quatorze Manus reinam dentro desse prazo. Ouça a divisão de tempo que eles medem[4].

---

dezoito Nimeshas sendo um Kashtha. O Bhavishya Purana segue Manu naquele aspecto, e concorda no resto com o Padma, que tem:

15 Nimeshas	= 1 Kásht́há
30 Káshťhás	= 1 Kalá
30 Kalás	= 1 Kshańa
12 Kshańas	= 1 Muhúrtta
30 Muhúrttas	= 1 dia e noite.

No Mahabharata, Moksha Dharma, é dito que trinta Kalas e um décimo, ou, de acordo com o comentador, trinta Kalas e três Kashthas, fazem um Muhurtta. Uma variedade ainda maior, no entanto, ocorre no Bhagavata e no Brahma Vaivartta Purana. Esses têm:

2	Paramáńus	= 1 Ańu
3	Ańus	= 1 Trasareńu
3	Trasareńus	= 1 Truti
100	Trutis	= 1 Vedha
3	Vedhas	= 1 Lava
3	Lavas	= 1 Nimesha
3	Nimeshas	= 1 Kshańa
5	Kshańas	= 1 Káshťhá
15	Káshťhás	= 1 Laghu
15	Laghus	= 1 Náriká
2	Nárikás	= 1 Muhúrtta
6 ou 7	Nárikás	= 1 Yama, ou quarto do dia ou noite.

Alusões a essa ou qualquer uma das computações precedentes, ou a alguma outra, não foram achadas em algum dos outros Puranas; contudo o trabalho de Gopala Bhatta, do qual o Sr. Colebrooke declara que ele derivou sua informação sobre o assunto de pesos e medidas indianos (A. R. 5. 105), o Sankhya Parimana, cita o Varaha Purana com relação a uma computação peculiar, e cita outra do Bhavishya, diferente daquela que se encontra no primeiro capítulo daquela obra, à qual nós recorremos. O princípio do cálculo adotado pelos trabalhos astronômicos é diferente, ele é: 6 respirações (Prana) = 1 Vikala; 60 Vikalas = 1 Danda; 60 Dandas =1 dia sideral. O Nimesha, que é a base de um dos modos purânicos, é uma piscada dos olhos de um homem em repouso; enquanto o Paramanu, que é a origem do outro, e aparentemente mais moderno sistema, considerando os trabalhos nos quais ele ocorre, é o tempo tomado por um Paramanu, ou partícula de pó no raio de sol, atravessar uma fenda em uma veneziana. Algumas indicações desse cálculo sendo de circulação geral, ocorrem nos termos hindustani Renu (Trasarenu) e Lamhu (Laghu) em horometria indiana (A. R. 5. 81); enquanto o sistema mais comum parece derivado dos trabalhos astronômicos, sendo 60 Tilas = 1 Vipala; 60 Vipalas = 1 Pala; 60 Palas = 1 Danda ou Ghari, na mesma obra.

[4] Esses cálculos de tempo são encontrados na maioria dos Puranas, com algumas adições ocasionalmente, de nenhuma importância, como aquela do ano dos sete Rishis, 3030 anos mortais, e o ano de Dhruva, 9090 tais anos, no Linga Purana. Em todos os pontos essenciais as computações estão

Sete Rishis, certas divindades (secundárias), Indra, Manu, e os reis filhos dele, são criados e perecem em um período[5]; e o intervalo, chamado de Manwantara, é igual a setenta e uma vezes o número de anos contido nos quatros Yugas, com alguns anos adicionais; essa é a duração do Manu, das divindades auxiliares, e o restante, que é igual a 852.000 anos divinos, ou a 306.720.000 anos de mortais, independente do período adicional[6]. Quatorze vezes esse período constitui um dia Brahma, isto é,

---

de acordo, e o esquema, extravagante como ele pode parecer, parece admitir explicação fácil. Nós temos, em primeiro lugar, uma computação dos anos dos deuses nas quatro eras, ou:

Krita	Yuga	4000		
	Sandhyá	400		
	Sandhyánsa	400		
			4800	
Tretá	Yuga	3000		
	Sandhyá	300		
	Sandhyánsa	300		
			3600	
Dwápara	Yuga	2000		
	Sandhyá	200		
	Sandhyánsa	200		
			2400	
Kali	Yuga	1000		
	Sandhya	100		
	Sandhyánsa	100		
			1200	
				12000.

Se esses anos divinos são convertidos em anos de mortais, por multiplicá-los por 360, um ano de homens sendo um dia dos deuses, nós obtemos os anos dos quais os Yugas de mortais são ditos consistirem respectivamente:

4800 x 360 = 1.728.000
3600 x 360 = 1.296.000
2400 x 360 = 864.000
1200 x 360 = 432.000
4.320.000 um Maháyuga.

De modo que esses períodos se decompõem em elementos muito simples, a noção de quatro eras em uma série degenerativa expressa por meio de progressão aritmética descendente, como 4, 3, 2, 1; a conversão de unidades em milhares; e a ficção mitológica, que esses eram anos divinos, cada um composto de 360 anos de homens. Não parece necessário recorrer à invenção de qualquer computação astronômica, ou a qualquer tentativa de representar cronologia real.

5 Os detalhes desses, como ocorrendo em cada Manwantara, são dados no terceiro livro, c. 1 e 2.

6 'Setenta e uma enumerações das quatro eras, com um excedente.' Uma leitura similar ocorre em vários outros Puranas, mas nenhum deles declara no que o excedente ou adição consiste; mas ele é, na realidade, o número de anos necessário para ajustar duas computações do Kalpa. O mais simples, e provavelmente o cálculo original de um Kalpa, é ele ser 1000 grandes eras, ou eras dos deuses:
एतद्द्वादशसाहस्रं देवानां युगमुच्यते ।
दैविकानां युगानां तु सहस्रं परिसंख्यया ॥
ब्राह्ममेकमहर्ज्ञेयं तावती रात्रिरुच्यते । Bhavishya Purana. Então 4.320.000 anos, ou uma era divina, x 1000 = 4.320.000.000 anos, ou um dia ou noite de Brahma. Mas um dia de Brahma também é setenta e uma vezes uma grande era multiplicada por quatorze: 4.320.000 x 71 x 14 = 4.294.080.000, ou 25.920.000 menos que o precedente; e é para compensar essa deficiência que um certo número de anos deve ser acrescentado à computação por Manwantaras. De acordo com o Surya Siddhanta, como citado pelo Sr. Davis (A. R. 2. 231), essa adição consiste em um Sandhi a cada Manwantara, igual à era Satya, ou 5.728.000 anos; e um Sandhi similar no começo do Kalpa: assim 4.320.000 x 71 = 306.720.000 + 1.728.000 = 308.448.000 x 14 = 4.318.272.000 + 1.728.000 = 4320.000.000. Os purânicos, porém, omitem o Sandhi do Kalpa, e acrescentam a compensação inteira aos Manwantaras. A quantia disso em

um dia de Brahma; o termo (Brahma) sendo a forma derivada. No fim desse dia acontece uma dissolução do universo, quando todos os três mundos, terra, e as regiões de espaço, são consumidas pelo fogo. Os moradores de Maharloka (a região habitada pelos santos que sobrevivem ao mundo), afligidos pelo calor, se dirigem então para Janaloka (a região de homens santos depois do falecimento deles). Quando os três mundos são somente um oceano imenso, Brahma que é uno com Narayana, satisfeito com a demolição do universo, dorme sobre seu leito-serpente - contemplado, o nascido no loto, pelos ascetas habitantes do Janaloka - por uma noite de duração igual ao seu dia; ao fim da qual ele cria novamente. De tais dias e noites um ano de Brahma é composto; e cem de tais anos constituem sua vida inteira[7]. Um Pararddha[8], ou metade de sua existência, expirou, terminando com o Maha Kalpa[9] chamado Padma. O Kalpa (ou dia de Brahma) chamado Varaha é o primeiro do segundo período da existência de Brahma. ◄

---

números inteiros é 1.851.428 em cada Manwantara, ou 4.320.000 x 71 = 306.720.000 + 1.851.428 = 308.571.428 x 14 = 4.319.999.992; deixando uma inferioridade muito pequena para o resultado do cálculo de um Kalpa por mil grandes eras. Para suprir essa deficiência, de fato, são admitidas subdivisões muito minuciosas no cálculo; e o comentador em nosso texto diz, que os anos adicionais, se de deuses, são 5.142 anos, 10 meses, 8 dias, 4 quartos, 2 Muhurttas, 8 Kalas, 17 Kashthas, 2 Nimeshas, e 1/7º; se de mortais, 1.851.428 anos, 6 meses, 24 dias, 12 Naris, 12 Kalas, 25 Kashthas, e 10 Nimeshas. Será observado, que no Kalpa nós temos a série regular descendente 4, 3, 2, com cifras multiplicadas à vontade.

7 O Brahma Vaivartta diz 108 anos, mas isso é incomum. A vida de Brahma é apenas um Nimesha de Krishna, de acordo com aquele trabalho; um Nimesha de Shiva, de acordo com o Saiva Purana.

8 No último livro o Pararddha ocorre como uma medida de tempo muito diferente, mas ele é empregado aqui em sua aceitação comum.

9 Teoricamente os Kalpas são infinitos; como o Bhavishya: 'Sábios excelentes, milhares de milhões de Kalpas passaram, e tantos estão por vir.' No Linga Purana, e outros da divisão Saiva, acima de trinta Kalpas são citados, e alguns relatos dados de vários, mas eles são evidentemente embelezamentos sectários. Os únicos Kalpas normalmente especificados são aqueles que seguem no texto, o que foi o último, ou o Padma, e o atual, ou Varaha. O primeiro também é chamado geralmente de Brahma; mas o Bhagavata distingue o Brahma, considerando-o como o primeiro da vida de Brahma, enquanto o Padma foi o último do primeiro Pararddha. O termo Maha, ou grande Kalpa, aplicado ao Padma, é atribuído a ele somente em um sentido geral; ou, de acordo com o comentador, porque ele inclui, como um Kalpa menor, aquele no qual Brahma nasceu de um loto. Propriamente, um grande Kalpa não é um dia, mas uma vida de Brahma; como no Brahma Vaivartta: 'Cronologistas computam um Kalpa pela vida de Brahma. Kalpas menores, como Samvartta e o resto, são numerosos.' Kalpas menores aqui denotam todo período de destruição, ou aqueles nos quais o vento Samvartta, ou outros agentes destrutivos, operam. São achadas várias outras computações de tempo em diferentes Puranas, mas será suficiente mencionar uma que ocorre no Hari Vansa, porque ela é peculiar, e porque ela não é dada muito corretamente na tradução de M. Langlois. É o cálculo do tempo de Manava, ou tempo de um Manu.

10 Anos divinos	= um dia e noite de um Manu.
10 Dias Mánava	= sua quinzena.
10 Quinzenas Mánava	= seu mês.
12 Meses Mánava	= sua estação.
6 Estações Mánava	= seu ano.

Consequentemente o comentador diz que 72.000 anos divinos compõem seu ano. A tradução francesa tem, "dix annees des dieux font un jour de Manu; dix jours des dieux font un pakcha de Manu", etc. O erro jaz na expressão "jours des dieux", e é evidentemente uma mera inadvertência; pois se dez anos fazem um dia, dez dias não poderiam fazer uma quinzena.

CAPÍTULO 4

O aparecimento de Narayana, no princípio do Kalpa, como o Varaha ou javali; Prithivi (Terra) se dirige a ele; ele ergue o mundo de debaixo das águas; louvado por Sanandana e os Iogues. A terra flutua no oceano; dividida em sete zonas. As esferas mais baixas do universo restabelecidas. Criação renovada.

Maitreya: 'Conte-me, sábio poderoso, como, no começo do Kalpa (atual), Narayana, que é chamado de Brahma, criou todas as coisas existentes[1]'.

Parasara: 'De que maneira o divino Brahma, que é o mesmo que Narayana, criou progênie, e é por isso chamado de senhor da progênie (Prajapati), o deus soberano, você ouvirá.

Ao fim do Kalpa passado (ou Padma), o divino Brahma, dotado com a qualidade de bondade, despertou de sua noite de sono, e viu o universo vazio. Ele, o supremo Narayana, o incompreensível, o soberano de todas as criaturas, coberto com a forma de Brahma, o deus sem início, o criador de todas as coisas; de quem, com relação ao seu nome Narayana, o deus que tem a forma de Brahma, a origem imperecível do mundo, este verso é repetido: "As águas são chamadas de Nara, porque elas foram a prole de Nara (o espírito supremo); e como nelas o primeiro (Ayana) progresso dele (no caráter de Brahma) aconteceu, ele é por isso chamado de Narayana (aquele cujo lugar de movimento era as águas)[2]." Ele, o senhor, concluindo que dentro das águas se encontrava a terra, e desejando erguê-la, criou outra forma para aquele propósito; e como nos Kalpas precedentes ele tinha assumido a figura de um peixe ou uma tartaruga, assim nesse ele tomou a forma de um javali. Tendo

---

[1] Essa criação é da classe secundária, ou Pratisarga; água, e até mesmo a terra, estando em existência, e por conseguinte tendo sido precedidas pela criação de Mahat e dos elementos. Esse é também um Pratisarga diferente daquele descrito por Manu, no qual Swayambhu cria as águas primeiro, então o ovo, uma das formas mais simples, e talvez portanto uma das mais antigas nas quais a tradição se encontra.

[2] Esse é o verso bem conhecido de Manu, I. 8, traduzido pelo Senhor Wm. Jones, "As águas são chamadas de Nara, porque elas eram a produção de Nara, ou 'o espírito' de Deus; e já que elas foram seu primeiro Ayana, ou lugar de movimento, ele é chamado de Narayana por isso, ou 'se movendo sobre as águas.'" Agora embora possa haver pouca dúvida que essa tradição é em substância igual àquela do Gênese, a linguagem da tradução é talvez mais escritural do que é totalmente justificado. As águas, o texto de Manu diz, eram a progênie de Nara, que Kulluka Bhatta explica Paramatma, a alma suprema; isto é, elas foram as primeiras produções de Deus na criação. Ayana, em vez de 'lugar de movimento', é explicado por Asraya, 'lugar de permanência.' Narayana significa, portanto, aquele cujo lugar de permanência era o mar. O verso ocorre em vários dos Puranas, em geral quase nas mesmas palavras, e quase sempre como uma citação, como em nosso texto o Linga, Vayu, e Markandeya Puranas, que citam o mesmo, têm uma leitura um pouco diferente; ou, 'Apa (é igual a) Nara, ou corpos (Tanava); tal, nós ouvimos (dos Vedas), é o significado de Apa. Aquele que dorme nelas, é por isso chamado de Narayana.' O sentido comum de Tanu é 'minúsculo' ou 'corpo', nem ele se encontra entre os sinônimos de água no Nirukta dos Vedas. Pode-se supor talvez que ele diz que Nara ou Apa tem o significado de 'formas corpóreas', nas quais o espírito está entesourado, e das quais as águas, com Vishnu descansando sobre elas, são um símbolo; pois há muito misticismo nos Puranas nos quais a passagem se encontra dessa maneira. Até mesmo neles, porém, ele é introduzido da maneira habitual, descrevendo o mundo como água somente, e Vishnu repousando sobre o mar:

एकार्णवे तदा तस्मिन्नष्टे स्थावरजंगमे ।
तदा स भवति ब्रह्मा सहस्राक्षः सहस्रपात् ॥
सहस्रशीर्षा पुरुषो रुक्मवर्णो ह्यतीन्द्रियः ।
ब्रह्मा नारायणाख्यः स सुष्वाप सलिले तदा ॥

Vayu Purana. O Bhagavata evidentemente tentou explicar o texto antigo: 'Quando o deus encarnado dividiu o ovo do mundo no princípio, e emergiu para fora, então, requerendo um lugar de permanência, ele criou as águas: o puro criou o puro. Nelas, sua própria criação, ele residiu por mil anos, e por isso recebeu o nome de Narayana; as águas sendo o produto da divindade encarnada;' isto é, elas eram o produto de Nara ou Vishnu, como o primeiro macho ou Virat, e foram então chamadas de Nara, e de lá ser o Ayana ou Sthana dele, seu 'lugar permanente', vem seu epíteto de Narayana.

adotado uma forma composta dos sacrifícios dos Vedas[3], para a preservação da terra inteira, a alma eterna, suprema, e universal, o grande progenitor dos seres criados, louvado por Sanaka e os outros santos que moram na esfera de homens santos (Janaloka); ele, o sustentador da existência espiritual e material, mergulhou no oceano. A deusa Terra, vendo-o descendo dessa maneira para as regiões subterrâneas, curvou-se em adoração devota, e glorificou o deus desse modo:

Prithivi (Terra): 'Saudações a ti, que és todas as criaturas; a ti, o portador da maça e da concha; eleve-me agora deste lugar, como tu me levantaste antigamente. De ti eu provim; de ti eu consisto; como consistem os céus, e todas as outras coisas existentes. Saudações a ti, espírito do espírito supremo, a ti, alma da alma; a ti que és matéria separada e não separada; que és uno com os elementos e com o tempo. Tu és o criador de todas as coisas, seu preservador, e seu destruidor, nas formas, ó senhor, de Brahma, Vishnu, e Rudra, nas épocas de criação, duração, e dissolução. Quando tu devoraste todas as coisas, tu repousas no oceano que se estende sobre o mundo, meditado, ó Govinda, pelos sábios. Ninguém conhece tua verdadeira natureza, e os deuses te adoram somente nas formas que te agradou assumir. Aqueles que desejam a libertação final te adoram como o Brahma supremo; e quem, que não adora Vasudeva, obterá emancipação? O que quer que possa ser compreendido pela mente, o que quer que possa ser percebido pelos sentidos, o que quer que possa ser discernido pelo intelecto, tudo é somente uma forma de ti. Eu sou de ti, sustentada por ti, tu és meu criador, e para ti eu corro em busca de refúgio, por isso, neste universo, Madhavi (a noiva de Madhava ou Vishnu) é meu nome. Triunfo para a essência de toda a sabedoria, para o inalterável, o imperecível, triunfo para o eterno; para o não separado, para a essência das coisas separadas; para ele que é causa e efeito; que é o universo; o impecável senhor do sacrifício[4]; triunfo. Tu és sacrifício; tu és a oblação; tu és o Omkara místico; tu és os fogos sacrificais; tu és os Vedas, e as ciências dependentes deles; tu és, Hari, o objeto de toda adoração[5]. O sol, as estrelas, os planetas, o mundo inteiro; tudo o que é informe, ou que tem forma; tudo o que é visível, ou invisível; tudo, Purushottama, que eu disse, ou deixei não dito; tudo isso, Supremo, tu és. Saudações a ti, muitas vezes! Saudações! Todos saúdam!

Parasara: 'O auspicioso sustentador do mundo, sendo assim louvado pela terra, emitiu um som baixo murmurante, como o canto do Sama Veda; e o javali poderoso, cujos olhos eram como o loto, e cujo corpo, vasto como a montanha Nila, era da cor escura das folhas do loto[6], ergueu sobre suas amplas presas a terra das

---

3 A forma Varaha foi escolhida, diz o Vayu Purana, porque ele é um animal que se deleita em se divertir na água, mas ele é descrito em muitos Puranas, como é no Vishnu, como um símbolo do ritual dos Vedas, como nós teremos ocasião para observar. A elevação da terra de debaixo do oceano nessa forma, era, portanto, provavelmente no princípio uma representação alegórica da libertação do mundo de um dilúvio de iniquidade pelos ritos de religião. Geólogos podem suspeitar talvez, na tradição original e não mistificada, de uma alusão a um fato geológico, ou à existência de lacustre mammalia nos primeiros períodos da terra.

4 Yajnapati, 'o concessor dos resultados benéficos de sacrifícios.'

5 Yajnapurusha, 'o macho ou alma do sacrifício;' explicado por Yajnamurtti, 'a forma ou personificação do sacrifício;' ou Yajnaradhya 'aquele que é para ser propiciado por isto.'

6 Varaha Avatara. A descrição da figura do javali é detalhada muito mais particularmente em outros Puranas. Como no Vayu: "O javali tinha dez Yojanas de largura, mil Yojanas de altura; da cor de uma nuvem escura; e seu rugido era como trovão; seu tamanho era vasto como uma montanha; suas presas eram brancas, afiadas, e terríveis; fogo flamejava de seus olhos como relâmpago, e ele era brilhante como o sol; seus ombros eram redondos, corpulentos, e largos; ele andava como um leão poderoso; suas coxas eram gordas, seus quadris eram finos, e seu corpo era liso e belo." O Matsya Purana descreve o Varaha nas mesmas palavras, com uma ou duas variedades sem importância. O Bhagavata se perde naquela amplificação que marca sua composição mais recente, e descreve o Varaha como saindo das narinas de Brahma, no princípio do tamanho do dedo polegar, ou uma polegada de extensão, e logo aumentando para a estatura de um elefante. Aquele trabalho também acrescenta uma lenda da morte do demônio Hiranyaksha, que em uma existência precedente era um dos porteiros de Vishnu, no palácio dele em Vaikuntha. Tendo recusado admissão de Munis a uma festa, eles o

mais regiões baixas. Quando ele levantou sua cabeça, as águas derramadas de sua testa purificaram os grandes sábios, Sanandana e outros, residindo na esfera dos santos. Através dos entalhes feitos por seus cascos, as águas se precipitaram para os mundos mais inferiores com um barulho trovejante. Diante da respiração dele, os habitantes piedosos de Janaloka foram espalhados, e os Munis buscaram por abrigo entre as cerdas no corpo escritural do javali, tremendo quando ele se ergueu, sustentando a terra, e encharcadas com umidade. Então os grandes sábios, Sanandana e o resto, residindo continuamente na esfera de santos, foram inspirados com deleite, e curvando-se humildemente eles louvaram o sustentador de olhos severos da terra.

Os Iogues: 'Triunfo, senhor de senhores supremos; Kesava, soberano da terra, o manejador da maça, da concha, do disco, e da espada; causa de produção, destruição, e existência. TU ÉS, ó deus, não há nenhuma outra condição suprema, exceto tu. Tu, senhor, és a pessoa do sacrifício, pois teus pés são os Vedas; tuas presas são a estaca à qual a vítima é amarrada; em teus dentes estão as oferendas; tua boca é o altar; tua língua é o fogo; e pêlos do teu corpo são a grama sacrifical. Teus olhos, ó onipotente, são dia e noite; tua cabeça é o alicerce de tudo, o lugar de Brahma; tua crina é todos os hinos dos Vedas; tuas narinas são todas as oblações; ó tu, cujo focinho é a concha de oblação; cuja voz profunda é o canto do Sama Veda; cujo corpo é o salão de sacrifício; cujas juntas são as diferentes cerimônias; e cujas orelhas têm as propriedades de ritos voluntários e obrigatórios[7]; tu, que és eterno, que és em tamanho uma montanha, seja propício. Nós reconhecemos a ti, que atravessaste o mundo, ó forma universal, como o início, a continuação, e a destruição de todas as coisas; tu és o deus supremo. Tenha piedade de nós, ó senhor dos seres conscientes e inconscientes. O orbe da terra é visto assentado na ponta de tuas presas, como se tu tivesses estado te divertindo em meio a um lago onde o loto flutua, e tivesses carregado as folhas cobertas com terra. O espaço entre céu e terra é ocupado por teu corpo, ó tu de glória inigualada, resplandecente com o poder de permear o universo, ó senhor, para o benefício de todos. Tu és o alvo de todos, não há nenhum outro além de ti, soberano do mundo; esse é teu poder, pelo qual todas as coisas, fixas ou móveis, são permeadas. Essa forma, que é vista agora, é tua forma, como una essencialmente com sabedoria. Aqueles que não têm praticado devoção, concebem erroneamente a natureza do mundo. Os ignorantes, que não percebem que este universo é da natureza da sabedoria, e o julgam como um objeto de percepção apenas, estão perdidos no oceano de ignorância espiritual. Mas aqueles que conhecem a verdadeira sabedoria, e cujas mentes são puras, vêem este mundo inteiro como uno com conhecimento divino, como uno contigo, ó deus. Seja favorável, ó espírito universal, levante essa terra, para a habitação dos seres criados. Divindade inescrutável, cujos olhos são como lotos, nos dê felicidade. Ó senhor, tu és dotado da qualidade de bondade, erga, Govinda, essa terra, para o bem geral. Conceda-nos felicidade, ó de olhos de loto. Possa isto, tua atividade em criação, ser benéfico para a terra. Saudação a ti. Conceda-nos felicidade, ó de olhos de loto.

---

amaldiçoaram, e ele nasceu por conseguinte como um dos filhos de Diti. Quando a terra, oprimida pelo peso das montanhas, afundou nas águas, Vishnu foi visto nas regiões de subterrâneas, ou Rasatala, por Hiranyaksha ao levá-la. O demônio reivindicou a terra, e desafiou Vishnu para combate; e um conflito aconteceu, no qual Hiranyaksha foi morto. Essa lenda não foi encontrada em nenhum outro Purana, e certamente não se encontra no principal deles, nada mais do que o nosso texto. No Moksha Dharma do Mahabharata, c. 35, Vishnu destrói os demônios na forma do Varaha, mas nenhum indivíduo particular é especificado, nem a elevação da terra depende da derrota deles. O Kalika Upapurana tem uma lenda absurda de uma luta entre Shiva como um Sarabha, um animal lendário, e Vishnu como o Varaha, no qual o último permite a si mesmo e sua descendência gerada sobre a terra terra serem mortos.

[7] Isso, que é nada mais que o desenvolvimento da noção que a encarnação Varaha simboliza o ritual dos Vedas, é repetido na maioria dos Puranas nas mesmas ou quase nas mesmas palavras.

Parasara: ‘O supremo, sendo assim louvado, segurando a terra, ergueu-a rapidamente, e colocou-a no topo do oceano, onde ela flutua como um recipiente imenso, e por sua superfície extensa não afunda nas águas. Então, tendo nivelado a terra, a grande divindade eterna a dividiu em partes, por montanhas; ele que nunca deseja em vão, criou novamente, por seu poder irresistível, aquelas montanhas na terra que tinham sido destruídas na destruição do mundo. Tendo então dividido a terra em sete grandes porções ou continentes, como ela estava antes, ele construiu de modo semelhante as quatro esferas (inferiores), terra, firmamento, céu, e a esfera dos sábios (Maharloka). Assim Hari, o deus de quatro faces, investido com a qualidade de atividade, e tomando a forma de Brahma, realizou a criação, mas ele (Brahma) é só a causa instrumental das coisas a serem criadas; as coisas que podem ser criadas surgem da natureza como uma causa material comum, com exceção de uma causa instrumental somente, não há necessidade de qualquer outra causa, pois substância (imperceptível) se torna substância perceptível de acordo com os poderes com os quais ela é saturada originalmente[8]. ◄

[8] Isso parece equivalente à noção antiga de uma natureza plástica: "Todas as partes de matéria, por causa de uma certa vida nelas, são supostas capazes de aperfeiçoarem a si mesmas artificialmente e metodicamente para a maior vantagem das suas presentes capacidades respectivas". Isso, que Cudworth (c. III.) chama de hilozoísmo, não é incompatível com um criador ativo: "não que ele deva, aytoyrgein apanta, colocar sua própria mão em todo trabalho, o que, como diz Aristóteles, seria, aprepes tui theui, impróprio para Deus; mas, como no caso de Brahma e outros agentes subordinados, que eles devem fazer os vários desenvolvimentos da natureza bruta acontecerem, por proverem aquela vontade, da qual a própria natureza é incapaz. Ação sendo uma vez instituída por um agente instrumental, ou pela vontade de um agente intelectual, é continuada por poderes ou uma vitalidade inerente na natureza ou na matéria da própria criação. A eficiência de tais causas subordinadas foi defendida por Platão, Aristóteles, e outros; e a opinião de Zeno, como declarada por Laertius, pode ser tomada por uma tradução de alguma passagem tal como aquela em nosso texto: Esti de fusis exis ex ayteis kinoymene kata spermatikous logoys, apotelousa te kai synexoysa ta ex ayteis en uriosmenois xronois, kai toiauta drusa af' oiun apekrithe. 'Natureza é um hábito movido por si mesmo, de acordo com princípios seminais; aperfeiçoando-se e contendo aquelas várias coisas que em determinadas épocas são produzidas dela, e agindo de acordo com aquilo do qual ela foi segregada.' Intell. System, I. 328. Assim o comentador ilustra nosso texto por observar que a causa do brotamento do arroz está em sua própria semente, e seu desenvolvimento é por si mesmo; embora seu crescimento ocorra somente em uma determinada época, por causa da agência instrumental da chuva.

CAPÍTULO 5

Vishnu como Brahma cria o mundo. Características gerais da criação. Brahma medita, e dá origem a coisas imóveis, animais, deuses, homens. Criação específica de nove tipos; Mahat, Tanmatra, Aindriya, objetos inanimados, animais, deuses, homens, Anugraha, e Kaumara. Relato mais específico da criação. Origem de diferentes classes de seres do corpo de Brahma sob diferentes condições; e dos Vedas a partir das bocas dele. Todas as coisas criadas novamente como elas existiam em um Kalpa anterior.

Maitreya: 'Agora explique para mim, brâmane, como essa divindade criou os deuses, sábios, progenitores, demônios, homens, animais, árvores, e o resto, que residem na terra, no céu, ou nas águas; como Brahma na criação fez o mundo com as qualidades, as características, e as formas das coisas[1].

Parasara: 'Eu explicarei para você, Maitreya, escute atentamente, como essa divindade, o senhor de tudo, criou os deuses e outros seres.

Enquanto ele (Brahma) antigamente, no princípio dos Kalpas, estava meditando sobre a criação, apareceu uma criação começando com ignorância, e consistindo em escuridão. Daquele grande ser pareceu a Ignorância quíntupla, consistindo em obscuridade, ilusão, ilusão extrema, escuridão, escuridão absoluta[2]. A criação do criador assim mergulhado em abstração, era o mundo quíntuplo (imóvel), sem intelecto ou reflexão, sem percepção ou sensação, incapaz de sentir, e destituído de movimento[3]. Já que coisas imóveis foram criadas primeiro, essa é chamada de a primeira criação. Brahma, vendo que ela estava incompleta, projetou outra; e enquanto ele assim meditava, a criação animal foi manifestada, aos produtos da qual o termo Tiryaksrotas é aplicado, por causa da nutrição deles seguir um curso sinuoso[4]. Esses foram chamados de bestas, etc., e sua característica era a qualidade de escuridão, eles sendo desprovidos de conhecimento, descontrolados em seu comportamento, e confundindo erro com sabedoria; sendo formados de egotismo e amor-próprio,

---

[1] Os termos aqui empregados são para qualidades, Gunas; as quais, como nós já observamos, são aquelas de bondade, impureza, e escuridão. As características, ou Swabhavas, são as propriedades inerentes das qualidades, pelas quais elas agem, como, calmantes, terríveis, ou entorpecentes; e as formas, Swarupas, são as distinções de bípede, quadrúpede, bruto, pássaro, peixe, e semelhantes.

[2] Ou Tamas, Moha, Mahamoha, Tamisra, Andhatamisra; eles são os cinco tipos de obstrução, viparyyaya, da libertação da alma, de acordo com o Sankhya; eles são explicados como sendo, 1. A convicção que substância material é o mesmo que espírito; 2. Noção de propriedade ou posse, e consequente apego a objetos, como filhos e semelhantes, como sendo posses da pessoa; 3. Vícios nos prazeres dos sentidos; 4. Impaciência ou ira; e 5. Medo de privação ou morte. Eles são chamados, na filosofia Patanjala, de as cinco aflições, Klesa, mas são explicadas semelhantemente por Avidya, 'ignorância;' Asmita, 'egoísmo', literalmente 'Eu sou;' Raga 'amor;' Dwesha, 'ódio;' e Abhinivesa, 'medo de sofrimento temporal.' Sankhya Karika, pág. 148-150. Essa criação por Brahma no Varaha Kalpa começa da mesma maneira, e nas mesmas palavras, na maioria dos Puranas. O Bhagavata inverte a ordem desses cinco produtos, e os apresenta: Andhatamisra, Tamisra, Mahamoha, Moha, e Tamas; uma variação obviamente mais não metódica que a leitura habitual do texto, e adotada, sem dúvida, somente para dar à passagem um ar de originalidade.

[3] Isso não é para ser confundido com criação elementar, embora a descrição pudesse se aplicar muito bem àquela da natureza bruta, ou Pradhana; mas, como logo será visto, nós temos aqui que tratar com produções finais, ou as formas nas quais os elementos e faculdades previamente criados são agregados mais ou menos perfeitamente. É dito aqui que a primeira classe dessas formas são coisas imóveis; isto é, os reinos minerais e vegetais; pois a terra sólida, com suas montanhas e rios e mares, já estava preparada para a recepção deles. A criação imóvel 'quíntupla' está, de fato, de acordo com o comentário, restrita a vegetais, cinco ordens dos quais são enumeradas, ou, 1. árvores; 2. arbustos; 3. plantas trepadeiras; 4. plantas rasteiras; e 5. ervas.

[4] Tiryak, 'tortuoso;' e Srotas, 'um canal.'

labutando sob os vinte e oito tipos de imperfeição[5], manifestando sensações internas, e se associando entre si (de acordo com suas espécies). Vendo essa criação também imperfeita, Brahma meditou novamente, e uma terceira criação apareceu, abundando com a qualidade de bondade, chamada Urddhasrotas[6]. Os seres assim produzidos na criação Urddhasrotas eram dotados de prazer e gozo, não onerados interiormente ou externamente, e luminosos dentro e fora. Essa, chamada de a criação dos imortais, foi a terceira realização de Brahma que, embora bem satisfeito com ela, ainda a achou incompetente para cumprir os objetivos dele. Continuando portanto suas meditações, surgiu, por causa do propósito infalível dele, a criação chamada de Arvaksrotas, a partir da natureza não separada. Os produtos disso são chamados Arvaksrotasas[7], por causa da corrente descendente (da sua nutrição). Eles são cheios da luz do conhecimento, mas as qualidades de escuridão e de impureza predominam. Por isso eles são afligidos pelo mal, e são impelidos repetidamente para a ação. Eles têm conhecimento externamente e internamente, e são os instrumentos (de realizar o objetivo da criação, a libertação da alma). Essas criaturas eram o gênero humano.

Eu assim expliquei a você, Muni excelente, seis[8] criações. A primeira criação foi aquela de Mahat ou Intelecto, que também é chamada de a criação de Brahma[9]. A segunda foi aquela dos princípios rudimentares (Tanmatras), por isso chamada de criação elementar (Bhuta serga). A terceira era a forma modificada do egotismo, chamada de criação orgânica, ou criação dos sentidos (Aindriyaka). Essas três eram as criações Prakrita, os desenvolvimentos da natureza não separada, precedidos pelo princípio não separado[10]. A quarta ou criação fundamental (de coisas perceptíveis) foi aquela de corpos inanimados. A quinta, a criação Tairyagyonya, foi aquela dos animais. A sexta foi a criação Urddhasrotas, ou aquela das divindades. A criação dos

---

5 Vinte e oito tipos de Badhas, que no sistema Sankhya significam inaptidões, como defeitos dos sentidos, cegueira, surdez, etc.; e defeitos de intelecto, descontentamento, ignorância, e semelhantes. S. Karika, pág. 148, 151. Em lugar de Badha, porém, a leitura mais usual, como no Bhagavata, Varaha, e Markandeya Puranas, é Vidha, 'tipo', 'classe', como अष्टाविंशद्विधात्मकाः, implicando vinte e oito tipos de animais. Esses são especificados desse modo no Bhagavata, 3. 10: Seis tipos têm cascos únicos, nove têm cascos duplos ou divididos, e treze têm cinco garras ou unhas em vez de cascos. Os primeiros são: o cavalo, a mula, o asno, o iaque, o sarabha, e o gaura, ou cervo branco. Os segundos são: a vaca, a cabra, o búfalo, o porco, o gayal [tipo de bovino], o cervo preto, o antílope, o camelo, e a ovelha. Os últimos são: o cachorro, chacal, lobo, tigre, gato, lebre, porco-espinho, leão, macaco, elefante, tartaruga, lagarto, e jacaré.

6 Urddha, 'above', e Srotas, como antes; a nutrição deles sendo derivada do exterior, não do interior do corpo; de acordo com o comentador; ऊर्ध्वमुपरि देहाद्बहिरेव स्रोत आहारप्रवर्णं यस्य सः । como um texto dos Vedas o tem: 'Por saciedade derivada até mesmo de ver ambrosia.'

7 Arvak, 'para baixo', e Srotas, 'canal.'

8 Essa conta não é muito facilmente reconciliada com as criações descritas; pois, como logo enumeradas, as fases da criação são sete. O comentador, no entranto, considera a criação Urddhasrotas, ou aquelas dos seres sobre-humanos, como a mesma que aquela dos Indriyas, ou sentidos sobre os quais eles presidem; pelo que o número é reduzido para seis.

9 Essa criação sendo o trabalho do espírito supremo, ब्रह्म परमात्मा तत्कर्तृकः सर्गो विज्ञेय इत्यर्थः । de acordo com o comentador; ou isso pode ser entendido significar que Brahma foi então criado, sendo, como nós vimos, identificado com Mahat, 'inteligência ativa', ou a vontade operante do Supremo. Veja pág. 70, nota 22.

10 O texto é, सर्गः संभूतो बुद्धिपूर्वकः । que é, como traduzido no texto, 'criação precedida por, ou começando com Buddhi, inteligência.' As regras de eufonia entretanto dariam margem para uma negativa muda ser inserida, ou 'precedida por ignorância;' isto é, pelo princípio essencial, natureza bruta ou Pradhana, que é una com ignorância; mas isso parece depender de noções de uma data posterior, e adoção mais parcial que aquelas geralmente prevalecentes em nossa autoridade; e a primeira leitura então foi preferida. É para ser observado também, que a primeira criação não intelectual foi aquela de objetos imóveis (como na página 82), o original da qual é, अबुद्धिपूर्वकः सर्गः प्रादुर्भूतस्तमोमयः । e toda ambiguidade de construção é evitada. A leitura também é estabelecida pelo texto do Linga Purana, que enumera as diferentes séries de criação nas palavras do Vishnu, menos nessa passagem, que é transposta lá com uma leve variação da leitura. Em vez de प्रथमो महतः सर्गो विज्ञेयो ब्रह्मणस्तु सः ।, ela é प्रथमो महतः सर्गः संभूतो बुद्धिपूर्वकः ।. 'A primeira criação era aquela de Mahat: Intelecto sendo o primeiro em manifestação.' A leitura do Vayu Purana ainda é mais tautológica, mas confirma aquela aqui preferida. Veja também a n. 12.

seres Arvaksrotas foi a sétima, e foi aquela do homem. Há uma oitava criação, chamada Anugraha, que possui ambas as qualidades de bondade e escuridão[11]. Dessas criações, cinco são secundárias, e três são primárias[12]. Mas há uma nona, a criação Kaumara, que é primária e secundária[13]. Essas são as nove criações do grande progenitor de todos, e, como primárias e secundárias, são as causas radicais do mundo, procedendo do criador soberano. O que mais tu desejas ouvir?

---

[11] A criação Anugraha, da qual nenhuma menção foi achada no Mahabharata, parece ter sido emprestada da filosofia Sankhya. Ela é descrita mais detalhadamente no Padma, Markandeya, Linga, e Matsya Puranas; como, 'A quinta é a criação Anugraha, que é subdividida em quatro tipos; por obstrução, inaptidão, perfeição, e aquiescência.' Essa é a Pratyaya sarga, ou criação intelectual, dos Sankhyas (S. Karika, v. 46. p.146); a criação da qual nós temos uma noção, ou para a qual nós damos consentimento (Anugraha), em contraste com a criação orgânica, ou aquela existência da qual nós temos percepção sensível. Em suas subdivisões específicas está a noção de certas propriedades inseparáveis nas quatro diferentes ordens de seres: obstrução ou impassibilidade em coisas inanimadas; inabilidade ou imperfeição em animais; perfectibilidade no homem; e aquiescência ou prazer tranquilo em deuses. Igualmente também o Vayu Purana: स्थावरेषु विपर्यासस्तिर्यग्योनिष्वशक्तिता । सिद्धात्मानो मनुष्यास्तु तुष्टिर्देवेषु कृत्स्नशः ॥.

[12] Ou Vaikrita, derivadas indiretamente do primeiro princípio, por seus Vikritis, 'produções' ou 'desenvolvimentos;' e Prakrita, derivadas mais imediatamente do próprio princípio essencial. Mahat e as duas formas de Ahankara, ou os elementos rudimentais e os sentidos, constituem a última classe; seres inanimados, etc. compõem a primeira; ou as últimas são consideradas como o trabalho de Brahma, enquanto as três primeiras são evoluídas de Pradhana. Conforme o Vayu: 'As três criações que começam com Inteligência são elementares; mas as seis criações que procedem da série da qual Intelecto é o primeiro são o trabalho de Brahma.'

[13] Nós temos que recorrer aqui também a outros Puranas, para a elucidação desse termo. A criação Kaumara é a criação de Rudra ou Nilalohita, uma forma de Shiva, por Brahma, que é descrita subsequentemente em nosso texto, e de certos outros filhos nascidos da mente de Brahma, de cujo nascimento o Vishnu Purana não dá outro relato; eles são em outra parte chamados de Sanatkumara, Sananda, Sanaka, e Sanatana, às vezes com um quinto, Ribhu, somado. Esses, recusando-se a criar progênie, permaneceram, como o nome do primeiro sugere, sempre meninos, kumaras; isto é, sempre puros e inocentes; de onde a criação deles é chamada de Kaumara. Conforme o Vayu: ऋषि ससर्ज वै ब्रह्मा मानसानात्मनः समान् । सनन्दनं ससनकं विद्वांसं च सनातनम् ॥ सनत्कुमारमेव च न ते लोके तु सर्जने । निरपेक्षाः समाहिताः *** ॥. E o Linga tem, 'Sendo sempre como ele nasceu, ele é chamado aqui de jovem; e por isso seu nome é bem conhecido como Sanatkumara.' Essa autoridade faz de Sanatkumara e Ribhu os dois nascidos antes de todos, enquanto o texto do Hari Vansa limita a primogenitura a Sanatkumara. Em outro lugar, porém, ele enumera aparentemente seis, ou os quatro acima com Sana ou Ribhu ou outro Sanatana; pois a passagem está alterada. A tradução francesa atribui uma parte na criação a Sanatkumara: 'Les sept Prajapatis, Roudra, Scanda, et Sanatkaumara, se mirent a produire les etres repandant partout l'inepuisable energie de dieu.' O original é, Sankshipya não é 'repandant', mas 'restringente;' e Tishthatah estando no número dual, se refere naturalmente a somente dois da série. A versão correta é, 'Estes sete (Prajapatis), criaram progênie, e assim fez Rudra; mas Skanda e Sanatkumara, contendo seu poder, se abstiveram (de criar).' Conforme o comentador: सृष्टिसामर्थ्यं संक्षिप्य निगृह्य सृष्टिमकुर्वन्तावेव तिष्ठतः ।. Esses sábios, entretanto, vivem tanto quanto Brahma, e eles só são criados por ele no primeiro Kalpa, embora a geração deles esteja muito geralmente, mas de modo inconsistente, introduzidas no Varaha ou Padma Kalpas. Essa criação, diz o texto, é primária (Prakrita) e secundária (Vaikrita). Ela é a última, de acordo com o comentador, com relação à origem desses santos a partir de Brahma; ela é a primeira com relação a Rudra que, embora procedendo de Brahma, de uma certa forma era em essência igualmente uma produção imediata do primeiro princípio. Essas noções, o nascimento de Rudra e dos santos, parecem ter sido emprestadas dos Saivas, e terem sido enxertadas desajeitadamente no sistema Vaishnava. Sanatkumara e seus irmãos sempre são descritos nos Saiva Puranas como Iogues: como o Kurma, depois de enumerá-los, acrescenta, 'Esses cinco, ó brâmanes, eram Iogues, que obtiveram isenção total de paixão;' e o Hari Vansa, embora antes Vaishnava que Saiva, observa, que os Iogues celebram estes seis, junto com Kapila, em trabalhos de Yoga. A idéia parece também ter sido ampliada nos trabalhos Saiva; pois o Linga Purana descreve o nascimento repetido de Shiva, ou Vamadeva, como um Kumara, ou menino, de Brahma, em cada Kalpa, que novamente se torna quatro. Assim no vigésimo nono Kalpa Swetalohita é o Kumara, e ele se torna Sananda, Nandana, Viswananda, Upanandana; todos de cor branca; no trigésimo o Kumara se torna Virajas, Vivahu, Visoka, Viswabhavana, todos de cor vermelha; no tringésimo primeiro ele se torna quatro jovens de cor amarela; e no trigésimo segundo os quatro Kumaras são negros. Todas essas são, sem dúvida, adições comparativamente recentes à noção original do nascimento de Rudra e dos Kumaras; ela mesma obviamente uma inovação sectária na doutrina primitiva do nascimento dos Prajapatis, ou filhos nascidos da vontade de Brahma.

Maitreya: 'Tu narraste brevemente para mim, Muni, a criação dos deuses e outros seres. Eu estou desejoso, principal dos sábios, de ouvir de ti uma descrição mais ampla da criação deles.

Parasara: 'Seres criados, embora eles sejam destruídos (em suas formas individuais) nos períodos de dissolução, contudo, sendo afetados pelos atos bons ou maus de existência anterior, eles nunca são isentados das consequências deles; e quando Brahma cria o mundo novamente, elas são a progênie da vontade dele, na condição quádrupla de deuses, homens, animais, ou coisas inanimadas. Brahma então, desejoso de criar as quatro ordens de seres, chamadas deuses, demônios, progenitores, e homens, reuniu sua mente em si mesmo[14]. Enquanto assim concentrado, a qualidade de escuridão penetrou seu corpo; e por isso os demônios (os Asuras) nasceram primeiro, saindo de sua coxa. Brahma então abandonou aquela forma que era composta do rudimento de escuridão, e que, sendo abandonada por ele, tornou-se noite. Continuando a criar, mas assumindo uma forma diferente, ele experimentou prazer; e por isso de sua dele provieram os deuses, dotados da qualidade de bondade. A forma abandonada por ele tornou-se dia, no qual a qualidade boa predomina; e consequentemente de dia os deuses são mais poderosos, e de noite os demônios. Ele em seguida adotou outra figura, na qual o rudimento de bondade também prevalecia; e pensando em si mesmo como o pai do mundo, os progenitores (os Pitris) nasceram do flanco dele. O corpo, quando ele o abandonou, tornou-se o Sandhya (ou crepúsculo noturno), o intervalo entre dia e noite. Brahma então assumiu outra figura, penetrada pela qualidade de impureza, e disso, homens, em quem impureza (ou paixão) predomina, foram produzidos. Abandonado rapidamente, aquele corpo tornou-se crepúsculo matutino, ou o amanhecer. No aparecimento dessa luz do dia, os homens sentem maior vigor; enquanto os progenitores são mais poderosos no período do anoitecer. Dessa maneira, Maitreya, Jyotsna (amanhecer), Ratri (noite), Ahar (dia), e Sandhya (anoitecer), são os quatro corpos de Brahma investidos pelas três qualidades[15].

Em seguida, de Brahma, em uma forma composta da qualidade de impureza, foi produzida fome, de quem nasceu raiva; e o deus tornou manifestos em escuridão seres emaciados com fome, de aspectos horrendos, e com barbas longas. Aqueles seres se apressaram em direção à divindade. Aqueles que exclamaram: 'Ó nos

---

14 Esses relatos reiterados, e nem sempre muito congruentes da criação, são explicados pelos Puranas como referentes a diferentes Kalpas, ou renovações do mundo, e portanto não envolvendo incompatibilidade. Uma razão melhor para o aparecimento deles é a probabilidade de eles terem sido emprestados de autoridades originais diferentes. O relato que segue foi evidentemente modificado pelos Iogues Saivas, por causa de seu misticismo geral, e pelas expressões com as quais ele começa: 'Reunindo sua mente em si mesmo', de acordo com o comentário, é a execução do Yoga (Yuyuje). O termo Ambhansi, literalmente 'águas', para as quatro ordens de seres, deuses, demônios, homens, e Pitris, também é um termo peculiar, e provavelmente místico. O comentador diz que ele ocorre nos Vedas como um sinônimo de deuses. O Vayu Purana o deriva de 'brilhar', porque as diferentes ordens de seres brilham ou vicejam respectivamente no luar, noite, dia, e crepúsculo; etc.

15 Esse relato é dado em vários outros Puranas: no Kurma, com mais simplicidade; no Padma, Linga, e Vayu com mais detalhes. O Bhagavata, como sempre, amplia ainda mais abundantemente, e confunde muito absurdo com o relato. Assim a figura de Sandhya, 'crepúsculo noturno', é descrito dessa maneira: "Ela apareceu com olhos rolando com paixão, enquanto seus pés como loto soavam com ornamentos tilintando, um manto de musselina pendia de sua cintura, seguro por uma cinta dourada, seus peitos eram protuberantes, e juntos; seu nariz era elegante; sua língua bela; seu rosto era luminoso com sorrisos, e ela modestamente o escondia com as bordas de seu manto; enquanto os cachos escuros se aglomeravam em volta de sua testa". Os Asuras se dirigiram a ela, e a conquistaram para se tornar sua noiva. Às quatro formas do nosso texto, o mesmo trabalho acrescenta, Tandri, 'indolência;' Jrimbhika, 'aborrecimento;' Nidra, 'sono;' Unmada, 'loucura;' Antarddhana, 'desaparecimento; ' Pratibimba, 'reflexão;' que se tornam a propriedade de Pisachas, Kinnaras, Bhutas, Gandherbas, Vidyadharas, Sadhyas, Pitris, e Manus. As noções de noite, dia, crepúsculo, e luar sendo derivados de Brahma, parece ter se originado com os Vedas. Assim o comentador no Bhagavata observa, 'Aquilo que era o corpo dele, e foi deixado, era escuridão: esse é o Sruti.' Todas as autoridades colocam a noite antes do dia, e os Asuras ou Titãs antes dos deuses, na ordem de aparecimento; como fizeram Hesíodo e outros teogonistas antigos.

preserve! foram chamados de Rakshasas por isso[16]; outros, que clamaram, ‘Deixe-nos comer’, foram denominados Yakshas[17], por causa daquela expressão. Vendo-os tão repulsivos, os cabelos de Brahma se arrepiaram, e caindo primeiro da cabeça dele, foram novamente renovados sobre ela; por sua queda eles se tornaram serpentes, chamadas Sarpa por seu rastejar, e Ahi porque elas abandonaram a cabeça[18]. O criador do mundo, estando enraivecido, então criou seres ferozes, que foram denominados trasgos, Bhutas, demônios malignos e comedores de carne. Os Gandharbas nasceram em seguida, absorvendo melodia: bebendo da deusa da fala, eles nasceram, e por isso seu nome[19].

O divino Brahma, influenciado pelas energias materiais deles, tendo criado esses seres, fez outros por sua própria vontade. Aves ele formou de seu vigor vital; ovelhas de seu peito; cabras de sua boca; vacas de sua barriga e lados; e cavalos, elefantes, sarabhas, gayals, cervos, camelos, mulas, antílopes, e outros animais, de seus pés, enquanto que dos pêlos de seu corpo surgiram ervas, raízes, e frutas.

Brahma tendo criado, no começo do Kalpa, várias plantas, as empregou em sacrifícios, no princípio da era Treta. Animais eram distintos em duas classes, domésticos (aldeia) e selvagens (floresta); a primeira classe continha a vaca, a cabra, o porco, a ovelha, o cavalo, o asno, a mula; a última, todos os animais predadores, e muitos animais com cascos fendidos, o elefante, e o macaco. A quinta ordem eram os pássaros; a sexta, animais aquáticos, e a sétima, répteis e insetos[20].

De sua boca do lado leste Brahma criou a métrica Gayatri, o Rig Veda, a coleção de hinos chamada Trivrit, a parte Rathantara do Sama Veda, e o sacrifício Agnishtoma; de sua boca do lado sul ele criou Yajur Veda, a métrica Trishtubh, a coleção de hinos chamada Panchadasa, o Vrihat Sama, e a parte do Sama Veda chamada Uktha; de sua boca do oeste ele criou o Sama Veda, a métrica Jayati, a coleção de hinos chamada Saptadasa, a parte do Sama chamada Vairupa, e o sacrifício de Atiratra; e de sua boca do norte ele criou a coleção de hinos Ekavinsa, o Atharva Veda, o rito Aptoryama, a métrica Anushtubh, e a parte Vairaja do Sama Veda[21].

Dessa maneira todas as criaturas, grandes ou pequenas, provieram dos membros dele. O grande progenitor do mundo tendo formado os deuses, demônios, e Pitris, criou, no começo do Kalpa, os Yakshas, Pisachas (duendes), Gandharbas e as

---

16 De Raksha, 'preservar.'

17 De Yaksha, 'comer.'

18 De Srip, serpo, 'rastejar', e de Ha, 'abandonar.'

19 Gam dhayantah, 'bebendo palavra.'

20 Essa enumeração e a precedente da origem de vegetais e animais acontece em vários Puranas, precisamente nas mesmas palavras. O Linga soma uma especificação do Aranya, ou animais selvagens, que são citados como o búfalo, gayal, urso, macaco, sarabha, lobo, e leão.

21 Essa especificação das partes dos Vedas que procede de Brahma se encontra, nas mesmas palavras, no Vayu, Linga, Kurma, Padma, e Markandeya Puranas. O Bhagavata oferece algumas variedades importantes: "De sua boca leste e outras ele criou o Rich, Yajush, Sama, e Atharvan Vedas; o Sastra, ou 'o encantamento não pronunciado;' Ijya, 'oblação;' Stuti e Stoma, 'preces' e 'hinos;' e Prayaschitta, 'expiação' ou 'filosofia sagrada' (Brahma); também os Vedas de medicina, armas, música, e mecânica; e os Itihasas e Puranas, que são um quinto Veda; também as partes dos Vedas chamadas Sorasi, Uktha, Purishi, Agnishtut, Aptoryama, Atiratra, Vajapeya, Gosava; as quatro partes de virtude, pureza, generosidade, devoção, e verdade; as ordens de vida, e seus institutos e diferentes ritos religiosos e profissões; e as ciências de lógica, ética, e método de governo. As palavras e monossílabo místicos provieram de seu coração; a métrica Ushnih dos pêlos de seu corpo; Gayatri de sua pele; Trishtubh de sua carne; Anushtubh de seus tendões; Jagati de seus ossos; Pankti de sua medula; Vrihati de sua respiração. As consoantes eram sua vida; as vogais seu corpo; as sibilantes de seus sentidos; as semivogais de seu vigor". Esse misticismo, embora talvez expandido e ampliado pelos purânicos, parece se originar com os Vedas; como no texto, 'A métrica era dos tendões.' As diferentes partes dos Vedas especificadas no texto, a maior parte, ainda não foi investigada.

tropas de Apsarasas, as ninfas do céu, Naras (centauros, ou seres com os membros de cavalos e corpos humanos e Kinnaras (seres com cabeças de cavalos), Rakshasas, aves, animais, cervos, serpentes, e todas as coisas permanentes ou transitórias, móveis ou imóveis. Isso fez o divino Brahma, o primeiro criador e senhor de tudo; e essas coisas sendo criadas, cumpriram as mesmas funções que elas tinham cumprido em uma criação anterior, malignas ou benignas, gentis ou cruéis, boas ou más, verdadeiras ou falsas; e conforme elas são influenciadas por tais tendências será sua conduta.

E o criador mostrou variedade infinita nos objetos dos sentidos, nas propriedades de coisas vivas, e nas formas de corpos; ele determinou no princípio, pela autoridade dos Vedas, os nomes e formas e funções de todas as criaturas, e dos deuses; e os nomes e ofícios apropriados dos Rishis, como eles também são lidos nos Vedas. De modo semelhante como os produtos das estações indicam em revolução periódica o retorno da mesma estação, assim as mesmas circunstâncias indicam o retorno do mesmo Yuga, ou era; e assim, no início de cada Kalpa, Brahma repetidamente cria o mundo, possuindo o poder que é derivado da vontade de criar, e ajudado pela faculdade natural e essencial do objeto a ser criado. ◄

CAPÍTULO 6

Origem das quatro castas; seu estado primitivo. Progresso da sociedade. Diferentes tipos de grãos. Eficácia do sacrifício. Deveres dos homens; regiões designadas para eles depois da morte.

Maitreya: 'Tu citaste brevemente, sábio ilustre, a criação chamada Arvaksrotas, ou aquela da humanidade; agora me explique mais detalhadamente como Brahma a realizou; como ele criou as quatro diferentes castas; quais deveres ele atribuiu para os brâmanes e o resto[1].

Parasara: 'Antigamente, ó melhor dos brâmanes, quando Brahma meditador da verdade estava desejoso de criar o mundo, surgiram de sua boca seres dotados especialmente da qualidade de bondade; outros de seu peito, tomados pela qualidade de impureza; outros de suas coxas, em quem prevaleciam impureza e escuridão; e outros de seus pés, em quem predominava a qualidade de escuridão. Esses eram, em sucessão, seres das várias castas, Brâmanes, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras, produzidos da boca, do peito, das coxas, e dos pés de Brahma[2]. Esses ele criou para a realização de sacrifícios, as quatro castas sendo os instrumentos dignos de sua celebração. Através de sacrifícios, ó tu que conheces a verdade, os deuses são nutridos; e pela chuva que eles concedem, a humanidade é sustentada[3]; e assim sacrifícios, a fonte da felicidade, são executados por homens piedosos, vinculados aos seus deveres, atentos às obrigações prescritas, e andando nos caminhos da virtude. Homens adquirem (por meio deles) gozo divino, ou felicidade final; eles vão, depois da morte, para qualquer esfera que eles aspirem, como a consequência de sua natureza humana. Os seres que foram criados por Brahma, dessas quatro castas, eram a princípio dotados de retidão e fé perfeita; eles residiam onde quer que eles quisessem, não detidos por qualquer impedimento; seus corações eram livres de malícia; eles eram puros, feitos livres de mácula, por observância de institutos sagrados. Em suas mentes santificadas Hari vivia; e eles estavam cheios de sabedoria perfeita, pela qual eles contemplavam a glória de Vishnu[4]. Depois de um tempo (depois que a era Treta tinha continuado por algum período), aquela porção de Hari que foi descrita como una com Kala (tempo) infundiu pecado nos seres criados, como ainda fraco embora formidável, ou paixão e semelhantes; o impedimento da libertação da alma, a semente de iniquidade, originada de ignorância e desejo. A perfeição inata da natureza humana então não era mais evoluída; os oito tipos de perfeição, Rasollasa e o resto, foram prejudicados[5]; e esses sendo enfraquecidos, e o pecado ganhando força, os mortais

---

[1] A criação da humanidade aqui descrita está certamente fora de seu lugar, porque ela precede o nascimento dos Prajapatis, ou seus progenitores; mas essa falta de método é comum aos Puranas, e é evidência de eles serem compilações provenientes de várias fontes.

[2] Esse original das quatro castas é dado em Manu, e na maioria dos Puranas. Porém, nós veremos que as distinções são atribuídas subsequentemente à eleição voluntária, a acidente, ou a instituições positivas.

[3] De acordo com Manu, oblações ascendem e nutrem o sol; de onde a chuva cai sobre a terra, e causa o crescimento dos grãos; oferendas queimadas são então as causas finais do sustento do gênero humano.

[4] Essa descrição de uma raça pura de seres não é de ocorrência geral nos Puranas. Ela parece aqui ser abreviada de um relato muito mais detalhado no Brahmanda, Vayu, e Markandeya Puranas. É dito naqueles trabalhos que Brahma cria, no princípio do Kalpa, mil pares de cada uma das quatro classes da humanidade, que desfrutam de felicidade perfeita durante a era Krita, e só gradualmente se tornam sujeitos a fraquezas conforme a era Treta ou segunda avança.

[5] Essas oito perfeições, ou Siddhis, não são as faculdades sobrenaturais obtidas pela realização do Yoga. Elas são descritas, o comentador diz, no Skanda e outros trabalhos; e deles ele extrai sua descrição: 1. Rasollasa, a evolução espontânea ou pronta dos sucos do corpo, independentemente de

foram afligidos pela angústia, surgindo de suscetibilidade a contrastes, como calor e frio, e similares. Eles, portanto, construíram lugares de refúgio, protegidos por árvores, por montanhas, ou por água; os cercaram por meio de um fosso ou um muro, e formaram aldeias e cidades; e neles ergueram habitações apropriadas, como defesas contra o sol e o frio[6]. Tendo dessa maneira provido segurança contra o tempo, os homens em seguida começaram a se ocupar em trabalho manual, como meio de sustento, (e cultivaram) os dezessete tipos de grãos úteis: arroz, cevada, trigo, milho, gergelim, painço, e vários tipos de lentilhas, feijões, e ervilhas[7]. Esses são os tipos cultivados para uso doméstico; mas há quatorze tipos que podem ser oferecidos em sacrifício; eles são, arroz, cevada, masha, trigo, milho, e gergelim; priyangu é o sétimo, e kulattha, grão de leguminosa, o oitavo; os outros são, syamaka, um tipo de painço; nivara, arroz sem cultivo; jarttila, gergelim selvagem; gaveduka (coix barbata); markata, painço selvagem; e (uma planta chamada de) a semente ou cevada do bambu (venu-yava). Esses, cultivados ou selvagens, são os quatorze grãos que foram produzidos para propósitos de oferenda em sacrifício; e sacrifício (a causa da chuva) também é a origem deles; eles novamente, com sacrifício, são a grande causa da perpetuação da raça humana, como compreendem aqueles que podem separar causa e efeito. Desde aquele tempo sacrifícios eram oferecidos diariamente; a realização dos quais, ó melhor dos Munis, é de serviço essencial para a humanidade, e expia as ofensas daqueles por quem eles são observados. Aqueles, entretanto, em cujos corações a escória do pecado derivada do Tempo (Kala) estava ainda mais foi desenvolvida, não concordaram com sacrifícios, mas insultaram a eles e tudo aquilo

---

nutrição de fora; 2. Tripti, satisfação mental, ou liberdade de desejo sensual; 3. Samya, uniformidade de grau; 4. Tulyata, similaridade de vida, forma, e característica; 5. Visoka, isenção semelhante de fraqueza ou aflição; 6. Consumação de penitência e meditação, por obtenção de conhecimento verdadeiro; 7. O poder de ir a todo lugar à vontade: 8. A faculdade de repousar a qualquer hora ou em qualquer lugar. Esses atributos são aludidos, embora obscuramente, no Vayu, e são especificados parcialmente no Markandeya Purana.

[6] Nos outros três Puranas, nos quais essa lenda foi achada, os diferentes tipos de lugares habitados são especificados e introduzidos por uma série de medidas de terra. Dessa maneira o Markandeya afirma que 10 Paramanus = 1 Parasukshma; 10 Parasukshmas = 1 Trasarenu; 10 Trasarenus = 1 partícula de pó, ou Mahirajas; 10 Mahirajasas = 1 Balagra, 'a ponta do cabelo;' 10 Balagras = 1 Likhya; 10 Likhyas = 1 Yuka; para Yukas = 1 núcleo de cevada (Yavodara); 10 Yavodaras = 1 grão de cevada de tamanho mediano; 10 grãos de cevada = 1 dedo, ou polegada; 6 dedos = um Pada, ou pé (a amplitude disto); 2 Padas = 1 Vitasti, ou palmo; 2 palmos = 1 Hasta, ou cúbito; 4 Hastas = um Dhanu, um Danda, ou bastão, ou 2 Narikas; 2000 Dhanus = um Gavyuti; 4 Gavyutis = um Yojana. A medida do Brahmanda é menos detalhada. Um palmo do dedo polegar até o primeiro dedo é um Pradesa; até o dedo mediano, um Nala; até o terceiro dedo, um Gokerna; e até o dedo mindinho, um Vitasti, que é igual a doze Angulas, ou dedos; compreendendo nisso, de acordo com o Vayu, uma junta do dedo; de acordo com outras autoridades, ela é a extensão do dedo polegar na ponta. (A. R. 5. 104.) O Vayu, dando medidas semelhantes sobre a autoridade de Manu, embora tal declaração não ocorra no Manu Samhita, acrescenta que 21 dedos = 1 Ratni; 24 dedos = 1 Hasta, ou cúbito; 2 Ratnis = 1 Kishku; 4 Hastas = 1 Dhanu; 2000 Dhanus = 1 Gavyuti; e 8000 Dhanus = 1 Yojana. Durgas, ou fortalezas, são de quatro tipos; três das quais são naturais, por sua localização em montanhas, em meio à água, ou em outros lugares inacessíveis; o quarto é as defesas artificiais de uma aldeia (Grama), uma vila (Khetaka), ou uma cidade (Pura ou Nagara), que são respectivamente metade do tamanho da próxima na série. O melhor tipo de cidade é uma que tem cerca de uma milha de comprimento por meia milha de largura, construída na forma de um paralelogramo, de frente para o nordeste, e cercada por um muro alto e fosso. Uma vila deveria ser um Yojana distante de uma cidade; uma aldeia meia Yojana de uma vila. As estradas que conduzem aos pontos principais de uma cidade deveriam ter vinte Dhanus (acima de 100 pés) de largura; uma estrada de aldeia deveria ser a mesma; uma estrada de fronteira dez Dhanus; uma estrada real ou principal ou rua deveria ter dez Dhanus (acima de cinquenta pés) de largura; um cruzamento ou estrada secundária deveria ser quatro Dhanus. Travessas e caminhos entre as casas têm dois Dhanus de amplitude; trilhas quatro cúbitos; a entrada de uma casa três cúbitos; as entradas privadas e caminhos em volta da mansão de dimensões ainda mais estreitas. Tais eram as medidas adotadas pelos primeiros construtores de cidades, de acordo com os Puranas especificados.

[7] Esses são enumerados no texto, como também no Vayu e Markandeya Puranas, e são: Udara, um tipo de grão com talos longos (talvez um holcus); Kodrava (Paspalum kora); Chinaka, um tipo de painço (P. miliaceum); Masha, feijão roxo (Phaseolus radiatus); Mudga (Phaseolus mungo); Masura, lentilha (Ervum hirsutum); Nishpava, um tipo de grão de leguminosa; Kulattha (Dolithos biflorus); Arhaki (Cytisus Cajan); Chanaka, grão de bico (Cicer arietinum); e Sana (Crotolaria).

que resultou deles, os deuses, e os seguidores dos Vedas. Aqueles insultadores dos Vedas, de disposição e conduta más, e dissidentes do caminho dos deveres ordenados, foram mergulhados em maldade[8].

Os meios de subsistência tendo sido fornecidos para os seres que ele tinha criado, Brahma prescreveu leis adequadas para a posição e faculdades deles, os deveres das várias castas e ordens[9], e as regiões daqueles das diferentes castas que eram cumpridores de seus deveres. O céu dos Pitris é a região de brâmanes devotos. A esfera de Indra, de kshatriyas que não fogem do campo. A região dos ventos é designada para os vaisyas que são diligentes em suas ocupações e submissos. Sudras são elevados à esfera dos Gandharbas. Aqueles brâmanes que levam vidas religiosas vão para o mundo dos oitenta e oito mil santos; e aquela dos sete Rishis é a sede de anacoretas e ermitões piedosos. O mundo dos antepassados é aquela de chefes de família respeitáveis, e a região de Brahma é o retiro de mendicantes religiosos[10]. A região imperecível dos Iogues é a sede mais elevada de Vishnu, onde eles meditam perpetuamente no ser supremo, com mentes concentradas nele somente, a esfera onde eles residem, os próprios deuses não podem ver. O sol, a lua, os planetas, existirão repetidamente, e deixarão de existir; mas aqueles que repetem internamente a adoração mística da divindade nunca conhecerão decadência. Para aqueles que negligenciam seus deveres, que insultam os Vedas e obstruem ritos religiosos, os lugares designados depois da morte são as regiões terríveis de escuridão, de treva profunda, de medo, e de grande terror; o inferno medonho de espadas afiadas, o inferno de flagelos e de um mar sem ondas[11]. ◄

---

8 Essa alusão às seitas hostis aos Vedas, budistas ou jainas, não ocorrem nas passagens paralelas do Vayu e Markandeya Puranas.

9 O Vayu vai mais além do que isso, e afirma que as castas foram divididas primeiro de acordo com suas ocupações; realmente, tendo declarado previamente que não havia tal distinção na era Krita: 'Brahma nomeou aqueles que eram robustos e violentos para serem kshatriyas, para protegerem o restante; aqueles que eram puros e piedosos ele fez brâmanes; aqueles que eram de menos poder, mas diligentes, e afeitos a cultivar o solo, ele fez vaisyas; enquanto os fracos e pobres de espírito foram constituídos sudras, e ele designou para eles suas várias ocupações, para impedir aquela interferência uma com a outra que tinha acontecido enquanto eles não reconheciam deveres específicos para castas.

10 Esses mundos, alguns dos quais serão descritos mais particularmente em uma seção diferente, são os sete Lokas ou esferas acima da terra: 1. Prajapatya ou Pitri loka; 2. Indra loka ou Swerga; 3. Marut loka ou Diva loka, céu; 4. Gandharba loka, a região de espíritos celestiais; também chamada Maharloka; 5. Janaloka, ou a esfera dos santos; algumas cópias lêem dezoito mil; outras, como no texto, a qual também é a leitura do Padma Purana; 6. Tapaloka, o mundo dos sete sábios, e 7. Brahma loka ou Satya loka, o mundo de sabedoria e verdade infinitas. O oitavo, ou mundo superior de Vishnu, é uma adição sectária, que no Bhagavata é chamado de Vaikuntha, e no Brahma Vaivartta, Goloka; ambos aparentemente, e mais certamente o último, invenções modernas.

11 As divisões de Naraka, ou inferno, aqui citadas, são enumeradas novamente mais detalhadamente, no livro 2. cap. 6.

CAPÍTULO 7

Criação continuada. Produção dos filhos nascidos da mente de Brahma; dos Prajapatis; de Sanandana e outros; de Rudra e dos onze Rudras; do Manu Swayambhuva, e sua esposa Satarupa; dos filhos deles. As filhas de Daksha, e seu casamento com Dharma e outros. A progênie de Dharma e Adharma. A sucessão perpétua de mundos, e modos diferentes de dissolução mundana.

Parasara: 'De Brahma, continuando a meditar, nasceu progênie gerada da mente, com formas e faculdades derivadas da natureza corpórea dele; espíritos encarnados, produzidos do corpo daquela divindade de todo-sábia. Todos esses seres, dos deuses a coisas inanimadas, apareceram como eu contei a você[1], sendo a residência das três qualidades; mas como eles não se multiplicaram, Brahma criou outros filhos nascidos da mente, como ele mesmo; isto é, Bhrigu, Pulastya, Pulaha, Kratu, Angiras, Marichi, Daksha, Atri, e Vasishtha: esses são os nove Brahmas (ou Brahmarishis) célebres nos Puranas[2]. Sanandana e os outros filhos de Brahma foram criados previamente por ele, mas eles eram sem desejo ou paixão, inspirados com sabedoria sagrada, desconhecidos do universo, e não desejosos de progênie. Quando Brahma percebeu isso, ele ficou cheio de ira capaz de consumir os três mundos, a

---

1 Não está claro qual das narrativas prévias é aqui referida, mas parece muito provável que seja o relato na pág. 82, pág. 83.

2 Variedade considerável prevalece nessa lista de Prajapatis, Brahmaputras, Brahmanas, ou Brahmarshis; mas as variações são da natureza de adições feitas a uma enumeração aparentemente original de somente sete, cujos nomes geralmente se sucedem repetidamente. Assim no Mahabharata, Moksha Dharma, nós temos em um lugar, Marichi, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, e Vasishtha, 'os sete filhos de grande alma de Brahma nascido por si mesmo.' Em outro lugar do mesmo, porém, nós temos Daksha substituído em lugar de Vasishtha: 'Brahma então criou os filhos gerados da mente, dos quais Daksha foi o sétimo, com Marichi', etc. Esses sete filhos de Brahma também são identificados com os sete Rishis como no Vayu; embora, com inconsistência palpável, são enumerados oito imediatamente, ou, Bhrigu, Marichi, Atri, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, e Vasishtha. O Uttara Khanda do Padma Purana substitui Kardama em lugar de Vasishtha. O Bhagavata inclui Daksha, enumerando nove. O Matsya concorda com Manu em acrescentar Narada à lista do nosso texto. O Kurma Purana soma Dharma e Sankalpa. O Linga, Brahmanda, e Vayu Pranas também os somam, e estendem a lista a Adharma e Ruchi. O Hari Vansa em um lugar insere Gautama, e em outro Manu. Ao todo portanto nós temos dezessete, em vez de sete. Mas os relatos dados da origem de vários desses mostra que eles não eram incluídos originalmente entre os Manasa putras, ou filhos da mente de Brahma; pois até Daksha, que acha um lugar em todas as listas exceto uma daquelas dadas no Mahabharata, é dito uniformemente que surgiu do dedo polegar de Brahma; e o mesmo patriarca, como também Dharma, é incluído em alguns relatos, como no Bhagavata e Matsya Puranas, entre uma série diferente da progênie de Brahma, ou virtudes e vícios; ou, Daksha (destreza), Dharma (virtude), Kama (desejo), Krodha (paixão), Lobha (cobiça), Moha (obsessão), Mada (loucura), Pramoda (prazer), Mrityu (morte), e Angaja (luxúria). Esses são derivados separadamente de diferentes partes do corpo de Brahma, e o Bhagavata, adicionando Kardama (mancha ou pecado) a essa enumeração, o faz surgir da sombra de Brahma. A simples declaração que os primeiros Prajapatis se originaram da mente ou vontade de Brahma não tem satisfeito o gosto depravado dos místicos, e em alguns dos Puranas, como o Bhagavata, Linga, e Vayu, eles são derivados também do corpo de seu progenitor; ou, Bhrigu de sua pele, Marichi de sua mente, Atri de seus olhos, Angiras de sua boca, Pulastya de seu ouvido, Pulaha de seu umbigo, Kratu de sua mão, Vasishtha de sua respiração, Daksha de seu polegar, e Narada de seu quadril. Eles não concordam exatamente, entretanto, nos lugares de onde esses seres procedem; como por exemplo, de acordo com o Linga, Marichi surge dos olhos de Brahma, não Atri, que lá procede, em vez de Pulastya, dos ouvidos dele. O Vayu também tem outro relato da origem deles, e declara que eles surgiram dos fogos de um sacrifício oferecido por Brahma; um modo alegórico de expressar sua provável fonte, considerando-os em algum grau como pessoas reais, do ritual bramânico, do qual eles foram os primeiros fundadores e observadores. O Vayu Purana também afirma que além dos sete Rishis primitivos, os Prajapatis são numerosos, e especifica Kardama, Kasyapa, Sesha, Vikranta, Susravas, Bahuputra, Kumara, Vivaswat, Suchisravas, Prachetasa (Daksha), Arishtanemi, Bahula. Esses e muitos outros eram Prajapatis. No início do Mahabharata (Adi Parva) nós temos uma origem diferente novamente, e primeiro Daksha, o filho de Prachetasas, é dito, teve sete filhos, depois dos quais os vinte e um Prajapatis nasceram, ou apareceram. De acordo com o comentador, os sete filhos de Daksha eram as pessoas alegóricas Krodha, Tamas, Dama, Vikrita, Angiras, Kardama, e Aswa, e os vinte e um Prajapatis, os sete normalmente especificados Marichi e o resto, e os quatorze Manus. Isso parece uma mistura de noções antigas e recentes.

chama da qual envolveu, como uma guirlanda, céu, terra, e inferno. Então de sua testa, escurecida com olhares enfurecidos, surgiu Rudra[3], brilhante como o sol do meio-dia, feroz, e de tamanho vasto, e de uma forma que era metade masculina, metade feminina. ‘Separe-se’, Brahma disse a ele; e tendo falado desse modo, desapareceu. Obediente a esse comando, Rudra tornou-se duplo, apartando suas naturezas masculina e feminina. Seu ser masculino ele dividiu novamente em onze pessoas, das quais algumas eram agradáveis, algumas horrorosas, algumas ferozes, algumas meigas; e ele multiplicou sua natureza feminina muitas vezes, de cores preta ou branca[4].

Então Brahma[5] criou ele mesmo o Manu Swayambhuva, nascido de, e idêntico ao, seu eu original, para a proteção dos seres criados; e a parte feminina de si mesmo

---

3 Além dessa informação geral da origem de Rudra e suas formas separadas, nós temos no próximo capítulo um conjunto totalmente diferente de seres assim denominados; e os onze aludidos no texto também são enumerados mais detalhadamente em um capítulo subsequente. A origem de Rudra, como um dos agentes em criação, é descrita na maioria dos Puranas. O Mahabharata, de fato, atribui sua origem a Vishnu, representando-o como a personificação da raiva dele, enquanto Brahma é aquela da bondade dele. O Kurma Purana o faz proceder da boca de Brahma, enquanto ocupado em meditar sobre a criação. O Varaha Purana faz desse aparecimento de Rudra a consequência de uma promessa feita por Shiva para Brahma, que ele se tornaria o filho dele. Nas passagens paralelas em outros Puranas a progênie do Rudra criado por Brahma não é limitada aos onze, mas compreende números infinitos de seres em pessoa e equipamentos semelhantes ao pai deles; até Brahma, alarmado pela ferocidade, números, e imortalidade deles, deseja que seu filho Rudra, ou, como o Matsya o chama, Vamadeva, forme criaturas de uma natureza diferente e mortal. Rudra se recusando a fazer isso, desiste; por isso seu nome Sthanu, de Stha, 'parar.' Linga, Vayu Purana, etc.

4 De acordo com o Vayu, a fêmea primeiro tornou-se dupla, ou uma metade branca, e a outra negra; e cada uma dessas, novamente, torna-se múltipla, sendo as várias energias, ou Saktis, de Mahadeva, como declarado pelo Kurma, depois das palavras स्वरूपैरसितैः सितैः।, que são aquelas do nosso texto: ता वै विभूतयो विप्र विश्रुताः शक्तयो भुवि।. O Linga e Vayu especificam muitos dos nomes delas. Aquelas de cor branca, ou natureza branda, incluem Lakshmi, Saraswati, Gauri, Uma, etc. Aquelas da cor escura, e disposição feroz, Durga, Kali, Chandi, Maharatri, e outras.

5 Brahma, depois de se livrar da propriedade de raiva, na forma de Rudra, converteu-se em duas pessoas, a primeira masculina, ou o Manu Swayambhuva, e a primeira mulher, ou Satarupa; como consta nos Vedas; 'Assim ele mesmo realmente era (seu) filho.' O começo da produção através de atividade sexual é descrito aqui com distinção suficiente, mas o assunto foi tornado obscuro por uma sucessão mais complicada de agentes, e especialmente pela introdução de uma pessoa de um caráter mítico ou místico, Viraj. A noção é expressada desse modo em Manu: “Tendo dividido sua própria substância, o imenso poder Brahma se tornou meio macho e meio fêmea; e daquela fêmea ele produziu Viraj. Conheça-me como aquela pessoa a quem o Viraj masculino produziu por si mesmo." I. 32, 33. Nós temos portanto uma série de Brahma, Viraj, e Manu, em vez de Brahma e Manu somente; também a geração de progênie por Brahma, gerada em Satarupa, em vez de dela ser, como em nosso texto, a esposa de Manu. A idéia parece ter se originado com os Vedas, como Kulluka Bhatta cita um texto; 'Então (ou por isso) Virat nasceu.' A procriação de progênie por Brahma, porém, está em desacordo com o sistema inteiro, o qual quase invariavelmente atribui sua criação à operação de sua vontade; e a expressão em Manu, 'ele criou Viraj nela', não implica necessariamente relações sexuais. Viraj também cria, não procria, Manu. E em nenhum caso o nome de Satarupa ocorre. O comentador em Manu, entretanto, entende que a expressão asrijat significa a procriação de Viraj; e a mesma interpretação é dada pelo Matsya Purana, no qual a paixão incestuosa de Brahma por Satarupa, filha dele em um sentido, irmã dele em outro, é descrita; e com ela ele procria Viraj, que lá não é chamado de o progenitor de Manu, mas de o próprio Manu. Isso então concorda com nosso texto, até onde faz de Manu o filho de Brahma, embora não quanto à natureza da conexão. A leitura do Agni e Padma Puranas é aquela do Vishnu; e o Bhagavata concorda com isso em um lugar, declarando distintamente que a metade masculina de Brahma, era Manu, a outra metade, Satarupa: यस्तु तत्र पुमान्सोऽभून्मनुः स्वायंभुवः स्वराट्। स्त्री यासीच्छतरूपाख्या महिष्यस्य महात्मनः॥ Bhagav. 3. 12. 35; e embora a produção de Viraj seja descrita em outra parte, não é nem como o filho de Brahma, nem o pai de Manu. Então, a idéia original e simples parece ser a identidade de Manu com a metade masculina de Brahma, e ele ser por isso considerado como filho dele. O Kurma Purana dá o mesmo relato que Manu, e nas mesmas palavras. O Linga e Vayu Puranas descrevem a origem de Viraj e Satarupa de Brahma; e eles sugerem a união de Satarupa com Purusha ou Viraj, a parte masculina de Brahma, em primeiro lugar; e em segundo, com Manu, que é chamado de Vairaja, ou o filho de Viraj. O Brahma Purana, as palavras do qual são repetidas no Hari Vansa, introduz um elemento novo de perplexidade em um nome novo, aquele de Apava. De acordo com o comentador, esse é um nome do Prajapati Vasishtha. Como, porém, ele executa o ofício de Brahma, ele deve ser considerado como aquela divindade; mas esse não é exatamente o caso, embora

ele constituiu Satarupa, a quem austeridade purificou do pecado (de núpcias proibidas), e a quem o divino Manu Swayambhuva tomou como esposa. Desses dois nasceram dois filhos, Priyavrata, e Uttanapada[6], e duas filhas, chamadas Prasuti e Akuti, agraciadas com encanto e mérito elevado[7]. Prasuti ele deu para Daksha, depois de dar Akuti ao patriarca Ruchi[8], que a desposou. Akuti teve com Ruchi gêmeos, Yajna e Dakshina[9], que posteriormente se tornaram marido e mulher, e tiveram doze filhos, as divindades chamadas Yamas[10], no Manwantara de Swayambhuva.

O patriarca Daksha teve com Prasuti vinte e quatro filhas[11]; ouça de mim os nomes delas: Sraddha (fé), Lakshmi (prosperidade), Dhriti (firmeza), Tushti (resignação), Pushti (florescimento), Medha (inteligência), Kriya (ação, devoção), Buddhi (intelecto), Lajja (modéstia), Vapu (corpo), Santi (expiação), Siddhi (perfeição), Kirtti (fama); essas treze filhas de Daksha, Dharma (retidão), tomou como esposas. As outras onze filhas jovens e de olhos brilhantes do patriarca eram Khyati (celebridade), Sati (verdade), Sambhuti (aptidão), Smriti (memória), Priti (afeto), Kshama (paciência),

---

isso tenha sido traduzido dessa maneira pelo tradutor francês. Apava se torna duplo, e na qualidade de sua metade masculina procria descendência por meio da feminina. Novamente, é dito que Vishnu criou Viraj, e Viraj criou o macho, que é Vairaja ou Manu; que foi assim o segundo intervalo (Antaram), ou estágio, na criação. Isto é, de acordo com o comentador, a primeira fase foi a criação de Apava, ou Vasishtha, ou Viraj, por Vishnu, pela agência de Hiranyagarbha ou Brahma; e a próxima foi aquela da criação de Manu por Viraj. Satarupa aparece primeiro como a noiva de Apava, e então como a esposa de Manu. Esse relato, portanto, embora expresso obscuramente, parece ser essencialmente o mesmo que aquele de Manu; e nós temos Brahma, Viraj, Manu, em vez da Brahma e Manu. Parece provável que essa diferença, e a parte atribuída a Viraj, se originou em alguma medida de confundir Brahma com a metade masculina da individualidade dele, e considerar como dois seres aquele que era apenas um. Se o Purusha ou Viraj for distinto de Brahma, o que acontece a Brahma? O todo inteiro e suas duas metades não podem coexistir; embora alguns dos purânicos e o autor de Manu pareçam ter imaginado sua possibilidade, por fazerem de Viraj o filho de Brahma. A perplexidade, contudo, é ainda mais atribuível à personificação do que era só uma alegoria. A divisão de Brahma em duas metades indica, como é muito evidente a partir da passagem nos Vedas apresentada pelo Sr. Colebrooke, (As. R. VIII. 425,) a separação da substância corpórea em dois sexos; Viraj sendo todos os animais masculinos, Satarupa todos os animais femininos. Assim o comentador no Hari Vansa explica que o primeiro denota o cavalo, o touro, etc.; e a última, a égua, a vaca, e semelhantes. No Bhagavata o termo que Viraj significa Corpo, coletivamente, como observa o comentador; 'Como o sol ilumina sua própria esfera interna, como também as regiões exteriores, assim a alma, brilhando no corpo (Viraja), ilumina tudo fora e dentro.' Tudo então indica que o nascimento de Viraj pretendia expressar a criação do corpo vivo, de criaturas de ambos os sexos; e como em consequência o homem foi produzido, poderia ser dito que ele é o filho de Viraj, ou existência corpórea. Novamente, Satarupa, a noiva de Brahma, ou de Viraj, ou de Manu, é nada mais do que seres de formas variadas ou múltiplas, de Sata, 'cem', e 'forma;' explicado pelo comentador no Hari Vansa por Anantarupa, 'de infinito', e Vividharupa, 'de forma diversificada;' sendo, como declara ele, o mesmo que Maya, 'ilusão', ou o poder de metamorfose multiforme. O Matsya Purana tem uma pequena alegoria própria, sobre o assunto do relacionamento de Brahma com Satarupa; pois ele explica que o primeiro significa os Vedas, e a última a Savitri, ou prece sagrada, que é seu texto principal; e na coabitação deles portanto não há nenhum mal.

6 O Brahma Purana tem uma ordem diferente, e faz de Vira o filho do primeiro par, que tem Uttanapada etc. em vez de Kamya. O comentador no Hari Vansa cita o Vayu para uma confirmação desse relato; mas a passagem lá é: 'Satarupa deu à luz para o Vairaja masculino (Manu) dois Viras', isto é, heróis ou filhos heróicos, Uttanpada e Priyavrata. Parece que o compilador do Brahma Purana fez um erro muito irresponsável, e inventou nisso um par novo, Vira e Kamya. Nenhuma pessoa como a primeira se acha em qualquer outro Purana, nem Kamya, como esposa dele.

7 O Bhagavata soma uma terceira filha, Devahuti; aparentemente para o propósito de introduzir uma lenda longa do Rishi Kardama, com quem ela é casada, e do filho deles Kapila, uma lenda não encontrada em nenhum outro lugar.

8 Ruchi é contado entre os Prajapatis pelo Linga e Vayu Puranas.

9 Esses descendentes de Swayambhuva são todos evidentemente alegóricos: assim Yajna é 'sacrifício', e Dakshina 'doação' para brâmanes.

10 O Bhagavata (livro 4. c. 1) diz os Tushitas, mas eles são as divindades do segundo, não do primeiro Manwantara, como aparece também em outra parte do mesmo, onde os Yamas são igualmente atribuídos ao Swayambhuva Manwantara.

11 Essas vinte e quatro filhas são de ocorrência muito menos geral nos Puranas que a série mais extensa de cinquenta ou sessenta, que é descrita subsequentemente, e que parece ser a lenda mais antiga.

Sannati (humildade), Anasuya (caridade), Urjja (energia), com Swaha (oferenda), e Swadha (oblação). Essas donzelas foram casadas respectivamente com os Munis: Bhrigu, Bhava, Marichi, Angiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, Atri, e Vasishtha; com o Fogo (Vahni), e com os Pitris (progenitores)[12].

A progênie de Dharma com as filhas de Daksha é: com Sraddha ele teve Kama (desejo); com Lakshmi, Darpa (orgulho); com Dhriti, Niyama (preceito); com Tushti, Santosha (contentamento); com Pushti, Lobha (cobiça); com Medha, Sruta (tradição sagrada); com Kriya, Danda, Naya, e Vinaya (correção, método de governo, e prudência); com Buddhi, Bodha (entendimento); com Lajja, Vinaya (bom comportamento); com Vapu, Vyavasaya (perseverança). Santi deu à luz a Kshema (prosperidade); Siddhi a Sukha (prazer); e Kirtti a Yasas (reputação[13]). Esses foram os filhos de Dharma; um dos quais, Kama, teve Hersha (alegria) com sua esposa Nandi (deleite).

A esposa de Adharma[14] (vício) era Hinsa (violência), em quem ele gerou um filho Anrita (falsidade), e uma filha Nikriti (imoralidade), eles casaram entre si, e tiveram dois filhos, Bhaya (medo) e Naraka (inferno); e gêmeas deles, duas filhas, Maya (decepção) e Vedana (tortura), que se tornaram esposas deles. O filho de Bhaya e Maya era o destruidor de criaturas vivas, ou Mrityu (morte); e Dukha (dor) era a prole de Naraka e Vedana. Os filhos de Mrityu eram Vyadhi (doença), Jara (decadência), Soka (tristeza), Trishna (ganância), e Krodha (ira). Esses são todos chamados de aqueles que infligem miséria, e são caracterizados como a progênie de Vício (Adharma). Eles são todos sem esposas, sem posteridade, sem a faculdade procriar; elas são as formas terríveis de Vishnu, e operam perpetuamente como causas da destruição deste mundo. Pelo contrário, Daksha e os outros Rishis, os antepassados da humanidade, tendem perpetuamente a influenciar sua renovação; enquanto os Manus e seus filhos, os heróis dotados de poder imenso, e andando no caminho da verdade, contribuem constantemente para sua preservação.

---

[12] As vinte e quatro filhas de Daksha são mencionadas e ordenadas na maioria dos Puranas que as citam. O Bhagavata, tendo introduzido uma terceira filha de Swayambhuva, tem uma enumeração um tanto diferente, para atribuir algumas delas, as esposas dos Prajapatis, a Kardama e Devahuti. Daksha teve então, é dito lá (livro 4. c. 1), dezesseis filhas, treze das quais foram casadas com Dharma, chamadas Sraddha, Maitri (amizade), Daya (clemência), Santi Tushti, Pushti, Kriya, Unnati (elevação), Buddhi, Medha, Titiksha (paciência), Hri (modéstia), Murtti (forma); e três, Sati, Swaha, e Swadha, casadas como em nosso texto. Algumas das filhas de Devahuti repetem esses títulos, mas isso é de pouca consideração. Elas são, Kala (um momento), casada com Marichi; Anasuya com Atri; Sraddha com Angiras; Havirbhu (nascida da oblação) com Pulastya; Gati (movimento) com Pulaha; Kriya com Kratu; Khyati com Bhrigu; Arundhati com Vasishtha; e Santi com Atharvan. Em todos esses casos as pessoas são manifestadamente alegóricas, sendo personificações de inteligências e virtudes e ritos religiosos, e casando-se então adequadamente com os autores prováveis do código hindu de religião e moralidade, ou com a representação igualmente alegórica daquele código, Dharma, dever moral e religioso.

[13] A mesma observação se aplica aqui. Os Puranas que dão esses detalhes geralmente concordam com nosso texto, mas o Bhagavata especifica a progênie de Dharma de uma maneira um pouco diferente; ou, seguindo a ordem observada na lista das esposas de Dharma, seus filhos são, Rita (verdade), Prasada (favor), Abhaya (intrepidez), Sukha, Muda (prazer), Smaya (maravilha), Yoga (devoção), Darpa, Artha (significado), Smriti (memória), Kshema, Prasraya (afeto), e os dois santos Nara e Narayana, os filhos de Dharma com Murtti. Nós temos variedades ocasionais de nomenclatura em outras autoridades; como, em vez de Sruta, Sama, Kurma Purana; em vez de Dandanaya, Samaya; e em vez de Bodha, Apramada, Linga Purana; e Siddha em lugar de Sukha, Kurma Purana.

[14] O texto introduz muito abruptamente Adharma e sua família. É dito pelo comentador que ele é o filho de Brahma, e o Linga Purana o enumera entre os Prajapatis, como também Dharma. De acordo com o Bhagavata, ele é o marido de Mrisha (falsidade), e o pai de Dambha (hipocrisia) e Maya (engano), que foram adotados por Nirritti. A série dos descendentes deles também é um pouco diversa do nosso texto; estando em cada descendência, entretanto, gêmeos que se casam dentro da família, ou Lobha (cobiça) e Nikriti, que produzem Krodha (ira) e Hinsa; seus filhos são Kali (maldade) e Durukti (fala má); sua progênie é Mrityu e Bhi (medo); cuja descendência é Niraya (inferno) e Yatana (tormento).

Maitreya: ‘Diga-me, brâmane, qual é a natureza essencial dessas revoluções, preservação perpétua, criação perpétua, e destruição perpétua.

Parasara: ‘Madhusudana, cuja essência é incompreensível, nas formas desses (patriarcas e Manus), é o autor das vicissitudes ininterruptas de criação, preservação, e destruição. A dissolução de todas as coisas é de quatro tipos; Naimittika, 'ocasional;' Prakritika, 'elementar;' Atyantika, 'absoluta;' Nitya, 'perpétua'[15]. A primeira, também, chamada de dissolução Brahma, acontece quando o soberano do mundo se reclina para dormir. Na segunda, o ovo do mundo se dissolve no elemento primário, de onde ele foi derivado. Inexistência absoluta do mundo é a absorção do sábio, através do conhecimento, no espírito supremo. Destruição perpétua é o desaparecimento constante, dia e noite, de tudo o que nasce. As produções de Prakriti formam a criação que é chamada de elementar (Prakrita). Aquela que se segue depois de uma dissolução (menor) é chamada de criação efêmera; e a geração diária de coisas vivas é chamada, por aqueles que são versados nos Puranas, de criação constante. Dessa maneira o poderoso Vishnu cuja essência é os elementos, reside em todos os corpos, e provoca produção, existência, e dissolução. As faculdades de Vishnu para criar, preservar, e destruir, operam sucessivamente, Maitreya, em todos os seres corpóreos e em todas as épocas; e aquele que se livra da influência dessas três faculdades que são essencialmente compostas das três qualidades (bondade, impureza, e escuridão), vai para a esfera suprema, de onde ele nunca retorna novamente. ◄

---

15 As três primeiras dessas são descritas mais detalhadamente no último livro; a última, a Nitya, ou constante, é descrita diferentemente pelo Cel. Vans Kennedy (Mitologia Antiga e Hindu, pág. 224, nota). "No 7º capítulo", observa ele, "do Vishnu Purana são descritos quatro tipos de Pralaya. O Naimittika acontece quando Brahma dorme; o Prakritika quando este universo volta para sua natureza original; Atyantika provém do conhecimento divino; e Nitya é a extinção da vida, como a extinção de uma lâmpada, no sono à noite." Para essa última característica, porém, nosso texto não fornece fundamento; nem pode ser explicado que ela significa que o Nitya Pralaya quer dizer não mais do que "a queda de um homem em um sono profundo à noite." Todas as cópias consultadas na presente ocasião concordam em ler नित्यः सदैव जातानां यो विनाशो दिवानिशम् । como representado acima. O comentador provê a ilustração, 'como a chama de uma lâmpada;' mas ele também escreve: 'Aquela que é a destruição de tudo o que é nascido, noite e dia, é a Nitya, ou constante.' Novamente, em um verso que segue nós temos a Nitya Sarga, 'criação constante ou perpétua', como oposta à dissolução constante: 'Aquela na qual, ó sábios excelentes, os seres nascem diariamente, é chamada de criação constante, por aqueles versados nos Puranas.' O comentador explica isso: 'O fluxo ou sucessão constante da criação de nós mesmos e outras criaturas é a Nitya ou criação constante: esse é o significado do texto.' É óbvio, portanto, que a alternação pretendida é aquela de vida e morte, não de despertar e sono.

CAPÍTULO 8

Origem de Rudra; ele se tornando oito Rudras; suas esposas e filhos. A posteridade de Bhrigu. Relato de Sri em união com Vishnu. Sacrifício de Daksha.

Parasara: ‘Eu descrevi para você, ó grande Muni, a criação de Brahma, na qual a qualidade de escuridão prevaleceu. Eu explicarei agora a você a criação de Rudra[1].

No princípio do Kalpa, quando Brahma pretendeu criar um filho, que deveria ser como ele mesmo, um jovem de uma cor púrpura[2] apareceu, lamentando-se com um choro baixo, e correndo para cá e para lá[3]. Brahma, quando ele o viu aflito assim, disse a ele, "Por que tu choras?" "Dê-me um nome", respondeu o menino. "Rudra é teu nome", respondeu o grande pai de todas as criaturas: "fique calmo; desista das lágrimas." Mas, assim endereçado, o menino ainda lamentou sete vezes, e Brahma então deu a ele sete outras denominações; e a essas oito pessoas regiões e esposas e posteridade pertencem. As oito manifestações, portanto, são chamadas de Rudra, Bhava, Sarva, Isana, Pasupati, Bhima, Ugra, e Mahadeva, que foram dadas a eles por seu grande progenitor. Ele também designou para eles seus respectivos lugares: o sol, água, terra, ar, fogo, éter, o brâmane ministrante, e a lua; pois essas são as várias formas deles[4]. As esposas do sol e das outras manifestações, chamadas Rudra e o resto, eram respectivamente: Suverchala, Usha, Vikesi, Siva, Swaha, Disa, Diksha, e Rohini. Agora ouça um relato de sua progênie, por cujas gerações sucessivas este mundo foi povoado. Os filhos deles, então, eram respectivamente, Sanaischara (Saturno), Sukra (Vênus), Marte de corpo ígneo, Manojava (Hanuman), Skanda, Swarga, Santana, e Budha (Mercúrio).

Foi o Rudra dessa descrição que se casou com Sati, que abandonou sua existência corpórea por causa do desgosto de Daksha[5]. Ela em seguida foi a filha de Himavan (as montanhas nevadas) com Mena; e naquele caráter, como a única Uma, o

---

1 A criação de Rudra já foi mencionada, e aquela parece ser a forma primitiva da lenda. Nós temos aqui outro relato, fundamentado aparentemente em misticismo Saiva ou Iogue.

2 O aparecimento de Rudra como um Kumara, 'um menino', é descrito como de ocorrência repetida no Linga e Vayu Puranas, como já citado (página 84); e esses Kumaras são de diferentes cores em diferentes Kalpas. Nos Vaishnava Puranas, porém, nós temos só uma forma original, à qual o nome de Nilalohita, o de cor azul e vermelha ou roxa é atribuído. No Kurma esse jovem vem da boca de Brahma; no Vayu, da testa dele.

3 Essa é a etimologia purânica: रोदनाद्द्रवनाच्चैव रुद्रः ।, ou rud, 'lamentar', e dru, 'correr'. Os gramáticos derivam o nome de rud, 'lamentar', com ra anexo.

4 O Vayu detalha a aplicação de cada de nome individualmente. Esses oito Rudras são portanto apenas um, sob muitos títulos, e em muitos símbolos. O Padma, Markandeya, Kurma, Linga, e Vayu concordam com nosso texto na nomenclatura dos Rudras e seus símbolos, suas esposas, e progênie. Os símbolos são aqueles que são enumerados no Nandi, ou verso inicial abençoador, de Sakuntala; e a passagem do Vishnu Purana foi achada por Mons. Chezy no envelope da cópia dele. Ele corrigiu justamente a versão de Sir Wm. Jones do termo होत्री, 'o sacrifício é executado com solenidade;' porque a palavra significa, 'brâmane oficiante', 'o brâmane que está qualificado por iniciação (Diksha) para conduzir o rito.' Esses são considerados como os corpos, ou formas visíveis, daquelas modificações de Rudra que são nomeadas de modo variado, e as quais, sendo louvadas nelas, abstêm-se individualmente de prejudicá-las: तेषु पूज्यश्च वन्द्यः स्यात् । रुद्रनाम छिनत्ति वै ।. Vayu Purana. O Bhagavata, 3. 12, tem um esquema diferente, como usual; mas ele confunde a noção dos onze Rudras, aos quais o texto se refere subsequentemente, com aquela dos oito aqui especificados. Aqueles onze ele chama Manyu, Manu, Mahinasa, Mahan, Siva, Ritadhwaja, Ugraretas, Bhava, Kala, Vamadeva, e Dhritavrata; as esposas deles são, Dhi, Dhriti, Rasaloma, Niyut, Sarpi, Ila, Ambika, Iravati, Swadha, Diksha, Rudrani; e os lugares deles são, o coração, sentidos, respiração, éter, ar, fogo, água, terra, sol, lua, e tapas, ou devoção ascética. A mesma alegoria ou mistificação caracteriza ambos os relatos.

5 Veja a história do sacrifício de Daksha no fim do capítulo.

poderoso Bhava se casou novamente com ela[6]. As divindades Dhata e Vidhata nasceram para Bhrigu com Khyati, assim como uma filha, Sri, a esposa de Narayana, o deus dos deuses[7].

Maitreya: 'Geralmente é dito que a deusa Sri nasceu do mar de leite, quando ele foi batido em busca de ambrosia; como então você pode dizer que ela era a filha de Bhrigu com Khyati?

Parasara: 'Sri, a noiva de Vishnu, a mãe do mundo, é eterna, imperecível; de modo semelhante como ela permeia tudo, assim ela é também, ó melhor dos brâmanes, onipresente. Vishnu é significado; ela é palavra. Hari é método de governo (Naya); ela é prudência (Niti). Vishnu é compreensão; ela é intelecto. Ele é retidão; ela é devoção. Ele é o criador; ela é criação. Sri é a terra; Hari é o suporte dela. A divindade é contentamento; a eterna Lakshmi é resignação. Ele é desejo; Sri é anseio. Ele é sacrifício; ela é doação sacrifical (Dakshina). A deusa é a prece que acompanha a oblação; Janarddana é a oblação. Lakshmi é a câmara onde as mulheres estão presentes (em uma cerimônia religiosa); Madhusudana o apartamento dos homens da família. Lakshmi é o altar; Hari a estaca (à qual a vítima é amarrada). Sri é o combustível; Hari a erva sagrada (Kusa). Ele é o Sama Veda personificado; a deusa, de trono de loto, é o tom do seu canto. Lakshmi é a prece de oblação (Swaha); Vasudeva, o senhor do mundo, é o fogo sacrifical. Sauri (Vishnu) é Sankara (Shiva); e Sri é a noiva de Shiva (Gauri). Kesava, ó Maitreya, é o sol; e seu brilho é a deusa sentada no loto. Vishnu é a tribo de progenitores (Pitrigana); Padma é noiva deles (Swadha), a eterna concessora de nutrição. Sri é os céus; Vishnu, que é uno com todas as coisas, é espaço vastamente estendido. O senhor de Sri é a lua; ela é sua luz imarcescível. Ela é chamada de o princípio movente do mundo; ele, o vento que sopra em todo lugar. Govinda é o oceano; Lakshmi sua costa. Lakshmi é a cônjuge de Indra (Indrani); Madhusudana é Devendra. O portador do disco (Vishnu) é Yama (o regente de Tartarus); a deusa de trono de loto é sua cônjuge sombria (Dhumorna). Sri é riqueza; Sridhara (Vishnu) é ele mesmo o deus das riquezas (Kuvera). Lakshmi, brâmane ilustre, é Gauri; e Kesava é o deus do oceano (Varuna). Sri é a anfitriã do céu (Devasena); o deus da guerra, marido dela, é Hari. O manejador da maça é resistência; o poder de se opor é Sri. Lakshmi é o Kashtha e o Kala; Hari o Nimesha e o Muhurtta. Lakshmi é a luz; e Hari, que é tudo, e senhor de tudo, a lâmpada. Ela, a mãe do mundo, é a videira trepadeira; e Vishnu a árvore em volta da qual ela se agarra. Ela é a noite; o deus que está armado com a maça e o disco é o dia. Ele, o concessor de bênçãos, é o noivo; a deusa de trono de loto é a noiva. O deus é uno com todos os rios masculinos, a deusa una com todos os rios femininos. A divindade de olhos de loto é a bandeira; a deusa sentada em um loto o pendão. Lakshmi é cobiça; Narayana, o mestre do mundo, é avareza. Ó tu que sabes o que é retidão, Govinda é amor; e Lakshmi, sua cônjuge amável, é prazer. Mas por que enumerar prolixamente seu aspecto? É suficiente dizer, em uma frase, que de deuses, animais, e homens, Hari é tudo aquilo que é chamado de masculino; Lakshmi é tudo aquilo que é chamado de feminino, não há nada além deles. ◄

6 A história do nascimento e matrimônio de Uma se encontra no Shiva Purana e no Kasi Khanda do Skanda Purana, ela é mencionada brevemente, e com alguma variação dos Puranas, no Ramayana, primeiro livro; ela é também apresentada em detalhes no Kumara Sambhava de Kalidasa.

7 A família de Bhrigu é descrita mais detalhadamente no décimo capítulo; ela é citada aqui somente para introduzir a história do nascimento da deusa da prosperidade, Sri.

SACRIFÍCIO DE DAKSHA[1]

(Do Vayu Purana.)

Havia antigamente um pico de Meru, chamado Savitra, cheio de pedras preciosas, brilhante como o sol, e célebre pelos três mundos; de extensão imensa, e de acesso difícil, e um objeto de reverência universal. Sobre aquele cume glorioso, rico com tesouros minerais, como em um leito esplêndido, o deus Shiva repousava, acompanhado pela filha do soberano das montanhas, e acompanhado pelos poderosos Adityas, os poderosos Vasus, e pelos médicos divinos, os filhos de Aswini; por Kuvera, cercado por seu séquito de Guhyakas, o senhor dos Yakshas, que mora em Kailasa. Lá também estava o grande Muni Usanas, lá, estavam Rishis da primeira ordem, com Sanatkumara em sua chefia; Rishis divinos, precedidos por Angiras, Viswavasu, com seus grupos de coristas divinos, os sábios Narada e Parvata; e inúmeras tropas de ninfas celestiais. A brisa soprava sobre a montanha, branda, pura, e fragrante; e as árvores estavam enfeitadas com flores, que floresciam em toda estação. Os Vidyadharas e Siddhas, afluentes em devoção, serviam Mahadeva, o senhor das criaturas vivas, e muitos outros seres, de várias formas, o homenageavam. Rakshasas de aparência terrível, e Pisachas de grande força, de diferentes formas e características, armados com várias armas, e brilhantes como fogo, estavam encantados em estarem presentes, como os seguidores do deus. Lá estava o nobre Nandi, importante nas boas graças de seu senhor, armado com um tridente ígneo, brilhando com esplendor inerente; e lá o melhor dos rios, Ganga, a assembléia de todas as águas sagradas, estava adorando a divindade poderosa. Assim adorado por todos os mais excelentes dos sábios e dos deuses, residia o onipotente e todo-glorioso Mahadeva.

"Em tempos anteriores, Daksha começou um sacrifício santo no lado de Himavan, no local sagrado Gangadwara, frequentado pelos Rishis. Os deuses, desejoso de ajudarem nesse rito solene, se aproximaram, com Indra em sua dianteira, de Mahadeva, e anunciaram seu propósito; e tendo recebido a permissão dele, partiram em suas carruagens esplêndidas para Gangadwara, como a tradição relata[2]. Eles encontraram Daksha, o melhor dos devotos, cercado pelos cantores e ninfas do

---

[1] O sacrifício de Daksha é uma lenda de algum interesse, por suas relações históricas e arqueológicas. Ela obviamente pretende noticiar uma luta entre os adoradores de Shiva e de Vishnu, na qual a princípio o último, mas finalmente o primeiro, obteve o domínio. Ela também é um assunto predileto de escultura hindu, pelo menos com os hindus da divisão Saiva, e faz uma figura eminente em Elephanta e Ellora. Uma representação da dispersão e mutilação dos deuses e sábios por Virabhadra, na primeira, foi publicada no Archaeologia, VII. 326, onde ela é descrita como o Julgamento de Salomão! Uma figura de Virabhadra é dada por Niebuhr, vol. II. aba. 10; e o grupo inteiro nas Bombay Transactions, vol. I. pág. 220. Ele é descrito, pág. 229; mas o Sr. Erskine não verificou o assunto, embora ele não possa admitir dúvida. O grupo descrito, pág. 224, provavelmente representa os detalhes introdutórios dados em nosso texto. Das esculturas de Ellora, uma que chama a atenção se encontra no que o Sr. C. Malet chama de caverna Doomar Leyna, onde é "Veer Budder, com oito mãos. Em uma está suspenso o Rajah Dutz morto." A. R. VI. 396. E também há uma representação de 'Ehr Budr', em uma das colunatas de Kailas; sendo, na realidade, a mesma figura que aquela em Elephanta. Bombay Tr. III. 287. A lenda de Daksha portanto era popular quando aqueles templos caverna foram escavados. A história é contada em muito mais detalhes em vários outros Puranas, e com algumas variações, que serão mencionadas; mas a acima foi selecionada como um modelo do estilo do Vayu Purana, e como sendo uma narração que, por sua construção obscura, tautológica, e não minuciosa, provavelmente é de uma data antiga. A mesma lenda, nas mesmas palavras, é dada no Brahma Purana.

[2] Ou pode-se entender que isso significa que a história original está nos Vedas; o termo sendo, como usual em tal referência, इति श्रुतिः।. Gangadwara, o lugar onde o Ganges desce para as planícies - ou Haridwar, como ele é chamado mais comumente - é normalmente especificado como a cena da ação. O Linga é mais preciso, chamando-o de Kanakhala, que é a aldeia ainda chamada de Kankhal, perto de Haridwar (Megha Duta, pág. 59). Ele o descreve muito inexatamente, entretanto, como sobre o pico Hansa, um ponto do Himalaia.

céu, e por numerosos sábios, sob a sombra de árvores agrupadas e plantas trepadeiras; e todos eles, fossem moradores da terra, do ar, ou das regiões acima dos céus, se aproximavam do patriarca com gestos externos de respeito. Os Adityas, Vasus, Rudras, Maruts, todos tendo direito a partilhar das oblações, junto com Jishnu, estavam presente. As quatro classes de Pitris, Ushmapas, Somapas, Ajyapas, e Dhumapas, ou aqueles que se alimentam da chama, do suco ácido, da manteiga, ou da fumaça de oferendas, os Aswins e os progenitores, chegaram com Brahma. Criaturas de toda classe, nascidas do útero, do ovo, do vapor, ou vegetação, vieram após sua invocação; como fizeram todos os deuses, com suas noivas, que em seus veículos resplandecentes brilhavam como muitos fogos. Vendo-os assim reunidos, o sábio Dadhicha estava cheio de indignação, e observou, 'O homem que adora o que não deve ser adorado, ou não presta reverência onde reverência é devida, é culpado, seguramente, de pecado odioso.' Então dirigindo-se a Daksha, ele disse a ele, 'Por que você não oferece homenagem ao deus que é o senhor da vida (Pasubhartri)?' Daksha falou; 'Eu já tenho muitos Rudras presentes, armados com tridentes, usando cabelo trançado, e existindo em onze formas, eu não reconheço nenhum outro Mahadeva.' Dadhicha falou; 'A invocação que não é endereçada a Isa, é, apesar de tudo, somente uma convocação solitária (e imperfeita). Já que eu não vejo outra divindade que seja superior a Sankara, este sacrifício de Daksha não será completado.' Daksha falou; 'Eu ofereço, em uma xícara dourada, esta oblação inteira, que foi consagrada por muitas orações, como uma oferenda sempre devida ao inigualável Vishnu, o senhor soberano de todos[3].'

"Entrementes, a filha virtuosa do rei montanha, observando a partida das divindades, dirigiu-se a seu marido, o deus dos seres vivos, e disse - Uma falou: - 'Para onde, ó senhor, os deuses, precedidos por Indra, partiram hoje? Fale-me verdadeiramente, ó tu que conheces toda verdade, pois uma grande dúvida me desconcerta.' Maheswara falou; ‘Deusa ilustre, o excelente patriarca Daksha celebra o sacrifício de um cavalo, e para lá os deuses se dirigem.' Devi falou; 'Por que então, deus mais poderoso, tu também não procedes para essa solenidade? Por qual obstrução teu progresso para lá é impedido?' Maheswara falou; 'Esta é a idéia, rainha poderosa, de todos os deuses: que em todos os sacrifícios nenhuma porção deve ser concedida para mim. Por causa de um arranjo inventado antigamente, os deuses não me permitem, de direito, nenhuma participação nas oferendas.' Devi falou; 'O senhor deus vive em todas as formas corpóreas, e seu poder é eminente por suas faculdades superiores; ele é insuperável, ele não pode ser aproximado, em esplendor e glória e poder. Que alguém como ele deva ser excluído de sua parte de oblações me enche de tristeza profunda, e um tremor, ó impecável, se apodera do meu corpo. Eu devo agora

---

3 O Kurma Purana também conta essa discussão entre Dadhicha e Daksha, e o diálogo deles contém alguma matéria curiosa. Daksha, por exemplo, declara que nenhuma porção de um sacrifício jamais é concedida a Shiva, e nenhuma prece é mandada ser endereçada a ele, ou à noiva dele. Dadhicha aparentemente evita a objeção, e reivindica uma parte para Rudra, consistindo na tríade de deuses, como uno com o sol, que é indubitavelmente louvado pelos vários sacerdotes oficiantes dos Vedas. Daksha responde que os doze Adityas recebem oblações especiais; que eles são todos os sóis; e que ele não sabe de nenhum outro. Os Munis, que escutam a disputa, concordam com as opiniões dele. Essas noções parecem ter sido trocadas por outras nos tempos do Padma Purana e Bhagavata, porque eles colocam a negligência de Daksha de Shiva a respeito das práticas imundas do último, ele andar nu, cobrir-se com cinzas, carregar uma caveira, e se comportar como se ele estivesse bêbado ou louco, aludindo, sem dúvida, às práticas dos mendicantes Saiva que parecem ter abundado nos tempos de Sankara Acharya e desde então. Não há discussão no Bhagavata, mas Rudra é descrito como presente em uma assembléia anterior, quando seu sogro o criticou diante dos convidados, e por conseguinte ele partiu furioso. Seu seguidor Nandi amaldiçoa a companhia, e Bhrigu replica em idioma descritivo dos Vamacharis, ou adoradores de mão esquerda de Shiva. "Possam todos aqueles", ele diz, "que adotam a adoração de Bhava (Shiva), todos aqueles que seguem as práticas dos adoradores dele, se tornarem hereges, e opugnadores de doutrinas sagradas; que eles negligenciem as observâncias de purificação; que eles sejam de intelectos fracos, usando cabelo emaranhado, e se ornamentando com cinzas e ossos; e que eles entrem na iniciação Saiva, na qual bebida alcoólica é a libação."

praticar generosidade, restrição, ou penitência, para que meu senhor, que é inconcebível, possa obter uma parte, uma metade ou uma terceira porção, do sacrifício[4]?'

"Então o deus poderoso e incompreensível, estando satisfeito, disse para sua noiva, assim agitada; e falando; 'Rainha dos deuses de cintura esbelta, tu não conheces o sentido do que tu dizes; mas eu o conheço, ó tu de olhos grandes, pois os santos declaram todas as coisas por meio de meditação. Por tua perplexidade hoje todos os deuses, com Mahendra e todos os três mundos, estão totalmente confusos. Em meu sacrifício, aqueles que me adoram repetem meus louvores, e cantam a canção Rathantara do Sama Veda; meus sacerdotes me cultuam no sacrifício da verdadeira sabedoria, onde nenhum brâmane oficiante é necessário; e nesse eles me oferecem minha porção.' Devi falou; 'O senhor é a base de tudo, e seguramente, em toda reunião do mundo feminino, elogia a si mesmo ou se esconde à vontade.' Mahadeva falou; 'Rainha dos deuses, eu não me elogio, se aproxime, e veja quem eu criarei com o propósito de reivindicar minha parte do rito.'

Tendo falado dessa maneira para sua amada esposa, o poderoso Maheswara criou de sua boca um ser como o fogo da destruição; um ser divino, com mil cabeças, mil olhos, mil pés, brandindo mil clavas, mil lanças, segurando a concha, o disco, a maça, e portando um arco e machado de combate; feroz e terrível, brilhando com esplendor formidável, e enfeitado com a lua crescente; vestido na pele de um tigre, encharcado com sangue; tendo um estômago amplo, e uma boca vasta, armado com presas tremendas; suas orelhas eram eretas, seus lábios eram pendurados, sua língua era relâmpago; sua mão brandia o raio; chamas fluíram de seu cabelo; um colar de pérolas envolvia seu pescoço; uma guirlanda de fogo descia sobre seu peito, radiante com brilho, ele parecia o fogo final que consome o mundo. Quatro presas tremendas se projetavam de uma boca que se estendia de orelha a orelha; ele era de tamanho vasto, força vasta, um macho e senhor poderoso, o destruidor do universo, e como uma grande figueira em circunferência; brilhando como cem luas ao mesmo tempo; feroz como o fogo do amor; tendo quatro cabeças, dentes brancos afiados, e de ferocidade, energia, força, e coragem imensas; ardendo com o fulgor de mil sóis ígneos no fim do mundo; como mil luas não ofuscadas; em volume como Himadri, Kailasa, ou Meru, ou Mandara, com todas as suas ervas cintilando; luminoso como o sol da destruição no fim das eras; de destreza irresistível, e aspecto belo; irascível, com olhos ameaçadores, e um semblante queimando como fogo; vestido na pele do elefante e leão, e envolvido por um cinto de cobras; usando um turbante em sua cabeça, uma lua em sua testa; às vezes selvagem, às vezes brando; tendo uma coroa de muitas flores sobre sua cabeça, ungido com vários unguentos, e adornado com diferentes ornamentos e muitos tipos de jóias; usando uma guirlanda de flores Karnikara celestiais, e rolando seus olhos com raiva. Às vezes ele dançava; às vezes ele dava risada alta; às vezes ele permanecia envolvido em meditação; às vezes ele pisoteava o chão; às vezes ele cantava; às vezes ele lamentava repetidamente; e ele

---

4 Esse relato simples da parte de Sati na transação é modificado consideravelmente em outros relatos. No Kurma, a disputa começa com Daksha o patriarca sendo, como pensa ele, tratado por seu genro com menos respeito do que lhe é devido. Quando sua filha Sati vai visitá-lo posteriormente, ele insulta o marido dela, e a expulsa da casa dele. Ela em rancor se destrói. Shiva, sabendo disso, vai até Daksha, e o amaldiçoa a nascer como um Kshatriya, o filho dos Prachetasas, e a gerar um filho em sua própria filha. É nesse nascimento subsequente que o sacrifício acontece. O Linga e Matsya aludem à disputa entre Daksha e Sati, e à última pondo um fim em si mesma por meio de Yoga. O Padma, Bhagavata, e Skanda no Kasi Khanda, contam a disputa entre pai e filha de uma maneira semelhante, e em mais detalhes. O primeiro atribui a morte de Sati, entretanto, a um período anterior; e esse e o Bhagavata ambos a atribuem ao Yoga. O Kasi Khanda, com uma melhoria indicativa de uma época posterior, faz Sati se lançar no fogo preparado para a solenidade.

era dotado com as faculdades de sabedoria, imparcialidade, poder, penitência, veracidade, resistência, fortaleza, domínio, e autoconhecimento.

"Aquele ser, então, ajoelhou-se no chão, e erguendo suas mãos respeitosamente até sua cabeça, disse para Mahadeva, 'Soberano dos deuses, ordene o que é que eu tenho que fazer por ti.' Ao que Maheswara respondeu, 'Arruíne o sacrifício de Daksha.' Então o poderoso Virabhadra, tendo ouvido a vontade de seu senhor, inclinou sua cabeça aos pés de Prajapati; e partindo como um leão solto de grilhões, destruiu o sacrifício de Daksha, sabendo que ele tinha sido criado pelo desagrado de Devi. Ela também em sua ira, como a temível deusa Rudrakali, o acompanhou, com toda a sua comitiva, para testemunhar as ações dele. Virabhadra o feroz, residindo na região dos fantasmas, é o ministro da raiva de Devi. E ele criou então, dos poros de sua pele, semideuses poderosos, os poderosos servidores de Rudra, de bravura e força igual, que vieram à existência às centenas e milhares. Então um clamor alto e confuso encheu toda a extensão do éter, e encheu de medo os habitantes do céu. As montanhas se agitaram, e a terra tremeu; os ventos rugiram, e as profundidades do mar foram perturbadas; os fogos perderam seu esplendor, e o sol ficou pálido; os planetas do firmamento não brilharam, nem as estrelas se iluminaram; os Rishis pararam seus hinos, e deuses e demônios estavam silenciosos; e escuridão densa eclipsou as carruagens dos céus[5].

"Então da escuridão emergiram formas terríveis e numerosas, bradando o grito de guerra; que imediatamente quebraram ou derrubaram as colunas sacrificais, pisotearam os altares, e dançaram em meio às oblações. Correndo desenfreadamente para cá e para lá, com a velocidade do vento, eles lançaram em volta os instrumentos e recipientes de sacrifício, que pareciam com estrelas precipitadas dos céus. As pilhas de comida e bebida para os deuses, que tinham sido amontoadas como montanhas; os rios de leite; as margens de coalhos e manteiga; as areias de mel e leitelho e açúcar; os montículos de condimentos e temperos de todo sabor; as colinas ondeantes de carne e outras iguarias; os licores, pastas, e confecções divinos que tinham sido preparados; esses os espíritos de ira devoraram ou sujaram ou espalharam amplamente. Caindo então sobre a hoste dos deuses, aqueles Rudras vastos e irresistíveis os espancaram ou apavoraram, escarneceram e insultaram as ninfas e deusas, e acabaram rapidamente com o rito, embora defendido por todos os deuses; sendo os ministros da ira de Rudra, e semelhantes a ele mesmo[6]. Alguns então fizeram um clamor horroroso, enquanto outros gritaram pavorosamente, quando Yajna foi decapitado. Pois o divino Yajna, o senhor do sacrifício, então começou fugir pelo céu, na forma de um cervo, e Virabhadra, de espírito imensurável, percebendo o poder dele, cortou sua cabeça vasta, depois que ele tinha se elevado ao céu[7]. Daksha o patriarca, seu sacrifício sendo destruído, dominado pelo terror, e totalmente quebrado em espírito, caiu então no chão onde sua cabeça foi chutada pelos pés do cruel Virabhadra[8]. Os trinta grupos de divindades sagradas foram todos naquele

---

[5] A descrição de Virabhadra e seus seguidores é dada em outros Puranas da mesma maneira, mas com menos detalhes.

[6] As façanhas deles, e aquelas de Virabhadra, são especificadas mais detalhadamente em outra parte, especialmente no Linga, Kurma, e Bhagavata Puranas. Indra é derrubado e pisoteado; Yama tem seu bastão quebrado; Saraswati e as Matris têm seus narizes cortados; Mitra ou Bhaga tem seus olhos arrancados; Pusha tem seus dentes socados para dentro de sua garganta; Chandra é esmurrado; as mãos de Vahni são cortadas; Bhrigu perde sua barba; os brâmanes recebem pedradas; os Prajapatis são açoitados; e os deuses e semideuses são traspassados com espadas ou perfurados com setas.

[7] Isso também é mencionado no Linga e no Hari Vansa, e o último representa dessa maneira a origem da constelação Mrigasiras; Yajna, com a cabeça de um cervo, sendo elevado à região planetária, por Brahma.

[8] Como logo ele reza para Shiva, não poderia significar corretamente aqui que Daksha foi decapitado, embora essa seja a história em outros lugares. O Linga e Bhagavata ambos afirmam que Virabhadra cortou a cabeça de Daksha, e lançou-a no fogo. Depois do combate então, quando Shiva

momento amarrados, com uma faixa de fogo, por seu inimigo como leão; e eles todos se dirigiram a ele então, gritando, 'Ó Rudra, tenha piedade de teus criados, ó senhor, ponha de lado tua ira.' Assim falaram Brahma e os outros deuses, e o patriarca Daksha; e erguendo suas mãos, eles disseram, 'Declare, ser poderoso, quem tu és.' Virabhadra disse, 'Eu não sou um deus, nem um Aditya; nem eu vim para cá em busca de diversão, nem curioso para ver os chefes das divindades; saibam que eu vim destruir o sacrifício de Daksha, e que eu me chamo Virabhadra, o resultado da ira de Rudra. Bhadrakali também, que surgiu da raiva de Devi, foi enviada aqui pelo deus dos deuses para destruir esse rito. Refugiem-se, rei de reis, com ele que é o marido de Uma; pois melhor é a raiva de Rudra que as bênçãos de outros deuses.'

"Tendo ouvido as palavras de Virabhadra, o justo Daksha propiciou o deus poderoso, o portador do tridente, Maheswara. O círculo do sacrifício, abandonado pelos brâmanes, tinha sido destruído; Yajna tinha sido metamorfoseado em um antílope; os fogos da ira de Rudra tinham sido acesos; os criados, feridos pelos tridentes dos servos do deus, estavam gemendo de dor; os pedaços dos postes sacrificais arrancados estavam espalhados aqui e ali; e os fragmentos das oferendas de carne foram levados por bandos de urubus famintos, e de chacais uivantes. Dominando seus ares vitais, e tomando uma postura de meditação, o vencedor muito perspicaz de seus inimigos, Daksha, fixou seus olhos em todo lugar em seus pensamentos. Então o deus dos deuses apareceu do altar, resplandecente como mil sóis, e sorriu para ele, e disse, 'Daksha, teu sacrifício foi destruído através de conhecimento sagrado. Eu estou bem satisfeito contigo.' E então ele sorriu novamente, e disse, 'O que farei eu por ti; declare, junto com o preceptor dos deuses.'

"Então Daksha, amedrontado, alarmado, e agitado, seus olhos cheios de lágrimas, ergueu suas mãos com reverência até sua testa, e disse, 'Se, senhor, tu estás satisfeito; se eu encontrei favor em tua visão; se eu devo ser o objeto de tua benevolência; se tu me concederás um benefício, esta é a bênção que eu solicito: que todas essas provisões para o sacrifício solene, que foram reunidas com muita dificuldade e durante um longo tempo, e foram agora comidas, bebidas, devoradas, queimadas, quebradas, espalhadas completamente, não possam ter sido preparadas em vão.' 'Assim seja', respondeu Hara, o subjugador de Indra. E nisso Daksha se ajoelhou no chão, e louvou agradecidamente o criador da retidão, o deus três de olhos Mahadeva, repetindo os oito mil nomes da divindade cujo emblema é um touro".

---

devolveu os mortos à vida, e aos mutilados os seus membros, a cabeça de Daksha não estava à mão: ela foi substituída então pela cabeça de uma cabra, ou, de acordo com o Kasi Khanda, aquela de um carneiro. Nenhuma informação é tida em outro lugar em nosso texto do conflito descrito em outra parte entre Virabhadra e Vishnu. No Linga, o último é decapitado, e sua cabeça soprada pelo vento para dentro do fogo. O Kurma, embora um Saiva Purana, é menos irreverente a respeito de Vishnu, e depois de descrever uma disputa na qual ambos os partidos prevalecem ocasionalmente, faz Brahma intervir, e separar os combatentes. O Kasi Khanda do Skanda Purana descreve Vishnu como derrotado, e à mercê de Virabhadra, que é proibido por uma voz do céu de destruir seu adversário; enquanto no Hari Vansa, Vishnu obriga Shiva a fugir, depois de pegá-lo pela garganta e quase estrangulá-lo. A negridão do pescoço de Shiva surgiu desse estrangulamento, e não, como descrito em outro lugar, de ele beber o veneno produzido pelo batimento do oceano.

CAPÍTULO 9

Lenda de Lakshmi. Durvasas dá uma guirlanda para Indra; ele a trata desrespeitosamente, e é amaldiçoado pelo Muni. O poder dos deuses enfraquecido; eles são oprimidos pelos Danavas, e recorrem a Vishnu. O batimento do oceano. Louvores de Sri.

Parasara: ‘Mas com respeito à pergunta tu me fizeste, Maitreya, relativa à história de Sri, ouça de mim a história como ela me foi contada por Marichi.

Durvasas, uma porção de Sankara (Shiva)[1], estava vagando sobre a terra; quando ele viu, nas mãos de uma ninfa do ar[2], uma guirlanda de flores escolhidas das árvores do céu, o odor fragrante das quais se espalhava por toda a floresta, e extasiava todos os que moravam sob sua sombra. O sábio, que estava então possuído por frenesi religioso[3], quando ele viu aquela guirlanda, a exigiu da ninfa graciosa e de olhos arredondados que, curvando-se a ele com reverência, imediatamente a ofereceu para ele. Ele, como alguém fora de si, colocou a guirlanda sobre sua testa, e assim enfeitado retomou seu caminho; quando ele viu (Indra) o marido de Sachi, o soberano dos três mundos, se aproximar, sentado em seu elefante enfurecido Airavata, e acompanhado pelos deuses. O sábio desvairado, tirando de sua cabeça a guirlanda de flores entre as quais as abelhas coletavam ambrosia, a jogou para o rei dos deuses, que a pegou, e a suspendeu sobre a testa de Airavata, onde ela brilhou como o rio Jahnavi resplandecendo no topo escuro da montanha Kailasa. O elefante, cujos olhos estavam baços com embriaguez, e atraído pelo cheiro, agarrou a guirlanda com sua tromba, e a lançou no chão. Aquele chefe de sábios, Durvasas, ficou muito enraivecido por causa desse tratamento desrespeitoso de seu presente, e assim se dirigiu furiosamente ao soberano dos imortais: "Inchado com a embriaguez de poder, Vasava, vil de espírito, tu és um idiota para não respeitar a guirlanda que eu te ofereci, que era a morada da Fortuna (Sri). Tu não a reconheceste como um presente; tu não te curvaste diante de mim; tu não colocaste a guirlanda sobre tua cabeça, com teu semblante se expandindo com deleite. Agora, tolo, porque tu não apreciaste infinitamente a guirlanda que eu te dei, tua soberania sobre os três mundos será subvertida. Tu me confundiste, Sakra, com outros brâmanes, e por isso eu sofri desrespeito por causa da tua arrogância; mas de modo semelhante como tu lançaste a guirlanda no chão que eu te dei, assim teu domínio sobre o universo será submerso em ruína. Tu ofendeste uma pessoa cuja ira é temida por todas as coisas criadas, rei dos deuses, exatamente eu, por teu orgulho excessivo."

Descendo apressadamente de seu elefante, Mahendra se esforçou para apaziguar o impecável Durvasas, mas para as desculpas e prostrações dele de mil olhos, o Muni respondeu, "Eu não tenho um coração compassivo, nem o perdão é próprio da minha natureza. Outros Munis podem ceder; mas saiba, Sakra, que eu sou Durvasas. Tu foste tornado insolente em vão por Gautama e outros; pois saiba, Indra, que eu sou Durvasas, cuja natureza é estranha a remorso. Tu tens sido lisonjeado por Vasishtha e outros santos compassivos, cujo altos elogios te fizeram tão arrogante que tu me insultaste. Mas quem há no universo que pode ver meu semblante, sombrio com olhares de ira, e cercado por meu cabelo resplandecente, e não tremer? Qual a necessidade de palavras? Eu não perdoarei, qualquer aparência de humildade que tu possas assumir."

---

[1] Durvasas era o filho de Atri com Anasuya, e era uma encarnação de uma porção de Shiva.

[2] Vidyadhari. Esses seres, machos e fêmeas, são espíritos de uma ordem inferior, habitando as regiões medianas da atmosfera. De acordo com o Vayu, a guirlanda foi dada à ninfa por Devi.

[3] Ele cumpria o Vrata, ou voto de insanidade; equivalente aos êxtases de alguns fanáticos religiosos. 'Nesse estado', diz o comentador, 'até santos são demônios.'

Tendo falado assim, o brâmane seguiu seu caminho; e o rei dos deuses, remontando em seu elefante, voltou para sua capital Amaravati. Desde então, Maitreya, os três mundos e Sakra perderam seu vigor, e todos os produtos vegetais, plantas, e ervas definharam e morreram; sacrifícios não eram mais oferecidos; cerimônias religiosas não eram mais praticadas; homens não eram mais dedicados à caridade, ou qualquer obrigação moral ou religiosa; todos os seres ficaram desprovidos de firmeza[4]; todas as faculdades de compreensão foram obstruídas pela cobiça; e os desejos dos homens eram excitados por objetos frívolos. Onde há energia, há prosperidade; e da prosperidade a energia depende. Como podem aqueles abandonados pela prosperidade ser possuidores de energia; e sem energia, onde existe excelência? Sem excelência não pode haver vigor nem heroísmo entre homens; aquele que não tem coragem nem força será desprezado por todos, e aquele que é tratado universalmente com descrédito deve sofrer degradação de suas faculdades intelectuais.

As três regiões sendo assim totalmente privadas de prosperidade, e despojadas de energia, os Danavas e filhos de Diti, os inimigos dos deuses, que eram incapazes de firmeza, e agitados pela ambição, aplicaram sua força contra os deuses. Eles se envolveram em guerra com as divindades fracas e desventuradas; e Indra e o resto, sendo superados em luta, fugiram para se refugiarem com Brahma, precedidos pelo deus de chama (Hutasana). Quando o grande pai do universo ouviu tudo o que tinha acontecido, ele disse às divindades, "Dirijam-se em busca de proteção ao deus do alto e do baixo; o domador dos demônios; a causa sem causa da criação, preservação, e destruição; o progenitor dos progenitores; o imortal, inconquistável Vishnu; a causa da matéria e espírito, de seus produtos não gerados; o removedor da aflição de todos os que se humilham diante dele, ele lhes dará ajuda." Tendo falado dessa maneira para as divindades, Brahma procedeu junto com eles para a costa norte do mar de leite; e com palavras reverentes orou desse modo para o supremo Hari:

"Nós glorificamos a ele que é todas as coisas; o senhor supremo sobre tudo; não nascido, imperecível; o protetor dos poderosos da criação; o impercebido, indivisível Narayana; o menor dos menores, o maior dos maiores, dos elementos; em quem estão todas as coisas, de quem são todas as coisas; que existia antes da existência; o deus que é todos os seres; que é o fim dos últimos objetos; que está além do espírito final, e é uno com a alma suprema; que é contemplado como a causa da libertação final por sábios ansiosos para serem livres; em quem não estão as qualidades de bondade, impureza, ou escuridão, que pertencem à natureza pouco desenvolvida. Possa aquele mais puro de todos os espíritos puros hoje ser propício para nós. Possa aquele Hari ser auspicioso para nós, cujo poder inerente não é um objeto da cadeia progressiva de momentos ou de dias, que compõem o tempo. Que ele que é chamado de deus supremo, que não precisa de ajuda, Hari, a alma de toda substância incorporada, seja favorável para nós. Que aquele Hari, que é causa e efeito; que é a causa da causa, o efeito do efeito, ele que é o efeito do efeito sucessivo; que é em si mesmo o efeito do efeito do efeito; o produto do efeito do efeito do efeito, ou substância elementar; a ele eu me curvo[5]. A causa da causa; a causa da causa da causa; a causa deles todos; a ele eu me curvo. A ele que é o desfrutador e a

---

4 Eles se tornaram Nih-satwa; e Satwa é explicado por Dhairyya, 'firmeza', 'fortaleza.'

5 O primeiro efeito da causa primária é natureza, ou Prakriti; o efeito do efeito, ou de Prakriti, é Mahat; efeito no terceiro grau é Ahankara, no quarto, ou o efeito do efeito (Ahankara) do efeito (Mahat) do efeito (Prakriti), é substância elementar, ou Bhuta. Vishnu é cada um e todos. Assim na escala sucessiva ascendente, Brahma é a causa da vida mortal; a causa de Brahma é o ovo, ou agregado matéria elementar; sua causa é, portanto, matéria elementar; a causa da qual é matéria sutil ou rudimentar, que se origina de Ahankara, e assim por diante. Vishnu também é cada um e todos esses.

coisa a ser desfrutada; o criador e coisa a ser criada; que é o agente e o efeito; àquele ser supremo eu me curvo. A natureza infinita de Vishnu é pura, inteligente, perpétua, não nascida, sem decadência, inesgotável, inescrutável, imutável; ela não é nem grosseira nem sutil, nem capaz de ser definida; àquela natureza sempre santa de Vishnu eu me curvo. A ele cuja faculdade para criar o universo reside em apenas uma parte de uma décima milionésima parte dele; a ele que é uno com o espírito supremo inesgotável, eu me curvo; e à natureza gloriosa do supremo Vishnu que nem deuses, nem sábios, nem eu, nem Sankara compreendem; aquela natureza que os Iogues, depois de esforço incessante, apagando mérito e demérito moral, veem ser contemplado no monossílabo místico Om; a glória suprema de Vishnu, que é o primeiro de todos; de quem, um só deus, a energia tripla é o mesmo que Brahma, Vishnu, e Shiva; ó senhor de tudo, grande alma de tudo, refúgio de todos, sem decadência, tenha piedade de teus servos; ó Vishnu, revele-te para nós."

Parasara continuou: ‘Os deuses, tendo ouvido essa prece proferida por Brahma, se curvaram, e gritaram, "Seja favorável para nós; esteja presente em nossa visão; nós reverenciamos aquela natureza gloriosa que o poderoso Brahma não conhece; aquela que é tua natureza, ó imperecível, em quem o universo reside". Então os deuses tendo terminado, Vrihaspati e os Rishis divinos rezaram assim: "Nós nos curvamos ao ser que tem direito à adoração; que é o primeiro objeto de sacrifício; que existia antes da primeira das coisas; o criador do criador do mundo; o indefinível; ó senhor de tudo o que foi ou será; símbolo imperecível do sacrifício; tenha piedade de teus adoradores; apareça para eles, prostrados diante de ti. Aqui está Brahma; aqui está Trilochana (Shiva de três olhos), com os Rudras; Pusha, (o sol), com os Adityas; e o Fogo, com todos os corpos luminosos poderosos; aqui estão os filhos de Aswini (os dois Aswini Kumaras), os Vasus e todos os ventos, os Sadhyas, os Viswadevas, e Indra o rei dos deuses, todos os quais se curvam humildemente diante de ti; todas as tribos dos imortais, derrotadas pelo hoste de demônios, fugiram em direção a ti em busca de auxílio."

Assim rogado, o deus supremo, o portador poderoso da concha e do disco, mostrou-se para eles, e vendo o senhor dos deuses, portando uma concha, um disco, e uma maça, a reunião da forma primeva, e brilhante com luz incorporada, Pitamaha e as outras divindades, seus olhos umedecidos com êxtase, primeiro lhe prestaram homenagem, e então se dirigiram a ele dessa maneira: "Repetida saudação a ti que és indefinível, tu és Brahma; tu és o manejador do arco Pinaka (Shiva); tu és Indra; tu és fogo, ar, o deus das águas, o sol, o rei da morte (Yama), os Vasus, os Maruts (os ventos), os Sadhyas, e Viswadevas. Essa assembléia de divindades, que agora veio diante de ti, tu és; pois, o criador do mundo, tu estás em todo lugar. Tu és o sacrifício, a prece de oblação, a sílaba mística Om, o soberano de todas as criaturas; tu és tudo o que é para ser conhecido, ou desconhecido; ó alma universal, o mundo inteiro consiste em ti. Nós, derrotados pelos Daityas, fugimos em direção a ti, ó Vishnu, em busca de proteção. Espírito de tudo, tenha compaixão por nós; defenda-nos com teu poder imenso. Haverá aflição, desejo, dificuldade, e aflição, até que tua proteção seja obtida: mas tu és o removedor de todos os pecados. Portanto, ó puro de espírito, mostre benevolência por nós, que fugimos até ti; ó senhor de tudo, nos proteja com teu grande poder, em união com a deusa que é tua força[6]." Hari, o criador do universo, sendo assim rogado pelas divindades prostradas, sorriu, e falou desse modo: "Com energia renovada, ó deuses, eu restabelecerei sua força. Ajam como eu ordenar. Que todos os deuses, junto com os Asuras, lancem todos os tipos de ervas medicinais no oceano de leite; e então tomando a montanha Mandara em lugar da vara de bater, a serpente Vasuki como a corda, batam juntos o oceano em busca de ambrosia; dependendo da minha ajuda. Para assegurar a ajuda dos Daityas, você devem estar

6 Com tua Sakti, ou a deusa Sri ou Lakshmi.

em paz com eles, e se comprometam a dar a eles uma parte igual do resultado de seu trabalho conjunto; prometendo a eles que por beberem o Amrita que será produzido do oceano agitado eles se tornarão poderosos e imortais. Eu cuidarei para que os inimigos dos deuses não compartilhem da bebida preciosa; que eles tomem parte no trabalho somente."

Sendo instruídas dessa forma pelo deus dos deuses, as divindades entraram em aliança com os demônios, e eles empreenderam conjuntamente a aquisição da bebida da imortalidade. Eles reuniram vários tipos de ervas medicinais, e as lançaram no oceano de leite, as águas do qual eram radiantes como as nuvens finas e brilhantes do outono. Eles então usaram a montanha Mandara como o bastão; a serpente Vasuki como a corda; e começaram a bater o oceano em busca de Amrita. Os deuses reunidos foram posicionados por Krishna no rabo da serpente; os Daityas e Danavas em sua cabeça e pescoço. Chamuscados pelas chamas emitidas do capelo inchado dela, os demônios foram privados de sua glória; enquanto as nuvens dirigidas para sua cauda pela respiração de sua boca refrescaram os deuses com chuvas revigorantes. No meio do mar lácteo, o próprio Hari, na forma de uma tartaruga, serviu como um pivô para a montanha, enquanto ela era girada em volta. O portador da maça e do disco estava presente em outras formas entre os deuses e demônios, e ajudou a arrastar o monarca da raça serpente; e em outro corpo vasto ele sentou no topo da montanha. Com uma porção de sua energia, não visto por deuses ou demônios, ele sustentou o rei serpente; e com outra, infundiu vigor nos deuses.

Do oceano, assim agitado pelos deuses e Danavas, ergueu-se primeiro a vaca Surabhi, a fonte de leite e coalhos, adorada pelas divindades, e observada por eles e seus associados com mentes perturbadas, e olhos brilhando com alegria. Então, enquanto os Siddhas santos no céu imaginavam o que isto poderia ser, apareceu a deusa Varuni (a divindade do vinho), seus olhos rolando com embriaguez. Logo, do redemoinho do oceano, surgiu a árvore celestial Parijata, a delícia das ninfas do céu, perfumando o mundo com suas flores. A tropa de Apsarasas, as ninfas do céu, foi produzida então, de encanto surpreendente, dotadas de beleza e de elegância. A lua de raios frios ergueu-se em seguida, e foi agarrada por Mahadeva, e então veneno foi gerado do mar, do qual os deuses-cobra (Nagas) tomaram posse. Dhanwantari, vestido de branco, e levando em sua mão a taça de Amrita, veio em seguida, vendo o qual, os filhos de Diti e de Danu, como também os Munis, estavam cheios de alegria e satisfação. Então, sentada em um loto totalmente desabrochado, e segurando um nenúfar em sua mão, a deusa Sri, brilhante com beleza, ergueu-se das ondas. Os grandes sábios, arrebatados, a louvaram com a canção dedicada à sua glorificação[7]. Viswavasu e outros coristas divinos cantaram, e Ghritachi e outras ninfas celestiais dançaram diante dela. Ganga e outros rios sagrados se encarregaram das abluções dela; e os elefantes dos céus, levando as puras águas deles em vasos de ouro, as verteram sobre a deusa, a rainha do mundo universal. O mar de leite a presenteou pessoalmente com uma guirlanda de flores que nunca murcham; e o artista dos deuses (Viswakarman) enfeitou o corpo dela com ornamentos divinos. Assim banhada, vestida, e adornada, a deusa, na visão dos celestiais, lançou-se no peito de Hari; e se apoiando lá, virou seu olhar para as divindades, que estavam inspiradas com êxtase pela visão dela. Não assim os Daityas que, com Viprachitti em sua chefia, estavam cheios de indignação, porque Vishnu deu as costas para eles, e eles foram abandonados pela deusa de prosperidade (Lakshmi.)

Os Daityas poderosos e indignados então agarraram violentamente a taça de Amrita que estava na mão de Dhanwantari, mas Vishnu, assumindo uma forma feminina, os fascinou e iludiu; e recuperando o Amrita deles, o entregou para os

---

7 Ou com o Sukta, ou hino dos Vedas, começando, "Hiranya vernam ", etc.

deuses. Sakra e as outras divindades beberam a ambrosia. Os demônios enraivecidos, agarrando suas armas, caíram sobre eles; mas os deuses, em quem o gole de ambrosia tinha infundido vigor novo, derrotaram e afugentaram a hoste deles, e eles fugiram pelas regiões do espaço, e mergulharam nos reinos de subterrâneos de Patala. O deuses se alegraram muito por isso, homenagearam o portador do disco e da maça, e retomaram seu reinado no céu. O sol brilhou com esplendor renovado, e novamente cumpriu sua tarefa designada; e os corpos luminosos celestiais circularam novamente, ó melhor dos Munis, em suas respectivas órbitas. O fogo resplandeceu para o alto mais uma vez, belo em esplendor; e as mentes de todos os seres estavam inspiradas por devoção. Os três mundos foram feitos felizes novamente pela prosperidade; e Indra, o chefe dos deuses, foi recolocado no poder[8]. Sentado em seu trono, e mais uma vez no céu, exercendo soberania sobre os deuses, Sakra louvou dessa maneira a deusa que leva um loto em sua mão:

"Eu reverencio a Sri, a mãe de todos os seres, sentada em seu trono de loto, com olhos semelhantes a lotos totalmente desabrochados, reclinando-se no peito de Vishnu. Tu és Siddhi (poder sobre-humano); tu és Swadha e Swaha; tu és ambrosia (Sudha), o purificador do universo; tu és anoitecer, noite, e amanhecer; tu és poder, fé,

---

[8] O batimento do oceano não ocorre em vários dos Puranas, e é apenas mencionado superficialmente no Shiva, Linga, e Kurma Puranas. O Vayu e Padma têm quase a mesma narrativa que aquela do nosso texto; e assim têm o Agni e Bhagavata, exceto que eles só se referem brevemente à raiva de Durvasas, sem narrar as circunstâncias; indicando que a deles é posterior, portanto, à história original. Porém, a parte atribuída a Durvasas parece ser um embelezamento acrescentado ao original, pois nenhuma menção dele se encontra no Matsya Purana nem mesmo no Hari Vansa, nem ocorre naquelas que podem ser consideradas as versões existentes mais antigas da história, aquelas do Ramayana e Mahabharata; ambos esses atribuem a ocorrência ao desejo dos deuses e Daityas de se tornarem imortais. O Matsya atribui um motivo semelhante aos deuses, instigados por observarem que os Daityas mortos por eles na batalha eram devolvidos à vida por Sukra com o Sanjivini, ou erva da imortalidade, que ele tinha descoberto. O relato no Hari Vansa é breve e obscuro, e é explicado pelo comentador como uma alegoria, na qual o batimento do oceano simboliza penitência ascética, e a ambrosia é libertação final; mas isso é mera mistificação. A lenda do Ramayana foi traduzida, vol. I. pág. 410, da edição Serampore; e aquela do Mahabharata por Sir C. Wilkins, nas notas para sua tradução do Bhagavata Gita. Veja também o texto original, Cal. ed. pág. 40. Ele foi apresentado para leitores comuns em uma forma mais atraente por meu amigo H. M. Parker, em seu Draught of Immortality [Gole de Imortalidade], impresso com outros poemas, Lond. 1827. O Matsya Purana tem muitas das estrofes do Mahabharata entremeadas com outras. Há alguma variedade na ordem e número de artigos produzidos a partir do oceano. Como eu observei em outra parte (Teatro Hindu, I. 59. Lond. ed.), a enumeração popular é quatorze; mas o Ramayana especifica apenas nove; o Mahabharata, nove; o Bhagavata, dez; o Padma, nove; o Vayu, doze; o Matsya, talvez, dá o número inteiro. Aqueles nos quais a maioria concorda, são, 1. o veneno Halahala ou Kalakuta, engolido por Shiva; 2. Varuni ou Sura, a deusa do vinho, que sendo aceita pelos deuses, e rejeitada pelos Daityas, os primeiros foram chamados de Suras, e os últimos de Asuras; 3. o cavalo Uchchaissravas, pego por Indra; 4. Kaustubha, a jóia usada por Vishnu; 5. a lua; 6. Dhanwantari, com o Amrita em seu Kamandalu, ou vaso; e esses dois artigos no Vayu são considerados como produtos distintos; 7. a deusa Padma ou Sri; 8. as Apsarasas, ou ninfas do céu; 9. Surabhi, ou a vaca da abundância; 10. A árvore Parijata, ou árvore do céu; 11. Airavata, o elefante levado por Indra. O Matsya acrescenta: 12. o guarda-sol pego por Varuna; 13. os brincos pegos por Indra, e dados para Aditi, e aparentemente outro cavalo, o cavalo branco do sol; ou o número pode ser completado contando o Amrita separadamente de Dhanwantari. O número é composto nas listas populares somando o arco e a concha de Vishnu; mas não parece haver qualquer autoridade boa para isso, e a adição é sectária; igualmente é aquela da árvore Tulasi, uma planta sagrada para Krishna, que é um dos doze especificados pelo Vayu Purana. O Uttara Khanda do Padma Purana tem uma enumeração peculiar, ou, Veneno; Jyeshtha ou Alakshmi, a deusa do infortúnio, a [irmã] mais velha da fortuna; a deusa do vinho; Nidra, ou indolência; as Apsarasas; o elefante de Indra; Lakshmi; a lua; e a planta Tulasi. A referência a Mohini, a forma feminina assumida por Vishnu, é muito breve em nosso texto; e nenhuma menção é tida da história contada no Mahabharata e alguns dos Puranas, do Daitya Rahu se introduzindo entre os deuses, e obtendo uma porção do Amrita, sendo decapitado por isso por Vishnu, a cabeça ficou imortal, pelo Amrita ter alcançado a garganta, e foi transferido como uma constelação para os céus; e como o sol e lua denunciaram a presença dele entre os deuses, Rahu os persegue com ódio implacável, e os esforços dele para apanhá-los são as causas de eclipses; Rahu simbolizando os nodos ascendente e descendente. Essa parece ser a forma mais simples e mais antiga da lenda. A imortalidade igual do corpo, sob o nome Ketu, e ele ser a causa de fenômenos meteóricos, parece ter sido uma explicação posterior. No Padma e Bhagavata, Rahu e Ketu são os filhos de Sinhika, a esposa do Danava Viprachitti.

intelecto; tu és a deusa das letras (Saraswati). Tu, deusa bela, és conhecimento de devoção, conhecimento vasto, conhecimento místico, e conhecimento espiritual[9]; que confere libertação eterna. Tu és a ciência de raciocínio, os três Vedas, as artes e ciências[10]; tu és ciência moral e política. O mundo é povoado por ti com formas agradáveis e desagradáveis. Quem mais além de ti, ó deusa, está estabelecido naquele corpo do deus dos deuses, o manejador da maça que é composto de sacrifício e contemplado por ascetas santos? Abandonados por ti, os três mundos estavam na beira da ruína; mas eles foram reanimados por ti. Por teu olhar auspicioso, ó deusa poderosa, homens obtêm esposas, filhos, habitações, amigos, colheitas, riqueza. Saúde e força, poder, vitória, felicidade, são de obtenção fácil para aqueles para quem tu sorris. Tu és a mãe de todos os seres, como o deus dos deuses, Hari, é o pai deles; e este mundo, animado ou inanimado, é permeado por ti e Vishnu. Ó tu que purificas todas as coisas, não abandone nossos tesouros, nossos silos, nossas habitações, nossos dependentes, nossas pessoas, nossas esposas, não abandone nossas crianças, nossos amigos, nossa linhagem, nossas jóias, ó tu que moras no peito do deus dos deuses. Aqueles a quem tu abandonas são abandonados pela verdade, pela pureza, e bondade, por toda qualidade amável e excelente; enquanto os comuns e indignos para quem tu olhas favoravelmente se tornam imediatamente dotados de todas as qualificações excelentes, com famílias, e com poder. Aquele para quem teu semblante está virado é honesto, amável, próspero, sábio, e de nascimento nobre, um herói de coragem irresistível; mas todos os méritos e vantagens são convertidos em inutilidade daquele de quem, amada de Vishnu, mãe do mundo, tu desvias tua face. As línguas de Brahma são insuficientes para celebrar tua excelência. Seja auspiciosa para mim, ó deusa de olhos de loto, e nunca mais me abandone."

Sendo louvada dessa maneira, a satisfeita Sri, residindo em todas as criaturas, e ouvida por todos os seres, respondeu ao deus de cem ritos (Satakratu); "Eu estou satisfeita, monarca dos deuses, com tua adoração. Peça de mim o que tu desejas. Eu vim para realizar teus desejos." "Se, deusa", Indra respondeu, "tu concederás meus rogos; se eu sou merecedor da tua generosidade; seja este meu primeiro pedido: que os três mundos nunca possam ser privados novamente da tua presença. Minha segunda súplica, filha do oceano, é que tu não abandones aquele que celebrar teus louvores nas palavras que eu enderecei a ti." "Eu não abandonarei", a deusa respondeu, "os três mundos novamente, esse teu primeiro benefício está concedido; pois eu estou satisfeita com teus louvores, e além disso, eu nunca desviarei minha face daquele mortal que de manhã e à noite repetir o hino com o qual tu te dirigiste a mim."

Parasara prosseguiu: ‘Assim, Maitreya, nos tempos passados a deusa Sri conferiu esses benefícios ao rei dos deuses, sendo agradada pelas adorações dele, mas o primeiro nascimento dela foi como a filha de Bhrigu com Khyati; foi em um período subsequente que ela foi produzida do mar, no batimento do oceano pelos demônios e os deuses, para obter ambrosia[11]. Pois de modo semelhante como o senhor do mundo, o deus dos deuses, Janarddana, desce entre o gênero humano (em várias formas), assim faz sua coadjutora Sri. Assim quando Hari nasceu como um

---

[9] É dito que os quatro Vidyas, ou ramos de conhecimento, são: Yajna Vidya, conhecimento ou realização de ritos religiosos; Maha Vidya, grande conhecimento, a adoração do princípio feminino, ou adoração Tantrika; Guhya Vidya, conhecimento de mantras, orações místicas, e encantamentos; e Atma Vidya, conhecimento da alma, verdadeira sabedoria.

[10] Ou Vartta, explicado significar o Silpa Sastra, mecânica, escultura, e arquitetura; Ayur-veda, medicina, etc.

[11] A causa disso, porém, é deixada inexplicada. O Padma Purana insere uma lenda para explicar a separação temporária de Lakshmi de Vishnu, que parece ser peculiar àquele trabalho. Bhrigu era senhor de Lakshmipur, uma cidade no Narmada, dada a ele por Brahma. Sua filha Lakshmi instigou seu marido a pedir que ela fosse concedida para ela, o que ofendeu Bhrigu, que amaldiçoou Vishnu a nascer na terra dez vezes, ser separado de sua esposa, e não ter filhos. A lenda é um embelezamento moderno insípido.

anão, o filho de Aditi, Lakshmi apareceu de um loto (como Padma, ou Kamala); quando ele nasceu como Rama, da linhagem de Bhrigu (ou Parasurama), ela era Dharani; quando ele era Raghava (Ramachandra), ela era Sita; e quando ele era Krishna, ela se tornou Rukmini. Nas outras descidas de Vishnu, ela é sua amiga. Se ele toma uma forma celestial, ela aparece como divina; se uma mortal, ela se torna uma mortal também, transformando sua própria pessoa segundo qualquer figura que agrade a Vishnu assumir. Quem quer que ouça essa história do nascimento de Lakshmi, quem quer que a leia, nunca perderá a deusa Fortuna de sua habitação por três gerações; e infortúnio, a fonte de discussão, nunca entrará aquelas casas nas quais os hinos para Sri são repetidos.

Assim, brâmane, eu narrei para ti, em resposta à tua pergunta, como Lakshmi, antigamente a filha de Bhrigu, surgiu do oceano de leite; e o infortúnio nunca visitará aqueles entre a humanidade que recitarem diariamente os louvores de Lakshmi proferidos por Indra, que são a origem e causa de toda prosperidade. ◄

CAPÍTULO 10

Os descendentes das filhas de Daksha casadas com os Rishis.

Maitreya: ‘Tu narraste para mim, grande Muni, tudo aquilo que eu te perguntei; agora retome o relato da criação subsequentemente a Bhrigu’.

Parasara: ‘Lakshmi, a noiva de Vishnu, era a filha de Bhrigu com Khyati. Eles também tiveram dois filhos, Dhatri e Vidhatri, que se casaram com as duas filhas do ilustre Meru, Ayati e Niryati; e tiveram com elas cada um um filho, chamados Prana e Mrikanda. O filho do último era Markandeya, de quem nasceu Vedasiras[1]. O filho de Prana se chamava Dyutimat, e seu filho era Rajavat; depois do qual a linhagem de Bhrigu foi multiplicada infinitamente.

Sambhuti, a esposa de Marichi, deu à luz Paurnamasa cujos filhos eram Virajas e Sarvaga. Eu citarei futuramente os outros descendentes dele, quando eu der um relato mais detalhado da linhagem de Marichi[2].

A esposa de Angiras, Smriti, teve filhas chamadas Sinivali, Kuhu, Raka, e Anumati (fases da lua[3]). Anasuya, a esposa de Atri, era a mãe de três filhos impecáveis, Soma (a lua), Durvasas, e o asceta Dattatreya[4]. Pulastya teve, com Priti, um filho chamado em um nascimento anterior, ou no Swayambhuva Manwantara, Dattoli, que é agora conhecido como o sábio Agastya[5]. Kshama, a esposa do patriarca Pulaha, era a mãe de três filhos, Karmasa, Arvarivat, e Sahishnu[6]. A esposa de Kratu, Sannati, produziu os sessenta mil Balakhilyas, sábios pigmeus, nenhum maior que

---

1 O comentador interpreta que o texto ततो वेदशिरा अभी se refere a Prana: 'Vedasiras nasceu o filho de Prana.' Assim o Bhagavata tem मार्कण्डेयो मृकण्डस्य प्राणाद्वेदशिरा मुनिः।. O Linga, o Vayu, e Markandeya, porém, confirmam nossa leitura do texto, fazendo de Vedasiras o filho de Markandeya. Prana, ou, como lido nos dois primeiros, Pandu, casou-se com Pundarika, e teve com ela Dyutimat, cujos filhos eram Srijavana e Asruta ou Asrutavrana. Mrikanda (também lido Mrikandu) se casou com Manaswini, e teve Markandeya cujo filho, com Murddhanya, era Vedasiras: ele se casou com Pivari, e teve muitos filhos, que constituíram a família, ou tribo bramânica, de Bhargavas, os filhos de Bhrigu. O mais célebre desses era Usanas, o preceptor dos Daityas que, de acordo com o Bhagavata, era o filho de Vedasiras; mas o Vayu faz dele o filho de Bhrigu com Paulomi, e nascido em um período diferente.

2 Aludindo especialmente a Kasyapa, o filho de Marichi, de cuja posteridade uma narração minuciosa completa é dada subsequentemente. O Bhagavata acrescenta uma filha, Devakulya; e o Vayu e Linga, quatro filhas, Tushti, Pushti, Twisha, e Apachiti. O último insere os netos de Paurnamasa. Virajas, casado com Gauri, tem Sudhaman, um Lokapala, ou governante do quadrante leste; e Parvasa (quase Sarvaga) tem, com Parvasi, Yajnavama e Kasyata, que foram ambos fundadores de Gotras ou famílias. Os nomes de todos esses se encontram em diferentes formas em diferentes manuscritos.

3 O Bhagavata adiciona que no Swarochisha Manwantara os sábios Uttathya e Vrihaspati também eram filhos de Angiras; e o Vayu, etc. especifica Agni e Kirttimat como os filhos do patriarca no primeiro Manwantara. Agni, casado com Sadwati, tem Parjanya, casado com Marichi; e o filho deles é Hiranyaroman, um Lokapala. Kirttimat tem, com Dhenuka, dois filhos, Charishnu e Dhritimat.

4 O Bhagavata dá um relato da penitência de Atri, pela qual os três deuses, Brahma, Vishnu, e Shiva, foram propiciados e se tornaram, em suas porções, respectivamente filhos dele: Soma, Datta, e Durvasas. O Vayu tem uma série totalmente diferente, ou cinco filhos, Satyanetra, Havya, Apomurtti, Sani, e Soma; e uma filha, Sruti, que se tornou a esposa de Kardama.

5 O texto parece insinuar que ele se chamava Agastya em um Manwantara anterior, mas o comentador explica isso como acima. O Bhagavata chama de a esposa de Pulastya, Havirbhu, cujos filhos eram o Muni Agastya, chamado em um nascimento anterior de Dahragni ou Jatharagni, e Visravas. O último teve com Ilavila o deus da riqueza, Kuvera; e com Kesini, os Rakshasas Ravana, Kumbhakarna, e Vibhishana. O Vayu especifica três filhos de Pulastya, Dattoli, Vedabahu, e Vinita; e uma filha, Sadwati, casada (veja a nota 3) com Agni.

6 O Bhagavata lê Karmasreshtha, Variyas, e Sahishnu. O Vayu e Linga têm Kardama e Ambarisha em lugar dos dois primeiros, e soma Vanakapivat e uma filha, Pivari, casada com Vedasiras (veja nota 1). Kardama se casou com Sruti (nota 4), e teve com ela Sankhapada, um dos Lokapalas, e uma filha, Kamya, casada com Priyavrata (nota 6, página 93). Vana-kapivat, também lido Dhana-kapivat e Gana-kapivat, teve um filho, Sahishnu, casado com Yasodhara, e eles foram os pais de Kamadeva.

uma junta do polegar, puros, piedosos, resplandecente como os raios do sol[7]. Vasishtha teve sete filhos com sua esposa Urjja: Rajas, Gatra, Urddhabahu, Savana, Anagha, Sutapas, e Sukra, os sete sábios puros[8]. O Agni chamado Abhimani, que é o primogênito de Brahma, teve, com Swaha, três filhos de esplendor insuperável, Pavaka, Pavamana, e Suchi, que absorve água, eles tiveram quarenta e cinco filhos que, com o filho original de Brahma e os três descendentes dele, constituem os quarenta e nove fogos[9]. Os progenitores (Pitris), que, como eu mencionei, foram criados por Brahma, eram os Agnishwattas e Varhishads; os primeiros sendo desprovidos de, e os últimos possuidores de, fogos[10]. Por eles, Swadha teve duas filhas, Mena e Dharani, que eram ambas familiarizadas com a verdade teológica, e ambas dedicadas à meditação religiosa; ambas aperfeiçoadas em sabedoria perfeita, e adornadas com todas as qualidades estimáveis[11]. Assim foi explicada a progênie das filhas de Daksha[12]. Aquele que recapitula o relato com fé nunca terá falta de descendência. ◄

---

[7] As diferentes autoridades concordam nesse ponto. O Vayu soma duas filhas, Punya e Sumati, casadas com Yajnavama (veja nota 2).

[8] O Bhagavata tem um conjunto de nomes completamente diferente, ou Chitraketu, Surochish, Virajas, Mitra, Ulwana, Vasubhridyana, e Dyumat. Ele também especifica Saktri e outros, como descendentes de um matrimônio diferente. O Vayu e Linga têm os mesmos filhos como em nosso texto, lendo Putra e Hasta em lugar de Gatra; eles adicionam uma filha, Pundarika, casada com Pandu (veja nota 1). O filho primogênito, de acordo com o Vayu, casou-se com uma filha de Markandeya, e teve com ela o Lokapala do oeste, Ketumat. Os sete filhos de Vasishtha são chamados no texto de os sete Rishis, aparecendo naquela condição no terceiro Manwantara.

[9] O filho primogênito de Brahma, de acordo com o comentador, conforme a autoridade dos Vedas: ब्रह्मणस्तनयोऽग्नी मुखादग्निरजा यतेति श्रुतेः।. O Vayu Purana entra em um detalhamento muito longo dos nomes e residências de todos os quarenta e nove fogos. De acordo com ele, também, Pavaka é fogo elétrico ou Vaidynta; Pavamana é aquele produzido por fricção, ou Nirmathya; e Suchi é fogo solar, Saura. Pavamana era o pai de Kavyavahana, o fogo dos Pitris; Suchi de Havyavahana, o fogo dos deuses; e Pavamana de Saharaksha, o fogo dos Asuras. O Bhagavata explica que esses diferentes fogos são os nomes do fogo empregados nas preces com as quais diferentes oblações ao fogo são oferecidas no ritual dos Vedas: वैतानिके कर्म्मणि यन्नामभिर्ब्रह्मवादिभिः। आग्नेय्य इष्टयो यज्ञे निरूप्यन्तेऽग्नयस्तु ते॥ explicado pelo comentador: वैदिके कर्म्मणि यज्ञे येषां नामभि रग्निदेवताका इष्टयो निरूप्यन्ते क्रियन्ते त एतेऽग्नयो न लौकिकाः।.

[10] De acordo com o comentador, essa distinção é derivada dos Vedas. A primeira classe, ou Agnishwattas, consiste naqueles chefes de família que, quando vivos, não mantinham seus fogos domésticos, nem ofereciam sacrifícios queimados; a segunda, daqueles que mantinham a chama doméstica, e ofereciam oblações com fogo. Manu chama esses de Agnidagdhas e o oposto, o que Sir W. Jones traduz, 'consumíveis pelo fogo', etc. Kulluka Bhatta não dá explicação deles. O Bhagavata soma outras classes de Pitris; ou os Ajyapas, 'bebedores de ghee;' e Somapas, 'bebedores do suco ácido.' O comentador, explicando o significado dos termos Sagnayas e Anagnyas, tem: येषामग्नौ करणमस्ति ते साग्नयः। तद्विहितास्त्वनग्नयः।, que poderia ser entendido significar, que os Pitris que são 'sem fogo' são aqueles a quem não são oferecidas oblações; e aqueles 'com fogo' são eles para quem são oferecidas oblações.

[11] O Vayu leva essa genealogia adiante. Dharani se casou com Meru, e teve com ele Mandara e três filhas, Niyati, Ayati, e Vela, as duas primeiras se casaram com Dhatri e Vidhatri (página 110). Vela era a esposa de Samudra, com quem ela teve Samudri, casada com Prachinavarhish, e a mãe dos dez Prachetasas, os pais de Daksha, como narrado subsequentemente. Mena se casou com Himavat, e foi a mãe de Mainaka, e de Ganga, e de Parvati ou Uma.

[12] Não há citação aqui de Sati, casada com Bhava, como é anunciado no cap. 8 (página 96), quando descrevendo os Rudras. Dessas genealogias o relato mais completo e aparentemente mais antigo é dado no Vayu Purana; até onde aquele do nosso texto se estende, os dois quase concordam, permitindo diferenças de nome originadas em transcrição inexata, os nomes variando frequentemente em cópias diferentes do mesmo trabalho, deixando duvidoso qual leitura deve ser preferida. O Bhagavata, como observado acima (página 94, n. 12), criou alguma perplexidade adicional por substituir, como as esposas dos patriarcas, as filhas de Kardama por aquelas de Daksha. Da relação geral, pode ser observado que embora em alguns aspectos alegórica, como nos nomes das esposas dos Rishis (página 93); e em outros astronômica, como nas denominações das filhas de Angiras (página 110); contudo parece provável que ela não seja completamente fictícia, mas que as pessoas em alguns casos tiveram uma existência real, as genealogias se originando em tradições imperfeitamente preservadas das famílias dos primeiros professores da religião hindu, e da descendência de indivíduos que tiveram uma parte ativa em sua propagação.

CAPÍTULO 11

Lenda de Dhruva, o filho de Uttanapada; ele é tratado indelicadamente pela segunda esposa de seu pai; recorre à sua mãe; o conselho dela; ele decide se ocupar em exercícios religiosos; vê os sete Rishis que recomendam que ele propicie Vishnu.

Parasara continuou: 'Eu mencionei para você que o Manu Swayambhuva teve dois filhos heróicos e piedosos, Priyavrata e Uttanapada. Desses dois, o último teve um filho a quem ele amava muito, Uttama, com sua esposa favorita Suruchi. Com sua rainha, chamada Suniti, a quem ele era menos afeiçoado, ele também teve um filho, chamado Dhruva[1]. Observando seu irmão Uttama no colo de seu pai, enquanto ele estava sentado em seu trono, Dhruva desejou subir para o mesmo lugar; mas como Suruchi estava presente, o Raja não satisfez o desejo de seu filho, que desejava respeitosamente ser recebido sobre o joelho de seu pai. Vendo o filho de sua rival assim ansioso para ser colocado no colo do pai dele, e seu próprio filho já sentado lá, Suruchi se dirigiu ao menino dessa maneira: "Por que, criança, você se entrega vaidosamente em tais esperanças presunçosas? Você nasceu de uma mãe diferente, e não é meu filho, por que você deveria aspirar irrefletidamente a uma posição adequada apenas para o excelente Uttama? É verdade você é o filho do Raja, mas eu não lhe dei à luz. Esse trono real, o assento do rei dos reis, é apropriado para o meu filho somente; por que você deveria aspirar sua ocupação? Por que nutrir à toa tal ambição elevada, como se você fosse meu filho? Você se esquece de que você é apenas a prole de Suniti."

O menino, tendo ouvido o discurso de sua madrasta, deixou seu pai, e se dirigiu encolerizado para o apartamento de sua própria mãe; que, vendo-o aborrecido, colocou-o em seu colo, e, sorrindo gentilmente, perguntou a ele qual era a causa da raiva dele, quem o tinha desagradado, e se alguém, esquecendo o respeito devido ao seu pai, tinha se comportado mal com ele. Dhruva, em resposta, repetiu para ela tudo o que a arrogante Suruchi tinha dito a ele na presença do rei. Profundamente angustiada pela narrativa do menino, a humilde Suniti, seus olhos cheios de lágrimas, suspirou, e disse, "Suruchi falou corretamente; seu destino, criança, é infeliz: aqueles que nascem para a fortuna não estão sujeitos aos insultos de seus rivais. Contudo não se aflija, meu filho, pois quem apagará o que tu fizeste antigamente, ou atribuirá a ti o que tu deixaste por fazer? O trono real, o guarda-sol de realeza, cavalos e elefantes, são daquele cujas virtudes os mereceram: lembre-se disso, meu filho, e console-se. Que o rei favoreça Suruchi é a recompensa dos méritos dela em uma existência anterior. Só o nome de esposa pertence a alguém como eu, que não tem mérito igual. O filho dela é a progênie de devoção acumulada, e nasceu como Uttama, o meu nasceu como Dhruva, de valor moral inferior. Portanto, meu filho, não é apropriado você se afligir; um homem sábio estará contente com aquela posição que pertence a ele, mas se você continua a se sentir magoado pelas palavras de Suruchi, se esforce para aumentar aquele mérito religioso que concede todo o bem; seja amável, seja piedoso, seja amigável, seja assíduo em benevolência para todas as criaturas vivas; porque a prosperidade desce sobre o digno modesto como água flui em direção a terreno baixo."

Dhruva respondeu; "Mãe, as palavras que você me dirigiu para meu consolo não encontram lugar em um coração que a injúria feriu. Eu me esforçarei para obter tal posto elevado, que ele será venerado pelo mundo inteiro. Embora eu não seja nascido de Suruchi, a amada do rei, você verá minha glória, que sou seu filho. Que Uttama

---

[1] O Matsya, Brahma, e Vayu Puranas falam de somente uma esposa de Uttanapada, e a chamam de Sunrita; eles também dizem que ela teve quatro filhos, Apaspati (ou Vasu), Ayushmanta, Kirttimat, e Dhruva. O Bhagavata, Padma, e Naradiya têm o mesmo relato que aquele do texto.

meu irmão, o filho dela, possua o trono dado a ele por meu pai; eu não desejo outras honras além daquelas que minhas próprias ações obterão, tais como até mesmo meu pai não desfrutou."

Tendo falado desse modo, Dhruva partiu da residência de sua mãe; ele abandonou a cidade, e entrou em uma mata adjacente, onde ele viu sete Munis sentados em peles de antílope preto, que eles tinham tirado de seus corpos, e espalhado sobre a grama kusa sagrada. Saudando-os com reverência, e curvando-se humildemente diante deles, o príncipe disse, "Vejam em mim, homens veneráveis, o filho de Uttanapada, nascido de Suniti. Descontente com o mundo, eu apareço diante de vocês." Os Rishis responderam; "O filho de um rei, e com apenas quatro ou cinco anos de idade, não pode haver razão, criança, por que você deveria estar insatisfeito com a vida; você não pode estar necessitado de alguma coisa enquanto o rei seu pai reina; nós não podemos imaginar que você sofre a dor da separação do objeto de seus afetos; nem nós observamos em seu corpo qualquer sinal de doença. Qual é a causa do seu descontentamento? Fale-nos, se isto é conhecido por você mesmo."

Dhruva repetiu então para os Rishis o que Suruchi tinha falado para ele; e quando eles ouviram sua história, eles disseram uns aos outros, "Quão surpreendente é a veemência da natureza kshatriya, que ressentimento é nutrido até mesmo por uma criança, e ele não pode apagar da mente dele as palavras duras de uma madrasta. Filho de um kshatriya, nos diga, se isso for agradável para ti, o que tu tencionas, por causa de descontentamento com o mundo, realizar. Se tu desejas nossa ajuda nisso que tu tens a fazer, declare livremente, porque nós percebemos que tu estás desejoso falar."

Dhruva disse; "Sábios excelentes, eu não desejo riquezas, nem eu quero domínio. Eu aspiro a uma posição como ninguém antes de mim atingiu. Contem-me o que eu tenho que fazer para realizar esse objetivo; como eu posso alcançar uma elevação superior a todas as outras distinções." Os Rishis responderam individualmente dessa maneira: Marichi disse; "A melhor das posições não está dentro do alcance de homens que não propiciam Govinda. Adore, príncipe, o imperecível (Achyuta)." Atri disse; "Aquele com quem o primeiro dos espíritos, Janarddana, está satisfeito, obtém dignidade imperecível. Eu declaro a você a verdade." Angiras disse; "Se você deseja uma posição elevada, adore aquele Govinda em quem, imutável e imperecível, existe tudo o que há." Pulastya disse; "Aquele que adora o divino Hari, a alma suprema, glória suprema, que é o Brahma supremo, consegue o que é de obtenção difícil, libertação eterna". "Quando aquele Janarddana", Kratu observou, "que em sacrifícios é a alma do sacrifício, e que em contemplação abstrata é espírito supremo, está satisfeito, não há nada que o homem não possa adquirir." Pulaha disse; "Indra, tendo adorado o senhor do mundo, obteve a distinção de rei dos celestiais. Adore, jovem piedoso, aquele Vishnu, o senhor do sacrifício". "Qualquer coisa, criança, que a mente deseje", Vasishtha exclamou, "pode ser obtida por propiciar Vishnu, mesmo que seja a posição que é a mais excelente nos três mundos."

Dhruva respondeu a eles; "Vocês disseram para mim, inclinado humildemente diante de vocês, qual divindade é para ser propiciada; agora me informem qual prece deve ser meditada por mim, que oferecerá satisfação a ele. Que os grande Rishis, me olhando com predileção, me instruam como devo propiciar o deus." Os Rishis responderam; "Príncipe, tu mereces ouvir como a adoração de Vishnu tem sido realizada por aqueles são dedicados ao serviço dele. A mente deve ser feita abandonar todas as impressões externas primeiro, e um homem deve então fixá-la firmemente naquele ser em quem o mundo está. Por ele cujos pensamentos estão assim concentrados em um só objeto, e totalmente preenchida por ele; cujo espírito está firmemente sob controle; a prece que nós repetiremos para ti é para ser recitada de modo inaudível: 'Om! glória a Vasudeva, cuja essência é sabedoria divina; cuja

forma é inescrutável, ou é manifestada como Brahma, Vishnu, e Shiva[2].' Essa prece, que foi proferida antigamente por seu avô, o Manu Swayambhuva, e propiciado pelo qual, Vishnu conferiu a ele a prosperidade que ele desejava, e que era inigualada nos três mundos, é para ser recitada por ti. Repita constantemente essa oração, para a satisfação de Govinda". ◄

---

[2] As instruções dos Rishis correspondem à realização do Yoga. Impressões externas primeiro devem ser removidas por meio de posturas, modos de respirar específicos, etc.; a mente deve então ser fixada no objeto de meditação, isso é Dharana; logo vem a meditação, ou Dhyana; e então o Japa, ou repetição inaudível de um Mantra, ou oração curta; como no texto. O assunto sobre o Yoga é detalhado integralmente em um livro subsequente.

CAPÍTULO 12

Dhruva começa um curso de austeridades religiosas. Tentativas malsucedidas de Indra e seus ministros para distrair a atenção de Dhruva; eles apelam a Vishnu que acalma seus medos e aparece para Dhruva. Dhruva louva Vishnu, e é elevado para os céus como a estrela polar.

O príncipe, tendo recebido essas instruções, saudou os sábios respeitosamente, e partiu da floresta, confiando totalmente na realização de seus propósitos. Ele se dirigiu para o lugar sagrado, nas margens do Yamuna, chamado Madhu ou Madhuvana, o bosque de Madhu, por causa do demônio daquele nome que residiu lá antigamente. Satrughna (o irmão mais novo de Rama) tendo matado o Rakshasa Lavana, o filho de Madhu, fundou uma cidade no local, que se chamava Mathura. Naquele santuário sagrado, o purificador de todo pecado, que desfrutava da presença do santificante deus dos deuses, Dhruva cumpriu penitência, como ordenado por Marichi e os sábios; ele contemplou Vishnu, o soberano de todos os deuses, localizado em si mesmo. Enquanto sua mente estava completamente absorvida em meditação, o poderoso Hari, idêntico a todos os seres e a todas as naturezas, (tomou posse do coração dele.) Vishnu estando assim presente na mente dele, a terra, o suporte da vida elementar, não pôde sustentar o peso do asceta. Quando ele permanecia sobre seu pé esquerdo, um hemisfério se inclinava abaixo dele; e quando ele permanecia sobre seu direito, a outra metade da terra afundava. Quando ele tocava a terra com seus dedos do pé, ela tremia com todas as suas montanhas, e os rios e os mares eram perturbados, e os deuses compartilhavam da agitação universal.

Os celestiais chamados Yamas, estando excessivamente alarmados, então deliberaram com Indra como eles deveriam interromper os exercícios devotos de Dhruva; e os seres divinos chamados Kushmandas, em companhia com seu rei, começaram esforços ansiosos para distrair as meditações dele. Um, assumindo a imagem da mãe dele Suniti, colocou-se diante dele chorando, e chamando em tons carinhosos, "Meu filho, meu filho, desista de destruir tua força por meio dessa penitência terrível. Eu te ganhei, meu filho, depois de muita esperança ansiosa, tu não podes ter a crueldade de me deixar, desamparada, sozinha, e desprotegida, por causa da descortesia da minha rival. Tu és meu único amparo; eu não tenho esperança a não ser tu. O que tens tu, uma criança de apenas cinco anos de idade, a ver com penitência rigorosa? Desista de tais práticas temíveis, que não produzem resultado benéfico. Primeiro vem a época de diversão juvenil; e quando aquela está terminada, é o tempo para estudo, então vem o período de prazer mundano; e por último, o de devoção austera. Essa é tua época de diversão, meu filho. Tu te ocupaste nessas práticas para acabar com tua existência? Teu principal dever é amor por mim. Deveres estão de acordo com tempo de vida. Não te perca em erro desorientador, desista de tais atos iníquos. Se não, se tu não desistires dessas austeridades, eu acabarei com minha vida diante de ti."

Mas Dhruva, estando totalmente concentrado em ver Vishnu, não viu sua mãe lamentando em sua presença, e chamando-o; e a ilusão, gritando, "Fuja, fuja, meu filho, os espíritos horrendos do mal estão se aglomerando nessa floresta terrível com armas erguidas", desapareceu rapidamente. Rakshasas assustadores então avançaram, manejando armas terríveis, e com semblantes emitindo chama ígnea; e demônios noturnos se juntaram em grande quantidade ao redor do príncipe, proferindo barulhos medonhos, e girando e lançando suas armas ameaçadoras. Centenas de chacais, de cujas bocas jorravam chamas[1] enquanto eles devoravam sua presa,

[1] Uma nota marginal por uma autoridade bengali afirma que isso é um fato, então quando um chacal leva um pedaço de carne em sua boca, ele aparece na escuridão como se estivesse em chamas.

estavam uivando alto, para amedrontar o menino, completamente absorto em meditação. Os trasgos berravam, "Mate-o, mate-o; cortem-no em pedaços; comam-no, comam-no; " e monstros, com as faces de leões e camelos e crocodilos, rugiram e gritaram com brados horríveis, para terrificar o príncipe. Mas todos esses espectros rudes, gritos apavorantes, e armas ameaçadoras, não fizeram nenhuma impressão sobre os sentidos dele, cuja mente estava totalmente concentrada em Govinda. O filho do monarca da terra, absorto por uma única idéia, via ininterruptamente Vishnu estabelecido em sua alma, e não via nenhum outro objeto.

Todos os seus estratagemas ilusórios sendo assim frustrados, os deuses estavam mais perplexos do que nunca. Alarmados por sua derrota, e atormentados pelas práticas religiosas do menino, eles se reuniram e foram em busca de auxílio a Hari, a origem do mundo, que é sem início ou fim, e se dirigiram a ele dessa maneira: "Deus dos deuses, soberano do mundo, deus supremo, e espírito infinito, afligidos pelas austeridades de Dhruva, nós viemos a ti em busca de proteção. Como a lua aumenta seu orbe dia a dia, assim aquele jovem progride incessantemente na direção do poder sobre-humano por meio de suas práticas religiosas. Apavorados pelas práticas ascéticas do filho de Uttanapada, nós viemos a ti em busca de socorro. Diminua o fervor das meditações dele. Nós não sabemos a que posição ele aspira: ao trono de Indra, a regência da esfera solar ou lunar, ou à soberania das riquezas ou do mar. Tenha compaixão por nós, senhor; remova essa aflição de nossos peitos; desvie o filho de Uttanapada de perseverar em sua penitência." Vishnu respondeu aos deuses; "O rapaz não deseja nem a posição de Indra, nem o orbe solar, nem a soberania da riqueza ou do oceano: tudo o que ele solicita, eu concederei. Voltem portanto, divindades, para suas mansões como lhes agradar, e não fiquem mais alarmados. Eu porei um fim à penitência do menino, cuja mente está imersa em contemplação profunda."

Os deuses, sendo assim tranquilizados pelo supremo, o saudaram respeitosamente e se retiraram, e, precedidos por Indra, voltaram para suas habitações; mas Hari, que é todas as coisas, assumindo uma forma com quatro braços, procedeu até Dhruva, estando satisfeito com a igualdade de natureza dele, e dirigiu-se a ele desse modo: "Filho de Uttanapada, seja próspero. Satisfeito com tuas devoções, eu, o concessor de bênçãos, estou presente. Peça qual benefício tu desejas. Por tu teres desconsiderado objetos externos completamente, e fixado teus pensamentos em mim, eu estou bem satisfeito contigo. Peça, portanto, uma recompensa apropriada." O menino, ouvindo essas palavras do deus dos deuses, abriu seus olhos, e vendo aquele Hari a quem ele tinha visto antes nas suas meditações verdadeiramente em sua presença, portando em suas mãos a concha, o disco, a maça, o arco, e a cimitarra, e coroado com um diadema, inclinou sua cabeça até o chão; os cabelos estavam eretos em sua testa, e seu coração estava tomado pela reverência. Ele refletiu como melhor ele deveria oferecer graças ao deus dos deuses; o que ele poderia dizer em sua adoração; quais palavras eram capazes de expressar seu louvor, e sendo subjugado pela perplexidade, ele recorreu à divindade em busca de consolo. "Se", ele exclamou, "o senhor está contente com minhas devoções, que essa seja minha recompensa: que eu possa saber como louvá-lo como eu desejo. Como posso eu, uma criança, pronunciar os louvores dele cuja residência é desconhecida para Brahma e para outros versados nos Vedas? Meu coração está transbordando de devoção por ti, ó senhor, me conceda meritoriamente a faculdade de colocar minhas adorações aos teus pés."

Enquanto inclinado humildemente, com suas mãos erguidas até sua testa, Govinda, o senhor do mundo, tocou o filho de Uttanapada com a ponta de sua concha, e imediatamente o jovem nobre, com um semblante reluzindo com alegria, louvou respeitosamente o protetor imperecível dos seres vivos. "Eu venero", exclamou Dhruva, "a ele cujas formas são terra, água, fogo, ar, éter, mente, intelecto, o primeiro

elemento (Ahankara), natureza primeva, e a alma pura, sutil, que permeia tudo, que supera a natureza. Saudação àquele espírito que é sem qualidades; que é supremo sobre todos os elementos e todos os objetos dos sentidos, sobre intelecto, sobre natureza e espírito. Eu me refugiei com aquela tua forma pura, ó supremo, que é una com Brahma, que é espírito, que transcende todo o mundo. Saudação àquela forma que, penetrando e sustentando tudo, é designada Brahma, inalterável, e contemplada por sábios religiosos. Tu és o macho com mil cabeças, mil olhos, mil pés, que atravessa o universo, e passas dez polegadas além de seu contato[2]. Tudo que foi, ou será, aquilo, Purushottama, tu és. De ti surgiram Virat, Swarat, Samrat, e Adhipurusha[3]. As partes mais baixas, e mais altas, e medianas da terra não são independentes de ti; de ti é todo esse universo, tudo o que existiu, e o que existirá; e todo esse mundo está em ti, assumindo esta forma universal[4]. De ti o sacrifício é derivado, e todas as oblações, e coalhos, e ghee, e animais de qualquer classe (domésticos ou selvagens). De ti nasceram o Rig-Veda, o Sama, as métricas dos Vedas, e o Yajur-Veda. Cavalos, e vacas tendo dentes em uma mandíbula somente[5], provêm de ti; e de ti vêm cabras, ovelhas, cervos. Brâmanes surgiram da tua boca; guerreiros dos teus braços; vaisyas das tuas coxas; e sudras dos teus pés. Dos teus olhos vem o sol; dos teus ouvidos, o vento; e da tua mente, a lua; os ares vitais, da tua veia central; e fogo, da tua boca; o firmamento, do teu umbigo; e o céu, da tua cabeça; as regiões, das tuas orelhas; a terra, dos teus pés. Todo esse mundo foi derivado de ti. Como a árvore Nyagrodha (figueira indiana) que se estende sobre vasta área está comprimida em uma semente pequena[6], assim, na hora da dissolução, o universo inteiro é compreendido em ti como seu germe. Como a Nyagrodha germina da semente, e se torna primeiro um broto, e então se ergue em imponência, assim o mundo criado procede de ti, e se expande em magnitude. Como a casca e folhas da bananeira são vistas em seu caule, assim tu és o caule do universo, e todas as coisas são visíveis em ti. As faculdades do intelecto, que são a causa de prazer e de dor, residem em ti como unas com toda a existência; mas as fontes de prazer e de dor, isoladamente ou misturadas, não existem em ti que és isento de todas as qualidades[7]. Saudação a ti, o rudimento sutil, que, sendo único, se torna múltiplo. Saudação a ti, alma das coisas existentes, idêntico aos grandes elementos. Tu, imperecível, és visto em conhecimento espiritual como objetos perceptíveis, como natureza, como espírito, como o mundo, como Brahma, como Manu, por contemplação interna. Mas tu existes em tudo, o elemento de tudo; tu és tudo, assumindo toda forma; tudo é de ti, e tu és de ti mesmo. Eu saúdo a ti, alma universal, glória a ti. Tu és uno com todas as coisas; oh

---

2 O comentador entende que essa passagem implica somente que o supremo penetra substância e espaço, sendo infinitamente vasto, e sem limite. 'Tendo mil cabeças', etc. denota só extensão infinita, e as 'dez polegadas além do contato do universo' expressa apenas não restrição por seus limites.

3 Explicados respectivamente o Brahmanda, ou universo material; Brahma, o criador; Manu, o governante do período; e o espírito supremo ou presidente.

4 Conforme a inscrição no templo de Sais: Egu eimi pan to gegonos, kai on, kai esomenon. Assim o verso órfico, citado por Eusebius, começando: En de demas basileion en ui tade panta kukleitai, k.t.l.
'Um corpo régio no qual todas as coisas estão compreendidas (isto é, Virat), fogo, água, e terra, e ar, e noite, e dia, e Inteligência (isto é, Mahat) o primeiro gerador, e amor divino; pois todos esses Júpiter inclui em sua forma vasta.' Ele prossegue também, precisamente do modo purânico, a descrever os membros dessa forma universal: o céu é sua cabeça, as estrelas seu cabelo, o sol e lua seus olhos, etc.

5 Um fragmento de história natural bastante correto como aplicado aos dentes dianteiros, que no gênero boi só ocorrem na mandíbula inferior.

6 Isso também é compatível com a doutrina, que os rudimentos de plantas existem em seus cotilédones.

7 Na vida, ou nos seres vivos, a percepção não depende, de acordo com metafísicas hindus, dos sentidos externos, mas as impressões feitas sobre eles são comunicadas ao órgão ou sentido mental, e pela mente para a compreensão - Samvid no texto - pela qual elas são diferençadas como aprazíveis, dolorosas, ou misturadas. Mas prazer depende da qualidade de bondade, dor daquela de escuridão, e sua mistura daquela de impureza, inerentes na compreensão; propriedades que pertencem a Jiveswara, ou deus, como uno com a vida, ou ao espírito encarnado, mas não como Parameswara, ou espírito supremo.

senhor de tudo, tu estás presente em todas as coisas. O que eu posso dizer a ti? Tu conheces tudo o que está no coração, ó alma de tudo, senhor soberano de todas as criaturas, origem de todas as coisas. Tu, que és todos os seres, conheces os desejos de todas as criaturas. O desejo que eu nutria foi realizado, senhor, por ti, minhas práticas religiosas foram coroadas com sucesso, porque eu te vi."

Vishnu disse a Dhruva; "O objetivo das tuas devoções realmente foi atingido, por tu teres me visto; pois a visão de mim, jovem príncipe, nunca é improdutiva. Peça-me, portanto, qual benefício tu desejas; pois homens em cuja visão eu apareço obtêm todos os seus desejos." A isso Dhruva respondeu; "Senhor deus de todas as criaturas, que resides nos corações de todos, como o desejo que eu nutro poderia ser desconhecido por ti? Eu confessarei para ti a esperança que meu coração presunçoso tem nutrido; uma esperança que seria difícil satisfazer, mas nada é difícil quando tu, criador do mundo, estás satisfeito. Por teu favor, Indra reina sobre os três mundos. A irmã-rainha de minha mãe disse a mim, ruidosamente e arrogantemente, 'O trono real não é para alguém que não nasceu de mim;' e eu agora peço do apoio do universo uma posição elevada, superior a todas as outras, e uma que durará para sempre." Vishnu disse a ele; "A posição que tu pedes tu obterás; porque eu estava satisfeito contigo antigamente em uma existência anterior. Tu eras antigamente um brâmane, cujos pensamentos eram sempre dedicados a mim, sempre obediente aos teus pais, e cumpridor dos teus deveres. No decorrer do tempo um príncipe se tornou teu amigo, que estava no período de juventude, se perdia em todos os prazeres sensuais, e era de aparência bonita e forma elegante. Vendo, por se associar com ele, sua riqueza, você formou o desejo que você poderia nascer subsequentemente como o filho de um rei; e, de acordo com seu desejo, você obteve um nascimento principesco na mansão ilustre de Uttanapada. Mas isso que teria sido considerado uma grande bênção por outros, nascimento na linhagem de Swayambhuva, você não considerou dessa maneira, e então me propiciou. O homem que me adora obtém rápida libertação da vida. O que é o céu para alguém cuja mente está fixa em mim? Uma posição será designada para ti, Dhruva, acima dos três mundos[8]; uma na qual tu sustentarás as estrelas e os planetas; uma posição acima daquelas do sol, da lua, de Marte, do filho de Soma (Mercúrio), Vênus, o filho de Surya (Saturno), e de todas as outras constelações; acima das regiões dos sete Rishis, e das divindades que atravessam a atmosfera[9]. Alguns seres celestiais duram por quatro eras; alguns pelo reinado de um Manu, a ti será concedida a duração de um Kalpa. Tua mãe Suniti, no orbe de uma estrela luminosa, residirá perto de ti por um prazo semelhante; e todos aqueles que, com mentes atentas, te glorificarem no amanhecer ou anoitecer, obterão mérito religioso excelente."

Assim o sábio Dhruva, tendo recebido um benefício de Janarddana, o deus dos deuses, e senhor do mundo, reside em uma estação elevada. Vendo a glória dele, Usanas, o preceptor dos deuses e demônios, repetiu estes versos: "Extraordinária é a eficácia desta penitência, maravilhosa é sua recompensa, que os sete Rishis devem

---

8 A posição ou esfera é aquela do polo norte, ou da estrela polar. No primeiro caso, a estrela é considerada Suniti, a mãe de Dhruva. A lenda, como ela é narrada em nosso texto, difere em suas circunstâncias da história contada por Ovídio de Callisto e seu filho Arcas, a quem Jove [Júpiter]

Imposuit caelo vicinaque sidera fecit,

porém, sugere alguma suspeita de uma identidade original. Em nenhuma das autoridades nós temos, talvez, a fábula primitiva. É evidente a partir da citação que logo se segue no texto, de uma estrofe por Usanas, que o Purana não tem a versão mais antiga da lenda; e a representação de Ovídio dela é própria dele. Tudo o que foi retido do original é a conformidade dos personagens e do incidente principal, a translação de uma mãe e seu filho para os céus como constelações, nas quais a estrela polar é o corpo luminoso mais notável.

9 Os Vaimanika devas, as divindades que viajam em Vimanas, 'carros divinos', ou antes 'esferas moventes.'

ser precedidos por Dhruva. Esta também é a piedosa Suniti, sua mãe, que se chama Sunrita[10]." Quem pode celebrar a grandeza dela que, tendo dado à luz a Dhruva, tornou-se o refúgio dos três mundos, desfrutando por todo o tempo futuro de uma posição elevada, uma posição eminente acima de todos? Aquele que descrever dignamente a ascensão de Dhruva para o céu, será livrado para sempre de todo o pecado, e desfrutará do céu de Indra. Qualquer que seja sua honraria, seja sobre a terra ou no céu, ele nunca a abandonará, mas desfrutará da vida muito tempo, possuidor de toda bênção[11]. ◄

[10] O texto diz somente सुनीतिर्नाम सूनृता ।; o comentador diz, 'talvez antigamente assim chamada;' पूर्वनाम वा ।. Nós já observamos que alguns Puranas a denominam deste modo.

[11] A lenda de Dhruva é narrada no Bhagavata, Padma (Swerga Khanda), Agni, e Naradiya, muito no mesmo sentido, e parcialmente nas mesmas palavras, como nosso texto. O Brahma e seu duplo o Hari Vansa, o Matsya, e Vayu, somente aludem a Dhruva ter sido transferido por Brahma para os céus, em recompensa de suas austeridades. A história de sua penitência religiosa, e adoração de Vishnu, parece ser um embelezamento interpolado pelos Vaishnava Puranas, Dhruva sendo adotado como um santo por sua seita. A referência a Sunrita em nosso texto concorda com a forma da história como ela aparece em outra parte, para indicar a prioridade da lenda mais simples.

CAPÍTULO 13

Posteridade de Dhruva. Lenda de Vena; sua impiedade; ele é executado pelos Rishis. Anarquia se segue. A produção de Nishada e Prithu; o último o primeiro rei. A origem de Suta e Magadha; eles enumeram os deveres de reis. Prithu obriga a Terra a reconhecer sua autoridade; ele a nivela; introduz cultivo: ergue cidades. Terra chamada de Prithivi por causa dele; simbolizada como uma vaca.

Parasara: 'Os filhos de Dhruva, com sua esposa Sambhu, eram Bhavya e Slishti. Suchchhaya, a esposa do último, era a mãe de cinco filhos virtuosos, Ripu, Ripunjaya, Vipra, Vrikala, e Vrikatejas. O filho de Ripu, com Vrihati, era o ilustre Chakshusha, que gerou o Manu Chakshusha em Pushkarini, da família de Varuna, a filha do venerável patriarca Anaranya. O Manu teve, com sua esposa Navala, a filha do patriarca Vairaja, dez filhos nobres, Uru, Pura, Satadyumna, Tapaswi, Satyavak, Kavi, Agnishtoma, Atiratra, Sudyumna, e Abhimanyu. A esposa de Uru, Agneyi, teve seis filhos excelentes, Anga, Sumanas, Swati, Kratu, Angiras, e Siva. Anga teve, com sua esposa Sunitha, um único filho, chamado Vena, cujo braço direito foi esfregado pelos Rishis, com a finalidade de produzir progênie a partir dele. Do braço de Vena, assim esfregado, nasceu um monarca célebre, chamado Prithu, por quem, no tempo antigo, a terra foi ordenhada em benefício da humanidade[1].

Maitreya: 'Melhor dos Munis, me conte por que a mão direita de Vena foi esfregada pelos sábios santos, em resultado do que o heróico Prithu foi produzido.

Parasara: 'Sunitha era originalmente a filha de Mrityu, por quem ela foi dada a Anga como esposa. Ela deu à luz Vena, que herdou as tendências más do avô materno dele. Quando ele foi empossado monarca da terra pelos Rishis, ele fez ser proclamado por toda parte que nenhuma adoração deveria ser executada, nem oblações oferecidas, nem doações dadas aos brâmanes. "Eu, o rei", disse ele, "sou o senhor do sacrifício; pois quem a não ser eu tem direito às oblações?" Os Rishis, se aproximando do soberano respeitosamente, se dirigiram a ele em tons melodiosos, e disseram, "Príncipe benevolente, nós o saudamos; ouça o que nós temos a expor. Para a preservação de seu reino e sua vida, e para o benefício de todos os seus súditos, nos permita adorar Hari, o senhor de todo o sacrifício, o deus dos deuses, com ritos solenes e prolongados[2]; uma porção do resultado do qual reverterá a você[3].

[1] A descendência Prithu a partir de Dhruva é localizada similarmente no Matsya Purana, mas com alguma variedade de nomenclatura: assim a esposa de Dhruva se chamava Dhanya; e o filho primogênito do Manu, Taru. O Vayu introduz outra geração, fazendo do filho mais velho de Slishti, ou como lá chamado Pushti, pai de Udaradhi; e o último o pai de Ripu, o pai de Chakshusha, o pai do Manu. O Bhagavata tem um conjunto quase completamente diferente de nomes, tendo convertido a família de Dhruva em personificações de divisões de tempo e de dia e noite. O relato dado lá é, Dhruva teve, com sua esposa Bhrami (rotativa), a filha de Sisumara (a esfera), Kalpa e Vatsara. O último se casou com Suvithi, e teve seis filhos, Pushparna, Tigmaketu, Isha, Urjja, Vasu, Jaya. O primeiro se casou com Prabha e Dosha, e teve com a primeira, Pratah (amanhecer), Madhyadina (meio-dia), e Saya (noite); e com a última, Pradosha, Nisitha, e Vyushta, ou o começo, meio, e fim da noite. O último teve, com Pushkarini, Chakshush, casado com Akuti, e o pai de Chakshusha Manu. Ele tem doze filhos, Puru, Kritsna, Rita, Dyumna, Satyavat, Dhrita, Vrata, Agnishtoma, Atiratra, Pradyumna, Sivi, e Ulmuka. O último é o pai de seis filhos, chamados como em nosso texto, exceto o último, que é chamado Gaya. O primogênito, Anga, é o pai de Vena, o pai de Prithu. Essas adições são evidentemente as criaturas da imaginação do autor. O Brahma Purana e Hari Vansa têm a mesma genealogia que o Vishnu, lendo, como fazem o Matsya e o Vayu, Pushkarini ou Virani, a filha de Virana, em vez de Varuna. Eles, como também cópias do texto, apresentam várias outras variedades de nomenclatura. O Padma Purana (Bhumi Khanda) diz que Anga era da família de Atri, em alusão talvez à circunstância mencionada no Brahma Purana da adoção de Uttanapada por aquele Rishi.

[2] Com o Dirghasatra, 'sacrifício longo;' uma cerimônia que dura mil anos.

Vishnu, o deus de oblações, sendo propiciado com sacrifício por nós, concederá a você, ó rei, todos os seus desejos. Têm todos os seus desejos realizados aqueles príncipes em cujos reinos Hari, o senhor do sacrifício, é adorado com ritos sacrificatórios." "Quem", Vena exclamou, "é superior a mim? Quem além de mim tem direito a culto? Quem é esse Hari a quem você chama de o senhor do sacrifício? Brahma, Janarddana, Sambhu, Indra, Vayu, Ravi (o sol), Hutabhuk (fogo), Varuna, Dhata, Pusha, (o sol), Bhumi (terra), o senhor da noite (a lua); todos esses, e quaisquer outros deuses que há que escutam nossos votos; todos esses estão presentes na pessoa de um rei, a essência de um soberano é tudo o que é divino. Consciente disso, eu tenho emitido meus comandos, e observado que vocês os obedecem. Você não existem para sacrificar, nem para oferecer oblações, nem para dar esmolas. Como o primeiro dever das mulheres é obediência aos seus maridos, assim observância de minhas ordens é incumbência, homens santos, de vocês". "Dê ordem, grande rei", responderam os Rishis, para que a devoção não possa sofrer diminuição. Todo esse mundo é apenas uma transmutação de oblações; e se a devoção for suprimida, o mundo estará no fim." Mas Vena foi pedido em vão; e embora esse pedido fosse repetido pelos sábios, ele se recusou dar a ordem que eles sugeriam. Então aqueles Munis religiosos ficaram cheios de ira, e gritaram uns para os outros, "Que esse patife perverso seja morto. O homem ímpio que insultou o deus do sacrifício, que é sem início ou fim, não é digno de reinar sobre a terra." E eles caíram sobre o rei, e o atingiram com lâminas de erva sagrada, consagradas por oração, e mataram a ele que tinha sido destruído primeiro por sua impiedade para com deus.

Posteriormente os Munis viram uma grande poeira se erguer, e eles disseram às pessoas que estavam perto, "O que é isto?" E as pessoas responderam e disseram, "Agora que o reino está sem um rei, os homens desonestos começaram a se apoderar da propriedade de seus vizinhos. A grande poeira que vocês veem, Munis excelentes, é erguida por tropas de ladrões agrupados, acelerando para cair sobre sua presa". Os sábios, ouvindo isso, trocaram idéias, e juntos esfregaram a coxa do rei, que não tinha deixado descendência, para produzir um filho. Da coxa, assim esfregada, saiu um ser da cor de uma estaca carbonizada, com feições achatadas (como um negro), e de estatura pigméia. "O que eu devo fazer?" gritou ele avidamente para os Munis. "Sente-se" (Nishida), disseram eles; e por isso o nome dele era Nishada. Seus descendentes, os habitantes da montanha Vindhya, grande Muni, ainda são chamados de Nishadas, e são caracterizados pelos símbolos exteriores de depravação[4]. Desse modo a maldade de Vena foi expelida; aqueles Nishadas sendo nascidos dos pecados dele, e levando-os embora. Os brâmanes então começaram a esfregar o braço direito do rei, e de tal fricção foi gerado o filho ilustre de Vena, chamado Prithu, resplandecente em pessoa, como se a divindade ardente do Fogo tivesse sido manifestada.

Lá então caiu do céu o arco primitivo (de Mahadeva) chamado Ajagava, e setas celestes, e panóplia do céu. Pelo nascimento de Prithu todas as criaturas vivas se

---

[3] Isto é, a terra será fértil em proporção como os deuses forem propiciados, e o rei se beneficiará consequentemente, porque uma sexta parte do mérito e da produção serão dele. Assim o comentador explica a palavra 'porção.'

[4] O Matsya diz que nasceram raças desterradas ou bárbaras, Mlechchas, tão pretos quanto colírio. O Bhagavata descreve um indivíduo de estatura anã, com braços e pernas curtos, de uma cor tão preta quanto um corvo, com queixo proeminente, nariz largo achatado, olhos vermelhos, e cabelos fulvos; cujos descendentes eram os montanheses e silvícolas. O Padma (Bhu. Kh.) tem uma descrição semelhante, acrescentando à estatura anã e cor preta, uma boca larga, orelhas grandes, e uma barriga protuberante. Ele também particulariza sua posteridade como Nishadas, Kiratas, Bhillas, Bahanakas, Bhramaras, Pulindas, e outros bárbaros, ou Mlechchas, vivendo em bosques e em montanhas. Essas passagens significam, e não exageram muito, o aparecimento misterioso dos Goands, Koles, Bhils, e outras tribos incivilizadas, espalhadas ao longo das florestas e montanhas da Índia central, de Behar a Kandesh, e que não são improvavelmente os antecessores dos atuais ocupantes das partes cultivadas do país. Eles são sempre muito negros, mal proporcionados, e pigmeus, e têm feições de um caráter muito africano.

alegraram; e Vena, libertado, por seu ser nascido, do inferno chamado Put, ascendeu para os reinos acima. Os mares e rios, trazendo jóias de suas profundezas, e água para realizar as abluções da instalação dele, apareceram. O grande pai de todos, Brahma, com os deuses e os descendentes de Angiras (os fogos), e com todas as coisas animadas ou inanimadas, se reuniram e executaram a cerimônia de consagração do filho de Vena. Vendo na mão direita dele a (marca do) disco de Vishnu, Brahma reconheceu uma porção daquela divindade em Prithu, e ficou muito satisfeito; pois a marca do disco de Vishnu é visível na mão de alguém que nasce para ser um imperador universal[5], alguém cujo poder é invencível até mesmo pelos deuses.

O poderoso Prithu, o filho de Vena, sendo assim empossado com domínio universal por aqueles que eram hábeis no rito, logo removeu as queixas das pessoas a quem o pai dele tinha oprimido, e por ganhar suas afeições ele derivou o título de Raja, ou rei[6]. As águas ficavam sólidas, quando ele atravessava o oceano, as montanhas abriam um caminho para ele, sua bandeira passava incólume (pelas florestas), a terra não precisava de cultivo; e a um pensamento alimento estava preparado; todas as vacas eram como a vaca da abundância, mel estava acumulado em toda flor. No sacrifício do nascimento de Prithu, que foi executado por Brahma, o inteligente Suta (arauto ou bardo) foi produzido, no suco da planta-lua [*Sarcostemma brevistigma*], no mesmo dia do nascimento.[7] Naquele grande sacrifício também foi produzido o talentoso Magadha, e os sábios santos disseram a essas duas pessoas, "Louvem o rei Prithu, o filho ilustre de Vena; pois essa é sua função especial, e aqui está um objeto digno do seu louvor." Mas eles responderam respeitosamente aos brâmanes, "Nós não conhecemos os atos do rei da terra recém-nascido; os méritos dele não são compreendidos por nós; sua fama não está espalhada amplamente; informem-nos sobre qual assunto nós podemos particularizar sua glorificação". "Elogiem o rei", disseram os Rishis, "pelos atos que este monarca heróico realizará; louvem-no pelas virtudes que ele exibirá."

O rei, ouvindo essas palavras, estava muito contente, e refletiu que as pessoas adquirem louvor por ações virtuosas, e que por conseguinte sua conduta virtuosa seria o tema do panegírico que os bardos estavam a ponto de pronunciar. Quaisquer méritos, então, que eles elogiassem em seu encômio, ele decidiu que ele se esforçaria para adquirir; e se eles indicassem quais falhas deveriam ser evitadas, ele tentaria evitá-las. Ele portanto escutou atentamente, enquanto os encomiastas de voz agradável celebravam as virtudes futuras de Prithu, o filho iluminado de Vena.

"O rei é um falador da verdade, generoso, um cumpridor de suas promessas; ele é sábio, benevolente, paciente, corajoso, e um terror para os maus; ele conhece seus deveres; ele reconhece serviços; ele é compassivo e fala gentilmente; ele respeita os veneráveis; ele executa sacrifícios; ele reverencia os brâmanes; ele aprecia os bons; e administrando justiça é indiferente a amigo ou inimigo."

As virtudes assim celebradas pelo Suta e o Magadha foram mantidas na memória do Raja, e praticadas por ele quando surgia oportunidade. Protegendo essa terra, o monarca realizou muitas cerimônias sacrificais grandiosas, acompanhadas por doações abundantes. Seus súditos logo se aproximaram dele, sofrendo por causa da escassez pela qual eles eram afligidos, porque todas as plantas comestíveis tinham

---

5 Um Chakra-vartti, ou, de acordo com o texto, alguém em quem o Chakra, o disco de Vishnu, reside (varttate); tal figura sendo delineada pelas linhas da mão. A etimologia gramatical é, 'ele que reside em, ou reina sobre, um território extenso chamado Chakra.'

6 De raga, 'paixão' ou 'afeição;' mas a etimologia mais óbvia é raj, 'brilhar' ou 'ser esplêndido.'

7 O nascimento de Prithu é para ser considerado como o sacrifício do qual Brahma, o criador, foi o executor; mas em outros lugares, como no Padma, é considerado que um rito sacrificatório real foi celebrado, no qual os primeiros encomiastas foram produzidos. O Bhagavata não relata o aparecimento deles.

perecido durante a época de anarquia. Em resposta à pergunta dele a respeito da causa da vinda deles, eles lhe falaram que no intervalo no qual a terra estava sem um rei todos os produtos vegetais tinham sido retidos, e que consequentemente as pessoas tinham perecido. "Tu", disseram eles, "és o concessor de subsistência para nós; tu és designado, pelo criador, o protetor do povo; conceda-nos vegetais, o sustento das vidas dos teus súditos, que estão perecendo com fome."

Ao ouvir isso, Prithu pegou seu arco divino Ajagava, e suas setas celestes, e em grande ira marchou para fora para atacar a Terra. A Terra, assumindo a figura de uma vaca, fugiu apressadamente dele, e atravessou, por medo do rei, as regiões de Brahma e as esferas celestes; mas onde quer que fosse a sustentadora de coisas vivas, lá ela via Vainya com armas erguidas. Finalmente, tremendo com terror, e ansiosa para escapar das setas dele, a Terra se dirigiu a Prithu, o herói de destreza irresistível. "Você não conhece, rei de homens", disse a Terra, "o pecado de matar uma fêmea, que você procura me matar perseverantemente dessa maneira?" O príncipe respondeu; "Quando a felicidade de muitos é assegurada pela destruição de um ser maligno, a morte daquele ser é um ato de virtude." "Mas", disse a Terra, "se, para promover o bem-estar de seus súditos, você acabasse comigo, de onde, melhor dos monarcas, teu povo derivaria seu sustento?" "Desobediente ao meu governo", retorquiu Prithu, "se eu destruir a ti, eu sustentarei meu povo pela eficácia de minhas próprias devoções." Então a Terra, dominada pela apreensão, e tremendo em todo membro, saudou o rei respeitosamente, e falou desse modo: "Todos os empreendimentos têm êxito, se meios adequados de efetuá-los são empregados. Eu darei a você meios de sucesso, dos quais você pode fazer uso se você quiser. Todos os produtos vegetais estão velhos, e destruídos por mim; mas ao seu comando eu os restabelecerei, como desenvolvidos a partir do meu leite. Portanto, para o benefício da humanidade, mais virtuoso dos príncipes, dê-me aquele bezerro, pelo qual eu possa ser capaz de segregar leite. Também nivele todos os lugares, de forma que eu possa fazer meu leite, a semente de toda vegetação, fluir por toda parte."

Prithu, portanto, arrancou as montanhas, às centenas e milhares, por miríades de léguas, e elas foram desde então empilhadas umas sobre as outras. Antes do tempo dele não havia limites definidos de aldeias ou cidades, na superfície irregular da terra; não havia cultivo, nem pasto, nem agricultura, nem rodovias para comerciantes, todas essas coisas (ou toda a civilização) se originou no reinado de Prithu. Onde o chão foi nivelado, o rei induziu seus súditos a tomarem sua residência. Antes do seu tempo, também, os frutos e raízes que constituíram a alimentação do povo eram obtidos com grande dificuldade, todos os vegetais tendo sido destruídos; e ele então, tendo feito de Swayambhuva Manu o bezerro[8], ordenhou a Terra, e recebeu o leite em sua própria mão, para o benefício da humanidade. Dali provieram todos os tipos de grãos e vegetais dos quais as pessoas subsistem agora e perpetuamente. Por conceder vida à Terra, Prithu era como o pai dela, e por isso ela derivou o nome patronímico Prithivi (a filha de Prithu). Então os deuses, os sábios, os demônios, os Rakshasas, os Gandharbhas, Yakshas, Pitris, serpentes, montanhas, e árvores, pegaram um recipiente de ordenha apropriado à sua espécie, e ordenharam a terra de leite adequado, e o ordenhador e o bezerro eram ambos específicos para suas próprias espécies[9].

---

8 'Tendo desejado ou determinado que o Manu Swayambhuva fosse o bezerro:' स कल्पयित्वा वत्सं तु मनुं स्वायंभुवं प्रभुः ।. Conforme o Padma Purana: वत्सं तस्याः प्रकल्पितम् । मनुं स्वायंभुवं पूर्वं परिचिन्त्य पुनः पुनः ॥. O Bhagavata tem, 'Tendo feito do Manu o bezerro.' Pelo 'bezerro', ou Manu naquele caráter, é simbolizado, o comentador observa, o promotor da multiplicação de progênie: प्रजासन्तानप्रवर्तक ।.

9 O Matsya, Brahma, Bhagavata, e Padma entram em um maior detalhamento dessa ordenha, especificando simbolicamente o bezerro, o ordenhador, o leite, e o recipiente. Assim, de acordo com o Matsya, os Rishis ordenharam a terra através de Vrihaspati; seu bezerro era Soma; os Vedas eram o recipiente; e o leite era devoção. Quando os deuses ordenharam a terra, o ordenhador era Mitra (o sol);

Essa Terra, a mãe, a protetora, o receptáculo, e nutridora de todas as coisas existentes, foi produzida da sola do pé de Vishnu. E assim nasceu o poderoso Prithu, o filho heróico de Vena, que foi o senhor da terra, e que, por cativar as afeições do povo, foi o primeiro governante a quem o título de Raja foi designado. Quem recitar essa história do nascimento de Prithu, o filho de Vena, nunca sofrerá qualquer retribuição pelo mal que ele possa ter cometido; e tal é a virtude do relato do nascimento de Prithu, que aqueles que a ouvirem repetida serão aliviados da aflição[10].

◄

Indra era o bezerro; poder sobre-humano era o produto. Os deuses tinham um recipiente dourado, os Pitris um prateado, e para os últimos, o ordenhador era Antaka (morte); Yama era o bezerro; o leite era Swadha, ou oblação. Os Nagas, ou deuses-cobra, tinham uma cabaça em lugar de seu balde; seu bezerro era Takshaka; Dhritarashtra (a serpente) era seu ordenhador; e seu leite era veneno. Para os Asuras, Maya era o leite; Virochana, o filho de Prahlada, era o bezerro; o ordenhador era Dwimurddha; e o recipiente era de ferro. Os Yakshas fizeram de Vaisravana seu bezerro; seu recipiente era de barro não cozido; o leite era o poder de desaparecer. Os Rakshasas e outros empregaram Raupyanabha como o ordenhador; seu bezerro era Sumali; e seu leite era sangue. Chitraratha era o bezerro, Vasuruchi o ordenhador, dos Gandharbas e ninfas, que ordenhou odores fragrantes em uma taça de folhas de loto. Em nome das montanhas, Meru era o ordenhador; Himavat o bezerro; o balde era de cristal; e o leite era de ervas e pedras preciosas. As árvores extraíram seiva em um recipiente de Palasa [Butea monosperma], a Sál sendo a ordenhadora, e a Plaksha o bezerro. As descrições que se encontram no Bhagavata, Padma, e Brahma Puranas são ocasionalmente ligeiramente variadas, mas elas estão na maior parte nas mesmas palavras que aquelas do Matsya. Essas mistificações, provavelmente, são todas modificações subsequentes da alegoria original simples, que simbolizou a terra como uma vaca, que produziu para toda classe de seres o leite que eles desejavam, ou o objeto dos desejos deles.

10 Outra leitura é, 'Ela neutraliza sonhos maus.' A lenda de Prithu é dada brevemente no Mahabharata, Raja Dharma, e ocorre na maioria dos Puranas, mas em maior detalhes em nosso texto, no Bhagavata, e especialmente no Padma, Bhumi Khanda, s. 29, 30. Porém, todas as versões são essencialmente a mesma.

CAPÍTULO 14

Descendentes de Prithu. Lenda dos Prachetasas; eles são desejados por seu pai para multiplicar a humanidade, por adorarem Vishnu; eles mergulham no mar, e meditam nele e o louvam; ele aparece, e concede os desejos deles.

Prithu teve dois filhos valorosos, Antarddhi e Pali[1]. O filho de Antarddhana, com sua esposa Sikhandini, era Havirdhana, com quem Dhishana, princesa da linhagem de Agni, teve seis filhos, Prachinaverhis, Sukra, Gaya, Krishna, Vraja, e Ajina[2]. O primeiro desses era um príncipe e patriarca poderoso, por quem a humanidade foi multiplicada depois da morte de Havirdhana. Ele foi chamado de Prachinaverhis por ele colocar sobre a terra a erva sagrada, apontando para o leste[3]. No término de uma penitência rígida ele se casou com Savarna, a filha do oceano, que tinha sido previamente noiva dele, e que teve com o rei dez filhos, que foram todos chamados de Prachetasas, e eram hábeis em ciência militar. Todos eles cumpriam os mesmos deveres, praticavam austeridades religiosas, e permaneceram imersos no leito do oceano por dez mil anos.

Maitreya: ‘Você pode me informar, grande sábio, por que os magnânimos Prachetasas se ocuparam em penitência nas águas do mar?’

Parasara: ‘Os filhos de Prachinaverhis foram originalmente informados por seu pai, que tinha sido designado como um patriarca, e cuja mente estava concentrada em multiplicar a humanidade, que ele tinha sido ordenado respeitosamente por Brahma, o deus dos deuses, a labutar para esse objetivo, e que ele tinha prometido obediência. "Agora então", continuou ele, "meus filhos, para me favorecer, promovam

---

[1] O texto do Vayu e Brahma (ou Hari Vansa) leem, como aquele do Vishnu: पृथोः पुत्रौ महावीर्यौ जज्ञातेऽन्तर्धिपालिनौ ।. Mons. Langlois entende as duas últimas palavras como um epíteto composto; "Se jouirent dupouvoir de se rendre invisibles." A construção poderia admitir tal sentido, mas parece mais provável que elas signifiquem nomes. A linhagem de Prithu é continuada imediatamente por um deles, Antarddhana, que é o mesmo que Antarddhi; como o comentador afirma com respeito àquele nome, अन्तर्धिरेवान्तर्द्धानः ।, e como o comentador no Hari Vansa observa do nome sucessivo, 'um dos irmãos se chamando Antarddhana ou Antarddhi', não deixa outro sentido para Palin a não ser aquele de um nome próprio. O Bhagavata dá para Prithu cinco filhos, Vijitaswa, Haryyaksha, Dhumrakesa, Vrika, e Dravina, e acrescenta que o mais velho também era chamado de Antarddhana, por ter obtido de Indra o poder de se fazer invisível.

[2] O Bhagavata, como sempre, modifica essa genealogia; Antarddhana tem com Sikhandini três filhos, que eram os três fogos, Pavaka, Pavamana, e Suchi, condenados por uma maldição de Vasishtha a nascerem novamente. Com outra esposa, Nabhaswati, ele tem Havirddhana, cujos filhos são os mesmos que aqueles do texto, somente dando outro nome, Varhishad como também Prachinaverhis, para o primeiro. De acordo com o Mahabharata (Moksha Dharma), que foi seguido pelo Padma Purana, Prachinavarhis nasceu na família de Atri.

[3] O texto é प्राचीनाग्राः कुशास्तस्य पृथिव्यामभवन्मुने ।. Kusa ou varhis é corretamente 'erva sacrifical' (Poa); e Prachinagra, literalmente, 'tendo suas pontas em direção ao leste;' a direção na qual ela deve ser colocada no chão, como um assento para os deuses em ocasiões de oferendas feitas a eles. O nome portanto sugere, ou que a prática se originou com ele, ou, como o comentador explica isto, que ele era extremamente devoto, oferecendo sacrifícios ou invocando os deuses em toda parte. O Hari Vansa acrescenta um verso àquele do nosso texto, lendo प्राचीनाग्राः कुशास्तस्य पृथिव्यां जनमेजय । प्राचीनबर्हिर्भगवान्पृथिवीतलचारिणः ।, o qual Mons. Langlois traduziu, 'Quand il marchoit sur la terre les pointes de cousa etoient courbees vers l'Orient;' que ele supõe significar, 'Que ce príncipe avait tourne ses pensees et porte sa domination vers l'Orient;' uma suposição que poderia ter sido obviada por uma pequena consideração adicional do verso de Manu ao qual ele se refere: "Se ele tem sentado em colmos de grama com suas pontas para o leste", etc. O comentário explica a passagem como acima, atribuindo पृथिवीतलचारिणः a कुशाः, não a तस्य; como: पृथिव्यां तस्य प्राचीनाग्राः कुशाः पृथिवीतलचारिणो भुवः सम्यक् प्रसरन्तः सकलभूमण्डलव्यापिन आसन् । ततः स प्राचीनबर्हिः ।. 'Ele se chamava Prachinavarhis porque sua erva sagrada, apontando para o leste, estava se estendendo sobre a própria terra, ou estava espalhada sobre a terra inteira.' O texto do Bhagavata também explica claramente o que é pretendido: 'Por cuja grama sagrada, apontando para o leste, conforme ele executava sacrifício após sacrifício, a terra inteira, sua área sacrifical, estava coberta.'

diligentemente o aumento do povo, pois as ordens do pai de todas as criaturas têm que ser respeitadas." Os filhos do rei, tendo ouvido as palavras de seu pai, responderam, "Assim seja;" mas eles então indagaram dele, porque ele podia explicar melhor isto, por quais meios eles poderiam realizar o aumento da humanidade. Ele disse a eles; "Quem adora Vishnu, o concessor de benefícios, consegue indubitavelmente o objeto de seus desejos. Não há outro modo. O que mais eu posso lhes dizer? Adorem Govinda, que é Hari, o senhor de todos os seres, para efetuarem o aumento da raça humana, se vocês desejam ter sucesso. O eterno Purushottama deve ser propiciado por aquele que deseja virtude, riqueza, prazer, ou libertação. Adorem a ele, o imperecível, por quem, quando propiciado, o mundo foi antes de tudo criado, e gênero humano seguramente será multiplicado."

Assim instruídos por seu pai, os dez Prachetasas mergulharam nas profundezas do oceano, e com mentes completamente devotadas a Narayana, o soberano do universo, que está além de todos os mundos, foram absortos por austeridade religiosa por dez mil anos. Permanecendo lá, eles, com pensamentos fixos, louvaram Hari, que, quando propiciado, concede àqueles que o louvam tudo o que eles desejam.

Maitreya: ‘Os louvores excelentes que os Prachetasas dirigiram a Vishnu, enquanto eles permaneceram no mar, você, ó melhor dos Munis, é qualificado para repetir para mim.’

Parasara: ‘Ouça, Maitreya, o hino que os Prachetasas, enquanto eles permaneceram nas águas do mar, cantaram antigamente para Govinda, a natureza deles estando identificada com ele:

"Nós nos curvamos a ele cuja glória é o tema perpétuo de toda fala; ele primeiro, ele último; o senhor supremo do mundo ilimitado; que é luz primeva; que é sem seu igual; indivisível e infinito; a origem de todas as coisas existentes, móveis ou estacionárias. Àquele ser supremo que é uno com o tempo, cujas primeiras formas, embora ele seja sem forma, são dia e anoitecer e noite, haja adoração! Glória a ele, a vida de todas as coisas vivas, que é o mesmo que a lua, o receptáculo de ambrosia, bebida diariamente pelos deuses e progenitores; a ele que é uno com o sol, a causa do calor e frio e chuva, que dissipa a escuridão, e ilumina o céu com seu brilho; a ele que é uno com a terra, que permeia tudo, e o refúgio do aroma e outros objetos dos sentidos, sustentando o mundo inteiro por sua solidez! Nós adoramos aquela forma da divindade Hari que é água, o útero do mundo, a semente de todos os seres vivos. Glória à boca dos deuses, o comedor do Havya; ao comedor do Kavya, a boca dos progenitores; a Vishnu que é idêntico ao fogo; a ele que é uno com o ar, a origem do éter, existindo como os cinco ares vitais no corpo, causando ação vital constante; a ele que é idêntico à atmosfera, puro, ilimitável, informe, separando todas as criaturas! Glória a Krishna, que é Brahma na forma de objetos sensíveis, que é sempre a direção das faculdades de percepção! Nós oferecemos saudação àquele Hari supremo que é uno com os sentidos, sutis e substanciais, o receptor de todas as impressões, a base de todo conhecimento; à alma universal que, como intelecto interno, entrega as impressões recebidas pelos sentidos à alma; a ele que tem as propriedades de Prakriti; em quem, sem fim, repousam todas as coisas; de quem todas as coisas provêm; e que é aquilo no qual todas as coisas se dissolvem. Nós adoramos aquele Purushottoma, o deus que é puro espírito, e que, sem qualidades, é considerado ignorantemente como dotado com qualidades. Nós adoramos aquele Brahma supremo, a última condição de Vishnu, improdutivo, não nascido, puro, sem qualidades, e livre de acidentes; que não é alto nem baixo, nem volumoso nem minúsculo, que não tem nem forma, nem cor, nem sombra, nem substância, nem afeição, nem corpo; que nem é etéreo nem suscetível de contato, cheiro, ou gosto; que não tem olhos, nem ouvidos, nem movimento, nem fala, nem respiração, nem

mente, nem nome, nem raça, nem prazer, nem esplendor; que é sem causa, sem medo, sem erro, sem falha, sem decadência, imortal, livre de paixão, sem som, imperceptível, inativo, independente de lugar ou tempo, destacado de todas as propriedades envolventes; mas (ilusoriamente) exercendo poder irresistível, e identificado com todos os seres, dependente de ninguém. Glória àquela natureza de Vishnu que a língua não pode contar, nem o olho ver."

Glorificando Vishnu dessa maneira, e concentrados em meditação nele, os Prachetasas passaram dez mil anos de austeridade no vasto oceano; no que Hari, estando satisfeito com eles, apareceu para eles entre as águas, da cor da folha de loto desenvolvida. Vendo-o montado no rei das aves, Garuda, os Prachetasas inclinaram suas cabeças em homenagem devota; quando Vishnu disse a eles, "Recebam o benefício que você desejam; porque eu, o concessor de prosperidade, estou contente com vocês, e estou presente." Os Prachetasas responderam a ele com reverência, e lhe falaram que a causa de suas práticas religiosas era a ordem do pai deles para efetuarem a multiplicação da humanidade. O deus, tendo concedido adequadamente a eles o objeto de seus rogos, desapareceu, e eles se ergueram da água. ◄

CAPÍTULO 15

O mundo coberto com árvores; elas são destruídas pelos Prachetasas. Soma os pacifica, e lhes dá Marisha como esposa; a história dela; a filha da ninfa Pramlocha. Lenda de Kandu. A história anterior de Marisha. Daksha o filho dos Prachetasas; as diferentes qualidades dele; seus filhos, suas filhas; os matrimônios e progênie deles; alusão a Prahlada, o descendente dele.

Enquanto os Prachetasas estavam assim absortos em suas devoções, as árvores se espalharam e sombrearam a terra desprotegida, e as pessoas pereceram. Os ventos não podiam soprar; o céu estava fechado pelas florestas; e a humanidade não pôde labutar por dez mil anos. Quando os sábios, saindo do mar, viram isso, eles ficaram bravos, e, estando enraivecidos, vento e chamas saíram de suas bocas. O vento forte arrancou as árvores por suas raízes, e as deixou murchas e secas, e o fogo feroz as consumiu, e as florestas foram retiradas. Quando Soma (a lua), o soberano do mundo vegetal, viu tudo exceto umas poucas das árvores destruídas, ele foi até os patriarcas, os Prachetasas, e disse, "Contenham sua indignação, príncipes, e me escutem. Eu farei uma aliança entre vocês e as árvores. Presciente de futuridade, eu nutri com meus raios essa moça preciosa, a filha dos bosques. Ela se chama Marisha, e é seguramente a descendência das árvores. Ela será sua noiva, e a multiplicadora da linhagem de Dhruva. De uma porção de seu brilho e uma porção do meu, ó sábios poderosos, o patriarca Daksha nascerá dela, que, dotado de uma parte de mim, e composto do seu vigor, será tão resplandecente quanto fogo, e multiplicará a raça humana.

“Havia antigamente (disse Soma) um sábio chamado Kandu, eminente em sabedoria sagrada, que praticava austeridades religiosas nas margens adoráveis do rio Gomati. O rei dos deuses enviou a ninfa Pramlocha para perturbar a penitência dele, e a donzela de sorrisos doces desviou o sábio de suas devoções. Eles viveram juntos, no vale de Mandara, por cento e cinquenta anos; durante os quais, a mente do Muni estava totalmente entregue ao prazer. No término desse período a ninfa pediu a permissão dele para voltar para o céu; mas o Muni, ainda afetuosamente apegado a ela, a persuadiu a permanecer por mais algum tempo; e a donzela graciosa continuou a residir por outros cem anos, e a deleitar o grande sábio por seus encantos. Então novamente ela apresentou seu pedido para ser permitida voltar para as residências dos deuses; e novamente o Muni desejou que ela permanecesse. Ao término de mais que um século a ninfa disse mais uma vez a ele, com um semblante sorridente, 'Brâmane, eu parto;' mas o Muni, detendo a donzela de olhos belos, respondeu, 'Não, fique ainda mais um pouco; você partirá daqui por um período longo.' Com medo de incorrer em uma maldição, a ninfa graciosa continuou com o sábio por quase duzentos anos mais, pedindo repetidamente sua permissão para ir à região do rei dos deuses, mas ele sempre desejava que ela permanecesse. Temendo ser amaldiçoada por ele, e excelente em modos amáveis, conhecendo bem também a dor que é infligida pela separação de um objeto de afeto, ela não abandonou o Muni, cuja mente, totalmente subjugada pelo amor, se tornava diariamente apegada mais fortemente a ela.

"Em uma ocasião o sábio estava saindo da cabana deles em uma grande pressa. A ninfa lhe perguntou aonde ele ia. 'O dia', ele respondeu, 'está chegando ao fim rapidamente. Eu tenho que executar o culto Sandhya, ou um dever será negligenciado.' A ninfa sorriu jovialmente quanto ela respondeu, 'Por que você fala, senhor distinto, desse dia que chega ao fim? Seu dia é um dia de muitos anos, um dia que deve ser uma maravilha para todos. Explique o que isso significa.' O Muni disse, 'Donzela formosa, você chegou à margem do rio ao amanhecer; eu a vi então, e você entrou em meu eremitério. Agora é a volta da noite, e o dia se foi. Qual é o significado

dessa risada? Conte-me a verdade.' Pramlocha respondeu, 'Você fala corretamente', venerável brâmane, 'que eu vim para cá ao amanhecer, mas várias centenas de anos se passaram desde o tempo da minha chegada. Essa é a verdade.' O Muni, ao ouvir isso, foi tomado pela perplexidade, e perguntou quanto tempo ele tinha desfrutado da companhia dela; ao que a ninfa respondeu que eles tinham vivido juntos novecentos e sete anos, seis meses, e três dias. O Muni perguntou se ela falava a verdade, ou se ela estava de brincadeira; pois para ele parecia que eles tinham passado apenas um dia juntos, ao que Pramlocha respondeu, que ela não ousaria em nenhum momento falar uma mentira para ele que vivia no caminho da devoção, mas especialmente quando ele a tinha mandado informar o que tinha se passado.

"Quando o Muni, príncipes, tinha ouvido essas palavras, e soube que aquela era a verdade, ele começou a se reprovar amargamente, exclamando, 'Que vergonha, que vergonha para mim, minha penitência foi interrompida; o tesouro dos eruditos e dos piedosos foi roubado de mim; meu julgamento foi encoberto; essa mulher foi criada por alguém para me iludir. Brahma está além do alcance daqueles agitados pelas ondas de fraqueza[1]. Eu tinha subjugado minhas paixões, e estava prestes a obter conhecimento divino. Isso foi previsto por ele por quem essa moça foi enviada para cá. Que vergonha para a paixão que obstruiu minhas práticas religiosas. Todas as austeridades que teriam levado à aquisição da sabedoria dos Vedas foram tornadas inúteis pela paixão que é a estrada para o inferno.' O sábio piedoso, tendo se insultado dessa maneira, virou para a ninfa que estava sentada perto e disse a ela, 'Vá, moça enganosa, para onde tu quiseres. Tu realizaste a missão designada para ti pelo monarca dos deuses, de perturbar minha penitência por meio de teus encantos. Eu não te reduzirei a cinzas pelo fogo da minha ira. Sete passos juntos são suficientes para a amizade dos virtuosos, mas nós dois moramos juntos. E em verdade que erro tu cometeste? Por que eu deveria estar enfurecido contigo? O pecado é totalmente meu, porque eu não pude subjugar minhas emoções. Contudo que vergonha para ti que, para ganhar favor com Indra, perturbaste minhas devoções; fardo vil de ilusão.'

"Ao ouvir isso do Muni, Pramlocha ficou parada tremendo, enquanto gotas grandes de transpiração brotaram de todo poro; até que ele gritou furiosamente para ela, 'Parta! Vá embora!' Ela então, repreendida por ele, saiu da habitação dele, e, atravessando o ar, secou a transpiração de seu corpo com as folhas das árvores. A ninfa foi de árvore em árvore, e enquanto, com os brotos pardos que coroavam seus topos, ela secava seus membros que estavam cobertos com umidade, a criança que ela tinha concebido com o Rishi saiu dos poros de sua pele em gotas de transpiração. As árvores receberam os orvalhos vivos, e os ventos os reuniram em uma massa. "Isto", disse Soma, "eu amadureci por meio de meus raios, e gradualmente ele aumentou de tamanho, até que a exalação que tinha repousado nos topos de árvore tornou-se a menina adorável chamada Marisha. As árvores a darão a vocês, Prachetasas, que sua indignação seja apaziguada. Ela é a progênie de Kandu, a filha de Pramlocha, a lactente das árvores, a filha do vento e da lua. O santo Kandu, depois da interrupção de seus exercícios virtuosos, foi, príncipes excelentes, para a região de Vishnu, chamada Purushottama onde, Maitreya[2], com toda a sua mente ele se dedicou à adoração de Hari; de pé fixo, com braços erguidos, e repetindo as preces que compreendem a essência da verdade divina[3]."

---

[1] Ou, 'imersos nos seis Urmis'; explicados como fome, sede, tristeza, estupefação, decadência, e morte.

[2] Há alguma confusão aqui com respeito à pessoa dirigida, mas o contexto mostra que a inserção do nome de Maitreya é uma inadvertência, e que a passagem é uma continuação da fala de Soma aos Prachetasas.

[3] A frase é 'compostas do limite mais distante de Brahma;' que significa 'compreendendo o supremo, ou Brahma, e sabedoria transcendental, Para;' ou, 'consistindo nos limites mais distantes (Para) ou verdades dos Vedas ou Brahma;' isto é, sendo a essência da filosofia Vedanta. O hino que segue é na realidade um mantra ou oração mística, começando com a reiteração da palavra Para e Pára; como,

Os Prachetasas disseram, "Nós desejamos ouvir as preces transcendentais, por recitar inaudivelmente as quais o piedoso Kandu propiciou Kesava." No que Soma repetiu o seguinte: "'Vishnu está além do limite de todas as coisas; ele é o infinito; ele está além daquilo que é ilimitado; ele está acima de tudo o que está acima; ele existe como verdade finita; ele é o objetivo do Veda; o limite do ser elementar; não apreciável pelos sentidos; possuidor de poder ilimitável; ele é a causa da causa; a causa da causa da causa; a causa da causa finita; e em efeitos, ele, como todo objeto e agente, preserva o universo; ele é Brahma o senhor; Brahma todos os seres; Brahma o progenitor de todos os seres; o imperecível; ele é o Brahma eterno, sem decadência, não nascido, incapaz de aumento ou diminuição; Purushottama é o Brahma perpétuo, natural, imutável. Que as imperfeições da minha natureza sejam aniquiladas pelo favor dele.' Recitando esse panegírico, a essência da verdade divina, e propiciando Kesava, Kandu obteve emancipação final.

"Quem foi Marisha antigamente eu também contarei para vocês, porque a narração dos atos meritórios dela lhes será benéfico. Ela era a viúva de um príncipe, e deixada sem filhos pela morte de seu marido. Ela portanto adorou Vishnu zelosamente, que, estando satisfeito com sua adoração, apareceu para ela, e desejou que ela pedisse um benefício; no que ela lhe revelou os desejos de seu coração. 'Eu tenho sido uma viúva, senhor', ela exclamou, 'mesmo desde minha infância, e meu nascimento foi em vão. Infeliz que eu tenho sido, e de pouca utilidade, ó soberano do mundo. Agora então eu peço ti que em nascimentos sucessivos eu possa ter maridos ilustres, e um filho igual a um patriarca entre homens. Que eu possa ser possuidora de riqueza e beleza; que possa eu ser agradável à visão de todos; e que eu possa nascer fora do método comum. Conceda esses rogos, ó tu que és auspicioso para o devoto.' Hrishikesa, o deus dos deuses, o doador supremo de todas as bênçãos, assim rogado, a ergueu de sua posição prostrada, e disse, 'Em outra vida você terá dez maridos de coragem imensa, e renomados por atos gloriosos; e você terá um filho magnânimo e valoroso, distinguido pela posição de um patriarca, a partir de quem as várias raças de homens se multiplicarão, e por cuja posteridade o mundo será cheio. Você, senhora virtuosa, terá nascimento maravilhoso, e você será dotada de graça e encanto, deleitando os corações dos homens.' Tendo falado assim, a divindade desapareceu, e a princesa nasceu posteriormente como Marisha, que é dada a vocês como uma esposa[4]."

Soma tendo concluído, os Prachetasas aceitaram Marisha, como ele os tinha ordenado, corretamente como esposa, abandonando sua indignação contra as

---

पारं परं विष्णुरपारपारः
परं परेभ्यः परमार्थरूपी ।
स ब्रह्मपारः परपारभूतः
परः पराणामपि पारपारः ॥. Para significa 'supremo', 'infinito'; e Pára, 'a margem ou limite mais distante', o ponto que será atingido cruzando um rio ou mar, ou figurativamente o mundo ou existência. Vishnu, então, é Para, aquilo que nada ultrapassa; e Pára, o fim ou objetivo da existência: ele é Apara para, o limite mais distante daquilo que é ilimitável, ou espaço e tempo: ele é Param parebhyah, acima ou além do mais alto, estando além ou sendo superior a todos os elementos: ele é Paramartha rupi, ou idêntico à verdade final, ou conhecimento da alma: ele é Brahma para, o objeto ou essência da sabedoria espiritual. É dito que Paraparabhuta significa o limite mais distante (Pára) da matéria rudimental (Para). Ele é Para, ou principal Paranam, daqueles objetos que estão além dos sentidos: e ele é Parapara, ou o limite dos limites; isto é, ele é o envoltório abrangente de, e exterior a, aqueles limites pelos quais alma é limitada; ele é livre de toda incumbência ou impedimento. A passagem pode ser interpretada de modos diferentes, de acordo com a ingenuidade com que o enigma é lido.

4 Essa parte da lenda é peculiar ao nosso texto, e a história inteira do nascimento de Marisha não está em nenhuma outra parte tão completamente detalhada. A penitência dos Prachetasas, e suas consequências, são narradas no Agni, Bhagavata, Matsya, Padma, Vayu, e Brahma Puranas, e alusão é feita brevemente ao nascimento de Marisha. Sua origem de Kandu e Pramlocha é narrada em um lugar diferente no Brahma Purana, onde as severidades de Kandu, e a necessidade da interrupção delas, são descritas. A história, daquela autoridade, foi traduzida pelo falecido Professor Chezy, e está publicada no primeiro número do Diário Asiático.

árvores; e nela eles geraram o patriarca eminente Daksha, que tinha (em uma vida anterior) nascido como o filho de Brahma[5]. Esse grande sábio, para o fomento da criação, e o aumento da humanidade, criou progênie. Obedecendo ao comando de Brahma, ele fez coisas móveis e imóveis, bípedes e quadrúpedes; e subsequentemente, por sua vontade, deu à luz fêmeas, dez das quais ele entregou para Dharma, treze para Kasyapa, e vinte e sete, que regulam o curso do tempo, para a lua[6]. Desses, os deuses, os Titãs, os deuses-cobra, gado, e aves, os cantores e dançarinos das cortes do céu, os espíritos do mal, e outros seres, nasceram. Daquele período em diante as criaturas vivas foram geradas através de relações sexuais: antes do tempo de Daksha elas eram propagadas de modo variado, pela vontade, pela visão, pelo toque, e pela influência de austeridades religiosas praticadas por sábios devotos e santos divinos.

Maitreya: 'Daksha, como eu ouvi antigamente, nasceu do polegar direito de Brahma. Diga-me, grande Muni, como ele foi regenerado como o filho dos Prachetasas. Perplexidade considerável também surge em minha mente, como ele, que, como o filho de Marisha, era o neto de Soma, também poderia ser o sogro dele.'

Parasara: 'Nascimento e morte são constantes em todas as criaturas. Rishis e sábios, possuindo visão divina, não são confundidos por isso. Daksha e os outros Munis eminentes estão presentes em toda era, e no intervalo de destruição deixam de existir[7]; disso o homem sábio não nutre nenhuma dúvida. Entre aqueles de antigamente não havia mais velho nem mais moço; penitência rigorosa e poder adquirido eram as únicas causas de qualquer diferença de grau entre aqueles mais que seres humanos.

Maitreya: 'Narre para mim, venerável brâmane, detalhadamente, o nascimento dos deuses, Titãs, Gandharbas, serpentes, e duendes.

Parasara: 'De que maneira Daksha criou criaturas vivas, como ordenado por Brahma, você ouvirá. Em primeiro lugar ele desejou que existissem as divindades, os Rishis, os coristas do céu, os Titãs, e os deuses-cobra. Descobrindo que sua progênie

---

5 O segundo nascimento de Daksha, e sua parte no povoamento da terra, é narrado na maioria dos Puranas de uma maneira semelhante. Essa é talvez a lenda original, pois Daksha parece ser um anexo irregular aos Prajapatis, ou filhos nascidos da mente de Brahma (veja a página 91, n. 2); e a natureza alegórica da posteridade dele naquele caráter (página 94) sugere uma origem mais recente. Nem aquela série de descendentes se acha aparentemente no Mahabharata, embora a existência de dois Dakshas seja observada especialmente lá (Moksha Dh.). No Adi Parva, que parece ser a mais livre das melhorias subsequentes, o Daksha citado é o filho dos Prachetasas. A incompatibilidade dos dois relatos é reconciliada por atribuir os dois Dakshas a Manwantaras diferentes. O Daksha que procedeu de Brahma como um Prajapati que nasce no primeiro, ou Swayambhuva, e o filho dos Prachetasas no Chakshusha Manwantara. O último porém, como descendente de Uttanapada, também deveria pertencer ao primeiro período. É evidente que grande confusão foi feita pelos Puranas na história de Daksha.

6 Isto é, elas são os Nakshatras, ou asterismos lunares.

7 'Eles são afastados', o que o comentador explica por 'são absorvidos, como se eles estivessem profundamente adormecidos;' mas em toda era ou Yuga, de acordo com o texto - em todo Manwantara, de acordo com o comentário - os Rishis reaparecem, somente as circunstâncias da origem deles sendo variada. Daksha então, como observado na nota precedente, é o filho de Brahma em um período, o filho dos Prachetasas em outro. Assim Soma, no Swayambhuva Manwantara, nasceu como o filho de Atri; no Chakshusha, ele foi produzido pelo batimento do oceano. As palavras do nosso texto ocorrem no Hari Vansa, com uma variação sem importância: 'Nascimento e obstrução são constantes em todos os seres, mas Rishis e aqueles homens que são sábios não ficam confusos por isso;' isto é, não, como apresentado acima, pela alternação de vida e morte; mas, de acordo com o comentador no Hari Vansa, por um assunto muito diferente, a proibição de matrimônios ilegais. Utpatti, 'nascimento de progênie', é o resultado de sua vontade; Nirodha, 'obstrução', é a lei que proíbe o casamento entre si de pessoas conectadas pelo oferecimento do bolo fúnebre; à qual Rishis e sábios não estão sujeitos, ou por suas uniões matrimoniais serem meramente platônicas, ou por causa do mau exemplo estabelecido por Brahma que, de acordo com os Vedas, se aproximou de sua própria filha; ao que nós já tivemos ocasião para aludir (página 92, n. 5). A explicação do texto, porém, dada pelo comentador parece forçada, e menos natural que a interpretação oferecida acima.

nascida-do-desejo não se multiplicava, ele determinou, para afiançar o aumento deles, estabelecer relações sexuais como o meio de multiplicação. Para esse propósito ele desposou Asikni, a filha do patriarca Virana[8], uma donzela dedicada a práticas devotas, a eminente sustentadora do mundo. Com ela o grande pai da humanidade procriou cinco mil filhos poderosos, pelos quais ele esperava que o mundo fosse povoado. Narada, o Rishi divino, observando-os desejosos de multiplicar posteridade, aproximou-se deles, e se dirigiu a eles em um tom amigável: "Ilustres Haryaswas, é evidente que sua intenção é gerar posteridade; mas primeiro considerem isto: por que deveriam vocês, que, como tolos, não conhecem o meio, a altura, e profundidade do mundo[9], propagar descendência? Quando seu intelecto não é mais obstruído por intervalo, altura, ou profundidade, então como, tolos, vocês todos não verão o limite do universo? " Tendo ouvido as palavras de Narada, os filhos de Daksha se dispersaram pelas regiões, e até hoje nunca voltaram; como rios que se perdem no oceano não voltam mais.

Os Haryaswas tendo desaparecido, o patriarca Daksha gerou com a filha de Virana mil outros filhos. Eles, que eram chamados de Savalaswas, estavam desejosos de gerar posteridade, mas foram dissuadidos por Narada de uma maneira semelhante. Eles disseram uns aos outros, "O que o Muni observou é perfeitamente justo. Nós devemos seguir o caminho que nossos irmãos trilharam, e quando nós averiguarmos a extensão do universo, nós multiplicaremos nossa raça." Consequentemente eles se espalharam pelas regiões, e, como rios que fluem para o mar, eles não retornaram novamente. Daqui em diante irmão procurando por irmão desaparece, por ignorância dos produtos do primeiro princípio das coisas. Daksha o patriarca, ao descobrir que todos os seus filhos tinham desaparecido, ficou enraivecido, e pronunciou uma maldição sobre Narada[10].

---

8 Esse é o relato usual do casamento de Daksha, e é aquele do Mahabharata, Adi Parva (cap. 75, pág. 166), e do Brahma Purana, o qual o Hari Vansa, na primeira parte, repete. Em outra parte, o Pushkara Mahatmya, porém, Daksha, é dito, converte metade de si mesmo em uma fêmea, com quem ele gera as filhas a serem citadas em breve: दक्षः प्राचेतसस्तस्यां कन्यायां जनयत्प्रभुः । देहार्धयोगविधिना कन्याः पद्मनिभाननाः ॥. Isso parece ser meramente uma edição nova de uma história velha.

9 O comentador explica que isso significa a origem, duração, e terminação do corpo rudimentar sutil; mas o Padma e Linga Puranas expressam isso distintamente: 'a extensão da terra.'

10 A interferência de Narada, e a geração infrutífera da primeira progênie de Daksha, é uma lenda antiga. O Mahabharata (Adi Parva, pág. 166) cita só um conjunto de filhos que, é dito, obtiveram Moksha, ou libertação, por meio de Narada que ensina a eles a filosofia Sankhya. O Brahma, Matsya, Vayu, Linga, Padma, Agni, e Bhagavata Puranas contam a história quase como no texto, e não raramente nas mesmas palavras. Em geral eles somente se referem à maldição pronunciada sobre Narada, como acima. O Bhagavata especifica que a maldição era peripatetismo perpétuo. Daksha diz a ele, 'Não haverá um lugar de descanso para ti em todas essas regiões.' O Kurma repete a maldição somente no sentido de que Narada perecerá, e não apresenta nenhuma lenda. No Brahma Vaivartta, Narada é amaldiçoado por Brahma, em uma ocasião similar, a se tornar o chefe dos Gandharbas, por isso suas tendências musicais; mas o Bhagavata, 6. 7, tem o contrário dessa lenda, e o faz primeiro um Gandharba, então um Sudra, então o filho de Brahma. O Brahma Purana, e como ele o Hari Vansa e o Vayu Purana, têm uma história diferente e não muito inteligível. Daksha, estando a ponto de pronunciar uma maldição sobre Narada, foi apaziguado por Brahma e os Rishis, e foi acordado entre eles que Narada deveria nascer novamente, como o filho de Kasyapa, por meio de uma das filhas de Daksha. Isso parece ser a essência da lenda, mas ela é contada muito confusamente. A versão do Brahma Purana, que é a mesma que aquela do Hari Vansa, pode ser apresentada dessa maneira: "Narada de fala agradável se dirigiu aos filhos de Daksha para a destruição deles e dele próprio; porque o Muni Kasyapa o gerou como um filho, que era o filho de Brahma, na filha de Daksha, por medo da maldição do último. Ele era antigamente o filho de Parameshthi (Brahma), e o sábio excelente Kasyapa em seguida o gerou, como se ele fosse o pai dele, em Asikni, a filha de Virana. Enquanto ele estava ocupado em iludir os filhos do patriarca, Daksha, de poder irresistível, decidiu destruí-lo; mas ele foi solicitado por Brahma, na presença dos grandes sábios, e foi acordado entre eles que Narada, o filho de Brahma, deveria nascer de uma filha de Daksha. Por conseguinte Daksha deu sua filha a Parameshthi, e por meio dela nasceu Narada." Agora várias dificuldades ocorrem aqui. Asikni é a esposa, não a filha, de Daksha; mas isso pode ser um erro do compilador, pois na passagem paralela do Vayu nenhum nome se encontra. Em segundo lugar, quem é essa filha? Pois, como nós veremos, a progênie de todas as filhas de Daksha é completamente

Então, Maitreya, o patriarca sábio, isso é transmitido para nós, estando ansioso para povoar o mundo, criou sessenta filhas da filha de Virana[11]; dez das quais ele deu para Dharma, treze para Kasyapa, e vinte e sete para Soma, quatro para Arishtanemi, duas para Bahuputra, duas para Angiras, e duas para Krisaswa. Eu lhe contarei os nomes delas. Arundhati, Vasu, Yami, Lamba, Bhanu, Marutwati, Sankalpa, Muhurtta, Sadhya, e Viswa eram as dez esposas de Dharma[12], e deram a ele a seguinte progênie. Os filhos de Viswa eram os Viswadevas[13]; e os Sadhyas[14], aqueles de Sadhya. Os Maruts, ou ventos, era os filhos de Marutwati; os Vasus, de Vasu. Os Bhanus (ou sóis) de Bhanu; e as divindades que presidem sobre momentos, de Muhurtta. Ghosha era o filho de Lamba (um arco dos céus); Nagavithi (a trilha láctea), a filha de Yami (noite). As divisões da terra nasceram de Arundhati; e Sankalpa (propósito piedoso), a alma de todos, era o filho de Sankalpa. As divindades chamadas Vasus, porque, precedidas pelo fogo, eles abundam em esplendor e poder[15], são chamados respectivamente de Apa, Dhruva, Soma, Dhava (fogo), Anila

---

detalhada, e em nenhuma autoridade consultada Narada é mencionado como o filho de alguma delas, ou como o filho de Kasyapa. Daksha, também, dá sua filha, não para Kasyapa, mas para Parameshthi, ou Brahma. O comentador no Hari Vansa resolve isso dizendo que ele a dá a Brahma em lugar de Kasyapa. A mesma barganha é notada no Vayu, mas também é dito lá que Narada é adotado por Kasyapa. Novamente, porém, ele apresenta a maldição de Daksha nas mesmas palavras que o Hari Vansa; uma passagem, a propósito, omitida no Brahma: 'Narada, pereça (em sua forma atual), e tome sua residência no útero.' Qualquer que possa ser o original dessa lenda, ela é evidentemente transmitida imperfeitamente pelas autoridades aqui citadas. A tradução francesa da passagem no Hari Vansa mal pode ser admitida como correta. Seguramente não é 'le Devarchi Dakcha, epoux d'Asikni, fille de Virana, fut l'aieul de cet illustri mouni ainsi regenere.' É dito de forma mais coerente pelo comentador que देवर्षिसत्तमः significa Kasyapa. O Vayu Purana, em outra parte, uma descrição das diferentes ordens de Rishis, declara que os Devarshis Parvata e Narada eram os filhos de Kasyapa. No relato de Karttavirya, no Brahma Purana e Hari Vansa, Narada é introduzido como um Gandharba, o filho de Varidasa; sendo o mesmo, de acordo com o comentador no último, que o Gandharba chamado Upavarhana em outra parte.

11 A especificação anterior (pág. 131) era cinquenta. O Mahabharata, Adi Parva, 166, e, novamente, Moksha Dharma, tem o mesmo número. O Bhagavata, Kurma, Padma, Linga, e Vayu Purana afirmam sessenta. O primeiro é talvez o original, porque os detalhes mais completos e mais consistentes se referem a elas e sua posteridade.

12 Essa é a lista usual das esposas de Dharma. O Bhagavata substitui Kakud por Arundhati. O Padma Purana, o Matsya Purana, e Hari Vansa contêm dois relatos diferentes dos descendentes de Daksha: o primeiro concorda com nosso texto; o segundo, que se supõe que ocorre no Padma Kalpa, é um pouco variado, particularmente sobre as esposas de Dharma, que é dito que são cinco. A nomenclatura varia, ou:

Padma P.	*Hari Vanśa.*	*Matsya.*
Lakshmí	Lakshmí	Lakshmí
Saraswatí	Kírttí	Saraswatí
Gangá	Sádhyá	Sádhyá
Viśweśá	Viśwá	Viśweśá
Sávitrí	Marutwatí	Urjjaswatí.

Há inexatidão evidente em todas as cópias, e os nomes podem em alguns casos ser errôneos. Da enumeração sucessiva dos descendentes delas, aparece que Kama era o filho de Lakshmi; os Sadhyas, de Sadhya; os Viswadevas, de Viswa; os Maruts, de Marutwati; e os Vasus, de Devi, que pode ser a Saraswati ou Savitri da enumeração anterior.

13 Os Viswadevas são uma classe de deuses a quem sacrifícios devem ser oferecidos diariamente. Manu, III. 121. Eles são mencionados em alguns dos Puranas, como o Vayu e Matsya, o primeiro especificando dez; o último, doze.

14 Os Sadhyas, de acordo com o Vayu, são os ritos e preces personificados dos Vedas, nascidos das métricas, e participantes dos sacrifícios. O mesmo trabalho menciona doze, que são todos nomes de sacrifícios e fórmulas, como Darsa, Paurnamasa, Vrihadaswa, Rathantara, etc. O Matsya Purana, o Padma Purana, e Hari V. têm um conjunto diferente de dezessete nomes, aparentemente de seleção arbitrária, como Bhava, Prabhava, Isa, Aruni, etc.

15 Ou, de acordo com o Padma Purana, porque eles estão sempre presentes na luz, ou irradiação luminosa.

(vento), Anala (fogo), Pratyusha (alvorada), e Prabhasa (luz). Os quatro filhos de Apa eram Vaitandya, Srama (cansaço), Sranta (fadiga), e Dhur (fardo). Kala (tempo), aquele que nutre o mundo, era o filho de Dhruva. O filho de Soma era Varchas (luz), que era o pai de Varchaswi (brilho). Dhava teve, com sua esposa Manohara (encanto), Dravina, Hutahavyavaha, Sisira, Prana, e Ramana. Os dois filhos de Anila (vento), com sua esposa Siva, eram Manojava (rápido como pensamento) e Avijnatagati (movimento imperscrutável). O filho de Agni (fogo), Kumara, nasceu em uma mata de juncos Sara: os filhos dele eram Sakha, Visakha, Naigameya, e Prishthaja. A prole dos Krittikas foi chamada de Kartikeya. O filho de Pratyusha era o Rishi chamado Devala, que teve dois filhos filosóficos e inteligentes[16]. A irmã de Vachaspati, adorável e virtuosa, Yogasiddha, que permeia o mundo todo sem ser devotada a ele, era a esposa de Prabhasa, o oitavo dos Vasus, e teve com ele o patriarca Viswakarma, o autor de mil artes, o mecanicista dos deuses, o fabricante de todos os ornamentos, o chefe dos artistas, o construtor das carruagens auto-moventes das divindades, e por cuja habilidade os homens obtêm subsistência. Ajaikapad, Ahirvradhna, e o sábio Rudra Twashtri, nasceram; e o filho nascido por si mesmo de Twashtri também era o célebre Viswarupa. Há onze Rudras famosos, senhores dos três mundos, ou Hara, Bahurupa, Tryambaka, Aparajita, Vrishakapi, Sambhu, Kaparddi, Raivata, Mrigavyadha, Sarva, e Kapali[17]; mas há cem nomes dos Rudras incomensuravelmente poderosos[18].

---

[16] O Vayu fornece os nomes deles, Kshamavartta (paciente) e Manaswin (sábio).

[17] A passagem é: अजैकपादहिर्बुध्न्यस्त्वष्टा रुद्रश्च बुद्धिमान् । त्वष्टुश्चाप्यात्मजः पुत्रो विश्वरूपो महायशाः ॥. Filhos de quem eles são não aparece; o objetivo sendo, de acordo com o comentário, especificar só as onze divisões ou modificações do Rudra mais jovem, Twashta.' Nós temos, entretanto, uma variedade incomum de leitura aqui em duas cópias do comentário: 'Os onze Rudras, em quem a família de Twashtri (um sinônimo, pode ser observado, às vezes de Viswakarma) está incluída, nasceram. A enumeração dos Rudras termina com Aparajita, de quem Tryambaka é o epíteto.' Portanto os três últimos nomes em todas as outras cópias do texto são omitidos nessas duas; seus lugares sendo preenchidos pelos três primeiros, dois dos quais são sempre citados nas listas dos Rudras. De acordo com o Vayu e Brahma Purana os Rudras são os filhos de Kasyapa com Surabhi; o Bhagavata os faz a progênie de Bhuta e Sarupa; o Matsya, Padma, e Hari V., na segunda série, a descendência de Surabhi com Brahma. Os nomes em três das autoridades purânicas são apresentados assim:

Váyu.	*Matsya.*	*Bhágavata.*
Ajaikapád	Ajaikapád	Ajaikapád
Ahirvradhna	Ahirvradhna	Ahirvradhna
Hara	Hama	Ugra
Nirrita	Nirritti	Bhíma
Íśwara	Pingala	Váma
Bhuvana	Dahana	Mahán
Angáraka	Aparájita	Bahurúpa
Arddhaketu	Mrigavyádha	Vrishakapi
Mrityu	Senání	Aja
Sarpa	Sajja	Bhava
Kapálí	Kapálí	Raivata.

O Brahma ou Hari Vansa, o Padma, o Linga, etc. têm outras variedades; e os Léxicos têm uma leitura diferente de todos, como naquele de Jatadhara eles são Ajaikapad, Ahivradhna, Virupaksha, Sureswara, Jayanta, Bahurupaka, Tryambaka, Aparajita, Vaivaswata, Savitra, e Hara. A variedade parece proceder dos escritores que aplicam aos Rudras, como eles podem fazer legitimamente, diferentes títulos do protótipo comum, ou sinônimos de Rudra ou Shiva, escolhidos à vontade dos seus mil e oito nomes, de acordo com o Linga Purana.

[18] A posteridade das filhas de Daksha com Dharma são claramente personificações alegóricas principalmente de duas classes, uma que consiste em fenômenos astronômicos, e a outra de partes ou tópicos do ritual dos Vedas.

As filhas de Daksha que se casaram com Kasyapa eram Aditi, Diti, Danu, Arishta, Surasa, Surabhi, Vinata, Tamra, Krodhavasa, Ida, Khasa, Kadru, e Muni[19]; cuja progênie eu descreverei para você. Havia doze divindades célebres em um Manwantara anterior, chamados Tushitas[20], que, na aproximação do período presente, ou no reinado do último Manu, Chakshusha, se reuniram, e disseram uns aos outros, "Venham, vamos entrar rapidamente no útero de Aditi, que nós possamos nascer no próximo Manwantara, pois assim nós desfrutaremos novamente da posição de deuses." E portanto eles nasceram como os filhos de Kasyapa, o filho de Marichi, com Aditi, a filha de Daksha; por isso chamados de os doze Adityas; cujos nomes eram respectivamente, Vishnu, Sakra, Aryaman, Dhuti, Twashtri, Pushan, Vivaswat, Savitri, Mitra, Varuna, Ansa, e Bhaga[21]. Esses, que no Chakshusha Manwantara eram os deuses chamados Tushitas, foram chamados de os doze Adityas no Manwantara de Vaivaswata.

As vinte e sete filhas do patriarca que se tornaram as esposas virtuosas da lua eram todas conhecidas como as ninfas das constelações lunares, que foram chamadas pelos nomes delas, e tiveram filhos que eram brilhantes por seu grande esplendor[22]. As esposas de Arishtanemi tiveram com ele dezesseis filhos[23]. As filhas de Bahuputra foram os quatro raios[24]. Os excelentes Pratyangirasa Richas eram os filhos de Angiras[25], descendendo do sábio santo; e as armas divinizadas dos deuses[26] eram a progênie de Krisaswa.

---

19 Há alguma, embora não muita, variação nesses nomes em diferentes Puranas. O Bhagavata tem Sarama, Kashtha, e Timi, as mães respectivamente de animais caninos, animais com cascos não divididos, e peixes, em lugar de Vinata, Khasa, e Kadru; empregando o primeiro e último diferentemente. O Vayu tem Prava em lugar de Arishta, e Anayush ou Danayush em lugar de Surasa. O Padma Purana, segunda série, substitui Kala, Anayush, Sinhika, Pisacha, Vach por Arishta, Surasa, Surabhi, Tamra, e Muni; e omite Ida e Khasa. No Uttara Khanda do mesmo, é dito que as esposas de Kasyapa são apenas quatro, Aditi, Diti, Kadru, e Vinata.

20 No sexto reinado, ou aquele de Chakshusha Manu, de acordo com o texto; mas no livro 3, cap. 1, os Tushitas são os deuses do segundo ou Swarochisha Manwantara. O Vayu tem uma lenda muito mais completa que qualquer outro Purana, sobre esse assunto. No princípio do Kalpa doze deuses, chamados Jayas, foram criados por Brahma, como seus agentes e assistentes na criação. Eles, perdidos em meditação, negligenciaram as ordens dele; no que ele os amaldiçoou a nascerem repetidamente em cada Manwantara até o sétimo. Eles foram consequentemente, nos vários Manwantaras sucessivos, Ajitas, Tushitas, Satyas, Haris, Vaikunthas, Sadhyas, e Adityas. Nossa autoridade e algumas outras, como o Brahma, pretenderam aparentemente se referir a esse relato, mas confundiram a ordem da série.

21 Os Puranas que contêm essa genealogia concordam toleravelmente bem nesses nomes. O Bhagavata acrescenta muitos detalhes com respeito a alguns dos Adityas e seus descendentes.

22 As Nakshatra Yoginis, ou estrelas principais das mansões lunares, ou asterismos no caminho da lua.

23 Nenhuma das autoridades é mais específica sobre o assunto da progênie de Arishtanemi. É dito no Mahabharata que esse é outro nome de Kasyapa. O Bhagavata substitui Tarksha por esse personagem, dito pelo comentador ser igualmente outro nome de Kasyapa. As esposas dele são, Kadru, Vinata, Patangi, e Yamini, mães de cobras, aves, gafanhotos, e gafanhotos. {“Kasyapa, que também é chamado Tarksya, teve quatro esposas: Vinata (Suparna), Kadru, Patangi e Yamini. Patangi deu à luz muitas classes de pássaros, e Yamini deu à luz gafanhotos. Vinata deu à luz Garuda, o carregador do Senhor Visnu, e Anuru, ou Aruna, o quadrigário do deus do sol. Kadru deu à luz diferentes variedades de serpentes.” Bhagavatam. Canto 6, Versos 21-22.}

24 Enumerados em trabalhos astrológicos como marrom, vermelho, amarelo, e branco; pressagiando respectivamente vento, calor, chuva, escassez.

25 Os Richas, ou versos, trinta e cinco em número, endereçados às divindades presidentes, denominados Pratyangirasas. O Bhagavata chama as esposas de Anginas, de Swadha e Sati, e faz delas mães dos Pitris e do Atharvan Veda respectivamente.

26 Os Sastra devatas, 'deuses das armas divinas.' Cem são enumerados no Ramayana, e eles lá são chamados de os filhos de Krisaswa com Jaya e Vijaya, filhas do Prajapati; isto é, de Daksha. O Bhagavata chama as duas esposas de Krisaswa, de Archish (chama) e Dhishana; a primeira é a mãe de Dhumaketu (cometa); a última, de quatro sábios, Devala, Vedasiras, Vayuna, e Manu. A origem alegórica das armas é indubitavelmente a mais antiga.

Essas classes de trinta e três divindades[27] nascem novamente no fim de mil eras, de acordo com sua própria vontade; e seu aparecimento e desaparecimento são aqui citados como nascimento e morte. Mas, Maitreya, esses personagens divinos existem era após era da mesma maneira como o sol se põe e surge novamente.

Foi contado para nós que Diti teve dois filhos com Kasyapa, chamados Hiranyakasipu e o invencível Hiranyaksha. Ela também teve uma filha, Sinka, a esposa de Viprachitti. Hiranyakasipu era o pai de quatro filhos poderosos, Anuhlada, Hlada, o sábio Prahlada, e o heróico Sanhlada, o aumentador da linhagem Daitya[28]. Entre esses, o ilustre Prahlada, considerando todas as coisas com indiferença, dedicou toda a sua fé a Janarddana. As chamas que foram acesas pelo rei dos Daityas não consumiram a ele, em cujo coração Vasudeva era apreciado; e toda a terra tremeu quando, amarrado com grilhões, ele se moveu entre as águas do oceano. Seu corpo firme, fortalecido por uma mente absorta por Achyuta, não foi ferido pelas armas lançadas nele por ordem do monarca Daitya; e as serpentes enviadas para destruí-lo sopraram suas chamas venenosas sobre ele em vão. Soterrado por pedras, ele contudo permaneceu ileso; porque ele nunca se esquecia de Vishnu, e a lembrança da divindade era sua armadura impenetrável. Lançado do alto pelo rei dos Daityas, residindo em Swarga, a terra o recebeu incólume. O vento enviado ao seu corpo para enfraquecê-lo foi aniquilado por ele, em quem Madhusudana estava presente. Os elefantes ferozes das esferas quebraram suas presas, e velaram seu orgulho, contra o peito firme que o senhor dos Daityas tinha ordenado que eles atacassem. Os sacerdotes ministrantes do monarca foram frustrados em todos seus ritos para a destruição de alguém tão firmemente afeiçoado a Govinda; e as mil ilusões do fraudulento Samvara, neutralizadas pelo disco de Krishna, foram praticadas sem sucesso. O veneno mortal administrado pelos oficiais de seu pai ele partilhou sem hesitar, e sem isso produzir qualquer mudança visível; porque ele olhava para o mundo com mente imperturbada, e, cheio de benignidade, considerava todas as coisas com afeição igual, e como idênticas a ele mesmo. Ele era íntegro; uma mina inesgotável de pureza e verdade; e um modelo infalível para todos os homens piedosos. ◄

[27] Esse número é fundado em um texto dos Vedas, que aos oito Vasus, onze Rudras, e doze Adityas, soma Prajapati, ou Brahma ou Daksha, e Vashatkara, 'oblação divinizada.' Eles têm o epíteto Chhandaja, como nascidos em diferentes Manwantaras, por sua própria vontade.

[28] Os Puranas geralmente concordam nessa genealogia, às vezes lendo Anuhrada, Hrada, etc. em lugar de Anuhlada e o resto. Embora colocados em segundo na ordem dos descendentes de Kasyapa, os Daityas são na realidade o ramo mais velho. Assim o Mahabharata, Moksha Dharma, chama Diti de a esposa mais velha de Kasyapa, e o Vayu chama Hiranyakasipu e Hiranyaksha de os primogênitos de todos os filhos daquele patriarca. "Titã e sua ninhada enorme" eram "primogênitos do céu."

CAPÍTULO 16

Indagações de Maitreya com relação à história de Prahlada.

Maitreya: ‘Muni Venerável, você descreveu para mim as linhagens de seres humanos, e o eterno Vishnu, a causa deste mundo. Mas quem era esse poderoso Prahlada, de quem você falou por último; a quem o fogo não podia queimar; que não morreu, quando perfurado por armas; por cuja presença nas águas a terra tremeu, agitada pelos movimentos dele, ainda que em grilhões; e que, soterrado por pedras, permaneceu ileso? Eu desejo ouvir um relato do poder inigualado daquele sábio adorador de Vishnu, a cuja história maravilhosa você aludiu. Por que ele foi atacado pelas armas dos filhos de Diti? Por que uma pessoa tão íntegra foi lançada no mar? Por que ele foi soterrado por pedras? Por que mordido por cobras venenosas? Por que lançado do topo da montanha? Por que lançado nas chamas? Por que ele foi feito um alvo para as presas dos elefantes das esferas? Por que o sopro da morte foi dirigido contra ele pelos inimigos dos deuses? Por que os sacerdotes dos Daityas praticaram cerimônias para a destruição dele? Por que as mil ilusões de Samvara foram exercidas sobre ele? E para qual propósito foi administrado veneno mortal a ele pelos criados do rei, mas que foi inócuo como alimento para seu filho sagaz? Tudo isso eu estou ansioso para ouvir: a história do magnânimo Prahlada; uma lenda de grandes maravilhas. Não que seja uma surpresa que ele tenha ficado livre de perigo com relação aos Daityas; pois quem pode prejudicar o homem que coloca todo o seu coração em Vishnu? Mas é estranho que tal ódio inveterado tenha sido demonstrado, pela própria família dele, por alguém tão virtuoso, tão incansavelmente ocupado em adorar Vishnu. Você pode me explicar por que razão que os filhos de Diti mostraram violência em direção a alguém tão piedoso, tão ilustre, tão afeiçoado a Vishnu, tão livre de malícia? Inimigos generosos não travam guerra com alguém como ele era, cheio de santidade e toda excelência; como o próprio pai dele se comportou assim com ele? Conte-me então, Muni mais ilustre, toda a história em detalhes. Eu desejo ouvir a narrativa inteira a respeito do soberano da raça Daitya. ◄

CAPÍTULO 17

Lenda de Prahlada. Hiranyakasipu o soberano do universo; os deuses dispersados, ou em servidão a ele; Prahlada, filho dele, permanece devotado a Vishnu; questionado por seu pai, ele louva Vishnu; Hiranyakasipu ordena que ele seja executado, mas em vão; sua repetida libertação; ele ensina seus companheiros a adorarem Vishnu.

Parasara: 'Ouça, Maitreya, à história do sábio e magnânimo Prahlada, cujas aventuras são sempre interessantes e instrutivas. Hiranyakasipu, o filho de Diti, tinha trazido os três mundos antigamente sob sua autoridade, confiando em uma bênção concedida a ele por Brahma[1]. Ele tinha usurpado a soberania de Indra, e exercido ele mesmo as funções do sol, do ar, do senhor das águas, do fogo, e da lua. Ele mesmo era o deus das riquezas; ele era o juiz dos mortos; e ele se apropriava, sem reserva, de tudo o que era oferecido em sacrifício aos deuses. As divindades então, fugindo de seus assentos no céu, vagaram, por medo do Daitya, sobre a terra, disfarçados em formas mortais. Tendo conquistado os três mundos, ele estava inchado com orgulho, e, louvado pelos Gandharbas, desfrutava de tudo o que ele desejava. Os Gandharbas, os Siddhas, e os deuses-cobra todos se encarregavam de servir o poderoso Hiranyakasipu, quando ele se sentava em banquete. Os Siddhas encantados permaneciam diante dele, alguns tocando instrumentos musicais, alguns cantando canções em louvor dele, e outros gritando brados de vitória; enquanto as ninfas do céu dançavam graciosamente no palácio de cristal, onde o Asura bebia com prazer o cálice inebriante.

O filho ilustre do rei Daitya, Prahlada, sendo ainda um menino, residia na habitação de seu preceptor, onde ele lia os escritos que são estudados nos primeiros anos. Em uma ocasião ele chegou, acompanhado por seu professor, na corte de seu pai, e curvou-se diante dos pés dele enquanto ele estava bebendo. Hiranyakasipu desejou que seu filho prostrado se erguesse, e disse a ele, "Repita, menino, em substância, e agradavelmente, o que durante o período de seus estudos você adquiriu." "Ouça, pai", Prahlada respondeu, o que em obediência aos seus comandos eu repetirei, a substância de tudo o que eu aprendi. Ouça atentamente o que ocupa totalmente meus pensamentos. Eu aprendi a adorar a ele que é sem início, meio, ou fim, aumento ou diminuição; o senhor imperecível do mundo, a causa das causas universal". Ao ouvir essas palavras, o soberano dos Daityas, seus olhos vermelhos de ira, e lábio inchado de indignação, virou para o preceptor de seu filho, e disse, "Brâmane vil, o que é esse elogio absurdo de meu inimigo que, em desrespeito a mim, você ensinou este menino a proferir?" "Rei dos Daityas", respondeu o Guru, "não é digno de você ceder à cólera. Isso que seu filho proferiu não foi ensinado a ele por mim." "Por quem então", disse Hiranyakasipu ao rapaz, "por quem essa lição, menino, foi ensinada a você? Seu professor nega que isso proceda dele." "Vishnu, pai", Prahlada respondeu, "é o instrutor do mundo inteiro. O que mais alguém deveria ensinar ou aprender, exceto ele o espírito supremo?" "Estúpido", exclamou o rei "quem é esse Vishnu, cujo nome você repete tão impertinentemente diante de mim, que sou o soberano dos três mundos?" "A glória de Vishnu", Prahlada respondeu, "é para ser meditada pelo devoto; ela não pode ser descrita. Ele é o senhor supremo, que é todas as coisas e de quem todas as coisas procedem." A isso o rei retorquiu, "Você deseja a morte, tolo, que você dá o título de senhor supremo a alguém enquanto eu permaneço

[1] A bênção, de acordo com o Vayu Purana, era que ele não poderia ser morto por nenhum ser criado. O Kurma acrescenta, exceto por Vishnu. O Bhagavata tem um benefício semelhante como o Vayu, e então, diz o comentador, Vishnu assumiu a forma do Nrisimha, como sendo aquela nem um homem nem um animal.

vivo?" "Vishnu, que é Brahma" disse Prahlada, "é o criador e protetor, não de mim somente, mas de todos os seres humanos, e até mesmo, pai, de você. Ele é o senhor supremo de todos. Por que você deveria, pai, estar ofendido?" Hiranyakasipu exclamou então, "Que espírito mau entrou no peito desse menino tolo, que dessa maneira, como alguém possuído, ele profere tal blasfêmia?" "Não em meu coração apenas", disse Prahlada, "Vishnu entrou, mas ele penetra todas as regiões do universo, e por sua onipresença influencia a conduta de todos os seres, minha, pai, e tua[2]." "Fora com o patife!" gritou o rei;" o levem para a mansão do preceptor dele. Por quem ele poderia ter sido instigado a repetir os louvores mentirosos de meu inimigo?"

De acordo com as ordens de seu pai, Prahlada foi conduzido pelos Daityas de volta para a casa de seu Guru; onde, assíduo em assistência ao seu preceptor, ele melhorou constantemente em sabedoria. Depois que um tempo considerável tinha decorrido, o soberano dos Asuras o chamou novamente; e na chegada dele em sua presença, desejou que ele recitasse alguma composição poética. Prahlada começou imediatamente, "Possa ele de quem matéria e alma se originam, de quem tudo o que se move ou é inconsciente provém, ele que é a causa de toda essa criação, Vishnu, ser favorável para nós!" Ao ouvir isso Hiranyakasipu exclamou, "Matem o patife! Ele não é digno de viver, que é um traidor para seus amigos, um tição ardente para sua própria raça!" E seus criados, obedientes às suas ordens, pegaram suas armas, e avançaram em massa em Prahlada, para destruí-lo. O príncipe olhou-os calmamente e disse, "Daityas, tão verdadeiramente quanto Vishnu está presente em suas armas e em meu corpo, igualmente essas armas realmente falharão em me ferir." E consequentemente, embora golpeado pesadamente e repetidamente por centenas dos Daityas, o príncipe não sentiu a menor dor, e sua força estava sempre renovada. Seu pai então se esforçou para persuadi-lo a se abster de glorificar seu inimigo, e lhe prometeu imunidade se ele não fosse tão tolo a ponto de perseverar, mas Prahlada respondeu que ele não sentia nenhum medo contanto que seu guardião imortal contra todos os perigos estivesse presente em sua mente, cuja lembrança somente era suficiente para dissipar todos os perigos consequentes de nascimento ou fraquezas humanas.

Hiranyakasipu, muito irritado, mandou as serpentes caírem sobre seu filho desobediente e insano, e o morderem até a morte com suas presas envenenadas. E, nisso, as grandes serpentes Kuhaka, Takshaka, e Andhaka, carregadas com veneno fatal, morderam o príncipe em todas as partes de seu corpo; mas ele, com pensamentos imovelmente fixados em Krishna, não sentiu nenhuma dor de seus ferimentos, estando imerso em lembranças arrebatadoras daquela divindade. Então as cobras gritaram para o rei, e disseram, "Nossas presas estão quebradas; nossas cristas adornadas com jóias estão rompidas; há febre em nossos capelos, e medo em nossos corações; mas a pele do jovem ainda está incólume. Recorra, monarca dos Daityas, a algum outro meio." "Ó! Elefantes dos céus!" Exclamou o demônio; "unam suas presas, e destruam esse desertor de seu pai, e conspirador com meus inimigos. É assim que frequentemente nossa progênie é nossa destruição, como fogo consome a madeira da qual ele surge." O príncipe jovem foi então atacado pelos elefantes dos céus, tão vastos quanto cumes de montanhas; derrubado no chão, e pisoteado, e espetado pelas presas deles. Mas ele continuou a se lembrar de Govinda, e as presas dos elefantes foram cegadas contra o peito dele. "Veja", ele disse ao seu pai, "as presas dos elefantes, tão duras quanto diamante, estão sem corte; mas isso não é por

---

[2] Os Puranas ensinam doutrinas incompatíveis constantemente. De acordo com essa passagem, o Ser Supremo não é só a causa inerte da criação, mas exerce as funções de uma Providência ativa. O comentador cita um texto do Veda em defesa dessa visão: 'A alma universal entrando em homens, governa sua conduta.' Porém, incongruências são tão frequentes nos Vedas quanto nos Puranas; mas aparentemente as partes mais antigas do ritual hindu reconheciam um governante ativo no Criador do universo; a noção de divindade abstrata se originando com as escolas de filosofia.

qualquer força minha. Recorrer a Janarddana é minha defesa contra tal aflição terrível."

Então o rei disse aos seus criados, "Dispensem os elefantes, e que o fogo o destrua; e tu, divindade dos ventos, assopre o fogo; que este patife perverso possa ser consumido." E os Danavas amontoaram uma pilha imensa de madeira ao redor do príncipe, e acenderam um fogo, para queimá-lo, como tinha mandado seu mestre. Mas Prahlada gritou, "Pai, este fogo, embora soprado pelos ventos, não me queima; e por toda parte eu vejo a face dos céus, fresca e fragrante, com leitos de flores de loto."

Então os brâmanes que eram os filhos de Bhargava, sacerdotes ilustres, e declamadores do Sama-Veda, disseram ao rei dos Daityas, "Majestade, contenha sua ira contra seu próprio filho. Como a raiva conseguiria encontrar um lugar nas mansões celestiais? Quanto a esse rapaz, nós seremos os instrutores dele, e o ensinaremos obedientemente a labutar para a destruição de seus inimigos. Juventude é a época, rei, de muitos erros, e você não deve portanto ficar ofendido implacavelmente com uma criança. Se ele não nos escutar e abandonar a causa de Hari, nós adotaremos medidas infalíveis para provocar a morte dele." O rei dos Daityas, assim solicitado pelos sacerdotes, mandou que o príncipe fosse libertado do meio das chamas.

Novamente estabelecido na residência de seu preceptor, o próprio Prahlada dava lições para os filhos dos demônios, nos intervalos de seu lazer. "Filhos da prole de Diti", ele estava acostumado a dizer para eles, "ouçam de mim a verdade suprema; nada mais é digno de ser considerado; nada mais aqui é um objeto a ser desejado. Nascimento, infância, e juventude são a sina de todas as criaturas; e então sucede decadência gradual e inevitável, terminando com todos os seres, filhos dos Daityas, na morte. Isso é manifestadamente visível para todos; para vocês como é para mim. Que os mortos nascem novamente, e que não pode ser de outra maneira, os textos sagrados são garantia. Mas produção não pode existir sem uma causa material; e enquanto concepção e parturição forem as causas materiais de nascimento repetido, estejam seguros, a dor será inseparável de todo período de existência. O simplório, em sua inexperiência, fantasia que o alívio da fome, sede, frio, e semelhantes é prazer; mas de verdade é dor; pois sofrimento dá prazer para aqueles cuja visão está obscurecida pela ilusão, como fadiga seria prazer para membros que são incapazes de movimento[3]. Este corpo vil é uma combinação de muco e outros líquidos orgânicos. Onde estão sua beleza, graça, fragrância, ou outras qualidades estimáveis? O tolo que é afeiçoado a um corpo composto de carne, sangue, matéria, excremento, urina, membrana, medula, e ossos, estaria apaixonado pelo inferno. A agradabilidade do fogo é causada pelo frio; da água, pela sede; do alimento, pela fome; por outras circunstâncias seus contrários são igualmente agradáveis[4]. O filho do Daitya que toma para si mesmo uma esposa só introduz muita miséria em seu peito; pois tantas quantas são as afeições nutridas por uma criatura viva, tantos são os espinhos de ansiedade implantados em seu coração; e aquele que tem posses grandes em sua casa é assombrado, onde quer que ele vá, com a apreensão que eles podem ser perdidos ou podem ser queimados ou roubados. Assim há grande dor em nascer. Para

[3] Esse é aparentemente o sentido da oração, e é aquilo que o comentário confirma em parte. Literalmente ela é: 'Um golpe é o prazer daqueles cujos olhos estão obscurecidos pela ignorância, cujos membros, excessivamente amortecidos, desejam prazer através de exercício.' Porém, o comentador divide a oração, e a lê: 'Como fadiga seria como prazer para membros paralisados; e um golpe é prazer para aqueles que estão cegos pela ilusão; isto é, por amor; pois para eles um tapa, ou até um chute, de um amante seria um favor.' Isso não é improvavelmente uma alusão a algum passatempo venerável como cabra-cega. Essa interpretação, entretanto, deixa a construção da primeira metade da oração imperfeita, a menos que o nominativo e o verbo se apliquem a ambas as partes.

[4] Eles estão tão longe de serem fontes de prazer em si mesmos, que, sob diferentes contrastes, eles se tornam fontes de dor. Calor é agradável em tempo frio, frio é agradável em tempo quente; calor seria então desagradável. Bebida é agradável para um homem sedento, sede é agradável para alguém que bebeu muito; e mais bebida seria dolorosa. Assim com relação a alimento, e outros contrastes.

o homem que morre há as torturas do juiz dos mortos, e de passar novamente para o útero. Se você conclui que há pouco prazer no estado de embrião, você tem que admitir então que o mundo é composto de dor. Realmente eu digo para vocês, que neste oceano do mundo, este mar de muitas tristezas, Vishnu é sua única esperança. Se vocês disserem, vocês não conhecem nada disso; 'nós somos crianças; espírito encarnado em corpos é eterno; nascimento, juventude, decadência, são as propriedades do corpo, não da alma[5].' Mas é desse modo que nós enganamos a nós mesmos. ‘Eu ainda sou uma criança; mas é meu propósito me esforçar quando eu for um jovem. Eu ainda sou um jovem; mas quando eu ficar velho eu farei o que é necessário para o bem da minha alma. Eu agora estou velho, e todos os meus deveres devem ser cumpridos. Como, agora que minhas faculdades me falham, eu farei o que foi deixado inacabado quando minha força estava intacta?' Dessa maneira os homens, enquanto suas mentes estão distraídas pelos prazeres sensuais, sempre propõem, e nunca atingem beatitude final: eles morrem sedentos[6]. Dedicados na infância a brincar, e na juventude ao prazer, ignorantes e impotentes eles descobrem que a velhice os encontrou. Portanto mesmo na infância que a alma encarnada adquira sabedoria discriminadora, e, independente das condições de infância, mocidade, ou velhice, se esforcem incessantemente para serem livres. Isso, então, é o que eu declaro para vocês; e já que vocês sabem que isso não é falso, por consideração por mim, lembrem-se de Vishnu, o libertador de toda escravidão. Que dificuldade há em pensar nele, que, quando lembrado, concede prosperidade; e por chamar a quem de volta à memória, dia e noite, todo pecado é purificado? Que todos os seus pensamentos e afeições sejam fixados nele, que está presente em todos os seres, e você rirão de toda preocupação. O mundo inteiro está sofrendo sob uma aflição tripla[7]. Que homem sábio sentiria ódio por seres que são objetos de compaixão? Se a fortuna for propícia para eles, e eu não posso participar de prazeres semelhantes, contudo por que eu deveria nutrir malignidade em direção àqueles que são mais prósperos que eu? Eu devo antes simpatizar com a felicidade deles; pois a supressão de sentimentos malignos é em si mesma uma recompensa[8]. Se os seres são hostis, e se entregam ao ódio, eles são objetos de piedade para os sábios, como cercados por ilusão profunda. Essas são as razões para reprimir o ódio, as quais são adaptadas às capacidades daqueles que vêem a divindade distinta de suas criaturas. Ouçam, brevemente, o que influencia aqueles que chegaram à verdade. Este mundo inteiro é apenas uma manifestação de Vishnu, que é idêntico a todas as coisas; e é portanto para ser considerado pelos sábios como não diferindo de, mas como o mesmo que, eles mesmos. Vamos então colocar de lado as emoções iradas de nossa raça, e nos esforçarmos para que nós obtenhamos aquela felicidade perfeita, pura, e eterna, que estará além do poder dos elementos ou suas divindades, do fogo, do sol, da lua, do vento, de Indra, do regente do mar; que não será molestada por espíritos do ar ou terra; por Yakshas, Daityas, ou seus chefes; pelos deuses-serpente ou semideuses monstruosos de Swarga; que não será interrompida por homens ou animais, ou pelas fraquezas da natureza humana; por enfermidade e doença

---

[5] 'Conhecimento divino é o campo somente daqueles que podem separar alma de corpo; isto é, que vivem independentes de fraquezas e emoções corpóreas. Nós não superamos vicissitudes corpóreas, e não temos nenhuma preocupação então com tais investigações abstrusas.' Essa é a explicação do comentador da passagem.

[6] Aludindo, diz o comentador, à fábula de um lavadeiro que, enquanto lavando suas roupas no Ganges, tencionava beber de suas águas diariamente, mas esqueceu seu propósito em sua ocupação; ou de um menino, que propôs o mesmo enquanto ele procurava peixe após peixe, e nunca realizou sua intenção, sendo absorvido por seu passatempo: ambos morreram sem beber.

[7] Os três tipos de aflição da filosofia Sankhya: interna, como angústia corporal ou mental; externa, como danos por causa de homens, animais, etc.; e sobre-humana, ou castigo por deuses ou demônios. Veja S. Karika, v. 1.

[8] A construção do texto é elíptica e breve, mas o sentido é suficientemente claro. A ordem do último pada é transposta assim pelo comentador: 'De onde (de sentir prazer) o abandono da inimizade é realmente a consequência.'

corpórea[9], ou ódio, inveja, malícia, paixão, ou desejo; a qual nada molestará, e que cada um que fixa todo o seu coração em Kesava desfrutará. Realmente eu digo para vocês, que vocês não terão nenhuma satisfação em várias revoluções por este mundo traiçoeiro, mas que vocês obterão placidez para sempre por propiciarem Vishnu, cuja adoração é calma perfeita. O que aqui é de obtenção difícil, quando ele está satisfeito? Riqueza, prazer, virtude, são coisas de pouca importância. Precioso é o fruto que você colherá, esteja certo, do estoque inesgotável da árvore da verdadeira sabedoria." ◄

[9] O original, de modo muito pouco poético, especifica algumas dessas, ou febre, oftalmia, disenteria, baço, fígado, etc. O todo desses defeitos são os próprios das três espécies de dor aludidas antes.

CAPÍTULO 18

As tentativas reiteradas de Hiranyakasipu para destruir seu filho; elas sendo sempre frustradas.

Os Danavas, observando a conduta de Prahlada, informaram isso ao rei, para que eles não incorressem no desgosto dele. Ele chamou seus cozinheiros, e disse a eles, "Meu filho vil e sem caráter está agora ensinando para outros suas doutrinas ímpias: sejam rápidos, e acabem com ele. Que veneno mortal seja misturado com todos os seus alimentos, sem o conhecimento dele. Não hesitem, mas destruam o canalha sem demora." Portanto eles fizeram desse modo, e deram veneno ao virtuoso Prahlada, como o pai dele os tinha ordenado. Prahlada, repetindo o nome do imperecível, comeu e digeriu o alimento no qual o veneno mortal tinha sido aplicado, e não sofreu nenhum dano disto, em corpo ou mente, pois ele tinha sido tornado inócuo pelo nome do eterno. Vendo o veneno forte digerido, aqueles que tinham preparado a comida ficaram cheios de desânimo, e foram depressa até o rei, e caíram diante dele, e disseram, "Rei dos Daityas, o veneno terrível dado por nós ao seu filho foi digerido por ele junto com seu alimento, como se fosse inofensivo." Hiranyakasipu, ao ouvir isso, exclamou, "Apressem-se, apressem-se, sacerdotes ministrantes da raça Daitya! Executem imediatamente os ritos que efetuarão a destruição dele!" Então os sacerdotes foram até Prahlada, e, tendo repetido os hinos do Sama-Veda, disseram a ele, enquanto ele escutava respeitosamente, "Tu nasceste, príncipe, na família de Brahma, célebre nos três mundos, o filho de Hiranyakasipu, o rei dos Daityas. Por que tu deverias reconhecer dependência dos deuses? Por que do eterno? Teu pai é o esteio de todos os mundos, como tu mesmo, por tua vez, serás. Desista, então, de celebrar os louvores de um inimigo; e lembre, que de todos os preceptores veneráveis, um pai é o mais venerável." Prahlada respondeu a eles, "Brâmanes ilustres, é verdade que a família de Marichi é renomada nos três mundos; isso não pode ser negado. E eu também admito, o que é igualmente incontestável, que meu pai é poderoso sobre o universo. Não há erro, nem o mínimo, no que vocês disseram, 'que um pai é o mais venerável de todos os professores santos.' Ele é um instrutor venerável, sem dúvida, e deve ser sempre reverenciado sinceramente. A todas essas coisas eu não tenho nada a contestar; elas encontram uma aceitação pronta em minha mente. Mas quando vocês dizem, 'Por que eu devo depender do eterno?' quem pode dar aceitação a isso como correto? As palavras são desprovidas de significado." Tendo dito isso, ele ficou calado um tempo, sendo contido por respeito às funções sagradas deles; mas ele não pôde reprimir seus sorrisos, e disse novamente, "Que necessidade há do eterno? Excelente! Qual a necessidade do eterno? Admirável! Muito digno de vocês que são meu preceptores veneráveis! Ouçam qual necessidade há do eterno, se ouvir não lhes causar dor. É dito que o objetivo quádruplo dos homens é virtude, desejo, riqueza, emancipação final. Ele que é a fonte de todos esses é inútil? Virtude foi derivada do eterno por Daksha, Marichi, e outros patriarcas; riqueza foi obtida dele por outros; e por outros, o gozo dos seus desejos; enquanto aqueles que, através de sabedoria verdadeira e contemplação santa, vieram a conhecer a essência dele, foram libertados de sua escravidão, e obtiveram liberdade de existência para sempre. A glorificação de Hari, atingível por unidade, é a base de todas as riquezas, dignidade, renome, sabedoria, progênie, retidão, e liberação. Virtude, riqueza, desejo, e até liberdade final, brâmanes, são resultados concedidos por ele. Como pode ser dito então, 'Que necessidade há do eterno?' Mas basta disso. Que motivo há para dizer mais? Vocês são meus preceptores veneráveis, e, vocês falem bem ou mal, não é para o meu julgamento fraco decidir." Os sacerdotes disseram a ele, "Nós o preservamos, menino, quando você estava prestes a ser consumido pelo fogo, confiando que você não mais louvaria os inimigos de seu pai. Nós não sabíamos quão ininteligente você era. Mas se você não vai desistir dessa obsessão a nosso conselho, nós vamos executar os ritos

que destruirão você inevitavelmente." A essa ameaça, Prahlada respondeu, "Que criatura viva mata, ou é morta? Qual criatura viva preserva, ou é preservada? Cada um é seu próprio destruidor ou preservador, conforme ele segue mal ou bem[1]."

Ao ouvirem isso do jovem, os sacerdotes do soberano de Daitya ficaram enraivecidos, e imediatamente recorreram a encantamentos mágicos, pelos quais uma forma feminina, engrinaldada com chama ígnea, foi gerada. Ela era de aspecto terrível, e a terra era queimada sob o passo dela, quando ela se aproximou de Prahlada, e o golpeou com um tridente ígneo no peito. Em vão! Pois a arma caiu, quebrada em cem pedaços, no chão. Contra o peito no qual o imperecível Hari reside o raio seria despedaçado, muito mais tal arma seria partida em pedaços. O ser mágico, então dirigido contra o príncipe virtuoso pelos sacerdotes perversos, se virou para eles, e, tendo-os destruído depressa, desapareceu. Mas Prahlada, vendo-os perecer, apelou rapidamente para Krishna, o eterno, em busca de auxílio, e disse, "Ó Janarddana! Que estás em toda parte, o criador e substância do mundo, proteja estes brâmanes desse fogo mágico e insuportável. Como tu és Vishnu, presente em todas as criaturas, e o protetor do mundo, assim, que esses sacerdotes sejam devolvidos à vida. Se, enquanto devotado ao onipresente Vishnu, eu não tenho nenhum ressentimento pecaminoso contra meus inimigos, que esses sacerdotes sejam devolvidos à vida. Se aqueles que vieram me matar, aqueles por quem veneno foi dado a mim, o fogo que teria me queimado, os elefantes que teriam me esmagado, e cobras que teriam me picado, foram considerados por mim como amigos; se eu tenho sido inabalável em alma, e sou sem falha em tua visão; então, eu imploro a ti, que esses, os sacerdotes dos Asuras, sejam restabelecidos agora à vida." Ele tendo rogado dessa maneira, os brâmanes se levantaram imediatamente, incólumes e alegres; e, curvando-se respeitosamente a Prahlada, eles o abençoaram, e disseram, "Príncipe excelente, que teus dias sejam muitos; tua bravura seja irresistível; e poder e riqueza e posteridade sejam teus." Tendo falado assim, eles se retiraram, e foram e disseram ao rei dos Daityas tudo o que tinha se passado. ◄

[1] Essa não é a doutrina da impassibilidade da alma, ensinada nos Vedas: 'Nós não reconhecemos a doutrina que supõe que o assassino mata, ou o morto é assassinado; esta (existência espiritual) nem mata nem é morta.' O mesmo é inculcado detalhadamente, e com grande beleza, no Bhagavat Gita: 'Armas não a ferem; fogo não a consome; água não pode submergi-la; nem ela seca diante dos ventos;' ou, como traduzido por Schlegel, 'Non ilium penetrant tela; non ilium comburit flamma; neque illum perfundunt aquae; nec ventus exsiccat.' Pág. 17. Nova edição. Mas na passagem do nosso texto, tudo o que os hindus entendem de Destino, é referido. Morte ou imunidade, prosperidade ou adversidade, são nesta vida as consequências inevitáveis do comportamento em uma existência anterior. Nenhum homem pode sofrer uma penalidade que seus vícios em um estado de existência precedente não tenham atraído sobre si, nem ele pode evitá-la se eles tiverem.

CAPÍTULO 19

Diálogo entre Prahlada e seu pai; ele é lançado do topo do palácio, ileso; frustra os encantamentos de Samvara; ele é lançado acorrentado no mar; ele louva Vishnu.

Quando Hiranyakasipu soube que os encantamentos poderosos dos seus sacerdotes tinham sido derrotados, ele chamou seu filho, e exigiu dele o segredo de seu poder extraordinário. "Prahlada", ele disse, "tu és possuidor de poderes incríveis; de onde eles são derivados? Eles são o resultado de ritos mágicos? Ou eles têm te acompanhado desde o nascimento?" Prahlada, assim interrogado, reverenciou os pés de seu pai, e respondeu, "Qualquer poder que eu possua, pai, não é nem o resultado de ritos mágicos, nem é inseparável da minha natureza; ele não é mais que aquele que é possuído por todos em cujos corações Achyuta reside. Aquele que não pensa em fazer mal a outros, mas os considera como ele mesmo, é livre dos efeitos do pecado, já que a causa não existe; mas aquele que inflige dor a outros, em ato, pensamento, ou fala, semeia a semente do nascimento futuro, e o fruto que o espera depois do nascimento é dor. Eu não desejo mal a ninguém, e não faço nem falo nenhuma ofensa; porque eu vejo Kesava em todos os seres, como em minha própria alma. De onde sofrimento corpóreo ou mental ou dor, infligida por elementos ou pelos deuses, poderiam afetar a mim, cujo coração é purificado completamente por ele? Ame, então, pois todas as criaturas serão apreciadas assiduamente por todos aqueles que são sábios no conhecimento que Hari é todas as coisas."

Quando ele tinha falado desse modo, o monarca Daitya, sua face escurecida pela fúria, mandou seus criados lançarem seu filho do topo do palácio onde ele estava, e que tinha muitos Yojanas de altura, para baixo sobre os topos das montanhas, onde seu corpo seria quebrado em pedaços contra as pedras. Consequentemente os Daityas lançaram o menino para baixo, e ele caiu apreciando Hari em seu coração, e a Terra, a protetora de todas as criaturas, o recebeu suavemente em seu colo, assim totalmente devotado a Kesava, o protetor do mundo.

Vendo-o incólume pela queda, e com todos os ossos ilesos, Hiranyakasipu se dirigiu a Samvara, o mais poderoso dos encantadores, e disse a ele, "Este menino perverso não foi destruído por nós. Você, que é potente nas artes de ilusão, invente algum plano para a destruição dele." Samvara respondeu, "Eu o destruirei; você verá, rei dos Daityas, o poder de ilusão, os mil e miríades de artifícios que ele pode empregar." Então o ignorante Asura Samvara usou ardis sutis para a exterminação de Prahlada de mente firme. Mas ele, com um coração tranquilo, e sem malícia em direção a Samvara, dirigiu seus pensamentos ininterruptamente ao destruidor de Madhu; por quem o disco excelente, o flamejante Sudarsana, foi despachado para defender o jovem; e os mil artifícios de Samvara de má sorte foram todos anulados por aquele defensor do príncipe. O rei dos Daityas então mandou o vento destruidor soprar sua rajada forte destruidora sobre seu filho. E, assim comandado, o vento penetrou imediatamente no corpo dele, frio, cortante, secante, e insuportável. Sabendo que o vento tinha entrado em seu corpo, o menino Daitya dedicou todo o seu coração ao poderoso sustentador da terra; e Janarddana, situado no coração dele, ficou furioso, e absorveu o vento terrível, que tinha dessa maneira se apressado para sua própria aniquilação.

Quando os esquemas de Samvara foram todos frustrados, e o vento destruidor tinha perecido, o príncipe prudente se dirigiu para a residência de seu preceptor. Seu professor o instruía diariamente na ciência de método de governo, como essencial para a administração de governo, e inventada por Usanas para o benefício dos reis; e quando ele pensou que o príncipe modesto estava bem ensinado nos princípios da

ciência, ele falou para o rei que Prahlada estava totalmente familiarizado com as regras de governo como declaradas pelo descendente de Bhrigu. Hiranyakasipu então chamou o príncipe à presença dele, e desejou que ele repetisse o que ele tinha aprendido; como um rei devia se comportar para com amigos ou inimigos; quais medidas ele devia adotar nos três períodos (de progresso, retrocesso, ou estagnação); como ele devia tratar seus conselheiros, seus ministros, seus oficiais do governo e de sua casa, seus emissários, seus súditos, aqueles de submissão duvidosa, e seus inimigos; com quem ele devia contrair aliança; com quem se envolver em guerra; que tipo de fortaleza ele devia construir; como tribos de floresta e montanha deviam ser subjugadas; como queixas internas deviam ser erradicadas; tudo isso, e o que mais ele tinha estudado, o jovem foi mandado explicar por seu pai. A isto, Prahlada, tendo se curvado afetuosamente e com reverência aos pés do rei, tocou sua testa, e respondeu dessa maneira:

"É verdade que eu fui instruído em todos esses assuntos por meu preceptor venerável, e eu os aprendi, mas eu não posso aprová-los em absoluto. É dito que conciliação, presentes, punição, e semear dissensão são os meios de assegurar amigos (ou superar inimigos)[1]; mas eu, pai - não fique zangado - não conheço amigos nem inimigos; e onde nenhum objetivo é para ser realizado, os meios de efetuá-lo são supérfluos. Foi inútil falar de amigo ou inimigo em Govinda que é a alma suprema, o senhor do mundo, consistindo no mundo, e que é idêntico a todos os seres. O divino Vishnu está em ti, pai, em mim, e em todo lugar mais; e por isso como eu posso falar de amigo ou inimigo, como distintos de mim mesmo? É portanto desperdício de tempo cultivar tais ciências tediosas e improdutivas, que são apenas conhecimento falso, e todas as nossas energias deveriam ser dedicadas à aquisição de verdadeira sabedoria. A noção que ignorância é conhecimento surge, pai, da ignorância. A criança, rei dos Asuras, não imagina que o vaga-lume é uma faísca de fogo? É dever efetivo, aquele que não é para nossa escravidão; é conhecimento, aquele que é para nossa libertação: todo outro dever só é bom para cansaço; todo outro conhecimento é só a inteligência de um artista. Sabendo disso, eu considero toda aquisição semelhante como inútil. Aquilo que é realmente lucrativo me ouça, ó monarca poderoso, assim prostrado diante de ti, proclamar. Aquele que não se importa com domínio, aquele que não se importa com riqueza, obterá ambos seguramente em uma vida futura. Todos os homens, príncipe ilustre, estão labutando para serem grandes; mas os destinos dos homens, e não seus próprios esforços, são a causa de grandeza. Reinos são os presentes do destino, e são dados ao estúpido, ao ignorante, ao covarde, e àqueles para quem a ciência de governo é desconhecida. Portanto que aquele que deseja os bens da fortuna seja assíduo na prática de virtude. Que aquele que espera pela libertação final aprenda a olhar para todas as coisas como iguais e as mesmas. Deuses, homens, animais, pássaros, répteis, todos são apenas formas de um Vishnu eterno, existindo como se fossem separados dele. Por aquele que sabe disso, todo o mundo existente, fixo ou móvel, é para ser considerado como idêntico a ele mesmo, como procedendo igualmente de Vishnu, assumindo uma forma universal. Quando isso é conhecido, o deus glorioso de tudo, que é sem início ou fim, é satisfeito; e quando ele está satisfeito, há o fim da aflição."

Ao ouvir isso, Hiranyakasipu levantou-se de seu trono em fúria, e chutou seu filho no peito com seu pé. Queimando de raiva, ele torceu as mãos dele, e exclamou, "Ó Viprachitti! Ó Rahu! Ó Bali[2]! Amarrem-no com laços fortes[3], e o atirem no oceano,

---

[1] Esses são os quatro Upayas, 'meios de sucesso', especificados no Amara-kosha.

[2] Daityas famosos. Viprachitti é um dos principais Danavas, ou filhos de Danu, e nomeado rei entre eles por Brahma. Rahu era o filho de Sinhika, mais conhecido como o cabeça de dragão, ou nodo ascendente, sendo um agente principal em eclipses. Bali era soberano dos três mundos na época da encarnação anã, e depois o monarca de Patala.

ou todas as regiões, os Daityas e Danavas, se tornarão convertidos às doutrinas desse patife tolo. Repetidamente proibido por nós, ele ainda persiste em louvar nossos inimigos. Morte é a recompensa justa do desobediente." Os Daityas, portanto, amarraram o príncipe com laços fortes, como seu senhor tinha mandado, e o jogaram no mar. Enquanto ele flutuava nas águas, o oceano foi convulsionado ao longo de toda a sua extensão, e ergueu-se em ondulações imensas, ameaçando submergir a terra. Quando Hiranyakasipu observou isso, ele mandou os Daityas lançarem pedras no mar, e as empilharem firmemente umas sobre as outras, enterrando sob sua massa pesada aquele a quem o fogo não queimou, nem armas perfuraram, nem serpentes morderam; que o vento forte pestilencial não pôde destruir, nem veneno nem espíritos mágicos nem encantamentos destruíram; que caiu ileso das alturas mais elevadas; que frustrou os elefantes das esferas: um filho de coração depravado, cuja vida era uma maldição perpétua. "Aqui", ele gritou, "já que ele não pode morrer, que ele viva aqui por milhares de anos no fundo do oceano, soterrado por montanhas." Consequentemente os Daityas e Danavas lançaram em Prahlada, enquanto no grande oceano, rochas pesadas, e as empilharam em cima dele por muitas milhares de milhas. Mas ele, ainda com mente imperturbada, oferecia louvor a Vishnu diariamente, jazendo no fundo do mar, sob a montanha empilhada, dessa maneira. "Glória a ti, deus de olhos de loto! Glória a ti, a mais excelente das coisas espirituais! Glória a ti, alma de todos os mundos! Glória a ti, manejador do disco afiado! Glória ao melhor dos brâmanes; ao amigo dos brâmanes e das vacas; a Krishna, o preservador do mundo! A Govinda haja glória. A ele que, como Brahma, cria o universo; que em sua existência é seu preservador; haja louvor. A ti, que ao término do Kalpa tomas a forma de Rudra; a ti, que de és triforme; haja adoração. Tu, Achyuta, és os deuses, Yakshas, demônios, santos, serpentes, coristas e dançarinos do céu, duendes, espíritos maus, homens, animais, pássaros, insetos, répteis, plantas, e pedras, terra, água, fogo, céu, vento, som, toque, gosto, cor, sabor, mente, intelecto, alma, tempo, e as qualidades da natureza. Tu és todos esses, e o objeto principal deles todos. Tu és conhecimento e ignorância, verdade e falsidade, veneno e ambrosia. Tu és a realização e descontinuação de atos[4]. Tu és os atos que os Vedas ordenam. Tu és o desfrutador do resultado de todos os atos, e os meios pelos quais eles são realizados. Tu, Vishnu, que és a alma de todos, és o fruto de todos os atos de piedade. Tua difusão universal, indicando poder e bondade, está em mim, em outros, em todas as criaturas, em todos os mundos. Ascetas santos meditam em ti; sacerdotes piedosos sacrificam a ti. Somente tu, idêntico aos deuses e aos pais da humanidade, recebes oferendas e oblações queimadas[5]. O universo é tua forma intelectual[6]; de onde procedeu tua forma sutil, este mundo. Por isso tu és todos os elementos sutis e os seres elementares, e o princípio sutil, que é chamado de alma, dentro deles. Consequentemente a alma suprema de todos os objetos, distinguida como sutil ou grosseira, que é imperceptível, e que não pode ser concebida, é igualmente uma forma de ti. Glória a ti, Purushottama; e glória àquela forma imperecível que, alma de tudo, é outra manifestação[7] do teu poder, o refúgio de todas as qualidades, existindo em todas as criaturas. Eu saúdo a ela, a deusa suprema, que está além dos sentidos, a quem a mente, a língua, não podem definir; que pode ser distinguida somente pela sabedoria dos verdadeiramente sábios. Om! Saudação a Vasudeva; a ele que é o senhor eterno; ele de quem nada é distinto; ele que é distinto de tudo. Glória ao grande espírito, de

---

[3] Com Naga pasas, 'laços-cobra;' tortuosos e enroscando-se em volta dos membros como serpentes.

[4] Atos de devoção - sacrifícios, oblações, observância de regras de purificação, atos de caridade e semelhantes - contrários ao culto ascético e contemplativo, que dispensa o ritual.

[5] Havya e Kavya, oblações de ghee ou manteiga oleada; a primeira oferecida aos deuses, a última aos Pitris.

[6] Mahat, o primeiro produto da natureza, intelecto.

[7] A passagem precedente era endereçada ao Purusha, ou natureza espiritual, do ser supremo. Essa é endereçada à essência material dele, sua outra energia, isto é, a Pradhana.

novo e de novo; a ele que é sem nome ou forma; que é para ser conhecido unicamente por adoração; que, nas formas manifestadas em suas descidas na terra, os moradores do céu adoram; porque eles não vêem a natureza inescrutável dele. Eu glorifico a divindade suprema Vishnu, a testemunha universal, que, situada internamente, vê o bem e mal de todos. Glória àquele Vishnu de quem este mundo não é distinto. Que ele, para ser sempre meditado como o início do universo, tenha compaixão por mim. Que ele, o sustentador de todos, em quem tudo é urdido e tecido[8], sem decadência, imperecível, tenha compaixão por mim. Glória, repetidas vezes, àquele ser para quem tudo retorna, de quem tudo procede; que é tudo, e em quem todas as coisas estão; a ele o qual eu também sou; porque ele está em todo lugar; e por meio de quem todas as coisas existem de mim. Eu sou todas as coisas; todas as coisas estão em mim, que sou eterno. Eu sou imperecível, sempre permanente, o receptáculo do espírito do supremo. Brahma é meu nome; a alma suprema, que existe antes de todas as coisas, que existe depois do fim de tudo.” ◄

[8] Ou antes, tecido como a urdidura e trama; यत्रोतमेतत्प्रोतं च विश्वमक्षरमव्ययम् । - ओत significando 'tecido pelos fios longos', e प्रोत 'pelos fios cruzados.'

CAPÍTULO 20

Vishnu aparece para Prahlada. Hiranyakasipu cede, e é reconciliado com seu filho; ele é executado por Vishnu como o Nrisimha. Prahlada se torna rei dos Daityas; sua posteridade; resultados de ouvir a história dele.

Meditando assim em Vishnu, como idêntico ao seu próprio espírito, Prahlada tornou-se como um com ele, e finalmente considerou-se como a divindade. Ele esqueceu completamente sua própria individualidade, e estava consciente de nada mais do que ele ser a alma inesgotável, eterna, suprema; e por causa da eficácia dessa convicção de identidade, o imperecível Vishnu, cuja essência é sabedoria, tornou-se presente no coração dele, que foi purificado completamente do pecado. Assim que, pela força de sua contemplação, Prahlada tinha se tornado uno com Vishnu, os laços com os quais ele estava amarrado se romperam em pedaços imediatamente; o oceano foi erguido violentamente; e os monstros das profundezas ficaram alarmados; a terra com todas as suas florestas e montanhas tremeu; e o príncipe, pondo de lado as pedras que os demônios tinham empilhado sobre ele, saiu do mar. Quando ele viu o mundo exterior novamente, e contemplou terra e céu, ele se lembrou de quem ele era, e se reconheceu como Prahlada; e novamente ele louvou Purushottama, que é sem início ou fim; sua mente estando continuamente e invariavelmente dirigida ao objeto de suas orações, e sua fala, pensamentos, e atos estando firmemente sob controle. "Om! Glória ao fim de todos. A ti, senhor, que és sutil e substancial; mutável e imutável; perceptível e imperceptível; divisível e indivisível; indefinível e definível; o condicionado a atributos, e sem atributos; residindo em qualidades, embora elas não residam em ti; morfo e amorfo; minúsculo e vasto; visível e invisível; horribilidade e beleza; ignorância e sabedoria; causa e efeito; existência e inexistência; abrangendo tudo o que é bom e mau; essência de elementos perecíveis e imperecíveis; refúgio de rudimentos pouco desenvolvidos. Ó tu que és um e muitos, Vasudeva, primeira causa de tudo; glória a ti. Ó tu que és grande e pequeno, manifesto e escondido; que és todos os seres, e não és todos os seres; e de quem, embora distinto da causa universal, procede o universo. A ti, Purushottama, haja toda a glória."

Enquanto com mente concentrada em Vishnu, ele pronunciava seus louvores dessa maneira, a divindade, vestida em mantos amarelos, apareceu de repente diante dele. Assustado à visão, com fala vacilante Prahlada pronunciou saudações repetidas a Vishnu, e disse, "Ó tu que removes toda aflição mundana, Kesava, seja propício para mim; santifique-me novamente, Achyuta, por tua visão." A divindade respondeu, "Eu estou satisfeito com a dedicação fiel que tu tens mostrado por mim. Peça de mim, Prahlada, tudo o que tu desejares." Prahlada respondeu, "Em todos os mil nascimentos pelos quais eu possa ser condenado a passar, que a minha fé em ti, Achyuta, nunca conheça decadência. Que paixão, tão fixa quanto aquela que mentes mundanas sentem por prazeres sensuais, sempre inspire meu coração, sempre dedicada a ti." Bhagavan respondeu, "Tu já tens devoção por mim, e sempre a terás. Agora escolha algum benefício, qualquer que seja teu desejo." Prahlada disse então, "Eu tenho sido odiado, porque eu proclamei teu louvor assiduamente. Ó senhor, perdoe meu pai por esse pecado que ele cometeu. Armas foram lançadas contra mim; eu fui lançado nas chamas; eu fui mordido por cobras venenosas; e veneno foi misturado com minha comida; eu fui amarrado e lançado no mar; e rochas pesadas foram amontoadas sobre mim. Mas tudo isso, e qualquer outro mal que tenha sido forjado contra mim; qualquer maldade foi feita a mim, porque eu pus minha fé em ti; tudo, por tua clemência, foi sofrido por mim incólume. E, portanto, livre meu pai dessa iniquidade." A essa solicitação Vishnu respondeu, "Tudo isso se realizará para ti, por meu favor. Mas eu te dou outro benefício: peça-o, filho do Asura." Prahlada respondeu e disse, "Todos os meus desejos, ó senhor, foram realizados pela bênção que tu

concedeste, que minha fé em ti nunca conhecerá decadência. Riqueza, virtude, amor, são como nada; pois libertação está ao alcance daquele cuja fé é firme em ti, base do mundo universal." Vishnu disse, "Já que teu coração está cheio inalteravelmente de confiança em mim, tu irás, por minha bênção, obter liberdade de existência." Dizendo isso, Vishnu desapareceu da visão dele; e Prahlada se dirigiu ao seu pai, e se curvou diante dele. Seu pai o beijou na testa[1], e o abraçou, e derramou lágrimas, e disse, "Tu vives, meu filho?" E o grande Asura se arrependeu de sua crueldade passada, e o tratou com bondade. E Prahlada, cumprindo seus deveres como qualquer outro jovem, continuou diligente no serviço de seu preceptor e seu pai. Depois que seu pai foi executado por Vishnu na forma do homem-leão[2], Prahlada se tornou o soberano dos Daityas; e possuindo os esplendores de realeza consequentes de sua devoção, exerceu domínio extenso, e foi abençoado com uma progênie numerosa. Ao término de uma autoridade que era a recompensa de seus atos meritórios, ele foi livrado das consequências de mérito ou demérito moral, e obteve, por meditação na divindade, isenção final de existência.

Assim, Maitreya, era o Daitya Prahlada, o adorador sábio e fiel de Vishnu, sobre quem você desejava ouvir; e tal era seu poder milagroso. Quem escuta a história de Prahlada é purificado imediatamente de seus pecados. As iniquidades que ele comete, de noite ou de dia, serão expiadas por ouvir uma vez, ou ler uma vez, a história de Prahlada. A leitura atenta dessa narrativa no dia da lua cheia, da lua nova, ou no oitavo ou décimo segundo dia da lunação[3], produzirá resultado igual à doação de uma vaca[4]. Como Vishnu protegeu Prahlada em todas as calamidades às quais ele estava exposto, assim a divindade protege aquele que ouve constantemente essa história[5]. ◄

---

1 Literalmente, 'tendo cheirado a testa dele.' Eu tive oportunidade em outro lugar para observar essa prática: Teatro hindu, II. 45.

2 Aqui há outro exemplo daquela referência breve a lendas populares e anteriores, que é frequente neste Purana. O Avatara homem-leão é citado em vários dos Puranas, mas eu encontrei a história em detalhes só no Bhagavata. É dito lá que Hiranyakasipu pergunta para seu filho por que, se Vishnu está em todo lugar, ele não é visível em um pilar no salão onde eles estavam reunidos. Ele então se ergue, e golpeia a coluna com seu punho; no que Vishnu, em uma forma que não é totalmente um leão nem um homem, sai dela, e um combate se segue, que termina com Hiranyakasipu sendo rasgado em pedaços. Até mesmo esse relato, entretanto, não é em todos os detalhes igual à versão popular da história.

3 Os dias de lua cheia e nova são sagrados para todas as seitas de hindus. O oitavo e décimo segundo dias do meio mês lunar eram considerados santos pelos Vaishnavas, como parece a partir do texto. O oitavo mantém seu caráter em um grande grau pelo oitavo de Bhadra ser o aniversário de Krishna; mas o décimo primeiro, em trabalhos Vaishnava mais recentes, como o Brahma Vaivartta Purana, tomou o lugar do décimo segundo, e é até mais sagrado que o oitavo.

4 Ou qualquer doação solene; a de uma vaca é considerada especialmente sagrada; mas ela implica acompanhamentos de um caráter mais caro, ornamentos e ouro.

5 A lenda de Prahlada é inserida em detalhes no Bhagavata e Naradiya Puranas, e no Uttara Khanda do Padma. Ela é mencionada mais brevemente no Vayu, Linga, Kurma, etc., no Moksha Dharma do Mahabharata, e no Hari Vansa.

CAPÍTULO 21

Famílias dos Daityas. Descendentes de Kasyapa com Danu. Filhos de Kasyapa com as outras esposas dele. Nascimento dos Marutas, os filhos de Diti.

Os filhos de Samhrada (o filho de Hiranyakasipu), eram Ayushman, Sivi, e Vashkala[1]. Prahlada teve um filho chamado Virochana; cujo filho era Bali, que teve cem filhos, dos quais Bana era o primogênito[2].

Hiranyaksha também teve muitos filhos, todos os quais eram Daityas de grande coragem: Jharjhara, Sakuni, Bhutasantapana, Mahanabha, o valoroso Taraka de braços fortes. Esses eram os filhos de Diti[3].

Os Filhos de Kasyapa com Danu eram Dwimurddha, Sankara, Ayomukha, Sankusiras, Kapila, Samvara, Ekachakra, e outro Taraka poderoso, Swarbhanu, Vrishaparvan, Puloman, e o poderoso Viprachitti; esses eram os renomados Danavas, ou filhos de Danu[4].

Swarbhanu teve uma filha chamada Prabha[5]; e Sarmishtha[6] era a filha de Vrishaparvan, como eram Upadanavi e Hayasira[7].

Vaiswanara[8] teve duas filhas, Puloma e Kalika, que foram ambas casadas com Kasyapa, e tiveram com ele sessenta mil Danavas ilustres, chamados Paulomas e Kalakanjas[9], que eram poderosos, ferozes, e cruéis.

Os filhos de Viprachitti com Simhika (a irmã de Hiranyakasipu) eram Vyansa, Salya o forte, Nabha o poderoso, Vatapi, Namuchi, Ilwala, Khasrima, Anjaka, Naraka, e Kalanabha, o bravo Swarbhanu, e o poderoso Vaktrayodhi[10]. Esses eram os Danavas mais eminentes[11], por quem a linhagem de Danu foi multiplicada às centenas e milhares por gerações sucessivas.

---

[1] O Padma Purana diz que esses eram os filhos de Prahlada. O Bhagavata diz que eram cinco filhos, mas não dá os nomes. Ele também insere os filhos de Hlada, fazendo deles os demônios célebres Ilwala e Vatapi. O Vayu se refere a Hlada, outro Daitya, famoso em lendas purânicas, fazendo de seu filho, Nisunda; e os filhos dele, Sunda e Upasunda; o primeiro o pai de Maricha e Taraka; o último, de Muka.

[2] O Padma Purana e Vayu citam vários desses, mas eles não têm qualquer significação. O último dá os nomes de duas filhas, que são mais famosas, Putana e Sakuni.

[3] É dito no Padma Purana que os descendentes de Hiranyaksha se estenderam a setenta e sete crores, ou setecentos e setenta milhões. Algumas cópias, em vez de Taraka, leem Kalanabha.

[4] O Padma e Vayu Puranas fornecem uma lista de nomes muito mais longa, mas aqueles de maior importância são os mesmos como no texto, com os quais também o Bhagavata concorda em grande parte.

[5] O Bhagavata faz de Prabha a esposa de Namuchi; de acordo com o Vayu, ela é a mãe de Nahusha.

[6] Casada com Yayati, como será relatado.

[7] Pode-se entender que o texto sugere que as duas últimas eram as filhas de Vaiswanara; e o Bhagavata tem, "As quatro filhas adoráveis de Vaiswanara eram Upadanavi, Hayasiras, Puloma, e Kalaka." O Padma substitui Vajra e Sundari pelos dois primeiros nomes. O Vayu especifica só Puloma e Kalika como as filhas de Vaiswanara, como faz nosso texto. Upadanavi, de acordo com o Bhagavata, é a esposa de Hiranyaksha; e Hayasiras, de Kratu.

[8] Embora não especificado pelo texto como um dos Danavas, ele é incluído no catálogo do Vayu, e o comentador no Bhagavata o chama de filho de Danu.

[9] A palavra também é lida Kulakas e Kalakeyas. O Mahabharata tem Kalakanjas.

[10] O texto omite os dois mais célebres dos Saimhikeyas, ou filhos de Simhika, Rahu (veja a pág. 107, nota 8) e Ketu, que são especificados no Bhagavata e no Vayu; o primeiro como o filho primogênito. Dos outros filhos é dito pelo Vayu que eles foram todos mortos por Parasurama.

[11] Dois nomes de nota, achados no Vayu, são omitidos pelo Vishnu; o de Puloman, o pai de Sachi, a esposa de Indra, e mãe de Jayanta; e Maya, o pai de Vajrakama e Mahodari.

Na família do Daitya Prahlada, nasceram os Nivata Kavachas, cujos espíritos foram purificados por austeridade rígida[12].

Tamra (a esposa de Kasyapa) teve seis filhas ilustres, chamadas Suki, Syeni, Bhasi, Sugrivi, Suchi, e Gridhrika. Suki deu à luz papagaios, corujas, e corvos[13]; Syeni a falcões; Bhasi a milhafres; Gridhrika a urubus; Suchi a aves aquáticas; Sugrivi a cavalos, camelos, e asnos. Tal era a progênie de Tamra.

Vinata teve com Kasyapa dois filhos célebres, Garuda e Aruna. O primeiro, também chamado Suparna, era o rei das tribos emplumadas, e o inimigo impiedoso da raça de serpentes[14].

Os filhos de Surasa eram mil serpentes poderosas de muitas cabeças, viajando pelo céu[15].

A progênie de Kadru eram mil serpentes poderosas de muitas cabeças, de poder imensurável, sujeitas a Garuda; as principais entre as quais eram Sesha, Vasuki, Takshaka, Sankha, Sweta, Mahapadma, Kambala, Aswatara, Elapatra, Naga, Karkkota, Dhananjaya, e muitas outras serpentes ferozes e venenosas[16].

A família de Krodhavasa era todos os monstros de dentes afiados[17], na terra, entre as aves, ou nas águas, que eram devoradores de carne.

[18]Surabhi era a mãe de vacas e búfalos[19]; Ira, de árvores e plantas e arbustos rasteiros, e todo tipo de ervas; Khasa, dos Rakshasas e Yakshas[20]; Muni, das Apsarasas[21]; e Arishta, dos Gandharbas ilustres.

---

[12] O Bhagavata diz que os Paulomas foram mortos por Arjuna, que portanto, o comentador observa, eram os mesmos que os Nivata Kavachas. Mas o Mahabharata descreve a destruição dos Nivata Kavachas e dos Paulomas e Kalakeyas como as façanhas sucessivas de Arjuna. Vana Parva, cap. 168 a 172. A história é narrada em detalhes apenas no Mahabharata, que é por conseguinte anterior a todos os Puranas no qual a alusão ocorre. De acordo com aquele trabalho, os Nivata Kavachas eram Danavas, ao número de trinta milhões, residindo nas profundidades do mar; e os Paulomas e Kalakanjas eram os filhos de duas damas Daitya, Puloma e Kalaka, habitando Hiranyapura, a cidade dourada, flutuando no ar.

[13] Todas as cópias leem शुकी शुकानजनयदुलूकी प्रत्युलूककान् ।, que deveria ser, 'Suki deu à luz papagaios; e Uluki, os vários tipos de corujas'. Mas Uluki não é citada em nenhum lugar como uma das filhas de Tamra; e a leitura pode ser, 'Corujas e pássaros opostos a corujas', isto é, corvos. As autoridades geralmente concordam com nosso texto; mas o Vayu tem um relato um pouco diferente; ou, Suki, casada com Garuda, mãe de papagaios; Syeni, casada com Aruna, mãe de Sampati e Jatayu; Bhasi, a mãe de gaios, corujas, corvos, pavões, pombos, e aves aquáticas; Kraunchi, a mãe de maçaricos {aves pertencentes à família Scolopacidae}, garças, grous; e Dhritarashtri, a mãe de gansos, patos, cercetas {aves pertencentes à família das Anatídeas} e outras aves aquáticas. As três últimas também são chamadas de as esposas de Garuda.

[14] A maioria dos Puranas concorda nesse relato; mas o Bhagavata faz de Vinata a esposa de Tarksha, e nesse lugar substitui Sarama, a mãe dos animais selvagens. O Vayu soma as métricas dos Vedas como as filhas de Vinata; e o Padma dá a ela uma filha Saudamini.

[15] Os dragões da fábula moderna. Anayush ou Danayush é substituída por Surasa no Vayu, e em um dos relatos do Padma. O Bhagavata diz que Rakshasas eram a prole dela. O Matsya tem Surasa e Anayush, fazendo da primeira a mãe de todos os quadrúpedes, menos vacas; a última, a mãe de doenças.

[16] O Vayu cita quarenta; as mais notáveis entre as quais, além daquelas do texto, são Airavata, Dhritarashtra, Mahanila, Balahaka, Anjana, Pushpadanshtra, Durmukha, Kaliya, Pundarika, Kapila, Nahusha, e Mani.

[17] Por Danshtrina alguns entendem serpentes, alguns Rakshasas; mas pelo contexto animais carnívoros, pássaros, e peixes parecem indicados. O Vayu faz de Krodhavasa a mãe de doze filhas, Mrigi e outras, de quem todos os animais selvagens, cervos, elefantes, macacos, tigres, leões, cães, também peixes, répteis, e Bhutas e Pisachas, ou trasgos, nasceram.

[18] Uma cópia apenas insere uma meia estrofe aqui; "Krodha era a mãe dos Pisachas;" o que é uma interpolação aparentemente do Matsya ou Hari Vansa. O Padma Purana, segunda lenda, faz de Krodha a mãe dos Bhutas; e Pisacha, dos Pisachas.

Esses eram os filhos de Kasyapa, móveis ou estacionários, cujos descendentes se multiplicaram infinitamente por gerações sucessivas[22]. Essa criação, ó brâmane, aconteceu no segundo ou Swarochisha Manwantara. No atual ou Vaivaswata Manwantara, Brahma estando ocupado no grande sacrifício estabelecido por Varuna, a criação de progênie, como ela é chamada, ocorreu; porque ele gerou, como seus filhos, os sete Rishis, que foram antigamente gerados pela mente; e foi ele mesmo o avô dos Gandharbas, serpentes, Danavas, e deuses[23].

Diti, tendo perdido seus filhos, propiciou Kasyapa; e o melhor dos ascetas, que estando satisfeito com ela, lhe prometeu uma bênção; no que ela rogou por um filho de coragem e destreza irresistível, que deveria destruir Indra. O Muni excelente concedeu para sua esposa o grande presente que ela tinha solicitado, mas com uma condição: "Você terá um filho", ele disse, "que matará Indra, se com pensamentos totalmente piedosos, e corpo completamente puro, você carregar o bebê cuidadosamente em seu útero por cem anos." Tendo dito isso, Kasyapa partiu; e a dama concebeu, e durante a gestação observou assiduamente as regras de pureza mental e corporal. Quando o rei dos imortais soube que Diti levava um filho destinado à destruição dele, ele foi até ela, e encarregou-se de servi-la com a maior humildade,

---

[19] O Bhagavata diz, de animais com cascos divididos. O Vayu tem, dos onze Rudras, do touro de Shiva, e de duas filhas, Rohini e Gandharbi; da primeira das quais proveio gado cornudo; e da última, cavalos.

[20] De acordo com o Vayu, Khasa teve dois filhos, Yaksha e Rakshas, respectivamente os progenitores desses seres.

[21] O Padma, segunda série, faz Vach a mãe de Apsarasas e Gandharbas. O Vayu tem listas longas dos nomes de ambas as classes, como também de Vidyadharas e Kinnaras. As Apsarasas são distintas como de dois tipos, Laukika, 'mundanas', das quais trinta e quatro são especificadas; e Daivika, ou 'divinas', dez em número.O último fornece as pessoas mais frequentemente empenhas na interrupção das penitências de sábios santos, como Menaka, Sahajanya, Ghritachi, Pramlocha, Viswachi, e Purvachitti. Urvasi é de uma ordem diferente de ambos, sendo a filha de Narayana. Rambha, Tilotama, Misrakesi, são incluídas entre as ninfas Laukika. Também há quatorze Ganas, ou tropas, de Apsarasas, tendo designações peculiares, como Ahutas, Sobhayantis, Vegavatis, etc.

[22] O Kurma, Matsya, Brahma, Linga, Agni, Padma, e Vayu Puranas geralmente concordam com nosso texto na descrição das esposas e progênie de Kasyapa. O Vayu entra em mais detalhes, e contém catálogos muito longos dos nomes dos diferentes personagens descendentes do sábio. O Padma e Matsya e o Hari Vansa repetem a história, mas admitem várias variações, algumas das quais foram referidas nas notas precedentes.

[23] Nós temos uma variação considerável aqui no comentário, e pode ser duvidado se a alusão no texto é explicada com precisão por alguma das versões. Uma diz que 'Brahma, o avô dos Gandharbas, etc., designou os sete Rishis, que nasceram em um Manwantara anterior, para serem seus filhos, ou para serem os agentes intermediários na criação. Ele mesmo não criou outros seres, estando absorto pela cerimônia sacrificatória.' Em vez de "putratwe", 'no estado de filhos', a leitura às vezes é "pitratwe", 'no caráter de pais;' isto é, para todos os outros seres. Assim os deuses e o resto, que em um Manwantara anterior se originaram de Kasyapa, foram criados no período atual como a descendência dos sete Rishis. A outra explicação concorda com a precedente em atribuir o nascimento de todas as criaturas à ação intermediária dos sete Rishis, mas os chama de os filhos reais de Brahma, gerados no sacrifício de Varuna, no fogo sacrifical. A autoridade para a história não é dada, além de ela estar em outros Puranas, ela tem o ar de uma mistificação moderna. A última parte da passagem está inteiramente separada da antecedente, e continuada ao que segue; dessa forma: "Na guerra dos Gandharbas, serpentes, deuses, e demônios, Diti tendo perdido seus filhos", etc.; a palavra 'virodha' sendo compreendida, é dito: विरोध इति शेषे ।. Isso é defendido pela autoridade do Hari Vansa, onde a passagem ocorre palavra por palavra, menos na última meia estrofe que, em vez de गन्धर्वभोगिदेवानां दानवानां च सत्तम । acha-se ततो विरोधे देवानां दानवानां च भारत ।. As passagens paralelas são traduzidas assim por M. Langlois: 'Le Mouni Swarotchicha avoit cesse de regner quand cette creation eut lieu: c'etait sous l'empire du Menou Vevaswata le sacrifice de Varouna avait commece. La premiere creation fut celle de Brahma, quand il jugea qu'il etait temps de proceder a son sacrifice, et que, souverain aieul du monde, il forma lui-meme dans sa pensee et enfanta les sept Brahmarchis.' {"O Muni Swarotchicha deixou de reinar quando esta criação ocorreu: foi sob a influência do Manu Vaivaswata que o sacrifício de Varuna teve início. A primeira criação foi a de Brahma, quando ele pensou que era hora de proceder ao seu sacrifício, e que, progenitor soberano do mundo, ele treinou-se em seus pensamentos e deu à luz sete Brahmarchis."}

esperando por uma oportunidade para frustrar a intenção dela. Finalmente, no último ano do século, a oportunidade ocorreu. Diti se retirou uma noite para descansar sem executar a ablução prescrita dos pés dela, e adormeceu; no que aquele que faz trovejar dividiu com seu raio o embrião no útero dela em sete partes. A criança, assim mutilada, chorou amargamente; e Indra tentou consolá-la e silenciá-la repetidamente, mas em vão. No que o deus, estando enraivecido, dividiu novamente cada uma das sete partes em sete, e assim formou as divindades de movimento rápido chamadas Marutas (ventos). Eles derivaram esse nome das palavras com as quais Indra tinha se dirigido a eles (Ma rodih, 'Não chorem'); e eles se tornaram quarenta e nove divindades subordinadas, os associados do manejador do raio[24]. ◄

[24] Essa lenda se encontra em todos aqueles Puranas nos quais a história da família de Kasyapa é narrada.

CAPÍTULO 22

Domínio sobre diferentes províncias da criação designadas para diferentes seres. Universalidade de Vishnu. Quatro variedades de contemplação espiritual. Duas condições de espírito. Os atributos perceptíveis de Vishnu símbolos das propriedades imperceptíveis dele. Vishnu todas as coisas. Mérito de ouvir o primeiro livro do Vishnu Purana.

Quando Prithu foi instalado no governo da terra, o grande pai das esferas estabeleceu soberanias em outras partes da criação. Soma foi nomeado monarca das estrelas e planetas, de brâmanes e de plantas, de sacrifícios e de penitência. Vaisravana foi feito rei sobre reis; e Varuna, sobre as águas. Vishnu era o chefe dos Adityas; Pavaka, dos Vasus; Daksha, dos patriarcas; Vasava, dos ventos. Para Prahlada foi atribuído domínio sobre os Daityas e Danavas; e Yama, o rei da justiça, foi nomeado o monarca dos espíritos dos mortos (Pitris). Airavata foi feito o rei dos elefantes; Garuda, dos pássaros; Indra, dos deuses. Uchchaisravas era o chefe dos cavalos; Vrishabha, das vacas. Sesha tornou-se o rei-cobra; o leão, o monarca dos animais; e o soberano das árvores era a figueira sagrada[1]. Tendo assim fixado os limites de cada autoridade, o grande progenitor Brahma colocou regras para a proteção dos diferentes quadrantes do mundo. Ele fez de Sudhanwan, o filho do patriarca Viraja, o regente do leste; Sankhapada, o filho do patriarca Kardama, do sul; o imortal Ketumat, o filho de Rajas, regente do oeste; e Hiranyaroman, o filho do patriarca Parjanya, regente do norte[2]. Por esses a terra inteira, com seus sete continentes e suas cidades, é até hoje protegida vigilantemente, de acordo com seus vários limites.

Todos esses monarcas, e todos os outros que possam ser investidos com autoridade pelo poderoso Vishnu, como instrumentos para a preservação do mundo; todos os reis que existiram, e todos os que existirão; são todos, brâmane mais digno, apenas porções do universal Vishnu. Os governantes dos deuses, os governantes dos Daityas, os governantes dos Danavas, e os governantes de todos os espíritos malignos; os principais entre animais, entre pássaros, entre homens, entre serpentes; as melhores das árvores, das montanhas, dos planetas; aqueles que existem agora, ou aqueles que existirão futuramente, os mais nobres de sua espécie; são apenas porções do universal Vishnu. O poder de proteger coisas criadas, a preservação do mundo, não reside com outro além de Hari, o senhor de tudo. Ele é o criador, que cria o mundo; ele, o eterno, o preserva em sua existência; e ele, o destruidor, o destrói; envolvido respectivamente com os atributos de impureza, bondade, e escuridão. Por meio de uma manifestação quádrupla Janarddana opera em criação, preservação, e destruição. Em uma porção, como Brahma, o invisível assume uma forma visível; em outra porção ele, como Marichi e o resto, é o progenitor de todas as criaturas; a terceira porção dele é o tempo; a quarta é todos os seres. E dessa forma ele se torna quádruplo em criação, envolvido com a qualidade de paixão. Na preservação do mundo ele é, em uma porção, Vishnu; em outra porção ele é Manu e os outros patriarcas; ele é o tempo em uma terceira; e todos os seres em uma quarta porção. E assim, dotado com a propriedade de bondade, Purushottama preserva o mundo.

---

[1] Esses são enumerados similarmente no Vayu, Brahma, Padma, Bhagavata, etc., com algumas adições; como, Agni, rei dos Pitris; Vayu, dos Gandharbas; Sulapani (Shiva), dos Bhutas; Kuvera, das riquezas, e dos Yakshas; Vasuki, dos Nagas; Takshaka, das serpentes; Chitraratha, dos Gandharbas; Kamadeva, das Apsarasas; Viprachitti, dos Danavas; Rahu, dos meteoros; Parjanya, das nuvens; Samvatsara, das épocas e estações; Samudra, dos rios; Himavat, das montanhas, etc.

[2] Nós já tivemos oportunidade de mencionar a descendência desses Lokapalas, como especificada no Vayu Purana; e é evidente, embora o Vishnu não forneça uma série conectada de gerações, que ambos os relatos são derivados de uma fonte comum.

Quando ele assume a propriedade de escuridão, no fim de todas as coisas, a divindade não nascida se torna em uma porção Rudra; em outra, o fogo destruidor; em uma terceira, tempo; e em uma quarta, todos os seres. E assim, em uma forma quádrupla, ele é o destruidor do mundo. Essa, brâmane, é a condição quádrupla da divindade em todas as épocas.

Brahma, Daksha, tempo, e todas as criaturas são as quatro energias de Hari, que são as causas da criação. Vishnu, Manu e o resto, tempo, e todas as criaturas são as quatro energias de Vishnu, que são as causas da duração. Rudra, o fogo destruidor, tempo, e todas as criaturas são as quatro energias de Janarddana que são aplicadas para dissolução universal. No princípio e na duração do mundo, até o período de seu fim, criação é o trabalho de Brahma, dos patriarcas, e dos animais vivos. Brahma cria no início; então os patriarcas geram progênie; e então os animais multiplicam suas espécies incessantemente. Mas Brahma não é o agente ativo em criação, independente de tempo; nem os patriarcas, nem os animais vivos. Assim, nos períodos de criação e de dissolução, as quatro porções do deus dos deuses são igualmente essenciais. Tudo o que, ó brâmane, é gerado por algum ser vivo, o corpo de Hari é cooperativo no nascimento daquele ser; assim o que quer que destrua qualquer coisa existente, móvel ou estacionária, em qualquer momento, é a forma destrutiva de Janarddana como Rudra. Dessa maneira Janarddana é o criador, o preservador, e o destruidor do mundo inteiro - sendo triplo - nos vários períodos de criação, preservação, e destruição, de acordo com sua adoção das três qualidades. Mas sua maior glória[3] é separada de todas as qualidades; pois a essência quádrupla do espírito supremo é composta de verdadeira sabedoria, penetra todas as coisas, é só para ser apreciada por si mesma, e não admite similitude.

Maitreya: 'Mas, Muni, descreva detalhadamente para mim as quatro variedades da condição de Brahma, e o que é a condição suprema[4].

Parasara: 'Aquilo, Maitreya que é a causa de uma coisa é chamado de os meios de efetuá-la; e aquilo que é o desejo da alma realizar é a coisa a ser efetuada. As operações do Iogue que deseja libertação, como supressão da respiração e semelhantes, são seus meios. O fim é o Brahma supremo, de onde ele não volta mais para o mundo. Essencialmente conectado com, e dependente de, o meio empregado para emancipação pelo Iogue é conhecimento discriminador; e essa é a primeira variedade da condição de Brahma[5]. O segundo tipo é o conhecimento que deve ser adquirido pelo Iogue cujo objetivo é fuga do sofrimento, ou felicidade eterna. O terceiro tipo é a averiguação da identidade do fim e os meios, a rejeição da noção de dualidade. O último tipo é a remoção de quaisquer diferenças que possam ter sido concebidas pelas três primeiras variedades de conhecimento, e a consequente contemplação da verdadeira essência da alma. A condição suprema de Vishnu, que é una com sabedoria, é o conhecimento de verdade; que não requer nenhum exercício; que não é para ser ensinado; que é difundido internamente; que é inigualável; o objetivo do qual é auto-iluminação; que é simplesmente existente, e não é para ser definido; que é tranquilo, destemido, puro; que não é o tema de raciocínio; que não

---

[3] Vibhuti, dignidade ou poder sobre-humano ou divino.

[4] A pergunta, de acordo com o comentador, implica uma dúvida como o ser supremo, que é sem qualidades, pode estar sujeito à variedade específica, ou à existência em condições separadas e diferentes.

[5] De Brahmabhuta; dele que, ou aquilo que, se torna identificado com o espírito supremo, que é o mesmo respectivamente que sabedoria absoluta, Jnana, e sabedoria discriminadora, Vijnana; levando à felicidade, ou à condição de Brahma, expressa pelas palavras, Sat chit anandam, 'tranquilidade total da mente', ou 'prazer interno.' O mesmo também que a combinação de sabedoria e tranquilidade, que o devoto acredita existir em Adwaita, 'não-dualidade', ou unidade de deus e ele mesmo. E finalmente, o mesmo que o agregado desses três processos, ou a convicção que espírito é um, universal, e o mesmo.

precisa de nenhum suporte[6]. Aqueles Iogues que, pela aniquilação da ignorância, são dissolvidos nesse Brahma quádruplo, perdem a propriedade seminal, e já não podem germinar no campo arado da existência mundana. Essa é a condição suprema, que é chamada de Vishnu, perfeita, perpétua, universal, imperecível, inteira, e uniforme. E o Iogue que atinge esse espírito supremo (Brahma) não volta novamente para a vida; pois lá ele é libertado da distinção de virtude e vício, de sofrimento, e de mácula.

Há dois estados desse Brahma; um com, e um sem forma; um perecível, e um imperecível; que são inerentes em todos os seres. O imperecível é o ser supremo; o perecível é todo o mundo. A chama de fogo que queima em um lugar difunde luz e calor em volta; assim o mundo é nada além da energia manifestada do Brahma supremo. E visto que, Maitreya, a luz e calor são mais fortes ou mais fracos conforme nós estamos perto do fogo, ou longe dele, assim a energia do supremo é mais ou menos intensa nos seres que estão menos ou mais distantes dele. Brahma, Vishnu, e Shiva são as energias mais poderosas de deus; em seguida a eles estão as divindades inferiores, então os espíritos auxiliares, então homens, então animais, aves, insetos, vegetais; cada um se tornando mais fraco conforme eles estão mais distantes de sua fonte primitiva. Desse modo, brâmane ilustre, este mundo inteiro, embora em essência imperecível e eterno, aparece e desaparece, como se ele estivesse sujeito a nascimento e morte.

A condição suprema de Brahma, que é meditada pelos Iogues no começo de sua abstração, como investido com forma, é Vishnu, composto de todas as energias divinas, e a essência de Brahma, com quem a união mística que é buscada, e que é acompanhada por elementos apropriados, é efetuada[7] pelo devoto cuja mente inteira é dirigida àquele objetivo. Este Hari, que é a mais imediata de todas as energias de Brahma, é sua forma incorporada, composta totalmente de sua essência; e nele portanto o mundo inteiro está entretecido; e dele, e nele, está o universo; e ele, o senhor supremo de tudo, abrangendo tudo o que é perecível e imperecível, porta em si toda a existência material e espiritual, identificada em natureza com seus ornamentos e armas.

Maitreya: ‘Diga-me de que maneira Vishnu porta o mundo inteiro, permanecendo em sua natureza, caracterizado por ornamentos e armas.

Parasara: ‘Tendo oferecido saudação ao poderoso e indescritível Vishnu, eu repito a você o que foi narrado antigamente para mim por Vasishtha. O glorioso Hari usa a pura alma do mundo, imaculada, e sem qualidades, como a pedra preciosa Kaustubha. O princípio essencial das coisas (Pradhana) está situado no eterno, como a marca Srivatsa. Intelecto permanece em Madhava, na forma da maça dele. O senhor (Iswara) mantém egotismo (Ahankara) em sua divisão dupla, em elementos e órgãos de percepção, nos emblemas de sua concha e seu arco. Em sua mão Vishnu segura,

---

6 Os epítetos de Jnana, 'sabedoria', aqui empregados, são tirados da filosofia Yoga. 'Não requer exercício', Nirvyapara, é explicado, 'sem a prática de contemplação abstrata', etc. 'Não para ser ensinado', Anakhyeyam; 'não capaz de ser prescrito.' 'Interiormente difundido', Vyaptimatram, significa 'identificação mental de espírito individual com universal.' A frase traduzida 'o objetivo do qual é auto-iluminação', é explicada स्वप्रकाश. 'Simplesmente existente' é dito que significa 'sendo inalterado pelos acidentes de felicidade', etc.; consequentemente não é para ser definido. Assim o Yoga Pradipa explica Samadhi, ou contemplação, como a ocupação completa dos pensamentos pela idéia de Brahma, sem qualquer esforço da mente. É o abandono total das faculdades para uma noção que abarca tudo. 'Tranquilo', Prasantam, é, 'sendo livre de sentimento', etc. 'Destemido'; não temendo agitação ou perplexidade por idéias de dualidade. 'Puro;' imperturbado por objetos externos. 'Não o tema de raciocínio'; isto é, 'não pode ser averiguado por dedução lógica.' 'Não tem necessidade de suporte'; não se apoiando ou dependendo de objetos perceptíveis.

7 O grande Yoga é produzido. Este grande Yoga, ou união, deve ter sua relação ou dependência, que é Vishnu; e sua semente, ou ejaculações místicas; e ser acompanhado com Mantras e repetições silenciosas, ou Japa.

na forma do disco dele, a mente, cujos pensamentos (como a arma) voam mais rápido que os ventos. O colar da divindade Vaijayanti, composto de cinco pedras preciosas[8], é o agregado dos cinco rudimentos elementares. Janarddana leva, em suas numerosas setas, as faculdades de ação e de percepção. A espada brilhante de Achyuta é sabedoria sagrada, escondida em algumas épocas na bainha de ignorância. Dessa maneira alma, natureza, intelecto, egotismo, os elementos, os sentidos, mente, ignorância, e sabedoria, estão todos reunidos na pessoa de Hrishikesa. Hari, em uma forma ilusória, incorpora os elementos informes do mundo, como suas armas e seus ornamentos, para a salvação da humanidade[9]. Pundarikaksha, o senhor de tudo, assume natureza, com todos os seus produtos, alma e todo o mundo. Tudo o que é sabedoria, tudo o que é ignorância, tudo o que é, tudo o que não é, tudo o que é eterno, está centrado no destruidor de Madhu, o senhor de todas as criaturas. O supremo, eterno Hari é tempo, com suas divisões de segundos, minutos, dias, meses, estações, e anos. Ele é os sete mundos, a terra, o firmamento, céu, o mundo de patriarcas, de sábios, de santos, de verdade; cuja forma é todos os mundos; primogênito antes de todos os primogênitos; o sustentador de todos os seres, ele mesmo auto-suficiente; que existe em formas múltiplas, como deuses, homens, e animais; e é por isso o senhor soberano de todos, eterno; cuja forma é todas as coisas visíveis; que é sem forma ou aspecto; que é celebrado no Vedanta como o Rich, Yajush, Sama, e Atharva Vedas, história inspirada, e ciência sagrada. Os Vedas, e suas divisões; os institutos de Manu e outros legisladores; escrituras tradicionais, e manuais religiosos[10]; poemas, e tudo o que é dito ou cantado; são o corpo do poderoso Vishnu, assumindo a forma de som. Todos os tipos de substâncias, com ou sem forma, aqui ou em outra parte, são o corpo de Vishnu. Eu sou Hari. Tudo o que eu vejo é Janarddana; causa e efeito são de nenhum outro além dele. O homem que conhece essas verdades nunca sofrerá novamente as aflições da existência mundana.

Assim, brâmane, a primeira parte deste Purana foi revelada devidamente para você; escutar a qual expia todas as ofensas. O homem que ouve esse Purana obtém o resultado de se banhar no lago Pushkara[11] por doze anos, no mês de Kartika. Os deuses concedem àquele que ouve esse trabalho a dignidade de um sábio divino, de um patriarca, ou de um espírito do céu. ◄

---

8 Ou de pérola, rubi, esmeralda, safira, e diamante.

9 Nós temos no texto uma representação de um modo de Dhyana, ou contemplação, na qual tenta-se tornar mais definida a concepção de uma coisa por pensar em seus símbolos; ou na qual, pelo menos, os pensamentos são concentrados mais prontamente por serem dirigidos a um emblema perceptível, em vez de uma verdade abstrata. Assim o Iogue aqui diz para si mesmo, "Eu medito na jóia na testa de Vishnu, como a alma do mundo; na pedra preciosa em seu peito, como o primeiro princípio das coisas;" e assim por diante. E desse modo por meio de uma substância perceptível prossegue para uma idéia imperceptível.

10 É dito que Akhyanani denota os Puranas, e Anuvada o Kalpa, Sara, e trabalhos similares, contendo instruções para ritos suplementares.

11 O famoso lago Pokher em Ajmer.

LIVRO 2

CAPÍTULO 1

Descendentes de Priyavrata, o filho primogênito de Swayambhuva Manu; os dez filhos dele; três adotam uma vida religiosa; os outros se tornam reis das sete Dwipas, ou ilhas, da terra. Agnidhra, rei de Jambu-dwipa, a divide em nove partes, as quais ele distribui entre seus filhos. Nabhi, rei do sul, sucedido por Rishabha; e ele por Bharata; Índia leva o nome dele, Bharata; os descendentes dele reinam durante o Swayambhuva Manwantara.

Maitreya: 'Você narrou para mim, preceptor venerável, integralmente, tudo o que eu estava curioso para ouvir com respeito à criação do mundo; mas há uma parte do assunto que eu desejo que seja descrita novamente. Você declarou que Priyavrata e Uttanapada eram os filhos de Swayambhuva Manu, e você repetiu a história de Dhruva, o filho de Uttanapada. Você não fez menção dos descendentes de Priyavrata, e é um relato da família dele que eu peço que você comunique amavelmente para mim.

Parasara: 'Priyavrata se casou com Kamya, a filha do patriarca Kardama[1], e teve com ela duas filhas, Samrat e Kukshi, e dez filhos, sábios, corajosos, modestos, e obedientes, chamados Agnidhra, Agnibahu, Vapushmat, Dyutimat, Medha, Medhatithi, Bhavya, Savala, Putra, e o décimo era Jyotishmat[2], ilustres por natureza como por nome. Esses eram os filhos de Priyavrata, famosos por força e destreza. Desses, três, ou Medha, Putra, e Agnibahu, adotaram uma vida religiosa. Lembrando-se das ocorrências de uma existência anterior, eles não cobiçaram domínio, mas praticaram diligentemente os ritos de devoção no tempo devido, totalmente desinteressados, e não procurando nenhuma recompensa.

Priyavrata, tendo dividido a terra em sete continentes, os deu respectivamente para seus outros sete filhos[3]. Para Agnidhra ele deu Jambu-dwipa; para Medhatithi ele deu Plaksha-dwipa; ele instalou Vapushmat na soberania sobre a Dwipa de Salmali; e fez Jyotishmat rei de Kusa-dwipa; ele designou Dyutimat para governar sobre Krauncha-dwipa; Bhavya para reinar sobre Saka-dwipa; e Savala ele nomeou o monarca da Dwipa de Pushkara.

Agnidhra, o rei de Jambu-dwipa, teve nove filhos, iguais em esplendor aos patriarcas. Eles se chamavam Nabhi, Kimpurusha, Harivarsha, Ilavrita, Ramya,

---

[1] O texto lê Kanya; e o comentador tem, 'ele se casou com a filha de Kardama, cujo nome era Kanya.' As cópias concordam na leitura, e o Vayu tem o mesmo nome, Kanya; mas o Markandeya, que é o mesmo em outros aspectos como o nosso texto, tem Kamya. Kamya também é o nome em outra parte dado pelo Vayu à filha de Kardama (página 110, n. 6). Kamya, como foi citado, aparece no Brahma e Hari V. (página 93, n. 6) como a mãe de Priyavrata, mas erroneamente; e as mesmas autoridades especificam uma Kamya como a esposa daquele soberano. Assim o comentador no Hari V. declara, 'outra Kamya é mencionada (no texto), a filha de Kardama, a esposa de Priyavrata.' O nome Kanya é então provavelmente um erro dos copistas. O Bhagavata chama a esposa de Priyavrata, Varhishmati, de a filha de Viswakarman.

[2] Esses nomes quase concordam nas autoridades que especificam os descendentes de Priyavrata, menos no Bhagavata. Este tem uma série de nomes quase completamente diferentes, ou Agnidhra, Idhmajihwa, Yajnabahu, Mahavira, Hiranyaretas, Medhatithi, Ghritaprishtha, Savana, Vitihotra, e Kavi; com uma filha, Urjjaswati. Ele também chama os Manus Uttama, Tamasa, e Raivata de filhos de Priyavrata com outra esposa.

[3] De acordo com o Bhagavata, ele dirigiu sua carruagem sete vezes em volta da terra, e os sulcos deixados pelas rodas se tornaram os leitos dos oceanos, separando-a em sete Dwipas.

Hiranvat, Kuru, Bhadraswa, e Ketumala[4], que era um príncipe sempre ativo na prática de devoção.

Ouça em seguida, Maitreya, de que maneira Agnidhra dividiu Jambu-dwipa entre seus nove filhos. Ele deu a Nabhi o país chamado Hima, no sul do Himavat, ou montanhas nevadas. O país de Hemakuta que ele deu a Kimpurusha; e para Harivarsha, o país de Nishadha. A região no centro da qual o monte Meru está situado ele deu para Ilavrita; e para Ramya, os países localizados entre ele e a montanha Nila. Para Hiranvat seu pai deu o país localizado ao norte dele, chamado Sweta; e, no norte das montanhas Sweta, o país limitado pela faixa Sringavan ele deu a Kuru. Os países no leste de Meru ele deu para Bhadraswa; e Gandhamadana, que se encontra a oeste dele, ele deu a Ketumala[5]. Tendo instalado seus filhos soberanos nessas várias regiões, o rei piedoso Agnidhra retirou-se para uma vida de penitência no lugar santo de peregrinação, Salagrama[6].

Os oito Varshas, ou países, Kimpurusha e o resto, são lugares de alegria perfeita, onde felicidade é espontânea e ininterrupta. Neles não há vicissitude, nem o medo de decrepitude ou morte; não há distinção de virtude ou vício, nem diferença de grau como melhor ou pior, nem quaisquer dos efeitos produzidos nesta região pelas revoluções de eras.

Nabhi, que teve como sua parte o país de Himahwa, teve com sua rainha Meru o magnânimo Rishabha; e ele teve cem filhos, o mais velho dos quais era Bharata. Rishabha tendo reinado com equidade e sabedoria, e celebrado muitos ritos sacrificais, entregou a soberania da terra para o heróico Bharata, e, retirando-se para o eremitério de Pulastya, adotou a vida de um anacoreta, praticando penitência religiosa, e realizando todas as cerimônias prescritas, até que, emaciado por suas austeridades, de modo a ser apenas um ajuntamento de pele e fibras, ele pôs um seixo em sua boca, e nu seguiu o caminho de toda carne[7]. O país foi chamado de

---

4 Até mesmo o Bhagavata concorda com os outros Puranas nessa série dos netos de Priyavrata.

5 Dessas divisões, como também daquelas da terra, e das divisões menores dos Varshas, nós temos detalhes adicionais no capítulo seguinte.

6 Esse lugar de peregrinação não foi achado em outra parte. O termo normalmente é aplicado a uma pedra, uma amonite, que se supõe ser um símbolo de Vishnu, e da qual o culto é ordenado no Uttara Khanda do Padma Purana e no Brahma Vaivartta, autoridades de nenhum grande peso ou antiguidade. Como essas pedras são achadas principalmente no rio Gandak, o Salagrama Tirtha provavelmente era na fonte daquele rio, ou em sua confluência com o Ganges. Sua santidade, e aquela da pedra, são provavelmente de origem comparativamente moderna.

7 'A grande estrada', ou 'estrada de heróis.' O seixo tinha a finalidade de obrigar ao silêncio perpétuo, ou de impedir sua alimentação. O Bhagavata se refere à mesma circunstância. Aquela obra entra em muito mais detalhes sobre o assunto da devoção de Rishabha, e particulariza circunstâncias não achadas em qualquer outro Purana. As mais interessantes dessas são os cenários das vagueações de Rishabha, que é dito que são Konka, Venkata, Kutaka, e Karnataka do sul, ou a parte ocidental da Península; e a adoção da fé jaina pelo povo daqueles países. Assim é dito, "Um rei dos Konkas, Venkatas, e Kutakas, chamado Arhat, sabendo da tradição das práticas de Rishabha (ou de ele vagar quase nu, e desistindo de ritos religiosos), sendo enfeitiçado pela necessidade, sob a má influência da era Kali, ficará alarmado desnecessariamente, e abandonará seu próprio dever religioso, e entrará tolamente em um caminho injusto e herético. Corrompidos por ele, e desnorteados pela operação iníqua da era Kali, perturbados também pelas ilusões da divindade, homens pecaminosos, em grandes números, abandonarão os costumes e purificações do seu próprio ritual; cumprirão votos ofensivos e desrespeitosos para os deuses; desistirão de abluções, limpeza da boca, e purificações, e arrancarão o cabelo da cabeça; e insultarão o mundo, a divindade, sacrifícios, brâmanes, e os Vedas." Também é dito, que Sumati, o filho de Bharata, será adorado irreligiosamente por alguns infiéis, como uma divindade. Além do significado do termo Arhat, ou Jaina, Rishabha é o nome do primeiro, e Sumati do quinto Tirthakara, ou santo jaina da era atual. Não pode haver dúvida, portanto, que o Bhagavata se refere a essa seita; e como o sistema jaina não estava maduro até uma data comparativamente moderna, essa composição é determinada também ser recente. As alusões à extensão da fé jaina nas partes ocidentais da Península, podem servir para fixar o limite de sua provável antiguidade ao 11º ou 12º século, quando os jainas parecem ter estado vivendo em Guzerat e no Konkan. As. Res. XVII. 232.

Bharata desde o tempo em que ele foi cedido a Bharata por seu pai, ao se retirar para as florestas[8].

Bharata, tendo cumprido religiosamente os deveres de sua posição, entregou o reino ao seu filho Sumati, um príncipe muito virtuoso; e, se ocupando em práticas religiosas, abandonou sua vida no lugar sagrado, Salagrama. Ele posteriormente nasceu novamente como um brâmane, em uma família distinta de ascetas. Eu narrarei depois para você a história dele.

Do ilustre Sumati nasceu Indradyumna. Seu filho era Parameshthin. Seu filho era Pratihara, que teve um filho célebre, chamado Pratihartta. Seu filho era Bhava, que gerou Udgitha, que gerou Prastara; cujo filho era Prithu. O filho de Prithu era Nakta. Seu filho era Gaya; o filho dele era Nara; cujo filho era Virat. O bravo filho de Virat era Dhimat, que gerou Mahanta; cujo filho era Manasyu; cujo filho era Twashtri. O filho dele era Viraja. Seu filho era Raja. Seu filho era Satajit, que teve cem filhos, dos quais Viswagjyotish era o primogênito[9]. Sob esses príncipes, Bharata-varsha (Índia) foi dividida em nove partes (que serão especificadas depois); e os descendentes deles sucessivamente tiveram posse do país por setenta e um períodos do agregado das quatro eras (ou pelo reinado de um Manu).

Essa foi a criação de Swayambhuva Manu, pela qual a terra foi povoada, quando ele presidiu sobre o primeiro Manwantara, no Kalpa de Varaha[10]. ◄

---

8 Essa etimologia é dada em outros Puranas; mas o Matsya e Vayu têm uma diferente, derivando-a do Manu, chamado Bharata, ou o protetor, alguém que cria ou nutre progênie. O Vayu tem, em outro lugar, a explicação mais comum também: हिमाह्वं दक्षिणवर्षं तस्य (भरतस्य) नाम्ना विदुर्बुधाः।.

9 O Agni, Kurma, Markandeya, Linga, e Vayu Puranas concordam com o Vishnu nesses detalhes genealógicos. O Bhagavata tem algumas adições e variações de nomenclatura, mas não é essencialmente diferente. Ele termina, porém, com Satajit, e cita uma estrofe que parece fazer de Viraja o último dos descendentes de Priyavrata.

10 Os descendentes de Priyavrata eram os reis da terra no primeiro ou Swayambhuva Manwantara. Aqueles de Uttanapada, irmão dele, são colocados muito incongruamente no segundo ou Swarochisha Manwantara. Enquanto, com inconsistência ainda mais palpável, Daksha, um descendente de Uttanapada, dá a filha dele para Kasyapa no sétimo ou Vaivaswata Manwantara. Parece provável que as genealogias patriarcais sejam mais velhas que o sistema cronológico de Manwantaras e Kalpas, e tenham sido distribuídas bastante desajeitadamente entre os diferentes períodos.

CAPÍTULO 2

Descrição da terra. As sete Dwipas e sete mares. Jambu-dwipa. Monte Meru: sua extensão e limites. Extensão de Ilavrita. Bosques, lagos, e ramos de Meru. Cidades dos deuses. Rios. As formas de Vishnu adoradas em diferentes Varshas.

Maitreya: 'Você narrou para mim, brâmane, a criação de Swayambhuva; eu desejo agora ouvir de você uma descrição da terra. Quantos são seus oceanos e ilhas, seus reinos e suas montanhas, suas florestas e rios e as cidades dos deuses, suas dimensões, seu conteúdo, sua natureza, e sua forma.

Parasara: 'Você ouvirá de mim, Maitreya, uma breve descrição da terra. Um detalhamento completo eu não poderia dar a você em um século.

Os sete grandes continentes insulares são Jambu, Plaksha, Salmali, Kusa, Krauncha, Saka, e Pushkara; e eles são cercados respectivamente por sete grandes mares; o mar de água salgada (Lavana), de suco de cana de açúcar (Ikshu), de vinho (Sura), de manteiga clarificada (Sarpi), de coalhos (Dadhi), de leite (Dugdha), e de água fresca (Jala)[1].

Jambu-dwipa está no centro de todos esses. E no centro desse continente está a montanha dourada Meru. A altura de Meru é oitenta e quatro mil yojanas; e sua profundidade debaixo da superfície da terra é dezesseis mil. Seu diâmetro no topo é trinta e dois mil yojanas; e em sua base, dezesseis mil; de modo que essa montanha é como o cálice de semente do loto da terra[2].

As montanhas de fronteira (da terra) são Himavan, Hemakuta, e Nishadha, que se localizam ao sul de Meru; e Nila, Sweta, e Sringi, que estão situadas ao norte dela. As duas cordilheiras centrais (aquelas próximas a Meru, ou Nishadha e Nila) se estendem por cem mil (yojanas, direção leste e oeste). Cada uma das outras diminui

---

1 A geografia dos Puranas se acha na maioria desses trabalhos; e em todos as características principais, as sete Dwipas, sete mares, as divisões de Jambu-dwipa, a localização e extensão de Meru, e as subdivisões de Bharata, são as mesmas. O Agni e Brahma são palavra por palavra iguais ao nosso texto; e o Kurma, Linga, Matsya, Markandeya, e Vayu apresentam muitas passagens comuns a eles e ao Vishnu, ou a algum outro. O Vayu, como sempre, entra mais completamente em detalhes. O Bhagavata difere de todos em sua nomenclatura dos detalhes secundários, e é seguido pelo Padma. Os outros ou omitem o assunto, ou se referem a ele apenas brevemente. O Mahabharata, Bhishma Parva, tem uma descrição essencialmente igual, e muitas das estrofes são comuns a ele e diferentes Puranas. Ele não segue a mesma ordem, e tem algumas peculiaridades; uma das quais é chamar Jambu-dwipa de Sudarsana, tal sendo o nome da árvore-Jambu. Também é dito que ela consiste em duas partes, chamadas Pippala e Sasa, que são refletidas no orbe lunar, como em um espelho.

2 A forma de Meru, de acordo com essa descrição, é aquela de um cone invertido; e pela comparação com o cálice de semente sua forma deve ser circular. Mas parece haver alguma incerteza sobre esse assunto entre os purânicos. O Padma compara sua forma à flor campaniforme da Dhatura. O Vayu a representa como tendo quatro lados de cores diferentes; ou, branca no leste, amarela no sul, preta no oeste, e vermelha no norte; mas cita também várias opiniões sobre o contorno da montanha que, de acordo com Atri, tinha cem ângulos; com Bhrigu, mil; Savarni a chama de octangular; Bhaguri, quadrangular; e Varshayani diz que ela tem mil ângulos. Galava a faz em forma de pires; Garga, torcida, como cabelo trançado; e outros afirmam que ela é circular. O Linga faz sua face leste da cor do rubi; a do sul, aquela do loto; a do oeste, dourada; e a do norte, vermelha-coral. O Matsya tem as mesmas cores que o Vayu, e ambos contêm esta linha: 'De quatro cores, dourada, alta de quatro cantos.' Mas o Vayu compara seu topo, em um lugar, a um pires; e observa que sua circunferência deve ser três vezes seu diâmetro. O Matsya também, muito incompativelmente, diz que a medida é aquela de uma forma circular, mas é considerada quadrangular. De acordo com os budistas do Ceilão, é dito que Meru tem o mesmo diâmetro do começo ao fim. Aqueles do Nepal concebem que ela tem uma forma como um tambor. Uma tradução da descrição de Meru e suas montanhas circunvizinhas, contida no Brahmanda, que é a mesma exatamente que aquela no Vayu, se encontra nas As. Res. VIII. 343. Há algumas diferenças na versão do Cel. Wilford daquela que meu manuscrito confirmaria, mas elas não são em geral de muita importância. Algumas, sem dúvida, dependem de variações nas leituras das diferentes cópias, de outras, eu devo questionar a exatidão.

dez mil yojanas, conforme ela se encontra mais distante do centro. Elas têm dois mil yojanas de altura, e o mesmo de largura[3]. Os Varshas ou países entre essas cadeias de montanhas são Bharata (Índia), ao sul das montanhas Himavan; em seguida Kimpurusha, entre Himavan e Hemakuta; ao norte da última, e ao sul de Nishadha, é Hariversha; ao norte de Meru está Ramyaka, estendendo-se das montanhas Nila ou azuis às montanhas Sweta (ou brancas); Hiranmaya se encontra entre as cordilheiras Sweta e Sringi; e Uttarakuru está além da última, seguindo a mesma direção como Bharata[4]. Cada um desses tem nove mil Yojanas de extensão. Ilavrita é de dimensões semelhantes, mas no centro dele está a montanha dourada Meru, e o país se estende nove mil Yojanas em cada direção dos quatro lados da montanha[5]. Há quatro montanhas neste Varsha, formadas como contrafortes de Meru, cada uma com dez mil yojanas em elevação. Aquela no leste é chamada Mandara; aquela no sul, Gandhamadana; aquela no oeste, Vipula; e aquela no norte, Suparswa[6]. Em cada uma dessas se encontra respectivamente uma árvore Kadamba, uma árvore Jambu, uma Pipal [Figueira-dos-pagodes], e uma Vata[7]; cada uma se espalhando sobre onze centenas de yojanas, e se sobressaindo no alto como bandeiras nas montanhas. Da árvore Jambu o continente insular Jambu-dwipa deriva seu nome. As maçãs daquela árvore são tão grandes quanto elefantes. Quando elas estão podres, eles caem na crista da montanha, e do suco espremido delas é formado o rio Jambu, as águas do qual são bebidas pelos habitantes; e por beberem daquele rio, eles passam seus dias em contentamento e saúde, não estando sujeitos nem à transpiração, a odores repugnantes, à decrepitude, nem decadência orgânica. O solo nas margens do rio, absorvendo o suco Jambu, e sendo secado por brisas suaves, torna-se o ouro chamado Jambunada, do qual são fabricados os ornamentos dos Siddhas.

O país de Bhadraswa se encontra no leste de Meru, e Ketumala no oeste; e entre esses dois há a região de Ilavrita. No leste do mesmo está a floresta Chaitraratha; a floresta de Gandhamadana é no sul; a floresta de Vaibhraja é no oeste; e o bosque de Indra, ou Nandana, é no norte. Também há quatro grandes lagos, as águas dos quais são compartilhadas pelos deuses chamados Arunoda, Mahabhadra, Sitoda, e Manasa[8].

Os principais cumes de montanha que se projetam da base de Meru, como filamentos da raiz do loto, são, no leste, Sitanta, Mukunda, Kurari, Malyavan, e Vaikanka; no sul, Trikuta, Sisira, Patanga, Ruchaka, e Nishadha; no oeste, Sikhivasas, Vaidurya, Kapila, Gandhamadana, e Jarudhi; e no norte, Sankhakuta, Rishabha, Naga, Hansa, e Kalanjara. Esses e outros se estendem de entre os intervalos no corpo, ou do coração, de Meru[9].

---

3 Essa diminuição é a consequência necessária do raio reduzido do círculo de Jambu-dwipa, conforme as cadeias de montanhas retrocedem do centro.

4 É dito que esses, sendo os dois Varshas exteriores, levam a forma de um arco; isto é, eles são exteriormente convexos, sendo segmentos do círculo.

5 É dito que o diâmetro total de Jambu-dwipa é 100.000 yojanas. Isso é dividido assim de norte para sul: Ilavrita, no centro, se estende 9.000 em cada direção, fazendo 18.000. O próprio Meru; na base, tem 16.000. Os seis Varshas, por 9.000 cada um, são iguais a 54.000; e as seis cordilheiras, por 2.000 cada, são 12.000; e 18 + 16 + 54 + 12 = 100. De leste para oeste os Varshas são da extensão necessária para ocupar o espaço do círculo.

6 O Bhagavata e Padma chamam essas de Mandara, Merumandara, Suparswa, e Kumuda.

7 Nauclea Kadamba, Eugênia Jambu, Ficus religiosa, e Ficus Indica. O Bhagavata substitui uma mangueira em lugar da Pipal; colocando-a em Mandara, a Jambu em Merumandara, a Kadamba em Suparswa, e a Vata em Kumuda.

8 O Bhagavata substitui Sarvatobhadra pela floresta Gandhamadana; e chama os lagos, de lagos de leite, mel, melado, e água doce.

9 O Vayu dá esses nomes, e muitos mais; e descreve detalhadamente florestas, lagos, e cidades de deuses e semideuses sobre essas montanhas lendárias, ou nos vales entre eles. (As. Res. VIII. 354.)

No topo de Meru está a cidade vasta de Brahma, se estendendo por quatorze mil léguas, e renomada no céu; e em volta dela, nos pontos cardeais e quadrantes intermediários, estão situadas as cidades imponentes de Indra e dos outros regentes das esferas[10]. A capital de Brahma é circundada pelo rio Ganges que, brotando do pé de Vishnu, e banhando o orbe lunar, cai neste lugar dos céus[11], e, depois de cercar a cidade, se divide em quatro rios poderosos, fluindo em direções opostas. Estes rios são o Sita, o Alakananda, o Chakshu, e o Bhadra. O primeiro, caindo nos topos das montanhas inferiores, no lado leste de Meru, flui sobre os topos delas, e atravessa o país de Bhadraswa até o oceano. O Alakananda flui para o sul, para o país de Bharata, e, dividindo-se em sete rios no caminho, entra no mar. O Chakshu entra no mar, depois de atravessar todas as montanhas ocidentais, e passando pela região de Ketumala. E Bhadra banha o país dos Uttara kurus, e se esvazia no oceano do norte[12].

---

10 Os Lokapalas, ou oito divindades naquela posição: Indra, Yama, Varuna, Kuvera, Vivaswat, Soma, Agni, e Vayu. Outras cidades dos deuses são colocadas nos contrafortes, ou montanhas filamento, pelo Vayu; ou aquela de Brahma em Hemasringa, de Sankara em Kalanjara, de Garuda em Vaikanka, e de Kuvera em Kailasa. Himavat também é especificada pelo mesmo trabalho como a cena da penitência de Shiva, e casamento com Uma; de sua assunção da forma de um Kirata, ou monteiro; do nascimento de Kartikeya, na floresta Sara; e de sua divisão da montanha Krauncha com sua lança. Essa lenda última, tendo sido um pouco mal-entendida pelo Cel. Wilford, é feita o tema de uma das verificações fantasiosas dele. "Aqui, ele (o autor do Vayu) diz, na floresta de Sankha, nasceu Shadanana ou Kartikeya, Marte com seis faces. Aqui ele desejou ou tomou a decisão de ir para as montanhas de Crauncha, Alemanha, parte da Polônia, etc., descansar e se divertir depois de suas fadigas nas guerras dos deuses com os gigantes. Lá, nas margens das montanhas de Crauncha, ele arremessou sua espada; exatamente a mesma que Átila, no quinto século, afirmou que ele tinha achado debaixo de um torrão de terra. Ela foi colocada na tumba dele, onde provavelmente será encontrada." As. Res. VIII. 364. O texto do qual isso é em parte uma representação é

तत्र शरवणं नाम यत्र जातः षडाननः ।
यत्र चैव कृतोत्साहः क्रौञ्चशिखरं प्रति ॥
चित्रपुष्पनिकुञ्जस्य क्रौञ्चस्य च गिरेस्तटे ।
देवारिस्कन्दनः स्कन्दो यत्र शक्तिविमुक्तवान् ॥

. A lenda aqui citada é contada detalhadamente no Vamana Purana. Mahishasura, fugindo da batalha na qual Taraka tinha sido morto por Kartikeya, procurou refúgio em uma caverna na montanha Krauncha. Uma disputa surgindo entre Kartikeya e Indra, quanto à sua respectiva destreza, eles resolveram decidir a questão por circungirarem a montanha; a vitória seria dada àquele que a rodeasse primeiro. Discordando sobre o resultado, eles apelaram para a montanha que decidiu incorretamente em favor de Indra. Kartikeya, para punir sua injustiça, arremessou sua lança na montanha Krauncha, e perfurou ao mesmo tempo ela e o demônio Mahisha. Outra divisão de Krauncha é atribuída a Parasurama. Megha Duta, v. 59. Também é considerado às vezes que Krauncha é o nome de um Asura, morto por Kartikeya; mas isso é talvez algum mal-entendido da lenda purânica pelos gramáticos, surgindo dos sinônimos de Kartikeya, Kraunchari, Kraunchadarana, etc., significando o inimigo ou destruidor de Krauncha, ocorrendo no Amara, e outros Koshas.

11 O Bhagavata é mais circunstancial. O rio fluiu sobre o grande dedo do pé esquerdo de Vishnu, que tinha previamente, quando ele o tinha erguido, feito uma fissura na casca do ovo do mundo, e assim deu entrada para o rio divino. O Vayu meramente o traz do orbe lunar, e não toma conhecimento da intervenção de Vishnu. Em uma passagem diferente ele descreve a detenção de Ganga entre os cabelos longos de Shiva, para corrigir a arrogância dela, até que o deus foi movido pela penitência e preces do rei Bhagiratha a libertá-la. O Mahabharata representa Shiva carregando o rio por cem anos sobre sua cabeça, somente para impedir que ela caísse muito rapidamente sobre as montanhas.

12 Embora o Vayu tenha esse relato, ele subsequentemente insere outro, que também é aquele do Matsya e Padma. Nesse é dito que o Ganges, depois de escapar de Shiva, formou sete rios; o Nalini, Hladini, e Pavani que vão para o leste; o Chakshu, Sita, e Sindhu para o oeste; e o Bhagirathi para o sul. O Mahabharata os chama de Vaswaukasara, Nalini, Pavani, Ganga, Sita, Sindhu, e Jambunadi. Porém, a lenda mais usual é a primeira, e ela oferece algum traço de geografia real. O sr. Faber, de fato, pensa que Meru, com o Varsha circundante de Ilavrita, e seus quatro rios, é uma representação do jardim do Éden. (Idolatria Pagã, I. 315.) Embora seja possível, não parece improvável que isso tenha se originado em algum relato imperfeito de quatro grandes rios fluindo do Himalaia, e das terras altas ao norte daquela cordilheira, em direção aos pontos cardeais. O Bhadra, para o norte, representando o Oby da Sibéria; e o Sita, o rio da China, ou Hoangho. O Alakananda é bem conhecido como um ramo principal do Ganges, perto de sua fonte; e o Chakshus é muito possivelmente, como o Major Wilford supôs, o Oxus. (As. Res. VIII. 309.) A cópia impressa do Bhagavata, e o manuscrito Padma, leem Bankshu; mas a primeira é a leitura mais usual. É dito, no Vayu, sobre Ketumala, pelo qual este rio corre, que ele é povoado por várias tribos de bárbaros.

Meru, então, está confinada entre as montanhas Nila e Nishadha (no norte e sul), e entre Malyavan e Gandhamadana (no oeste e leste[13]). Ela se encontra entre elas como o pericarpo de um loto. Os países de Bharata, Ketumala, Bhadraswa, e Uttarakuru se localizam, como folhas do loto do mundo, na parte externa das montanhas de limite. Jathara e Devakuta são duas cadeias de montanhas, na direção norte e sul, e conectando as duas cadeias de Nishadha e Nila. Gandhamadana e Kailasa se estendem, leste e oeste, oitenta Yojanas em amplitude, de mar a mar. Nishadha e Pariyatra são as montanhas limitativas no oeste, se estendendo, como aquelas no leste, entre as cordilheiras Nila e Nishadha. E as montanhas Trisringa e Jarudhi são os limites do norte de Meru, se estendendo, leste e oeste, entre os dois oceanos[14]. Assim eu repeti para você as montanhas descritas por grandes sábios como as montanhas de limite, situadas em pares, em cada um dos quatro lados de Meru. Aquelas também, que foram mencionadas como as montanhas filamento (ou contrafortes), Sitanta e o resto, são extremamente encantadoras. Os vales ocultos entre elas são os recantos prediletos dos Siddhas e Charanas. E há, situadas nelas, florestas aprazíveis, e cidades agradáveis, embelezadas com os palácios de Vishnu, Lakshmi, Agni, Surya, e outras divindades, e povoadas por espíritos celestiais; enquanto os Yakshas, Rakshasas, Daityas, e Danavas procuram seus passatempos nos vales. Em resumo, essas são as regiões de Paraíso, ou Swarga, os lugares dos íntegros, e onde os maus não chegam nem mesmo depois de cem nascimentos.

No país de Bhadraswa, Vishnu reside como Hayasira (o de cabeça de cavalo); em Ketumala, como Varaha (o javali); em Bharata, como a tartaruga (Kurma); em Kuru, como o peixe (Matsya); em sua forma universal, em toda parte; pois Hari permeia todos os lugares. Ele, Maitreya, é o sustentador de todas as coisas; ele é todas as coisas. Nos oito reinos de Kimpurusha e o resto (ou todos exceto Bharata) não há tristeza, nem cansaço, nem ansiedade, nem fome, nem apreensão; seus habitantes são livres de toda enfermidade e dor, e vivem em alegria ininterrupta por dez ou doze mil anos. Indra nunca manda chuva sobre eles, pois a terra abunda com água. Naqueles lugares não há distinção de Krita, Treta, ou qualquer sucessão de

---

13 O texto aplica o último nome tão diferentemente a ponto de causar confusão. Ele é dado a um dos quatro contrafortes de Meru, aquele no sul; para uma das montanhas filamento, no oeste; para uma cadeia de montanhas de limite, no sul; e para o Varsha de Ketumala. Aqui significa outra cadeia de montanhas, ou uma cadeia em direção norte e sul, no leste de Ilavrita, conectando as cordilheiras Nila e Nishadha. Consequentemente o Vayu declara que ela tem 34.000 yojanas de extensão; isto é, o diâmetro de Meru 16.000, e a largura de Ilavrita em cada lado dele, ou junto 18.000. Uma cordilheira semelhante, aquela de Malyavan, limita Ilavrita no oeste. Provavelmente foi para evitar a confusão resultante da semelhança de nomenclatura, que o autor do Bhagavata substituiu nomes diferentes em lugar de Gandhamadana nos outros casos, chamando o contraforte, como nós vimos, de Merumandara; a floresta do sul, de Sarvatobhadra; e a montanha filamento, de Hansa; restringindo o termo Gandhamadana para a cordilheira oriental: uma correção, pode ser observado, corroborativa de uma data subsequente.

14 Essas oito montanhas são enumeradas similarmente no Bhagavata e Vayu, mas nenhuma menção é feita neles de quaisquer mares, e é claro que os oceanos do leste e do oeste não podem ser considerados, porque as montanhas Malyavat e Gandhamadana intervêm. O comentador parece entender 'Arnava' como significando 'montanha', porque ele diz, 'entre os mares significa dentro de Malyavat e Gandhamadana'. O Bhagavata descreve essas oito montanhas como circulando Meru por 18.000 yojanas em cada direção, deixando, de acordo com o comentador, um intervalo de mil yojanas entre eles e a base da montanha central, e tendo 2.000 de altura, e assim como de largura. Eles podem ser compreendidos como sendo as barreiras exteriores de Meru, separando-a de Ilavritta. Os nomes dessas montanhas, de acordo com o Bhagavata, são Jathara e Devakuta no leste, Pavana e Paripatra no oeste, Trisringa e Makara no norte, e Kailasa e Karavira no sul. Sem acreditar ser possível verificar a posição dessas diferentes criações da geografia legendária dos hindus, mal pode admitir dúvida que o esquema foi sugerido por conhecimento imperfeito do caráter real do país, pelas quatro grandes cordilheiras, a Altai, Muztag ou Thian-shan, Ku-en-nun, e Himalaia, que atravessam a Ásia central em uma direção de leste para oeste, com uma maior ou menor inclinação de norte a sul, que são conectadas ou divididas por muitos cumes transversais altos, que incluem vários lagos grandes, e que dão origem aos grandes rios que banham a Sibéria, China, Tartária, e Hindustão. (Humboldt sobre as montanhas da Ásia Central, e Ritter. Geogr. Asia.)

eras. Em cada um desses Varshas há respectivamente sete cadeias de montanhas principais, das quais, ó melhor dos brâmanes, centenas de rios têm sua origem[15]. ◄

[15] Detalhes mais amplos dos Varshas são dados no Mahabharata, Bhagavata, Padma, Vayu, Kurma, Linga, Matsya, e Markandeya Puranas; mas eles são de uma natureza totalmente fantasiosa. Desse modo do Ketumala-varsha é dito, no Vayu: os homens são negros, as mulheres da cor do loto; as pessoas subsistem do fruto da árvore Panasa ou jaqueira, e vivem por dez mil anos, livres de tristeza ou doença. Sete Kula ou principais cadeias de montanhas nele são citadas, e uma lista longa de países e rios é somada, nenhum dos quais pode ser identificado com algum realmente existente, exceto talvez o grande rio Suchakshus, o Amu ou Oxus. De acordo com o Bhagavata, Vishnu é adorado como Kamadeva em Ketumala. O Vayu diz que o objeto de adoração lá é Iswara, o filho de Brahma. Circunstâncias semelhantes são afirmadas dos outros Varshas. Veja também As. Res. VIII. 352.

CAPÍTULO 3

Descrição de Bharata-varsha: extensão, principais montanhas, nove divisões, principais rios e montanhas próprios de Bharata; principais nações, superioridade sobre outros Varshas, especialmente como a base de atos religiosos. (Listas topográficas).

O país que se encontra ao norte do oceano, e ao sul das montanhas nevadas, é chamado de Bharata, pois lá moram os descendentes de Bharata. Ele tem nove mil légua de extensão[1], e é a região de obras, por causa das quais os homens vão para o céu, ou obtêm emancipação.

As sete cadeias principais de montanhas em Bharata são Mahendra, Malaya, Sahya, Suktimat, Riksha, Vindhya, e Paripatra[2].

A partir dessa região o céu é alcançado, ou até mesmo, em alguns casos, libertação de existência; ou homens passam daqui para a condição de brutos, ou caem no inferno. Céu, emancipação, uma posição no ar, ou nos reinos subterrâneos, vêm depois da existência aqui, e o mundo de ações não é o título de qualquer outra parte do universo.

O Varsha de Bharata é dividido em nove partes, as quais eu citarei para você; elas são Indra-dwipa, Kaserumat, Tamravarna, Gabhastimat, Naga-dwipa, Saumya, Gandharba, e Varuna; a última ou nona Dwipa é rodeada pelo oceano, e tem mil yojanas de norte a sul[3].

---

1 Como Bharata-varsha significa a Índia, uma maior aproximação da verdade, com relação à sua extensão, poderia ter sido esperada; e o Vayu tem outra medida, que não é muito superior a duas vezes a extensão real, ou 1.000 Yojanas de Kumari (Comorin) até a fonte do Ganges.

2 Essas são chamadas de Kula parvatas, montanhas familiares, ou cadeias ou sistemas de montanhas. Elas são enumeradas similarmente em todas as autoridades, e sua posição pode ser determinada com alguma confiança pelos rios que fluem delas. Mahendra é a cadeia de colinas que se estende de Orissa e os Circars do norte até Gondwana, parte da qual, perto de Ganjam, ainda é chamada de Mahindra Malei, ou colinas de Mahindra. Malaya é a parte sul dos Ghats ocidentais. Suktimat é duvidosa, pois nenhum dos seus rios pode ser identificado com alguma certeza. Sahya é a parte norte dos Ghats ocidentais, as montanhas do Konkan. Riksha é as montanhas de Gondwana. Vindhya é o nome geral da cadeia que se estende pela Índia central, mas é restrita aqui à divisão oriental; de acordo com o Vayu ela é a parte sul do Narmada, ou a cordilheira Sathpura. Paripatra, como frequentemente escrita Pariyatra, é a parte do norte e do oeste da Vindhya. O nome, de fato, ainda é dado a uma cadeia de montanhas em Guzerat (veja o mapa do Rajastão do Cel. Tod), mas o Chambal e outros rios de Malwa, que é dito que fluem das montanhas Pariyatra, não nascem naquela província. Todas essas montanhas pertencem então a um sistema, e estão ligadas juntas. A classificação parece ter sido conhecida por Ptolomeu, porque ele especifica sete cadeias de montanhas, embora seus nomes não correspondam, com exceção do Vindius Mons. Das outras, a Adisathrus e Uxentus quase concordam em posição com a Pariyatra e Riksha. A Apocopi, Sardonix, Bettigo, e Orudii devem ser deixadas para consideração. O Bhagavata, Vayu, Padma, e Markandeya acrescentam uma lista de montanhas inferiores a essas sete.

3 Esse último é deixado semelhantemente sem um nome em todos os trabalhos; ele é o mais do sul, aquele nas margens do oceano, e sem dúvida significa a própria Índia. Wilford coloca aqui uma divisão chamada Kumarika. Nenhuma descrição é tentada em qualquer lugar das outras divisões. A essas o Vayu soma seis Dwipas menores, que são situadas além do mar, e são ilhas, Anga-dwipa, Yama-dwipa, Matsya-dwipa, Kumuda ou Kusa-dwipa, Varaha-dwipa, e Sankha-dwipa; povoadas na maior parte por Mlechchhas, mas que adoram divindades hindus. O Bhagavata e Padma citam oito ilhas semelhantes, Swarnaprastha, Chandrasukla, Avarttana, Ramanaka, Mandahara, Panchajanya, Simhala, e Lanka. O Cel. Wilford se esforçou para verificar a primeira série de Upadwipas, fazendo de Varaha Europa; Kusa, Ásia Menor, etc.; Sankha, África; Malaya, Malacca; Yama é indeterminada; e por Anga, diz ele, eles entendem a China. Como tudo isso pode ser é mais que duvidoso, pois nos três Puranas nos quais é feita menção deles, muito pouco mais é dito sobre o assunto.

No leste de Bharata moram os Kiratas (os bárbaros); no oeste, os Yavanas; no centro residem Brâmanes, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras, ocupados em seus respectivos deveres de sacrifício, armas, comércio, e serviço[4].

O Satadru, Chandrabhaga, e outros rios, fluem do pé do Himalaia. O Vedasmriti e outros das montanhas Paripatra. O Narmada e Surasa das colinas Vindhya; o Tapi, Payoshni, e Nirvindhya das montanhas Riksha; o Godaveri, Bhimarathi, Krishnaveni, e outros, das montanhas Sahya; o Kritamala, Tamraparni, e outros, das colinas Malaya; o Trisama, Rishikulya, etc. de Mahendra; e o Rishikulya, Kumari, e outros, das montanhas Suktimat. De semelhantes a esses, e de rios menores, há um número infinito; e muitas nações habitam as regiões em suas margens[5].

As principais nações de Bharata são os Kurus e Panchalas, nos distritos centrais; o povo de Kamarupa, no leste; os Pundras, Kalingas, Magadhas, e nações sulistas, estão no sul; no extremo oeste estão os Saurashtras, Suras, Bhiras, Arbudas; os Karushas e Malavas, residindo ao longo das montanhas Paripatra; os Sauviras, os Saindhavas, os Hunas, os Salwas, o povo de Sakala, os Madras, os Ramas, os Ambashthas, e os Parasikas, e outros. Essas nações bebem da água dos rios enumerados acima, e habitam as margens deles, felizes e prósperas[6].

---

4 Por Kiratas, monteiros e montanheses, são indicados os habitantes do tempo atual das montanhas no leste do Hindustão. Os Yavanas, no oeste, podem ser os gregos de Bactria e do Punjab - ao qual pode haver pouca dúvida que o termo foi aplicado pelos hindus - ou os muçulmanos, que os sucederam em um período mais recente, e a quem ele é agora aplicado. O Vayu os chama ambos de Mlechchhas, e também cita a mistura de bárbaros com hindus na própria Índia. A mesma passagem, levemente variada, se encontra no Mahabharata. É falado especialmente dos distritos montanhosos, e pode aludir portanto aos Gonds e Bhils da Índia central, como também aos muçulmanos do noroeste. A especificação implica que infiéis e párias não tinham ainda invadido as planícies do Hindustão.

5 Essa é uma lista muito escassa, comparada com aquelas dadas em outros Puranas. Aquela do Vayu foi traduzida pelo Cel. Wilford, As. Res. vol. VIII; e ilustração muito curiosa de muitos dos lugares pelo mesmo escritor se acha nas As. Res. vol. XIV. As listas do Mahabharata, Bhagavata, e Padma são dadas sem qualquer arranjo. Aquelas do Vayu, Matsya, Markandeya, e Kurma são classificadas como no texto. As listas deles são muito longas para inserção neste lugar. Dos rios citados no texto, a maioria pode ser verificada. O Satadru, 'o de cem canais'- o Zaradrus de Ptolomeu, Hesidrus de Plínio - é o Setlej. O Chandrabhaga, Sandabalis, ou Acesines, é o Chinab. O Vedasmriti no Vayu e Kurma é classificado com o Vetravati ou Betwa, o Charmanwati ou Chambal, e Sipra e Para, rios de Malwa, e pode ser o mesmo que o Beos dos mapas. O Narmada ou Narbadda, o Namadus de Ptolomeu, é bem conhecido; de acordo com o Vayu ele nasce, não na Vindhya, mas nas montanhas Riksha, tendo sua origem realmente em Gondwana. O Surasa é incerto. O Tapi é o Tapti, nascendo também em Gondwana; os outros dois não são identificados. O Godaveri preserva seu nome; nos outros dois nós temos o Beemah e o Krishna. Em vez de Kritamala o Kurma lê Ritumala, mas nenhum é verificado. O Tamraparni é em Tinivelly, e nasce na extremidade sul dos Ghats ocidentais. O Rishikulya, que nasce na montanha Mahendra, é o Rasikulia ou Rasikoila, que flui para o mar perto de Ganjam. O Trisama é indeterminado. O texto atribui outro Rishikulya às montanhas Suktimat, mas em todas as outras autoridades a palavra é Rishika. O Kumari pode sugerir alguma conexão com Cabo Comorin, mas que as montanhas Malaya parecem estender para o extremo sul. Um rio Rishikulya é mencionado (Vana Parva cap. 84; pág. 171) como um Tirtha no Mahabharata, em ligação aparentemente com o eremitério de Vasishtha, que em outra passagem é dito encontrar-se no monte Arbuda ou Abu. Nesse caso, e se a leitura do texto for admitida como o nome do rio, a cordilheira Suktimat seria as montanhas de Guzerat; mas isso é duvidoso.

6 A lista de nações é tão escassa quanto aquela dos rios; ela é, no entanto, omitida completamente no Bhagavata. O Padma tem um catálogo longo, mas sem organização; assim tem o Mahabharata. As listas do Vayu, Matsya, e Markandeya classificam as nações como centrais, do norte, orientais, do sul, e ocidentais. Os nomes são quase os mesmos em todos, e são dados no 8º vol. das As. Res., a partir do Brahmanda, ou, pois este é o mesmo relato, do Vayu. O Markandeya tem uma segunda classificação, e, comparando Bharata-varsha com uma tartaruga, com sua cabeça para o leste, enumera os países na cabeça, rabo, flancos, e pés do animal. Será suficiente aqui tentar uma identificação dos nomes no texto, mas alguma ilustração adicional é oferecida no fim do capítulo. Os Kurus são o povo de Kurukshetra, ou a parte superior do Doab, perto de Delhi. Os Panchalas, parece, a partir do Mahabharata, ocupavam a parte inferior do Doab, estendendo-se através do Jumna até o Chambal. Kulluka Bhatta, em seu comentário em Manu, II. 59, os coloca em Kanoj. Kamarupa é a parte nordeste de Bengala, e porção ocidental de Asam. Pundra é a própria Bengala, com parte de Behar sul e a Selva Mahals. Kalinga é a

No Bharata-varsha é que acontece a sucessão de quatro Yugas, ou eras, a Krita, a Treta, a Dwapara, e Kali; que ascetas piedosos se ocupam de penitência rigorosa; aqueles homens devotos oferecem sacrifícios; e que doações são distribuídas; tudo por causa do outro mundo. Em Jambu-dwipa, Vishnu, consistindo em sacrifício, é adorado, como o macho dos ritos sacrificais, com cerimônias sacrificais. Ele é adorado sob outras formas em outros lugares. Bharata é portanto a melhor das divisões de Jambu-dwipa, porque é a terra de trabalhos. As outras são lugares de prazer somente. É somente depois de muitos milhares de nascimentos, e da agregação de muito mérito, que os seres vivos às vezes nascem em Bharata como homens. Os próprios deuses exclamam, "Felizes são aqueles que nascem, até mesmo a partir da condição de deuses, como homens em Bharata-varsha, porque aquele é o caminho para os prazeres do Paraíso, ou a maior bênção da libertação final. Felizes são aqueles que, entregando todas as recompensas despercebidas de seus atos para o supremo e eterno Vishnu, obtêm existência naquela terra de trabalhos, como seu caminho até ele. Nós não sabemos, quando os atos que obtiveram céu para nós tiverem sido completamente recompensados[7], onde nós renovaremos prisão corpórea; mas nós sabemos que são afortunados aqueles homens que nascem com faculdades perfeitas[8] em Bharata-varsha."

Eu descrevi assim brevemente para você, Maitreya, as nove divisões de Jambu-dwipa, que tem cem mil yojanas de extensão, e que é cercada, como se por um bracelete, pelo oceano de água salgada, de dimensões semelhantes. ◄

---

costa oeste das embocaduras do Ganges, com a parte superior da costa Coromandel. Magadha é Behar. Os Saurashtras são o povo de Surat, o Surastrene de Ptolomeu. Os Suras e Bhiras, na mesma direção, podem ser o Suri e Phauni ou Phryni de Strabo. Os Arbudas devem ser o povo em volta do monte Abu, ou os nativos de Mewar. Os Karushas e Malavas são naturalmente o povo de Malwa. Os Sauviras e Saindhavas normalmente são associados como os Sindhu-Sauviras, e devem ser as nações de Sindh e Rajputana ocidental. Pelos Minas nós devemos entender os Huns brancos ou Indo-Citas, que estavam estabelecidos no Punjab e ao longo do Indus no começo da nossa era, como nós sabemos a partir de Arrian, Strabo, e Ptolomeu, confirmado por recentes descobertas de suas moedas. Os Salwas ou, como também lido, Salyas são colocados pelo Vayu e Matsya entre as nações centrais, e parecem ter ocupado parte do Rajastão, um Salwa Raja sendo descrito em outra parte como se envolvendo em hostilidades com o povo de Dwaraka em Guzerat. Sakala, como eu mencionei em outro lugar, é uma cidade no Punjab (As. Res. XV. 108), a Sagala de Ptolomeu (idem, 107); o Mahabharata a faz a capital dos Madras, a Mardi dos anciões; mas elas são mencionadas separadamente no texto, e eram situadas um pouco mais para o sudeste. Os Ramas e Ambashthas não são citados nos outros Puranas, mas os últimos estão entre as nações ocidentais, ou mais corretamente nações do noroeste, subjugadas por Nakula, em seu Dig-vijaya. Mahabh. Sabha Parva. Ambas e Ambashthas estão incluídos na lista extraída pelo Cel. Wilford do Varaha Samhita, e ele supõe que os últimos são o Ambastae de Arrian. Os Parasikas nos levam para a Pérsia, ou aquela parte dela adjacente ao Indus. Até onde a enumeração do texto se estende, ela parece aplicável às divisões políticas e geográficas da Índia por volta da era do cristianismo.

7 Prazer em Swarga, como castigo em Naraka, é somente por um certo período, de acordo com o mérito ou demérito do indivíduo. Quando a conta está equilibrada, o homem nasce novamente entre o gênero humano.

8 Uma pessoa aleijada ou mutilada, ou uma cujos órgãos são defeituosos, não pode obter libertação imediatamente; seus méritos devem primeiro assegurar que ela nasça novamente perfeita e inteira.

LISTAS TOPOGRÁFICAS

Do Mahabharata, Bhishma Parva, cap. 9; pág. 22.

MONTANHAS E RIOS[1]

Sanjaya fala para Dhritarashtra: 'Ouça-me, monarca, em resposta às suas perguntas, narrar minuciosamente para você os detalhes do país de Bharata. Mahendra, Malaya, Sahya, Suktimat[2], Gandhamadana, Vindhya, e Paripatra são as sete cadeias de montanhas. Como partes secundárias delas existem milhares de montanhas; algumas desconhecidas, embora altas, extensas, e abruptas; e outras melhor conhecidas, embora de elevação menor, e habitadas por pessoas de baixa estatura[3]. Lá tribos puras e degradadas, juntas, bebem[4] dos seguintes rios: o

---

[1] Na tentativa de verificar os lugares ou povos especificados no texto, várias dificuldades serão encontradas, as quais devem servir para justificar sucesso apenas parcial. Algumas são inerentes ao assunto, como as mudanças que ocorreram na topografia da Índia desde que as listas foram compiladas, e a imperfeição da própria especificação. Estados e tribos e cidades desapareceram, até mesmo da lembrança, e algumas das características naturais do país, especialmente os rios, sofreram uma alteração total. Buchanan (Descrição do Hindustão Oriental), seguindo Rennell sobre a mesma área em um intervalo de uns trinta ou quarenta anos, observa que muitos dos rios colocados no Atlas de Bengala (a única série de mapas da Índia ainda publicada, que pode ser considerada como de autoridade) não podem mais ser localizados. Então as listas que são dadas são meros catálogos, porque elas não fornecem nenhuma pista para verificação além de nomes; e nomes foram mudados ou tão alterados a ponto de não serem mais reconhecíveis. Por outro lado, muita da dificuldade surge da nossa própria falta de conhecimento. Espalhados por todos os Puranas e outros trabalhos, os nomes dados nas listas topográficas ocorrem periodicamente com circunstâncias que fixam sua localidade; mas esses meios de verificação ainda não foram investigados suficientemente. Há também tratados geográficos em sânscrito, os quais, há razão para acreditar, fornecem muita informação precisa e interessante: eles não são comuns. O Cel. Wilford fala de ter recebido alguns de Jaypur, mas após sua morte eles desapareceram. Depois de um intervalo considerável alguns dos manuscritos dele foram comprados para a Faculdade de Sânscrito de Calcutá, mas sem dúvida a maior parte da coleção dele foi espalhada. Somente umas poucas folhas foram encontradas sobre assuntos geográficos, das quais eu traduzi e publiquei um capítulo sobre a geografia de alguns dos distritos de Bengala: (Revista Trimestral Calcutá, Dez. 1824). Os detalhes eram precisos e valiosos, embora a compilação fosse moderna. Apesar desses impedimentos, porém, nós poderíamos identificar pelo menos montanhas e rios a uma extensão muito maior do que agora é viável, se nossos mapas não fossem tão miseravelmente defeituosos em sua nomenclatura. Nenhum dos nossos agrimensores ou geógrafos foram estudiosos orientais. Pode ser duvidado se algum deles era familiarizado com o idioma falado do país. Eles consequentemente puseram nomes ao acaso, de acordo com sua própria avaliação inexata de sons proferidos descuidadamente, vulgarmente, e de modo deturpado; e seus mapas da Índia são repletos de nomes que não têm qualquer semelhança com denominações passadas ou presentes. Nós não precisamos nos admirar de não podermos descobrir nomes sânscritos em mapas ingleses, quando, na vizinhança imediata de Calcutá, Barnagore representa Varahanagar, Dakshineswar é transformada em Duckinsore, e Ulubaria é anglicizada em Willoughbruy. Indo um pouco mais longe, nós temos Dalkisore em vez de Darikeswari, Midnapore em vez de Medinipur, e uma acumulação muito desnecessária de consoantes em Caughmahry em vez de Kakamari. Mal há um nome em nossos mapas indianos que não forneça prova de indiferença extrema à precisão em nomenclatura, e de uma incorreção em avaliar sons, que é em algum grau, talvez, um defeito nacional.

[2] A edição impressa lê Saktimat, que também é encontrada em alguns manuscritos, mas a leitura mais usual é aquela do texto. Eu posso aqui acrescentar que uma montanha Suktimat se acha na invasão de Bhima da região oriental. Mahabh. Sabha Parva. Gandhamadana aqui toma o lugar de Riksha.

[3] Para montanhas adicionais no Vayu, veja Asiatic Researches [Pesquisas Asiáticas], VIII. 334. O Bhagavata, Padma, e Markandeya somam as seguintes. Mainaka, que parece segundo o Ramayana estar na fonte do Sone, aquele rio que é chamado Mainakaprabhava: 'Kishkindhya Kanda.' Trikuta, também chamada Suvela no vocabulário de Hemachanchra; Rishabha, Kutaka, Konwa, Devagiri (Deogur ou Ellora, a montanha dos deuses; é dito por Ptolomeu que as Apocopi são também chamadas de montanhas dos deuses). Rishyamuka, no Dekhin, onde o Pampa começa. Sri-saila ou Sri-parvata, perto de Krishna (As. Res. V. 303). Venkata, a colina de Tripati, Varidhara, Mangala-prastha, Drona, Chitrakuta (Chitrakote em Bundelkhand), Govarddhana (perto de Mathura), Raivata, a cordilheira que se ramifica da parte ocidental da Vindhya em direção ao norte, quase se estendendo até o Jumna: de acordo com Hemachandra esta é a cordilheira Girinara; esta é a Aravali de Tod; Kakubha, Nila (as montanhas azuis

imponente Ganga, o Sindhu, e o Saraswati[5]; o Godavari, Narmada, e o grande rio Bahuda[6]; o Satadru, Chandrabhaga, e o grande rio Yamuna; o Drishadwati[7], Vipasa[8], e Vipapa, com areias grossas; o Vetravati, o profundo Krishnaveni, o Iravati[9], Vitasta[10], Pavoshni[11], e Devika[12]; o Vedasmrita, Vedavati[13], Tridiva[14], Ikshumalavi[15], Karishini, Chitrabaha, o profundo Chitrasena, o Gomati, o Dhutapapa, e o grande rio Gandaki[16]; o Kausiki, Nischita[17], Kritya, Nichita, Lohatarini[18], Rahasya, Satakumbha, e também o

---

de Orissa), Gohamukha, Indrakila, Ramagiri (Ram-tek, perto de Nag-pur), Valakrama, Sudhama, Tungaprastha, Naga (as colinas ao leste de Ramghur), Bodhana, Pandara, Durjayanta, Arbuda (Abu em Guzerat), Gomanta (nos Ghats ocidentais), Kutasaila, Kritasmara, e Chakora. Muitas montanhas sozinhas são mencionadas em diferentes trabalhos.

4 Veja a nota 4, pág. 168.

5 O Sarsuti, ou Caggar ou Gaggur, N. W. de Tahnesar. Veja abaixo, nota 6.

6 É dito em outro lugar que o Bahuda nasce no Himalaia. Wilford considera que ele é o Mahanada, que cai no Ganges abaixo de Malda. O Mahabharata tem entre os Tirthas, ou lugares de peregrinação, dois rios desse nome, um aparentemente perto do Saraswati, um mais para o leste. Hemachandra dá como sinônimos Arjuni e Saitavahini, ambos significando o 'rio branco.' Um afluente principal do Mahanada é chamado Dhavali ou Daub, que tem o mesmo significado.

7 O Drishadwati é um rio de importância considerável na história dos hindus, embora nenhum rastro de seu nome antigo exista. De acordo com Manu ele é um limite do distrito chamado Brahmavartta, no qual a instituição de castas, e seus vários deveres, tinha existido para sempre: insinuando que em outros lugares elas eram de origem mais recente. Essa terra santa, 'feita pelos deuses', era de extensão muito limitada. Seu outro limite era o Saraswati. Que o Drishadwati não era distante nós ficamos sabendo a partir de Manu, porque Kurukshetra, Matsya, Panchala, e Surasena, ou a parte superior do Doab, e região para o leste, não eram incluídos em Brahmavartta; eles constituíram Brahmarshi-desa, contíguo a ele. Kulluka Bhatta explica Anantara, 'algo menor ou inferior;' mas ele mais provavelmente significa 'não dividido de', 'imediatamente contíguo.' Nós devemos procurar o Drishadwati, então, no oeste do Jumna. No Tirtha Yatra do Mahabharata nós o encontramos formando um dos limites de Kurukshetra. É dito lá, 'Aqueles que moram no sul do Saraswati, e norte do Drishadwati, ou em Kurukshetra, moram no céu.' No mesmo lugar é dito que a confluência do Drishadwati com um rio de Kurukshetra, chamado Kausiki, é de santidade peculiar. Kurukshetra é a região perto de Tahnesur ou Sthaneswara, onde um lugar chamado Kurukhet ainda existe, e é visitado em peregrinação. O Kirin-kshetra de Manu pode significar o país dos Kurus, na vizinhança mais imediata de Delhi. De acordo com Wilford, o Drishadwati é o Caggar; em qual caso nossos mapas teriam tomado a liberdade de inverter os nomes dos rios, porque o Caggar agora é o rio do norte, e o Sursooty o do sul, ambos nascendo no Himalaia, e se unindo para formar um rio, chamado Gagar ou Caggar nos mapas, mas mais corretamente Sarsuti ou Saraswati; que corre então em direção ao sudoeste, e é perdido no deserto. Sem dúvida houve mudanças consideráveis aqui, na nomenclatura e nos cursos dos rios.

8 O Beyah, Hyphasis, ou Bibasis.

9 O Ravi ou Hydraotes ou Adris.

10 O Jhelum, mas ainda chamado na Cachemira de Vitasta, os Bidaspes ou Hydaspes.

11 Esse rio, de acordo com o Vishnu Purana, nasce das montanhas Riksha, mas o Vayu e Kurma o trazem da cordilheira Vindhya ou Sathpura. Há várias indicações de sua posição no Mahabharata, mas nenhuma muito precisa. Sua fonte parece ser próxima daquela do Krishna. Ele flui perto do começo da floresta Dandaka, o que deve colocá-lo bastante perto das fontes do Godavari ele passa por Vidarbha ou Berar, e, Yudhishthira tendo se banhado nele, chega à montanha de Vaidurya e ao rio Narmada. Essas circunstâncias tornam provável que o Payin Ganga seja o rio em questão.

12 O Deva, ou Goggra.

13 Ambos esses são da cordilheira Paripatra. Em alguns manuscritos, o último é lido Vedasini e Vetasini. No Ramayana se acham Veda e Vedavainasika, que podem ser o mesmo, porque eles parecem estar na direção do Sone. Um deles pode ser o Beos de Malwa oriental, mas ele nasce na montanha Riksha.

14 De Paripatra, Kurma; de Mahendra, Vayu.

15 Uma cópia tem Ikshumalini; duas outras, Ikshula e Krimi. Um manuscrito do Vayu tem um Ikshula de Mahendra. O Matsya tem Ikshuda; a lista de Wilford tem Drakshala.

16 Desses rios, os dois primeiros são citados no Padma Purana, mas não no Vayu, etc. O Gomati em Oude, o Gandak, e o Kosi são bem conhecidos. É dito que o Dhutapapa nasce no Himalaia.

17 Em diferentes manuscritos lido Michita e Nisrita. No Vayu e Matsya, é dito que Nischira ou Nirvira flui do Himalaia.

18 Também Lohatarani e Lohacharini.

Sarayu[19], o Charmanvati, Chandrabhaga[20], Hastisoma, Dis, Saravati[21], Payoshni, Para[22], e Bhimarathi[23], Kaveri[24], Chulaka[25], Vina[26], Satabala, Nivara, Mahita[27], Suprayoga[28] Pavitra[29], Kundala, Sindhu[30], Rajani[31], Puramalini, Purvabhirama, Vira, Bhima[32], Oghavati, Palasini[33], Papahara, Mahendra, Patalavati[34], Karishini, Asikni, o grande rio Kusachira[35], o Makari[36], Pravara, Mena[37], Hema, e Dhritavati[38], Puravati[39], Anushna[40], Saivya, Kapi[41], Sadanira[42], Adhrishya, o grande rio Kusadhara[43], Sadakanta[44], Siva, Viravati, Vastu, Suvastu[45], Gauri, Kampana[46], Hiranvati, Vara, Virankara, Panchami, Rathachitra, Jyotiratha, Viswamitra[47], Kapinjala, Upendra, Bahula, Kuchira[48], Madhuvahini[49], Vinadi[50], Pinjala, Vena, Tungavena[51], Vidisa[52],

---

19 O Sarayu ou Sarju geralmente é identificado com o Deva. Wilford diz que ele é assim de acordo com os purânicos, mas nós temos aqui prova do contrário. Eles também são diferençados pelo povo do país. Embora idênticos por grande parte do seu curso, eles nascem como rios diferentes, e novamente se dividem e entram no Ganges por braços distintos.

20 A recorrência do mesmo nome nesse, como em vários casos subsequentes semelhantes, é possivelmente um erro do copista; mas também é às vezes provável que um nome seja aplicado a rios diferentes. Em um manuscrito nós temos, em lugar dessa palavra, Chaitravati; e em outro Vetravati.

21 Lido também Satavari. De acordo com Wilford, o Saravati é o Ban-ganga.

22 O Vayu tem Para, que é um rio em Malwa, o Parvati. O manuscrito lê Vani e Vena.

23 De acordo com o Vayu, este nasce na montanha Sahya, e flui para o sul. Ele é, portanto, o Beema de Aurungabad.

24 O Kaveri é bem conhecido, e sempre teve o mesmo nome, sendo o Chaberis de Ptolomeu.

25 Lido Chuluka.

26 Também lido Tapi; o rio Tapti do Dekhin.

27 Lido Ahita e Sahita.

28 Nasce na montanha Sahya, e flui para o sul: Vayu, etc.

29 Lido Vichitra.

30 Vários rios são chamados por esse nome, como também o Indus: há um de alguma nota, o Kali Sindh em Malwa.

31 Também Vajini.

32 Esse concorda melhor, em nome, com o Beema. Ele também é mencionado como um tirtha no Mahabharata.

33 De Suktimat: Kurma e Vayu. Há um Balasan da parte oriental do Himalaia, um afluente do Mahanada, que pode ser o Palasini, se a montanha for nesta direção.

34 Também Pippalalavati. O Vayu tem um Pippala da montanha de Riksha.

35 Também Kusavira.

36 Também Mahika e Marundachi.

37 Também Sena.

38 Lido Kritavati e Ghritavati.

39 Também Dhusulya.

40 Também Atikrishna.

41 Em lugar de ambos, Suvarthachi.

42 De Paripatra: Vayu e Matsya.

43 Também Kusanara.

44 Também Sasikanta.

45 Também Vastra e Suvastra.

46 Um dos tirthas no Mahabharata.

47 De acordo com o Mahabharata, esse nasce na montanha Vaidurya, parte da Vindhya do sul ou cordilheira Sathpura.

48 Também Kuvira.

49 Três manuscritos concordam em ler este Ambuvahini.

50 Também Vainadi.

51 Também Kuvena. Ele possivelmente significa o Tungabhadra ou Toombudra.

52 Um rio em Malwa, assim chamado por causa da cidade do mesmo nome, que eu conjeturei em outra parte ser Bhilsa. Megha Duta, 31. Há um rio 'Bess' nos mapas, que une o Betwa a Bhilsa, e é provavelmente o rio do texto.

Krishnavena, Tamra, Kapila, Selu, Suvama[53], Vedaswa, Harisrava, Mahopama[54], Sighra, Pichchhala[55], o profundo Bharadwaji, o Kausiki, o Sona[56], Bahuda, e Chandrama, Durga, Amtrasila[57], Brahmabodhya, Vrihadvati, Yavaksha[58], Rohi, Jambunadi, Sunasa[59], Tamasa[60], Dasi, Vasa, Varana, Asi[61], Nala, Dhritamati, Purnasa[62], Tamasi[63], Vrishabha, Brahmamedhya, Vrihadvati. Esses e muitos outros grandes rios, como o Krishna[64], cujas águas são sempre salubres, o Mandavahini que flui lentamente[65], o Brahmani[66], Mahagauri, Durga[67], Chitropala[68], Chitraratha, Manjula[69], Mandakini[70], Vaitarani[71], o grande rio Kosa[72], o Muktimati[73], Maninga[74], Pushpaveni, Utpalavati, Lohitya[75], Karatoya[76], Vrishakahwa[77], Kumari, Rishikulya[78], Marisha, Saraswati, Mandakini, Punya[79], Sarvasanga; todos esses, as mães universais, produtivos de abundância, além de centenas de nota inferior, são os rios de Bharata, de acordo com a lembrança[80]. ◄

---

53 O Varna ou Suvama, 'o rio bonito', Wilford identifica com o Ramganga.

54 Também Mahapaga, 'o grande rio.'

55 Também Kuchchila.

56 O rio Sona, nascendo em Mainaka ou Amarakantak, e fluindo rumo a leste para o Ganges.

57 Esse e o precedente nascem ambos da montanha Vindhya. O último também é lido Antassila, 'o rio que flui dentro ou entre pedras.'

58 Também Paroksha.

59 Nós temos um Surana no Vayu, e Surasa no Kurma e Matsya, fluindo da montanha Riksha.

60 O Tamasa ou Tonse, de Riksha.

61 Esse e o precedente mal merecem um lugar entre os rios, sendo duas correntes pequenas que entram no Ganges no leste e oeste de Benares, que é por isso chamada de Varanasi.

62 Parnasa ou Varnasa, da montanha Paripatra.

63 Também Manavi.

64 O Krishna do Dakhin provavelmente é indicado aqui, embora sua designação mais comum pareça ser aquela já especificada, Krishnavena ou Krishnaveni. O significado é quase o mesmo; um sendo o 'rio escuro', o outro simplesmente o 'escuro', o Níger.

65 Um rio de Suktimat: Vayu.

66 Um rio em Cuttack, de acordo com Wilford. Ele é um dos tirthas do Mahabharata, e aparentemente em uma direção diferente. Buchanan (Hindustão Oriental) tem um rio desse nome em Dinajpur.

67 Ambos da Vindhya: Vayu e Kurma. Há um Goaris em Ptolomeu na Índia central.

68 De Riksha: Vayu.

69 Também Munja e Makaravahini.

70 De Riksha: Vayu. De acordo com o Mahabharata, ele nasce na montanha Chitrakote.

71 O Baitarani em Cuttack. Ele é citado no Mahabharata como um rio de Kalinga.

72 Também lido Nipa e Koka.

73 De Riksha, mas lido também Suktimati, que é a leitura do Matsya. Wilford considera que ele é o Swarnarekka de Cuttack.

74 Também Anaga e Suranga; talvez a leitura preferível deva ser Sumanga, um rio fluindo de Mainaka, de acordo com o Mahabharata.

75 Parte do Brahmaputra.

76 Um rio considerável no leste, fluindo entre Dinajpur e Rangpur.

77 Também Vrishasahwa.

78 Esse e o precedente fluem de Suktimat, de acordo com o Matsya, e Kurma. O último também se acha Rishika.

79 Também Suparna. O Punya é para ser o Poon-poon de Behan, mas também há um rio Parna na mesma província.

80 É possível que pesquisa adicional vá identificar mais do que aqueles tentados serem verificados nas notas precedentes, como também encontrar outros prontamente reconhecíveis. Nas autoridades consultadas se acham vários não incluídos no texto, como o Kuhu e Ikshu, do Himalaia; Vritraghni, Chandana (Chandan de Bhagalpur), Mahi (o Mahy de Malwa ocidental), Sipra, e Avanti (rios perto de Ujayin), de Paripatra; Mahanada em Orissa, Druma, Dasarna (Dhosaun em Bundelkhand), Chitrakuta, Sroni ou Syena, Pisachika, Banjula, Baluvahini, e Matkuna, todos de Riksha; Nirvindhya, Madra, Nishadha, Sinibahu, Kumudvati, e Toya, de Vindhya; Banjula, de Sahya; Kritamala, Tamraparni, Pushpajati, e Utpalavati, de Malaya; Langulini e Vansadhara, de Mahendra; e Mandaga e Kripa ou Rupa,

de Suktimat. No Ramayana nós temos, além de alguns já especificados, o Ruchira, Pampa, Saraswati oriental, Vegavati ou Vyki de Madura, e Varada ou Wurda de Berar; e nós temos muitos outros no Mahabharata e obras diferentes, dos quais os nomes sânscritos da maioria dos rios indianos podem ser, com um pouco de tempo e dificuldade, coletados.

POVOS E REGIÕES

Ouça em seguida de mim, descendente de Bharata, os nomes dos habitantes das diferentes regiões. Eles são os Kurus, Panchalas[1], Salwas, Madreyas, e habitantes de matas (Jangalas), Surasenas[2], Kalingas[3], Bodhas[4], Malas[5], Matsyas[6], Sukutyas[7], Sauvalyas[8], Kuntalas[9], Kasikosalas[10], Chedyas[11], Matsyas[12], Karushas[13], Bhojas[14], Sindhupulindas[15], Uttamas[16], Dasarnas[17], Mekalas[18], Utkalas[19], Panchalas[20],

---

1 O povo da parte superior do Doab. As duas palavras também poderiam ser entendidas como denotando os Panchalas do país Kuru, havendo duas divisões da tribo; veja abaixo, nota 20.

2 Os Surasenas eram os habitantes de Mathura, o Suraseni de Arrian.

3 O povo da parte superior da costa Coromandel, bem conhecido nas tradições do arquipélago oriental como Kling. Ptolomeu tem uma cidade naquela parte chamada Caliga; e Plínio, Calingae proximi mari.

4 Uma das tribos da Índia central, de acordo com o Vayu; também é lido Bahyas.

5 Os Malas e Malavarttis são colocados, no Vayu e Matsya, entre as nações centrais. O Markandeya lê Gavavarttis. Wilford considera que Mala é o Mal-bhum de Medinipur. Como notado no Megha Duta, eu supus que ele está situado em Chattisgarh.

6 O povo de Dinajpur, Rangpur, e Cooch Behar. Revista Calcutá; Dez. 1824.

7 Lidos Kusandas, Kusalyas, Kusadhyas, Kisadhajas, e colocados na Índia central.

8 Também Sausalyas e Sausulyas.

9 Kuntala é em um lugar um dos países centrais; em outro, um do sul. O nome é aplicado em inscrições à província na qual Curgode está situado, parte do distrito de Adoni: (As. Res. IX. 427); e de forma coerente com essa posição é colocado entre os estados dependentes e aliados de Vidarbha no Dada Kumara. Revista Calcutá Trimestral. Set. 1827.

10 Uma nação central: Vayu. O Ramayana os coloca no leste. A combinação indica o país entre Benares e Oude.

11 Chedi normalmente é considerado como Chandail, no oeste da Selva Mehals, em direção a Nagpur. Ele é conhecido, em tempos subsequentes aos Puranas, como Ranastambha.

12 Algumas cópias leem Vatsa, e os outros Puranas têm um nome semelhante entre os países centrais; o povo talvez de Vatsa, Raja de Kausambhi, perto da junção do Jumna e do Ganges. Porém, há dois Matsyas, um dos quais, de acordo com o Yantra Samrat, é identificável com Jaypur. No Dig-vijaya de Nakula ele subjuga os Matsyas mais distante para o oeste, ou em Guzerat.

13 Situados na parte de trás da cordilheira Vindhya: Vayu e Matsya. Eles geralmente são citados com o povo de Malava, o que confirma essa localidade. É dito que eles são a posteridade de Karusha, um dos filhos de Vaivaswata Manu.

14 Esses também são colocados ao longo da cadeia de Vindhya, mas em tempos diferentes parecem ter ocupado posições diferentes. Eles eram uma tribo aparentada com os Andhakas e Vrishnis, e um ramo dos Yadavas. Um Raja Bhoja está entre os guerreiros do Mahabharata. Em um período mais recente, Bhoja, o Raja de Dhar, preserva uma indicação desse povo; e dele os Bhojpuris, uma tribo que ainda vive em Behar ocidental, professam serem descendentes. Eles não são improvavelmente relíquias da tribo mais velha. Bhoja também é às vezes usado como um sinônimo de Bhojakata, uma cidade perto do Narmada, fundada por Rukmi, cunhado de Krishna, e antes disso, príncipe de Kundina ou Condavir.

15 Pulinda é aplicado a qualquer tribo selvagem ou bárbara; aqueles aqui citados são alguns dos povos dos desertos ao longo do Indus; mas Pulindas são encontrados em muitas outras posições, especialmente nas montanhas e florestas pela Índia central, os abrigos dos Bhils e Gonds. Assim Ptolomeu coloca os Pulindai ao longo das margens do Narmada até as fronteiras de Larice; o Lata ou Lar dos hindus; Kandesh e parte de Guzerat.

16 Nos outros três Puranas nós temos Uttamarnas, na cordilheira Vindhya.

17 O povo dos 'dez fortes', subsequentemente multiplicados para 'trinta e seis', tal sendo a significação de Chattisgerh, que parece estar no local de Dasarna. Megha Duta, pág. 30, nota.

18 Uma tribo de Vindhya, de acordo com os outros Puranas. A localidade é confirmada por representações mitológicas; pois é dito que Mekala é um Rishi, o pai do rio Narmada; por isso chamado Mekala e Mekalakanya. A montanha onde ele nasce também é chamada Mekaladri. O Ramayana coloca os Mekalas entre as tribos do sul.

19 Utkala ainda é o nome nativo de Orissa.

20 Esses podem ser os Panchalas do sul. Quando Drona superou Drupada, rei de Panchala, como narrado no Mahabharata, Adi Parva, ele reteve metade do país, aquele ao norte do Ganges, e devolveu para seu chefe anterior a outra metade, ao sul daquele rio até o Chambal. A capital da última se tornou

Kausijas[21], Naikaprishthas[22], Dhurandharas[23], Sodhas[24], Madrabhujingas[25], Kasis[26], Aparakasis, Jatharas, Kukuras, Dasarnas, Kuntis, Avantis[27], Aparakuntis[28], Goghnatas[29], Mandakas, Shandas[30], Vidarbhas[31], Rupavahikas[32], Aswakas[33], Pansurashtras, Goparashtras[34], Karitis[35], o povo de Adhivajya[36], Kuladya[37], Mallarashtra[38], e Kerala[39]; os Varapasis[40], Apavarhas[41], Chakras[42], Vakratapas e Sakas[43], Videhas[44], Magadhas[45], Swakshas[46], Malayas[47], e Vijayas[48]; os Angas[49],

---

Makandi no Ganges; e o país também incluía Kampilya, a Kampil dos muçulmanos, mas colocada por eles no Doab. A capital da parte norte era Ahikshetra, um nome reconhecível na Adisathrus de Ptolomeu, embora a posição difira. Mas Ahikshetra ou Ahichchatra, como ele também é escrito, parece ter sido aplicado a mais de uma cidade.

21 Talvez o povo de Tirhut, ao longo do Kosi.

22 'Tendo mais que um dorso;' provavelmente algum apelido ou expressão de escárnio. Assim nós temos, no Ramayana e outros trabalhos, enumerados entre tribos, os Karna-pravaranas, 'aqueles que se envolvem em suas orelhas;' Ashta-karnakas, 'os de oito orelhas;' ou Oshtha-karnakas, 'tendo lábios que se estendem até suas orelhas;' Kakamukhas, 'de face de corvo;' Ekapadukas, 'que têm um pé', ou melhor 'que têm um chinelo;' exageros de feiúra nacional, ou alusões a costumes peculiares, que não foram pretendidos literalmente, embora eles possam ter suprido os Mandevilles dos tempos antigos e modernos com alguns dos seus monstros. O espírito da nomenclatura é mostrado por essas tribos sendo associadas com Kiratas, 'bárbaros', e Yavanas, gregos ou muçulmanos.

23 Uma leitura preferível parece ser Yugandhara. Uma cidade no Punjab assim chamada é mencionada no Mahabharata, Karna Parva.

24 Lidos Bodhas, Godhas, e Saudhas. Há uma tribo de Rajput chamada Sodha.

25 Isso pode consistir em dois nomes, e é lido assim no manuscrito, ou o último termo se acha Kalingas. Ambos os termos são repetidos. Além do Machu do norte, uma palavra semelhante, Madru, é aplicada a Madura no sul. As. Res. IX. 428. O Ramayana tem Madras no leste, como também no norte.

26 O povo do distrito de Benares, e aquele oposto.

27 Os habitantes de Ujayin.

28 Esses devem ser opostos aos Kuntis, mas onde qualquer um deles é situado não aparece.

29 A melhor leitura é Gomanta, parte do Konkan perto de Goa.

30 A leitura mais usual é Khandas; um manuscrito tem Parnas.

31 Um país de extensão e poder consideráveis em vários períodos. O nome permanece em Beder, que pode ter sido a capital antiga; mas o reino parece ter correspondido com grande parte de Berar e Kandesh. Ele é mencionado no Ramayana e nos Puranas entre os países do sul.

32 Também Rupavasikas. Há um rio Rupa da montanha Suktimat, a vizinhança do qual pode ser aludida. Nós temos Rupasas ou Rupapas entre as tribos sulistas dos Puranas.

33 Lidos também Asmalas e Asmakas; os últimos são enumerados entre o povo do sul no Ramayana, e no Vayu, Matsya, e Markandeya Puranas há um príncipe do mesmo nome da dinastia solar.

34 Gova ou Kuva é um nome antigo do Konkan do sul, e pode indicar nesse lugar o país de Gopa; ou ele pode significar 'o distrito de vaqueiros', isto é, de tribos nômades.

35 Também lido Kulatis e Panitakas.

36 Lido também Adhirajya e Adhirashtra, que querem dizer o mesmo, 'o reino acima ou superior.'

37 Também Kusadhya, Kusanda, e Mukuntha.

38 Também Vallirashtra. Há Mallas no leste, ao longo da base do Himalaia, no Dig-vijaya de Bhima; mas nós devemos antes procurá-los no noroeste, no local do Malli de Arrian. Nós temos nos Puranas, Maharashtra, o país Mahratta, que pode ser indicado aqui.

39 Duas cópias leem Kevala; uma, Kambala. O texto provavelmente está errado, porque nós temos Kerala abaixo.

40 Também Varayasis e Varavasis. Uma cópia tem, o que provavelmente é o mais correto, Vanarasyas, 'o povo de face de macaco.'

41 Lido Upavaha e Pravaha.

42 O manuscrito concorda em ler Vakra.

43 Os Sakas ocorrem novamente, mais de uma vez, o que pode ser, possivelmente, repetição desnecessária. Mas estes povos, os Sakai e Sacae dos escritores clássicos, os Indo-Citas de Ptolomeu, se estenderam, perto do começo da nossa era, ao longo do oeste da Índia, do Koh hindu até as desembocaduras do Indus.

44 Os habitantes de Tirhut.

45 O povo de Bahar Sul.

Vangas[50], Kalingas[51] e Yakrillomas, Mallas[52], Sudellas[53], Prahladas, Mahikas[54] e Sasikas[55], Bahlikas[56], Vatadhanas[57], Abhiras[58] e Kalajoshakas[59], Aparantas[60], Parantas, Pahnavas[61], Charmamandalas[62], Atavisikharas e Merubhutas[63], Upavrittas, Anupavrittas, Swarashtras[64], Kekayas[65], Kuttaparantas[66], Maheyas[67], Kakshas[68], habitantes do litoral, e os Andhas e muitas tribos residentes dentro e fora das colinas;

---

46 Também lido Mahyas e Suhmas: o último está provavelmente correto. Os Suhmas e Prasuhmas foram encontrados no leste por Bhima; e é dito em outro lugar que Suhma é situada ao leste de Bengala, perto do mar, o rei e o povo sendo Mlechchhas, isto é, não hindus. Ele corresponderia então a Tiperah e Aracan.

47 Também lido Malajas, mas menos corretamente talvez. Os Malayas são o povo dos Ghats do sul.

48 Nós temos Pravijayas no leste, de acordo com os Puranas.

49 Anga é o país perto de Bhagalpur, do qual Champa era a capital.

50 Bengala oriental.

51 Nós tivemos esses antes, mas eles são repetidos talvez em conformidade com a classificação usual, que os conecta com os dois precedentes, sendo derivados nas listas genealógicas de um ancestral comum.

52 No Dig-vijaya de Bhima nós temos dois povos desse nome, ambos no leste; um ao longo da base do Himalaia, e o outro mais para o sul.

53 Uniformemente lido Sudeshna no manuscrito.

54 Três cópias leem Mahishas. Nós temos Mahishakas entre o povo do sul nos Puranas; e um Mahishiki no Ramayana, também no sul. O último pode ser relacionado com Mahishmati, que Sahadeva visita em sua invasão no sul, e que foi conjeturado em outra parte ser em Mysur. (Registro Anual Calcutá, 1822.) Há também um Mahishmati na estrada para o sul (Mahabh. Udyoga Parva), que é geralmente identificado com Chuli Maheswar, no Narmada.

55 Também Rishikas; povos colocados pelo Ramayana no norte e no sul. Arjuna visita os primeiros, e arrecada deles oito cavalos. Dig-vijaya.

56 Também lido Bahikas, que nós podemos aqui preferir, porque os Bahlikas são citados subsequentemente. Os primeiros são descritos no Mahabharata, Karna Parva, com algum detalhe, e compreendem as diferentes nações do Punjab, do Setlej ao Indus.

57 Esses são incluídos entre as nações do norte; Vayu, etc.; mas no Dig-vijaya de Nakula eles estão no oeste.

58 Os Abhiras, de acordo com os Puranas, também estão no norte. No Ramayana e Mahabh. Sabha Parva, eles estão no oeste. O fato parece ser, que os povos ao longo do Indus, de Surat ao Himalaia, são considerados frequentemente como nações ocidentais ou do norte, de acordo com a posição topográfica do escritor. Em qualquer caso as mesmas tribos são indicadas.

59 O manuscrito lê Kalatoyakas, um povo colocado pelos Puranas no norte.

60 O Vayu lê Aparitas, uma nação do norte. Há Aparytae em Heródoto, classificado com um povo habitante das regiões fronteiriças na Índia, o Gandari. O termo no texto também significa 'fronteiriços', e é provavelmente correto, ao invés da palavra seguinte Parantas; a última significando aqueles além, e a primeira aqueles não além das fronteiras. O último tem em vez de Parantas, Paritas; e o Matsya, Paradas.

61 Também Pahlavas, uma nação do norte ou noroeste, mencionada frequentemente em escritos hindus, em Manu, no Ramayana, nos Puranas, etc. Eles não eram um povo hindu, e podem ter sido alguma das tribos entre a Índia e a Pérsia.

62 Também Charmakhandikas, mas o sentido é o mesmo; aqueles que vivem no distrito Mandala ou Khanda de Charma. Eles são um povo do norte: Vayu, etc. Plínio menciona um rei de um povo assim chamado, "Charmarum rex."

63 Lido Marubhaumas; mais satisfatoriamente, porque ele significa os habitantes de Marubhumi, 'o deserto;' as areias de Sindh.

64 Também Surashtras, que é sem dúvida mais correto; os habitantes de Surat.

65 Os Kekayas ou Kaikeyas aparecem entre as nações principais na guerra do Mahabharata, o rei deles sendo um parente de Krishna. O Ramayana, II. 53, especifica a posição deles além, ou ao oeste de Vipasa.

66 Nós temos nos Puranas Kuttapracharanas e Kuttapravaranas entre as tribos montesas.

67 Esses podem ser o povo no rio Mahi. Eles são citados entre as nações do sul pelo Vayu, etc., mas o oeste é evidentemente indicado.

68 Também lido Kachchas. O Purana tem Kachchiyas. A forma é igualmente aplicável a pessoas que moram em distritos contíguos à água e em lugares pantanosos, e denota a província ainda chamada Cutch.

os Malajas[69], Magadhas[70], Manavarjjakas[71]; aqueles no norte de Mahi (Mahyuttaras), os Pravrisheyas, Bhargavas[72], Pundras[73], Bhargas[74], Kiratas, Sudeshtas; e o povo no Yamuna (Yamunas), Sakas, Nishadas[75], Nishadhas[76], Anarttas[77]; e aqueles no sudoeste (Nairritas), os Durgalas, Pratimasyas[78], Kuntalas, Kusalas[79], Tiragrahas, Surasenas, Ijikas[80], Kanyakagunas, Tilabaras, Samiras, Madhumattas, Sukandakas, Kasmiras[81], Sindhusauviras[82], Gandharas[83], Darsakas[84], Abhisaras[85], Utulas[86], Saivalas[87], e Bahlikas[88]; o povo de Darvi[89], os Vanavas, Darvas, Vatajamarathorajas,

---

69 Também lido Adhya, Antya, e Andhra. O último é o nome de Telingana, o Andhri de Plínio.

70 Três manuscritos têm Malada, um povo do leste no Dig-vijaya de Bhima.

71 Também Manavalakas.

72 Um povo do leste.

73 As províncias ocidentais de Bengala, ou, como às vezes usado em um sentido mais abrangente, ele inclui os seguintes distritos: Rajshahi, Dinajpur, e Rangpur; Nadiya, Birbhum, Burdwan, parte de Midnapur, e a Selva Mahals; Ramgerh, Pachete, Palamow, e parte de Chunar. Veja uma descrição de Pundra, traduzida do que é dito ser parte da seção Brahmanda do Bhavishya Purana. Revista Trimestral Calcutá. Dez. 1824.

74 Há variedade considerável nesse termo, Larga, Marja, Samuttara, e Samantara; provavelmente nenhum deles é correto. Bhargas estão entre os povos subjugados no leste por Bhima.

75 Esses são em geral monteiros e bárbaros.

76 Apesar da celebridade desse país, como o reino de Nala, não aparece exatamente onde ele era situado. Nós podemos concluir que ele não era longe de Vidharba (Berar), porque aquele era o país de Damayanti. A partir das direções dadas por Nala a Damayanti, ele é perto da montanha Vindhya e do rio Payoshni, e estradas levam dele pela montanha Riksha para Avanti e o sul, como também para Vidarbha e para Kosala. Nalopakhyana, seç. 9.

77 Esses sempre são colocados no oeste. Conta-se que eles são os descendentes de Anartta, o filho de Saryati, que fundou a capital Kusasthali, posteriormente Dwaraka, no litoral em Guzerat.

78 Também Pratimatsyas; aqueles opostos ou adjacentes aos Matsyas.

79 Também Kusajas e Kosalas; o último está provavelmente correto, porque o nome não aparece em nenhuma outra forma além daquela de Kasikosala acima. Kosala é um nome aplicado de modo variado. Sua aplicação mais antiga e mais célebre é ao país nas margens do Sarayu, o reino de Rama, do qual Ayodhya era a capital. Ramayana, I. c. 5. No Mahabharata nós temos um Kosala no leste, e outro no sul, além dos Prak-kosalas e Uttara-kosalas no leste e norte. Os Puranas colocam os Kosalas entre o povo 'nas costas de Vindhya;' e parece de acordo com o Vayu que Kusa, o filho de Rama, transferiu seu reino para uma posição mais central; ele reinou sobre Kosala em sua capital de Kusasthali ou Kusavati, construída nos precipícios de Vindhyan. O mesmo é mencionado no Patala Khanda do Padma Purana, e no Raghu Vansa, com a finalidade de explicar o retorno de Kusa a Ayodhya. Certamente em tempos mais recentes o país de Kosala se situa ao sul de Oude, pois no Ratnavali o general de Vatsa cerca o rei de Kosala nas montanhas Vindhya (Teatro hindu, II. 305;) e, como notado no mesmo trabalho (pág. 267,) nós temos nos Puranas, Sapta Kosalas, ou sete Kosalas. Uma inscrição encontrada em Ratnapur em Chattisgarh, da qual eu tenho uma tradução inédita, afirma que Sri-deva, o governador de Malahari Mandala, tendo obtido o favor de Prithwideva, rei de Kosala, foi permitido construir templos, e cavar tanques, etc., indicando a extensão do poder de Kosala além do Ganges naquela direção. A inscrição é datada de Samvat 915, ou 858 D. C. O Kosala dos Puranas e dos escritores dramáticos e poéticos era no entanto mais para o oeste, junto a uma parte da cordilheira Vindhya. Ptolomeu tem um Kontakossula no sul, provavelmente um dos Kosalas dos hindus.

80 Também Itikas; talvez os Ishikas ou Aishikas do Vayu, etc. Um povo do sul.

81 O povo de Cachemira.

82 Uma das tribos principais envolvidas na guerra do Mahabharata. O Ramayana os coloca no oeste; os Puranas no norte. O termo Sindhu mostra que a posição deles era perto do Indus, aparentemente no Punjab.

83 Esses também são um povo do noroeste, encontrado no oeste do Indus e no Punjab, e bem conhecido por autores clássicos como o Gandarii e Gandaridae. As. Res. XV. 103; também Diário da Soc. As. Real; Descrição do Foe-kue-ki.

84 A partir do contexto esses provavelmente devem ser Darvakas, o povo de um distrito normalmente especificado em ligação com o seguinte.

85 Esses são os habitantes da região limítrofe em Cashmir, ao sul e oeste; conhecido para os gregos como o reino de Abisares. Ele ocorre frequentemente em composição com Darya, como Darvabhisara. As. Res. XV. 24.

86 Também lido Ulutas e Kulutas. O Ramayana tem Kolukas ou Kaulutas entre as tribos ocidentais.

87 Também com a vogal curta, Saivalas.

Bahubadhas[90], Kauravyas, Sudamas[91], Sumallis, Badhnas, Karishakas, Kulindapatyakas, Vatayanas[92], Dasarnas[93], Romanas[94], Kusavindus, Kakshas[95], Gopala-kakshas[96], Jangalas[97], Kuruvarnakas[98], Kiratas, Barbaras[99], Siddhas, Vaidehas[100], Tamraliptas[101], Audras[102], Paundras[103], residentes em áreas arenosas (Saisikatas), e em montanhas (Parvatiyas). Além disso, principais dos filhos de Bharata, há as nações do sul, os Draviras[104], Keralas[105], Prachyas[106], Mushikas[107], e Vanavasakas[108]; os Karnatakas[109], Mahishakas[110], Vikalyas[111] e Mushakas[112], Jillikas[113], Kuntalas[114], Sauhridas, Nalakananas[115], Kaukuttakas[116], Cholas[117], Kaunkanas[118], Malavanas[119], Samangas, Karakas, Kukkuras, Angaras[120],

---

88 Os Vahlikas ou Bahlikas sempre são associados com o povo das províncias norte, oeste, e ultra-indianas, e normalmente é considerado que representam os báctrios, ou o povo de Balkh. Ela é especificada no Mahabh. Udyoga Parva como famosa por seus cavalos, uma reputação que a região que a limita, pelo menos Bokhara e Maimena, ainda preservam, e no Dig-vijaya de Arjuna é dito que ela é difícil de aproximação.

89 Esses são provavelmente indicados pelos vizinhos dos Abhisaras, eles são achados no norte por Arjuna, Dig-vijaya, e são lá também chamados Kshatriyas.

90 Também lido Bahubadhya e Bahurada.

91 O nome ocorre no Ramayana como aquele de uma montanha no Punjab ou no país Bahika. II. 53.

92 Os manuscritos concordam em ler isso como Vanayava ou Vanayus, um povo no noroeste, também famoso pelos cavalos.

93 Uma leitura melhor é Dasaparswa, porque nós tivemos Dasarnas antes.

94 Também Ropanas; oblíquo: romanos?

95 Também Gachchas e Kachchas, a última é a melhor leitura, embora ele tenha ocorrido antes.

96 Também Gopala-kachchas: eles estão entre as tribos do leste no Dig-vijaya de Bhima.

97 Ou Langalas.

98 Kurujangalas, ou o povo das florestas na parte superior do Doab. Também é lido Paravallabhas.

99 A analogia com 'bárbaros' não está no som apenas, mas em todas as autoridades esses são classificados com habitantes das regiões fronteiriças e estrangeiros e nações não hindus.

100 Também Dahas, no qual nós devemos ter uma semelhança com os Citas Dahae.

101 Ou Tamaliptas ou Damaliptas; o povo na foz ocidental do Ganges em Medinipur e Tamluk. Tamralipti era um porto de mar célebre no quarto século, (Descrição do Foe-kue-ki,) e reteve seu caráter no nono e décimo segundo. Dasa Kumara Charitra e Vrihat Katha; também Diário da Soc. As. Real.

102 O povo de Odra ou Orissa.

103 Os habitantes de Pundra: veja nota 73.

104 O povo da costa Coromandel, de Madras para o sul; aqueles por quem o idioma de Tamil é falado.

105 O povo do próprio Malabar.

106 Também Prasyas. Prachyas significa corretamente o povo do leste, os Prasii dos gregos, no leste do Ganges.

107 Mushika é a parte mais meridional da costa de Malabar, Cochin e Travancore.

108 Também Vanavasinas e Vanavasikas; os habitantes de Banawasi, a Banavasi de Ptolomeu, uma cidade os restos da qual ainda são existentes no distrito de Sunda.

109 O povo do centro da Península, o próprio Kernata ou Carnatie.

110 O povo de Mysore: veja nota 54.

111 Também Vikalpas.

112 Também Pushkalas.

113 Também Karnikas.

114 Lido Kuntikas.

115 Diferentemente lido Nalakalaka, Nabhakanana, e Tilakanija.

116 Kaukundaka e Kaukuntaka.

117 Os habitantes da parte mais baixa da costa Coromandel; assim chamada, por causa deles, de Chola-mandala.

118 Povo do Konkan: de acordo com algumas declarações há sete distritos assim chamados.

119 Malavanara e Salavanaka.

120 Essas duas palavras às vezes são compostas como Kukkurangara. Também é lido Kanurajada.

Dhwajinyutsavasanketas[121], Trigarttas[122], Salwasenis, Sakas[123], Kokarakas[124], Proshtas, Samavegavasas[125]. Há também os Vindhyachulukas[126], Pulindas e Kalkalas[127], Malavas[128], Mallavas[129], Aparavallabhas, Kulindas[130], Kalavas[131], Kunthakas[132], Karatas[133], Mushakas, Tanabalas[134], Saniyas[135], Ghatasrinjayas[136], Alindayas[137], Pasivatas[138], Tanayas[139], Sunayas[140], Dasividarbhas[141], Kantikas[142], Tanganas[143], Paratanganas, do norte e outros bárbaros ferozes (Mlechchhas), Yavanas[144], Chinas[145], Kambojas[146]; tribos ferozes e incivilizadas, Sakridgrahas[147],

---

121 Esse é um nome questionável, embora o manuscrito concorde. Nós temos no Dig-vijaya de Arjuna, Utsavamanketa; e no de Nakula, para o oeste, Utsavasanketa.

122 Esses estão entre os guerreiros do Mahabharata; eles são incluídos em todas as listas entre as tribos do norte, e são mencionados no Rajatarangini como não distantes da Cachemira. Eles são considerados como o povo de Lahone.

123 Também Vyukas e Vrikas: os últimos são especificados entre as nações centrais: Vayu, etc.

124 Kokavakas e Kokanakhas.

125 Saras e Vegasaras; também Parasancharakas.

126 Vindhyapalakas e Vindhyamulikas: os últimos, aqueles na base de Vindhya, são citados nas listas purânicas entre as tribos do sul.

127 Balwala e Valkaja.

128 Também Malaka e Majava.

129 Também Vallabhas, que a partir da palavra seguinte pode ser conjeturado estar correto. Uma cidade chamada Vallabhi faz uma grande figura nas tradições de Rajputana. Veja o Rajasthan de Tod.

130 Uma das tribos no oeste ou noroeste subjugada por Arjuna.

131 Kalada e Dohada.

132 Kundala, Karantha, e Mandaka: a última se acha no Ramayana entre as nações orientais.

133 Kurata, Kunaka.

134 Stanabala.

135 Satirtha, Satiya, Nariya.

136 Os Srinjayas são um povo do noroeste entre os guerreiros do Mahabharata. A leitura pode estar incorreta. Também se encontra Putisrinjaya.

137 Também Aninda.

138 Também Sivata, Sirala, Syuvaka.

139 Tanapa, Stanapa, Sutapa.

140 Pallipanjaka e Vidarbha.

141 Dadhividarbha, mas três cópias têm Rishika. Grande variedade, e sem dúvida grande inexatidão, prevalece nos manuscritos em vários dos nomes dados aqui. Eles não são achados em outro lugar.

142 A leitura de três cópias é Kakas. Há uma tribo assim chamada nas margens do Indus, porque ela deixa as montanhas.

143 Esses e o seguinte são montanheses no noroeste. Os primeiros são colocados pelos Puranas no norte, e o Vayu também os inclui entre as tribos montesas. O Ramayana tem Tankanas no norte.

144 O termo Yavanas, embora nos tempos mais recentes aplicado aos muçulmanos, designava os gregos antigamente, como observado nas valiosas notas na tradução do Nascimento de Uma, do Kumara Sambhava. (Diário da Soc. As. de Bengala, julho de 1833.) Os gregos eram conhecidos por toda a Ásia ocidental pelo termo w ywn, Yavan; ou Ion, Iaones; o Yavana, यवन, dos hindus; ou como ele se acha em sua forma Prakrit, na inscrição muito curiosa decifrada pelo Sr. Prinsep, (D. Soc. As. Beng. Fevereiro 1838,) Yona; o termo Yona Raja sendo lá associado com o nome Antiochus, com toda probabilidade Antíoco o Grande, o aliado do príncipe indiano Sophagasenas, por volta de 210 A. C. Que os gregos-macedônios ou báctrios eram mais usualmente indicados não é somente provável por causa da posição e relações deles com a Índia, mas por eles serem normalmente citados em colaboração com as tribos do noroeste, Kambojas, Daradas, Paradas, Bahlikas, Sakas, etc. no Ramayana, Mahabharata, Puranas, Manu, e em vários poemas e peças.

145 Chinas, ou chineses, ou antes do povo da Tartária Chinesa, são mencionados no Ramayana e Manu, como também nos Puranas. Se a designação China foi derivada da dinastia Tsin, que começou em 260 A. C., isso forma um limite de antiguidade para os trabalhos em questão. A mesma palavra, porém, ou Tsin, era o título antigo da província do norte de Shen-sy, e ele pode ter alcançado os hindus a partir daquele lugar em um período mais antigo.

146 Esses Wilford considera como o povo de Arachosia. Eles são sempre mencionados junto com as tribos do noroeste, Yavanas, Sakas, e semelhantes. Eles também são famosos por seus cavalos; e é dito no Ramayana que eles são cobertos com lotos dourados. O que isso quer dizer é duvidoso, provavelmente algum ornamento ou embelezamento de seu traje. Nós temos parte do nome, ou Kambi,

Kulatthas[148], Hunas, e Parasikas[149]; também Ramanas[150], Chinas, Dasamalikas[151], aqueles vivendo perto de Kshatriyas, e Vaisyas e Sudras[152]; também Sudras[153], Abhiras[154], Daradas[155], Kasmiras, com Pattis[156], Khasiras[157], Antacharas ou habitantes das regiões fronteiriças, Pahnavas[158], e residentes em cavernas de montanha (Girigahvaras[159]), Atreyas, Bharadwajas[160], Stanayoshikas[161], Proshakas[162], Kalinga[163], e tribos de Kiratas, Tomaras, Hansamargas, e Karabhanjikas[164]. Essas e muitas outras

---

no Cambistholi de Arrian. As últimas duas sílabas, sem dúvida, representam o sânscrito Sthala, 'lugar', 'distrito;' e a palavra denota os moradores do país Kamba ou Kambis. Assim Kamboja pode ser explicado aqueles nascidos em Kamba ou Kambas.

147 Também Sakridvaha ou Sakridguha.

148 Também Kulachchas e Kuntalas. O Puranas têm Kupathas entre as tribos montesas.

149 Também Parataka. O primeiro não é uma forma comum nos Puranas, embora esteja em escritos poéticos, denotando, sem dúvida, os persas, ou o povo de Pars ou Fars. O último, também lido Paradas, pode significar o mesmo, como além (Para) do Indus.

150 Nós temos Ramathas no Dig-vijaya de Nakula, e no Vayu e Matsya.

151 Dasamanas e Desamanikas, no norte: Vayu e Matsya.

152 A passagem se encontra no Vayu e Markandeya Puranas, assim como no Mahabharata; mas o sentido não é muito distinto, e a própria leitura é duvidosa. Em três manuscritos do último, ele ocorre क्षत्रियो योनिवेशाश्च वैश्यशूद्राणि कुलानि च । . O último pada é o mesmo em todos. O primeiro, é क्षत्रियोपरिवेशाश्च । em uma quarta cópia, em duas cópias do Vayu ele é: क्षत्रियो क्षत्रिवेशाश्च । . Nenhum desses é inteligível, e o Markandeya fornece a leitura seguinte: क्षत्रियोपनिवेशाश्च । . Os geógrafos modernos supõem que o Cathaei, Cathari, e Chatriaei dos antigos, nas partes inferiores do Punjab, significam um povo de Kshatriyas; mas nenhum povo assim se encontra citado diretamente em nossas listas. Considerando que o texto está falando de tribos bárbaras e estrangeiras, talvez nenhuma nação específica seja indicada aqui, e ele pode ser usado como um epíteto daqueles que seguem, ou de tribos Vaisya (agrícolas) e Sudra (servis ou inferiores), vivendo perto de, ou do mesmo modo que, Kshatriyas. Nesse caso, uma leitura melhor seria क्षत्रियोपनिवेशानि वैश्यशूद्रकुलानि च । . De acordo com Manu, várias tribos do norte, os Sakas, Kambojas, Paradas, Pahlavas, Kiratas, Daradas, e Khasas, e até mesmo os Chinas e Yavanas, são Kshatriyas degradados, por negligenciarem ritos religiosos. X. 43, 44. De acordo com a lenda purânica eles foram superados na guerra por Sagara, e rebaixados de sua casta original. Veja o livro 4.

153 Aqui nós temos um povo chamado Sudras por todas as autoridades, e colocados no oeste ou noroeste, em direção ao Indus. Eles foram engenhosamente, e com probabilidade, conjeturados pelo sr. Lassen serem os Oxydracae; pois Sudraka é igualmente correto com Sudra; e em lugar de Oxydrakai vários manuscritos de Strabo, como citados por Siebenkees, lêem Sidrakai e Sydrakai. O último é precisamente o nome sânscrito. Plínio também tem Sudraci como o povo que formou o limite das conquistas orientais de Alexandre, ou aqueles até agora chamados inexatamente de Oxydracae.

154 Esses sempre são associados com os Sudras, como se vizinhos. Sua posição é, sem dúvida, indicada corretamente por Ptolomeu, pela posição de Abiria, além de Pattalene no Indus.

155 Os Durds ainda estão onde eles estavam na data do nosso texto, e nos tempos de Strabo e Ptolomeu; não exatamente, de fato, nas fontes do Indus, mas ao longo de seu curso, sobre o Himalaia, logo antes de ele descer para a Índia; uma posição que poderia bem ser suposta como sua nascente.

156 Também lido Pasus, 'os brutos.' Se o termo pudesse ser alterado para Palli, ele significaria 'aldeia ou tribos pastorais.'

157 Também Khasikas e Khasakas. O primeiro desses provavelmente é mais correto, sendo equivalente a Khasas, bárbaros citados junto com os Sakas e Daradas por Manu, etc.; rastros dos quais podem ser buscados entre as tribos bárbaras no nordeste de Bengala, os Kasiyas; ou é pensado que eles podem ser reportados à posição de Kashgar. Duas cópias têm, em lugar disso, Tukharas, e o mesmo acontece no Ramayana; o Vayu tem Tusharas, mas o Markandeya, Tukhara. Esses provavelmente são os Tochari, Tachari, ou Thogari, uma tribo dos Sakas, por quem Bactria foi tomada dos gregos, e de quem Tocharestan deriva o nome que ela ainda tem.

158 Também Pahlavas e Pallavas. A forma no texto é a mais usual.

159 O Ramayana tem Gahvaras. As montanhas de Kabul a Bamiyan fornecem casos infinitamente numerosos de habitações de caverna.

160 Esses dois, de acordo com o Vayu, estão entre as nações do norte; mas poderia ser pensado que eles são fraternidades religiosas, dos sábios Atri e Bharadwaja.

161 O último membro da combinação se encontra poshikas, payikas, e yodhikas, 'os que nutrem', 'bebedores', ou 'lutadores'. O primeiro termo denota o peito feminino.

162 Também Dronakas, 'povo dos vales.'

163 Também Kajingas. Kalingas estaria fora de lugar aqui.

164 Esses e os precedentes são incluídos pelo Vayu entre as tribos montesas do norte.

nações, vivendo no leste e no norte, podem ser citadas apenas brevemente dessa maneira[165]. ◄

165 Muitos nomes realmente podem ser somados ao catálogo das listas apresentadas no Vayu, Matsya, e Markandeya Puranas, como também vários capazes de verificação do Ramayana, e outras passagens do Mahabharata. Esse não é porém o lugar para esgotar o assunto, e ele já foi prosseguido demasiado talvez. É evidente que uma proporção muito considerável dos nomes registrados pode ser verificada, e que muitos deles podem ser localizados nas informações geográficas da Índia deixadas pelos historiadores da expedição de Alexandre. Que muitos não possam ser identificados é devido em uma grande medida à pesquisa incompleta; e um exame mais extenso das autoridades indubitavelmente descobriria passagens onde circunstâncias, como também nomes, são dados, pelos quais os lugares seriam reconhecidos. É evidente, no entanto, que muito embaraço também surge da inexatidão de manuscritos, que variam amplamente e irreconciliavelmente. Eu dei exemplos de quatro cópias diferentes do texto; uma em minha própria posse, e três na biblioteca da Companhia da Índia Oriental; todas cópias muito excelentes, mas manifestadamente errôneas em muitos aspectos em sua nomenclatura de lugares, e particularmente daqueles que são menos conhecidos. Nenhuma ajuda será tida de qualquer comentário, porque o assunto é um de pouco interesse na avaliação nativa.

CAPÍTULO 4

Descrição de reis, divisões, montanhas, rios, e habitantes das outras Dwipas, isto é, Plaksha, Salmala, Kusa, Krauncha, Saka, e Pushkara, dos oceanos que as separam, das marés, dos confins da terra; a montanha Lokaloka. Extensão do todo.

Da mesma maneira como Jambu-dwipa é cercada pelo oceano de água salgada, assim aquele oceano é rodeado pelo continente insular de Plaksha; a extensão do qual é duas vezes aquela de Jambu-dwipa.

Medhatithi, que foi feito soberano de Plaksha, teve sete filhos, Santabhaya, Sisira, Sukhodaya, Ananda, Siva, Kshemaka, e Dhruva; e a Dwipa foi dividida entre eles, e cada divisão recebeu o nome do príncipe a quem ela estava sujeita. Os vários reinos eram limitados pelo mesmo número de cadeias de montanhas, chamadas respectivamente Gomeda, Chandra, Narada, Dundubhi, Somaka, Sumanas, e Vaibhraja. Nessas montanhas os habitantes impecáveis sempre moram junto com espíritos celestiais e deuses. Nelas há muitos lugares sagrados; e as pessoas lá vivem por um período longo, livres de ansiedade e dor, e desfrutando de felicidade ininterrupta. Também há, nas sete divisões de Plaksha, sete rios, fluindo para o mar, cujos nomes somente são suficientes para afastar o pecado. Eles são o Anutapta, Sikhi, Vipasa, Tridiva, Kramu, Amrita, e Sukrita. Esses são os principais rios e montanhas de Plaksha-dwipa, que eu enumerei para você; mas há milhares de outros de magnitude inferior. As pessoas que bebem das águas daqueles rios sempre estão contentes e felizes, e não há nem diminuição nem aumento entre elas[1], nem as revoluções das quatro eras são conhecidas nesses Varshas. O caráter do tempo lá é uniformemente aquele da era Treta (ou prata). Nas cinco Dwipas, brâmane digno, de Plaksha a Saka, a duração de vida é cinco mil anos, e mérito religioso é dividido entre as várias castas e ordens das pessoas. As castas são chamadas Aryaka, Kuru, Vivasa, e Bhavi, correspondentes respectivamente à Brâmane, Kshatriya, Vaisya, e Sudra. Nessa Dwipa há uma grande figueira (Ficus religiosa), de tamanho semelhante como a árvore Jambu de Jambu-dwipa; e essa Dwipa é chamada de Plaksha por causa do nome da árvore. Hari, que é tudo, e o criador de tudo, é adorado nesse continente na forma de Soma (a lua). Plaksha-dwipa é circundada, como por um disco, pelo mar de melado, da mesma extensão que a terra. Essa, Maitreya, é uma descrição breve de Plaksha-dwipa.

O herói Vapushmat era o rei da próxima ou Salmala-dwipa, cujos sete filhos também deram designações a sete Varshas, ou divisões. Seus nomes eram Sweta, Harita, Jimuta, Rohita, Vaidyuta, Manasa, e Suprabha. O mar Ikshu é cercado pelo continente de Salmala, que é duas vezes sua extensão. Há sete cadeias de montanhas principais, ricas em pedras preciosas, e dividindo os Varshas uns dos outros; e também há sete rios principais. As montanhas são chamadas Kumuda, Unnata, Valahaka, Drona, fértil em ervas medicinais, Kanka, Mahisha, e Kakkudwat. Os rios são Yauni, Toya, Vitrishna, Chandra, Sukla, Vimochani, e Nivritti; todos cujas águas purificam de pecados. Os Brâmanes, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras dessa Dwipa, respectivamente chamados Kapilas, Arunas, Pitas, e Rohitas (ou morenos, roxos, amarelos, e vermelhos), adoram a alma imperecível de todas as coisas, Vishnu, na forma de Vayu (vento), com ritos religiosos, e desfrutam de associação frequente com os deuses. Uma grande árvore Salmali (paina) cresce nessa Dwipa, e dá a ela

[1] Assim o comentador explica os termos Avasarpini e Utsarpini; mas essas palavras geralmente designam divisões de tempo peculiares aos jainas; durante a primeira das quais se supõe que os homens declinam de felicidade extrema para angústia extrema; e na última, ascendem de miséria para felicidade. O autor do texto possivelmente tinha à vista o uso jaina desses termos; e nesse caso, escreveu depois que o sistema deles foi promulgado.

seu nome. A Dwipa é cercada pelo mar de Sura (mar de vinho), da mesma extensão como ela mesma.

O mar de Sura é completamente cercado por Kusa-dwipa, que é duas vezes todo modo o tamanho do continente precedente. O rei, Jyotishmat, teve sete filhos, Udbhida, Venuman, Swairatha, Lavana, Dhriti, Prabhakara, e Kapila, pelo nome dos quais foram chamadas as sete partes ou Varshas da ilha, Udbhida, etc. Lá reside o gênero humano junto com Daityas e Danavas, como também com espíritos do céu e deuses. As quatro castas, assiduamente dedicadas aos seus respectivos deveres, são chamadas Damis, Sushmis, Snehas, e Mandehas que, para serem livradas das obrigações impostas sobre elas no cumprimento de suas várias funções, adoram Janarddana, na forma de Brahma, e assim se livram dos deveres desagradáveis que levam a recompensas mundanas. As sete montanhas principais nessa Dwipa são chamadas Vidruma, Hemasaila, Dyutiman, Pushpavan, Kusesaya, Hari, e Mandara; e os sete rios são Dhutapapa, Shiva, Pavitra, Sammati, Vidyudambha, Mahhvanya, Sarvapapahara. Além desses, há numerosos rios e montanhas de menor importância. Kusa-dwipa é assim chamada por causa de uma moita de erva Kusa (Poa) crescendo lá. Ela é circundada pelo mar de Ghrita (o mar de manteiga), do mesmo tamanho que o continente.

O mar de Ghrita é cercado por Krauncha-dwipa, que é duas vezes tão grande quanto Kusa-dwipa. O rei dessa Dwipa era Dyutiman, cujos filhos, e os sete Varshas que receberam os nomes deles, eram Kusala, Mallaga, Ushna, Pivara, Andhakaraka, Muni, e Dundubhi. As sete montanhas de fronteira, agradando a deuses e espíritos celestiais, são Krauncha, Vamana, Andhakaraka, Devavrit, Pundarikavan, Dundubhi, e Mahasaila; cada uma das quais é em sucessão duas vezes tão alta quanto a série que a precede, da mesma maneira como cada Dwipa é duas vezes tão extensa quanto aquela anterior a ela. Os habitantes residem lá sem apreensão, associando-se com os grupos de divindades. Os Brâmanes são chamados Pushkaras; os Kshatriyas, Pushkalas; os Vaisyas são chamados Dhanyas; e os Sudras, Tishyas. Eles bebem de rios incontáveis, dos quais os principais são denominados Gauri, Kumudwati, Sandhya, Ratri, Manojava, Kshanti, e Pundarika. O divino Vishnu, o protetor da humanidade, é adorado lá pelas pessoas, com ritos sagrados, na forma de Rudra. Krauncha é cercada pelo mar de coalhos, de uma extensão similar; e aquele novamente é cercado por Saka-dwipa.

Os filhos de Bhavya, o rei de Saka-dwipa, em homenagem a quem seus Varshas foram chamados, eram Jalada, Kumara, Sukumara, Manichaka, Kusumoda, Maudaki, e Mahadruma. As sete montanhas que separam os países eram Udayagiri, Jaladhara, Raivataka, Syama, Ambikeya, Ramya, e Kesari. Lá cresce uma grande árvore Saka (Teca), frequentada pelos Siddhas e Gandharbas, o vento da qual, como produzido por suas folhas tremulando, difunde deleite. As terras santas desse continente são povoadas pelas quatro castas. Seus sete rios sagrados, que purificam de todo pecado, são o Sukumari, Kumari, Nalini, Dhenuka, Ikshu, Venuka, e Gabhasti. Também há centenas e milhares de rios e montanhas secundários nessa Dwipa, e os habitantes de Jalada e das outras divisões bebem daquelas águas com prazer, depois que elas voltaram para a terra do céu de Indra. Naqueles sete distritos não há abandono de virtude; não há contenção; não há negligência à retidão. A casta de Mriga é aquela do Brâmane; a Magadha, do Kshatriya; a Manasa, do Vaisya; e a Mandaga do Sudra: e por esses Vishnu é cultuado devotamente como o sol, com cerimônias apropriadas. Saka-dwipa é cercada pelo mar de leite, como por um esteiro, e o mar é da mesma amplitude que o continente o qual ele circunda[2].

[2] O Kurma é o único Purana no qual a ilha branca, Sweta-dwipa, a residência de Vishnu, é incluída na geografia do mundo. Uma descrição casual dela é citada pelo Cel. Wilford do Uttara Khanda do Padma

O oceano de Kshiroda (ou mar de leite) é cercado pela sétima Dwipa, ou Pushkara, que é duas vezes o tamanho de Saka-dwipa. Savana, que foi feito seu soberano, teve apenas dois filhos, Mahavira e Dhataki, em homenagem a quem os dois Varshas de Pushkara foram assim chamados. Esses são divididos por uma imensa cadeia de montanhas, chamada Manasottara, que corre em uma direção circular (formando um círculo externo e um interno). Essa montanha tem cinquenta mil yojanas de altura, e o mesmo de largura; dividindo a Dwipa no meio, como se com um bracelete, em duas divisões, que também são de uma forma circular, como a montanha que as separa. Dessas duas, a Mahavira-varsha é exterior à circunferência de Manasottara, e Dhataki se encontra dentro do círculo; e ambas são frequentadas por espíritos divinos e deuses. Não há outras montanhas em Pushkara, nem há quaisquer rios lá[3]. Os homens nessa Dwipa vivem mil anos, livres de doença e tristeza, e não perturbados por raiva ou afeto. Lá não há nem virtude nem vício, assassino nem assassinado; lá não há ciúme, inveja, medo, ódio, cobiça, nem qualquer defeito moral; nem há lá verdade ou falsidade. Alimento é produzido espontaneamente lá, e todos os habitantes se alimentam de iguarias de todo sabor. Os homens lá têm realmente a mesma natureza que deuses, e a mesma forma e hábitos. Não há distinção de casta ou ordem; não há regulamentos fixos; nem ritos são executados por causa de vantagem. Os três Vedas, os Puranas, sistemas morais, e métodos de governo, e as leis de serviço, são desconhecidos. Pushkara é, na realidade, em ambas as suas divisões, um paraíso terrestre, onde o tempo concede felicidade para todos os seus habitantes, que estão livres de doença e decadência. Uma árvore Nyagrodha (Ficus indica) cresce nessa Dwipa, que é a residência especial de Brahma, e ele reside nela, adorado pelos deuses e demônios. Pushkara é cercada pelo mar de água fresca, que é de extensão igual ao continente que ele envolve[4].

Dessa maneira as sete ilhas continentes são cercadas sucessivamente pelos sete oceanos, e cada oceano e continente tem respectivamente duas vezes a extensão daquele que o precede. Em todos os oceanos a água permanece em todos os momentos a mesma em quantidade, e nunca aumenta ou diminui; mas como a água em um caldeirão, a qual, por causa de sua combinação com calor, se expande, assim as águas do oceano aumentam com o crescimento da lua. As águas, embora nem mais nem menos, se dilatam ou se contraem conforme a lua cresce ou míngua nas quinzenas claras e escuras. A elevação e baixa das águas dos diferentes oceanos é quinhentas e dez polegadas[5].

Purana (As. Res. XI. 99); e é nesse e no Brahma Vaivartta que referências a ela são mais frequentes e copiosas.

3 Uma alteração leve foi feita aqui na ordem da descrição.

4 A descrição das Dwipas no Agni, Brahma, Kurma, e Vayu Puranas concorda com aquela do nosso texto. O Markandeya, Linga, e Matsya não contêm detalhes. O Bhagavata e Padma seguem a mesma ordem que o Vishnu, etc. mas alteram todos os nomes, e muitas das medidas. A descrição do Mahabharata é muito irregular e confusa. As variações não lançam nenhuma luz adicional sobre o sistema geográfico dos Puranas. Alguns rastros disso parecem encontráveis no oeste; e as sete Dwipas, com seus mares circunvizinhos, podem ter alguma conexão com a noção das sete regiões climáticas, como o Cel. Wilford supôs. Aquele escritor erudito, mas fantasioso, aplicou grandes esforços na verificação dessas ficções, e imaginou que as diferentes Dwipas representam divisões reais do globo: Jambu sendo a Índia; Kusa, o Kush da Escritura, ou os países entre a Mesopotâmia e a Índia; Plaksha sendo a Ásia Menor; Salmali, Europa oriental; Krauncha, Alemanha; Saka, as ilhas britânicas; e Pushkara, Islândia. A ilha branca ou prateada, ou ilha da lua, também era, de acordo com ele, a ilha da Grã Bretanha. O que quer que possa ser pensado das conclusões dele, suas composições sobre esses assuntos, particularmente no oitavo, décimo, e décimo primeiro volumes das Asiatic Researches, contêm muita matéria curiosa e interessante.

5 Embora os hindus pareçam ter tido uma noção da causa das marés, eles não eram observadores muito precisos do efeito. A elevação extrema da maré no rio Hugli nunca excedeu vinte pés, e sua média é aproximadamente quinze. (As. Res. vol. XVIII. Kyd sobre as Marés do Hugli.)

Além do mar de água fresca existe uma região de duas vezes sua extensão, onde a terra é de ouro, e onde nenhum ser vivo reside. Daquele lugar se estende a montanha Lokaloka, que tem dez mil yojanas de largura, e o mesmo de altura; e além dela escuridão perpétua envolve a montanha por todos os lados; e essa escuridão é cercada novamente pela casca do ovo[6].

Tal, Maitreya, é a terra, que com seus continentes, montanhas, oceanos, e casca exterior, tem cinquenta crores (quinhentos milhões) de yojanas de extensão[7]. Ela é a mãe e protetora de todas as criaturas, a fundação de todos os mundos, e o principal dos elementos. ◄

---

6 O Anda kataha. O Kataha é propriamente um recipiente raso semi-esférico, um pires; mas composto nessa forma, significa a concha do ovo do mundo. O Bhagavata descreve dessa maneira essas partes do mundo: "Além do mar de água fresca existe a faixa de montanhas, chamada Lokaloka, a fronteira circular entre o mundo e o espaço vazio. O intervalo entre Meru e Manasottara é a terra dos seres vivos. Além do mar de água fresca existe a região de ouro, que brilha como a superfície luminosa de um espelho, mas da qual nenhum objeto sensível apresentado a ela jamais é refletido, e consequentemente ela é evitada pelas criaturas vivas. A cadeia de montanhas pela qual ela é cercada é chamada Lokaloka, porque o mundo é separado por ela daquilo que não é mundo; para qual propósito ela foi colocada por Iswara no limite dos três mundos; e sua altura e largura são tais que os raios dos corpos luminosos divinos, do sol à estrela-polar, que se espalham sobre as regiões dentro da montanha, não podem penetrar além dela." De acordo com o Cel. Wilford, entretanto, há uma brecha na faixa, e um mar além dela, onde Vishnu reside; mas ele não deu as autoridades dele com relação a isso. (As. Res. XI. 54.) As lendas muçulmanas de Koh Kaf, 'a cinta rochosa que cerca o mundo', estão evidentemente ligadas com a Lokaloka dos hindus. De acordo com o Shiva Tantra, o El Dorado, ao pé das montanhas Lokaloka, é a área de diversão dos deuses.

7 Isso inclui as esferas planetárias; pois o diâmetro das sete zonas e oceanos - cada oceano sendo do mesmo diâmetro que o continente que ele cerca, e cada continente sucessivo sendo duas vezes o diâmetro daquele que o precede - corresponde a apenas dois crores e cinquenta e quatro lakhs. A terra dourada é duas vezes o diâmetro de Pushkara, ou dois crores e cinquenta e seis lakhs; e o Lokaloka tem somente dez mil yojanas. De modo que o total é cinco crores dez lakhs e dez mil (5.10.10.000). De acordo com o Shiva Tantra, a terra dourada tem dez crores de yojanas, fazendo, com os sete continentes, um quarto da medida inteira. Outros cálculos ocorrem, cuja incompatibilidade os comentadores em nosso texto, e naquele do Bhagavata, consideram que surge de referência sendo feita a diferentes Kalpas, e eles citam a mesma estrofe neste sentido: 'Sempre que qualquer contradição é observada em diferentes Puranas, elas são atribuídas pelos piedosos a diferenças de Kalpas e semelhantes.'

CAPÍTULO 5

Das sete regiões de Patala, abaixo da terra. Os louvores de Narada a Patala. Descrição da serpente Sesha. Primeiro professor de astronomia e astrologia.

Parasara: 'A extensão da superfície da terra foi descrita desse modo para você, Maitreya. É dito que sua profundidade debaixo da superfície é setenta mil yojanas, cada uma das sete regiões de Patala se estendendo dez mil para baixo. Essas sete, Muni digno, são chamadas Atala, Vitala, Nitala, Gabhastimat, Mahatala, Sutala, e Patala[1]. Seu solo é respectivamente branco, preto, roxo, amarelo, arenoso, pedregoso, e de ouro. Elas são embelezadas com palácios magníficos, nos quais moram numerosos Danavas, Daityas, Yakshas, e grandes deuses-cobra. O Muni Narada, depois de seu retorno daquelas regiões para os céus[2], declarou entre os celestiais que Patala era muito mais encantador que o céu de Indra. "O que", exclamou o sábio, "pode ser comparado a Patala, onde os Nagas estão enfeitados com jóias brilhantes e belas e derramadoras de prazer? Quem não se encantará em Patala, onde as filhas adoráveis dos Daityas e Danavas vagam, fascinando até mesmo o mais austero; onde os raios do sol difundem luz, e não calor, de dia; e onde a lua brilha de noite para iluminar, não para esfriar; onde os filhos de Danu, felizes no desfrute de iguarias deliciosas e vinhos fortes, não sabem como o tempo passa? Há belos bosques e rios e lagos onde os lotos florescem; e os céus são ressonantes com a canção do Kokila. Ornamentos esplêndidos, perfumes fragrantes, unguentos ricos, a música misturada do alaúde e flauta e tambor; esses e muitos outros prazeres são a porção comum dos Danavas, Daityas, e deuses-cobra, que habitam as regiões de Patala[3]."

Debaixo dos sete Patalas está a forma de Vishnu, procedendo da qualidade de escuridão, que é chamada de Sesha[4], as excelências da qual nem Daityas nem Danavas podem enumerar completamente. Esse ser é chamado de Ananta pelos espíritos do céu, e é adorado por sábios e por deuses. Ele tem mil cabeças, que são embelezadas com o puro e visível símbolo místico[5]; e as mil jóias nas cristas dele dão luz para todas as regiões. Para o benefício do mundo ele priva os Asuras da força deles. Ele rola seus olhos ferozmente, como se intoxicado. Ele usa um único brinco, um diadema, e uma guirlanda sobre cada testa; e brilha como as montanhas brancas cobertas com chama. Ele está vestido em traje roxo, e ornamentado com um colar

---

[1] No Bhagavata e Padma Purana elas são chamadas Atala, Vitala, Sutala, Talatala, Mahatala, Rasatala, e Patala. O Vayu tem Rasatala, Sutala, Vitala, Gabhastala, Mahatala, Sritala, e Patala. Há outras variedades.

[2] Alusão é feita aqui, talvez, à descrição dada no Mahabharata, Udyoga Parva, cap. 99 pág. 193, da visita de Narada e Matali a Patala. Vários dos detalhes dados lá não são mencionados nos Puranas.

[3] Não há descrição muito copiosa de Patala em nenhum dos Puranas. As mais circunstanciais são aquelas do Vayu e Bhagavata; a última é repetida, com algumas adições, nos primeiros capítulos do Patala Khanda do Padma Purana. O Mahabharata e esses dois Puranas atribuem diferentes divisões aos Danavas, Daityas, e Nagas; colocando Vasuki e os outros chefes Naga na mais baixa. Mas o Vayu tem as cidades dos principais Daityas e Nagas em cada uma; como na primeira, aquelas do Daitya Namuchi, e serpente Kaliya; na segunda, de Hayagriva e Takshaka; na terceira, de Prahlada e Hemaka; na quarta, de Kalanemi e Vainateya; na quinta, de Hiranyaksha e Kirmira; e na sexta, de Puloman e Vasuki, além de outras. Bali o Daitya é o soberano de Patala, de acordo com essa autoridade. O Mahabharata coloca Vasuki em Rasatala, e chama sua capital de Bhogavati. As regiões de Patala, e seus habitantes, são mais frequentemente os assuntos de ficção profana, do que de ficção sagrada, por causa do relacionamento frequente entre heróis mortais e as Naga-kanyas, ou ninfas-serpente. Uma seção considerável do Vrihat Katha, o Suryaprabha lambaka, consiste em aventuras e eventos nesse mundo subterrâneo.

[4] Sesha geralmente é descrito como estando nessa posição. Ele é a grande serpente sobre a qual Vishnu dorme durante os intervalos da criação, e sobre cujas numerosas cabeças o mundo é sustentado. Os Puranas, fazendo-o uno com Balarama ou Sankarshana, que é uma personificação ou encarnação de Sesha, mistura os atributos da serpente e do semideus na descrição deles.

[5] Com a Suástica, um diagrama específico usado em cerimônias místicas.

branco, e parece com outro Kailasa, com a divina Ganga fluindo ao longo de seus precipícios. Em uma mão ele segura um arado, e na outra um pilão; e ele está acompanhado por Varuni (a deusa do vinho), que é o próprio brilho dele incorporado. De suas bocas, no fim do Kalpa, procede o fogo venenoso que, personificado como Rudra, que é uno com Balarama, devora os três mundos.

Sesha carrega o mundo inteiro, como um diadema, em sua cabeça, e ele é a fundação sobre a qual os sete Patalas repousam. Seu poder, sua glória, sua forma, sua natureza, não podem ser descritos, ele não pode ser compreendido pelos próprios deuses. Quem descreverá o poder daquele que usa esta terra inteira como uma guirlanda de flores, tingida de uma cor roxa pelo brilho das jóias de suas cristas? Quando Ananta, seus olhos rolando com intoxicação, boceja, então a terra, com todas as suas florestas, e montanhas, e mares, e rios, treme. Gandharbas, Apsarasas, Siddhas, Kinnaras, Uragas, e Charanas não estão à altura de cantar os louvores dele, e portanto ele é chamado de infinito (Ananta), o imperecível. A pasta de sândalo, que é moída pelas esposas dos deuses-cobra, é espalhada amplamente pela respiração dele, e derrama perfume pelos céus.

O sábio antigo Garga[6], tendo propiciado Sesha, adquiriu dele um conhecimento dos princípios da ciência astronômica, dos planetas, e do bem e mal denotados pelos aspectos dos céus.

A terra, sustentada sobre a cabeça dessa serpente soberana, suporta, por sua vez, a guirlanda das esferas, junto com os habitantes delas, homens, demônios, e deuses. ◄

6 Um dos escritores mais antigos sobre astronomia entre os hindus. De acordo com o sr. Bentley, seu Samhita data de 548 A. C. (Astron. Antiga dos hindus, pág. 59.)

CAPÍTULO 6

Dos diferentes infernos, ou divisões de Naraka, abaixo de Patala; os crimes punidos neles respectivamente; eficácia de expiação; meditação em Vishnu a expiação mais efetiva.

Parasara: 'Eu vou agora, grande Muni, dar a você uma descrição dos infernos que estão situados abaixo da terra e abaixo das águas[1], e para os quais os pecadores são enviados finalmente.

Os nomes dos diferentes Narakas são os seguintes: Raurava, Sukara, Rodha, Tala, Visasana, Mahajwala, Taptakumbha, Lavana, Vimohana, Rudhirandha, Vaitarani, Krimisa, Krimibhojana, Asipatravana, Krishna, Lalabhaksha, Daruna, Puyavaha, Papa, Vahnijwala, Adhosiras, Sandansa, Kalasutra, Tamas, Avichi, Swabhojana, Apratishtha, e outro Avichi[2]. Esses e muitos outros infernos pavorosos são as províncias medonhas do reino de Yama, terríveis com instrumentos de tortura e com fogo; nos quais são lançados todos aqueles que são viciados quando vivos em práticas pecaminosas[3].

O homem que dá falso testemunho por parcialidade, ou que profere alguma falsidade, é condenado ao inferno Raurava (terrível). Aquele que causa aborto, saqueia uma cidade, mata uma vaca, ou estrangula um homem, vai para o inferno Rodha (ou aquele de obstrução). O assassino de um brâmane, ladrão de ouro, ou bebedor de vinho, vai para o inferno Sukara (suíno); como vai qualquer um que se associe com eles. O assassino de um homem da segunda ou terceira casta, e um que é culpado de adultério com a esposa de seu professor espiritual, é condenado ao inferno Tala (cadeado); e um que tem relacionamento incestuoso com uma irmã, ou assassina um embaixador, a Taptakumbha (ou o inferno de caldeirões aquecidos). O vendedor de sua esposa, um carcereiro, um negociante de cavalos, e um que abandona seus partidários, cai no inferno Taptaloha (ferro incandescente). Aquele que comete incesto com uma nora ou uma filha é lançado no inferno Mahajwala (ou aquele de grande chama); e aquele que é desrespeitoso com seu guia espiritual, que é insultuoso para seus superiores, que insulta os Vedas, ou que os vende[4], que se associa com mulheres em um grau proibido, no inferno Lavana (sal). Um ladrão e uma pessoa que despreza observâncias prescritas caem no Vimohana (o lugar de desnorteamento). Aquele que odeia seu pai, os brâmanes, e os deuses, ou que rouba pedras preciosas, é castigado no inferno Krimibhaksha (onde vermes são seu alimento); e aquele que pratica ritos mágicos para prejudicar outros, no inferno chamado Krimisa (aquele de insetos). O patife vil que come sua refeição antes de oferecer comida aos deuses, aos espíritos dos mortos, ou para convidados, cai no

---

[1] O Bhagavata coloca os Narakas acima das águas. O comentador em nosso texto se esforça para reconciliar a diferença, por explicar que o texto implica uma cavidade escura na qual as águas são recebidas, não os abismos originais onde elas estavam reunidas no princípio, e sobre a qual o Tartarus se encontra.

[2] Alguns desses nomes são os mesmos que são dados por Manu, livro IV. v. 88-90. Kulluka Bhatta recorre ao Markandeya Purana para uma descrição das vinte e uma divisões do inferno; mas a descrição dada lá não é mais ampla que aquela do nosso texto. O Bhagavata enumera vinte e oito, mas muitos dos nomes diferem dos acima mencionados. No último caso o termo Avichi ou é repetido inexatamente, ou o adjetivo Apara é destinado a distingui-lo do Avichi anterior. Em Manu, se encontra Mahavichi.

[3] O Padma Purana (Kriya Yoga Sara) e o Shiva Dharma, que parece ser uma seção do Skanda Purana, contêm várias circunstâncias interessantes prévias à inflição de castigo. Parece também a partir deles que Yama ocupa a posição de juiz dos mortos, como também de soberano dos condenados ao inferno; todos os que morrem aparecendo diante dele, e sendo confrontados com Chitragupta, o registrador, por quem as ações deles foram registradas. Os virtuosos são enviados dali para Swarga, ou Elysium, enquanto os maus são conduzidos para as diferentes regiões de Naraka, ou Tartarus.

[4] 'Que ensina os Vedas por pagamento.' Essa noção ainda prevalece, e faz os poucos Pandits que são familiarizados com os Vedas muito pouco dispostos a ensiná-los por uma gratificação.

inferno chamado Lalabhaksha (onde saliva é dada como alimento). O fazedor de setas é condenado ao inferno Vedhaka (perfurante); e o fabricante de lanças, espadas, e outras armas, ao inferno terrível chamado Visasana (assassino). Aquele que recebe doações ilegais vai para o inferno Adhomukha (ou cabeça-invertida); assim como alguém que oferece sacrifícios a objetos impróprios, e um observador das estrelas (para a predição de eventos). Aquele que come sozinho doces misturados com seu arroz[5], e um brâmane que vende laca, carne, licores, gergelim, ou sal, ou alguém que comete violência, caem no inferno (onde pus flui, ou) Puyavaha; como caem aqueles que criam gatos, galos, cabras, cachorros, porcos, ou pássaros. Artistas públicos[6], pescadores, o seguidor de alguém nascido em adultério, um envenenador, um informante, alguém que vive pela prostituição de sua esposa[7], alguém que trata de afazeres profanos nos dias dos Parvas (ou da lua cheia e nova, etc.)[8], um incendiário, um amigo traiçoeiro, um adivinhador, alguém que executa cerimônias religiosas para camponeses, e aqueles que vendem o ácido Asclepias, usado em sacrifícios, vão para o inferno Rudhirandha (cujos poços são de sangue). Aquele que destrói uma colméia, ou saqueia uma vila, é condenado ao inferno Vaitarani. Aquele que causa impotência, invade terras de outros, é impuro, ou que vive por meio de fraude, é punido no inferno chamado (preto, ou) Krishna. Aquele que corta árvores cruelmente vai para o inferno Asipatravana (as folhas de cujas árvores são espadas); e um cuidador de ovelhas, e caçador de cervos, para o inferno chamado Vahnijwala (ou chama ígnea); como vão aqueles que aplicam fogo a recipientes não cozidos (os oleiros). O violador de um voto, e alguém que quebra as regras de sua ordem, caem no Sandansa (ou inferno de tenazes); e o estudante religioso que dorme de dia, e é, embora inconscientemente, maculado; e aqueles que, embora maduros, são instruídos em literatura sagrada por seus filhos, recebem punição no inferno chamado Swabhojana (onde eles se alimentam de cachorros). Esses infernos, e centenas e milhares de outros, são os lugares nos quais os pecadores pagam a penalidade de seus crimes. Tão numerosos quanto são as ofensas que os homens cometem, são os infernos nos quais eles são castigados; e todos aqueles que se desviam dos deveres impostos a eles por sua casta e condição, seja em pensamento, palavra, ou ação, são sentenciados à punição nas regiões dos condenados[9].

Os deuses no céu são vistos pelos habitantes do inferno, porque eles se movem com suas cabeças invertidas; enquanto os deuses, quando eles lançam seus olhares para baixo, veem os sofrimentos daqueles no inferno[10]. As várias fases de existência, Maitreya, são coisas inanimadas, peixes, pássaros, animais, homens, homens santos, deuses, e espíritos livres; cada um em sucessão mil graus acima daquele que o antecede; e por essas fases os seres que estão no céu ou no inferno

---

[5] 'Assim', observa o comentador, 'defraudando ou desapontando crianças.'

[6] Rangopajivina: o comentador explica isso como os lutadores e pugilistas, mas Ranga se aplica a qualquer palco ou arena.

[7] O termo no texto é Mahishika, que pode significar um cevador de búfalos; mas o comentador cita um texto do Smriti, autorizando o sentido seguido acima.

[8] Essa é a interpretação de Parvakari; também é lido Parvagami, 'aquele que coabita com sua esposa em dias proibidos.'

[9] Uma descrição de Naraka é encontrada somente em poucos dos Puranas, e em menos detalhes do que no texto. O Bhagavata e Vayu têm descrições semelhantes deles. O Markandeya entra em detalhes apenas em alguns dos casos. Uma descrição curta é achada no Shiva, Garura, e Brahma Vaivartta Puranas, e no Kasi Khanda do Skanda Purana. As descrições mais completas, entretanto, são aquelas mencionadas em uma nota anterior como estando no Shiva Dharma do Skanda, e Kriya Yoga Sara do Padma; obras de um caráter um pouco equívoco, e pertencentes antes à literatura Tantra do que à purânica.

[10] O comentador observa que a visão da bem-aventurança divina é dada aos condenados para exacerbar os tormentos deles; enquanto as punições do inferno são mostradas aos deuses para ensiná-los a desconsiderarem até mesmo prazeres divinos, porque eles são de duração apenas temporária.

estão destinados a proceder, até que emancipação final seja obtida[11]. Vai para Naraka aquele pecador que negligencia a expiação devida da culpa dele.

Pois, Maitreya, atos adequados de expiação foram ordenados pelos grandes sábios para todo tipo de crime[12]. Penitências árduas para grandes pecados, insignificantes para ofensas menores, foram propostas por Swayambhuva e outros. Mas confiança em Krishna é muito melhor que quaisquer atos expiatórios, tais como austeridade religiosa, ou semelhantes. Que qualquer pessoa que se arrepende do pecado do qual ela possa ser culpável recorra a esta melhor de todas as expiações: a recordação de Hari[13]. Por dirigir seus pensamentos a Narayana ao amanhecer, à noite, ao pôr-do-sol, e ao meio-dia, um homem será purificado rapidamente de toda culpa. A pilha inteira de tristezas mundanas é dispersa por meditar em Hari; e o seu adorador, considerando gozo divino como um impedimento à felicidade, obtém emancipação final. Aquele cuja mente é dedicada a Hari em oração silenciosa, oferenda queimada, ou adoração, é impaciente até mesmo da glória do rei dos deuses. ['Para ele cujo coração, enquanto ele está ocupado em prece silenciosa, - que conta como uma oferenda queimada - e em adoração, etc., está fixo em Vasudeva, tal resultado como o domínio dos deuses, e semelhantes, é um obstáculo, Maitreya, para a realização de seu objetivo.'] De que serve a ascensão ao ponto mais alto do céu, se é necessário voltar de lá para a terra? Quão diferente é a meditação em Vasudeva, que é a semente da liberdade eterna. Por isso, Muni, o homem que pensa em Vishnu, dia e noite, não vai para Naraka depois da morte, pois todos os seus pecados são expiados.

Céu (ou Swarga) é aquilo que deleita a mente; inferno (ou Naraka) é aquilo que lhe causa dor; por isso vício é chamado de inferno; virtude é chamada de céu[14]. A mesma coisa é aplicável à produção de prazer ou dor, de malícia ou de raiva. De onde então isso pode ser considerado como essencialmente igual a um ou outro? Aquilo que em um momento é uma fonte de prazer, torna-se em outro a causa de sofrimento; e a mesma coisa pode em épocas diferentes excitar ira, ou ganhar favor. Segue-se, então, que nada é em si mesmo aprazível ou doloroso; e prazer e dor, e similares, são apenas definições de vários estados da mente. Aquilo que só é verdade é sabedoria; mas sabedoria pode ser a causa de prisão à existência; pois todo esse universo é sabedoria, não há nada diferente disso; e por conseguinte, Maitreya, você deve concluir que conhecimento e ignorância estão contidos na sabedoria[15].

---

[11] Isto é, quando castigo ou recompensa no inferno ou céu, proporcional ao pecado ou virtude do indivíduo, foi recebido, ele deve nascer novamente como uma pedra ou planta, e migra gradualmente pelas várias condições inferiores, até que ele nasce mais uma vez um homem; seu estado futuro está então em seu próprio poder.

[12] Manu especialmente está aqui indicado, como observa o comentador.

[13] Essa recordação de Vishnu é a repetição frequente de algum ou todos os nomes dele. Por isso as classes inferiores de hindus obtêm um estorninho ou papagaio que, no ato de ensiná-lo a gritarem Rama ou Krishna ou Radha, podem eles mesmos repetir esses nomes; a simples recitação dos quais, até mesmo se executada acidentalmente, irreverentemente, ou relutantemente, é meritória. Assim de acordo com o Vishnu Disarms Tantra: 'Que um homem sempre e em todo lugar repita os nomes do armado com o disco (Vishnu); pois sua repetição, mesmo por alguém que é impuro, é um meio de purificação. Hari remove todos os pecados, mesmo quando invocado por pessoas de mente má, como o fogo queima alguém que se aproxima dele a contragosto.'

[14] O objetivo do texto, de acordo com o comentador, é mostrar que as noções comuns de céu e inferno são errôneas; que eles são só prazer temporal e dor temporal; e virtude e vício, sendo a origem de efeitos transitórios, e portanto irreais, são eles mesmos irrealidades: não há nada real exceto fé em Vishnu.

[15] Texto e comentário são aqui um pouco obscuros; mas o sentido do primeiro parece ser a explicação da existência da sabedoria, Jnana, como um gênero e uma espécie. No primeiro caso ela é tudo o que existe; e no último, ela pode ser sabedoria verdadeira ou falsa: a última sendo influenciada por noções de ego ou individualidade, e portanto a causa de confinamento à existência; a primeira dissipando a crença de eu, e sendo então a causa de libertação da existência corpórea.

Eu descrevi assim para você o orbe da terra; as regiões abaixo de sua superfície, ou Patalas; e os Narakas, ou infernos; e enumerei brevemente seus oceanos, montanhas, continentes, regiões, e rios. O que mais você deseja ouvir? ◄

CAPÍTULO 7

Extensão e posição das sete esferas, isto é, terra, céu, planetas, Mahar-loka, Jana-loka, Tapo-loka, e Satya-loka. Do ovo de Brahma, e seus envoltórios elementares. Da influência da energia de Vishnu.

Maitreya: 'A esfera da terra inteira foi descrita para mim por você, brâmane excelente, e eu agora desejo ouvir uma descrição das outras esferas acima do mundo, o Bhuvar-loka e o resto, e a posição e as dimensões dos corpos luminosos celestiais.

Parasara: 'A esfera da terra (ou Bhur-loka), compreendendo seus oceanos, montanhas, e rios, se estende até onde ela é iluminada pelos raios do sol e da lua; e até a mesma extensão, em diâmetro e circunferência, a esfera do céu (Bhuvar-loka) se estende além dela (tão distante acima quanto a esfera planetária, ou Swar-loka)[1]. O orbe solar está situado a cem mil léguas da terra; e aquele da lua a uma distância igual do sol. No mesmo intervalo acima da lua ocorre a órbita de todas as constelações lunares. O planeta Budha (Mercúrio) está duzentas mil léguas além das mansões lunares. Sukra (Vênus) está à mesma distância de Mercúrio. Angaraka (Marte) é igualmente distante além de Vênus; e o sacerdote dos deuses (Vrihaspati, ou Júpiter) igualmente distante de Marte; enquanto Saturno (Sani ou Sauri) está duzentas e cinquenta mil léguas [ou talvez duzentos mil yojanas] além de Júpiter. A esfera dos sete Rishis (Ursa Major) é cem mil léguas além de Saturno; e a uma altura semelhante sobre os sete Rishis está Dhruva (a estrela polar), o pivô ou eixo do círculo planetário inteiro. Tal, Maitreya, é a elevação das três esferas (Bhur, Bhuvar, Swar) que forma a região das consequências de trabalhos. A região das obras é aqui (ou na terra de Bharata)[2].

Além de Dhruva, à distância de dez milhões de léguas, se encontra a esfera dos santos, ou Mahar-loka, os habitantes da qual moram nela por todo um Kalpa, ou dia de Brahma. A duas vezes aquela distância está situado Janaloka, onde Sanandana e outros filhos de mente pura de Brahma residem. A quatro vezes a distância entre os dois últimos se encontra o Tapo-loka (a esfera de penitência), habitado pelas divindades chamadas Vairájas, que não podem ser consumidas pelo fogo. A seis vezes a distância (ou doze crores, cento e vinte milhões de léguas) é situado Satya-loka, a esfera de verdade, os habitantes da qual nunca conhecem a morte novamente[3].

---

1 Bhur-loka, a esfera terrestre, é a terra e as regiões mais baixas; de lá até o sol é o Bhuvar-loka, ou esfera atmosférica; e do sol até Dhruva é o Swar-loka, ou céu; como explicado subsequentemente no texto, e em outros Puranas.

2 Uma descrição semelhante das posições e distâncias dos planetas se acha no Padma, Kurma, e Vayu Puranas. O Bhagavata tem uma ou duas variedades, mas elas não são de grande importância.

3 Uma descrição desses Lokas só é encontrada em alguns dos Puranas, e não é muito mais detalhada neles que em nosso texto. O Vayu é mais circunstancial. De acordo com aquela autoridade, Mahar, que é assim chamado a partir de um termo místico, Maha, é a residência dos Ganadevas, dos Yamas e outros, que são os regentes ou soberanos do Kalpa, os Kalpadhikaris. Eles são designados assim também no Kurma. O Kasi Khanda atribui o nome a Mahas, 'luz', a esfera sendo envolvida com brilho. Seus habitantes também são chamados de senhores do Kalpa: mas o comentador explica que isso denota Bhrigu e os outros patriarcas, cujas vidas duram por um dia de Brahma. Os relatos diferentes concordam em declarar que, quando as três esferas inferiores são consumidas pelo fogo, Mahar-loka é abandonado por seus moradores, que se dirigem para a esfera seguinte ou Jana-loka. Jana-loka, de acordo com o Vayu, é a residência dos Rishis e semideuses durante a noite de Brahma, e é chamada de Jana porque os patriarcas são os progenitores da humanidade. O Kasi Khanda concorda com o Vishnu em povoá-lo com Sanandana e os outros filhos ascetas de Brahma, e com iogues como eles. Esses são colocados pelo Vayu no Tapo-loka, e eles e os outros sábios, e os semideuses, depois de repetidos aparecimentos no mundo, tornam-se finalmente Vairajas no Brahma ou Satya-loka. Depois de muitas eras divinas de residência lá com Brahma, eles são, junto com ele, absorvidos, ao término da existência dele,

Onde quer que exista substância terrestre, que possa ser percorrida pelos pés, aquela constitui a esfera da terra, as dimensões da qual eu já contei a você. A região que se estende da terra ao sol, na qual os Siddhas e outros seres celestiais se movem, é a esfera atmosférica, a qual eu também descrevi. O intervalo entre o sol e Dhruva, se estendendo por um milhão e quatrocentas mil léguas, é chamado por aqueles que são familiarizados com o sistema do universo de a esfera divina. Essas três esferas são chamadas de transitórias. As três mais elevadas, Jana, Tapa, e Satya, são chamadas de duráveis[4]. Maharloka, como situado entre as duas, também tem um caráter misturado; pois embora ele esteja deserto no fim do Kalpa, ele não é destruído. Essas sete esferas, junto com os Patalas, formando a extensão do mundo inteiro, eu, desse modo, Maitreya, expliquei a você.

O mundo é cercado por todo lado e acima e abaixo pela casca do ovo de Brahma, da mesma maneira como a semente da maçã-do-mato[5] é envolvida por sua casca. Ao redor da superfície exterior da casca flui água, por um espaço igual a dez vezes o diâmetro do mundo. As águas, novamente, são cercadas exteriormente por fogo; fogo por ar; e ar por Mente; Mente pela origem dos elementos (Ahankara); e aquele pelo Intelecto. Cada um desses se estende por dez vezes a extensão daquele que ele cerca; e o último é cercado pelo Princípio essencial, Pradhana[6], que é infinito, e sua extensão não pode ser enumerada: ele é portanto chamado de a causa ilimitada e ilimitável de todas as coisas existentes, natureza suprema, ou Prakriti; a causa de todos os ovos mundanos, dos quais há milhares e dezenas de milhares, e milhões e milhares de milhões, como foi descrito[7]. Dentro de Pradhana reside a Alma, difusiva, consciente, e auto-irradiante, como fogo é inerente em pederneira[8], ou óleo de gergelim em sua semente. Natureza (Pradhana) e alma (Puman) são ambos da qualidade de dependentes, e são cercados pela energia de Vishnu, que é una com a alma do mundo, e que é a causa da separação daqueles dois (alma e natureza) no período de dissolução; de sua agregação na continuação das coisas; e de sua

---

na não separada. O comentador no Kasi Khanda explica que Vairaja significa 'relativo a, ou derivado de, Brahma ou Viraj.' Os Vairajas são lá, como no Vishnu Purana, colocados no Tapo-loka, e são explicados serem ascetas, mendicantes, anacoretas, e penitentes, que completaram um curso de austeridades rigorosas. Pode ser duvidado, entretanto, se os purânicos têm noções muito precisas com relação a essas esferas e seus habitantes. Os Puranas de um caráter decididamente sectários acrescentam outros e mais altos mundos à série. Assim o Kurma identifica Brahma-loka com Vishnu-loka, e tem um Rudra-loka acima dele. O Shiva coloca Vishnu-loka acima de Brahma-loka, e Rudra-loka acima daquele. No Kasi Khanda nós temos, em vez daqueles dois, Vaikuntha e Kailasa, como os mundos elevados de Vishnu e Shiva; enquanto o Brahma Vaivartta tem acima de todos um Goloka, um mundo ou céu de vacas e Krishna. Essas são todas evidentemente adições ao sistema original de sete mundos, nos quais nós temos provavelmente alguma relação com as sete regiões climáticas dos antigos, as sete fases ou graus da terra dos árabes, e os sete céus dos muçulmanos, se não com os sete Amshaspends dos Parsis. Sete, sugerido originalmente talvez pelos sete planetas, parece ter sido um número predileto de várias nações da antiguidade. Entre os hindus ele foi aplicado a uma variedade de objetos sagrados ou mitológicos, que são enumerados em um verso no Hanuman Nataka. Rama é descrito lá como perfurando sete palmeiras com uma seta, no que outros grupos de sete se assustam, como os sete corcéis do sol, as sete esferas, Munis, mares, continentes, e mães dos deuses.

4 Kritika e Akritika; literalmente 'feitas e desfeitas', as primeiras sendo renovadas todo Kalpa, as últimas perecendo só no fim da vida de Brahma.

5 Da Kapittha (Feronia Elephantum).

6 Veja anteriormente a ordem na qual os elementos são desenvolvidos (página 70).

7 Os seguidores de Anaximandro e Demócrito ensinaram "an apeiria kosmun 'uma infinidade de mundos;' e essa não somente sucessiva naquele espaço que este nosso mundo é concebido ocupar agora, em relação à infinidade de tempo passado e futuro, mas também uma infinidade contemporânea de mundos coexistentes, em todos os tempos, por todo o espaço infinito e ilimitado." Intellect. System, I. 303.

8 Literalmente 'em madeira', o atrito de dois pedaços da qual não cria, mas desenvolve, o calor e chama ocultos neles.

combinação na época da criação[9]. Da mesma maneira como o vento encrespa a superfície da água em cem bolhas, que por si mesmas são inertes, assim a energia de Vishnu influencia o mundo, consistindo em natureza inerte e alma. Novamente, como uma árvore, consistindo em raiz, tronco, e ramos, nasce de uma semente primitiva, e produz outras sementes, de onde crescem outras árvores análogas à primeira em espécie, produto, e origem, assim do primeiro germe não expandido (de natureza, ou Pradhana) surge Mahat (Intelecto) e os outros rudimentos de coisas; deles procedem os elementos mais grosseiros; e deles homens e deuses, que são sucedidos por filhos e os filhos de filhos. No crescimento de uma árvore a partir da semente, nenhum detrimento ocorre para a planta pai, nem há qualquer perda de seres pela geração de outros. De modo semelhante como espaço e tempo e o resto são a causa da árvore (pela materialidade da semente), assim o divino Hari é a causa de todas as coisas através de desenvolvimentos sucessivos (pela materialidade da natureza)[10]. Como todas as partes da futura planta, existindo na semente de arroz, ou a raiz, o caule, a folha, o broto, o talo, o broto, a fruta, o leite, o grão, o palhiço, a espiga, evoluem espontaneamente quando eles estão em aproximação com os meios subsidiários de crescimento (ou terra e água), assim deuses, homens, e outros seres, envolvidos em muitas ações (ou necessariamente existindo naqueles estados que são as consequências de atos bons e maus), somente vêm a ser manifestados em seu crescimento completo, pela influência da energia de Vishnu.

Esse Vishnu é o espírito supremo (Brahma), de onde todo esse mundo procede, que é o mundo, por quem o mundo subsiste, e em quem ele será dissolvido. Aquele espírito (ou Brahma) é o estado supremo de Vishnu, que é a essência de tudo o que é visível ou invisível; ao qual tudo o que existe é idêntico; e de onde toda existência animada e inanimada é derivada. Ele é natureza primitiva; ele, em uma forma perceptível, é o mundo; e nele tudo se funde finalmente; por causa dele todas as coisas duram. Ele é o realizador dos ritos de devoção; ele é o rito; ele é o resultado que ele concede; ele é os instrumentos pelos quais ele é executado. Não há nada além do ilimitável Hari. ◄

---

9 Desse modo no sonho de Scipio a divindade é feita o limite externo do universo: "Novem tibi orbibus vel potius globis connexa sunt omnia, quorum unus est caelestis externus qui reliquos omnes complectitur, summus ipse deus arcens et continens ceteros;" {"O Universo consiste em nove círculos, ou Esferas, unidas, sendo que uma delas é celestial e que a mais distante, envolvendo todo o resto, é a Suprema Divindade que preserva e governa as outras." Oito esferas semelhantes envolvidas em um nono e vasto invólucro.} O que Macrobius explica que deve ser entendido da Primeira Causa Suprema de todas as coisas, somente em relação à sua supremacia sobre tudo, e por ele abranger como também criar todas as coisas, e ser considerado como a alma do mundo: "Quod et virtutes omnes, quae illam primae omnipotentiam summitates sequuntur, aut ipse faciat aut ipse contineat. Ipsam denique Jovem veteres vocaverunt, et apud theologos Júpiter est mundi anima." In Somn. Scip. C. XVII.

10 As duas passagens em parênteses são as adições do comentador, destinadas a explicar como a divindade é a causa material do mundo. Ele não é assim de sua própria essência, não tão imediatamente, mas pela interposição de Pradhana: 'Como porém ele é a fonte de Prakriti, ele deve ser considerado a causa material como também imaterial da existência.'

CAPÍTULO 8

Descrição do sol: sua carruagem, seus dois eixos, seus cavalos. As cidades dos regentes dos pontos cardeais. O curso do sol; natureza de seus raios; seu caminho ao longo da elíptica. Duração do dia e da noite. Divisões de tempo: equinócios e solstícios, meses, anos, o Yuga cíclico, ou era de cinco anos. Declinações do norte e do sul. Santos na montanha Lokaloka. Caminhos celestiais dos Pitris, deuses, Vishnu. Origem de Ganga, e separação, no topo de Meru, em quatro grandes rios.

Tendo descrito assim para você o sistema do mundo em geral, eu explicarei agora a você as dimensões e posições do sol e outros corpos luminosos.

A carruagem do sol tem nove mil léguas de comprimento, e o poste tem duas vezes aquela longitude[1]; o eixo tem quinze milhões e setecentas mil léguas de comprimento[2]; no qual está fixada uma roda com três cubos [mais propriamente, um cubo triplo, ou três cubos em um], cinco raios, e seis periferias, consistindo no ano que dura eternamente; o todo constituindo o círculo ou roda do tempo[3]. A carruagem tem outro eixo, que tem quarenta e cinco mil e quinhentas léguas de comprimento[4]. As duas metades do jugo são respectivamente do mesmo comprimento que os dois eixos (o mais longo e o mais curto). O eixo curto, com o jugo curto, são sustentados pela estrela-polar. O fim do eixo mais longo, ao qual a roda do carro está ligada, se move sobre a montanha Manasa[5]. Os sete cavalos do carro do sol são as métricas dos Vedas: Gayatri, Vrihati, Ushnih, Jayati, Trishtubh, Anushtubh, e Pankti.

A cidade de Indra é situada no lado oriental da montanha Manasottara; aquela de Yama na face sul; aquela de Varuna no oeste; e aquela de Soma no norte, chamadas respectivamente Vaswokasara, Samyamani, Mukhya, e Vibhavari[6].

---

[1] O carro do sol tem 10.000 yojanas de largura, e o mesmo de profundidade, de acordo com o Vayu e Matsya. O Bhagavata [Livro 5; cap. 21; v. 15] diz que ele tem três milhões e seiscentos mil yojanas {46.080.000 quilômetros} de comprimento, e um quarto disso de largura. O Linga concorda com o texto.

[2] Não há grande diferença nesse número em outras descrições. O comprimento desse eixo, que se estende de Meru a Manasa, é quase igual ao semidiâmetro da terra que, de acordo com o Matsya Purana, é de 18.950.000 yojanas.

[3] Os três cubos são as três divisões do dia: manhã, meio-dia, e noite; os cinco raios são os cinco anos cíclicos; e as seis periferias são as seis estações. O Bhagavata [de fato o comentário de Sridhara sobre ele], explica os três cubos como sendo três períodos do ano, de quatro meses cada, e dá doze raios como símbolos dos doze meses. O Vayu, Matsya, e Bhavishya Puranas entram em muito mais detalhes. De acordo com eles, as partes da roda são iguais às descritas acima; o corpo do carro é o ano; suas metades superior e inferior são os dois solstícios; Dharma é sua bandeira; Artha e Kama os pinos do jugo e eixo; noite é seu para-lama; Nimeshas formam seu chão; um momento é o eixo da roda; um instante o poste; minutos são seus serventes; e horas seu arreio.

[4] Esse eixo mais curto é, de acordo com o Bhagavata, um quarto do mais longo.

[5] Nós devemos compreender aqui, no eixo e jugo, duas alavancas, uma horizontal, a outra perpendicular. O braço horizontal do eixo tem uma roda em um fim; a outra extremidade está conectada com o braço perpendicular. Ao braço horizontal do jugo são arreados os cavalos; e sua extremidade interna ou reta está firmada à perpendicular. Supõe-se que as extremidades superiores de ambos os perpendiculares estão presas a Dhruva, a estrela polar, por duas cordas etéreas, que são alongadas no curso do sol ao sul, e encurtadas no do norte; e retida pelas quais a Dhruva, como a um parafuso central, a roda do carro atravessa o topo da montanha Manasottara em Pushkara-dwipa, que corre como um anel em volta dos vários continentes e oceanos. O dispositivo geralmente é comparado a um moinho de óleo, e provavelmente foi sugerido por aquela máquina como construída na Índia. Como a montanha Manasottara tem somente 50.000 léguas de altura, e Meru 84.000, enquanto Dhruva tem 1.500.000, ambas as alavancas são inclinadas a ângulos obtusos para o cubo da roda e uma à outra. Em imagens do sol, dois eixos iguais e semicirculares conectam uma roda central com os lados do carro.

[6] No Linga a cidade de Indra é chamada de Amaravati; e nele e no Vayu aquela de Varuna é chamada de Sukha.

O sol glorioso, Maitreya, corre como uma seta em seu curso para o sul, acompanhado pelas constelações do Zodíaco. Ele causa a diferença entre dia e noite, e é o veículo e caminho divino dos sábios que superaram os sofrimentos do mundo. Enquanto o sol, que é o discriminador de todas as horas, brilha em um continente ao meio-dia, nas Dwipas opostas, Maitreya, será meia-noite. Ascensão e ocaso existem em todas as estações, e sempre são (relativamente) opostos nos diferentes pontos cardeais e intermediários do horizonte. Quando o sol fica visível para quaisquer pessoas, é dito que ele nasce para elas; quando ele desaparece da visão delas, isso é chamado de seu ocaso. Realmente não há nascimento nem pôr-do-sol, porque ele existe sempre; e esses termos somente implicam sua presença e seu desaparecimento.

Quando o sol (ao meio-dia) passa sobre alguma das cidades dos deuses, na montanha de Manasottara (nos pontos cardeais), sua luz se estende para três cidades e dois pontos intermediários: quando situado em um ponto intermediário, ele ilumina duas das cidades e três pontos intermediários (em qualquer caso um hemisfério). A partir do período de sua subida o sol se move com raios crescentes até o meio-dia, quando ele procede para seu ocaso com raios que diminuem (isto é, seu calor aumenta ou diminui em proporção conforme ele avança, ou retrocede do, meridiano de algum lugar). Os quadrantes orientais e ocidentais são assim chamados pelo sol nascer ou se pôr lá[7]. Tanto quanto o sol brilha na frente, ele brilha atrás e em qualquer lado, iluminando todos os lugares exceto o topo de Meru, a montanha dos imortais; pois quando seus raios alcançam a corte de Brahma, que está lá situada, eles são repelidos e rechaçados pelo brilho dominante que prevalece lá. Consequentemente sempre há a alternação de dia e noite, conforme as divisões do continente se encontrem no quadrante norte (ou sul), ou conforme elas estejam situadas ao norte (ou sul) de Meru[8].

O brilho do orbe solar, quando o sol se pôs, é acumulado no fogo, e por isso o fogo é visível a uma distância maior à noite do que de dia. Durante o último um quarto dos raios do fogo se misturam com aqueles do sol, e por causa de sua união o sol brilha de dia com maior intensidade. Luz elementar, e calor derivados do sol ou do fogo, se misturando entre si, prevalecem mutuamente em várias proporções, de dia e de noite. ['Os dois brilhos - aquele do sol e aquele do fogo, - consistindo em luz e calor, devido à penetração mútua, tornam-se intensificados durante o dia e durante a noite, respectivamente.'] Quando o sol está presente no hemisfério sul ou no norte, dia ou noite se retira para as águas, consequentemente elas são invadidas por escuridão

---

7 Os termos Purva e Apara significam corretamente 'na frente e atrás;' mas 'na frente' naturalmente denota o leste, porque os homens, de acordo com um texto dos Vedas, encaram espontaneamente, como se dando boas-vindas ao sol nascente, ou porque eles são ordenados pelas leis a fazerem assim. Quando eles encaram o sol nascente, o oeste naturalmente está atrás deles. A mesma circunstância determina a aplicação do termo Dakshina, propriamente 'direito', dexios, ou 'dexterum', para o sul. Uttara, 'outro' ou 'último', necessariamente significa o norte.

8 Isso é bastante obscuro, mas é entendido claramente o suficiente no comentário, e nas passagens paralelas no Vayu, Matsya, Linga, Kurma, e Bhagavata. O sol viaja em volta do mundo, sempre mantendo Meru à sua direita. Para o espectador que o encara então, quando ele nasce, Meru deve estar sempre no norte; e como os raios do sol não penetram além do centro da montanha, as regiões além, ou ao norte dela, devem estar em escuridão; enquanto aquelas ao sul dela devem estar iluminadas. Norte e sul sendo termos relativos, não absolutos, dependendo da posição do espectador com relação ao sol e a Meru. Conforme o comentador: मेरुं प्रदक्षिणीकुर्वन्तं सूर्यं ये यत्र पश्यन्ति सा च तेषां प्राची तेषां च वामभाग एव मेरुः । अतः सर्वेषां सर्वदा मेरुरुत्तरतः एव । दक्षिणभागे च लोकालोकाचलः । तस्मादुत्तरस्यां दिशि सदा रात्रिर्दक्षिणस्यां च सदा दिनम् । . Provavelmente foi por algum mal-entendido dessa doutrina que o Major Wilford afirmou, "por Meru os purânicos compreendem em geral o polo norte, mas o contexto dos Puranas é contra essa suposição." As. Res. VIII. 286. Não há inconsistência, entretanto, em Meru estar absolutamente no centro do mundo, e relativamente ao norte para os habitantes das várias partes, para todos os quais o leste é aquele quadrante onde o sol aparece primeiro, e os outros quadrantes são regulados por meio disso.

ou luz. É por causa disso que as águas parecem escuras de dia, porque a noite está dentro delas; e elas parecem brancas de noite, porque no pôr-do-sol a luz do dia se refugia em seu seio[9].

Quando o sol tiver percorrido no centro de Pushkara uma trigésima parte da circunferência do globo, seu curso é igual em tempo a um Muhurtta[10]; e girando em volta como a circunferência da roda de um oleiro, ele distribui dia e noite na terra. No começo de seu curso para o norte, o sol passa para Capricórnio, de lá para Aquário, de lá para Peixes, indo sucessivamente de um signo do Zodíaco para outro. Depois que ele passou por esses, o sol atinge seu movimento equinocial (o equinócio de primavera), quando ele faz o dia e noite de duração igual. Desde então a duração da noite diminui, e o dia fica mais longo, até que o sol alcance o fim de Gêmeos, quando ele segue uma direção diferente, e, entrando em Câncer, começa sua declinação para o sul. Como a circunferência da roda de um oleiro gira muito rapidamente, assim o sol viaja rapidamente em sua viagem para o sul: ele voa ao longo de seu caminho com a velocidade do vento, e atravessa uma grande distância em pouco tempo. Em doze Muhurttas ele passa por treze asterismos lunares e meio durante o dia; e durante a noite ele atravessa a mesma distância, apenas em dezoito Muhurttas. Como o centro da roda do oleiro gira mais lentamente que a circunferência, assim o sol em seu caminho do norte revolve novamente com menos rapidez, e se move sobre um espaço menor da terra em um tempo mais longo, até que, no fim de sua rota do norte, o dia é novamente dezoito Muhurttas, e a noite doze; o sol passando por metade das mansões lunares de dia e de noite naqueles períodos respectivamente. Como a massa informe de barro no centro da roda do oleiro se move mais lentamente, assim a estrela polar, que está no centro da roda zodiacal, gira muito vagarosamente, e sempre permanece no centro, como o barro continua no centro da roda do oleiro.

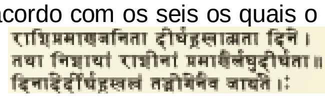
A duração relativa do dia ou da noite depende da maior ou menor velocidade com que o sol revolve pelos graus entre os dois pontos do horizonte. No período solsticial, no qual seu caminho diurno é mais rápido, seu noturno é mais lento; e naquele no qual ele se move rapidamente de noite, ele viaja lentamente de dia. A extensão de sua jornada é em qualquer caso a mesma; pois no decorrer do dia e noite ele passa por todos os signos do Zodíaco, ou seis de noite, e o mesmo número de dia. A duração e brevidade do dia são medidas pela extensão dos signos; e a duração do dia e noite pelo período que o sol leva para passar por eles[11]. Em sua declinação norte o sol se move mais rápido de noite, e mais lento de dia; em sua declinação sul o contrário é o caso.

A noite é chamada de Usha, e o dia é denominado Vyushta, e o intervalo entre eles é chamado de Sandhya. Na ocorrência do terrível Sandhya, os demônios terrificantes chamados Mandehas tentam devorar o sol; porque Brahma pronunciou esta maldição sobre eles: que, sem o poder de perecer, eles deveriam morrer todo dia

---

9 Noções semelhantes são contidas no Vayu.

10 O sol viaja à razão de um trigésimo da circunferência da terra em um Muhurtta, ou 31.50.000 Yojanas; fazendo o total 9 crores e 45 lakhs, ou 9.45.00.000; de acordo com o Vayu, Linga, e Matsya Puranas.

11 Essa passagem, que está um pouco em desacordo com a doutrina geral, que a duração do dia depende da velocidade do curso do sol, e que não foi citada em nenhum outro texto purânico, é defendida pelo comentador, sobre a autoridade do Jyotishsastra, ou escritos astronômicos. De acordo com eles, afirma ele, os signos do Zodíaco são de extensões diferentes. Aquário, Peixes, e Áries são os mais curtos; Touro, Capricórnio, e Gêmeos são um tanto mais longos; Leão e Escorpião mais longos ainda; e os quatro restantes os mais longos de todos. De acordo com os seis os quais o sol atravessa, o dia ou a noite serão mais longos ou mais curtos. O texto é: 
राशिप्रमाणजनिता दीर्घह्रस्वात्मता दिने ।
तथा निशायां राशीनां प्रमाणैर्लघुदीर्घता ॥
दिनादेर्दीर्घह्रस्वत्वं तद्भोगेनैव जायते ।
. A contradição aparente pode ser reconciliada, entretanto, por julgar o movimento lento do sol, e a extensão de um signo, como termos equivalentes.

(e reviver à noite), e portanto uma competição feroz acontece diariamente entre eles e o sol[12]. Nesse período brâmanes piedosos espalham água, purificada pelo Omkara místico, e consagrada pelo Gayatri[13]; e por essa água, como por um raio, os demônios hediondos são consumidos. Quando a primeira oblação é oferecida com preces solenes no rito matutino[14], o deus de mil raios brilha com esplendor desanuviado. Omkara é Vishnu o poderoso, a substância dos três Vedas, o senhor da fala; e por sua enunciação aqueles Rakshasas são destruídos. O sol é uma parte principal de Vishnu, e luz é sua essência imutável, a manifestação ativa da qual é estimulada pela sílaba mística Om. A luz emitida pela expressão vocal do Omkara torna-se radiante, e queima completamente os Rakshasas chamados Mandehas. A realização do sacrifício Sandhya (matutino) portanto nunca deve ser atrasada, porque aquele que o negligencia é culpado do assassinato do sol. Protegido dessa forma pelos brâmanes e os sábios pigmeus chamados Balakhilyas, o sol segue em seu curso para dar luz para o mundo.

Quinze piscadas do olho (Nimeshas) fazem um Kashtha; trinta Kashthas, um Kala; trinta Kalas, um Muhurtta (quarenta e oito minutos); e trinta Muhurttas, um dia e noite. As partes do dia são mais longas ou mais curtas, como foi explicado; mas o Sandhya sempre é o mesmo em aumento ou diminuição, sendo só um Muhurtta[15]. Do período que uma linha pode ser desenhada de lado a lado do sol (ou que metade de seu orbe é visível) até o término de três Muhurttas (duas horas e vinte e quatro minutos), aquele intervalo é chamado Pratar (manhã), formando uma quinta parte do dia. A parte seguinte, ou três Muhurttas de manhã, é chamada Sangava (manhã). Os três próximos Muhurttas constituem meio-dia; a tarde abrange os próximos três Muhurttas; os três Muhurttas seguintes são considerados como a noite; e os quinze Muhurttas do dia são classificados assim em cinco partes de três cada. Mas o dia só consiste em quinze Muhurttas nos equinócios, aumentando ou diminuindo em número nas declinações do norte e do sul do sol, quando o dia vai além dos limites na noite, ou a noite no dia. Os equinócios ocorrem nas estações de primavera e outono, quando o sol entra nos signos de Áries e Libra. Quando o sol entra em Capricórnio (o solstício de inverno), seu progresso do norte começa; e seu do sul quando ele entra em Câncer (o solstício de verão).

Quinze dias de trinta Muhurttas cada um é chamado de um Paksha (uma quinzena lunar); dois desses fazem um mês; e dois meses, uma estação solar; três estações uma declinação (Ayana) do norte ou do sul; e essas duas compõem um ano. Anos, compostos de quatro tipos de meses[16], são distintos em cinco tipos; e um

---

12 A mesma história se encontra no Vayu, com a adição que os Mandehas são três crores em número. Essa parece ser uma lenda antiga, preservada imperfeitamente em alguns dos Puranas.

13 A sílaba sagrada Om já foi descrita (pág. 62, nota 1). O Gayatri, ou verso mais sagrado dos Vedas, que não deve ser proferido para ouvidos profanos, é uma prece curta ao sol, identificado como o supremo, e se encontra no décimo hino da quarta seção do terceiro Ashtaka do Samhita do Rig-veda: तत्सवितुर्वरेण्यं भर्गो देवस्य धीमहि धियो यो नः प्रचोदयात् । 'Nós meditamos naquela luz excelente do sol divino, que ele possa iluminar nossas mentes.' Tal é o medo nutrido de profanar esse texto, que copistas dos Vedas não raramente se abstêm de transcrevê-lo, no Samhita e Bhashya.

14 Ou, no texto, com a oração que começa com as palavras Surya jyotir, 'Aquele que está no sol (ou luz) é adorável', etc. A oração inteira é dada na descrição de Colebrooke das cerimônias religiosas dos hindus. As. Res. V. 355.

15 Mas isso compreende os dois Sandhyas, 'crepúsculo matutino e noturno.' Dois Naris, ou meio Muhurtta antes do amanhecer, constituem o Sandhya matutino; e o mesmo intervalo depois do pôr-do-sol o noturno. Sandhya, significando 'junção', é assim chamado porque ele é a junção ou intervalo entre escuridão e luz; como no Vayu e Matsya: लोकालोकं तु संधत्ते यस्मात्सूर्यः परिभ्रमन् । तस्मात्संध्येति नामाऽयमुषोव्युष्ट्योस्तथान्तरम् ॥.

16 Os quatro meses são citados no Vayu, e são, 1. o Saura, ou sideral solar, consistindo na passagem do sol por um signo do Zodíaco; 2. o Saumya ou Chandra ou mês lunar, compreendendo trinta lunações ou Tithis, e considerado mais usualmente de lua nova a lua nova, embora às vezes de lua cheia

agregado de todas as variedades de tempo é chamada de um Yuga, ou ciclo. Os anos são chamados respectivamente Samvatsara, Parivatsara, Idvatsara, Anuvatsara, e Vatsara. Esse é o período chamado de um Yuga[17].

A cadeia de montanhas que se encontra mais ao norte (em Bharata-varsha) é chamada de Sringavan (a cornuda), por ela ter três elevações principais (chifres ou cumes), uma para o norte, uma para o sul, e uma no centro; a última é chamada de equinocial, pois o sol chega lá no meio das duas estações de primavera e outono, entrando nos pontos equinociais no primeiro grau de Áries e de Libra, e fazendo dia e noite de duração igual, ou quinze Muhurttas cada. Quando o sol, sábio mais excelente, está no primeiro grau da mansão lunar Krittika, e a lua está no quarto de Visakha, ou quando o sol está no terceiro grau de Visakha, e a lua está na cabeça de Krittika (essas posições sendo contemporâneas com os equinócios), aquela estação equinocial é sagrada (e é chamada de Mahavishubha, ou o grande equinócio)[18]. Nesse momento oferendas devem ser feitas aos deuses e aos espíritos dos mortos, e doações devem ser feitas aos brâmanes por pessoas sérias; pois tais doações são produtivas de felicidade. Generosidade nos equinócios sempre é vantajosa para o doador; e dia e noite; segundos, minutos, e horas; meses intercalados; o dia da lua cheia (Paurnamasi); o dia da conjunção (Amavasya), quando a lua se ergue invisível; o dia quando ela é vista primeiro (Sinivali); o dia quando ela desaparece primeiro (Kuhu); o dia quando a lua está bastante redonda (Raka); e o dia quando um dígito é deficiente (Anumati), são todas épocas quando doações são meritórias.

---

a lua cheia; 3. o Savana ou mês solar, contendo trinta dias de nascer e pôr-do-sol; e 4. o Nakshatra ou mês dos asterismos lunares, que é a revolução da lua pelas vinte e oito mansões lunares.

[17] Os cinco anos que formam esse Yuga, ou ciclo, diferem apenas em denominação, sendo compostos dos meses descritos acima, com tais Malamasas, ou meses intercalados, que possam ser necessários para completar o período, de acordo com Vriddha Garga. O ciclo compreende, portanto, sessenta meses siderais solares de 1800 dias; sessenta e um meses solares, ou 1830 dias; sessenta e dois meses lunares, ou 1860 lunações; e sessenta e sete meses de asterismos lunares, ou 1809 tais dias. O Cel. Warren, em seu Kala Sankalita, considera que esses anos são ciclos individualmente. "No ciclo de sessenta", observa ele, "estão contidos cinco ciclos de doze anos, cada um suposto igual a um ano do planeta (Júpiter). Eu só cito esse ciclo porque eu o encontrei mencionado em alguns livros; mas eu não conheço nenhuma nação nem tribo que calcule o tempo de acordo com essa conta. Os nomes dos cinco ciclos, ou Yugas, são os seguintes: 1. Samvatsara, 2. Parivatsara, 3. Idvatsara, 4. Anuvatsara, 5. Udravatsara. O nome de cada ano é determinado do Nakshatra, no qual Vrihaspati se põe e nasce heliacamente, e eles seguem na ordem dos meses lunares." Kala Sankalita, p. 212, 213. Porém, pode ser razoavelmente duvidado se esta visão está correta; e a única conexão entre o ciclo de cinco anos e aquele de Vrihaspati pode ser a multiplicação do primeiro pelo último (5 x 12), para formar o ciclo de sessenta anos; um ciclo baseado, o comentador observa, na conjunção (Yuga) do sol e lua em cada sexagésimo ano. O ciclo original e propriamente indiano, entretanto, é aquele de cinco anos, como observa Bentley. "Os astrônomos deste período (1181 A. C.) formaram um ciclo de cinco anos para cerimônias civis e religiosas." Astronomia Hindu Antiga e Moderna. Ele é na realidade, como o sr. Colebrooke declara, o ciclo dos Vedas, descrito no Jyotish, ou seções astronômicas, e especificado nos institutos de Parasara como a base de cálculo para ciclos maiores. As. Res. VIII. 470.

[18] Referência é feita aqui, aparentemente, embora indistintamente, àquelas posições dos planetas que indicam, de acordo com Bentley, a formação das mansões lunares pelos astrônomos hindus, aproximadamente 1424 A. C. Astronomia Hindu, pág. 3 e 4. O Vayu e Linga Puranas especificam as posições dos outros planetas ao mesmo tempo, ou o fim, de acordo com o primeiro, do Chakshusha Manwantara. Naquele momento o sol estava em Visakha, a lua em Krittika, Vênus em Pushya, Júpiter em Purvaphalguni, Marte em Ashadha, Budha em Dhanishtha, Sani em Revati, Ketu em Aslesha, e Rahu em Bharani. Há diferenças entre algumas dessas e as posições citadas por Bentley, mas a maioria delas são as mesmas. Ele considera que essas eram observações das ocultações da lua pelos planetas, nas respectivas mansões lunares, 1424-5 B. C. De acordo com o Vayu, essas posições ou origens dos planetas são dos Vedas: अषाढादिष्विह पूर्वासु समुत्पन्ना इति श्रुतिः. O Linga, com menor precisão talvez, lê इति स्मृतिः atribuindo isso aos trabalhos de lei.

O sol está em sua declinação do norte nos meses Tapas, Tapasya, Madhu, Madhava, Sukra, e Suchi; e no sul naqueles de Nabhas, Nabhasya, Isha, Urja, Sahas, Sahasya[19].

Na montanha Lokaloka que eu descrevi outrora a você, residem os quatro santos protetores do mundo; ou Sudhaman e Sankhapad, os dois filhos de Kardama, e Hiranyaroman, e Ketumat[20]. Não afetados pelos contrastes de existência, sem egoísmo, ativos, e não onerados por dependentes, eles se encarregam das esferas, eles mesmos residindo nos quatro pontos cardeais da montanha Lokaloka.

No norte de Agastya, e sul da linha de Capricórnio, exterior ao caminho Vaiswanara, encontra-se a estrada dos Pitris[21]. Lá moram os grandes Rishis, os

---

[19] Esses são os nomes dos meses que se encontram nos Vedas, e pertencem a um sistema agora obsoleto, como foi notado por Sir Wm. Jones. As. Res. III. 258. De acordo com a classificação do texto, eles correspondem respectivamente aos meses lunares Magha, Phalguna, Chaitra, Vaisakha, Jyeshtha, Asharha, ou de dezembro a junho; e a Sravana, Bhadra, Aswina, Kartika, Agrahayana, e Pausha, de julho a dezembro. A partir dessa ordem das duas séries dos meses, como ocorrendo nos Vedas, o sr. Colebrooke deduz, conforme computações astronômicas, que a data deles é aproximadamente quatorze séculos antes da era cristã. As. Res. VII. 283.

[20] O Vayu tem os mesmos nomes, mas atribui uma descendência diferente ao primeiro, fazendo de Sudhaman o filho de Viraja. Sankhapad é o filho de Kardama; os outros dois são os filhos de Parjanya e Rajas, de forma coerente com a origem atribuída a esses Lokapalas nas genealogias patriarcais daquele Purana (veja página 110).

[21] Alusão é feita aqui a algumas divisões da esfera celestial que não são descritas em qualquer outra parte do texto. O relato mais completo, mas ainda em alguns aspectos confuso e em parcialmente inexato é dado no Matsya Purana; mas uma descrição mais satisfatória se encontra no comentário sobre o Bhagavata, lá citado do Vayu, mas não achado nas cópias consultadas na ocasião presente. De acordo com aqueles detalhes, o caminho (Marga) do sol e outros planetas entre os asterismos lunares é dividido em três partes ou Avasthánas, do norte, do sul, e central, chamados respectivamente Airavata, Jaradgava (Ajagava, Matsya Purana), e Vaiswanara. Cada um desses, novamente, é dividido em três partes ou Vithis: aqueles da parte norte são chamados Nagavithi, Gajavithi, e Airavati; aqueles do centro são Arshabhi, Govithi, e Jaradgavi; e aqueles do sul são chamados Ajavithi, Mrigavithi, e Vaiswanari. Cada um desses Vithis contêm três asterismos:

Nágavíthi	Aswiní Bharańí Krittiká
Gajavíthí	Rohiní Mrigaśiras Ardrá
Airávati	Punarvasu Pushyá Ásleshá
Árshabhí	Maghá Púrvaphalguní Uttaraphalguní
Govíthí	Hastá Chitrá Swáti
Járadgaví	Viśákhá Anurádhá Jyeshtha
Ajavíthi	Múlá Purváshádhá Uttaráshádhá
Mrigavíthí	Śravańá Dhanishthá Satábhishá

oferecedores de oblações com fogo, reverenciando os Vedas, segundo cujas injunções a criação começou, e que estavam cumprindo os deveres de sacerdotes ministrantes. Pois quando os mundos são destruídos e renovados, eles instituem novas regras de conduta, e restabelecem o ritual interrompido dos Vedas. Descendendo mutuamente uns dos outros, progenitor surgindo de descendente, e descendente de progenitor, na sucessão alternada de nascimentos, eles aparecem repetidamente em diferentes lares e raças junto com sua posteridade, práticas religiosas e observâncias instituídas, residindo no sul do orbe solar, por tanto tempo quanto a lua e estrelas duram[22].

O caminho dos deuses se encontra ao norte da esfera solar, norte do Nagavithi[23], e sul dos sete Rishis. Lá moram os Siddhas, de sentidos subjugados, castos e puros, não desejosos de progênie, e portanto vitoriosos sobre a morte: oitenta e oito mil desses seres puros habitam as regiões do céu, ao norte do sol, até a destruição do universo; eles desfrutam de imortalidade, por que eles são santos; livres de cobiça e concupiscência, amor e ódio; não tomando parte na procriação de seres vivos, e descobrindo a irrealidade das propriedades da matéria elementar. Por imortalidade se quer dizer existência até o fim do Kalpa: existência por tanto tempo quanto as três regiões (terra, firmamento, e céu) duram é chamada de isenção de morte repetida[24]. As consequências de atos de iniquidade ou devoção, como brahmanicídio ou um Aswamedha, duram por um período semelhante, ou até o fim de um Kalpa[25], quando tudo dentro do intervalo entre Dhruva e a terra é destruído.

O espaço entre os sete Rishis e Dhruva[26], a terceira região do céu, é o caminho celestial esplêndido de Vishnu (Vishnupada), e a residência daqueles ascetas santificados que são purificados de toda mácula, e em quem virtude e vício são aniquilados. Esse é aquele lugar excelente de Vishnu para o qual se dirigem aqueles em quem todas as fontes de dor estão extintas, por causa da cessação das consequências de piedade ou iniquidade, e onde eles nunca se entristecem mais. Lá moram Dharma, Dhruva, e outros espectadores do mundo, radiantes com as faculdades sobre-humanas de Vishnu, adquiridas através de meditação religiosa [Yoga]; e lá são ligados e entretecidos a tudo o que existe, e a tudo o que sempre existirá, animado ou inanimado. O assento de Vishnu é contemplado pela sabedoria dos Iogues, identificada com luz suprema, como o olho brilhante do céu. ['Nos céus, expandido como um olho, está aquele lugar supremo de Vishnu, contemplado pelo conhecimento discriminativo dos Yogins, cujas almas estão repletas dele.'] Nessa parte dos céus o esplêndido Dhruva está posicionado, e serve como o eixo da atmosfera. Em Dhruva repousam os sete grandes planetas, e deles dependem as nuvens. As chuvas estão suspensas nas nuvens, e das chuvas vem a água que é a

---

Vaiswánarí	Púrva Bhádrapadá Uttara Bhádrapadá Revatí.

Veja também As. Res. IX. Lista de Nakshatras, 346. Agastya é Canopus; e a linha de Capricórnio, ou Ajavithi, inclui asterismos que contêm estrelas em Escorpião e Sagitário.

22 Uma nota marginal em um manuscrito explica que a frase do texto आ चन्द्रतारकं significa tão longe quanto a lua e estrelas; mas o Pitriyana, ou caminho dos Pitris, se encontra entre os asterismos; e, de acordo com o sistema purânico dos céus, não está claro o que poderia significar ele ser limitado pela lua e estrelas. O caminho sul do orbe solar é, de acordo com os Vedas, aquele de fumaça ou escuridão.

23 As estrelas do Nagavithi são aquelas de Áries e Touro; e pelos sete Rishis nós devemos aqui compreender Ursa Maior.

24 Isto, de acordo com os Vedas, é tudo o que é para ser compreendido a respeito da imortalidade dos deuses: eles perecem no período de dissolução universal.

25 Isto é, geralmente como afetando os seres criados, não individuais, cujos atos influenciam os vários nascimentos sucessivos deles.

26 De Ursa Maior à estrela polar.

nutrição e deleite de todos, os deuses e o resto; e eles, os deuses, que são os recebedores de oblações, sendo nutridos através de oferendas queimadas, fazem a chuva cair para o sustento dos seres criados. Esse lugar sagrado de Vishnu, portanto, é o esteio dos três mundos, porque ele é a fonte de chuva.

Daquela terceira região da atmosfera, ou assento de Vishnu, procede o rio que purifica todo pecado, o rio Ganga, empardecida com os unguentos das ninfas do céu, que se divertiram em suas águas. Tendo sua fonte na unha do grande dedo do pé do pé esquerdo de Vishnu, Dhruva[27] a recebe, e a sustenta dia e noite reverentemente sobre sua cabeça; e por isso os sete Rishis praticam os exercícios de austeridade em suas águas, enfeitando suas madeixas trançadas com as ondas dela. O orbe da lua, cercado por sua correnteza acumulada, deriva brilho aumentado do contato dela. Caindo do alto, quando ela sai da lua; ela desce no topo de Meru, e de lá flui para os quatro quadrantes da terra, para sua purificação. O Sita, Alakananda, Chakshu, e Bhadra são quatro braços de somente um rio, dividido de acordo com as regiões para as quais ele procede. O braço que é conhecido como o Alakananda foi sustentado afetuosamente por Mahadeva, sobre sua cabeça, por mais de cem anos, e foi o rio que elevou para o céu os filhos pecadores de Sagara, por lavar as cinzas deles[28]. As ofensas de qualquer homem que se banha nesse rio são expiadas imediatamente, e virtude sem precedente é gerada. Suas águas, oferecidas por filhos para seus antepassados em fé por três anos, concedem para os últimos satisfação raramente atingível. Homens das ordens duas vezes nascidas, que oferecem sacrifício nesse rio para o senhor do sacrifício, Purushottama, obtêm tudo o que eles desejam, aqui ou no céu. Santos que são purificados de toda mácula por se banharem em suas águas, e cujas mentes estão concentradas em Kesava, obtêm por meio disso libertação final. Esse rio sagrado, ouvido (a respeito), desejado, visto, tocado, [bebido], banhado em, ou louvado, dia a dia, santifica todos os seres; e aqueles que, mesmo a uma distância de cem léguas [ou centenas de léguas], exclamam "Ganga, Ganga", expiam os pecados cometidos durante três vidas prévias. O lugar de onde esse rio procede, para a purificação dos três mundos, é a terceira divisão das regiões celestiais, o assento de Vishnu[29]. ◄

---

27 A noção popular é que Shiva ou Mahadeva recebe o Ganges em sua cabeça; mas isso, como explicado subsequentemente, é atribuído, pelos Vaishnavas pelo menos, à descida do Alakananda, ou Ganges da Índia, não ao Ganges celestial.

28 Ou, em outras palavras, 'flui para o mar.' A lenda aqui citada é detalhada mais completamente em um livro subsequente.

29 A posição da fonte do Ganges no céu o identifica com a Via-láctea.

CAPÍTULO 9

Sistema Planetário, sob o símbolo de um Sisumara, ou toninha {ou golfinho}. A terra nutrida pelo sol. De chuva enquanto o sol brilha. De chuva das nuvens. Chuva o sustento da vegetação, e por isso da vida animal. Narayana o sustento de todos os seres.

A forma do poderoso Hari que está presente no céu, consistindo nas constelações, é aquela de uma toninha, com Dhruva situado na cauda. Conforme Dhruva gira, ele faz a lua, sol, e estrelas girarem também; e os asterismos lunares seguem em seu caminho circular; pois todos os corpos luminosos celestiais estão ligados na realidade à estrela polar por cordas etéreas. A figura semelhante a toninha da esfera celestial é segurada por Narayana, que ele mesmo, em brilho planetário, está situado em seu coração; enquanto o filho de Uttanapada, Dhruva, por sua adoração do senhor do mundo, brilha na cauda do golfinho estelar[1]. O sustentáculo da esfera em forma de toninha é o soberano de tudo, Janarddana. Essa esfera é a sustentadora de Dhruva; e por Dhruva o sol é mantido no alto. Do sol depende este mundo, com seus deuses, demônios, e homens. De que maneira o mundo depende do sol, fique atento, e você ouvirá.

Durante oito meses do ano o sol atrai as águas, que são a essência de todos os fluidos, e então as despeja sobre a terra (durante os outros quatro meses) como chuva[2]; da chuva crescem grãos; e de grãos subsiste o mundo inteiro. O sol com seus raios ardentes absorve a umidade da terra, e com eles nutre a lua. A lua transfere, por tubos de ar, seus orvalhos para as nuvens que, sendo compostas de fumaça, fogo, e vento (ou vapor), podem reter as águas com as quais elas são carregadas; elas são, portanto, chamadas de Abhras, porque seus conteúdos não são dispersos[3]. Quando porém elas são partidas em pedaços pelo vento, então fartura aquosa desce, branda, e livre de toda impureza pelo processo edulcorante do tempo. O sol, Maitreya, evapora fluidos aquosos de quatro fontes, mares, rios, a terra, e criaturas vivas. A água que o sol absorve do Ganga dos céus ele verte depressa para baixo com seus raios, e sem uma nuvem; e os homens que são tocados por essa chuva pura são purificados da mácula do pecado, e nunca vêem o inferno: essa é chamada de ablução celestial. Aquela chuva que cai enquanto o sol está brilhando, e sem uma nuvem no céu, é a água do Ganges celestial, derramada pelos raios solares. Se, entretanto, chuva cai de um céu luminoso e sem nuvens enquanto o sol está na mansão de Krittika e os outros asterismos contados por números ímpares, como o terceiro, quinto, etc., a água, embora a do Ganga do céu, é espalhada, pelos elefantes dos quadrantes, não pelos raios do sol, é apenas quando tal chuva cai, e o sol está nos asterismos pares, que ela é distribuída por seus raios[4].

---

1 Uma descrição mais específica desse boto acontece mais adiante.

2 Consequentemente, o Linga Purana observa, não há desperdício de água no universo, porque ela está em constante circulação.

3 A teoria das nuvens é detalhada mais integralmente no Vayu, Linga, e Matsya Puranas. Ela é a mesma em seu teor geral, mas inclui circunstâncias adicionais. Nuvens, de acordo com aquelas autoridades, são de três classes: 1. Agneya, originadas do fogo ou calor, ou em outras palavras evaporação: elas são carregadas com vento e chuva, e são de várias ordens, entre as quais estão aquelas chamadas Jimuta, por elas sustentarem a vida; 2. Brahmaja, nascidas da respiração de Brahma: essas são as nuvens de onde trovão e raio procedem; e 3. Pakshaja, ou nuvens que eram originalmente as asas das montanhas, e que foram cortadas por Indra: essas também são chamadas Pushkaravarttakas, por elas incluírem água em seus vortices: elas são as maiores e mais formidáveis de todas, e são aquelas que, no fim dos Yugas e Kalpas, derramam as águas do dilúvio. A casca do ovo de Brahma, ou do universo, é formada das nuvens primitivas.

4 De acordo com o Vayu, a água espalhada pelos elefantes dos quardrantes é orvalho no verão, e neve no inverno; ou a última é trazida pelos ventos de uma cidade chamada Pundra, que se encontra

A água que as nuvens derramam sobre a terra é em verdade a ambrosia dos seres vivos, pois ela dá fertilidade às plantas que são a base da existência deles. Por isso todos os vegetais crescem e amadurecem, e se tornam os meios de manter a vida. Com eles, também, aqueles homens que aceitam a lei como sua verdade executam sacrifícios diários, e através deles dão nutrição aos deuses. E assim sacrifícios, os Vedas, as quatro castas, com os brâmanes em sua dianteira, todas as residências dos deuses, todas as tribos de animais, o mundo inteiro, todos são sustentados pelas chuvas pelas quais alimento é produzido. Mas a chuva evoluiu pelo sol; o sol é sustentado por Dhruva; e Dhruva é sustentado pela esfera celestial em forma de boto, que é una com Narayana. Narayana, o existente primevo, e durando eternamente, situado no coração da esfera estelar, é o sustentador de todos os seres.

◄

---

entre as montanhas Himavat e Hemakuta, e caem sobre as primeiras. De modo semelhante, também, como calor irradia do sol, igualmente frio irradia da lua.

CAPÍTULO 10

Nomes dos doze Adityas. Nomes dos Rishis, Gandharbas, Apsarasas, Yakshas, Uragas, e Rakshasas que acompanham a carruagem do sol em cada mês do ano. Suas respectivas funções.

Parasara: 'Entre os pontos extremos do norte e do sul o sol tem que atravessar em um ano cento e oitenta graus, ascendendo e descendo[1]. Seu carro é presidido por Adityas divinos, Rishis, cantores e ninfas celestiais, Yakshas, serpentes, e Rakshasas (um de cada um sendo colocado nele em cada mês). O Aditya Dhatri, o sábio Pulastya, o Gandharba Tumburu, a ninfa Kratusthala, o Yaksha Rathakrit, a serpente Vasuki, e o Rakshas Heti, sempre residem no carro do sol, no mês de Madhu ou Chaitra, como seus sete guardiões. Em Vaisakh ou Madhava os sete são Aryamat, Pulaha, Nareda, Punjikasthali, Rathaujas, Kachanira, e Praheti. Em Suchi ou Jyeshtha eles são Mitra, Atri, Haha, Mena, Rathaswana, Takshaka, e Paurusheya. No mês Sukra ou Ashadha eles são Varuna, Vasishtha, Huhu, Sahajanya, Rathachitra, Naga, e Budha. No mês Nabhas (ou Sravana) eles são Indra, Angiras, Viswavasu, Pramlocha, Srotas, e Elapatra (o nome de ambos: serpente e Rakshas). No mês Bhadrapada eles são Vivaswat, Bhrigu, Ugrasena, Anumlocha, Apurana, Sankhapala, e Vyaghra. No mês de Aswin eles são Pushan, Gautama, Suruchi, Ghritachi, Sushena, Dhananjaya, e Vata. No mês de Kartik eles são Parjanya, Bharadwaja, (outro) Viswavasu, Viswachi, Senajit, Airavata, e Chapa. Em Agrahayana ou Margasirsha eles são Ansu, Kasyapa, Chitrasena, Urvasi, Tarkshya, Mahapadma, e Vidyut. No mês de Pausha, Bhaga, Kratu, Urnayu, Purvachitti, Arishtanemi, Karkotaka, e Sphurja são os sete que permanecem no orbe do sol, os espíritos gloriosos que espalham luz por todo o universo. No mês de Magha os sete que estão no sol são Twashtri, Jamadagni, Dhritarashtra, Tilottama, Ritajit, Kambala, e Brahmapeta. Aqueles que residem no sol no mês Phalguna são Vishnu, Visvamitra, Suryaverchchas, Rambha, Satyajit, Aswatara, e Yajnapeta.

Dessa maneira, Maitreya, uma tropa de sete seres celestiais, mantida pela energia de Vishnu, ocupa durante os vários meses o orbe do sol. O sábio celebra o seu louvor, e o Gandharba canta, e a ninfa dança diante dele, o Rakshas escolta sua marcha, a serpente arreia seus corcéis, e o Yaksha enfeita as rédeas; os numerosos sábios pigmeus, os Balakhilyas (Valikhilyas), sempre cercam sua carruagem. A tropa inteira de sete, vinculada ao carro do sol, são os agentes na distribuição de frio, calor, e chuva, em suas respectivas estações[2]. ◄

---

[1] Pode ser duvidado se o texto quer dizer 180 em cada hemisfério ou em ambos, mas o sentido está suficientemente claro no Vayu, etc., e o número de Mandalas atravessados no ano é 360. Os Mandalas, 'círculos' ou 'graus', sendo na realidade as revoluções diurnas do sol, e seus números correspondendo com os dias do ano solar; como no Bhavishya Purana: 'Os cavalos do sol viajam duas vezes 180 graus em um ano, internos e externos (ao equador), na ordem dos dias.'

[2] Uma enumeração semelhante dos acompanhantes do carro do sol ocorre no Vayu, etc. Para Yakshas, o termo genérico lá empregado é Gramanis, mas os indivíduos são os mesmos. O Kurma e Bhavishya atribuem os doze Adityas a meses diferentes:

	Vishńu.	*Kúrma.*	*Bhavishya.*
Dhátri	Chaitra	Vaiśákha	Kártika
Áryamat	Vaiśákha	Chaitra	Vaiśákha
Mitra	Jyesht́ha	Márgaśírsha	Márgaśírsha
Varuńa	Ásháďha	Mágha	Bhádra
Indra	Śrávańa	Jyesht́ha	Áswina
Vivaswat	Bhádra	Śrávańa	Jyesht́ha
Púshan	Áswina	Phálguna	Pausha
Parjanya	Kártika	Áswina	Śrávańa
Ansu	Márgaśírsha	Ásháďha	Ásháďha
Bhaga	Pausha	Bhádra	Mágha
Twasht́ri	Mágha	Kártika	Phálguna
Vishńu	Phálguna	Pausha	Chaitra.

CAPÍTULO 11

O sol distinto de, e supremo acima, dos acompanhantes de seu carro; idêntico aos três Vedas e a Vishnu; suas funções.

Maitreya: 'Você descreveu para mim, preceptor santo, as sete classes de seres que estão sempre presentes no orbe solar, e são as causas de calor e frio. Você também descreveu suas funções individuais, sustentadas pela energia de Vishnu, mas você não me contou o dever do próprio sol; pois se, como você diz, os sete seres na esfera dele são as causas de calor, frio, e chuva, como também pode ser verdade, como você mencionou antes, que a chuva procede do sol? Ou como pode ser afirmado que o sol nasce, alcança o meridiano, ou se põe, se essas situações são o ato do sete coletivo?

Parasara: 'Eu explicarei a você, Maitreya, o assunto de sua pergunta. O sol, embora identificado com os sete seres em seu orbe, é distinto deles como seu superior. A energia inteira e poderosa de Vishnu, que é chamada de os três Vedas, ou Rich, Yajush, e Saman, é aquilo que ilumina o mundo, e destrói sua iniquidade. Ela é também aquilo que, durante a continuação das coisas, está presente como Vishnu, empenhada ativamente na preservação do universo, e permanecendo como os três Vedas dentro do sol. O corpo luminoso solar, que aparece em cada mês, é nada mais que aquela energia muito suprema de Vishnu que é composta dos três Vedas, influenciando os movimentos do planeta; pois os Richas (os hinos do Rig-veda) brilham de manhã, as preces do Yajush ao meio-dia, e o Vrihadrathantara e outras partes do Saman à tarde. Essa personificação tripla de Vishnu, distinguida pelos títulos dos três Vedas, é a energia de Vishnu, que influencia as posições do sol[1].

Mas essa energia tripla de Vishnu não é limitada ao sol somente, pois Brahma, Purusha (Vishnu), e Rudra também são compostos da mesma essência triforme. Na criação ela é Brahma, consistindo no Rig-veda; na preservação ela é Vishnu, composto do Yajur-veda; e na destruição Rudra, formado do Sama-veda, a expressão vocal do qual é consequentemente não auspiciosa[2].

Desse modo a energia de Vishnu, composta dos três Vedas, e derivada da propriedade de bondade, preside no sol, junto com os sete seres pertencentes a ela; e pela presença desse poder o planeta resplandece com brilho intenso, dispersando com seus raios a escuridão que se espalha sobre o mundo inteiro: e por isso os Munis o louvam, os coristas e ninfas do céu cantam e dançam diante dele, e espíritos ferozes e sábios santos acompanham sua trajetória. Vishnu, na forma de sua energia ativa, nunca nasce ou se põe, e é ao mesmo tempo o sol sétuplo e distinto dele. Da mesma maneira como um homem se aproximando de um espelho, colocado sobre um suporte, vê nele sua própria imagem, assim a energia (ou reflexo) de Vishnu nunca está separada (do carro do sol, que é o suporte do espelho), mas permanece mês a mês no sol (como no espelho) que está colocado lá.

O sol soberano, ó brâmane, a causa do dia e da noite, gira perpetuamente, proporcionando prazer para os deuses, para os progenitores, e para a humanidade.

---

[1] Esse misticismo se origina em parte aparentemente de uma má compreensão de textos metafóricos dos Vedas, tais como 'aquele conhecimento triplo (os Vedas) brilha;' e 'os hinos do Rich brilham;' e em parte da simbolização da luz da verdade religiosa pela luz do sol, como no Gayatri (página 199, n. 13). A essas são somadas as noções sectárias dos Vaishnavas.

[2] As fórmulas do Sama-veda não são para serem usadas junto com aquelas do Rich e Yajush, em sacrifícios em geral.

Nutrida pelo raio Sushumna do sol[3], a lua é alimentada até a plenitude na quinzena de seu crescimento; e na quinzena de sua diminuição a ambrosia de sua substância é bebida perpetuamente pelos imortais, até o último dia do meio mês, quando os dois dígitos restantes são bebidos pelos progenitores, por isso essas duas ordens de seres são nutridas pelo sol. A umidade da terra, que o sol atrai por meio de seus raios, ele reparte novamente para a fertilização dos grãos, e a nutrição de todas as criaturas terrestres; e por conseguinte o sol é a fonte de subsistência para toda classe de coisas vivas, para deuses, progenitores, humanidade, e o resto. O sol, Maitreya, satisfaz os desejos dos deuses por uma quinzena (de cada vez); aqueles dos progenitores uma vez por mês; e aqueles dos homens e outros animais diariamente. ◄

[3] O Vayu, Linga, e Matsya Puranas especificam vários dos raios do sol de entre os muitos milhares que eles dizem procedem dele. Desses, sete são principais, chamados Sushumna, Harikesa, Viswakarman, Viswakarya, Sampadvasu, Arvavasu, e Swaraj, fornecendo calor respectivamente para a lua, as estrelas, e para o Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, e Saturno.

CAPÍTULO 12

Descrição da lua: sua carruagem, cavalos, e curso; alimentada pelo sol; drenada periodicamente de ambrosia pelos progenitores e deuses. As carruagens e cavalos dos planetas; mantidos em suas órbitas por correntes etéreas presas a Dhruva. Membros típicos do boto planetário. Somente Vasudeva real.

Parasara: 'A carruagem da lua tem três rodas, e é puxada por dez cavalos, da brancura do jasmim, cinco na metade direita (do jugo), cinco na esquerda. Ela se move ao longo dos asterismos, divididos em limites, como descrito anteriormente; e, de modo semelhante como o sol, é sustentada por Dhruva; as cordas que a firmam sendo apertadas ou relaxadas da mesma maneira, conforme ela procede em seu curso. Os cavalos da lua, surgidos da superfície das águas[1], arrastam o carro por um Kalpa inteiro, como fazem os corcéis do sol. Os sol radiante supre a lua, quando reduzida pelos goles dos deuses a um único Kala, com um único raio; e na mesma proporção como o soberano da noite foi esvaziado pelos celestiais, ele é reabastecido pelo sol, o saqueador das águas: pois os deuses, Maitreya, bebem o néctar e ambrosia acumulados na lua durante metade do mês, e por esse ser seu alimento eles são imortais. Trinta e seis mil trezentos e trinta e três divindades bebem a ambrosia lunar. Quando restam dois dígitos, a lua entra na órbita do sol, e permanece no raio chamado Ama; por isso o período é chamado de Amavasya. Naquela órbita a lua é imersa durante um dia e noite na água; dali ela entra nos ramos e brotos das árvores; e dali vai para o sol. Consequentemente alguém que corta um ramo, ou derruba uma folha, quando a lua está nas árvores (o dia de sua subida invisível), é culpado de brahmanicídio. Quando a porção restante da lua consiste de apenas uma décima quinta parte, os progenitores se aproximam dela à tarde, e bebem a última porção, aquele Kali sagrado que é composto de ambrosia, e contido nos dois dígitos da forma da lua[2]. Tendo bebido néctar emitido pelos raios lunares no dia da conjunção, os progenitores ficam satisfeitos, e permanecem tranquilos pelo mês seguinte. Esses progenitores (ou Pitris) são de três classes, chamados Saumyas, Varhishadas, e Agnishwattas[3]. Dessa maneira a lua, com seus raios refrescantes, nutre os deuses na quinzena clara, os Pitris na quinzena escura; vegetais, com os átomos nectários aquosos frescos que ela derrama sobre eles; e por meio do desenvolvimento deles sustenta homens, animais, e insetos; satisfazendo-os ao mesmo tempo por seu brilho.

A carruagem do filho de Chandra, Budha ou Mercúrio, é composta das substâncias elementares ar e fogo, e é puxada por oito cavalos baios da velocidade do

---

1 Assim é o carro, de acordo com o Vayu. O orbe da lua, de acordo com o Linga, é somente água congelada; como aquele do sol é calor concentrado.

2 Há alguma indistinção nesse relato, por uma confusão entre a divisão da superfície da lua em dezesseis Kalas ou fases, e sua partilha, como um receptáculo de néctar, em quinze Kalas ou dígitos, correspondendo às quinze lunações, em quatorze das quais, durante o minguante, os deuses bebem o amrita, e na décima quinta das quais os Pitris esvaziam a porção restante. A correspondência das duas distinções parece ser pretendida pelo texto, que chama o dígito ou Kala restante, composto de Amrita, de forma ou superfícies dos dois Kalas. Esse, o comentador observa, é o décimo quinto, não o décimo sexto. O comentador em nosso texto observa, também, que a passagem às vezes é lida द्विलवाकार, Lava significando 'um momento', 'um período curto.' O Matsya e Vayu expressam a passagem paralela de modo a evitar toda perplexidade, por especificarem os dois Kalas como se referindo a tempo, e deixando o número de Kalas nectários indefinidos: 'Eles, os Pitris, bebem os Kalas restantes em dois Kalas de tempo.' O Cel. Warren explica Kala, ou, como ele o escreve: Cala, em uma de suas acepções, 'as fases da lua, das quais os hindus contam dezesseis.' Kala Sankalita, 359. Assim o Bhagavata chama a lua: षोडशकलः पुरुषः ।, e o Vayu, depois de citar o esgotamento da décima quinta porção no dia da conjunção, afirma que o retorno do aumento ou diminuição acontece na décima sexta fase no começo de cada quinzena.

3 O Vayu e Matsya somam uma quarta classe, os Kavyas; identificando-os com os anos cíclicos; os Saumyas e Agnishwattas com as estações; e os Varhishads com os meses.

vento. O carro vasto de Sukra (Vênus) é puxado por cavalos terrestres[4], é equipado com um pára-lama e piso protetores, armado com setas, e decorado com uma bandeira. O carro esplêndido de Bhauma (Marte) é de ouro, de uma forma octogonal, puxado por oito cavalos, de um vermelho rubi, surgido do fogo. Vrihaspati (Júpiter), em um carro dourado puxado por oito cavalos de cor pálida, viaja de signo a signo no período de um ano; e Sani (Saturno) de passo vagaroso, se move lentamente em um carro puxado por corcéis malhados. Oito cavalos pretos puxam a carruagem parda de Rahu, e uma vez arreados são ligados a ela para sempre. Nos Parvas (os nodos, ou eclipses lunares e solares), Rahu dirige seu curso do sol para a lua, e volta novamente da lua para o sol[5]. Os oito cavalos da carruagem de Ketu são da cor vermelha parda da laca, ou da fumaça de palha ardente.

Eu assim descrevi para você, Maitreya, as carruagens dos nove planetas, todas as quais são ligadas a Dhruva por meio de cordas etéreas. Os orbes de todos os planetas, asterismos, e estrelas são amarrados a Dhruva, e viajam adequadamente em suas próprias órbitas, sendo mantidos em seus lugares por suas respectivas fitas de éter. Quão numerosas são as estrelas, tantas são as correntes de ar que as ligam a Dhruva; e conforme elas giram, elas também fazem a estrela polar girar. Da mesma maneira como o próprio oleiro, indo em volta, faz o eixo girar, assim os planetas viajam em círculos, suspensos por cordas de ar, que estão circulando em volta de um centro (girando). O ar, que é chamado Pravaha, é assim chamado porque ele segue junto aos planetas, que giram, como um disco de fogo, dirigido pela roda etérea[6].

O golfinho celestial, no qual Dhruva está fixo, foi mencionado, mas você ouvirá suas partes constituintes em mais detalhes, porque isso é de grande eficácia; pois a visão dele à noite expia qualquer pecado que tenha sido cometido durante o dia; e aqueles que o observam vivem tantos anos quanto há estrelas nele, no céu, ou até mais. Uttanapada é para ser considerado como sua mandíbula superior; Sacrifício como sua inferior. Dharma é situado em sua testa; Narayana em seu coração. Os Aswins são suas duas patas dianteiras; e Varuna e Aryamat suas duas pernas traseiras. Samvatsara é seu órgão sexual; Mitra seu órgão de excreção. Agni, Mahendra, Kasyapa, e Dhruva, em sucessão, estão posicionados em sua cauda; quais quatro estrelas nessa constelação nunca se põem[7].

Eu descrevi agora para você a disposição da terra e das estrelas; das zonas insulares, com seus oceanos e montanhas, seus Varshas ou regiões, e seus

---

4 O Vayu faz os cavalos dez em número, cada um de uma cor diferente.

5 O Matsya, Linga, e Vayu acrescentam a circunstância de Rahu ocupar, nessas ocasiões, a sombra circular da terra.

6 As diferentes faixas de ar presas a Dhruva são, de acordo com o comentador, variedades do vento Pravaha; mas o Kurma e Linga enumeram sete ventos principais que executam essa função, dos quais o Pravaha é um.

7 As quatro últimas são então estrelas no círculo de aparição perpétua. Uma dessas é a estrela polar; e em Kasyapa nós temos uma afinidade verbal com Cassiopeia. O Sisumara, ou boto, é um símbolo bastante singular para a esfera celestial; mas ele não é mais absurdo do que muitas das constelações da ficção clássica. As partes componentes dele são detalhadas muito mais completamente no Bhagavata [Canto 5; cap. 23], de onde foi traduzido por Sir Wm. Jones. As. Res. II. 402. O Bhagavata, porém, mistifica a descrição, e diz que ele é nada mais do que o Dharana, ou símbolo, pelo qual Vishnu, identificado com o firmamento estrelado, é para ser impresso na mente em meditação. A descrição do sistema planetário é, como sempre, mais completa no Vayu, com o qual o Linga e Matsya quase concordam. O Bhavishya é quase, também, o mesmo. Todos eles contêm muitas passagens comuns a eles e ao nosso texto. No Agni, Padma, Kurma, Brahma, Garuda, e Vamana ocorrem descrições que entram em menos detalhes que o Vishnu, e frequentemente usam suas palavras, ou passagens achadas em outros Puranas. Muitas sugestões de um sistema semelhante ocorrem nos Vedas, mas se o todo é para ser achado naqueles trabalhos ainda será averiguado. Essa não deve ser considerada como uma representação correta da astronomia filosófica dos hindus, estando misturada com, e deformada por, ficção mitológica e simbólica.

habitantes; sua natureza também foi explicada, mas ela pode ser recapitulada brevemente.

Das águas, que são o corpo de Vishnu, foi produzida a terra em forma de loto, com seus mares e montanhas. As estrelas são Vishnu; os mundos são Vishnu; florestas, montanhas, regiões, rios, oceanos são Vishnu: ele é tudo o que existe, tudo o que não existe. Ele, o senhor, é idêntico ao conhecimento, pelo qual ele é todas as formas, mas não é uma substância. Você deve conceber portanto que montanhas, oceanos, e todas as diversidades da terra e o resto, são as ilusões da percepção. Quando conhecimento é puro, real, universal, independente de trabalhos, e livre de defeito, então as variedades de substância, que são o fruto da árvore do desejo, deixam de existir em matéria. Para que é substância? Onde está a coisa que é destituída de começo, meio, e fim, de uma natureza uniforme? Como realidade pode ser atribuída àquilo que está sujeito a mudança, e não reassume mais seu caráter original? Barro é manufaturado em um jarro; o jarro é dividido em duas metades; as metades são quebradas em pedaços; os pedaços se tornam pó; o pó se torna átomos. Diga, isso é realidade? embora isso seja entendido assim pelo homem, cujo autoconhecimento é impedido por seus próprios atos. Por isso, brâmane, exceto conhecimento discriminador, não há nada em qualquer lugar, ou em qualquer tempo, que seja real. Tal conhecimento é apenas um, embora ele pareça múltiplo, como diversificado pelas várias consequências dos nossos próprios atos. Conhecimento perfeito, puro, livre de dor, e separando as afeições de tudo o que causa aflição; conhecimento único e eterno - é o supremo Vasudeva, além de quem não há nada. A verdade foi comunicada dessa maneira a você por mim; aquele conhecimento que é verdade; do qual tudo o que difere é falso. Aquela informação, contudo, que é de uma natureza temporal e mundana também foi dada a você; o sacrifício, a vítima, o fogo, os sacerdotes, o suco ácido, os deuses, o desejo pelo céu, o caminho seguido por atos de devoção e o resto, e os mundos que são suas consequências, foram revelados para você. Naquele universo que eu descrevi, migra para sempre aquele que está sujeito à influência de trabalhos; mas aquele que conhece Vasudeva como eterno, imutável, e de uma forma imutável, universal, pode continuar executando-os[8], porque por meio disso ele entra na divindade. ◄

[8] Só, no entanto, até onde eles são destinados a propiciar Vishnu, e não para qualquer outro propósito.

CAPÍTULO 13

Lenda de Bharata. Bharata abdica de seu trono, e se torna um asceta; trata de um corço, e fica tão apegado a ele a ponto de negligenciar suas devoções; ele morre; seus nascimentos sucessivos; trabalhos nos campos, e é afligido como um carregador de palanquim para o Raja de Sauvira; repreendido por sua inabilidade; sua resposta; diálogo entre ele e o rei.

Maitreya: 'Senhor venerável[1], tudo o que eu perguntei a você foi explicado completamente; isto é, a posição da terra, oceanos, montanhas, rios, e corpos planetários; o sistema dos três mundos, dos quais Vishnu é o esteio. O grande objetivo da vida também foi exposto por você, e a preeminência de conhecimento santo. Resta agora que você cumpra a promessa que você fez algum tempo atrás[2], de narrar para mim a história do rei Bharata, e como aconteceu que um monarca como ele, residindo constantemente no lugar sagrado Salagrama, e ocupado em devoção, com sua mente sempre dedicada a Vasudeva, poderia ter falhado, pela santidade do santuário, e a eficácia das abstrações dele, em obter emancipação final; como foi que ele nasceu novamente como um brâmane; e o que foi feito pelo magnânimo Bharata naquela qualidade: tudo isso é adequado que você informe para mim.

Parasara: 'O monarca ilustre da terra residiu, Maitreya, por um período considerável, em Salagrama, seus pensamentos sendo dedicados completamente a deus, e sua conduta caracterizada por bondade e toda virtude, até que ele tinha efetuado, no grau mais alto, o controle total sobre sua mente. O Raja estava sempre repetindo os nomes, Yajnesa, Achyuta, Govinda, Madhava, Ananta, Kesava, Krishna, Vishnu, Hrishikesa; nada mais ele proferia, mesmo em seus sonhos; nem ele jamais meditava sobre qualquer coisa exceto esses nomes, e o significado deles. Ele aceitava combustível, flores, e erva sagrada, para a adoração da divindade, mas não realizava nenhum outro rito religioso, estando absorto por devoção desinteressada, abstrata.

Em uma ocasião ele foi ao Mahanadi[3], com a finalidade de ablução. Ele se banhou lá, e executou as cerimônias habituais depois de tomar banho. Enquanto assim ocupado, chegou lá ao mesmo lugar uma corça grande prenhe, que tinha saído da floresta para beber do rio. Enquanto ela matava sua sede, foi ouvido lá de repente o rugido alto e pavoroso de um leão; no que a corça, ficando excessivamente alarmada, pulou da água para a margem. Por causa desse grande pulo, seu corço foi parido de repente, e caiu no rio; e o rei, vendo-o levado pela correnteza, apanhou o animal jovem, e o salvou de ser afogado. O dano recebido pelo cervo, pelo esforço violento dela, veio a ser fatal, e ela se deitou, e morreu. Isso sendo observado pelo asceta nobre, ele levou o corço em seus braços, e voltou com ele para seu eremitério. Lá ele o alimentou e cuidou diariamente, e ele vicejou e cresceu sob seu cuidado. Ele brincava em volta do eremitério, e pastava na grama em sua vizinhança; e sempre que ele vagueava a uma distância, e era assustado por um animal selvagem, ele corria de volta para lá em busca de segurança. Todas as manhãs ele saía de casa, e todas as noites voltava para o abrigo de palha do caramanchão copado de Bharata.

---

1 Uma cópia se dirige a Parasara, Bhagavan sarvabhutesa, 'Soberano sagrado, senhor de todas as criaturas;' um título bastante incomum para um sábio, embora um inspirado. As outras duas cópias começam, Samyagakhyatam, 'Tudo foi completamente explicado.'

2 Veja página 161.

3 O Mahanadi é corretamente um rio em Orissa, mas o nome é aplicável a qualquer grande rio, e sua conexão com Salagrama Tirtha faz provável que ele indique o Gandaki ou Gandaka, no qual o Salagram ou Amonite é encontrado mais abundantemente. Pode ser notado aqui que Salagrama é citado entre os Tirthas no Mahabharata: veja página 160, nota 6.

Enquanto o cervo era assim o ocupante do eremitério dele, a mente do rei estava sempre ansiosa a respeito do animal, ora vagando para longe, e ora voltando para o seu lado, e ele não podia pensar em qualquer outra coisa. Ele tinha renunciado ao seu reino, seus filhos, todos os seus amigos, e agora se viciava em afeição egoísta por um corço. Quando ausente por um tempo mais longo que o comum, ele imaginava que ele tinha sido levado por lobos, devorado por um tigre, ou tinha sido morto por um leão. "A terra", ele exclamava, "está empardecida pelas impressões de seus cascos. O que aconteceu ao cervo jovem que nasceu para minha alegria? Quão feliz eu ficaria se ele voltasse da mata, e eu sentisse seus chifres brotando se esfregando contra meu braço. Esses tufos de grama sagrada, das quais as pontas foram mordiscadas pelos dentes novos dele, parecem rapazes religiosos que cantam o Sama-veda[4]." Assim o Muni refletia sempre que o cervo ficava longe da vista dele; e o contemplava com um semblante animado com prazer quando ele estava ao seu lado. Sua abstração estava suspensa, o espírito do rei estando absorto pelo corço, embora ele tivesse abandonado família, riqueza, e domínio. A firmeza da mente do príncipe ficou instável, e vagava com as vagueações do cervo jovem. Com o passar do tempo o rei ficou sujeito à sua influência. Ele morreu, observado pelo cervo, com lágrimas em seus olhos, como um filho que lamenta por seu pai; e ele mesmo, quando ele expirou, lançou seus olhos no animal, e não pensou em nada mais, estando completamente ocupado com uma idéia.

Por causa desse sentimento predominante em tal época, ele nasceu novamente, nas florestas Jambumarga, como um cervo[5], com a faculdade de se lembrar de sua vida anterior; tal lembrança inspirando um desgosto pelo mundo, ele deixou sua mãe, e novamente se dirigiu para o lugar santo Salagrama. Subsistindo lá de grama e folhas secas, ele expiou os atos que o tinham levado a nascer em tal condição; e após sua morte ele nasceu em seguida como um brâmane, ainda retendo a memória de sua existência anterior. Ele nasceu em uma família piedosa e eminente de ascetas, que eram observadores rígidos de ritos religiosos. Possuidor de toda sabedoria verdadeira, e familiarizado com a essência de todos os escritos sagrados, ele via alma como distinta da matéria (Prakriti). Inspirado com conhecimento do eu, ele via os deuses e todos os outros seres como em realidade o mesmo. Não aconteceu de ele passar por investidura com o fio bramânico, nem ler os Vedas com um preceptor espiritual, nem executar cerimônias, nem estudar as escrituras. Sempre que falado, ele respondia incoerentemente e em palavras antigramaticais e rudes. Seu corpo era imundo, e ele se vestia em trajes sujos. Saliva pingava de sua boca, e ele era tratado com desprezo por todas as pessoas. Estima pela consideração do mundo é fatal para o sucesso da devoção. O asceta que é menosprezado pelos homens alcança o objetivo de suas abstrações. Que portanto um homem santo siga o caminho dos justos, sem murmurar; e embora os homens o desprezem, evite associação com a humanidade. Esse, o conselho de Hiranyagarbha[6], o brâmane recordou, e por isso assumiu a aparência de um idiota louco aos olhos do mundo. Seu alimento era grãos de leguminosa crus, ervas cozidas, frutos selvagens, e grãos de cereais. O que quer que viesse em seu caminho ele comia, como parte de um castigo necessário, mas temporário[7]. Após a morte de seu pai ele foi colocado para trabalhar nos campos por seus irmãos e seus sobrinhos, e alimentado por eles com alimento vil; e como ele era

---

4 A aplicabilidade desse símile não é explicada pelo comentador. Isso se refere possivelmente aos (cabelos) aparados ou cabeças raspadas dos estudantes religiosos.

5 De acordo com o Bhagavata, Jambumarga é a montanha Kalanjara ou Kalanjar em Bundelkhand.

6 Hiranyagarbha ou Brahma é citado aqui em vez da doutrina Yoga, que às vezes é atribuída a ele como seu autor.

7 Como um Kala sanyama, um estado de sofrimento ou mortificação que dura somente por um período; ou, em outras palavras, existência corpórea; o corpo sendo contemplado como uma ferida, para a qual comida é o unguento; bebida, a loção; e roupa, a bandagem.

firme e robusto de feitio, e um simplório em ato externo, ele era o escravo de todos os que escolhiam empregá-lo, recebendo só alimento como seu pagamento.

O principal criado do rei de Sauvira, considerando-o como um brâmane indolente, inculto, pensou que ele era uma pessoa digna de trabalhar sem pagamento (e levou-o para o serviço de seu patrão para ajudar a carregar o palanquim.)

O rei, tendo subido em sua liteira, em uma ocasião, estava procedendo para o eremitério de Kapila, nas margens do rio Ikshumati[8], para consultar o sábio, a quem as virtudes que levam à libertação eram conhecidas, o que era muito desejável um mundo cheio de ansiedade e tristeza. Entre aqueles que por ordem do principal criado dele tinham sido obrigados a carregar gratuitamente a liteira estava o brâmane, que tinha sido igualmente forçado a esse dever, e que, dotado com o único conhecimento universal, e se lembrando de sua existência anterior, suportava o fardo como o meio de expiar as falhas que ele desejava reparar. Fixando seus olhos na lança, ele seguia lentamente, enquanto os outros carregadores se moviam com vivacidade; e o rei, sentindo a liteira carregada desigualmente, gritou, "Ó carregadores! O que é isso? Mantenham passo igual juntos." Entretanto ela prosseguiu oscilando, e o Raja exclamou novamente, "O que é isso? Quão irregularmente vocês estão indo!" Quando isso tinha acontecido repetidamente, os carregadores do palanquim responderam afinal ao rei, "É esse homem, que se retarda em seu passo." "Como é isso?" Disse o príncipe para o brâmane, "Você está cansado? Você carregou sua carga somente um pouco; você não pode aguentar fadiga? E ainda você parece robusto." O brâmane respondeu e disse, "Não sou eu que sou robusto, nem é por mim que seu palanquim é levado. Eu não estou cansado, príncipe, nem eu sou incapaz de fadiga." O rei respondeu, "Eu vejo claramente que você é corpulento, e que o palanquim é carregado por você; e o transporte de uma carga é exaustivo para todas as pessoas." "Primeiro me diga", disse o brâmane, o que é de mim que você viu claramente[9], e então você pode distinguir minhas propriedades como forte ou fraco. A afirmação que você vê o palanquim carregado por mim, ou colocado sobre mim, é falsa. Escute, príncipe, ao que eu tenho a observar. O lugar de ambos os pés é o chão; as pernas são sustentadas pelos pés; as coxas se apóiam nas pernas; e a barriga repousa sobre as coxas; o tórax é apoiado pela barriga; e os braços e ombros são sustentados pelo tórax: o palanquim é carregado nos ombros, e como ele pode ser considerado como minha carga? Este corpo que está sentado no palanquim é definido como Tu. Por isso, o que é, em outra parte, chamado de Isto, é aqui distinguido como Eu e Tu. Eu e tu e outros são construídos dos elementos; e os elementos, seguindo a corrente de qualidades, assumem uma forma corpórea; mas qualidades, como bondade e o resto, são dependentes de atos; e atos, acumulados em ignorância, influenciam a condição de todos os seres[10]. A pura, imperecível alma, tranquila, sem qualidades, preeminente sobre natureza (Prakriti), é uma, sem aumento ou diminuição, em todos os corpos. Mas se ela é igualmente livre de aumento ou diminuição, então com que adequação, você pode dizer a mim, 'Eu vejo que tu és robusto?' Se o palanquim se apóia sobre os ombros, e eles no corpo; o corpo nos pés, e os pés na terra; então a carga é carregada tanto por você quanto por mim[11]. Quando a natureza dos homens é diferente, ou em sua essência ou sua causa, então pode ser dito que fadiga é para ser sofrida por mim. Aquilo que é a substância do palanquim é a substância de você e mim e todos os outros, sendo um agregado de elementos, agregado por individualidade".

---

[8] Um rio no norte da Índia.

[9] Isto é, 'O que você discerniu de mim, meu corpo, vida, ou alma?'

[10] A condição - isto é, a individualidade pessoal - de alguém é a consequência de seus atos; mas o mesmo princípio vivo que é comum a todas as coisas vivas o anima.

[11] O corpo não é o indivíduo; então não é o indivíduo, mas o corpo, ou eventualmente a terra, que carrega a carga.

Tendo falado dessa maneira, o brâmane ficou calado, e continuou carregando o palanquim; mas o rei saltou para fora dele, e apressou-se a se prostrar aos pés dele; dizendo, "Tenha compaixão por mim, brâmane, e ponha de lado o palanquim; e me diga quem tu és, assim disfarçado sob a aparência de um tolo." O brâmane respondeu e disse, "Ouça-me Raja. Quem eu sou não é possível dizer, chegada em qualquer lugar é por causa de fruição; e desfrute de prazer, ou sofrimento de dor, é a causa da produção do corpo. Um ser vivo assume uma forma corpórea para colher os resultados de virtude ou vício. A causa universal de todas as criaturas vivas é virtude ou vício: por que então indagar a causa (de eu ser a pessoa que eu apareço)?" O rei disse, "Indubitavelmente virtude e vício são as causas de todos os efeitos existentes, e migração para vários corpos é para o propósito de receber as consequências deles; mas com respeito ao que você afirmou, que não é possível você me falar quem é você, essa é uma questão que eu desejo ouvir explicada. Como pode ser impossível, brâmane, para alguém declarar ser aquilo que ele é? Não pode haver detrimento para a própria pessoa por aplicar a ela a palavra *eu*." O brâmane disse, "É verdade que não há mal feito àquela que é a própria pessoa pela aplicação a ela da palavra *eu;* mas o termo é característico de erro, de conceber que é o eu (ou alma) o que não é eu ou alma. A língua articula a palavra *eu*, ajudada pelos lábios, os dentes, e o palato; e esses são a origem da expressão, porque eles são as causas da produção da fala. Se por meio desses instrumentos a fala é capaz de proferir a palavra *eu*, é, não obstante, impróprio afirmar que a própria fala é *eu*[12]. O corpo de um homem, caracterizado por mãos, pés, e semelhantes, é composto de várias partes; a quais dessas eu posso aplicar corretamente a denominação *eu*? Se outro ser é diferente especificamente de mim, monarca mais excelente, então pode ser dito que isto é eu; aquele é o outro: mas quando uma única alma está distribuída em todos os corpos, é então inútil dizer, Quem é você? Quem sou eu? Tu és um rei; isso é um palanquim; esses são os carregadores; esses os lacaios corredores; esta é tua comitiva: contudo é falso que todos esses são ditos serem teus. O palanquim no qual tu sentas é feito de madeira derivada de uma árvore. O que então? Ele é denominado madeira ou uma árvore? As pessoas não dizem que o rei está empoleirado em uma árvore, nem que ele está sentado em um pedaço de madeira, quando você sobe em seu palanquim. O veículo é uma reunião de pedaços de madeira, unidos artificialmente: julgue, príncipe, por si mesmo em que o palanquim realmente difere da madeira. Novamente; contemple as varas do guarda-sol, em seu estado separado. Onde está o guarda-sol então? Aplique esse raciocínio a ti e a mim[13]. Um homem, uma mulher, uma vaca, uma cabra, um cavalo, um elefante, um pássaro, uma árvore, são nomes atribuídos a vários corpos, que são as consequências de atos. Homem[14] não é nem um deus, nem um homem, nem um bruto, nem uma árvore; essas são meras variedades de forma, os efeitos de ações. A coisa que no mundo é chamada de rei, de criado de um rei, ou por qualquer outro nome, não é uma realidade; ela é a criatura de nossas imaginações: pois o que há no mundo, que está sujeito a vicissitude, que com o passar do tempo não leva nomes diferentes? Tu és chamado de o monarca do mundo; o filho do teu pai; o inimigo dos teus inimigos; o marido de tua esposa; o pai de teus filhos. De que maneira eu devo te chamar? Como tu estás situado? Tu és a cabeça ou a barriga? Ou eles são teus? Tu és os pés? Ou eles pertencem a ti? Tu és, ó rei, distinto em tua natureza de todos os teus membros! Agora então, entendendo corretamente a

---

[12] Isto é, fala, ou alguma ou todas as faculdades ou sentidos, não é alma.

[13] Os membros e sentidos agregados não constituem mais o indivíduo que a combinação acidental de certos pedaços de madeira faz a estrutura de algo mais que madeira: de modo semelhante como a máquina ainda é madeira, assim o corpo ainda é mera matéria elementar. Novamente; os sentidos e membros, considerados separadamente, não mais constituem o homem, do que cada vara individual constitui o guarda-sol. Separadas ou unidas, portanto, as partes do corpo são mera matéria; e como matéria não compõe o homem, elas não constituem um indivíduo.

[14] O termo nessa e na oração precedente é Puman; aqui usado genericamente, lá especificamente.

questão, pense quem sou eu; e como é possível para mim, depois que a verdade foi averiguada (da identidade de tudo), reconhecer qualquer distinção, ou falar da minha própria individualidade pela expressão *eu*.' ◄

CAPÍTULO 14

Diálogo continua. Bharata explica a natureza da existência, o fim da vida, e a identificação do espírito individual com o espírito universal.

Tendo ouvido essas observações, cheias de verdade profunda, o rei estava muito satisfeito com o brâmane, e respeitosamente dirigiu-se a ele dessa maneira: "O que você disse é sem dúvida a verdade; mas escutando isso minha mente está muito perturbada. Você tem mostrado aquela sabedoria discriminadora que existe em todas as criaturas, e que é o grande princípio que é distinto da natureza plástica [prakriti]; mas as afirmações - 'Eu não carrego o palanquim - o palanquim não se apóia em mim - o corpo, pelo qual o veículo é carregado, é diferente de mim - as condições dos seres elementares são influenciadas por atos, pela influência das qualidades, e as qualidades são os princípios de ação;' - que tipo de afirmações são essas? Após essas doutrinas entrarem em meus ouvidos, minha mente, que está ansiosa para investigar a verdade, está perdida em perplexidade. Era meu propósito, sábio ilustre, ir até o Rishi Kapila, indagar dele o que nessa vida era o objeto mais desejável; mas agora que eu ouvi de você tais palavras, minha mente se volta para você, para me tornar familiarizado com o grande objetivo da vida. O Rishi Kapila é uma porção do poderoso e universal Vishnu, que desceu sobre a terra para dissipar a ilusão; e seguramente é ele que, em bondade por mim, se manifestou dessa maneira para mim em tudo aquilo que você disse. Para mim, assim suplicante, então, explique qual é a melhor de todas as coisas; pois tu és um oceano que transborda com as águas da sabedoria divina." O brâmane respondeu ao rei, "Você, novamente, me pergunta qual é a melhor de todas as coisas, não qual é o grande objetivo da vida[1]; mas há muitas coisas que são consideradas melhores, como também aqueles que são os grandes fins (ou verdades) da vida. Para aquele que, pela adoração dos deuses, busca riqueza, prosperidade, filhos, ou domínio, cada um desses é respectivamente melhor. Melhor é o rito ou sacrifício, que é recompensado com prazeres divinos. Melhor é aquilo que rende a melhor recompensa, embora ela não seja solicitada. Autocontemplação, sempre praticada por ascetas devotos, é para eles o melhor. Mas o melhor de tudo é a identificação da alma com o espírito supremo. Centenas e milhares de condições podem ser chamadas de as melhores; mas elas não são os grandes e verdadeiros objetivos da vida. Ouça o que aquelas são. Riqueza não pode ser o verdadeiro objetivo da vida, pois ela pode ser renunciada por virtude, e sua propriedade característica é gasto para a satisfação do desejo. Se um filho fosse a verdade final, isso seria igualmente aplicável a uma fonte diferente; pois o filho que é para alguém o grande fim da vida, se torna o pai de outro. Verdade final ou suprema, portanto, não existiria neste mundo, porque em todos esses casos aqueles objetos que são assim denominados são os efeitos de causas, e consequentemente não são finitos. Se a aquisição de soberania fosse designada pelo caráter de ser o grande fim de tudo, então fins finitos às vezes existiriam, e às vezes deixariam de existir. Se você supõe que os objetivos a serem efetuados através de ritos sacrificais, executados de acordo com as regras do Rik, Yajur, e Sama Vedas, são o grande fim da vida, preste atenção ao que eu tenho a dizer. Qualquer efeito que é produzido pela causalidade da terra participa do caráter de sua origem, e consiste em barro; assim qualquer ato executado por meio de agentes perecíveis, como combustível, manteiga clarificada, e grama Kusa, deve ser de eficácia apenas temporária. O grande fim da vida (ou verdade) é considerado pelos sábios como eterno; mas ela seria passageira, se fosse

---

[1] Você pergunta o que é Sreyas, não o que é Paramartha: o primeiro significa literalmente 'melhor', 'mais excelente', e é usado aqui para denotar objetos temporários e especiais, ou fontes de felicidade, como riqueza, posteridade, poder, etc.; o último é o único grande objetivo ou fim da vida, verdadeira sabedoria ou verdade, conhecimento da real e universal natureza da alma.

realizada através de coisas transitórias. Se você imagina que essa grande verdade é a realização de atos religiosos, dos quais nenhuma recompensa é buscada, não é assim; pois tais atos são os meios de obter libertação, e a verdade é (o fim), não os meios. É dito que meditação no eu, novamente, é por causa da verdade suprema; mas o objetivo disso é estabelecer distinções (entre alma e corpo), e a grande verdade de tudo é sem distinções. É dito que união do eu com o espírito supremo é o grande fim de tudo; mas isso é falso; pois uma substância não pode se tornar substancialmente outra[2] . Objetos, então, que são considerados muito desejáveis são infinitos. Qual é o grande fim de tudo, monarca, você aprenderá brevemente de mim. Isto é a alma: uma (em todos os corpos), penetrante, uniforme, perfeita, preeminente acima da natureza (Prakriti), livre de nascimento, crescimento, e se decadência, onipresente, imperecível, composta de verdadeiro conhecimento, independente, e não conectada com irrealidades, com nome, espécie, e o resto, no tempo presente, passado, ou futuro. O conhecimento que esse espírito, que é essencialmente um, está no próprio corpo e em todos os outros corpos, é o grande fim, ou verdadeira sabedoria, de alguém que conhece a unidade e os verdadeiros princípios das coisas. Como um ar difusivo, passando através das perfurações de uma flauta, é distinguido como as notas da escala (Sherga e o resto), assim a natureza do grande espírito é única, embora suas formas sejam múltiplas, surgindo das consequências de atos. Quando a diferença da forma envoltória, como aquela de deus ou o resto, é destruída, então não há nenhuma distinção." ◄

---

2 Mas isso é para ser entendido como aplicado às doutrinas que distinguem entre o espírito vital (Jivatma) e o espírito supremo (Paramatma), a doutrina do Yoga. É argumentado aqui, que é absurdo falar de efetuar uma união entre a alma do homem e a alma suprema; pois se eles forem essencialmente diferentes, eles não podem se combinar; se eles já são um e o mesmo, é tolice falar de realizar a união deles. O grande objetivo da vida ou verdade não é efetuar a união de duas coisas, ou duas partes de uma coisa, mas saber que tudo é unidade.

CAPÍTULO 15

Bharata conta a história de Ribhu e Nidagha. O último, o aluno do primeiro, se torna um príncipe, e é visitado por seu preceptor, que explica a ele os princípios da unidade, e parte.

Parasara continuou: ‘Tendo terminado essas observações, o brâmane repetiu para o príncipe silencioso e meditativo uma história ilustrativa das doutrinas da unidade. "Escute, príncipe", ele prosseguiu, "ao que foi proferido antigamente por Ribhu, dando conhecimento sagrado para o brâmane Nidagha. Ribhu era um filho do Brahma supremo, que, por sua disposição inata, era de um caráter santo, e familiarizado com a verdadeira sabedoria. Nidagha, o filho de Pulastya, era seu discípulo; e a ele Ribhu comunicou de boa vontade conhecimento perfeito, não duvidando de ele ser completamente confirmado nas doutrinas de unidade, quando ele tinha sido instruído desse modo.

"A residência de Pulastya era em Viranagara, uma bela cidade grande nas margens do rio Devika. Em um bosque gracioso adjacente ao rio o aluno de Ribhu, Nidagha, familiarizado com práticas religiosas, morava. Quando mil anos divinos tinham passado, Ribhu foi à cidade de Pulastya, visitar seu discípulo. Permanecendo na entrada, ao término de um sacrifício para os Viswadevas, ele foi visto por seu estudante, que se apressou para apresentar a ele a ofenda usual, ou Arghya, e o conduziu para dentro da casa; e quando suas mãos e pés estavam lavados, e ele estava sentado, Nidagha o convidou respeitosamente para comer (quando o diálogo seguinte se seguiu):

"Ribhu: 'Diga-me, brâmane ilustre, que alimento há em sua casa; porque eu não gosto de comestíveis medíocres.'

"Nidagha: 'Há bolos de farinha, arroz, cevada, e grãos de leguminosa na casa; compartilhe, senhor venerável, de quaisquer que melhor lhe agradem.'

"Ribhu: 'Nenhum desses eu gosto; dê-me arroz fervido com açúcar, bolos de trigo, e leite com coalhos e melados.'

"Nidagha: 'Ó senhora, seja rápida, e prepare tudo o que é mais delicioso e doce na casa, para alimentar nosso convidado.'

"Ele tendo falado assim, a esposa de Nidagha, em obediência às ordens de seu marido, preparou alimento doce e saboroso, e o colocou diante do brâmane; e Nidagha, tendo ficado diante dele até que ele tinha comido da refeição que ele tinha desejado, dirigiu-se reverentemente a ele dessa maneira:

"Nidagha: 'Você comeu suficientemente, e com prazer, grande brâmane? E sua mente recebeu satisfação de sua comida? Onde é sua atual residência? Para onde você pretende ir? E de onde, senhor santo, você veio agora? '

"Ribhu: 'Um homem faminto, brâmane, deve estar satisfeito quando ele termina sua refeição. Por que você deveria indagar se minha fome foi saciada? Quando o elemento térreo é queimado pelo fogo, então a fome é gerada; e sede é produzida quando a umidade do corpo foi absorvida (por calor interno ou digestivo). Fome e sede são as funções do corpo, e satisfação sempre deve ser fornecida a mim por meio daquilo pelo qual elas sejam eliminadas; pois quando a fome não é mais perceptível, prazer e satisfação da mente são faculdades do intelecto: pergunte a condição deles da mente então, pois o homem não é afetado por elas. Para suas três outras perguntas, Onde eu moro? Aonde eu vou? e De onde eu venho? ouça esta resposta.

Homem (a alma do homem) vai para todo lugar, e penetra em todo lugar, como o éter; e é racional indagar onde ela é? Ou de onde ou para onde tu vais? Eu não estou indo nem vindo, nem minha residência é em algum lugar; nem tu és tu; nem os outros são outros; nem eu sou eu. Se você imagina qual resposta eu daria à sua pergunta por que eu fiz alguma distinção entre alimento adoçado e não adoçado, você ouvirá minha explicação. O que há que é realmente doce ou não doce para alguém comendo uma refeição? Aquilo que é doce, não é mais assim quando ocasiona o sentimento de plenitude; e aquilo que não é doce, se torna doce quando um homem (estando muito faminto) fantasia que ele é assim. Que alimento há que no começo, meio, e fim é igualmente agradável? Como uma casa construída de barro é fortalecida por meio de reboco fresco, assim este corpo terreno é sustentado por partículas terrenas; e cevada, trigo, grãos de leguminosa, manteiga, óleo, leite, coalhos, melaço, frutas, e semelhantes, são compostos de átomos de terra. Isto portanto é para ser compreendido por você, que a mente que julga corretamente o que é ou não é doce é impressionada com a noção de identidade, e que esse efeito de identidade tende à libertação.'

"Tendo ouvido essas palavras, transmitindo a substância da verdade última, Nidagha caiu aos pés de seu visitante, e disse, 'Mostre benevolência por mim, brâmane ilustre, e me diga quem é que para meu bem veio para cá, e por cujas palavras a obsessão da minha mente é dissipada.' A isso, Ribhu respondeu, 'Eu sou Ribhu, seu preceptor, vim aqui comunicar a você sabedoria verdadeira; e tendo declarado a você o que isso é, eu partirei. Saiba que este universo inteiro é a única natureza não dividida do espírito supremo, chamado Vasudeva.' Tendo falado assim, e recebendo a homenagem prostrada de Nidagha, feita com fé fervorosa, Ribhu seguiu seu caminho." ◄

CAPÍTULO 16

Ribhu volta ao discípulo dele, e o aperfeiçoa em conhecimento divino. O mesmo indicado ao Raja por Bharata, que logo após obtém libertação final. Consequências de ouvir essa lenda.

"Depois do término de outros mil anos, Ribhu se dirigiu novamente para a cidade onde Nidagha morava, para instruí-lo mais em verdadeira sabedoria. Quando ele chegou perto da cidade, ele viu um príncipe entrando nela, com um acompanhamento esplêndido; e seu aluno Nidagha permanecendo à distância, evitando a multidão; sua garganta seca com fome, e trazendo da mata combustível e erva sagrada. Ribhu se aproximou dele, e saudando-o com reverência (como se ele fosse um estranho) perguntou por que ele estava permanecendo em tal lugar retirado. Nidagha respondeu, 'Há uma grande multidão de pessoas que assistem à entrada do rei na cidade, e eu estou ficando aqui para evitá-la.' 'Diga-me, brâmane excelente', disse Ribhu, 'porque eu acredito que tu és sábio, qual aqui é o rei, e qual é qualquer outro homem.' 'O rei', Nidagha respondeu, é aquele que está sentado no elefante feroz e imponente, vasto como um pico de montanha; os outros são os criados dele.' Você me mostrou', Ribhu observou, 'em um momento o elefante e o rei, sem citar qualquer característica peculiar pela qual eles possom ser distinguidos. Fale-me, senhor venerável, há alguma diferença entre eles? Pois eu desejo saber qual aqui é o elefante e qual é o rei.' 'O elefante', Nidagha respondeu, 'está abaixo; o rei está sobre ele. Quem não está ciente, brâmane, da relação entre o que carrega e aquele que é carregado?' A isso Ribhu replicou, 'Todavia explique para mim, de acordo com o que eu conheço disto, esta questão: o que é aquilo que é significado pela palavra abaixo, e o que é que é chamado de acima?' Assim que ele tinha proferido isso, Nidagha saltou sobre Ribhu, e disse, 'Aqui está minha resposta à pergunta que você fez: eu estou em cima, como o Raja; você está em baixo, como o elefante. Esse exemplo, brâmane, é destinado à sua informação.' 'Muito bem', disse Ribhu, você, parece, é como se fosse o Raja, e eu sou como o elefante; mas, venha agora, me diga qual de nós dois é *você*; qual é *eu*.'

"Quando Nidagha ouviu essas palavras, ele caiu imediatamente aos pés do estranho, e disse, 'Com certeza tu és meu preceptor religioso Ribhu. A mente de nenhuma outra pessoa está tão completamente saturada com as doutrinas de unidade quanto aquela do meu professor, e por isso eu sei que tu és ele.' A isso Ribhu respondeu, 'Eu sou seu preceptor, Ribhu por nome, que, satisfeito com a atenção respeitosa que ele recebeu, veio a Nidagha para lhe dar instrução: para esse propósito eu anunciei brevemente para você a verdade divina, a essência da qual é a não-dualidade de tudo.' Tendo falado assim para Nidagha, o brâmane Ribhu foi embora, deixando seu discípulo profundamente impressionado, por suas instruções, com crença em unidade. Daquele tempo em diante ele viu todos os seres como idênticos a ele mesmo, e, perfeito em conhecimento sagrado, obteve libertação final.

"De modo semelhante tu, ó rei, que sabes o que é dever, considerando igualmente amigo ou inimigo, considere a si mesmo como uno com tudo o que existe no mundo. Assim como o mesmo céu é aparentemente diversificado como branco ou azul, assim a Alma, que é em verdade apenas uma, aparece para a visão errônea distinta em diferentes pessoas. Aquele, o qual está em todas as coisas, é Achyuta (Vishnu); além de quem não há nenhum outro. Ele é eu; ele é tu; ele é tudo: este universo é a forma dele. Abandone o erro da distinção."

Parasara prosseguiu: 'O rei, sendo assim instruído, abriu seus olhos para a verdade, e abandonou a noção de existência distinta, enquanto o brâmane, que, pela

lembrança de suas vidas anteriores, tinha adquirido conhecimento perfeito, obteve agora isenção de nascimento futuro. Quem que que narre ou escute as lições inculcadas no diálogo entre Bharata e o rei, tem sua mente iluminada, não interpreta mal a natureza da individualidade, e no decorrer de suas migrações se torna qualificado para a emancipação final[1]. ◄

[1] Essa lenda é um bom exemplo de um enxerto sectário em um tronco purânico. Ela é em uma grande medida peculiar ao Vishnu Purana, porque embora ela também se encontre no Bhagavata, ela é narrada lá de uma maneira muito mais concisa, e de um modo que parece uma abreviação do nosso texto.

LIVRO 3

CAPÍTULO 1

Descrição dos vários Manus e Manwantaras. Swarochisha o segundo Manu; as divindades, o Indra, os sete Rishis do período dele, e os filhos dele. Detalhes semelhantes de Auttami, Tamasa, Raivata, Chakshusha, e Vaivaswata. As formas de Vishnu, como o preservador, em cada Manwantara. O significado de Vishnu.

Maitreya: 'A disposição da terra e do oceano, e o sistema do sol e dos planetas, a criação dos deuses e o resto, a origem dos Rishis, a geração das quatro castas, a produção de criaturas brutas, e as narrativas de Dhruva e Prahlada, foram narrados integralmente por ti, meu preceptor venerável. Eu estou agora desejoso de ouvir de você a série de todos os Manwantaras, como também uma descrição daqueles que presidem sobre os respectivos períodos, com Sakra, o rei dos deuses, em sua chefia.

Parasara: 'Eu repetirei para você, Maitreya, em sua ordem, os diferentes Manwantaras; aqueles que são passados, e aqueles que estão por vir.

O primeiro Manu era Swayambhuva, então veio Swarochisha, então Auttami, então Tamasa, então Raivata, então Chakshusha: esses seis Manus passaram. O Manu que preside sobre o sétimo Manwantara, que é o período atual, é Vaivaswata, o filho do sol.

O período de Swayambhuva Manu, no princípio do Kalpa, já foi descrito por mim, junto com os deuses, Rishis, e outros personagens, que então vicejaram[1]. Eu vou agora, portanto, enumerar os deuses presidentes, Rishis, e filhos do Manu, no Manwantara de Swarochisha[2]. As divindades desse período (ou o segundo Manwantara) eram as classes chamadas Paravatas e Tushitas[3]; e o rei dos deuses era o poderoso Vipaschit. Os sete Rishis[4] eram Urja, Stambha, Prana, Dattoli,

---

1 Foi dito que os deuses eram os Yamas (página 93); os Rishis eram Marichi, Angiras, etc. (página 91); e os filhos eram Priyavrata e Uttanapada (página 93). O Vayu acrescenta aos Yamas, os Ajitas, que compartilham com os primeiros, ele observa, oferendas sacrificais. O Matsya, Padma, Brahma Purana e Hari Vansa substituem em vez dos filhos, os netos de Swayambhuva, Agnidhra e o resto (página 159).

2 Esse Manu, de acordo com a lenda de seu nascimento no Markandeya Purana, era o filho de Swarochish, assim chamado por causa do esplendor de seu aspecto quando nascido, e que era o filho da ninfa Varuthini com o Gandharba Kali. O texto, em outro lugar, faz dele um filho de Priyavrata.

3 O Vayu dá os nomes dos indivíduos dessas duas classes, consistindo cada uma em doze. Ele fornece também a nomenclatura de todas as classes de divindades, e dos filhos dos Manus em cada Manwantara. De acordo com a mesma autoridade, os Tushitas eram os filhos de Kratu; o Bhagavata os chama de os filhos de Tushita com Vedasiras. As divindades de cada período são, de acordo com o Vayu, aquelas para quem oferendas do suco Soma e semelhantes são oferecidos coletivamente.

4 O Vayu descreve os Rishis de cada Manwantara como os filhos, ou em alguns casos os descendentes em uma linha direta, dos sete sábios, Atri, Angiras, Bhrigu, Kasyapa, Pulaha, Pulastya, e Vasishtha; com alguma inconsistência, pois Kasyapa, pelo menos, não apareceu, ele mesmo, até o sétimo Manwantara. Na presente série Urja é o filho de Vasishtha, Stambha nasce de Kasyapa, Prana de Bhrigu, Dattoli é o filho de Pulastya, Rishabha descende de Angiras, Nischara de Atri, e Arvarivat é o filho de Pulaha. O Brahma Purana e Hari Vansa têm uma lista bastante diferente, ou Aurva, Stambha, Kasyapa, Prana, Vrihaspati, Chyavana, e Dattoli; mas a origem de parte dessa diferença é nada além de uma citação imperfeita do Vayu Purana; os dois primeiros, Aurva e Stambha, sendo especificados como o filho de Vasishtha e o descendente de Kasyapa, e então a ascendência do resto sendo omitida; para completar os sete, portanto, Kasyapa se torna um deles. Alguns outros erros dessa natureza ocorrem nesses dois trabalhos, e da mesma causa, uma citação descuidada do Vayu, que é mencionado como a autoridade deles. Uma peculiaridade curiosa também se acha nesses enganos. Eles são limitados aos primeiros oito Manwantaras. O Brahma Purana omite todos os detalhes dos últimos seis, e o Hari Vansa os insere completamente e corretamente, em conformidade com a autoridade do Vayu. Parece, então,

Rishabha, Nischara, e Arvarivat; e Chaitra, Kimpurusha, e outros, eram os filhos do Manu[5].

No terceiro período, ou Manwantara de Auttami[6], Susanti era o Indra, o rei dos deuses; as ordens dos quais eram os Sudhamas, Satyas, Sivas, Pradarsanas e Vasavertis[7]; cada uma das cinco ordens consistindo em doze divindades. Os sete filhos de Vasishtha eram os sete Rishis[8]; e Aja, Parasu, Divya, e outros, eram os filhos do Manu[9].

Os Surupas, Haris, Satyas, e Sudhis[10] eram as classes de deuses, cada uma consistindo em vinte e sete, no período de Tamasa, o quarto Manu[11]. Sivi era o Indra, também designado por sua realização de cem sacrifícios (ou chamado de Satakratu). Os sete Rishis eram Jyotirdhama, Prithu, Kavya, Chaitra, Agni, Vanaka, e Pivara[12]. Os filhos de Tamasa eram os reis poderosos Nara, Khyati, Santahaya, Janujangha, e outros[13].

---

como se o compilador do Hari Vansa tivesse seguido o Brahma, até onde ele foi, certo ou errado; mas recorreu ao Vayu Purana original quando o Brahma lhe falhou. Dattoli às vezes é escrito Dattoni e Dattotri; e o último parece ter sido o caso com a cópia do Hari Vansa empregada por M. Langlois, que faz um dos Rishis deste Manwantara "le penitent Atri." Ele não está sem apoio em tal leitura, pois o Padma Purana muda o nome para Dattatreya, sem dúvida sugerido por Datta-atri. Dattatreya, porém, é o filho de Atri; enquanto o Vayu chama a pessoa do texto de filho de Pulastya. Não pode haver dúvida portanto da leitura correta, pois o filho de Pulastya é Dattoli. (página 110.)

5 O Vayu concorda com o texto nesses nomes, somando sete outros. O Bhagavata tem uma série diferente. O Padma tem quatro outros nomes, Nabha, Nabhasya, Prasriti, Bhavana. O Brahma tem dez nomes, incluindo dois desses, e vários dos nomes dos Rishis do décimo Manwantara. O Matsya tem os quatro nomes do Padma para os filhos do Manu, e dá sete outros, Havindhra, Sukrita, Murtti, Apas, Jyotir, Aya, Smrita (os nomes do Brahma), como os sete Prajapatis desse período, e filhos de Vasishtha. Os filhos de Vasishtha, entretanto, pertencem ao terceiro Manwantara, e têm nomes diferentes. Há, sem dúvida, algum descuido aqui em todos os livros exceto o Vayu, e aqueles que concordam com ele.

6 O nome ocorre Auttami, Auttama, e Uttama. O Bhagavata e Vayu concordam com nosso texto (página 226) em fazer dele um descendente de Priyavrata. O Markandeya o chama de filho de Uttama, o filho de Uttanapada; e essa parece ser a genealogia correta, do nosso texto e do Bhagavata.

7 O Brahma e Hari Vansa têm, em lugar desses, os Bhanus; mas o Vayu e Markandeya concordam com o texto.

8 Todas as autoridades concordam nisso; mas o Brahma e Hari Vansa parecem fornecer uma série diferente também; ou mesmo uma terceira, de acordo com a tradução francesa: 'Dans le troisieme Manwantara parurent comme Saptarchis les fils de Vasichtha, de son nom appeles Vasichthas, les fils de Hiranyagarbha et les illustres enfans d'Ourdja.' O texto é: वसिष्ठपुत्राः सप्तासन्वासिष्ठा इति विश्रुताः । हिरण्यगर्भस्य सुता और्जा नाम सुतेजसः ॥. O significado do qual é, 'Existiram (no primeiro Manwantara) sete filhos célebres de Vasishtha, que (no terceiro Manwantara) eram os filhos de Brahma (isto é, Rishis), a posteridade ilustre de Urjja. Nós já vimos que Urjja era a esposa de Vasishtha, com quem ela teve sete filhos, Rajas', etc. (veja a página 111), no Swayambhuva Manwantara; e esses nasceram novamente como os Rishis do terceiro período. Os nomes dessas pessoas, de acordo com o Matsya e Padma, são porém muito diferentes daqueles dos filhos de Vasishtha, dados na página 111, ou Kaukundihi, Kurundi, Dalaya, Sankha, Pravahita, Mita, e Sammita.

9 O Vayu acrescenta dez outros nomes àqueles do texto. O Brahma dá dez completamente diferentes. O Bhagavata e Padma têm cada um uma nomenclatura separada.

10 Desses, o Brahma e Hari Vansa citam apenas os Satyas; o Matsya e Padma têm só Sadhyas. O Vayu Bhagavata, Kurma, e Markandeya concordam com o texto.

11 Ele é o filho de Priyavrata, de acordo com o texto, o Vayu, etc. O Markandeya tem uma lenda de seu nascimento por uma corça; e por ele ser gerado em escuridão, tempo tempestuoso, ele deriva seu nome.

12 Respectivamente, de acordo com o Vayu, a progênie de Bhrigu, Kasyapa, Angiras, Pulastya, Atri, Vasishtha, e Pulaha. Há variedade considerável em alguns dos nomes. Assim o Matsya tem Kavi, Prithu, Agni, Salpa, Dhimat, Kapi, Akapi. O Hari Vansa tem Kavya, Prithu, Agni, Jahnu, Dhatri, Kapivat, Akapivat. Em lugar dos dois últimos o Vayu lê Gatra e Vanapitha. O filho de Pulaha está em seu lugar (página 110), Arvarivat ou Vanakapivat. Gatra está entre os filhos de Vasishtha (página 111). O Vayu, portanto, provavelmente está mais correto, embora nosso texto, com relação a essas duas denominações, não dê margem a dúvidas.

13 O Vayu, etc. concordam com o texto; o Vayu mencionando onze. O Brahma, Matsya, e Padma têm uma série de dez nomes, Sutapas, Tapomula, etc.; dos quais, sete são os Rishis do décimo segundo Manwantara.

No quinto intervalo o Manu era Raivata[14]; o Indra era Vibhu; as classes de deuses, consistindo em quatorze cada uma, eram os Amitabhas, Abhutarajasas, Vaikunthas, e Sumedhasas[15]; os sete Rishis eram Hiranyaroma, Vedasri, Urddhabahu, Vedabahu, Sudhaman, Parjanya, e Mahamuni[16]; os filhos de Raivata eram Balabandhu, Susambhavya, Satyaka, e outros reis heróicos.

Estes quatro Manus, Swarochisha, Auttami, Tamasa, e Raivata, eram todos descendentes de Priyavrata, que, por propiciar Vishnu por meio de suas práticas religiosas, obteve esses soberanos dos Manwantaras como sua posteridade.

Chakshusha era o Manu do sexto período[17], no qual o Indra era Manojava; as cinco classes de deuses eram os Adyas, Prastutas, Bhavyas, Prithugas, e os magnânimos Lekhas, oito de cada[18]; Sumedhas, Virajas, Havishmat, Uttama, Madhu, Abhinaman, e Sahishnu eram os sete sábios[19]; os reis da terra, os filhos de Chakshusha, eram os poderosos Uru, Puru, Satadyumna, e outros.

O Manu do período atual é o senhor sábio das exéquias [Sraddhadeva; usado frequentemente como um nome próprio; Vaivaswata é indicado], a descendência ilustre do sol; as divindades são os Adityas, Vasus, e Rudras; seu soberano é Purandara; Vasishtha, Kasyapa, Atri, Jamadagni, Gautama, Viswamitra, e Bharadwaja são os sete Rishis; e os nove filhos piedosos de Vaivaswata Manu são os reis Ikshwaku, Nabhaga, Dhrishta, Sanyati, Narishyanta, Nabhanidishta, Karusha, Prishadhra, e o célebre Vasumat[20].

---

14 Raivata, assim como seus três antecessores, normalmente é considerado como um descendente de Priyavrata. O Markandeya tem uma lenda longa do nascimento dele, como o filho do rei Durgama com a ninfa Revati, nascida da constelação Revati, que Ritavach, um Muni, fez cair do céu. O brilho dela se tornou um lago no monte Kumuda, por isso chamado de Raivataka; e dele apareceu a donzela, que foi criada por Pramucha Muni. Após o casamento de Revati, o Muni, a pedido dela, restabeleceu o asterismo ao seu lugar nos céus.

15 O Brahma insere desses só os Abhutarajasas, com a observação que 'eles eram de natureza semelhante (ao seu nome);' isto é, eles estavam livres da qualidade de paixão. M. Langlois, ao traduzir a passagem paralela do Hari Vansa, confundiu o epíteto e o assunto: 'dont les dieux furent les Pracritis, depourvu de colere et de passion.' Ele também está perdido quanto ao que fazer com os termos Pariplava e Raibhya, na passagem seguinte: पारिप्लवश्च रैभ्यश्च, perguntando, 'qu'est ce que Pariplava? qu'est ce que Rebhya?' Se ele tivesse tido o comentário à mão, essas perguntas teriam sido desnecessárias: é dito que elas são duas classes de divindades.

16 Há menos variedade nesses nomes do que o usual. Vedabahu é lido Devabahu; Sudhaman, Satyanetra; e Mahamuni, Muni, Yajur, Vasishtha, e Yadudhra. De acordo com o Vayu, aqueles do texto são respectivamente da linhagem de Angiras, Bhrigu, Vasishtha, Pulastya, Atri, Pulaha, e Kasyapa. Há variedade considerável nos nomes dos filhos do Manu.

17 Chakshusha, de acordo com as melhores autoridades, descendia de Dhruva (veja pág. 120); mas o Markandeya tem uma lenda do nascimento dele como o filho de um Kshatriya, chamado Anamitra; por ele ser trocado em seu nascimento pelo filho de Visranta Raja, e ser criado pelo príncipe como filho dele; de ele revelar o assunto quando um homem, e propiciar Brahma por suas devoções; por causa do que ele se tornou um Manu. Em seu nascimento anterior ele nasceu do olho de Brahma; por isso seu nome, de Chakshush, 'o olho.'

18 As autoridades concordam quanto ao número, mas diferem sobre os nomes; lendo em vez de Adyas, Aryas e Apyas; de Prastutas, Prabhutas e Prasutas; de Prithugas, Prithukas e Prithusas; e, o que é uma divergência maior, Ribhus em vez de Bhavyas. M. Langlois omite os Prasutas, e insere Divaukasas; mas o último, significando 'divindades', é só um epíteto. O Hari Vansa tem आद्याः प्रसूता ऋभवः पृथुगाश्च दिवौकसः।
लेखा नाम महाराज पञ्च देवगणाः स्मृताः॥. O comentário adiciona दिवौकस इति सर्वेषां विशेषणम्।.

19 O Vayu lê Sudhaman em vez do primeiro nome; Unnata em vez de Uttama; e Abhimana em vez de Abhinaman. O último também se acha Abhinamin (Matsya) e Atinaman (Hari V.) O último lê, sem dúvida incorretamente, Bhrigu, Nabha, e Vivaswat em vez de Uttama, Madhu, e Havishmat. Os filhos de Chakshusha são enumerados na página 120.

20 Não há grande variedade de nomenclatura nesse Manwantara. O Vayu acrescenta às divindades os Sadhyas, Viswas, Maruts, e deuses nascidos de Bhrigu e Angiras. O Bhagavata soma os Ribhus; e a maioria inclui os dois Aswins como uma classe. Dos Maruts, no entanto, o Hari Vansa observa que eles nascem em todo Manwantara, sete vezes sete (ou quarenta e nove); que em cada Manwantara quatro

A energia inigualável de Vishnu, combinando-se com a qualidade de bondade, e efetuando a preservação das coisas criadas, preside sobre todos os Manwantaras na forma de uma divindade. De uma porção daquela divindade nasceu Yajna no Swayambhuva Manwantara, a progênie gerada da vontade de Akuti[21]. Quando o Swarochisha Manwantara tinha chegado, aquele divino Yajna nasceu como Ajita, junto com os deuses Tushita, os filhos de Tushita. No terceiro Manwantara, Tushita nasceu novamente de Satya, como Satya, junto com a classe de divindades assim denominadas. No período seguinte, Satya se tornou Hari, junto com os Haris, os filhos de Hari. O excelente Hari nasceu novamente no Raivata Manwantara, de Sambhuti, como Manasa, junto com os deuses chamados Abhutarajasas. No próximo período, Vishnu nasceu de Vikunthi, como Vaikuntha, junto com as divindades chamadas Vaikunthas. No Manwantara atual, Vishnu nasceu novamente como Vamana, o filho de Kasyapa com Aditi. Com três passos ele subjugou os mundos, e os deu, livres de toda perturbação, para Purandara[22]. Essas são as sete pessoas por quem, nos vários Manwantaras, os seres criados têm sido protegidos. Porque este mundo inteiro é penetrado pela energia da divindade, ele é intitulado Vishnu, da raiz Vis, 'entrar' ou 'penetrar; ' pois todos os deuses, os Manus, os sete Rishis, os filhos dos Manus, os Indras os soberanos dos deuses, todos são apenas o poder personificado de Vishnu[23].

◄

vezes sete, ou vinte e oito, obtêm emancipação, mas seus lugares são preenchidos por pessoas renascidas naquela condição. Assim o comentador explica as passagens मन्वन्तरेषु सर्वेषु प्रागुद्दिष्टं सप्तसप्तकाः। e मन्वन्तरे व्यतिक्रान्ते चत्वारः सप्तका गणाः। etc. सप्तसप्तका एकोनपञ्चाशन्मरुतो देवाः प्रतिमन्वन्तरे भवन्ति। Comentário. तेषां मध्ये चत्वारः सप्तका अष्टाविंशति मरुतः। Comentário. Pode ser suspeitado, entretanto, que essas passagens foram derivadas da simples declaração do Matsya, que em todos os Manwantaras classes de Rishis aparecem por sete e sete, e, tendo estabelecido um código de lei e moralidade, partem para a bem-aventurança. O Vayu tem uma lista bastante diferente dos sete Rishis; ou Vasumat, o filho de Vasishtha; Vatsara, descendente de Kasyapa; Viswamitra, o filho de Gadhi, e da linhagem Kusika; Jamadagni, filho de Kuru, da linhagem de Bhrigu; Bharadwaja, filho de Vrihaspati; Saradwat, filho de Gautama, da família de Utatthya; e Brahmakosha ou Atri, descendentes de Brahma. Todas as outras autoridades concordam com nosso texto.

21 O pai nominal sendo o patriarca Ruchi. (Veja página 93.)

22 Não há relato adicional dessa encarnação no Vishnu Purana. Maiores detalhes se encontram no Bhagavata, Kurma, Matsya, e Vamana Puranas. O primeiro desses (livro 8. c. 15-23) narra a penitência e sacrifícios de Bali, filho de Virochana, pelos quais ele tinha superado Indra e os deuses, e obtido domínio supremo sobre as três esferas. Vishnu, a pedido das divindades, nasceu como um anão, Vamana, o filho de Aditi com Kasyapa; que, recorrendo a Bali em busca de esmolas, foi prometido pelo príncipe tudo o que ele pudesse requerer, apesar de Sukra, o preceptor dos Daityas, tê-lo informado com quem ele tinha que lidar. O anão exigiu tanto espaço quanto ele pudesse medir em três passos; e após o consentimento de Bali, aumentou a si mesmo a tais dimensões quanto a transpor com seus passos os três mundos. Sendo adorado entretanto por Bali e seu antepassado Prahlada, ele concedeu a eles a soberania de Patala.

23 Veja a mesma etimologia na página 63, nota 7.

CAPÍTULO 2

Dos sete Manus e Manwantaras futuros. História de Sanjna e Chhaya, esposas do sol. Savarni, filho de Chhaya, o oitavo Manu. Os sucessores dele, com as divindades, etc. de seus respectivos períodos. Aparecimento de Vishnu em cada um dos quatro Yugas.

Maitreya: 'Você recapitulou para mim, brâmane mais excelente, os detalhes dos Manwantaras passados; agora dê-me alguma descrição daqueles que estão por vir.

Parasara: 'Sanjna, a filha de Viswakarman, era a esposa do sol, e teve três filhos com ele, o Manu (Vaivaswata), Yama, e a deusa Yami (ou o rio Yamuna). Incapaz suportar o fervor de seu marido, Sanjna lhe deu Chhaya[1] como sua criada, e foi para as florestas praticar exercícios religiosos. O sol, supondo que Chhaya era sua esposa Sanjna, gerou por meio dela três outros filhos, Sanaischara (Saturno), outro Manu (Savarni), e uma filha Tapati (o rio Tapti). Chhaya, em uma ocasião, estando ofendida com Yama[2], o filho de Sanjna, pronunciou uma maldição sobre ele, e assim revelou a Yama e ao sol que ela não era em verdade Sanjna, a mãe do primeiro. Sendo informado mais adiante por Chhaya que sua esposa tinha ido para a selva, o sol a viu pela visão da meditação ocupada em austeridades, na figura de uma égua (na região de Uttara Kuru). Metamorfoseando-se em um cavalo, ele se reuniu à sua esposa, e gerou três outros filhos, os dois Aswins e Revanta, e então levou Sanjna de volta para sua própria residência. Para diminuir sua intensidade, Viswakarman colocou o corpo luminoso em seu torno mecânico, para desgastar um pouco de sua refulgência; e dessa maneira a reduziu um oitavo, pois mais que isso era inseparável[3]. As partes do divino esplendor Vaishnava, residindo no sol, que foram raspadas por Viswakarman, caíram brilhando sobre a terra, e o artista construiu delas o disco de Vishnu, o tridente de Shiva, a arma[4] do deus da riqueza, a lança de Kartikeya, e as armas dos outros deuses: todos esses Viswakarman fabricou dos raios supérfluos do sol[5].

O filho de Chhaya, que também era chamado de Manu, foi denominado Savarni[6], por ser da mesma casta (Savarna) que seu irmão mais velho, o Manu Vaivaswata. Ele preside sobre o seguinte ou oitavo Manwantara; os detalhes do qual, e os seguintes, eu narrarei agora. No período no qual Savarni será o Manu, as classes

---

[1] Isto é, a sombra ou imagem dela. Isso também significa 'sombra.' O Bhagavata, entretanto, faz de Sanjna e Chhaya filhas de Viswakarman. De acordo com o Matsya, Vivaswat, o filho de Kasyapa e Aditi, teve três esposas, Rajni, a filha de Raivata, com quem ele teve Revanta; Prabha, com quem ele teve Prabhata; e com Sanjna, a filha de Twashtri, o Manu e Yama e Yamuna. A história então prossegue muito conforme o texto.

[2] Yama, provocado pela parcialidade dela por seus próprios filhos, insultou Chhaya, e ergueu seu pé para chutá-la. Ela o amaldiçoou a ter sua perna afetada com feridas e vermes; mas seu pai deu a ele um galo, para comer os vermes, e remover a supuração; e Yama, propiciando Mahadeva posteriormente, obteve a posição de Lokapala, e soberano de Tartarus.

[3] O Matsya diz que ele aparou o sol em todos os lugares menos nos pés, a extensão dos quais ele não podia discernir. Consequentemente em quadros ou imagens os pés do sol nunca devem ser delineados, sob castigo de lepra, etc.

[4] O termo é Sivika, que corretamente quer dizer 'uma liteira'. O comentador o chama de Astra, 'uma arma.'

[5] Essa lenda é contada, com algumas variações de pouca importância, no Matsya, Markandeya, e Padma Puranas (Swarga Khanda), no Bhagavata, e Hari Vansa, etc.

[6] O Markandeya, enquanto admite Savarni como o filho do sol, tem uma lenda do nascimento anterior dele, no Swarochisha Manwantara, como Suratha Raja, que se tornou um Manu por ter então propiciado Devi. Foi para ele que o Durga Mahatmya ou Chandi, a narrativa popular dos triunfos de Durga sobre vários demônios, foi narrado.

dos deuses serão Sutapas, Amitabhas, e Mukhyas; vinte e um de cada. Os sete Rishis serão Diptimat, Galava, Rama, Kripa, Drauni; meu filho Vyasa será o sexto, e o sétimo será Rishyasringa[7]. O Indra será Bali, o filho impecável de Virochana, que pelo favor de Vishnu é realmente soberano de parte de Patala. A progênie real de Savarni será Virajas, Arvarivas, Nirmoha, e outros.

O nono Manu será Daksha-savarni[8]. Os Paras, Marichigarbhas, e Sudharmas serão as três classes de divindades, cada uma consistindo em doze; seu chefe poderoso será o Indra Adbhuta. Savana, Dyutimat, Bhavya, Vasu, Medhatithi, Jyotishman, e Satya serão os sete Rishis. Dhritaketu, Driptiketu, Panchahasta, Mahamaya, Prithusrava, e outros, serão os filhos do Manu.

No décimo Manwantara o Manu será Brahma-savarni; os deuses serão os Sudhamas, Viruddhas, e Satasankhyas; o Indra será o poderoso Santi; os Rishis serão Havishman, Sukriti, Satya, Apammurtti, Nabhaga, Apratimaujas, e Satyaketu, e os dez filhos do Manu serão Sukshetra, Uttarnaujas, Harishena, e outros.

No décimo primeiro Manwantara o Manu será Dharma-savarni; as classes principais de deuses serão os Vihangamas, Kamagamas, e Nirmanaratis, cada uma trinta em número[9]; de quem Vrisha será o Indra; os Rishis serão Nischara, Agnitejas, Vapushman, Vishnu, Aruni, Havishman, e Anagha; os reis da terra, e filhos do Manu, serão Savarga, Sarvadharma, Devanika, e outros.

No décimo segundo Manwantara o filho de Rudra, Savarni, será o Manu; Ritudhama será o Indra, e os Haritas, Lohitas, Sumanasas, e Sukarmas serão as classes de deuses, cada uma consistindo em quinze. Tapaswi, Sutapas, Tapomurtti, Taporati, Tapodhriti, Tapodyuti, e Tapodhana serão os Rishis, e Devavan, Upadeva, Devasreshta, e outros, serão os filhos do Manu, e monarcas poderosos na terra.

No décimo terceiro Manwantara o Manu será Rauchya[10]; as classes de deuses, trinta e três em cada, serão os Sudhamans, Sudharmans, e Sukarmans; seu Indra será Divaspati; os Rishis serão Nirmoha, Tatwadersin, Nishprakampa, Nirutsuka, Dhritimat, Avyaya, e Sutapas, e Chitrasena, Vichitra, e outros, serão os reis.

No décimo quarto Manwantara, Bhautya será o Manu[11]; Suchi, o Indra; as cinco classes de deuses serão os Chakshushas, os Pavitras, Kanishthas, Bhrajiras, e

---

7 O Vayu tem Jamadagnya ou Parasurama, da linhagem Kusika; Galava, daquela de Bhrigu; Dwaipayana (ou Vyasa), da família de Vasishtha; Kripa, o filho de Saradwat; Diptimat, descendente de Atri; Rishyasringa, de Kasyapa; e Aswatthaman, o filho de Drona, da família de Bharadwaja. O Matsya e Padma têm Satananda em lugar de Diptimat.

8 Os quatro Savarnis seguintes são descritos no Vayu como os filhos gerados da mente de uma filha de Daksha, chamada Suvrata (Vayu) ou Priya (Brahma) por ele mesmo e os três deuses, Brahma, Dharma, e Rudra, para quem ele a ofereceu no monte Meru; por isso eles também são chamados de Meru-savarnis. Eles são chamados Savarnis por serem de uma família ou casta. De acordo com a mesma autoridade, seguida pelo Hari Vansa, parece que esse Manu também é chamado de Rohita. A maioria dos detalhes desse e dos Manwantaras seguintes são omitidos no Matsya, Brahma, Padma, e Markandeya Puranas. O Bhagavata e Kurma dão o mesmo que o nosso texto; e o Vayu, que quase concorda com ele, é seguido em muitos aspectos pelo Hari Vansa. O Matsya e Padma são singulares em suas séries e nomenclatura dos próprios Manus, chamando o 9º Rauchya, 10º Bhautya, 11º Merusavarni, filho de Brahma, 12º Ritu, 13º Ritadhaman, e 14º Viswaksena. O Bhagavata chama os dois últimos Manus de Deva-savarni e Indra-savarni.

9 Por isso o Vayu identifica os primeiros com dias, os segundos com noites, e os terceiros com horas.

10 O filho do Prajapati Ruchi (Vayu, etc.), com a ninfa Manini, a filha da Apsaras Pramlocha (Markandeya).

11 Filho de Ravi, com a deusa Bhuti, de acordo com o Vayu; mas o Markandeya faz de Bhuti o filho de Angiras, cujo aluno Santi, tendo permitido que o fogo sagrado se extinguisse na ausência de seu mestre, rezou para Agni, e assim o propiciou, de modo que ele não só reacendeu a chama, mas desejou

Vavriddhas; os sete Rishis serão Agnibahu, Suchi, Sukra, Magadha, Gridhra, Yukta, e Ajita, e os filhos do Manu serão Uru, Gabhira, Bradhna, e outros, que serão reis, e governarão sobre a terra[12].

Ao fim de cada quatro eras há um desaparecimento dos Vedas, e é a competência dos sete Rishis descerem do céu na terra para lhes darem uso geral novamente. Em toda era Krita o Manu (do período) é o legislador ou autor do corpo da lei, o Smriti; as divindades das diferentes classes recebem os sacrifícios durante os Manwantaras aos quais elas pertencem respectivamente, e os próprios filhos do Manu, e seus descendentes, são os soberanos da terra por toda a mesma duração. O Manu, os sete Rishis, os deuses, os filhos do Manu que são os reis e Indra, são os seres que presidem sobre o mundo durante cada Manwantara.

É dito que um Kalpa inteiro, ó brâmane, consiste em mil eras, ou quatorze Manwantaras[13]; e é sucedido por uma noite de duração semelhante; durante a qual, ele que usa a forma de Brahma, Janarddana, a substância de todas as coisas, o senhor de tudo, e criador de tudo, envolvido em suas próprias ilusões, e tendo absorvido as três esferas, dorme sobre a serpente Sesha, no meio do oceano[14]. Estando, depois disso, acordado, ele, que é a alma universal, cria novamente todas as coisas como elas eram antes, em combinação com a propriedade de impureza (ou atividade); e em uma parte de sua essência, associado com a propriedade de bondade, ele, como os Manus, os reis, os deuses, e seus Indras, como também os sete Rishis, é o preservador do mundo. De que modo Vishnu, que é caracterizado pelo atributo de providência durante as quatro eras, efetuou a preservação delas, eu vou explicar em seguida, Maitreya.

Na era Krita, Vishnu, na forma de Kapila e outros professores inspirados, infatigáveis para o benefício de todas as criaturas, dá a eles sabedoria verdadeira. Na era Treta ele reprime os maus, na forma de um monarca universal, e protege os três mundos[15]. Na era Dwapara, na pessoa de Veda-vyasa, ele divide o único Veda em quatro, e o distribui em ramos inumeráveis [centenas]; e no fim da Kali ou quarta era ele aparece como Kalki, e restabelece os iníquos nos caminhos da retidão. Dessa maneira o espírito universal preserva, cria, e afinal destrói, todo o mundo.

Assim, brâmane, eu descrevi para você a verdadeira natureza daquele grande ser que é todas as coisas, e além do qual não há outra coisa existente, nem existiu,

---

que Santi pedisse um benefício adicional. Santi portanto solicitou um filho para seu Guru; qual filho era Bhuti, o pai do Manu Bhautya.

12 Embora os Puranas que dão uma descrição dos Manwantaras concordem em alguns dos detalhes principais, contudo nos menores eles oferecem muitas variedades, algumas das quais têm sido citadas. Essas dizem respeito principalmente aos primeiros seis e ao oitavo. Exceto em algumas peculiaridades individuais, as autoridades parecem se organizar em duas classes; uma contendo o Vishnu, Vayu, Kurma, Bhagavata, e Markandeya; e a outra o Matsya, Padma, Brahma, e Hari Vansa. O Markandeya, embora ele concorde precisamente com o Vishnu em sua nomenclatura, difere dele, e de todos, ao dedicar um número considerável de suas páginas a lendas da origem dos Manus, todas as quais são evidentemente de invenção comparativamente recente, e várias das quais foram sugeridas indubitavelmente pela etimologia dos nomes dos Manus.

13 Mil eras dos deuses e quatorze Manwantaras não são precisamente a mesma coisa, como já foi explicado. (Veja página 76, nota 6.)

14 A ordem do texto implicaria que, como Brahma, ele dorme sobre Sesha; mas se isso for indicado, isso está em desacordo com a lenda usual, que é como Vishnu ou Narayana que a divindade dorme nos intervalos de dissolução. O comentador qualifica consequentemente a frase Brahmarupadhara pelo termo Diva: 'Vishnu usa a forma de Brahma de dia; de noite ele dorme em Sesha, na pessoa de Narayana.' Pode-se suspeitar, porém, que isso é uma inovação sobre um sistema mais antigo; pois ao falar das alternações de criação e dissolução, elas são sempre consideradas como coerentes com o dia e noite de Brahma somente.

15 Como um Chakravarttin.

nem existirá, aqui ou em outro lugar. Eu também enumerei para você os Manwantaras, e aqueles que presidem sobre eles. O que mais você deseja ouvir? ◄

CAPÍTULO 3

Divisão do Veda em quatro partes, por um Vyasa, em toda era Dwapara. Lista dos vinte e oito Vyasas do Manwantara atual. Significado da palavra Brahma.

Maitreya: 'Eu aprendi de você, na devida ordem, como este mundo é Vishnu; como ele está em Vishnu; como ele é de Vishnu; nada mais é para ser conhecido. Mas eu desejo saber como os Vedas foram divididos, em diferentes eras, por aquele grande ser, na forma de Veda-vyasa; quem foram os Vyasas de suas respectivas eras; e quais eram os ramos nos quais os Vedas foram distribuídos.

Parasara: 'Os ramos da grande árvore dos Vedas são tão numerosos, Maitreya, que é impossível descrevê-los detalhadamente. Eu lhe darei uma breve descrição deles.

Em toda Dwapara (ou terceira) era, Vishnu, na pessoa de Vyasa, para promover o bem da humanidade, divide o Veda, que é propriamente apenas um, em muitas partes. Observando a perseverança, energia, e aplicação limitadas dos mortais, ele torna o Veda quádruplo, para adaptá-lo às capacidades deles; e a forma corpórea que ele assume, para efetuar aquela classificação, é conhecida pelo nome de Veda-vyasa. Dos diferentes Vyasas no Manwantara atual[1], e dos ramos que eles ensinaram, você terá uma descrição.

Vinte e oito vezes os Vedas foram organizados pelos grandes Rishis no Vaivaswata Manwantara na era Dwapara, e por conseguinte vinte e oito Vyasas passaram; por quem, em seus respectivos períodos, o Veda foi dividido em quatro. Na primeira era Dwapara a distribuição foi feita pelo próprio Swayambhu (Brahma); na segunda, o organizador do Veda (Veda-vyasa) foi Prajapati (ou Manu); na terceira, Usanas; na quarta, Vrihaspati; na quinta, Savitri; na sexta, Mrityu (Morte, ou Yama); na sétima, Indra; na oitava, Vasishtha; na nona, Saraswata; na décima, Tridhaman; na décima primeira, Trivrishan; na décima segunda, Bharadwaja; na décima terceira, Antariksha; na décima quarta, Vapra; na décima quinta, Trayyaruna[2]; na décima sexta, Dhananjaya; na décima sétima, Kritanjaya; na décima oitava, Rina; na décima nona, Bharadwaja; na vigésima, Gotama; na vigésima-primeira, Uttama, também chamado Haryatma; na vigésima-segunda, Vena, que é igualmente chamado Rajasravas; na vigésima-terceira, Somasushmapana, também Trinavindu; na vigésima-quarta, Riksha, o descendente de Bhrigu, que também é conhecido pelo nome Valmiki; na vigésima-quinta, meu pai Sakti era o Vyasa; eu fui o Vyasa da vigésima-sexta Dwapara, e fui sucedido por Jaratkaru; o Vyasa da vigésima-oitava, que o seguiu, era Krishna Dwaipayana. Esses são os vinte e oito Vyasas mais velhos, pelos quais, nas eras Dwapara precedentes, o Veda foi dividido em quatro. No próximo Dwapara, Drauni (o filho de Drona) será o Vyasa, quando meu filho, o Muni Krishna Dwaipayana, que é o Vyasa atual, deixará de existir (naquela condição)[3].

---

1 O texto tem, 'Ouça de mim uma descrição dos Vyasas dos diferentes Manwantaras;' mas isso é incompatível com o que segue, no qual a enumeração é limitada ao Vaivaswata Manwantara.

2 Esse nome ocorre como aquele de um dos reis da dinastia solar, e é incluído pelo sr. Colebrooke entre as pessoas de descendência real, que são mencionadas como autores de hinos no Rig-veda. As. Res. VIII. 383.

3 Uma lista similar de Vyasas é dada no Kurma e Vayu Puranas. Muitos dos indivíduos aparecem como autores de diferentes hinos e preces nos Vedas; e é muito possível que a maior parte, se não todos eles, teve uma existência real, sendo os autores ou professores da religião dos hindus antes que um ritual completo fosse compilado.

A sílaba Om é definida como o eterno Brahma monossilábico[4]. A palavra Brahma é derivada da raiz Vriha (aumentar), porque ele é infinito (espírito), e porque ele é a causa pela qual os Vedas (e todas as coisas) são desenvolvidos. Glória a Brahma, que é endereçado por aquela palavra mística, associada eternamente com o universo triplo[5], e que é uno com os quatro Vedas. Glória a Brahma que, igualmente na destruição e renovação do mundo, é chamado de a grande e misteriosa causa do princípio intelectual (Mahat); que é sem limite no tempo ou espaço, e livre de diminuição ou decadência; em quem (como conectado com a propriedade de escuridão) se origina a ilusão mundana; e em quem reside o fim da alma (gozo ou libertação), pelas propriedades de luz e de atividade (ou bondade e impureza). Ele é o refúgio daqueles que são versados na filosofia Sankhya; daqueles que adquiriram controle sobre seus pensamentos e emoções. Ele é o invisível, imperecível Brahma; variando em forma, invariável em substância; o princípio essencial, gerado por si mesmo; do qual é dito que ilumina as cavernas do coração; que é indivisível, brilhante, sem decadência, multiforme. Àquele Brahma supremo haja sempre adoração.

Aquela forma de Vasudeva, que é o mesmo que espírito supremo, que é Brahma, e o qual, embora diversificado como triplo, é idêntico, é o senhor, que é concebido por aqueles que contemplam variedade em criação como evidente em todas as criaturas. Ele, composto do Rik, Sama, e Yajur-Vedas, é ao mesmo tempo a essência deles, porque ele é a alma de todos os espíritos encarnados. Ele, distinguido como consistindo nos Vedas, cria os Vedas, e os divide por muitas subdivisões em ramos; ele é o autor desses ramos; ele é aqueles ramos agregados; porque ele, o senhor eterno, é a essência do verdadeiro conhecimento[6]. ◄

4 Nós já tivemos oportunidade para explicar a santidade desse monossílabo (veja página 62, nota 1), que geralmente inicia diferentes partes dos Vedas, e o qual, como o texto o descreve, é identificado com a divindade suprema, indefinível, ou Brahma. Assim no Bhagavad-gita: 'Repetindo Om, o monossílabo, que é Brahma, e se lembrando de mim;' que não é exatamente a mesma idéia que é transmitida pela versão de Schlegel; 'Monosyllabum mysticum Om pronuntiando, numen adorans, mei memor;' onde 'numen adorans', embora possa ser defendido como necessário para o sentido, não é expressado pelas palavras do texto, nem compatível com noções hindus. Em um dos manuscritos empregados, o transcritor evidentemente teve medo de profanar esse monossílabo sagrado, e portanto alterou o texto, escrevendo-o ध्रुवमेकाक्षरं ब्रह्म द्वापराद्ये व्यवस्थितम् ।, em vez de ध्रुवमेकाक्षरं ब्रह्म ओमित्येवं व्यवस्थितम् ।.

5 As orações diárias do brâmane começam com a fórmula, 'Om bhuh, bhuvah, swar': 'Om terra, firmamento, céu'; essas são as três palavras místicas chamadas Vyahritis, e mal são de menor santidade que o próprio Pranava. Sua eficácia, e a ordem de sua repetição precedendo o Gayatri, são detalhadas integralmente em Manu, II. 76-81. No Mitakshara instrui-se que elas sejam repetidas duas vezes mentalmente, com Om colocado antes de cada uma; Om Bhuh, Om bhuvah, Om swar; a respiração sendo suprimida fechando os lábios e narinas.

6 A forma ou símbolo perceptível de Vasudeva é aqui considerado como o monossílabo Om, e que é uno com as três palavras místicas, Bhuh, Bhuvar, Swar, e com os Vedas. Consequentemente, os Vyahritis e os Vedas também são formas de Vasudeva, diversificados quanto ao seu caráter simbólico, mas essencialmente iguais.

CAPÍTULO 4

Divisão do Veda, na última era Dwapara, pelo Vyasa Krishna Dwaipayana. Paila feito leitor do Rich; Vaisampayana do Yajush; Jaimini do Saman; e Sumantu do Atharvan. Suta designado para ensinar os poemas históricos. Origem das quatro partes do Veda. Samhitas do Rig-veda.

Parasara: 'O Veda original, em quatro partes, consistia em cem mil estrofes; e dele sacrifício de dez tipos[1], o realizador de todos os desejos, procedeu. Na vigésima oitava era Dwapara meu filho Vyasa separou as quatro partes do Veda em quatro Vedas. Da mesma maneira como os Vedas foram organizados por ele, como Vedavyasa, assim eles foram divididos em períodos anteriores por todos os Vyasas precedentes, e por mim mesmo; e os ramos nos quais eles foram subdivididos por ele eram os mesmos nos quais eles tinham sido distribuídos em todo o agregado das quatro eras. Saiba, Maitreya, que o Vyasa chamado Krishna Dwaipayana é a divindade Narayana; pois quem mais nessa terra poderia ter composto o Mahabharata?[2] Em quais partes os Vedas foram organizados por meu filho magnânimo, na era Dwapara, você ouvirá.

Quando Vyasa foi mandado por Brahma organizar os Vedas em livros diferentes, ele aceitou quatro pessoas, bem versadas naqueles trabalhos, como seus discípulos. Ele nomeou Paila leitor do Rich[3]; Vaisampayana do Yajush; e Jaimini do Sama-veda, e Sumantu, que era familiarizado com o Atharva-veda, também era o discípulo do erudito Vyasa. Ele também aceitou Suta, que se chamava Lomaharshana, como seu aluno em tradições históricas e legendárias[4].

Havia apenas um Yajur-veda; mas dividindo-o em quatro partes, Vyasa instituiu o rito sacrifical que é administrado por quatro tipos de sacerdotes: nos quais era o dever do Adhwaryu recitar as orações (Yajush) (ou dirigir a cerimônia); do Hotri, repetir os hinos (Richas); do Udgatri, cantar outros hinos (Sama); e do Brahman, pronunciar as fórmulas chamadas Atharva. Então o Muni, tendo reunido os hinos chamados Richas, compilou o Rigveda; com as preces e instruções chamadas Yajushas ele

---

[1] De acordo com a parte Grihya do Sama-veda, há cinco grandes cerimônias sacrificais; 1. Agnihotra, oferendas queimadas, ou libações de manteiga clarificada em fogo sagrado; 2. Dersapaurnamasa, sacrifícios na lua nova e cheia; 3. Chaturmasya, sacrifícios cada quatro meses; 4. Pasu-yajna ou Aswamedha, sacrifício de um cavalo ou animal; e 5. Soma-yajna, oferendas e libações do suco da Asclepias ácida. Esses, porém, são Prakrita, 'simples', ou Vaikrita, 'modificados;' e sendo assim duplicados, constituem dez.

[2] A composição do Mahabharata sempre é atribuída ao Vyasa chamado Krishna Dwaipayana, o contemporâneo dos eventos lá descritos. A alusão no texto estabelece a anterioridade do poema ao Vishnu Purana.

[3] Ou antes, 'ele aceitou Paila como professor.' A expressão é, Rigveda sravakam Pailam jagraha. Sravaka quer dizer corretamente 'ele que faz ouvir', 'conferencista', 'pregador;' embora, como no caso de sua aplicabilidade à laicidade dos budistas e jainas, ela denote um discípulo. O comentador observa porém, que o texto às vezes é lido 'alguém que examinou o Rig-veda. ' Assim o verso precedente diz, 'ele tomou quatro pessoas, bem versadas nos Vedas, como seus discípulos', e novamente é dito, 'Sumantu, familiarizado com o Atharva-veda, era discípulo dele.' Está claro, portanto, que os Vedas eram conhecidos, como trabalhos distintos, antes de Krishna Dwaipayana; e é difícil entender como ele ganhou seu título de organizador, ou Vyasa. De qualquer modo, ao se encarregarem de dar ordem às preces e hinos nos quais os Vedas consistem, Paila e os outros eram antes seus assitentes que discípulos; e parece provável que a tradição registra o primeiro estabelecimento de uma escola, da qual o Vyasa era o dirigente, e as outras pessoas citadas eram os professores.

[4] O Itihasa e Puranas; compreendendo pelo primeiro, narrativas legendárias e tradicionais. É normalmente suposto que pelo Itihasa o Mahabharata é especialmente indicado; mas embora esse poema seja atribuído a Krishna Dwaipayana, a narração dele não é atribuída ao aluno dele, Roma ou Loma-harshana: ele foi narrado primeiro por Vaisampayana, e depois dele por Sauti, o filho de Lomaharshana.

formou o Yajur-veda; com aquelas chamadas Sama, Sama-veda; e com os Atharvas ele compôs as regras de todas as cerimônias apropriadas para reis, e a função do Brahman em conformidade com a prática[5].

Essa vasta árvore original dos Vedas, tendo sido dividida por ele em quatro troncos principais, logo se ramificou em uma floresta extensa. Em primeiro lugar, Paila dividiu o Rig-veda, e deu os dois Samhitas (ou coleções de hinos) para Indrapramati e para Bashkali. Bashkali[6] subdividiu seu Samhita em quatro, os quais ele deu para seus discípulos Baudhya, Agnimathara, Yajnawalka, e Parasara; e eles ensinaram esses brotos secundários do ramo primitivo. Indrapramati comunicou seu Samhita para seu filho Mandukeya, e desde aquele tempo este passou por gerações sucessivas, como também discípulos[7]. Vedamitra, também chamado Sakalya, estudou o mesmo Samhita, mas ele o dividiu em cinco Samhitas, que ele distribuiu entre cinco discípulos, chamados respectivamente Mudgala, Goswalu, Vatsya, Saliya, e Sisira[8]. Sakapurni fez uma divisão diferente do Samhita original em três partes, e adicionou um glossário (Nirukta), constituindo um quarto[9]. Os três Samhitas foram dados para seus três pupilos, Krauncha, Vaitalaki, e Valaka; e um quarto, (por isso chamado de)

---

5 A partir desse relato, que é repetido no Vayu Purana, parece que o Veda original era o Yajush, ou, em outras palavras, era um corpo misto de preceitos, fórmulas, orações, e hinos, para cerimônias sacrificais; Yajush sendo derivado pelos gramáticos de Yaj, 'adorar.' A derivação do Vayu Purana, porém, é de Yuj, 'unir', 'empregar;' as fórmulas sendo aquelas especialmente usadas nos ritos sacrificais, ou separadas para aquele propósito da coleção geral: यच्छिष्टं च यजुर्वेदे तेन यज्ञमथायुजत् । युञ्जानः स यजुर्वेद इति शास्त्रविनिश्चयः ॥. Novamente: प्रयुज्यति ह्यश्वमेधस्तेन वा युज्यते तु सः ।. O comentador no texto, entretanto, citando a primeira dessas passagens do Vayu, a lê, limitando a derivação a Yaj, 'adorar.' A passagem final, relativa ao Atharvan, se refere, com respeito a cerimônias reais, àquelas de expiação, Santi, etc. A função do Brahman não é explicada; mas a partir da especificação precedente das quatro ordens de sacerdotes que repetem em sacrifícios partes dos vários Vedas, ela diz respeito ao ofício do único que é especificamente chamado de brâmane: assim o Vayu tem 'Ele constituiu a função do brâmane em sacrifícios com o Atharva-veda.'

6 Em nosso texto e naquele do Vayu esse nome ocorre Bashkala e Bashkali. O sr. Colebrooke o escreve Bahkala e Bahkali. As. Res. VIII. 374.

7 O Vayu fornece o detalhamento. Mandukeya, ou, como uma cópia escreve, Markandeya, ensinou o Samhita para seu filho Satyasravas; ele para seu filho Satyahita; e ele para seu filho Satyasri. O último teve três alunos, Sakalya, também chamado Devamitra (assim no manuscrito), Rathantara, e outro Bashkali, também chamado Bharadwaja. O Vayu tem uma lenda da morte de Sakalya, por ele ser derrotado por Yajnavalkya em uma discussão em um sacrifício celebrado por Janaka.

8 No Vayu esses nomes são Mudgala, Golaka, Khaliya, Matsya, Saisireya.

9 O comentador, que é seguido aqui pelo sr. Colebrooke, afirma que ele era um aluno de Indrapramati; mas do Vayu parece que Sakapurni era outro nome de Rathantara, o aluno de Satyasri, o autor de três Samhitas e um Nirukta, ou glossário; de onde o sr. Colebrooke o supõe o mesmo que Yaska. As. Res. VIII. 375. É muito provável que o texto do Vayu possa ser feito corrigir aquele do Vishnu neste lugar, que é inexato, apesar de as cópias concordarem. Elas lêem: संहितात्रितयं चक्रे शाकपूर्णिरथेतरम् निरुक्तमकरोत्तद्वच्चतुर्थं मुनिसत्तम ॥. Aqui Sakapurnir-atha-itaram é a construção necessária; mas pergunto se ela não deveria ser Sakapurni Rathantara. A passagem paralela no Vayu é: प्रोवाच संहितास्तिस्रः शाकपूर्णी रथान्तरः निरुक्तं च पुनश्चक्रे चतुर्थं द्विजसत्तमाः ॥. Agora, ao descrever os alunos de Satyasri, Rathantara foi citado bastante claramente: शाकल्यः प्रथमस्तेषां तस्मादन्यो रथान्तरः । बाष्कलिश्च भारद्वाज इति शाखाप्रवर्तकाः ॥. Em outra passagem parece ser sugerido que este Bashkali era o autor dos Samhitas, e Rathantara do Nirukta somente: बाष्कलिश्च भारद्वाजस्तिस्रः प्रोवाच संहिताः । रथान्तरो निरुक्तं च पुनश्चक्रे चतुर्थकम् ॥. Embora possa ser isso, ele ser o autor do Nirukta o identifica com Sakapurni, e torna provável que os dois nomes venham em justaposição em nosso texto, como também no Vayu. Deve ser admitido, no entanto, que há algumas repetições bastante inexplicáveis na parte do Vayu onde esse relato se encontra, embora duas cópias concordem na leitura. Que uma parte dos Vedas leva o nome de Rathantara nós vimos (página 86); mas tanto quanto é sabido até agora, o nome é limitado a diferentes orações ou hinos do Uhya Gana do Sama-veda. O texto do Vishnu também admite uma explicação diferente relativa ao trabalho de Sakapurni, e em vez de uma divisão tripla do original, a passagem pode significar que ele compôs um terceiro Samhita. Assim o sr. Colebrooke diz "o Vishnu Purana omite os Sakhas de Aswalayana e Sankhyayana, e sugere que Sakapurni apresentou a terceira edição alterada daquele de Indrapramati." Porém, o Vayu é claro em atribuir três Samhitas ou Sakhas a Sakapurni.

Niruktakrit, tinha o glossário[10]. Desse modo, ramo brotou de ramo. Outro Bashkali[11] compôs três outros Samhitas, que ele ensinou aos seus discípulos Kalayani, Gargya, e Kathajava[12]. Esses são eles por quem as principais divisões do Rich foram promulgadas[13]. ◄

[10] No Vayu os quatro pupilos de Sakapurni se chamam Kenava, Dalaki, Satavalaka, e Naigama.

[11] Esse Bashkali pode ser, de acordo com o comentador, ou o aluno de Paila que, além dos quatro Samhitas previamente citados, compilou três outros; ou ele pode ser outro Bashkali, um condiscípulo de Sakapurni. O Vayu faz dele um discípulo de Satyasri, o condiscípulo de Sakalya e Rathantara, e adiciona o nome ou título Bharadwaja.

[12] No Vayu eles são chamados Nandayaniya, Pannagari, e Arjjava.

[13] O Vishnu e Vayu Puranas omitem duas outras divisões principais do Rich, aquelas de Aswalayana e Sankhyayana ou o Kausitaki. As. Res. VIII. 375. Não há especificação do número total de Samhitas do Rich em nosso texto, ou no Vayu; mas eles descrevem dezoito, incluindo o Nirukta; ou como o sr. Colebrooke afirma, dezesseis (As. Res. VIII. 374); isto é, omitindo as duas partes do original, como dividido por Paila. O Kurma Purana declara que o número é vinte e um; mas obras sobre o estudo dos Vedas reduzem os Sakhas do Rich a cinco.

CAPÍTULO 5

Divisões do Yajur-veda. História de Yajnawalkya; forçado a desistir do que ele aprendeu; adquirido por outros, formando o Taittiriya-yajush. Yajnawalkya adora o sol, que comunica a ele o Vajasaneyi-yajush.

Parasara: 'Da árvore do Yajur-veda há vinte e sete ramos, que Vaisampayana, o pupilo de Vyasa, compilou, e ensinou para vinte e sete discípulos[1]. Entre esses, Yajnawalkya, o filho de Brahmarata, era eminente por devoção e obediência a seu preceptor.

Tinha sido acordado antigamente pelos Munis que qualquer um deles que, em um certo momento, não se unisse a uma assembléia reunida no monte Meru incorreria na culpa de matar um brâmane, dentro de um período de sete noites[2]. Só Vaisampayana não manteve o compromisso, e consequentemente matou, com um pontapé acidental, o filho de sua irmã. Ele então se dirigiu aos seus estudantes, e desejou que eles executassem a penitência expiatória de brahmanicídio em seu nome. Sem qualquer hesitação Yajnawalkya recusou, e disse, "Como eu me ocuparei em penitência com esses brâmanes miseráveis e ineficientes?" No que seu Guru, ficando enraivecido, mandou que ele renunciasse a tudo o que ele tinha aprendido dele. "Você fala desdenhosamente", ele observou, "desses brâmanes jovens, mas de que utilidade é um discípulo que desobedece meus comandos?" "Eu falei", Yajnawalkya respondeu, "em fé perfeita; mas quanto ao que eu li de você, eu tive o suficiente: não é mais do que isto," (agindo como se ele o expulsasse de seu estômago); quando ele expôs os textos do Yajush em substância manchada com sangue. Ele então partiu. Os outros estudantes de Vaisampayana, se transformando em perdizes (Tittiri), apanharam os textos que ele tinha vomitado, e por causa daquela circunstância foram chamados de Taittiriya[3]; e os discípulos foram chamados de professores Charaka do Yajush, de Charana, 'passando por' ou 'executando' os ritos expiatórios ordenados por seu mestre[4].

---

1 O Vayu divide esses em três classes, cada uma contendo nove, e diferenciados como do norte, do centro, e do leste. Desses, os principais eram respectivamente Syamayani, Aruni, e Analavi, ou Alambi. Com alguma inconsistência, no entanto, a mesma autoridade declara que Vaisampayana compôs e deu para seus discípulos oitenta e seis Samhitas.

2 A passagem paralela no Vayu sugere mais propriamente que o acordo era se encontrar dentro de sete noites.

3 Também chamado de Yajush preto. Nenhuma menção dessa lenda, como o sr. Colebrooke observa (As. Res. VIII. 376), ocorre no próprio Veda; e o termo Taittiriya é considerado mais racionalmente no Anukramani ou índice do Yajush preto. É dito lá que Vaisampayana o ensinou a Yaska, que o ensinou a Tittiri, que também se tornou um professor; por isso o termo Taittiriya, pois uma regra gramatical explica que isso significa, 'Os Taittiriyas são aqueles que leram o que foi dito ou repetido por Tittiri.' Panini, 4. 3. 102. A lenda, então, parece ser nada além de uma invenção purânica, sugerida pelo sentido equívoco de Tittiri, um nome próprio, ou uma perdiz. Muito do mythos {palavra que narra} dos hindus, e obviamente daquele dos gregos e romanos, se origina nessa fonte. Ele não era limitado, pelo menos entre os primeiros, ao caso que Creuzer especifica; "Telle ou telle expression cessa d'etre comprise, et l'on inventa des mythes pour eclaircir ces malentendus;" mas era perpetrado intencionalmente, mesmo onde a palavra era compreendida, quando ela fornecia uma oportunidade favorável para uma fábula. Pode ser suspeitado no caso presente que a lenda é posterior, não só ao Veda, mas à regra gramatical, ou ela teria provido Panini com uma etimologia diferente.

4 Esse é outro espécime do tipo de paronomásia explicado na nota precedente. Os Charakas são os estudantes de um Sakha, assim denominados por causa de seu professor Charaka. (As. Res. VIII. 377.) Assim, novamente, Panini 4. 3. 107: 'Os leitores do que é dito por Charaka são Charakas,' Charaka não tem nenhuma conexão necessária com Chara, 'ir.' O Vayu declara que eles também eram chamados Chatakas, de Chat, 'dividir', porque eles compartilharam entre eles a culpa de seu mestre. 'Foram chamados de Chatakas aqueles pupilos de Vaisampayana por quem o crime de brahmanicídio foi compartilhado; e Charakas por sua partida.'

Yajnawalkya, que era perfeito em práticas ascéticas, dirigiu-se ativamente ao sol, estando ansioso para recuperar posse dos textos do Yajush. "Glória ao sol", ele exclamou, "o portão da libertação, a fonte de brilho luminoso, a fonte tripla de esplendor, como o Rig, o Yajur, e o Sama Vedas. Glória a ele que, como fogo e a lua, é uno com a causa do universo: ao sol, que é carregado com calor radiante, e com o raio Sushumna (pelo qual a lua é alimentada com luz); a ele que é uno com a noção de tempo, e todas as suas divisões de horas, minutos, e segundos; a ele que deve ser meditado como a forma visível de Vishnu, como a personificação do Om místico; a ele que nutre as tropas dos deuses, depois de ter enchido a lua com seus raios; que alimenta os Pitris com néctar e ambrosia, e que nutre a humanidade com chuva; que despeja ou absorve as águas no tempo das chuvas, de frio, e de calor. Glória a Brahma, o sol, na forma das três estações; ele que sozinho é o dissipador da escuridão dessa terra, da qual ele é o senhor soberano; ao deus que está vestido no traje de pureza haja adoração. Glória ao sol, até cuja ascenção o homem é incapaz de atos devotos, e água não purifica, e tocado por cujos raios o mundo fica apto para ritos religiosos: a ele que é o centro e fonte de purificação. Glória a Savitri, a Surya, a Bhaskara, a Vivaswat, a Aditya, ao primogênito dos deuses ou demônios. Eu adoro o olho do universo, conduzido em um carro dourado, cujas bandeiras espalham ambrosia".

Assim louvado por Yajnawalkya, o sol, na forma de um cavalo, apareceu para ele, e disse, "Peça o que você deseja." Ao que o sábio, tendo se prostrado diante do senhor do dia, respondeu, "Dê-me um conhecimento daqueles textos do Yajush os quais até meu preceptor desconhece." Consequentemente o sol comunicou a ele os textos do Yajush chamados Ayatayama (não estudados), que eram desconhecidos para Vaisampayana; e porque eles foram revelados pelo sol na forma de um cavalo, os brâmanes que estudam essa parte do Yajush são chamados Vajis (cavalos). Quinze ramos dessa escola se originaram de Kanwa e outros pupilos de Yajnawalkya[5].

◄

[5] O Vayu especifica os quinze professores dessas escolas, Kanwa, Vaidheya, Salin, Madhyandina, Sapeyin, Vidagdha, Uddalin, Tamrayani, Vatsya, Galava, Saisiri, Atavya, Parna, Virana, e Samparayana, que foram os fundadores de nada menos que 101 ramos do Vajasaneyi, ou Yajush branco. O sr. Colebrooke especifica vários desses, como os Jabalas, Baudhayanas, Tapaniyas, etc. As. Res. VIII. 376.

CAPÍTULO 6

Divisões do Sama-veda; do Atharva-veda. Quatro Samhitas purânicos. Nomes dos dezoito Puranas. Ramos de conhecimento. Classes de Rishis.

Você ouvirá agora, Maitreya, como Jaimini, o aluno de Vyasa, dividiu os ramos do Sama-veda. O filho de Jaimini era Sumantu, e seu filho era Sukarman, e ambos estudaram o mesmo Samhita sob Jaimini[1]. O último compôs o Sahasra Samhita (ou compilação de mil hinos, etc.), o qual ele ensinou a dois discípulos, Hiranyanabha, também chamado Kausalya (ou de Kosala), e Paushyinji[2]. Quinze discípulos do último foram os autores de quinze Samhitas, eles foram chamados de os cantores do norte do Saman. O mesmo número mais, também os discípulos de Hiranyanabha, eram chamados de os cantores do leste do Saman, fundando um número igual de escolas. Lokakshi, Kuthumi, Kushidi, e Langali eram os pupilos de Paushyinji; e por eles e seus discípulos muitos outros ramos foram formados. Enquanto outro estudante de Hiranyanabha, chamado Kriti, ensinou vinte e quatro Samhitas para o mesmo número de alunos; e por eles, novamente, o Sama-veda foi dividido em numerosos ramos[3].

Eu lhe darei agora uma descrição dos Samhitas do Atharva-veda. O Muni ilustre Sumantu ensinou esse Veda para seu pupilo Kabandha, que tornou-o duplo, e comunicou as duas partes para Devadersa e para Pathya. Os discípulos de Devadersa eram Maudga, Brahmabali, Saulkayani, e Pippalada. Pathya teve três alunos, Jajali, Kumudadi, e Saunaka; e por todos esses foram instituídos ramos separados. Saunaka, tendo dividido seu Samhita em dois, deu um a Babhru, e o outro a Saindhavayana; e deles surgiram duas escolas, os Saindhavas e Munjakesas[4]. Os principais tópicos de diferença [vikalpakah, 'divisões'] nos Samhitas do Atharva-veda são os cinco Kalpas ou cerimoniais: o Nakshatra Kalpa, ou regras para adorar os planetas; o Vaitana Kalpa, ou regras para oblações, de acordo com os Vedas geralmente; o Samhita Kalpa, ou regras para sacrifícios, de acordo com diferentes escolas; o Angirasa Kalpa, encantamentos e preces para a destruição de inimigos e similares; e o Santi Kalpa, ou preces para afastar o mal[5].

Aperfeiçoado no sentido dos Puranas, Vyasa compilou um Samhita purânico, consistindo em tradições históricas e legendárias, orações e hinos, e cronologia sagrada[6]. Ele teve um discípulo famoso, Suta, também chamado Romaharshana, e a ele o grande Muni comunicou os Puranas. Suta teve seis estudantes, Sumati,

---

1 O Vayu faz de Sukarman o neto de Sumantu, seu filho sendo chamado Sunwat.

2 Algumas cópias lêem Paushpinji. O Vayu concorda com nosso texto, mas alude a uma lenda de Sukarman tendo ensinado mil discípulos primeiro, mas eles foram todos mortos por Indra, por prosseguirem lendo em um dia ilegal, ou um quando o estudo sagrado é proibido.

3 O Vayu especifica muito mais nomes que o Vishnu, mas a lista é bastante confusa. Entre os descendentes daqueles citados no texto, Rayananiya (ou Ranayaniya), o filho de Lokakshi, é o autor de um Samhita ainda existente; Saumitri, seu filho, foi o autor de três Samhitas; Parasara, o filho de Kuthumi, compilou e ensinou seis Samhitas; e Saligotra, um filho de Langali, também estabeleceu seis escolas. Kriti era de descendência real. Ele e Paushyinji foram os dois professores mais eminentes do Sama-veda.

4 De acordo com o comentador, Munjakesa é outro nome para Babhru; mas o Vayu parece considerá-lo como o aluno de Saindhava, mas o texto está corrompido.

5 O Vayu tem uma enumeração dos versos contidos nos diferentes Vedas, mas ele é dado muito indistintamente em muitos aspectos, especialmente com relação ao Yajush. É dito que o Rich consiste em 8600 Richas. O Yajush, como compilado originalmente por Vyasa, 12000: dos quais o Vajasaneyi contém 1900 Richas, e 7600 Brahmanas; a parte Charaka contém 6026 estrofes: e consequentemente o todo excede 12000 versos. É dito que as estrofes do Saman são 8014; e aquelas do Atharvan 5980. O sr. Colebrooke declara que os versos do Yajush inteiro são 1987; do Salapalka Brahmana do mesmo Veda 7624; e, do Atharvan, 6015.

6 Ou de histórias (Akhyanas) e histórias menores ou contos (Upakhyanas); de partes dedicadas a alguma divindade particular, como o Shiva-gita, Bhagavad-gita, etc.; e descrições dos períodos chamados Kalpas, como o Brahma Kalpa, Varaha Kalpa, etc.

Agnivarchas, Mitrayu, Sansapayana, Akritavran, que também é chamado Kasyapa, e Saverni. Os três últimos compuseram três Samhitas fundamentais; e o próprio Romaharshana compilou um quarto, chamado Romaharshanika. A substância de quais quatro Samhitas está reunida nesse (Vishnu) Purana.

O primeiro de todos os Puranas é chamado de Brahma. Aqueles que são familiarizados com os Puranas enumeram dezoito, ou o Brahma, Padma, Vaishnava, Saiva, Bhagavata, Naradiya, Markandeya, Agneya, Bhavishyat, Brahma Vaivartta, Lainga, Varaha, Skanda, Vamana, Kaurmma, Matsya, Garuda, Brahmanda. A criação do mundo, e suas reproduções sucessivas, as genealogias dos patriarcas e reis, os períodos dos Manus, e as transações das dinastias reais, são narrados em todos esses Puranas. Esse Purana que eu repeti para você, Maitreya, é chamado de Vaishnava, e é o seguinte na série ao Padma; e em cada parte dele, em suas narrativas de criação primária e secundária, de famílias, e de períodos, o poderoso Vishnu é declarado nesse Purana[7].

Os quatro Vedas, os seis Angas (ou partes secundárias dos Vedas), isto é, (Siksha, regras de recitação de orações, os acentos e tons a serem observados; Kalpa, ritual; Vyakarana, gramática; Nirukta, comentário referente a glossário; Chhandas, métrica; e Jyotish, astronomia), com Mimansa (teologia), Nyaya (lógica), Dharma (os institutos de lei), e os Puranas, constituem os quatorze ramos principais de conhecimento, ou eles são considerados como dezoito, com a adição desses quatro: o Ayur-veda, ciência médica (como ensinada por Dhanwantari); Dhanur-veda, a ciência de manejar arco e flecha ou armas, ensinada por Bhrigu; Gandharba-veda, ou o drama, e as artes de música, dança, etc., das quais o Muni Bharata foi o autor; e o Artha sastram, ou ciência de governo, como declarada primeiro por Vrihaspati.

Há três tipos de Rishis, ou sábios inspirados; Rishis nobres, ou príncipes que adotaram uma vida de devoção, como Viswamitra; Rishis divinos, ou sábios que são semideuses também, como Narada; e Rishis brâmanes, ou sábios que são os filhos de Brahma, ou brâmanes, como Vasishtha e outros[8].

Eu assim descrevi a você os ramos dos Vedas, e suas subdivisões; as pessoas por quem eles foram feitos; e a razão por que eles foram feitos (ou, as capacidades limitadas da humanidade). Os mesmos ramos são instituídos nos diferentes Manwantaras. O Veda primitivo, aquele do progenitor de todas as coisas, é eterno, esses ramos são apenas suas modificações (ou Vikalpas).

Eu desse modo narrei para você, Maitreya, as circunstâncias relativas aos Vedas que você desejava ouvir. Do que mais você deseja ser informado?[9] ◄

---

7 Para observações sobre essa enumeração, veja Introdução.

8 Uma enumeração semelhante é dada no Vayu, com algumas adições. Rishi é derivado de Rish, 'ir para' ou 'aproximação.' Os Brahmarshis, é dito, são os descendentes dos cinco patriarcas, que foram os fundadores de linhagens ou Gotras de brâmanes, ou Kasyapa, Vasishtha, Angiras, Atri, e Bhrigu. Os Devarshis são Nara e Narayana, os filhos de Dharma; os Balakhilyas, que nasceram de Kratu; Kardama, o filho de Pulaha; Kuvera, o filho de Pulastya; Achala, o filho de Pratyusha; Narada e Parvata, os filhos de Kasyapa. Rajarshis são Ikshwaku e outros príncipes. Os Brahmarshis moram na esfera de Brahma; os Devarshis na região dos deuses; e os Rajarshis no céu de Indra.

9 Nenhum comentário é tido aqui de uma lenda curiosa que é apresentada no Mahabharata, no Gada Parvan, [Mahab. 9, Shalya Parva, cap. 51, pág. 136.] É dito lá que durante uma grande seca os brâmanes, absortos pela preocupação com a subsistência, negligenciaram o estudo dos livros sagrados, e os Vedas foram perdidos. Apenas o Rishi Saraswata, sendo alimentado com peixe por sua mãe Saraswati, o rio personificado assim chamado, continuou seus estudos, e preservou as escrituras hindus. Ao término da escassez os brâmanes se dirigiram a ele para serem ensinados, e sessenta mil discípulos adquiriram novamente um conhecimento dos Vedas de Saraswata. Essa lenda parece indicar a revivificação, ou mais provavelmente a introdução, do ritual hindu pela linhagem de brâmanes, ou o povo, chamado Saraswata; pois, de acordo com os geógrafos hindus, ele era o nome de uma nação, visto que ainda é o título de uma classe de brâmanes que habitam principalmente o Punjab. (As. Res. VII. 219, 338,

341.) Os brâmanes Saraswata são encontrados em muitas partes da Índia, e normalmente têm tez clara, homens altos, e bonitos. Eles são classificados, nos Jati malas, ou listas populares de castas, entre os cinco Brâmanes Gaura, e são divididos em dez tribos. Também é dito que eles são especialmente os Purohitas ou sacerdotes familiares das castas Kshatriya ou militares; (veja o Jati mala, impresso nas Price's Hindi e Hindustani Selections, II. 280) circunstâncias em harmonia com o sentido da lenda, e confirmatórias dos Saraswatas do Punjab tendo sido agentes proeminentes no estabelecimento da religião hindu na Índia. A terra santa dos hindus, ou a base primitiva, talvez, do Bramanismo, tem como um de seus limites o rio Saraswati. Veja página 171, nota 7.

CAPÍTULO 7

Por quais meios homens são libertos da autoridade de Yama, como narrado por Bhishma para Nakula. Diálogo entre Yama e um de seus criados. Adoradores de Vishnu não sujeitos a Yama. Como eles devem ser conhecidos.

Maitreya: 'Você realmente narrou para mim, brâmane mais excelente, tudo o que eu perguntei de você; mas eu desejo ouvir uma coisa na qual você não tocou. Este universo, composto de sete zonas, com suas sete regiões subterrâneas, e sete esferas - este ovo inteiro de Brahma - está em toda parte apinhado com criaturas vivas, grandes ou pequenas, com menores e diminutas, e maiores e extensas; de modo que não há a oitava parte de uma polegada na qual elas não existam em abundância. Agora, todas essas são cativas nas cadeias de ações, e no fim de sua existência se tornam escravas do poder de Yama, por quem elas são condenadas a castigos dolorosos. Libertadas dessas punições, elas nascem novamente na condição de deuses, homens, ou semelhantes; e assim os seres vivos, como os Sastras nos informam, movem-se em círculo perpetuamente. Agora a pergunta eu tenho a fazer, e que você é muito bem qualificado para responder, é, por quais atos os homens podem se livrar da sujeição a Yama?

Parasara: 'Essa pergunta, Muni excelente, foi feita uma vez por Nakula[1] para seu avô Bhishma; e eu repetirei para você a resposta dada pelo último.

Bhishma disse ao príncipe, "Antigamente veio em uma visita a mim um amigo meu, um brâmane, do país Kalinga, que me falou que ele tinha uma vez proposto essa questão para um Muni santo, que retinha a lembrança de seus nascimentos anteriores, e por quem o que aconteceu, e o que acontecerá, era contado com precisão. Sendo importunado por mim, que colocava fé irrestrita nas palavras dele, para repetir o que aquele personagem piedoso tinha comunicado a ele, ele finalmente o comunicou a mim; e o que ele relatou eu nunca encontrei em outra parte.

"Tendo, então, em uma ocasião, feito a ele a mesma pergunta que você fez, o brâmane Kalinga recordou a história que tinha contada a ele pelo Muni - o grande mistério que tinha sido revelado a ele pelo sábio virtuoso, que se lembrava de sua existência anterior - um diálogo que ocorreu entre Yama e um de seus ministros.

"Yama, vendo um de seus criados com seu laço em sua mão, sussurrou para ele, e disse, 'Mantenha-se afastado dos adoradores de Madhusudana. Eu sou o senhor de todos os homens, à exceção dos Vaishnavas. Eu fui designado por Brahma, que é reverenciado por todos os imortais, para reprimir a humanidade, e regular as consequências de bem e mal no universo. Mas aquele que obedece Hari, como seu guia espiritual, é aqui independente de mim; pois Vishnu tem poder de me governar e controlar. Como ouro é a mesma substância ainda, embora diversificado como pulseiras, tiaras, ou brincos, assim Hari é o mesmo, embora modificado nas formas de deuses, animais, e homens. Como as gotas de água, erguidas da terra pelo vento, caem novamente na terra quando o vento diminui, assim as variedades de deuses, homens, e animais, que foram separados pela agitação das qualidades, são reunidos, quando aquela perturbação cessa, com o eterno. Aquele que por meio de conhecimento sagrado adora diligentemente os pés de lotos daquele Hari, que é reverenciado pelos deuses, é libertado de todos os grilhões do pecado; e você deve evitá-lo, como você evitaria fogo alimentado com óleo.'

[1] Nakula é um dos príncipes Pandava, e consequentemente sobrinho-neto, não neto, de Bhishma: ele é o bisneto de Parasara; e é certamente uma anomalia para o último citar uma conversação na qual Nakula teve uma parte antigamente.

"Tendo ouvido essas ordens de Yama, o mensageiro se dirigiu ao senhor da retidão, e disse, 'Diga-me, mestre, como eu devo distinguir o adorador de Hari, que é o protetor de todos os seres?' Yama respondeu, 'Você deve considerar o adorador de Vishnu, aquele que nunca se desvia dos deveres prescritos para sua casta; que olha com indiferença igual para o amigo ou inimigo; que não pega nada (que não é dele próprio), nem prejudica algum ser. Identifique aquela pessoa de mente pura como um adorador de Vishnu. Reconheça como um adorador devoto de Hari, aquele que colocou Janarddana em sua mente pura, que está livre de fascinação, e cuja alma não está maculada pela sujeira da era Kali. Reconheça como um adorador de Vishnu aquele homem excelente que, considerando ouro em segredo, julga aquela que é a riqueza de outro apenas como grama, e dedica todos os seus pensamentos ao senhor. Ele é puro como uma montanha de cristal claro; pois como Vishnu pode residir nos corações de homens com malícia e inveja, e outros sentimentos maus? O calor ardente do fogo não reside em um agrupamento dos raios refrescantes da lua. Aquele que vive puro em pensamento, livre de malícia, satisfeito, levando uma vida santa, sentindo ternura por todas as criaturas, falando sabiamente e amavelmente, humilde e sincero, tem Vasudeva sempre presente em seu coração. Como a árvore Sala jovem por sua beleza declara a excelência dos sucos que ela absorveu da terra, assim quando o eterno tomou sua residência no peito de alguém, aquele homem é adorável entre os seres deste mundo. Afaste-se, meu servo, rapidamente daqueles homens cujos pecados foram dissipados por mérito moral e religioso[2], cujas mentes são dedicadas diariamente à divindade imperceptível, e que estão livres de orgulho, descaridade, e malícia. No coração no qual o divino Hari, que é sem início ou fim, reside, armado com uma espada, uma concha, e uma maça, o pecado não pode permanecer; pois ele não pode coexistir com aquele que o destrói, como a escuridão não pode continuar no mundo quando o sol está brilhando. O eterno não faz sua residência no coração daquele homem que cobiça a riqueza de outro, que fere criaturas vivas, que fala com crueldade e falsidade, que é orgulhoso de sua iniquidade, e cuja mente é má. Janarddana não ocupa os pensamentos daquele que inveja a prosperidade de outro, que calunia os virtuosos, que nunca sacrifica nem concede doações para os piedosos, que é cegado pela propriedade de escuridão. Não é um adorador de Vishnu aquele patife vil que por avareza é indelicado com seus amigos e parentes mais próximos, com sua esposa, filhos, pais, e dependentes. O homem semelhante a bruto cujos pensamentos são maus, que é viciado em atos injustos, que sempre procura a companhia dos maus, e não permite que um dia passe sem a perpetração de crime, não é um adorador de Vasudeva. Proceda para longe daqueles em cujos corações Ananta é entesourado; dele cuja compreensão santificada concebe ser masculino e soberano supremo, Vasudeva, como uno com seu devoto, e com todo esse mundo. Evite aquelas pessoas santas que estão invocando constantemente Vasudeva de olhos de loto, Vishnu, o sustentador da terra, o manejador imortal do disco e da concha, o refúgio do mundo. Não entre na visão daquele em cujo coração a alma imperecível reside, porque ele é defendido de meu poder pelo disco da divindade dele, ele está destinado ao outro mundo (ao céu de Vishnu).'

"'Tais', disse o brâmane Kalinga, 'foram as instruções comunicadas pela divindade da justiça, o filho do sol, para seus servos, como elas foram repetidas a mim por aquela pessoa santa, e como eu as narrei para você, chefe da casa de Kuru' (Bhishma). Assim também, Nakula, eu comuniquei fielmente a você tudo o que eu ouvi do meu amigo piedoso, quando ele veio de seu país de Kalinga para me visitar. Eu

---

2 Ou Yama e Niyama. Os deveres indicados por esses termos são enumerados de modo variado. O comentador no texto especifica sob a primeira categoria, ausência de violência ou crueldade para outros seres (Ahinsa), honestidade (Asteya), veracidade (Satya), castidade (Brahmacharyya), e desinteresse ou não aceitação de doações (Aparigraha). Sob Niyama estão compreendidos pureza (Saucha), contentamento (Santosha), devoção (Tapas), estudo dos Vedas (Swadhyaya), e adoração do supremo (Iswara-pranidhana).

expliquei desse modo a você, como era apropriado, que não há proteção no oceano do mundo exceto Vishnu; e que os criados e ministros de Yama, o próprio rei dos mortos, e suas torturas, são todos inúteis contra alguém que coloca sua confiança naquela divindade."

‘Eu assim’, prosseguiu Parasara, ‘narrei para você o que você desejava ouvir, e o que foi dito pelo filho de Vivaswat[3]. O que mais deseja você ouvir?’ ◄

[3] Ou Vaivaswata. Essa seção é chamada de Yama Gita.

CAPÍTULO 8

Como Vishnu deve ser adorado, como narrado por Aurva para Sagara. Deveres das quatro castas, separadamente e em comum; também em tempo de infortúnio.

Maitreya: 'Professor venerável, me informe como a divindade suprema, o senhor do universo, Vishnu, é adorado por aqueles que estão desejosos de superar o mundo; e quais vantagens são colhidas por homens, assíduos na adoração dele, do propiciado Govinda.

Parasara: 'A pergunta que você fez foi feita antigamente por Sagara a Aurva[1]. Eu repetirei para você a resposta dele.

Sagara tendo se curvado diante de Aurva, o descendente de Bhrigu, perguntou a ele quais eram os melhores meios de agradar Vishnu, e qual seria a consequência de obter o favor dele. Aurva respondeu, "Aquele que agrada Vishnu obtém todos os prazeres terrenos; céu e um lugar no paraíso; e o que é o melhor de tudo, libertação final; o que quer que ele deseje, e a qualquer extensão, muito ou pouco, ele o recebe, quando Achyuta está satisfeito com ele. De que maneira a benevolência dele é para ser assegurada, isso também eu irei, ó rei, comunicar para você, de acordo com o seu desejo. O supremo Vishnu é propiciado por um homem que observa as instituições de casta, ordem, e práticas purificatórias: nenhum outro caminho é o modo de agradá-lo. Aquele que oferece sacrifícios, sacrifica para ele; aquele que murmura prece, reza para ele; aquele que prejudica criaturas vivas, o prejudica; pois Hari é todos os seres. Janarddana é propiciado então por aquele que está atento a observâncias estabelecidas, e segue os deveres prescritos para sua casta. O brâmane, o kshatriya, o vaisya, e o sudra que cumprem as regras ordenadas para sua casta, adoram Vishnu do modo mais excelente. Kesava está mais satisfeito com aquele que faz o bem para outros; que nunca profere insulto, calúnia, ou mentira; que nunca deseja a esposa de outro ou a riqueza de outro, e que não tem má vontade com relação a alguém; que nem bate nem mata qualquer coisa animada ou inanimada; que é sempre diligente no serviço dos deuses, dos brâmanes, e de seu preceptor espiritual; que sempre deseja o bem-estar de todas as criaturas, de seus filhos, e de sua própria alma; em cujo coração puro nenhum prazer é derivado das imperfeições de amor e ódio. O homem, ó monarca, que age de acordo com os deveres ordenados pela autoridade das escrituras para toda casta e condição de vida, é ele quem adora Vishnu da melhor maneira, não há outro modo."

Aurva tendo falado assim, Sagara disse a ele, "Diga-me então, brâmane venerável, quais são os deveres de casta e condição[2]: eu estou desejoso de conhecê-

---

[1] Sagara, como nós veremos, era um rei da linhagem solar. Aurva era um sábio, o neto de Bhrigu. Quando os filhos do rei Kritavirya perseguiram e mataram os filhos de Bhrigu, para recuperar a riqueza que seu pai tinha dado a eles, eles destruíram até as crianças no útero. Uma das mulheres da família de Bhrigu, para preservar seu embrião, o escondeu em sua coxa (Uru), por isso a criança em seu nascimento foi chamada de Aurva. Da ira dele procedeu uma chama, que ameaçou destruir o mundo; mas por causa da persuasão de seus antepassados ele a lançou no oceano, onde ela permanece com a face de um cavalo. Aurva foi posteriormente preceptor religioso de Sagara, e deu a ele o Agneyastram, ou arma ígnea, com a qual ele conquistou as tribos de bárbaros, que tinham invadido suas posses patrimoniais. Mahabh. Adi Parva [cap. 181 e 182], Dana Dharma P.; Hari Vansa.

[2] A maioria dos Puranas, especialmente o Kurma, Padma, Vamana, Agni, e Garuda, contêm capítulos ou seções mais ou menos detalhadas sobre os deveres morais e cerimoniais dos hindus; e uma parte considerável do Mahabharata, especialmente do Moksha Dharma Parva, é dedicada ao mesmo assunto. Nenhum outro trabalho purânico, no entanto, contém uma série de capítulos exatamente análogo àqueles que seguem, e que contêm uma descrição concisa e sistemática dos Acharas, ou obrigações

los." Ao que Aurva respondeu e disse, "Escute atentamente os deveres que eu descreverei como aqueles respectivamente do brâmane, do kshatriya, do vaisya, e do sudra. O brâmane deve fazer doações, deve adorar os deuses com sacrifícios, deve ser assíduo no estudo dos Vedas, deve realizar abluções e libações com água, e deve preservar a chama sagrada. Por causa da subsistência ele pode oferecer sacrifícios em nome de outros, e pode instruí-los nos Sastras; e ele pode aceitar presentes de uma classe generosa de uma maneira adequada (ou de pessoas respeitáveis, e em uma época apropriada). Ele deve sempre buscar promover o bem de outros, e não fazer mal a ninguém; pois a melhor riqueza de um brâmane é benevolência universal. Ele considerar as jóias de outra pessoa como se elas fossem seixos; e deve, em períodos apropriados, procriar descendência com sua esposa. Esses são os deveres de um brâmane.

"O homem da tribo guerreira deve alegremente dar presentes para brâmanes, executar vários sacrifícios, e estudar as escrituras. Suas fontes especiais de sustento são armas e a proteção da terra. A proteção da terra realmente é seu ramo especial. Pelo cumprimento desse dever um rei atinge seus objetivos, e recebe uma parte do mérito de todos os ritos sacrificais. Intimidando os maus, e cuidando dos bons, o monarca que mantém a disciplina das diferentes castas assegura qualquer região que ele deseje.

"Brahma, o grande pai da criação, deu ao vaisya as ocupações de comércio e agricultura, e a alimentação de manadas e rebanhos, como seus meios de sustento; e estudo sagrado, sacrifício, e doação também são seus deveres, como é a observância de ritos fixos e ocasionais.

"Serviço às três castas regeneradas é o ramo do sudra, e por meio disso ele deve subsistir, ou pelos lucros de comércio, ou os salários de trabalho mecânico. Ele também deve fazer doações; e ele pode oferecer os sacrifícios nos quais alimento é oferecido, como também oferendas fúnebres[3].

"Além dessas suas respectivas obrigações, há deveres que pesam igualmente sobre todas as quatro castas. Estes são, a aquisição de propriedade, para o sustento de suas famílias; coabitação com suas esposas, por causa de progênie; ternura por todas as criaturas, paciência, humildade, veracidade, pureza, contentamento, decência de decoração, gentileza de fala, amizade; e liberdade de inveja e reclamação, de avareza, e de detração. Esses também são os deveres de toda condição de vida.

---

pessoais e sociais dos hindus. O teor do todo é similar aos institutos de Manu, e muitas passagens são as mesmas.

[3] O Pakayajna, ou sacrifício no qual comida é oferecida, significa ou a adoração dos Viswadevas, os ritos de hospitalidade, ou oblações ocasionais, ao construir uma casa, no nascimento de uma criança, ou em alguma ocasião de júbilo. É para ser compreendido, entretanto, que essa injunção implica ele executando essas cerimônias através da agência de um brâmane, porque um sudra não pode repetir os Mantras ou orações que as acompanham; e pode ser uma pergunta quão distante ele pode estar presente, porque ele não deve nem mesmo ouvir tais orações repetidas. A realização de ritos fúnebres envolve alguma parte pessoal, e o sudra tem que oferecer os bolos, mas isso deve ser feito sem Mantras; como o Mitakshara; 'Este rito (o oferecimento de bolos) deve ser executado pelos Sudras, sem fórmula, no décimo segundo dia.' O Vayu Purana ordena a realização dos cinco grandes sacrifícios por sudras, só omitindo os Mantras. Pode ser suspeitado que os Puranas abrandaram em algum grau o rigor original; pois pode ser inferido que as grandes cerimônias eram totalmente negadas aos Sudras no tempo de Manu, que declara que ninguém tem qualquer direito ou parte (Adhikara) em seu código exceto aqueles que executam ritos com Mantras, ou as três castas regeneradas (II. 16); e denuncia como pecados hediondos ensinar os Vedas para Sudras, executar sacrifícios para eles, ou aceitar doações deles. X. 309, 110, 111. Porém, Yajnawalkya lhes permite realizar cinco grandes ritos com o Namaskara, ou a saudação simples, o que Gotama confirma. Alguns restringem o sentido de Mantra, também, às preces dos Vedas, e permitem que os sudras usem aqueles dos Puranas, como Sulapani. E o Titthi Tatwa é citado no sudra Kamalakara como lhes permitindo quaisquer Mantras menos aqueles dos Vedas.

"Em tempos de infortúnio as funções particulares das castas podem ser modificadas, como você ouvirá. Um brâmane pode exercer as ocupações de um kshatriya ou um vaisya; o kshatriya pode adotar aquelas do vaisya; e o vaisya aquelas do kshatriya; mas esses dois últimos nunca devem descer às funções do sudra, se for possível evitá-las[4]; e se isso não for possível, eles devem pelo menos evitar as funções das castas misturadas. Eu vou agora, Raja, narrar para você os deveres dos vários Asramas ou condições de vida." ◄

[4] Essa última parte da oração reconcilia o que de outro modo pareceria ser uma incompatibilidade com Manu, que permite que o vaisya em tempo de infortúnio se rebaixe aos atos servis de um sudra. X. 98.

CAPÍTULO 9

Deveres do estudante religioso, chefe de família, ermitão, e mendicante.

Aurva continuou: "Quando o jovem foi investido com o fio de sua casta, que ele prossiga diligentemente o estudo dos Vedas, na casa de seu preceptor, com um espírito atento, e levando uma vida de continência. Ele deve servir seu Guru, assiduamente observante de práticas purificatórias, e o Veda é para ser adquirido por ele, enquanto ele é pontual na realização de ritos religiosos. No Sandhya matutino ele deve primeiro saudar o sol; à noite, o fogo; e então se dirigir ao seu preceptor com respeito. Ele deve ficar de pé quando seu mestre estiver de pé; se mover quando ele estiver caminhando; e se sentar abaixo dele quando ele estiver sentado: ele nunca deve sentar, nem caminhar, nem ficar de pé quando seu professor fizer o contrário. Quando desejado por ele, que ele leia atentamente o Veda, colocado diante de seu preceptor; e que ele coma o alimento que ele reuniu como esmolas, quando permitido por seu professor[1]. Que ele se banhe na água que foi usada primeiro para as abluções de seu preceptor; e toda manhã traga combustível e água, e tudo mais que possa ser requerido.

"Quando os estudos escriturais apropriados para o estudante foram completados, e ele foi dispensado por seu Guru, que o homem regenerado entre na ordem do chefe de família; e tomando para si mesmo, com cerimônias legítimas, casa, esposa, e riqueza, cumpra ao melhor de sua habilidade os deveres de sua posição[2]; satisfazendo os espíritos dos mortos com bolos fúnebres; os deuses com oblações; convidados com hospitalidade; os sábios com estudo sagrado; os progenitores da humanidade com progênie; os espíritos com o resíduo de oblações; e todo o mundo com palavras de verdade[3]. Um chefe de família assegura o céu pelo cumprimento fiel dessas obrigações. Há aqueles que subsistem de esmolas, e levam uma vida irregular de abnegação, no fim do período durante o qual eles mantiveram casa. Eles vagam pelo mundo para ver a terra, e realizam suas abluções, com ritos ordenados pelos Vedas, em santuários sagrados, sem casa, e sem comida, e descansando à noite na residência na qual eles chegam ao anoitecer. O chefe de família é para eles um amparo e pai constante: é seu dever lhes dar um bom acolhimento, e se dirigir a eles com bondade; e fornecer a eles, sempre que eles vão à sua casa, uma cama, um assento, e comida. Um convidado desapontado por um chefe de família, que se desvia de sua porta, transfere para o último todos os seus próprios delitos, e ganha o mérito religioso dele[4]. Na casa de um homem bom, insolência, arrogância, hipocrisia, reclamação, contradição, e violência são aniquilados, e o dono de casa que cumpre totalmente esse seu principal dever de hospitalidade é libertado de todo tipo de escravidão, e obtém a mais elevada das posições depois da morte.

"Quando o chefe de família, depois de realizar os atos que pertencem à sua condição, chega ao declínio da vida, que ele entregue sua esposa ao cuidado de seus filhos, e vá para as florestas[5]. Que ele subsista lá de folhas, raízes, e frutas; e permita que seu cabelo e barba cresçam, e trance o primeiro sobre suas sobrancelhas; e

---

1 Essas instruções são iguais àquelas prescritas por Manu, embora não precisamente nas mesmas palavras. II. 175, e seguintes.

2 Conforme Manu, III. 4, etc.

3 As grandes obrigações, ou, como Sir Wm. Jones as chama, sacramentos, os Mahayajnas, ou grandes sacrifícios, são, de acordo com Manu, apenas cinco; Brahmayajna, estudo sagrado; Pitriyajna, libações para os espíritos dos mortos; Devayajna, oferendas queimadas para os deuses; Baliyajna, oferendas para todas as criaturas; e Nriyajna, hospitalidade. III. 70, 71. O Prajapatiyajna, ou propagação de descendência, e Satyayajna, observância de veracidade, são adições aparentemente posteriores.

4 Essa também é a doutrina de Manu, III. 100.

5 Manu, VI. 3, etc.

durma no chão. Seu traje deve ser feito de pele ou de ervas Kasa ou Kusa; e ele deve se banhar três vezes ao dia; e ele deve oferecer oblações aos deuses e ao fogo, e tratar todos os que vão até ele com hospitalidade. Ele deve pedir esmolas, e oferecer alimento para todas as criaturas; ele deve se ungir com os unguentos que as florestas fornecem; e em seus exercícios religiosos ele deve ser tolerante ao calor e ao frio. O sábio que segue essas regras diligentemente, e leva a vida do ermitão (ou Vanaprastha), consome, como fogo, todas as imperfeições, e conquista para si mesmo as mansões da eternidade.

"A quarta ordem de homens é chamada de aquela do mendicante; as circunstâncias da qual é conveniente, ó rei, que você ouça de mim. Que o homem desapaixonado, renunciando a toda a afeição por esposa, filhos, e posses, entre na quarta ordem[6]. Que ele abandone os três objetivos da existência humana (prazer, riqueza, e virtude), sejam profanos ou religiosos, e, indiferente a amigos, seja o amigo de todos os seres vivos. Que ele, ocupado com devoção, se abstenha de fazer mal, em ato, palavra, ou pensamento, para todas as criaturas, humanas ou irracionais; e igualmente evite apego a alguma. Que ele resida apenas por uma noite em uma aldeia, e não mais de cinco noites de cada vez em uma cidade; e que ele resida de modo que boa vontade, e não animosidade, possa ser gerada. Que ele, para a manutenção da existência, peça esmolas nas casas das três primeiras castas, no momento quando os fogos foram extintos, e as pessoas já comeram. Que o mendicante vagueador não chame nada de próprio, e suprima desejo, raiva, cobiça, orgulho, e tolice. O sábio que não dá nenhuma causa para alarme para seres vivos nunca precisa temer algum perigo da parte deles. Tendo depositado o fogo sacrifical em seu próprio corpo, o brâmane alimenta a chama vital, com a manteiga que é coletada como esmolas, pelo altar de sua boca; e por meio de seu fogo espiritual ele procede para sua própria residência. Mas o homem duas vezes-nascido[7], que busca libertação, e é puro de coração, e cuja mente é aperfeiçoada através de auto-investigação, assegura a esfera de Brahma, que é tranquila, e é como uma chama brilhante que não emite fumaça." ◄

[6] Manu, VI. 33, etc.

[7] O texto usa o termo Dwijati, que designa um homem das três primeiras castas. O comentador cita várias autoridades para provar que seu sentido só deve ser brâmane, o único que é permitido entrar na quarta ordem. - 'Entrada na quarta ordem nunca é para o kshatriya e vaisya. Entrada na quarta ordem é para brâmanes, de acordo com Swayambhu. Assim diz Dattatreya: "Que o brâmane proceda de sua habitação também é a expressão de Yama, Samvartta, e Baudhayana."' Mas esse não é o entendimento geral da lei, nem era originalmente tão restrita aparentemente. Manu não a limita dessa maneira.

CAPÍTULO 10

Cerimônias a serem observadas no nascimento e ao dar nome a uma criança. De casamento, ou levar uma vida religiosa. Escolha de uma esposa. Diferentes modos de casamento.

Sagara então se dirigiu a Aurva, e disse, "Você descreveu para mim, brâmane venerável, os deveres das quatro ordens e das quatro castas. Eu desejo agora ouvir de você os institutos religiosos que os homens devem cumprir individualmente, sejam eles invariáveis, ocasionais, ou voluntários. Descreva-os para mim; pois todas as coisas são conhecidas, chefe da linhagem de Bhrigu, por você." A isso Aurva respondeu, "Eu comunicarei a você, ó rei, isso que você perguntou, os ritos invariáveis e ocasionais que os homens devem executar. Preste atenção.

"Quando um filho nasce, que seu pai realize para ele as cerimônias apropriadas no nascimento de uma criança, e todos os outros ritos iniciatórios, assim como um Sraddha, que é uma fonte de prosperidade. Que ele alimente um par de brâmanes, sentados com suas faces para o leste; e de acordo com seus recursos ofereça sacrifícios aos deuses e progenitores. Que ele ofereça para os espíritos dos mortos[1] bolos de carne misturada com coalhos, cevada, e jujubas, com a parte de sua mão sagrada para os deuses, ou com aquela sagrada para Prajapati[2]. Que um brâmane execute tal Sraddha, com todas as suas oferendas e circunlóquios, em toda ocasião de boa sorte[3].

"Em seguida, no décimo dia depois do nascimento, que o pai dê um nome para seu filho; o primeiro termo do qual será o título de um deus, o segundo de um homem, como Sarman ou Varman; o primeiro sendo a designação apropriada de um brâmane, o último de um guerreiro; enquanto Gupta e Dasa são melhor adequados para os nomes de Vaisyas e Sudras[4]. Um nome não deve ser desprovido de significado; não deve ser indecente, nem absurdo, nem de mau gosto, nem temível; ele deve consistir em um número par de sílabas; ele não dever ser muito longo nem muito curto, nem também cheio de vogais longas; mas conter uma proporção adequada de vogais curtas, e ser articulado facilmente. Depois desse e dos ritos iniciatórios seguintes[5], o jovem purificado deve adquirir conhecimento religioso, no modo que foi descrito, na residência de seu guia espiritual.

"Quando ele terminou seus estudos, e deu a doação de despedida para seu preceptor, o homem que deseja levar a vida de um chefe de família deve aceitar uma esposa. Se ele não se propuser a entrar na condição de casado, ele pode permanecer como um estudante com seu professor, fazendo primeiro um voto nesse sentido, e se ocupar no serviço de seu preceptor e dos descendentes daquele preceptor; ou ele

---

[1] Para os Nandimukhas. Os Pitris, ou progenitores, são assim chamados aqui de acordo com as palavras que ocorrem na prece usada na ocasião de um Sraddha festivo. As. Res. VII. 270.

[2] Com o Daiva tirtha, as pontas dos dedos; ou com o Prajapatya tirtha, a parte da mão na base do dedo mindinho. Manu, II. 58, 59. O segundo é chamado por Manu de Kaya tirtha, de Ka, um sinônimo de Prajapati.

[3] O Sraddha geralmente é um sacrifício fúnebre ou mortuário, mas ele implica oferendas para os progenitores de um indivíduo e da humanidade, e sempre faz parte de uma cerimônia religiosa em uma ocasião de alegria ou uma acessão de prosperidade, esse sendo chamado de Abhyudaya ou Vriddhi Sraddha. As. Res. VII. 270.

[4] Conforme Manu, II. 30, 31, 32. Os exemplos dados no comentário são, Somasarman, Indravarman, Chandragupta, e Shivadasa, respectivamente nomes apropriados de homens das quatro castas.

[5] Ou Sanskaras; cerimônias iniciatórias, purificadoras do indivíduo em várias fases.

pode se tornar um ermitão imediatamente, ou adotar a ordem do mendicante religioso, de acordo com sua determinação original[6].

"Se ele se casar, ele deve escolher uma moça que tenha um terço de sua idade[7]; uma que não tenha muito cabelo, mas que não seja sem nenhum; uma que não tenha cor muito negra nem amarela, e que não seja uma aleijada ou deformada de nascença. Ele não deve se casar com uma moça que é viciosa ou não saudável, de origem inferior, ou sofrendo sob doença; uma que foi mal educada; uma que fala impropriamente; uma que herdou alguma enfermidade de pai ou mãe; uma que tem uma barba, ou que tem uma aparência masculina; uma que fala grosso ou fino, ou grasna como um corvo; uma que mantém seus olhos fechados, ou tem os olhos muito proeminentes; uma que tem pernas cabeludas, ou tornozelos grossos; ou uma que tem covinhas em suas bochechas quando ela ri[8]. Que um homem sábio e prudente não se case com uma moça de tal descrição, nem que um homem circunspeto se case com uma moça de uma pele àspera; ou uma com unhas brancas; ou uma com olhos vermelhos, ou com mãos e pés muito gordos; ou uma que é uma anã, ou que é muito alta; ou uma cujas sobrancelhas se encontram, ou cujos dentes são afastados distanciadamente, e parecem presas. Que um chefe de família se case com uma moça que está em sua família pelo menos cinco graus distante da mãe dele, e sete do pai dele, com as cerimônias ordenadas por lei[9].

"As formas de matrimônio são oito: Brahma, Daiva, Arsha, Prajapatya, Asura, Gandharba, Rakshasa, e Paisacha; das quais a última é a pior[10]; mas a casta para a qual uma ou outra forma foi ordenada como lícita por sábios inspirados deveria evitar qualquer outro modo de aceitar uma esposa. O chefe de família que se casa com uma mulher ligada a ele por semelhança de obrigações religiosas e civis, e junto com ela cumpre os deveres de sua condição, deriva de tal esposa grandes benefícios." ◄

[6] Ou o voto ou compromisso que ele fez, que ele seguirá a vida inteira as observâncias do estudante ou asceta; ambas as quais são enumeradas no Nirnaya Sindhu como atos proibidos na era Kali; um homem não deve continuar um estudante ou Brahmachari, isto é, um caenobite, para o resto da vida; nem ele deve se tornar um mendicante sem passar pela ordem de chefe de família previamente. Na prática, porém, a proibição não é raramente desconsiderada.

[7] Por isso é para ser entendido, de acordo com o comentador, somente uma moça jovem, mas ao mesmo tempo uma não imatura; pois caso contrário, ele observa, um homem de trinta, perto de qual idade ele completa seus estudos sagrados, se casaria com uma menina de apenas dez anos de idade. De acordo com Manu, entretanto, o período de estudo religioso não termina até os trinta e seis; e no Oriente uma menina de doze estaria pronta para o casamento. O texto de Yajnawalkya tem meramente a palavra Yaviyasi, 'uma mulher muito jovem.' É digno de observação aqui, que nem aquele texto, nem o texto de Manu, nem a interpretação do nosso texto, autoriza a prática atual do casamento de crianças. A obrigação imposta sobre um homem de uma vida de continência perfeita até que ele tenha mais que trinta é singularmente malthusiana.

[8] Deve ser observado, para o crédito do gosto hindu, que o comentador menciona que a meia linha do verso no qual essa última cláusula ocorre não é achada em todas as cópias do texto.

[9] Ver Manu, III. 5, etc.

[10] Esses diferentes modos de matrimônio são descritos por Manu, III. 27, etc.

CAPÍTULO 11

Dos Sadacharas, ou obrigações perpétuas de um chefe de família. Purificações, abluções, libações, e oblações diárias; hospitalidade; ritos fúnebres; cerimônias a serem observadas em refeições, culto de manhã e à noite, e ao ir descansar.

Sagara disse novamente a Aurva, "Narre para mim, Muni, as observâncias fixas do chefe de família, por se encarregar das quais ele nunca será rejeitado deste mundo ou do próximo."

Aurva respondeu a ele desse modo: "Escute, príncipe, a uma descrição daquelas observâncias perpétuas, por aderir às quais ambos os mundos são conquistados. Aqueles que são chamados de Sadhus (santos) são aqueles que são livres de todos os defeitos; e o termo Sat quer dizer o mesmo, ou Sadhu. Aquelas práticas ou observâncias (Acharas) que eles seguem são portanto chamadas de Sadacharas, 'as instituições ou observâncias dos piedosos[1].' Os sete Rishis, os Manus, os patriarcas, são eles que ordenaram e que têm praticado estas observâncias. Que o homem sábio desperte no Muhurtta de Brahma (ou no terceiro Muhurtta, aproximadamente duas horas antes do amanhecer), e com uma mente serena medite em dois dos objetivos da vida (virtude e riqueza), e em tópicos não incompatíveis com eles. Que ele também pense em desejo, como não conflitante com os outros dois; e assim contemple com indiferença igual os três objetivos da vida, com a finalidade de neutralizar as consequências não vistas de atos bons ou maus. Que ele evite riqueza e desejo, se eles dão intranquilidade à virtude; e se abstenha de atos virtuosos ou religiosos, se eles envolvem miséria, ou são criticados pelo mundo[2]. Tendo se levandado, ele deve oferecer adoração ao sol; e então, no quadrante sudeste, à distância de um tiro de arco ou mais, ou algum lugar distante da aldeia, expelir as impurezas da natureza. A água que resta depois de lavar seus pés ele deve jogar fora no quintal da casa. Um homem sábio nunca vai urinar em sua própria sombra, nem na sombra de uma árvore, nem em uma vaca, nem contra o sol, nem no fogo, nem contra o vento, nem em seu Guru, nem em homens das três primeiras castas; nem ele expelirá também excremento em um campo arado, ou pastagem, ou na companhia de homens, ou em uma rodovia, ou em rios e semelhantes, que são sagrados, ou na margem de um córrego, ou em um lugar onde corpos são queimados; ou em qualquer lugar apressadamente. De dia que ele os expila com sua face para o norte, e de noite com sua face para o sul, quando ele não está em dificuldade. Que ele execute essas ações em silêncio, e sem demora; cobrindo sua cabeça com um pano, e o chão com grama. Que ele não pegue, com a finalidade de limpeza, terra de um formigueiro, nem de um buraco de rato [literalmente, ‘cavada por um rato], nem da água, nem do resíduo do que foi assim usado, nem solo que foi empregado para rebocar uma cabana, nem que foi levantado por insetos [vermes, ou animais diminutos], ou virado pelo arado. Que ele evite todos os tais tipos de terra, como meios de purificação. Um punhado é suficiente depois expelir urina; três depois de expelir

---

[1] Sir Wm. Jones traduz Achara, 'os costumes imemoriais de homens bons' (Manu, II. 6); seguindo a explicação de Kulluka Bhatta, que é muito semelhante àquela do nosso texto. 'Achara quer dizer o uso de mantas ou cascas de árvores, etc. para vestuário. Sadhus são homens piedosos ou justos.' Na realidade, Acharas são todas as observâncias ou práticas cerimoniais e purificatórias, não expiatórias, que são ordenadas pelos Vedas ou os códigos de lei.

[2] Isto é, ele pode omitir ritos prescritos, se eles estão ligados a dificuldade ou perigo: ele pode se abster de abluções, se elas fazem mal à sua saúde; e ele pode omitir peregrinação para santuários sagrados, se o caminho para eles é infestado por ladrões; [ou por tigres]. Novamente, em certas cerimônias é ordenado comer carne, ou beber vinho; mas essas práticas geralmente são repreendidas por pessoas religiosas, e um homem pode então desconsiderar a ordem.

excremento, então dez punhados devem ser esfregados sobre a mão esquerda, e sete sobre ambas as mãos. Que ele então lave sua boca com água que é pura, não fétida, nem espumosa, nem cheia de bolhas; e novamente use terra para limpar seus pés, lavando-os bem com água. Ele deve beber água três vezes então, e lavar duas vezes seu rosto com ela; e em seguida tocar com ela sua cabeça, as cavidades dos olhos, orelhas, e narinas, a testa, o umbigo, e o coração[3]. Tendo finalmente lavado sua boca, um homem deve limpar e pentear seu cabelo, e enfeitar seu corpo, diante de um espelho, com unguentos, guirlandas, e perfumes. Ele então, de acordo com o costume de sua casta, deve adquirir riqueza, por causa da subsistência; e com uma fé intensa adorar os deuses. Sacrifícios com o suco ácido, aqueles com manteiga clarificada, e aqueles com oferendas de alimento, estão compreendidos dentro da riqueza: portanto que os homens se esforcem para adquirir riqueza para esses propósitos[4].

"Como preparatório para todos os ritos estabelecidos de devoção, o chefe de família deve tomar banho na água de um rio, uma lagoa, um canal natural, ou uma corrente de montanha; ou ele pode se banhar em chão seco, com água puxada de um poço, ou tirada de um rio, ou outra fonte, quando há alguma objeção a tomar banho no local[5]. Quando banhado, e vestido em roupas limpas, que ele ofereça reverentemente libações aos deuses, sábios, e progenitores, com as partes da mão respectivamente sagradas para cada um. Ele deve espalhar água três vezes, para satisfazer os deuses, o mesmo número para agradar os Rishis; e uma vez, para propiciar Prajapati; ele deve também fazer três libações, para satisfazer os progenitores. Ele deve então oferecer, com a parte da mão sagrada para os espíritos dos mortos, água para seu avô e bisavô paternos, para seu avô e bisavô maternos, e seu pai; e à vontade para sua própria mãe e a mãe e avó de sua mãe, para a esposa de seu preceptor, para seu preceptor, seu tio materno, e outros parentes[6], para um amigo querido, e para o rei. Que ele também, depois que libações foram feitas aos deuses e o resto, ofereça outras à vontade para o benefício de todos os seres, recitando de modo inaudível esta oração; 'Que os deuses, demônios, Yakshas, serpentes, Rakshasas, Gandharbas, Pisachas, Guhyakas, Siddhas, Kushmandas, árvores, pássaros, peixes, todos aqueles que povoam as águas, ou a terra, ou o ar, sejam propiciados pela água que eu ofereci a eles. Essa água é dada por mim para o alívio das dores de todos aqueles que estão sofrendo nos reinos do inferno. Que todos aqueles que são minha família, e não minha família, e foram meus parentes em uma vida anterior, todos os que desejam libações de mim, recebam satisfação dessa água. Que essa água e gergelim, oferecidos por mim, aliviem a fome e sede de todos os que estão sofrendo dessas aflições, onde quer

---

3 Muitas dessas instruções são dadas por Manu, IV. 45, etc.

4 Isto é, riqueza é essencial para a realização de ritos religiosos, e também é a consequência de executá-los. Um chefe de família deve portanto celebrá-los diligentemente, de modo que ele possa adquirir propriedade, e assim se tornar apto a continuar a sacrificar. De acordo com Gautama há sete tipos de cada uma das três espécies de ritos sacrificais especificadas no texto, ou aqueles nos quais são oferecidos o suco Soma, manteiga oleada, ou alimento. Do último, de acordo com Manu, há quatro variedades, o oferecimento de comida para os Viswadevas, para espíritos, para antepassados falecidos, e para convidados. II. 86. Os sete de Gautama são, oferecimentos para progenitores em certos oitavos dias da quinzena, na cheia e mudança (da lua), em Sraddhas geralmente, e para os espíritos dos mortos na lua cheia de quatro meses diferentes, ou Sravan, Agrahayana, Chaitra, e Aswin.

5 Uma pessoa pode executar suas abluções em sua própria casa, se o tempo ou ocupação impedirem sua ida até a água. Se ele estiver doente, ele pode usar água morna; e se tomar banho for totalmente prejudicial, ele pode executar o Mantra snana, ou repetir as preces usadas em ablução, sem o banho verdadeiro.

6 A série inteira é dada dessa maneira pelo sr. Colebrooke; As. Res. V. 367. Libações triplas de tila (sementes de gergelim) e água devem ser dadas ao pai, avô, e bisavô paternos; para a mãe, avô, bisavô, e trisavô maternos, e libações únicas devem ser oferecidas à avó e bisavó paterna e materna, para o tio paterno, o irmão, filho, neto, o filho da filha, genro, tio materno, filho da irmã, filho da irmã do pai, irmã da mãe, e outros parentes. Com exceção daquelas, no entanto, oferecidas para seus próprios antepassados imediatos, que são obrigatórias, essas libações são opcionais, e raramente são feitas.

que eles possam estar[7].' Oferecimentos de água, dados da maneira, ó rei, que eu descrevi, dão satisfação para todo o mundo, e o homem sem pecado, que na sinceridade da fé derrama essas libações voluntárias, obtém o mérito que é o resultado de fornecer nutrição para todas as criaturas.

"Tendo então lavado sua boca, ele deve oferecer água ao sol, tocando sua testa com suas mãos unidas, e com esta oração; 'Saudação a Vivaswat, o radiante, a glória de Vishnu; ao puro illuminator do mundo; a Savitri, o concessor dos resultados das ações.' Ele deve então executar o culto da casa, oferecendo para sua divindade tutelar água, flores, e incenso. Ele em seguida deve oferecer oblações com fogo, não precedidas por qualquer outro rito, para Brahma[8]. Tendo invocado Prajapati, que ele derrame oblações reverentemente para seus deuses pertencentes à casa ou à família, para Kasyapa e para Anumati[9], em sucessão. O resíduo da oblação que ele ofereça à terra, à água, e à chuva, em um jarro à mão; e para Dhatri e Vidhatri às portas de sua casa, e no meio dela a Brahma. Que o homem sábio também ofereça o Bali, consistindo no resíduo das oblações, para Indra, Yama, Varuna, e Soma, nos quatro pontos cardeais da habitação dele, o leste e o resto; e no quadrante nordeste ele o oferecerá a Dhanwantari[10]. Depois de ter adorado dessa maneira as divindades domésticas, ele oferecerá em seguida parte do resíduo para todos os deuses (os Viswadevas); então, no quadrante noroeste, para Vayu (vento); então, em todas as direções, para os pontos do horizonte, para Brahma, para a atmosfera, e para o sol; para todos os deuses, para todos os seres, para os senhores dos seres, para os Pitris, para o crepúsculo. Então pegando outro arroz[11] [alimento, não necessariamente arroz], que o chefe de família como lhe aprouver o lance em um lugar limpo do chão, como um oferecimento para todos os seres, repetindo com mente serena esta prece; 'Que os deuses, homens, animais, pássaros, santos, Yakshas, serpentes, demônios, fantasmas, trasgos, árvores, todos os que desejam alimento dado por mim; que formigas, vermes, traças, e outros insetos, famindos e amarrados nos laços dos atos; possam todos obter satisfação do alimento deixado para eles por mim, e desfrutem de felicidade. Que aqueles que não têm mãe, nem pai, nem parentes, nem comida, nem os meios de prepará-la, fiquem satisfeitos e contentes com o alimento oferecido para sua satisfação[12]. Visto que todos os seres, e essa comida, e eu, e Vishnu não somos diferentes, eu portanto dou para seu sutento a comida que é una com o corpo de todas as criaturas. Que todos os seres, que estão incluídos nas quatorze ordens de coisas existentes[13], fiquem satisfeitos com o alimento dado por mim para a satisfação deles, e fiquem deleitados.' Tendo proferido essa oração, que o religioso devoto lance a comida no chão, para a nutrição de todos os tipos de seres; pois o chefe de família é

---

7 A primeira parte dessa prece é do Sama-veda, e é dada pelo sr. Colebrooke. As. Res. V. 367.

8 O rito não é endereçado especialmente a Brahma, mas ele deve ser invocado para presidir sobre as oblações oferecidas subsequentemente aos deuses e sábios especificados.

9 Kasyapa, o filho de Kasyapa, é Aditya, ou o sol. Anumati é a lua personificada, menos um dígito de cheia. Os objetos e ordem da cerimônia aqui descritos sucintamente diferem daqueles dos quais o sr. Colebrooke dá uma descrição (As. Res. VII. 236), e da forma de oblações dada por Ward (Descrição dos hindus, II. 447); mas, como observado pelo sr. Colebrooke, "oblações são feitas com tais cerimônias, e em tal forma, conforme são adaptadas ao rito religioso que se pretende realizar subsequentemente." As. Res. VII. 237.

10 Veja também Manu, III. 84, etc. e as As. Res. VII. 275.

11 Ou essa cerimônia pode ser praticada em vez da precedente.

12 É dito pelo sr. Colebrooke que essa oração foi tirada dos Puranas (As. Res. VII. 275). Ele traduz a última cláusula, "Que aqueles que não têm ... comida, nem meios de obtê-la.' No nosso texto, a frase é: येषां ... नैवान्नसिद्धिर्न तथान्नमस्ति।; que o comentador explica por येषामन्नं नास्ति येषां च सत्यप्यन्ने नान्न सिद्धिः पाकसाधनं नास्तीत्यर्थः; compreendendo que Anna siddhi significa 'meios de preparar alimento', Paka sadhana. As passagens seguintes da prece são evidentemente peculiares ao Vishnu Purana.

13 Ou quatorze classes de Bhutas ou espíritos, ou o mesmo número de seres vivos, ou oito espécies de criaturas divinas, uma de humana, e cinco de animais.

por essa razão o sustentador deles todos. Que ele espalhe comida no chão para cachorros, párias, aves, e todas as pessoas decaídas e degradadas.

"O chefe de família deve então permanecer ao anoitecer em seu quintal por tanto tempo quanto leve para ordenhar uma vaca[14], ou mais tempo se ele quiser, para esperar a chegada de um convidado. Se tal pessoa chegar, ele deve ser recebido com um acolhimento hospitaleiro; um assento deve ser oferecido para ele, e seus pés devem ser lavados, e alimento deve ser dado a ele com generosidade, e deve-se falar a ele polidamente e amavelmente; e quando ele partir, deve ser despachado por seu anfitrião com desejos amigáveis. Um dono de casa deve sempre prestar atenção a um convidado que não é um habitante da mesma aldeia, mas que vem de outro lugar, e cujo nome e linhagem são desconhecidos. Aquele que se alimenta, e negligencia o estranho pobre e sem amigos precisando de hospitalidade, vai para o inferno. Que um chefe de família que tem um conhecimento de Brahma reverencie um convidado, sem perguntar por seus estudos, sua escola, suas práticas, ou sua família[15].

"Um dono de casa também deve no Sraddha perpétuo entreter outro brâmane, que é do próprio país dele, cuja família e observâncias são conhecidas, e que realiza os cinco ritos sacramentais. Ele deve igualmente oferecer para um brâmane versado nos Vedas quatro punhados de alimento, reservados com a exclamação Hanta; e ele deve dar a um estudante religioso mendicante três punhados de arroz, ou de acordo com sua vontade quando ele tem amplos meios. Esses, com a adição do mendicante antes descrito, devem ser considerados como convidados; e aquele que trata esses quatro tipos de pessoas com hospitalidade se absolve da dívida que tem com seus semelhantes. O convidado que parte desapontado de alguma casa, e procede para outro lugar, transfere seus pecados para o dono daquela mansão, e leva com ele os méritos de tal chefe de família. Brahma, Prajapati, Indra, fogo, os Vasus, o sol, estão presentes na pessoa de um convidado, e compartilham do alimento que é dado a ele. Que um homem então seja assíduo no cumprimento dos deveres de hospitalidade; porque aquele que come sua comida sem dar nada para um convidado se alimenta somente de iniquidade.

"Em seguida, o dono de casa deve fornecer comida para uma donzela casada, que permanece na residência do pai dela; para alguém que está doente; para uma mulher grávida; para os idosos e as crianças da casa dele; e então ele mesmo pode comer. Aquele que come enquanto esses ainda não estão alimentados é culpado de pecado nesta vida, e quando ele morre é condenado no inferno a se alimentar de muco. Assim aquele que come sem executar abluções é alimentado no inferno com sujeira; e aquele que não repete suas orações, com pus e sangue; aquele que come comida não consagrada, com urina; e aquele que come antes das crianças e do resto estarem alimentados é enchido no Tártaro com excremento. Ouça, portanto, ó rei de reis, como um chefe de família deve se alimentar, de forma que ao comer nenhum pecado possa ser cometido, que saúde invariável e vigor aumentado possam ser assegurados, e todos os males e maquinações hostis possam ser evitados. Que o chefe de família, tendo se banhado, e oferecido libações aos deuses e espíritos dos mortos, e enfeitado sua mão com jóias, coma sua refeição, depois de ter repetido as orações introdutórias, e oferecido oblações com fogo, e tendo dado comida para convidados, para brâmanes, para seus superiores, e para sua família. Ele não deve comer vestido com uma única peça de roupa, nem com mãos e pés molhados, mas vestido em roupas limpas, perfumadas, e usando guirlandas de flores; ele não deve comer com sua face para algum ponto de intermediário do horizonte, mas de frente

[14] Isso, de acordo com o comentador, é igual à quarta parte de um Ghatika, que, considerando o último sinônimo com Muhurtta, ou um trigésimo do dia e noite, seria doze minutos.

[15] Esses preceitos, e aqueles que seguem, têm o mesmo teor que aqueles dados por Manu sobre o assunto de hospitalidade (III. 99, etc.), mas mais detalhado.

para o leste ou o norte, e assim, com um semblante sorridente, feliz e atento, que ele compartilhe de seu alimento, de boa qualidade, saudável, fervido com água limpa, não obtido de pessoa vil nem através de meios impróprios, nem cozido inadequadamente. Tendo dado uma porção para seus companheiros famintos, que ele coma sua comida sem repreensão de um recipiente bonito limpo, que não deve ser colocado em um assento baixo ou cama. Ele não deve comer em um lugar impróprio ou fora do tempo apropriado, nem em uma postura incômoda; nem ele deve lançar primeiro qualquer parte de sua refeição no fogo. Que seu alimento seja tornado sagrado com textos adequados; que ele seja fresco de sua espécie; e ele não deve ser passado, menos no caso de fruta ou carne[16]; nem deve ser de substâncias vegetais secas, a não ser jujubas[17] ou preparações de melados; mas um homem nunca deve comer daquilo do qual os sucos foram extraídos[18]. Nem um homem deve comer de modo a não deixar resíduo de sua refeição, exceto no caso de farinha, bolos, mel, água, coalhos, e manteiga. Que ele, com uma mente atenta, prove primeiro aquilo que tem um sabor doce; ele pode comer coisas salgadas e azedas no meio, e terminar com aquelas que são pungentes e amargas. O homem que começa sua refeição com líquidos, então partilha de comida sólida, e termina novamente com líquidos, será sempre forte e saudável. Dessa maneira que ele se alimente sem falha, silencioso, e contente com sua comida; comendo, sem proferir uma palavra, até o volume de cinco punhados, para a nutrição do princípio vital. Tendo comido suficientemente, o chefe de família deve então lavar sua boca, com seu rosto virado para o leste ou o norte; e tendo tomado novamente um gole de água, ele deve lavar suas mãos do pulso para baixo. Com um espírito satisfeito e tranquilo ele deve então se sentar, e chamar à memória sua divindade tutelar; e então ele deve rezar dessa maneira: 'Que o fogo, incitado pelo ar, converta esse alimento nos elementos terrenos deste corpo, e no espaço fornecido pela atmosfera etéria o faça ser digerido, e me dê satisfação! Que essa comida, em sua assimilação, contribua para o vigor da terra, água, fogo, e ar do meu corpo, e proporcione satisfação genuína! Que Agasti, Agni, e o fogo submarino efetuem a digestão da comida da qual eu comi! Que eles me concedam a felicidade que sua conversão em nutrição gera; e que a saúde sempre vitalize minha forma! Que Vishnu, que é o princípio essencial de todos envolvidos com estrutura corpórea e os órgãos de percepção, seja propiciado por minha fé nele, e influencie a assimilação do alimento revigorante que eu comi! Pois realmente Vishnu é o comedor e a comida e a nutrição, e por essa convicção que aquilo que eu comi seja digerido.'

"Tendo repetido essa oração, o dono de casa deve esfregar seu estômago com sua mão, e sem indolência realizar os ritos que conferem repouso, passando o dia em tais diversões que são autorizadas pelas escrituras sagradas, e não são incompatíveis com as práticas dos íntegros; até o Sandhya, quando ele deve se ocupar de meditação religiosa. No Sandhya, no fim do dia, ele deve executar os ritos usuais antes do sol se pôr totalmente; e pela manhã ele deve executá-los antes das estrelas terem desaparecido[19]. Os ritos matutinos e noturnos nunca devem ser negligenciados, exceto em épocas de impureza, ansiedade, doença, ou alarme. Aquele que é precedido pelo sol nascente, ou dorme quando o sol está se pondo, a menos que isso provenha de doença e semelhante, incorre em culpa que requer compensação; e

---

16 Por passado, como aplicado à carne, provavelmente é indicado nesse lugar carne que foi preparada previamente como parte de um oferecimento aos deuses ou espíritos dos mortos; carne que é preparada em primeiro lugar para um indivíduo sendo proibida; como por Yajnawalkya: 'Que ele evite carne morta em vão;' ou aquela que não é o resíduo de um oferecimento aos deuses, etc. Conforme também Manu, V. 7.

17 Por vegetais secos, etc., é para ser entendido vegetais não fervidos, ou ervas preparadas sem serem borrifadas com água. Em vez de 'jujubas', a leitura às vezes é 'myrobalans.' O outro termo, गुडपक्वेभ्यः, é explicado 'guloseimas.' A construção aqui, no entanto, é um pouco obscura.

18 Como torta de algodão ou de linhaça, ou o sedimento de qualquer coisa depois da espremedura.

19 Conforme Manu, II. 101. e IV. 93.

portanto que um homem se levante antes do sol de manhã, e não durma até depois de ele ter se posto. Aqueles que omitem pecaminosamente a cerimônia religiosa matutina e noturna se dirigem depois da morte para o inferno de escuridão. À noite, então, tendo preparado comida novamente, que a esposa do chefe de família, para obter o resultado do rito Vaiswadeva, dê comida, sem preces, para os espíritos desterrados e impuros. Que o próprio dono de casa, de acordo com seus recursos, mostre novamente hospitalidade para qualquer convidado que possa chegar, dando boas-vindas a ele com a saudação noturna, água para seus pés, um assento, uma ceia, e uma cama. O pecado da falta de hospitalidade para um convidado que chega depois do pôr-do-sol é oito vezes maior que aquele de mandar embora um que chega de dia. Um homem deve portanto mostrar respeito mais especialmente para alguém que vai até ele à noite em busca de abrigo, porque as atenções que o satisfazem darão prazer para todos os deuses. Que o dono da casa, então, de acordo com sua habilidade, forneça a um convidado comida, ervas cozidas mantidas em conserva, água, uma cama, um tapete, ou, se ele não puder fazer mais, chão no qual se deitar.

"Depois de comer sua refeição da noite, e tendo lavado seus pés, o chefe de família deve ir descansar. Sua cama é para ser inteira, e feita de madeira: ela não deve ser apertada, nem quebrada, nem desnivelada, nem suja, nem infestada por insetos, nem sem uma roupa de cama; e ele deve dormir com sua cabeça para o leste ou para o sul; qualquer outra posição é prejudicial. Na época adequada um homem deve se aproximar de sua esposa, quando um asterismo afortunado prevalece, em um momento auspicioso, e em noites serenas, se ela tiver se banhado, e não estiver doente, indisposta, relutante, zangada, grávida, faminta, ou superalimentada. Ele também deve estar livre de imperfeições similares, deve estar vestido asseadamente e enfeitado, e animado por ternura e afeição. Há certos dias nos quais unguentos, carne, e mulheres são ilegais, como o oitavo e décimo quarto dias lunares, lua nova e lua cheia[20], e a entrada do sol em um novo signo. Nessas ocasiões os sábios conterão seus apetites, e se ocuparão no culto dos deuses, como ordenado por escrito sagrado, em meditação, e em oração; e aquele que se comporta diferentemente cairá em um inferno onde excremento será sua comida. Que um homem não estimule seus desejos através de remédios, nem os satisfaça com objetos antinaturais, ou em público ou lugares santos. Que ele não pense incontinentemente na esposa de outro, muito menos se dirija a ela para aquele objetivo; pois tal homem nascerá na vida futura como um inseto rastejante. Aquele que comete adultério é castigado aqui e depois da morte; pois seus dias neste mundo são encurtados, e quando morto que ele cai no inferno. Refletindo dessa maneira, que um homem se aproxime de sua própria esposa na época apropriada, ou até mesmo em outros tempos." ◄

[20] Conforme Manu, IV. 128.

CAPÍTULO 12

Obrigações diversas - purificatórias, cerimoniais, e morais.

Aurva continuou: "Que um chefe de família respeitável venere os deuses, vacas, brâmanes, santos, pessoas idosas, e os professores santos. Que ele observe os dois Sandhyas diários, e ofereça oblações ao fogo. Que ele se vista em peças de roupa não rasgadas, use ervas e flores delicadas, use esmeraldas e outras pedras preciosas, mantenha seu cabelo liso e limpo, perfume seu corpo com perfumes agradáveis, e sempre saia vestido elegantemente, enfeitado com guirlandas de flores brancas. Que ele nunca se aproprie da propriedade de outro, nem se dirija a ele com a mínima descortesia. Que ele sempre fale cordialmente e com veracidade, e nunca torne públicos os defeitos de outro. Que ele não deseje a prosperidade de outro, nem busque sua inimizade. Que ele não suba em um veículo imprestável, nem se abrigue sob a margem de um rio (que possa cair sobre ele). Um homem sábio não fará amizade nem andará no mesmo caminho com alguém que é desprezado, que é um pecador ou um bêbado, que tem muitos inimigos, ou que é torpe, com uma meretriz ou seu amante, com um indigente ou um mentiroso, com um pródigo, um caluniador, ou um patife. Que um homem não se banhe contra a força de uma correnteza rápida, nem entre em uma casa em chamas, nem suba ao topo de uma árvore; nem (em companhia) limpe seus dentes ou assoe seu nariz, nem boceje sem cobrir sua boca, nem limpe sua garganta, [nem suspire], nem tussa, nem ria ruidosamente, nem emita vento com barulho, nem morda suas unhas e, nem corte grama, nem arranhe o chão[1], nem ponha sua barba em sua boca, nem esmigalhe um torrão de barro; nem olhe para os corpos planetários principais quando ele estiver impuro. Que ele não expresse desgosto por causa de um cadáver, pois o odor de um corpo morto é o produto da lua. Que um homem decente sempre evite à noite o lugar onde quatro estradas se encontram, a árvore da aldeia, o bosque adjacente ao lugar onde corpos são queimados, e uma mulher livre. Que ele não passe pela sombra de uma pessoa venerável, de uma imagem, de uma divindade, de uma bandeira, de um corpo luminoso divino[2]. Que ele não viaje sozinho por uma floresta, nem durma sozinho em uma casa vazia[3]. Que ele se mantenha afastado de cabelo, ossos, espinhos, sujeira, sobras de oferendas, cinzas, palhiço, e terra[4] molhada com água na qual outro tomou banho. Que ele não receba a proteção do indigno, nem se vincule ao desonesto. Que ele não se aproxime de um animal predador; e que ele não demore muito tempo quando ele se levantou do sono. Que ele não deite na cama quando ele está acordado, nem encontre fadiga quando é hora de descansar. Um homem prudente evitará, mesmo a uma distância, animais com presas e chifres; e ele evitará exposição à geada, ao vento, e aos raios solares. Um homem não deve nem tomar banho, nem dormir, nem enxaguar sua boca enquanto ele está nu[5]; ele não deve lavar sua boca, ou executar algum rito sagrado, com a cintura de sua calça desamarrada; e ele não deve oferecer oblações para o fogo, nem sacrificar aos deuses, nem lavar sua boca, nem saudar um brâmane, nem proferir uma oração, vestido em uma única peça de roupa. Que ele nunca se associe com pessoas imorais: metade de um instante é o limite para o relacionamento do íntegro com eles. Um homem sábio nunca se envolverá em uma disputa com seus superiores ou inferiores: controvérsia e matrimônio só devem ser permitidos entre iguais. Que um homem prudente não entre

---

[1] Manu, IV. 71. "Aquele que quebra argila, ou corta grama, ou morde suas unhas, cairá em ruína rapidamente."

[2] Manu, IV. 130.

[3] Manu, IV. 57.

[4] Manu, IV. 78.

[5] Manu, IV. 45.

em discussão, que ele evite inimizade não lucrativa. Uma perda pequena pode ser suportada; mas ele deve evitar a riqueza que é adquirida por meio de hostilidade.

"Quando um homem se banhou, ele não deve esfregar seus membros com uma toalha nem com suas mãos, nem sacudir seu cabelo, nem enxaguar sua boca antes de ter se erguido. Que, (ao sentar), ele não ponha um pé sobre o outro, nem estire seu pé, na presença de um superior, mas sente com modéstia na postura chamada Virasana (ou sobre seus joelhos). Ele nunca deve passar em volta de um templo à sua esquerda, nem executar a cerimônia de circungirar qualquer objeto venerável na direção inversa. Um homem decente não cuspirá, nem lançará qualquer impureza, em frente à lua, fogo, sol, água, vento, ou alguma pessoa respeitável[6]; nem ele urinará estando de pé, nem na rodovia; ele nunca pisará em cima de muco, excremento, urina, ou sangue; nem a expectoração do muco da garganta [ou nariz] é permissível na hora de comer, oferecer sacrifícios ou oblações, ou repetir orações, ou na presença de uma pessoa respeitável.

"Que um homem não trate mulheres com desrespeito, nem que ele coloque fé total nelas. Que ele não lide impacientemente com elas, nem as coloque acima de assuntos de importância. Um homem que está atento aos deveres de sua posição não sairá de sua casa sem saudar as guirlandas, flores, pedras preciosas, manteiga clarificada, e as pessoas veneráveis nela. Em épocas apropriadas ele saudará respeitosamente os lugares onde quatro estradas se encontram, quando ocupado em oferecer oblações com fogo. Que ele ajude generosamente os virtuosos que são pobres, e reverencie aqueles que são versados nos Vedas. Aquele que é um adorador dos deuses e sábios, que dá bolos e água para os espíritos dos mortos, e que exerce hospitalidade, obtém as regiões mais elevadas depois da morte. Aquele que fala sabiamente, moderadamente, e amavelmente, vai para aqueles mundos que são as fontes inesgotáveis de felicidade. Aquele que é inteligente, modesto, devoto, e que reverencia sabedoria, seus superiores, e os idosos, vai para o céu.

"Nos dias chamados Parvas, em períodos de impureza, em trovão fora de época, e na ocorrência de eclipses ou portentos atmosféricos, um homem sábio deve desistir do estudo dos Vedas[7]. O homem piedoso que suprime raiva e inveja, que é benevolente para todos, e acalma os temores de outros, assegura, como a menor de suas recompensas, alegria em Swarga. Um homem deve carregar um guarda-chuva, como uma defesa contra sol e chuva; ele deve portar um bastão quando ele sai à noite, ou por uma floresta; e ele deve usar sapatos, se ele deseja proteger seu corpo de dano. Conforme ele segue adiante ele não deve olhar para cima, nem em volta dele, nem para longe, mas manter seus olhos no chão até a extensão de um par de jardas.

"O chefe de família que expulsa todas as fontes de imperfeição está em um grande grau desobrigado dos três objetivos ordinários de existência, desejo, riqueza, e virtude; sem pecado entre os pecadores; falando amigavelmente para todos os homens; sua alma inteira se enternecendo com benevolência; a felicidade final está ao seu alcance. A terra é sustentada pela veracidade daqueles que subjugaram suas emoções, e, seguindo práticas íntegras, nunca são contaminados por desejo, cobiça, e ira. Que portanto um homem sábio sempre fale a verdade quando ela for agradável, e quando a verdade infligir dor que ele se mantenha quieto. Que ele não profira aquilo que, embora aceitável, seria prejudicial; pois seria melhor falar o que é salutar, embora

6 Manu, IV. 52.

7 Manu, IV. 101, etc. O legislador é muito mais copioso sobre esse assunto que o autor do Purana.

isso ofendesse muito[8]. Um homem circunspeto sempre cultivará, em ato, pensamento, e palavra, aquilo que é bom para os seres vivos, neste mundo e no próximo[9]." ◄

---

8 Conforme Manu, IV. 538. "Que ele diga o que é verdade, mas que ele diga o que é agradável. Que ele não fale nenhuma verdade desagradável, nem que ele fale falsidade agradável. Essa é uma regra primeva."

9 Que o capítulo precedente concorda em muitos aspectos muito de perto com os conteúdos do quarto livro dos Institutos de Manu, sobre costumes proveitosos e privados, será evidente a partir dos exemplos citados de algumas das passagens paralelas. Vários outros poderiam ter sido aduzidos.

CAPÍTULO 13

De Sraddhas, ou ritos em honra de antepassados, para serem executados em ocasiões de alegria. Cerimônias fúnebres. Do Ekoddishta ou Sraddha mensal, e o Sapindana ou anual. Por quem serem realizados.

Aurva continuou: "O banho de um pai sem se despir é ordenado quando um filho nasce; e ele deve celebrar a cerimônia apropriada para o evento, que é o Sraddha oferecido em ocasiões alegres[1]. Com mente serena, e pensando em nada mais, o brâmane deve oferecer adoração aos deuses e progenitores, e deve circungirar respeitosamente, mantendo brâmanes à sua esquerda, e lhes dar alimento. Permanecendo com sua face para o leste, ele deve oferecer, com a parte da mão sagrada para os deuses e para Prajapati, bolos de comida[2], com coalhos, grãos não moídos, e jujubas; e deve executar, em toda acessão de boa sorte, o rito pelo qual a classe de progenitores chamada Nandimukha é propiciada[3]. Um dono de casa deve

---

[1] As oferendas dos hindus para os Pitris compartilham do caráter daquelas dos romanos aos Lari {protetores do lar} e espíritos dos mortos, mas têm uma parte mais conspícua em seu ritual. Elas realmente são mencionadas por Manu (III. 203), em palavras repetidas no Vayu e Matsya Puranas e Hari Vansa, serem de mais importância que a adoração dos deuses. Essas cerimônias não devem ser consideradas como somente fúnebres; pois independentemente dos ritos dirigidos a um parente recentemente morto, e em conexão com ele a antepassados remotos e aos progenitores de todos os seres, os quais são de um tipo estritamente mortuário ou fúnebre, oferecimentos para antepassados falecidos, e aos Pitris em geral, formam uma cerimônia essencial em uma grande variedade de ocasiões festivas e domésticas. O Nirnaya Sindhu, em uma passagem mencionada pelo sr. Colebrooke (As. Res. VII.), especifica os seguintes Sraddhas: 1. Nitya, ou perpétuo; oferecimentos diários para antepassados em geral; 2. Naimittika, ou ocasional; como o Ekoddishta, ou oferendas fúnebres por causa de um parente recentemente falecido; 3. Kamya, voluntário; executado para a realização de um motivo especial: 4. Vriddhi; executado em ocasiões de alegria ou prosperidade; 5. Sapindana; oferendas para todos os antepassados individuais e gerais; 6. Parvana Sraddha; oferendas para os espíritos dos mortos em certos dias lunares chamados Parvas, ou dia de lua cheia e lua nova, e o oitavo e décimo quarto dias da quinzena lunar; 7. Goshthi; para o benefício de várias pessoas instruídas, ou de uma assembléia de brâmanes, convidados para o propósito; 8. Suddhi; realizado para purificar uma pessoa de alguma violação, um Sraddha expiatório; 9. Karmanga; que faz parte das cerimônias iniciatórias, ou Sanskaras, celebradas na concepção, nascimento, tonsura, etc.; 10. Daiva; para o qual os deuses são convidados; 11. Yatra Sraddha; celebrado por uma pessoa que parte em uma viagem; e, 12. Pushti Sraddha; executado para promover saúde e riqueza. Desses, os quatro que são considerados os mais solenes são o rito realizado em nome de um pai, ou parente próximo, falecido recentemente; aquele que é executado por causa de parentes coletivamente; aquele celebrado em certos dias lunares; e aquele celebrado em ocasiões de alegria. Nirnaya Sindhu, pág. 271.

[2] Manu instrui que os bolos sejam feitos do resto da manteiga clarificada que constitui a oblação prévia para os deuses. III. 215. Kulluka Bhatta explica, no entanto, que a oblação consiste em parte em comida Anna, ou arroz fervido. O último é o artigo no qual os bolos consistem principalmente. Yajnawalkya os instrui a serem feitos de arroz e sementes de gergelim. O Vayu acrescenta a esses dois ingredientes, mel e manteiga; mas vários tipos de frutas, de grãos de leguminosa, e de cereais, e água, olíbano, açúcar, e leite, também são misturados nos Pindas. Seu tamanho também difere; e de acordo com Angiras, como citado por Hemadri no Sraddha Mayukha [cujo autor é Nilakantha], eles podem ser da dimensão da fruta da jujuba, ou do cajá, da fruta da Bel {Aegle marmelos}, ou da maçã do mato, ou do ovo de uma ave. Algumas autoridades ordenam Pindas de um tamanho diferente para Sraddhas diferentes; prescrevendo-os não maiores que a maçã do mato na primeira ou pura cerimônia fúnebre, e tão grande quanto um coco no Sraddha mensal e anual. Na prática o Pinda é normalmente de tal dimensão que ele pode ser segurado convenientemente na mão.

[3] Nós temos aqui a autoridade do texto para classificar os Nandimukhas entre os Pitris (veja a pág. 250, nota 1). O verso é: नान्दीमुखः पितृगणस्तेन श्राद्धेन पार्थिव । प्रीयते तत्तु कर्तव्यं पुरुषैः सर्ववृद्धिषु ॥, e a mesma Gana ou classe é citada agora novamente: नान्दीमुखं पितृगणं पूजयेत्प्रयतो गृही ।. O Mantra do Vriddhi ou Sraddha festivo também é dito, no Nirnaya Sindhu, ser नान्दीमुखेभ्यः पितृभ्यः स्वाहा ।. De acordo com as autoridades, porém, que são citadas naquele trabalho, parece haver alguma incerteza sobre o caráter dos Nandimukhas; e eles são endereçados como Pitris e deuses: sendo no primeiro caso ou os antepassados antes do bisavô, antepassados coletivamente, ou uma certa classe deles; e no último, sendo identificados com os Viswadevas, ou uma classe deles também chamada de Urddhavaktra. O termo Nandimukha também é

adorar os Pitris diligentemente assim chamados, no casamento de um filho ou filha, ao entrar em uma habitação nova, ao dar um nome a um filho, ao executar a tonsura dele e outras cerimônias purificadoras, na amarração do cabelo da mãe durante a gestação, ou ao ver a face de um filho pela primeira vez, ou semelhantes. O Sraddha em tais ocasiões, entretanto, foi aludido brevemente. Ouça agora, ó rei, as regras para a realização de ritos fúnebres.

"Tendo lavado o cadáver com água sagrada, enfeitado-o com guirlandas, e o queimado fora da aldeia, os parentes, tendo tomado banho vestidos, devem ficar de pé com suas faces para o sul, e oferecer libações ao falecido, dirigindo-se a ele pelo nome, e somando, 'onde quer que tu possas estar[4].' Eles então retornam, junto com o gado que vem do pasto, para a aldeia; e após o aparecimento das estrelas se retiram para descansar, dormindo em esteiras esticadas no chão. Diariamente (enquanto o luto dura) um bolo ou bola de comida[5] deve ser colocado no chão, como uma oferenda para o morto; e arroz, sem carne, é para ser comido diariamente. Brâmanes devem ser alimentados durante tantos dias quanto o enlutado quiser, pois a alma do defunto deriva satisfação conforme os parentes dele estão contentes com o entretenimento deles. No primeiro dia, ou o terceiro, ou sétimo, ou nono (depois da morte de uma pessoa), seus parentes devem mudar o vestuário deles, e tomar banho ao ar livre, e oferecer uma libação de água, com sementes de gergelim (tila). No quarto dia[6] as cinzas e ossos devem ser reunidos; depois do que o corpo da pessoa ligada com o falecido por oferendas de bolos fúnebres pode ser tocado (por uma pessoa indiferente), sem incorrer em impureza nisso; e aqueles que são relacionados apenas por oferecimento de água estão qualificados para qualquer ocupação[7]. A primeira classe de parentes pode usar camas, mas eles ainda têm que se abter de unguentos e flores, e devem observar continência, depois que as cinzas e ossos foram coletados (até que o luto termine). Quando o falecido é uma criança, ou alguém que está no estrangeiro, ou que foi degradado, ou um preceptor espiritual, o período de impureza é apenas breve, e as cerimônias com fogo e água são discricionárias. A comida de uma família na qual um parente faleceu não deve ser compartilhada por dez dias[8]; e durante aquele período, doações, aceitação, sacrifício, e estudo sagrado estão suspensos. A duração da impureza para um brâmane é dez dias; para um Kshatriya, doze; para um Vaisya, meio mês; e um mês inteiro para um Sudra[9]. No primeiro dia depois de a impureza cessar, o parente mais próximo do morto deve alimentar brâmanes como lhe aprouver, mas em números ímpares, e oferecer ao falecido um

---

aplicado ao próprio rito, ou ao Vriddhi Sraddha, e a um endereçado aos antepassados maternos. Nirnaya Sindhu, pág. 268, etc.

4 "Uma oblação de água deve ser em seguida oferecida das palmas unidas da mão, citando o falecido e a família da qual ele nasceu, e dizendo, 'Que essa oblação possa te alcançar.'" As. Res. VII. 244. O texto tem यत्र तत्र स्थितायैतदमुकायेति वाग्दिनः ।.

5 O período apropriado de lamento é dez dias, em cada um dos quais oferecimentos de bolos, e libações de água, devem ser feitos ao falecido, aumentando o número de bolos cada dia, de forma que no último dia dez bolos são oferecidos. Quando o período for mais curto, o mesmo número de dez bolos deve ser distribuído entre os vários dias, ou eles podem ser todos oferecidos em um dia. Nirnaya Sindhu, pág. 429.

6 Deveria ser, mais corretamente, naquele dia no qual o luto cessa, ou, como previamente mencionado, o primeiro, terceiro, sétimo, ou nono; mas as autoridades variam, e, além desses, o segundo e quarto dias, e certos dias da quinzena ou mês, são especificados. Nirnaya Sindhu, pág. 432.

7 Eles não estão mais impuros. Os Sapindas, ou aqueles ligados por oferendas de bolos a antepassados comuns, se estendem até sete graus, ascendentes ou descendentes. Os Samanodakas, ou aqueles similarmente ligados por oferendas de água, até quatorze graus.

8 Isto é, um mero convidado ou estranho não deve partilhar dela. A comida ordenada para ser dada aos brâmanes é dada em geral só para os parentes do falecido, que já estão impuros. A esse respeito nosso texto e a prática moderna parecem diferir do sistema primitivo, como descrito por Manu, III. 187. O décimo primeiro ou décimo segundo dia é o limite no qual o Sraddha que coroa o total dos ritos fúnebres é para ser executado, e quando brâmanes serão convidados. Nirnaya Sindhu, pág. 437.

9 O número de Pindas, entretanto, é para cada caso o mesmo, ou dez. Nirnaya Sindhu, pág. 429.

bolo de arroz sobre erva sagrada colocada perto do resíduo do alimento que foi comido. Depois que os convidados foram alimentados, o enlutado, de acordo com sua casta, deve tocar água, uma arma, um aguilhão, ou um bastão, porque ele é purificado por tal contato. Ele pode então retomar os deveres prescritos para sua casta, e seguir a ocupação regular seguida ordinariamente por seus associados.

"O Sraddha ordenado para um indivíduo deve ser repetido no dia da morte dele (em cada mês por um ano)[10], mas sem as preces e ritos executados na primeira ocasião, e sem oferendas para os Viswadevas. Um único bolo de comida deve ser oferecido ao morto, como a purificação de uma pessoa, e brâmanes devem ser alimentados. Os brâmanes serão questionados pelo sacrificador se eles estão satisfeitos; e após seu assentimento, a prece, 'Que isso sempre satisfaça tal pessoa' (o falecido) será recitada.

"Esse é o Sraddha chamado Ekoddishta, que será executado mensalmente até o fim do décimo segundo mês a partir da morte de uma pessoa; no término do qual a cerimônia chamada Sapindana será celebrada. As práticas desse rito são iguais àquelas das exéquias mensais, mas uma purificação será feita com quatro recipientes de água, perfumes, e gergelim: um desses recipientes é considerado como dedicado para o defunto, os outros três para os progenitores em geral; e os conteúdos do primeiro devem ser transferidos para os outros três, pelo que o falecido é incluído na classe de antepassados, a quem adoração será enviada com todas as cerimônias do Sraddha. As pessoas que são competentes para executar os funerais de parentes ligados pelo oferecimento do bolo são o filho, neto, bisneto, um parente [cognato ou distante] do defunto, os descendentes de um irmão, ou a posteridade de alguém ligado por oferendas fúnebres. Na ausência de todos esses, a cerimônia pode ser instituída por aqueles relacionados apenas por oferendas de água, ou aqueles ligados por oferecimentos de bolos ou água a antepassados maternos. Se ambas as famílias na linha masculina forem extintas, os últimos funerais podem ser realizados por mulheres, ou pelos associados do falecido em instituições religiosas ou sociais, ou por alguém que se torna possuidor da propriedade de um parente morto.

"Ritos fúnebres são de três descrições, iniciais, intermediários, e subsequentes[11]. Os primeiros são aqueles que são celebrados depois da queima do cadáver até o toque de água, armas, etc. (ou até a cessação da impureza). As cerimônias intermediárias são os Sraddhas chamados Ekoddishta, que são oferecidos todos os meses, e os ritos subsequentes são aqueles que seguem o Sapindikarana, quando o defunto é admitido entre os antepassados de sua família; e as cerimônias são desde aquele tempo em diante gerais ou ancestrais. O primeiro conjunto de ritos (como essenciais) serão realizados pela família do pai ou mãe, conectados pelo oferecimento do bolo ou de água, pelos associados do defunto, ou pelo príncipe que herda a propriedade dele. O primeiro e o último ritos ambos devem ser executados pelos filhos e outros parentes, e pelos filhos da filha, e os filhos deles; e assim são os sacrifícios no dia da morte da pessoa. A última classe, ou ritos ancestrais, serão realizados anualmente, com as mesmas cerimônias que são ordenadas para os funerais mensais; e eles também podem ser executados por mulheres. Como os direitos ancestrais são portanto muito universais, eu descreverei a você, ó rei, em que épocas, e de que maneira, eles devem ser celebrados." ◄

10 Conforme Manu, III. 251. Pode ser duvidado se o Sraddha mensal era parte do sistema antigo, embora Kulluka Bhatta suponha que ele é referido (v. 548), e supre a omissão imaginada do texto.

11 Purva, 'primeiro;' Madhyama, 'intermediário;' e Uttara, 'último.'

CAPÍTULO 14

De Sraddhas ocasionais, ou cerimônias fúnebres; quando mais eficazes, e em quais lugares.

Aurva prosseguiu: "Que o realizador devoto de uma oblação ancestral propicie Brahma, Indra, Rudra, os Aswins, o sol, fogo, os Vasus, os ventos, os Viswadevas, os sábios, pássaros, homens, animais, répteis, progenitores, e todas as coisas existentes, oferecendo adoração a eles mensalmente, no décimo quinto dia da míngua da lua (ou quinzena escura), ou no oitavo dia do mesmo período em certos meses, ou em estações específicas, como eu explicarei.

"Quando um chefe de família julga que alguma circunstância aconteceu, ou um convidado distinto chegou, por conta do que cerimônias ancestrais são apropriadas, ele deve celebrá-las. Ele deve oferecer um sacrifício voluntário em algum portento atmosférico, nos períodos equinociais e solsticiais, em eclipses do sol e lua, na entrada do sol em um signo zodiacal, em aspectos desfavoráveis dos planetas e asterismos, ao ter sonhos agourentos, e ao comer os grãos da colheita do ano. Os Pitris[1] derivam satisfação por oito anos de oferendas ancestrais no dia de lua nova

---

[1] Nós podemos aqui aproveitar a oportunidade de indagar quem são os Pitris; e, falando de modo geral, eles podem ser chamados de uma raça de seres divinos, habitando regiões celestiais próprias deles, e recebendo em sua sociedade os espíritos daqueles mortais para os quais o rito de companheirismo em bolos fúnebres com eles, o Sapindikarana, foi executado adequadamente. Os Pitris coletivamente, portanto, incluem os antepassados de um homem; mas os membros principais dessa ordem de seres são de uma origem diferente. O Vayu, Matsya, e Padma Puranas, e Hari Vansa, professam dar uma descrição dos Pitris originais. A descrição é praticamente igual, e a maior parte nas mesmas palavras, em tudo. Eles concordam em distinguir os Pitris em sete classes; três das quais são sem forma, ou compostas de substância intelectual, não elementar, e assumindo quais formas lhes agradem; e quatro são corpóreas. Quando eles chegam à enumeração das classes específicas eles diferem um pouco, e as descrições em todos os trabalhos são singularmente imperfeitas. De acordo com uma lenda dada pelo Vayu e o Hari Vansa, os primeiros Pitris eram os filhos dos deuses. Os deuses tendo ofendido Brahma, negligenciando adorá-lo, foram amaldiçoados por ele a se tornarem tolos; mas após o arrependimento deles ele os instruiu a recorrer aos seus filhos por instrução. Aprendendo consequentemente de seus filhos os ritos de expiação e penitência, eles se dirigiram a eles como pais; por isso os filhos dos deuses foram os primeiros Pitris. Assim o Matsya tem: 'Os Pitris nascem nos Manwantaras como os filhos dos deuses.' O Hari Vansa faz os filhos assumirem o caráter de pais, se dirigindo a eles, 'Partam, filhos.' Novamente; o Vayu Purana declara que as sete ordens de Pitris foram originalmente os primeiros deuses, os Vairajas, a quem Brahma, com a visão do Yoga, viu nas esferas eternas, e que são os deuses dos deuses. Novamente; no mesmo trabalho nós temos os Pitris incorpóreos chamados Vairajas, por serem os filhos do Prajapati Viraja. O Matsya concorda com essa última declaração, e acrescenta que os deuses os adoram. O Hari Vansa tem a mesma afirmação, mas distingue mais precisamente os Vairajas como uma classe apenas dos Pitris incorpóreos. O comentador declara o mesmo, citando os três Pitris incorpóreos, Vairajas, Agnishwattas, e Varhishads; e as quatro ordens corpóreas, Sukalas, Angirasas, Suswadhas, e Somapas. Os **Vairajas** são descritos como os pais de Mena, a mãe de Uma. A residência deles é chamada diferentemente de Santanika, Sanatana, e Soma loka. Como a posteridade de Viraja, eles são os Somasads de Manu. As outras classes de Pitris os três Puranas concordam com Manu em representar como os filhos dos patriarcas, e em geral atribuem a eles os mesmos ofícios e posteridade. Eles são os seguintes:

Agnishwattas: Filhos de Marichi, e Pitris dos deuses (Manu, Matsya, Padma), vivendo em Soma-loka, e pais de Achchoda (Matsya, Padma, Hari Vansa). O Vayu lhes faz os residentes de Viraja-loka, filhos de Pulastya, Pitris dos semideuses e demônios, e pais de Pivari; omitindo a próxima ordem de Pitris, aos quais essas circunstâncias se aplicam mais exatamente. O comentador no Hari V. deriva o nome de Agnishu, 'em ou por oblações de fogo', e Atta, 'obtido', 'invocado.'

Varhishads: Filhos de Atri, e Pitris dos demônios (Manu); filhos de Pulastya, Pitris dos demônios, residentes em Vaibhraja, pais de Pivari (Matsya, Padma, Hari V.).

Esses três são os Pitris informes ou incorpóreos.

Somapas: Descendentes de Bhrigu, ou filhos de Kavi com Swadha, a filha de Agni; e Pitris dos brâmanes (Manu e Vayu Purana). O Padma os chama de Ushmapas. O Hari V. os chama de Somapas, a quem ele atribui a mesma descendência que o Vayu, os Pitris dos sudras; e os Sukalas os Pitris dos brâmanes.

quando a estrela da conjunção[2] é Anuradha, Visakha, ou Swati; e por doze anos quando é Pushya, Ardra, ou Punarvasu. Não é fácil para um homem efetuar seu objetivo, se ele deseja adorar os Pitris ou os deuses em um dia de lua nova quando as estrelas são aquelas de Dhanishtha, Purvabhadrapada, ou Satabhisha. Ouça também uma descrição de outra classe de Sraddhas, que fornecem satisfação especial para progenitores, como explicado por Sanatkumara, o filho de Brahma, para o magnânimo Pururavas, quando cheio de fé e devoção pelos Pitris ele indagou como ele poderia agradá-los. O terceiro dia lunar do mês Vaisakha (abril, maio), e o nono de Kartika (outubro, novembro), na quinzena clara; o décimo terceiro de Nabha (julho, agosto), e o décimo quinto de Magha (janeiro, fevereiro), na quinzena escura; são chamados por professores antigos de os aniversários do primeiro dia de um Yuga, ou era (Yugadya), e são considerados mais sagrados. Nesses dias, água misturada com sementes de gergelim deve ser oferecida regularmente aos progenitores da humanidade; como também em todo eclipse solar e lunar; nas oitavas lunações das quinzenas escuras de Agrahayana, Magha, e Phalguna (dezembro - fevereiro); nos dois dias que começam os solstícios, quando as noites e dias começam a diminuir alternadamente; naqueles dias que são os aniversários do início dos Manwantaras; quando o sol está no caminho de Capricórnio; e em todas as ocorrências de fenômenos meteóricos. Um Sraddha nesses momentos contenta os Pitris por mil anos: tal é o segredo que eles comunicaram. O décimo quinto dia da metade escura do mês Magha, quando unido com a conjunção do asterismo sobre o qual Varuna preside (Satabhisha), é uma época de grande santidade, quando oferendas são especialmente agradáveis para os progenitores. Comida e água oferecidas por homens que são de famílias respeitáveis, quando o asterismo Dhanishtha é combinado com o dia de lua nova, satisfazem os Pitris por dez mil anos; enquanto eles repousam por uma era inteira quando satisfeitos por oferendas feitas no dia de lua nova quando Ardra é a mansão lunar.

"Aquele que, depois de ter oferecido alimento e libações aos Pitris, se banha no Ganges, Satlaj, Vipasa (Beyah), Saraswati, ou no Gomati em Naimisha, expia todos os seus pecados. Os Pitris também dizem, 'Depois de ter recebido satisfação por um ano, nós derivaremos satisfação adicional por libações oferecidas por nossos descendentes

---

Havishmantas: Na esfera solar, filhos de Angiras, e Pitris dos kshatriyas (Manu, Vayu, Matsya, Padma, Hari Vansa).

Ajyapas: Filhos de Kardama, Pitris dos vaisyas, no Kamaduha-loka (Manu, etc.); mas o legislador os chama os filhos de Pulastya. Os Pitris dos vaisyas são chamados de Kavyas no Nandi Upapurana; e no Hari Vansa e seu comentário eles são chamados de Suswadhas, filhos de Kardama, descendente de Pulaha.

Sukalins: Filhos de Vasishtha, e Pitris dos Sudras (Manu e Vayu Purana). Eles não são mencionados no Padma. O Matsya insere o nome e descendência, mas os especifica como entre os Pitris incorpóreos. Pode ser suspeitado que a passagem está corrompida. O Hari Vansa faz dos Sukalas filhos de Vasishtha, os Pitris dos brâmanes, e dá o título de Somapas aos Pitris dos sudras. Em geral esse trabalho segue o Vayu; mas com omissões e transposições, como se ele tivesse mutilado seu original descuidadamente.

Além desses Pitris ou progenitores, outros seres divinos às vezes são feitos adotarem um caráter semelhante; assim Manu diz, "Os sábios chamam nossos pais de Vasus; nossos avôs paternos, Rudras; nossos bisavôs paternos, Adityas; em conformidade com um texto dos Vedas." Isto é, esses seres divinos devem ser pensados junto com, e como não distintos de, progenitores. Hemadri cita o Nandi Upapurana para uma prática diferente, e mostra Vishnu como identificado com o pai, Brahma com o avô, e Shiva com o bisavô. Isso, no entanto, é inovação Saiva. Os Vaishnavas indicam que Aniruddha deve ser considerado como a própria pessoa, e Pradyumna, Sankarshana, e Vasudeva como os três antepassados. Novamente, eles são identificados com Varuna, Prajapatya, e Agni; ou, também, com meses, estações, e anos. Nirnaya Sindhu, pág. 284. Pode ser duvidado até que ponto qualquer um desses representa corretamente as noções originais inculcadas pelos textos dos Vedas, dos quais, nos detalhes mais essenciais, eles são derivados.

[2] Quando a Yogatara, ou estrela principal vista, é a estrela ou estrelas principais desses asterismos ou mansões lunares respectivamente. Veja a lista dada pelo sr. Colebrooke: As. Res. IX. pág. 346. As primeiras três mencionadas no texto são estrelas em Escorpião, Libra, e Boieiro (Arcturo); as segundas três são estrelas em Câncer, Gêmeos, e Orion, e as terceiras são estrelas em Golfinho (Delphinus), Pegasus, e Aquário.

em algum lugar de peregrinação, no término da quinzena escura de Magha.' As canções dos Pitris conferem pureza de coração, integridade de riqueza, estações prósperas, ritos perfeitos, e fé devota; tudo o que os homens podem desejar. Ouça os versos que constituem aquelas canções, por escutar às quais todas essas vantagens serão asseguradas, ó príncipe, por você. 'Aquele indivíduo iluminado que não concede sua riqueza com relutância, mas nos presenteia com bolos, nascerá em uma família distinta. Próspero e opulento sempre será aquele homem que, em nossa honra, dá aos brâmanes, se ele é rico, jóias, roupas, terra, transportes, riqueza, ou qualquer presente valioso; ou que, com fé e humildade, os entretém com comida, de acordo com seus recursos, em épocas apropriadas. Se ele não pode dispor de economias para dar a eles alimento preparado, ele deve, em proporção à sua habilidade, presentá-los com grãos não cozidos, ou presentes, embora insignificantes, que ele possa dar. Se ele for totalmente incapaz de fazer até mesmo isso, ele deve dar para algum brâmane eminente, se curvando ao mesmo tempo diante dele, sementes de gergelim que aderem às pontas dos seus dedos, e borrifar água para nós, das palmas de suas mãos, no chão; ou ele deve juntar, como ele puder, forragem durante um dia, e dá-la a uma vaca; pelo que ele irá, se firme na fé, nos conceder satisfação. Se nada desse tipo for praticável, ele deve ir para uma floresta, e erguer seus braços para o sol e outros regentes das esferas, e dizer em voz alta: ‘Eu não tenho dinheiro, nem propriedade, nem grãos, nem nada para uma oferenda ancestral. Reverenciando então meus antepassados, eu espero que os progenitores sejam satisfeitos com esses braços agitados no ar em devoção.' Essas são as palavras dos próprios Pitris; e aquele que se esforça, com os meios que ele possa ter, para realizar os desejos deles, executa o rito ancestral chamado Sraddha." ◄

CAPÍTULO 15

Quais brâmanes devem ser entretidos em Sraddhas. Diferentes orações para serem recitadas. Oferendas de alimento para serem apresentadas para antepassados falecidos.

Aurva prosseguiu: "Ouça em seguida, ó príncipe, que tipo de brâmane deve ser alimentado em cerimônias ancestrais. Ele deve ser um versado em vários trios do Rich e Yajur Vedas[1]; um que é familiarizado com as seis ciências adicionais dos Vedas[2]; um que compreende os Vedas; um que pratica os deveres que eles ordenam[3]; um que pratica penitência; um cantor do Sama-veda principal[4], um sacerdote oficiante, um filho de uma irmã, um filho de uma filha, um genro, um sogro, um tio materno, um asceta, um brâmane que mantém os cinco fogos, um aluno, um parente; um que reverencia seus pais. Um homem deve empregar primeiro os brâmanes especificados antes no rito fúnebre principal; e os outros (começando com o sacerdote ministrante) nas cerimônias secundárias instituídas para satisfazer seus antepassados.

"Um falso amigo, um homem com unhas feias ou dentes pretos, um violador, um brâmane que negligencia o serviço de fogo e estudo sagrado, um vendedor da planta Soma, um homem acusado de algum crime, um ladrão, um caluniador, um brâmane que administra cerimônias religiosas para o vulgar; um que instrui seu criado em escrito sagrado, ou é instruído nele por seu criado; o marido de uma mulher que foi antigamente noiva de outro; um homem que é desobediente aos pais dele; o protetor do marido de uma mulher da casta servil, ou o marido de uma mulher da casta servil; e um brâmane que oficia para ídolos - não são pessoas adequadas para serem convidadas para uma oferenda ancestral[5]. No primeiro dia que um homem judicioso convide professores eminentes dos Vedas, e outros brâmanes; e de acordo com as instruções deles determine o que será dedicado aos deuses, e o que aos Pitris. Associado com os brâmanes, que o instituidor de um rito fúnebre se abstenha de raiva e incontinência. Aquele que, tendo comido em um Sraddha, e alimentado brâmanes, e os designado para seus ofícios sagrados, é culpado de incontinência, por meio disso condena seus progenitores a sofrimento vergonhoso. Em primeiro lugar, os brâmanes antes descritos devem ser convidados; mas aqueles homens santos que chegam na casa sem um convite também devem ser entretidos. Os convidados devem ser

---

[1] Os brâmanes aqui especificados são chamados Trinachiketa, Trimadhu, e Trisuparna; e são assim denominados, segundo o comentador, por causa de partes específicas dos Vedas. O primeiro é chamado dessa maneira por estudar ou recitar três Anuvakas da seção Kathaka do Yajur-veda, começando com a palavra Trinachiketa; o segundo, por causa de três Anuvakas do mesmo Veda, que começa Madhuvata, etc.; e o terceiro, de uma parte semelhante, que começa Brahmavan namami. As primeiras e terceiras expressões ocorrem em Manu, III. 185; e Kulluka Bhatta explica que Trinachiketa significa uma parte do Yajur-veda, e o brâmane que a estuda; e Trisuparna, uma parte do Rich, e o brâmane que é familiarizado com ela. O Nirnaya Sindhu explica os termos de maneira semelhante, mas chamada o Trisuparna, como também as preces Trinachiketa, de partes do Yajush. O Trimadhu ele atribui ao Rich. Outras explicações também são dadas para os termos Trinachiketa e Trisuparna: o primeiro sendo explicado um brâmane que executa três vezes a cerimônia chamada Chayana; e o último, um que, após as sete gerações ascendentes, adora os Pitris chamados Somapas. Essas explicações são entretanto consideradas menos corretas que as precedentes, e que são apresentadas desse modo na autoridade citada: त्रिणाचिकेतस्त्रिसुपर्णौ यजुर्वेदैकदेशौ तद्व्रतेन तदध्यायिनौ। .... त्रिमधु ऋग्वेदैकदेशस्तदध्यायी।.

[2] Para os seis Angas, veja a página 240.

[3] Dessa forma o comentador distingue o Vedavit, o brâmane que entende o significado do texto dos Vedas, do Srotriya, que pratica os ritos que ele estuda.

[4] Partes do Saman contidas no Aranyaka são chamadas de Jyeshtha, Saman 'mais antigo' ou 'principal'.

[5] Manu, III. 150, etc.

recebidos reverentemente com água para seus pés, etc.; e o anfitrião, segurando erva sagrada em sua mão, deve colocá-los, depois de eles enxaguarem suas bocas, em assentos. Um número ímpar de brâmanes será convidado em sacrifícios para os espíritos dos mortos; um número par ou ímpar naqueles oferecidos para os deuses; ou somente um em cada ocasião[6].

"Então que o chefe de família, inspirado por fé religiosa, ofereça oblações ao avô materno, junto com a adoração dos Viswadevas[7], ou a cerimônia chamada Vaiswadeva, que compreende oferendas para antepassados paternos e maternos, e para ancestrais em geral. Que ele alimente os brâmanes que são atribuídos aos deuses, e aos antepassados maternos, com suas faces para o norte; e aqueles reservados para os antepassados paternos, e antepassados em geral, com suas faces para o leste. Alguns dizem que os comestíveis do Sraddha deveriam ser mantidos separados para esses dois grupos de antepassados, mas outros afirmam que eles devem ser alimentados com a mesma comida, ao mesmo tempo. Tendo esparramado grama Kusa para assentos, e oferecido libações de acordo com a regra, que o homem sensato invoque as divindades, com o consentimento dos brâmanes que estão presentes[8]. Que o homem que é familiarizado com o ritual ofereça uma libação para os deuses com água e cevada, tendo apresentado a eles flores, perfumes, e incenso. Que ele ofereça o mesmo aos Pitris, colocados na sua esquerda; e com o consentimento dos brâmanes, tendo primeiro fornecido assentos de erva Kusa dobrados, que ele invoque com as orações usuais os espíritos dos mortos para a cerimônia, oferecendo uma libação, em sua mão esquerda, de água e gergelim. Ele irá então, com a permissão dos brâmanes, dar comida para algum convidado que chega na ocasião, ou que está desejoso de comer, ou que está passando pela estrada; pois santos e ascetas divinos, benfeitores da humanidade, estão passando por esta terra, disfarçados em várias formas[9]. Por causa disso que um homem prudente receba com alegria uma pessoa que chega em tal momento; pois desatenção para um convidado frustra as consequências de um oferecimento ancestral.

"O sacrificador deve então oferecer comida, sem sal ou tempero, ao fogo[10], três vezes diversas, com o consentimento dos brâmanes assistentes; exclamando primeiro, 'Ao fogo, o veículo das oblações; aos espíritos dos mortos! Swaha!' Endereçando em seguida a oblação a Soma, o senhor dos progenitores; e dando a terceira a Vaivaswata. Ele deve então colocar muito pouco do resíduo da oblação nos pratos dos brâmanes; e logo, presenteando-os com iguarias selecionadas, bem

---

[6] Como dois ou cinco em uma cerimônia dedicada aos deuses; três no culto dos Pitris. Nirnaya Sindhu, pág. 311.

[7] A adoração dos Viswadevas (página 264) forma uma parte dos Sraddhas gerais, e dos sacrifícios diários do dono de casa. De acordo com o Vayu, esse foi um privilégio conferido a eles por Brahma e os Pitris, como uma recompensa por austeridades religiosas praticadas por eles no Himalaia. A introdução deles como uma classe específica parece ter se originado no costume de sacrificar aos deuses coletivamente, ou para todos os deuses, como o nome Viswadevas implica. Eles aparecem, no entanto, como uma classe distinta nos Vedas, e sua adoção desse caráter é portanto de data antiga. A oferenda diária para eles é citada por Manu, III. 90, 172; e oferendas para 'os deuses' também são ordenadas no começo e fim de um Sraddha. Kulluka Bhatta entende aqui os Viswadevas, e provavelmente é assim; mas em outro verso divindades diferentes são especificadas: "Tendo primeiramente satisfeito Agni, Soma, Yama, com manteiga clarificada, que ele prossiga para satisfazer os espíritos dos progenitores dele." v. 211. Manu também ordena que eles sejam adorados primeiro e último em ordem. Veja As. Res. VII. 265, 271, etc.

[8] O texto é 'com o consentimento *deles*;' mas nenhum substantivo se encontra na oração com o qual o parente está conectado. Isso deve significar os brâmanes, no entanto, como nesta passagem de Vriddha Parasara; 'Que o sacrificador coloque sua mão esquerda no joelho direito do brâmane, e diga, "Eu devo invocar os Viswadevas?" e sendo desejado invocá-los, que ele se dirija a eles com os dois Mantras, "Viswadevas, ele chegou! Viswadevas, ouçam-no!"'

[9] Essa noção ocorre mais de uma vez no Vayu, quase nas mesmas palavras.

[10] Isso coloca as oblações iniciatórias mencionadas por Manu (veja nota 7) depois das oferendas para os Viswadevas.

preparadas e temperadas, e abundantes, ele deve lhes pedir polidamente para partilharem disso à vontade. Os brâmanes devem comer de tal comida atenciosamente, em silêncio, com semblantes alegres, e comodamente. O sacrificador deve dá-la a eles, não rudemente, nem apressadamente, mas com fé sincera.

"Tendo recitado em seguida a prece para a derrota de espíritos malignos[11], e espalhado sementes de gergelim no chão, os brâmanes que foram alimentados devem ser endereçados, em comum com os antepassados do sacrificador, desta maneira: 'Que meu pai, avô, e bisavô, nas pessoas desses brâmanes, recebam satisfação! Que meu pai, avô, e bisavô derivem nutrição dessas oblações para o fogo! Que meu pai, avô, e bisavô derivem satisfação dos bolos de comida colocados por mim no chão! Que meu pai, avô, e bisavô fiquem contentes com o que eu ofereci hoje a eles em fé! Que meu avô materno, o pai dele, e o pai dele, também desfrutem de contentamento por meus oferecimentos! Que todos os deuses sintam satisfação, e todos os seres maus pereçam! Que o senhor do sacrifício, a divindade imperecível, Hari, seja o aceitante de todas as oblações feitas para os espíritos dos mortos ou aos deuses! E que todos os espíritos malignos, e inimigos das divindades, afastem-se do rito.'

"Quando os brâmanes comeram suficientemente, o adorador deve espalhar um pouco da comida no chão, e presenteá-los individualmente com água para lavar suas bocas; então, com a concordância deles, ele pode colocar no chão bolos feitos de arroz cozido e condimentos, junto com sementes de gergelim. Com a parte de sua mão sagrada para os espíritos dos mortoa ele deve oferecer sementes de gergelim, e água de suas palmas unidas; e com a mesma parte de sua mão ele deve oferecer bolos para seus antepassados maternos. Ele deve, em lugares solitários, naturalmente belos, e ao lado de rios sagrados, fazer doações diligentemente (para os espíritos e os brâmanes)[12]. Sobre erva Kusa, as pontas da qual estão apontadas para o sul, e colocada perto dos fragmentos da carne, que o chefe de família ofereça o primeiro bolo de comida, consagrado com flores e incenso, para seu pai; o segundo para seu avô; e o terceiro para seu bisavô; e que ele satisfaça aqueles que são satisfeitos com as esfregadelas de sua mão, por esfregá-la com as raízes de erva Kusa[13]. Depois de oferecer bolos de alimento para seus antepassados maternos da mesma maneira, acompanhados por perfumes e incenso, ele deve dar água para os brâmanes principais enxaguarem suas bocas; e então, com atenção e devoção, ele deve dar presentes para os brâmanes, de acordo com seu poder, solicitando as bênçãos deles, acompanhadas com a exclamação 'Swadha[14]!' Tendo feito presentes aos brâmanes, ele mesmo deve se dirigir aos deuses, dizendo, 'Que aqueles que são os Viswadevas estejam satisfeitos com essa oblação!' Tendo dito isso, e as bênçãos a serem solicitadas tendo sido concedidas pelos brâmanes, ele deve despedir os antepassados paternos primeiro, e então os deuses. A ordem é a mesma com os antepassados maternos e os deuses em relação a alimento, doação, e demissão. Começando com a lavagem dos pés, até a despedida dos deuses e brâmanes, as cerimônias serão executadas primeiro para antepassados paternos, e então para antepassados no lado da mãe. Que ele despeça os brâmanes com palavras bondosas e respeito profundo, e os acompanhe ao término do Sraddha; até permitido por eles retornar. O homem sábio realizará o culto invariável dos Viswadevas então, e fará a sua própria refeição junto com seus amigos, seus parentes, e seus dependantes.

---

11 O Rakshoghna Mantra: o apagar de um lâmpada, acesa para evitar espíritos maus, que é acompanhado por um Mantra ou oração. As. Res. VII. 274.

12 Parte dessa passagem está nas palavras de Manu, III. 207. Ela é omitida no manuscrito na letra bengali.

13 Manu, III. 296.

14 "Então que os brâmanes se dirijam a ele, dizendo, 'Swadha!' Pois em todas as cerimônias relativas a antepassados falecidos, a palavra Swadha é a bênção mais alta." Manu, III. 252.

"Dessa maneira um chefe de família iluminado celebrará o culto fúnebre de seus antepassados paternos e maternos, que, satisfeitos por suas oferendas, concederão a ele todos os seus desejos. Três coisas são consideradas puras em exéquias, o filho de uma filha, uma manta Nepal, e sementes de gergelim[15]; e a doação, ou citação, ou visão de prata também é propícia[16]. A pessoa que oferece um Sraddha deve evitar raiva, caminhar por todos os lados, e pressa; essas três coisas são muito censuráveis. Os Viswadevas, e os antepassados paternos e maternos, e os membros vivos da família de um homem são todos nutridos pelo oferecedor de oblações ancestrais.

"A classe de Pitris deriva sustento da lua, e a lua é sustentada por atos de devoção austera. Consequentemente a nomeação de alguém que pratica austeridades é muito desejável. Um iogue colocado diante de mil brâmanes capacita o instituidor de ritos fúnebres a desfrutar de todos os seus desejos[17]." ◄

---

[15] Nós temos aqui as palavras de Manu; III. 235. Três coisas são consideradas puras em tais exéquias, o filho da filha, a manta Nepal, e semente de gergelim.' A tradução de Sir Wm. Jones desses termos se apóia na explicação de Kulluka Bhatta desse e do verso precedente; 'Que ele dê ao filho de sua filha, embora um estudante religioso, comida em um Sraddha, e a manta para um assento.' O comentador em nosso texto diz que alguns entendem por Dauhitra, manteiga clarificada feita do leite de uma vaca alimentada com grama coletada no dia de lua nova; e alguns explicam que isso é um prato ou tigela de chifre de búfalo. Kutapa ele interpreta por Ashtama Muhurtta, a oitava hora do dia, ou um pouco depois do meio-dia, embora ele admita que alguns o traduzem uma manta feita da lã de cabra. Essas explicações também são citadas no Nirnaya Sindhu, pág. 302; e, é dito que Kutapa significa oito coisas na autoridade do Matsya Purana; que consomem igualmente (Tapa) todo o pecado (Ku), ou meio-dia, um recipiente de chifre de rinoceronte, uma manta Nepal, prata, erva sagrada, gergelim, vacas, e o filho de uma filha.

[16] Assim o Matsya Purana tem 'a doação, visão, e nome da prata são desejados.' A noção se origina com Manu, III. 202.

[17] A mesma doutrina é inculcada pelo Vayu Purana; mas isso parece ser uma inovação purânica, pois Manu coloca o brâmane concentrado em conhecimento escritural e em devoção austera em um nível, e não faz nenhuma menção do iogue. III, 134.

CAPÍTULO 16

Coisas apropriadas para serem oferecidas como alimento para ancestrais falecidos; coisas proibidas. Circunstâncias que arruínam um Sraddha; como serem evitadas. Canção dos Pitris, ou progenitores, ouvida por Ikshwaku.

Aurva continuou: "Os antepassados são satisfeitos por um mês com oferendas de arroz ou outro cereal, com manteiga clarificada[1], com peixe, ou a carne da lebre, de aves, do porco, a cabra, o antílope, o cervo, o gayal {bisão indiano}, ou a ovelha, ou com o leite da vaca, e seus produtos[2]. Eles são satisfeitos para sempre com carne (em geral), e com aquela da cabra branca de orelha longa em particular. A carne do rinoceronte, a erva Kalasaka, e mel, também são fontes especiais de satisfação para aqueles adorados em cerimônias ancestrais. É a ocasião de satisfação para seus progenitores o nascimento daquele homem que realiza no momento devido os ritos fúnebres deles em Gaya. Grãos que brotam espontaneamente, arroz selvagem, painço de ambas as espécies (branco ou preto), vegetais que crescem em florestas, são adequados para oblações ancestrais; como é cevada, trigo, arroz, gergelim, vários tipos de grãos de leguminosa, e mostarda. Por outro lado, um dono de casa não deve oferecer qualquer tipo de grão que não é consagrado por cerimônias religiosas em sua primeira chegada na estação; nem o grão chamado Rajamasha, nem milho miúdo, nem lentilhas, nem cabaços, nem alho, nem cebolas, nem erva-moura, nem espinho de camelo {acácia erioloba}, nem sal, nem a eflorescência de desertos salgados, nem extratos vegetais vermelhos, nem alguma coisa que pareça com sal, nem alguma coisa que não é recomendável; nem é adequada para ser oferecida em um Sraddha água que foi trazida de noite, ou que foi abandonada, ou que é tão pouca que não satisfaz uma vaca, ou cheira mal, ou está coberta com espuma. O leite de animais com cascos não divididos, de um camelo, uma ovelha, um cervo, ou um búfalo, é impróprio para oblações ancestrais. Se um rito fúnebre é observado por um eunuco, um homem expulso da sociedade, um pária, um herege, um homem bêbado, ou alguém doente, por um galo, um asceta nu[3], um macaco, um porco de aldeia, por uma mulher em seus cursos ou grávida, por uma pessoa impura, ou por um carregador de cadáveres, nem deuses nem progenitores partilharão do alimento. A cerimônia deve portanto ser executada em um local cuidadosamente cercado. Que o realizador jogue gergelim no chão, e afugente espíritos malignos. Que ele não dê comida que está fétida, ou corrompida por cabelos ou insetos, ou misturada com mingau ácido, ou passada. Qualquer alimento adequado que é oferecido com fé pura, e com a enunciação de nome e família, para antepassados, em uma oblação fúnebre, se torna alimento para eles (ou lhes dá nutrição). Nos tempos antigos, ó rei da terra, esta canção dos Pitris foi ouvida por Ikshwaku, o filho de Manu, nos bosques de Kalapa (nas margens das montanhas Himalaia): 'Seguirão um caminho honrado aqueles de nossos descendentes que nos presentearem reverentemente com bolos em Gaya. Que possa nascer em nossa linhagem aquele que nos dará, no décimo terceiro de Bhadrapada e Magha, leite, mel, e manteiga clarificada; ou quando ele se casa com

---

[1] Veja Manu, III. 266, etc. Os artigos são praticamente iguais; os períodos de satisfação variam um pouco.

[2] A expressão Gavya significa tudo o que é derivado de uma vaca, mas no texto é associada com 'carne;' e, como observa o comentador, alguns consideram que a carne da vaca é indicada aqui. Mas isso, ele acrescenta, se refere a outras eras. Na era Kali ou atual ela significa leite e preparações de leite, O sacrifício de uma vaca ou bezerro formava parte do Sraddha antigo. Isso então tornou-se simbólico, ou um touro era libertado, em vez de ser morto; e isso ainda é praticado, em algumas ocasiões. Em Manu, o termo Gavya é juntado com outros, que limitam sua aplicação: 'Um ano inteiro com o leite de vacas, e alimento feito daquele leite.' III. 272.

[3] Nagna é literalmente 'nu', mas, como explicado no capítulo seguinte, significa mendicante jaina. Nenhuma pessoa semelhante é incluída por Manu (III. 239, etc.) entre aqueles que maculam um Sraddha por olharem para ele. O Vayu contém a mesma proibição.

uma moça, ou libera um touro preto[4], ou realiza alguma cerimônia doméstica de acordo com a regra, acompanhada por doações para os brâmanes[5]!" ◄

---

4 Nila vrisha; mas esse animal não é completamente ou sempre preto. No Brahma Purana, como citado no Nirnaya Sindhu, é dito que é de uma cor vermelha, com cara e rabo claros, e cascos e chifres brancos; ou um touro branco, com cara preta, etc.; ou um touro preto, com cara, rabo, e pés brancos.

5 Descrições muito completas do Sraddha ocorrem em quase todos os Puranas, especialmente no Vayu, Kurma, Markandeya, Vamana, e Garuda. O Matsya e Padma (Srishthi Khanda) contêm descrições que são muito semelhantes àquelas do Vayu. As descrições do Brahma, Agni, e Varaha são menos completas e regulares que em alguns dos outros; e em nenhum deles o assunto é tão completamente e claramente tratado como em nosso texto. Para informação satisfatória, porém, o Sraddha Mayukha e o Nirnaya Sindhu devem ser consultados.

CAPÍTULO 17

De hereges, ou aqueles que rejeitam a autoridade dos Vedas; sua origem, como descrita por Vasishtha para Bhishma; os deuses, derrotados pelos Daityas, louvam Vishnu; um ser ilusório, ou Buda, produzido do corpo dele.

Parasara: 'Dessa maneira, nos tempos antigos, o santo Aurva falou para o monarca ilustre Sagara, quando ele indagou a respeito dos costumes apropriados para serem praticados pela humanidade; e assim eu expliquei a você o todo daquelas observâncias contra as quais ninguém deveria transgredir.

Maitreya: 'Você me falou, senhor venerável, que um rito ancestral não deve ser olhado por certas pessoas, entre as quais você mencionou as que eram apóstatas. Eu desejo ser informado a quem você se referiu por aquele nome; quais práticas dão tal nome a um homem; e qual é o caráter do indivíduo a quem você aludiu.

Parasara: 'O Rig, Yajur, e Sama Vedas constituem a cobertura tripla das várias castas, e é dito que o pecador que a lança fora está nu (ou é apóstata). Os três Vedas são o vestuário de todas as ordens de homens, e quando ele é descartado eles são deixados nus[1]. Sobre esse assunto ouça o que eu ouvi meu avô, o piedoso Vasishtha, dizer para o magnânimo Bhishma:

Houve antigamente uma batalha entre os deuses e demônios, pelo período de um ano divino, no qual os deuses foram derrotados pelos demônios sob o comando de Hrada[2]. As divindades derrotadas fugiram para a costa norte do oceano lácteo, onde, se dedicando à penitência religiosa eles rezaram a Vishnu desta maneira: "Que o primeiro dos seres, o divino Vishnu, fique satisfeito com as palavras que nós estamos prestes a dirigir a ele, para propiciar o senhor de todos os mundos; de qual causa poderosa todas as coisas criadas se originaram, e em quem elas se dissolverão novamente! Quem é capaz de declarar seu louvor? Nós, que fomos humilhados pelo triunfo de nossos inimigos, glorificaremos a ti, embora teu poder e força verdadeiros não estejam dentro do alcance de palavras. Tu és terra, água, fogo, ar, éter, mente [Antahkarana], matéria bruta [Pradhdna], e alma primeva: toda essa criação elementar, com ou sem forma visível, é teu corpo; tudo, de Brahma a um tronco, diversificado por tempo e lugar. Glória a ti, que és Brahma, tua primeira forma, evoluído do loto que surge do teu umbigo, com a finalidade de criação. Glória a ti que és Indra, o sol, Rudra, os Vasus, fogo, os ventos, e até nós mesmos também. Glória a eles, Govinda, que és todos os demônios, cuja essência é arrogância e falta de discriminação, irreprimidos por paciência ou autocontrole. Glória a ti, que és os Yakshas, cuja natureza é encantada com sons, e em cujos corações frívolos o conhecimento perfeito não pode penetrar. Glória a ti, que és todos os demônios que caminham à noite, nascidos da qualidade de escuridão, ferozes, fraudulentos, e cruéis. Glória a ti, Janarddana, que és aquela devoção que é o instrumento de recompensar as virtudes

---

1 Essa idéia é expressa quase nas mesmas palavras no Vayu Purana: 'Os três Vedas são a cobertura de todos os seres, e aqueles que se livram dela por ilusão são chamados de Nagnas, nus.' A noção provavelmente não é original com nenhum dos Puranas, e o sentido metafórico do termo não é aquele no qual ele foi empregado inicialmente; ascetas, sendo da ordem Bauddha ou da Digambara de Jainas, sendo literalmente Nagnas, ou andando nus. A aplicação modificada dele foi tornada necessária pela mesma prática ser familiar para ascetas da fé ortodoxa. Andar nu não era necessariamente um sinal de um herege, e portando a nudez dele foi julgada ser a rejeição do vestuário da escritura sagrada. Assim o Vayu Purana estende a palavra a todos os ascetas, incluindo brâmanes nus, que praticam austeridades em vão, isto é, de modo herege ou hipócrita: 'O brâmane que porta um bastão inutilmente, raspa sua cabeça, anda nu, faz um voto, ou murmura orações, todas as tais pessoas são chamadas de Nagnas, etc.'

2 Um filho de Hiranyakasipu (página 136) {Hlada}.

daqueles que residem no céu. Glória a ti que és uno com os santos, cuja natureza perfeita é sempre bem-aventurada, e atravessas desimpedido todos os elementos permeáveis. Glória a ti que és uno com a raça de serpentes, de língua dupla, impetuosa, cruel, insaciável por prazer, e cheia de riqueza. Glória a ti que és uno com os Rishis, cuja natureza é livre de pecado ou defeito, e és identificado com sabedoria e tranquilidade. Glória a ti, que tens olhos de loto, que és uno com o tempo, a forma que devora, sem remorso, todas as coisas criadas no término do Kalpa. Glória a ti que és Rudra, o ser que dança com alegria depois que ele consumiu todas as coisas, os deuses e o resto, sem distinção. Glória a ti, Janarddana, que és homem, o agente em desenvolver os resultados daquela atividade que procede da qualidade de impureza. Glória a ti, que és animais irracionais, o espírito universal que tende à perversidade, que procede da qualidade de escuridão, e é sobrecarregado com os vinte e oito tipos de obstruções[3]. Glória a ti, que és aquele espírito essencial que é diversificado no mundo vegetal, e o qual, como a essência do sacrifício, é o instrumento de realizar a perfeição do universo. Glória a ti que és tudo, e cuja forma primeva é os objetos de percepção, e céu, e animais, e homens, e deuses. Glória a ti que és a causa das causas, o espírito supremo; que és distinto de nós e todos os seres compostos de inteligência e matéria e semelhantes, e com cuja natureza primeva não há nada que possa ser comparado. Nós nos curvamos a ti, ó senhor, que não tens cor, nem extensão, nem volume, nem quaisquer qualidades atribuíveis; e cuja essência, mais pura das puras, é apreciável somente por sábios santos. Nós nos curvamos a ti, na natureza de Brahma, natural, imperecível; que estás em nossos corpos, e em todos os outros corpos, e em todas as criaturas vivas; e além de quem não há nada mais. Nós glorificamos aquele Vasudeva, o senhor soberano de tudo, que é sem mácula, a semente de todas as coisas, livre de dissolução, não nascido, eterno, sendo em essência a condição suprema de espírito, e em substância o todo deste universo."

Após a conclusão de suas preces, os deuses viram a divindade soberana Hari, armado com a concha, o disco, e a maça, montado em Garuda. Prostrando-se diante dele, eles se dirigiram a ele, e disseram, "Tenha compaixão por nós, ó senhor, e proteja a nós que viemos em busca de ajuda por causa dos Daityas. Eles se apoderaram dos três mundos, e se apropriaram das oferendas que são nossa porção, cuidando para não desobedecer os preceitos do Veda. Embora nós, assim como eles, sejamos partes de ti, de quem todos os seres consistem, contudo nós vemos o mundo afetado pela ignorância de unidade, com a convicção de sua existência separada. Empenhados nos deveres de suas respectivas ordens, e seguindo os caminhos prescritos pela escritura sagrada, praticando também penitência religiosa, é impossível nós os destruirmos. Tu, cuja sabedoria é imensurável, nos instrua em algum esquema pelo qual nós possamos exterminar os inimigos dos deuses."

Quando o poderoso Vishnu ouviu o pedido deles, ele emitiu de seu corpo uma forma ilusória, que ele deu aos deuses, e falou dessa maneira: "Essa visão enganosa iludirá os Daityas completamente, de modo que, sendo desviados do caminho dos Vedas, eles possam ser executados; pois todos os deuses, demônios, ou outros, que forem contrários à autoridade do Veda, perecerão por meu poder, aplicado para a preservação do mundo. Vão então, e não temam, que essa visão ilusória os preceda; ela será hoje de grande utilidade para vocês, ó deuses!" ◄

[3] Ver página 83, n. 5.

CAPÍTULO 18

Buda vai para a terra, e ensina os Daityas a menosprezarem os Vedas; as doutrinas céticas dele; sua proibição de sacrifícios animais. Significado do termo Bauddha. Jainas e Bauddhas; suas doutrinas. Os Daityas perdem seu poder, e são superados pelos deuses. Significado do termo Nagna. Consequências de negligência do dever. História de Satadhanu e sua esposa Saivya. Comunhão com hereges deve ser evitada.

Parasara: 'Depois disso, a grande ilusão, tendo procedido para a terra, viu os Daityas empenhados em penitências ascéticas nas margens do rio Narmada[1]; e se aproximando deles na aparência de um mendicante nu, com sua cabeça raspada, e carregando um maço de penas de pavão[2], ele se dirigiu assim a eles em tons gentis: "Ó, senhores da linhagem Daitya! Para que é que você praticam esses atos de penitência? É com o propósito de recompensa neste mundo, ou em outro?" "Sábio", responderam os Daityas, "nós adotados essas práticas religiosas para obter uma recompensa após a morte; por que você deveria fazer tal pergunta?" "Se vocês desejam emancipação final", respondeu o aparente asceta, "prestem atenção às minhas palavras, pois vocês são dignos de uma revelação que é a porta para a felicidade suprema. Os deveres que eu lhes ensinarei são o caminho secreto para a libertação; não há nenhum além ou superior a eles: por segui-los vocês obterão céu ou isenção de existência futura. Vocês, seres poderosos, são merecedores de tal doutrina superior." Por tais persuasões, e por muitos argumentos razoáveis, aquele ser ilusório desencaminhou os Daityas das doutrinas dos Vedas; ensinando que a mesma coisa podia ser por causa de virtude e de vício; podia ser, e podia não ser; podia ou não podia contribuir para a libertação; podia ser o objeto supremo, e não o objeto supremo; podia ser efeito, e não ser efeito; podia ser manifesto, ou não ser manifesto; podia ser o dever daqueles que andam nus, ou que andam vestidos em muita roupa. E assim os Daityas foram desencaminhados dos seus próprios deveres pelas lições repetidas de seu preceptor ilusório, afirmando a verdade igual de doutrinas contraditórias[3]; e eles foram chamados de Arhatas[4], por causa da frase ele tinha empregado, "Vocês são dignos (Arhatha) desta grande doutrina;" isto é, das falsas doutrinas que ele os persuadiu a abraçar.

Os inimigos dos deuses sendo assim induzidos a apostatar da religião dos Vedas, pela pessoa enganadora enviada por Vishnu, tornaram-se por sua vez professores das mesmas heresias, e perverteram outros; e esses, novamente, comunicando seus princípios para outros, por quem eles foram ainda mais disseminados, os Vedas foram em pouco tempo abandonados pela maioria da raça

---

1 O lugar escolhido para o primeiro aparecimento da heresia concorda muito bem com a grande prevalência da fé jaina no oeste da Índia no décimo primeiro e décimos segundo séculos (As. Res. XVI. 318), ou talvez um século antes, e é uma circunstância de algum peso na investigação da data do Vishnu Purana.

2 Um maço de penas de pavão ainda é um acompanhamento comum de um mendicante jaina. De acordo com o poema Hindi, o Prithu Rai Charitra, ele era carregado pelo budista Amara Simha; mas aquele trabalho não é, talvez, uma autoridade muito boa para observâncias Bauddha, pelo menos de uma data antiga.

3 Nessa e nas contradições precedentes é provável que o escritor se refira, embora não com muita precisão, às doutrinas céticas dos jainas, de onde eles são chamados comumente de Syadvadis, afirmantes de probabilidades, ou do que pode ser. Essas normalmente formam sete categorias, ou, 1. Uma coisa é; 2. Ela não é; 3. Ela é, e não é; 4. Ela não é definível; 5. Ela é, mas não é definível; 6. Ela não é, nem é definível; 7. Ela é, e não é, e não é definível. Por isso os jainas também são chamados de Saptavadis e Saptabhangis, afirmantes e opugnadores de sete proposições. As. Res. XVII. 271; e Trans. Royal As. Soc. I. 555.

4 Aqui há confirmação adicional de os jainas serem indicados por nosso texto, porque o termo Arhat é aplicado mais particularmente a eles, embora ele também seja usado pelos budistas.

Daitya. Então o mesmo enganador, vestindo roupas de uma cor vermelha, assumindo um aspecto benevolente, e falando em tons gentis e agradáveis, dirigiu-se a outros da mesma família, e disse a eles, "Se; demônios poderosos, vocês nutrem um desejo pelo céu ou pelo repouso final [Nirvana], desistam do massacre injusto de animais (para sacrifício), e ouçam de mim o que vocês devem fazer. Saibam que tudo o que existe é composto de conhecimento discriminador [Vijnana]. Compreendam minhas palavras, porque elas foram proferidas pelos sábios. Este mundo subsiste sem sustento, [essa é a fé dos Madhyamikas, de acordo com o comentador, que afirmam que tudo é vazio], e engajado na busca do erro, que ele confunde com conhecimento, como também viciado por paixão e o resto, revolve nas dificuldade da existência." Dessa maneira, exclamando para eles, "Saibam!" (Budhyadwam), e eles respondendo, "Isso é sabido" (Budhyate), aqueles Daityas foram induzidos pelo enganador astuto a se desviarem dos seus deveres religiosos (e se tornarem Bauddhas), pelos argumentos repetidos dele e persuasões frisadas variavelmente[5], Quando eles tinham abandonado a sua própria fé, eles persuadiram outros a fazerem o mesmo, e a heresia se espalhou, e muitos abandonaram as práticas ordenadas pelos Vedas e as leis.

As ilusões do falso professor não pausaram com a conversão dos Daityas às heresias Jaina e Bauddha, mas com várias doutrinas errôneas ele persuadiu outros a apostatarem, até que o todo foi desviado, e abandonou as doutrinas e observâncias inculcadas pelos três Vedas. Alguns então falaram mal dos livros sagrados; alguns blasfemaram os deuses; alguns trataram sacrifícios e outras cerimônias religiosas com desprezo; e outros caluniaram os brâmanes. "Os preceitos", eles proclamavam, "que levam ao dano da vida animal (como em sacrifícios) são altamente repreensíveis. Dizer que lançar manteiga em chama é produtivo de recompensa, é mera infantilidade. Se Indra, depois de ter obtido divindade através de ritos multiplicados, é alimentado da madeira usada como combustível em fogo sagrado, ele é mais baixo que um animal irracional, o qual se alimenta pelo menos de folhas. Se um animal morto em culto religioso é elevado ao céu por meio disso, não seria apropriado para um homem que institui um sacrifício matar seu próprio pai como uma vítima? Se aquilo que é comido por alguém em um Sraddha dá satisfação para outro, deve ser desnecessário para uma pessoa que reside a uma distância trazer comida para oferecimento pessoalmente[6]." "Primeiro, então, que seja determinado o que pode ser (racionalmente) acreditado pela humanidade, e então", disse o preceptor deles "vocês descobrirão que felicidade pode ser esperada de minhas instruções. As palavras de autoridade, Asuras poderosos, não caem do céu: o texto que tem razão só é para ser reconhecido por mim, e por pessoas como vocês[7]." [São somente afirmações fundadas na razão que são aceitas por mim, e por outras pessoas inteligentes como vocês.] Por tais e semelhantes lições os Daityas foram pervertidos, de modo que nenhum deles admitia a autoridade dos Vedas.

Quando os Daityas tinham se afastado assim do caminho das escrituras sagradas, as divindades tomaram coragem, e se reuniram para a batalha. Hostilidades

---

5 Nós temos os Bauddhas então citados como um grupo distinto. Se o autor escreveu a partir de um conhecimento pessoal de budistas na Índia, ele não poderia ter escrito muito depois do 10º ou 11º século.

6 Isto é, de acordo com o comentador, um Sraddha pode ser executado para um homem que está fora por qualquer um dos parentes dele que está permanecendo em casa; isso será de benefício igual para ele como se ele mesmo o tivesse oferecido; ele comerá igualmente da comida consagrada. Ou [Se um Sraddha (oferenda de alimento para os espíritos dos mortos), sacia até criaturas extintas, é completamente supérfluo prover pessoas que estão partindo em uma viagem com quaisquer provisões, (porque seus amigos que ficam para trás podem oferecer alimento para elas).]

7 Nós temos nessas passagens, sem dúvida, alusão aos Varhaspatyas, ou seguidores de Vrihaspati, que parecem ter sido numerosos e audaciosos em algum período anterior ao 14º século. As. Res. XVI. 5.

consequentemente foram renovadas, mas os demônios foram derrotados agora e mortos pelos deuses, que tinham aderido ao caminho justo. A armadura da religião, que tinha protegido os Daityas antigamente, foi descartada por eles, e após seu abandono seguiu-se a destruição deles[8].

Assim, Maitreya, você deve compreender que é dito que aqueles que se separaram de sua crença original estão nus, porque eles se livraram da vestimenta dos Vedas. De acordo com a lei há quatro condições ou ordens de homens (das três primeiras castas), o estudante religioso, o chefe de família, o ermitão, e o mendicante. Não há quinto estado; e o homem iníquo que renuncia a ordem do chefe de família, e não se torna um anacoreta ou um mendicante, também é um (dissidente) nu. O homem que negligencia suas observâncias permanentes por um dia e noite, sendo capaz de realizá-las, incorre por isso em pecado por um dia; e se ele omiti-las, não estando em dificuldade, por uma quinzena, ele só pode ser purificado por expiação árdua. Os virtuosos devem parar para contemplar o sol depois de olharem para uma pessoa que permitiu que um ano se passasse sem a observância das cerimônias perpétuas; e eles devem se banhar, vestidos, se eles o tocaram: mas para o próprio indivíduo nenhuma expiação foi declarada. Não há pecador mais culpável sobre a terra do que alguém em cuja residência os deuses, [Rishis], progenitores, e espíritos [Bhuta], são deixados suspirarem, não adorados. Que um homem não se associe, em residência, reunião, ou sociedade, com aquele cujo corpo ou cuja casa foi arruinada pelos suspiros dos deuses, progenitores, e espíritos. Conversação, troca de civilidades, ou associação com um homem que por um ano não cumpriu seus deveres religiosos, é produtivo de igualdade de culpa; e a pessoa que come na casa de tal homem, ou se senta com ele, ou dorme na mesma cama com ele, torna-se instantaneamente como ele. Novamente; aquele que come seu alimento sem mostrar reverência aos deuses, progenitores, espíritos, e convidados, comete pecado. Quão grande é seu pecado! Os brâmanes, e homens das outras castas, que desviam seus rostos dos seus próprios deveres, se tornam hereges, e são classificados com aqueles que abandonam trabalhos piedosos. Permanecer em um lugar onde há uma mistura muito grande das quatro castas é prejudicial para o caráter dos virtuosos. Caem no inferno os homens que conversam com alguém que come seu alimento sem oferecer uma porção aos deuses, aos sábios, aos mortos, espíritos, e convidados. Portanto, que uma pessoa prudente evite cuidadosamente a conversação, ou o contato, etc., daqueles hereges que são tornados impuros por sua deserção dos três Vedas. O rito ancestral, embora realizado com zelo e fé, não agrada nem deuses nem progenitores se ele for observado por apóstatas.

É contado que havia antigamente um rei chamado Satadhanu, cuja esposa Saivya era uma mulher de grande virtude. Ela era dedicada ao seu marido, benevolente, sincera, pura, adornada com toda excelência feminina, com humildade, e discrição. O Raja e sua esposa adoravam diariamente o deus dos deuses, Janarddana, com meditações religiosas, oblações ao fogo, orações, doações, jejum, e todo outro símbolo de fé total, e devoção exclusiva. Em uma ocasião, quando eles tinham jejuado na lua cheia de Kartika, e tinham se banhado no Bhagirathi, eles viram, quando eles se ergueram da água, um herege se aproximar deles, que era o amigo do preceptor militar do Raja. O Raja, por respeito pelo último, entrou em conversação com o herege; mas a princesa não fez isso; refletindo que ela estava fazendo um jejum, ela se desviou dele, e lançou seus olhos para o sol. Após sua chegada em casa, o marido e a esposa, como sempre, realizaram o culto de Vishnu, em

---

8 Nós podemos ter nesse conflito das divindades ortodoxas e Daityas heréticos alguma alusão oculta a dificuldades políticas, surgidas de diferenças religiosas, e a predominância final do bramanismo. Tais ocorrências parecem ter precedido a invasão da Índia pelos muçulmanos, e preparado o caminho para as vitórias deles.

conformidade com o ritual. Depois de um tempo o Raja, triunfante sobre seus inimigos, morreu; e a princesa subiu na pilha mortuária de seu marido.

Por causa do erro cometido por Satadhanu, por falar com um infiel quando ele estava comprometido em um jejum solene, ele nasceu novamente como um cachorro. Sua esposa nasceu como a filha do Raja de Kasi, com um conhecimento dos eventos de sua preexistência, educada em toda ciência, e dotada de toda virtude. O pai dela estava ansioso para dá-la em matrimônio para algum marido adequado, mas ela se opunha constantemente ao intento dele, e o rei foi impedido por ela de realizar seu casamento. Com a visão da inteligência divina ela soube que seu próprio marido tinha sido regenerado como um cachorro, e indo uma vez para a cidade de Vaidisa ela viu o cachorro, e reconheceu nele seu antigo marido. Sabendo que o animal era seu marido, ela colocou no pescoço dele a guirlanda nupcial, acompanhando-a com os ritos e preces de matrimônio: mas ele, comendo a comida delicada que lhe foi apresentada, expressou sua alegria como sua espécie; no que ela ficou muito envergonhada, e, inclinando-se reverentemente a ele, falou dessa maneira para seu cônjuge degradado: "Lembre-se, príncipe ilustre, da cortesia fora de hora por causa da qual você nasceu como um cachorro, e está agora sacudindo a cauda para mim. Por falar com um herege, depois de tomar banho em um rio sagrado, você foi condenado a este nascimento abjeto. Você não se lembra disso?" Assim lembrado, o Raja se lembrou sua condição anterior, e ficou perdido em pensamento, e sentiu humilhação profunda. Com um espírito desanimado ele saiu da cidade, e caindo morto no deserto, nasceu novamente como um chacal. No decorrer do ano seguinte a princesa soube o que tinha acontecido, e foi para a montanha Kolahala procurar por seu marido. Achando-o lá, a filha adorável do rei da terra disse para seu marido, assim disfarçado como um chacal, "Tu não te lembras, ó rei, da circunstância de conversar com um herege, que eu te fiz lembrar quando tu eras um cachorro?" O Raja, assim endereçado, soube que o que a princesa tinha falado era verdade, e por isso renunciou ao alimento, e morreu. Ele então se tornou um lobo; mas sua esposa irrepreensível soube disso, e se aproximou dele na floresta solitária, e despertou sua recordação de seu estado original. "Tu não és lobo", ela disse, "mas o soberano ilustre Satadhanu. Tu foste então um cachorro, então um chacal, e és agora um lobo." Nisso, se lembrando, o príncipe abandonou sua vida, e se tornou um urubu; em qual forma sua rainha adorável ainda o achou, e o despertou para um conhecimento do passado. "Príncipe", ela exclamou, "lembre-se: fora com essa forma desagradável à qual o pecado de conversar com um herege o condenou!" O Raja nasceu em seguida como um corvo; quando a princesa, que por seus poderes místicos estava ciente disso, disse a ele, "Tu mesmo és agora o comedor de grão tributário, para quem, em uma existência anterior, todos os reis da terra pagavam tributo[9]." Tendo abandonado seu corpo e, por causa das lembranças provocadas por essas palavras, o rei em seguida se tornou um pavão, que a princesa pegou para si, e mimou, e alimentou constantemente com alimento que é agradável para aves de sua classe. O rei de Kasi instituiu naquele momento o sacrifício solene de um cavalo. Nas abluções com as quais ele terminou a princesa fez seu pavão ser banhado, banhou-se ela mesma também; e ela então lembrou Satadhanu como ele tinha nascido sucessivamente como vários animais. Ao se lembrar disso, ele renunciou à sua vida. Ele nasceu então como o filho de uma pessoa de distinção; e a princesa, concordando agora com os desejos de seu pai de vê-la casada, o rei de Kasi anunciou que ela elegeria um noivo a partir daqueles que se apresentassem como pretendentes para sua mão. Quando a eleição aconteceu, a princesa escolheu seu marido anterior, que apareceu entre os candidatos, e novamente o investiu com a posição de seu marido. Eles viveram juntos alegremente, e após o falecimento do pai dela Satadhanu governou o país de Videha.

[9] Há uma disputa sobre a palavra Bali, que quer dizer 'tributo', ou 'fragmentos de uma refeição espalhada para os pássaros', etc.

Ele ofereceu muitos sacrifícios, e deu muitos presentes, e gerou filhos, e subjugou seus inimigos em guerra; e tendo exercido devidamente o poder soberano, e cuidado bondosamente da terra, ele morreu, como condizia com seu nascimento como guerreiro, em batalha. Sua rainha o seguiu novamente na morte, e, em conformidade com preceitos sagrados, mais uma vez subiu alegremente na pira funerária dele. O rei então, junto com sua princesa, ascendeu além da esfera de Indra para as regiões onde todos os desejos são satisfeitos para sempre, obtendo felicidade eterna e inigualável no céu, a felicidade perfeita que é a recompensa raramente percebida da fidelidade conjugal[10].

Tal, Maitreya, é o pecado de conversar com um herege, e tais são os efeitos expiatórios de se banhar depois do sacrifício solene de um cavalo, como eu os narrei para você. Que portanto um homem evite cuidadosamente a conversa ou contato de um incrédulo, especialmente em épocas de devoção, e quando empenhado na realização de ritos religiosos preparatórios para um sacrifício. Se é necessário que um homem sábio olhe para o sol, depois de ver alguém que negligenciou suas cerimônias domésticas por um mês, quão maior necessidade deve haver de expiação depois de encontrar uma pessoa que abandonou os Vedas completamente, que é sustentada por infiéis, ou que contesta as doutrinas da escritura sagrada? Que uma pessoa não trate nem mesmo com a civilidade da fala, hereges, aqueles que fazem atos proibidos, santos embusteiros, salafrários, céticos[11], e hipócritas. Relacionamento com tais patifes iníquos, até mesmo a uma distância, toda associação com cismáticos, corrompe; que um homem portanto os evite cuidadosamente.

Essas, Maitreya, são as pessoas chamadas de nuas, o significado de qual termo você desejava ter explicado. Os próprios olhares delas arruínam a realização de uma oblação ancestral; falar com elas destrói mérito religioso por um dia inteiro. Esses são os hereges injustos a quem um homem não deve dar abrigo, e falar com quem apaga qualquer mérito que ele possa ter obtido aquele dia. Realmente, homens vão para o inferno como a consequência de apenas conversar com aqueles que assumem inutilmente o cabelo trançado, e a cabeça raspada; com aqueles que se alimentam sem oferecer comida para deuses, espíritos, e convidados; e aqueles que são excluídos do oferecimento de bolos, e libações de água, para os espíritos dos mortos.

◄

[10] A lenda é peculiar ao Vishnu Purana, embora a doutrina que ela inculca seja encontrada em outra parte.

[11] Haitukas, 'causalistas;' ou os seguidores da filosofia Nyaya ou 'lógica', ou Bauddhas, aqueles que não aceitam nada como autoridade, e não admitem nada que não possa ser provado; ou, é explicado, aqueles que por argumentação lançam uma dúvida sobre a eficácia de atos de devoção.

LIVRO 4

CAPÍTULO 1

Dinastias de reis. Origem da dinastia solar de Brahma. Filhos do Manu Vaivaswata. Transformações de Ila ou Sudyumna. Descendentes dos filhos de Vaivaswat; aqueles de Nedishta. Grandeza de Marutta. Reis de Vaisali. Descendentes de Saryati. Lenda de Raivata; sua filha Revati casada com Balarama.

Maitreya: ‘Preceptor venerável, você me explicou as cerimônias perpétuas e ocasionais que devem ser realizadas por aqueles indivíduos honrados que são diligentes em suas práticas religiosas; e você também descreveu para mim os deveres que recaem sobre as várias castas, e sobre as diferentes ordens da raça humana. Eu peço agora que você narre para mim as dinastias dos reis que governaram a terra[1].

Parasara: ‘Eu repetirei para você, Maitreya, uma descrição da família de Manu, iniciando com Brahma, e agraciada por vários príncipes religiosos, magnânimos, e heróicos. Da qual é dito, "Nunca será extinta a linhagem daquele que recorda diariamente a linhagem de Manu, começando com Brahma[2]." Escute, portanto, Maitreya, à série inteira dos príncipes dessa família, pela qual todo o pecado será eliminado.

Antes da evolução do ovo do mundo, existia Brahma, que era Hiranyagarbha, a forma daquele Brahma supremo que consiste em Vishnu como idêntico ao Rig, Yajur, e Sama Vedas; a causa primeva, incriada de todos os mundos. Do polegar direito de Brahma nasceu o patriarca Daksha[3]; a filha dele era Aditi que era a mãe do sol. O Manu Vaivaswata era o filho do corpo luminoso celestial; e seus filhos eram Ikshwaku, Nriga, Dhrishta, Saryati, Narishyanta, Pransu, Nabhaga, Nedishta, Karusha, e Prishadhra[4]. Antes do nascimento deles, o Manu, estando desejoso de filhos,

---

1 A série completa das diferentes dinastias é encontrada alhures apenas no Vayu, no Brahmanda (que é a mesma), no Matsya, e no Bhagavata Puranas. O Brahma Purana e o Hari Vansa, o Agni, Linga, Kurma, e Garuda Puranas têm listas de extensão variada, mas nenhuma além das famílias de Pandu e Krishna. O Markandeya contém uma descrição de alguns dos reis da dinastia solar somente; e o Padma, só de uma parte dos príncipes solares e lunares, além de descrições de indivíduos. No Ramayana, Mahabharata, e nos outros Puranas, ocorrem genealogias curtas ocasionais e menções de príncipes individuais. No geral há uma conformidade tolerável, mas esse não é o caso invariavelmente, como nós teremos oportunidade para observar.

2 Nas passagens históricas de todos os Puranas nos quais isso ocorre, e especialmente no Vishnu e Vayu, versos são citados frequentemente, aparentemente os fragmentos de uma narrativa mais antiga. Também pode ser notado, como uma peculiaridade dessa parte do Purana, que a narração está em prosa.

3 É dito em outra parte que Daksha era um dos filhos nascidos da mente de Brahma, ou era o filho dos Prachetasas: veja página 131, n. 5.

4 De acordo com a nomenclatura às vezes seguida, e, como nós teremos motivo para concluir, indicada nesse lugar, há dez filhos de Manu. O comentador os considera, entretanto, como apenas nove, considerando Nabhaga-nedishta somente um nome, ou Nedishta o pai de Nabhaga. Geralmente é afirmado que o número é nove, embora haja variedade nos nomes, particularmente nesse nome, que ocorre Nabhagadishta, Nabhagarishtha; e também separado, como Nábhága, Nabhaga, ou Nabhága; Nedishta, Dishta, e Arishta: o último, como no Kurma, mencionado distintamente, नाभागो ह्यरिष्टः ।. Novamente, नेदिष्टः सप्तमः स्मृतः ।, Brahma Purana. O comentador no Hari Vansa cita os Vedas em defesa de Nabhagadishta: नाभागदिष्टं वै मानवमिति श्रुतिः ।, mas o nome ocorre como Nabhanedishtha no Aitareya Brahmana do Rigveda, onde uma história é contada sobre ele ser excluído de toda parte de sua herança, sob o pretexto de ele ser totalmente dedicado a uma vida religiosa. Veja também As. Res. VIII. 384. O

ofereceu um sacrifício para aquele propósito para Mitra e Varuna; mas o rito sendo desordenado, por uma irregularidade do sacerdote ministrante, uma filha, Ila, foi produzida[5]. Pelo favor das duas divindades, porém, o sexo dela foi mudado, e ela se tornou um homem, chamado Sudyumna. Em um período subsequente, por se tornar sujeito aos efeitos de uma maldição pronunciada outrora por Shiva, Sudyumna foi transformado novamente em uma mulher na vizinhança do eremitério de Budha, o filho da divindade da lua. Budha a viu e se casou com ela, e teve com ela um filho chamado Pururavas. Depois de seu nascimento, os Rishis ilustres, desejosos de restabelecerem Sudyumna ao sexo dele, rezaram ao poderoso Vishnu, que é a essência dos quatro Vedas, da mente, de tudo, e de nada; e que está na forma do macho sacrifical [Yajnapurusha]; e pelo favor dele Ila tornou-se Sudyumna mais uma vez, em qual caráter ele teve três filhos, Utkala, Gaya, e Vinata[6].

---

nome como escrito ordinariamente, Na-bhaga, 'nenhuma-parte', tem contudo uma conexão óbvia com a lenda. O nome de Nriga só é achado em nosso texto, no Padma, e no Bhagavata: o Vayu tem Najava. Pransu também é a leitura do Vayu e Agni, mas não do resto, que tem Vena, Vanya, Danda, Kusanabha ou Kavi, em seu lugar. O Mahabharata, Adi Parva, cap. 75, pág. 167, tem Vena, Dhrishnu, Narishyanta, Nabhaga, Ikshwaku, Karusha, Saryati, Ila, Prishadhra, e Nabhagarishta. O Padma Purana, no Patala Khanda, diz que havia 'dez', e os nomeia: Ikshwaku, Nriga, Dishta, Dhrishta, Karusha, Saryati, Narishyanta, Prishadhra, Nabhaga, e Kavi.

5 'Aquele sacrifício sendo oferecido erradamente, pelas invocações impróprias do Hotri.' Também é lido 'frustrado.' Isso é certamente uma alusão breve e obscura ao que parece ser uma lenda antiga, e uma que sofreu várias modificações. De acordo com o Matsya, nenhuma mudança de sexo ocorreu em primeiro lugar. O filho primogênito de Manu era Ida ou Ila, que seu pai nomeou soberano dos sete Dwipas. Em sua jornada em volta de seus domínios, Ila chegou à floresta de Sambhu ou Shiva; entrando na qual ele foi transformado em uma mulher, Ila, segundo uma promessa feita antigamente por Shiva a Parvati, que tinha sido uma vez interrompida inadequadamente por alguns sábios, que tal transformação seria infligida a todo homem que invadisse o bosque sagrado. Depois de um tempo, os irmãos de Ila procuraram por ele, e encontrando-o metamorfoseado daquela maneira, recorreram a Vasishtha, o sacerdote de seu pai, para saber a causa. Ele a explicou para eles, e os instruiu a adorarem Shiva e sua noiva. Eles fizeram isso, adequadamente; e foi anunciado pelas divindades que, após a realização de um Aswamedha por Ikshwaku, Ila deveria se tornar um Kimpurusha, chamado Sudyumna, e que ele seria um macho um mês, e uma fêmea outro mês, alternadamente. O Vayu, que é seguido pela maioria das outras autoridades, afirma que após Manu oferecer a parte deles do sacrifício para Mitra e Varuna, em vez de um menino, uma menina nasceu, de acordo com os Vedas. Manu desejou que ela o seguisse; por isso seu nome Ila (de ila ou ida, 'venha'). Lá, porém, Manu propicia Mitra e Varuna, e a menina Ila é transformada no menino Ila ou Sudyumna pelo favor deles, conforme o Markandeya. A mudança subsequente de Sudyumna para uma mulher novamente, é contada de modo muito semelhante como no Matsya; mas ele ser homem e mulher alternadamente não é mencionado no Vayu mais do que é em nosso texto. O Bhagavata concorda nesse aspecto com o Matsya, mas ele evidentemente embelezou a primeira parte da lenda pela introdução de outro personagem, Sraddha, a esposa do Manu. É dito que foi pela instigação dela, porque ela desejava ter uma menina, que os brâmanes ministrantes alteraram o propósito do rito, por causa do que uma menina, em vez de um menino, nasceu. A semelhança do nome induziu o autor erudito da Origem da Idolatria Pagã a conceber que ele tinha encontrado o Ila dos hindus no Il ou Ilus dos fenícios. "O Il fenício é o Ila masculino dos hindus e Indo-citas, e Ila era um título de Manu ou Buda, que foi preservado na arca no tempo do dilúvio." I. 156; e ele conclui por isso que Ila deve ser Noé; enquanto outras circunstâncias na história fenícia dele o identificam com Abraão. I. 159. Novamente; "Ilus ou Il é um nome Cuthic regular de Buda, que os fenícios, eu não tenho dúvida, trouxeram com eles de suas colônias no Mar da Eritréia; pois é dito que Buda ou Manu, na qualidade de Ina, se casou com sua própria filha, que é descrita como a prole de um personagem antigo que foi preservado em uma arca na época do dilúvio." I. 223. Agora qualquer conexão que possa haver entre os nomes de Ila, Il, Ilus, Ilium, Ila 'a terra', e Ilos 'lodo', não há nenhuma semelhança muito óbvia entre as lendas purânicas de Ila e o registro Mosaico; nem as primeiras sancionam os pormenores de Ina declarados pelo sr. Faber, sob a autoridade provavelmente do cel. Wilford. O Manu Satyavrata, que foi preservado na arca, nunca é chamado de Ila, nem ele é o pai de Ila. Buda não foi preservado dessa maneira, nem Ila é um título de Buda. Budha (não Buddha), o marido de Ila, nunca aparece como o pai dela, nem ele é um Manu, nem ela é a filha de algum personagem antigo preservado em uma arca. Não há, portanto, tanto quanto sei, qualquer circunstância na história de Ila ou Ilá que possa identificá-lo com Abraão ou Noé.

6 O Matsya chama o nome do terceiro Haritaswa; o Vayu etc., Vinataswa; o Markandeya, Vinaya; e o Bhagavata, Vimala. Todos menos o último concordam em afirmar que Utkala (Orissa) e Gaya em Behar receberam os nomes dos dois primeiros. O Matsya chama o terceiro de o soberano do leste, junto com os Kauravas; o Vayu lhe faz o rei do oeste. O Bhagavata chama eles todos de governantes do sul.

Por ele ter sido antigamente uma mulher, Sudyumna foi excluído de qualquer parte em seus domínios paternos; mas seu pai, por sugestão de Vasishtha, deu a ele a cidade Pratishthana[7], e ele a deu a Pururavas.

Dos outros filhos do Manu, Prishadhra, pelo crime de matar uma vaca, foi degradado à condição de um Sudra[8]. De Karusha descenderam os poderosos guerreiros chamados Karushas (os soberanos do norte[9]). O filho de Nedishtha, chamado Nabhaga, tornou-se um Vaisya[10]; seu filho era Bhalandana[11]; cujo filho era o célebre Vatsapri[12]; o filho dele era Pransu; cujo filho era Prajani[13]; cujo filho era Khanitra[14]; cujo filho era o muito heróico Chakshupa[15]; cujo filho era Vinsa[16]; cujo filho era Vivinsati[17]; cujo filho era Khaninetra; cujo filho era o poderoso, rico, e valoroso

---

7 As autoridades concordam nessa posição de Sudyumna. Pratishthana era situada no lado oriental da confluência do Ganges e Jumna; a região entre quais rios era o território dos descendentes masculinos diretos de Vaivaswata. O Hari Vansa diz que ele reinou em Pratishthana, depois de ter matado Dhrishtaka, Ambarisha, e Danda. M. Langlois não teve dúvida 79-4: em sua cópia, como ele a traduz, 'Il donna naissance a trois enfants;' {Ela deu à luz três filhos,} embora, como ele observa, Hamilton tivesse chamado esses de os filhos de Ikshwaku. O Brahma Purana não tem essa passagem, nem o comentador no Hari Vansa dá alguma explicação; nem qualquer coisa do tipo ocorre em outra parte. Nós temos, porém, subsequentemente no texto, Danda citado como um filho de Ikshwaku; e no Padma Purana, Srishti Khanda, e no Uttara Khanda do Ramayana, nós temos uma narrativa detalhada de Danda, o filho de Ikshwaku, cujo país foi devastado por uma maldição de Bhargava, cuja filha aquele príncipe tinha violado. Seu reino tornou-se em consequência a floresta Dandaka. O Mahabharata, Dana Dharma, [uma parte do Santi Parva], alude à mesma história. Se então a leitura preferível do Hari Vansa é Suta, 'filho', ele está em desacordo com todas as outras autoridades. Ao mesmo tempo, deve ser admitido que o mesmo trabalho é singular em afirmar algum antagonismo entre Danda e seus irmãos e Sudyumna, e a passagem parece ter procedido daquela compilação descuidada e ignorante que o Hari Vansa apresenta tão perpetuamente. Ela não é improvavelmente uma perversão gratuita dessa passagem no Matsya; 'Ambarisha era o filho de Nabhaga; e Dhrishta teve três filhos.'

8 Essa história foi modificada aparentemente em períodos diferentes, de acordo com um horror progressivo do crime. Nosso texto simplesmente afirma o fato. O Vayu diz que ele tinha fome, e não só matou, mas comeu a vaca de seu preceptor espiritual, Chyavana. No Markandeya ele é descrito como estando em uma caçada, e matando a vaca do pai de Babhravya, confundindo-a com um Gavaya ou Gayal. O Bhagavata, como sempre, aperfeiçoa a história, e diz que Prishadhra foi designado por seu Guru Vasishtha para proteger seu gado. À noite um tigre abriu caminho para o rebanho, e o príncipe em sua pressa, e na escuridão, matou a vaca que ele tinha prendido, em vez do tigre. Em todas as autoridades o efeito é o mesmo, e a maldição da sábio ofendido rebaixou Prishadhra à casta de um Sudra. De acordo com o Bhagavata, o príncipe levou uma vida de devoção, e perecendo na chama de uma floresta, obteve libertação final. O teor óbvio dessa lenda, e de algumas que seguem, é para explicar origem das diferentes castas a partir de um antepassado comum.

9 O Bhagavata também coloca os Karushas no norte; mas o país dos Karushas normalmente é colocado nas montanhas Paripatra ou Vindhya (veja página 175, n.13).

10 O Vayu tem Nabhaga, o filho de Arishta; o Markandeya tem o filho de Dishta; o Bhagavata também o chama de filho de Dishta. De acordo com aquela autoridade, ele se tornou um Vaisya por suas ações. Os outros Puranas geralmente concordam que os descendentes dessa pessoa se tornaram Vaisyas; mas o Matsya e Vayu não mencionam isso. O Markandeya detalha uma história de Nabhaga arrebatando e se casando com a filha de um Vaisya; por causa do que ele foi rebaixado, é dito, para a mesma casta, e privado de sua parte da soberania patrimonial, que seu filho e sucessor recuperou. O Brahma Purana e Hari Vansa afirmam que dois filhos de Nabhagarishta também se tornaram brâmanes; mas os deveres de realeza implicam a casta Kshatriya da posteridade dele; e o comentador em nosso texto observa que o filho de Nabhaga nasceu antes da degradação de seu pai, e consequentemente a linhagem continuou Kshatriya; uma afirmação não confirmada por qualquer autoridade, e parece, portanto, que uma linhagem de príncipes Vaisya foi reconhecida por tradições antigas.

11 Bhanandana: Bhagavata.

12 Vatsapriti: Bhagavata. Vatsasri: Markandeya. O último tem uma história da destruição do Daitya Kujambha por Viduratha, o pai de Sunanda, a esposa de Vatsasri. O Vayu tem Sahasrari.

13 Pramati: Bhagavata.

14 De acordo com o Markandeya, os sacerdotes da família real conspiraram contra esse príncipe, e foram executados pelos ministros dele.

15 Chakshusha: Bhagavata.

16 Vira: Markandeya.

17 Rambha precede Vivinsati: Bhagavata.

Karandhama[18]; cujo filho era Avikshi (ou Avikshit[19]); cujo filho era o poderoso Marutta, sobre quem esse verso bem conhecido é recitado; "Nunca foi visto na terra um sacrifício igual ao sacrifício de Marutta: todos os instrumentos e utensílios eram feitos de ouro. Indra estava embriagado com as libações de suco Soma, e os brâmanes estavam extasiados com as doações magníficas que eles receberam. Os ventos do céu cercaram o rito como guardas, e os deuses reunidos compareceram para observá-lo[20]." Marutta era um Chakravartti, ou monarca universal: ele teve um filho chamado Narishyanta[21]; seu filho era Dama[22]; seu filho era Rajyavarddhana; seu filho era Sudhriti; seu filho era Nara; seu filho era Kevala; seu filho era Bandhumat; seu filho era Vegavat; seu filho era Budha[23]; seu filho era Trinavindu, que teve uma filha chamada Ilavila[24]. A ninfa celestial Alambusha estando apaixonada por Trinavindu, teve com ele um filho chamado Visala, por quem a cidade de Vaisali foi fundada[25].

O filho do primeiro rei de Vaisali era Hemachandra; o filho dele era Suchandra; o filho dele era Dhumraswa; o filho dele era Srinjaya[26]; o filho dele era Sahadeva[27]; o filho dele era Krisaswa; o filho dele era Somadatta, que celebrou dez vezes o sacrifício

---

18 Balaswa ou Balakaswa ou Subalaswa, de acordo com o Markandeya, que explica que seu nome Karandhama denota sua criação de um exército, quando sitiado por seus tributários revoltados, por respirar em suas mãos.

19 Ambas as formas ocorrem, como observa o comentador. O Markandeya tem uma história longa desse príncipe arrebatando a filha de Visala, rei de Vaidisa. Sendo atacado e capturado por seus rivais confederados, ele foi resgatado por seu pai, mas ficou tão mortificado por sua desgraça, que ele jurou nunca se casar nem reinar. A princesa, também se tornando uma asceta, se encontrou com ele nas florestas, e eles finalmente se casaram; mas Avikshit manteve seu outro voto, e renunciou à sua sucessão em favor de seu filho, que herdou os reinos de Karandhama e Visala.

20 A maioria das autoridades cita as mesmas palavras, com ou sem adição. O Vayu acrescenta que o sacrifício foi conduzido por Samvartta, a quem o Bhagavata chama de Iogue, o filho de Angiras; e que Vrihaspati estava tão ciumento do esplendor do rito, que uma grande disputa se seguiu entre ele e Samvartta. Como isso envolveu o rei não é falado, mas aparentemente como resultado, Marutta, com a sua família e amigos, foi levado por Samvartta para o céu. De acordo com o Markandeya, Marutta foi assim chamado por causa da bênção paterna, 'Que os ventos sejam teus', ou 'sejam propícios para ti.' Ele reinou, em conformidade com aquele registro, 85.000 anos.

21 Omitido no Bhagavata.

22 Uma história bastante cavalheiresca e curiosa é contada sobre Dama no Markandeya. A noiva dele Sumana, filha do rei Dasarha, foi salva por ele de seus rivais. Um deles, Bapushmat, posteriormente matou Marutta, que tinha se retirado para as florestas, depois de renunciar à sua coroa para seu filho. Dama em retaliação matou Bapushmat, e fez o Pinda, ou oferenda fúnebre para seu pai, da carne dele, e com o resto ele alimentou os brâmanes de origem Rakshasa: assim eram os reis da linhagem solar.

23 O Bhagavata tem Bandhavat, Oghavat, e Bandha.

24 O Vayu e Bhagavata ambos acrescentam que ela era a esposa de Visravas, e mãe de Kuvera. É dito no Linga Purana que ela era a esposa de Pulastya, e mãe de Visravas. O peso de autoridade é a favor da primeira declaração. Veja a página 110, n. 5.

25 O Bhagavata menciona três filhos, Visala, Sunyabandhu, e Dhumaketu. Vaisali é uma cidade de renome considerável na tradição indiana, mas seu local é um assunto de alguma incerteza. Parte da dificuldade surge de confundi-la com Visala, outro nome de Ujayi: उज्जयिनी स्याद्विशालावन्ती पुष्पकरण्डिनी।. Hemachandra. Também no Megha Duta: 'Tendo chegado a Avanti, proceda para a cidade ilustre indicada anteriormente, Visala.' 'Para a cidade Ujjayini, chamada Visala.' Comentário. Vaisali, entretanto, parece ser situada muito diferentemente. De acordo com os budistas, entre os quais ela é célebre como uma base principal dos trabalhos de Sakhya e seus primeiros discípulos, ela é a mesma que Prayaga ou Allahabad; mas o Ramayana (I. 45) a coloca muito mais para baixo, na margem norte do Ganges, quase defronte à foz do Sone; e ela era portanto no distrito moderno de Saran, como Hamilton (Genealogias dos Hindus) conjeturou. No quarto século, ela era conhecida, pelo viajante chinês Fa-hian, como Phi-she-li, na margem direita do Gandak, não longe de sua confluência com o Ganges. Descrição do Foe-kue-ki: Diário da R. As. Soc. Vol. V. pág. 128.

26 Dhumraksha e Samyama: Bhagavata.

27 O texto é bastante claro; mas, como citado em outro lugar (Teatro Hindu, II. 296), o comentador no Bhagavata interpreta a passagem paralela, muito diferentemente, ou 'Krisaswa com Devaja', ou, como algumas cópias lêem, Devaka ou Daivata, como se houvesse dois filhos de Samyama.

de um cavalo; o filho dele era Janamejaya; e o filho dele era Sumati[28]. Esses eram os reis de Vaisali; dos quais é dito: "Pelo favor de Trinavindu todos os monarcas de Vaisali eram de vida longa, magnânimos, equitativos, e corajosos."

Saryati, o quarto filho do Manu, teve uma filha chamada Sukanya, que se casou com o sábio santo Chyavana[29]: ele também teve um filho honrado, chamado Anartta. O filho do último era Revata[30], que governou o país que recebeu o nome de seu pai Anartta, e residiu na capital denominada Kusasthali[31]. O filho desse príncipe era Raivata ou Kakudmin, o primogênito de cem irmãos. Ele teve uma filha muito adorável, e não achando ninguém digno da mão dela, ele se dirigiu com ela para a região de Brahma para consultar o deus onde um noivo adequado poderia ser encontrado. Quando ele chegou, os coristas Haha, Huhu, e outros, estavam cantando diante de Brahma; e Raivata, esperando até que eles tivessem terminado, imaginou que as eras que se passaram durante a apresentação deles eram apenas um momento. Ao término do canto deles, Raivata se prostrou diante de Brahma, e explicou sua missão. "Quem você desejaria como um genro?" Brahma perguntou; e o rei mencionou para ele várias pessoas com quem ele poderia ficar bem satisfeito. Acenando com sua cabeça gentilmente, e sorrindo com benevolência, Brahma disse a ele, "Desses que você citou a terceira ou quarta geração já não vive mais, pois muitas sucessões de eras se passaram enquanto você estava escutando nossos cantores: agora na terra a vigésima-oitava grande era do Manu atual está quase terminada, e o período Kali está perto. Você deve portanto conceder essa pedra preciosa virgem para algum outro marido, pois você está agora sozinho, e seus amigos, seus ministros, criados, esposa, parentes, exércitos, e tesouros, foram há muito tempo varridos pela mão do tempo." Tomado pela surpresa e alarme, o Raja disse então para Brahma, "Já que eu estou nessa situação, senhor, diga-me para quem a moça deve ser dada." E o criador do mundo, cujo trono é o loto, respondeu bondosamente para o príncipe desse modo, enquanto ele permanecia inclinado e humilde diante dele: "O ser de cujo início, progresso, e fim nós somos ignorantes; a essência não nascida e onipresente de todas as coisas; ele cuja natureza e essência real e infinita nós não conhecemos - é o supremo Vishnu. Ele é o tempo, composto de momentos e horas e anos; cuja influência é a fonte de mudança perpétua. Ele é a forma universal de todas as coisas, do nascimento à morte. Ele é eterno, sem nome ou forma. Pelo favor daquele ser imperecível eu sou o agente de seu poder em criação; pela raiva dele Rudra é o destruidor do mundo; e a causa da preservação, Purusha, também procede dele. O não nascido tendo assumido minha personalidade [rupa] cria o mundo; em sua própria essência ele provê sua duração; na forma de Rudra ele devora todas as coisas; e com o corpo de Ananta ele os sustenta. Personificado como Indra e os outros deuses ele é o protetor da humanidade; e como o sol e a lua ele dispersa a escuridão. Tomando em si mesmo a natureza do fogo ele dá calor e madureza; e na condição da terra nutre todos os seres. Como uno com o ar ele dá energia à existência; e como uno com a água ele satisfaz todas as carências, enquanto no estado de éter, associado com

28 O Bhagavata muda a ordem desses dois, fazendo de Janamejaya o filho de Sumati; ou Pramati, Vayu. Sumati, rei de Vaisali, é feito contemporâneo com Rama: Ramayana, I.47. 17. A dinastia de reis Vaisala só é achada no nosso texto, no Vayu, e no Bhagavata. Hamilton os coloca de 1920 a 1240 A. C.; mas a última é incompatível com a data que ele atribui a Rama, de 1700 A. C. A existência co-temporária de Sumati e Rama, porém, é bastante ininteligível, porque, de acordo com nossas listas, o primeiro é o trigésimo-quarto, e o último o sexagésimo, a partir do Manu Vaivaswata.

29 As circunstâncias do casamento deles, de Chyavana se apropriar de uma parte das oferendas para os Aswini Kumaras, e de sua briga com Indra, como consequência, são contadas em detalhes o Bhagavata e Padma Puranas.

30 Na maioria dos outros Puranas, Reva ou Raiva. O Linga e Matsya inserem Rochamana antes dele; e o Bhagavata acrescenta a Anartta, Uttanavarhish e Bhurishena.

31 O Bhagavata atribui a fundação de Kusasthali a Revata, que a construiu, é dito, dentro do mar. A lenda subsequente mostra que ela era a mesma, ou no mesmo local, que Dwaraka; e Anartta era portanto parte de Cutch ou Guzerat. Veja a página 175, n. 77.

agregação universal, ele fornece espaço para todos os objetos. Ele é ao mesmo tempo o criador, e aquilo que é criado; o preservador, e aquilo que é preservado; o destruidor, e, como uno com todas as coisas, aquilo que é destruído; e, como o indestrutível, ele é distinto dessas três vicissitudes. Nele está o mundo; ele é o mundo; e ele, o primevo nascido por si mesmo, está novamente presente no mundo. Aquele poderoso Vishnu, que é supremo acima de todos os seres, está agora em uma porção de si mesmo na terra. Aquela cidade Kusasthali que era antigamente sua capital, e rivalizava com a cidade dos imortais, é agora conhecida como Dwaraka[32], e lá reina uma porção daquele ser divino na pessoa de Baladeva; para ele, que parece como um homem, ofereça-a como uma esposa, ele é um noivo digno para essa donzela excelente, e ela é uma noiva adequada para ele."

Sendo instruído desse modo pelo deus nascido no loto, Raivata voltou à terra com sua filha, onde ele encontrou a raça de homens encolhida em estatura, reduzida em vigor, e enfraquecida em intelecto. Dirigindo-se para a cidade de Kusasthali, que ele achou muito mudada, o monarca sábio entregou sua filha inigualável ao manejador do arado, cujo peito era tão claro e brilhante como cristal. Vendo a donzela extremamente alta, o comandante, cuja bandeira é uma palmeira, a encurtou com a extremidade de seu arado, e ela se tornou sua esposa. Balarama tendo se casado, segundo o ritual, com Revati, a filha de Raivata, o rei se retirou para a montanha Himalaia, e terminou seus dias em austeridades religiosas[33]. ◄

---

32 Assim chamada por causa de seus muitos Dwaras ou portões: कृतां द्वारवतीं नाम बहुद्वारां मनोरमाम् ।. Vayu.

33 O objetivo dessa lenda, que é contada pela maioria das autoridades, é obviamente explicar o anacronismo de fazer Balarama contemporâneo com Raivata; um do princípio da era Treta, e o outro do fim da Dwapara.

CAPÍTULO 2

Dispersão dos descendentes de Revata; aqueles de Dhrishta; aqueles de Nabhaga. Nascimento de Ikshwaku, o filho de Vaivaswata; os filhos dele. Linha de Vikukshi. Lenda de Kakutstha; de Dhundhumara; de Yuvanaswa; de Mandhatri; suas filhas casadas com Saubhari.

Parasara: 'Enquanto Kakudmin, de sobrenome Raivata, estava ausente em sua visita à região de Brahma, os espíritos maus ou Rakshasas chamados Punyajanas destruíram sua capital Kusasthali. Os cem irmãos dele, por medo desses inimigos, fugiram em direções diferentes; e os kshatriyas, descendentes deles, se instalaram em muitos países[1].

De Dhrishta, o filho do Manu, nasceu a linhagem kshatriya de Dharshtaka[2].

O filho de Nabhága era Nábhága[3]; seu filho era Ambarisha[4]; seu filho era Virupa[5]; seu filho era Prishadaswa; seu filho era Rathinara, a respeito de quem é cantado, "Esses, que eram kshatriyas por nascimento, os comandantes da família de Rathinara, foram chamados de Angirasas (ou filhos de Angiras), e eram brâmanes assim como kshatriyas[6]."

---

[1] De acordo com o Vayu, os irmãos de Raivata fundaram uma linhagem célebre chamada Saryata, de Saryati. O Brahma Purana diz que eles se refugiram em lugares secretos (gahana); pelos quais o Hari Vansa substitui (parvata gana) montanhas. O Vayu não tem nenhum dos dois, e somente diz que eles eram renomados em todas as regiões.

[2] Como consta no Vayu, Linga, Agni, Brahma, e Hari Vansa. O Matsya cita três filhos de Dhrishta: Dhrishtaketu, Chitranatha, e Ranadhrishta. O Bhagavata acrescenta que os filhos de Dhrishta obtiveram a condição de brâmanes na terra, embora nascidos kshatriyas.

[3] Mas quem é Nabhága? Pois, como observado acima, (pág. 280, n. 4), o filho do Manu é Nabhaga-nedishta, e não há, naquele caso, nenhuma pessoa como Nabhága. Por outro lado, se Nabhaga e Nedishta forem nomes distintos, nós temos dez filhos de Vaivaswata, como no Bhagavata. Os descendentes de Nedishta, por meio de seu filho Nabhága, já foram especificados; e afinal, portanto, nós devemos considerar o texto como indicando uma pessoa diferente pelo nome Nabhága; e tal nome se acha nas listas do Agni, Kurma, Matsya, e Bhagavata, inquestionavelmente distinto daquele com o qual ele também é composto às vezes. O Bhagavata repete a lenda do Brahmana Aitareya, com algumas adições, e diz que, Nabhága tendo prolongado seu período de estudo além da idade usual, seus irmãos se apropriaram da parte dele do patrimônio. Após ele solicitar sua parte, eles lhe entregaram seu pai, por cujo conselho ele ajudou os descendentes de Angiras em um sacrifício, e eles o presentearam com toda a riqueza que sobrou em seu término. Rudra a reivindicou como dele; e, Nabhága concordando, o deus confirmou o presente, pelo que ele se tornou possuidor de um valor equivalente à perda do território. A maioria das autoridades reconhece apenas um nome aqui, lido variavelmente Nabhága ou Nábhága, o pai de Ambarisha. O Vayu, como também o Bhagavata, concorda com o texto.

[4] O Bhagavata considera Ambarisha como um rei, que reinou aparentemente nas margens do Yamuna. Ele é mais famoso como um adorador devoto de Vishnu, cujo disco o protegeu da ira de Durvasas, e humilhou aquele santo colérico, que era uma porção de Shiva: uma lenda que, possivelmente, registra uma luta entre duas seitas, na qual os adoradores de Vishnu, encabeçados por Ambarisha, triunfaram.

[5] O Agni, Brahma, e Matsya param com Ambarisha. O Vayu e Bhagavata prosseguem como no texto, só o último acrescenta a Virupa, Ketumat e Sambhu.

[6] O mesmo verso é citado no Vayu, e fornece um exemplo de uma mistura de caráter, do qual vários casos semelhantes ocorrem subsequentemente. Kshatriyas por nascimento se tornam brâmanes por profissão; e tais pessoas normalmente são consideradas como Angirasas, seguidores ou descendentes de Angiras, que pode ter fundado uma escola de sacerdotes guerreiros. Esse é o sentido óbvio da lenda de Nabhága ajudando os filhos de Angiras a completarem o sacrifício deles, já mencionada em uma nota anterior, embora a mesma autoridade tenha imaginado uma explicação diferente. Rathinara (ou Rathitara, como lido em algumas cópias, assim como pelo Bhagavata e Vayu) não tendo filhos, Angiras gerou na esposa dele filhos radiantes com glória divina, que, como os filhos do monarca com sua esposa eram kshatriyas, mas eram brâmanes por causa de seu verdadeiro pai. Essa porém é uma explicação posterior, não autorizada pelo verso memorial citado em nosso texto.

Ikshwaku nasceu da narina do Manu, quando aconteceu de ele espirrar[7]. Ele teve cem filhos, dos quais os três mais famosos eram Vikukshi, Nimi, e Danda. Cinquenta do restante, sob as ordens de Sakuni, eram os protetores dos países do norte. Quarenta e oito eram os príncipes do sul[8].

Em um dos dias chamados Ashtaka[9], Ikshwaku estando desejoso de celebrar exéquias ancestrais, mandou Vikukshi lhe trazer carne adequada para o oferecimento. O príncipe consequentemente entrou na floresta, e matou muitos cervos, e outros animais selvagens, para a celebração. Estando cansado com a caçada, e tendo fome, ele se sentou, e comeu uma lebre; depois do que, estando revigorado, ele levou o resto da carne de caça para seu pai. Vasishtha, o sacerdote familiar da casa de Ikshwaku, foi chamado para consagrar a comida; mas ele declarou que ela era impura, por Vikukshi ter comido uma lebre de entre ela (tornando-a, por assim dizer, o resíduo da refeição dele). Vikukshi foi por conseguinte abandonado por seu pai ofendido, e o epíteto Sasada (comedor de lebre) foi vinculado a ele pelo Guru. Após a morte de Ikshwaku, o domínio da terra passou para Sasada[10], que foi sucedido por seu filho Puranjaya.

Na era Treta uma guerra violenta[11] irrompeu entre os deuses e os Asuras, na qual os primeiros foram derrotados. Eles consequentemente recorreram a Vishnu em busca de ajuda, e o propiciaram por meio de suas adorações. A soberano eterno do universo, Narayana, teve compaixão por eles, e disse, "O que vocês desejam é conhecido por mim. Ouçam como seus desejos serão realizados. Há um príncipe ilustre chamado Puranjaya, o filho de um sábio nobre; na pessoa dele eu infundirei uma porção de mim mesmo, e tendo descido na terra eu irei, na pessoa dele, subjugar todos os seus inimigos. Portanto se esforcem para assegurar a ajuda de Puranjaya para a destruição de seus inimigos." Agradecendo com reverência a bondade da divindade, os imortais deixaram sua presença, e foram até Puranjaya, a quem eles se dirigiram dessa maneira: "Kshatriya mais renomado, nós viemos a ti solicitar tua aliança contra nossos inimigos: não cabe a ti frustrar nossas esperanças." O príncipe respondeu, "Que este seu Indra, o monarca das esferas, o deus de cem sacrifícios, concorde em me levar nos ombros dele, e eu travarei combate com seus adversários como seu aliado." Os deuses e Indra responderam prontamente, "Assim seja;" e o último assumindo a forma de um touro, o príncipe montou no ombro dele. Estando então cheio de alegria, e revigorado pelo poder do soberano eterno de todas as coisas móveis e imóveis, ele destruiu na batalha que se seguiu todos os inimigos dos deuses;

---

7 Como consta no Bhagavata.

8 O Matsya diz que Indra (Devarat) nasceu como Vikukshi, e que Ikshwaku teve cento e quatorze outros filhos, que foram reis dos países ao sul de Meru; e o mesmo número que reinou ao norte daquela montanha. O Vayu e a maioria das outras autoridades concorda no número de cem, dos quais cinquenta, com Sakuni em sua chefia, são colocados no norte; e quarenta e oito no sul, de acordo com o Vayu, dos quais Vimati era o chefe. A mesma autoridade também especifica Nimi e Danda como filhos de Ikshwaku, como faz o Bhagavata, com a adição do reinado deles nas regiões centrais. A distribuição do resto naquele trabalho é vinte e cinco no oeste, o mesmo número no leste, e o restante em outro lugar; isto é, o comentador adiciona, norte e sul. Parece muito provável que por esses filhos de Ikshwaku nós devamos entender colônias ou colonizadores em várias partes da Índia.

9 {Dias específicos para fazer oferendas aos antepassados.} Ver páginas 264, 265.

10 O Vayu afirma que ele foi rei de Ayodhya, depois da morte de Ikshwaku. A história se encontra em todas as autoridades, mais ou menos detalhada.

11 O Vayu diz, foi na guerra do estorninho e a cegonha; um conflito entre Vasishtha e Viswamitra, transformados em pássaros, de acordo com o Bhagavata; mas aquele trabalho a atribui a um período diferente, ou o reinado de Harischandra. Se a tradição tem alguma significação, isso pode se referir às bandeiras dos partidos combatentes; pois bandeiras, com emblemas armoriais, eram, como nós aprendemos do Mahabharata, portados invariavelmente por príncipes e líderes.

e porque ele aniquilou a hoste de demônios sentado no ombro (ou na corcova, Kakud) do touro, ele por isso obteve o nome Kakutstha (sentado na corcova[12]).

O filho de Kakutstha era Anenas[13], cujo filho era Prithu, cujo filho era Viswagaswa[14], cujo filho era Ardra[15], cujo filho era Yuvanaswa, cujo filho era Sravasta, por quem a cidade de Sravasti[16] foi fundada. O filho de Sravasta era Vrihadaswa, cujo filho era Kuvalayaswa. Esse príncipe, inspirado com o espírito de Vishnu, destruiu o Asura Dhundhu, que tinha atormentado o sábio piedoso Uttanka; e ele era chamado de Dhundhumara por isso[17]. Em sua luta com o demônio o rei foi auxiliado por seus filhos, ao número de vinte e um mil; e todos esses, com a exceção de apenas três, pereceram na batalha, consumidos pela respiração ígnea de Dhundhu. Os três que sobreviveram eram Dridhaswa, Chandraswa, e Kapilaswa; e o filho e sucessor do mais velho desses era Haryyaswa; seu filho era Nikumbha; seu filho era Sanhataswa; seu filho era Krisaswa; seu filho era Prasenajit; e seu filho era outro Yuvanaswa[18].

Yuvanaswa não tinha filhos, pelo que ele estava profundamente aflito. Enquanto residindo na vizinhança dos Munis santos, ele os inspirou com piedade por sua condição sem filhos, e eles instituíram um rito religioso para obter progênie para ele. Uma noite durante sua realização, os sábios, tendo colocado um recipiente de água consagrada no altar, tinham se retirado para repousar. Passava da meia-noite quando o rei despertou, com muita sede; e não querendo perturbar algum dos ocupantes santos da habitação, ele olhou em volta em busca de algo para beber. Em sua procura ele chegou à água no jarro, que tinha sido santificada e dotada de eficácia prolífera através de textos sagrados, e ele a bebeu. Quando os Munis se levantaram, e descobriram que a água tinha sido bebida, eles indagaram quem a tinha bebido, e

---

12 O Bhagavata adiciona que ele capturou a cidade dos Asuras, situada no oeste; por isso seu nome Puranjaya, 'conquistador da cidade.' Ele também é chamado de Paranjaya, 'vencedor de inimigos,' e também de Indravaha, 'carregado por Indra.'

13 Suyodhana: Matsya, Agni, Kurma.

14 Viswaka: Linga. Viswagandhi: Bhagav. Vishtaraswa: Brahma P. e Hari V.

15 Andhra: Vayu. Ayu: Agni. Chandra: Bhagavata.

16 Savasta e Savasti: Bhagav. Sravasti: Matsya, Linga, e Kurma, que também dizem que Sravasti era no país de Gaura, que é Bengala oriental; mas ela é colocada mais usualmente em Kosala, pelo qual uma parte de Oude é geralmente compreendida. Em meu Dicionário eu inseri Sravanti, sob a autoridade do Trikanda Sesha, mas isso é sem dúvida um erro em lugar de Sravasti; lá ela é também chamada de Dharmapattana, sendo uma cidade de alguma santidade na estimação dos budistas. Ela é chamada por Fa-Hian, de She-wei; por Hwan Tsang, de She-lo-va-si-ti; e colocada por ambos quase no local de Fyzabad em Oude. Descrição do Foe-kue-ki.

17 Essa lenda é contada em muito mais detalhes no Vayu e Brahma Puranas. Dhundhu se escondeu embaixo de um mar de areia, o qual Kuvalyaswa e seus filhos cavaram, não amedrontados pelas chamas que impediam seu progresso, e finalmente destruíram a maioria deles. A lenda provavelmente se origina na ocorrência de algum fenômeno físico, como um terremoto ou vulcão.

18 A série de nomes concorda muito bem com Samhataswa, chamado de Varhanaswa no Bhagavata. Nós temos algumas variações lá, e alguns detalhes não citados em nosso texto. O Vayu, Brahma, Agni, Linga, Matsya, e Kurma, atribuem dois filhos a Samhataswa, a quem os dois primeiros chamam de Krisaswa e Akrisaswa, e o resto Krisaswa e Ranaswa. Senajit ou Prasenajit é geralmente, embora não sempre, chamado de filho do irmão mais novo; mas o comentador no Hari Vansa o chama de filho de Samhataswa, enquanto o Matsya, Agni, Linga, e Kurma o omitem, e fazem Mandhatri o filho de Ranaswa. A mãe de Prasenajit e a esposa de Akrisaswa ou Samhataswa, de acordo com as diferentes interpretações, era a filha de Himavat, conhecida como Drishadvati, o rio assim chamado (página 171, n. 7). A esposa de Yuvanaswa, de acordo com o Vayu, ou de Prasenajit, de acordo com o Brahma, era Gauri, a filha de Rantinara, que, incorrendo na maldição de seu marido, tornou-se o rio Bahuda (página 171, n. 6). O Brahma e Hari Vansa chamam Yuvanaswa de filho dela; mas em outro lugar o Hari Vansa se contradiz, chamando Gauri de filha de Matimara, da linhagem de Puru, a mãe de Mandhatri; aqui seguindo aparentemente o Matsya, no qual isso é afirmado dessa forma. O Brahma Purana não é culpado da inconsistência. O Vayu naturalmente dá o título a Mandhatri, com a adição que ele se chamava Gaurika, por causa de sua mãe. O nascimento de Mandhatri de Gauri é o mais notável, porque isso é incompatível com a lenda usual dada em nosso texto e no Bhagavata, que parece portanto ter sido de origem subsequente, sugerida pela etimologia do nome. No Bhagavata, Mandhatri também é chamado de Trasadasyu, ou o amedrontador de ladrões.

disseram, "A rainha que bebeu essa água dará à luz um filho poderoso e valoroso." "Fui eu", exclamou o Raja "que bebi a água inadvertidamente!" E consequentemente na barriga de Yuvanaswa foi concebida uma criança, e ela cresceu, e no devido tempo rasgou o lado direito do Raja, e nasceu, e o Raja não morreu. Após o nascimento da criança "Quem será sua ama-seca?" disseram os Munis; quando Indra, o rei dos deuses, apareceu, e disse, "Ele terá a mim como sua ama-seca," (mam dhasyati); e por isso o menino se chamava Mandhatri. Indra pôs seu dedo indicador na boca da criança, que o chupou, e sugou dele néctar divino; e ele cresceu, e se tornou um monarca poderoso, e submeteu as sete zonas continentais ao seu domínio. E aqui um verso é recitado; "Do nascer ao pôr do sol, tudo o que é iluminado por sua luz, é a terra de Mandhatri, o filho de Yuvanaswa[19]."

Mandhatri se casou com Vindumati, a filha de Sasavindu, e teve três filhos com ela, Purukutsa, Ambarisha, e Muchukunda; ele também teve cinquenta filhas[20].

O sábio devoto Saubhari, versado nos Vedas, tinha passado doze anos imerso em uma pequena quantidade de água; o soberano dos peixes na qual, chamado Sammada, de tamanho grande, tinha uma progênie muito numerosa. Seus filhos e netos costumavam brincar ao redor dele em todas as direções, e ele vivia alegremente entre eles, se divertindo com eles noite e dia. Saubhari o sábio, sendo perturbado em suas práticas religiosas pelas diversões deles, viu a felicidade patriarcal do monarca do lago, e refletiu, "Quão invejável é essa criatura, que, embora nascida em um estado de existência degradado, está sempre se divertindo dessa forma entre sua prole e os filhotes deles. De verdade ele desperta em minha mente o desejo de provar tal prazer, e eu também serei feliz entre meus filhos." Tendo resolvido assim, o Muni subiu apressadamente da água, e, desejoso de entrar na condição de um chefe de família, foi até Mandhatri pedir uma das filhas dele como sua esposa. Assim que ele foi informado da chegada do sábio, o rei se levantou de seu trono, lhe ofereceu a libação habitual, e o tratou com o mais profundo respeito. Tendo se sentado, Saubhari disse ao Raja, "Eu resolvi me casar. Você, rei, me dê uma de suas filhas como uma esposa, não desaponte meu afeto. Não é a prática dos príncipes da linhagem de Kakutstha rejeitar realizar os desejos daqueles que vão a eles em busca de auxílio. Há, ó monarca, outros reis da terra para quem nasceram filhas, mas sua família é acima de todas renomada pela observância de liberalidade em suas doações para aqueles que pedem sua generosidade. Você tem, ó príncipe, cinquenta filhas; dê uma delas a mim, de modo que eu possa ser aliviado da ansiedade que eu sofro por temer que meu pedido possa ser negado."

Quando Mandhatri ouviu esse pedido, e olhou para o corpo do sábio, emaciado por austeridade e velhice, ele se sentiu disposto a recusar seu consentimento; mas temendo incorrer na raiva e maldição do homem santo, ele estava muito perplexo, e, baixando sua cabeça, ficou perdido um tempo em pensamento. O Rishi, observando a hesitação dele, disse, "No que, ó Raja, você medita? Eu não pedi nada que não possa ser dado prontamente. E o que é que será inalcançável para você, se meus desejos forem satisfeitos pela donzela que você precisa me dar?" A isso, o rei, apreensivo do desgosto [maldição] dele, respondeu e disse, "Senhor distinto, é o costume estabelecido de nossa casa só casar nossas filhas com tais pessoas que elas mesmas escolhem a partir de pretendentes de posição apropriada; e já que esse seu pedido ainda não é conhecido por minhas donzelas, é impossível dizer se ele pode ser igualmente agradável para elas quanto ele é para mim. Esse é o motivo da minha perplexidade, e eu não sei o que fazer." Essa resposta do rei foi totalmente

[19] O Vayu cita esse mesmo verso e outro, com a observação que eles foram proferidos por aqueles familiarizados com os Puranas e com genealogias.

[20] O Brahma e Agni omitem Ambarisha, por quem o Matsya substitui Dharmasena. A lenda seguinte de Saubhari ocorre em outro lugar só no Bhagavata, e lá em menos detalhes.

compreendida pelo Rishi, que disse para si mesmo, "Essa é somente uma invenção do Raja para se esquivar de concordar com meu pedido. Ele refletiu que eu sou um homem velho, não tendo nenhuma atração para mulheres, e provavelmente não serei aceito por nenhuma das filhas dele. Que seja assim mesmo; eu serei páreo para ele." E ele então falou em voz alta, e disse, "Já que tal é o costume, príncipe poderoso, dê ordens para que eu seja admitido no interior do palácio. Se alguma das donzelas suas filhas estiver disposta a me aceitar como um noivo, eu a terei como minha noiva; se nenhuma estiver disposta, então que a culpa recaia apenas sobre os anos que eu tenho." Tendo falado assim, ele ficou calado.

Mandhatri, pouco disposto a provocar a indignação do Muni, foi consequentemente obrigado a mandar o eunuco levar o sábio para os aposentos internos; que, quando ele entrou nos apartamentos, assumiu uma forma e feições de beleza que excediam de longe os encantos pessoais de mortais, ou até mesmo de espíritos divinos. Seu condutor, dirigindo-se às princesas, disse a elas, "Seu pai, jovens senhoras, lhes envia este sábio religioso, que pediu dele uma noiva; e o Raja prometeu que ele não recusará a ele qualquer uma de vocês que o escolher como seu marido." Quando as donzelas ouviram isso, e olharam para a aparência do Rishi, elas foram igualmente inspiradas com paixão e desejo, e, como uma tropa de elefantas disputando os favores do chefe da manada, todas elas disputaram pela escolha. "Fora, fora, irmã!" disse cada uma para a outra; "esta é minha eleição, ele é meu escolhido; ele não é um noivo adequado para você; ele foi criado, por Brahma, de propósito para mim, como eu fui criada para me tornar esposa dele; ele foi escolhido por mim antes de você; você não tem direito de impedi-lo de seu tornar meu marido." Desse modo surgiu uma disputa violenta entre as filhas do rei, cada uma insistindo na eleição exclusiva do Rishi; e como o sábio impecável estava sendo assim disputado pelas princesas de rivais, o superintendente dos apartamentos internos, com um olhar abatido, informou ao rei o que tinha acontecido. Desconcertado mais do que nunca por essa informação, o Raja exclamou, "O que é tudo isso? E o que eu devo fazer agora? O que foi que eu disse?" E finalmente, embora com relutância extrema, ele foi obrigado a concordar que o Rishi deveria se casar com todas as suas filhas.

Tendo se casado então, segundo a lei, com todas as princesas, o sábio as levou para casa, para sua habitação, onde ele empregou o principal dos arquitetos, Viswakarman, igual em distinção e habilidade ao próprio Brahma, para construir palácios separados para cada uma de suas esposas. Ele ordenou que ele equipasse cada edifício com sofás e assentos e mobília elegantes, e ligasse a eles jardins e arvoredos, com reservatórios de água, onde o pato selvagem e o cisne se divertissem entre canteiros de flores de loto. O artista divino obedeceu suas ordens, e construiu apartamentos esplêndidos para as esposas do Rishi; nos quais por ordem de Saubhari, o tesouro inesgotável e divino chamado Nanda[21] tomou sua redidência permanente, e as princesas entretinham todos os seus convidados e dependentes com iguarias abundantes de todo tipo e da qualidade mais seleta.

Depois que algum período tinha passado, o coração do rei Mandhatri ansiou por suas filhas, e ele se sentiu desejoso de saber se elas estavam em situação de alegria. Partindo então em uma visita para o eremitério de Saubhari, ele viu em sua chegada uma fila de belos palácios cristalinos, luzindo tão brilhantemente quanto os raios do sol, e situados entre jardins adoráveis, e reservatórios de água translúcida. Entrando em um daqueles palácios magníficos, ele encontrou e abraçou uma filha, e disse a ela, enquanto lágrimas de afeição e alegria tremiam em seus olhos, "Filha querida, diga-me como você está. Você está contente aqui? Ou não? O grande sábio trata você com ternura? Ou você volta com desapontamento para sua casa antiga?" A

---

[21] O grande Nidhi. Um Nidhi é um tesouro, dos quais há vários pertencentes a Kuvera; cada um tem seu espírito guardião, ou é personificado.

princesa respondeu, "Você vê, meu pai, quão encantadora mansão eu habito, cercada por jardins e lagos adoráveis, onde o loto floresce, e os cisnes selvagens murmuram. Aqui eu tenho iguarias deliciosas, unguentos fragrantes, ornamentos caros, vestuário esplêndido, camas macias, e todo o prazer que a riqueza pode obter. Por que então eu deveria chamar à memória o lugar de meu nascimento? Por seu favor eu estou grata por tudo o que eu possuo. Eu tenho só uma causa de ansiedade, que é esta: meu marido nunca está ausente de minha casa; ligado exclusivamente a mim, ele está sempre ao meu lado; ele nunca se aproxima de minhas irmãs; e eu estou preocupada ao pensar que elas devem se sentir mortificadas pela negligência dele, essa é a única circunstância que me dá intranquilidade."

Prosseguindo para visitar outra das filhas dele, o rei, depois de abraçá-la, e se sentar, fez a mesma pergunta, e recebeu a mesma descrição dos prazeres com os quais a princesa era provida. Também havia a mesma reclamação, que o Rishi era dedicado totalmente a ela, e não dava atenção para as irmãs dela. Em cada palácio Mandhatri ouviu a mesma história de cada uma de suas filhas em resposta às suas perguntas; e com o coração transbordando de admiração e deleite ele se dirigiu ao sábio Saubhari, a quem ele encontrou sozinho, e, depois de lhe prestar homenagem, dirigiu-se a ele dessa maneira: "Sábio santo, eu tenho testemunhado esse teu poder extraordinário; faculdades milagrosas semelhantes eu nunca soube que algum outro possui. Quão grande é a recompensa de tuas austeridades religiosas!" Tendo saudado o sábio desse modo, e sido recebido por ele com respeito, o Raja residiu com ele por algum tempo, partilhando dos prazeres do lugar, e então voltou para sua capital.

Com o passar do tempo as filhas de Mandhatri tiveram com Saubhari cento e cinquenta filhos, e dia a dia a afeição dele por seus filhos ficava mais intensa, e seu coração estava completamente ocupado, com o sentimento de eu[22]. "Esses meus filhos", ele adorava pensar, "me encantarão com sua conversa infantil; então eles aprenderão a andar; então eles crescerão até a juventude e idade adulta. Eu os verei casados, e eles terão filhos; e eu poderei ver os filhos daqueles filhos." Por essas e reflexões semelhantes, contudo, ele percebeu que suas antecipações diariamente ultrapassavam o curso do tempo, [acompanhavam o progresso diário do tempo], e afinal ele exclamou, "Que tolice extrema é minha! Não há fim para meus desejos. Embora tudo o que eu espero viesse a acontecer por dez mil ou cem mil anos, ainda assim desejos novos surgiriam. Embora eu tenha visto meus filhos caminharem; tenha visto sua juventude, sua idade adulta, seu matrimônio, sua progênie; minhas expectativas ainda estão insatisfeitas, e minha alma anseia para ver os descendentes dos descendentes deles. Mesmo que eu os veja, algum outro desejo será gerado; e quando ele for realizado, como o nascimento de novos desejos será evitado? Eu descobri afinal que não há fim para a esperança, até que ela termina na morte; e que a mente que está perpetuamente absorta pela expectativa nunca pode ser unida ao espírito supremo. Minhas devoções mentais, enquanto imerso em água, foram interrompidas por afeto por meu amigo o peixe. O resultado daquela ligação foi meu casamento; e desejos insaciáveis são as consequências da minha vida de casado. A dor consequente do nascimento do meu único corpo está aumentada agora pelos cuidados vinculados a cinquenta outros, e é multiplicada mais pelos numerosos filhos que as princesas tiveram comigo. As fontes de aflição serão renovadas repetidamente pelos filhos deles, e por seus casamentos, e por sua progênie, e serão aumentadas infinitamente; uma vida de casado é uma mina de ansiedade individual. Minhas práticas religiosas, inicialmente perturbadas pelo peixe do tanque, foram desde então interrompidas por indulgência temporal, e eu fui iludido por aquele desejo por progênie que foi comunicado a mim por associação com Sammada. Separação do mundo é o

---

22 De Mamata, 'sentimento de meu;' a noção que esposas, filhos, riqueza, pertencem a um indivíduo, e são essenciais para sua felicidade.

único caminho do sábio para a libertação final; de relações com a humanidade procedem erros inumeráveis. O asceta que realizou um curso de abnegação decai da perfeição por contrair vínculos mundanos, quão mais provável é a queda de alguém cujas observâncias estão incompletas? Meu intelecto foi vítima do desejo de felicidade conjugal; mas eu me esforçarei agora para a salvação da minha alma, de modo que, livre de imperfeições humanas, eu possa ser desobrigado de sofrimentos humanos. Para esse objetivo eu propiciarei, através de penitência árdua, Vishnu, o criador do universo, cuja forma é inescrutável, que é menor que o menor, maior que o maior, a fonte de escuridão e de luz, o soberano deus dos deuses. No corpo eterno dele, que é substância separada e não separada, ilimitadamente poderoso, e idêntico ao universo, que minha mente, totalmente livre do pecado, esteja concentrada firmemente, para que eu não nasça mais. Para ele eu corro em busca de amparo; para aquele Vishnu que é o professor dos professores, que é uno com todos os seres, o puro senhor eterno de tudo, sem início, meio, ou fim, e além de quem não há nada." ◄

CAPÍTULO 3

Saubhari e suas esposas adotam uma vida ascética. Descendentes de Mandhatri. Lenda de Narmada e Purukutsa. Lenda de Trisanku. Bahu expulso de seu reino pelos Haihayas e Talajanghas. Nascimento de Sagara; ele conquista os bárbaros, impõe sobre eles usos distintivos, e os exclui de oferendas ao fogo, e do estudo dos Vedas.

Tendo conversado consigo mesmo dessa maneira, Saubhari abandonou seus filhos, sua casa, e todo o seu esplendor, e, acompanhado por suas esposas, entrou na floresta, onde ele praticava diariamente as observâncias seguidas pelos ascetas chamados Vaikhanasas (ou anacoretas que têm famílias), até que ele se purificou de todo pecado. Quando seu intelecto tinha atingido maturidade, ele concentrou em seu espírito os fogos sacramentais[1], e se tornou um mendicante religioso. Tendo entregue todos os seus atos então ao supremo, ele obteve a condição de Achyuta, que não conhece mudança, e não está sujeito às vicissitudes de nascimento, transmigração, ou morte. Quem lê, ou ouve, ou se lembra, ou compreende essa lenda de Saubhari, e seu casamento com as filhas de Mandhatri, nunca irá, por oito nascimentos sucessivos, ser afeito a pensamentos maus, nem ele agirá injustamente, nem sua mente se demorará sobre objetos impróprios, nem ele será influenciado por apegos egoístas. A linhagem de Mandhatri é retomada agora.

O filho de Ambarisha, o filho de Mandhatri, era Yuvanaswa; o filho dele era Harita[2], de quem descenderam os Angirasa Haritas[3].

Nas regiões abaixo da terra os Gandharbas chamados Mauneyas (ou filhos do Muni Kasyapa), que eram sessenta milhões em número, tinham derrotado as tribos dos Nagas, ou deuses-cobra, e se apoderado de suas jóias mais preciosas, e usurpado seu domínio. Privados de seu poder pelos Gandharbas, os chefes serpente se dirigiram ao deus dos deuses, quando ele despertou de seu sono; e as flores dos olhos de loto dele se abriram enquanto escutando seus hinos. Eles disseram, "Deus, como nós seremos salvos desse grande medo?" Então respondeu o primeiro dos seres masculinos, que é sem início: "Eu entrarei na pessoa de Purukutsa, o filho de Mandhatri, o filho de Yuvanaswa, e nele eu aquietarei esses Gandharbas iníquos." Ao ouvirem essas palavras, os deuses-cobra se curvaram e se retiraram, e voltando para seu país despacharam Narmada para solicitar a ajuda de Purukutsa[4].

---

1 Como consta em Manu; "Tendo depositado, como manda a lei, os fogos sagrados em seu peito," etc. VI. 25.

2 O Vayu, Linga, Kurma, e Bhagavata concordam nessa série; os outros a omitem.

3 As palavras do texto são: तस्माद्धरितो यतोऽङ्गिरसो हारिताः ।, e o comentador explica a frase, 'os brâmanes Angirasa, dos quais a família de Harita era a principal.' O Linga lê, 'Harita era o filho de Yuvanaswa, cujos filhos eram os Haritas; eles eram do partido (ou seguidores) de Angiras, e eram brâmanes com as características de kshatriyas.' O Vayu tem, 'Harita era o filho de Yuvanaswa, por causa de quem muitos foram chamados de Haritas; eles eram filhos de Angiras, e brâmanes com as qualidades de kshatriyas.' O Bhagavata tem apenas: मान्धातृप्रवरा इमे ।. Estes (Ambarisha, Purukutsa, e Harita) eram, de acordo com o comentário de Sridhara Swami, os principais dos descendentes de Mandhatri, sendo os fundadores de três ramos diferentes; ou, isso pode significar, ele diz, meramente aqueles que tiveram Mandhatri como seu progenitor; Mandhatri sendo, segundo alguns, também chamado de Angiras, de acordo com Aswalayana. Pode ser questionado se os compiladores dos Puranas, ou seus comentadores, sabiam exatamente o que fazer dessa e frases semelhantes, embora eles provavelmente pretendessem insinuar que algumas pessoas de origem de kshatriya se tornaram os discípulos de certos brâmanes, particularmente de Angiras, e depois eles mesmos fundadores de escolas de instrução religiosa. O próprio Mandhatri é o autor de um hino no Rigo-veda. As. Res. VIII. 385. Harita é o nome de um sábio individual, considerado como o filho de Chyavana, e a quem uma obra sobre lei é atribuída. Provavelmente, ele é mais propriamente aquele de uma escola, no entanto, que de um indivíduo.

4 Narmada, o rio Nerbudda personificado, era, de acordo com o Bhagavata, a irmã dos Nagas.

Narmada consequentemente foi até Purukutsa, e o conduziu às regiões abaixo da terra onde, estando cheio com o poder da divindade, ele destruiu os Gandharbas. Ele retornou então para seu próprio palácio; e os deuses cobra, em reconhecimento dos serviços de Narmada, conferiram a ela como uma bênção, que quem quer que pensasse nela, e invocasse o nome dela, nunca deveria ter qualquer medo do veneno de cobras. Esta é a prece; "Saudação a Narmada pela manhã; saudação a Narmada à noite; saudação a ti, ó Narmada! Defenda-me do veneno da serpente." Quem repete isso dia e noite, nunca será mordido por uma cobra na escuridão nem ao entrar em uma câmara; nem aquele que se lembra dela, quando ele come, sofre algum dano por veneno, embora ele esteja misturado com sua comida. Para Purukutsa também os deuses-cobra anunciaram que a sucessão dos descendentes dele nunca seria interrompida.

Purukutsa teve um filho com Narmada chamado Trasadasyu, cujo filho era Sambhuta[5], cujo filho era Anaranya, que foi morto por Ravana em seu progresso triunfante pelas nações. O filho de Anaranya era Prishadaswa; seu filho era Haryyaswa; seu filho era Sumanas[6]; seu filho era Tridhanwan; seu filho era Trayyaruna; e seu filho era Satyavrata, que obteve o título de Trisanku, e foi degradado à condição de um Chandala, ou pária[7]. Durante uma escassez [literalmente, estiagem] de doze anos Trisanku forneceu carne de cervo para a nutrição da esposa e filhos de Viswamitra, suspendendo-a em uma figueira espalhada nas margens do Ganges, de modo que ele não pudesse sujeitá-los à indignidade de receber presentes de um pária. Por causa disso Viswamitra, estando muito satisfeito com ele, elevou-o em seu corpo vivo para o céu[8].

---

5 Nós temos algumas variedades aqui. Em vez de Trasadasyu o Matsya tem Dussaha, a quem ele faz o marido de Narmada, e pai de Sambhuti, o pai de Tridhanwan. O Bhagavata omite Sambhuti; o Linga lhe faz o irmão de Trasadasyu; e o Agni tem no lugar dele Sudhanwan.

6 Vrishadaswa: Vayu. O Matsya, Agni, e Brahma omitem todos entre Sambhuta e Tridhanwan. O Bhagavata tem uma série bastante diferente, ou Anaranya, Haryyaswa, Aruna, Tribandhana, Trisanku. Como Anaranya é famoso na história hindu, e Trayyaruna é um contribuinte para o Rig-veda, a omissão deles mostra compilação descuidada.

7 O Vayu afirma que ele foi banido por seu pai por sua maldade (Adharma). O Brahma Purana e Hari Vansa detalham a iniquidade dele detalhadamente; e isso é contado mais concisamente no Linga. Ele arrebatou a esposa prometida de outro homem, um dos cidadãos de acordo com os dois primeiros; de Vidarbha, de acordo com o último. Por isso, o pai dele, pelo conselho de Vasishtha, o baniu, e ele se refugiu com Swapakas. O Ramayana tem uma história diferente, e atribui a degradação de Trisanku à maldição dos filhos de Vasishtha, a quem o rei tinha recorrido para conduzir seu sacrifício, depois que o pai deles tinha recusado fazer isso. Antes disso, ele é descrito como um príncipe piedoso, e o objetivo do sacrifício dele era ascender ao céu.

8 A ocorrência da escassez, e o cuidado de Satyavrata da esposa e família de Viswamitra, são contados, com algumas variações, no Vayu, que foi seguido pelo Brahma e Hari Vansa. Durante a escassez, quando a carne de caça falta, ele mata a vaca de Vasishtha; e pelos três crimes de desagradar seu pai, matar uma vaca, e comer carne não consagrada previamente, ele adquire o nome de Trisanku (tri, 'três', sanku, 'pecado'). Vasishtha se recusando a executar sua inauguração real, Viswamitra celebra os ritos, e na morte dele eleva o rei em seu corpo mortal para o céu. O Ramayana relata a mesma circunstância, mas a atribui a um motivo diferente, o ressentimento de Viswamitra da recusa dos deuses a assistir ao sacrifício de Trisanku. Aquele trabalho também descreve a tentativa dos deuses de lançar o rei sobre a terra, e o acordo entre eles e Viswamitra, pelo qual Trisanku foi deixado suspenso, de cabeça para baixo, em um ponto culminante do céu, formando uma constelação no hemisfério sul, junto com outros planetas e estrelas novos formados por Viswamitra. O Bhagavata tem uma alusão a essa lenda, dizendo que Trisanku ainda é visível no céu. O Vayu fornece alguma informação adicional de uma fonte mais antiga. Ambas as minhas cópias deixam um espaço em branco onde ela está marcada, e uma passagem semelhante não ocorre em outro lugar; mas a palavra provavelmente deveria ser निशा; e o todo pode ser traduzido assim: "Homens familiarizados com os Puranas recitam estas duas estrofes; 'Pelo favor de Viswamitra, o ilustre Trisanku brilha no céu junto com os deuses, pela bondade daquele sábio. Passa lentamente a noite adorável no inverno, embelezada pela lua, adornada com três quartos {12 horas}, e ornamentada com a constelação Trisanku.'" Essa lenda é então claramente astronômica, e alude possivelmente a alguma reforma da esfera por Viswamitra, sob o patronato de Trisanku, e em oposição a um sistema mais antigo defendido pela escola de Vasishtha. Pode não ser uma conjetura

O filho de Trisanku era Harischandra[9]; seu filho era Rohitaswa[10]; seu filho era Harita[11]; seu filho era Chunchu[12], que teve dois filhos chamados Vijaya e Sudeva. Ruruka[13] era o filho de Vijaya, e seu próprio filho era Vrika, cujo filho era Bahu (ou Bathuka). Esse príncipe foi derrotado pelas tribos de Haihayas e Talajanghas[14], e seu país foi devastado por eles; por causa do que ele fugiu para as florestas com suas esposas. Uma dessas estava grávida, e sendo um objeto de ciúme para uma rainha rival, a última deu lhe veneno para impedir seu parto. O veneno teve o efeito de confinar a criança no útero por sete anos. Bahu, tendo se tornado velho, morreu na proximidade da residência do Muni Aurva. Sua rainha tendo construído sua pira funerária, subiu nela com a determinação do acompanhá-lo na morte; mas o sábio Aurva, que conhecia todas as coisas, passadas, presentes, e futuras, saiu de seu eremitério, e a proibiu, dizendo, "Pare! Pare! Isso é injusto; um príncipe corajoso, o monarca de muitos reinos, o oferecedor de muitos sacrifícios, o destruidor de seus inimigos, um imperador universal, está no teu útero; não pense em cometer um ato tão desesperado!" Consequentemente, em obediência às injunções dele, ela desistiu de sua intenção. O sábio então a conduziu para a residência dele, e depois de algum tempo um menino muito esplêndido nasceu lá. Junto com ele o veneno que tinha sido dado à sua mãe foi expelido; e Aurva, depois de executar as cerimônias requeridas no nascimento, deu a ele por causa disso o nome de Sagara (de Sa, 'com', e Gara, 'veneno'). O mesmo sábio santo celebrou sua investidura com o cordão da classe dele, o instruiu completamente nos Vedas, e lhe ensinou o uso de armas, especialmente aquelas de fogo, que receberam o nome de Bhargava.

Quando o menino tinha crescido, e era capaz de reflexão, ele disse à sua mãe um dia, "Por que nós estamos morando neste eremitério? Onde meu pai está?E quem é ele?" Sua mãe, em resposta, contou para ele tudo o que tinha acontecido. Ao ouvir o

---

muito temerária, talvez, identificar Trisanku com Orion, as três estrelas brilhantes de cujo cinto podem ter sugestionado os três Sankus (estacas ou pinos) que formam o nome dele.

9 As listas purânicas geralmente rejeitam Harischandra muito sumariamente, mas ele faz uma figura conspícua em lendas de uma data aparentemente posterior. No Mahabharata, Sabha Parva {cap. 12, pág. 27}, é afirmado que ele reside na corte de Indra, à qual ele foi elevado por sua realização do sacrifício Rajasuya, e por sua generosidade ilimitada. Isso parece ter servido como a base da história contada no Markandeya e Padma Puranas, de ele ter dado seu país inteiro, sua esposa e filho, e finalmente ele mesmo, para Viswamitra, em satisfação das exigências dele por Dakshina. Por consequência ele foi elevado com seus súditos para o céu, de onde, tendo sido levado insidiosamente por Narada a se gabar de seus méritos, ele foi impelido à queda novamente. Seu arrependimento de seu orgulho, no entanto, parou sua descida, e ele e sua comitiva pausaram em um ponto no céu. É acreditado popularmente que a cidade de Harischandra é às vezes ainda visível nos céus. A indignação de Vasishtha pela insaciabilidade de Viswamitra produziu uma disputa, na qual suas maldições mútuas os transformaram em dois pássaros, o Sarali, um tipo de Turdus, e o Baka, ou grou. Nessas formas eles lutaram por um tempo considerável, até que Brahma interveio, e os reconciliou. O Bhagavata alude a essa história, em sua observação sobre Harischandra; mas o Vayu atribui o conflito ao reinado de um príncipe diferente: veja a pág. 287, n. 11. De acordo com o Shiva Purana, Harischandra era um adorador especial daquela divindade; e sua esposa Satyavati era uma forma de Jaya, uma das criadas de Durga.

10 Também lido Rohita. Traços de seu nome aparecem nas fortalezas de Rotas, em Behar e no Punjab. O Bhagavata tem uma lenda de ele ter sido dedicado a Varuna, antes de seu nascimento, por seu pai, que tendo após vários rogos adiado oferecer seu filho como prometido, foi afligido por uma hidropisia. Rohita finalmente comprou Sunahsephas, que foi oferecido como uma vítima no lugar dele: veja depois [cap. 7, n. 22], nota sobre Sunahsephas.

11 Omitido: Agni, Linga, e Matsya.

12 Omitido: Agni. Dhundhu: Linga e Kurma. Champa, fundador de Champamalini: Bhagavata. Mas todas as outras autoridades fazem de Champa uma pessoa diferente, um descendente de Anga: veja família de Anu, da linhagem lunar, [cap. 18].

13 Kuruka: Linga e Kurma. Bharuka: Bhagavata.

14 Descendentes de Yadu. O primeiro descende de um príncipe que é o décimo segundo, e o segundo de um que é o décimo oitavo, na linha lunar, e ambos são assim contemporâneos com um príncipe que é o trigésimo quinto da dinastia solar. O Vayu adiciona, que eles foram ajudados por Sakas, Yavanas, Kambojas, Paravas, e Pahlavas.

que ele ficou muito enraivecido, e jurou recuperar seu reino patrimonial; e exterminar os Haihayas e Talajanghas, por quem ele tinha sido infestado. Consequentemente quando ele se tornou um homem, ele quase executou todos os Haihayas, e também teria destruído os Sakas, os Yavanas, Kambojas, Paradas, e Pahnavas[15], mas eles recorreram a Vasishtha, o sacerdote familiar de Sagara, por proteção. Vasishtha considerando-os como aniquilados (ou privados de poder), embora vivos, falou desse modo para Sagara: "Basta, basta, meu filho, não persiga mais esses objetos de sua ira, a quem você pode considerar como nada mais. Para cumprir seu voto eu os separei de afinidade com as tribos regeneradas, e dos deveres de suas castas." Sagara, conforme as injunções de seu guia espiritual, se contentou portanto em impor sobre as nações derrotadas marcas distintivas peculiares. Ele fez os Yavanas[16] rasparem suas cabeças completamente; os Sakas ele obrigou a rasparem a metade (superior) de suas cabeças; os Paradas usavam seu cabelo comprido; e os Pahnavas deixaram suas barbas crescerem, em obediência às ordens dele[17]. A eles também, e outras tribos kshatriya, ele privou dos costumes estabelecidos de oblações para o fogo e do estudo dos Vedas; e assim separadas dos ritos religiosos, e abandonadas pelos brâmanes, essas diferentes tribos se tornaram Mlechchhas. Sagara, depois da recuperação de seu reino, reinou sobre a terra dividida em sete zonas com domínio indisputado[18]. ◄

---

[15] Os Haihayas nós teremos oportunidade mais adiante para mencionar. Os Sakas são, sem dúvida, os Sacae ou Sakai dos geógrafos clássicos, Citas e Indo-Citas, tribos turcas ou tártaras, que se estabeleceram, cerca de um século e meio antes da nossa era, ao longo dos distritos ocidentais da Índia, e que não são improvavelmente conectados com nossos antepassados saxônios. Os Yavanas são os jônios ou gregos. Os Kambojas eram um povo no noroeste da Índia, dos quais é dito que eles eram notáveis por uma raça importante de cavalos. Há um traço aparente do nome deles nos Caumogees do Kafiristão que podem ter se retirado para as montanhas antes do avanço das tribos turcas. (Uma Descrição do Reino de Caubul, de Elphinstone, 619; veja também a página 180, n. 146.) Os Paradas e Pahlavas ou Pahnavas podem designar outras tribos fronteiriças na mesma direção, ou nos confins da Pérsia. Junto com esses, na lenda que segue, o Bhagavata enumera Barbaras. O Vayu soma Mahishikas, Chaulas, Darvas, e Khasas: os dois primeiros dos quais são o povo nas costas Malabar e Coromandel; os dois últimos são normalmente colocados entre os montanheses da {cordilheira} Hindu Kush {'Assassina de hindus}. O Brahma Purana alonga a lista com os Kolas, as tribos florestas de Gondwana oriental; os Sarpas e os Keralas, que são o povo de Malabar. O Hari Vansa estende ainda mais a enumeração com os Tusharas ou Tokharas, os turcos de Tokharestan; os Chinas, chineses; os Madras, povo no Punjab; os Kishkindhas, em Mysore; Kauntalas, ao longo do Narbudda; Bangas, bengalis; Salwas, povo na Índia ocidental; e os Konkanas, ou habitantes do Concan. É evidente a partir da localidade da maioria das adições da última autoridade, que seu compilador ou o corruptor foi um nativo do Dekhin.

[16] E Kambojas: Vayu.

[17] As nações Asiáticas geralmente raspam a cabeça completamente ou parcialmente. Entre os gregos era comum raspar a parte dianteira da cabeça, um costume introduzido, de acordo com Plutarco, pelos Abantes, a quem Homer chama de opithen komountes e seguido, de acordo com Xenofonte, pelos lacedemônios. Porém, pode ser duvidado se os gregos ou jônios alguma vez rasparam completamente a cabeça. A prática prevalece entre os muçulmanos, mas não é universal. Os Sakas, citas ou tártaros, raspam a parte dianteira da cabeça, juntando o cabelo na parte de trás em um rabo longo, como fazem os chineses. Os montanheses do Himalaia raspam a coroa da cabeça, como faz o povo do Kafiristão, com exceção de um único topete. Que o povo oriental usava seus cabelos longos, exceto na parte de trás da cabeça, é questionável; e o costume mais propriamente seria característico das nações teutônicas e góticas. Os persas antigos tinham barbas longas cerradas, como demonstram as esculturas persepolitanas. No tempo de Chardin elas estavam fora de moda, mas estavam novamente em voga naquele país no reinado do último rei, Fateh Shuh.

[18] Como consta no Vayu, etc.; e uma declaração similar é dada em Manu, X. 44, onde aos Sakas, Yavanas, Kambojas, Paradas, e Pahnavas, são somados os Pandaras (povo da Bengala ocidental), Odras (aqueles de Orissa), Draviras (da costa Coromandel), Chinas (chineses), Kiratas (montanheses), e Daradas (Durds da Hindu Kush). A partir dessa passagem, e de uma semelhante no Ramayana, na qual os Chinas são mencionados, o falecido sr. Klaproth deduziu que aqueles trabalhos não são mais antigos que o terceiro século A. C., quando a dinastia reinante de Thsin deu pela primeira vez esse nome à China (veja também a página 180, n. 145). Era provável, ele supôs, que os hindus tenham se tornado familiarizados com os chineses apenas por volta de 200 A. C., quando suas tropas se estenderam para o Oxus; mas é difícil reconciliar essa data com a diferença de estilo entre o Ramayana especialmente e os trabalhos da época de Vikramaditya. Parece mais provável que os últimos nomes foram interpolados.

Deve ter sido um período de alguma antiguidade, quando todas as nações de Bengala à costa Coromandel eram consideradas como Mlechchhas e párias.

CAPÍTULO 4

A progênie de Sagara; a maldade deles; ele executa um Aswamedha; o cavalo roubado por Kapila; encontrado pelos filhos de Sagara, que são todos destruídos pelo sábio; o cavalo recuperado por Ansumat; seus descendentes. Lenda de Mitrasaha ou Kalmashapada, o filho de Sudasa. Lenda de Khatwanga. Nascimento de Rama e os outros filhos de Dasaratha. Epítome da história de Rama; os descendentes dele, e aqueles dos irmãos dele. Linha de Kusa. Vrihadbala, o último, morto na grande guerra.

Sumati, a filha de Kasyapa, e Kesini, a filha de Raja Vidarbha, eram as duas esposas de Sagara[1]. Estando sem progênie, o rei solicitou a ajuda do sábio Aurva com grande seriedade, e o Muni pronunciou esta bênção, que uma esposa daria à luz um filho, o sustentador de sua família, e a outra daria à luz sessenta mil filhos; e ele deixou para elas fazerem sua escolha. Kesini escolheu ter o único filho; Sumati a multidão, e aconteceu dentro de pouco tempo que a primeira deu à luz Asamanjas[2], um príncipe através do qual a dinastia continuou; e a filha de Vinata (Sumati) teve sessenta mil filhos. O filho de Asamanjas era Ansumat.

Asamanjas era desde sua juventude de conduta muito irregular. Seu pai esperava que quando ele se tornasse adulto ele se corrigisse; mas descobrindo que ele continuava culpado da mesma imoralidade, Sagara o abandonou. Os sessenta mil filhos de Sagara seguiram o exemplo de seu irmão Asamanjas. O caminho da virtude e devoção sendo obstruído no mundo pelos filhos de Sagara, os deuses se dirigiram ao Muni Kapila, que era uma porção de Vishnu, livre de erro, e dotado de toda a verdadeira sabedoria. Tendo se aproximado dele com respeito, eles disseram, "Ó senhor, o que será do mundo, se for permitido que esses filhos de Sagara continuem nos maus caminhos que eles aprenderam de Asamanjas? Tu, então, assuma uma forma visível, para a proteção do universo aflito." "Fiquem satisfeitos", respondeu o sábio, "em breve os filhos de Sagara serão todos destruídos."

Naquele período Sagara começou a realização do sacrifício sagrado de um cavalo, que era protegido pelos próprios filhos dele: entretanto, alguém roubou o animal, e o levou para dentro de uma brecha na terra. Sagara mandou seus filhos procurarem o corcel; e eles, localizando-o pelas impressões de seus cascos, seguiram a trajetória dele com perseverança, até chegarem à fenda na terra onde ele tinha entrado. Eles começaram a aumentá-la, e cavaram para baixo cada um por uma légua. Chegando a Patala, eles viram o cavalo vagando livremente em volta, e à pouca distância dele eles viram o Rishi Kapila sentado, com sua cabeça baixa em meditação, e iluminando o espaço circundante com brilho tão luminoso quanto os esplendores do sol outonal, brilhando em um céu sem nuvens. Exclamando, "Este é o patife que interrompeu maliciosamente nosso sacrifício, e roubou o cavalo! Matem-no! Matem-no!" eles correram em direção a ele com armas erguidas. O Muni ergueu seus olhos lentamente, e por um momento olhou para eles, e eles foram reduzidos a cinzas pela chama sagrada que se projetou da pessoa dele[3].

---

1 Como consta no Ramayana. Sumati é chamada de filha de Arishtanemi: o Mahabharata a chama de Saivya. A história de Sagara e seus descendentes é contada detalhadamente no Ramayana, primeiro livro, e no Mahabharata, Vana Parva, cap. 106 e seguintes, como também na maioria dos Puranas.

2 Ou Panchajana: Brahma.

3 O Bhagavata tem, para um Purana, algumas observações curiosas nessa parte da história, negando claramente sua veracidade: 'O relato não é verdadeiro, que os filhos do rei foram chamuscados pela ira do sábio; pois como pode a qualidade de escuridão, composta de raiva, existir em uma natureza purificadora do mundo, consistindo na qualidade de bondade; o pó da terra, por assim dizer, no céu? Como a perturbação mental distrairia aquele sábio, que era uno com o supremo, e que promulgou aquela

Quando Sagara soube que seus filhos, que ele tinha enviado em busca do corcel sacrifical, tinham sido destruídos pelo poder do grande Rishi Kapila, ele despachou Ansumat, o filho de Asamaujas, para efetuar a recuperação do animal. O jovem, procedendo pelo caminho profundo que os príncipes tinham cavado, chegou onde Kapila estava, e curvando-se respeitosamente, rogou a ele, e assim o propiciou, de modo que o santo disse, "Vá, meu filho, entregue o cavalo a seu avô; e peça uma bênção; teu neto trará o rio do céu para a terra." Ansumat pediu, como uma bênção, que seus tios, que tinham perecido pelo desagrado do sábio, pudessem, embora indignos disso, serem elevados ao céu pelo favor dele. "Eu lhe disse", Kapila respondeu "que seu neto trará para a terra o Ganges dos deuses; e quando as águas dela lavarem os ossos e cinzas dos filhos do teu avô, eles serão elevados a Swarga. Tal é a eficácia do rio que flui do dedo do pé de Vishnu, que ele concede o céu para todos os que se banham nele intencionalmente, ou até que são imersos acidentalmente nele; igualmente alcançarão Swarga aqueles cujos ossos, pele, fibras, cabelos, ou qualquer outra parte, forem deixados depois da morte na terra que é contígua ao Ganges." Tendo reconhecido com reverência a bondade do sábio, Ansumat voltou para seu avô, e entregou a ele o cavalo. Sagara, ao recuperar seu corcel, completou seu sacrifício; e em memória afetuosa de seus filhos, chamou de Sagara a brecha que eles tinham cavado[4].

O filho de Ansumat era Dilipa[5]; seu filho era Bhagiratha, que trouxe Ganga para a terra, por isso ela é chamada de Bhagirathi. O filho de Bhagiratha era Sruta[6]; seu filho era Nabhaga[7]; o filho dele era Ambarisha; seu filho era Sindhudwipa; seu filho era Ayutaswa[8]; seu filho era Rituparna, o amigo de Nala, profundamente habilidoso nos dados[9]. O filho de Rituparna era Sarvakama[10]; seu filho era Sudasa; seu filho era Saudasa, também chamado de Mitrasaha[11].

---

filosofia Sankhya, que é uma embarcação forte, pela qual aquele que deseja libertação atravessa o perigoso oceano do mundo pelo caminho da morte?'

4 Sagara ainda é o nome do oceano, e especialmente da baía de Bengala, na foz do Ganges. Na costa da ilha chamada pelo mesmo nome, a tradição coloca um Kapilasrama, ou eremitério de Kapila, que ainda é o cenário de uma peregrinação anual. Outras lendas atribuem uma posição muito diferente para a residência do asceta, ou a base do Himalaia, onde o Ganges desce para as planícies. Não haveria incompatibilidade, entretanto, nos dois locais, se nós pudéssemos imaginar que a tradição se refere a um período quando o oceano banhava, como ele parece ter feito uma vez, a base do Himalaia, e Saugor (Sagara) era em Haridwar.

5 Ou Khatwanga: Brahma e Hari Vansa: mas esse é aparentemente um erro. Veja a nota 14.

6 Omitido: Matsya e Agni. Visruta: Linga.

7 Nabhin: Bhagavata.

8 Ayutayus: Vayu, Linga, e Kurma. Srutayus: Agni. Ayutajit: Brahma.

9 'Conhecendo o coração dos dados.' O mesmo epíteto, assim como aquele de 'amigo de Nala', é dado a ele no Vayu, Bhagavata, e Brahma Puranas, e no Hari Vansa, e não deixa dúvida de eles se referirem ao herói da história contada no Mahabharata. Nala, porém, como nós veremos futuramente, é cerca de vinte gerações posterior a Rituparna na mesma família; e o Vayu portanto acha necessário observar que dois Nalas são citados nos Puranas, e aquele aqui aludido é o filho de Virasena; enquanto o outro pertence à família de Ikshwaku. A mesma passagem ocorre no Brahma Purana e Hari V.; e o comentador no último observa, 'Nala o filho de Nishadha é diferente de Nala o filho de Virasena.' Também deve ser observado, que o Nala da história é o rei de Nishadha, e seu amigo Rituparna é o rei de Ayodhya. O Nala da linhagem de Ikshwaku é o rei de Ayodhya: ele é o filho de Nishadha, entretanto, e há evidentemente alguma confusão entre os dois. Nós não encontramos Virasena ou seu filho em quaisquer das listas. Veja n. 19.

10 Há variedade considerável nessa parte das listas, mas o Vayu e Bhagavata concordam com nosso texto. O Matsya e outros fazem de Kalmashapada o filho ou neto de Rituparna, e colocam Sarvakama ou Sarvakarman depois dele. Veja mais adiante.

11 O Vayu, Agni, Brahma, e Hari Vansa leem Amitrasaha, 'que resiste a inimigo;' mas o comentador em nosso texto o interpreta Mitra, um nome de Vasishtha, Saha, 'capaz de aguentar' a maldição de; como na lenda seguinte, que é similarmente narrada no Bhagavata. Ela não é detalhada no Vayu. Uma descrição completa ocorre no Mahabharata, Adi Parva, cap. 178 {pág 351}, mas com muitas e importantes variações. Kalmashapada, enquanto caçando, encontrou Saktri, o filho de Vasishtha, nas

O filho de Sudasa tendo entrado nos bosques para caçar, topou com um par de tigres, pelos quais a floresta tinha sido limpa de cervos. O rei matou um desses tigres com uma seta. No momento de expirar, a forma do animal foi mudada, e se tornou aquela de um demônio de figura temível, e aspecto hediondo. Seu companheiro, ameaçando o príncipe com sua vingança, desapareceu.

Depois de algum intervalo Saudasa celebrou um sacrifício, que foi conduzido por Vasishtha. Ao fim do rito Vasishtha partiu; quando o Rakshasa, o companheiro do que tinha sido morto na figura de um tigre, assumiu a aparência de Vasishtha, e se aproximou e disse ao rei, "Agora que o sacrifício está terminado, você deve me dar carne para comer, que ela seja cozida, eu voltarei logo." Tendo dito isso, ele se retirou, e, se transformando na forma do cozinheiro, preparou alguma carne humana que ele levou para o rei, que, recebendo-a em um prato de ouro, esperou a reaparição de Vasishtha. Assim que o Muni retornou, o rei ofereceu o prato a ele. Vasishtha, surpreso por tal falta de boas maneiras no rei, por ele lhe oferecer carne para comer, considerou o que seria aquilo que foi oferecido dessa maneira, e pela eficácia de suas meditações descobriu que era carne humana. Sua mente estando agitada pela ira, ele pronunciou uma maldição sobre o Raja, dizendo, "Já que você insultou todos os homens santos como nós, por me dar o que não é para ser comido, seu apetite daqui em diante será estimulado por alimento semelhante."

"Foi você mesmo", respondeu o Raja para o sábio indignado, "que ordenou que essa comida fosse preparada." "Por mim! " Vasishtha exclamou; "Como pode ter sido?" E recorrendo novamente à meditação, ele descobriu toda a verdade. Abandonando então todo o desgosto com respeito ao rei, ele disse, "O alimento ao qual eu o condenei não será seu sustento para sempre; só será assim por doze anos." O rei, que tinha pegado água nas palmas de suas mãos e estava preparado para amaldiçoar o Muni, agora considerou que Vasishtha era seu guia espiritual, e sendo lembrado por Madayanti, sua rainha, que não ficava bem para ele pronunciar uma maldição sobre um professor santo, que era a divindade guardiã da linhagem dele, abandonou sua intenção. Pouco disposto a lançar a água na terra, com receio de que ela secasse os cereais, pois ela estava saturada com sua maldição, e igualmente relutante em jogá-la para cima no ar, com receio de que ela destruísse as nuvens, e secasse os conteúdos delas, ele a lançou em seus próprios pés. Escaldados pelo calor que a água tinha derivado da maldição furiosa dele, os pés do Raja ficaram manchados de preto e branco, e por isso ele obteve o nome de Kalmashapada, ou aquele com os pés (pada) manchados (kalmasha).

Por causa da maldição de Vasishtha, o Raja se tornava um canibal todo sexto quarto do dia, [ou toda hora da sexta refeição, isto é, ao fim de cada terceiro dia], por doze anos, e naquele estado vagava pelas florestas, e devorava multidões de homens.

---

florestas; e após ele se recusar dar passagem, golpeou o sábio com seu chicote. Saktri amaldiçoou o rei a se tornar um canibal; e Viswamitra, que tinha uma disputa com Vasishtha, aproveitou a oportunidade para mandar um Rakshasa tomar posse do rei, de modo que ele pudesse se tornar o instrumento de destruir a família do santo rival. Enquanto influenciado daquela maneira, Mitrasaha, um brâmane, recorreu a Kalmashapada em busca de alimento, e o rei mandou seu cozinheiro preparar carne humana, e dá-la ao brâmane, que, sabendo o ela que era, repetiu a maldição de Saktri, que o rei deveria se tornar um canibal; a qual fazendo efeito com força duplicada, Kalmashapada começou a comer homens. Uma das primeiras vítimas dele foi Saktri, que ele matou e comeu; e então matou e devorou, sob o impulso secreto do demônio de Viswamitra, todos os outros filhos de Vasishtha. Vasishtha no entanto o libertou do Rakshasa que o possuía, e o restabeleceu à sua condição natural. A maldição da esposa do brâmane, e suas consequências, é contada no Mahabharata como no texto; mas a história da água caindo nos pés dele parece ter surgido da etimologia de seu nome, que pode ter se referido a alguma doença das extremidades inferiores, a designação do príncipe sendo minuciosamente Mitrasaha Saudasa Kalmashapada, ou Mitrasaha, filho de Sudasa, com os pés inchados.

Em uma ocasião ele viu um homem santo ocupado em namoro com sua esposa. Assim que eles viram a forma terrível dele, eles ficaram apavorados, e se esforçaram para escapar; mas o Rakshasa real alcançou e capturou o marido. A esposa do brâmane então também desistiu de fugir, e implorou fervorosamente ao selvagem para poupar seu marido, exclamando, "Tu, Mitrasaha, és o orgulho da casa real de Ikshwaku, não um demônio maligno! Não está em tua natureza, que conhece as qualidades das mulheres, matar e devorar meu marido." Mas foi tudo em vão, e, indiferente às repetidas súplicas dela, ele comeu o brâmane, como um tigre devora um cervo. A esposa do brâmane, furiosa com cólera, então se dirigiu ao Raja, e disse, "Já que você perturbou barbaramente as alegrias de um par casado, e matou meu marido, sua morte será a consequência de sua associação com sua rainha." Dizendo isso, ela entrou nas chamas.

No término do período de sua maldição Saudasa voltou para casa. Sendo feito lembrar da maldição da brahmani por sua esposa Madayanti, ele se privou de relação conjugal, e por conseguinte não tinha filhos; mas tendo solicitado a interposição de Vasishtha, Madayanti ficou grávida. A criança, entretanto, não nasceu por sete anos, quando a rainha, ficando impaciente, dividiu o útero com uma pedra afiada, e deu à luz por meio disso. Por essa razão a criança foi chamada de Asmaka (de Asman, 'uma pedra'). O filho de Asmaka era Mulaka que, quando a tribo guerreira foi extirpada na terra, foi cercado e escondido por várias mulheres; por isso ele foi denominado Narikavacha (tendo mulheres como armadura)[12]. O filho de Mulaka era Dasaratha; seu filho era Ilavila; seu filho era Viswasaha; seu filho era Khatwanga, também chamado Dilipa[13], que em uma batalha entre os deuses e os Asuras, sendo chamado pelos primeiros para seu auxílio, matou vários dos últimos. Tendo adquirido dessa maneira a amizade das divindades no céu, eles desejaram que ele pedisse um benefício. Ele disse a eles, "Se um benefício é para ser aceito por mim, então me digam, como um favor, qual é a duração da minha vida." "A duração da sua vida é apenas uma hora", os deuses responderam. No que, Khatwanga, que era rápido de movimento, desceu em sua carruagem de planeio leve para o mundo dos mortais. Chegado lá, ele rezou, e disse, "Se minha própria alma nunca foi mais querida para mim que os brâmanes sagrados; se eu nunca me desviei do cumprimento do meu dever; se eu nunca considerei deuses, homens, animais, vegetais, todas as coisas criadas, como diferentes do imperecível; então que eu possa, com passo firme, alcançar aquele ser divino em quem sábios santos meditam!" Tendo falado dessa maneira, ele foi unido com aquele ser supremo, que é Vasudeva; com aquele mais antigo de todos os deuses, que é existência abstrata, e cuja forma não pode ser descrita. Assim ele obteve absorção, de acordo com esta estrofe, que era repetida antigamente pelos sete Rishis; "Como Khatwanga não haverá ninguém sobre a terra, que, tendo vindo do céu, e morado uma hora entre homens, foi unido com os três mundos por sua generosidade e conhecimento da verdade[14]."

O filho de Khatwanga era Dirghabahu; seu filho era Raghu; seu filho era Aja; seu filho era Dasaratha[15]. O deus de cujo umbigo o loto nasce tornou-se quádruplo,

---

12 Seu nome Mulaka, ou 'a raiz', também se refere a ele ser o tronco de onde as tribos kshatriya procederam novamente. Pode ser duvidado se o sentido de seu nome Narikavacha é explicado corretamente pelo texto.

13 Esse príncipe é confundido com um Dilipa mais antigo pelo Brahma Purana e Hari Vansa.

14 A expressão para sua obtenção de libertação final é bastante incomum; 'Por quem os três mundos eram afetados ou amados;' [ou ‘contemplados inteiramente’], os três mundos sendo identificados com sua fonte, ou o supremo. O texto diz dessa estrofe श्रूयते, e o Vayu, citando-a, diz इति श्रुतिः, a lenda é então dos Vedas.

15 As listas aqui diferem muito materialmente, como a comparação seguinte vai mostrar melhor:

como os quatro filhos de Dasaratha: Rama, Lakshmana, Bharata, e Satrughna, para a proteção do mundo. Rama, enquanto ainda um menino, acompanhou Viswamitra, para proteger seu sacrifício, e matou Tadaka. Ele depois matou Maricha com suas flechas irresistíveis; e Subahu e outros caíram por seus braços. Ele removeu a culpa de Ahalya por meramente olhar para ela. No palácio de Janaka ele quebrou com facilidade o arco forte de Maheswara, e recebeu a mão de Sita, a filha do rei, nascida por si mesma da terra, como o prêmio da coragem dele. Ele humilhou o orgulho de Parasurama, que se vangloriava de seus triunfos sobre a linhagem de Haihaya, e de suas matanças repetidas da tribo kshatriya. Obediente às ordens de seu pai, e não nutrindo desgosto pela perda da soberania, ele entrou na floresta, acompanhado por seu irmão Lakshmana e por sua esposa, onde ele matou em combate Viradha, Kharadushana e outros Rakshasas, o gigante sem cabeça Kabandha, e Bali o monarca macaco. Tendo construído uma ponte sobre o oceano, e destruído a nação Rakshasa inteira, ele recuperou sua noiva Sita, a quem seu rei de dez cabeças Ravana tinha levado, e voltou para Ayodhya com ela, depois que ela tinha sido

---

Vishńu.	**Matsya.**	**Rámáyańa.**
Kalmáshapáda	Kalmáshapáda	Kalmáshapáda
Aśmaka	Sarvakarman	Śankana
Múlaka	Anarańya	Sudarśana
Daśaratha	Nighna	Agnivarńa
Ilavila	Anamitra	Śighraga
Viśwasaha	Raghu	Maru
Dilípa	Dilípa	Prasusruka
Dírghabáhu	Aja	Ambarísha
Raghu	Dírghabáhu	Nahusha
Aja	Ajapála	Yayáti
Daśaratha	Daśaratha	Nábhága
		Aja
		Daśaratha.

O Vayu, Bhagavata, Kurma, e Linga concordam com nosso texto, menos na leitura de alguns nomes; como Sataratha em lugar de Dasaratha o primeiro; Vairivira por Ilavila; e Kritasarman, Vriddhasarman, ou Vriddhakarman, por Viswasaha. O Agni e Brahma e Hari Vansa concordam com a segunda série, com exceções ocasionais similares; mostrando que os Puranas admitem duas séries, diferindo em nome, mas concordando em número. O Ramayana, no entanto, difere de ambos de uma maneira muito extraordinária, e a variação não é limitada aos casos especificados, porque começa com Bhagiratha, como segue:

Puráńas.	**Rámáyańa.**
Bhagíratha	Bhagíratha
Śruta	Kakutshtha
Nábhága	Raghu
Ambarísha	Kalmáshapáda
Sindhudwípa	
Ayutáśwa	
Rituparńa	
Sarvakáma	
Sudása	
Kalmáshapáda.	

A série purância inteira contém vinte linhagens, e aquela do Ramayana dezesseis. Alguns dos últimos nomes do poema se acham entre os primeiros daqueles dos Puranas, mas há uma diferença irreconciliável em grande parte da nomenclatura. O Agni, sob a descrição específica da linhagem de Rama, tem como seus antecessores imediatos Raghu, Aja, Dasaratha, como em nosso texto; e o autor do Raghu Vansa concorda com os Puranas de Dilipa para baixo.

purificada pela provação ígnea da mácula contraída por seu cativeiro, e tinha sido honrada pelos deuses reunidos, que confirmaram a virtude dela[16].

Bharata se fez mestre do país dos Gandharbas, depois de destruir vastos números [trinta milhões] deles; e Satrughna, tendo matado o Rakshasa chefe Lavana, o filho de Madhu, tomou posse de sua capital, Mathura.

Tendo, dessa maneira, por sua bravura e poder inigualáveis, salvado o mundo inteiro do domínio de demônios malignos, Rama, Lakshmana, Bharata, e Satrughna reascenderam ao céu, e foram seguidos por aqueles do povo [da cidade] de Kosala que eram devotados fervorosamente a essas porções encarnadas do supremo Vishnu.

Rama e seus irmãos tiveram cada um dois filhos. Kusa e Lava eram os filhos de Rama; aqueles de Lakshmana eram Angada e Chandraketu; os filhos de Bharata eram Taksha e Pushkara; e Subahu e Surasena[17] eram os filhos de Satrughna.

O filho de Kusa era Atithi; seu filho era Nishadha; seu filho era Nala[18]; seu filho era Nabhas; seu filho era Pundarika; seu filho era Kshemadhanwan; seu filho era Devanika; seu filho era Ahinagu[19]; seu filho era Paripatra; seu filho era Dala[20]; seu filho era Chhala[21]; seu filho era Uktha[22]; seu filho era Vajranabha; seu filho era Sankhanabha[23]; seu filho era Abhyutthitaswa[24]; seu filho era Viswasaha[25]; seu filho era Hiranyanabha que era um aluno do poderoso Iogue Jaimini, e comunicou o

---

16 Esse é um epítome do Ramayana, o poema heróico de Valmiki, sobre o assunto das façanhas de Rama. Uma parte do Ramayana foi publicada, com uma tradução por Messrs. Carey e Marshman, vários anos antes; mas uma edição muito mais correta do texto dos dois primeiros livros, com uma tradução latina do primeiro, e parte do segundo, foi publicada mais recentemente pelo Professor Schlegel; um trabalho digno do nome ilustre dele. Um resumo da história pode ser encontado nos Trabalhos de Sir Wm. Jones, {História do} Hindustão de {Thomas} Maurice, o Panteão {Hindu} de {Edward} Moor, etc. Ela também é o assunto do Uttara Rama Charitra no Teatro Hindu, na introdução do qual um esboço do todo é dado. A história é, portanto, sem dúvida, suficientemente familiar até mesmo para leitores ingleses. Ela parece ser fundada em fato histórico; e as tradições do sul da Índia atribuem uniformemente sua civilização, a subjugação ou dispersão de suas tribos florestais de bárbaros, e a instalação de hindus civilizados, à conquista de Lanka por Rama.

17 O Vayu especifica os países ou cidades sobre os quais eles reinaram. Anguda e Chitraketu, como o Vayu chama os últimos, governaram países perto do Himalaia, as capitais dos quais eram Angadi e Chandravaktra. Taksha e Pushkara eram os soberanos de Gandhara, residindo em Takshasila e Pushkaravati. Subahu e Surasena reinaram em Mathura; e na última, nós podemos ficar satisfeitos em achar os Surasenas de Arrian, mas que há uma origem subsequente, de talvez maior autenticidade, na família de Yadu, nós veremos depois [no cap. 11]. 'Kusa construiu Kusasthali na borda da Vindhya, a capital de Kosala; e Lava reinou em Sravasti (veja pág. 284; pág. 288) em Uttara (do norte) Kosala: ' etc. O Raghu Vansa descreve Kusa como voltando de Kusavati para Ayodhya, depois da morte de seu pai; mas não parece improvável que o poder expandido dos príncipes do Doab, da família lunar, tenha obrigado a posteridade de Rama a se retirar mais para o oeste e sul.

18 O Bhagavata é o único Purana que omite esse nome, como se o autor tivesse sido induzido a corrigir a leitura para evitar a necessidade de reconhecer dois Nalas. Veja acima, n. 9.

19 Aqui novamente nós temos duas séries distintas de príncipes, independentemente de variações de nomes individuais. Em vez da lista do texto, com a qual o Vayu e Bhagavata quase, e o Brahma e Hari Vansa estão de acordo indiferentemente, nós temos no Matsya, Linga, Kurma, e Agni o seguinte: Ahinagu, Sahasraswa, Sahasraya ou Sahasrabala, Chandravaloka, Tarapida ou Taradhisa, Chandragiri, Bhanuratha ou Bhanumitra, e Srutayus, com quem a lista termina, exceto no Linga, que adiciona Bahula, morto por Abhimanyu: enumerando, portanto, a partir de Devanika, apenas sete ou oito príncipes na grande guerra, em vez de vinte e três, como nas outras séries. O Raghu Vansa dá uma lista praticamente igual como nosso texto, terminando com Agnivarna.

20 Bala: Bhagavata. Nala: Hari V.

21 Sthala: Bhagavata. Sala: Vayu e Brahma. Sila: Raghu Vansa.

22 Omitido: Bhagavata.

23 Sankha: Brahma. Khagana: Bhag.

24 Dushitaswa: Vayu. Adhyushitaswa: Brahma. Vidhriti: Bhagavata.

25 Omitido: Brahma e Bhagavata.

conhecimento de exercícios espirituais para Yajnawalkya[26]. O filho desse rei religioso era Pushya; seu filho era Dhruvasandhi[27]; seu filho era Sudarsana; seu filho era Agnivarna; seu filho era Sighra; seu filho era Maru[28], que pelo poder da devoção (Yoga) ainda está morando na aldeia chamada Kalapa, e em uma era futura será o restaurador da linhagem kshatriya na dinastia solar. Maru teve um filho chamado Prasusruta; seu filho era Susandhi; seu filho era Amarsha; seu filho era Mahaswat[29]; seu filho era Visrutavat[30]; e o filho dele era Vrihadbala, que foi morto na grande guerra por Abhimanyu, o filho de Anjuna. Esses são os príncipes mais famosos na família de Ikshwaku, quem escuta a descrição deles será purificado de todos os seus pecados[31].

◄

26 Omitido: Brahma e Hari V.; mas incluído com detalhes semelhantes pelo Vayu, Bhagavata, e Raghu Vansa. Veja também a pág. 239, onde Kausalya é igualmente dado como o sinônimo de Hiranyanabha, sendo, como observa o comentador, seu Visheshanam, seu epíteto ou atributo, nascido em, ou rei de, Kosala. O Vayu consequentemente o chama हिरण्यनाभः कौशल्यः, mas no Bhagavata o epíteto Kausalya é atribuído pelo comentador a Yajnawalkya, o pupilo de Hiranyanabha. O autor do Raghu Vansa, não compreendendo o significado do termo, converteu Kausalya no filho de Hiranyanabha. Raghu V. 18. 27. O Bhagavata, como nosso texto, chama o príncipe de pupilo de Jaimini. O Vayu, mais corretamente, 'o aluno do neto do sábio.' Parece haver, no entanto, algo incomum na descrição dada da relação mantida pelos indivíduos citados uns com os outros. Como um aluno de Jaimini, Hiranyanabha é um professor do Sama-veda (veja a página 239), mas Yajnawalkya é o professor do ramo Vajasaneyi do Yajush (página 238). Nenhum deles é especificado pelo sr. Colebrooke entre as autoridades da filosofia Patanjala ou Yoga; nem um ou outro aparece como um discípulo de Jaimini em seu caráter de fundador da escola Mimansa. Trans. R. As. Soc. vol. I.

27 Arthasiddhi: Brahma Purana e Hari Vansa.

28 Maruta: Brahma Purana e Hari Vansa. Essas autoridades omitem os quatro nomes seguintes.

29 Sahaswat: Vayu.

30 Viswasaha: Bhagavata.

31 A lista termina aqui, porque o autor dos Puranas, Vyasa, é contemporâneo com a grande guerra. A linha de Ikshwaku é retomada profeticamente no vingésimo segundo capítulo.

CAPÍTULO 5

Reis de Mithila. Lenda de Nimi, o filho de Ikshwaku. Nascimento de Janaka. Sacrifício de Siradhwaja. Origem de Sita. Descendentes de Kusadhwaja. Krita o último dos príncipes Maithila.

O filho de Ikshwaku, que se chamava Nimi[1], instituiu um sacrifício que era para durar por mil anos, e pediu a Vasishtha para oferecer as oblações. Vasishtha, em resposta, disse que ele tinha assumido compromisso prévio com Indra por quinhentos anos, mas que se o Raja esperasse por algum tempo, ele viria e oficiaria como sacerdote superintendente. O rei não deu resposta, e Vasishtha foi embora, supondo que ele tinha concordado. Quando o sábio terminou a realização das cerimônias que ele tinha administrado para Indra, ele voltou com toda a velocidade para Nimi, pretendendo prestar a ele o trabalho semelhante. Quando ele chegou, no entanto, e descobriu que Nimi tinha contratado Gautama e outros sacerdotes para auxiliar em seu sacrifício, ele ficou muito descontente, e pronunciou sobre o rei, que estava então adormecido, uma maldição nesse sentido, que já que ele não tinha anunciado sua intenção, mas transferido para Gautama o dever que ele tinha confiado primeiro a ele mesmo, Vasishtha, Nimi daquele tempo em diante deixaria de existir em uma forma corpórea. Quando Nimi despertou, e soube o que tinha acontecido, ele pronunciou em retorno como uma maldição sobre seu preceptor injusto, que ele também deveria perder sua existência corpórea, como a punição de proferir uma maldição sobre ele sem se comunicar com ele previamente. Nimi então abandonou sua condição corpórea. O espírito de Vasishtha, também deixando seu corpo, foi unido com os espíritos de Mitra e Varuna por um período, até que, pela paixão deles pela ninfa Urvasi, o sábio nasceu novamente em uma forma diferente. O cadáver de Nimi foi preservado da deterioração por ser embalsamado com óleos e resinas fragrantes, e permaneceu tão ileso como se ele fosse imortal[2]. Quando o sacrifício foi concluído, os sacerdotes pediram aos deuses, que tinham vindo receber suas porções, que eles concedessem uma bênção ao autor do sacrifício. Os deuses estavam dispostos a devolvê-lo à sua vida corpórea, mas Nimi recusou a aceitação dela, dizendo, "Ó divindades, que são os aliviadores de todo sofrimento mundano, não há no mundo uma causa mais profunda de angústia que a separação de alma e corpo, é portanto meu desejo residir nos olhos de todos os seres, mas nunca mais retomar uma forma corpórea!" Com esse desejo os deuses concordaram, e Nimi foi colocado por eles nos olhos de todas as criaturas vivas; por causa do que as pálpebras delas estão sempre abrindo e fechando.

Como Nimi não deixou sucessor, os Munis, apreensivos das consequências de a terra estar sem um governante, agitaram o corpo do príncipe, e produziram dele um príncipe que era chamado Janaka, por nascer sem um progenitor. Por seu pai estar sem um corpo (videha), ele também era chamado de Vaideha, 'o filho do sem corpo;' e ele recebeu além disso o nome de Mithi, por ter sido produzido por agitação

---

[1] Nenhuma das autoridades, exceto o Vayu e Bhagavata, contém a série de reis mencionada nesse capítulo.

[2] Isso mostra que os hindus não desconheciam a arte egípcia de embalsamar corpos mortos. No Kasi Khanda, s. 30, uma descrição é dada de um brâmane que leva o ossos da mãe dele, ou mais propriamente o cadáver dela, de Setuhandha ou Rameswara para Kasi. Para esse propósito ele primeiro o lava com as cinco excreções de uma vaca, e os cinco fluidos puros, ou leite, coalhos, ghee, mel, e açúcar. Ele então o embalsama com Yakshakarddama, uma composição de Agallochum, cânfora, almíscar, açafrão, sândalo, e uma resina chamada Kakkola; e o envolve, respectivamente, com Netra vastra, musselina enfeitada com flores; Pattamvara, seda; Surasa vastra, algodão grosso; Manjishtha, pano tingido com Garança (Rubia tinctorium); e Nepala Kambala, tecido de lã para cobertor nepal. Ele então o cobre com argila pura, e põe o todo em um caixão de cobre, Tamra samputa. Essas práticas não são apenas desconhecidas, mas seriam consideradas impuras hoje em dia.

(mathana)[3]. O filho de Janaka era Udavasu; seu filho era Nandivarddhana; seu filho era Suketu; seu filho era Devarata; seu filho era Vrihaduktha; seu filho era Mahavirya; seu filho era Satyadhriti; seu filho era Dhrishtaketu; seu filho era Haryyaswa; seu filho era Maru; seu filho era Pratibandhaka; seu filho era Kritaratha; seu filho era Krita; seu filho era Vibudha; seu filho era Mahadhriti; seu filho era Kritirata; seu filho era Maharoman; seu filho era Suvarnaroman; seu filho era Hraswaroman; seu filho era Siradhwaja.

Siradhwaja, arando o solo, para prepará-lo para um sacrifício que ele instituiu para obter progênie, surgiu lá, no sulco, uma donzela, que se tornou sua filha, Sita[4]. O irmão de Siradhwaja era Kusadhwaja, que era rei de Kasi[5]; ele também teve um filho, chamado Bhanumat[6]. O filho de Bhanumat era Satadyumna; seu filho era Suchi; seu filho era Urjjavaha; seu filho era Satyadhwaja; seu filho era Kuni[7]; seu filho era Anjana; seu filho era Ritujit; seu filho era Arishtanemi[8]; seu filho era Srutayus; seu filho era Suparswa; seu filho era Sanjaya[9]; seu filho era Kshemari[10]; seu filho era Anenas[11]; seu filho era Minaratha[12]; seu filho era Satyaratha; seu filho era Satyarathi[13]; seu filho era Upagu[14]; seu filho era Sruta[15]; seu filho era Saswata[16]; seu filho era Sudhanwan; seu filho era Subhasa; seu filho era Susruta[17]; seu filho era Jaya; seu filho era Vijaya; seu filho era Rita; seu filho era Sunaya[18]; seu filho era Vitahavya; seu filho era Dhriti; seu filho era Bahulaswa; seu filho era Kriti, com quem terminou a família de Janaka. Esses são os reis de Mithila, que na maioria serão[19] proficientes em conhecimento espiritual[20]. ◄

---

3 Essas lendas são destinadas a explicar, e provavelmente foram sugeridas, pelos termos Vaideha e Mithila, aplicados ao país junto aos rios Gandak e Kai, o atual Tirhut. O Ramayana coloca um príncipe chamado Mithi entre Nimi e Janaka, de onde vem o nome Mithila. Em outros aspectos a lista de reis de Mithila concorda, exceto em poucos nomes. Janaka, o sucessor de Nimi, é diferente de Janaka que é célebre como o pai de Sita. Um deles, - qual, não aparece -, também é renomado como um filósofo, e patrono dos professores filosóficos. Mahabharata, Moksha Dharma. De acordo com o Vayu Purana, Nimi fundou uma cidade chamada Jayantapur, perto do Asrama de Gautama. Supõe-se que os restos de uma cidade chamada Janakpur, na margem norte do distrito, indicam o local de uma cidade fundada por um dos príncipes assim chamado.

4 Isso identifica Siradhwaja com o segundo Janaka, o sogro de Rama. A história do nascimento de Sita, ou antes descoberta, é narrada no Aranya Khanda do Ramayana, no Vana Parva do Mahabharata, e no Vayu, Brahma Vaivartta, Kalika, e outros Puranas.

5 O Ramayana diz, 'de Sankasya', que é sem dúvida a leitura correta. Fa Hian encontrou o reino de Sang-kia-shi no Doab, perto de Mainpuri. Descrição do Foe-kue-ki. O Bhagavata faz Kusadhwaja o filho de Siradwaja.

6 O Bhagavata difere consideravelmente da nossa autoridade aqui, inserindo vários príncipes entre Kusadhwaja e Bhanumat; ou, Dharmadhwaja, que tem dois filhos, Kritadhwaja e Khandikya; o primeiro é o pai de Kesidhwaja, o último de Bhanumat. Veja o último livro do Vishnu.

7 Sakuni, e o último da série, de acordo com o Vayu.

8 Entre esse príncipe e Suchi a série do Bhagavata é Sanadhwaja, Urddhwaketu, Aja, Purujit. As variações seguintes são da mesma autoridade.

9 Chitraratha.

10 Kshemadhi.

11 Omitido.

12 Samaratha.

13 Omitido.

14 Upaguru.

15 Upagupta.

16 Vaswananta.

17 Yuyudhana, Subhashana, Sruta.

18 Sunaka.

19 आत्मविद्याश्रयिणो भविष्यन्ति é a leitura de todas as cópias; mas por que o verbo futuro, 'serão', é usado não aparece.

20 Descendentes de dois dos outros filhos do Manu são citados no Bhagavata; de Nriga, é dito, procederam Sumati, Bhutajyotish, Vasu, Pratika, Oghavat, e sua irmã Oghavati, casada com Sudarsana. O Linga dá três filhos a Nriga: Vrisha, Dhrishtaka, e Ranadhrishta, e alude a uma lenda de ele ter sido

transformado em um lagarto pela maldição de um brâmane. Os descendentes de Narishyanta eram Chitrasena, Daksha, Madhwat, Purva, Indrasena, Vitihotra, Satyasrava, Urusravas, Devadatta, Agnivesya, também chamado Jatukarna, uma forma de Agni, e progenitor dos brâmanes Agnivesya. No Brahma Purana e Hari Vansa os filhos de Narishyat, a quem o comentador no último considera como o mesmo que Narishyanta, são chamados de Sacas, Sacae ou Citas; enquanto, além disso, é dito que o filho de Narishyanta era Dama, ou, como lido diferentemente, Yama. Como essa última filiação é declarada nas autoridades, pareceria como se esse Narishyanta fosse um dos filhos do Manu; mas esta é só uma prova do descuido da compilação, pois no Vishnu, Vayu, e Markandeya Puranas, Narishyanta, o pai de Dama, é o filho de Marutta, o décimo quarto da posteridade de Dishta ou Nedishta.

CAPÍTULO 6

Reis da dinastia lunar. Origem de Soma ou a lua; ele arrebata Tara, a esposa de Vrihaspati; guerra entre os deuses e Asuras em consequência; apaziguados por Brahma. Nascimento de Budha; casado com Ila, filha de Vaivaswata. Lenda de seu filho Pururavas, e a ninfa Urvasi; o primeiro institui oferendas com fogo; ascende à esfera dos Gandharbas.

Maitreya: 'Você me deu, preceptor venerável, uma descrição dos reis da dinastia do sol. Eu agora desejo ouvir uma descrição dos príncipes que traçam sua linhagem a partir da lua, e cuja raça ainda é célebre por ações gloriosas. Tu és capaz de narrá-la para mim, brâmane, se tu desejas me favorecer dessa maneira.

Parasara: 'Você ouvirá de mim, Maitreya, uma descrição da família ilustre da lua, que produziu muitos soberanos famosos da terra; uma raça adornada pelas qualidades reais de força, coragem, magnificência, prudência, e energia; e enumerando entre seus monarcas Nahusha, Yayati, Kartaviryarjuna, e outros igualmente renomados. Aquela linhagem eu descreverei para você: preste atenção.

Atri era o filho de Brahma, o criador do universo, que nasceu do loto que cresceu do umbigo de Narayana. O filho de Atri era Soma[1] (a lua), a quem Brahma instalou como o soberano das plantas, dos brâmanes, e das estrelas. Soma celebrou o sacrifício Rajasuya, e por causa da glória adquirida disso, e do domínio extenso com o qual ele tinha sido investido, ele se tornou arrogante e licencioso, e arrebatou Tara, a esposa de Vrihaspati, o preceptor dos deuses. Em vão Vrihaspati buscou recuperar sua noiva; em vão Brahma ordenou, e os sábios santos protestaram; Soma se recusou a desistir dela. Usanas, por inimizade por Vrihaspati, tomou o partido de Soma. Rudra, que tinha estudado sob Angiras, o pai de Vrihaspati, ajudou seu companheiro de estudos. Por isso Usanas, o preceptor deles, se unindo a Soma, Jambha, Kujambha, e todos os Daityas, Danavas, e outros inimigos dos deuses, também foram ajudá-lo; enquanto Indra e todos os deuses eram os aliados de Vrihaspati.

Então lá seguiu-se um combate violento, que, sendo por causa de Taraka (ou Tara), foi chamado de a guerra Tarakamaya ou Taraka. Nessa os deuses, liderados por Rudra, lançaram seus projéteis no inimigo; e os Daityas, com determinação igual, atacaram os deuses. A Terra, abalada até seu centro pela luta entre tais inimigos, recorreu a Brahma em busca de proteção; após o que ele interferiu, e mandando Usanas com os demônios e Rudra com as divindades desistirem da contenda, obrigou Soma a devolver Tara ao marido dela. Descobrindo que ela estava grávida, Vrihaspati desejou que ela não mantivesse seu fardo; e em obediência às ordens dele ela deu à luz um filho, que ela depositou em uma moita de grama Munja longa. A criança, desde o momento de seu nascimento, era dotada de um esplendor que ofuscava o brilho de toda outra divindade, e Vrihaspati e Soma, fascinados pela beleza dele, o reivindicaram como filho deles. Os deuses, para resolver a disputa, apelaram a Tara; mas ela estava envergonhada, e não dava resposta. Como ela ainda continuava muda aos repetidos pedidos deles, a criança ficou enraivecida, e estava a ponto de amaldiçoá-la, dizendo, "A menos que, mulher vil, você declare imediatamente quem é meu pai, eu a condenarei a tal destino que impedirá toda mulher no futuro de hesitar falar a verdade." Nisso, Brahma interferiu novamente, e pacificou a criança; e então, dirigindo-se a Tara, disse, "Diga-me, filha, essa criança é de Vrihaspati, ou de Soma?" "De Soma", disse Tara, ruborizando-se. Logo que ela tinha falado, o senhor das constelações, seu semblante luminoso, e se expandindo com êxtase, abraçou seu

---

[1] O Vayu diz, a essência de Soma (Somatwa) saiu dos olhos de Atri, e saturou os dez quadrantes. O Bhagavata somente diz que Soma nasceu dos olhos de Atri. O Brahma Purana e Hari V. dão um nome mais geral à efusão.

filho, e disse, "Muito bem, meu garoto! Realmente tu és sábio." E por isso seu nome era Budha[2].

Já foi relatado como Budha gerou Pururavas com Ila. Pururavas[3] era um príncipe renomado por generosidade, devoção, magnificência, e amor da verdade, e por beleza pessoal. Urvasi tendo incorrido na maldição de Mitra e Varuna, decidiu se estabelecer no mundo dos mortais; e descendo consequentemente, viu Pururavas. Logo que ela o viu ela se esqueceu de toda a reserva, e desconsiderando as delícias de Swarga, se tornou profundamente enamorada do príncipe. Vendo-a infinitamente superior a todas as outras mulheres em graça, elegância, simetria, delicadeza, e beleza, Pururavas ficou igualmente fascinado por Urvasi: ambos estavam inspirados por sentimentos semelhantes, e sentindo mutuamente que um era tudo para o outro, não pensavam mais em qualquer outro objeto. Confiando em seus méritos, Pururavas se dirigiu à ninfa, e disse, "Criatura formosa, eu a amo; tenha compaixão por mim, e retribua minha afeição." Urvasi, meio desviando sua face por modéstia, respondeu, "Eu farei isso, se você cumprir as condições que eu tenho a propor." "Quais são elas?" indagou o príncipe; "Declare-as." "Eu tenho dois carneiros [cordeiros]", disse a ninfa "que eu amo como filhos; eles devem ser mantidos próximos ao meu lado da cama, e nunca permitidos serem levados para longe. Você deve, também, cuidar para nunca ser visto, por mim, despido; e apenas manteiga clarificada deve ser meu alimento." Com essas condições o rei concordou prontamente.

Depois disso, Pururavas e Urvasi moraram juntos em Alaka, se divertindo entre os bosques e lagos coroados com lotos de Chaitraratha, e nas outras florestas lá situadas, por sessenta e um mil anos[4]. O amor de Pururavas por sua mulher aumentava a cada dia de sua duração; e o afeto de Urvasi aumentando igualmente em fervor, ela nunca chamou à lembrança sua residência entre os imortais. Não era assim com os espíritos auxiliares na corte de Indra; e ninfas, gênios, e coristas, que achavam o próprio céu apenas maçante enquanto Urvasi estava fora. Conhecendo o acordo que Urvasi tinha feito com o rei, Viswavasu foi designado pelos Gandharbas para efetuar sua violação; e ele, vindo de noite à câmara onde eles dormiram, levou um dos carneiros. Urvasi foi despertada por seus gritos, e exclamou, "Ai de mim! Quem roubou um dos meus filhos? Tivesse eu um marido, isso não teria acontecido! A quem eu recorrerei em busca de ajuda?" O Raja escutou a lamentação dela, mas lembrando que ele estava despido, e que Urvasi poderia vê-lo naquele estado, não se moveu da cama. Então os Gandharbas vieram e roubaram o outro carneiro; e Urvasi, ouvindo-o berrar, gritou que não tinha protetor uma mulher que era a esposa de um príncipe tão covarde a ponto de se submeter a esse ultraje. Isso enfureceu muito Pururavas, e confiando que a ninfa não veria o corpo dele, porque estava escuro, ele se levantou, e pegou sua espada, e perseguiu os ladrões, mandando-os pararem, e receberem seu castigo. Naquele momento os Gandharbas fizeram um relâmpago brilhante tremular no quarto, e Urvasi viu o rei despido: o pacto foi quebrado, e a ninfa desapareceu

---

2 'Aquele que sabe.' Muita especulação errônea se originou de confundir esse Budha, o filho de Soma, e regente do planeta Mercúrio, 'aquele que sabe', o inteligente, com Buddha {Buda}, algum mortal divinizado, ou 'aquele por quem a verdade é conhecida;' ou, como aplicável individualmente, Gautama ou Sakya, filho do Raja Suddhodana, por quem os próprios budistas declaram que suas doutrinas foram promulgadas inicialmente. Os dois personagens não têm nada em comum, e os nomes só são idênticos quando um ou outro é mal escrito.

3 A história de Pururavas é contada de modo muito semelhante ao que segue, embora com algumas variações, e em maior ou menor detalhamento, no Vayu, Matsya, Vamana, Padma, e Bhagavata Puranas. Ela também é citada no Mahabharata, vol. I. pág. 166. Ela é igualmente o assunto do Vikrama e Urvasi de Kalidasa, em qual drama os incidentes ofensivos ao bom gosto não são mencionados. Veja Teatro Hindu, vol. I. pág. 587. O Matsya Purana, além dessa história, que é traduzida na introdução ao drama, tem em outra parte, c. 94, uma descrição de um Pururavas que, no Chakshusha Manwantara, era o rei de Madra, e que pela adoração de Vishnu obteve uma residência com os Gandharbas.

4 Uma cópia tem sessenta e um anos; o Brahma Purana e Hari Vansa têm cinquenta e nove: um período é tão provável quanto o outro.

imediatamente. Os Gandharbas, abandonando os carneiros, partiram para a região dos deuses.

Tendo recuperado os animais, o rei voltou alegre para sua cama, mas lá ele não viu Urvasi; e não a achando em lugar nenhum, ele vagou nu pelo mundo, como um insano. Finalmente chegando a Kurukshetra, ele viu Urvasi se divertindo com quatro outras ninfas do céu em um lago embelezado com lotos, e ele correu até ela, e a chamou de sua esposa, e de modo selvagem lhe implorou para voltar. "Monarca poderoso", disse a ninfa, "abstenha-se desse exagero. Eu estou agora grávida, parta no momento, e venha para cá novamente ao término de um ano, quando eu entregarei a você um filho, e permanecerei com você por uma noite." Pururavas, assim confortado, voltou para sua capital. Urvasi disse às suas companheiras, "Esse príncipe é um mortal muito excelente. Eu vivi com ele muito tempo e afetuosamente unida." "Você fez bem", elas responderam; "ele realmente tem aparência agradável, e é alguém com quem nós poderíamos viver alegremente para sempre."

Quando o ano tinha acabado, Urvasi e o monarca se encontraram em Kurukshetra, e ela entregou a ele seu primogênito Ayus; e esses encontros anuais foram repetidos, até que ela tinha tido cinco filhos com ele. Ela disse então a Pururavas, "Por consideração por mim, todos os Gandharbas expressaram seu propósito comum de dar a meu marido a bênção deles, que ele portanto peça um benefício." O Raja respondeu, "Meus inimigos estão todos destruídos, minhas faculdades estão todas perfeitas; eu tenho amigos e família, exércitos e tesouros, não há nada que eu não possa obter exceto viver na mesma região com minha Urvasi. Meu único desejo é, então, passar minha vida com ela." Quando ele tinha falado desse modo, os Gandharbas levaram para Pururavas um recipiente com fogo, e disseram a ele, "Pegue este fogo, e, de acordo com os preceitos dos Vedas, o divida em três fogos; fixando então sua mente na idéia de viver com Urvasi, ofereça oblações, e você seguramente obterá seus desejos." O Raja pegou o fogareiro, e partiu, e chegou a uma floresta. Então ele começou a refletir que ele tinha cometido uma grande tolice em trazer o recipiente de fogo em vez da esposa dele; e deixando o recipiente na floresta, ele foi desconsolado para seu palácio. No meio da noite ele despertou, e considerou que os Gandharbas tinham lhe dado o fogareiro para permiti-lo obter a felicidade de viver com Urvasi, e que era absurdo ele tê-lo deixado pelo caminho. Resolvendo portanto recuperá-lo, ele se levantou, e foi para o lugar onde tinha depositado o recipiente; mas ele não estava lá. Em seu lugar ele viu uma árvore Aswattha jovem crescendo de uma planta Sami, e ele pensou consigo mesmo, e disse, "Eu deixei nesse local um recipiente de fogo, e agora vejo uma árvore Aswattha jovem crescendo de uma planta Sami. Realmente eu levarei esses tipos de fogo para a minha capital, e lá, tendo gerado fogo pelo atrito delas, eu o adorarei." Tendo decidido dessa forma, ele levou as plantas para a sua cidade, e preparou a madeira delas para atrito, com pedaços do comprimento de tantas polegadas quanto as sílabas no Gayatri: ele recitou aquele verso sagrado, e friccionou ao mesmo tempo gravetos de tantas polegadas quanto ele recitou sílabas no Gayatri[5]. Tendo extraído fogo por meio disso, ele o fez triplo, de acordo com as injunções dos Vedas, e ofereceu oblações com ele, propondo como o objetivo da cerimônia reunião com Urvasi. Desse modo, celebrando muitos sacrifícios segundo a forma na qual oferendas são apresentadas com fogo, Pururavas obteve um assento na esfera dos Gandharbas, e

[5] Não aparece por que essa passagem está repetida. O comprimento dos gravetos, correspondente ao número de sílabas na forma usual do Gayatri, seria vinte e quatro polegadas. O Bhagavata vincula à operação um fragmento de misticismo de uma origem Tantrika: Pururavas, enquanto executando o atrito, mentalmente identifica ele mesmo e Urvasi com os dois gravetos, e repete o Mantra, उर्वश्यामायुरसि पुरूरवाः ।.

não ficou mais separado de sua amada. Assim o fogo, que era no princípio apenas um, foi feito triplo no Manwantara atual pelo filho de Ila[6]. ◄

[6] A divisão de um fogo em três é atribuída a Pururavas pelo Mahabharata e o resto. O comentador no primeiro os especifica como o Garhapatya, Dakshina, e Ahavaniya, os quais Sir Wm. Jones, Manu, II. 231, traduz fogos nupciais, cerimoniais, e sacrificais; ou mais propriamente: 1. Doméstico, aquele que é mantido perpetuamente por um chefe de família; 2. Um fogo para sacrifícios, colocado ao sul do restante; e 3. Um fogo consagrado para oblações; formando o Tretagni, ou tríade de fogos sagrados, em oposição ao Laukika, ou meramente profanos. Parece que o arranjo triplo era devido a Pururavas; mas há algumas outras tradições curiosas relativas a ele, que indicam que ele é o autor de algumas inovações importantes no ritual hindu. O Bhagavata diz, que antes do tempo dele havia somente um Veda, uma casta, um fogo, e um deus, Narayana; e que, no princípio da era Treta, Pururavas os fez todos 'três.' Isto é, de acordo com o comentador, o ritual foi então instituído. O Matsya Purana tem uma descrição desse príncipe indo para a órbita do sol e da lua em toda conjunção, quando oblações para progenitores devem ser oferecidas, como se ritos fúnebres tivessem se originado com Pururavas. O Mahabharata {Adi Parva, cap. 75, pág. 167} ainda declara alguns detalhes mais notáveis. 'O glorioso Pururavas, dotado, embora um mortal, com as qualidades de uma divindade, governando as treze ilhas do oceano, envolveu-se em hostilidades com os brâmanes no orgulho de sua força, e apoderou-se das jóias deles, quando eles exclamaram contra sua opressão. Sanatkumara veio da esfera de Brahma para lhe ensinar as regras de dever, mas Pururavas não aceitou as instruções dele, e o rei, privado de compreensão pelo orgulho de seu poder, e incitado por avareza, era portanto sempre amaldiçoado pelos grandes sábios ofendidos, e foi destruído.'

CAPÍTULO 7

Filhos de Pururavas. Descendentes de Amavasu. Indra nascido como Gadhi. Lenda de Richika e Satyavati. Nascimento de Jamadagni e Viswamitra. Parasurama o filho do primeiro. (Lenda de Parasurama.) Sunahsephas e outros os filhos de Viswamitra, formando a linhagem Kausika.

Pururavas teve seis filhos, Ayus, Dhimat, Amavasu, Viswavasu, Satayus, e Srutayus[1]. O filho de Amavasu era Bhima[2]; seu filho era Kanchana[3]; seu filho era Suhotra[4], cujo filho era Jahnu. Esse príncipe, enquanto realizando um sacrifício, viu o lugar inteiro inundado pelas águas do Ganges. Muito ofendido por essa intrusão, seus olhos vermelhos de raiva, ele uniu o espírito do sacrifício consigo mesmo, pelo poder de sua devoção, e bebeu o rio. Os deuses e sábios nisso foram até ele, e apaziguaram sua indignação, e recuperaram Ganga dele, na qualidade de filha dele (por isso ela é chamada de Jahnavi)[5].

O filho de Jahnu era Sumantu[6]; seu filho era Ajaka; seu filho era Valakaswa[7]; seu filho era Kusa[8], que teve quatro filhos, Kusamba, Kusanabha, Amurttaya, e Amavasu[9]. Kusamba, desejando um filho, ocupou-se em penitência religiosa para

---

1 Variedade considerável prevalece nestes nomes, e o Matsya, Padma, Brahma, e Agni enumeram oito. As listas são as seguintes:

Mahábhárata.	*Matsya.*	*Agni.*	*Kúrma.*	*Bhágavata.*
Áyus	Áyus	Áyus	Áyus	Áyus
Dhímat	Dhritimat	Dhímat	Máyus	Śrutáyus
Amávasu	Vasu	Vasu	Amáyus	Satyáyus
Dridháyus	Dridháyus	Uśráyus	Viśwáyus	Ráya
Vanáyus	Dhanáyus	Antáyus	Śatáyus	Vijaya
Śatáyus	Śatáyus	Śatáyus	Śrutáyus	Jaya
	Aśwáyus	Ritáyus		
	Divijáta	Divijáta.		

A lista do Brahma é aquela do Mahabharata, com a adição de Satayus e Viswayus; e o Padma concorda com o Matsya.

2 Filho de Vijaya: Bhagavata. Essa linhagem de príncipes só é seguida em nosso texto, no Vayu, Brahma, e Hari Vansa, e no Bhagavata.

3 Kanchanaprabha: Brahma.

4 Hotraka: Bhagavata.

5 O Brahma Purana e o Hari Vansa adicionam sobre esse príncipe, que ele era o marido de Kaveri, a filha de Yuvanaswa, que pela maldição de seu marido se tornou o rio Kaveri: outra indicação da origem Dakshina desses trabalhos. O Hari V. tem outro Jahnu, a quem ele dá a mesma esposa, como nós veremos depois.

6 Sunuta: Brahma. Puru: Bhagavata.

7 Valaka: Brahma. Ajaka: Bhagavata.

8 O Brahma P. e o Hari V. acrescentam que Kusa tinha aliança com os Pahlavas e silvícolas.

9 Nossas autoridades diferem sobre esses nomes:

Váyu.	*Bráhma e Hari V.*	*Bhágavata.*
Kuśáśwa ou, Kuśasthamba	Kuśáśwa	Kuśámba
Kuśanábha	Kuśanábha	Kuśanábha
Amurttarayasa	Amurttimat	Amurttaraya
Vasu	Kuśika	Vasu.

obter um que fosse igual a Indra. Observando a intensidade de suas práticas religiosas, Indra estava alarmado com receio de que um príncipe de poder como o próprio dele fosse gerado, e decidiu portanto assumir ele mesmo a personalidade do filho de Kusamba[10]. Ele nasceu consequentemente como Gadhi, da linhagem de Kusa (Kausika). Gadhi teve uma filha chamada Satyavati. Richika, dos descendentes de Bhrigu, a pediu em casamento. O rei estava muito pouco disposto dar sua filha para um velho brâmane rabugento, e exigiu dele, como o presente nupcial, mil cavalos velozes, cuja cor deveria ser branca, com uma orelha preta. Richika tendo propiciado Varuna, o deus do oceano, obteve dele, no lugar sagrado chamado Aswatirtha, mil corcéis desses; e dando-os ao rei, se casou com a filha dele[11].

Para efetuar o nascimento de um filho, Richika[12] preparou um prato de arroz, cevada, e grãos de leguminosa, com manteiga e leite, para sua esposa comer; e a pedido dela, ele consagrou uma mistura semelhante para a mãe dela, por partilhar da qual ela daria à luz um príncipe de destreza marcial. Deixando ambos os pratos com sua esposa, depois de descrever particularmente qual era destinado a ela, e qual para a mãe dela, o sábio partiu para as florestas. Quando chegou o momento de o alimento ser comido, a rainha disse a Satyavati, "Filha, todas as pessoas desejam que seus filhos sejam possuidores de qualidades excelentes, e ficariam mortificadas de vê-los superados pelos méritos do irmão da mãe deles. Será desejável para você, portanto, me dar a mistura de ingredientes para refeição que seu marido reservou para você, e comer daquela destinada a mim; pois o filho que ela obterá para mim está destinado a ser o monarca do mundo inteiro, enquanto aquele que seu prato lhe dará deve ser um brâmane, destituído de riqueza, coragem, e poder igualmente." Satyavati aceitou a proposta de sua mãe, e eles trocaram as misturas.

Quando Richika voltou para casa, e viu Satyavati, ele disse a ela, "Mulher pecadora, o que fu fizeste? Eu vejo teu corpo de uma aparência terrível. Com certeza tu comeste o alimento consagrado que foi preparado para tua mãe: tu erraste. Naquela comida eu tinha infundido as qualidades de poder e força e heroísmo; na tua, as qualidades apropriadas para um brâmane, bondade, conhecimento, e resignação. Por teres invertido meus planos, teu filho seguirá as tendências de um guerreiro, e usará armas, e lutará, e matará. O filho da tua mãe nascerá com as inclinações de um brâmane, e será dedicado à paz a paz e piedade." Satyavati, ouvindo isso, caiu aos pés de seu marido, e disse, "Meu senhor, eu fiz isso por ignorância; tenha compaixão por mim; não me deixe ter um filho como tu predisseste. Se deve haver alguém assim, que ele seja meu neto, não meu filho." O Muni, cedendo à angústia dela, respondeu, "Que assim seja." Consequentemente na época apropriada ela deu à luz Jamadagni; e a mãe dela deu à luz Viswamitra. Satyavati tornou-se o rio Kausiki posteriormente[13]. Jamadagni se casou com Renuka, a filha de Renu, da família de Ikshwaku, e teve com

---

O Ramayana tem Kusamba, Kusanabha, Amurttarayasa, e Vasu; e os faz respectivamente os fundadores de Kauambi, de Mahodaya (que depois aparece igual a Kanoj), Dharmaranya, e Girivraja; a última sendo na parte montanhosa de Magadha. I. s. 29.

10 O Brahma e o Hari V. fazem de Gadhi o filho de Kusika; o Vayu e Bhagavata, de Kusamba; o Ramayana, de Kusanabha.

11 O Ramayana cita o matrimônio, mas não tem nenhuma lenda. O Mahabharata, Vana Parva {cap. 115, pág. 225}, tem uma narração muito mais detalhada, mas muito semelhante à do texto. De acordo com o comentador, Aswatirtha está no distrito de Kanoj; talvez na confluência do Kalanadi com o Ganges. A ação do deus do Oceano em obter cavalos, é uma coincidência adicional bastante curiosa entre Varuna e Netuno.

12 No Mahabharata, Bhrigu, o pai de Richika, prepara o Charu.

13 Como consta no Ramayana, depois de afirmar que Satyavati seguiu seu marido na morte, acrescenta que ela se tornou o rio Kausiki; o Cosi, que, nascendo no Nepal, flui por Puraniya para o Ganges, quase oposto a Rajamahal.

ela o destruidor da linhagem kshatriya, Parasurama, que era uma porção de Narayana, o guia espiritual do universo[14].

LENDA DE PARASURAMA

(Do Mahabharata) {Cap. 116, pág. 227}

"Jamadagni (o filho de Richika[15]) era um sábio pio, que pelo fervor de suas devoções, enquanto empenhado em estudo sagrado, obteve posse total dos Vedas. Tendo ido ao rei Prasenajit, ele pediu em casamento sua filha Renuka, e o rei a concedeu a ele. O descendente de Bhrigu conduziu a princesa para seu eremitério, e morou com ela lá, e ela estava contente em participar da vida ascética dele. Eles tiveram quatro filhos, e então um quinto, que era Jamadagnya [Rama, no original, isto é, Parasurama], o último, mas não o menor, dos irmãos. Uma vez quando seus filhos estavam todos ausentes, para colher as frutas das quais eles se alimentavam, Renuka, que era cuidadosa no cumprimento de todos os seus deveres, saiu para tomar banho. Em seu caminho para o rio ela viu Chitraratha, o príncipe de Mrittikavati, com uma guirlanda de lotos em seu pescoço, se divertindo com sua rainha na água, e ela sentiu-se invejosa da felicidade deles. Maculada por pensamentos indignos, banhada mas não purificada pelo rio, ela voltou inquieta para o eremitério, e seu marido percebeu sua agitação. Vendo-a decaída da perfeição, e desprovida do brilho de sua santidade, Jamadagni a reprovou, e estava extremamente enfurecido. Nisso chegaram lá os filhos dela da floresta, primeiro o primogênito, Rumanwat, então Sushena, então Vasu, e então Viswavasu; e cada um, quando ele entrou, foi mandado sucessivamente por seu pai executar sua mãe; mas pasmos, e influenciados por afeição natural, nenhum deles deu alguma resposta, portanto, Jamadagni ficou irado, e os amaldiçoou, e eles se tornaram como idiotas, e perderam todo o entendimento, e se tornaram como animais ou pássaros. Por último, Rama voltou ao eremitério, quando o poderoso e santo Jamadagni disse a ele, 'Mate tua mãe, que pecou; e faça isso, filho, sem lamentar.' Rama consequentemente ergueu seu machado, e cortou a cabeça de sua mãe; no que a ira do ilustre e poderoso Jamadagni foi suavizada, e ele estava satisfeito com seu filho, e disse, 'Já que tu obedeceste minhas ordens, e fizeste o que era difícil de ser realizado, peça de mim quaisquer bênçãos que tu queiras, e teus desejos serão todos realizados.' Então Rama pediu de seu pai estes benefícios; a restauração de sua mãe à vida, com esquecimento de ela ter sido morta, e purificação de toda corrupção; o retorno de seus irmãos à condição natural deles; e, para ele mesmo, invencibilidade em combate, e vida longa: e todos esses seu pai concedeu.

"Aconteceu em uma ocasião que, durante a ausência dos filhos do Rishi, o monarca poderoso Karttavirya, o soberano da tribo Haihaya, dotado de mil braços pelo favor de Dattatreya, e de uma carruagem dourada que ia onde quer que ele desejasse que ela fosse, chegou ao eremitério[16] de Jamadagni, onde a esposa do sábio o recebeu com todo o respeito apropriado. O rei, cheio de si com o orgulho de bravura, não retribuiu a hospitalidade dela, mas levou com ele por meio de violência o bezerro

---

[14] O texto omite a história de Parasurama, mas como a lenda toma uma grande parte nos trabalhos Vaishnava em geral, eu a inseri do Mahabharata, onde ela é narrada duas vezes, uma vez no Vana Parva, e uma vez na seção Rajadharma do Santi Parva. Ela é contada também detalhadamente no nono livro do Bhagavata, no Padma e Agni Puranas, etc.

[15] As circunstâncias do casamento de Richika, e o nascimento de Jamadagni e Viswamitra, são contados de modo muito semelhante como no nosso texto no Mahabharata e Bhagavata.

[16] No início da lenda se encontra a descrição de Karttaviryarjuna, com a adição que ele oprimia homens e deuses. Os últimos recorrendo a Vishnu por socorro, ele desceu à terra, e nasceu como Parasurama, para o propósito especial de executar o rei Haihaya.

da vaca leiteira da oblação sagrada[17], e derrubou as árvores altas que cercavam o eremitério. Quando Rama retornou, seu pai lhe contou o que tinha ocorrido, e ele viu a vaca em aflição, e ele ficou cheio de ira. Pegando seu arco esplêndido[18], Bhargava, o matador de heróis hostis, atacou Karttavirya, que tinha agora se tornado sujeito ao poder da morte, e o derrotou em combate. Com setas afiadas Rama cortou os mil braços dele, e o rei pereceu. Os filhos de Karttavirya, para vingar sua morte, atacaram o eremitério de Jamadagni, quando Rama estava fora, e mataram o sábio piedoso e submisso, que chamou repetidamente, mas inutilmente, por seu filho corajoso. Eles partiram então; e quando Rama voltou, trazendo combustível das matas, ele encontrou seu pai sem vida, e lamentou dessa maneira o destino não merecido dele: 'Pai, em ressentimento de minhas ações você foi assassinado por canalhas tão tolos quanto vis! Pelos filhos de Karttavirya você foi abatido, como um cervo na floresta pelas flechas do caçador! Você não merecia tal morte; você que sempre trilhou o caminho da virtude, e nunca fez mal para nenhuma coisa criada! Quão grande é o crime que eles cometeram, matando com suas flechas mortais um homem idoso como você, totalmente ocupado com cuidados piedosos, e não se envolvendo em discórdia! Muito eles têm para se gabar para seus companheiros e seus amigos, que eles mataram descaradamente um ermitão solitário, incapaz de lutar com armas!' Lamentando dessa forma, amargamente e repetidamente, Rama executou as últimas exéquias de seu pai, e acendeu a pira mortuária dele. Ele então fez um voto que ele extirparia a raça kshatriya inteira. Em cumprimento desse propósito ele pegou suas armas, e com raiva sem remorso e fatal destruiu sozinho em combate os filhos de Karttavirya; e depois deles, quaisquer kshatriyas que ele encontrasse, Rama, o principal dos guerreiros, matava igualmente. Três vezes sete vezes ele limpou a terra da casta kshatriya[19]; e ele encheu com o sangue deles os cinco lagos grandes de Samanta-panchaka, dos quais ele ofereceu libações à linhagem de Bhrigu. Lá ele viu seu pai novamente, e o filho de Richika viu seu filho, e disse a ele o que fazer. Oferecendo um sacrifício solene ao rei dos deuses, Jamadagnya ofereceu a terra aos sacerdotes ministrantes. A Kasyapa ele deu o altar feito de ouro, dez braças de comprimento, e nove de altura[20]. Com a permissão de Kasyapa, os brâmanes o dividiram em pedaços entre eles, e eles foram por isso chamados de brâmanes Khandavayana. Tendo dado a terra para Kasyapa, o herói de coragem imensurável retirou-se para a montanha Mahendra, onde ele ainda reside; e dessa maneira houve inimizade entre ele e a linhagem de kshatriyas, e dessa maneira a terra inteira foi conquistada por Rama[21]."

---

17 No Rajadharma os filhos do rei levam o bezerro. O Bhagavata faz o rei se apoderar da vaca, por cuja ajuda Jamadagni tinha entretido Arjuna e toda a comitiva dele; tomando emprestado, sem dúvida, esses embelezamentos da lenda semelhante de Vasishtha e Viswamitra, narrada no Ramayana.

18 A arma característica de Rama é porém um machado (parasu), por isso seu nome Rama, 'com o machado.' Ele doi dado a ele por Shiva, a quem o herói propiciou no monte Gandhamadana. Ele recebeu ao mesmo tempo instrução no uso de armas em geral, e na arte da guerra. Raja Dharma. {Mahabharata, Santi Parva, cap. 50, pág. 106.}

19 Isso mais do que 'matando três vezes dos mortos' é explicado, no Rajadharma, que significa que ele matou os homens do mesmo número de gerações, logo que eles chegavam à adolescência.

20 Isso às vezes é lido Narotsedha, 'tão alto quanto um homem.'

21 A história, como contada na seção Rajadharma, acrescenta que, quando Rama tinha dado a terra para Kasyapa, a última desejou que ele partisse, porque não havia morada para ele nela, e fosse para o litoral do sul, onde o Oceano fez para ele (ou cedeu para ele) o distrito marítimo chamado Surparaka. As tradições da Península atribuem a formação da costa de Malabar a essa origem, e relatam que Parasurama obrigou o oceano a recuar, e introduziu brâmanes e colonos do norte em Kerala ou Malabar. De acordo com algumas descrições ele permaneceu no promontório de Dilli, e atirou suas setas para o sul, sobre o local de Kerala. Parece provável que nós tenhamos prova da lenda local ser pelo menos tão antiga quanto o começo da era cristã, porque o Mons Pyrrhus de Ptolomeu é provavelmente a montanha de Parasu ou Parasurama. Veja Catálogo de Coleção Mackenzie, Introd. pág. xcv. e vol. II. pág. 74. O Rajadharma também dá uma descrição dos Kshatriyas que escaparam até mesmo da destruição repetida três sete vezes da raça deles. Alguns dos Haihayas foram escondidos pela terra como mulheres; o filho de Viduratha, da linhagem de Puru, foi preservado na montanha Riksha, onde ele foi mantido pelos ursos; Sarvakarman, o filho de Saudasa, foi salvo por Parasara, realizando os ofícios de

O filho de Viswamitra era Sunahsephas, o descendente de Bhrigu, dado pelos deuses, e por isso chamado Devarata[22]. Viswamitra teve outros filhos também, entre os quais os mais célebres eram Madhuchhandas, Kritajaya, Devadeva, Ashtaka, Kachchapa, e Harita; esses fundaram muitas famílias, todas as quais eram conhecidas pelo nome de Kausikas, e se casaram com as famílias de vários Rishis[23]. ◄

---

um Sudra; Gopati, filho de Sivi, foi mantido por vacas nas florestas; Vatsa, o filho de Pratarddana, foi escondido entre os bezerros em um curral; o filho de Deviratha foi escondido por Gautama nas margens do Ganges; Vrihadratha foi preservado em Gridhrakuta; e os descendentes de Marutta foram salvos pelo oceano. Desses as linhagens de reis foram continuadas; mas não parece a partir das listas comuns que elas foram interrompidas alguma vez. Essa lenda, contudo, como também aquela do Ramayana, livro I. c. 52, sem dúvida sugere uma luta violenta e demorada entre os brâmanes e kshatriyas pelo domínio supremo na Índia, como de fato o texto do Mahabharata denota mais claramente, porque a Terra é feita dizer para Kasyapa, 'Os pais e avôs desses Kshatriyas foram mortos pelo desapiedado Rama em guerra por minha causa.'

22 A história de Sunahsephas é contada por diferentes autoridades, com várias variações. Como o autor de vários Suktas no Rich, ele é chamado de o filho de Ajigartta. O Ramayana lhe faz o filho do meio do sábio Richika, vendido para Ambarisha, rei de Ayodhya, por seus pais, para ser uma vítima em um sacrifício humano oferecido por aquele príncipe. Ele é libertado por Viswamitra, mas não é somado que ele foi adotado. O Bhagavata concorda na adoção, mas faz de Sunahsephas o filho da irmã de Viswamitra, com Ajigartta da linhagem de Bhrigu, e afirma que ele foi comprado como uma vítima para o sacrifício de Harischandra (veja a página 295, n. 9 e10). O Vayu lhe faz um filho de Richika, mas alude a ele ser a vítima no sacrifício de Harischandra. De acordo com o Ramayana, Viswamitra chamou seus filhos para tomarem o lugar de Sunahsephas, e após a recusa deles, os rebaixou para a condição de Chandalas. O Bhagavata diz que apenas cinquenta [os mais velhos] dos cem filhos de Viswamitra foram expulsos de sua tribo, por se recusarem a reconhecer Sunahsephas ou Devarata como seu irmão mais velho. Os outros consentiram; e o Bhagavata expressa isto; 'Eles disseram ao mais velho, profundamente versado nos Mantras, 'Nós somos seus seguidores;' conforme o comentador; अनुगन्तारः कनिष्ठाः स्म इत्यर्थः ।. O Ramayana também observa que Sunahsephas, quando amarrado, louvou Indra com Richas ou hinos do Rig-veda. A origem da história, portanto, qualquer que possa ser sua versão correta, deve ser atribuída aos Vedas; e alude evidentemente a alguma inovação no ritual, adotada apenas por uma parte das famílias Kausika de brâmanes.

23 O Bhagavata diz cem filhos, além de Devarata e outros, como Ashtaka, Harita, etc. Listas muito mais longas de nomes são dadas no Vayu, Bhagavata, Brahma, e Hari Vansa. Os dois últimos especificam as mães. Assim Devasravas, Kati (o fundador dos Katyayanas), e Hiranyaksha eram os filhos de Silavati; Renuka, Galava, Sankriti, Mudgala, Madhuchchandas, e Devala eram filhos de Renu; e Ashtaka, Kachchhapa, e Harita eram os filhos de Drishadvati. Os mesmos trabalhos enumeram os Gotras, as famílias ou tribos dos brâmanes Kausika. Estes são: Parthivas, Devaratas, Yajnawalkyas, Samarshanas, Udumbaras, Dumlanas, Tarakayanas, Munchatas, Lohitas, Renus, Karishus, Babhrus, Paninas, Dhyanajyapyas, Syalantas, Hiranyakshas, Sankus, Galavas, Yamadutas, Devalas, Salankayanas, Bashkalas, Dadativadaras, Sausratas, Saindhavayanas, Nishnatas, Chunchulas, Salankrityas, Sankrityas, Vadaranyas, e uma infinidade de outros, multiplicados por casamentos com outras tribos, e que, de acordo com o Vayu, eram originalmente da casta real, como Viswamitra; mas, como ele, obtiveram a condição de brâmanes por meio de devoção. Agora esses Gotras, ou alguns deles pelo menos, sem dúvida existiram, partilhando mais do caráter de escolas de doutrina, mas nos quais era muito provável que os professores e estudantes tivessem que se tornar de uma família por meio de casamento; e o todo, como também o fundador original deles, implicam a interferência da casta kshatriya com o monopólio bramânico de instrução e composição religiosa.

CAPÍTULO 8

Filhos de Ayus. Linhagem de Kshatravriddha, ou reis de Kasi. Nascimento anterior de Dhanwantari. Vários nomes de Pratarddana. Grandeza de Alarka.

Ayus, o filho primogênito de Pururavas, casou-se com a filha de Rahu (ou Arahu), com quem ele teve cinco filhos, Nahusha, Kshatravriddha[1], Rambha[2], Raji, e Anenas[3].

O filho de Kshatravriddha era Suhotra[4], que teve três filhos, Kasa[5], Lesa[6], e Ghritsamada. O filho do último era Saunaka[7], que estabeleceu primeiro as distinções das quatro castas[8]. O filho de Kasa era Kasiraja[9]; seu filho dele Dirghatamas[10]; seu filho era Dhanwantari, cuja natureza estava isenta de fraquezas humanas, e que em toda existência tinha sido mestre de conhecimento universal. Em sua vida passada (ou quando ele foi produzido pela agitação do mar lácteo), Narayana tinha conferido a ele a bênção que ele nasceria subsequentemente na família de Kasiraja, comporia o sistema óctuplo de ciência médica[11], e teria direito depois disso a uma parte das oferendas feitas aos deuses. O filho de Dhanwantari era Ketumat; seu filho era Bhimaratha; seu filho era Divodasa[12]; seu filho era Pratarddana, assim chamado por

---

1 Dharmavriddha: Vayu. Vriddhasarman: Matsya. Yajnasarman: Padma.

2 Darbha: Agni. Dambha: Padma.

3 Vipapman: Agni e Matsya. Vidaman: Padma. As duas últimas autoridades não vão mais adiante com essa linhagem.

4 Sunahotra: Vayu, Brahma.

5 Kasya: Bhagavata.

6 Sala: Vayu, Brahma, Hari Vansa: cujo filho era Arshtisena, pai de Charanta; Vayu: de Kasyapa; Brahma e Hari Vansa.

7 Aqui há provavelmente um erro, pois o Vayu, Bhagavata, e Brahma concordam em fazer de Sunaka o filho de Ghritsamada, e pai de Saunaka.

8 A expressão é 'O originador ou causador das distinções (ou deveres) das quatro castas.' O comentador, no entanto, entende que a expressão significa que os descendentes dele eram das quatro castas. Como também consta no Vayu: 'O filho de Ghritsamada era Sunaka, cujo filho era Saunaka. Brâmanes, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras nasceram na linhagem dele; Brâmanes por ações notáveis.' A existência de apenas uma casta na era da pureza, embora incompatível com a lenda que atribui a origem das quatro tribos a Brahma, é admitida em todo lugar. A separação delas é atribuída a indivíduos diferentes, se precisamente a algum pode ser duvidado; mas a noção indica que a distinção era de um caráter social ou político.

9 Kasiya: Brahma.

10 Dirghatapas: Vayu. Ghritsatamas: Agni. O Bhagavata insere um Rashtra antes desse príncipe, e o Vayu um Dharma depois dele.

11 Os oito ramos de ciência médica são: 1. Salya, extração de corpos estranhos; 2. Salaka, tratamento de doenças orgânicas externas: esses dois constituem cirurgia; 3. Chikitsa, administração de medicamentos, ou tratamento médico em geral; 4. Bhutavidya, tratamento de enfermidades atribuídas a possessão demoníaca; 5. Kaumarabhritya, obstetrícia e manejo de crianças; 6. Agada, alexifármacos {antídotos contra envenenamento}; 7. Rasayana, terapêutica alquímica; 8. Bajikarana, uso de afrodisíacos. Dhanwantari, de acordo com o Brahma Vaivartta Purana, foi precedido em ciência médica por Atreya, Bharadwaja, e Charaka: seu pupilo Susruta é o autor reputado de um trabalho famoso ainda existente. Parece provável que Kasi ou Benares era em um período antigo uma escola célebre de medicina.

12 Algumas lendas bastante curiosas são relacionadas com esse príncipe no Vayu e Brahma Puranas, e Hari Vansa, e especialmente no Kasi Khanda do Skanda Purana. De acordo com essas autoridades, Shiva e Parvati, desejosos de ocupar Kasi, que Divodasa possuía, enviaram Nikumbha, um dos Ganas do primeiro, para levar o príncipe à adoção de doutrinas budistas; por causa do que ele foi expulso da cidade sagrada, e, de acordo com o Vayu, fundou outra nas margens do Gomati. Nós temos, entretanto, também algumas sugestões singulares, embora obscuras, de alguns dos eventos políticos desse e do reinado sucessivo. A passagem do Vayu é, 'O rei Divodasa, tendo matado os cem filhos de Bhadrasrenya, tomou posse do reino dele, que foi conquistado por aquele herói. O filho de Bhadrasrenya, famoso pelo nome de Durdama, foi poupado por Divodasa, por ser uma criança. Pratarddana era o filho

destruir a linhagem de Bhadrasrenya. Ele teve vários outros títulos, como Satrujit, 'o vencedor sobre seus inimigos', por ter derrotado todos os seus inimigos; Vatsa, ou 'criança', por seu pai chamá-lo frequentemente por aquele nome; Ritadhwaja, 'aquele cujo emblema era verdade', sendo um grande observador de veracidade; e Kuvalayaswa, porque ele tinha um cavalo (aswa) chamado Kuvalaya[13]. O filho desse príncipe era Alarka, sobre o qual este verso é cantado atualmente; "Por sessenta mil e seiscentos anos nenhum outro monarca jovem exceto Alarka, reinou sobre a terra[14]."

---

de Divodasa com Drishadvati; e por aquele grande príncipe, desejoso de destruir toda inimizade, (foi recuperado) aquele (território) que tinha sido pego por aquele garoto jovem (Durdama).' Isso não é muito explícito, e é necessário algo que complete o sentido. O Brahma Purana e Hari Vansa contam a história duas vezes mais, principalmente nas palavras do Vayu, mas com algumas adições. No cap. 29. nós temos, primeiro, as primeiras três linhas do extrato acima; então vem a história de Benares sendo abandonada; nós temos então as duas linhas seguintes; então segue, 'Aquele príncipe (Durdama) invadindo suas posses patrimoniais, o território que Divodasa tinha pego pela força foi recuperado pelo filho nobre de Bhadhrasrenya, Durddama, um guerreiro desejoso, rei poderoso, de efetuar a destruição de seus inimigos.' Aqui a vitória é atribuída a Durddama, em oposição ao que parece ser o sentido do Vayu, e que é indubitavelmente aquele do nosso texto, que diz que ele era chamado de Pratarddana por destruir a linhagem de Bhadrasrenya, e Satrujit por derrotar todos os seus inimigos. Por Vairasya anta, 'o fim da hostilidade ou inimizade', não é obviamente para ser entendido aqui, como M. Langlois sugeriu, uma pacificação amigável, mas o fim ou destruição de todos os inimigos. No 32º capítulo do Hari Vansa nós temos precisamente as mesmas linhas, ligeiramente variadas quanto à sua ordem; mas elas são precedidas por este verso; 'A cidade (aquela no Gomati), antes da existência de Benares, de Bhadrasrenya, um príncipe piedoso da linhagem de Yadu. ' Esse verso não está no Brahma Purana. Depois de dar o resto da citação anterior, exceto a última linha, a passagem prossegue, 'O rei chamado Ashtaratha era o filho de Bhimaratha; e por ele, grande rei, um guerreiro desejoso de destruir seus inimigos, (o país) foi recuperado, os filhos (de Durdama) sendo crianças.' De acordo com a mesma autoridade, nós devemos aqui entender Bhimaratha e Ashtaratha como epítetos de Divodasa e Pratarddana. Dessas observações insuficientes e mal digeridas, parece que Divodasa, ao ser expulso de Benares, tomou alguma cidade e distrito no Gomati da família de Bhadrasrenya; que Durdama recuperou o país, e que Pratarddana o conquistou novamente dos descendentes dele. A alternação afetou aparentemente só distritos fronteiriços, pois os príncipes de Mahishmati e de Kasi continuaram, em uma série anterior e posterior, em posse imperturbada de suas capitais e seu poder.

13 O Vayu, Agni, Brahma Purana, e Hari Vansa interpõem dois filhos de Pratarddana, Garga ou Bharga e Vatsa; e eles fazem de Vatsa o pai de Alarka, exceto o Brahma, que tem Satrujit e Ritadhwaja como dois príncipes seguintes a Vatsa.

14 O Vayu, Brahma, e Hari V. repetem essa estrofe, e somam que Alarka desfrutou de tal existência demorada pelo favor de Lopamudra, e que, tendo vivido até o período no qual a maldição sobre Kasi terminou, ele matou o Rakshasa Kshemaka, por quem ela tinha sido ocupada depois que foi abandonada por Divodasa, e fez a cidade ser reabitada. O Hari Vansa concorda como sempre com o Brahma, menos na leitura de um ou dois nomes. Porém, deve ser observado que o Agni faz dos príncipes Kasi os descendentes de Vitatha, o sucessor de Bharata. O Brahma Purana e Hari Vansa, determinados, aparentemente, a serem corretos, dão a lista duas vezes, derivando-a em um lugar de Kshatravriddha, como em nosso texto, no Vayu, e no Bhagavata; e em outro, com o Agni, de Vitatha. A série do Brahma, entretanto, para com Lauhi, o filho de Alarka, e não justifica a repetição que o descuido do compilador do Hari Vansa inseriu superfluamente.

O filho de Alarka era Santati[15]; seu filho era Sunitha; seu filho era Suketu; seu filho era Dharmaketu; seu filho era Satyaketu; seu filho era Vibhu; seu filho era Suvibhu; seu filho era Sukumara; seu filho era Dhrishtaketu; seu filho era Vainahotra; seu filho era Bharga; seu filho era Bhargabhumi; de quem também regras para as quatro castas foram promulgadas[16]. Esses são os príncipes Kasya, ou descendentes de Kasa[17]. Nós agora enumeraremos os descendentes de Raji. ◄

---

15 Várias variedades ocorrem, na série seguinte, como as listas comparativas vão mostrar melhor:

Bhágavata.	*Bráhma.*	*Váyu.*	*Agni.*
Alarka	Alarka	Alarka	Alarka
Santati	Sannati	Sannati	Dharmaketu
Sunítha	Sunítha	Sunítha	Vibhu
Suketana	Kshema	Suketu	Sukumára
Dharmaketu	Ketumat	Dhrishťaketu	Satyaketu
Satyaketu	Suketu	Veńuhotra	
Dhrishťaketu	Dharmaketu	Gárgya	
Sukumára	Satyaketu	Gargabhúmi	
Vítihotra	Vibhu	Vatsabhúmi	
Bhárga	Anartta		
Bhargabhúmi	Sukumára		
	Dhrishťaketu		
	Veńuhotri		
	Bharga		
	Vatsabhúmi.		

16 Nosso texto é bastante claro, e assim é o Bhagavata, mas o Vayu, Brahma, e Hari V. contêm adições de significação bastante duvidosa. O primeiro tem, 'O filho de Venuhotra era o célebre Gargya; Gargabhumi era o filho de Gargya; e Vatsa, do sábio Vatsa: brâmanes e kshatriyas virtuosos eram os filhos desses dois.' O segundo Vatsa talvez queira dizer Vatsabhumi; e o sentido da passagem é, que Gargya (ou possivelmente Bharga, um dos filhos de Pratarddana) e Vatsa foram os fundadores de duas linhagens (Bhumi, 'terra', insinuando 'fonte' ou 'fundador'), que eram kshatriyas por nascimento, e brâmanes por profissão. O Brahma e Hari V., aparentemente interpretando mal esse texto, aumentaram a perplexidade. De acordo com eles, o filho de Venuhotra era Bharga; Vatsabhumi era o filho de Vatsa; e Bhargabhumi (Bhrigubhumi, Brahma) era de Bhargava. 'Esses filhos de Angiras nasceram na família de Bhrigu, milhares de grande poder, brâmanes, kshatriyas e vaisyas.' O comentador tem, 'Outro filho de Vatsa, o pai de Alarka, é descrito, Vatsabhumi, etc. De Bhargava, o irmão de Vatsa. (Eles eram) Angirasas, de Galava, pertencentes àquela família, (e nasceram) na família de Bhrigu, da descendência de Viswamitra.' A interpretação não está muito clara, mas autoriza a noção expressada acima, que Vatsa e Bharga, os filhos de Pratarddana, são os fundadores de duas linhagens de kshatriya-brâmanes.

17 Sobre o assunto da nota 12, alguma ilustração adicional é derivável do Mahabharata, Santi Parva, Dana-dharma. [A passagem referida é encontrada no Anusasana Parva, cap. 30.] Haryaswa o rei dos Kasis, reinando entre o Ganges e o Yamuna, ou no Doab, foi invadido e morto pelos Haihayas, uma raça descendente, de acordo com essa autoridade, de Saryati, o filho de Manu (veja pág. 286, n. 1). Sudeva, o filho de Haryaswa, também foi atacado e derrotado pelos mesmos inimigos. Divodasa, o filho dele, construiu e fortaleceu Benares como uma defesa contra os Haihayas, mas em vão, porque eles a tomaram, e o obrigaram a fugir. Ele buscou refúgio com Bharadwaja, por cujo favor ele teve um filho nascido para ele, Pratardana, que destruiu os Haihayas sob as ordens de seu rei Vitihavya, e restabeleceu o reino de Kasi. Vitihavya, pela proteção de Bhrigu, tornou-se um brâmane. O Mahabharata dá uma lista dos descendentes dele, que contém vários dos nomes da dinastia Kasya do texto; desse modo, é dito que Ghritsamada é seu filho, e os dois últimos da linhagem são Sunaka e Saunaka. Veja a n. 7.

CAPÍTULO 9

Descendentes de Raji, filho de Ayus; Indra renuncia a seu trono para ele; reivindicado depois de sua morte por seus filhos, que apostatam da religião dos Vedas, e são destruídos por Indra. Descendentes de Pratikshatra, filho de Kshatravriddha.

Raji teve quinhentos filhos, todos de ousadia e vigor inigualáveis. Após a ocorrência de uma guerra entre os demônios e os deuses, ambos os partidos indagaram de Brahma qual seria vitorioso. O deus respondeu, "Aquele pelo qual Raji pegar em armas." Consequentemente os Daityas se dirigiram imediatamente a Raji, para assegurar a aliança dele; a qual ele lhes prometeu, se eles lhe fizessem seu Indra depois de derrotarem os deuses. A isso eles responderam e disseram, "Nós não podemos professar uma coisa, e pretender outra; nosso Indra é Prahlada, e é por ele que nós travamos guerra." Tendo falado assim, eles partiram; e os deuses vieram então a ele em missão semelhante. Ele lhes propôs as condições ditas, e eles concordaram que ele fosse seu Indra. Raji portanto se uniu à hoste divina, e por suas numerosas e formidáveis armas destruiu o exército dos inimigos deles.

Quando os demônios estavam derrotados, Indra colocou os pés de Raji sobre sua cabeça, e disse, "Tu me protegeste de um grande perigo, e eu te reconheço como meu pai; tu és o chefe soberano sobre todas as regiões, e eu, o Indra das três esferas, sou teu filho." O Raja sorriu, e disse, "Que seja assim mesmo. A consideração que é obtida por muitas palavras agradáveis não é resistida nem sequer quando tal linguagem procede de um inimigo (muito menos as palavras amáveis de um amigo falhariam em ganhar nosso afeto)." Ele voltou consequentemente para sua própria cidade, e Indra permaneceu como seu representante no governo do céu.

Quando Raji ascendeu para os céus, seus filhos, pela instigação de Narada, exigiram a posição de Indra como seu direito hereditário; e como a divindade se recusou a reconhecer a supremacia deles, eles o reduziram à submissão pela força, e usurparam sua posição. Depois que algum tempo considerável tinha decorrido, o deus de cem sacrifícios, Indra, privado de sua parte de oferendas para os imortais, encontrou-se com Vrihaspati em um lugar retirado, e disse a ele, "Você não pode me dar um pouco da manteiga sacrifical, mesmo que não seja maior que uma jujuba, porque eu estou em carência de alimento?" "Se", Vrihaspati respondeu, "você tivesse recorrido a mim antes, eu poderia ter feito qualquer coisa para você que você desejasse; de qualquer forma, eu me esforçarei e o restabelecerei em poucos dias à sua soberania." Dizendo isso, ele começou um sacrifício com a finalidade de aumentar o poder de Indra, e de levar os filhos de Raji ao erro, e efetuando dessa maneira a queda deles[1]. Desencaminhados por sua fascinação mental, os príncipes se tornaram inimigos dos brâmanes, negligentes com seus seus deveres, e desprezaram os preceitos dos Vedas; e assim destituídos de moralidade e religião, eles foram mortos por Indra, que pela ajuda do sacerdote dos deuses retomou seu lugar no céu. Quem quer que ouça essa história manterá para sempre seu próprio lugar, e nunca será culpado de atos maus.

Rambha, o terceiro filho de Ayus, não teve progênie[2]. Kshatravriddha teve um filho chamado Pratikshatra[3]; seu filho era Sanjaya; seu filho era Vijaya[4]; seu filho era

---

1 O Matsya diz que ele ensinou para os filhos de Raji o Jinadharma ou religião jaina.

2 O Bhagavata enumera, porém, como os descendentes dele, Rabhasa, Gambhira, e Akriya, cuja posteridade tornou-se brâmane. A mesma autoridade dá, como os descendentes de Anenas, o quinto filho de Ayus [pois o quarto era Raji, veja pág. 317], Suddha, Suchi, Trikakud, e Santakhya.

3 O Vayu concorda com nosso texto em fazer de Pratipaksha (Pratikshatra) o filho de Kshattravriddha; mas o Brahma Purana e Hari Vansa consideram Anenas como o chefe desse ramo da

Yajnakrit[5]; seu filho era Harshavarddhana[6]; seu filho era Sahadeva; seu filho era Adina[7]; seu filho era Jayasena; seu filho era Sankriti; seu filho era Kshatradharman[8]. Esses eram os descendentes de Kshatravriddha. Eu mencionarei agora aqueles de Nahusha. ◄

posteridade de Ayus. O Bhagavata substitui Kusa, o Lesa do nosso texto, o neto de Kshatravriddha, pelo primeiro nome; e isso parece estar correto mais provavelmente. Embora os diferentes manuscritos concordem em ler क्षत्रवृद्धसुतः, deveria ser talvez क्षात्रवृद्धः, o patronímico Kshatravriddha; fazendo então, como faz o Bhagavata, de Pratikshatra o filho do filho de Kshatravriddha.

4 Jaya: Bhagavata, Vayu.

5 Vijaya: Vayu. Krita: Bhagavata.

6 Haryaswa: Brahma, Hari V. Haryavana: Bhagavata.

7 O último da lista: Vayu. Ahina: Bhagavata.

8 Kshatravriddha: Brahma, Hari V.

CAPÍTULO 10

Os filhos de Nahusha. Os filhos de Yayati; ele é amaldiçoado por Sukra; deseja que seus filhos troquem seu vigor pelas fraquezas dele. Só Puru concorda. Yayati devolve a ele sua juventude; divide a terra entre seus filhos, sob a supremacia de Puru.

Yati, Yayati, Sanyati, Ayati, Viyati, e Kriti eram os seis filhos valorosos de Nahusha[1]. Yati recusou a soberania[2], e Yayati então sucedeu ao trono. Ele teve duas esposas, Devayani, a filha de Usanas, e Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan; sobre as quais é recitado este verso genealógico: "Devayani teve dois filhos, Yadu e Turvasu. Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, teve três filhos, Druhyu, Anu, e Puru[3]." Pela maldição de Usanas, Yayati ficou velho e fraco antes de seu tempo; mas tendo apaziguado seu sogro, ele obteve permissão para transferir sua decrepitude para alguém que concordasse em aceitá-la. Ele pediu primeiro ao seu filho mais velho Yadu, e disse, "Seu avô materno causou essa decadência prematura em mim, pela permissão dele, porém, eu posso transferi-la para você por mil anos. Eu ainda não estou saciado com prazeres mundanos, e desejo participar deles por meio da sua juventude. Não recuse concordância com meu pedido." Yadu, entretanto, não estava disposto a tomar sobre si a decadência de seu pai; no que seu pai pronunciou uma maldição sobre ele, e disse, "Sua posteridade não possuirá domínio." Ele então pediu sucessivamente a Druhyu, Turvasu, e Anu, e requereu deles seu vigor juvenil. Todos eles recusaram, e como consequência foram amaldiçoados pelo rei. Finalmente ele fez o mesmo pedido ao filho mais novo de Sarmishtha, Puru, que reverenciou seu pai e prontamente consentiu em lhe dar sua juventude, e receber em troca as fraquezas de Yayati, dizendo que seu pai tinha concedido a ele um grande favor.

---

[1] O Bhagavata se refere brevemente à história de Nahusha, que é contada mais de uma vez no Mahabharata, no Vana Parva, Udyoga Parva, Dana Dharma Parva, e outros; também no Padma e outros Puranas. Ele tinha obtido o grau de Indra; mas em seu orgulho, ou por sugestão de Sachi, obrigando os Rishis a carregarem sua liteira, ele foi amaldiçoado por eles a decair de seu estado, e a reaparecer na terra como uma serpente. Daquela forma ele foi libertado por meio de discussões filosóficas com Yudhishthira, e recebeu libertação final. Muita especulação, completamente infundada, foi iniciada pela conjetura de Wilford que o nome desse príncipe, com Deva, 'divino', anteposto, uma combinação que nunca ocorre, era o mesmo que Dionísio ou Baco. Autoridades geralmente concordam quanto aos nomes dos primeiros três dos filhos dele; naqueles das outras há muita variedade, e o Matsya, Agni, e Padma têm sete nomes, como segue omitindo os três primeiros do texto:

Matsya.	*Agni.*	*Padma.*	*Linga.*
Udbhava	Udbhava	Udbhava	Śaryáti
Panśchi	Panchaka	Pava	Champaka
Sunyáti	Pálaka	Viyáti	Andhaka
Meghayáti	Megha	Meghayáti	

[2] Ou, como seu nome sugere, ele se tornou um devoto, um Yati: Bhagavata, etc.

[3] A história é contada em grande detalhe no Adi Parva do Mahabharata, também no Bhagavata, com algumas adições evidentemente de um critério recente. Sarmishtha, a filha de Vrishaparvan, rei dos Daityas, tendo brigado com Devayani, a filha de Sukra, (o preceptor religioso da mesma raça), tinha jogado-a em um poço. Yayati, caçando na floresta, a encontrou, e levando-a ao pai dela, com o consentimento dele casou-se com ela. Devayani, em ressentimento do tratamento de Sarmishtha, exigiu que ela se tornasse sua criada; e Vrishaparvan, temendo o descontentamento de Sukra, foi obrigado a concordar. No serviço da rainha dele, porém, Yayati viu Sarmishtha, e casou-se com ela secretamente. Devayani reclamando para o pai dela da infidelidade de Yayati, Sukra infligiu a ele decadência prematura, com permissão de transferi-la para alguém que desejasse dar a ele juventude e força em troca, como é narrado no texto. A passagem que especifica os filhos de Yayati é precisamente a mesma no Mahabharata como no nosso texto, e é introduzida da mesma maneira.

O rei Yayati, sendo assim dotado com mocidade renovada, administrou os negócios de estado para o bem de seu povo, desfrutando de prazeres que eram adequados à sua idade e força, e que não eram incompatíveis com a virtude. Ele criou uma conexão com a ninfa celestial Viswachi, e ficou totalmente afeiçoado a ela, e não concebeu nenhum fim para seus desejos. Quanto mais eles eram satisfeitos, mais ardentes eles se tornavam; como é dito neste verso: "Desejo não é saciado por gozo; fogo alimentado com óleo sacrifical se torna apenas mais intenso. Ninguém jamais tem mais que suficiente de arroz, ou cevada, ou ouro, ou gado, ou mulheres: abandone portanto o desejo imoderado. Quando uma mente não encontra nem bem nem mal em todos os objetos, mas olha para todos com um olhar imparcial, então tudo dá prazer a ela. É cheio de felicidade o homem sábio que escapa do desejo, o qual a mente fraca pode abandonar com dificuldade, e que não envelhece com os velhos. O cabelo fica cinzento, os dentes caem, conforme o homem avança em idade; mas o amor de riqueza, o amor de vida, não é enfraquecido pelos anos." "Mil anos se passaram", Yayati refletiu, "e minha mente ainda está dedicada ao prazer: diariamente meus desejos são despertados por objetos novos. Eu portanto renunciarei agora a todo prazer sensual, e fixarei minha mente na verdade espiritual. Não afetado pelas alternativas de prazer e dor, e não tendo nada que eu possa chamar de meu, eu daqui em diante vagarei pelas florestas com os cervos."

Tendo tomado essa decisão, Yayati devolveu sua juventude a Puru, retomou sua própria decrepitude, instalou seu filho mais novo na soberania, e partiu para a floresta da penitência (Tapovana[4]). Para Turvasu ele entregou os distritos situados no sudeste de seu reino; os do oeste para Druhyu; os do sul para Yadu; e do norte para Anu; para governarem como vice-reis sob as ordens de seu irmão mais novo Puru, a quem ele nomeou o monarca supremo da terra[5]. ◄

---

4 Bhrigutunga, de acordo com o Brahma.

5 Os irmãos mais velhos foram feitos Mandala-nripas, reis de círculos ou distritos: Bhagavata. Não há concordância exata sobre a localização dos governos deles.

	Váyu e Padma	*Bráhma e Hari V.*	*Bhágavata*
Turvasu	Sudeste	Sudeste	Leste
Druhyu	Oeste	Oeste	Sudeste
Yadu	Sudoeste	Sul	Sul
Anu	Norte	Norte	Norte

O Linga descreve os ministros e povo como discutindo com Yayati, por dar a supremacia ilegalmente ao filho mais jovem; mas ele os satisfaz por mostrar que ele estava justificado em pôr de lado os mais velhos, por falta de dever filial. O Mahabharata, Udyoga Parva, Galava Charitra, tem uma lenda de Yayati dando uma filha ao santo Galava, que por meio dela obtém de príncipes diferentes oitocentos cavalos, brancos com uma orelha preta, como uma taxa para seu preceptor Viswamitra. Yayati, depois de sua morte e residência no céu de Indra, está descendo novamente para a terra, quando os filhos da filha dele lhe dão o benefício das práticas religiosas deles, e o recolocam na esfera celestial. Essa tem a aparência de uma história antiga. Uma lenda similar em alguns aspectos foi narrada em nosso texto, na página 313.

CAPÍTULO 11

A linhagem Yadava, ou descendentes de Yadu. Karttavirya obtém uma bênção de Dattatreya; captura Ravana; é morto por Parasurama; seus descendentes.

Eu narrarei primeiro para você a família de Yadu, o filho primogênito de Yayati, no qual o eterno, imutável Vishnu desceu na terra em uma porção de sua essência[1]; da qual a glória não pode ser descrita, embora para sempre louvada para conferir o resultado de todos os seus desejos - eles desejem virtude, riqueza, prazer, ou libertação - para todos os seres criados, homens, santos, coristas divinos, espíritos do mal, ninfas, centauros, serpentes, pássaros, demônios, deuses, sábios, brâmanes, e ascetas. Quem ouve a descrição da linhagem de Yadu será libertado de todo pecado; pois o espírito supremo, que é sem forma, e que é chamado Vishnu, foi manifestado nessa família.

Yadu teve quatro filhos, Sahasrajit, Kroshti, Nala, e Raghu[2]. Satajit era o filho do mais velho desses, e ele teve três filhos, Haihaya, Venu[3], e Haya. O filho de Haihaya era Dharmanetra[4]; seu filho era Kunti[5]; seu filho era Sahanji[6]; seu filho era Mahishmat[7]; seu filho era Bhadrasena[8]; seu filho era Durdama; seu filho era Dhanaka[9], que teve quatro filhos, Kritaviryya, Kritagni, Kritavarman, e Kritaujas. O filho de Kritaviryya era Arjuna, o soberano das sete Dwipas, o senhor de mil braços. Esse príncipe propiciou o sábio Dattatreya, o descendente de Atri, que era uma porção de Vishnu, e solicitou e obteve dele estes benefícios - mil braços; nunca agir injustamente; subjugação do mundo por justiça, e protegê-lo equitativamente; vitória sobre seus inimigos; e morte pelas mãos de uma pessoa renomada nas três regiões do universo. Com esses meios ele governou a terra inteira com poder e justiça, e ofereceu dez mil sacrifícios. Sobre ele esse verso ainda é recitado; "Os reis da terra seguramente nunca seguirão seus passos em sacrifício, em munificência, em devoção, em cortesia, e em autocontrole." No reinado dele nada era perdido ou ferido; e assim ele governou a terra inteira com saúde, prosperidade, poder, e força não diminuídos, por oitenta e cinco mil anos. Enquanto se divertindo nas águas do Narmada, e alegre com vinho, Ravana chegou em sua viagem de triunfo à cidade de

---

1 Ou, 'na qual Krishna nasceu.' Poderia ser esperado, por causa da importância dessa genealogia, que ela tivesse sido preservada tão cuidadosamente que as autoridades concordariam exatamente em seus detalhes. Embora, no entanto, as especificações principais coincidam, contudo, como nós teremos oportunidade para mencionar, ocorrem variações grandes e irreconciliáveis.

2 Os dois primeiros geralmente concordam. Há diferenças no restante; como:

Váyu.	*Bráhma.*	*Bhágavata.*	*Kúrma.*
Níla	Nala	Nala	Níla
Ajita	Anjika	Aripu	Jina
Raghu	Payoda		Raghu

O Brahma e o Hari Vansa leem Sahasrada em vez do primeiro nome; e o Linga tem Balasani em lugar de Nala. O Agni também faz de Satajit um filho de Yadu.

3 Venuhaya: Bhagavata, etc. [Vayu, Kurma, Hari V.] Uttanahaya: Padma. Vettahaya: Matsya. Eles eram os filhos de Sahasrada: Brahma e Hari V.

4 Dharmatantra: Vayu. Dharma: Kurma.

5 Kirtti: Vayu.

6 Sanjneya: Vayu. Sankana: Agni. Sahanja de Sahanjani-pura: Brahma. Sanjnita: Linga. Samhana: Matsya. Sohanji: Bhagavata.

7 Por quem a cidade de Mahishmati no Narbadda foi fundada: Brahma P., Hari V.

8 Como consta no Bhagavata; mas o Vayu, mais corretamente, tem Bhadrasrenya. Veja a página 317, n. 12.

9 Kanaka: Vayu, etc. [Brahma P. e Hari V.] Varaka: Linga. Andhaka: Kurma.

Mahishmati, e lá ele que se gabava de derrotar os deuses, os Daityas, os Gandharbas e o rei deles, foi capturado por Karttavirya, e preso como um animal domesticado em um canto de sua capital[10]. No término de seu longo reinado Karttavirya foi morto por Parasurama, que era uma porção encarnada do poderoso Narayana[11]. Dos cem filhos desse rei, os cinco principais eram Sura[12], Surasena, Vrishana[13], Madhu[14], e Jayadhwaja[15]. O filho do último era Talajangha, que teve cem filhos, chamados em homenagem a ele de Talajanghas; o primogênito desses era Vitihotra; outro era Bharata[16], que teve dois filhos, Vrisha e Sujati[17]. O filho de Vrisha era Madhu[18]; ele teve cem filhos, o principal dos quais era Vrishni, e dele a família obteve o nome de Vrishni[19]. Por causa do nome do pai deles, Madhu, eles também eram chamados de Madhavas; enquanto da denominação de seu antepassado comum Yadu, todos eram chamados de Yadavas[20]. ◄

---

[10] De acordo com o Vayu, Karttavirya foi o agressor, invadindo Lanka, e capturando Ravana lá. As circunstâncias são mais usualmente narradas como em nosso texto.

[11] Veja as páginas 314 e 315. O destino de Karttavirya foi a consequência de uma maldição pronunciada por Apava ou Vasishtha, o filho de Varuna, cujo eremitério tinha sido queimado, de acordo com o Mahabharata, Raja-dharma, por Chitrabhanu, ou Fogo, para quem o rei tinha, em sua generosidade, oferecido o mundo. O Vayu faz do próprio rei o incendiário, com flechas dadas a ele por Surya, para secar o oceano.

[12] Urjjita: Bhagavata.

[13] Vrishabha: Bhagavata. Dhrishta: Matsya. Dhrishna: Kurma. Prishokta: Padma. Vrishni: Linga. Krishnaksha: Brahma.

[14] Krishna, em todos exceto o Bhagavata.

[15] Rei de Avanti: Brahma e Hari Vansa.

[16] Ananta: Vayu e Agni; omitido em outra parte.

[17] Durjaya apenas: Vayu, Matsya.

[18] Esse Madhu, de acordo com o Bhagavata, era o filho de Karttavirya. O Brahma e Hari V. lhe fazem o filho de Vrisha, mas não dizem filho de qual Vrisha era. O comentador no último afirma que o nome é um sinônimo de Payoda, o filho de Yadu, de acordo com a autoridade dele, e daquele somente.

[19] O Bhagavata concorda com nosso texto, mas o Brahma, Hari V., Linga, e Kurma fazem de Vrishana o filho de Madhu, e derivam dele o nome de família de Vrishnis ou Varshneyas.

[20] O texto não cita algumas tribos colaterais, que parecem merecer observação. A maioria das outras autoridades, ao mencionar os filhos de Jayadhwaja, observa que deles vieram as cinco grandes divisões da tribo Haihaya. Essas, de acordo com o Vayu, eram os Talajanghas, Vitihotras, Avantyas, Tundikeras, e Jatas. O Matsya e Agni omitem os primeiros, e substituem Bhojas; e os últimos são incluídos na lista no Brahma, Padma, Linga, e Hari V. Em vez de Jatas a leitura é Sanjatas ou Sujatas. O Brahma Purana também tem Bharatas que, assim como os Sujatas, geralmente não são especificados, é dito, 'por seu grande número.' Eles são com toda a probabilidade inventados pelo compilador a partir dos nomes do texto, Bharata e Sujati. A posição dessas tribos é a Índia central, pois a capital dos Talajanghas era Mahishmati ou Chuli-Maheswar, ainda chamada, de acordo com o Cel. Tod, Sahasra-bahuki-basti, 'a aldeia do de mil braços;' isto é, de Karttaviryya. Anais do Rajastão {Annals of Rajasthan}, I. 39, nota. Os Tundikeras e Vitihotras são colocados nas listas geográficas atrás das montanhas Vindhyan, e a terminação -kaira é comum no vale do Narmada, como Bairkaira, etc., ou nós podemos ter Tundikera abreviado, como Tundari no Tapti. Os Avantyas se encontravam em Ujayin, e os Bhojas provavelmente na vizinhança de Dhar em Malwa. Essas tribos devem ter precedido, portanto, as tribos Rajput, por quem essas regiões são agora ocupadas, ou Rahtores, Chauhans, Pawars, Gehlotes, e o resto. Ainda há alguns vestígios deles, e uma tribo de Haihayas ainda existe, “no topo do vale de Sohagpur em Bhagel-khand, cientes de sua linhagem antiga, e embora poucos em número, famosos por sua coragem.” Rajasthan de Tod, I. 39. A extensão das tradições relativas a eles, especialmente sobre eles assolando o país, junto com Sakas e outras tribos estrangeiras, no reinado precedente àquele de Sagara (veja a pág. 295), também indica sua origem estrangeira; e se nós pudermos confiar em semelhanças verbais, nós podemos suspeitar que os Hayas e Haihayas dos hindus tinham alguma conexão com os Hia, Hoiei-ke, Hoiei-hu, e tribos hunas ou turcas similarmente denominadas, que fazem uma figura na história chinesa. Des Guignes, Histoire des Huns, I. 7, 55, 231. II. 253, etc. Ao mesmo tempo, deve ser observado que essas tribos não fazem seu aparecimento até alguns séculos depois da era cristã, e o cenário de suas primeiras façanhas é longe das fronteiras da Índia: a coincidência de título pode ser então meramente acidental. Na palavra Haya, que corretamente quer dizer 'um cavalo', não é impossível, entretanto, que nós tenhamos uma evidência confirmatória da origem cita dos Haihayas, como o Cel. Tod supôs; embora nós não possamos com ele imaginar que a própria palavra 'cavalo' é derivada de haya. Rajasthan, I. 76.

CAPÍTULO 12

Descendentes de Kroshtri. Afeição conjugal de Jyamagha por sua esposa Saivya; seus descendentes reis de Vidarbha e Chedi.

Kroshtri [ou Kroshtu], o filho de Yadu[1], teve um filho chamado Vrijinivat[2]; seu filho era Swahi[3]; seu filho era Rushadru[4]; seu filho era Chitraratha; seu filho era Sasavindu, que era senhor das quatorze grandes pedras preciosas[5]; ele teve cem mil esposas e um milhão de filhos[6]. Os mais renomados deles eram Prithuyasas, Prithukarman, Prithujaya, Prithukirtti, Prithudana, e Prithusravas. O filho do último desses seis[7] era Tamas[8]; seu filho era Usanas[9], que celebrou cem sacrifícios de cavalo; seu filho era Siteyus[10]; seu filho era Rukmakavacha[11]; seu filho era Paravrit, que teve cinco filhos, Rukmeshu, Prithurukman, Jyamagha, Palita, e Harita[12]. Até hoje o verso seguinte relativo a Jyamagha é repetido: "De todos os maridos submissos às suas esposas, que existiram ou existirão, o mais eminente é o rei Jyamagha[13], que era o marido de Saivya." Saivya era estéril; mas Jyamagha tinha tanto medo dela, que ele não tomou nenhuma outra esposa. Em uma ocasião o rei, depois de um combate renhido, com elefantes e cavalos, derrotou um inimigo poderoso, que abandonando esposa, filhos, família, exército, tesouro, e domínio, fugiu. Quando o inimigo foi afugentado, Jyamagha viu uma princesa adorável deixada sozinha, e exclamando, "Salve-me, pai! Salve-me, irmão!" enquanto seus olhos grandes rolavam de modo selvagem com medo. O rei foi afetado pela beleza dela, e tomado por afeição por ela, e disse a si mesmo, "Isto é afortunado; eu não tenho filhos, e sou o marido de uma mulher estéril; essa moça caiu em minhas mãos para criar posteridade para mim. Eu me casarei com ela; mas primeiro eu a levarei em meu carro, e a conduzirei para meu

---

1 No Brahma P. e Hari V. nós temos duas famílias de Kroshtri; uma que é muito semelhante àquela do texto; a outra simplifica uma história longa, como nós citaremos novamente.

2 Vajravat: Kurma.

3 Santi: Kurma. Swaha: Matsya. Trisanku Linga.

4 Vishansu: Agni. Rishabha: Linga. Kusika: Kurma. Ruseku: Bhagavata.

5 Ou artigos os melhores de seu tipo; sete animados, e sete inanimados; uma esposa, um sacerdote, um general, um cocheiro, um cavalo, um elefante, e um grupo de infantaria; ou, em vez dos últimos três, um executor, um encomiasta, um leitor dos Vedas; e uma carruagem, um guarda-sol, uma jóia, uma espada, um escudo, uma bandeira, e um tesouro.

6 O texto afirma isso em prosa clara, mas o Vayu cita um verso que distingue somente cem centenas ou 10.000 filhos.

7 O Matsya tem o primeiro, terceiro, e quinto do nosso texto, e Prithudharma, Prithukirtti, e Prithumat. O Kurma também tem seis nomes, mas faz o mesmo número de sucessões.

8 Suyajna: Agni, Brahma, Matsya. Dharma: Bhagavata.

9 Ushat: Brahma, Hari Vansa.

10 Sitikshu: Agni. Sineyus: Brahma. Purujit: Bhagavata. O Vayu tem Maruta e Kambalavarhish, irmãos, ao invés.

11 Variedade considerável prevalece aqui. O Brahma e Hari V. têm Marutta, o Rajarshi (um erro grosseiro, veja a página 283), Kambalavarhish, Sataprasuti, Rukmakavacha: o Agni - Marutta, Kambalavarhish, Rukmeshu; enquanto o Bhagavata faz de Ruchaka filho de Usanas, e pai para os cinco príncipes que no texto são os netos de Rukmakavacha.

12 O Bhagavata tem Rukmeshu, Rukman, Jyamagha, Prithu, e Purujit. O Vayu lê os dois últimos nomes Parigha e Hari. O Brahma e Hari V. inserem Parajit como o pai dos cinco citados como no texto.

13 A maioria das outras autoridades menciona que o mais velho dos cinco irmãos, Rukmeshu, sucedeu seu pai na soberania; e que o segundo, Prithurukman, permaneceu no serviço de seu irmão. Palita e Harita foram colocados acima de Videha (Linga) ou Tirhut, e Jyamagha partiu para se estabelecer onde ele podia: de acordo com o Vayu, ele conquistou Madhyadesa (o país ao longo do Narmada), Mekala, e as montanhas Suktimat. Assim o Brahma P. afirma que ele se estabeleceu ao longo da montanha Rikshavat, e residia em Suktimati. Ele chama seu filho, como nós veremos, de Vidarbha. O país assim chamado é Berar, e entre os descendentes dele nós temos os Chaidyas ou príncipes de Boghelkand, e Chandail, e Dasarha, mais corretamente talvez Dasarna, Chattisgher; de modo que essa história das aventuras de Jyamagha parece aludir ao primeiro estabelecimento das tribos Yadava ao longo do Narmada, mais para o sul e oeste do que antes.

palácio, onde eu devo pedir o consentimento da rainha nessas núpcias." Consequentemente ele colocou a princesa na carruagem dele, e voltou para sua própria capital.

Quando a aproximação de Jyamagha foi anunciada, Saivya veio ao portão do palácio, acompanhada pelos ministros, os cortesãos, e os cidadãos, para receber o monarca vitorioso; mas quando ela viu a donzela permanecendo ao lado esquerdo do rei, seus lábios incharam e ligeiramente tremeram com ressentimento, e ela disse a Jyamagha "Quem é essa donzela tola que está com você na carruagem?" O rei não preparado com uma resposta, respondeu precipitadamente, por medo de sua rainha; "Esta é minha nora." "Eu nunca tive um filho", Saivya retorquiu, "e você não tem outros filhos. Então de que filho seu essa moça é a esposa?" O rei desconcertado pelo ciúme e raiva que as palavras de Saivya mostravam, respondeu a ela para prevenir discussão adicional; "Ela é a noiva jovem do futuro filho o qual tu darás à luz." Ouvindo isso, Saivya sorriu gentilmente, e disse, "Assim seja;" e o rei entrou em seu grande palácio.

Por causa dessa conversação relativa ao nascimento de um filho tendo ocorrido em uma conjunção, fase, e estação auspiciosas, a rainha, embora passado o tempo das mulheres, ficou grávida pouco tempo depois, e deu à luz um filho. O pai dele o chamou de Vidarbha, e o casou com a donzela que ele tinha trazido para casa. Eles tiveram três filhos, Kratha, Kaisika[14], e Romapada[15]. O filho de Romapada era Babhru[16], e seu filho era Dhriti[17]. O filho de Kaisika era Chedi, cujos descendentes eram chamados de reis Chaidya[18]. O filho de Kratha era Kunti[19]; seu filho era Vrishni[20]; seu filho era Nirvriti[21]; seu filho era Dasarha; seu filho era Vyoman; seu filho era Jimuta; seu filho era Vikriti[22]; seu filho era Bhimaratha; seu filho era Navaratha[23]; seu filho era Dasaratha[24]; seu filho era Sakuni; seu filho era Karambhi; seu filho era Devarata; seu filho era Devakshatra[25]; seu filho era Madhu[26]; seu filho era Anavaratha;

---

14 O Bhagavata tem Kusa; o Matsya, Kausika; todas as autoridades concordam em especificar três filhos.

15 Lomapada: Agni.

16 Vastu: Vayu. Kriti: Agni.

17 Ahuti: Vayu. Iti: Padma. Dyuti: Matsya. Bhriti: Kurma. Esse último é singular em continuar a linhagem de Romapada por mais doze gerações.

18 O Bhagavata, entretanto, faz dos príncipes de Chedi contínuos de Romapada; como, Babhru, Dhriti, Usika, Chedi - os Chaidyas, entre os quais estavam Damaghosha e Sisupala.

19 Kumbhi: Padma.

20 Dhrishta: Vayu. Dhrishti: Matsya.

21 Nivritti: Vayu. Nidhriti: Agni. O Brahma faz três filhos, Avanta, Dasarha, e Balivrishahan. No Linga é dito de Dasarha que ele era 'destruidor da hoste de inimigos (de face) de cobre (europeus?).'

22 Vikala: Matsya.

23 Nararatha: Brahma, Hari V.

24 Dridharatha: Agni. Devarata: Linga.

25 Soma: Linga. Devanakshatra: Padma.

26 Há grande variedade nos nomes sucessivos:

Bhágavata.	*Váyu.*	*Bráhma.*	*Matsya.*	*Padma.*	*Kúrma.*
Madhu	Madhu	Madhu	Madhu	Madhu	Madhu
Kuruvaśa	Manu	Manavaśas	Uruvas	Puru	Kuru
Anu	Puruvatsa	Purudwat	Purudwat	Punarvasu	Anu
Puruhotra Áyu	Purudwat Satwa	Madhu and Satwa	Jantu	Jantu	Ansa
Satwata	Satwata	Satwata	Satwata	Satwata	Andhaka Satwata

seu filho era Kuruvatsa; seu filho era Anuratha; seu filho era Puruhotra; seu filho era Ansu; seu filho era Satwata, por causa de quem os príncipes dessa casa eram chamados de Satwatas. Essa era a progênie de Jyamagha; por escutar a descrição da qual, um homem é purificado de seus pecados. ◄

O Linga tem Purushaprabhu, Manwat, Pratarddana, Satwata; e o Agni, Dravavasu, Puruhuta, Jantu, e Satwata. Alguns desses se originam, sem dúvida, nos erros de copistas, mas eles não podem ser todos atribuídos a essa fonte.

CAPÍTULO 13

Filhos de Satwata. Príncipes Bhoja de Mrittikavati. Surya o amigo de Satrajit: aparece para ele em uma forma corpórea, lhe dá a pedra preciosa Syamantaka; seu brilho e propriedades maravilhosas. Satrajit a dá para Prasena, que é morto por um leão; o leão morto pelo urso Jambavat. Krishna suspeito de matar Prasena, vai procurá-lo nas florestas; segue os rastros o urso até sua caverna; luta com ele pela jóia; a disputa prolongada; seus companheiros supõem que ele foi morto; ele derrota Jambavat, e se casa com a filha dele Jambavati, volta com ela e a jóia para Dwaraka; devolve a jóia para Satrajit, e se casa com a filha dele Satyabhama. Satrajit assassinado por Satadhanwan, vingado por Krishna. Disputa entre Krishna e Balarama. Akrura possuidor da jóia, deixa Dwaraka. Calamidades públicas. Reunião dos Yadavas. História do nascimento de Akrura, ele é convidado a retornar, acusado por Krishna de ter a jóia Syamantaka; a exibe em assembléia lotada; ela permanece sob responsabilidade dele; Krishna absolvido de tê-la furtado.

Os filhos de Satwata eram Bhajina, Bhajamana, Divya, Andhaka, Devavriddha, Mahabhoja, e Vrishni[1]. Bhajamana teve três filhos, Nimi[2], Krikana[3], e Vrishni[4], com uma esposa, e o mesmo número com outra, Satajit, Sahasrajit, e Ayutajit[5]. O filho de Devavriddha era Babhru, sobre quem esse verso é recitado; "Nós ouvimos quando longe, e nós vemos quando perto, que Babhru é o principal dos homens, e Devavriddha é igual aos deuses: sessenta e seis pessoas seguindo os preceitos de um, e seis mil e oito que eram os discípulos do outro, obtiveram imortalidade." Mahabhoja era um príncipe piedoso; seus descendentes eram os Bhojas, os príncipes de Mrittikavati[6], por isso chamados de Marttikavatas[7]. Vrishni teve dois filhos, Sumitra e Yudhajit[8]; do primeiro Anamitra e Sini foram nascidos[9]. O filho de Anamitra era Nighna, que teve dois filhos, Prasena e Satrajit. O divino Aditya, o sol, era o amigo do último.

Em uma ocasião Satrajit, enquanto caminhando ao longo do litoral, dirigiu sua mente a Surya, e cantou seus louvores; no que a divindade apareceu e permaneceu diante dele. Vendo-o em uma forma indistinta, Satrajit disse ao sol, "Eu tenho te visto, senhor, nos céus como um globo de fogo, agora mostre favor por mim, de modo que eu possa te ver em tua própria forma." Nisso, o Sol, tirando a jóia chamada Syamantaka de seu pescoço, colocou-a à parte, e Satrajit o viu de uma estatura anã, com um corpo como cobre polido, e com olhos levemente avermelhados. Tendo oferecido suas adorações, o sol desejou que ele pedisse um benefício, e ele pediu que a jóia pudesse se tornar dele. O sol a ofertou a ele, e então retomou seu lugar no céu. Tendo obtido a imaculada pedra preciosa das pedras preciosas, Satrajit a usou em

---

1 O Agni reconhece apenas quatro filhos; mas todo o resto concorda no número, e principalmente nos nomes, Mahabhoja às vezes é lido Mahabhaga.

2 Krimi: Brahma, Agni, Kurma.

3 Panava: Vayu. Kramana: Brahma. Kripana: Padma. Kinkina: Bhagavata.

4 Dhrishthi: Bhagavata, Brahma.

5 O Brahma e o Hari V. acrescentam aos primeiros três Sara e Puranjaya, e aos segundos Dasaka.

6 Perto do rio Parnasa: Brahma P.: um rio em Malwa.

7 Esses são feitos incorretamente os descendentes de Babhru no Hari V.

8 O Bhagavata, Matsya, e Vayu concordam no principal, sobre a genealogia que segue, com nosso texto. O Vayu declara que Vrishni teve duas esposas, Madri e Gandhari; com a primeira ele teve Yudhajit e Anamitra, e com a última Sumitra e Devamidhush. O Matsya também cita as senhoras, mas dá Sumitra a Gandhari, e faz de Madri a mãe de Yudhajit, Devamidhusha, Anamitra, e Sini. O Agni tem um arranjo semelhante, mas substitui Dhrishta por Vrishni, e lhe faz o décimo quinto em descendência de Satwata. O Linga, Padma, Brahma P., e Hari V. fizeram grande confusão por alterarem, aparentemente sem qualquer autorização, o nome de Vrishni para Kroshtri.

9 O Bhagavata lhes faz filhos de Yudhajit; o Matsya e Agni, como observado na nota precedente, irmãos dele assim como de Sumitra.

seu pescoço, e tornando-se assim tão brilhante quanto o próprio sol, irradiando toda a região com seu esplendor, ele voltou a Dwaraka. Os habitantes daquela cidade, vendo-o se aproximar, dirigiram-se ao varão eterno, Purushottama, que, para sustentar o fardo da terra, tinha assumido uma forma mortal (como Krishna), e disseram a ele, "Deus, seguramente o sol divino está vindo para visitá-lo." Mas Krishna sorriu, e disse, "Não é o sol divino, mas Satrajit, a quem Aditya presenteou com a jóia Syamantaka, e ele agora a usa, vão e o vejam sem apreensão." Consequentemente eles partiram. Satrajit tendo ido para a casa dele, lá depositou a jóia, que produzia diariamente oito cargas de ouro [bhára, provavelmente um peso de ouro igual a vinte tulás], e por sua virtude maravilhosa dispersava todo o medo de portentos, animais selvagens, fogo, ladrões, e escassez.

Achyuta era de opinião que essa pedra preciosa extraordinária deveria estar na posse de Ugrasena; mas embora ele tivesse o poder de tirá-la de Satrajit, ele não o privou dela, para que ele não pudesse causar qualquer discordância entre a família. Por outro lado, Satrajit, temendo que Krishna lhe pedisse a jóia, a transferiu para seu irmão Prasena. Agora, era a propriedade peculiar daquela jóia, que embora ela fosse uma fonte inesgotável de benefício para uma pessoa virtuosa, contudo quando usada por um homem de caráter ruim ela era a causa de sua morte. Prasena tendo levado a pedra preciosa, e a pendurado em volta de seu pescoço, montou em seu cavalo, e foi para as florestas para caçar. Na caça ele [e seu cavalo] foram mortos por um leão. O leão, levando a jóia em sua boca, estava prestes a partir, quando ele foi visto e morto por Jambavat, o rei dos ursos, que carregando a pedra preciosa retirou-se para sua caverna, e a deu para seu filho Sukumara brincar. Quando algum tempo tinha passado, e Prasena não apareceu, os Yadavas começaram a sussurrar uns para os outros, e a dizer, "Isso é ato de Krishna, desejoso da jóia, e não a obtendo, ele perpetrou o assassinato de Prasena para obtê-la em sua posse."

Quando esses rumores caluniosos chegaram ao conhecimento de Krishna, ele reuniu vários dos Yadavas, e acompanhado por eles seguiu o percurso de Prasena pelas impressões dos cascos do cavalo dele. Averiguando por esses meios que ele e seu cavalo tinham sido mortos por um leão, ele foi absolvido por todas as pessoas de qualquer parte na morte dele. Desejoso de recuperar a pedra preciosa, ele seguiu dali os passos do leão, e a uma distância não muito grande chegou ao lugar onde o leão tinha sido morto pelo urso. Seguindo as pegadas do último, ele chegou ao pé de uma montanha, onde ele desejou que os Yadavas o esperassem, enquanto ele continuava a trilha. Ainda guiado pelas marcas dos pés, ele descobriu uma caverna, e mal tinha entrado nela quando ele ouviu a ama de Sukumara dizendo para ele, "O leão matou Prasena; o leão foi morto por Jambavat. Não chore, Sukumara, a Syamantaka é sua." Assim assegurado de seu objetivo, Krishna avançou na caverna, e viu a jóia brilhante nas mãos da ama que a estava dando como um brinquedo para Sukumara. A ama logo avistou sua aproximação, e notando os olhos dele fixados na pedra preciosa com desejo ávido, pediu ajuda ruidosamente. Ouvindo os gritos dela, Jambavat, cheio de raiva, veio para a caverna, e uma luta se seguiu entre ele e Achyuta, a qual durou vinte e um dias. Os Yadavas que tinham acompanhado o último esperaram sete ou oito dias em expectativa do retorno dele, mas como o inimigo de Madhu não saiu, eles concluíram que ele devia ter encontrado sua morte na caverna. "Não poderia ter requerido tantos dias", eles pensaram, "para superar um inimigo;" e portanto eles partiram, e voltaram a Dwaraka, e anunciaram que Krishna tinha sido morto.

Quando os parentes de Achyuta ouviram essa notícia, eles realizaram todos os ritos fúnebres adequados para a ocasião. O alimento e água assim oferecidos a Krishna na celebração do Sraddha dele serviram para sustentar sua vida, e revigorar sua força no combate no qual ele estava empenhado; enquanto seu adversário, cansado pelo conflito diário com um inimigo poderoso, contundido e batido em todo membro por golpes pesados, e enfraquecido por falta de comida, ficou incapaz de

resistir a ele por mais tempo. Derrotado por seu antagonista poderoso, Jambavat deixou-se cair diante dele e disse, "Tu, ser poderoso, és certamente invencível por todos os demônios, e pelos espíritos do céu, terra, ou inferno; muito menos tu podes ser derrotado por criaturas inferiores e impotentes em uma forma humana; e ainda menos por tais como nós somos, que são nascidas de origem bruta. Indubitavelmente tu és uma porção do meu senhor soberano Narayana, o defensor do universo". Assim endereçado por Jambavat, Krishna explicou para ele integralmente que ele tinha descido para tomar sobre si mesmo o fardo da terra, e bondosamente aliviou a dor corporal que o urso sofria da luta, por tocá-lo com sua mão. Jambavat prostrou-se novamente diante de Krishna, e apresentou a ele sua filha Jambavati, como um oferecimento adequado para um convidado. Ele também entregou para seu visitante a joia Syamantaka. Embora um presente de tal indivíduo não fosse digno de sua aceitação, contudo Krishna aceitou a pedra preciosa com a finalidade de limpar sua reputação. Ele então retornou, junto com sua noiva Jambavati, para Dwaraka.

Quando o povo de Dwaraka viu Krishna vivo e de volta, eles ficaram cheios de alegria, de modo que aqueles que estavam encurvados pela idade recuperaram vigor juvenil; e todos os Yadavas, homens e mulheres, se reuniram em volta de Anakadundubhi, o pai do herói, e o felicitaram. Krishna relatou para a assembléia inteira dos Yadavas tudo o que tinha acontecido, exatamente como tinha ocorrido, e devolvendo a joia Syamantaka para Satrajit foi exonerado do crime do qual ele tinha sido falsamente acusado. Ele então levou Jambavati para os apartamentos internos.

Quando Satrajit refletiu que ele tinha sido a causa das difamações sobre o caráter de Krishna, ele se sentiu alarmado, e para conciliar o príncipe lhe deu como esposa sua filha Satyabhama. A donzela tinha sido pedida em casamento previamente por vários dos Yadavas mais eminentes, como Akrura, Kritavarman e Satadhanwan, que ficaram muito enraivecidos por ela ser casada com outro, e se aliaram em inimizade contra Satrajit. Os principais entre eles, com Akrura e Kritavarman, disseram a Satadhanwan, "Esse patife Satrajit ofereceu um insulto grave a você, como também a nós que solicitamos a filha dele, por dá-la para Krishna. Não o deixe vivo. Por que você não o mata, e pega a joia? Se Achyuta por essa razão entrar em hostilidade com você, nós tomaremos seu partido." Após essa promessa Satadhanwan se comprometeu a matar Satrajit.

Quando chegaram notícias que os filhos de Pandu tinham sido queimados na casa de cera[10], Krishna, que conhecia a real verdade, partiu para Baranavata para acalmar a animosidade de Duryodhana, e para executar os deveres que seu parentesco requeria. Satadhanwan, tirando proveito da ausência dele, matou Satrajit em seu sono, e tomou posse da pedra preciosa. Após isso vir ao conhecimento de Satyabhama, ela subiu em sua carruagem imediatamente, e, cheia de fúria pelo assassinato do pai dela, se dirigiu a Baranavata, e contou para seu marido como Satrajit tinha sido morto por Satadhanwan em ressentimento por ela ter se casado com outro, e como ele tinha levado a joia; e ela lhe implorou que tomasse medidas imediatas para vingar tal crime hediondo. Krishna, que é sempre plácido interiormente, sendo informado dessas transações, disse a Satyabhama, enquanto seus olhos flamejavam com indignação, "Esses realmente são insultos audaciosos, mas eu não me submeterei a eles da parte de um canalha tão vil. Eles têm que atacar a árvore que mataria os pássaros que lá construíssem seus ninhos. Rejeite tristeza excessiva; não são necessárias suas lamentações para excitar alguma ira." Voltando em seguida a Dwaraka, Krishna pegou Baladeva isoladamente, e disse a ele, "Um leão matou Prasena, caçando nas florestas; e agora Satrajit foi assassinado por Satadhanwan. Como os dois foram mortos, a joia que pertenceu a eles é nosso direito comum. Levante então, suba em seu carro, e execute Satadhanwan."

---

10 Isso alude a eventos detalhados no Mahabharata. [No Adi Parva.]

Sendo assim incitado por seu irmão, Balarama empenhou-se resolutamente no empreendimento; mas Satadhanwan, estando ciente dos planos hostis deles, dirigiu-se a Kritavarman, e pediu a ajuda dele. Kritavarman, porém, recusou-se a ajudá-lo, alegando sua inabilidade para se envolver em um conflito com Baladeva e Krishna. Satadhanwan, assim desapontado, recorreu a Akrura; mas ele disse, "Você deve recorrer a algum outro protetor. Como eu seria capaz de defender você? Não há ninguém, mesmo entre os imortais, cujos louvores são célebres por todo o universo, que seja capaz de lutar com o manejador do disco, à batida de cujo pé os três mundos tremem; cuja mão torna viúvas as esposas dos Asuras, cujas armas nenhuma hoste, por mais que poderosa, pode resistir. Ninguém é capaz de enfrentar o manejador do arado, que aniquila a coragem de seus inimigos pelos relances de seus olhos, que rolam com as alegrias do vinho; e cujo arado vasto manifesta seu poder, por capturar e exterminar os inimigos mais formidáveis." "Já que esse é que o caso", Satadhanwan respondeu, "e vocês não podem me ajudar, pelo menos aceitem e cuidem desta joia." "Eu farei isso", Akrura respondeu, "se você prometer que até mesmo na última extremidade você não divulgará que ela está em minha posse." Satadhanwan concordou com isso, e Akrura pegou a joia; e o primeiro montando em uma égua muito veloz, uma que podia percorrer cem léguas por dia, fugiu de Dwaraka.

Quando Krishna soube da fuga de Satadhanwan, ele arreou seus corcéis, Saivya, Sugriva, Meghapushpa, e Balahaka, ao carro dele, e, acompanhado por Balarama, partiu em perseguição. A égua manteve sua velocidade, e completou suas cem léguas; mas quando ela chegou ao país de Mithila, sua força se esgotou, e ela caiu e morreu. Satadhanwan[11], desmontando, continuou sua fuga a pé. Quando seus perseguidores chegaram ao local onde a égua tinha perecido, Krishna disse a Balarama, "Você permanece no carro, enquanto eu sigo o patife a pé, e o executo; o solo aqui é ruim; e os cavalos não poderão arrastar a carruagem sobre ele." Balarama portanto ficou com o carro, e Krishna seguiu Satadhanwan a pé. Quando ele o tinha perseguido por dois kos, ele disparou seu disco, e, embora Satadhanwan estivesse a uma distância considerável, a arma cortou a cabeça dele. Krishna então, se aproximando, procurou no corpo e no traje dele pela joia Syamantaka, mas não a encontrou. Ele voltou então a Balabhadra, e lhe falou que eles tinham efetuado a morte de Satadhanwan, pois a pedra preciosa, a quinta-essência de todos os mundos, não estava no corpo dele. Quando Balabhadra ouviu isso, ele se encolerizou violentamente, e disse a Vasudeva, "Que a vergonha desça sobre você, por ser assim ganancioso de riqueza! Eu não reconheço nenhuma fraternidade com você. Aqui jaz meu caminho. Vá para onde quer que você queira; eu não me interesso mais por Dwaraka, por você, por toda a nossa casa. É inútil buscar se impor sobre mim com seus perjúrios." Insultando dessa maneira seu irmão, que se esforçava inutilmente para acalmá-lo, Balabhadra foi para a cidade de Videha, onde Janaka[12] o recebeu com hospitalidade, e lá ele permaneceu. Vasudeva voltou a Dwaraka. Foi durante sua estadia na residência de Janaka que Duryodhana, o filho de Dhritarashtra, aprendeu de Balabhadra a arte de lutar com a maça. Ao término de três anos, Ugrasena e outros chefes dos Yadavas, estando convencidos de que Krishna não tinha a joia, foram para Videha, e eliminaram as suspeitas de Balabhadra, e o trouxeram para casa.

Akrura, estimando cuidadosamente os tesouros que a joia preciosa obtinha para ele, celebrava ritos religiosos constantemente, e, purificado com preces sagradas[13], viveu em riqueza por cinquenta e dois anos; e pela virtude daquela pedra

---

[11] O Vayu chama Sudhanwan ou Satadhanwan de rei de Mithila.

[12] Um anacronismo um tanto violento fazer Janaka contemporâneo com Balarama.

[13] O texto dá o começo da prece, mas o comentador não diz de onde ela é tirada: 'Oh, deusa! O assassino de um kshatriya ou vaisya, empenhado em deveres religiosos, é o assassino de um brâmane;' isto é, o crime é igualmente hediondo. Talvez a última palavra deva ser भवति 'é.'

preciosa não havia carência nem pestilência no país inteiro[14]. No fim daquele período, Satrughna, o bisneto de Satwata, foi morto pelos Bhojas, e como eles tinham vínculos de aliança com Akrura, ele os acompanhou em sua fuga de Dwaraka. Desde o momento da partida dele várias calamidades, portentos, cobras, escassez, pestilência, e semelhantes, começaram a prevalecer; de forma que ele cujo emblema é Garuda reuniu os Yadavas, com Balabhadra e Ugrasena, e recomendou que eles considerassem como era que tantos prodígios poderiam ter acontecido ao mesmo tempo. Nisso Andhaka, um dos anciãos da linhagem Yadhu, falou dessa maneira: "Onde quer que Swaphalka, o pai de Akrura, resida, lá escassez, pestilência, carência, e outras visitações eram desconhecidas. Uma vez quando havia falta de chuva no reino de Kasiraja, Swaphalka foi levado lá, e imediatamente caiu lá chuva dos céus. Também aconteceu que a rainha de Kasiraja concebeu, e estava grávida de uma filha; mas quando o momento do parto chegou, a criança não saiu do útero. Doze anos se passaram, e ainda a menina estava por nascer. Então Kasiraja falou para a criança, e disse, 'Filha, por que seu nascimento é demorado assim? Venha para fora; eu desejo vê-la, por que você inflige que esse sofrimento prolongado sobre sua mãe?' Assim endereçada, a criança respondeu, 'Se, pai, você oferecer uma vaca diariamente aos brâmanes, eu nascerei ao fim de três anos mais.' O rei ofereceu portanto diariamente uma vaca para os brâmanes, e ao fim de três anos a donzela veio ao mundo. Seu pai a chamou de Gandini, e ele subsequentemente a deu para Swaphalka, quando ele veio para seu palácio para seu benefício. Gandini, enquanto ela viveu, dava uma vaca diariamente aos brâmanes. Akrura era filho dela com Swaphalka, e o nascimento dele procede então de uma combinação de excelência incomum. Quando uma pessoa tal como ele é, está afastada de nós, é provável que escassez, pestilência, e prodígios não devam ocorrer? Que ele então seja convidado a retornar. As falhas de homens de excelência tão elevada não devem ser examinadas tão severamente."

Em conformidade com o conselho de Audhaka o ancião, os Yadavas enviaram uma missão, encabeçada por Kesava, Ugrasena, e Balabhadra, para assegurar Akrura de que não seria levada em conta qualquer irregularidade cometida por ele; e tendo o convencido de que ele não estava em perigo, eles o trouxeram de volta a Dwaraka. Imediatamente na chegada dele, por causa das propriedades da joia, a pestilência, carência, escassez, e todas as outras calamidades e portentos, cessaram. Krishna, observando isso, refletiu[15] que a descendência de Akrura de Gandini e Swaphalka era uma causa totalmente desproporcionada para tal efeito, e que alguma influência mais poderosa devia ser aplicada para impedir pestilência e escassez. "Com certeza", ele disse a si mesmo, "a grande joia Syamantaka está em sua custódia, pois tais como eu tenho ouvido estão entre as propriedades dela. Este Akrura também tem celebrado ultimamente sacrifício após sacrifício; os próprios recursos dele são insuficientes para tais despesas; não há dúvida que ele tem a joia." Tendo chegado a essa conclusão, ele convocou uma reunião de todos os Yadavas na casa dele, sob o pretexto de alguma celebração festiva. Quando eles estavam todos sentados, e o propósito de sua reunião tinha sido explicado, e o negócio realizado, Krishna entrou em conversação com Akrura, e, depois de rir e brincar, disse a ele, "Parente, você é um verdadeiro príncipe em sua generosidade; mas nós sabemos muito bem que a pedra preciosa

---

14 Alguns dos pormenores sobre essa pedra preciosa parecem identificá-la com uma pedra de celebridade amplamente difundida no Oriente, e a qual, de acordo com os escritores muçulmanos, foi dada originalmente por Noé para Jafé; a Hijer al mattyr [Hajarul matar] dos árabes, Sang yeddat dos persas, e Jeddah tash dos turcos, a posse da qual assegura chuva e fertilidade. O autor do Habib us Seir afirma gravemente que essa pedra estava nas mãos dos mongóis na época dele, ou no décimo século.

15 Krishna refletindo, o comentador observa, é para ser entendido dele apenas como consistente com a descrição dada aqui dele, como se ele fosse um mero homem; pois, como ele era onisciente, não havia motivo para ele refletir ou raciocinar. Krishna no entanto aparece nessa história em uma luz muito diferente daquela na qual ele normalmente é representado; e a aventura, pode ser observado, está separada do lugar no qual nós poderíamos ter esperado encontrá-la, a narrativa da vida dele, que forma o assunto do próximo livro.

que foi roubada por Sudhanwan foi entregue por ele a você, e está agora em sua posse, para o grande benefício deste reino. Assim que ela permaneça; todos nós derivamos vantagem de suas virtudes. Mas Balabhadra suspeita que eu a tenho, e então, por bondade para mim, mostre-a para a assembléia." Quando Akrura, que tinha a joia com ele, foi posto à prova dessa maneira, ele hesitou quanto ao que ele deveria fazer. "Se eu negar que eu tenho a joia", ele pensou, "eles me revistarão, e acharão a pedra preciosa escondida entre minhas roupas. Eu não posso me submeter a uma busca." Refletindo dessa forma, Akrura disse a Narayana, a causa do mundo inteiro, "É verdade que a joia Syamantaka foi confiada a mim por Satadhanwan, quando ele partiu daqui. Eu esperei todo dia que você a pedisse a mim, e com muita inconveniência portanto eu a mantive até agora. A custódia dela me sujeitou a tanta ansiedade, que eu não tenho podido desfrutar de nenhum prazer, e nunca conheci a tranquilidade de um momento. Com medo que você me achasse incapaz de reter a posse de uma joia tão essencial para o bem-estar do reino, eu me abstive de mencionar a você que ela estava em minhas mãos; mas agora pegue-a você mesmo, e dê a guarda dela para quem você quiser." Tendo falado assim, Akrura tirou de seus trajes uma caixa pequena dourada, e tirou dela a joia. Ao mostrá-la à assembléia dos Yadavas, a sala inteira onde eles estavam foi iluminada por seu brilho. "Essa", disse Akrura, "é a pedra preciosa Syamantaka, que foi entregue a mim por Satadhanwan, que aquele a quem ela pertence a pegue agora."

Quando os Yadavas viram a joia, eles ficaram muito surpresos, e expressaram sua alegria ruidosamente. Balabhadra reivindicou imediatamente a joia como sua propriedade juntamente com Achyuta, como concordado antigamente; enquanto Satyabhama a exigiu como o direito dela, porque ela pertencia originalmente ao pai dela. Entre esses dois Krishna se considerou como um boi entre as duas rodas de um carro, e falou assim para Akrura na presença de todos os Yadavas: "Essa joia foi exibida à assembléia para limpar minha reputação; ela é o direito em comum de Balabhadra e mim, e é a herança patrimonial de Satyabhama. Mas essa joia, para ser vantajosa para o reino inteiro, deve ficar a cargo de uma pessoa que leva uma vida de continência perpétua: se usada por um indivíduo impuro, ela será a causa da morte dele. Agora como eu tenho dezesseis mil esposas, eu não sou qualificado para ter a guarda dela. Não é provável que Satyabhama concorde com as condições que a intitulariam à posse da joia; e quanto a Balabhadra, ele é muito viciado em vinho e nos prazeres dos sentidos para levar uma vida de abnegação. Nós estamos portanto fora de questão, e todos os Yadavas, Balabhadra, Satyabhama, e eu, lhe pedimos, muito generoso Akrura, para manter a guarda da joia, como você fez até agora, para o bem geral; pois você é qualificado para ter a custódia dela, e em suas mãos ela tem sido produtiva de benefício para o país. Você não deve recusar aquiescência com nosso pedido." Akrura, assim incitado, aceitou a joia, e desde então a usou publicamente em volta de seu pescoço, onde ela resplandecia com brilho deslumbrante; e Akrura se movia em por todos os lados como o sol, usando uma guirlanda de luz.

Aquele que relembra a vindicação [Kshálaná, literalmente, 'limpeza'] do caráter de Krishna de falsas difamações, nunca se tornará sujeito a acusação infundada no menor grau, e vivendo no total exercício de seus sentidos, será purificado de todo pecado[16]. ◄

[16] A história da pedra preciosa Syamantaka se encontra no Bhagavata, Vayu, Matsya, Brahma, e Hari V., e é mencionada em outros Puranas. Ela pode ser considerada como uma comum à série inteira. Independentemente da parte tida nela por Krishna, ela apresenta um retrato curioso e sem dúvida fiel dos costumes antigos, no governo autônomo livre de um clã de parentes, nos atos de violência pessoal que são cometidos, nas hostilidades que se seguem, nas reuniões públicas que são celebradas, e na parte tomada pelos mais velhos e pelas mulheres em todos os procedimentos da comunidade.

CAPÍTULO 14

Descendentes de Sini, de Anamitra, de Swaphalka e Chitraka, de Andhaka. Os filhos de Devaka e Ugrasena. Os descendentes de Bhajamana. Filhos de Sura; seu filho Vasudeva; sua filha Pritha casada com Pandu; filhos dela, Yudhishthira e seus irmãos; também Karna com Aditya. Os filhos de Pandu com Madri. Maridos e filhos das outras filhas de Sura. Nascimentos prévios de Sisupala.

O irmão mais novo de Anamitra era Sini; seu filho era Satyaka; seu filho era Yuyudhana, também conhecido pelo nome de Satyaki; seu filho era Asanga; seu filho era Tuni[1]; seu filho era Yugandhara[2]. Esses príncipes eram chamados de Saineyas.

Na família de Anamitra nasceu Prisni; seu filho era Swaphalka[3], a santidade de cujo caráter foi descrita; o irmão mais novo de Swaphalka se chamava Chitraka. Swaphalka teve com Gandini, além de Akrura, Upamadgu, Mridura, Sarimejaya, Giri, Kshatropakshatra, Satrughna, Arimarddana, Dharmadhris, Dhrishtasarman, Gandhamojavaha, e Prativaha. Ele também teve uma filha, Sutara[4].

Devavat e Upadeva eram os filhos de Akrura. Os filhos de Chitrika eram Prithu e Vipritha, e muitos outros[5]. Andhaka teve quatro filhos, Kukkura, Bhajamana, Suchi[6], Kambalavarhish. O filho de Kukkura era Vrishta[7]; seu filho era Kapotaroman; seu filho era Viloman[8]; seu filho era Bhava[9], que também se chamava Chandanodakadundubhi[10]; ele era um amigo do Gandharba Tumburu; seu filho era Abhijit; seu filho era Punarvasu; seu filho era Ahuka, e ele também teve uma filha chamada Ahuki. Os filhos de Ahuka eram Devaka e Ugrasena. O primeiro teve quatro filhos, Devavat, Upadeva, Sudeva, e Devarakshita, e sete filhas, Vrikadeva, Upadeva, Devarakshita, Srideva, Santideva, Sahadeva, e Devaki; todas as filhas se casaram com Vasudeva. Os filhos de Ugrasena eram Kansa, Nyagrodha, Sunaman, Kanka, Sanku, Subhumi, Rashtrapala, Yuddhamushthi, e Tushtimat; e suas filhas eram Kansá, Kansavati, Sutanu, Rashtrapali, e Kanki.

O filho de Bhajamana[11] era Viduratha; seu filho era Sura; seu filho era Samin[12]; seu filho era Pratikshatra[13]; seu filho era Swayambhoja[14]; seu filho era Hridika, que

---

1 Bhuti: Vayu. Kuni: Bhagavata. Dyumni: Matsya.

2 O Agni faz desses todos filhos do irmão de Satyaka, e soma outro, Rishabha, o pai de Swaphalka.

3 As autoridades não estão de acordo aqui. Swaphalka, de acordo com o Agni, como observado há pouco, vem de Sini, o filho de Anamitra. O Bhagavata, em vez de Prisni, tem Vrishni, filho de Anamitra; o Brahma e Hari V. têm Vrishni; e o Agni, Prishni, filho de Yudhajit. O Matsya também faz de Yudhajit o antepassado de Akrura, por meio de Rishabha e Jayanta. Yudhajit no Brahma, etc. é o filho de Kroshtri.

4 As diferentes autoridades variam na leitura desses nomes, embora elas geralmente concordem no número.

5 O Matsya e Padma os chamam de filhos de Akrura, mas sem dúvida incorretamente.

6 Sami: Vayu. Sasi: Matsya. Sini Agni. Esse último lhes faz filhos de Babhru, e chama o primeiro de Sundara.

7 Vrishni: Bhagavata, Vayu, Matsya, etc. Dhrishta: Agni. Dhrishnu: Brahma, Hari V.

8 O Bhagavata põe Viloman primeiro. O Linga faz dele um epíteto de Kapotaroman, dizendo que ele era Vilomaja, 'gerado irregularmente.' Em lugar de Viloman nós temos Raivata, Vayu; Taittiri, Matsya; Tittiri, Agni.

9 Nava: Agni. Bala: Linga. Nala: Matsya. Tamas: Kurma. Anu: Bhagavata.

10 O Matsya, Vayu, e Agni concordam com nosso texto. O Linga, Padma, e Kurma lêem Anakadundubhi como um sinônimo de Bala. O Brahma e Hari V. não têm tal nome, mas aqui inserem Punarvasu, filho de Taittiri. O Bhagavata tem uma série diferente, ou Anu, Andhaka, Dundubhi, Arijit, Punarvasu, Ahuka.

11 Esse Bhajamana é o filho de Andhaka, de acordo com todas as melhores autoridades; de modo que o Padma chama esse ramo de Andhakas. O Agni lhe faz o filho de Babhru.

12 Vata, Nivata, Samin: Vayu.

13 Sonaswa: Matsya. Sonaksha: Padma. Sini: Bhajavata.

teve Kritavarman, Satadhanu, Devamidhusha, e outros[15]. Sura, o filho de Devamidhusha[16], casou-se com Marisha, e teve dez filhos com ela. No nascimento de Vasudeva, que era um desses filhos, os deuses, a quem o futuro é manifesto, previram que o ser divino [Bhagavat] tomaria uma forma humana na família dele, e por isso eles soaram com alegria os tambores do céu: dessa circunstância Vasudeva foi chamado também de Anakadunbubhi[17]. Seus irmãos eram Devabhaga, Devasravas, Anadhrishti, Karundhaka, Vatsabalaka, Srinjaya, Syama, Samika, e Gandusha; e suas irmãs eram Pritha, Srutadeva, Srutakirtti, Srutasravas, e Rajadhidevi.

Sura tinha um amigo chamado Kuntibhoja, para quem, como ele não tinha filhos, ele presenteou, na forma devida, sua filha Pritha. Ela se casou com Pandu, e teve com ele Yudhishthira, Bhima, e Arjuna, que eram na realidade os filhos das divindades Dharma, Vayu (ar), e Indra. Enquanto ela ainda era solteira, também, ela teve um filho chamado Karna, gerado pelo divino Aditya (o sol). Pandu teve outra esposa, chamada Madri, que teve, com os filhos gêmeos de Aditya, Nasatya e Dasra, dois filhos, Nakula e Sahadeva[18].

Srutadeva se casou com o príncipe Karusha Vriddhasarman, e teve com ele o feroz Asura Dantavaktra. Dhrishtaketu, raja de Kaikeya[19], se casou com Srutakirtti, e teve com ela Santarddana e quatro outros filhos, conhecidos como os cinco Kaikeyas. Jayasena, rei de Avanti, casou-se com Rajadhidevi, e teve Vinda e Anuvinda. Srutasravas se casou com Damaghosha, raja de Chedi, e teve com ele Sisupala[20]. Esse príncipe era em uma existência anterior o monarca injusto mas valoroso dos Daityas, Hiranyakasipu, que foi morto pelo guardião divino da criação (no Avatara homem-leão). Ele foi em seguida o soberano de dez cabeças Ravana, cuja coragem, força, e poder inigualáveis foram superados pelo senhor dos três mundos, Rama. Tendo sido morto pela divindade na forma de Raghava, ele desfrutou por muito tempo da recompensa de suas virtudes em isenção de um estado incorporado, mas tinha agora recebido mais uma vez nascimento como Sisupala, o filho de Damaghosha, rei de Chedi. Nessa personalidade ele renovou, mais inveteradamente do que nunca, seu ódio hostil pelo deus cognominado Pundarikaksha, uma porção do ser supremo, que tinha descido para aliviar os fardos da terra; e em consequência foi morto por ele. Mas, por causa da circunstância dos pensamentos dele estarem constantemente absortos pelo ser supremo, Sisupala foi unido com ele depois da morte; pois o senhor dá àqueles para quem ele é favorável tudo o que eles desejam, e ele concede uma posição divina e elevada até mesmo àqueles que ele mata em seu desprazer. ◄

---

14 Bhojaka: Agni. Bhoja: Padma.

15 Dez filhos: Matsya, etc.

16 Devarha: Vayu, Padma, Agni, e Matsya; e uma série diferente segue, ou Kambalavarhish, Asamaujas, Samaujas, Sudanstra, Suvasa, Dhrishta, Anamitra, Nighna, Satrajit. Todos eles fazem de Vasudeva o filho de Sura, todavia; mas os três primeiros deixam duvidoso se aquele Sura era o filho de Bhajamana ou não. O Bhagavata e Brahma concordam com o texto, que provavelmente está correto. O Brahma tem Sura o filho de Devamidhush, embora ele não especifique o último entre os filhos de Hridika.

17 Anaka um maior, e Dundubhi um tambor menor.

18 O Mahabharata é a melhor autoridade para essas circunstâncias. [Especialmente no Adi Parva.]

19 O Padma o chama de rei da Caxemira.

20 O Brahma P. e o Hari V. fazem de Srutadeva mãe de Sisupala, e Prithukirtti de Dantavaktra.

CAPÍTULO 15

Explicação da razão por que Sisupala em seus nascimentos anteriores como Hiranyakasipu e Ravana não foi identificado com Vishnu ao ser morto por ele, e foi assim identificado quando morto como Sisupala. As esposas de Vasudeva; seus filhos; Balarama e Krishna os filhos dele com Devaki; nascidos aparentemente de Rohini e Yasoda. As esposas e filhos de Krishna. Multidão dos descendentes de Yadu.

Maitreya: 'Mais eminente de todos os que cultivam devoção, eu estou curioso para ouvir de você, e você pode explicar para mim, como aconteceu que o mesmo ser, que quando morto por Vishnu, como Hiranyakasipu e Ravana, obteve prazeres que, embora raramente obteníveis pelos imortais, eram apenas temporários, foi absorvido no eterno Hari quando morto por ele na pessoa de Sisupala.

Parasara: 'Quando o autor divino da criação, preservação, e destruição do universo efetuou a morte de Hiranyakasipu, ele assumiu um corpo composto das imagens de um leão e um homem, de modo que Hiranyakasipu não estava ciente que seu destruidor era Vishnu. Embora, portanto, a qualidade de pureza, derivada de mérito excelente, tivesse sido atingida, contudo a mente dele estava perplexa pela predominância da propriedade de paixão; e a consequência daquela foi, que ele colheu, como o resultado de sua morte pelas mãos de Vishnu, somente poder e prazer ilimitados na terra, como Dasanana [Ravana], o soberano das três esferas; ele não obteve absorção no espírito supremo, que é sem início ou fim, porque a mente dele não estava totalmente dedicada àquele único objeto. Assim também Dasanana estando completamente sujeito ao sentimento de amor, e totalmente absorto pelos pensamentos de Janaki, não pôde compreender que o filho de Dasaratha que ele viu era na verdade o divino Achyuta. No momento da morte dele ele foi impressionado com a noção que seu adversário era um mortal, e portanto o resultado que ele derivou de ser morto por Vishnu foi limitado ao seu nascimento na família ilustre dos reis de Chedi, e o exercício de domínio extenso. Nessa situação muitas circunstâncias trouxeram os nomes de Vishnu à atenção dele, e em todas essas ocasiões a inimizade que tinha se acumulado por nascimentos sucessivos influenciou sua mente; e ao falar constantemente com desrespeito de Achyuta, ele estava sempre repetindo os diferentes nomes dele. Fosse caminhando, comendo, sentado, ou dormindo, sua animosidade nunca estava em repouso, e Krishna estava sempre presente nos pensamentos dele em sua aparência habitual, tendo olhos tão belos quanto a folha do loto, vestido em traje amarelo brilhante, enfeitado com uma guirlanda, com braceletes em seus braços e pulsos, e uma diadema em sua cabeça; tendo quatro braços robustos, portando a concha, o disco, o maça, e o loto. Proferindo os nomes dele dessa maneira, embora em maldição, e dando importância à imagem dele, embora em inimizade, ele viu Krishna, quando infligindo a morte dele, radiante com armas resplandecentes, luminoso com esplendor inefável em sua própria essência como o ser supremo, e toda a sua raiva e ódio cessaram, e ele foi purificado de toda imperfeição. Sendo morto pelo disco de Vishnu, no instante em que ele meditava desse modo, todos os seus pecados foram consumidos por seu adversário divino, e ele foi misturado com aquele por cujo poder ele tinha sido morto. Eu assim respondi as suas perguntas. Aquele por quem o divino Vishnu é mencionado ou chamado à lembrança, até mesmo em inimizade, obtém uma recompensa que é difícil de obtenção para os demônios e os deuses: quanto maior será a recompensa daquele que glorifica o deus em fervor e em fé!

Vasudeva, também chamado Anakadandubhi, teve Rohini, Pauravi[1], Bhadra, Madira, Devaki, e várias outras esposas. Os filhos dele com Rohini eram Balabhadra, Sarana, Saru, Durmada, e outros. Balabhadra se casou com Revati, e teve com ela Nisatha e Ulmuka. Os filhos de Sarana eram Marshti, Marshtimat, Sisu, Satyadhriti, e outros. Bhadraswa, Bhadrabahu, Durgama, Bhuta, e outros nasceram na família de Rohini (da linhagem de Puru). Os filhos de Vasudeva com Madira eram Nanda, Upananda, Kritaka, e outros. Bhadra teve com ele Upanidhi, Gada, e outros. Com sua esposa Vaisali ele teve um filho chamado Kausika. Devaki teve seis filhos com ele, Kirttimat, Sushena, Udayin, Bhadrasena, Rijudasa, e Bhadradeha; todos os quais Kansa executou[2].

Quando Devaki estava grávida na sétima vez, Yoganidra (o sono de devoção), enviada por Vishnu, desprendeu o embrião de seu útero materno à meia-noite, e o transferiu para aquele de Rohini; e por ter tirada desse modo, a criança (que era Balarama) recebeu o nome de Sankarshana. Em seguida, o próprio Vishnu divino, a raiz da vasta árvore universal, inescrutável pelas compreensões de todos os deuses, demônios, sábios, e homens, passados, presentes, ou futuros, adorado por Brahma e todas as divindades, ele que é sem início, meio, ou fim, sendo movido a aliviar a terra de sua carga, desceu no útero de Devaki, e nasceu como seu filho Vasudeva. Yoganidra, orgulhosando-se de executar as ordens dele, removeu o embrião para Yasoda, a esposa de Nanda o vaqueiro. Após o nascimento dele a terra foi aliviada de toda iniquidade; o sol, lua, e planetas brilharam com esplendor desanuviado; todo o medo de portentos calamitosos foi dispersado; e felicidade universal prevaleceu. Desde o momento em que ele apareceu, toda a humanidade foi conduzida ao caminho virtuoso, por ele.

Enquanto aquele ser poderoso residiu neste mundo de mortais, ele teve dezesseis mil e cem esposas; dessas as principais eram Rukmini, Satyabhama, Jambavati, Jatahasini, e quatro outras. Por meio dessas a forma universal, que é sem início, gerou cento e oitenta mil filhos, dos quais treze são muito renomados, Pradyumna, Charudeshna, Samba, e outros. Pradyumna se casou com Kakudwati, a filha de Rukmin, e teve com ela Aniruddha. Aniruddha se casou com Subhadra, a neta do mesmo Rukmin, e ela teve com ele um filho chamado Vajra. O filho de Vajra era Bahu; e seu filho era Sucharu[3].

---

[1] Pauravi é, mais propriamente, um título vinculado a uma segunda Rohini, para distingui-la da primeira, a mãe de Balarama. Ela também é citada, pelo Vayu, como a filha de Bahlika.

[2] A enumeração do nosso texto é bastante imperfeita. O Vayu cita as esposas de Vasudeva, Pauravi, Rohini, Madira, Rudra, Vaisakhi, Devaki; e soma duas servas, Sugandhi e Vanaraji. O Brahma P. e Hari V. citam doze esposas, e duas escravas; Rohini, Madira, Vaisakhi, Bhadra, Sunamni, Sahadeva, Santideva, Srideva, Devarakshita, Vrikadevi, Upadevi, Devaki; e Santanu e Barava. Os filhos das duas escravas, de acordo com o Vayu, eram Pundra, que se tornou um rei, e Kapila, que se retirou para as florestas. No Bhagavata nós temos treze esposas, Pauravi, Rohini, Bhadra, Madira, Rochana, Ila, Devaki, Dhritadevi, Santideva, Upadevi, Srideva, Devarakshita, e Sahadeva: as últimas sete nessa e na lista precedente são as filhas de Devaka.

[3] As esposas e filhos de Krishna são descritos mais detalhadamente no próximo livro. O Brahma e Hari V. somam alguns detalhes dos descendentes dos irmãos de Vasudeva. Assim, é dito que Devabhaga é o pai de Uddhava; Anadhrishti de Devasravas, um grande estudioso ou Pandit. Devasravas, outro irmão de Vasudeva, teve Satrughna e outro filho chamado Ekalavya, que por alguma causa sendo abandonado quando uma criança, foi achado e criado pelos Nishadas, e era por isso chamado de Nishadin. Vatsavat (Vatsabalaka) e Gandusha não tendo filhos, Vasudeva deu seu filho Kausika para ser adotado pelo primeiro, e Krishna deu Charudeshna e três outros para o último. Kanaka (Karundhaka) teve dois filhos, Tantrija e Tantripala. Avaksrinjima (Srinjaya) também teve dois, Vira e Aswahanu. O benevolente Samika se tornou como o filho (embora o irmão) de Syama, e desprezando a regra em comum que os príncipes da casa de Bhoja usavam, se fez soberano. Yudhishthira era seu amigo. Os números extravagantes dos Yadavas somente indicam que eles eram, como eles foram indubitavelmente, uma tribo poderosa e numerosa, das quais muitos traços existem em várias partes da Índia.

Dessa maneira os descendentes de Yadu se multiplicaram, e havia muitas centenas de milhares deles, de modo que seria impossível repetir seus nomes em centenas de anos. Dois versos relativos a eles são correntes: "Os instrutores domésticos dos meninos no uso de armas chegaram a três crores e oitenta lacs (ou trinta e oito milhões). Quem enumerará todos os homens poderosos da tribo Yadava, que eram dezenas de dezenas de milhares e centenas de centenas de milhares em número?" Aqueles Daityas poderosos que foram mortos nos conflitos entre eles e os deuses nasceram novamente na terra como homens, como tiranos e opressores; e para deter a violência deles, os deuses também desceram para o mundo dos mortais, e se tornaram membros dos cento e um ramos da família de Yadu. Vishnu era para eles um professor e um soberano, e todos os Yadavas eram obedientes às ordens dele.

Quem escuta frequentemente essa história da origem dos heróis da linhagem de Vrishni, será purificado de todo pecado, e alcançará a esfera de Vishnu. ◄

CAPÍTULO 16

Descendentes de Turvasu.

Parasara: ‘Eu devo agora dar resumidamente a você uma descrição dos descendentes de Turvasu.

O filho de Turvasu era Vahni[1]; seu filho era Gobanu[2]; seu filho era Traisamba[3]; seu filho era Karandhama; seu filho era Marutta. Marutta não teve filhos, e ele portanto adotou Dushyanta, da família de Puru; pelo qual a linhagem de Turvasu se fundiu àquela de Puru[4]. Isso aconteceu por causa da maldição pronunciada sobre seu filho por Yayati[5]. ◄

1 Varga: Agni.

2 Bhanumat: Bhagavata, que também insere Bhaga antes dele.

3 Tribhanu: Vayu. Trisanu: Brahma. Traisali: Agni. Trisari: Matsya.

4 Além de Bharata, que, como será visto depois, era o filho de Dushyanta, o Vayu, Matsya, Agni, e Brahma Puranas enumeram vários descendentes nessa linha, para o propósito evidentemente de introduzir, como a posteridade de Turvasu, as nações do sul da Índia. A série é Varuttha, (Karutthama, Brahma), Andira (Akrira, Brahma); cujos filhos são Pandya, Karnata, Chola, Kerala; o Hari V. adiciona Kola, e o Agni muito incorretamente Gandhara.

5 A maldição aludida é o fracasso da linhagem dele (Prajasamuchcheda), pronunciada sobre Turvasu como o castigo por se recusar a tomar as fraquezas de seu pai sobre ele (veja a página 322). Ele também foi condenado a governar selvagens e bárbaros, Mlechchhas, ou povo não hindu. O Mahabharata adiciona que os Yavanas surgiram de Turvasu. Como soberano do sudeste, ele deveria ser o antepassado do povo de Arracan, Ava, etc.; mas as autoridades citadas na nota precedente atribuem as nações da Península a ele, e por conseguinte os consideram como Mlechchhas. Manu também coloca os Draviras ou Tamuls entre Mlechchhas; e essas e passagens semelhantes indicam um período anterior à introdução do Hinduísmo no sul da Índia.

CAPÍTULO 17

Descendentes de Druhyu.

O filho de Druhyu era Babhru; seu filho era Setu; seu filho era Aradwat[1]; seu filho era Gandhara[2]; seu filho era Dharma[3]; seu filho era Dhrita[4]; seu filho era Duryaman[5]; seu filho era Prachetas, que teve cem filhos, e eles eram os príncipes dos Mlechchhas sem lei ou bárbaros do norte[6]. ◄

---

[1] Também Araddha no manuscrito, e Aratta, Matsya, qual última parece ser a leitura preferível. O Vayu tem Aruddha; o Brahma, Angarasetu; mas Aratta é um país do norte, contíguo a, ou sinônimo de, Gandhara.

[2] De Gandhara é dito no Vayu que ele é um país grande que recebeu o nome dele, e é famoso por sua raça de cavalos: ख्यायते यस्य नाम्ना तु गान्धारविषयो महान् । गान्धारदेशजाश्चापि तुरगा वाजिनां वराः ॥. O Matsya lê o começo da segunda linha आरट्टदेशजा तात्, mostrando que Aratta e Gandhara são o mesmo. Veja a página 178, n. 83.

[3] O Brahma P. e Hari V., em oposição a todo o resto, fazem de Dharma e seus sucessores os descendentes de Anu.

[4] Ghrita: Agni.

[5] Durdama: Vayu e Bhagavata. O Matsya, Brahma, e Agni inserem um Vidupa, Duduha, ou Vidula, antes de Prachetas.

[6] Como consta no Bhagavata e Matsya. O Mahabharata diz que os descendentes de Druhya são os Vaibhojas, um povo não familiarizado com o uso de carros ou animais de carga, e que viajam em balsas: eles não têm rei.

CAPÍTULO 18

Descendentes de Anu. Países e cidades que receberem os nomes de alguns deles, como Anga, Banga, e outros.

Anu[1], o quarto filho de Yayati, teve três filhos, Sabhanara, Chakshusha, e Paramekshu[2]. O filho do primeiro era Kalanara[3]; seu filho era Srinjaya; seu filho era Puranjaya; seu filho era Janamejaya; seu filho era Mahamani[4]; seu filho era Mahamanas, que teve dois filhos, Usinara e Titikshu. Usinara teve cinco filhos, Sivi, Trina[5], Gara[6], Krimi, Darvan[7]. Sivi teve quatro filhos, Vrishadarbha, Suvira, Kaikeya, e Madra[8]. Titikshu teve um filho, Ushadratha[9]; seu filho era Hema[10]; seu filho era Sutapas; seu filho era Bali, em cuja esposa cinco filhos foram gerados por Dirghatamas, ou Anga, Banga, Kalinga, Suhma, e Pundra[11]; e os descendentes deles, e os cinco países que eles habitaram, eram conhecidos pelos mesmos nomes[12].

O filho de Anga era Para[13]; seu filho era Divaratha; seu filho era Dharmaratha[14]; seu filho era Chitraratha; seu filho era Romapada[15], também chamado Dasaratha, para quem, sendo sem filhos, Dasaratha, o filho de Aja, deu sua filha Santa para ser adotada[16]. Depois disso, Romapada teve um filho chamado Chaturanga; seu filho era

---

1 Por algum capricho inexplicável, o Brahma P. e Hari V., não apoiados por qualquer outra autoridade, aqui substituem em lugar de Anu o nome de Kaksheyu, um descendente de Puru, e transferem a série inteira da posteridade dele para a casa de Puru.

2 Paksha e Parapaksha: Vayu. Parameshu: Matsya. Paroksha: Bhagavata.

3 Kalanala: Vayu. Kolahala: Matsya.

4 Mahasala: Agni. Mahasila: Bhagav.

5 Nriga: Agni. Vana: Bhagavata.

6 Nava: Matsya. Sama: Bhagavata.

7 Vrata: Agni. Suvrata: Matsya. Daksha: Bhagavata. De acordo com o Brahma P. e Hari V., os cinco filhos de Usinara eram os antepassados de diferentes tribos. Sivi era o progenitor dos Saivas; Nriga dos Yaudheyas; Nava dos Navarashtras; Vrata dos Ambashthas; e Krimi fundou a cidade Krimila.

8 Bhadra e Bhadraka: Matsya, Agni. Esses filhos de Sivi dão nome a diferentes províncias e tribos no oeste e noroeste da Índia.

9 Rushadratha: Agni. Tushadratha: Matsya.

10 Phena: Agni. Sena: Matsya.

11 Odra, ou, em algumas cópias, Andhra: Bhagavata.

12 Veja a página 175, n. 3; página 177, notas 46, 49, 50; e a página 178, n. 73. De Suhma, pode ser observado que ele é especificado no Siddhanta Kaumudi como um exemplo da regra de Panini; 17.3.24; pela qual Nagara, composto com nomes de países no leste se torna Nágara, como Sauhmanagára, 'produzido, etc. em uma cidade de Suhma.' Os descendentes de Anu, de acordo com o Mahabharata, eram todos Mlechchhas. A última obra citada, como também o Vayu e Matsya Puranas, têm uma história absurda das circunstâncias do nascimento de Dirghatamas, que era o filho de Ujasi ou Utathya, o irmão mais velho de Vrihaspati com Mamata, e de ele gerar Anga e o restante. Eles concordam em atribuir descendentes de todas as quatro castas a eles; o Vayu afirmando que Bali teve पुत्रांश्चातुर्वर्ण्यकरान्।, e o Matsya atribuindo isso a um benefício dado por Brahma a Bali: 'Estabeleça as quatro castas perpétuas.' Desses, os brâmanes são conhecidos como Baleyas: बालेयाः ब्राह्मणाश्च वै. O Matsya cita Bali, o filho de Virochana, e 'existindo por um Kalpa inteiro;' identificando-o portanto, apenas em um período e forma diferentes, com o Bali do Vamana Avatara.

13 Anapana: Vayu. Khanapana: Bhagavata. Adhivahana: Agni. Dadhivahana: Matsya.

14 É dito no Vayu que esse príncipe bebeu o suco de Soma junto com Indra.

15 O Matsya e Agni inserem um Satyaratha.

16 Isso é citado no Ramayana, na história do ermitão Rishyasringa, para quem Santa foi dada em casamento. O pai adotivo dela é chamado no Ramayana, como ele é no Agni e Matsya, de Lomapada: o significado é o mesmo, 'pé peludo.' Ramayana, IX. X. Veja também Prelúdio ao Uttara Rama Charitra, Teatro Hindu, I. 289.

Prithulaksha; seu filho era Champa, que fundou a cidade de Champa[17]. O filho de Champa era Haryyanga; seu filho era Bhadraratha, que teve dois filhos, Vrihatkarman e Vrihadratha. O filho do primeiro era Vrihadbhanu[18]; seu filho era Vrihanmanas; seu filho era Jayadratha, que, com uma esposa que era a filha de um pai kshatriya e mãe bramani, teve um filho chamado Vijaya[19]; seu filho era Dhriti; seu filho era Dhritavrata; seu filho era Satyakarman; seu filho era Adhiratha[20], que achou Karna em uma cesta nas margens do Ganges, onde ele tinha sido abandonado por sua mãe, Pritha. O filho de Karna era Vrishasena[21]. Esses eram os reis de Anga. Você ouvirá em seguida quem eram os descendentes de Puru. ◄

---

17 O Bhagavata difere aqui de todas as outras autoridades ao omitir Champa, o fundador de Champapuri, uma cidade da qual traços ainda restam na redondeza de Bhagalpur, tendo-o inserido previamente entre os descendentes de Ikshwaku (veja a página 295, n. 12). Champa é em toda parte reconhecida como a capital de Anga, e os tradutores do Ramayana estavam muito longe da verdade, quando eles conjeturaram que ela podia ser Angwa ou Ava.

18 Vrihaddarbha: Brahma. O Bhagavata omite os dois sucessores de Champa, e faz de Vrihadratha, Vrihatkarman, e Vrihadbhanu, filhos de Prithulaksha.

19 O Vayu, Matsya, e Hari V. fazem de Vijaya o [meio-] irmão de Jayadratha. O Bhagavata concorda com nosso texto. A mãe de Vijaya por sua origem era da casta Suta, o genealogista e cocheiro. Manu, X. 47. O filho dela era da mesma casta, filhos recebendo a casta da mãe; por conseguinte, os descendentes de Vijaya, reis de Anga, eram Sutas; e isso explica a aplicação desprezativa do termo Suta a Karna, o meio-irmão dos Pandus; porque ele, como será mencionado logo, foi adotado na família de Anga, e sucedeu à coroa.

20 Alguma variedade predomina na série de príncipes aqui, mas isso surge de não distinguir as linhagens colaterais, os descendentes de Jayadratha daqueles de Vijaya. O Vayu e Matsya dão os últimos como em nosso texto, mas eles também concordam com o Agni e Brahma nos sucessores de Jayadratha, como Dridharatha ou Vrihadratha, e Janamejaya ou Viswajit.

21 Surasena: Vayu. Vikarna: Brahma.

CAPÍTULO 19

Descendentes de Puru. Nascimento de Bharata, o filho de Dushyanta; seus filhos mortos; adota Bharadwaja ou Vitatha. Hastin, fundador de Hastinapura. Filhos de Ajamidha, e as tribos derivadas deles, como Panchalas, etc. Kripa e Kripi encontrados por Santanu. Descendentes de Riksha, o filho de Ajamidha. Kurukshetra chamada pelo nome de Kuru. Jarasandha e outros, reis de Magadha.

O filho de Puru era Janamejaya; seu filho era Prachinvat; seu filho era Pravira; seu filho era Manasyu; seu filho era Bhayada[1]; seu filho era Sudyumna[2]; seu filho era Bahugava[3]; seu filho era Samyati[4]; seu filho era Ahamyati[5]; seu filho era Raudraswa[6], que teve dez filhos, Riteyu[7], Kaksheyu, Sthandileyu, Ghriteyu, Jaleyu, Sthaleyu, Santateyu, Dhaneyu, Vaneyu, e Vrateyu[8]. O filho de Riteyu era Rantinara[9], cujos filhos eram Tansu, Apratiratha, e Dhruva[10]. O filho do segundo desses era Kanwa, e o filho dele era Medhatithi, de quem os brâmanes Kanwayana[11] descenderam. Anila[12] era o filho de Tansu, e ele teve quatro filhos, dos quais Dushyanta era o mais velho[13]. O filho

---

1 Abhayada: Vayu. Vitamaya: Agni. Vatayudha: Matsya. Charupada: Bhagavata. O Mahabharata, Adi Parva, cap. 94 e 95, tem duas descrições dos descendentes de Puru, diferindo materialmente no início uma da outra, e das listas dos Puranas. Na primeira, Pravira é feito o filho de Puru; seu filho é Manasyu, que tem três filhos, Sakta, Sanhanana, e Vagmin; e lá a linhagem para. Outro filho de Puru é Raudraswa, cujos filhos são Richeyu e o resto, como em nosso texto; lhes fazendo os segundos em descendência, em vez dos décimos primeiros. Na segunda lista, o filho de Puru é Janamejaya, cujos sucessores são Prachinvat, Samyati, Ahamyati, Sarvabhauma, Jayatsena, Avachina, Ariha, Mahabhauma, Ayutanayin, Akrodhana, Devatithi, Ariha, Riksha, Matinara, que é então o décimo quinto a partir de Puru, em vez do quarto como na primeira descrição, ou o décimo segundo como no texto.

2 Dhundu: Vayu. Sambhu: Agni. Sudhanwan: Brahma.

3 Bahuvidha: Agni e Matsya.

4 Sampati: Agni.

5 Omitido: Vayu. Bahuvadin: Matsya.

6 Bhadraswa: Matsya.

7 Rajeyu: Vayu. Richeyu: Agni. Eles eram os filhos da Apsara Ghritachi, ou de Misrakesi: Mahabharata. O Brahma P. e Hari V. muito inexplicavelmente, e em oposição a todas as outras autoridades, transferiram todos os descendentes de Anu para essa família; substituindo em lugar de Anu o segundo nome em nosso texto, Kaksheyu. (página 342.)

8 O Vayu também menciona dez filhas, Rudra, Sudra, Madra, Subhaga, Amalaja, Tala, Khala, Gopajala, Tamrarasa, e Ratnakuti; e adiciona que elas se casaram com Prabhakara, um Rishi da linhagem de Atri. O Brahma P. e Hari V. têm uma lenda do nascimento de Soma, a lua, dele e uma dessas dez; que sucedeu ao poder e prerrogativas de Atri. Os filhos das outras esposas eram menos famosos, mas eles formaram famílias eminentes entre brâmanes santos, chamados Swastyatreyas.

9 Atimara ou Atibhara: Bhagavata. Antinara: Matsya. Matinara: Mahabharata, Agni e Brahma. De acordo com o Matsya e Hari V. (não no Brahma P.), Gauri, a filha desse príncipe, era a mãe de Mandhatri, da família de Ikshwaku.

10 Em lugar desses o Matsya tem Amurttirayas e Nrichandra, e há várias variedades na nomenclatura. Em lugar do primeiro nós temos Vasu ou Trasu, Vayu; Tansurogha, Agni; Tansurodha, Brahma; e Sumati, Bhagavata. Pratiratha é lido em lugar do segundo no Agni e Brahma; e como o terceiro, Suratha, Agni; Subahu, Hari V.

11 Medhatithi é o autor de muitos hinos no Rig-veda, e nós temos portanto brâmanes e professores religiosos descendentes de Kshatriyas.

12 Malina: Vayu. Raibhya: Bhagavata. Dharmanetra: Brahma P. O Hari V. o omite, fazendo um lamentável trabalho desajeitado da passagem inteira. Assim a construção é de tal maneira quanto a sugerir que Tansu ou Tansurodha teve uma esposa chamada Ila, a filha de Medhatithi; isto é, a bisneta do irmão dele, mas isso, como observa o comentador, é contrário ao senso comum, e ele a leria então, 'A filha dele que se chamava Ilin;' um Raja assim chamado, mas no Vayu e Matsya nós temos Ilina, a filha de Yama, casada com Tansu, e mãe de Malina ou Anila; mais corretamente talvez Ailina. O erro do Hari V. surge então do compilador ler Yasya, 'de quem', em vez de Yamasya, 'Yama.' Não é um erro de transcrição, pois a métrica requer Yasya, e a observação do comentador prova a correção da leitura. O nome ocorre Ilina, o filho de Tansu, no Mahabharata {Adi Parva, pág. 200}, conformemente ao sloka Anuvansa que é citado lá. 'Saraswati teve Tansu com Matinara, e Tansu gerou um filho, Ilina, com Kalingi.'

13 O Vayu, Matsya, e Bhagavata concordam com nosso texto em fazer desses os netos de Tansu, até mesmo o Brahma P. concorda, mas o Hari V. lhes faz filhos dele, tendo aparentemente transformado

de Dushyanta era o imperador Bharata; um verso explicativo do nome dele é cantado pelos deuses; "A mãe é só o receptáculo; é o pai por quem um filho é gerado. Cuide do teu filho, Dushyanta; não trate Sakuntala com desrespeito. Filhos, que nascem da força geratriz paterna, salvam seus progenitores das regiões infernais. Tu és o pai deste menino; Sakuntala falou a verdade." Por causa da expressão 'cuide', Bharaswa, o príncipe foi chamado de Bharata[14].

Bharata teve com esposas diferentes nove filhos, mas eles foram executados pelas próprias mães deles, porque Bharata observou que eles não tinham nenhuma semelhança com ele, e as mulheres temiam que ele as abandonasse por essa razão. O nascimento de seus filhos sendo assim inútil, Bharata sacrificou aos Maruts, e eles lhe deram Bharadwaja, o filho de Vrihaspati, com Mamata, a esposa de Utathya, expelido pelo pontapé de Dirghatamas, seu meio-irmão, antes de seu tempo. Este verso explica o sentido do nome dele; "'Mulher tola', disse Vrihaspati, 'cuide dessa criança de dois pais' (bhara dwa-jam). 'Não, Vrihaspati', Mamata respondeu, 'você cuida dele.' Falando dessa maneira, os dois o abandonaram; mas das expressões deles o menino foi chamado de Bharadwaja." Ele também se chamava Vitatha, em alusão ao nascimento improdutivo (vitatha) dos filhos de Bharata[15]. O filho de Vitatha era Bhavanmanyu[16]; seus filhos eram muitos, e entre eles os principais eram

---

Tansosuta, o filho de Tansu, em um sinônimo de Tansu, ou Tansurodha; como nessas passagens paralelas: 'O filho de Tansu era o sábio ilustre Dharmanetra: Upadanavi teve dele quatro filhos excelentes.' Brahma P. 'Tansurodha era um sábio nobre, o ilustre instituidor de leis. Upadanavi teve quatro filhos de Tansurodha.' Hari V. O comentador explica Dharmanetra como sendo 'instituidor de leis.' Nós temos Upadanavi antes, como a filha de Vrishaparvan o Daitya, casada com Hiranyaksha. Hamilton (Buchanan) [Genelogias dos Hindus] a chama de a esposa de Sughora. Os quatro filhos são citados em outras autoridades, com algumas variações: Dushyanta, Sushyanta ou Rishyanta ou Sumanta, Pravira e Anagha ou Naya. O Mahabharata {Adi, pág. 201} enumera cinco, Dushyanta {Dushmanta}, Sura, Bhima, Vasu, e Pravasu, mas lhes faz os filhos de Ilina e netos de Tansu.

14 Esses dois Slokas são tirados do Mahabharata, Adi Parva, pág. 165, e são parte do testemunho dado por um mensageiro divino ao nascimento de Bharata. Eles são repetidos no mesmo livro, na descrição da família de Puru, pág. 204. Eles ocorrem, com uma leve variação da ordem, em outros Puranas, como o Vayu, etc., e mostram a maior antiguidade da história de Sakuntala, embora eles não a narrem. O significado do nome Bharata é explicado diferentemente no Sakuntala [perto do fim do Ato VII]; é dito que ele é chamado assim por 'sustentar' o mundo; ele também é chamado lá de Sarvadamana, 'o conquistador de tudo.'

15 O Brahma P. e Hari V., o último especialmente, parecem ter modificado essa lenda, com o objetivo talvez de reconciliar aquelas circunstâncias que são relatadas de Bharadwaja como um sábio com sua história como um rei. Portanto, enquanto eles declaram que Bharadwaja foi trazido pelos ventos para Bharata, eles afirmam que ele foi assim trazido para executar um sacrifício, pelo qual um filho nasceu, o qual Bharadwaja também celebrou. No Vayu, Matsya, e Agni, porém, a história é narrada muito mais consistentemente; e Bharadwaja, sendo abandonado por seu pai natural, é trazido pelos ventos, como uma criança, não como um sábio; e sendo adotado por Bharata, é o mesmo que Vitatha, como nosso texto relata. Assim no Vayu, os Maruts trazem para Bharata, já sacrificando em busca de progênie, Bharadwaja, o filho de Vrihaspati; e Bharata recebendo-o, diz, "Este Bharadwaja será Vitatha." O Matsya também diz que os Maruts por compaixão pegaram a criança, e estando satisfeitos com a adoração de Bharata, a deram a ele, e ele foi chamado de Vitatha. E o Agni conta a história inteira em um verso: 'Então o filho de Vrihaspati, sendo levado pelos ventos; Bharadwaja foi transferido com sacrifício, e era Vitatha.' A descrição dada no Bhagavata é para o mesmo propósito. O comentador no texto também torna o assunto bastante claro: 'O nome de Bharadwaja na condição de filho de Bharata era Vitatha.' É claro que uma criança recém-nascida não poderia ser o sacerdote oficiante em um sacrifício para a sua própria adoção, o que quer que o compilador do Hari Vansa possa querer afirmar. De Bharadwaja, um brâmane por nascimento, e rei por adoção, descenderam brâmanes e kshatriyas, os filhos de dois pais. O Mahabharata, no Adi Parva, conta a história muito simplesmente. Em um lugar, cap. 94, pág. 201, ele diz que Bharata, após o nascimento de seus filhos vir a ser inútil, obteve de Bharadwaja, através de grandes sacrifícios, um filho, Bhumanyu; e em outra passagem ele faz de Bhumanyu o filho de Bharata com Sunanda, filha de Sarvasena, o rei de Kasi; cap. 95, pág. 204. Os dois não são incompatíveis.

16 Manyu: Bhagavata. Suketu: Agni. Mas o Brahma e Hari V. omitem essa e a próxima geração, e fazem de Suhotra, Anuhotra, Gaya, Garga, e Kapila os filhos de Vitatha; eles então atribuem a Suhotra dois filhos, Kasika e Ghritsamati, e identifica a eles e seus descendentes com a progênie de Ayu, que eram reis de Kasi (veja a página 319, n. 15); um fragmento de confusão não autorizado por qualquer outra autoridade exceto o Agni.

Vrihatkshatra, Mahaviryya, Nara, e Garga[17]. O filho de Nara era Sankriti; os filhos dele eram Ruchiradhi e Rantideva[18]. O filho de Garga era Sini[19], e seus descendentes chamados Gargyas e Sainyas, embora kshatriyas por nascimento, tornaram-se brâmanes[20]. O filho de Mahaviryya era Urukshaya[21], que teve três filhos, Trayyaruna, Pushkarin, e Kapi[22]; o último dos quais tornou-se um brâmane. O filho de Vrihatkshatra era Suhotra[23], cujo filho era Hastin, que fundou a cidade de Hastinapura[24]. Os filhos de Hastin eram Ajamidha[25], Dwimidha, e Purumidha. Um filho de Ajamidha era Kanwa, cujo o filho era Medhatithi[26]; seu outro filho era Vrihadishu, cujo filho era Vrihadvasu[27]; seu filho era Vrihatkarman[28]; seu filho era Jayadratha[29]; seu filho era Viswajit[30]; seu

---

17 Vrihat, Aharya, Nara, Garga: Matsya.

18 Guruvirya e Trideva: Vayu. O primeiro é chamado Gurudhi, Matsya; e Guru, Bhagavata: eles concordam em Rantideva. O Bhagavata descreve a grande generosidade desse príncipe, e sua prática de Yoga. De acordo com uma lenda preservada no Megha Duta, seus sacrifícios de vaca eram tão numerosos que o sangue delas formou o rio Charmanvati, o moderno Chambal.

19 Sivi: Matsya.

20 As outras autoridades concordam nessa declaração; fornecendo desse modo um exemplo adicional de uma casta procedendo de outra. Nenhuma razão é atribuída: o comentador diz que isso era proveniente de alguma causa.

21 Durbhakshaya: Vayu. Urukshat: Matsya. Duritakshaya: Bhagavata.

22 Trayyaruni, Pushkararuni, Kavi; todos se tornaram brâmanes: उरुक्षतः सुता ह्येते सर्वे ब्राह्मणतां गताः । Matsya. E havia três ramos principais dos Kavyas, ou descendentes de Kavi; काव्यानां तु वरा ह्येते त्रयः प्रोक्ता महर्षयः । गर्गाः संकृतयः काव्याः क्षत्रोपेता द्विजातयः ॥ Gargas, Sankritis, e Kavyas. Idem.

23 No Mahabharata [Adi P. pág. 201], Suhotra é o filho de Bhumanyu [e de Pushkarini]; e em um lugar [pág. 201] o pai de Ajamidha, etc., e em outro de Hastin {Hasti, pág. 204}. O Brahma em algum grau, e o Hari Vansa em um ainda maior, fizeram uma confusão muito extraordinária no caso desse nome. Em nosso texto e em todas as melhores autoridades nós temos três Suhotras, perfeitamente distintos: 1. Suhotra bisneto de Amavasu, pai de Jahnu, e antepassado de Viswamitra e dos Kausikas (veja a página 312); 2. Suhotra filho de Kshatravriddha, e neto de Ayus, e progenitor da linhagem de reis Kasi (página 317); e 3. Suhotra o filho de Vrihatkshatra, neto de Vitatha, e pai de Hastin. Nas duas compilações descuidadas mencionadas, nós temos, primeiro (Hari V. c. 20), um filho Suhotra de Vrihatkshatra, da linhagem de Puru; sua descendência não é dada, mas, dos nomes que seguem Suhotra, a dinastia é aquela do nosso texto presente; em segundo lugar (Hari V. c. 27), Suhotra filho de Kanchana, da linhagem de Amavasu, e pai de Jahnu, etc.; em terceiro lugar (Hari V. c. 29), Suhotra o filho de Kshatravriddha, e progenitor dos reis de Kasi; em quarto lugar (Hari V. 32), nós temos o primeiro e terceiro desses personagens confundidos; Suhotra é feito o filho de Vitatha, e progenitor dos reis de Kasi, a dinastia de quem é repetida; conectando-os assim com a linhagem de Puru em vez de Ayus, em oposição a toda autoridade. Novamente, nós temos uma parte notável de confusão, e Suhotra o filho de Vitatha é feito o pai de Vrihat, o pai dos três príncipes que em nosso texto e no Hari V. (c. 20) são os filhos de Hastin; e entre os quais Ajamidha é feito o pai de Jahnu, e antepassado dos Kausikas, em vez de ser, como no c. 27, e como em todo lugar mais, da família de Amavasu. A fonte de toda essa confusão é óbvia. Os compiladores extraíram todas as tradições autênticas bastante corretamente, mas, confundidos pela identidade de nome, eles também misturaram as diferentes descrições juntas, e causaram uma perplexidade muito absurda e desnecessária. É bastante claro também que o Hari Vansa não merece os esforços tidos, e tidos infrutiferamente, pelo sr. Hamilton e M. Langlois para reduzi-lo à consistência. Ele não é de nenhum peso como uma autoridade para as dinastias de reis, embora forneça alguns detalhes específicos, que ele pegou possivelmente de fontes autênticas não disponíveis agora.

24 Ela foi arruinada finalmente pelas invasões do Ganges, mas vestígios dela podiam, pelo menos até ultimamente, ser localizados ao longo do rio, quase em uma linha com Delhi, aproximadamente sessenta milhas para o leste.

25 Em um lugar, filho de Suhotra; em outro, neto de Hastin: Mahabharata.

26 As cópias concordam nessa leitura, contudo isso mal pode estar correto. Kanwa já foi citado como o filho de Apratiratha. De acordo com o Bhagavata, o filho mais velho de Ajamidha era Priyamedhas, de quem uma tribo de brâmanes descendeu. O Matsya tem Vrihaddhanush, e menciona a esposa de Ajamidha, Dhumini. Ele também, entretanto, junto com o Vayu, faz de Kanwa o filho de Ajamidha com sua esposa Kesini.

27 Vrihaddhanush: Bhagavata. Também chamado Vrihaddharman: Hari V.

28 Vrihatkaya: Bhagavata.

29 Satyajit: Hari V.

30 Aswajit: Matsya. Visada: Bhagavata.

filho era Senajit, cujos filhos eram Ruchiraswa, Kasya, Dridhadhanush, e Vasahanu[31]. O filho de Ruchiraswa era Prithusena; seu filho era Para; seu filho era Nipa; ele teve cem filhos, dos quais Samara, o principal, era o governante de Kampilya[32]. Samara teve três filhos, Para, Sampara, Sadaswa. O filho de Para era Prithu; seu filho era Sukriti; seu filho era Vibhratra[33]; seu filho era Anuha, que se casou com Kritwi, a filha de Suka (o filho de Vyasa), e teve com ela Brahmadatta[34]; seu filho era Viswaksena; seu filho era Udaksena[35]; seu filho era Bhallata[36].

O filho de Dwimidha[37] era Yavinara; seu filho era Dhritimat[38]; seu filho era Satyadhriti; seu filho era Dridhanemi; seu filho era Suparswa[39]; seu filho era Sumati; seu filho era Sannatimat; seu filho era Krita, a quem Hiranyanabha ensinou a filosofia do Yoga, e ele compilou vinte e quatro Samhitas (ou compêndios) para o uso dos brâmanes do leste, que estudam o Sama-veda[40]. O filho de Krita era Ugrayudha, por cuja bravura a linhagem Nipa de kshatriyas foi destruída[41]; seu filho era Kshemya; seu filho era Suvira; seu filho era Nripanjaya[42]; seu filho era Bahuratha. Esses eram todos chamados de Pauravas.

Ajamidha teve uma esposa chamada Nilini, e com ela ele teve um filho chamado Nila; seu filho era Santi; seu filho era Susanti; seu filho era Purujanu[43]; seu filho era Chakshu[44]; seu filho era Haryyaswa[45], que teve cinco filhos, Mudgala, Srinjaya[46], Vrihadishu, Pravira[47], e Kampilya[48]. Seu pai disse, "Esses meus cinco

---

31

Bhágavata.	*Matsya.*	*Hari V.*
Ruchiráśwa	Ruchiráśwa	Ruchira
Káśya	Káśya	Śwetaketu
Driḋhahanu	Driḋháśwa	Mahimnára
Vatsa	Vatsa rei de Avanti.	Vatsa rei de Avanti.

32 Kampilya parece ser a Kampil dos muçulmanos, situada no Doab. Ela foi incluída em Panchala do sul. O Matsya faz de Samara o filho de Kasya.

33 Vibhraja no manuscrito, também no Vayu.

34 O Bhagavata omite os descendentes subsequentes a Nipa, e faz de Brahmadatta o filho de Nipa com Sukriti. No Hari V. há uma lenda curiosa das diferentes transmigrações de Brahmadatta e seus seis companheiros, que foram sucessivamente brâmanes, então monteiros, então cervos, então aves aquáticas, então cisnes, e finalmente brâmanes novamente, quando com o rei eles obtiveram libertação. De acordo com o Bhagavata, Brahmadatta compôs um tratado sobre Yoga, um Yoga tantra.

35 Dandasena: Hari V.

36 Bhallaka: Vayu. Bhallada: Bhagavata. O Vayu lhe faz o último da linhagem. O Hari V. soma que ele foi morto por Karna. O Matsya cita seu sucessor Janamejaya, quando a linhagem dos Nipas foi exterminada por Ugrayudha; como mencionado abaixo.

37 Como consta no Vayu e Bhagavata. O Matsya e Hari V., com menos consistência, derivam essa família também de Ajamidha.

38 Kritimat: Bhagavata.

39 Entre esses dois o Vayu insere Mahat e Rukmaratha. O Matsya, Sudhanwan, Sarvabhauma, Mahapaurava, e Rukmadhara. O Brahma P., Sudharman, Sarvabhauma, Mahat, e Rukmaratha.

40 O Bhagavata diz que ele foi o autor de seis Samhitas do Sama-veda. (Veja pág. 239.) {No Bhag. 9, cap. 21, v. 28-29 se encontra Kriti.}

41 O Hari V. diz que ele matou Nipa, o avô de Prishata, mas tinha afirmado previamente que foi o filho de Bhallata, vários descendentes depois de Nipa, que foi morto por Ugrayudha; e novamente (c. 32), Prishata, segundo outras autoridades, aparece como o pai de Drupada, na família de Srinjaya. O Hari V. narra a destruição de Ugrayudha por Bhishma, por ele pedir em casamento a viúva de Santanu; depois do que, Prishata, é dito, recuperou a posse de Kampilya.

42 Puranjaya: Bhagavata.

43 Purujati: Vayu. Puruja: Bhagavata. O Brahma P. e Hari V. omitem Nila e Santi.

44 Riksha: Vayu. Prithu: Matsya. Arka: Bhagavata. Omitido: Brahma.

45 Bahyaswa: Agni. Bhadraswa: Matsya. Bharmyaswa: Bhagavata.

46 Jaya: Matsya. Sanjaya: Bhagavata.

(pancha) filhos são capazes (alam) de proteger os países;" e por isso eles foram chamados de Panchalas[49]. De Mudgala descenderam os brâmanes Maudgalya[50]; ele também teve um filho chamado Bahwaswa[51], que teve dois filhos, gêmeos, um filho e uma filha, Divodasa e Ahalya. O filho de Saradwat ou Gautama com Ahalya era Satananda[52]; seu filho era Satyadhriti, que era competente em ciência militar. Estando apaixonado pela ninfa Urvasi, Satyadhriti foi o pai de dois filhos, um menino e uma menina. Santanu, um Raja, enquanto caçando, encontrou essas crianças abandonadas em uma moita de grama Sara longa; e, compadecendo-se da condição deles, os pegou, e os criou. Como eles foram criados por piedade (kripa), eles foram chamados de Kripa e Kripi. A última tornou-se a esposa de Drona, e a mãe de Aswatthaman.

O filho de Divodasa era Mitrayu[53]; seu filho era Chyavana; seu filho era Sudasa; seu filho era Saudasa, também chamado Sahadeva; seu filho era Somaka; ele teve cem filhos, dos quais Jantu era o primogênito, e Prishata o mais novo. O filho de Prishata era Drupada; seu filho era Dhrishtadyumna; seu filho era Drishtaketu.

Outro filho de Ajamidha se chamava Riksha[54]; seu filho era Samvarana; seu filho era Kuru, que deu seu nome para o distrito sagrado Kurukshetra; os filhos dele eram Sudhanush, Jahnu, Parikshit, e muitos outros[55]. O filho de Sudhanush era Suhotra; seu filho era Chyavana; seu filho era Kritaka[56]; seu filho era Uparichara o Vasu[57], que teve sete filhos, Vrihadratha, Pratyagra, Kusamba, Mavella, Matsya, e

---

47 Yavinara: Agni e Bhagavata. Javinara: Matsya.

48 Kapila: Matsya. Krimilaswa: Brahma.

49 Panchala era, a princípio, a região norte e oeste de Delhi, entre o pé do Himalaia e o Chambal. Ela foi dividida depois em Panchala do norte e do sul, separada pelo Ganges. Makandi no Ganges e Kampilya eram as cidades principais da última; Ahikshetra na primeira. Os Panchalas, de acordo com o Mahabharata, expulsaram Samvarana de Hastinapura, mas ela foi recuperada por Kuru. O sentido do termo Panchala é explicado semelhantemente em outros Puranas. No Mahabharata eles são os netos de Ajamidha.

50 O Matsya diz que eles, como também os Kanwas, eram todos seguidores ou partidários de Angiras: मुद्गलस्यापि मौद्गल्याः क्षत्रोपेता द्विजातयः । एते ह्याङ्गिरसः पक्षे संस्थिताः कण्वमुद्गलाः ॥. O Hari V. tem quase as mesmas palavras.

51 Badhryaswa: Vayu. Panchaswa: Agni. Bandhyaswa: Matsya. Bharmya: Bhagavata. Mas há alguma indistinção quanto à descendência dele. O Matsya e Hari V. dão ao filho de Mudgala apenas seu patronímico Maudgalya. De acordo com o primeiro, o filho dele era Indrasena; e o filho dele, Bandhyaswa. O segundo faz de Badhryaswa o filho de Maudgalya com Indrasena. O Bhagavata faz de Bharmya, o patronímico de Mudgala, o filho de Bharmyaswa, e que é o pai de Divodasa e Ahalya: मिथुनं मुद्गलाद्भार्म्याद्दिवोदासः पुमानभूत् ।. O comentador tem भार्म्यात् । भर्म्याश्वपुत्रात् ।.

52 No Ramayana, Satananda aparece como o sacerdote familiar de Janaka, o pai de Sita.

53 De quem os brâmanes Maitreya eram descendentes: Hari V. No Matsya e Agni o filho de Mitrayu é chamado Maitreya (veja a página 63). O Brahma e Hari V. encerram aqui a linhagem de Divodasa: o Agni acrescenta apenas um nome, Somapi. Eles então prosseguem com os descendentes de Srinjaya, um dos Panchalas, ou Panchadhanush, Somadatta, Sahadeva, e então como em nosso texto. O Vayu e Bhagavata concordam com o último em fazer a linhagem contínua a partir de Divodasa. De acordo com o Matsya e Brahma P. a linhagem de Ajamidha veio a ser extinta na pessoa de Sahadeva, mas o próprio Ajamidha renasceu como Somaka, para continuar a linhagem dele, que foi por isso chamada de família Somaka. Foi no reinado de Drupada que as posses dos Panchalas foram divididas; Drona, ajudado pelos Pandavas, conquistando o país, e cedendo a parte sul novamente a Drupada, como narrado no Mahabharata. Os dois príncipes citados por último na lista tomam parte na grande guerra.

54 O Hari V. lhe dá dois irmãos, Dhumravarna e Sudarsana. No Mahabharata uma lista concorda com o texto; a outra chama Samvarana de filho de Ajamidha com sua esposa Riksha.

55 Um outro é mencionado no Bhagavata, Matsya, Brahma, e Agni; Animejaya, Arimarddana, e Nishadhaswa. O Hari V. tem Sudhanwat em lugar de Jahnu; também tendo Sudhanush.

56 Krita: Vayu. Kritayajna: Brahma. Krimi: Matsya. Kriti: Bhagavata.

57 A história de Uparichara, ou um Vasu que por ordem de Indra se tornou rei de Chedi, é contada no Mahabharata, Adi Parva (cap. 63, pág. 130). É dito lá que ele teve a princípio cinco filhos, Vrihadratha, rei de Magadha, Pratyagra, Kusamba, também chamado Manivahana, Mavella, e Yadu, com sua esposa Girika; depois ele tem, com Adrika, uma Apsaras condenada à forma de um peixe, Matsya, um filho, e

outros. O filho de Vrihadratha era Kusagra; seu filho era Rishabha[58]; seu filho era Pushpavat; seu filho era Satyadhrita[59]; seu filho era Sudhanwan; e seu filho era Jantu. Vrihadratha teve outro filho, que, nascendo em duas partes, as quais foram reunidas (sandhita) por um demônio feminino chamado Jara, ele foi denominado Jarasandha[60]; seu filho era Sahadeva; seu filho era Somapi[61]; seu filho era Srutasravas[62]. Esses eram reis de Magadha. ◄

Satyavati ou Kali, uma filha: a última era a mãe de Vyasa. A mesma lenda é citada nas descrições de Uparichara e sua família no Bhagavata, Matsya, Hari V., etc.

58 Vrishabha: Matsya.

59 Satyahita: Vayu. Satyahita: Bhagavata. Satyadhrita ou Pushya: Matsya.

60 Essa história é contada no cap. 17, pág. 38, do Sabha Parva do Mahabharata, onde também ele é chamado de filho de Vrihadratha. No Vayu ele é o filho de Satyahita. O Agni tem Satyahita, Urjja, Sambhava, Jarasandha; e o Matsya, Satyadhrita, Dhanusha, Sarva, Sambhava, Jarasandha.

61 Somadhi: Vayu. Udapi: Agni. Udayus: Brahma. Somavit: Matsya.

62 Srutakarman: Agni. Srutasarman Brahma.

CAPÍTULO 20

Descendentes de Kuru. Devapi abdica do trono; assumido por Santanu; ele é confirmado pelos brâmanes; Bhishma seu filho com Ganga; seus outros filhos. Nascimento de Dhritarashtra, Pandu, e Vidura. Os cem filhos de Dhritarashtra. Os cinco filhos de Pandu; casados com Draupadi; a posteridade deles. Parikshit, o neto de Arjuna, o rei predominante.

Parikshit, o filho de Kuru, teve quatro filhos, Janamejaya, Srutasena, Ugrasena, e Bhimasena[1]. O filho de Jahnu era Suratha; seu filho era Viduratha; seu filho era Sarvabhauma; seu filho era Jayasena; seu filho era Aravin; seu filho era Ayutayus; seu filho era Akrodhana; um dos filhos dele era Devatithi, e outro se chamava Riksha; seu filho era Dilipa; seu filho era Pratipa, que teve três filhos, Devapi, Santanu, e Bahlika. O primeiro adotou na infância uma vida na floresta, e Santanu se tornou rei. Sobre ele este verso é difundido pela terra; "Santanu é seu nome, porque se ele puser suas mãos em um homem velho, ele o restabelece à juventude, e por meio dele homens obtêm tranquilidade (santi)."

No reino sobre o qual Santanu governou não houve chuva por doze anos. Apreensivo que o país se tornasse um deserto, o rei reuniu os brâmanes, e lhes perguntou por que nenhuma chuva caía, e que erro ele tinha cometido. Eles lhe falaram que ele era, por assim dizer, um irmão mais novo casado antes de um mais velho, porque ele estava no desfrute da terra que era o direito de seu irmão mais velho Devapi. "O que eu devo fazer então?" disse o Raja. Ao que eles responderam, "Até que os deuses estejam desagradados com Devapi, por ele se afastar do caminho da retidão, o reino é dele, e para ele portanto você deve renunciá-lo." Quando o ministro do rei, Asmarisarin, ouviu isso, ele reuniu vários ascetas que ensinavam doutrinas contrárias àquelas dos Vedas, e os enviou para a floresta; onde se encontrando com Devapi, eles perverteram a compreensão do príncipe ingênuo, e o levaram a adotar noções heréticas. Enquanto isso, Santanu estando muito angustiado ao pensar que ele era culpado da ofensa insinuada pelos brâmanes, enviou-os antes dele para as florestas, e então procedeu ele mesmo para lá, para devolver o reino para seu irmão mais velho. Quando os brâmanes chegaram ao eremitério de Devapi, eles o informaram que, de acordo com as doutrinas dos Vedas, sucessão a um reino era o direito do irmão mais velho. Mas ele entrou em discussão com eles, e de vários modos expôs argumentos que tinham o defeito de serem contrários aos preceitos dos Vedas. Quando os brâmanes ouviram isso, eles voltaram até Santanu, e disseram, "Venha para cá, Raja; você não precisa mais se atormentar a respeito desse assunto; a escassez está no fim; esse homem está decaído de seu estado, porque ele proferiu palavras de desrespeito à autoridade do Veda eterno, não criado; e quando o irmão

---

[1] Isso, embora ocorra em outras autoridades, parece ser um erro, pois esses são os filhos de um Parikshit subsequente (veja o próximo capítulo, página 353). O Matsya omite Parikshit aqui, e o Bhagavata afirma que ele não teve filhos. Na maioria dos Puranas, no entanto, a linha de Parikshit é continuada, mas há uma confusão muito grande na linhagem. De acordo com o Vayu, Janamejaya era o filho de Parikshit, cujo filho era Srutasena, cujo filho era Bhimasena. Janamejaya também teve um filho chamado Suratha; mas Suratha também era o nome do filho de Jahnu, de quem a linha continua como no texto. O Brahma P. e Hari V. também fazem de Suratha o filho de Janamejaya e de Jahnu; e eles observam que há dois Rikshas, dois Parikshits, três Bhimasenas, e dois Janamejayas, na linhagem lunar. Alguma da confusão provavelmente se origina com o Mahabharata, que, como citado antes, dá duas listas de Puru até Santanu, diferindo uma da outra e de todas as listas dos Puranas. Na primeira dessas listas foram mantidos tais nomes colaterais que parecem ter suprido nosso texto e aquele de outros Puranas com pessoas distintas; desse modo fazendo dos membros de uma fraternidade tantos descendentes. Das duas listas, porém, a segunda provavelmente deve ser considerada como a mais recente, se não mais correta; pois Vaisampayana a repete a pedido de Janamejaya, porque o último não está satisfeito com a descrição sumária que o primeiro tinha comunicado antes a ele. Mahabh. vol. I, cap. 94 e cap. 95.

mais velho é degradado, não há pecado nas núpcias anteriores de seu irmão mais novo." Santanu nisso voltou para sua capital, e administrou o governo como antes; e seu irmão mais velho Devapi sendo rebaixado de sua casta por repetir doutrinas contrárias aos Vedas, Indra derramou chuva abundante, que foi seguida por colheitas abundantes[2].

O filho de Bahlika era Somadatta, que teve três filhos, Bhuri, Bhurisravas, e Sala[3].

O filho de Santanu era o ilustre e instruído Bhishma, que nasceu para ele pela deusa-rio santa Ganga; e ele teve com sua esposa Satyavati dois filhos, Chitrangada e Vichitraviryya. Chitrangada, enquanto ainda um jovem, foi morto em uma luta com um Gandharba, também chamado Chitrangada. Vichitraviryya casou-se com Ambika e Ambalika, as filhas do rei de Kasi; e se viciando muito livremente em ritos conubiais, caiu em uma consumpção, da qual ele morreu. Por ordem de Satyavati, meu filho Krishna-dwaipayana, sempre obediente ao desejos de sua mãe[4], gerou nas viúvas do irmão dele os príncipes Dhritarashtra e Pandu, e em uma criada, Vidura. Dhritarashtra teve Duryodhana, Duhsasana, e outros filhos, até o número de cem. [O Bhagavata soma uma filha, Duhsala.] Pandu tendo incorrido na maldição de um cervo, cuja companheira ele tinha matado na caça, foi impedido de procriar filhos; e sua esposa Kunti teve para ele, em consequência, três filhos, que foram gerados pelos deuses Dharma, Vayu, e Indra; isto é, Yudhishthira, Bhimasena, e Arjuna; e sua esposa Madri teve dois filhos, Nakula e Sahadeva, com os filhos celestiais de Aswini. Esses tiveram, cada um, um filho com Draupadi. O filho de Yudhishthira era Prativindhya; de Bhima, Srutasoma; de Arjuna, Srutakirtti; de Nakula, Satanika; e de Sahadeva, Srutakarman. Os Pandavas também tiveram outros filhos[5]. Com sua esposa Yaudheyi, Yudhishthira teve Devaka. O filho de Bhima com Hidimba era Ghatotkacha, e ele também teve Sarvatraga com sua esposa Kasi. O filho de Sahadeva com Vijaya era Suhotra; e Niramitra era o filho de Nakula com Karenumati. Arjuna teve Iravat com a ninfa-serpente Ulupi; Babhruvahana, que foi adotado como o filho de seu avô materno, com a filha do rei de Manipura; e, com sua esposa Subhadra, Abhimanyu, que mesmo na extrema juventude era renomado por sua coragem e força, e esmagava as carruagens de seus inimigos em combate. O filho de Abhimanyu com sua esposa Uttara era Parikshit, que, depois que os Kurus foram todos destruídos, foi morto no útero de sua mãe pela arma mágica Brahma [Brahmástra], lançada por Aswatthaman. Ele foi, no entanto, devolvido à vida pela clemência daquele ser cujos pés recebem a homenagem de todos os demônios e os deuses, e que por sua própria vontade tinha

---

2 O Mahabharata somente afirma que Devapi se retirou para uma vida religiosa. A história da heresia dele é narrada, muito conforme o texto, no Bhagavata, Vayu, etc. O Matsya adiciona que ele também era leproso; por causa disso seus súditos o desprezaram. Ele, provavelmente, foi posto de lado em favor de seu irmão mais novo ou por causa disso ou por causa de sua heresia; tal disposição sendo concordante com a lei hindu. De acordo com o Bhagavata e Matsya ele ainda está vivo em um lugar chamado Kalapagrama, onde, na era Krita do próximo Mahayuga, ele será o restaurador da linhagem Kshatriya.

3 O Matsya diz que Bahlika teve cem filhos ou senhores dos Bahlikas.

4 Antes de seu casamento com Santanu, Satyavati teve um filho, Krishna-dwaipayana ou Vyasa, com Parasara; ele era então o meio-irmão de Vichitraviryya, e legalmente qualificado criar descendência para ele por meio de sua viúva. Essa lei está abolida na época atual. A história inteira dos filhos de Santanu é contada detalhadamente no Mahabharata. [Adi P.]

5 O Mahabharata [Adi P. pág. 205] nomeia alguns deles bastante diferentemente, e acrescenta alguns detalhes. Assim Yaudheya era o filho de Yudhishthira com sua esposa Devika, filha de Govasana da tribo Saivya. O filho de Bhimasena era Sarvaga, com Balandhara, princesa de Kasi; ele também teve Ghatokkacha com Hidimba. Abhimanyu era o filho de Arjuna com Subhadra. As esposas e filhos dos outros dois são os mesmos, mas Karenumati é chamada de uma princesa Chedi, e Vijaya de Madra.

assumido uma forma humana (Krishna). Esse príncipe, Parikshit, reina agora sobre o mundo inteiro com domínio total[6]. ◄

[6] Nos detalhes imediatamente precedentes, os Puranas geralmente concordam, derivando-os provavelmente da mesma fonte, o Adi Parva do Mahabharata, e muito frequentemente empregando as mesmas palavras. Supõe-se que o período no qual o capítulo termina é aquele no qual acredita-se que o Vyasa, que organizou ou compilou os Puranas, viveu. Parikshit morreu da mordida de uma cobra, de acordo com o Mahabharata, Adi P. Supõe-se que o Bhagavata foi narrado para ele no intervalo entre a mordida e seu efeito fatal.

CAPÍTULO 21

Reis futuros. Descendentes de Parikshit, terminando com Kshemaka.

Eu enumerarei agora os reis que reinarão em períodos futuros[1]. O monarca atual, Parikshit[2], terá quatro filhos, Janamejaya, Srutasena, Ugrasena, e Bhimasena[3]. O filho de Janamejaya será Satanika[4], que estudará os Vedas sob Yajnyawalkya, e ciência militar com Kripa; mas ficando insatisfeito com prazeres sensuais, ele adquirirá conhecimento espiritual das instruções de Saunaka, e enfim obterá salvação. Seu filho será Aswamedhadatta (um filho dado pelos deuses em recompensa pelo sacrifício de um cavalo[5]); seu filho será Adhisimakrishna[6]; seu filho será Nichakra[7], que removerá a capital para Kausambi, por Hastinapura ser levada pelas águas do Ganges; seu filho será Ushna[8]; seu filho será Chitraratha; seu filho será Vrishnimat[9]; seu filho será Sushena; seu filho será Sunitha[10]; seu filho será Richa[11]; seu filho será Nrichakshu[12]; seu filho será Sukhihala[13]; seu filho será Pariplava; seu filho será Sunaya[14]; seu filho será Medhavin; seu filho será Nripanjaya[15]; seu filho será Mridu[16]; seu filho será Tigma[17]; seu filho será Vrihadratha; seu filho será Vasudana[18]; e seu filho será outro Satanika; seu filho será Udayana[19]; seu filho será Ahinara[20]; seu filho será Khandapani[21]; seu filho será Niramitra[22]; seu filho será Kshemaka[23]; sobre ele é

---

1 O estilo agora adotado é aquele de profecia, porque Vyasa não poderia de forma coerente ter registrado os eventos que eram posteriores ao seu tempo.

2 Também lido Parikshita, Pariksha, e Parikshi.

3 Veja a página 350. O Vayu e Matsya narram, um tanto obscuramente, uma disputa entre Janamejaya e Vaisampayana, por causa do patronato do primeiro dos brâmanes do ramo Vajasaneyi do Yajur-veda, em oposição ao último, que era o autor do Yajush preto ou original (veja a página 237). Janamejaya realizou duas vezes o Aswamedha de acordo com o ritual Vajasaneyi, e estabeleceu o Trisarvi, ou uso de certos textos por Asmaka e outros, pelos brâmanes de Anga, e por aqueles da região central. Ele pereceu porém como consequência, sendo amaldiçoado por Vaisampayana. Antes de sua desavença, Vaisampayana narrou o Mahabharata para Janamejaya. Mahabh., Adi Parva.

4 A leitura do texto é, mais propriamente, 'seu (de Parikshit) outro filho será Satanika;' mas o comentador atribui 'seu' a Janamejaya. O Vayu, Matsya, e Bhagavata também fazem de Satanika o filho de Janamejaya. O Brahma P. tem uma série totalmente diferente, ou Parikshit, Suryapida, Chandrapida, Janamejaya, Satyakarna, Swetakarna, Sukumara, e Ajasyama.

5 O Bhagavata interpõe Sahasranika. O Vrihatkatha tem a mesma descendêcia, mas chama o filho de Sahasranika, de Udayana ou Vatsa. O Bhagavata tem Aswamedhaja.

6 Adhisamakrishna: Vayu. Adhisomakrishna: Matsya. O primeiro afirma que o Vayu P. foi narrado no reinado desse rei, no segundo ano de um sacrifício de três anos em Kurukshetra.

7 Nemichakra: Bhagav. Vichakshus: Matsya. Eles concordam com o texto quanto à remoção da capital, e a causa.

8 Ukta: Bhag. Bhurijyeshtha: Matsya.

9 Suchidratna, Vayu; Suchidrava, Matsya; Kaviratha, Bhag.; é interposto entre Chitraratha e Vrishnimat.

10 Sutirtha: Vayu.

11 Ruchi: Vayu. Omitido: Matsya e Bhag.

12 Chitraksha: Vayu.

13 Sukhinala: Bhag.

14 Sutapas: Matsya.

15 Puranjaya: Matsya.

16 Urva: Matsya. Durva: Bhag.

17 Tigmatman: Matsya. Timi: Bhagavata.

18 Sudasa: Bhag. Vasudaman: Matsya.

19 O Matsya concorda com o texto (veja acima, nota 5); o Bhagavata tem Durdamana.

20 Vahinara: Bhag.

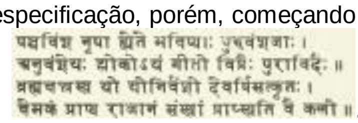
21 Dandapani: Bhag., Vayu, Matsya.

22 Nimi: Bhag.

23 Kshepaka: Vayu.

recitado este verso; "A linhagem que deu origem a brâmanes e kshatriyas, e que foi purificada por sábios nobres, terminou com Kshemaka; na era Kali[24]." ◄

---

[24] O mesmo verso memorial é citado no Matsya e Vayu P., precedido por um que afirma que o número de príncipes é vinte e cinco. A especificação, porém, começando com Satanika, é vinte e seis ou vinte e sete. A passagem [do Vayu P.] é: 
पञ्चविंश नृपा ह्येते भविष्याः पुरुवंशजाः ।
अनुवंश्यः श्लोकोऽयं गीतो विप्रैः पुराविदैः ॥
ब्रह्मक्षत्रस्य यो योनिर्वंशो देवर्षिसत्कृतः ।
क्षेमकं प्राप्य राजानं संस्थां प्राप्स्यति वै कलौ ॥
.

CAPÍTULO 22

Reis futuros da família de Ikshwaku, terminando com Sumitra.

Eu repetirei agora para você os futuros príncipes da família de Ikshwaku[1].

O filho de Vrihadbala[2] será Vrihatkshana[3]; seu filho será Urukshepa[4]; seu filho será Vatsa[5]; seu filho será Vatsavyuha[6]; seu filho será Prativyoman[7]; seu filho será Divakara; seu filho será Sahadeva[8]; seu filho será Vrihadaswa[9]; seu filho será Bhanuratha[10]; seu filho será Supratitha[11]; seu filho será Marudeva[12]; seu filho será Sunakshatra; seu filho será Kinnara[13]; seu filho será Antariksha; seu filho será Suvarna[14]; seu filho será Amitrajit[15]; seu filho será Vrihadraja[16]; seu filho será Dharman[17]; seu filho será Kritanjaya; seu filho será Rananjaya; seu filho será Sanjaya; seu filho será Sakya[18]; seu filho será Suddhodana[19]; seu filho será Ratula[20]; seu filho

---

1 Ver a página 287.

2 Vrihadratha: Vayu.

3 Vrihatkshaya: Vayu. Vrihadrana: Bhag. Omitido: Matsya.

4 Omitido: Vayu. Urukshaya: Matsya. Urukriya: Bhag.

5 Omitido por todos os três.

6 Vatsavriddha: Bhag.

7 Prativyuha: Vayu.

8 O Bhagavata insere Bhanu. O Matsya diz que Ayodhya era a capital de Divakara. O Vayu omite os próximos doze nomes; provavelmente um defeito nas cópias.

9 Dhruvaswa: Matsya.

10 Bhanumat: Bhag. Bhavyaratha ou Bhavya: Matsya.

11 Pratikaswa: Bhag. Pratipaswa: Matsya.

12 O Bhagavata e Matsya antepõem um Supratipa ou Supratika.

13 Pushkara: Bhag.

14 Suparvan ou Sumantra: Matsya. Sutapas: Bhag.

15 Amantravit: Matsya.

16 Vrihadbraja: Bhag.

17 Omitido: Matsya. Varhish: Bhag.

18 O Bhagavata e Vayu têm Sakya. Minha cópia do Matsya tem Sadhya, mas o manuscrito Radcliffe, mais corretamente, sem dúvida, Sakya.

19 Em algumas cópias Krodhodana; mas também é Suddhodana, Matsya e Vayu; Suddhoda, Bhag.

20 Rahula: Vayu. Siddhartha ou Pushkala: Matsya. Langala: Bhag. Esse e os dois nomes precedentes são de interesse cronológico considerável; porque Sakya é o nome do autor ou restaurador do Budismo, cujo nascimento parece ter ocorrido no sétimo, e morte no sexto século antes de Cristo (621-543 A. C.) Não pode haver dúvida do indivíduo aqui indicado, embora ele esteja fora de seu lugar, porque ele era o filho, não o pai, de Suddhodana, e o pai de Rahula; como ele é chamado no Amara e Haima Koshas, Saudhodani ou Suddhodana suta o filho de Suddhodana, e Rahulasu o pai de Rahula. Assim, também, no Mahawanso, Siddhartha ou Sakya é o filho de Suddhodano, e pai de Rahulo. Tradução de Turnour, pág. 9. Se eles estão incluídos corretamente entre os príncipes da linhagem de Ikshwaku é mais questionável; porque Suddhodana normalmente é descrito como um príncipe subordinado, cuja capital não era Ayodhya, mas Kapila ou Kapilavastu. Ao mesmo tempo parece que as províncias do Doab passaram para a posse de príncipes da linha lunar, e os filhos do sol podem ter sido reduzidos à região norte do Ganges, ou a moderna Gorakhpur, na qual Kapila era situado. Os budistas, usualmente, consideram seu professor Sakya como descendente de Ikshwaku. A cronologia é ajustada menos facilmente, mas não é totalmente incompatível. De acordo com as listas do texto, Sakya, como o vigésimo segundo da linha de Ikshwaku, é contemporâneo com Ripunjaya, o vigésimo segundo e último dos reis de Magadha, da família de Jarasandha; mas, de acordo com as autoridades budistas, ele era o amigo de Bimbasara, um rei que na lista purânica parece ser o quinto da dinastia Saisunaga, e décimo a partir de Ripunjaya. O mesmo número de príncipes não implica necessariamente duração igual de dinastia, e os descendentes de Ikshwaku podem ter durado mais que aqueles de Jarasandha; ou, como é mais provável - pois a dinastia era obscura, e está evidentemente preservada imperfeitamente - vários descendentes podem ter sido omitidos, a inserção dos quais reconciliaria as listas purânicas com aquelas dos budistas, e traria Sakya para a época de Bimbasara. É evidente, a julgar pelo que ocorre em outras autoridades, que os príncipes Aikshwakava são considerados como contemporâneos até da dinastia Saisunaga, veja o cap. 24, n. 17.

será Prasenajit; seu filho será Kshudraka; seu filho será Kundaka[21]; seu filho será Suratha[22]; seu filho será Sumitra. Esses são os reis da família de Ikshwaku, descendentes de Vrihadbala. Esse verso comemorativo é corrente a respeito deles; "A linhagem dos descendentes de Ikshwaku terminará com Sumitra; ela terminará, na era Kali, com ele[23]." ◄

[21] Kshulika: Vayu. Kulaka ou Kshullaka: Matsya. Omitido: Bhag. No Mahavira Charitra, um trabalho escrito pelo célebre Hemachandra, no décimo segundo século, nós temos um Prasenajit, rei de Magadha, residindo em Rajgriha, sucedido por Srenika, e ele por Kulika. Os Bauddhas têm um Prasenajit contemporâneo com Sakya, filho de Mahapadma, rei de Magadha. Há alguma confusão de pessoas ou nas genealogias purânicas ou nas tradições budistas e jainas, mas elas concordam em reunir os mesmos nomes por volta do mesmo período.

[22] Omitido: Bhag.

[23] O Vayu e Bhagavata têm a mesma estrofe. Nós temos aqui vinte e nove ou trinta príncipes da última linha solar, contemporâneos com os precedentes vinte e seis ou vinte e sete da última dinastia da lua.

CAPÍTULO 23

Reis futuros de Magadha, descendentes de Vrihadratha.

Eu narrarei agora para você os descendentes de Vrihadratha, que serão os reis de Magadha. Houve vários príncipes poderosos dessa dinastia, dos quais o mais famoso era Jarasandha; seu filho era Sahadeva; seu filho é Somapi[1]; seu filho será Srutavat[2]; seu filho será Ayutayus[3]; seu filho será Niramitra[4]; seu filho será Sukshatra[5]; seu filho será Vrihatkarman[6]; seu filho será Senajit[7]; seu filho será Srutanjaya[8]; seu filho será Vipra[9]; seu filho será Suchi[10]; seu filho será Kshemya[11]; seu filho será Suvrata[12]; seu filho será Dharma[13]; seu filho será Susuma[14]; seu filho será Dridhasena[15]; seu filho será Sumati[16]; seu filho será Suvala[17]; seu filho será Sunita[18]; seu filho será Satyajit[19]; seu filho será Viswajit[20]; seu filho será Ripunjaya[21]. Esses são os Varhadrathas, que reinarão por mil anos[22]. ◄

---

1 Somadhi; Vayu, Matsya,: e eles aparentam maior precisão agora, dando os anos dos reinados. Somadhi 58, Vayu; 50, Matsya.

2 Srutasravas, 67 anos. Vayu; 64, Matsya.

3 36 anos, Vayu; Apratipa, 26, Matsya.

4 100 anos, Vayu; 40, Matsya.

5 08 anos, Vayu; 56, Matsya; Sunakshatra, Bhag.

6 23 anos, Vayu e Matsya; Vrihatsena, Bhag.

7 23 anos, Vayu; 50, Matsya; Karmajit, Bhag.

8 40 anos, Vayu e Matsya.

9 Mahabala, 25 anos, Vayu; Vidhu, 28, Matsya.

10 58 anos, Vayu; 64, Matsya.

11 28 anos, Vayu e Matsya.

12 60 anos, Vayu; 64, Matsya.

13 05 anos, Vayu; Sunetra, 35, Matsya; Dharmanetra, Bhag.

14 38 anos, Vayu; Nivritti, 58, Matsya; Sama, Bhag.

15 48 anos, Vayu; Trinetra, 28, Matsya; Dyumatsena, Bhag.

16 33 anos, Vayu; Mahatsena, 48, Matsya.

17 22 anos, Vayu; Netra, 33, Matsya.

18 40 anos, Vayu; Abala, 32, Matsya.

19 80 anos, Vayu; omitido, Matsya.

20 35 anos, Vayu; omitido, Matsya.

21 50 anos, Vayu e Matsya; Puranjaya e Viswajit são identificados, Bhag.

22 Nossa lista e aquela do Vayu especifica vinte e um reis depois de Sahadeva; o Bhagavata especifica vinte, e em outra passagem [no comentário de Sridhara] afirma que esse é o número. Minha cópia do Matsya cita apenas dezenove, e o Radcliffe somente doze; mas ambos concordam em fazer do total trinta e dois. Todos eles também concordam com o texto em afirmar que 1000 anos tinham passado desde a grande guerra, até a morte do último príncipe Varhadratha; e isso é mais digno de crédito que os detalhes, que estão obviamente imperfeitos.

CAPÍTULO 24

Reis futuros de Magadha. Cinco príncipes da linha de Pradyota. Dez Saisunagas. Nove Nandas. Dez Mauryas. Dez Sungas. Quatro Kanwas [Kanwayanas]. Trinta Andhrabhrityas. Reis de várias tribos e castas, e períodos de seu governo. Predomínio de bárbaros. Raças diferentes em regiões diferentes. Período de iniquidade e decadência universal. Vinda de Vishnu como Kalki. Destruição dos maus, e restauração das práticas dos Vedas. Fim da Kali, e retorno da era Krita. Duração da Kali. Versos cantados pela Terra, e comunicados por Asita a Jamaka. Fim do quarto livro.

O último da dinastia Vrihadratha, Ripunjaya, terá um ministro chamado Sunika[1], que, tendo matado seu soberano, colocará seu filho Pradyota no trono[2], seu filho será Palaka[3]; seu filho será Visakhayupa[4]; seu filho será Janaka[5]; e seu filho será Nandivarddhana[6]. Esses cinco reis da casa de Pradyota reinarão sobre a terra por cento e trinta e oito anos[7].

O próximo príncipe será Sisunaga[8]; seu filho será Kakavarna[9]; seu filho será Kshemadharman[10]; seu filho será Kshatraujas[11]; seu filho será Vidmisara[12]; seu filho será Ajatasatru[13]; seu filho será Dharbaka[14]; seu filho será Udayaswa[15]; seu filho

---

1 Munika, Vayu; Pulika, Matsya; Sunaka, Bhag.

2 Por 23 anos, Vayu e Matsya.

3 24 anos, Vayu; Tilaka ou Balaka, 28, Matsya.

4 50 anos, Vayu; 53, Matsya.

5 Ajaka, 21 anos, Vayu; Suryaka, 21, Matsya; Rajaka, Bhag.

6 20 anos, Vayu e Matsya.

7 Esse número também é especificado pelo Vayu e Bhagavata, e os vários anos dos reinados do primeiro concordam com o total. Os pormenores do Matsya compõem 145 anos, mas há sem dúvida algum engano neles.

8 Sisunaka que, de acordo com o Vayu e Matsya renunciou a Benares para seu filho, e se estabeleceu em Girivraja ou Rajgriha em Behar, reina 40 anos, Vayu e Matsya.

9 36 anos, Vayu e Matsya.

10 Kshemakarman, 20 anos, Vayu; Kshemadharmman, 36, Matsya.

11 40 anos, Vayu; Kshemajit ou Kshemarchis, 36, Matsya; Kshetrajna, Bhag.

12 Vimbisara, 28 anos, Vayu; Vindusena ou Vindhyasena, 28, Matsya; Vidhisara, Bhag.

13 25 anos, Vayu; 27, Matsya: mas o último insere um Kanwayana, 9 anos, e Bhumimitra ou Bhumiputra, 14 anos, antes dele. Nesse e no nome precedente nós temos títulos de celebridade considerável nas tradições dos Bauddhas. Vidmisara, também lido Vindhusara, Vilwisara, etc., muito provavelmente é o Vimbasara [Bimbasára] deles, que nasceu ao mesmo tempo com Sakya, e estava reinando em Rajgriha quando ele começou sua carreira religiosa. O Mahawanso diz que Siddhatto e Bimbisaro eram amigos afeiçoados, como seus pais tinham sido antes deles. Pág.10. É dito que Sakya morreu no reinado de Ajatasatru, o filho de Vimbasara, no oitavo ano de seu reinado. O Vayu inverte esses nomes, e o Matsya altera ainda mais a ordem de Ajatasatru; mas o Bhagavata concorda com nosso texto. A autoridade budista difere materialmente dos Puranas quanto à duração dos reinados, dando a Bimbisaro 52 anos, e a Ajatasattu 32. O último, de acordo com o mesmo, assassinou seu pai. Mahawanso, pág. 10. Nós podemos então com alguma confiança alegar para esses príncipes uma data de cerca de seis séculos A. C. Eles são considerados co-temporários com Sudhodana, etc. na lista dos Aikshwakavas (página 355, n. 20).

14 Harshaka, 25 anos, Vayu; Vansaka, 24, Matsya.

15 33 anos, Vayu; Udibhi ou Udasin, 33, Matsya. De acordo com o Vayu, Udaya ou Udayaswa fundaram Kusumapur ou Pataliputra, no canto [ou margem] sul do Ganges. As lendas de Sakya, de forma coerente com essa tradição, não tomam conhecimento dessa cidade nas peregrinações dele em qualquer margem do Ganges. O Mahawanso chama o filho e sucessor de Ajatasatru, de Udayibhadako (Udayinhhadraka). Pág. 15.

também será Nandivarddhana; e seu filho será Mahanandi[16]. Esses dez Saisunagas serão reis da terra por trezentos e sessenta e dois anos[17].

O filho de Mahananda nascerá de uma mulher da classe Sudra ou servil; o nome dele será Nanda, chamado Mahapadma, porque ele será sumamente avarento[18]. Como outro Parasurama, ele será o aniquilador da linhagem kshatriya; pois depois dele os reis da terra serão Sudras. Ele trará a terra inteira sob um guarda-sol; ele terá oito filhos, Sumalya e outros, que reinarão depois de Mahapadma; e ele e seus filhos[19] governarão por cem anos. O brâmane Kautilya erradicará os nove Nandas[20].

Após a cessação da linhagem de Nanda, os Mauryas possuirão a terra, pois Kantilya colocará Chandragupta[21] no trono. Seu filho será Vindusara[22]; seu filho será

---

16 42 e 43 anos, Vayu; 40 e 43, Matsya. O Mahawanso tem, em lugar desses, Anuruddhako, Mundo, e Nagadaso; todos parricidas em sucessão; o último deposto por uma insurreição do povo. Pág. 15.

17 As várias autoridades concordam no número de dez Saisunagas, e nos anos agregados dos reinados deles, que o Matsya e o Bhagavata chamam 360. O Vayu tem 362, com qual os vários períodos correspondem; os detalhes do Matsya dão 363. O Vayu e Matsya chamam os Saisunagas, de Kshatrabandhus, que pode designar uma ordem inferior de kshatriyas. Eles também observam, que contemporâneos com as dinastias já especificadas, os Pauravas, os Varhadrathas, e Magadhas, havia outras linhagens de descendência real; como: príncipes Aikshwakava, 24: Panchalas, 25, Vayu; 27, Matsya: Kalakas ou Kasakas ou Kaseyas, 24, Haihayas, 24, Vayu; 28, Matsya: Kalingas, 32, Vayu; 40, Matsya: Sakas, Vayu; Asmakas, Matsya, 25: Kuravas, 26: Maithilas, 28: Surasenas, 23, e Vitihotras, 20.

18 O Bhagavata o chama de Mahapadmapati, o senhor de Mahapadma; o que o comentador interpreta, 'soberano de uma hoste infinita', ou 'de imensa riqueza;' Mahapadma significando 100.000 milhões. O Vayu e Matsya, entretanto, consideram Mahapadma como outro nome de Nanda.

19 Como consta no Bhagavata também; mas seria mais compatível com a cronologia considerar os nove Nandas como tantos descendentes. O Vayu e Matsya dão oitenta e oito anos a Mahapadma, e só os doze restantes a Sumalya e o resto dos remanescentes oito; esses doze anos sendo ocupados com os esforços de Kautilya para expulsar os Nandas. O Mahawanso, evidentemente indicando os mesmos eventos, dá nomes e circunstâncias diferentemente; pode ser duvidado se com mais precisão. Na deposição de Nagadaso, o povo elevou ao trono o ministro Susunago, que reinou dezoito anos. Esse príncipe é, evidentemente, confundido com o Sisunaga dos Puranas. Ele foi sucedido por seu filho Kalasoko, que reinou vinte anos; e ele foi sucedido por seus filhos, dez dos quais reinaram juntos por vinte e dois anos: subsequentemente havia nove, que, de acordo com sua superioridade em idade, reinaram por vinte e dois anos. O brâmane Chanako executou o nono irmão sobrevivente, chamado Dhana-Nando (Rich-Nanda), e instalou Chandagutto. Mahawanso, pág. 15 e 21. Esses pormenores, apesar da alteração de alguns dos nomes, pertencem claramente a uma história; e aquela dos budistas parece como se tivesse sido emprestada e modificada daquela dos brâmanes. O comentário no Mahawanso, traduzido pelo sr. Turnour (Introdução, pág. xxxviii), chama os filhos de Kalasoko de 'os nove Nandas;' mas outra autoridade budista, o Dipawanso, omite Kalasoko, e diz que Susunago tinha dez irmãos, que depois do falecimento dele reinaram coletivamente vinte e dois anos. Diário da Soc. As. de Bengala, Nov. 1838, pág. 930.

20 Para os detalhes da história aqui citada, veja o Mudra Rakshasa, Teatro Hindu, vol. II. Kautilya também é chamado, de acordo com o comentador em nosso texto, de Vatsyayana, Vishnugupta, e Chanakya. De acordo com o Matsya P., Kantilya manteve a autoridade real por um século; mas há alguma inexatidão nas cópias.

21 Esse é o nome mais importante em todas as listas, porque mal pode ser duvidado que ele é o Sandrocottus, ou, como Ateneu escreve mais corretamente, o Sandrocoptus, dos gregos, como eu me esforcei para provar na introdução ao Mudra Rakshasa. As posições relativas de Chandragupta, Vidmisara, ou Bimbisara, e Ajatasatru, servem para confirmar a identificação. Sakya era contemporâneo com os dois últimos, morrendo no oitavo ano do reinado de Ajatasatru. O Mahawanso diz que ele reinou vinte e quatro anos depois; mas o Vayu faz seu reinado inteiro apenas vinte e cinco anos, o que colocaria o fim dele em 526 A.C. O resto da dinastia Saisunaga, de acordo com o Vayu e Matsya, reinou 143 ou 140 anos; trazendo seu fim para 383 A.C. Outro século sendo deduzido para a duração dos Nandas, colocaria a acessão de Chandragupta em 283 A.C. Chandragupta era o contemporâneo de Seleucus Nicator, que começou seu reinado em 310 A.C. e concluiu um tratado com ele em 305 A.C. Embora sua época não possa ser decifrada muito corretamente a partir das premissas purânicas, contudo o erro não pode ser mais do que vinte ou trinta anos. O resultado está muito mais próximo da verdade que aquele fornecido pelas autoridades budistas. De acordo com o Mahawanso, cem anos tinham decorrido da morte de Buda até o décimo ano do reinado de Kalasoko (pág. 15). Ele reinou outros dez anos, e seus filhos quarenta e quatro, fazendo um total de 154 anos entre a morte de Sakya e a acessão de Chandragupta,

Asokavarddhana[23]; seu filho será Suyasas[24]; seu filho será Dasaratha; seu filho será Sangata; seu filho será Salisuka; seu filho será Somasarmman; seu filho será Sasadharman[25]; e seu sucessor será Vrihadratha. Esses são os dez Mauryas, que reinarão sobre a terra por cento e trinta e sete anos[26].

A dinastia dos Sungas se tornará em seguida possuidora da soberania; pois Pushpamitra, o general do último príncipe Maurya, executará seu mestre, e subirá ao

---

que é consequentemente colocado em 389 A.C., ou mais de setenta anos mais cedo. De acordo com as autoridades budistas, Chan-ta-kutta ou Chandragupta começou seu reinado em 396 A.C. Tabela Birmanesa {Burmese Table}; Tabelas Úteis de Prinsep. O sr. Turnour, em sua Introdução, dando a Kalasoko dezoito anos subsequentes ao século depois de Buda, coloca a acessão de Chandragupta em 381 A.C., o que, ele observa, é sessenta anos mais cedo; porém, datando a acessão de Chandragupta a partir de 323 A.C. ou imediatamente após a morte de Alexandre, um período também antecipado por oito ou dez anos pelo menos. A discrepância de datas, o sr. Turnour está disposto a pensar, procede de alguma deturpação intencional da cronologia budista. Introd. pág. L. O comentador em nosso texto diz que Chandragupta era o filho de Nanda com uma esposa chamada Mura, por isso ele e seus descendentes eram chamados de Mauryas. O Cel. Tod considera Maurya uma corrupção de Mori, o nome de uma tribo Rajput. O Tika no Mahawanso constrói uma história sobre a semelhança imaginada da palavra com Mayura, (sânscrito), Mori, (prakrit) 'um pavão.' Havendo abundância de pavões da Ásia no lugar onde a tribo Sakya construiu uma cidade, eles a chamaram de Mori, e lá os príncipes eram chamados de Mauryas por isso. Turnour, Introdução ao Mahawanso, pág. xxxix. Chandragupta reinou, de acordo com o Vayu P., 24 anos; de acordo com o Mahawanso, 34; com o Dipawasanso, 24.

22 Como consta no Mahawanso, Bindusaro. Tabela Birmanesa, Bin-tu-sara. O Vayu tem Bhadrasara, 25 anos; o Bhagavata, Varisara. O Matsya cita apenas quatro príncipes dessa linhagem, embora ele concorde com os outros em afirmar que a série consiste em dez. Os nomes também são organizados diferentemente, e um é peculiar, eles são: Satadhanwan, Vrihadratha, Suka, e Dasaratha.

23 Asoka, 36 anos, Vayu; Suka, 26, Matsya; Asokavarddhana, Bhag.; Asoko e Dhammasoko, Mahawanso. Esse rei é o mais famoso de todos nos anais dos budistas. No começo de seu reinado ele seguia a fé bramânica, mas tornou-se um convertido àquela de Buda, e um zeloso encorajador dela. É dito que ele mantinha em seu palácio 64.000 sacerdotes budistas, e ergueu 84.000 colunas ou monumentos fúnebres budistas ao longo da Índia. Uma grande assembléia de sacerdotes budistas foi reunida no décimo oitavo ano do reinado dele, a qual foi seguida por missões para o Ceilão e outros lugares. De acordo com a cronologia budista ele subiu ao trono 218 anos depois da morte de Buda, 325 A. C. Como o neto de Chandragupta, porém, ele deve ter sido algum tempo subsequente a isso, ou, segundo a duração em comum dos reinados de Chandragupta e Bindusara, supondo que o primeiro começou seu reinado por volta de 315 A. C., quarenta e nove anos depois, ou 266 A. C. É dito que a duração de seu reinado foi de trinta e seis anos, trazendo-o para 230 A. C.; mas se nós deduzirmos esses períodos a partir da data atribuível a Chandragupta, de 283 A. C., nós colocaremos o reinado de Asoka de 234 a 198 A. C. Agora é certo que várias inscrições muito curiosas, em colunas e pedras, por um príncipe budista, em uma forma antiga de letra, e do idioma Pali, existem na Índia; e que algumas delas se referem a príncipes gregos, que podem ser ninguém menos que os membros das dinastias Selêucida e Ptolemaean, e são provavelmente Antíoco o Grande e Ptolomeu Euergetes, reis da Síria e Egito na última parte do terceiro século antes de Cristo. Diário da Sociedade Asiática de Bengala, fevereiro e março, 1838. O rei indiano sempre aparece sob o título Piyadasi ou Priyadarsin, 'o belo;' e é intitulado Devanam-piya, 'o amado dos deuses.' De acordo com autoridades budistas, o Rasawahini e Dipawanso, citados pelo sr. Turnour (D. Soc. As. de Bengala, Dec. 1837, pág. 1056, e Nov. 1838, pág. 930), Piyadasi ou Piyadasano é identificado por nome e circunstâncias com Asoka, e a ele portanto as inscrições devem ser atribuídas. O sentido delas concorda muito bem com o caráter dele, e sua ampla difusão com a fama tradicional do número dos monumentos dele. A data dele não é exatamente aquela de Antíoco o Grande, mas não é muito diferente, e as correções necessárias para fazê-la corresponder não são mais que a maneira inexata na qual a cronologia bramânica e budista está preservada pode bem ser esperada tornar necessárias.

24 O nome de Dasaratha, em um caráter antigo similar como aquele das inscrições de Piyadasi, foi encontrado em Gaya entre vestígios budistas, e como eles decifrados pelo sr. Prinsep, D. Soc. As. de Bengala, agosto de 1837, pág. 677. Uma série diferente de nomes ocorre no Vayu; ou, Kusala, 8 anos; Bandhupalita, Indrapalita, Dasavarman, 7 anos; Satadhara, 8 anos; e Vrihadaswa, 7 anos. O Bhagavata concorda na maioria dos nomes, e sua omissão de Dasaratha é corrigida pelo comentador.

25 Satadhanwan, Bhag.

26 O Vayu diz que nove Sumurttyas reinaram 137 anos. O Matsya e Bhagavata têm dez Mauryas, e 137 anos. Os números detalhados do Vayu e Matsya diferem de seus totais, mas as cópias estão manifestadamente corrompidas.

trono[27]: seu filho será Agnimitra[28]; seu filho será Sujyeshtha[29]; seu filho será Vasumitra[30]; seu filho será Ardraka[31]; seu filho será Pulindaka[32]; seu filho será Ghoshavasu[33]; seu filho será Vajramitra[34]; seu filho será Bhagavata[35]; seu filho será Devabhuti[36]. Esses são os dez Sungas, que governarão o reino por cento e doze anos[37].

Devabhuti, o último príncipe Sunga, sendo viciado em indulgências imorais, seu ministro, o Kanwa chamado Vasudeva, o assassinará, e usurpará o reino: seu filho será Bhumimitra; seu filho será Narayana; seu filho será Susarman. Esses quatro Kanwas serão reis da terra por quarenta e cinco anos[38].

Susarman, o Kanwa, será morto por um criado poderoso chamado Sipraka, da tribo Andhra, que se tornará rei, e fundará a dinastia Andhrabhritya[39]: ele será

---

27 O Bhagavata omite esse nome, mas afirma que havia dez Sungas, embora, sem Pushpamitra, somente nove sejam citados. O Vayu e Matsya têm o mesmo relato das circunstâncias da acessão dele ao trono; o primeiro lhe dá um reinado de sessenta, o último de trinta e seis anos. Em uma peça teatral atribuída a Kalidasa, o Malavikagnimitra, do qual Agnimitra é o herói, o pai dele é citado como o Senani ou general, como se ele tivesse deposto seu mestre em favor, não dele, mas de seu filho. Agnimitra é chamado de rei de Vidisa, não de Magadha. Pushpamitra é representado como envolvido em um conflito com os Yavanas no Indus; continuando assim as relações políticas com os gregos ou Citas de Báctria e Ariana. Veja Teatro Hindu, vol. I. 347.

28 8 anos, Vayu; omitido, Matsya.

29 7 anos, Vayu e Matsya; mas o último o coloca depois de Vasumitra; e no drama o filho de Agnimitra se chama Vasumitra.

30 8 anos, Vayu; 10 anos, Matsya.

31 Andraka, Vayu; Antaka, Matsya: eles concordam em seu reinado, 2 anos. Bhadraka, Bhag.

32 3 anos, Vayu e Matsya.

33 3 anos, Vayu; omitido, Matsya; Ghosha, Bhag.

34 9 anos, Matsya.

35 Bhaga, Matsya; 32 anos, Vayu e Matsya.

36 Kshemabhumi, Vayu; Devabhumi, Matsya; 10 anos, ambos.

37 O Bhagavata diz, 'mais que cem.' O comentador explica isso: 112. O Vayu e Matsya têm o mesmo período.

38 Os nomes dos quatro príncipes concordam em todas as autoridades. O Matsya transfere o caráter de Vyasani para o ministro, com a adição de ele ser um brâmane; Dwija. Nas listas dadas por Sir Wm. Jones e Cel. Wilford, é dito que os quatro Kanwas reinaram 345 anos; mas em sete cópias do Vishnu P., de diferentes partes da Índia, o número é, como dado no texto, quarenta e cinco. Há entretanto autoridade para o número maior, no texto do Bhagavata [12; 1, 19] e no comentário. O primeiro tem: काण्वायना इमे भूमिं चत्वारिंशच्च पञ्च च। शतानि त्रीणि भोक्ष्यन्ति वर्षाणां च कलौ युगे॥, e o último: काण्वायना वर्षाणां त्रीणि शतानि पञ्चचत्वारिंशद्वर्षाणि भूमिं भोक्ष्यन्ति।. Não há dúvida, portanto, do sentido do texto; e só é surpreendente que tal cronologia tenha sido inserida no Bhagavata, não apenas em oposição a toda probabilidade, mas a outra autoridade. O Vayu e Matsya não somente confirmam o número menor por declará-lo como um total, mas dá-lo em detalhes; desse modo:

Vasudeva reinará	9 anos
Bhúmimitra	14
Náráyańa	12
Suśarman	10
Total	45

E seis cópias do Matsya concordam nessa declaração.

39 As expressões Andhrajatiyas e Andhrabhrityas têm desconcertado muito o Cel. Wilford, que faz três linhagens de uma, Andhras, Andhrajatiyas, e Andhrabhrityas. As. Res. IX. 101. Não há autorização para três linhagens nos Puranas, embora o Matsya, e talvez o Vayu, distinga duas, como nós veremos depois. Nosso texto tem apenas uma, à qual todos os termos podem ser aplicados. O primeiro da dinastia era Andhra por nascimento ou casta (jatiya), e um criado (bhritya) do último da linhagem Kanwa. Desse modo o Vayu: सिन्धुको ह्यन्ध्रजातीयः।; o Matsya: काण्वायनस्ततो भृत्यः सुशर्माणं प्रसह्य तम्। शिशुकोऽन्ध्रः सजातीयः प्राप्स्यतीमां वसुंधराम्॥; e o Bhagavata [12; 1, 20]: हत्वा कण्वं सुशर्माणं तद्भृत्यो वृषलो बली। गां भोक्ष्यत्यन्ध्रजातीयः कंचित्कालमसत्तमः॥. Os termos 'um Andhra por casta' e 'um Bhritya ou criado', com a adição, na última passagem, de Vrishala, 'um Sudra', todos se aplicam a uma pessoa e uma dinastia. Wilford fez

sucedido por seu irmão Krishna[40]; seu filho será Sri Satakarni[41]; seu filho será Purnotsanga[42]; seu filho será Satakarni (2º)[43]; seu filho será Lambodara[44]; seu filho será Ivilaka[45]; seu filho será Meghaswati[46]; seu filho será Patumat[47]; seu filho será Arishtakarman[48]; seu filho será Hala[49]; seu filho será Talaka[50]; seu filho será Pravilasena[51]; seu filho será Sundara, chamado Satakarni[52]; seu filho será Chakora Satakarni[53]; seu filho será Sivaswati[54]; seu filho será Gomatiputra[55]; seu filho será Pulimat[56]; seu filho será Sivasri Satakarni[57]; seu filho será Sivaskandha[58]; seu filho será Yajnasri[59]; seu filho será Vijaya[60]; seu filho será Chandrasri[61]; seu filho será Pulomarchish[62]. Esses trinta reis Andhrabhritya reinarão quatrocentos e cinquenta e seis anos[63].

---

um trabalho irrefletido com a tríade dele. O nome do primeiro dessa linhagem é lido de modo variado: Sindhuka, Vayu; Sisuka, Matsya; Balin, Bhag.; e, de acordo com Wilford, Chhismaka no Brahmanda P., e Sudraka ou Suraka no Kumarika Khanda do Skanda P. As. Res. IX. 107. Ele reinou 23 anos, Vayu e Matsya. Se a última forma do nome dele estiver correta, ele pode ser o rei que é citado no prólogo do Mrichchhakati.

40 10 anos, Vayu; 18, Matsya.

41 56 anos, Vayu; 18, Matsya; 10, Brahmanda, Wilford; Simalakarni, Matsya; Santakarna, Bhag.

42 Omitido, Vayu; 18 anos, Matsya; Paurnamasa, Bhag.

43 Omitido, Vayu e Bhag.; 56 anos, Matsya; mas o último tem antes dele um Srivaswani, 18 anos.

44 18 anos, Matsya.

45 Apilaka, 12 anos, Vayu e Matsya; Chivilika ou Vivilika, Bhag.

46 Omitido, Vayu e Matsya.

47 Patumavi, 24 anos, Vayu; Drirhamana, Bhag.

48 Nemi-krishna, 25 anos, Vayu; Arishtakarni, 25 anos, Matsya.

49 Hala, 1 ano, Vayu; 5 anos, Matsya; Haleya, Bhag.

50 Mandalaka, 5 anos, Matsya; omitido, Bhag.

51 Purishasena, 21 anos, Vayu; Purindrasena, 5 anos, Matsya; Purishataru, Bhag.

52 Satakarni apenas, Vayu e Matsya; o primeiro lhe dá três anos, o segundo somente um. Sunanda, Bhag.

53 Chakora, 6 meses, Vayu; Vikarni, 6 meses, Matsya.

54 28 anos, Vayu e Matsya.

55 Gotamiputra, 21 anos, Vayu e Matsya.

56 Pulomat, 28 anos, Matsya; Purimat, Bhag.

57 Omitido, Vayu; 7 anos, Matsya; Medhasiras, Bhag.

58 Omitido, Vayu; 7 anos, Matsya.

59 29 anos, Vayu; 9 anos, Matsya.

60 6 anos, Vayu e Matsya.

61 Dandasri, 3 anos, Vayu; Chandrasri, 10 anos, Matsya; Chandravijaya, Bhag.

62 Pulovapi, 7 anos, Vayu; Pulomat, 7 anos, Matsya; Sulomadhi, Bhag.

63 O Vayu e Bhagavata também afirmam 30 reis, e 456 anos; o Matsya tem 29 reis, e 460 anos. A enumeração real do texto dá apenas 24 nomes; aquela do Bhagavata apenas 23; aquela do Vayu apenas 17. O Matsya tem todos os 29 nomes, acrescentando vários à lista do nosso texto; e o agregado dos reinados atinge 435 anos e 6 meses. A diferença entre esse e o total especificado surge provavelmente de alguma inexatidão no manuscrito. Como esta lista parece ser mais completa que qualquer outra, pode ser aconselhável inseri-la como ela se acha na cópia de Radcliffe do Matsya Purara:

1. Śiśuka	23 anos.
2. Krishńa	18
3. Simalakarńi	18
4. Purnotsanga	18
5. Śrívaswáni	18
6. Śátakarńi	56
7. Lambodara	18
8. Apítaka	12
9. Sangha	18
10. Śátakarńi	18

11.	Skandhaswáti	7
12.	Mrigendra	3
13.	Kuntalaswáti	28
14.	Swátikarńa	1
15.	Pulomávit	36
16.	Gorakshááwaśrí	25
17.	Hála	5
18.	Mantalaka	5
19.	Puríndrasena	5
20.	Rajádaswáti	0 6 meses
21.	Śivaśwáti	28
22.	Gautamiputra	21
23.	Pulomat	28
24.	Śivaśrí	7
25.	Skandhaswáti	7
26.	Yajnaśrí	9
27.	Vijaya	6
28.	Vadaśrí	10
29.	Pulomat	7
	Total	435 anos e 6 meses.

Vários dos nomes variam nessa lista daqueles na minha cópia. Os anexos Swati e Satikarna aparecem ligados, ou não, com os outros títulos, de acordo com a conveniência da métrica, e parecem ser as designações ou títulos familiares. A dinastia é de interesse cronológico considerável, porque ela admite algumas verificações plausíveis. Que uma linhagem poderosa de príncipes Andhra governou na Índia no princípio da era cristã, nós tomamos conhecimento por intermédio de Plínio, que os descreve como possuidores de trinta cidades fortificadas, com um exército de 100.000 homens e 1.000 elefantes. Os Andrae desse escritor provavelmente são o povo da parte superior da península, Andhra sendo a designação própria de Telingana {ou Telangana}. As Tabulas Peutingerianas, entretanto, colocam os Andre-Indi nas margens do Ganges, e os príncipes do sul podem ter estendido ou mudado o local de seu poder. Perto do fim da dinastia nós achamos nomes que parecem concordar com aqueles de príncipes da Índia central, dos quais menção é feita pelos chineses; como, Yue-gnai (Yajnasri), rei de Kiapili, 408 D. C.; Des Guignes, I. 45; e Ho-lo-mien (Puloman), rei de Magadha em 621; idem, I. 56. As listas purânicas colocam esses dois príncipes mais aproximadamente juntos, mas nós não podemos confiar implicitamente na precisão delas. Calculando de Chandragupta para baixo, a data indiana de Yajna e do chinês Yue-gnai correspondem; porque nós temos:

10 Mauryas	137 anos
10 Śungas	112
4 Kańwas	45
27 Andhras	437
	731
Subtraindo, como a data de Chandragupta	312 A. C.
	419 A. C.

Uma data notavelmente próxima daquela derivável dos anais chineses. Se o Puloman indiano é o mesmo que o Ho-lo-mien chinês, deve haver alguma omissão considerável na dinastia purânica. Há uma identificação adicional no caso de Ho-lo-mien, que faz certo que um príncipe de Magadha é indicado, porque o lugar da residência dele é chamado, pelos chineses, de Kia-so-mo-pulo-ching e Potoli-tse-Ching; ou em sânscrito, Kusuma-pura e Patali-putra. O equivalente do último nome consiste, não só na identidade dos sons Patali e Po-to-li, mas na tradução de 'putra' por 'tse;' cada palavra significando em seus respectivos idiomas 'filho.' Nenhuma dúvida pode ser nutrida portanto que a cidade indicada é a metrópole de Magadha, Pataliputra ou Palibothra. Wilford identifica Pulomat ou Puloman com o Po-lo-muen dos chineses; mas Des Guignes interpreta Po-lo-muen kue, 'royaume des Brahmanes.' Buchanan (Hamilton), seguindo o Bhagavata quanto ao nome do último rei, Sulomadhi, o colocaria por volta de 846 D. C.; mas as premissas dele estão longe de serem precisas, e sua dedução nesse caso pelo menos não tem peso. Geneal. dos Hindus, Introd. pág. 16. Ele supõe que os reis Andhra de Magadha mantiveram seu poder no Ganges até a invasão muçulmana, ou o décimo segundo século, quando eles se retiraram

Depois dessas, reinarão várias linhagens, como sete Abhiras, dez Garddhabas, dezesseis Sakas, oito Yavanas, quatorze Tusharas, treze Mundas, onze Maunas, ao todo setenta e nove príncipes[64], que serão soberanos da terra por mil trezentos e

para o sul, e reinaram em Warankal em Telingana. Inscrições e moedas, no entanto, confirmam a declaração dos Puranas, que uma dinastia diferente sucedeu aos Andhras alguns séculos antes das conquistas muçulmanas; e os chineses também registram, que após a morte do rei de Magadha, Ho-lo-mien (Puloman?), algum tempo antes de 648 D. C, grandes distúrbios ocorreram na Índia. Des Guignes. Algum testemunho muito curioso e autêntico da real existência desses reis Andhra foi fornecido recentemente pela descoberta de uma inscrição antiga em Guzerat, na qual Rudra Dama, o Kshatrapa ou sátrapa de Surashtra, é registrado como tendo superado repetidamente Satakarni, rei do país do sul (Dakshinapatha). A inscrição está sem data, mas é de um caráter antigo, e faz menção dos dois príncipes Maurya, Chandragupta e Asoka, como se não muito tempo anteriores à sua composição. O sr. J. Prinsep, com quem nós estamos endividados pela decifração e tradução desse documento importante, também teve êxito em decifrar as lendas em uma série de moedas pertencentes aos príncipes de Surashtra, entre as quais se acha o nome de Rudra Dama; e ele está inclinado, embora com hesitação, a colocar esses príncipes cerca de um século depois de Anoka, ou Rudra Dama, aproximadamente 153 A. C. Diário Soc. As. de Bengala, maio de 1837, e abril de 1838. De acordo com a computação arriscada em cima do nosso texto, a linhagem de reis Andhra não deveria começar até por volta de 20 anos A. C., o que concordaria com a informação de Plínio sobre eles; mas é possível que eles tenham existido primeiramente no sul da Índia, embora tenham estabelecido sua autoridade em Magadha somente nos primeiros séculos da era cristã.

64 Essas dinastias paralelas são detalhadas dessa maneira em nossas outras autoridades:

Abhiras, 7, Matsya; 10, Vayu; reis de Avabhriti, 7, Bhag.

Garddabhins, 10, Matsya, Vayu, Bhag.

Sakas, 18, Matsya, Vayu; Kankas, 16, Bhag.

Yavanas, 8, Matsya, Vayu, Bhag.

Tusharas, 14, Matsya, Vayu; Tushkaras, 14, Bhag.

Marundas, 13, Vayu; Purundas, 13, Matsya; Surundas, 10, Bhag.

Maunas, 18, Vayu; Hunas, 19, Matsya; Maulas, 11, Bhag.

Total - 85 reis, Vayu; 89, Matsya; 76, e 1399 anos, Bhag.

As outras duas autoridades dão os anos de cada dinastia separadamente. É pretendido aparentemente que os números sejam os mesmos, mas aqueles do Matsya são erros palpáveis, embora quase todos os manuscritos concordem na leitura. A cronologia do Vayu é, Abhiras, 67 anos; Garddabhins, 72; Sakas, 380; Yavanas, 82; Tusharas, 500 (todas as cópias do Matsya têm 7000); Marundas, 200; e Mlechchhas, indicando Maunas talvez, 300 anos. Atingindo um total de 1601 anos, ou menos de 19 anos para um reinado. Elas não são, porém, dinastias contínuas, mas quase contemporâneas; e se elas incluem, como é provável que incluam, os príncipes gregos e citas do oeste da Índia, os períodos podem não ser muito distantes da verdade. O Matsya começa a lista com uma dinastia mais, outra Andhra (veja nota 39), das quais havia sete: 'Quando o domínio dos Andhras tiver cessado, haverá sete outros Andhras, reis da linhagem dos criados deles; e então nove Abhiras.' A passagem do Vayu, embora um pouco similar em termos, tem um sentido diferente: 'Desses, os Andhras tendo passado, haverá sete linhagens contemporâneas; como, dez Abhiras', etc. A passagem é lida diferentemente em cópias diferentes, mas essa é a única leitura inteligível. Ao mesmo tempo ela especifica subsequentemente um período para a duração da dinastia Andhra diferente daquele dado antes, ou trezentos anos, como se uma linhagem diferente fosse citada: 'Os Andhras possuirão a terra duzentos anos e cem.' O Matsya tem quinhentos duas vezes: 'Os Andhras Sriparvatiya, duas vezes quinhentos anos.' Um manuscrito tem, de modo mais coerente, cinquenta e dois anos. Mas há evidentemente algo defeituoso em todos os manuscritos. A expressão do Matsya, ' Andhras Sriparvatiya', é notável; Sriparvat sendo em Telingana. Há provavelmente alguma confusão das duas linhagens, os reis Magadha e Tailinga, nessas passagens dos Puranas. O Bhagavata tem uma dinastia de sete reis Andhra, mas de um período diferente (veja n. 39). O Cel. Wilford tentou uma verificação dessas dinastias; em alguns casos talvez com sucesso, embora certamente não em todos. Os Abhiras ele chama de reis pastores do norte da Índia. Eles eram mais provavelmente gregos ou citas ou partos, ao longo do Indus inferior. Traços do nome ocorrem, como antigamente observado, nos Abiria de Ptolomeu, e os Ahirs como uma tribo distinta ainda existem em Guzerat. Araish Mehfil. Os Sakas são os Sacae, e a duração do poder deles não é improvável estar perto da verdade. Os oito reis Yavana podem ser, como ele supõe, príncipes gregos de Bactria, ou antes da Índia ocidental.

noventa anos; e então onze Pauras serão reis por trezentos anos[65]. Quando eles forem destruídos, os Yavanas Kailakila serão reis; o principal dos quais será Vindhyasakti; seu filho será Puranjaya; seu filho será Ramachandra; seu filho será Adharma, de quem serão Varanga, Kritanandana, Sudhinandi, Nandiyasas, Sisuka, e Pravira; esses regerão por cento e seis anos[66]. Deles procederão treze filhos; então três Bahlikas, e Pushpamitra, e Patumitra, e outros, até o número de treze, governarão sobre Mekala[67]. Haverá nove reis nos sete Kosalas, e haverá o mesmo número de príncipes Naishadha[68].

Dos Tusharas ele faz os Partos. Se o Bhagavata tem a leitura preferível, Tushkaras, eles eram os Tochari, uma tribo cita. Os Murundas, ou, como ele os tem, Maurundas, ele considera ser uma tribo de hunos, os Morundae de Ptolomeu. De acordo com o Matsya eles eram de origem Mlechchha, Mlechchha-sambhava. O Vayu os chama de Arya-mlechchhas; Bárbaros de Ariana. Wilford considera os Maunas como também uma tribo de hunos; e a palavra é, em todos os manuscritos do Matsya, Hunas; rastros dos quais ainda podem ser achados no oeste e sul da Índia. Inscrição em Merritch. Diário da Sociedade Real Asiática, vol. III. pág. 103. Os Garddabhins Wilford conjetura serem descendentes de Bahram Gor, rei da Pérsia; mas isso é muito questionável. Que eles eram uma tribo no oeste da Índia pode ser conjeturado, porque algumas histórias singulares prevalecem lá de um Gandharba, transformado em um asno, casando-se com a filha do rei de Dhar. As. Res. VI. 35, e IX. 147; também 'Cutch' pela sra. Postans, pág. 18; fábulas sugestionadas sem dúvida pelo nome Garddabha, significando um asno. Também há evidentemente alguma afinidade entre esses Garddabhins e o antigo Gadhia Pysa, ou moeda-asno, como chamada vulgarmente, encontrada em várias partes da Índia ocidental, e que é inquestionavelmente de data antiga. D. Soc. As. de Bengala, Dez. 1835, pág. 688. Ela pode ser a cunhagem dos príncipes Garddabha; Garddabla, sendo o original de Gadha, também significando um asno. Eu conjeturei em outra parte a possibilidade de elas serem correntes cerca de um século e um meio antes da nossa era. D. Soc. As. R. vol. III. 385. O Cel. Tod, citando uma passagem paralela em Hindi, lê, em vez de Garddhabhin, Gor-ind, o que ele explica os Indras ou senhores de Gor; mas a leitura é indubitavelmente errônea.

65 As cópias concordam em ler Pauras, mas comentador observa que às vezes é Maunas, mas eles já foram especificados; a menos que o termo seja repetido para separar a duração dessa dinastia daquela do resto. Tal parece ser o sentido da passagem similar do Bhagavata: [12, 1; 29-30] 'Esses reis (Andhras, etc.) possuirão a terra 1099 anos, e os onze Maulas, 300.' Nenhum nome tal como Pauras ocorre nas outras autoridades. A analogia de duração os identifica com os Mlechchhas do Vayu: 'Onze Mlechchhas possuirão a terra por três séculos.' E o Vayu pode se referir aos Maunas, porque nenhum outro período é atribuído a eles. Os períodos do Bhagavata, 1099 e 300, se aproximam muito daquele do nosso texto, 1390; um incluindo os três séculos dos Maunas, o outro declarando-o separadamente. O Vayu aparentemente o acrescenta ao resto, fazendo assim o total de 1601, em vez de 1390. É evidente que o mesmo esquema é indicado pelas várias autoridades, embora alguma inexatidão afete ou a declaração original ou os manuscritos existentes.

66 Kilakila, Kolakila, Kolikila, Kilinakila, como é lido diferentemente. O Pandit de Sir Wm. Jones declarou que ele entendeu isso como sendo uma cidade no país Mahratta (As. Res. XI. 142); e lá foi achada uma confirmação da convicção dele em uma inscrição, onde Kilagila, como ela é denominada lá, é chamada de a capital de Marasinha Deva, rei do Konkan. D. Soc. As. R. vol. IV. pág. 282. Essa inscrição data de 1058 D. C. Os Puranas se referem provavelmente a uma data muito antecedente, quando os príncipes gregos, ou seus sucessores Indo-citas, seguindo o curso do Indus, se espalharam para a parte superior da costa ocidental da península. O texto os chama de Yavanas; e o Vayu e Matsya dizem que eles eram Yavanas em instituições, costumes, e política. O Bhagavata [12; 1, 30-31] menciona cinco de seus príncipes, Bhutananda, Bangiri, Sisunandi, Yasnandi, e Pravira, que reinarão 106 anos, e eles são portanto representantes imperfeitos da série em nosso texto. O Matsya não tem nenhuma enumeração adicional específica de qualquer dinastia. O Vayu faz de Pravira o filho de Vindhyasakti; o último reinando 96 anos, e o primeiro 60. O último é rei de Kanchanapuri, 'a cidade dourada', e é seguido por quatro filhos, cujos nomes não são citados. Entre Vindhyasakti e Pravira, porém, uma dinastia de reis é introduzida, alguns dos nomes dos quais se assemelham àqueles dos príncipes Kilakila do texto. Eles são: Bhogin, o filho de Seshanaga, Sadachandra, Nakhavat, Dhanadhamita, Vinsaja, Bhutinanda - em um período antes do fim dos Sungas? (as cópias têm शुङ्गानां न कुलस्यान्ते) - Madhunandi, seu irmão mais novo Nandiyasas; e na linhagem dele haverá três outros Rajas: Dauhitra, Sisuka, e Ripukayan. Esses são chamados de príncipes de Vidisa ou Videsa; o último significado talvez 'estrangeiro', e constitui a dinastia Naga. Nosso texto chama Vindhyasakti de um Murddhabhishikta, um guerreiro de uma classe misturada, nascido de um pai brâmane e uma mãe kshatriya.

67 O texto dessa passagem corre assim: तत्पुत्रास्त्रयोदशैव बाह्लीकाश्च त्रयः । ततः पुष्पमित्रपटुमित्राद्यास्त्रयोदश मेकलाश्च ।
'Os filhos deles', o comentador explica por 'treze filhos de Vindhyasakti e o resto.' O Bhagavata tem uma declaração diferente, identificando os filhos da linhagem Vindhya com os Bahlikas, e lhes fazendo treze: 'Os Bahlikas serão seus treze filhos.' Conforme o comentador: 'Haverá respectivamente treze filhos, chamados Bahlikas, de Bhutananda e o resto.' O verso seguinte é: 'Pushpamitra, um rei, e, então, Durmitra.' Quem ou o que eles eram não aparece. O comentador diz, 'Pushpamitra era outro rei, e

Em Magadha um soberano chamado Viswasphatika estabelecerá outras tribos; ele extirpará a linhagem kshatriya ou marcial, e elevará pescadores, bárbaros, e brâmanes, e outras castas, ao poder[69]. Os nove Nagas reinarão em Padmavati, Kantipuri, e Mathura; e os Guptas de Magadha ao longo do Ganges até Prayaga[70]. Um príncipe chamado Devarakshita reinará, em uma cidade no litoral, sobre os Kosalas, Odras, Pundras, e Tamraliptas[71]. Os Guhas possuirão Kalinga, Mahihaka, e as

---

Durmitra era o filho dele.' Aqui é evidentemente compilação descuidada e inexata. O Vayu, embora não totalmente satisfatório, concorda melhor com nosso texto. 'Pravira', ele diz, terá quatro filhos. Quando a linhagem Vindhya estiver extinta, haverá três reis Bahlika, Supratika, Nabhira, que reinarão trinta anos, e Sakyamanabhava (oblíquo esse nome), rei dos Mahishas. Os Pushpamitras então existirão, e os Patumitras também, que serão sete reis de Mekala. Tal é a geração.' O verbo plural com somente dois nomes Bahlika indica alguma omissão, a menos que nós corrijamos isso para 'eles dois reinarão;' mas o nome e título seguinte, Sakyamanabhava, rei dos Mahishas, parece ter pouca conexão com os Bahlikas. Se, em uma parte subsequente da citação, a leitura 'trayodasa' estiver correta, deve então haver treze Patumitras; mas será difícil saber o que fazer com Sapta, 'sete'. Se em vez de Santati, nós pudéssemos ler Saptati, 'setenta', o sentido poderia ser, 'esses treze reis governaram por setenta e sete anos.' Embora possa ser isso, parece mais correto separar os treze filhos ou famílias dos príncipes Vindhya dos três Bahlikas, e eles dos Pushpamitras e Patumitras, que governaram Mekala, uma região no Narbada (veja a página 175, n.18). O que os Bahlikas, ou príncipes de Balkh, tinham a fazer nessa parte da Índia é duvidoso. O Durmitra do Bhagavata foi conjeturado pelo Cel. Tod (Trans. Soc. As. R. I. 325) indicar o príncipe bactriano Demetrius, mas não está claro que até mesmo o Bhagavata considera esse príncipe como um dos Bahlikas, e o nome não se acha em nenhuma outra parte.

68 Para a localização de Kosala, veja a página 178, n. 79. As três cópias do Vayu lêem Komala, e chamam os reis de Meghas, 'mais fortes que sábios'. O Bhagavata concorda com nosso texto. O Vayu diz dos Naishadhas, ou reis de Nishadha, que eles eram todos da linhagem de Nala. O Bhagavata soma duas outras linhagens, sete Andhras (veja nota 63) e reis de Vaidura, com a observação que esses eram todos contemporâneos, sendo, como observa o comentador, governantes subordinados ou provincianos.

69 O Vayu tem Viswasphani e Viswasphini; o Bhagavata, Viswasphurtti, ou, em alguns manuscritos, Viswaphuiji. As castas que ele estabelece ou coloca em autoridade, com a exclusão dos kshatriyas, são chamadas, em todas as cópias do nosso texto, de Kaivarttas, Patus, Pulindas, e Brâmanes. O Vayu (três manuscritos), tem Kaivarttas, Panchakas, Pulindas, e Brâmanes. O Bhagavata tem, Pulindas, Yadus, e Madrakas. O Vayu descreve Viswasphani como um grande guerreiro, e aparentemente como um eunuco. Ele adorava os deuses e espíritos dos mortos, e morrendo nas margens do Ganges foi para o céu de Indra.

70 Tal parece ser o sentido do nosso texto. Pode-se pensar que os nove Nagas significam o mesmo que os descendentes de Sesha Naga, mas o Vayu tem outra série aqui, análoga àquela do texto: 'Os nove reis Naka possuirão a cidade Champavati, e os sete Nagas (?) a cidade agradável Mathura. Príncipes da linhagem Gupta possuirão todas essas regiões, as margens do Ganges até Prayaga e Saketa e Magadha.' Essa descrição é a mais explícita, e provavelmente mais correta, de todas. Os Nakas eram Rajas de Bhagalpur; os Nagas, de Mathura; e as regiões intermediárias ao longo do Ganges eram governadas pelos Guptas, ou Rajas da casta Vaisya. O Bhagavata parece ter tomado grandes liberdades com a descrição, porque ele faz de Viswasphurtti rei sobre Anuganga, o curso do Ganges de Haridwar, de acordo com o comentador, até Prayaga, residindo em Padmavati, omitindo os Nagas completamente, e convertendo 'gupta' em um epíteto de 'medini', a terra preservada ou protegida. Wilford considera que os Nagas, Nakas, e Guptas são todos os mesmos; ele diz: 'Então veio uma dinastia de nove reis, chamados de os nove Nagas ou Nakas; esses eram uma tribo obscura, chamada por essa razão de Guptavansas, que governou em Padmavati.' Aquela cidade ele chama de Patna; mas no Malati e Madhava, Padmavati se encontra entre as colinas Vindhya. De Kantipuri ele faz Cotwal, perto de Gwalior. A leitura do Vayu, Champavati, porém, previne a necessidade de toda conjetura vaga. De acordo com Wilford, ainda há uma tribo poderosa chamada Nakas entre o Jamuna e o Betwa. Da existência e poder dos Guptas, entretanto, nós tivemos amplas provas recentemente de inscrições e moedas, como de Chandragupta e Samudragupta da coluna de Allatabad; (D. Soc. As. de Bengala, março e junho, 1834); e Kumaragupta, Chandragupta, Samudragupta, Sasigupta, etc. nas moedas Arqueiro, encontradas em Kanoj e em outra parte; (As. Res. XVII. pl. 1. fig. 5, 7, 13, 19; e D. Soc. As. de Bengala, Nov. 1835, pl. 38 e 39; e em outros números do mesmo Diário); em todas as quais, o caráter no qual as lendas estão escritas é de um período anterior ao uso do Devanagari moderno, e era corrente com toda probabilidade por volta do quinto século da nossa era, como conjeturado pelo sr. Prinsep: veja a tabela dele das modificações do alfabeto sânscrito de 543 A. C. a 1200 D. C. Diário da Soc. As. de Bengala, março de 1838.

71 O Vayu também menciona os descendentes de Devarakshita ou Daivarakshitas como reis dos Kosalas, Tamralipta, e do litoral; até aqui estando de acordo com nosso texto sobre incluir as partes ocidentais de Bengala, Tamlook, Medinipur, e Orissa. Uma cópia lê Andhra, talvez em lugar de Odra, Orissa; e uma tem Champa como a capital, o que provavelmente é um erro, embora os dois outros manuscritos, sendo ainda mais defeituosos, não ofereçam os meios de correção.

montanhas de Mahendra[72]. A linhagem de Manidhanu ocupará os países dos Nishadas, Naimishikas, e Kalatoyas[73]. O povo chamado Kanakas possuirá a região Amazona [Stri Rajya], e aquela chamada Mushika[74]. Homens das três tribos, mas degradados, e Abhiras e Sudras, ocuparão Saurashtra, Avanti, Sura, Arbuda, e Marubhumi; e sudras, párias, e bárbaros serão os donos das margens do Indus, Darvika, Chandrabhaga, e Cachemira[75].

Esses serão todos monarcas contemporâneos, reinando sobre a terra; reis de espírito rude, temperamento violento, e sempre afeitos à falsidade e maldade. Eles infligirão morte em mulheres, crianças, e vacas; eles se apoderarão da propriedade de seus súditos; eles terão poder limitado, e na maioria dos casos se erguerão e cairão rapidamente; suas vidas serão curtas, seus desejos insaciáveis, e eles mostrarão somente pouca piedade. O povo dos vários países, misturando-se com eles, seguirá seu exemplo, e os bárbaros sendo poderosos no patronato dos príncipes, enquanto tribos mais puras são negligenciadas, as pessoas perecerão[76]. Riqueza e devoção

---

72 O Vayu tem o mesmo. As regiões fazem parte de Orissa e Berar.

73 O Vayu tem os filhos de Manidhanya como a dinastia governante, mas cita os países aqueles dos Naishadhas, Yudakas, Sasikas, e Kalatoyas. O primeiro nome se aplica a uma região próxima às montanhas Vindhya, mas o último a um país no norte. Porém, o oeste ou sudoeste é provavelmente indicado nesse lugar.

74 O Stri Rajya normalmente é colocado em Bhote. Ele pode aqui talvez designar Malabar, onde poliandria predomina igualmente. Mushika, ou o país de ladrões, era a costa pirata do Konkan. O Vayu lê Bhokshyaka ou Bhokhyaka em lugar de Mushika. O Bhagavata omite todas essas especificações subsequentes à menção de Viwasphurtti.

75 Disso nós podemos deduzir que o Vishnu P. foi compilado quando os muçulmanos estavam fazendo suas primeiras invasões no oeste. Eles parecem ter invadido e se instalado em Sindh no início no oitavo século, embora príncipes indianos tenham continuado no Indus por um período subsequente. Scriptor. Arab. de Rebus Indicis, Gildemeister, pág. 6. Eles estavam envolvidos em hostilidades em 698 ou 700 com o príncipe de Kabul, em cujo nome, embora disfarçado por suas representações muçulmanas de Ratil, Ratbal, ou Ratibal, não é difícil reconhecer o título hindu genuíno de Ratanpal, ou Ratnapal. O progresso deles nessa direção não foi traçado; mas no período de sua invasão de Sindh eles avançaram para Multan, e provavelmente se estabeleceram lá e em Lahore dentro de um século. A Cachemira eles não ocuparam até uma data muito posterior, e o Raja Tarangini não toma conhecimento de qualquer ataque sobre ela; mas os chineses registraram uma solicitação do rei da Cachemira, Chin-tho-lo-pi-li, evidentemente o Chandrapida do sânscrito, por ajuda contra os árabes, por volta de 713 D. C. Gildemeister, pág. 13. Então, embora não estabelecidos de fato tão cedo no Punjab quanto o início, eles tinham começado suas incursões, e tinham, sem dúvida, confirmado seu estabelecimento no final do oitavo ou começo do nono século. Essa época do Purana é compatível com referência à linhagem contemporânea de reis Gupta, do quarto ou quinto ao sétimo ou oitavo século; ou, se nós estivermos dispostos a recuar mais ainda, nós podemos aplicar a passagem aos príncipes gregos e Indo-citas. Esse parece ser provavelmente o primeiro período; mas em todas as passagens semelhantes neste ou outros Puranas há o risco de que versos inspirados pela presença de governantes muçulmanos possam ter sido interpolados no texto original. Porém, se os muçulmanos do Hindustão fossem indicados pelo último, as indicações teriam sido mais distintas, e as localidades atribuídas a eles mais centrais. Até mesmo o Bhagavata, a data do qual nós temos bom motivo para conjeturar ser o meio do décimo segundo século, e que influenciou a forma assumida por volta daquele tempo pela adoração de Vishnu, não pode ser pensado que se refere aos conquistadores muçulmanos da Índia superior. É declarado lá, que 'soberanos decaídos de suas castas, ou sudras, serão os príncipes de Saurashtra, Avanti, Abhira, Sura, Arbuda, e Malava; e bárbaros, sudras, e outros párias, não instruídos pelos Vedas, possuirão a Cachemira, Kaunti, e as margens do Chandrabhaga e Indus.' Agora não foi até o décimo quarto e décimo quinto séculos que os muçulmanos se estabeleceram em Guzerat e Malwa, e o Bhagavata era inquestionavelmente bem conhecido em várias partes da Índia muito tempo antes daquele tempo. (Descrição de Seitas Hindus, As. Res. vol. XVI.) Ele não pode, portanto, se referir a muçulmanos. Por especificar os príncipes como dissidentes dos Vedas, não há dúvida que os bárbaros e párias indicados são assim apenas em um sentido religioso; e nós sabemos de autoridades indisputáveis que as regiões ocidentais, Guzerat, Abu, Malava, foram as bases principais, primeiro dos budistas, e então dos jainas, a partir de um período que começa talvez antes da era cristã, e apenas terminando com a conquista muçulmana. Inscrições de Abu, As. Res. vol. XVI.

76 O comentador, tendo em vista sem dúvida o estado de coisas existente, interpreta a passagem um pouco diferentemente, o original é: तैश्च विमिश्रा जनपदास्तच्छीलवर्तिनो राजाश्रयशुष्मिणो म्लेच्छाश्चार्याश्च विपर्ययेण वर्तमानाः प्रजाः क्षपयिष्यन्ति । . O comentário explica 'forte', e adiciona, 'os Mlechchhas estarão no centro, e os Aryyas na extremidade;' significando,

diminuirão dia a dia, até que o mundo será totalmente depravado. Então apenas propriedade conferirá posição; riqueza será a única fonte de devoção; paixão será o único laço de união entre os sexos; falsidade será o único meio de sucesso em litígio; e as mulheres serão meramente objetos de satisfação sensual. A Terra será venerada apenas por seus tesouros minerais[77]; o fio bramânico constituirá um brâmane; símbolos externos (como o bastão e traje vermelho) serão as únicas distinções das várias ordens de vida; desonestidade será o meio universal de subsistência; fraqueza será a causa de dependência; ameaça e presunção assumirão o lugar da erudição; liberalidade será devoção; ablução simples será purificação[78]; consentimento mútuo será matrimônio; roupas elegantes serão dignidade[79]; e água mais distante será considerada como uma fonte sagrada [tirtha]. Entre todas as castas, aquele que é o mais forte reinará sobre um principado [Bhu-mandala, 'a terra'], assim corrompida por muitas imperfeições. As pessoas, incapazes de aguentar os fardos pesados impostos sobre elas por seus soberanos avarentos, se refugiarão entre os vales das montanhas, e ficarão felizes em se alimentar de mel selvagem, ervas, raízes, frutas, flores, e folhas; seu único traje será a casca de árvores, e elas ficarão expostas ao frio, e vento, e sol, e chuva. A vida de nenhum homem excederá vinte e três anos. Desse modo, na era Kali, a decadência prosseguirá constantemente, até que a raça humana se aproxime de sua aniquilação.

Quando as práticas ensinadas pelos Vedas e os institutos de lei quase tiverem cessado, e o fim da era Kali estiver perto, uma porção daquele ser divino, que existe, por sua própria natureza espiritual, no caráter de Brahma, e que é o começo e o fim, e que compreende todas as coisas, descerá sobre a terra. Ele nascerá na família de Vishnuyasas, um brâmane eminente da aldeia Sambhala, como Kalki, dotado com as oito faculdades sobre-humanas. Por seu poder irresistível ele destruirá todos os Mlechchhas e ladrões, e todos aqueles cujas mentes são dedicadas à iniquidade. Ele então restabelecerá a retidão sobre a terra; e as mentes daqueles que viverem no fim da era Kali serão despertadas, e serão tão translúcidas quanto cristal. Os homens que forem mudados dessa maneira em virtude daquele tempo peculiar serão como as sementes de seres humanos, e darão nascimento a uma raça que seguirá as leis da era Krita, ou era da pureza. Como é dito; "Quando o sol e lua, e o asterismo lunar Tishya, e o planeta Júpiter, estiverem em uma mansão, a era Krita retornará[80]."

---

possivelmente, que os incrédulos estão no coração do país, e os hindus nas bordas: uma descrição, porém, nunca correta, exceto como aplicável aos governos; e nesse caso incompatível com o texto, que tinha representado previamente os países fronteiriços nas mãos de párias e hereges. Tudo o que o texto pretende é representar os infiéis e estrangeiros superiores em poder, e os brâmanes enfraquecidos. Não é improvável que a leitura esteja errônea, apesar das cópias concordarem, e que a passagem deva ser aqui a mesma que aquela do Vayu: 'Entremeadas com eles, as nações, adotando em toda parte costumes bárbaros, existirão em um estado de desordem, e os súditos serão destruídos.' A expressão Mlechchhacharascha sendo usada em vez de Mlechchhascharyascha. Uma passagem semelhante àquela do texto, citando a mistura de hindus e bárbaros, ocorre em um lugar diferente (veja a página 168, n. 4), e designa a condição da Índia em todas as épocas; em nenhum período o todo da população seguiu o Hinduísmo bramânico.

77 Isto é, não haverá Tirthas, lugares considerados sagrados, e objetos de peregrinação; nenhum lugar específico da terra terá alguma santidade especial.

78 Doações serão feitas pelo impulso de sentimento ordinário, não em conexão com ritos religiosos, e como um ato de devoção; e ablução será realizada por prazer ou conforto, não religiosamente com cerimônias e preces prescritas.

79 É explicado que a expressão Sadvesadharin significa alguém que usa roupas boas, ou alguém que assume o traje exterior de santidade. Qualquer uma das duas interpretações é igualmente permissível.

80 O Bhagavata [12; 2, 24] concorda com o texto nesses detalhes. A estrela principal de Tishya é δ na constelação Câncer.

{O verso do Bhagavata é: “Quando a Lua, o Sol e Brihaspati estiverem juntos na constelação Karkata, e todos os três entrarem ao mesmo tempo na mansão lunar Pusya – nesse exato momento começará a era de Satya, ou Krita.”}

Assim, Muni mais excelente, os reis que são passados, que são presentes, e que são futuros, foram enumerados. Do nascimento de Parikshit à coroação de Nanda deve ser sabido que passaram 1015 anos[81]; [Veja o Bhagavata, 12; 2, 26-32]. Quando as duas primeiras estrelas dos sete Rishis (a Ursa Maior) subirem nos céus, e algum asterismo lunar for visto à noite a uma distância igual entre elas, então os sete Rishis continuarão estacionários naquela conjunção por cem anos de homens[82]. No nascimento de Parikshit eles estavam em Magha, e a era Kali então começou, a qual consiste em 1200 anos (divinos). Quando a porção de Vishnu (aquela que nasceu de Vasudeva) voltou para o céu, então a era Kali começou. Enquanto a terra era tocada

---

81 Todas as cópias concordam nessa leitura. Três cópias do Vayu atribuem ao mesmo intervalo 1050 anos, e do Matsya cinco cópias têm o mesmo, ou 1050 anos; enquanto uma cópia tem 1500 anos. O Bhagavata tem 1115 anos; o que o comentador explica, 'mil anos e cem com quinze a mais.' Ele cita, não obstante, embora ele não tente explicar a discrepância, que o período total de Parikshit até Nanda era, de fato, de acordo com a duração das diferentes dinastias intermediárias, como enumeradas por todas as autoridades, quinze séculos; isto é:

Reis Magadhá	1000 anos
Pradyota, etc.	138
Śiśunága, etc.	362
	1500

O período mais curto é melhor proporcionado com o número de reis; pois contando a partir de Sahadeva, que era contemporâneo com Parikshit, e tomando o número dos Varhadrathas do Matsya, nós temos trinta e dois deles, cinco da tribo Pradyota, e dez Saisunagas, ou ao todo quarenta e sete; o qual, como o divisor de 1050, dá um pouco mais que vinte e dois anos para um reinado. O Vayu e o Matsya, além disso, especificam o intervalo de Nanda até Pulomat, o último dos reis Andhra, como sendo de 836 anos; um total que não concorda exatamente com os itens previamente especificados:

9	Nandas	100 anos
10	Mauryas	137
10	Śungas	112
4	Kańwas	45
29	Andhras	460
62		854

Em todo caso a duração média de reinado não é improvável, porque o número mais alto dá menos de quatorze anos para cada príncipe. É importante lembrar que o reinado de Parikshit é, de acordo com a cronologia hindu, coevo com o começo da era Kali; e, portanto, mesmo aceitando o intervalo purânico mais longo nós temos apenas dezesseis séculos entre Chandragupta - ou, considerando-o como o mesmo que Sandrocoptos, dezenove séculos A.C. - para o começo da era Kali. De acordo com a cronologia do nosso texto, porém, isso seria apenas em 1415 A.C.; com a do Vayu e Matsya, 1450 A.C.; e com aquela do Bhagavata, 1515. De acordo com as computações do Cel. Wilford (As. Res. vol. IX. Tabela Cronológica, pág. 116) a conclusão da grande guerra aconteceu em 1370 A.C. Buchanan conjetura que ela ocorreu no décimo terceiro século A.C. Vyasa era o suposto pai de Pandu e Dhritarashtra, e consequentemente era contemporâneo com os heróis da grande guerra. O sr. Colebrooke deduz a partir de dados astronômicos que o arranjo dos Vedas atribuído a Vyasa ocorreu no décimo quarto século A.C. O sr. Bentley traz a data de Yudhishthira, o chefe dos Pandavas, para 575 A.C. (Visão Histórica da Astronomia Hindu, pág. 67); mas o peso de autoridade é a favor do décimo terceiro ou décimo quarto século A.C. para a guerra do Mahabharata, e o reputado começo da era Kali.

82 Uma explicação semelhante é dada no Bhagavata, Vayu, e Matsya Puranas; e relatos semelhantes de escritores astronômicos são citados pelo sr. Colebrooke, As. Res. vol. IX. pág. 358. O comentador no Bhagavata explica a noção dessa forma: "As duas estrelas (Pulaha e Kratu) devem se erguer ou serem visíveis antes do resto, e seja qual for o asterismo que estiver em uma linha sul a partir do meio daquelas estrelas, é aquele com o qual as sete estrelas estão unidas; e assim eles continuam por cem anos." O Cel. Wilford também deu uma explicação semelhante da revolução dos Rishis; As. Res. vol. IX. pág. 83. De acordo com Bentley, a noção se originou em um artifício dos astrônomos para mostrar a quantidade da precessão dos equinócios. "Isso foi por assumir uma linha imaginária ou grande círculo passando pelos polos da eclíptica e o começo do Magha fixo, qual círculo se supunha que cortava algumas das estrelas na Ursa Maior. ... As sete estrelas na Ursa Maior sendo chamadas de Rishis, o círculo assim suposto foi chamado de a linha dos Rishis, e sendo ligado ao começo do asterismo lunar Magha, a precessão seria resolvida por determinar o grau etc. de qualquer mansão lunar móvel cortada por aquela linha ou círculo fixo como um ponteiro." Visão histórica da Astronomia Hindu, pág. 65.

pelos pés sagrados dele, a era Kali não pôde afetá-la. Assim que a encarnação do eterno Vishnu tinha partido, o filho de Dharma, Yudhishthira, com seus irmãos, abdicou da soberania. Observando portentos desfavoráveis, resultantes do desaparecimento de Krishna, ele colocou Parikshit no trono. Quando os sete Rishis estiverem em Purvashadha, então Nanda começará a reinar[83], e desde então a influência da Kali aumentará.

O dia que Krishna tiver partido da terra será o primeiro da era Kali, a duração da qual você ouvirá; ela continuará por 360.000 anos de mortais. Depois que doze centenas de anos divinos tiverem passado, a era Krita será renovada.

Assim era após era Brâmanes, Kshatriyas, Vaisyas, e Sudras, brâmane excelente, homens de grandes almas, têm passado aos milhares; cujos nomes e tribos e famílias eu não enumerei a você, por causa do seu grande número, e da repetição de títulos que isso envolveria. Duas pessoas, Devapi da linhagem de Puru, e Maru da família de Ikshwaku, pela força da devoção continuam vivos do começo ao fim das quatro eras inteiras, residindo na aldeia de Kalapa. Eles voltarão para cá no princípio da era Krita, e, tornando-se membros da família do Manu, darão origem às dinastias kshatriya[84]. Dessa maneira, a terra é possuída, por toda a série das três primeiras eras, a Krita, Treta, e Dwapara, pelos filhos do Manu; e alguns permanecem na era Kali, para servirem como os rudimentos de gerações renovadas, do mesmo modo como Devapi e Maru ainda estão em existência.

Eu lhe dei agora uma descrição sumária dos soberanos da terra; recapitular o todo seria impossível até mesmo em cem vidas. Esses e outros reis, que com corpos perecíveis possuíram esse mundo sempre duradouro, e que, cegos com noções ilusórias de ocupação individual, se entregaram ao sentimento que sugere, "Essa terra é minha - ela é do meu filho - ela pertence à minha dinastia", todos passaram. Assim, muitos que reinaram antes deles, muitos que os sucederam, e muitos que ainda estão por vir, cessaram, ou cessarão, de existir. A Terra ri, como se sorrindo com flores outonais, ao ver os reis dela incapazes de efetuarem a subjugação deles mesmos. Eu repetirei para você, Maitreya, as estrofes que foram cantadas pela Terra, e que o Muni Asita comunicou a Janaka, cuja bandeira era virtude. "Quão grande é a tolice de príncipes, que são dotados da faculdade de raciocínio, para nutrir a confiança de

[83] O Bhagavata tem o mesmo; e isso concorda com o período especificado para o intervalo entre Parikshit e Nanda de 1050 anos; porque, incluindo Magha, nós temos dez asterismos para Purvashadha, ou 1000 anos. O Vayu e Matsya são também tão inexatos em todas as cópias consultadas, que não é seguro afirmar o que eles pretendem descrever. Aparentemente eles declaram que no término da dinastia Andhra os Rishis estarão em Krittika, que fornece outros dez asterismos; o todo sendo quase conforme a cronologia do texto, porque o intervalo total de Parikshit ao último dos Andhras é 1050 + 836 =1886, e o século inteiro de cada asterismo no princípio e no fim da série não precisa ser levado em conta. As cópias do Matsya leem, 'Os sete Rishis estão em uma linha com o brilhante Agni;' isto é, com Krittika, do qual Agni é a divindade presidente. O Vayu pretende com toda probabilidade a mesma frase, mas as três cópias têm: प्रतीपे राज्ञि, uma cláusula muito ininteligível. Novamente, parece como se eles pretendessem designar o fim da linhagem Andhra como o período de uma revolução completa, ou 2700 anos; porque o Vayu tem: 'As raças no fim dos Andhas existirão depois de 2700 anos.' O Matsya tem: सप्तविंशतिः भाव्येन अन्ध्राणान्तेऽन्वकात् (?) पुनः ।, e ao fim da passagem, depois de especificar, como usual, que 'os sete Rishis estavam em Magha no tempo de Parikshit', o Vayu acrescenta: अन्ध्रान्ते स चतुर्विंशे भविष्यन्ति स ते मता ।, uma passagem que, embora repetida nos manuscritos, é obviamente muito inexata; embora ela possa talvez ser entendida sugerir que os Rishis estarão no vigésimo quarto asterismo depois da linhagem Andhra; mas isso daria somente 1400 anos de Parikshit a Pulomat; enquanto se o vigésimo quarto de Magha fosse indicado, daria 2400 anos; ambos os períodos sendo incompatíveis com especificações anteriores. O Matsya tem uma leitura diferente da segunda linha, mas uma não muito mais satisfatória; 'Cem anos de Brahma estarão no vigésimo quarto (asterismo?).' Em nenhuma dessas autoridades, porém, é proposto pelas passagens citadas por último ilustrar a cronologia de príncipes ou dinastias. A especificação do período, qualquer que possa ser, é aquela do período no qual a influência má da era Kali é para se tornar muito ativa e irresistível.

[84] O Bhagavata tem o mesmo. Devapi, como observa o comentador, sendo o restaurador da linhagem lunar, e Maru, da solar.

ambição, quando eles mesmos são apenas espuma sobre a onda. Antes de eles se subjugarem, eles buscam reduzir seus ministros, seus criados, seus súditos, sob sua autoridade; eles então se esforçam para superar seus inimigos. 'Dessa maneira', dizem eles, 'nós conquistaremos a terra cercada pelo oceano;' e, concentrados em seu projeto, não veem a morte, que não está distante. Mas que assunto considerável é a subjugação da terra cercada pelo mar para alguém que pode subjugar a si mesmo? Emancipação de existência é o resultado de autocontrole. É por obsessão que reis desejam me possuir, a qual seus antecessores foram forçados a deixar, a qual seus pais não retiveram. Iludidos pelo amor egoísta de poder, pais lutam com filhos, e irmãos com irmãos, pela minha posse. Tolice tem sido a qualidade de todo rei que se gabou, 'Toda essa terra é minha - tudo é meu - ela estará para sempre em minha casa;' porque ele está morto. Como é possível que tais desejos vãos sobrevivam nos corações dos seus descendentes, que viram o progenitor deles, absorto pela sede de domínio, obrigado a renunciar a mim, a quem ele chamou de minha, e trilhar o caminho da dissolução? Quando eu ouço um rei mandar avisar outro por meio de seu embaixador, 'Essa terra é minha; renuncie imediatamente às suas pretensões a ela;' eu sou movida no princípio por risada violenta, mas ela logo cessa em piedade pelo tolo obcecado."

Esses foram os versos, Maitreya, que a Terra recitou, e por escutar os quais a ambição se dissolve como neve diante do sol. Eu agora narrei para você a descrição inteira dos descendentes do Manu; entre os quais se distinguiram reis dotados de uma porção de Vishnu, empenhados na preservação da terra. Quem escutar com reverência e com fé essa narrativa, originando-se da posteridade de Manu, será purificado completamente de todos os seus pecados, e, com a posse perfeita de suas faculdades, viverá em riqueza, abundância, e prosperidade inigualáveis. Aquele que tem ouvido sobre as linhagens do sol e da lua, de Ikshwaku, Jahnu, Mandhatri, Sagara, e Raghu, que pereceram todos; de Yayati, Nahusha, e sua posteridade, que não existem mais; de reis de grande poder, coragem irresistível, e riqueza ilimitada, que foram superados pelo tempo ainda mais poderoso, e são agora somente uma história; ele aprenderá sabedoria, e se absterá de chamar filhos, ou esposa, ou casa, ou terras, ou riqueza, de seus. As penitências árduas que foram realizadas por homens heróicos impedindo a morte por anos incontáveis, ritos religiosos e sacrifícios de grande eficácia e virtude, foram feitos pelo tempo apenas o assunto de narração. O valoroso Prithu atravessou o universo, em toda parte triunfante sobre seus inimigos; contudo ele foi soprado para longe, como a leve descida da árvore Simal, diante da rajada do tempo. Aquele que era Kartaviryya subjugou inúmeros inimigos, e conquistou as sete zonas da terra; mas agora ele é somente o tópico de um tema, um assunto para afirmação e contradição[85]. Que vergonha para o império dos filhos de Raghu, que triunfaram sobre Dasanana, e estenderam seu domínio até as extremidades da terra; pois ele não foi consumido em um instante pelo olhar de ira do destruidor? Mandhatri, o imperador do universo, está incorporado apenas em uma lenda; e que homem piedoso que ouve isso alguma vez será tão ininteligente a ponto de nutrir o desejo de posse em sua alma? Bhagiratha, Sagara, Kakutstha, Dasanana, Rama, Lakshmana, Yudhishthira, e outros, existiram. É assim? Eles realmente existiram? Onde eles estão agora? Nós não sabemos! Os reis poderosos que existem agora, ou que existirão, como eu os narrei para você, ou quaisquer outros que não foram especificados, estão todos sujeitos ao mesmo destino, e os atuais e os futuros perecerão e serão esquecidos, como seus antecessores. Ciente dessa verdade, um

[85] Para ser a causa de Sankalpa, 'convicção', 'crença;' e Vikalpa, 'dúvida', 'descrença.' O Bhagavata se permite um estilo semelhante, e frequentemente nas mesmas palavras. O todo recorda as palavras do satírico romano:

. . . I, demens, et saevas curre per Alpes,
Ut pueris placeas, et declamatio fias. [Juvenal, X., 166, 167.]

homem sábio nunca será influenciado pelo princípio de apropriação individual; e considerando-os só como posses passageiras e temporais, ele não considerará filhos e posteridade, terras e propriedade, ou tudo mais que é pessoal, como dele mesmo. ◄

LIVRO 5

CAPÍTULO 1

A morte de Kansa anunciada. A Terra, oprimida pelos Daityas, recorre aos deuses. Eles a acompanham até Vishnu, que promete dar alívio a ela. Kansa prende Vasudeva e Devaki. Instruções de Vishnu para Yoganidra.

Maitreya[1]: 'Você narrou para mim um relato completo de todas as diferentes dinastias de reis, e de suas sucessivas transações. Eu desejo agora ouvir uma descrição mais minuciosa, Rishi santo, da porção de Vishnu[2] que desceu sobre a terra, e nasceu na família de Yadu. Conte-me também que ações que ele realizou em sua descida, como uma parte de uma parte do supremo, na terra[3].

---

[1] Esse livro inteiro é dedicado à biografia de Krishna. Muitos dos Puranas omitem totalmente esse assunto, ou só aludem a ele ocasionalmente. Em outros ele é igualmente proeminente. O Brahma Purana apresenta a história exatamente nas mesmas palavras como nosso texto: qual tem o maior direito a elas pode ser questionado; mas, como ele é normalmente conhecido, o Brahma Purana é uma compilação muito heterogênea. O Hari Vansa tem uma narrativa mais detalhada que aquela do texto, com adições e embelezamentos próprios. O Brahma Vaivartta celebra do começo ao fim os atos de Krishna; e uma parte dele, o Krishna Janma Khanda, descreve especialmente a meninice e juventude dele. Os incidentes em geral são os mesmos que aqueles no texto, mas eles estão perdidos entre descrições intermináveis dos divertimentos de Krishna com as Gopis e com sua amante Radha, uma personagem não mencionada em outra parte; o todo está em um estilo indicativo de uma origem moderna. O Agni Purana e Padma Purana (Uttara Khanda) têm relatos de Krishna, mas eles são meros resumos, compilados evidentemente de outros trabalhos. A autoridade principal para as aventuras de Krishna é o Bhagavata, o décimo livro do qual é dedicado exclusivamente a ele. É esse trabalho que tem, sem dúvida, principalmente difundido a adoração de Krishna, porque sua popularidade é evidenciada por ele ter sido traduzido para todos os idiomas falados da Índia que professam ter uma literatura. O Prem-sagar, sua versão Hindi, é bem conhecido; mas também há traduções em Mahratta, Telugu, Tamil, etc. Não parece provável, entretanto, que o Vishnu Purana tenha copiado o Bhagavata; pois embora sua maior concisão possa às vezes parecer resumo, contudo as descrições geralmente são de um caráter mais simples e antiquado. Aqui, como sempre, o Mahabharata é sem dúvida a autoridade mais antiga existente; mas não é a mais primitiva, pois embora ele omita narrar a maioria das aventuras pessoais dele não relacionadas com sua aliança com os Pandavas, ele alude frequentemente a elas, e menciona a capital dele, suas esposas, e sua progênie repetidamente. Ele também dedica uma seção, o Mausala Parva, à destruição dos Yadavas. A história de Krishna o príncipe e herói deve ter estado completa quando o Mahabharata foi compilado. Porém, é duvidoso se Krishna o menino, e as aventuras dele em Vrindavan, não foram invenções subsequentes. Não há alusões a elas no poema, de uma natureza insuspeita. As únicas que eu encontrei estão contidas em um discurso de Sisupala, Sabha Parva, cap. 40, pág. 75, na qual ele insulta Krishna; mas elas podem ter sido interpoladas facilmente. Pode haver outras espalhadas pelo poema, mas eu não as observei.

[2] As informações sobre a origem e caráter de Krishna em várias passagens do Mahabharata não são consistentes de nenhuma maneira, e indicam datas diferentes pelo menos. Em um discurso para ele por Arjuna, no Vana Parva, é dito que ele passou milhares de anos em vários lugares sagrados, empenhado em penitências árduas. Ele frequentemente é identificado com o Rishi Narayana, ou ele e Arjuna são citados como sendo Nara e Narayana. No Dana-dharma ele é representado como um adorador de Shiva, e propiciando a ele e à esposa dele Uma, e recebendo como bênçãos deles esposas e filhos. Como guerreiro e príncipe ele está sempre em cena; mas ele é chamado repetidamente de um Ansa, ou porção de Vishnu; enquanto em um grande número de lugares ele é identificado com Vishnu ou Narayana, e é por conseguinte 'todas as coisas.' Esse último é o caráter dele, naturalmente, entre os Vaishnavas, de acordo com o texto do Bhagavata: 'Krishna é o próprio senhor (Vishnu).'

[3] Essa é uma diminuição ainda maior da dignidade de Krishna; ele não é nem uma parte, mas 'uma parte de uma parte', Ansansavatara; mas isso, o comentador afirma, é para ser entendido somente da forma ou condição dele como homem, não do poder dele, porque esse não sofreu diminuição, em seu estado primário ou secundário, como luz por espalhamento não sofre diminuição; e um verso do Veda é citado nesse sentido: 'Embora aquilo que é completo seja tirado daquilo que é completo, contudo o resto não é diminuído;' 'Krishna é todavia o próprio Brahma supremo, embora seja um mistério como o supremo deva assumir a forma de um homem.' Assim o Bhagavata em uma passagem prediz que o Para-purusha, Purushottama ou Vishnu, nascerá visivelmente na residência de Vasudeva.

Parasara: ‘Eu narrarei para você, Maitreya, a história que você pediu; o nascimento de uma parte de uma parte de Vishnu, e os benefícios que as ações dele conferiram ao mundo.

Vasudeva antigamente se casou com a filha de Devaka, a ilustre Devaki, uma moça de beleza celestial. Depois das núpcias deles, Kansa, o aumentador da linhagem de Bhoja, dirigiu o carro deles como seu cocheiro. Enquanto eles estavam seguindo, uma voz no céu, soando alta e profunda como trovão, dirigiu-se a Kansa, e disse, "Tolo que você é, o oitavo filho da donzela que você está levando no carro tirará sua vida[4]!" Ao ouvir isso, Kansa puxou sua espada, e estava prestes a matar Devaki; mas Vasudeva se interpôs, dizendo, "Não mate Devaki, grande guerreiro; poupe a vida dela, e eu entregarei a você todo filho que ela possa dar à luz." Satisfeito por qual promessa, e confiando no caráter de Vasudeva, Kansa desistiu da tentativa.

Naquele momento, a Terra, sobrecarregada por seu peso, foi ao monte Meru para uma assembléia dos deuses, e se dirigindo às divindades, com Brahma à dianteira delas, relatou em tons comoventes toda a sua angústia. "Agni", disse a Terra, "é o progenitor do ouro; Surya, dos raios de luz[5]. Meu pai e guia, e de todas as esferas é o supremo Narayana, que é Brahma, o senhor do senhor dos patriarcas; o primogênito dos primogênitos; uno com minutos e horas; uno com o tempo; tendo forma, embora não separada. Esta sua assembléia, ó deuses, é apenas uma parte dele. O sol, os ventos, os santos, os Rudras, os Vasus, os Aswins, fogo, os patriarcas criadores do universo, dos quais Atri é o primeiro, todos são apenas formas do poderoso e inescrutável Vishnu. Os Yakshas, Rakshasas, Daityas, espíritos do mal, serpentes, e filhos de Danu, os cantores e ninfas do céu, são formas do grande espírito, Vishnu. Os céus pintados com planetas, constelações, e estrelas; fogo, água, ar, e eu mesma, e toda coisa perceptível; o próprio universo inteiro - consiste em Vishnu. As formas múltiplas daquele ser múltiplo se encontram e sucedem umas às outras, noite e dia, como as ondas do mar. Na época atual muitos demônios, dos quais Kalanemi é o chefe, têm infestado, e atormentam continuamente, a região dos mortais. O grande Asura Kalanemi[6], que foi morto pelo poderoso Vishnu, reviveu em Kansa, o filho de Ugrasena, e muitos outros demônios poderosos, mais do que eu posso enumerar, como Arishta, Dhenuka, Kesin, Pralamba, Naraka, Sunda, e o feroz Bana, o filho de Bali[7], nasceram nos palácios de reis. Hostes incontáveis de espíritos orgulhosos e poderosos, os chefes da raça demônio, assumindo formas celestiais, agora caminham na terra; e, incapaz me sustentar sob a carga que pesa sobre mim, eu venho a vocês em busca de auxílio. Divindades ilustres, ajam de modo que eu possa ser aliviada de meu fardo, para que eu não afunde desamparada no abismo mais inferior."

Quando os deuses tinham ouvido essas reclamações da Terra, Brahma a pedido deles lhes explicou como o fardo dela poderia ser tornado mais leve. "Celestiais", disse Brahma, "tudo o que a Terra disse é indubitavelmente verdade. Eu, Mahadeva, e vocês todos, somos apenas Narayana; mas as personificações do poder dele estão flutuando mutuamente para sempre, e excesso ou diminuição é indicada pela predominância dos fortes, e a depressão dos fracos. Venham portanto, vamos para a costa norte do mar lácteo, e tendo glorificado Hari, informemos a ele o que nós

---

[4] O Bhagavata conta a circunstância como no texto. O Hari Vansa faz Narada notificar Kansa de seu perigo. A interposição de Narada não é mencionada até posteriormente por nossa autoridade. Devaki é a prima de Kansa. Veja a página 335.

[5] Agni, ou fogo, refina o ouro, destrói a impureza, de acordo com o comentador. O sol é o senhor dos raios de luz; ou, como a causa de chuva e vegetação, o senhor do gado. A frase é गवां सूर्यः परो गुरुः।.

[6] De acordo com o Vayu, Kalanemi ou Kayabadha era um filho de Virochana, o neto de Hiranyakasipu; a morte dele é descrita no Hari Vansa.

[7] Esses aparecem subsequentemente na narração, e são destruídos por Krishna.

ouvimos. Ele, que é o espírito de tudo, e de quem o universo consiste, constantemente, por causa da Terra, desce em uma porção pequena de sua essência para estabelecer retidão na terra." Consequentemente Brahma, acompanhado pelos deuses, foi para o oceano de leite, e lá, com mentes concentradas nele, louvaram aquele cujo emblema é Garuda.

"Ó tu", disse Brahma, "que és distinto do escrito sagrado[8]; cuja natureza dupla é sabedoria duplicada[9], superior e inferior, e que és o fim essencial de ambas; que, igualmente desprovido e possuidor de forma, és o Brahma duplo[10]; menor do menor, e maior dos maiores; tudo, e conhecendo todas as coisas; aquele espírito que é linguagem; aquele espírito que é supremo; aquele que é Brahma, e do qual Brahma é composto! Tu és o Rich, o Yajush, o Saman, e o Atharvan Vedas. Tu és acentuação, ritual, significação, métrica, e astronomia; história, tradição, gramática, teologia, lógica, e lei; tu que és inescrutável. Tu és a doutrina que investiga as distinções entre alma, e vida, e corpo, e matéria dotada de qualidades[11]; e aquela doutrina é nada mais exceto tua natureza inerente dentro e presidindo sobre ela[12]. Tu és imperceptível, indescritível, inconcebível; sem nome, ou cor, ou mãos, ou pés; puro, eterno, e infinito. Tu ouves sem ouvidos, e vês sem olhos. Tu és um e multiforme. Tu te moves sem pés; tu pegas sem mãos. Tu conheces tudo, mas não és para ser conhecido por todos[13]. Aquele que te vê como o mais sutil dos átomos, não existente substancialmente, põe um fim à ignorância; e emancipação final é a recompensa daquele homem sábio cuja compreensão aprecia nada diferente de ti na forma de deleite supremo[14]. Tu és o centro comum de tudo[15], o protetor do mundo; e todos os seres existem em ti. Tu és tudo o que foi, ou será. Tu és o átomo dos átomos; tu és espírito; somente tu és distinto da natureza primeva[16]. Tu, como o senhor do fogo em quatro manifestações[17], dás luz e fertilidade à Terra. Tu és o olho de tudo, e aquele que usa muitas formas, e percorres de modo desimpedido as três regiões do universo. Como fogo, embora um, é aceso de modo variado, e, embora inalterável em sua essência, é modificado de muitas maneiras, assim tu, senhor, que és uma forma onipresente, tomas sobre ti todas as modificações que existem. Tu és um supremo; tu és aquele estado supremo e eterno que os sábios vêem com o olho do conhecimento.

---

8 Anamnaya; não o objeto imediato dos Vedas, que é devoção, não abstração; ritual ou culto, não conhecimento.

9 Os dois tipos de conhecimento são chamados de Para, 'supremo', e Apara, 'outro' ou 'subordinado;' o primeiro é conhecimento de Para Brahma, de espírito considerado separadamente, conhecimento perfeito derivado de abstração; o segundo é conhecimento de Sabda Brahma, de espírito como descrito e ensinado nos Vedas, ou seus ramos suplementares. A identidade do supremo com ambas as descrições de conhecimento sagrado permeia todo o discurso.

10 Para Brahma e Sabda Brahma: veja a nota precedente.

11 A doutrina aludida pode ser cogitada geralmente, ou nos vários casos, a discussão da alma espiritual e alma viva, do corpo sutil e sensível, e da matéria dotada de qualidades, referência pode ser pretendida aos sistemas Vedanta, Yoga, e Sankhya.

12 Isto é, como o Sabda Brahma, o supremo é idêntico às doutrinas filosóficas, sendo o objeto, o instigador, e o resultado.

13 Isso é tirado dos Vedas [Swetaswatara-upanishad], o original do qual é citado e traduzido por Sir William Jones: veja os Trabalhos dele, [Works] XIII. 368. A passagem é citada assim pelo comentador em nosso texto: 'Sem mão ou pé ele corre, ele agarra; sem olhos ele vê; e sem ouvidos ele ouve. Ele conhece tudo o que pode ser conhecido, e ninguém o conhece. A Ele eles chamam de o primeiro grande espírito.'

14 Varenya rupa, explicado por Paramananda murti; ele cuja forma ou personificação é felicidade suprema.

15 Literalmente 'umbigo de tudo.' A passagem também é lida: 'Tu és tudo e o primeiro;' a causa ou criador.

16 Ou a passagem é compreendida: 'Tu és um subsequentemente a Prakriti;' isto é, tu és Brahma, a vontade ativa do supremo, criando formas a partir da matéria rudimentar.

17 Como os três fogos ordenados pelos Vedas, e metaforicamente o fogo da devoção; ou raios, calor solar, fogo gerado artificialmente, e o fogo da digestão ou fogo animal; ou Vishnu naquele caráter concede beleza, vigor, poder, e riqueza.

Não existe nada mais a não ser tu, ó senhor; nada mais existiu ou existirá. Tu és separado e não separado, universal e individual, onisciente, que tudo vê, onipotente, possuidor de toda a sabedoria e força e poder. Tu não estás sujeito nem à diminuição nem aumento; tu és independente e sem começo; tu és o subjugador de tudo. Tu não és afetado por cansaço, indolência, medo, raiva, ou desejo. Tu és livre de mancha, supremo, misericordioso[18], uniforme, imperecível, senhor sobre tudo, o esteio de tudo, a fonte de luz, imperecível. A ti, não envolvido por envoltórios materiais[19], não exposto a imaginações sensíveis, agregado de substância elementar[20], espírito supremo, haja adoração. Tu assumes uma forma, ó permeador do universo, não como a consequência de virtude ou vício, nem de qualquer mistura dos dois, mas para o único objetivo de manter a piedade no mundo[21]."

O não nascido, universal Hari, tendo ouvido com sua audição mental esses louvores, estava satisfeito, e falou dessa maneira para Brahma: "Diga-me, Brahma, o que você e os deuses desejam. Fale corajosamente, certo do sucesso." Brahma, vendo a forma divina, universal de Hari, prostrou-se depressa, e novamente recomeçou seus elogios. "Glória a ti, aquele de mil formas, de mil braços, de muitos rostos, de muitos pés; a ti, o autor ilimitável da criação, preservação, e destruição; mais sutil dos sutis, mais vasto dos grandes; a ti, que és natureza, intelecto, e consciência; e que és outro espírito {diferente} até mesmo da raiz espiritual daqueles princípios![22] Mostre benevolência para conosco. Veja, senhor, esta terra, oprimida por Asuras poderosos, e abalada até os fundamentos de suas montanhas, vem a ti, que és seu defensor invencível, para ser aliviada de seu fardo. Veja a mim, Indra, os Aswins, Varuna, e Yama, os Rudras, os Vasus, os sóis, os ventos, fogo, e todos os outros celestiais, preparados para executar tudo o que tu desejares que nós façamos. Ó soberano das divindades, em quem não há imperfeição, dê tuas ordens para teus criados, olhe: nós estamos prontos."

Quando Brahma tinha terminado, o senhor supremo arrancou dois cabelos, um branco e um preto, e disse aos deuses, "Esses meus cabelos descerão à terra, e a aliviarão do fardo de sua angústia[23]. Que todos os deuses também, em suas próprias porções, desçam à terra, e travem guerra com os Asuras arrogantes, que estão incorporados lá, e que serão todos destruídos. Não duvidem disso: eles perecerão

---

18 Prita: uma cópia tem Santa, 'tranquilo', 'imperturbado.'

19 Além das camadas ou envelopes separados de substâncias elementares (veja a página 72); ou, de acordo com as noções Vedanta, não envolvido por aquelas envolturas ou capas mais grosseiras, derivadas de alimento e semelhantes, pelas quais o corpo sutil é cercado.

20 Mahavibhuti sansthana. Vibhuti é explicado por Prapancha, sensível, material, ou substância elementar, constituindo corpo.

21 A passagem está expressa um pouco obscuramente, e é interpretada diferentemente; ela é, 'Não de nenhuma causa, nem de causa, nem de causa e nenhuma causa.' O termo 'nenhuma causa' pode, o comentador diz, designar deveres prescritos fixos, o Nityakarma; 'causa' pode significar sacrifícios ocasionais, o Kamya-karma; nenhum desses pode constituir alguma necessidade para a descida de Vishnu, como elas podem de uma mera criatura mortal ser nascida na terra. Ou, é explicado que Karana significa 'obtendo prazer', de Ka e Arana, 'obtendo;' obtendo felicidade, ou a causa disso, piedade, virtude; e com o negativo, Akarana, o contrário, dor, a consequência da maldade. O sentido está bastante claro; ele tenciona apenas declarar que Vishnu não está sujeito à necessidade que é a causa do nascimento humano.

22 É explicado que o termo Pradhana, que é repetido nesta passagem, significa no segundo lugar Puman, 'alma' ou 'espírito.'

23 O mesmo relato da origem de Krishna é dado no Mahabharata, Adi Parva. O cabelo branco é personificado como Balarama; o preto, como Krishna. O comentador em nosso texto declara que isso não é para ser compreendido literalmente: 'Vishnu não pretendia que os dois cabelos viessem a ser encarnados, mas ele queria dizer que, se ele os enviasse, eles seriam mais do que suficientes para destruir Kansa e seus demônios. Ou, o nascimento de Rama e Krishna era uma ilusão dupla, simbolizada pelos dois cabelos.' Isso parece ser um refinamento sobre um relato mais antigo e um tanto indigno da origem de Krishna e seu irmão. O comentador no Mahabharata argumenta que eles devem ser entendidos meramente como os meios pelos quais Devaki e Rohini conceberam.

diante do olhar destruidor de meus olhos. Este meu cabelo (preto) será personificado na oitava concepção da esposa de Vasudeva, Devaki, que é como uma deusa; e matará Kansa que é o demônio Kalanemi." Tendo falado dessa maneira, Hari desapareceu; e os deuses, curvando-se a ele, embora invisível, voltaram para o topo do monte Meru, de onde eles desceram para a terra.

O Muni Narada informou Kansa que o protetor da terra, Vishnu, seria o oitavo filho de Devaki; e sua ira sendo incitada por essa notícia, ele colocou Vasudeva e Devaki em confinamento. De acordo com sua promessa, o primeiro entregou para Kansa cada criança assim que ela nasceu. É dito que essas, ao número de seis, eram os filhos do demônio Hiranyakasipu, que foram introduzidos no útero de Devaki, por ordem de Vishnu, durante as horas do repouso de Devaki, pela deusa Yoganidra[24], a grande energia ilusória de Vishnu, por quem, como ignorância absoluta, o mundo inteiro é iludido. Para ela Vishnu disse, "Vá, Nidra, para as regiões inferiores, e por meu comando conduza sucessivamente seis dos príncipes delas a serem concebidos por Devaki. Quando estes tiverem sido executados por Kansa, a sétima concepção será formada de uma porção de Sesha, que é uma parte de mim; e essa você transferirá, antes da hora do nascimento, para Rohini, outra esposa de Vasudeva, que reside em Gokula. Correrá o rumor que Devaki abortou, por causa da ansiedade da prisão, e medo do Raja dos Bhojas. Por ser extraído do útero de sua mãe, a criança será conhecida pelo nome de Sankarshana, e ele será valoroso e forte, e igual ao cume da montanha branca em tamanho e aparência. Eu mesmo encarnarei na oitava concepção de Devaki; e você imediatamente tomará uma condição semelhante como o embrião prole de Yasoda. Na noite da oitava lunação da metade escura do mês Nabhas, na estação das chuvas, eu nascerei. Você nascerá na nona. Impelido e ajudado por meu poder, Vasudeva me levará para o leito de Yasoda, e você para o de Devaki. Kansa pegará você, e a segurará no alto para arremessá-la contra uma pedra; mas você escapará do alcance dele para o céu, onde o Indra de cem olhos a encontrará e homenageará, por reverência por mim, e se curvará diante de você, e a reconhecerá como a irmã dele. Tendo matado Sumbha, Nisumbha, e numerosos outros demônios[25], você santificará a terra em muitos lugares[26]. Tu és riqueza, progênie, fama, paciência, céu e terra, fortaleza, modéstia, nutrição, aurora, e toda outra (forma ou propriedade) feminina. Aqueles que se dirigem a ti de manhã e à tarde com reverência e louvor, e te chamam de Arya, Durga, Vedagarbha, Ambika, Bhadra, Bhadrakali, Kshemi, ou Kshemankari, receberão de minha generosidade tudo o que eles desejarem. Propiciada com oferendas de vinho e carne e várias iguarias, tu concederás à humanidade todas as suas súplicas. Por meu favor todos os homens sempre terão fé em ti. Assegurada disso, vá, deusa, e cumpra minhas ordens." ◄

---

[24] Yoganidra é o sono de devoção ou abstração, o princípio ativo de ilusão, personificado, e também chamado Maya e Mahamaya [A Grande Ilusão], também Avidya ou ignorância. No Durga Mahatmya do Markandeya Purana ela aparece como Devi ou Durga, a Sakti ou noiva de Shiva; mas em nosso texto como Vaishnavi, ou a Sakti de Vishnu.

[25] Alusão é feita aqui às façanhas de Durga, como celebradas especialmente no Durga Mahatmya; e ela deve ser posterior à data daquela ou alguma composição semelhante. A passagem pode ser uma interpolação, porque o Markandeya Purana em geral tem a aparência de ser uma compilação mais recente que o Vishnu.

[26] Isso se refere aos Pitha sthanas, 'cinquenta e um lugares', onde, de acordo com os Tantras, os membros de Sati caíram, quando espalhados por seu marido Shiva, enquanto ele carregava o corpo morto dela para cá e para lá, e o rasgava em pedaços, depois que ela tinha acabado com sua existência no sacrifício de Daksha. Essa parte da lenda parece ser uma adição à fábula original feita pelos Tantras, porque ela não está nos Puranas (veja a história do sacrifício de Daksha). Ela tem alguma analogia com a fábula egípcia de Isis e Osiris. Nos Pitha sthanas, contudo, de Jwalamukhi, Vindhyavasini, Kalighat, e outros, são erguidos templos para as diferentes formas de Devi ou Sati, não para o emblema fálico de Mahadeva, o qual, se presente, está lá como um acessório e embelezamento, não como um mais importante, e o principal objeto de adoração é uma figura da deusa; uma circunstância na qual há uma diferença essencial entre os templos de Durga e santuários de Osiris.

CAPÍTULO 2

A concepção de Devaki; a aparência dela; ela é louvada pelos deuses.

A cuidadora do universo, Jagaddhatri, assim ordenada pelo deus dos deuses, levou os seis respectivos embriões para o útero de Devaki[1], e transferiu o sétimo depois de um período para aquele de Rohini; depois do que, Hari, para o benefício das três regiões, encarnou-se como a concepção da primeira princesa, e Yoganidra como a de Yasoda, exatamente como o supremo Vishnu tinha ordenado. Quando a porção de Vishnu tinha se incorporado na terra, os corpos planetários se moviam em ordem brilhante nos céus, e as estações eram regulares e agradáveis. Nenhuma pessoa podia suportar olhar para Devaki, por causa da luz que a envolvia; e aqueles que contemplavam seu brilho sentiam suas mentes perturbadas. Os deuses, invisíveis para os mortais, celebravam os louvores dela continuamente desde o momento em que Vishnu estava contido no corpo dela. "Tu", disseram as divindades, "és aquela Prakriti, infinita e sutil, que antigamente carregou Brahma em seu útero. Então tu eras a deusa da fala, a energia do criador do universo, e a mãe dos Vedas. Tu, ser eterno, contendo em tua substância a essência de todas as coisas criadas, eras idêntica à criação; tu eras a mãe do sacrifício triforme, tornando-se o germe de todas as coisas; tu és sacrifício, de onde todo resultado procede; tu és a madeira, cujo atrito gera fogo. Como Aditi, tu és a mãe dos deuses; como Diti, tu és a mãe dos Daityas, os inimigos deles. Tu és luz, de onde o dia é gerado; tu és humildade, a mãe da verdadeira sabedoria; tu és política real, a mãe da ordem; tu és modéstia, o progenitora da afeição; tu és desejo, de quem o amor nasce; tu és contentamento, de onde resignação é derivada; tu és inteligência, a mãe do conhecimento; tu és paciência, a mãe da fortaleza; tu és os céus, e teus filhos são as estrelas; e de ti procede tudo o que existe. Essas, deusa, e milhares mais, são tuas faculdades poderosas; e agora inumeráveis são os conteúdos do teu útero, ó mãe do universo. A terra inteira, enfeitada com oceanos, rios, continentes, cidades, aldeias, vilas, e cidades; todos os fogos, águas, e ventos; as estrelas, asterismos, e planetas; o céu, abarrotado com as carruagens matizadas dos deuses, e éter, que provê espaço para toda substância; as várias esferas da terra, firmamento, e céu; de santos, sábios, ascetas, e de Brahma; o ovo inteiro de Brahma, com toda a sua população de deuses, demônios, espíritos, deuses-cobra, espíritos malignos, demônios, fantasmas, e duendes, homens e animais, e todas as criaturas que têm vida, contidos nele que é seu senhor eterno, e o objeto de toda percepção; cuja forma, natureza, nome, e dimensões reais não estão dentro da compreensão humana - estão agora com aquele Vishnu em ti. Tu és Swaha; tu és Swadha; tu és sabedoria, ambrosia, luz, e céu. Tu desceste na terra para a preservação do mundo. Tenha compaixão por nós, ó deusa, e faça o bem para o mundo. Fique orgulhosa de carregar aquela divindade por quem o universo é mantido." ◄

[1] É mencionado no capítulo precedente que eles foram todos executados, no que o Hari Vansa concorda. O Bhagavata faz Kansa poupá-los, e devolvê-los aos pais deles, porque ele não tinha nada a temer da existência deles.

CAPÍTULO 3

Nascimento de Krishna; levado por Vasudeva para Mathura, e trocado com a filha recém-nascida de Yasoda. Kansa tenta destruir a última, que se torna Yoganidra.

Assim louvada pelos deuses, Devaki carregou em seu útero a divindade de olhos de loto, o protetor do mundo. O sol de Achyuta surgiu na aurora de Devaki para fazer a pétala de loto do universo se expandir. No dia de seu nascimento os quadrantes do horizonte estavam iluminados com alegria, como se o luar estivesse difundido sobre a terra inteira. Os virtuosos sentiram um novo deleite, os ventos fortes foram silenciados, e os rios deslizavam tranquilamente, quando Janarddana estava prestes a nascer. Os mares com seus próprios murmúrios melodiosos fizeram a música, enquanto os espíritos e as ninfas do céu dançaram e cantaram; os deuses, passando pelo céu, despejaram flores na terra, e os fogos sagrados arderam com uma chama moderada e suave. À meia-noite, quando o sustentador de tudo estava a ponto de nascer, as nuvens emitiram sons agradáveis baixos, e derramaram chuvas de flores.

Assim que Anakadundubhi viu a criança, da cor das pétalas do loto, tendo quatro braços, e a marca mística Srivatsa em seu peito, ele se dirigiu a ele com palavras de amor e reverência, e expressou os temores que ele tinha de Kansa. "Tu nasceste", disse Vasudeva, "ó soberano deus dos deuses, portador da concha, do disco, e da maça; mas agora em clemência retraia essa tua forma celestial, porque Kansa seguramente me matará quando ele souber que tu desceste em minha residência." Devaki também exclamou, "Deus dos deuses, que és todas as coisas, que conténs todas as regiões do mundo em teu corpo, e que por tua ilusão assumiste a condição de uma criança, tenha compaixão por nós, e abandone essa tua forma de quatro braços, nem deixe Kansa, o filho ímpio de Diti, saber da tua descida."

A esses pedidos Bhagavat respondeu e disse, "Princesa, antigamente eu fui rogado e adorado por ti na esperança de progênie: teus rogos foram concedidos, porque eu nasci teu filho." Dizendo isso, ele ficou calado. E Vasudeva, levando o bebê, saiu naquela mesma noite; pois os guardas estavam todos enfeitiçados por Yoganidra, como estavam os guardas nos portões de Mathura, e eles não obstruíram a passagem de Anakadundubhi. Para proteger o menino da chuva pesada que caía das nuvens da noite, Sesha, a serpente de muitas cabeças, seguiu Vasudeva, e espalhou seus capelos sobre as cabeças deles; e quando o príncipe, com a criança em seus braços, cruzou o rio Yamuna, fundo como ele era, e perigoso com numerosos redemoinhos, as águas foram acalmadas, e não se ergueram acima do joelho dele. Na margem ele viu Nanda e o resto, que tinham ido lá para levar impostos devidos a Kansa; mas eles não o viram[1]. Ao mesmo tempo Yasoda também estava sob a influência de Yoganidra, a quem ela tinha dado à luz como sua filha, e a quem o prudente Vasudeva pegou, colocando o filho dele no lugar dela ao lado da mãe. Ele então voltou para casa rapidamente. Quando Yasoda despertou, ela achou que tinha dado à luz um menino, tão preto quanto as folhas escuras do loto, e ela se regozijou muito.

Vasudeva, carregando a menina de Yasoda, alcançou sua mansão despercebido, e entrou e colocou a criança na cama de Devaki. Ele permaneceu então como sempre. Os guardas foram acordados pelo grito do bebê recém-nascido, e, levantando-se, eles mandaram avisar Kansa que Devaki tinha dado à luz uma criança.

---

[1] O Bhagavata, de forma mais coerente, faz Vasudeva encontrar Nanda e o resto profundamente adormecidos em suas casas, e subsequentemente os descreve trazendo tributo ou imposto (kara) para Kansa.

Kansa foi imediatamente à residência de Vasudeva onde ele agarrou a menina. Em vão Devaki pediu a ele convulsivamente para deixar a criança. Ele a jogou desapiedadamente contra uma pedra; mas ela se ergueu ao céu, e se expandiu em uma figura gigantesca, tendo oito braços, cada um brandindo alguma arma formidável. Aquele ser impressionante deu risada alta, e disse a Kansa, "De que te adianta, Kansa, ter me lançado ao chão? Nasceu aquele que te matará, o poderoso entre os deuses, que foi antigamente teu destruidor. Agora segure-o depressa, e tome providências para o teu próprio bem-estar." Tendo falado assim, a deusa, enfeitada com perfumes e guirlandas divinos, e louvada pelos espíritos do ar, desapareceu diante dos olhos de raja Bhoja[2]. ◄

[2] Chefe da tribo de Bhoja, um ramo dos Yadavas. Veja a página 329.

CAPÍTULO 4

Kansa se dirige aos seus amigos, anuncia seu perigo, e ordena que crianças masculinas sejam executadas.

Kansa, com mente muito perturbada, chamou todos os seus principais Asuras, Pralamba, Kesin, e o resto, e disse a eles, "Ó chefes valorosos, Pralamba, [Mahabahu], Kesin, Dhenuka, Putana, Arishta, e todo o resto de vocês, ouçam minhas palavras. Os habitantes vis e desprezíveis do céu estão conspirando assiduamente contra minha vida, porque eles temem minha bravura. Mas, heróis, eu considero a eles de nenhuma importância. O que pode fazer o impotente Indra, ou o asceta Hara? Ou o que Hari pode realizar, exceto o assassinato dos inimigos dele através de fraude? O nós temos a temer dos Adityas, dos Vasus, dos Agnis, ou quaisquer outros dos imortais, que têm sido todos derrotados por meus braços irresistíveis? Eu não vi o rei dos deuses, quando ele tinha se arriscado no conflito, se retirar rapidamente do campo, recebendo minhas flechas em suas costas, não corajosamente em seu peito? Quando em ressentimento ele reteve as chuvas fertilizantes de meu reino, minhas setas não compeliram as nuvens a se desfazerem de suas águas, tantas quantas eram necessárias? Todos os monarcas da terra não estão apavorados pela minha destreza, e sujeitos às minhas ordens, exceto apenas Jarasandha meu pai[1]? Agora, chefes da raça Daitya, é minha determinação infligir degradação ainda mais profunda naqueles deuses maliciosos e sem princípios. Que portanto todo homem que é notório por generosidade (em presentes para deuses e brâmanes), todo homem que é notável por sua celebração de sacrifícios, seja executado, de modo que assim os deuses serão privados dos meios pelos quais eles subsistem. A deusa, que nasceu como a filha de Devaki, anunciou para mim que está vivo novamente aquele que em uma existência anterior foi minha morte. Que uma busca ativa então seja feita por quaisquer crianças jovens que possam existir sobre a terra, e que todo menino em quem haja sinais de vigor incomum seja morto sem remorso."

Tendo emitido esses comandos, Kansa retirou-se para seu palácio, e libertou Vasudeva e Devaki de seu cativeiro. "Foi em vão", ele disse a eles, "que eu matei todos os seus filhos, já que afinal aquele que está destinado a me matar escapou. É inútil lamentar o passado. Os filhos que vocês possam ter daqui por diante poderão desfrutar da vida até seu fim natural; ninguém a abreviará." Tendo os conciliado dessa maneira, Kansa, alarmado por si mesmo, retirou-se para os apartamentos internos de seu palácio. ◄

---

[1] Jarasandha, príncipe de Magadha, era o sogro de Kansa. [Guru, no original. O comentador diz que Jarasandha era seu 'superior' por ser seu sogro.]

CAPÍTULO 5

Nanda volta com os meninos Krishna e Balarama para Gokula. Putana morta pelo primeiro. Preces de Nanda e Yasoda.

Quando Vasudeva foi posto em liberdade, ele foi para o vagão de Nanda[1], e encontrou Nanda lá se regozijando que um filho tinha nascido para ele. Vasudeva falou com ele amavelmente, e o felicitou por ter um filho em sua velhice. "O tributo anual", ele somou, "foi pago ao rei, e homens de posses não devem permanecer perto da corte, quando o negócio que os levou lá foi efetuado. Por que você demora, agora que seus negócios estão resolvidos? De pé, Nanda, depressa, e parta para seus próprios pastos; e que este menino, o filho que Rohini teve para mim, o acompanhe, e seja criado por você como este seu próprio filho." Consequentemente Nanda e os outros vaqueiros, seus bens sendo colocados em seus carros, e seus impostos tendo sido pagos ao rei, voltaram para sua aldeia.

Algum tempo depois que eles estavam estabelecidos em Gokula, o demônio fêmea Putana, a assassina de crianças, chegou lá à noite, e encontrando o pequeno Krishna adormecido, o pegou, e lhe deu seu peito para chupar[2]. Ora, qualquer criança que seja amamentada à noite por Putana morre imediatamente; mas Krishna, segurando o peito com ambas as mãos, o chupou com tal violência, que ele o drenou da vida; e a horrível Putana [pois, na hora da morte, ela assumiu sua própria forma], rugindo alto, e cedendo em toda junta, caiu no chão morrendo. Os habitantes de Vraja despertaram em alarme pelos gritos do demônio, correram para o local, e viram Putana jazendo no solo, e Krishna nos braços dela. Yasoda, pegando Krishna, abanou sobre ele uma escova de rabo de vaca para protegê-lo do mal, enquanto Nanda colocou esterco de vaca seca em pó sobre a cabeça dele; ele também lhe deu um amuleto[3], dizendo ao mesmo tempo, "Que Hari, o senhor de todos os seres incondicionalmente, te proteja; ele do loto de cujo umbigo o mundo foi desenvolvido, e na ponta de cujas presas o globo foi erguido das águas. Que aquele Kesava, que assumiu a forma de um javali, te proteja. Que aquele Kesava que, como o homem-leão, rasgou com suas unhas afiadas o peito de seu inimigo, sempre te proteja. Que aquele Kesava que, aparecendo primeiro como o anão, atravessou de repente em todo o seu poder, com três passos, as três regiões do universo, te defenda constantemente. Que Govinda guarde tua cabeça; Kesava teu pescoço; Vishnu tua barriga; Janarddana tuas pernas e pés; o eterno e irresistível Narayana teu rosto, teus braços, tua mente, e faculdades de percepção. Que todos os fantasmas, duendes, e espíritos malignos e hostis sempre fujam de ti, intimidados pelo arco, o disco, maça, e espada de Vishnu, e o eco da concha dele. Que Vaikuntha te proteja nos pontos cardeais; e, nos intermediários, Madhusudana. Que Rishikesa te defenda no céu, e Mahidhara na terra." Tendo pronunciado essa oração para evitar todo o mal, Nanda

---

1 Isso é literalmente 'foi para o carro' ou 'vagão;' como se Nanda e sua família morassem em tal veículo, como é dito que os citas faziam. O comentador explica Sakata como 'o lugar de soltar ou desarrear o vagão.' No Bhagavata, Vasudeva não deixa Mathura, mas vai para o ponto de parada de Nanda, que chegou àquela cidade para pagar seus impostos: explicado pelo comentário.

2 No Hari Vansa esse demônio fêmea é descrito como chegando na forma de uma ave.

3 O Raksha, o preservador, ou protetor contra feitiços, é um pedaço de linha ou seda, ou algum material mais caro, amarrado em volta do pulso ou braço, com uma oração apropriada como aquela no texto. Além de sua aplicação para crianças, para evitar os efeitos de mau-olhados, ou para protegê-las contra Dains ou bruxas, há um dia no ano, o Rakhi Purnima, ou lua cheia no mês de Sravan (julho--agosto), quando ele é amarrado nos pulsos de adultos por brâmanes amigáveis ou aparentados, com uma oração ou bênção curta. O Rakhi também é enviado às vezes por pessoas de distinção, e especialmente por mulheres, para membros de uma família diferente, ou até mesmo povo e nação, para sugerir um tipo de reconhecimento fraterno. O Rajastão de Tod, I. pág. 312.

pôs a criança para dormir na cama dele debaixo do vagão. Vendo a carcaça vasta de Putana, os vaqueiros ficaram cheios de perplexidade e terror. ◄

CAPÍTULO 6

Krisna vira um carroção; derruba duas árvores. Os Gopas partem para Vrindavana. Divertimentos dos meninos. Descrição da estação das chuvas.

Em uma ocasião, enquanto Madhusudana estava dormindo debaixo do vagão, ele chorou pelo peito, e chutando para o alto ele virou o veículo, e todos os potes e panelas foram desordenados e quebrados. Os vaqueiros e suas esposas, ouvindo o barulho, se aproximaram exclamando, "Ah! ah!" e lá eles acharam a criança dormindo deitada de costas. "Quem poderia ter tombado o vagão?" disseram os vaqueiros. "Esta criança", responderam alguns meninos, que testemunharam a circunstância; "nós o vimos", disseram eles, "chorando, e chutando o vagão com seus pés, e assim ele foi virado. Ninguém mais teve qualquer coisa a ver com isso." Os vaqueiros ficaram muito surpresos por conta disso; e Nanda, não sabendo o que pensar, pegou o menino; enquanto Yasoda ofereceu culto aos pedaços quebrados de panelas e ao vagão, com coalhos, flores, frutas, e grãos não triturados.

Os ritos iniciatórios necessários para os dois meninos foram realizados por Garga, que foi enviado a Gokula por Vasudeva para aquele propósito. Ele os celebrou sem o conhecimento dos vaqueiros[1]; e o sábio erudito, eminente entre os sábios, chamou o mais velho deles de Rama, e o outro de Krishna. Em pouco tempo eles começaram a rastejar sobre o chão, se apoiando em suas mãos e joelhos, e engatinhando em toda parte, frequentemente entre cinzas e sujeira. Nem Rohini nem Yasoda podiam impedi-los de entrar nos currais de vacas, ou entre os bezerros, onde eles se divertiram puxando os rabos deles. Como eles desconsideravam as proibições de Yasoda, e perambulavam juntos constantemente por todos os lados, ela ficou zangada, e levando uma vara, os seguiu, e ameaçou Krishna de cor escura com uma surra. Prendendo uma corda em volta da cintura dele, ela o amarrou ao almofariz de madeira[2], e estando muito enraivecida, ela disse a ele, "Agora, seu menino desobediente, escape daí se você puder." Ela então iniciou seus afazeres domésticos. Assim que ela tinha partido, Krishna de olhos de loto, se esforçando para se libertar, puxou o almofariz atrás dele para o espaço entre duas árvores Arjuna que cresciam próximas uma da outra. Tendo arrastado o almofariz entre essas árvores, este ficou preso obliquamente lá, e quando Krishna o puxou, ele derrubou os troncos das árvores. Ouvindo o barulho estalante, o povo de Vraja foi ver o que havia, e lá eles viram as duas árvores grandes, com troncos partidos e ramos quebrados, prostradas no solo, com a criança presa entre eles, com uma corda em volta de sua barriga, dando risada, e mostrando seus pequenos dentes brancos, recentemente crescidos. É por isso que Krishna é chamado de Damodara, por causa da amarração da corda (dama) em volta da barriga (udara) dele[3]. Os mais velhos dos vaqueiros, com Nanda em sua chefia, consideraram essas circunstâncias com temor, julgando-as como de mau presságio. "Nós não podemos permanecer neste lugar", disseram eles; "vamos para alguma outra parte da floresta; pois aqui muitos maus sinais nos ameaçam com

---

[1] O Bhagavata descreve a entrevista de Garga com Nanda, e os induzimentos do último para manter a celebração do primeiro dos Sanskaras, ou ritos iniciatórios dos dois meninos, oculto dos Gopas. Garga se descreve lá como o Purohita, ou sacerdote familiar, dos Yadavas.

[2] O Ulukhala, ou almofariz, é um grande vaso de madeira sobre um sólido estrado de madeira, ambos cortados de um pedaço; o pilão também é de madeira; e eles são usados principalmente para moer ou debulhar grãos não escolhidos, e separar o debulho do grão. Como agentes importantes na economia doméstica, eles são considerados como sagrados, e até cantados nos Vedas.

[3] Nosso texto, e aquele do Hari Vansa, não tomam conhecimento da lenda de Nalakuvera e Manigriva, filhos de Kuvera que, de acordo com o Bhagavata, tinham sido metamorfoseados, por uma maldição de Narada, nessas duas árvores, e para a libertação dos quais este feito de Krishna era planejado.

destruição; a morte de Putana, a virada do vagão, e a queda das árvores sem elas serem derrubadas pelo vento. Vamos partir daqui sem demora, e vamos para Vrindavana, onde prodígios terrestres não possam mais nos perturbar."

Tendo decidido assim, os habitantes de Vraja comunicaram sua intenção para suas famílias, e desejaram que elas se mudassem sem demora. Consequentemente eles partiram com seus carros e seu gado, conduzindo diante deles seus touros e vacas e bezerros; os fragmentos de suas provisões domésticas eles jogaram fora, e em um instante Vraja estava coberta com bandos de corvos. Vrindavana foi escolhida por Krishna, a quem atos não afetam, para fornecer a nutrição do gado; pois lá na estação mais quente a grama nova cresce tão verdejantemente quanto nas chuvas. Tendo se dirigido, então, de Vraja para Vrindavana, os habitantes da primeira alinharam seus vagões na forma de um crescente[4].

Conforme os dois meninos, Rama e Damodara, cresciam, eles estavam sempre juntos no mesmo lugar, e envolvidos nos mesmos divertimentos juvenis. Eles faziam para si mesmos cristas das plumas dos pavões, e guirlandas de flores da floresta, e instrumentos musicais de folhas e juncos, ou tocavam os tubos usados pelos vaqueiros. O cabelo deles foi aparado como as asas do corvo[5], e eles se assemelhavam a dois príncipes jovens, porções da divindade da guerra. Eles eram robustos, e eles vagavam por todos os lados, sempre rindo e brincando, às vezes um com o outro, às vezes com outros meninos; guiando, junto com os vaqueiros jovens, os bezerros para o pasto. Assim os dois guardiões do mundo eram os guardiões do gado, até que eles tinham atingido sete anos de idade, nos currais de Vrindavan.

Então começou a estação das chuvas, quando a atmosfera lidava com nuvens acumuladas, e os quadrantes do horizonte eram misturados em um pelas chuvas fortes. A terra, luxuriante com grama recém crescida, e coberta com Indragopas, insetos de cor vermelho-vivo, então tornou-se esmeralda e, por assim dizer, adornada com rubis. As águas dos rios subiram, e alagaram suas margens, e se espalharam além de todos os limites, como as mentes dos fracos e maus levadas além de restrição por prosperidade súbita. O brilho puro da lua foi escurecido por vapores pesados, como as lições de escritura sagrada são obscurecidos pelas zombarias arrogantes de tolos (e incrédulos). O arco de Indra manteve seu lugar nos céus todo não encordoado, como um homem indigno elevado, por um príncipe imprudente, à honra. A linha branca de cegonhas aparecia sobre o preto das nuvens, em tal contraste como a conduta luminosa de um homem de respeitabilidade se opõe ao comportamento de um salafrário. O raio sempre-oscilante, em sua nova aliança com o céu, era como a amizade de um libertino por um homem de valor. Cobertos pelas gramíneas espalhadas, os caminhos eram traçados indistintamente, como a fala do ignorante, que não carrega nenhum significado positivo.

Nessa época Krishna e Rama, acompanhados pelos vaqueiros, atravessavam as florestas, que ecoaravam com o zumbido de abelhas e o grito dos pavões. Às vezes eles cantavam em coro, ou dançavam juntos; às vezes eles buscavam abrigo do frio embaixo das árvores; às vezes eles se enfeitavam com guirlandas floridas, às vezes com penas de pavões; às vezes eles se manchavam de várias cores com os minerais da montanha; às vezes cansados eles repousavam em camas de folhas, e às vezes imitavam, em hilaridade, o murmúrio da nuvem de chuva; às vezes eles

---

[4] O Hari Vansa, não satisfeito com os prodígios que tinham alarmado os vaqueiros, soma outro, não encontrado, acredita-se, em qualquer outra parte. A emigração, de acordo com aquela obra, se origina, não com os Gopas, mas com os dois meninos, que desejam ir para Vrindavana, e para obrigar a remoção, Krishna converte os pêlos de seu corpo em centenas de lobos, que atormentam e alarmam tanto os habitantes de Vraja que eles decidem abandonar suas casas.

[5] O Kaka-paksha, ou asa de corvo, significa o cabelo deixado em cada lado da cabeça, o topo sendo raspado.

estimulavam seus jovens amigos a cantar, e às vezes eles imitavam o grito do pavão com seus tubos. Dessa maneira, tomando parte em vários sentimentos e emoções, e ligados afetuosamente uns aos outros, eles vagaram, brincando e felizes, pela floresta. Ao anoitecer Krishna e Balarama chegavam, como dois vaqueiros, junto com as vacas e os vaqueiros. Ao anoitecer os dois imortais, tendo chegado aos currais, participavam, animadamente, de quaisquer esportes que divertissem os filhos dos pastores. ◄

CAPÍTULO 7

Krishna combate a serpente Kaliya; o temor de seus pais e companheiros; ele domina a serpente, e é propiciado por ele; manda-o partir do rio Yamuna para o oceano.

Um dia Krishna, desacompanhado por Rama, foi para Vrindavan. Ele estava acompanhado por uma tropa de vaqueiros, e enfeitado elegantemente com flores selvagens. Em seu caminho ele chegou ao Yamuna, que estava fluindo em ondulações alegres, e brilhando com espuma, como se com sorrisos, conforme as ondas colidiam contra as bordas. Dentro de seu leito, porém, encontrava-se o temível tanque da serpente Kaliya, fervendo com os fogos de veneno[1]; por causa dos vapores do qual, árvores grandes na margem eram secadas, e por cujas águas, quando elevadas por um vento forte no ar, pássaros eram chamuscados. Vendo esse lago terrível, que era como outra boca da morte, Madhusudana refletiu que o mau e venenoso Kaliya, que tinha sido derrotado por ele (na pessoa de Garuda), e tinha sido obrigado a fugir do oceano (onde ele tinha habitado a ilha Ramanaka), devia estar espreitando em seu fundo, e poluindo o Yamuna, a consorte do mar, de forma que nem homens nem gado podiam matar sua sede por meio das águas dela. Tal sendo o caso, ele decidiu desalojar o Naga, e permitir que os moradores de Vraja frequentassem os arredores sem medo; pois ele considerava que era o propósito especial de sua descida na terra reduzir à sujeição todos os tais violadores de lei. "Aqui", ele pensou, "há uma árvore Kadamba, que está suficientemente próxima; eu posso subir nela, e dali pular na piscina da serpente." Tendo decidido assim, ele amarrou suas roupas firmemente em volta de si, e pulou corajosamente dentro do lago do rei-serpente. As águas, agitadas por seu mergulho entre elas, foram espalhadas a uma distância considerável da margem, e o borrifo caindo sobre as árvores, elas foram incendiadas imediatamente pelo calor do vapor venenoso combinado com a água; e o horizonte inteiro estava em chamas. Krishna, tendo mergulhado na piscina, golpeou seus braços em desafio[2], e o rei-cobra, ouvindo o som, veio para fora. Os olhos dele eram vermelhos acobreados, e seus capelos estavam flamejando com veneno mortal. Ele estava acompanhado por muitas outras cobras poderosas e venenosas, comedoras no ar, e por centenas de ninfas-serpentes, enfeitadas com jóias valiosas, cujos brincos brilhavam com radiância trêmula conforme aquelas que os usavam se moviam. Enrolando-se ao redor de Krishna, todas elas o morderam com dentes dos quais veneno ígneo era emitido. Os companheiros de Krishna, vendo-o no lago, cercado pelas cobras se entrelaçando em volta dele, correram até Vraja, lamentando e chorando o destino dele em voz alta. "Krishna", eles gritaram, "mergulhou tolamente no tanque da serpente, e está lá sendo mordido até a morte pelo rei-cobra! Venham e vejam." Os vaqueiros e suas esposas e Yasoda, ouvindo essas notícias, que eram como um raio, correram imediatamente à piscina, amedrontados fora de seus juízos, e gritando, "Ai! ai! onde ele está?" As Gopis foram atrasadas por Yasoda, que em sua agitação tropeçava e escorregava a cada passo; mas Nanda e os vaqueiros e o invencível Rama se apressaram para as margens do Yamuna, ansiosos para ajudar Krishna. Lá eles o viram aparentemente no poder do rei-serpente, cercado por cobras enroscadas, e não fazendo esforço para escapar. Nanda, assim que ele colocou seus olhos em seu filho, ficou inconsciente; e Yasoda também, quando ela o viu, perdeu toda a consciência. As Gopis, tomadas pela tristeza, choraram, e chamaram Kesava

[1] O comentador diz que isso significa nada além de que as águas da piscina eram quentes. Eu não sei se foram achadas fontes termais no leito ou nas margens do Jumna. O poço quente de Sita-kund, perto de Mongir, não é longe do Ganges.

[2] Bater na parte superior de um braço com a mão do outro é um ato comum de desafio entre desportistas indianos.

afetuosamente, e com soluços convulsivos. "Vamos todas nós", disseram elas, "mergulhar com Yasoda no tanque terrível do rei-serpente. Nós não podemos voltar a Vraja; pois o que é o dia, sem o sol? O que é a noite, sem a lua? O que é um rebanho de novilhas, sem seu senhor? O que é Vraja, sem Krishna? Privadas dele, nós não iremos mais para Gokula. A floresta perderá seus encantos; ela será como um lago sem água. Quando este Hari da cor da folha de lotos escuro não está presente, não há alegria na residência materna. Quão estranho é isso! E quanto a vocês, vaqueiros, como, pobres seres, vocês viverão entre os pastos, quando vocês não virem mais os brilhantes olhos de lotos de Hari? Nossos corações têm sido atraídos pela música da voz dele. Nós não iremos sem Pundarikaksha para os currais de Nanda. Mesmo agora, embora retido nas espirais do rei-serpente, vejam, amigos, como o rosto dele se ilumina com sorrisos enquanto nós o contemplamos."

Quando o filho poderoso de Rohini, Balarama, ouviu essas exclamações das Gopis, e com relance desdenhoso viu os vaqueiros tomados pelo terror, Nanda olhando fixamente para o semblante de seu filho, e Yasoda inconsciente, ele falou para Krishna em seu próprio caráter: "O que é isso, ó deus dos deuses? A qualidade de mortal está assumida suficientemente; tu não sabes que tu mesmo és eterno? Tu és o centro da criação, como o cubo é dos raios de uma roda. Uma porção de ti, eu, também, nasci, como teu (irmão) mais velho. Os deuses, para participarem dos teus passatempos como homem, desceram todos sob um disfarce semelhante; e as deusas desceram a Gokula para se unirem em teus divertimentos. Tu, eterno, apareceste por último na terra. Por que, Krishna, tu desconsideras essas divindades que, como vaqueiros, são teus amigos e família? essas mulheres entristecidas, que também são tuas parentes? Tu assumiste a personalidade de homem; tu exibiste os truques de infância. Agora que essa cobra feroz, embora armada com presas venenosas, seja subjugada (por tua energia divina)."

Assim lembrado de seu real caráter por Rama, Krishna sorriu levemente, e se desembaraçou rapidamente das espirais das cobras. Segurando o capelo do meio do chefe delas com ambas as mãos, ele o dobrou para baixo, e colocou seu pé sobre a cabeça até agora não curvada, e dançou sobre ela em triunfo. Onde quer que a cobra tentasse erguer sua cabeça, ela era novamente pisada, e muitas contusões foram infligidas no capelo pela pressão dos dedos do pé de Krishna. Pisoteada pelos pés de Krishna, conforme eles mudavam posição na dança, a cobra desfaleceu, e vomitou muito sangue[3]. Vendo a cabeça e pescoço de seu senhor assim feridos, e o sangue fluindo de sua boca, as fêmeas do rei-cobra imploraram a clemência de Madhusudana. "Tu és reconhecido, ó deus dos deuses!" elas exclamaram; "Tu és o soberano de tudo; tu és luz suprema, inescrutável; tu és o senhor poderoso, a porção daquela luz suprema. Os próprios deuses são incapazes de te louvar suficientemente, o senhor auto-existente: como então mulheres proclamarão tua natureza? Como nós proclamaremos completamente ele de quem o ovo de Brahma, composto de terra, céu, água, fogo, e ar, é apenas uma porção pequena de uma parte? Sábios santos têm em vão buscado conhecer tua essência eterna. Nós nos curvamos àquela forma que é o mais sutil dos átomos, o maior dos maiores; a ele cujo nascimento é sem um criador, cujo fim não conhece destruidor, e que sozinho é a causa da duração. Não há ira em ti; pois tua é a proteção do mundo; e consequentemente este castigo de Kaliya. Contudo nos ouça. Mulheres devem ser consideradas com piedade pelos virtuosos, animais são tratados humanitariamente até mesmo por tolos. Que portanto o autor da sabedoria tenha compaixão por esta pobre criatura. Tu mesmo, como um ovíparo, cobra de capelo, és o sustentador do mundo. Oprimido por ti, ele perecerá rapidamente. O que é esta serpente fraca, comparada a ti em quem o universo

[3] As expressões são कृष्णस्य रेचकैः e दण्डपातनिपातिन।. E é dito que Rechaka e Dandapata são diferentes disposições dos pés na dança; variações do bhrama ou pirueta; a última é desembaraço ou descida. Isso também é lido Dandapada-nipata, ‘a queda dos pés, como aquela de uma clava.’

repousa? Amizade e inimizade são sentidas por iguais e superiores, não por aqueles infinitamente abaixo de nós. Então, soberano do mundo, tenha piedade de nós. Esta cobra infeliz está prestes a expirar; nos dê, como um presente de caridade, nosso marido."

Quando elas tinham falado dessa maneira, o próprio Naga, quase exânime, repetiu debilmente os pedidos delas por clemência. "Perdoe-me", ele murmurou, "ó deus dos deuses! Como eu me dirigirei a ti, que és possuidor, por tua própria força e essência, das oito grandes faculdades, em energia inigualável? Tu és o supremo, o progenitor do supremo (Brahma). Tu és o espírito supremo, e de ti o supremo procede. Tu estás além de todos os objetos finitos; como eu posso exprimir teu louvor? Como eu posso declarar a grandeza dele, de quem vêm Brahma, Rudra, Chandra, Indra, os Maruts, os Aswins, os Vasus, e Adityas; de quem o mundo inteiro é uma porção infinitamente pequena, uma porção destinada a representar a essência dele; e cuja natureza, original ou derivada, Brahma e os imortais não compreendem? Como eu posso me aproximar dele, a quem os deuses oferecem incenso e flores selecionadas dos bosques de Nandana; cujas formas encarnadas o rei das divindades sempre adora, inconsciente da real pessoa dele; a quem os sábios, que afastaram seus sentidos de todos os objetos externos, adoram em pensamento, e entesourando a imagem dele nos propósitos de seus corações, oferecem a ela as flores da santidade[4]? Eu sou totalmente incapaz, ó deus dos deuses, de te adorar ou de cantar teu louvor. Somente tua própria clemência deve influenciar tua mente a me mostrar compaixão. É a natureza das cobras serem selvagens, e eu nasci da espécie delas. Por isso essa é minha natureza, não meu pecado. O mundo é criado, como ele é destruído, por ti; e as espécies, forma, e natureza de todas as coisas no mundo são teu trabalho. Assim mesmo como tu me criaste em espécie, em forma, e em natureza, tal eu sou, e tais são minhas ações. Se eu agisse diferentemente, então de fato eu mereceria tua punição, pois assim tu declaraste[5]. Contudo que eu tenha sido castigado por ti é realmente uma bênção; pois castigo de ti apenas é um favor. Veja, eu estou agora sem força, sem veneno; privado de ambos por ti. Poupe minha vida; eu peço nada mais. Ordene-me o que eu devo fazer."

Sendo endereçado dessa forma por Kaliya, Krishna respondeu, "Você não deve permanecer aqui, nem em qualquer lugar na corrente do Yamuna; parta imediatamente, com sua família e seguidores, para o mar; onde Garuda, o inimigo da raça serpente, não o prejudicará, quando ele vir as impressões de meus pés em sua fronte." Assim dizendo, Hari libertou o rei-cobra, que, curvando-se com reverência ao seu vencedor, partiu para o oceano; abandonando, à vista de todos, o lago que ele tinha frequentado, acompanhado por todas as suas fêmeas, filhos, e dependentes. Quando a cobra tinha partido, os Gopas saudaram Govinda, como alguém ressuscitado dos mortos, e o abraçaram, e banharam a testa dele com lágrimas de alegria. Outros, contemplando a água do rio, agora livre do perigo, estavam cheios de admiração, e cantaram o louvor de Krishna, que é não afetado por obras. Assim, eminente por seus feitos gloriosos, e elogiado pelos Gopas e Gopis, Krishna voltou a Vraja. ◄

4 Bhava-pushpas. É dito que há oito dessas flores: clemência, autodomínio, ternura, paciência, resignação, devoção, meditação, e veracidade.

5 Nos Vedas e nos institutos de lei; onde é ordenado que cada um deve cumprir os deveres de sua casta e condição, e qualquer desvio deles merece punição; como os textos: 'Ao seguir observâncias proibidas, uma pessoa é castigável' e 'Quem faz atos inadequados à sua disposição natural, incorre em culpa.'

CAPÍTULO 8

O demônio Dhenuka destruído por Rama.

Novamente, tomando conta dos rebanhos, Kesava e Rama vagavam pelas florestas, e em uma ocasião chegaram a um bosque agradável de palmeiras, onde morava o feroz demônio Dhenuka, alimentando-se de carne de cervo*. Vendo as árvores cobertas de frutos, e desejosos de colhê-los, os vaqueiros chamaram os irmãos, e disseram, "Veja, Rama; veja, Krishna; neste arvoredo, pertencente ao grande Dhenuka, as árvores estão carregadas com frutas maduras, o cheiro das quais perfuma o ar. Nós gostaríamos de comer algumas. Você derrubarão algumas?" Assim que os meninos tinham falado, Sankarshana e Krishna sacudiram as árvores, e derrubaram a fruta no chão. Ouvindo o barulho da fruta caindo, o feroz e maligno demônio Dhenuka, na forma de um asno, apressou-se para o local em grande cólera, e começou a chutar Rama no peito com suas patas traseiras. Rama, no entanto, o agarrou por ambas as pernas traseiras, e girando-o em volta até que ele expirou, lançou a carcaça dele no topo de uma palmeira, dos ramos da qual ela derrubou abundância de frutas, como gotas de chuva despejadas na terra pelo vento**. Os animais que eram da família de Dhenuka vieram correndo para ajudá-lo; mas Krishna e Rama os trataram da mesma maneira, até que as árvores estavam carregadas com asnos mortos, e o chão estava coberto com frutos maduros. Dali em diante o gado pastou livre no bosque de palmeiras, e colheu a nova pastagem, onde eles nunca tinham se aventurado antes[1]. ◄

* A leitura aceita pelo comentador permite 'carne de homens e vacas'.

** Em outra parte é dito que Krishna matou Dhenuka. Veja, por exemplo: O Mahabharata, Udyoga Parva, cap. 130, pág. 236.

[1] Essa façanha é narrada no Bhagavata, Hari Vansa, e outros Puranas Vaishnava, de modo muito semelhante, mas não sempre no mesmo lugar. Ele mais comumente precede a lenda da derrota de Kaliya.

CAPÍTULO 9

Passatempos dos meninos na floresta. Pralamba o Asura chega entre eles; é destruído por Rama, ao comando de Krishna.

Quando o demônio na forma de um asno, e toda a sua tribo, tinham sido destruídos, o bosque de palmeiras tornou-se o recanto predileto dos Gopas e suas esposas, e os filhos de Vasudeva, muito contentes, se dirigiam à figueira Bhandira. Eles continuaram vagando por toda parte, gritando e cantando, e colhendo frutas e flores das árvores; ora guiando as vacas à distância para pastar; ora as chamando pelos nomes delas; ora carregando as cordas para as patas das vacas sobre seus ombros; ora se ornamentando com guirlandas de flores da floresta, eles pareciam dois touros jovens quando os chifres aparecem pela primeira vez. Vestidos um de amarelo, e o outro em roupas pretas, eles pareciam duas nuvens, uma branca, e uma preta, sobrepujadas pelo arco de Indra. Divertindo-se mutuamente com brincadeiras benéficas para o mundo, eles vagavam como dois monarcas acima de todos os soberanos da terra reunidos. Assumindo deveres humanos, e mantendo o caráter humano, eles vagueavam pelas matas, distraindo-se com esportes adequados à sua espécie e condição mortais, balançando nos ramos de árvores, ou lutando com os punhos e combatendo e lançando pedras.

Tendo observado os dois rapazes brincando dessa maneira por perto, o Asura Pralamba, procurando devorá-los, entrou entre os meninos vaqueiros na forma de um deles, e se misturou, sem ser suspeitado, nos passatempos deles; porque ele pensou que, assim disfarçado, não seria difícil de achar uma oportunidade para matar, primeiro Krishna, e depois o filho de Rohini. Os meninos começaram jogando o jogo de saltar como cervo, dois e dois juntos[1]. Govinda foi emparelhado com Sridaman [um amigo de Krishna], e Balarama com Pralamba, os outros meninos foram juntados uns com os outros, e foram saltar. Govinda derrotou seu companheiro, e Balarama o dele; e os meninos que estavam no lado de Krishna também foram vitoriosos. Carregando uns aos outros, eles alcançaram a figueira Bhandira; e de lá aqueles que foram os vencedores foram carregados de volta ao ponto de partida por aqueles que foram derrotados. Sendo o dever de Pralamba levar Sankarshana, o último subiu nos ombros dele, como a lua montando sobre uma nuvem escura; e o demônio correu com ele, mas não parou. Encontrando-se, porém, incapaz de aguentar o peso de Balarama, ele aumentou seu tamanho, e parecia com uma nuvem negra na estação chuvosa. Balarama, vendo-o semelhante a uma montanha chamuscada, sua cabeça coroada com um diadema, e seu pescoço rodeado com guirlandas, tendo olhos tão grandes quanto rodas de carro, uma forma temível, e fazendo a terra tremer com seu passo, gritou, enquanto ele era carregado para longe, para seu irmão, "Krishna, Krishna, eu estou sendo levado por algum demônio, disfarçado como um vaqueiro, e enorme como uma montanha! O que devo fazer? Diga-me, Madhusudana. O patife corre com velocidade!" Krishna abriu sua boca, sorrindo, porque ele conhecia bem o poder do filho de Rohini, e respondeu, "Por que esse pretexto sutil de natureza meramente mortal, tu que és a alma de todas as mais sutis das coisas sutis? Lembre-se de si mesmo, a causa fundamental do mundo inteiro; nascido antes de toda causa, e tudo o que resta quando o mundo é destruído. Tu não sabes que você e eu somos igualmente a origem do mundo, que viemos para aliviar sua carga? Os céus são tua cabeça; as águas são teu corpo; a terra é teus pés; tua boca é fogo eterno; a lua é tua

---

[1] Dois meninos juntos pulando com ambos os pés ao mesmo tempo, como os cervos saltam. O que aguenta mais tempo, ou chega primeiro a um determinado ponto, é o vencedor; e o derrotado é então obrigado carregá-lo em seus ombros até a meta, se ainda não alcançada, e voltar novamente ao ponto de partida. O Bhagavata não especifica o jogo, mas menciona que os derrotados levam os vencedores em suas costas.

mente; o vento é tua respiração; teus braços e mãos são as quatro regiões do espaço. Tu, ó senhor poderoso, tens mil cabeças, mil mãos e pés e corpos; mil Brahmas surgem de ti, que estás à frente de todos, e a quem os sábios louvam em miríades de formas. Ninguém exceto eu conhece tua pessoa divina. Tua pessoa encarnada é glorificada por todos os deuses. Tu não sabes que, no fim de tudo, o universo desaparece em ti, que, sustentada por ti, essa terra sustenta coisas vivas e inanimadas, e que, no caráter de tempo incriado, com suas divisões de eras, desenvolvidas de um instante*, tu devoras o mundo? Como as águas do mar, quando engolidas por chama submarina, são recuperadas pelos ventos, e lançadas, na forma de neve, sobre o Himachala, onde entrando em contato com os raios do sol, elas reassumem sua natureza aquosa[2]; assim o mundo, sendo devorado por ti no período de dissolução, se torna, inevitalmente, ao término de todo Kalpa, o mundo novamente, por teus esforços criativos. Tu e eu, alma do universo, somos a única e a mesma causa da criação da terra, embora, para a proteção dela, nós existamos em indivíduos distintos. Recordando quem tu és, ó ser de poder ilimitável, destrua por ti mesmo o demônio. Suspendendo um tempo seu caráter mortal, faça o que é certo."

Assim lembrado pelo magnânimo Krishna, o poderoso Baladeva riu, e apertou Pralamba com seus joelhos, golpeando-o ao mesmo tempo na cabeça e face com seus punhos, de modo a bater para fora ambos os olhos dele. O demônio, vomitando sangue de sua boca, e tendo seu cérebro forçado através do crânio, caiu no chão, e expirou. Os Gopas, vendo Pralamba morto, ficaram atônitos, e se regozijaram, e gritaram, "Bem feito", e elogiaram Balarama. E, assim louvado por seus companheiros de divertimento, e, acompanhado por Krishna, Bala, depois da morte do daitya Pralamba, voltou a Gokula[3]. ◄

* O 'instante' ou 'piscar de olhos' aqui quer dizer a menor divisão de tempo, se extendendo até Yugas ou eras.

[2] Essa passagem é lida e explicada diferentemente em diferentes cópias. Em algumas ela é:
भुक्तं यथा वाडववह्निनाम्बुः
हिमस्वरूपं परिगृह्य खस्थम् ।
हिमाचले भानुमतोऽंशुसंगा-
ज्जलत्वमुपैति पुनस्तथैव ॥
. E isso é explicado, 'A água do oceano, devorada pelo fogo chamado Vadava, tornando-se condensada, ou na forma de orvalho ou neve, é apanhada pelo vento chamado Kastaka, do qual o fogo Vadava partiu, consistindo em um tubo dos raios solares, e, sendo colocada no ar, se encontra ou está no Himachala', etc. Essa é uma representação bastante desajeitada e confusa da noção, e a outra leitura é um tanto preferível. Ela consiste simplesmente em substituir कास्तं por खस्थं; isto é, de acordo com o comentário, 'A água devorada pelo fogo é lançada pelo vento Ka, feito de um raio solar etc., no Himachala, onde ela assume a forma de neve;' e assim por diante. Embora desfigurada por visões inexatas de alguns dos instrumentos em operação, a fisiologia está muito correta no principal, e indica observação precisa de fenômenos naturais. As águas do oceano, convertidas em vapor pelo calor solar, são elevadas pela mesma influência no ar, e então levadas pelos ventos para os topos de cadeias de montanhas altas, onde elas são detidas por uma temperatura diminuída, descem na forma de neve, e novamente abastecem os rios que perpetuamente devolvem para o mar os tesouros dos quais ele é, do mesmo modo, pilhado perpetuamente.

[3] De acordo com o Hari Vansa, os próprios deuses elogiaram essa prova da força de Rama (bala), e por isso ele obteve o nome de Balarama.

CAPÍTULO 10

Descrição do outono. Krishna dissuade Nanda de adorar Indra; recomenda que ele e os Gopas adorem o gado e as montanhas.

Enquanto Kesava e Rama estavam passando o tempo assim em Vraja, a estação chuvosa terminou, e foi sucedida pela estação do outono, quando o loto desabrocha totalmente. Os pequenos peixes Saphari, em suas tocas aquáticas, foram oprimidos pelo calor, como um homem por desejos egoístas, que é dedicado à sua família. Os pavões, não mais animados por excitação, estavam silenciosos entre os bosques, como santos sagrados [Yogins], que vieram a conhecer a irrealidade do mundo. As nuvens, de brancura brilhante, esgotadas de sua riqueza aquosa, abandonaram a atmosfera, como aqueles que adquiriram sabedoria, e partem de suas casas. Evaporados pelos raios do sol outonal, os lagos foram secados, como os corações dos homens quando secados pelo contato do egoísmo. As águas translúcidas da estação foram embelezadas apropriadamente por nenúfares brancos, como são as mentes dos puros pela percepção da verdade. No céu estrelado a lua resplandecia brilhantemente com orbe não diminuído, como o ser pio, que alcançou a última fase de existência corpórea, na companhia dos piedosos. Os rios e lagos recuaram lentamente de suas margens, como os sábios evitam gradualmente a atração egoísta que os conecta com esposa e filho. Primeiramente abandonados pelas águas do lago, os cisnes começaram a se reunir novamente, como falsos ascetas, cujas devoções são interrompidas, e eles são novamente assaltados por inúmeras aflições. O oceano estava quieto e calmo, e não exibia ondulações, como o sábio perfeito, que completou seu curso de restrição, e adquiriu tranquilidade de espírito imperturbada. Em toda parte as águas estavam tão claras e puras quanto as mentes dos sábios, que vêem Vishnu em todas as coisas. O céu outonal estava completamente livre de nuvens, como o coração do asceta, cujas ansiedades foram consumidas pelo fogo da devoção. A lua acalmava os calores intensos do sol, como o discernimento alivia a dor à qual o egotismo dá nascimento. As nuvens da atmosfera, a lama da terra, a descoloração [impureza] das águas, foram todas eliminadas pelo outono, como a abstração [Pratyahara, controle dos sentidos] separa os sentidos dos objetos de percepção. O exercício de inspirar, suprimir, e expirar o ar vital, era como se executado diariamente pelas águas dos lagos (conforme eles estavam cheios, e estacionários, e então novamente diminuídos)[1].

Nessa estação, quando os céus estavam luminosos com estrelas, Krishna, dirigindo-se a Vraja, encontrou todos os vaqueiros ocupados ativamente na preparação de um sacrifício a ser oferecido para Indra[2]; e indo até os anciãos, ele lhes perguntou, como se por curiosidade, qual era o festival de Indra no qual eles tinham tanto prazer. Nanda respondeu à pergunta dele, e disse, "Satakratu ou Indra é o

---

[1] Um conjunto de minúcias muito pobre sobre os termos do Pranayama, ou: Puraka, puxar a respiração por uma narina; literalmente, 'encher;' Kumbhaka, fechar as narinas, e suprimir a respiração; mantendo-a estacionária ou presa, como se estivesse em um Kumbha, ou cântaro; e Rechaka, abrir a outra narina, e emitir a respiração; literalmente, 'purgar' ou 'depleção.' As águas dos reservatórios, enchidos no princípio da estação outonal pelas chuvas prévias, permanecem cheias por algum tempo, até que elas são retiradas para irrigação, ou reduzidas por evaporação; assim representando as três operações de Puraka, Kumbhaka, e Rechaka.

[2] Nenhuma adoração pública é oferecida no momento a Indra; e o único festival no calendário hindu, o Sakradhwajotthana, a ereção de uma bandeira em honra de Sakra ou Indra, deve ser festejado no décimo segundo ou décimo terceiro [isto é, na quinzena clara, do mês] de Bhadra [parte de agosto e setembro], que é no meio da estação chuvosa; de acordo com o Tithi Tatwa, seguindo a autoridade do Kalika e Bhavishyottara Puranas. O Sakradhwajotthana também é um rito para ser executado por reis e príncipes. Então, pode ser duvidado se o texto indica alguma celebração específica ou estabelecida.

soberano das nuvens e das águas. Enviadas por ele, as primeiras dão umidade para a terra, de onde crescem os grãos, pelos quais nós e todos os seres encarnados subsistimos; com os quais também, e com água, nós agradamos aos deuses. Por isso, também, estas vacas têm bezerros, e produzem leite, e são felizes, e bem nutridas. Assim, quando as nuvens são vistas expandidas com chuva, a terra não é nem estéril de cereais, nem despida de verdor, nem o homem é afligido pela fome. Indra, o concessor de água, tendo bebido o leite da terra pelo raio solar, o verte novamente na terra para o sustento do mundo inteiro. Por causa disso todos os príncipes soberanos oferecem com prazer sacrifícios a Indra ao término das chuvas, e assim também nós fazemos, e assim fazem outras pessoas."

Quando Krishna [Damodara] ouviu esse discurso de Nanda com respeito à adoração de Indra [Sakra], ele decidiu provocar a ira do rei dos celestiais, e respondeu, "Nós, pai, não somos nem cultivadores da terra, nem negociantes de mercadoria; nós somos hóspedes de florestas, e vacas são nossas divindades. Há quatro ramos de conhecimento, lógico, escritural, prático, e político[3]. Ouça-me descrever o que é a ciência prática. Agricultura, comércio, e criação de gado; o conhecimento dessas três profissões constitui ciência prática. Agricultura é a subsistência de fazendeiros; comprar e vender, de comerciantes. As vacas são nosso sustento. Desse modo o conhecimento dos meios de sustento é triplo. O objeto que é cultivado por alguém deve ser para ele como sua divindade principal; que deve ser venerado e adorado, porque é seu benfeitor. Aquele que cultua a divindade de outro, e desvia dele a recompensa que lhe é devida, não obtém uma estação próspera nem nesse mundo nem no próximo. Onde a terra cessa de ser cultivada há limites fixados, além dos quais começa a floresta; as florestas são limitadas pelas colinas, e tão longe nossos limites se estendem. Nós não estamos fechados com portas, nem confinados dentro de paredes; nós não temos nem campos nem casas; nós vagamos alegremente por toda parte onde quer que nós queiramos, viajando em nossos vagões[4]. Os espíritos dessas montanhas, é dito, percorrem os bosques em quaisquer formas que eles desejem, ou em suas próprias personalidades se divertem em seus próprios precipícios. Se eles ficarem insatisfeitos com aqueles que habitam as florestas, então, transformados em leões e animais predadores, eles matarão os ofensores. Nós então somos obrigados a adorar as montanhas; e oferecer sacrifícios ao gado. O que nós temos a ver com Indra? Gado e montanhas são nossos deuses. Brâmanes oferecem adoração com oração; cultivadores da terra adoram seus marcos; mas nós que cuidamos dos nossos rebanhos nas florestas e montanhas devemos adorar a elas e ao nosso gado. Que preces e oferendas então sejam endereçadas à montanha Govarddhana, e matem uma vítima de forma apropriada. Que toda a estação reúna seu leite sem demora, e alimente com ele os brâmanes e todos os que possam desejar partilhar dele. Quando as oblações tiverem sido oferecidas, e os brâmanes estiverem alimentados, que os Gopas circungirem as vacas, enfeitadas com guirlandas de flores outonais. Se o vaqueiros atenderem essas sugestões, eles afiançarão o favor da montanha, do gado, e o meu também."

Quando Nanda e os outros Gopas ouviram essas palavras de Krishna, suas faces se expandiram com alegria, e eles disseram que ele tinha falado bem. "Você julgou justamente, criança", exclamaram eles; "nós faremos exatamente como você propôs, e oferecemos adoração à montanha." Consequentemente os habitantes de

---

[3] Ou, Anvikshiki, a ciência de indagar argumentando, Tarka, ou lógica; Trayi, os três Vedas coletivamente, ou as doutrinas que eles ensinam; Vartta, traduzido como 'prático', é o conhecimento dos meios de adquirir subsistência; o quarto é Dandaniti, a ciência de governo, nacional e estrangeiro.

[4] Esses hábitos nômades são totalmente perdidos de vista nas passagens paralelas daqueles Puranas nos quais a vida juvenil de Krishna é narrada. O texto do Hari Vansa é na maioria dos outros versos exatamente igual àquele do Vishnu Purana, pondo porém na boca de Krishna um louvor adicional longo sobre a estação do outono.

Vraja adoraram a montanha, oferecendo a ela coalhos e leite e carne; e eles alimentaram centenas e milhares de brâmanes, e muitos outros convidados que vieram à cerimônia, assim como Krishna tinha ordenado, e, quando eles tinham feito seus oferecimentos, eles circungiraram as vacas e os touros, que berraram tão alto quanto nuvens ribombando. No topo de Govarddhana, Krishna se apresentou, dizendo, "Eu sou a montanha", e comeu muito alimento oferecido pelos Gopas; enquanto em sua própria forma como Krishna ele subiu a colina junto com os vaqueiros, e venerou seu outro eu[5]. Tendo lhes prometido muitas bênçãos, a pessoa-montanha de Krishna desapareceu; e a cerimônia sendo completada, os vaqueiros voltaram para sua estação. ◄

[5] O Hari Vansa diz, 'um Krishna ilusório, tendo se tornado a montanha, comeu a carne que foi oferecida.' Naturalmente a montanha 'personificada' é indicada, como torna-se óbvio a partir de várias das passagens seguintes; como por exemplo, ele diz num instante, 'Eu estou satisfeito; e então em sua forma divina ele sorriu.' O Hari Vansa fornece aqui, como em tantos outros lugares, provas de sua origem Dakhini. Ele é muito copioso na homenagem prestada ao gado, e sua decoração com guirlandas e plumas de penas de pavão, das quais nosso texto não toma conhecimento. Mas no sul da Índia há um festival muito popular, aquele do Punjal, mal conhecido no norte, quando gado é enfeitado e adorado; uma celebração que sugeriu indubitavelmente ao compilador do Hari Vansa os detalhes que ele descreve.

CAPÍTULO 11

Indra, ofendido pela perda de suas oferendas, faz chuvas pesadas inundarem Gokula. Krishna levanta a montanha Govarddhana para abrigar os vaqueiros e seu gado.

Indra, sendo assim privado de suas oferendas, ficou muito enfurecido, e se dirigiu dessa maneira a uma coorte de suas nuvens auxiliares, chamada Samvarttaka: "Ó, nuvens", ele disse, "ouçam minhas palavras, e realizem sem demora o que eu ordeno. O vaqueiro insensato Nanda, ajudado pelos companheiros dele, reteve os oferecimentos habituais a nós, confiando na proteção de Krishna. Agora, portanto, aflijam o gado, que é o sustento deles, e de onde a ocupação deles é derivada, com chuva e vento. Montado em meu elefante, tão vasto quanto um topo de montanha, eu as ajudarei fortalecendo a tempestade." Quando Indra cessou, as nuvens, obedientes aos comandos dele, desceram, em uma tempestade terrível de chuva e vento, para destruir o gado. Em um instante a terra, os pontos do horizonte, e o céu, estavam todos misturados em um pela chuva pesada e incessante. As nuvens rugiam alto, como se aterrorizadas do açoite do raio, e derramavam torrentes ininterruptas. A terra inteira foi envolvida em escuridão impenetrável pelas nuvens grossas e e volumosas; e acima, abaixo, e em todo lado, o mundo era água. O gado, açoitado pela tempestade, se encolhia, agachando-se no menor tamanho, ou morria. Alguns cobriam seus bezerros com seus flancos, e alguns viam seus filhotes serem levados pela inundação. Os bezerros, tremendo no vento, olhavam de modo comovente para suas mães, ou imploravam em gemidos baixos, por assim dizer, o auxílio de Krishna. Hari, vendo toda a Gokula agitada com alarme, vaqueiros, vaqueiras, e gado todos em um estado de consternação, refletiu dessa maneira: "Esse é o trabalho de Mahendra, em ressentimento do impedimento do sacrifício dele, e é minha incumbência defender essa estação de pastores. Eu erguerei esta montanha espaçosa desde sua base pedregosa, e a segurarei, como um guarda-chuva grande, sobre os currais." Tendo decidido assim, Krishna arrancou imediatamente a montanha Govarddhana, e a segurou no alto com uma mão em divertimento, dizendo aos pastores, "Vejam, a montanha está no alto; entrem depressa debaixo dela, e ela os abrigará da tempestade. Aqui vocês estarão seguros, e à vontade, em lugares protegidos do vento. Entrem, sem demora, e não temam a queda da montanha." Nisso, todo o povo, com seus rebanhos, e seus vagões e bens, e as Gopis, afligidos pela chuva, se dirigiram para o abrigo da montanha, que Krishna segurava firmemente sobre as cabeças deles; e Krishna, enquanto sustentava a montanha, era contemplado pelos moradores de Vraja com alegria e admiração; e, enquanto os olhos deles se arregalavam com surpresa e prazer, os Gopas e as Gopis cantaram seu louvor. Por sete dias e noites as nuvens vastas enviadas por Indra derramaram chuva sobre a Gokula de Nanda para destruir seus habitantes, mas eles estavam protegidos pela elevação da montanha; e o matador de Bala, Indra, sendo frustrado em seu propósito, mandou as nuvens pararem. As ameaças de Indra tendo sido infrutíferas, e os céus estando sem nuvens, Gokula inteira saiu de seu abrigo, e voltou para seu próprio domicílio. Então Krishna, à vista dos surpresos habitantes das florestas, devolveu a grande montanha Govarddhana para seu local original[1]. ◄

[1] Parece provavelmente que essa lenda tem alguma referência às cavernas ou templos de caverna em várias partes da Índia. Uma representação notável dela se encontra nas pedras esculpidas de Mahabalipur. Ela é narrada muito no mesmo sentido no Bhagavata, etc. Sisupala, ridicularizando a façanha, afirma que Govarddhana era nada além de um formigueiro.

CAPÍTULO 12

Indra vai a Gokula; louva Krishna, e o faz príncipe do gado. Krishna promete ajudar Arjuna.

Depois que Gokula tinha sido salva pela elevação da montanha, Indra ficou desejoso de ver Krishna. O conquistador de seus inimigos consequentemente montou em seu vasto elefante Airavata, e chegou a Govarddhana, onde o rei dos deuses viu o poderoso Damodara tomando conta do gado, e assumindo a personalidade de um vaqueiro, e, embora o preservador do mundo inteiro, cercado pelos filhos dos pastores. Sobre a cabeça dele ele viu Garuda, o rei das aves, invisível para os mortais, esticando suas asas para sombrear a cabeça de Hari. Descendo de seu elefante, e dirigindo-se a ele isoladamente, Sakra, seus olhos se arregalando de prazer, falou dessa maneira para Madhusudana: "Ouça, Krishna, a razão pela qual eu vim para cá; por que eu me aproximei de ti; pois tu não poderias conceber isto de outro modo. Tu, que és o sustentador de tudo [Parameshwara], desceste na terra, para aliviá-la de seu fardo. Em ressentimento de meus ritos impedidos eu enviei as nuvens para inundarem Gokula, e elas fizeram essa ação má. Tu, levantando a montanha, preservaste o gado; e de verdade eu estou muito contente, ó herói, com teu ato extraordinário. O objetivo dos deuses está agora, parece-me, realizado, já que tu ergueste no alto com uma única mão esta principal das montanhas. Eu agora vim por desejo do gado[1], grato por sua preservação, para instalá-lo como Upendra; e, como o Indra das vacas, tu serás chamado de Govinda[2]." Tendo falado assim, Mahendra pegou um jarro de seu elefante Airavata, e com a água sagrada que ele continha realizou a cerimônia real de aspersão. O gado, enquanto o rito era celebrado, inundou a terra com seu leite.

Quando Indra tinha, por orientação das vacas, consagrado Krishna [Janardana], o marido de Sachi [Sachipati] disse afetuosamente a ele, "Eu desse modo executei o que as vacas me ordenaram. Agora, ser ilustre [tigre de um homem], ouça o que mais eu proponho, com o objetivo de facilitar tua tarefa. Uma porção de mim nasceu como Arjuna, o filho de Pritha. Que ele seja sempre defendido por ti, e ele te ajudará a desempenhar teu encargo. Ele deve ser estimado por ti, Madhusudana,

---

[1] Gobhischa chodita; isto é, 'delegado', diz o comentador, 'pela vaca da abundância, Kamadhenu, e outras vacas celestiais, habitantes de Goloka, o céu das vacas.' Mas isso, evidentemente, não é autorizado pelo texto, porque gado celestial não poderia ser grato por preservação na terra; e a noção de Goloka, um céu de vacas e Krishna, é um fragmento de misticismo moderno, tirado de obras sectárias tais como o Brahma Vaivartta Purana e Hari Vansa.

[2] O sentido da fala de Indra é explicar o significado de dois dos nomes de Krishna, Upendra e Govinda. Os comentadores sobre o Amara Kosha concordam em explicar o primeiro como o irmão mais novo de Indra, इन्द्रानुजत्वादुपेन्द्रः, em conformidade com o sinônimo que imediatamente segue no texto de Amara, Indravaraja; um nome que também ocorre no Mahabharata; Krishna, como o filho de Devaki, que é uma encarnação de Aditi, sendo nascido da última subsequentemente a Indra. Govinda é aquele que conhece, encontra, ou toma conta do gado; Gam Vindati. A etimologia purânica faz do último o Indra (इन्द्र, quase इन्द्र) das vacas; e nessa qualidade ele pode bem ser considerado como um Indra menor ou inferior, tal sendo o significado apropriado do termo Upendra (Upa em composição); como, Upa-purana, 'um Purana menor', etc. O significado correto da palavra Upendra, contudo, foi distorcido ansiosamente pelos seguidores sectários de Krishna. Assim o comentador em nosso texto afirma que Upa é aqui sinônimo de Upari, e que Upendratwa, 'a estação de Upendra', significa 'governa no céu dos céus, Goloka;' uma criação nova dessa seita, sobre Satya-loka, que, no sistema purânico incorrupto, é o mais elevado dos sete Lokas: veja a página 193. Desse modo o Hari Vansa faz Indra dizer, 'Como tu, Krishna, és nomeado, pelas vacas, Indra superior a mim, portanto, as divindades no céu te chamarão de Upendra.' O Bhagavata não introduz o nome, embora sem dúvida aluda a ele ao fazer a vaca divina Surabhi, que é citada como tendo vindo de Goloka com Indra, se dirigir a Krishna, e dizer, 'Nós, instruídos por Brahma, o coroaremos como nosso Indra.' Consequentemente Krishna tem a água do Ganges lançada sobre ele pelo elefante de Indra, e Indra, os deuses, e sábios o louvam, e o saúdam pelo título de Govinda. O Hari Vansa atribui isso a Indra somente, que diz, 'Apenas eu sou o Indra dos deuses; tu atingiste o grau de Indra das vacas, e elas te celebrarão como Govinda na terra para sempre.' Tudo isso é muito diferente do relato sóbrio do nosso texto, e é indubitavelmente de origem comparativamente recente.

como outro eu." A isso Krishna [Bhagavat] respondeu, "Eu conheço teu filho [Partha], que nasceu na família de Bharata, e eu o ajudarei enquanto eu continuar na terra. Contanto que eu esteja presente, invencível Sakra, ninguém poderá subjugar Arjuna em combate. Quando o grande demônio* Kansa for morto, e Arishta, Kesin, Kuvalayapida, Naraka, e outros Daityas ferozes tiverem sido executados, acontecerá uma grande guerra, na qual o peso da terra será removido. Agora então parta, e não fique ansioso por causa do teu filho; pois nenhum inimigo triunfará sobre Arjuna enquanto eu estiver presente. Por causa dele eu devolverei para Kunti todos os filhos dela; com Yudhishthira encabeçando-os, incólumes, quando a guerra de Bharata estiver terminada."

Após Krishna ter cessado de falar, ele e Indra se abraçaram mutuamente; e o último, montando em seu elefante Airavata, voltou para o céu. Krishna, com o gado e os pastores, seguiu seu caminho para Vraja, onde as esposas dos Gopas assistiram a aproximação dele. ◄

***** Um dos Daityas, Mahabahu, é indicado pelo termo traduzido como 'o grande demônio'.

CAPÍTULO 13

Krishna glorificado pelos vaqueiros; suas brincadeiras com as Gopis; sua imitação e amor dele. A dança Rasa.

Depois que Sakra tinha partido, os vaqueiros disseram a Krishna, a quem eles tinham visto levantando Govarddhana, "Nós fomos protegidos, junto com nosso gado, de um grande perigo, por tu segurares a montanha sobre nós; mas essa é uma brincadeira de criança muito surpreendente, inadequada à condição de um pastor, e todas as tuas ações são aquelas de um deus. Conte-nos qual é o significado de tudo isso. Kaliya foi derrotado no lago; Pralamba foi morto; Govarddhana foi erguida para o alto; nossas mentes estão cheias de assombro. Seguramente nós repousamos aos pés de Hari, ó tu de poder ilimitado! Pois, tendo testemunhado teu poder, nós não podemos acreditar que tu és um homem. Teu afeto, Kesava, por nossas mulheres e filhos, e por Vraja; as ações que tu fizeste, as quais todos os deuses teriam tentado em vão; tua juventude, e tua coragem; teu nascimento humilde entre nós; são contradições que nos enchem de dúvida, sempre que nós pensamos nelas. Contudo, que haja reverência a ti, sejas tu um deus, ou um demônio, ou um Yaksha, ou um Gandharba, ou o que quer que nós possamos julgar que tu sejas; pois tu és nosso amigo." Quando eles tinham terminado, Krishna permaneceu calado por algum tempo, como se magoado e ofendido, e então respondeu a eles, "Pastores, se vocês não estão envergonhados de meu parentesco; se eu tenho merecido seu louvor; que motivo há para vocês se ocuparem em qualquer dicussão a meu respeito? Se vocês têm alguma consideração por mim; se eu mereço seu elogio; então fiquem satisfeitos em saber que eu sou seu parente. Eu não sou nem deus, nem Yaksha, nem Gandharba, nem Danava; eu nasci seu parente, e vocês não devem pensar diferentemente em mim." Ao receberem essa resposta, os Gopas ficaram quietos, e foram para as florestas, deixando Krishna aparentemente desagradado.

Mas Krishna, observando o céu sem nuvens luminoso com a lua outonal, e o ar perfumado com a fragrância do nenúfar selvagem, em cujos botões as abelhas agrupadas estavam murmurando suas canções, sentiu-se disposto a se unir com as Gopis em diversão. Consequentemente ele e Rama começaram a cantar melodias baixas agradáveis em vários ritmos, tais como as mulheres gostavam; e elas, assim que ouviram a melodia, deixaram suas casas, e se apressaram para encontrar o inimigo de Madhu. Uma donzela cantou suavemente um acompanhamento para a canção dele; outra escutou a melodia dele atentamente. Uma gritou o nome dele, então se encolheu envergonhada; enquanto outra, mais audaciosa, e instigada por afeição, se apertou ao lado dele. Uma, enquanto saía (com ímpeto), viu alguns dos mais velhos da família, e não ousou se aventurar, contentando-se em meditar sobre Krishna com olhos fechados, e total devoção, pela qual, imediatamente, todos os atos de mérito foram apagados pelo êxtase, e todo o pecado foi expiado pelo pesar de não vê-lo; e outras, também, refletindo sobre a causa do mundo, na forma do Brahma supremo, obtiveram, por seus suspiros, emancipação final. Assim cercado pelas Gopis, Krishna pensou que a adorável noite enluarada de outono era propícia para a dança Rasa[1]. Muitas das Gopis imitavam os diferentes atos de Krishna, e na ausência dele vagavam por Vrindavan, representando a pessoa dele. "Eu sou Krishna", gritava uma; "veja a elegância dos meus movimentos." "Eu sou Krishna", exclamava outra; "escute minha canção." "Kaliya vil, pare! Pois eu sou Krishna", era repetido por uma terceira, batendo em seus braços em desafio. Uma quarta gritava, "Pastores, não

[1] A dança Rasa é dançada por homens e mulheres, segurando as mãos uns dos outros, e girando em um círculo, cantando as cantigas às quais eles dançam. De acordo com Bharata, as cantigas são várias em melodia e ritmo, e o número de pessoas não deve exceder sessenta e quatro.

temam nada; fiquem calmos; o perigo da tempestade terminou, pois, vejam, eu ergui Govarddhana para abrigá-los." E uma quinta proclamava, "Agora, que os rebanhos pastem onde eles quiserem, porque eu destruí Dhenuka." Assim em várias ações de Krishna as Gopis o imitavam, enquanto ele estava longe, e enganavam sua tristeza imitando os passatempos dele. Olhando para o chão, uma donzela chamava sua amiga, enquanto os pêlos suaves no corpo dela se arrepiavam com alegria, e os lotos de seus olhos se expandiam, "Veja, aqui estão as marcas dos pés de Krishna, quando ele saiu sozinho alegremente, e deixou as impressões da bandeira, raio, e do aguilhão[2]. Qual moça adorável era a companheira dele, inebriada com paixão, como provam as pegadas irregulares dela? Aqui Damodara colheu flores do alto, pois nós vemos apenas as impressões das pontas dos pés dele. Aqui uma ninfa se sentou com ele, enfeitada com flores, afortunada por ter propiciado Vishnu em uma existência anterior. Tendo-a deixado em um humor arrogante, porque ele tinha oferecido flores a ela, o filho de Nanda passou por esta estrada; pois veja, incapaz de segui-lo com passos iguais, sua companheira tropeçou aqui para frente sobre seus dedos do pé, e, segurando a mão dele, a donzela correu, como é evidente a partir das pegadas desiguais e misturadas. Mas o tratante somente pegou a mão dela, e a deixou negligenciada, pois aqui os passos indicam o rastro de uma pessoa em desespero. Indubitavelmente ele prometeu que ele viria depressa novamente, pois aqui estão os próprios passos dele voltando com velocidade. Aqui ele entrou na floresta densa, impenetrável aos raios da lua, e as pegadas dele não podem mais ser localizadas." Sem esperança então de ver Krishna, as Gopis retornavam, e se dirigiam para as margens do Yamuna, onde elas cantavam as canções [feitos heróicos] dele; e agora elas viram o preservador dos três mundos, com um aspecto sorridente, se apressando em direção a elas, no que, uma exclamou, "Krishna! Krishna!" incapaz de articular qualquer outra coisa; outra pareceu contrair sua testa franzindo as sobrancelhas, como se bebendo com as abelhas de seus olhos o loto da face de Hari; outra, fechando suas pálpebras, contemplou interiormente a forma dele, como se envolvida em um ato de devoção. Então Madhava, chegando entre elas, conciliou algumas com palavras gentis, algumas com olhares amáveis, e algumas ele pegou pela mão; e a divindade ilustre se divertiu com elas nas posições da dança. Como cada uma das Gopis, entretanto, tentava se manter em um lugar, ao lado de Krishna, o círculo da dança não podia ser construído, e ele portanto pegou cada uma pela mão, e quando as pálpebras delas estavam fechadas pelos efeitos de tal toque, o círculo foi formado[3].

---

2 As solas dos pés de uma divindade são normalmente marcadas por uma variedade de figuras emblemáticas. Isso é levado à maior extravagância pelos budistas, as marcas nos pés de Gautama sendo 130. Veja Tratados da Soc. Real As. III. 70. Essa é uma decoração empregada muito moderadamente pelos hindus.

3 Essa é uma declaração bastante vaga, mas o comentário a torna clara. É dito que Krishna, para formar o círculo, pega cada donzela pela mão, e a conduz para o lugar dela. Lá ele a deixa; mas o efeito do contato é tal, que a priva do poder de percepção, e ela pega a mão de sua vizinha contentemente, pensando que é a mão de Krishna. O Bhagavata [10; cap.33, v. 3] é mais ousado, e afirma que Krishna se multiplicou, e se posicionou de fato entre cada duas donzelas: 'A dança Rasa, formada de um círculo adornado pelas Gopis, foi então conduzida pelo senhor da magia, Krishna tendo se colocado no meio de cada duas das ninfas.' O Hari Vansa afirma o mesmo, embora não muito completamente: 'Então todas as ninfas dos vaqueiros, colocando-se em pares em uma fileira, ocuparam-se em diversão agradável, cantando os feitos de Krishna.' O comentador [Nilakantha], diz que o Pankti, ou fileira, significa aqui o Mandala ou anel; e os 'pares' sugerem que Krishna estava entre cada duas. Ele cita um verso nesse sentido de algum outro trabalho Vaishnava: 'Entre cada duas donzelas estava Madhava, e entre cada dois Madhavas estava uma ninfa; e o filho de Devaki tocava a flauta.' Pois, na realidade, Krishna não só está dançando com cada uma, mas também sozinho no centro; por isso o comentador no Hari Vansa cita uma passagem dos Vedas [Rig-veda]: पद्या वस्ते पुरुरूपा वपूंष्यूर्ध्वा तस्थौ त्र्यविं रेरिहाणा।. Literalmente, 'O (ser) de muitas formas assume (vários) corpos. Uma forma permaneceu aparte, empregando observância tripla.' Agora, se o verso é genuíno, ele provavelmente se refere a algo que tem pouco a ver com Krishna; mas é explicado que ele se aplica à Rasa; a forma de Krishna sendo supostamente indicada, como completamente separado das Gopis, e contudo sendo visto por cada uma delas, em cada lado e em frente a ela. Na meditação em Krishna, que é ordenada no Brahma Vaivartta, ele deve ser contemplado no centro do Rasa Mandala, em associação com sua favorita Radha; mas o Mandala descrito naquele

Então procedeu a dança com a música das pulseiras delas colidindo, e canções que celebravam em melodia apropriada os encantos da estação outonal. Krishna cantou a lua de outono, uma mina de brilho suave; mas as ninfas repetiram os louvores de Krishna somente. Às vezes, uma delas, cansada pela dança giratória, lançava seus braços, ornamentados com bracelentes tinindo, em volta do pescoço do destruidor de Madhu; outra, hábil na arte de cantar os louvores dele, o abraçou*. As gotas de transpiração dos braços de Hari eram como chuva fertilizante, que produziam uma colheita de penugem nas têmporas das Gopis. Krishna cantava a melodia que era apropriada para a dança. As Gopis exclamavam repetidamente, "Bravo, Krishna!" para o canto dele. Quando ele liderava, elas o seguiram; ao retornar, elas o encontravam; e, se ele ia para frente ou para trás, elas sempre acompanhavam seus passos. Enquanto brincando assim com as Gopis, elas consideravam cada momento sem ele uma miríade [dez milhões] de anos; e, proibidas em vão por maridos, pais, irmãos, elas saíam à noite para se divertir com Krishna, o objeto de sua afeição. Desse modo o ser ilimitável, o removedor benevolente de todas as imperfeições, assumiu o caráter de um jovem entre as mulheres dos pastores de Vraja; permeando as naturezas delas, e aquela dos maridos delas, pela própria essência dele, totalmente difusiva como o vento. Pois, assim como, em todas as criaturas, os elementos de éter, fogo, terra, água, e ar, estão compreendidos, assim também ele está presente em toda parte, e em tudo. ◄

* काचित्प्रविलसद्बाहुः परिरभ्य चुचुम्ब तम् । गोपी गीतस्तुतिव्याजनिपुणा मधुसूदनम् ॥ : A donzela não apenas o abraçou, mas o beijou.

trabalho não é um anel de dançarinos, mas um círculo de espaço definido em Vrindavana, dentro do qual Krishna, Radha, e as Gopis se divertem, não muito decentemente. Essa obra provavelmente deu o tom ao estilo no qual o festival anual, o Rasa Yatra, é celebrado em várias partes da Índia, no mês de Kartika, na entrada do sol em Libra, por danças noturnas, e representações dos passatempos de Krishna. Uma dança circular de homens e mulheres, no entanto, não forma uma característica proeminente nesses entretenimentos, e pode ser duvidado se alguma vez é executada. Alguns dos mais antigos trabalhores no campo da mitologia hindu pensaram que essa dança circular simbolizava a dança dos planetas em volta do sol (Maurice, História Antiga dos Hindus, I. 108. II. 356); mas não há nenhum número específico atribuído aos dançarinos por quaisquer das autoridades hindus, além de sua limitação a sessenta e quatro. No Rasa Mandala do Brahma Vaivartta, Radha é acompanhada por trinta e seis de suas amigas mais especiais entre as Gopis, mas cada uma delas é acompanhada por milhares de personagens inferiores, e ninguém da multidão é deixado sem múltiplos masculinos de Krishna. O único misticismo sugerido naquele Purana, é, que esses são todos unos com Krishna; as condições vitais variadas de um espírito sendo representadas pelas Gopis e as manifestações ilusórias de Krishna; ele mesmo sendo alma suprema, inalterada.

CAPÍTULO 14

Krishna mata o demônio Arishta, na forma de um touro.

Uma noite, enquanto Krishna e as Gopis estavam se divertindo na dança, o demônio Arishta, disfarçado como um touro selvagem [furioso], chegou ao local, depois de ter espalhado temor pela estação. Sua cor era aquela de uma nuvem carregada de chuva; ele tinha chifres imensos [afiados], e seus olhos eram como dois sóis ígneos. Quando ele se movia, ele sulcava o chão com seus cascos; sua língua estava lambendo seus lábios repetidamente; seu rabo estava ereto; os nervos de seus ombros eram firmes, e entre eles se erguia uma corcova de dimensões enormes; suas coxas estavam sujas de exterco, e ele era um terror para os rebanhos; sua barbela pendia baixa, e sua face era marcada com cicatrizes de dar cabeçadas contra as árvores. Terrificando todas as vacas, o demônio que assombra perpetuamente as florestas na forma de um touro, destruindo ermitões e ascetas, avançou. Vendo um animal de tal aspecto formidável, os pastores e suas mulheres ficaram muito amedrontados, e chamaram alto por Krishna, que veio socorrê-los, gritando e golpeando seu braço em desafio. Quando o Daitya ouviu o barulho, ele se virou para seu desafiador, e fixando seus olhos e apontando seus chifres para a barriga de Kesava, ele correu furiosamente para o jovem. Krishna não se mexeu de seu posto, mas, sorrindo em divertimento e menosprezo, esperou a próxima aproximação do touro, quando ele o agarrou como um jacaré teria feito, e o segurou firmemente pelos chifres, enquanto apertava os lados dele com seus joelhos. Tendo assim humilhado o orgulho dele, e o segurado preso pelos chifres, ele torceu a garganta dele, como se ela fosse um pedaço de pano molhado; e então arrancando um dos chifres, ele bateu no demônio feroz com isso até que ele morreu, vomitando sangue de sua boca. Vendo-o morto, os pastores glorificaram Krishna, como as comitivas dos celestiais antigamente louvaram Indra, quando ele triunfou sobre o Asura Jambha[1]. ◄

[1] Essa façanha é narrada um pouco mais detalhadamente no Bhagavata e Hari Vansa.

CAPÍTULO 15

Kansa informado por Narada da existência de Krishna e Balarama; ele envia Kesin para destruí-los, e Akura para trazê-los para Mathura.

Depois que essas coisas tinham ocorrido, Arishta o demônio-touro, e Dhenuka e Pralamba tinham sido mortos, Govarddhana tinha sido erguida, a serpente Kaliya tinha sido subjugada, as duas árvores tinham sido quebradas, o demônio fêmea Putana tinha sido morto, e o vagão tinha sido virado, Narada foi até Kansa, e contou tudo a ele, começando com a transferência da criança de Devaki para Yasoda. Ouvindo aquilo de Narada, Kansa ficou muito enraivecido com Vasudeva, e repreendeu-o asperamente, e todos os Yadavas, em uma assembléia da tribo. Refletindo o que seria feito então, ele decidiu destruir Krishna e Rama enquanto eles ainda eram jovens, e antes que eles obtivessem vigor varonil; para qual propósito ele resolveu convidá-los de Vraja, sob o pretexto do rito solene da purificação de armas, quando ele os empenharia em um teste de força com seus principais pugilistas, Chanura e Mushtika, por quem eles seriam mortos seguramente. "Eu enviarei", ele disse, "o nobre Yadu, Akrura o filho de Swaphalka, para Gokula, para trazê-los para cá. Eu ordenarei que o feroz Kesin, que assombra os bosques de Vrindavan, os ataque, e ele tem poder inigualável, e certamente os matará; ou, se eles chegarem aqui, meu elefante Kuvalayapida matará pisoteados aqueles dois filhos vaqueiros de Vasudeva". Tendo assim feito seus planos para destruir Rama e Janarddana, o ímpio Kansa chamou o heróico Akrura, e disse a ele, "Senhor de doações generosas[1], preste atenção nas minhas palavras, e, por amizade por mim, cumpra minhas ordens. Suba em sua carruagem, e vá daqui para a estação do pastor Nanda. Dois meninos vis [filhos de Vasudeva], porções de Vishnu, nasceram lá, para o objetivo explícito de efetuar minha destruição. Na décima quarta lunação eu tenho que celebrar o festival de armas[2], e eu desejo que eles sejam trazidos aqui por você, para tomarem parte nos jogos, e que o povo possa vê-los se envolverem em uma luta de boxe com meus dois atletas peritos, Chanura e Mushtika; ou, por acaso, meu elefante Kuvalayapida, dirigido contra eles por seu guia, matará aqueles dois jovens iníquos, filhos de Vasudeva. Quando eles estiverem fora do caminho, eu executarei o próprio Vasudeva, o vaqueiro Nanda, e meu tolo pai, Ugrasena, e eu me apoderarei dos rebanhos e manadas, e de todas as posses, dos Gopas rebeldes, que sempre foram meus inimigos. Exceto tu, senhor de generosidade, todos os Yadavas são hostis a mim; mas eu inventarei esquemas para a extirpação deles, e eu então reinarei sobre meu reino, em acordo contigo, sem qualquer aborrecimento. Por consideração por mim, portanto, parta como eu te ordeno; e tu mandarás os vaqueiros trazerem rapidamente seus estoques de leite e manteiga e coalhos."

---

[1] Danapati. O epíteto se refere à posse de Akrura da joia Syamantaka (veja a página 334); embora, como aqui usado por Kansa, ele é um anacronismo, a pedra preciosa não se tornando dele até depois da maturidade de Krishna.

[2] Dhanurmaha. A mesma frase ocorre nas diferentes autoridades. Em sua acepção comum ela sugere qualquer festival militar. Há um de grande celebridade que, no sul da Índia, fecha o Dasahara, ou festival de Durga, quando exercícios militares são realizados, e um campo é saqueado, como típico da abertura de uma campanha. Adoração é prestada a instrumentos bélicos. O dia apropriado para isso é o Vijaya dasami, ou décimo da metade clara de Aswin, caindo por volta do fim de setembro ou começo de outubro. Trat. Soc. Bombay III. 73; também Amara Kosha, sob a palavra लोहाभिसार (Lohabhisara). Nosso texto e aquele do Bhagavata, porém, anunciam a celebração da festividade em questão no décimo quarto dia da quinzena (em qual mês não é especificado), e uma ocasional 'passagem de armas', então é tudo o que é pretendido. O décimo quarto dia da lunação clara de qualquer mês é geralmente considerado apropriado para um feriado, ou rito religioso. Será visto, na sequência, que a característica principal do cerimonial era planejada para ser um teste de arco e flecha, arruinado por Krishna ter quebrado o arco que era para ser usado na ocasião.

Sendo instruído desse modo, o ilustre Akrura prontamente se comprometeu a visitar Krishna, e, subindo em sua carruagem imponente, ele saiu da cidade de Mathura. ◄

CAPÍTULO 16

Kesin, na forma de um cavalo, morto por Krishna; ele é elogiado por Narada.

Kesin, confiando em sua destreza, tendo recebido as ordens de Kansa, partiu para os bosques de Vrindavana, com a intenção de destruir Krishna. Ele chegou na forma de um corcel, batendo no chão com seus cascos, espalhando as nuvens com sua crina, e saltando em seus passos além das órbitas do sol e da lua. Os vaqueiros e suas mulheres, ouvindo os relinchos dele, foram dominados pelo terror, e fugiram até Govinda em busca de proteção, rogando a ele para salvá-los. Em uma voz profunda como o ribombo da nuvem de chuva, Krishna respondeu a eles, "Fora com esses medos de Kesin; o valor de um herói é aniquilado por seus alarmes? O que há para temer de alguém de tão pouco poder, cujos relinchos são seus únicos terrores; um corcel galopante e vicioso, que é dominado pela força dos Daityas? Venha, patife - eu sou Krishna - e eu socarei todos os teus dentes pela tua garganta abaixo, como o manejador do tridente fez a Pushan[1]." Desafiando-o dessa maneira para o combate, Govinda foi enfrentar Kesin. O demônio correu para ele, com sua boca escancarada; mas Krishna, aumentando o tamanho de seu braço, enfiou-o na boca de Kesin, e arrancou fora os dentes, que caíram das mandíbulas dele como fragmentos de nuvens brancas. Entretanto o braço de Krishna, na garganta do demônio, continuou a aumentar, como uma enfermidade que aumenta desde seu começo até que ela termina em dissolução. De seus lábios rasgados o demônio vomitou espuma e sangue; seus olhos rolaram em agonia; suas juntas cederam; ele bateu no chão com suas patas; seu corpo estava coberto com transpiração; ele ficou incapaz de qualquer esforço. O demônio formidável, tendo sua boca despedaçada pelo braço de Krishna, caiu, dividido em pedaços como uma árvore atingida por um raio. Ele jazia separado em duas partes, cada uma tendo duas pernas, metade de um dorso, meio rabo, uma orelha, um olho, e uma narina. Krishna permaneceu, [não fatigado], incólume e sorridente, depois da destruição do demônio, cercado pelos vaqueiros que, junto com suas mulheres, estavam cheios de perplexidade pela morte de Kesin, e glorificaram o deus amável com os olhos de loto. Narada o brâmane [comumente considerado como um Devarshi], invisível, sentado em uma nuvem, viu a queda de Kesin, e exclamou alegremente, "Bem feito, senhor do universo, que em teus esportes destruíste Kesin, o opressor dos habitantes do céu! Curioso para ver este grande combate entre um homem e um cavalo - tal como eu nunca ouvido antes - eu vim do céu. Extraordinárias são as obras que tu tens feito, em tua descida na terra! Elas despertaram minha surpresa; mas essa, acima de todas, me deu prazer. Indra e os deuses viviam com medo desse cavalo, que sacudia sua crina, e relinchava, e olhava para baixo sobre as nuvens. Por isto, que mataste o ímpio Kesin, tu serás conhecido no mundo pelo nome de Kesava[2]. Adeus! Eu partirei agora. Eu te encontrarei novamente, conquistador de Kesin, em dois dias mais, em combate com Kansa. Quando o filho de Ugrasena, com seus seguidores, tiver sido morto, então, sustentador da terra, os fardos da terra terão sido aliviados por ti. Muitas são as batalhas dos reis que eu tenho que ver, nas quais tu serás renomado. Eu partirei agora, Govinda. Um grande ato, e agradável para os deuses, foi feito por ti. Eu fui muito alegrado por ti, e agora me despeço." Quando

---

[1] Como Virabhadra fez a Pusha ou Pushan, uma forma de Surya, no sacrifício de Daksha. Veja a página 101, nota 6.

[2] Ou Kesi e va, 'que mata', de vadh ou badh, 'matar.' Mas essa é uma etimologia purânica, e menos satisfatória que a gramatical usual de Kesa, 'cabelo', e 'va' sufixo possessivo; Krishna correspondendo, nesse aspecto, ao Apolo Crinitus. Isso também é derivado da lenda da origem dele de 'um cabelo' (veja a página 376, nota 23.) E, novamente, é dito que Kesa significa 'brilho' ou 'raios', sejam do sol ou lua ou fogo; todos os quais são a luz de Krishna; de onde ele é chamado de Kesava, 'o de raios' ou 'radiante.' Mahabharata, Moksha Dharma.

Narada tinha ido, Krishna, nem um pouco surpreso, voltou com os Gopas para Gokula; o único objeto dos olhos das mulheres de Vraja[3]. ◄

[3] A lenda é contada por todos os outros narradores das façanhas juvenis de Krishna.

CAPÍTULO 17

A meditação de Akrura em Krishna; a chegada dele a Gokula; sua alegria ao ver Krishna e seu irmão.

Akrura, tendo partido em seu carro de viagem rápida, foi visitar Krishna nos pastos de Nanda; e, enquanto ele seguia, ele se felicitou por sua boa sorte superior, ao ter uma oportunidade de ver uma porção procedente da divindade. "Agora", pensou ele, "minha vida deu resultado; minha noite é seguida pelo amanhecer do dia; já que eu verei o semblante de Vishnu, cujos olhos são como a pétala expandida do loto. Eu verei aquele aspecto de olhos de loto de Vishnu que, quando visto apenas em imaginação, tira os pecados dos homens. Eu verei hoje aquela glória das glórias, a boca de Vishnu, de onde procederam os Vedas, e todas as suas ciências subordinadas. Eu verei o soberano do mundo, por quem o mundo é sustentado; que é adorado como o melhor dos seres masculinos, como o macho do sacrifício em ritos sacrificais. Eu verei Kesava, que é sem início ou fim; por adorar a quem com cem sacrifícios, Indra obteve a soberania sobre os deuses. Aquele Hari, cuja natureza é desconhecida para Brahma, Indra, Rudra, os Aswins, os Vasus, Adityas, e Maruts, nesse dia tocará meu corpo. A alma de tudo, o conhecedor de tudo, ele que é tudo, e está presente em tudo, ele que é permanente, imorredouro, que permeia tudo, conversará comigo. Ele, o não nascido, que preservou o mundo nas várias formas de um peixe, uma tartaruga, um javali, um cavalo[1], um leão, hoje falará comigo. Agora o senhor da terra, que assume formas à vontade, tomou sobre si a condição de humanidade, para realizar algum objetivo nutrido em seu coração. Aquele Ananta, que segura a terra em sua crista, e que desceu na terra a proteção dela, hoje me chamará por meu nome. Glória àquele ser, cuja adoção ilusória de pai, filho, irmão, amigo, mãe, e parente, o mundo não pode penetrar. Glória à ele, que é uno com o verdadeiro conhecimento, que é inescrutável, e por quem, situado no coração dele, o Iogue cruza a ampla extensão de ignorância e ilusão mundanas. Eu me curvo a ele, que, pelos realizadores de ritos sagrados, é chamado de o macho do sacrifício (Yajnapurusha); por adoradores piedosos é chamado de Vasudeva; e pelos cultivadores de filosofia, Vishnu. Que ele em quem causa e efeito, e o próprio mundo, estão compreendidos, seja propício para mim, pela verdade dele; pois eu sempre ponho minha confiança naquele Hari não nascido, eterno; por meditação em quem, o homem se torna o repositório de todas as coisas boas."

Sua mente assim inspirada por fé devota, e meditando dessa maneira, Akrura prosseguiu em sua estrada, e chegou em Gokula um pouco antes do pôr-do-sol, na hora da ordenha das vacas; e lá ele viu Krishna entre o gado, escuro como a pétala do loto totalmente desabrochado; os olhos dele da mesma cor, e seu peito decorado com a marca Srivatsa; de braços longos, e de peito largo; tendo um nariz grande, e um semblante adorável, iluminado com sorrisos joviais; andando firmemente no chão, com pés cujas unhas estavam tingidas de vermelho; vestido em roupas amarelas, e adornado com uma guirlanda de flores da floresta; tendo uma trepadeira recém-colhida em sua mão, e uma coroa de flores de loto branco em sua cabeça. Akrura também viu lá Balabhadra, branco como um jasmim, um cisne, ou a lua, e vestido em roupa azul; tendo braços [e ombros] grandes e poderosos, e um semblante tão radiante quanto um loto em flor; como outra montanha Kailasa, coroada com uma coroa de nuvens.

---

[1] O comentador explica que isso quer dizer Hayagriva, ou Vishnu com o pescoço e cabeça de um cavalo; que, é dito no segundo livro do Bhagavata, apareceu no fim de um grande sacrifício executado por Brahma, e exalou de suas narinas os textos dos Vedas. Em outra parte é sempre dito que o quarto Avatara é o Vamana, ou anão.

Quando Akrura viu aqueles dois jovens, o semblante dele se expandiu com alegria, e os pêlos de seu corpo se arrepiaram de prazer. Pois isto ele pensou ser felicidade e glória supremas; isto, a manifestação dupla do divino Vasudeva; essa era a satisfação dupla da visão dele, ver o criador do universo; agora ele esperava que sua forma corporal desse resultado, porque ela o colocaria em contato com a pessoa de Krishna; e que aquele que usa formas infinitas colocaria sua mão nas costas dele; o toque de cujo dedo somente é suficiente para afastar o pecado, e assegurar felicidade imperecível; aquela mão que lança o feroz disco irresistível, brilhando com todas as chamas de fogo, raio, e do sol, e matando a hoste de demônios lava o colírio dos olhos das noivas deles; aquela mão na qual Bali verteu água, e por isso obteve prazeres inefáveis abaixo da terra, e imortalidade e domínio sobre os deuses por um Manwantara inteiro, sem perigo de um inimigo. "Ai! Ele me desprezará, por minha conexão com Kansa, um associado com o mal, embora não contaminado por ele. Quão inútil é o nascimento daquele que é evitado pelos virtuosos? E contudo o que há nesse mundo desconhecido para ele que reside nos corações de todos os homens, que é sempre existente, livre de imperfeição, o agregado da qualidade de pureza, e idêntico ao verdadeiro conhecimento? Com um coração totalmente devotado a ele, então, eu me aproximarei do senhor de todos os senhores, a porção proveniente de Purushottama, de Vishnu, que é sem início, meio, ou fim." ◄

CAPÍTULO 18

Aflição das Gopis na partida de Krishna e Balarama com Akrura; sua partida de Gokula. Akrura se banha no Yamuna; vê as formas divinas dos dois jovens, e louva Vishnu.

Meditando dessa maneira, o Yadava se aproximou de Govinda, e se dirigiu a ele, e disse, "Eu sou Akrura", e curvou sua cabeça até os pés de Hari; mas Krishna pôs sobre ele sua mão, que era marcada com a bandeira, o raio, e o loto, e puxou-o em direção a ele, e abraçou-o afetuosamente. Então Kesava e Rama entraram em conversação com ele, e, tendo ouvido dele tudo o que tinha acontecido, ficaram muito satisfeitos, e o conduziram para a residência deles. Lá eles retomaram sua conversa, e lhe deram alimento para comer, e o trataram com hospitalidade apropriada. Akrura lhes falou como o pai deles Anakadundubhi, a princesa Devaki, e até seu próprio pai, Ugrasena, tinham sido insultados pelo demônio iníquo Kansa. Ele também contou a eles o propósito para o qual ele tinha sido enviado. Quando ele tinha lhes contado todas essas coisas, o destruidor de Kesin disse a ele, "Eu estava ciente de tudo o que você me falou, senhor de doações generosas. Rama e eu iremos amanhã para Mathura junto com você. Os mais velhos dos vaqueiros nos acompanharão, levando amplas oferendas. Descanse aqui essa noite, e ponha de lado toda ansiedade. Dentro de três noites eu matarei Kansa e seus partidários."

Tendo dado ordens consequentemente aos vaqueiros, Akrura, com Kesava e Rama, se retiraram para descansar, e dormiram profundamente na residência de Nanda. A manhã seguinte era luminosa, e os jovens se prepararam para partir para Mathura com Akrura. As Gopis, vendo-os prestes a partir, ficaram muito aflitas; elas choraram amargamente, suas pulseiras estavam soltas em seus braços, e elas conversaram juntas intimamente dessa maneira: "Se Govinda partir para Mathura, como ele voltará a Gokula? Os ouvidos dele serão regalados lá com a conversação melodiosa e polida das mulheres da cidade. Acostumado à linguagem das mulheres graciosas de Mathura, ele nunca suportará novamente as expressões rústicas das Gopis. Hari, o orgulho da estação, é levado embora, e um golpe fatal é infligido em nós pelo destino inexorável. Sorrisos expressivos, linguagem suave, afetações graciosas, andar elegante, e relances sugestivos, pertencem às mulheres da cidade. Hari é de educação simples, e, cativado pelos encantos delas, que probabilidade há de ele voltar para a companhia de qualquer uma entre nós? Kesava, que subiu no carro para ir para Mathura, foi iludido pelo cruel, vil, e atrevido Akrura. O traidor insensível não conhece a afeição que nós todas aqui sentimos por nosso Hari, a alegria de nossos olhos, que ele o está levando embora? Indelicado que ele é, Govinda está se afastando de nós, junto com Rama. Depressa! Vamos pará-lo! Por que falar de contar para nossos superiores que nós não podemos suportar a perda dele? O que eles podem fazer por nós, quando nós somos consumidas pelos fogos da separação? Os Gopas, com Nanda encabeçando-os, estão eles mesmos se preparando para partir; ninguém faz qualquer tentativa para deter Govinda. Luminosa é a manhã que sucede essa noite para as mulheres de Mathura, pois as abelhas dos olhos delas se alimentarão na face de loto de Achyuta. Felizes são aquelas que podem sair daqui sem impedimento, e ver, arrebatadas, Krishna em sua jornada. Um grande festival dará prazer hoje para os olhos dos habitantes de Mathura, quando eles virem a pessoa de Govinda. Que visão bem-aventurada será vista pelas mulheres felizes, da cidade, cujos olhos brilhantes observarão atentamente, irreprimidos, o semblante de Krishna! Ai! Os olhos das Gopis foram privados de visão pelo impiedoso Brahma, depois de ele mostrado a elas esse grande tesouro. Em proporção como o afeto de Hari por nós decai, assim nossos membros enfraquecem, e as pulseiras deslizam de nossos braços. E agora o cruel Akrura incita os cavalos. Todos conspiram para tratar mulheres infelizes com insensibilidade. Ai! ai! Nós vemos agora só o pó das rodas de

carruagem dele! E agora ele está longe, pois até mesmo aquela poeira não é mais vista!" Assim lamentados pelas mulheres, Kesava e Rama deixaram o distrito de Vraja[1]. Viajando em um carro puxado por cavalos rápidos, eles chegaram ao meio-dia nas margens do Yamuna, quando Akrura lhes pediu para pararem um pouco, enquanto ele realizava o cerimonial diário usual no rio[2]. Consequentemente o inteligente Akrura se banhou, e enxaguou sua boca, e então entrando no rio, ele ficou de pé meditando no ser supremo; mas ele viu mentalmente[3] Balabhadra, tendo mil cabeças de capelo, uma guirlanda de flores de jasmim, e olhos vermelhos grandes, acompanhado por Vasuki, Rambha, e outras serpentes poderosas, louvado pelos Gandharbas, enfeitado com flores selvagens, usando roupas de cor escura, coroado com uma coroa de lotos, enfeitado com brincos brilhantes, ébrio, e permanecendo no fundo do rio na água[4]. No colo dele ele viu também, à vontade, Krishna, da cor de uma nuvem[5], com olhos arredondados e acobreados, tendo uma forma elegante, e quatro mãos, armado com o disco e outras armas, usando roupas amarelas, enfeitado com muitas flores coloridas, e parecendo com uma nuvem embelezada com rios de relâmpago e o arco de Indra; seu peito era marcado com o sinal celestial, seus braços eram radiantes com braceletes, um diadema brilhava em sua fronte, e ele usava um loto branco como seu topete. Ele estava acompanhado por Sanandana e outros sábios santos que, fixando seus olhos nas pontas de seus narizes, estavam absortos em meditação profunda.

Quando Akrura viu Balarama e Krishna nessa situação, ele ficou muito surpreso, e imaginou como eles podiam ter chegado lá tão depressa da carruagem. Ele desejou lhes perguntar isso, mas Janarddana o privou da faculdade da fala no momento. Erguendo-se então da água, ele se dirigiu ao carro, e lá ele encontrou ambos sentados quietamente nas mesmas personalidades humanas como antes. Mergulhando novamente na água, lá ele os viu novamente, louvados como antes pelos Gandharbas, santos, sábios, e serpentes. Temendo, portanto, o real caráter deles, ele louvou dessa maneira a divindade eterna, que consiste em verdadeiro conhecimento:

"Saudação a ti, que és uniforme e múltiplo, permeia tudo, espírito supremo, de glória inconcebível, e que és existência absoluta. Saudação a ti, ó inescrutável, que és verdade, e a essência de oblações. Saudação a ti, ó senhor, cuja natureza é desconhecida, que estás além da matéria primeva, que existes em cinco formas, como uno com os elementos, com as faculdades, com matéria, com a alma viva, com espírito supremo. Mostre favor a mim, ó alma do universo, essência de todas as coisas, perecíveis ou eternas, seja endereçado pela designação de Brahma, Vishnu, Shiva, ou semelhantes. Eu adoro a ti, ó deus, cuja natureza é indescritível, cujos propósitos são inescrutáveis, cujo nome até é desconhecido; pois os atributos de tipo

---

1 No Bhagavata, Hari Vansa, etc., várias aventuras de Krishna, durante sua residência em Vraja, são lembradas, das quais nosso texto não faz menção. Dessas, as duas mais populares são Krishna roubando as roupas das Gopis enquanto tomando banho, e ele libertando os Gopas da boca de Aghasura, disfarçado como uma vasta serpente, na qual eles tinham entrado, pensando que ela era uma caverna em uma montanha. A omissão dessas duas lendas, ou de qualquer uma do resto, não deve ser muito lamentada.

2 A prece do meio-dia, ou Sandhya.

3 Por seu Dhyana, ou força de meditação, na qual é tentado trazer diante da visão da mente alguma forma definida do objeto de adoração. Nesse caso Akrura é compelido a ver uma forma ele não antecipou. O Hari Vansa muito toscamente o coloca para meditar na serpente Sesha, o que estraga a história, planejada, como ela é, para mostrar a identidade de Balarama e Krishna com o supremo.

4 Balarama estava desse modo visível em seu caráter real de Sesha, o chefe das serpentes, o sofá ou leito de Vishnu, e sustentador do mundo.

5 Ou, mais propriamente, ele viu Ghanasyama, um título de Krishna, que é chamado assim por ser tão negro (syama) quanto uma nuvem (ghana).

ou título não são aplicáveis a ti, que és AQUILO[6], o Brahma supremo, eterno, inalterável, natural. Mas como a realização de nossos objetivos não pode ser atingida exceto através de alguma forma específica, tu és chamado por nós de Krishna, Achyuta, Ananta, ou Vishnu. Tu, divindade não nascida, és todos os objetos dessas personificações; tu és os deuses, e todos os outros seres; tu és o mundo inteiro; tu és tudo. Alma do universo, tu és livre de mudança, e não há nada exceto tu em toda essa existência. Tu és Brahma, Pasupati, Aryaman, Dhatri, e Vidhatri; tu és Indra, ar, fogo, o regente das águas, o deus da riqueza, e juiz dos mortos; e tu, embora apenas um, presides sobre o mundo com várias energias, dirigidas para vários propósitos. Tu, idêntico ao raio solar, crias o universo; toda substância elementar é composta de tuas qualidades; e tua forma suprema é denotada pelo termo imperecível SAT (existência). A ele que é uno com o verdadeiro conhecimento, que é e não é perceptível [Sat e asat, 'real' e 'irreal'], eu me curvo. Glória a ele, o senhor Vasudeva, a Sankarshana, a Pradyumna, e a Aniruddha[7]." ◄

6 Tad, 'aquilo;' tudo o que existe, ou que pode ser concebido.

7 A devoção de Akrura aqui é profética; o filho e neto de Krishna (veja a página 338) ainda não são nascidos. Mas esse é o modo Vaishnava de se dirigir a Krishna ou Vishnu, como idêntico aos quatro Vyuhas, 'arranjos' ou 'disposições', Krishna, Balarama, Pradyumna, e Aniruddha. Veja As. Res. XVI. 35. Nesse, como em vários outros lugares, o Vishnu Purana difere de algumas das outras narrativas de Krishna, pela extensão e caráter das orações dirigidas a Vishnu. O Hari Vansa, por exemplo, nesse lugar não tem prece ou panegírico em absoluto; o Bhagavata insere um.

CAPÍTULO 19

Akrura leva Krishna e Rama perto de Mathura, e os deixa; eles entram na cidade. Insolência de lavadeiro de Kansa, Krishna o mata. Civilidade de um vendedor de flores, Krishna dá sua bênção a ele.

Assim o Yadava Akrura, permanecendo no rio, louvou Krishna, e o adorou com incenso e flores imaginários. Desconsiderando todos os outros objetos, ele fixou toda a sua mente na divindade; e tendo continuado por um longo tempo em contemplação espiritual, ele finalmente desistiu de sua abstração, concebendo que ele tinha efetuado os propósitos da alma. Saindo da água do Yamuna, ele foi para o carro, e lá ele viu Rama e Krishna sentados como antes. Como os olhares dele denotavam surpresa, Krishna disse a ele, "Certamente, Akrura, você viu alguma maravilha na corrente do Yamuna, porque seus olhos estão fitando como se com surpresa." Akrura respondeu, "A maravilha que eu vi na corrente do Yamuna eu vejo diante de mim, aqui mesmo, em uma forma corpórea; porque ele a quem eu encontrei na água, Krishna, também é teu ser extraordinário, de cuja pessoa ilustre o mundo inteiro é o desenvolvimento miraculoso. Mas basta disso; vamos prosseguir para Mathura. Eu temo que Kansa fique bravo com nossa demora; tal é a consequência miserável de comer o pão de outro." Falando assim, ele incitou os cavalos rápidos, e eles chegaram depois do pôr-do-sol a Mathura. Quando eles entraram na visão da cidade, Akrura disse a Krishna e Rama, "Vocês devem agora viajar a pé, enquanto eu prossigo sozinho no carro; e vocês não devem ir para a casa de Vasudeva, pois o ancião foi banido por Kansa por causa de vocês."

Akrura tendo falado dessa maneira, os deixou, e entrou na cidade; enquanto Rama e Krishna continuaram caminhando ao longo da estrada real. Observados com prazer pelos homens e mulheres, eles seguiram de modo divertido, parecendo dois elefantes jovens. Enquanto eles vagavam em volta, eles viram um lavadeiro colorindo roupas, e com semblantes sorridentes eles avançaram e derrubaram um pouco do linho de excelente qualidade dele. O lavadeiro era o empregado de Kansa, tornado insolente pela proteção de seu patrão; e ele provocou os dois rapazes com insultos altos e grosseiros, até que Krishna o derrubou, com sua cabeça para o chão, e o matou. Então pegando as roupas, eles seguiram seu caminho, vestidos em roupas amarelas e azuis, até que eles chegaram à loja de um vendedor de flores. O vendedor de flores olhou para eles com surpresa, e imaginou quem eles poderiam ser, ou de onde eles poderiam ter vindo. Vendo dois jovens tão fascinantes, vestidos em trajes amarelos e azuis, ele imaginou que eles eram divindades descidas na terra. Sendo endereçado por eles com bocas florescentes como lotos, e pedido por algumas flores, ele colocou suas mãos no chão, e o tocou com sua cabeça, dizendo, "Meus senhores me mostraram grande bondade em virem à minha casa, afortunado que eu sou; eu lhes prestarei homenagem." Tendo falado assim, o vendedor de flores, com um aspecto sorridente, lhes deu todas as flores seletas que eles escolheram, para ganhar o favor deles. Prostrando-se repetidamente diante deles, ele os presenteou com flores, belas, fragrantes, e frescas. Krishna então, estando muito satisfeito com ele, lhe deu esta bênção; "A fortuna, bom amigo, que depende de mim, nunca o abandonará. Você nunca sofrerá perda de vigor, ou perda de riqueza. Enquanto o tempo durar, seus descendentes não se extinguirão. Tendo provado várias delícias por longo tempo na terra, você obterá finalmente, por me chamar à lembrança, uma região divina, a consequência do meu favor. Seu coração sempre será concentrado na retidão, e plenitude de dias será a porção de sua posteridade. Seus descendentes não estarão sujeitos a fraquezas naturais, enquanto o sol durar." Tendo falado desse modo, Krishna e Rama, adorados pelo vendedor de flores, saíram da residência dele[1]. ◄

---

[1] Esses incidentes são contados, com algumas diferenças sem importância, nas outras descrições da juventude de Krishna.

CAPÍTULO 20

Krishna e Balarama encontram Kubja; ela é endireitada pelo primeiro; eles procedem para o palácio. Krishna quebra um arco destinado a um teste de armas. Ordens de Kansa para seus criados. Jogos públicos. Krishna e seu irmão entram na arena: o primeiro luta com Chanura, o último com Mushtika, os lutadores do rei; que são ambos mortos. Krishna ataca e mata Kansa; ele e Balarama fazem homenagem a Vasudeva e Devaki; o primeiro elogia Krishna.

Enquanto eles prosseguiam ao longo da rodovia, eles viram vindo em direção a eles uma moça jovem, que era torta, carregando um vaso de unguento. Krishna dirigiu-se alegremente a ela, e disse, "Para quem você está levando esse unguento? Diga-me, moça adorável, fale verdadeiramente." Falada por assim dizer por afeição, Kubja [aqui não um nome próprio, mas 'a garota deformada'], bem disposta em direção a Hari, também respondeu a ele jovialmente, estando encantada pela apararência dele; "Você não sabe, amado, que eu sou a criada de Kansa, e designada, torta como eu sou, para preparar os perfumes dele?* Unguento moído por qualquer outra ele não aprova; consequentemente eu sou enriquecida pelas recompensas generosas dele." Então Krishna disse, "Donzela de rosto formoso, nos dê desse unguento, fragrante e apropriado para reis, tanto quanto nós possamos esfregar em nossos corpos." "Pegue-o", Kubja respondeu; e ela deu a eles tanto do unguento quanto era suficiente para os corpos deles; e eles o esfregaram em várias partes de seus rostos e corpos[1], até que eles se pareciam com duas nuvens, uma branca e uma preta, enfeitadas pelo arco de muitas cores de Indra. Então Krishna, hábil na arte curativa, a pegou, debaixo do queixo, com o polegar e dois dedos, e ergueu a cabeça dela, enquanto com seus pés ele pressionou os pés dela; e desse modo ele a endireitou. Quando ela foi assim livrada de sua deformidade, ela era uma mulher mais bonita; e, cheia de gratidão e afeição, ela pegou Govinda pelo traje, e o convidou para a casa dela. Prometendo ir em outro momento, Krishna a despediu de modo sorridente, e então deu risada ao ver o semblante de Baladeva[2].

Vestidos em roupas azuis e amarelas, e ungidos com unguentos fragrantes, Kesava e Rama procederam para o salão de armas, que estava rodeado por guirlandas penduradas. Indagando dos guardas qual arco ele deveria testar, e sendo conduzido a ele, ele o pegou, e o curvou; mas puxando-o com violência, ele o quebrou em dois[3], e Mathura inteira ressoou com o barulho que sua quebra ocasionou. Insultados pelos guardas por quebrarem o arco, Krishna e Rama replicaram, e os desafiaram, e deixaram o salão.

Quando Kansa soube que Akrura tinha retornado, e ouviu que o arco tinha sido quebrado, ele falou dessa maneira para Chanura e Mushtika, seus pugilistas: "Dois jovens, meninos vaqueiros, chegaram; vocês devem matar ambos, em um teste de força, na minha presença; porque eles tramam contra minha vida. Eu ficarei bem satisfeito se vocês os matarem na competição, e lhes darei tudo o que vocês desejarem; não outra coisa. Aqueles meus dois inimigos devem ser mortos por vocês

* O nome da donzela, nós somos assim informados, era Naikavakra. No Bhagavata Purana, canto 10, cap. 42, verso 3, seu nome aparece como Trivakra. Ela era assim chamada, o comentador Sridhara observa, por ser triplamente deformada, a saber, no pescoço, no peito, e na cintura.

---

1 Eles tinham seus corpos cobertos no estilo chamado Bhaktichheda; isto é, com as marcas separadas ou distintas (chheda) de devoção Vaishnava (bhakti): certas listras na testa, nariz, bochechas, peito, e braços, que denotam um seguidor de Vishnu. Veja As. Res. XVI. 33.

2 A história é contada semelhantemente no Bhagavata, etc.

3 A dobra ou quebra de um arco é um incidente favorito em poesia heróica hindu, emprestado, sem dúvida, do Ramayana onde, entretanto, ele tem um objetivo; aqui ele é bastante infundado.

honestamente ou desonestamente. O reino será nosso em comum, quando eles pereceram." Tendo lhes dado essas ordens, ele chamou em seguida o condutor de seu elefante, e desejou que ele posicionasse seu grande elefante, Kuvalayapida, que era tão imenso quanto uma nuvem carregada com chuva, perto do portão da arena, e o incitasse sobre os dois meninos quando eles tentassem entrar. Quando Kansa tinha emitido esses comandos, e averiguado que as plataformas estavam todas prontas para os espectadores, ele esperou o nascer do sol, inconsciente da morte iminente.

Pela manhã os cidadãos se reuniram nas plataformas separadas para eles, e os príncipes, com os ministros e cortesãos, ocuparam os assentos reais. Perto do centro do círculo juízes dos jogos foram posicionados por Kansa, enquanto ele mesmo sentou-se perto separadamente em um trono alto. Foram erguidas plataformas separadas para as senhoras do palácio, para as cortesãs, e para as esposas dos cidadãos[4]. Nanda e os vaqueiros tiveram lugares destinados a eles, na extremidade

---

[4] O Bhagavata entra em até menos detalhes do que o nosso texto sobre o lugar reservado para os jogos. O Hari Vansa dá uma descrição muito mais detalhada, que é curiosa em alguns aspectos. A falta de qualquer glossário técnico, e o modo geral no qual termos técnicos são explicados nos dicionários comuns, tornam difícil de entender exatamente o que é pretendido, e qualquer tradução das passagens deve ser defeituosa. A versão francesa [tradução de Langlois], entretanto, provavelmente representa uma cena muito mais esplêndida e teatral do que o texto autoriza, e pode então admitir correção. O projeto geral é nada além de um espaço fechado, cercado por estruturas temporárias de madeira ou bambus, abertas ou fechadas, e enfeitadas com reposteiros e guirlandas. Pode ser duvidado se os detalhes descritos pelo compilador do Hari Vansa eram muito familiares até para ele; pois a descrição dele não é sempre muito consistente ou precisa. De dois comentadores, um evidentemente não conhece nada do que ele tenta explicar; mas com a ajuda do outro as passagens podem ser, embora nem sempre confiantemente, traduzidas:

"O rei, Kansa, meditando sobre essas coisas, saiu de seu palácio para o lugar que tinha sido preparado para o espetáculo do cerimonial (1), para inspecionar os palanques (2) que tinham sido construídos. Ele encontrou o local fixado cercado com as várias plataformas (3) dos diferentes grupos públicos (4), colocadas juntas fortemente, e decoradas com pavilhões cobertos de vários tamanhos, apoiadas por colunas, e divididas em aposentos espaçosos (5). O edifício era extenso, bem organizado, segurado por vigas fortes (6), espaçoso e alto, e cômodo e seguro. Escadarias levavam às diferentes galerias (7). Cadeiras de estado (8) foram colocadas em várias partes dele. As avenidas que levavam a ele eram estreitas (9). Ele estava coberto com estrados e abrigos temporários (10), e era capaz de sustentar o peso de uma multidão.

"Tendo visto o lugar do festival assim adornado, Kansa deu ordens, e disse, 'Amanhã que as plataformas e terraços e pavilhões (11) sejam decorados com quadros e guirlandas e bandeiras e imagens (12), e que eles sejam perfumados com odores fragrantes, e cobertos com toldos (13). Que haja amplas pilhas de esterco de vaca seco e batido (14) no chão, e câmaras de repouso adequadas sejam cobertas, e enfeitadas com sinos e arcos ornamentados (15). Que grandes jarros de água sejam fixados com firmeza em ordem, capazes de manter uma provisão copiosa, e munidos com copos dourados para beber. Que apartamentos sejam preparados (16), e vários tipos de bebida, em recipientes apropriados, estejam prontos. Que os juízes dos jogos sejam convidados, e corporações com seus chefes. Que ordens sejam emitidas para os lutadores, e notícia seja dada aos espectadores; e que plataformas para a acomodação deles sejam montadas no lugar da assembléia.'" (17)

Quando a reunião acontece, o local dos jogos é descrito assim: "No dia seguinte o anfiteatro (18) foi enchido pelos cidadãos, ansiosos para verem os jogos. O lugar da assembléia (19) era sustentado por pilares octogonais pintados (20), provido com terraços e portas e ferrolhos, com janelas circulares ou em forma de meia-lua; ajustado, e provido de assentos com almofadas (21), e ele brilhava como o oceano quando grandes nuvens pendem sobre ele, com pavilhões espaçosos, sólidos (22), assentados para a visão do combate; abertos à frente (23), mas escondidos com cortinas belas e de excelente qualidade (24), coroados com festões de flores, e brilhando com esplendor como nuvens outonais. Os pavilhões das diferentes companhias e corporações, imensos como montanhas, estavam enfeitados com bandeiras, tendo sobre elas os instrumentos e emblemas das várias artes (25). As câmaras dos habitantes dos apartamentos internos brilhavam próximas, luminosas com ouro e pinturas e redes de jóias, elas eram ricamente enfeitadas com pedras preciosas, eram cercadas embaixo com tapeçarias caras, e ornamentadas acima com pináculos e estandartes, e pareciam com montanhas abrindo suas asas no céu; enquanto os raios de luz refletidos das valiosas jóias eram misturados com o ondular de leques brancos, e o tinido musical de ornamentos femininos. Os pavilhões separados das cortesãs eram enfeitados por

mulheres adoráveis, vestidas nos vestidos mais esplêndidos (27), e emulavam o brilho dos carros dos deuses. No lugar de assembléia havia assentos excelentes, sofás feitos de ouro, e reposteiros de várias cores, entremeados com feixes de flores; e lá havia vasos dourados de água, e lugares bonitos para repouso, cheios de frutas de vários tipos, e sucos refrescantes, e bebidas refrescantes de suco de frutas apropriadas para beber (28). E havia muitos outros tablados e plataformas, construídos de madeira forte, e tapeçarias, às centenas e milhares, eram exibidas; e nos topos das casas, aposentos (29) equipados com venezianas delicadas, pelas quais as mulheres podiam ver os esportes, pareciam com cisnes voando pelo ar.

"Na frente ficava o pavilhão de Kansa, superando todo o resto em esplendor, parecendo o monte Meru em brilho; seus lados, suas colunas, sendo cobertos com ouro polido; firmados com cordas coloridas; e de todas as maneiras digno da presença de um rei."

Em justificativa da tradução do que foi escrito acima, uma explicação dos termos técnicos, tirada de dicionários ou dos comentadores, pode ser acrescentada. 1 - Kansa foi para o Prekshagara, literalmente 'casa de visão;' mas é evidente, por seu interior ser visível para espectadores nos topos das casas, como citado subsequentemente, que ela não era um teatro, ou edifício coberto. Se uma construção de qualquer modo, ela era somente um tipo de estacada. Um comentador a chama de, 'um lugar feito para ver o sacrifício.' 2 - Manchanam avalokaka. Entende-se comumente que o Mancha significa uma plataforma elevada, com um chão e um teto, ascendida por uma escada de mão: veja Dicionário. 3 - Mancha-vata. Vata é 'local' ou 'recinto cercado', e é usado aqui sem assumir muito o sentido de Mancha. A combinação é explicada pelos comentadores, 'lugares preparados', ou 'os locais das plataformas'. 4 - Os Srenis, associações de artífices que praticam a mesma arte. Um dos comentários entende que o termo a ser usado aqui denota, não o lugar deles, mas seus trabalhos: 'A estrutura era o trabalho dos artífices.' 5 - Aqui se encontram várias palavras de significação técnica. A passagem é, सोत्तमागारयुक्ताभिर्वल्भीभिर्विभूषितम् । कुटीभिश्च प्रवृद्धाभिरेकस्तम्भैश्च भूषितम् ॥. O comentador diz que Valabhi significa uma estrutura com um telhado de proteção, suportado por seis colunas; Kuti, uma circular, tendo sete telhados - algo talvez como um pagode chinês - e quatro colunas. O Eka-stambha é uma câmara, apoiada por uma coluna. 6 - Saraniryyuham. É difícil de entender a necessidade de vigas em um recinto cercado no qual as plataformas e tablados parecem ter sido erguidos independentemente de qualquer chão ou parede; mas o comentário [de Nilakantha] explica Niryyuha, 'suportes fortes, projetando-se de uma casa.' 7 - Aslishta sushshta mancharohanam. O primeiro epíteto é explicado, 'não restringido'; o segundo, 'bem construído'; e em lugar do 'ascendente' (Arohanam) nós temos: 'onde havia uma linha de degraus' ou 'escadas'. Há outra leitura do texto, porém, que pode ser interpretada: 'Tendo degraus bem seguros em sua ascensão para o alto'. 8 - 'Assentos para reis'. 9 - Esse é o sentido literal de Sanchara-patha-sankulam; indicando, possivelmente, a formação de passagens por cercas em ambos os lados. 10 - Isso é duvidoso. A frase é: Chhannam-tad-vedikabhi. Chhannam significa, literalmente, 'coberto', e mal pode ser usado no sentido de 'estendido ou enchido com.' Vedika quer dizer um chão ou terraço elevado, com o qual um salão ou edifício não podem ser bem 'cobertos;' e então requer o sentido aqui dado a Chhanna. Os comentadores são silenciosos. 11 - Os Manchavatas e Valabhis, como acima. O outro termo é Vithi, 'uma loja', 'uma tenda', 'um terraço', 'uma estrada.' 12 - Que elas são Vapushmanta; 'tendo figuras pintadas ou esculpidas'. O outro comentário o traduz meramente 'aprazível' ou 'agradável'. 13 - 'Coberto acima com tecidos'. O uso do toldo ou Semiana é muito comum na Índia. 14 - Para os lutadores esfregarem em seus corpos para absorver a transpiração. 15 - Isso tudo é bastante questionável. A passagem é, mais usualmente: घण्टालोरवशोभाश्च वलयश्चानुकल्पतः ।. Vali ou Bali, em um sentido, quer dizer 'a beira de um telhado de sapé', e pode ser aplicado para algum tipo de estrutura temporária, uma espécie de espaço reservado ou de descanso para os pugilistas e lutadores. Em algumas cópias ele é lido, 'belo com tecidos estendidos' sobre os quais os atores podem sentar quando desobrigados; talvez um tipo de tapete no chão. 16 - A expressão é novamente Vali. Outro sentido da palavra é, oferecimento de iguarias, ou dos restos de um sacrifício, para todos os seres; mas esse não pode ser seu sentido aqui; nem ele é alguma vez usado no sentido de comestíveis em geral. O verbo Kalpa ou Klrip também normalmente significa 'fazer.' 17 - Manchavata [traduzir: ‘plataformas’]; 'no Samaja', ou 'assembléia.' 18 - Maharanga, 'o grande lugar da realização.' Ranga é 'ação' ou 'representação;' também o lugar ou local dela. 19 - Todas as cópias consultadas, exceto uma, oferecem uma irregularidade de construção que, embora defendida pelos comentadores, é uma licença mal permissível. Os epítetos do primeiro verso estão todos no número plural; eles então ocorrem no singular, para concordarem com o único substantivo na descrição, Samajavata. De acordo com os comentários, o termo plural Manchas compreendido é o substantivo para os epítetos da primeira estrofe, e Samajavata o singular para aqueles dos outros versos. Esse embaraço é evitado porém pela leitura de uma cópia velha e muito boa, a qual põe tudo no singular; como: सचिवाद्यास्त्रिचरणः सार्गलद्वारवेदिकः । सगवाक्षार्धचन्द्रश्च सतल्पोत्तमभूषितः ॥. 20 - A expressão é Charana, literalmente 'pé;' explicado pelo comentador, Stambha, 'poste' ou 'pilar'. 21 - A leitura da maioria das cópias é Sayanottama, que pode ser aceito como o sentido de Talottama 'sofás ou bancos com almofadas.' 22 - Manchagarais, 'casas temporárias.' 23 - Ou 'de frente para o leste'. 24 - Nirmuktais, explicado, pelo comentador [Nilakantha], significar 'linhas excelentes', 'rede', ou 'gaze,' pela qual pessoas, mulheres especialmente, podem ver sem serem vistas.

dos quais sentavam Akrura e Vasudeva. Entre as esposas dos cidadãos apareceu Devaki, lamentando por seu filho, cujo rosto adorável ela desejava ver mesmo na hora da destruição dele. Quando os instrumentos musicais soaram, Chanura saltou para fora, e o povo gritou, "Ai!" e Mushtika bateu em seus braços em desafio. Cobertos com serosidade e sangue do elefante que, quando instigado contra eles por seu guia, eles tinham matado, e armados com as presas dele, Balabhadra e Janarddana entraram confiantemente na arena, como dois leões no meio de um bando de cervos. Exclamações de piedade ergueram-se de todos os espectadores, junto com expressões de surpresa. "Esse, então", disseram as pessoas, "é Krishna! Esse é Balabhadra! Esse é ele por quem a feroz percorredora da noite Putana foi morta; por quem o vagão foi virado, e as duas árvores Arjuna derrubadas! Esse é o menino que pisoteou e dançou sobre a serpente Kaliya; que segurou a montanha Govarddhana por sete noites; que matou, como se em brincadeira, os iníquos Arishta, Dhenuka, e Kesin! Esse que nós vemos é Achyuta! Esse é aquele que foi predito pelos sábios, hábil na compreensão dos Puranas, como Gopala, que exaltará a abatida linhagem Yadava! Esse é uma porção do todo-existente, gerador de tudo Vishnu, descida na terra, que seguramente deixará mais leve a carga dela!" Assim os cidadãos descreveram Rama e Krishna, assim que eles apareceram; enquanto o peito de Devaki ardia com afeição materna [aqui nós temos a expressão de uma idéia, que, quando uma mulher é agitada profundamente em seus sentimentos maternos, ela experiencia uma secreção de leite]; e Vasudeva, esquecendo suas fraquezas, sentia-se jovem novamente, ao ver os semblantes de seus filhos como um período de júbilo. As mulheres do palácio, e as esposas dos cidadãos, arregalaram seus olhos, e olharam atentamente para Krishna. "Olhem, amigas", disseram elas para suas companheiras; "olhem para a face de Krishna; os olhos dele estão avermelhados por sua luta com o elefante, e as gotas de transpiração permanecem nas bochechas dele, rivalizando com um loto totalmente desabrochado no outono, salpicado com orvalho brilhante. Valham-se agora da faculdade da visão. Observem o peito dele, a base do esplendor, marcado com o sinal místico [srivatsa]; e seus braços, ameaçando destruição para seus inimigos. Vocês não notam Balabhadra, vestido em um traje azul; seu rosto tão claro quanto o jasmim, como a lua, como as fibras do talo de loto? Vejam como ele sorri levemente por causa dos gestos de Mushtika e Chanura, enquanto eles pulam para o alto. E agora vejam Hari avançar para enfrentar Chanura. O que! Não há mais velhos, juízes do campo? Como pode a forma delicada de Hari, apenas ainda no início da adolescência, ser considerado como um páreo para o vasto e adamantino tamanho do grande demônio? Dois jovens, de corpos leves e elegantes, estão na arena, para enfrentar demônios atléticos, encabeçados pelo cruel Chanura. Este é um grande pecado nos juízes dos jogos, pois os árbitros permitem uma competição entre meninos e homens fortes."

Enquanto as mulheres da cidade conversavam desse modo umas com as outras, Hari, tendo apertado seu cinto, dançou na arena, fazendo tremer o chão no qual ele andava. Balabhadra também dançou, golpeando seus braços em desafio. Onde o chão era firme, o invencível Krishna lutou pé a pé com Chanura. O experiente demônio Mushtika foi enfrentado por Balabhadra. Entrelaçando-se mutuamente, e

---

25 - स्वकर्मद्रव्ययुक्ताभिः पताकाभिः ।. 26 - 'Com cumes e projeções'. O comentador explica isso, 'com bandeiras no topo deles.' 27 - Isso parece ser pretendido como um epíteto das mulheres, posto que Astarana normalmente não é aplicado a vestuário. 28 - Phala, naturalmente, é 'fruta.' Avadansa é explicado em léxicos, 'o que é comido para excitar sede:' um comentário o apresenta 'o que pode ser chupado', como tamarindos, e semelhantes. Changeri é explicado, 'fluidos para beber, feitos com frutas ácidas ou azedas;' isto é, sucos de frutas. 29 - उत्तमागारिकाः ou उत्तरागारिकाः é um epíteto do Prekshagara, ou casa de vigia das mulheres, situada nos topos das casas delas, de acordo com os comentadores; um arranjo muito compatível com a forma das casas indianas, que têm telhados planos, comumente cercados por um trabalho de treliça, ou veneziana de alvenaria. É observável, que no Vishnu Purana, e no Mahabharata, em várias ocasiões públicas, as mulheres tomam seus lugares nas plataformas, ou nos pavilhões, sem cortinas ou telas.

empurrando, e puxando, e batendo um no outro com punhos, braços, e cotovelos, apertando um ao outro com seus joelhos, entrelaçando seus braços, chutando com seus pés, pressionando todo o seu peso um sobre o outro[5], Hari e Chanura lutaram. Encarniçada era a luta, embora sem armas, e uma de vida e morte, para a grande satisfação dos espectadores. À medida que a competição continuava, Chanura perdia gradualmente um pouco de sua energia original, e a coroa na cabeça dele tremia por causa de sua fúria e angústia[6]; enquanto ele que compreende o mundo [Jagan-maya], Krishna, lutou com ele como se apenas em diversão. Vendo Chanura perdendo, e Krishna ganhando força, Kansa, furioso com raiva, mandou a música parar. Assim que os tambores e trompetes foram silenciados, uma banda numerosa de instrumentos divinos foi ouvida no céu, e os deuses exclamaram invisivelmente: "Vitória para Govinda! Kesava, mate o demônio Chanura!" Madhusudana tendo brincado por um longo tempo com seu adversário, finalmente o ergueu no alto, e o girou em volta, com a intenção de acabar com ele. Tendo girado Chanura cem vezes, até que a respiração dele foi gastada no ar, Krishna o arremessou no chão com tal violência que despedaçou seu corpo em cem fragmentos, e cobriu a terra com cem piscinas de lodo ensanguentado. Enquanto isso ocorria, o poderoso Baladeva estava envolvido em combate da mesma maneira com o demônio grande e forte Mushtika. Golpeando-o na cabeça com seus punhos, e no peito com seus joelhos, ele o estirou no chão, e o esmurrou lá até que ele estivesse morto. Novamente, Krishna enfrentou o nobre grande e forte Tosalaka, e o derrubou no chão com um golpe de sua mão esquerda. Quando os outros atletas viram Chanura, Mushtika, e Tosalaka mortos, eles fugiram do campo; e Krishna e Sankarshana dançaram vitoriosos na arena, arrastando junto com eles, à força, os vaqueiros da própria idade deles. Kansa, seus olhos se avermelhando com ira, gritou alto para as pessoas em volta, "Expulsem aqueles dois vaqueiros da assembléia, capturem o miserável Nanda, e o prendam com correntes de ferro, matem Vasudeva com torturas intoleráveis para a idade dele, e ponham as mãos no gado, e em tudo mais que pertence àqueles vaqueiros que são os amigos de Krishna."

Ao ouvir essas ordens, o destruidor de Madhu riu de Kansa, e, pulando até o lugar onde ele estava sentado, o agarrou pelo cabelo de sua cabeça, e lançou sua tiara ao solo. Então, arremessando-o no chão, Govinda se jogou sobre ele. Esmagado pelo peso do sustentador do universo, o filho de Ugrasena, Kansa o rei, morreu. Krishna então arrastou o corpo morto, pelo cabelo da cabeça, para o centro da arena, e um sulco fundo foi feito pela carcaça vasta e pesada de Kansa, quando ela foi arrastada pelo chão por Krishna, como se uma torrente de água tivesse corrido através dele[7]. Vendo Kansa tratado dessa maneira, seu irmão Sumalin veio para ajudá-lo; mas ele foi enfrentado, e morto facilmente, por Balabhadra. Então ergueu-se um grito geral de aflição do círculo circundante, quando eles viram o rei de Mathura morto desse modo, e tratado com tal insolência, por Krishna. Krishna, acompanhado

---

5 Os temos aqui usados são técnicos, e se referem aos modos estabelecidos de luta entre atletas hindus. 1. Sannipata é descrito 'agarrar mútuo.' 2. Avaduta, 'soltar-se do adversário.' 3. Kshepana, 'puxar, e lançar de volta.' 4. Mushtinipata, 'golpear com punhos.' 5. Kilanipata, 'golpear com o cotovelo.' 6. Vajranipata, 'golpear com a parte dianteira do braço.' 7. Janunirghata, 'apertar ou golpear com os joelhos.' 8. Bahuvighattana, 'entrelaçar os braços.' 9. Padoddhuta, 'chutar.' 10. Prasrishta, 'entrelaçar do corpo inteiro.' Em algumas cópias ocorre outro termo, Asmanirghata, 'golpear com pedras', ou 'desferir golpes tão duros quanto com pedras;' pois dificilmente poderiam ser usadas pedras em uma competição especificada como 'uma sem armas'.

6 Krishna lutou com Chanura, 'que por angústia e raiva sacudiu as flores de seu elmo;' os dois últimos termos são explicados: 'a flor da coroa na cabeça dele.'

7 Et latus mediam sulcus diducit arenam.

'A areia cedendo sendo sulcada em um fosso ou um curso d'água, pelos corpos mortos sendo arrastados sobre ela'. O texto é, गौरवेणातिमहता परिखा तेन कृष्यता । कृता कंसस्य देहेन वेगेनेव महाम्भसः ॥ . [Literalmente: "Pelo corpo arrastado de Kamsa, com seu peso prodigioso, um canal foi feito, como pela velocidade de um grande rio."]

por Balabhadra, abraçou os pés de Vasudeva e de Devaki; mas Vasudeva o ergueu; e ele e Devaki, recordando o que ele tinha dito a eles em seu nascimento, se curvaram a Janarddana, e o primeiro se dirigiu a ele dessa maneira: "Tenha compaixão dos mortais, ó deus, benfeitor e senhor das divindades. É por tua predileção por nós que tu te tornaste o (atual) sustentador do mundo. Que, para a punição dos rebeldes, tu desceste à terra em minha casa, tendo sido propiciado por minhas orações, santificas nossa linhagem. Tu és o coração de todas as criaturas; tu resides em todas as criaturas; e tudo o que foi, ou será, emana de ti, ó espírito universal! Tu, Achyuta, que compreendes todos os deuses, és adorado eternamente com sacrifícios: tu és o próprio sacrifício, e o oferecedor de sacrifícios. O afeto que inspira meu coração e o coração de Devaki por ti, como se tu fosses nosso filho, realmente é apenas erro, e uma grande ilusão. Como a língua de um mortal como eu chamará o criador de todas as coisas, que é sem início e fim, de filho? É coerente que o senhor do mundo, de quem o mundo procede, nasça de mim, exceto por ilusão? Como ele, em quem todas as coisas fixas e móveis estão contidas, pode ser concebido no útero e nascido de um ser mortal? Tenha compaixão portanto, de fato, ó senhor supremo, e em tuas porções derivadas, proteja o universo. Tu não és meu filho. Este mundo inteiro, de Brahma a uma árvore, tu és. Por que tu, que és uno com o supremo, nos ilude? Cego pela ilusão, eu pensei que tu eras meu filho; e por ti, que estás além de todo o medo, eu temi a raiva de Kansa, e então eu te levei, em meu pavor, para Gokula, onde tu cresceste; mas eu não mais te reivindico como meu. Tu, Vishnu, o senhor soberano de tudo, cujas ações Rudra, os Maruts, os Aswins, Indra, e os deuses, não podem igualar, embora eles as vejam; tu que vieste entre nós para o benefício do mundo, és reconhecido, e a ilusão não existe mais." ◄

CAPÍTULO 21

Krishna encoraja seus pais; coloca Ugrasena no trono; se torna o aluno de Sandipani, cujo filho ele recupera do oceano; ele mata o demônio marinho Panchajana, e faz uma corneta da concha dele.

Tendo permitido a Devaki e Vasudeva um momento de conhecimento verdadeiro, pela contemplação das ações dele, Hari novamente expandiu as ilusões de seu poder sobre eles e a tribo Yadu. Ele disse a eles, "Mãe; pai venerável; vocês dois foram observados muito tempo por Sankarshana e mim com tristeza, e temendo Kansa. Aquele cujo tempo não passa em respeito por seu pai e mãe é um ser vil, que nasce, em vão, de pais virtuosos. Produzem bons frutos as vidas daqueles que reverenciam seus pais, seus guias espirituais, os brâmanes, e os deuses. Perdoe portanto, pai, a impropriedade da qual nós possamos ser culpáveis, nos ressentindo, sem suas ordens, - às quais nós reconhecemos que nós estamos sujeitos -, da opressão que nós sofremos do poder e violência de Kansa". Falando assim, eles ofereceram homenagem aos mais velhos da tribo de Yadu em ordem, e então de uma maneira adequada prestaram seus respeitos aos cidadãos. As esposas de Kansa, e aquelas do pai dele, então cercaram o corpo do rei, jazendo no chão, e lamentaram o destino dele em aflição profunda. Hari de vários modos expressou seu pesar pelo que tinha ocorrido, e se esforçou para consolá-las, seus próprios olhos estando cheios de lágrimas. O inimigo de Madhu então libertou Ugrasena da prisão, e o colocou no trono, o qual a morte de seu filho tinha deixado desocupado. O chefe dos Yadavas, sendo coroado, executou os ritos fúnebres de Kansa, e do restante dos mortos. Quando a cerimônia tinha terminado, e Ugrasena tinha retomado seu assento real, Krishna se dirigiu a ele, e disse, "Senho soberano, ordene audazmente o que mais deve ser feito. A maldição de Yayati proclamou nossa linhagem indigna de domínio[1]; mas comigo, como seu criado, você pode dar suas ordens aos deuses. Como os reis as desobedeceriam?"

Tendo falado dessa maneira, o humano Kesava chamou mentalmente a divindade do vento, - que chegou no instante -, e disse a ele, "Vá, Vayu, até Indra, e peça que ele coloque de lado sua pompa [orgulho, ao lembrar, diz Retnagarbha, que Krishna ergueu a colina de Govardhana], e entregue para Ugrasena seu esplêndido salão Sudharman. Diga a ele que Krishna lhe ordena que envie o salão real, a inigualável jóia das cortes opulentas, para a assembléia da tribo de Yadu." Consequentemente Vayu partiu, e entregou a mensagem ao marido de Sachi, que imediatamente deu para ele o salão Sudharman, e Vayu o transportou até os Yadavas, os chefes dos quais dali em diante possuíram aquela corte celestial, iluminada com pedras preciosas, e defendida pelo braço de Govinda. Os dois excelentes jovens Yadus, versados em todo o conhecimento, e possuidores de toda a sabedoria, então se submeteram à instrução, como os discípulos de professores. Consequentemente eles se dirigiram a Sandipani - que, embora nascido em Kasi, residia em Avanti - para estudar a ciência de armas, e, tornando-se alunos dele, eram obedientes e atenciosos para seu mestre, mostrando um exemplo para todos os homens da observância de regras instituídas. No decorrer de sessenta e quatro dias eles tinham passado pelos elementos de ciência militar, com os tratados sobre o uso de armas, e instruções para os encantamentos místicos, que asseguram a ajuda de armas sobrenaturais[2]. Sandipani, muito surpreso por tal proficiência, e sabendo que ela excedia faculdades

---

[1] A maldição pronunciada sobre os filhos mais velhos de Yayati, por eles se recusarem a aceitar sobre si as fraquezas de seu pai. Veja a página 322.

[2] Eles leram do princípio ao fim o Dhanur-veda, que trata de assuntos militares; com o Rahasya, 'a parte mística;' e o Sangraha, 'coleção' ou 'compêndio', o qual [Sridhara e Ratnagarbha] dizem ser, aqui, o Astra-prayoga, o emprego de armas.

humanas, imaginou que o sol e a lua tinham se tornado seus estudantes. Quando eles tinham adquirido tudo o que ele podia ensinar, eles disseram a ele, "Agora diga qual presente deve ser dado a você, como a taxa do preceptor." O prudente Sandipani, percebendo que eles eram dotados com mais do que poderes mortais, pediu que eles lhe dessem seu filho morto, afogado no mar de Prabhasa[3]. Pegando suas armas, eles marcharam contra o oceano; mas o mar que tudo compreende disse a eles, "Eu não matei o filho de Sandipani; um demônio chamado Panchajana, que vive na forma de uma concha de molusco sequestrou o menino. Ele ainda está sob minhas águas. Ao ouvir isso, Krishna mergulhou no mar; e tendo matado o vil Panchajana, ele pegou a concha, que era formada dos ossos dele (e a manteve como sua corneta), o som da qual enche de desânimo as hostes de demônios, anima o vigor dos deuses, e aniquila a iniquidade. Os heróis também recuperaram o menino dos tormentos da morte, e o devolveram, em sua aparência anterior, para o pai dele. Rama e Janarddana voltaram então para Mathura, que era bem presidida por Ugrasena, e era cheia de uma população feliz de homens e mulheres[4]. ◄

[3] Prabhasa é um lugar de peregrinação no oeste da Índia, na costa de Guzerat, perto do templo de Somanath, e da cidade de Pattan Somanath. Ele também é conhecido pelo nome de Soma-tirtha; Soma, ou a lua, tendo sido lá curado da consumpção provocada nele pela maldição de Daksha, seu sogro. Mahabharata, Salya Parva, cap. 35, pág. 96.

[4] Os incidentes dos dois últimos capítulos são narrados no Bhagavata e Hari Vansa, frequentemente nas palavras do texto, mas com muitos embelezamentos e adições, especialmente no último. O Brahma Vaivartta, por outro lado, faz um trabalho ainda mais curto dessas ocorrências que o nosso texto.

CAPÍTULO 22

Jarasandha sitia Mathura; é derrotado, mas renova o ataque repetidamente.

Parasara: ‘O poderoso Kansa tinha se casado com as duas filhas de Jarasandha, uma chamada Asti, a outra Prapti. Jarasandha era o rei de Magadha, e um príncipe muito poderoso[1]; que, quando ele soube que Krishna tinha matado seu genro, ficou muito enraivecido, e, reunindo uma grande tropa, marchou contra Mathura, determinado passar os Yadavas e Krishna a fio de espada. Consequentemente ele cercou a cidade com vinte e três divisões numerosas de suas forças armadas[2]. Rama e Janarddana saíram da cidade com uma tropa pequena, mas resoluta, e lutoram bravamente com os exércitos de Magadha. Os dois líderes jovens resolveram prudentemente recorrer às suas armas antigas, e consequentemente o arco de Hari, com duas aljavas cheias de setas inesgotáveis, e a maça chamada Kaumodaki, e o arado de Balabhadra, assim como a clava Saunanda, desceram a um desejo do céu. Armados com essas armas, eles derrotaram rapidamente o rei de Magadha e suas hostes, e reentraram na cidade em triunfo.

Embora o perverso rei de Magadha, Jarasandha, tivesse sido derrotado, contudo Krishna sabia que enquanto ele escapasse vivo ele não estaria subjugado; e de fato ele retornou logo com um exército imenso, e foi novamente forçado por Rama e Krishna a fugir. Dezoito vezes[3] o príncipe arrogante de Magadha renovou seu ataque sobre os Yadavas, encabeçados por Krishna; e foi o mesmo número de vezes derrotado e afugentado por eles, com números muito inferiores. Que os Yadavas não fossem dominados por seus inimigos era devido ao poder presente da porção de Vishnu armado com o disco. Era o passatempo do senhor do universo, em sua qualidade de homem, lançar várias armas contra seus inimigos; pois que esforço de poder para aniquilar seus inimigos podia ser necessário para ele, cuja ordem cria e destrói o mundo? Mas, como se sujeitando a costumes humanos, ele formou alianças com os bravos, e se envolveu em hostilidades com os vis. Ele recorreu aos quatro estratagemas de política, ou negociação, presentes, semeadura de dissensão, e castigo; e às vezes até ele mesmo recorreu à fuga. Imitando a conduta dos seres humanos dessa maneira, o senhor do mundo desempenhou à vontade todos os seus passatempos. ◄

---

1 Veja a página 349.

2 Com vinte e três Akshauhinis, cada um consistindo em 109.300 soldados de infantaria, 65.610 cavalos, 22.870 carruagens, e o mesmo número de elefantes. O Hari Vansa enumera, como os aliados ou tributários de Jarasandha, vários príncipes de várias partes da Índia, mas esse é um embelezamento gratuito.

3 O Bhagavata e Hari Vansa dizem 'dezessete vezes.' O último se perde em uma descrição prolixa do primeiro conflito; nada do qual se encontra no Bhagavata, nada mais que em nosso texto.

CAPÍTULO 23

Nascimento de Kalayavana; ele avança contra Mathura. Krishna constrói Dwaraka, e envia a tribo de Yadava para lá; ele leva Kalayavana para a caverna de Muchukunda, o último desperta, consome o rei Yavana, e louva Krishna.

Parasara: 'Syala tendo chamado Gargya [ou Garga] o brâmane, enquanto nos currais, de impotente, em uma assembléia dos Yadavas, eles todos riram; pelo que ele ficou muito ofendido, e se dirigiu para as margens do mar ocidental, onde ele se ocupou de penitência árdua para obter um filho, que deveria ser um terror para a tribo de Yadu. Propiciando Mahadeva, e vivendo sobre areia [ou limalha] de ferro por doze anos, a divindade finalmente ficou satisfeita com ele, e lhe deu o benefício desejado. O rei dos Yavanas, que não tinha filhos, tornou-se amigo de Gargya; e o último gerou um filho com a esposa dele, que era tão negro quanto uma abelha, e por isso foi chamado de Kalayavana[1]. O rei Yavana tendo colocado seu filho, cujo peito era tão duro quanto a ponta do raio, no trono, retirou-se para as florestas. Inflado com vaidade de sua bravura, Kalayavana perguntou de Narada quem eram os heróis mais poderosos da terra. Ao que o sábio respondeu, "Os Yadavas." Consequentemente Kalayavana reuniu muitos miríades de Mlechchhas e bárbaros[2], e com um armamento vasto de elefantes, cavalaria, carruagens, e infantaria, avançou impacientemente contra Mathura e os Yadavas; cansando todo dia o animal que o carregava, mas ele mesmo insensível à fadiga.

Quando Krishna soube da aproximação dele, ele refletiu que se os Yadavas enfrentassem o Yavana eles seriam enfraquecidos tanto pelo conflito, que eles seriam então derrotados pelo rei de Magadha; que a força deles estava muito reduzida pela guerra com Magadha, enquanto aquela de Kalayavana estava inteira; e que o inimigo portanto poderia ser vitorioso. Desse modo os Yadavas estavam expostos a um perigo duplo. Ele então resolveu construir uma fortaleza para a tribo Yadu, que não deveria ser tomada facilmente; uma que até mulheres poderiam defender, e na qual portanto os heróis da casa de Vrishni estariam seguros; uma na qual os combatentes homens dos Yadavas não temeriam perigo, embora ele mesmo estivesse bêbado ou descuidado, adormecido ou fora. Refletindo dessa maneira, Krishna solicitou um espaço de doze medidas equivalentes a 201,17 m (1/8 de milha) do oceano, e lá ele construiu a cidade de Dwaraka[3], defendida por plataformas altas, e embelezada com jardins e reservatórios de água, abarrotada com casas e edifícios, e esplêndida como

---

[1] Essa lenda da origem de Kalayavana também é apresentada pelo Hari Vansa. O Bhagavata, como nosso texto, chega imediatamente ao cerco de Mathura por esse chefe; mas o Hari Vansa suspende a história, por mais de trinta capítulos, para narrar uma origem dos Yadavas, e várias aventuras de Krishna e Rama no sudoeste. A maioria dessas não tem nenhuma outra autoridade, e são sem dúvida invenções do compilador Dakhini; e as outras estão colocadas fora de lugar.

[2] Igualmente o Bhagavata o descreve como liderando uma hoste de Mlechchhas, ou bárbaros, contra Krishna; mas no Mahabharata, Sabha Parva, cap. 14, pág. 33, onde Krishna descreve o poder de Jarasandha, ele admite que ele e os Yadavas fugiram de Mathura para o oeste, por medo daquele rei, mas nenhuma descrição é dada de qualquer cerco de Mathura por Kalayavana. A única indicação de tal pessoa é a menção que Bhagadatta, o rei Yavana, que governa Muru e Naraka no oeste e sul, é um de seus vassalos mais ligados. Esse rei é em vários outros lugares chamado de rei de Pragjyotish, como ele é em uma passagem subsequente do mesmo livro, Sabha Parva, cap. 33, pág. 66; e esse nome sempre é aplicado ao oeste de Asam. Seus súditos, porém, ainda são Yavanas e Mlechchhas, e ele apresenta cavalos, quepes cravejados de jóias, e espadas com cabos de marfim; artigos raramente encontrados em Asam, que não pode ser propriamente a sede da soberania dele. Parece provável então que a história possa ter se originado em algum conhecimento do poder e posição dos príncipes gregos-bactrianos, ou seus sucessores citas, embora nas últimas compilações ela tenha sido misturada com alusões às primeiras agressões muçulmanas. Veja As. Res. V. 506 e XV. 100.

[3] De acordo com o Mahabharata, ele apenas aumentou e fortaleceu a cidade antiga de Kusasthali, fundada por Raivata. Sabha Parva, pág. 34. Veja também a página 285 do nosso texto.

a capital de Indra, Amaravati. Para lá Janarddana conduziu os habitantes de Mathura, e então esperou naquela cidade a aproximação de Kalayavana.

Quando o exército hostil acampou em volta de Mathura, Krishna saiu desarmado, e viu o rei Yavana. Kalayavana, o de braços fortes, reconhecendo Vasudeva, o perseguiu; ele a quem os pensamentos de ascetas perfeitos não podem alcançar. Assim perseguido, Krishna entrou em uma caverna grande, onde Muchukunda, o rei de homens, estava adormecido. O impulsivo Yavana, entando na caverna, e vendo um homem deitado adormecido lá, concluiu que devia ser Krishna, e o chutou; no que Muchukunda despertou, e lançando nele um olhar enfurecido, o Yavana foi consumido imediatamente, e reduzido a cinzas. Pois em uma batalha entre os deuses e os demônios, Muchukunda tinha contribuído antigamente para a derrota dos últimos; e, sendo dominado pelo sono, ele solicitou dos deuses como uma bênção que ele deveria desfrutar de um repouso longo. "Durma muito tempo e profundamente", disseram os deuses; "e quem perturbar você será reduzido instantaneamente a cinzas pelo fogo que emana do seu corpo[4]."

Tendo queimado o iníquo Yavana, e vendo o inimigo de Madhu, Muchukunda lhe perguntou quem era ele. "Eu nasci", ele respondeu, "na raça lunar, na tribo de Yadu, e sou o filho de Vasudeva." Muchukunda, se lembrando da profecia do velho Garga, caiu diante do senhor de tudo, Hari, dizendo, "Tu és conhecido, senhor supremo, como uma porção de Vishnu; pois foi dito antigamente, por Garga, que no fim da vigésima oitava era Dwapara Hari nasceria na família de Yadu. Tu és ele, sem dúvida, o benfeitor da humanidade; pois tua glória eu não posso suportar. Tuas palavras são de tom mais profundo que o murmúrio da nuvem de chuva; e a terra afunda sob a pressão dos teus pés. Como na batalha entre os deuses e demônios os Asuras eram incapazes de suportar meu esplendor, assim mesmo eu sou incapaz de suportar tua radiância. Tu somente és o refúgio de todo ser vivo que tem descido no mundo. Tu, que és o aliviador de toda angústia, mostre favor para mim, e tire de mim tudo o que é mau. Tu és os oceanos, as montanhas, os rios, as florestas; tu és terra, céu, ar, água, e fogo; tu és mente, inteligência, o princípio não desenvolvido, os ares vitais, o senhor da vida; a alma; tudo o que está além da alma; o que permeia tudo; livre das vicissitudes de nascimento; desprovido de propriedades sensíveis, som e semelhantes; sem decadência, ilimitável, imperecível, não sujeito a aumento nem diminuição; tu és aquilo que é Brahma, sem começo ou fim. De ti os imortais, os progenitores, os Yakshas, Gandharbhas, e Kinnaras, os Siddhas, as ninfas do céu, homens, animais, pássaros, cervos [ou animais predadores], répteis, e todo o mundo vegetal, provêm; e tudo o que existiu, ou existirá, ou existe agora, móvel ou fixo. Tudo o que é amorfo ou tem forma, tudo o que é sutil, grosseiro, estável, ou móvel, tu és, ó criador do mundo; e além de ti não há nada. Ó senhor, eu tenho girado no círculo de existência mundana incessantemente, e tenho sofrido as três classes de aflição, e não há descanso absolutamente. Eu confundi dores com prazeres, como vapores sufocantes com uma piscina de água; e o desfrute deles me deu nada mais que tristeza. A terra, domínio, tropas, tesouros, amigos, filhos, esposa, dependentes, todos os objetos de percepção, eu possuí, imaginando que eles eram fontes de felicidade; mas eu descobri que em sua natureza mutável, ó senhor, eles eram apenas tormento. Os próprios deuses, embora elevados no céu, necessitavam da minha aliança. Onde então há repouso perpétuo? Quem sem adorar a ti, que és a origem de todos os

---

[4] O nome de Muchukunda, como um dos filhos de Mandhatri, ocorre na página 289; mas nenhuma informação adicional é recebida dele. O Bhagavata o especifica como o filho daquele rei, e conta a mesma história do longo sono dele como o texto. O mesmo ocorre no Hari Vansa. O caráter geral das lendas neste capítulo é aquele de referência a algo familiar, em lugar de sua narração. No Hari Vansa o oposto extremo é observável, e lá as lendas são tão prolixas quanto aqui elas são concisas. O Bhagavata segue um curso mediano; mas parece improvável que em qualquer um dos três nós tenhamos as fábulas originais.

mundos, obterá, ó divindade suprema, aquele descanso que dura para sempre? Enganados por tuas ilusões, e ignorantes da tua natureza, homens, depois de sofrerem as várias penalidades de nascimento, morte, e fraqueza, vêm o semblante do rei dos fantasmas, e sofrem no inferno torturas terríveis, a recompensa das próprias ações deles. Viciados em objetos sensuais, por tuas ilusões eu giro no redemoinho de egoísmo e orgulho; e por isso eu venho a ti, como meu refúgio final, que és o senhor merecedor de toda homenagem, além de quem não há outro abrigo; minha mente afligida pelo arrependimento por minha confiança no mundo, e desejando a plenitude da felicidade, emancipação de toda existência*." ◄

* Isso significa: "Ansiando por emancipação, - de glória incriada." Assim diz Ratnagarhha, que também reconhece que o epíteto 'emancipação' significa "refúgio de yogins perfeitos." Sridhara só dá a segunda interpretação.

A 'emancipação' dos hindus não é libertação "de toda existência", mas da consciência de prazer e dor. A distinção é, em todo o caso, boa, como uma amostra de idealismo.

CAPÍTULO 24

Muchukunda vai fazer penitência. Krishna leva o exército e tesouros de Kalayavana, e se dirige com eles para Dwaraka. Balarama visita Vraja; perguntas de seus habitantes acerca de Krishna.

Assim louvado pelo sábio Muchukunda, o soberano de todas as coisas, o senhor eterno, Hari, disse a ele, "Vá para quaisquer regiões celestiais que você deseje, senhor de homens, possuidor de poder irresistível, honrado por meu favor. Quando você tiver desfrutado inteiramente de todos os prazeres celestiais, você nascerá em uma família distinta, retendo a lembrança de seus nascimentos anteriores; e você finalmente obterá emancipação." Tendo ouvido essa promessa, e se prostrado diante de Achyuta, o senhor do mundo, Muchukunda, saiu da caverna, e vendo homens de estatura diminuta, soube imediatamente que a era Kali tinha chegado. O rei portanto partiu para Gandhamadana, o santuário de Naranarayana, para cumprir penitência.

Krishna, tendo, por esse estratagema, destruído seu inimigo, voltou a Mathura, e levou cativo o exército dele, rico em cavalos, elefantes e carros, os quais ele conduziu para Dwaraka, e entregou a Ugrasena, e a tribo Yadu foi aliviada de todo o medo de invasão. Baladeva, quando as hostilidades tinham cessado totalmente, estando desejoso de ver seus parentes, foi para os currais de Nanda, e lá novamente conversou com os pastores e as mulheres deles, com afeto e respeito. Por alguns, os mais velhos, ele foi abraçado; outros, os mais novos, ele abraçou; e com aqueles da própria idade dele, homens ou mulheres, ele falou e riu. Os vaqueiros fizeram muitos discursos amáveis para Halayudha [literalmente 'armado com o arado', outro nome de Baladeva ou Balabhadra]; mas algumas das Gopis falaram a ele com a afetação de raiva, ou com sentimentos de ciúme, quando elas perguntaram pelos amores de Krishna com as mulheres de Mathura. "Está tudo bem com o volúvel e inconstante Krishna?" disseram elas. "O jovem camponês volátil, o amigo de um momento, diverte as mulheres da cidade por rir dos nossos esforços desajeitados (para agradá-lo)? Ele alguma vez pensa em nós, cantando em coro as canções dele? Ele não virá aqui uma vez mais para ver a mãe dele? Mas por que falar dessas coisas? É uma história diferente para contar, a respeito dele sem nós, e de nós sem ele. Pai, mãe, irmão, marido, família, o que nós não abandonamos por causa dele? Mas ele é um monumento de ingratidão. Contudo nos fale, Krishna não fala de vir aqui? A falsidade nunca deve, ó Krishna, ser proferida por ti. Realmente este é Damodara, este é Govinda, que entregou seu coração às donzelas da cidade, que não tem mais qualquer estima por nós, mas nos considera com desdém." Assim dizendo, as Gopis, cujas mentes estavam fixadas em Krishna, se dirigiram a Rama no lugar dele, chamando-o de Damodara e Govinda, e riram e ficaram alegres; e Rama as consolou por comunicar a elas mensagens agradáveis, modestas, afetuosas, e gentis de Krishna. Com os vaqueiros ele falou jovialmente, como ele tinha o costume de fazer, e vagueou junto com eles pelas terras de Vraja[1]. ◄

[1] Essa visita de Balarama a Vraja é colocada pelo Hari Vansa antes da queda de Mathura; pelo Bhagavata, muito tempo depois do estabelecimento dos Yadus em Dwaraka.

CAPÍTULO 25

Balarama acha vinho no buraco de uma árvore; fica embriagado; manda o {rio feminino} Yamuna vir a ele, e após a recusa dela a arrasta para fora de seu curso; Lakshmi dá a ele ornamentos e um traje, ele volta para Dwaraka, e se casa com Revati.

Enquanto o poderoso Sesha[1], o sustentador do globo, estava assim ocupado em vagar entre as florestas com os pastores, no disfarce de um mortal - tendo prestado grandes serviços para a terra, e ainda considerando o que mais seria realizado - Varuna, para prover a recreação dele, disse para sua esposa Varuni (a deusa do vinho), "Tu, Madira, és sempre aceitável para o poderoso Ananta; vá portanto, deusa auspiciosa e amável, e promova os divertimentos dele." Obedecendo esses comandos, Varuni foi e se estabeleceu no buraco de uma árvore Kadamba nos bosques de Vrindavana. Baladeva, vagando em volta, chegou lá, e cheirando a fragrância agradável de licor, retomou sua antiga paixão por bebida forte. O portador do arado, observando as gotas vinosas caindo da árvore Kadamba, ficou muito alegre, e as coletou e bebeu[2] junto com os pastores e as Gopis, enquanto aqueles que eram hábeis com voz e alaúde o celebravam em suas canções. Estando embriagado com o vinho, e as gotas de transpiração permanecendo como pérolas sobre seus membros, ele gritou, não sabendo o que dizia, "Venha para cá, rio Yamuna, eu quero tomar banho." O rio, desconsiderando as palavras de um homem bêbado, não veio à ordem dele. No que Rama, furioso, pegou seu arado, o qual ele cravou na margem dela, e a arrastou até ele, gritando, "Você não virá, sua mulher de má fama? Você não virá? Agora vá para onde você quer (se você puder)." Falando assim, ele obrigou o rio escuro a deixar seu curso ordinário, e segui-lo para onde quer que ele vagasse pela floresta. Assumindo uma figura mortal, o Yamuna, com olhares perturbados, se aproximou de Balabhadra, e pediu a ele para perdoá-la, e deixá-la ir. Mas ele respondeu, "Eu arrastarei você com minha relha de arado em mil direções, já que você despreza minha bravura e força." Finalmente, porém, apaziguado pelas repetidas súplicas dela, ele a soltou, depois que ela tinha irrigado todo o país[3]. Quando ele tinha se banhado, a deusa da beleza, Lakshmi, veio e lhe deu um belo loto para colocar em uma orelha, e um brinco para a outra; um colar viçoso de flores de loto, enviado por Varuna; e trajes de uma cor azul escura, tão valioso quanto a riqueza do oceano, e, assim enfeitado com um loto em uma orelha, um brinco na outra, vestido em roupas azuis, e usando uma guirlanda, Balarama parecia unido com o encanto. Assim enfeitado, Rama se divertiu dois meses em Vraja, e então voltou para Dwaraka, onde ele se casou com Revati, a filha do rei Raivata, com quem ele teve dois filhos, Nishatha e Ulmuka[4]. ◄

---

1 A grande serpente, de quem Balarama é uma encarnação.

2 Não há exsudação vinosa da árvore Kadamba (Nauclea Kadamba), mas é dito que suas flores produzem uma bebida alcoólica por destilação; de onde Kadambari é um dos sinônimos de vinho, ou licor alcoólico. Os gramáticos, entretanto, também derivam a palavra de alguma lenda, declarando que ele é assim chamado porque foi produzido do buraco de uma árvore Kadamba na montanha Gomantha. O Hari Vansa, que só faz da montanha Gomantha a cena de uma façanha de Krishna e Rama, não faz menção dessa origem do vinho; e o Bhagavata somente diz que Varuni tomou sua residência no buraco de uma árvore. Deve então haver alguma outra autoridade para essa história.

3 O Bhagavata e Hari Vansa repetem essa história; o último muito imperfeitamente; o primeiro acrescenta que o Yamuna ainda é visto seguindo o curso ao longo do qual ela foi arrastada por Balarama. A lenda provavelmente alude à construção de canais a partir do Jumna, com a finalidade de irrigação; e os trabalhos dos muçulmanos nesse aspecto, os quais são bem conhecidos, foram indubitavelmente precedidos por canais semelhantes cavados por ordem de príncipes hindus.

4 Veja a página 338.

CAPÍTULO 26

Krishna arrebata Rukmini, os príncipes que vêm regatá-la são repelidos por Balarama. Rukmin derrotado, mas poupado por Krishna, funda Bhojakata. Pradyumna nascido de Rukmini.

Bhishmaka era o rei de Vidarbha, residindo em Kundina[1]. Ele tinha um filho chamado Rukmin, e uma bela filha chamada Rukmini. Krishna se apaixonou pela última*, e a pediu em casamento; mas o irmão dela, que odiava Krishna, não concordou com as núpcias. Por sugestão de Jarasandha, e com o consentimento de seu filho, o poderoso soberano Bhishmaka prometeu Rukmini a Sisupala. Para celebrar as núpcias, Jarasandha e outros príncipes, os amigos de Sisupala, se reuniram na capital de Vidarbha; e Krishna, acompanhado por Balabhadra e muitos outros Yadavas, também foi a Kundina para testemunhar o casamento. Quando lá, Hari planejou, na véspera do casamento, raptar a princesa[2], deixando Rama e seus parentes para aguentarem o peso dos inimigos dele. Paundraka, o ilustre Dantavakra, Viduratha, Sisupala, Jarasandha, Salya, e outros reis, indignados pelo insulto, se esforçaram para matar Krishna, mas foram repelidos por Balarama e os Yadavas. Rukmin, jurando que ele nunca entraria novamente em Kundina até que ele tivesse matado Kesava em combate, o perseguiu e alcançou. Na luta que se seguiu, Krishna destruiu com seu disco, como se em diversão, a hoste de Rukmin, com todos os seus cavalos, e elefantes, e infantaria, e carruagens, e o derrubou, e o lançou no chão, e o teria matado, mas foi detido pelas súplicas de Rukmini. "Ele é meu único irmão", ela exclamou, "e não deve ser morto por ti. Reprima tua ira, ó senhor divino, e me dê meu irmão em caridade." Assim endereçado por ela, Krishna, a quem nenhum ato afeta, poupou Rukmin[3]; e ele (em consequência de seu voto) fundou a cidade Bhojakata[4], e sempre morou nela posteriormente. Depois da derrota de Rukmin, Krishna se casou com Rukmini de forma apropriada, depois de tê-la feito dele primeiro pelo ritual Rakshasa[5]. Ela teve com ele o heróico Pradyumna, uma porção do deus do amor. O demônio Sambara o levou, mas ele matou o demônio. ◄

* E ela, é dito, por ele: रुक्मिणीं चकमे कृष्णः सा च तं चारुहासिनी ।

---

1 Vidarbha é o país de Berar, e o nome permanece na cidade atual de Beder. A capital, porém, Kundinapur, geralmente é identificada com um lugar chamado Kundapur, aproximadamente quarenta milhas nordeste de Amaravati (em Berar).

2 Quando ela tinha saído da cidade para adorar Ambika: Bhagavata. Indrani, a esposa de Indra: Hari Vansa. Nosso texto conta a circunstância mais concisamente que os outros.

3 Depois de privá-lo de suas sobrancelhas e cabelo. No Bhagavata, Balarama também interfere em favor de Rukmin, e critica Krishna por desfigurá-lo.

4 Naturalmente esta era em algum lugar na vizinhança de Kundina ou Vidarbha, e normalmente é suposto que ela é situada no Narmada.

5 Isto é, por violência. De acordo com Manu; "O sequestro de uma moça à força, enquanto ela chora e pede ajuda, depois de seus parentes e amigos terem sido mortos em batalha, ou feridos, e suas casas destruídas, é o matrimônio chamado Rakshasa." III. 33. De acordo com o Bhagavata, Rukmini manda pedir para Krishna raptá-la, e o instrui como proceder.

CAPÍTULO 27

Pradyumna roubado por Sambara; lançado no mar, e engolido por um peixe; achado por Mayadevi, ele mata Sambara, se casa com Mayadevi, e volta com ela para Dwaraka. Alegria de Rukmini e Krishna.

Maitreya: 'Como, Muni, aconteceu que o herói Pradyumna foi levado por Sambara? E de que maneira o poderoso Sambara foi morto por Pradyumna?

Parasara: 'Quando Pradyumna tenha apenas seis dias de vida, ele foi roubado do quarto de repouso por Sambara, terrível como a morte; pois o demônio previa que Pradyumna, se ele vivesse, seria seu destruidor. Levando embora o menino, Sambara o lançou no oceano, cheio de monstros, em um redemoinho de ondas rugindo, o abrigo das criaturas enormes das profundezas. Um peixe grande engoliu o menino, mas ele não morreu, e nasceu novamente de sua barriga[1]; pois aquele peixe, com outros, foi apanhado pelos pescadores, e entregue por eles ao grande Asura Sambara. Sua esposa Mayadevi, a dona da casa dele, superintendia as operações dos cozinheiros, e viu, quando o peixe foi aberto, uma criança bonita, parecendo um broto novo da árvore do amor arruinada. Enquanto imaginando quem seria este, e como ele poderia ter chegado na barriga do peixe, Narada veio satisfazer a curiosidade dela, e disse à senhora graciosa, "Este é o filho dele por quem o mundo inteiro é criado e é destruído, o filho de Vishnu, que foi roubado por Sambara do quarto de repouso, e lançado por ele no mar, onde ele foi engolido pelo peixe. Ele está agora em teu poder; bela mulher, crie ternamente esta jóia da humanidade." Assim aconselhada por Narada, Mayadevi se encarregou do menino, e o criou cuidadosamente desde a infância, estando fascinada pela beleza dele. A afeição dela tornou-se ainda mais fervorosa quando ele estava enfeitado com o vigor da adolescência. Mayavati de movimentos graciosos, então, colocando seu coração e olhos no generoso Pradyumna, deu a ele, a quem ela considerava como a si mesma, todos os seus poderes mágicos (e ilusórios).

Observando esses sinais de afeto apaixonado, o filho de Krishna disse à Mayadevi de olhos de loto, "Por que você se entrega a sentimentos tão impróprios para o caráter de uma mãe?" Ao que ela respondeu, "Tu não és um filho meu; tu és o filho de Vishnu, a quem Kala Sambara roubou, e jogou no mar. Tu foste engolido por um peixe, mas foste resgatado por mim da barriga dele. Tua mãe amorosa, ó amado, ainda está chorando por ti." Quando o heróico Pradyumna ouviu isso, ele ficou cheio de ira, e desafiou Sambara para lutar. No conflito que se seguiu, o filho de Madhava matou a hoste inteira de Sambara. Sete vezes ele anulou as ilusões do encantador, e fazendo-se mestre da oitava, virou-a contra Sambara, e o matou. Pela mesma faculdade ele ascendeu no ar, e procedeu para o casa de seu pai, onde ele desceu, junto com Mayavati, nos apartamentos internos. Quando as mulheres viram Pradyumna, elas pensaram que era o próprio Krishna. Rukmini, seus olhos cheios de lágrimas, falou ternamente com ele, e disse, "Feliz é aquela que tem um filho assim, na flor da juventude. Tal seria a idade do meu filho Pradyumna, se ele estivesse vivo. Quem é a mãe afortunada adornada por ti? E no entanto, pela tua aparência, e pelo afeto que eu sinto por ti, tu és seguramente o filho de Hari."

Nesse momento Krishna, acompanhado por Narada, chegou; e o último disse à encantada Rukmini, "Esse é teu próprio filho, que veio para cá depois de matar Sambara, por quem, quando um recém-nascido, ele foi roubado do quarto de resguardo. Essa é a virtuosa Mayavati, a esposa dele, e não a esposa de Sambara.

[1] O Bhagavata conta a história da mesma maneira, mas o Hari Vansa omite a parte do peixe.

Ouça a razão. Quando Manmatha, o deus do amor, pereceu[2], a deusa da beleza, desejosa de assegurar a revivificação dele, assumiu uma forma ilusória, e por seus encantos fascinou o demônio Sambara, e se exibiu para ele em vários prazeres ilusórios. Este teu filho é Kama descido; e esta é a deusa Rati, sua esposa[3]. Não há motivo para qualquer incerteza: essa é tua nora." Então Rukmini ficou alegre, e Kesava também; a cidade inteira ressoou com exclamações de alegria, e todo o povo de Dwaraka ficou surpreso por Rukmini ter recuperado um filho que tinha estado perdido por tanto tempo. ◄

---

[2] Quando ele foi reduzido a cinzas por um relance ígneo de Shiva, em ressentimento por ele inflamá-lo com paixão por Uma. Essa lenda é uma predileta dos Saiva Puranas, e é contada no Linga e Kalika, também no Padma Purana e Kasi Khanda do Skanda Purana. Eles não dizem muito porém sobre a ressurreição dele; Shiva, em piedade da aflição de Rati, só o restabelece a uma existência incorpórea como Ananga, cujo lugar é para ser nos corações dos homens. O Linga acrescenta, que quando Vishnu, por causa da maldição de Bhrigu, nascer como o filho de Vasudeva, Kama nascerá como um dos filhos dele.

[3] A filha de Daksha, mas não enumerada entre aquelas especificadas anteriormente (página 93). Ela nasceu da transpiração dele, de acordo com o Kalika Purana.

CAPÍTULO 28

Esposas de Krishna. Pradyumna tem Aniruddha, núpcias do último. Balarama vencido nos dados, fica enfurecido, e mata Rukmin e outros.

Rukmini teve com Krishna estes outros filhos: Charudeshna, Sudeshna, Charudeha, Sushena, Charugupta, Bhadracharu, Charuvinda, Sucharu, e o muito poderoso Charu; também uma filha, Charumati. Krishna teve sete outras belas esposas: Kalindi, Mitravrinda, a virtuosa Nagnajiti, a rainha Jambavati; Rohini, de bela forma; a filha amável e excelente do rei de Madra, Madri; Satyabhama, a filha de Satrujit; e Lakshmana, de sorrisos adoráveis[1]. Além dessas, ele teve dezesseis mil outras esposas[2].

O heróico Pradyumna foi escolhido, como marido dela, em sua escolha pública de um marido, pela filha de Rukmin; e ele teve com ela [cujo nome era Kakudmati] o poderoso e nobre príncipe Aniruddha, que era feroz em luta, um oceano de coragem, e o domador de seus inimigos. Kesava pediu em matrimônio em nome dele a neta de Rukmin; e embora o último fosse hostil a Krishna, ele noivou a moça (que era filha do filho dele) com o filho de sua própria filha (o primo dela, Aniruddha). Na ocasião das núpcias Rama e outros Yadavas acompanharam Krishna até Bhojakata, a cidade de Rukmin. Depois que o casamento tinha sido solenizado, vários dos reis, encabeçados por aquele de Kalinga, disseram a Rukmin, "Esse manejador do arado é ignorante dos dados, que podem ser convertidos em seu infortúnio. Por que nós não podemos disputar com ele, e vencê-lo, no jogo?" O enérgico Rukmin respondeu a eles, e disse, "Assim seja." E ele envolveu Balarama em um jogo de dados no palácio. Balarama logo perdeu para Rukmin mil Nishkas[3]. Ele então apostou e perdeu outro mil; e então empenhou dez mil, que Rukmin, que era bem habilidoso no jogo, também ganhou. Nisso o rei de Kalinga deu risada, e o fraco e exultante Rukmin sorriu de modo malicioso, e disse, "Baladeva está perdendo, porque ele não sabe nada do jogo; embora, cegado por uma paixão vã por jogo, ele pense que ele entende os dados." Halayudha, provocado pelo riso largo do príncipe de Kalinga, e a fala desdenhosa de

---

[1] O número especificado, entretanto, neste lugar e no cap. 32, é nove, em vez de oito. O comentador se esforça para explicar a diferença, por identificar Rohini com Jambavati; mas nas informações sobre a posteridade de Krishna, neste trabalho e no Bhagavata, ela é distinta de Jambavati. Ela parece, porém, ser uma adição às oito especificadas mais usualmente, de cujos vários matrimônios o Bhagavata dá a melhor descrição. Além das três primeiras, a respeito das quais detalhes são encontrados em todos, Kalindi, ou o Yamuna, é a filha do sol, a quem Krishna encontra em uma de suas visitas a Indraprastha, e que o reivindica como a recompensa da penitência dela. A próxima esposa dele, Mitravinda, é a filha da tia materna dele, Rajadhidevi (página 336), e irmã de Vinda e Anuvinda, reis de Avanti: ela o escolhe em seu Swayambara. O Hari Vansa a chama de Saudatta, filha de Sivi; e ela é subsequentemente chamada de Saivya por nosso texto. Nagnajiti ou Satya, a próxima esposa, era a filha de Nagnajit, rei de Kausala, e foi o prêmio de Krishna por superar sete touros ferozes, os quais nenhum outro herói tinha enfrentado com sucesso. Bhadra, princesa de Kekaya, também prima de Krishna, a filha de Srutakirtti (página 336), era sua seguinte; e sua oitava esposa era Madri, a filha do rei de Madra; chamada, de acordo com o Bhagavata, Lakshmana; e com o Hari Vansa, Saubhima; distinguindo claramente, como faz nosso texto, Lakshmana de Madri, e, como ele, não tendo nenhum equivalente satisfatório a Bhadra. O Hari Vansa não cita Rohini, mas especifica outros nomes, como Vrihati, etc. Na vida de Krishna, tirada do Bhagavata por uma tradução persa, publicada por Maurice, há um exemplo curioso da distorção bárbara de nomes sânscritos pelos trabalhos conjuntos dos tradutores ingleses e persas, as esposas de Krishna são escritas: Rokemenee (Rukmini), Seteebhavani (Satyabhama), Jamoometee (Jambavati), Kalenderee (Kalindi), Lechmeena (Lakshmana), Soeta (Satya), Bhedravatee (Bhadra), Mihrbenda (Mitravinda).

[2] Essas, de acordo com o Mahabharata, Adi Parva, pág. 149-150, eram Apsarasas, ou ninfas. No Dana Dharma elas se tornam esposas de Krishna por causa de uma bênção dada a ele por Uma.

[3] O Nishka é um peso de ouro, mas de acordo com diferentes autoridades de quantidade muito diferente. O comentador aqui o chama de um peso de quatro Suvarnas, cada um aproximadamente 175 unidades de peso equivalentes a 0,065 g troy. {Troy é sistema de pesos usado especialmente pelos joalheiros.}

Rukmin, ficou muito enfurecido, e, dominado pela cólera, aumentou sua aposta para dez milhões de Nishkas. Rukmin aceitou o desafio, e então lançou os dados. Baladeva ganhou, e gritou alto, "A aposta é minha." Mas Rukmin gritou, igualmente em voz alta, que ele era o vencedor. "Não diga mentiras, Bala", disse ele. "A aposta é sua; isso é verdade; mas eu não a aceitei. Embora essa fosse ganha por você, contudo eu ainda sou o vencedor." Uma voz profunda foi ouvida então no céu, inflamando ainda mais a ira do orgulhoso Baladeva, dizendo, "Bala ganhou a soma inteira justamente, e Rukmin fala falsamente. Embora ele não tenha aceitado o penhor em palavras, ele fez isso por meio de seus atos (tendo lançado os dados)." Balarama, assim irritado, seus olhos vermelhos de raiva, levantou-se bruscamente, e golpeou Rukmin com o tabuleiro no qual o jogo era jogado, e o matou[4]. Agarrando o trêmulo rei de Kalinga, ele destruiu os dentes que o rei tinha mostrado quando riu. Pegando uma coluna dourada, ele a arrastou de seu lugar, e a usou como uma arma para matar aqueles príncipes que tinham tomado o partido de seus adversários. Após o que o círculo inteiro, gritando com terror, pôs-se em fuga, e escapou da ira de Baladeva. Quando Krishna soube que Rukmin tinha sido morto por seu irmão, ele não fez nenhum comentário, temendo Rukmini por um lado, e Bala pelo outro; mas levando com ele o recém casado Aniruddha, e a tribo Yadava, ele voltou para Dwaraka. ◄

[4] O Bhagavata e Hari Vansa, que contam ambos essa história, concordam na morte de Rukmin; mas no Mahabharata ele aparece na guerra, no lado dos Pandavas. A ocorrência não é um exemplo muito favorável de modos palacianos; mas cenas de violência nunca foram infrequentes nas cortes de príncipes Rajput.

CAPÍTULO 29

Indra chega a Dwaraka, e relata para Krishna a tirania de Naraka. Krishna vai para a cidade dele, e o executa. A Terra dá os brincos de Aditi para Krishna, e o glorifica. Ele liberta as princesas feitas prisioneiras por Naraka, as manda para Dwaraka, e vai para Swarga com Satyabhama.

Sakra, o senhor dos três mundos, veio montado em seu elefante feroz Airavata visitar Sauri (Krishna) em Dwaraka. Tendo entrado na cidade, e sido bem recebido por Hari, ele contou para o herói as ações do demônio Naraka. "Por ti, Madhusudana, senhor dos deuses", disse Indra, "em uma condição mortal, todos os sofrimentos foram aliviados. Arishta, Dhenuka, Chanura, Mushtika, Kesin, que buscavam prejudicar a humanidade impotente, foram todos mortos por ti. Kansa, Kuvalayapida, a destruidora de crianças Putana, foram mortos por ti; e assim também outros opressores do mundo. Por tua coragem e sabedoria os três mundos foram preservados, e os deuses, obtendo a parte deles dos sacrifícios oferecidos pelo devoto, desfrutam de satisfação. Mas agora ouça o motivo pelo qual eu vim a ti, e o qual tu és capaz de curar. O filho da terra[1], chamado Naraka, que governa a cidade de Pragjyotisha[2], inflige um grande dano sobre todas as criaturas. Levando as donzelas de deuses, santos, demônios, e reis, ele as prende no próprio palácio dele. Ele tomou o guarda-sol de Varuna, impermeável à água, o topo de montanha enfeitado com jóias de Mandara, e os brincos celestiais que destilam néctar de minha mãe Aditi; e ele agora exige meu elefante Airavata. Eu expliquei desse modo a você, Govinda, a tirania do Asura; você pode decidir melhor como isso deve ser evitado."

Tendo ouvido esse relato, o divino Hari sorriu levemente, e, erguendo-se de seu trono, pegou Indra pela mão. Então, desejando o comedor de serpentes, Garuda apareceu imediatamente; após o que seu mestre, tendo colocado Satyabhama primeiro em suas costas, ascendeu, e voou para Pragjyotisha. Indra montou em seu elefante, e, à vista dos habitantes de Dwaraka, foi para a residência dos deuses.

Os arredores de Pragjyotisha eram defendidos por armadilhas, construídas pelo demônio Muru, as extremidades das quais eram tão afiadas quanto navalhas; mas Hari, lançando seu disco Sudarsana entre elas, cortou-as em pedaços. Então Muru saiu repentinamente, mas Kesava o matou, e queimou os sete mil filhos dele, como traças, com a chama da extremidade de seu disco. Tendo matado Muru, Hayagriva, e Panchajana, o sábio Hari alcançou rapidamente a cidade de Pragjyotisha. Lá ocorreu um combate violento com as tropas de Naraka no qual Govinda destruiu milhares de demônios; e quando Naraka chegou no campo, despejando sobre a divindade todos os tipos de armas, o manejador do disco, e aniquilador da tribo de demônios, cortou-o em dois com seu míssil celestial. Naraka estando morto, a Terra, portando os dois brincos de Aditi, aproximou-se do senhor do mundo, e disse, "Quando, ó senhor, eu fui sustentada por ti na forma de um javali, teu contato então gerou este meu filho. Ele a quem tu me deste foi morto agora por ti. Leve, portanto, esses dois brincos, e cuide da progênie dele. Tu, senhor, cujo aspecto é sempre agradável, vieste a esta esfera, em uma porção de ti mesmo, para deixar meu fardo mais leve. Tu és o eterno criador, preservador, e destruidor do universo; a origem de todos os mundos, e uno com o universo. Qual louvor pode ser oferecido dignamente a ti? Tu és aquele que permeia, e o que é permeado; o ato, o agente, e o efeito; o espírito universal de todos os seres. Qual louvor pode ser oferecido adequadamente a ti? Tu és a alma abstrata, a alma sensível e a alma viva de todos os

---

[1] Com Vishnu, como o Varaha Avatara; mas encontrado e adotado por Janaka. Kalika Purana.

[2] No centro do país de Kamarupa, habitado por Kiratas; o local dos santuários de Devi, como Dikkaravasini e Kamakhya. Kalika Purana.

seres, o imperecível. Mas, já que não é possível te louvar dignamente, então por que a tentativa sem esperança deveria prosseguir? Tenha compaixão, ó alma universal, e perdoe os pecados que Naraka cometeu. Realmente é para a santificação do teu filho que ele foi morto por ti." O senhor, que é a substância de todas as criaturas, tendo respondido para a terra, "Exatamente assim", foi resgatar as várias pedras preciosas da habitação de Naraka. Nos aposentos das mulheres ele encontrou dezesseis mil e cem donzelas[3]. Ele também viu no palácio seis mil elefantes grandes, cada um tendo quatro presas; e dois milhões e cem mil (isto é, vinte e um lakhs de) cavalos da raça Kamboja e outras raças excelentes. Esses (isto é, as moças, os elefantes, e os cavalos,) Govinda despachou para Dwaraka, a cargo dos criados de Naraka. O guarda-sol de Varuna, a montanha de joias, que ele também recuperou, ele colocou sobre Garuda; e montando nele, e levando Satyabhama consigo, ele partiu para o céu dos deuses, para devolver os brincos de Aditi[4]. ◄

---

3 Essas eram princesas cativas, de acordo com o Bhagavata; Apsarasas, ou ninfas celestiais, de acordo com o Kalika Purana; e essas após seu salvamento por Krishna se tornaram esposas dele.

4 A lenda de Naraka é contada em mais detalhes no Bhagavata e Hari Vansa, mas ela é narrada ainda mais completamente no Kalika Upa-purana. Ela pode ser considerada como uma das várias sugestões que ocorrem nos Puranas de hostilidades entre os adoradores de Vishnu e Shiva; Naraka sendo favorecido em um grau especial pelo último.

CAPÍTULO 30

Krishna devolve para Aditi os brincos dela, e é elogiado por ela; ele visita os jardins de Indra, e pelo desejo de Satyabhama leva a árvore Parijata. Sachi incita Indra para resgatá-la. Conflito entre os deuses e Krishna, que os derrota. Satyabhama zomba deles. Eles louvam Krishna.

Garuda, carregado com o guarda-sol de Varuna e a montanha de joias, e levando Hrishikesa em suas costas para a corte de Indra, prosseguiu ligeiramente, como se em diversão. Quando eles chegaram aos portais de Swarga, Hari soprou sua concha; no que os deuses avançaram para encontrá-lo, trazendo oferecimentos respeitosos. Tendo recebido a homenagem das divindades, Krishna foi para o palácio da mãe dos deuses, cujas torres se assemelhavam a nuvens brancas; e ao ver Aditi, prestou seus respeitos a ela, junto com Sakra; e, oferecendo a ela os brincos que lhe pertenciam, a informou da destruição do demônio Naraka. A mãe do mundo, bem satisfeita, então fixou todos os seus pensamentos em Hari, o criador, e assim declarou seu louvor: "Glória a ti, ó deus com os olhos de loto, que removes todo o temor daqueles que te adoram. Tu és a alma eterna, universal, e viva; a origem de todos os seres; o instigador da faculdade mental, e faculdades de percepção; uno com as três qualidades; além das três qualidades; livre de opostos; puro; existindo nos corações de todos; sem cor, extensão, e toda modificação passageira; não afetado pelas vicissitudes de nascimento ou morte, sono ou vigília. Tu és tarde, noite, e dia; terra, céu, ar, água, e fogo; mente, intelecto, e individualidade. Tu és o agente de criação, duração, e dissolução; o mestre sobre o agente; em tuas formas que são chamadas de Brahma, Vishnu, e Shiva. Tu és deuses, Yakshas, Daityas, Rakshasas, Siddhas, Punnagas, Kushmandas, Pisachas, Gandharbas, homens, animais, cervos, elefantes, répteis, árvores, arbustos, plantas rasteiras, trepadeiras, e gramas; todas as coisas, grandes, médias, pequenas, imensas, ou miúdas: tu és todos os corpos, quaisquer que sejam, compostos de átomos agregados. Essa tua ilusão engana todos os que são ignorantes da tua verdadeira natureza, os tolos que imaginam que a alma está no que não é espírito. As noções que "eu sou--isto é meu", que influenciam a humanidade, são apenas as ilusões da mãe do mundo, se originando em tua agência ativa. Aqueles homens que, atentos aos seus deveres, te adoram diligentemente, atravessam toda essa ilusão, e obtêm liberdade espiritual. Brahma e todos os deuses, homens e animais, são envolvidos do mesmo modo pela escuridão densa da fascinação, no abismo das ilusões de Vishnu. Que homens que, tendo te adorado, busquem a satisfação de seus desejos, e sua própria preservação, isso, ó senhor, também é tua ilusão. É o divertimento de tuas fascinações que induz os homens a te glorificarem, para obterem por meio disso a continuação de sua linhagem, ou a aniquilação de seus inimigos, em vez de libertação eterna. É o erro dos atos impuros dos injustos (oferecer tais pedidos inúteis para alguém capaz de conferir benefícios muito mais importantes), como pedir um trapo para cobrir a própria nudez da árvore que concede tudo o que é solicitado. Seja propício então, autor imperecível de todo o erro que engana o mundo; e dissipe, ó senhor de todas as criaturas, a vaidade de conhecimento, que procede da ignorância. Glória a ti, possuidor do disco, manejador do arco, que brande a maça, mantenedor da concha! Pois dessa maneira eu te vejo, em tua forma perceptível. Nem eu conheço aquela forma tua que está além da percepção. Tenha compaixão por mim, deus supremo."

Vishnu, assim louvado por Aditi, sorriu, e disse à mãe dos deuses, "Deusa mãe, mostre predileção por mim, e me conceda tua bênção." "Assim seja", Aditi respondeu, "exatamente como tu desejas; e enquanto tu viveres entre mortais, o mais importante dos homens, tu serás invencível por deuses ou demônios." Então Satyabhama, acompanhada pela rainha de Indra, dirigiu-se respeitosamente a Aditi, e pediu suas bênçãos dela; e Aditi, em resposta, disse a ela, "Senhora de belas

sobrancelas, tu nunca sofrerás decadência, nem perda de beleza. Tu serás o refúgio de todo o encanto, dama de forma impecável." Com o consentimento de Aditi, Indra então saudou Janarddana respeitosamente de toda forma devida, e conduziu ele e Satyabhama por Nandana e outros jardins agradáveis dos deuses; onde Kesava, o destruidor de Kesi, viu a árvore Parijata, a favorita de Sachi, que foi produzida quando o oceano foi batido em busca de ambrosia: a casca era de ouro, e ela era embelezada com folhas novas brotando de uma cor de cobre, e hastes de frutas portando numerosos cachos de frutas fragrantes. Quando Satyabhama notou essa árvore, ela disse ao seu amado marido, Govinda, "Por que esta árvore divina não deveria ser transportada para Dwaraka? Se o que você diz é verdade, e eu sou realmente querida para você, então que esta árvore seja tirada daqui, e plantada nos jardins da minha residência. Você me disse frequentemente, 'Nem Jambavati nem Rukmini é tão querida para mim, Satya, como você é.' Se você falou a verdade, e não mera lisonja, então que essa árvore Parijata seja o ornamento da minha mansão. Eu desejo brilhar entre minhas rainhas companheiras, usando as flores desta árvore nas tranças de meu cabelo."

Assim solicitado por Satyabhama, Hari sorriu para ela, e pegando a planta Parijata, a colocou em Garuda. Os guardas do jardim protestaram, e disseram, "Essa árvore Parijata pertence a Sachi, a rainha do soberano dos deuses. Não é correto, Govinda, você removê-la. Na ocasião quando o oceano foi agitado em busca da bebida da imortalidade, essa árvore foi produzida, com a finalidade de proporcionar ornamentos floridos para Sachi. Você não pode ser permitido partir com ela. É por ignorância que ela é buscada por qualquer um, porque ela é a propriedade especial dela para cujo semblante que o rei dos deuses se encanta em olhar; e quem que tentar levá-la irá embora com impunidade? Seguramente o rei dos deuses castigará essa audácia; pois a mão dele lança o raio, e os imortais acompanham seus passos. Contenha-se então, Krishna, nem provoque a hostilidade de todos os deuses. Os sábios não começarão ações que só podem ser produtivas de consequências desagradáveis." Satyabhama, ao ouvir essas palavras, ficou muito ofendida, e disse, "Que direito tem Sach - que direito tem Indra - à árvore Parijata? Ela foi produzida no batimento do oceano como a propriedade comum de todos os mundos. Por que, deuses, só Indra deveria possuí-la? Da mesma maneira, guardiões do bosque, como néctar, como a lua, como a própria deusa Sri, assim a árvore Parijata é a propriedade comum de todo o mundo; e, já que Sachi, confiando na força do braço de seu marido, a manteria para si mesma, fora com submissão a ela! Satya leva a árvore. Vão depressa, e contem a Paulomi o que eu disse. Repitam para ela esta mensagem desdenhosa de Satyabhama; 'Se você é a esposa amada de seu marido, se seu marido é obediente à sua autoridade, que ele impeça meu marido de levar esta árvore. Eu conheço seu marido Sakra; eu conheço o soberano das divindades; e eu, que sou uma mortal, levo essa árvore Parijata para longe de você.'"

Consequentemente os guardas do jardim foram e comunicaram a Sachi a mensagem de Satyabhama. Sachi apelou para seu marido, e incitou o rei dos deuses a se ressentir dessa afronta; e Indra, portanto, acompanhado pelo exército dos celestiais, marchou para atacar Hari, em defesa da árvore Parijata. Os deuses estavam armados com cassetetes, espadas, maças, e dardos; e Indra brandia o raio. Assim que Govinda viu o rei dos deuses avançando contra ele em seu elefante, acompanhado pelos imortais, ele soprou sua concha de forma que o som encheu todas as regiões, e ele de modo sorridente despejou miríades de setas sobre seus atacantes. Vendo o ar em todas as direções coberto com os dardos dele, os celestiais lançaram inúmeros projéteis em retorno; mas cada um desses o destruidor de Madhu, e senhor de todos os mundos, cortou alegremente em mil pedaços com suas flechas. O devorador de serpentes, Garuda, agarrou o laço do soberano das águas, e o rasgou em fragmentos com seu bico, como se ele fosse uma pequena cobra. O filho de

Devaki lançou sua maça na clava de Yama, e a lançou quebrada no chão; ele cortou em pedaços a liteira do senhor da riqueza com seu disco; um relance de seu olho eclipsou o brilho do sol; ele cortou Agni em cem partes com suas setas, e espalhou os Vasus pelos reinos do espaço; com seu disco ele cortou as pontas dos tridentes dos Rudras, e lançou eles mesmos no chão; e com as flechas disparadas de seu arco ele dispersou os Sadhyas, Viswas, Maruts, e Gandharbas, como lanugens de algodão das vagens da árvore Simel, pelo céu. Garuda também manejou seu bico e asas e garras diligentemente, e mordeu e feriu e arranhou as divindades que se opuseram ao senhor dele.

Então o rei dos deuses e o inimigo de Madhu se enfrentaram e submergiram um ao outro com flechas incontáveis, como gotas de chuva caindo de duas nuvens pesadas. Garuda no conflito lutou com Airavata, e Janarddana foi enfrentado por todas as divindades. Quando todas as outras armas tinham sido cortadas em pedaços, Indra permaneceu armado com seu raio, e Krishna com o disco Sudarsana. Vendo-os assim preparados para lutar, todo o povo das três esferas exclamou, "Ai! ai!" Indra lançou seu raio, mas em vão, porque Hari o pegou e o apreendeu. Ele se absteve, entretanto, de lançar seu disco, e só gritou para Indra ficar. Satyabhama, vendo Indra desarmado, e seu elefante incapacitado por Garuda, e a própria divindade prestes a se retirar, disse a ele, "Rei da esfera tripla, não fica bem para o marido de Sachi fugir. Ornamentada com guirlandas Parijata, ela se aproximará de você. De que serve a soberania do céu [para você], embelezado com a árvore Parijata, não vendo mais Sachi te encontrar com afeição, como antes? Não, Sakra, não fuja; você não deve sofrer nenhuma vergonha. Aqui, leve a árvore Parijata; que os deuses não sejam mais prejudicados. Sachi, inflada com orgulho de seu marido, não me recebeu na residência dela com presentes respeitosos. Como uma mulher, eu sou leviana de propósito, e estou ansiosa pela fama de meu marido; então eu instiguei, Sakra, essa competição com você. Mas eu não quero a árvore Parijata, nem eu desejo pegar aquilo que é propriedade de outro. Sachi é orgulhosa de sua beleza. Que mulher não é orgulhosa de seu marido?" Assim falado por Satyabhama, o rei dos deuses retrocedeu, e disse a ela, "Desista, senhora colérica, de afligir seu amigo por meio de repreensões adicionais. Eu não estou envergonhado de ser derrotado por ele que é o autor da criação, preservação, e destruição do mundo; que é a substância de todas as coisas; em quem, sem começo ou meio, o universo está contido; e de quem, e por quem, idêntico a todas as coisas, ele procede, e cessará de existir. Que desonra é, ó deusa, para alguém ser derrotado por ele que é a causa da criação, continuação, e dissolução? A forma dele é o pai de todos os mundos, embora infinitamente sutil, e conhecida só por aqueles por quem tudo o que pode ser conhecido é conhecido. Quem pode superar o senhor não nascido, não constituído, eterno, que desejou se tornar um mortal para o bem do mundo[1]?" ◄

[1] O Bhagavata diz somente: "Incitado por sua esposa, Krishna levou a árvore Parijata, depois de ter subjugado os deuses, e a plantou no jardim de Satyabhama." O Hari Vansa faz uma história longa disso, e a conta com algumas variações, especialmente no começo; o desejo de Satyabhama pela árvore Parijata tendo sido despertado por Narada oferecer uma flor dela para a outra cônjuge de Krishna, Rukmini.

CAPÍTULO 31

Krishna, com o consentimento de Indra, leva a árvore Parijata para Dwaraka; casa-se com as princesas salvas de Naraka.

Kesava, sendo assim elogiado pelo rei dos deuses, sorriu, e falou gravemente para ele em resposta. "Tu és Indra", disse ele, "o rei dos celestiais; nós somos apenas mortais, ó senhor do mundo. Tu deves perdoar, portanto, a ofensa que eu cometi. Que essa árvore Parijata seja levada para seu lugar apropriado. Eu a removi em conformidade com as palavras de Satya. Receba de volta também este teu raio, lançado em mim; pois essa é tua própria arma, o destruidor de seus inimigos." Indra respondeu e disse, "Tu nos iludes, ó senhor, ao chamares a ti mesmo de um mortal; mas nós sabemos que tu és o senhor, embora nós não sejamos dotados de sutileza de discernimento. Tu és o que tu és, empenhado na preservação ativa da terra; tu extrais os espinhos fincados no seio dela, destruidor da raça de demônios. Que essa árvore Parijata seja transferida para Dwaraka, e ela permanecerá na terra enquanto tu morares no mundo dos mortais." Hari, tendo concordado com a proposta de Indra, voltou para a terra, louvado por sábios auxiliares, santos, e coristas do céu.

Quando Krishna chegou sobre Dwaraka, ele soprou sua concha, e deleitou todos os habitantes com o som. Descendo então de Garuda, ele procedeu com Satyabhama para o jardim dela, e lá plantou a grande árvore Parijata, o cheiro da qual perfumava a terra por três vezes um oitavo de milha, e uma aproximação da qual habilitava cada um a lembrar os eventos de uma existência anterior; de forma que, ao verem suas faces naquela árvore, todos os Yadavas se contemplavam em suas formas celestiais (originais). Então Krishna tomou posse da riqueza, elefantes, cavalos, e mulheres, que ele tinha recuperado de Naraka, e que tinham sido trazidos a Dwaraka pelos criados do demônio; e em uma época auspiciosa ele [Janardana] se casou com todas as donzelas que Naraka tinha arrebatado dos amigos delas; ele recebeu as mãos de todas elas ao mesmo tempo, de acordo com o ritual, em mansões separadas. Dezesseis mil e cem era o número das moças, e no mesmo número de formas diferentes o inimigo de Madhu se multiplicou; de modo que cada uma das donzelas pensava que ele tinha se casado com ela na única pessoa dele; e o criador do mundo, Hari, que assume forma universal, residiu separadamente na habitação de cada uma daquelas suas esposas. ◄

CAPÍTULO 32

Filhos de Krishna. Usha, a filha de Bana, vê Aniruddha em um sonho, e se apaixona por ele.

Parasara: 'Eu enumerei para você Pradyumna e os outros filhos de Rukmini. Satyabhama teve Bhanu e Bhairika. Os filhos de Rohini eram Diptimat, Tamrapakshi, e outros. O poderoso Samba e outros filhos nasceram de Jambavati. Bhadravinda e outros jovens valentes eram os filhos de Nagnajiti. Saivya (ou Mitravinda) teve vários filhos, dos quais Sangramajit era o principal. Vrika e outros foram gerados por Hari em Madri. Lakshmana teve Gatravat e outros; e Sruta e outros eram os filhos de Kalindi[1]. Krishna também teve filhos com suas outras esposas, ao todo cento e oitenta mil. O primogênito do todo era Pradyumna, o filho de Rukmini; o filho dele era Aniruddha, de quem nasceu Vraja, a mãe dele era Usha, a filha de Bana, e neta de Bali, a quem Aniruddha ganhou na guerra. Naquela ocasião uma batalha violenta aconteceu entre Hari e Sankara, na qual os mil braços de Bana foram cortados pelo disco do primeiro.

Maitreya: 'Como aconteceu, venerável brâmane, que uma disputa por causa de Usha surgiu entre Shiva e Krishna? E de que maneira Hari cortou os mil braços de Bana? Isso, senhor ilustre, tu és competente para narrar.

Parasara: 'Usha, a filha de Bana, tendo visto Parvati se divertindo com seu marido, Sambhu, foi inspirada com um desejo por flerte semelhante. A bela Gauri, [Parvati] que conhece os corações de todos, disse a Usha, "Não se aflija; você terá um marido." "Mas quando será isso?" Usha pensou consigo mesma, "ou quem será meu marido?" No que Parvati continuou; "Aquele que aparecer para você, princesa, em um sonho na décima segunda lunação [realmente no décimo segundo dia lunar] da metade clara de Vaisakha, ele será seu marido." Consequentemente, como a deusa tinha predito, naquele dia lunar um jovem apareceu para Usha em um sonho, de cuja pessoa ela ficou enamorada. Quando ela despertou, e não mais o viu, ela foi dominada pela tristeza, e, incontida pelo recato, perguntou para sua companheira para onde ele tinha ido. A companheira e amiga da princesa era Chitralekha, a filha de Kubhanda, o ministro de Bana. "De quem você fala?" Indagou ela de Usha. Mas a princesa, lembrando-se, ficou envergonhada, e permaneceu calada. Finalmente, porém, Chitralekha ganhou a confiança dela, e ela lhe contou o que tinha acontecido, e o que a deusa tinha predito; e ela pediu para sua amiga planejar algum meio de uni-la com a pessoa a quem ela tinha visto em seu sonho.

Chitralekha então pintou os deuses mais eminentes, demônios, espíritos, e mortais, e os mostrou para Usha. Colocando de lado os retratos de deuses, espíritos, deuses-cobras, e demônios, a princesa selecionou aqueles de mortais, e entre eles os heróis das linhagens de Andhaka e Vrishni. Quando ela chegou às imagens de Krishna e Rama, ela ficou confusa com vergonha; do retrato de Pradyumna ela desviou seus olhos modestamente; mas no momento em que ela viu o quadro do filho dele, o objeto da paixão dela, seus olhos se arregalaram, e toda a sua timidez foi descartada. "Este é ele! Este é ele!" Ela disse a Chitralekha; e sua amiga, que era dotada com poder mágico, disse para ela ter ânimo, e partiu pelo ar para Dwaraka. ◄

[1] O Bhagavata diz que cada uma das oito rainhas dele teve dez filhos, e dá os dez nomes de cada grupo, com uma ou duas exceções.

CAPÍTULO 33

Bana solicita Shiva por guerra; encontra Aniruddha no palácio, e o faz prisioneiro. Krishna, Balarama, e Pradyumna vão resgatá-lo. Shiva e Skanda ajudam Bana, o primeiro é mutilado; o último afugentado. Bana enfrenta Krishna, que corta todos os braços dele e está prestes a executá-lo. Shiva intercede, e Krishna poupa a vida dele. Vishnu e Shiva são o mesmo.

Antes de isso ter ocorrido, Bana tinha estado empenhado na adoração do deus de três olhos, e tinha rezado para ele dessa maneira: "Eu estou humilhado, ó senhor, pela posse de mil braços em um estado de paz; que algumas hostilidades se sigam, nas quais eu possa derivar um pouco de vantagem da posse deles. Sem guerra, qual é o uso desses braços? Eles são apenas um fardo para mim." Sankara respondeu, "Quando tua bandeira de pavão for quebrada, tu terás guerra, a alegria dos espíritos maus que se banqueteiam na carne de homem." Bana, agradado por essa promessa, ofereceu seus agradecimentos a Sambhu, e voltou para seu palácio, onde ele encontrou seu estandarte quebrado; no que sua alegria foi aumentada.

Naquele momento a ninfa Chitralekha voltou de Dwaraka, e pelo exercício de seu poder mágico trouxe Aniruddha junto com ela. Os guardas dos apartamentos internos, descobrindo-o lá com Usha, informaram isso ao rei, que enviou imediatamente um grupo de seus seguidores para capturar o príncipe; mas o jovem corajoso, pegando um cassetete de ferro, matou seus atacantes, após o que Bana subiu em seu carro, avançou contra ele, e se esforçou para matá-lo. Descobrindo, entretanto, que Aniruddha não seria subjugado por destreza, ele seguiu o conselho de seu ministro, e trouxe suas faculdades mágicas para o conflito, pelas quais ele conseguiu capturar o príncipe Yadu, e amarrá-lo em laços de serpente.

Quando sentiram falta de Aniruddha em Dwaravati, e os Yadavas estavam perguntando uns aos outros para onde ele tinha ido, Narada foi até eles, e lhes falou que ele era o prisioneiro de Bana, tendo sido transportado por uma mulher, possuidora de faculdades mágicas, para Sonitapura[1]. Quando eles ouviram isso, eles ficaram satisfeitos; pois eles tinham imaginado que ele tinha sido levado pelos deuses (em represália por causa da árvore Parijata). Krishna então convocou Garuda imediatamente, que veio com um desejo [isto é, a desejo dele]; e montando nele, junto com Bala e Pradyumna, ele partiu para a cidade de Bana. Em sua aproximação da cidade eles eram resistidos pelos espíritos que acompanham Rudra, mas esses foram logo destruídos por Hari, e ele e seus companheiros alcançaram as imediações da cidade. Aqui a poderosa Febre, uma emanação de Maheswara, tendo três pés e três cabeças[2], lutou desesperadamente com Vishnu em defesa de Bana. Baladeva, em quem se espalharam as cinzas dele, foi tomado de calor ardente, e suas pálpebras tremeram; mas ele obteve alívio por agarrar o corpo de Krishna. Lutando dessa maneira com o proprietário divino do arco, a Febre emanando de Shiva foi expelida rapidamente do corpo de Krishna pela Febre que ele mesmo gerou. Brahma, vendo a enfermidade personificada desnorteada pela surra infligida pelos braços da divindade, pediu para o último desistir; e o inimigo de Madhu se conteve, e absorveu em si

---

[1] Os sinônimos de Sonitapura no Trikanda Sesha são Devikota, Banapur, Kotivarsham, e Ushavana. Normalmente é considerado que a primeira é a moderna Devicotta na {região} Carnatic, a qual comumente se acredita que é a cena da derrota de Bana. O nome, porém, ocorre em outras partes da Índia; no Dekhin, nas margens do Godavari, de acordo com Wilford a capital de Munja (As. Res. IX. 199); e em Asam, perto de Gwalpara, como a cidade dos Daityas. As. Res. XIV. 443. Hamilton menciona os restos de uma cidade assim chamada em Dinajpur. No Kalika Purana, Bana é descrito como o amigo, e aparentemente vizinho, de Naraka, o rei de Pragjyotish ou Asam.

[2] Aludindo às três fases de paroxismo febril, ou à volta da febre terçã. Uma disputa com esse inimigo, no curso de operações militares, é uma alegoria que os exércitos britânicos na Índia ilustram muito frequentemente.

mesmo a febre que ele tinha criado. A Febre rival então partiu, dizendo a Krishna, "Aqueles homens que chamarem à memória o combate entre nós estarão sempre livres de doença febril."

Em seguida Vishnu superou e demoliu os cinco fogos[3], e com perfeita facilidade aniquilou o exército dos Danavas. Então o filho de Bali (Bana), com a hoste Daitya inteira, ajudado por Sankara e Kartikeya, lutou com Sauri. Um combate feroz aconteceu entre Hari e Sankara; todas as regiões tremeram, chamuscadas pelas armas flamejantes deles, e os celestiais se sentiram convictos que o fim do universo estava perto. Govinda, com a arma de bocejo, pôs Sankara boquiaberto; e então os demônios e os semideuses acompanhantes de Shiva foram destruídos em todo lado; pois Hara, dominado por bocejo incessante, sentou-se em seu carro, e estava incapaz de lutar mais com Krishna, a quem nenhum ato afeta. O deus da guerra, Kartikeya, ferido no braço por Garuda, atingido pelas armas de Pradyumna, e desarmado pelo grito de Hari, pôs-se em fuga. Bana, quando ele viu Sankara incapacitado, os Daityas destruídos, Guha fugido, e os seguidores de Shiva mortos, avançou em seu carro vasto, os cavalos do qual foram arreados por Nandisa, para enfrentar Krishna e seus companheiros Bala e Pradyumna. O valente Balabhadra, atacando a hoste de Bana, feriu-os de muitas formas com suas setas, e impôs a eles uma derrota vergonhosa; e seu soberano os viu arrastados para lá e para cá por Rama com seu arado, ou espancados por ele com sua maça, ou perfurados por Krishna com suas setas. Ele, portanto, atacou Krishna, e uma luta ocorreu entre eles. Eles lançaram um no outro flechas ígneas, que atravessavam a armadura deles; mas Krishna interceptava com suas setas aquelas de Bana, e as cortava em pedaços. Bana todavia feriu Kesava, e o manejador do disco feriu Bana; e ambos desejosos de vitória, e cada um buscando enfurecido a morte de seu adversário, arremessaram vários projéteis um no outro. Quando um número infinito de setas tinha sido cortado em pedaços, e as armas começaram a se esgotar, Krishna decidiu executar Bana. O destruidor da hoste de demônios portanto pegou seu disco Sudarsana, brilhando com a radiância de cem sóis. Quando ele estava no ato de lançá-lo, a deusa mística Kotavi, o conhecimento mágico dos demônios, ficou de pé nua diante dele[4]. Vendo-a diante dele, Krishna, com olhos abertos, lançou Sudarsana, para cortar os braços de Bana. O disco, temido em seu vôo pelo todo das armas dos demônios, cortou fora sucessivamente os numerosos braços do Asura. Vendo Krishna com o disco novamente em sua mão, e se preparando para lançá-lo mais uma vez, para a destruição total de Bana, o inimigo de Tripura (Shiva) dirigiu-se a ele respeitosamente. O marido de Uma, vendo o sangue fluindo dos braços partidos de Bana, aproximou-se de Govinda, para pedir uma suspensão de hostilidades, e disse a ele, "Krishna, Krishna, senhor do mundo, eu te conheço, primeiro dos espíritos [Purushottama], o senhor supremo, felicidade infinita, sem início ou fim, e superior a todas as coisas. Este esporte de ser universal, no qual tu assumes as aparências de deus, animais, e homens, é um atributo subordinado da tua energia. Seja propício então, ó senhor, para mim. Eu dei garantia de segurança para Bana; não falsifique aquilo que eu falei. Ele envelheceu em devoção por mim; que ele não incorra em teu desgosto. O Daitya recebeu um benefício de mim, e portanto eu protesto contra a tua ira." Quando ele tinha concluído, Govinda, pondo de lado seu ressentimento contra o Asura, olhou com benevolência para o marido de

---

[3] O Ahavaniya, Garhapatya, Dakshina, Sabhya, e Avasathya, são os cinco fogos; dos quais os três primeiros têm um caráter religioso, e os outros dois um caráter profano. O primeiro é um fogo preparado para oblações em um sacrifício ocasional; o segundo é o fogo doméstico, a ser mantido perpetuamente; o terceiro é um fogo sacrifical, no centro dos outros dois, e colocado em direção ao sul; o Sabhya é um fogo aceso para esquentar uma festa; e o Avasathya, o fogo comum doméstico ou culinário. Manu, III. também, 185, e a explicação de Kulluka Bhatta.

[4] É dito que Kotavi é uma oitava porção de Rudrani, e a deusa tutelar dos Daityas, composta de encantamentos. O Hari Vansa também a chama de Lamba, e sugere que ela é a mãe de Bana, e igualmente idêntica a Durga. A palavra nos léxicos designa uma mulher nua, e é por isso aplicável a Durga, em algumas das formas dela.

Uma, o manejador do tridente, e disse a ele, "Já que você, Sankara, deu uma bênção para Bana, que ele viva. Por respeito às suas promessas, meu disco é reprimido. A garantia de segurança concedida por você também é concedida por mim. Você é capaz de perceber que você não é distinto de mim. *Aquilo* que eu sou, tu és; e *aquilo*, também, é este mundo, com seus deuses, demônios, e humanidade. Os homens contemplam distinções, porque eles são entorpecidos pela ignorância." Assim dizendo, Krishna foi para o lugar onde o filho de Pradyumna estava confinado. As cobras que o amarravam foram destruídas, sendo feitas voar aos ares pelo sopro de Garuda; e Krishna, colocando-o, junto com sua esposa, no pássaro celestial, voltou com Pradyumna e Rama para Dwaraka[5]. ◄

---

5 Pode haver pouca dúvida que essa lenda descreve um conflito sério entre os Saivas e Vaishnavas, no qual os últimos, de acordo com sua própria informação, foram vitoriosos; e os Saivas, embora eles tentem fazer um tipo de acordo entre Rudra e Krishna, são obrigados a admitir que ele teve o pior do conflito, e a inabilidade dele para proteger seu adorador. O Bhagavata conta a história muito conforme o texto. O Hari Vansa amplia até mais que habitual, a narrativa ocupando quase setenta páginas da tradução francesa. A lenda é encontrada no mesmo sentido, mas em vários graus de detalhes, no Agni Purana, Kurma Purana, Padma Purana (Uttara Khanda), Vamana Purana, e Brahma Vaivartta Purana (Krishna Janma Khanda).

CAPÍTULO 34

Paundraka, um Vasudeva, assume os emblemas e título de Krishna, apoiado pelo rei de Kasi. Krishna marcha contra, e os destrói. O filho do rei envia um ser mágico contra Krishna: destruído por seu disco, que também ateia fogo a Benares e consome a ela e a seus habitantes.

Maitreya: 'Realmente o divino Sauri, tendo assumido um corpo mortal, realizou grandes façanhas em suas vitórias fáceis sobre Sakra e Shiva, e todas as suas divindades auxiliares. Eu desejo agora ouvir de você, sábio ilustre, que outro feito heróico poderoso ele que humilhou a coragem dos celestiais executou.

Parasara: 'Ouça, brâmane excelente, com atenção reverente, uma descrição da queima de Varanasi por Krishna, no decorrer de ele aliviar os fardos da terra.

Havia um Vasudeva que se chamava Paundraka[1], e que, embora não *o* Vasudeva, foi lisonjeado por pessoas ignorantes como a divindade descida, até que ele se imaginou ser o Vasudeva[2] que tinha descido à terra. Perdendo toda a lembrança do seu real caráter, ele assumiu os emblemas de Vishnu, e enviou um embaixador ao magnânimo Krishna com esta mensagem; "Renuncie, tu homem tolo, ao disco; coloque de lado todos os meus emblemas, meu nome, e o caráter de Vasudeva; e venha e me faça homenagem; e eu te concedertei meios de subsistência." Ao que Janarddana riu, e respondeu, "Vá, mensageiro, de volta a Paundraka, e diga a ele de minha parte, 'Eu despacharei para ti meu emblema o disco sem falta. Tu perceberás corretamente meu propósito, e considerarás o que será feito; porque eu irei à tua cidade, trazendo o disco comigo, e o enviarei indubitavelmente para ti. Se tu me mandas ir, eu obedecerei imediatamente, e estarei contigo amanhã; não haverá nenhuma demora. E, tendo procurado teu refúgio, eu tomarei providências de modo que, ó rei, eu nunca mais terei nada a temer de ti." Assim dizendo, ele dispensou o embaixador para informar essas palavras ao seu soberano; e chamando Garuda, montou-o, e partiu para a cidade de Paundraka[3].

Quando o rei de Kasi soube das preparações de Kesava, ele enviou seu exército (para ajudar Paundraka), ele mesmo comandando a retaguarda; e com o exército do rei de Kasi, e as próprias tropas dele, Paundraka, o falso Vasudeva, marchou para encontrar Krishna. Hari o viu de longe, permanecendo em seu carro, segurando um disco, uma clava, uma maça, uma cimitarra, e um loto, em suas mãos; ornamentado com uma guirlanda de flores; portando um arco; e tendo seu estandarte feito de ouro. Ele tinha, também, a marca Srivatsa desenhada em seu peito; ele estava vestido em trajes amarelos, e enfeitado com brincos e uma tiara. Quando o deus cujo

---

[1] Por ser, o comentador diz, rei de Pundra. O Bhagavata o chama de chefe dos Karushas; o Padma, rei de Kasi; mas o Bhagavata, assim como nosso texto, faz do rei de Kasi seu amigo e aliado.

[2] De acordo com o Padma Purana, ele propicia Shiva, e obtém dele os emblemas que constituem um Vasudeva. Todas as diferentes autoridades para esta lenda usam o termo Vasudeva no sentido de um título.

[3] O Hari Vansa e Padma Purana mandam Paundraka a Dwaraka. De acordo com o último, Narada incita Paundraka à agressão, lhe falando que ele não poderia ser um Vasudeva até que ele superasse Krishna. Ele vai, e é morto. O primeiro trabalho, como sempre, entra em detalhes de sua própria invenção. Krishna está ausente em uma visita a Shiva em Kailasa, e durante sua ausência Paundraka, ajudado por Ekalavya, rei dos Nishadas, faz um ataque noturno a Dwaraka. Eles são resistidos pelos Yadavas sob as ordens de Satyaki e Balarama; pelo primeiro dos quais Paundraka é derrotado repetidamente, e quase morto. Ele ordena tanta matança, entretanto, que é provável que ele obtenha a vitória, quando Krishna chega para ajudar seus parentes, e depois de um confronto demorado, descrido em linguagem empregada uma centenas de vezes antes, mata seu rival. O todo das seções chamadas de Kailasa Yatra, ou a viagem de Krishna para Kailasa, deve ter estado faltando na cópia usada por M. Langlois, porque elas não estão incluídas na tradução dele. Os capítulos do Hari Vansa, de acordo com a enumeração dele são 261, a minha cópia tem 316.

estandarte é Garuda o viu, ele riu com uma risada profunda, e se envolveu em combate com a hoste hostil de cavalaria e elefantes, lutando com espadas, cimitarras, maças, tridentes, lanças, e arcos. Derramando sobre o inimigo as flechas de seu arco Saranga, e lançando neles sua maça e disco, ele destruiu rapidamente o exército de Paundraka e aquele do rei de Kasi. Ele disse então para o primeiro, que estava usando tolamente seus emblemas, "Paundraka, você desejou por meio de seu enviado que eu deixasse para você todos os meus emblemas. Eu os entrego agora a você. Aqui está meu disco; aqui eu deixo minha maça; e aqui está Garuda, que ele suba no teu estandarte." Falando assim, ele fez voar o disco e a maça, pelos quais Paundraka foi cortado em pedaços, e lançado no chão; enquanto o Garuda na bandeira dele foi destruído pelo Garuda de Vishnu. O povo, vendo essa visão, exclamou, "Ai! Ai!" Mas o destemido rei de Kasi, aderindo à impostura de seu amigo, continuou o conflito, até que Sauri o decapitou com suas setas, atirando a cabeça dele na cidade de Kasi, para a admiração de todos os habitantes. Tendo matado dessa maneira Paundraka e o rei de Kasi, com todos os seus seguidores, Sauri voltou a Dwaraka, onde ele vivia no desfrute de prazeres celestiais.

Quando os habitantes de Kasi viram a cabeça de seu rei atirada em sua cidade, eles ficaram muito surpresos, e desejaram saber como isso poderia ter acontecido, e por quem a ação poderia ter sido feita. Tendo averiguado que o rei tinha sido morto por Krishna, o filho do monarca de Kasi[4], junto com o sacerdote da família, propiciou Sankara; e aquele deus, bem satisfeito por ser adorado no lugar sagrado Avimukta, desejou que o príncipe pedisse um benefício. No que ele rezou, e disse, "Ó senhor, deus poderoso, por teu favor que teu espírito místico surja para destruir Krishna, o assassino de meu pai." "Assim será", Sankara respondeu. E do fogo do sul surgiu uma fêmea vasta e formidável[5], como chama de fogo, brilhando com luz rubra, e com radiância ígnea fluindo entre seus cabelos. Furiosamente ela chamou Krishna, e partiu para Dwaraka; onde as pessoas, vendo-a, foram tomadas pelo pavor, e correram em busca de proteção até Madhusudana, o refúgio de todos os mundos. O manejador do disco, sabendo que o demônio tinha sido produzido pelo filho do rei de Kasi, por sua adoração da divindade cujo emblema é um touro, e estando ocupado em diversões esportivas, e jogando dados, disse ao disco, "Mate essa criatura feroz, cujos cabelos são de chama trançada." Consequentemente Sudarsana, o disco, de Vishnu, imediatamente atacou o demônio terrivelmente engrinaldado com fogo, e usando cachos de chama entrançada. Apavorada pelo poder de Sudarsana, a criação de Maheswara não esperou seu ataque, mas fugiu com velocidade, perseguida por ele com velocidade igual, até que ela alcançou Varanasi, repelida pelo poder superior do disco de Vishnu.

O exército de Kasi, e a hoste dos semideuses acompanhantes de Shiva, armados com todos os tipos de armas, então saíram para se opor ao disco; mas, hábil no uso de armas, ele consumiu todas as tropas por meio de sua radiância, e então ateou fogo à cidade, na qual o poder mágico de Shiva tinha se escondido[6]. Assim Varanasi foi queimada, com todos os seus príncipes e os seguidores deles, seus habitantes, elefantes, cavalos, e homens, tesouros e silos, casas, palácios, e mercados. Uma cidade inteira, que era inacessível para os deuses, foi assim envolvida em chamas pelo disco de Hari, e foi totalmente destruída. O disco então, com ira não

---

[4] O Bhagavata o chama de Sudakshina; o Padma, de Dandapani.

[5] Uma Kritya personificada, uma criação mágica. O Padma tem o mesmo. O Bhagavata faz do produto do fogo sacrifical um macho, e o envia a Dwaraka, acompanhado por uma hoste de Bhutas, os trasgos acompanhantes de Shiva.

[6] De acordo com o Bhagavata, o próprio ser mágico destrói Sudakshina e seu sacerdote; mas Sudarsana consome o povo e a cidade. O Padma atribui a destruição do rei e toda a sua cidade ao disco. O Hari Vansa fecha sua narrativa com a morte de Paundraka, e não menciona a destruição de Benares. A circunstância é aludida em uma seção precedente (s. 159) por Narada, ao detalhar as façanhas de Krishna.

mitigada, e brilhando furiosamente, e longe de estar satisfeito com a realização de uma tarefa tão fácil, voltou à mão de Vishnu[7]. ◄

[7] Nessa lenda, novamente, nós temos anunciada uma disputa entre os seguidores de Vishnu e Shiva, porque, além da ajuda dada pelo último a Paundraka, Benares - Varanasi ou Avimukt - tem sido, desde sempre, como é no momento, o local principal do culto Saiva. Também há uma indicação de uma divisão Vaishnava, na competição entre Paundra e Krishna pelo título de Vasudeva, e pelos emblemas de sua divindade.

CAPÍTULO 35

Samba leva a filha de Duryodhana, mas é feito prisioneiro. Balarama chega a Hastinapura, e exige a libertação dele, é recusado, em sua ira ele arrasta a cidade em direção a ele, para lançá-la no rio. Os chefes Kuru entregam Samba e sua esposa.

Maitreya: 'Eu tenho um grande desejo de ouvir, brâmane excelente, alguma descrição adicional das façanhas de Balarama. Você narrou para mim seu arrastamento do Yamuna, e outras ações poderosas, mas, senhor venerável, você pode me falar algum outro dos atos dele.

Parasara: 'Escute, Maitreya, às façanhas realizadas por Rama, que é o eterno, ilimitável Sesha, o sustentador da terra. Na escolha de um marido pela filha de Duryodhana, a princesa foi levada pelo herói Samba, o filho de Jambavati. Sendo perseguido por Duryodhana, Karna, Bhishma, Drona, e outros chefes célebres, que estavam furiosos pela audácia dele, ele foi derrotado, e feito prisioneiro. Quando os Yadavas souberam da ocorrência, sua ira foi acesa contra Duryodhana e seus associados, e eles se prepararam para pegar em armas contra eles; mas Baladeva, em pronúncia interrompida pelos efeitos da embriaguez, os proibiu, e disse, "Eu irei sozinho até os filhos de Kuru; eles libertarão Samba a meu pedido." Consequentemente ele foi para a cidade chamada de elefante (Hastinapura), mas tomou sua residência em um bosque no lado de fora da cidade, na qual ele não entrou. Quando Duryodhana e o resto ouviram que ele tinha chegado lá, eles lhe enviaram uma vaca, um presente de frutas e flores, e água. Bala recebeu o oferecimento na forma habitual, e disse aos Kauravas, "Ugrasena manda vocês libertarem Samba." Quando Duryodhana, Karna, Bhishma, Drona, e os outros, ouviram isso, eles ficaram muito bravos; e Bahlika e outros amigos dos Kauravas, que não consideravam que a tribo Yadu tinha direito à dignidade real, disseram ao manejador da maça, "O que é isso, Balabhadra, que tu proferiste? Qual Yadava dará ordens aos chefes da família de Kuru? Se Ugrasena emite seus mandatos para os Kauravas, então nós devemos tomar o guarda-sol branco que ele usurpou, e que só é adequado para reis. Parta então, Balarama; você tem direito ao nosso respeito; mas Samba foi culpado de conduta imprópria, e nós não o liberaremos por ordens suas ou de Ugrasena. A homenagem que é devida a nós, seus superiores, pelas tribos Kukkura e Andhaka, pode não ser prestada por elas; mas quem alguma vez ouviu falar de um comando emitido por um criado ao mestre dele? Elevação a um assento igual o fez arrogante. Nós cometemos um grande engano negligenciando, por nossa amizade por você, a política (que ensina o perigo de tratar o desprezível com deferência). Nós lhe enviarmos hoje um presente respeitoso era uma indicação de consideração (pessoal), que não era nem adequado para nossa família ter oferecido, nem para você ter esperado."

Tendo falado assim, os chefes Kuru, recusando-se unanimamente a porem o filho de Hari em liberdade, voltaram imediatamente para a cidade. Bala, girando para cá e para lá com intoxicação, e com a ira que a linguagem depreciativa deles tinha excitado, golpeou o chão furiosamente com seu calcanhar, de modo que ele explodiu em pedaços com um som alto que reverberou pelas regiões do espaço. Seus olhos avermelharam de raiva, e sua testa estava curvada com sobrancelhas franzidas, quando ele exclamou, "Que arrogância é essa, em tais criaturas vis e sem vigor! A soberania dos Kauravas, como também a nossa própria, é o trabalho do destino, cujo decreto é também que eles agora desrespeitem ou desobedeçam as ordens de Ugrasena. Indra pode por direito dar suas ordens aos deuses; e Ugrasena exerce autoridade igual ao marido de Sachi. Que vergonha para o orgulho que se gaba de um trono, os restos de cem mortais! Ele não é o soberano da terra, as esposas de cujos criados se adornam com as flores da árvore Parijata? Ugrasena será o incontestável

rei dos reis; porque eu não voltarei à capital dele até que eu tenha libertado o mundo completamente dos filhos de Kuru. Eu destruirei Karna, Duryodhana, Drona, Bhishma, Bahlika, Duhsasana, Bhurisravas, Somadatta, Salya, Bhima, Arjuna, Yudhishthira, os gêmeos, e todos os outros descendentes vis de Kuru, com seus cavalos, elefantes, e carruagens. Eu resgatarei o herói Samba do cativeiro, e o levarei, junto com sua esposa, para Dwaraka, onde eu verei Ugrasena novamente, e o resto da minha família. Ou, autorizado pelo rei dos deuses a eliminar os fardos da terra, eu levarei essa capital dos Kauravas, com todos os filhos de Kuru, e lançarei a cidade do elefante no Bhagirathi."

Falando desse modo, o manejador da maça, Baladeva, seus olhos vermelhos de raiva, fincou a lâmina de seu arado para baixo, sob as plataformas da cidade, e as puxou em direção a ele. Quando os Kauravas viram Hastinapura tremendo, eles ficaram muito alarmados, e gritaram ruidosamente para Rama, dizendo, "Rama, Rama! Pare, espere! Suprima sua ira! Tenha piedade de nós! Aqui está Samba, e a esposa dele também, entregues para você. Perdoe nossos pecados, cometidos em ignorância do seu poder extraordinário." Consequentemente, saindo apressadamente da cidade, os Kauravas entregaram Samba e sua noiva ao poderoso Balarama que, curvando-se a Bhishma, Drona, e Kripa que se dirigiram a ele em linguagem conciliatória, disse, "Eu estou satisfeito;" e assim desistiu. A cidade tem as marcas do abalo que recebeu, até o tempo atual - tal era o poder de Rama - provando sua força e destreza. Os Kauravas então, oferecendo homenagem a Samba e a Bala, deram licença para o primeiro partir com sua esposa e um dote nupcial[1]. ◄

[1] Essa aventura é narrada no Bhagavata, e citada muito brevemente no Hari Vansa; mas eu não achei qualquer menção dela no Mahabharata. Ela pode ter sido sugerida originalmente por Hastinapura ter sofrido algum dano de um terremoto ou das invasões do rio que, como está registrado, obrigaram a remoção da capital para Kausambi (página 353).

CAPÍTULO 36

O Asura Dwivida, na forma de um macaco, destruído por Balarama.

Ouça também, Maitreya, outro feito heróico realizado pelo poderoso Balarama. O grande Asura, o inimigo dos amigos dos deuses, Naraka, tinha um amigo de muita bravura no macaco chamado Dwivida, que era inspirado por hostilidade implacável contra as divindades, e jurou vingar neles todos a destruição de Naraka por Krishna, instigado pelo rei dos celestiais, impedindo sacrifícios, e efetuando a aniquilação da esfera mortal. Cegado pela ignorância, ele consequentemente interrompia todos os ritos religiosos, subvertia todas as observâncias virtuosas, e ocasionava a morte de seres vivos. Ele botava fogo em florestas, em aldeias, e em cidades; às vezes ele oprimia cidades e vilas com rochas; ou erguendo montanhas nas águas, ele as lançava no mar; então tomando seu lugar no meio do oceano, ele agitava as ondas, até que o mar espumando erguia-se acima de seus limites, e varria as aldeias e cidades situadas em suas margens. Dwivida também, que podia assumir qual forma ele quisesse, aumentava seu tamanho para um volume imenso, e rolando e dando pulos e pisoteando entre os campos de cereais, ele esmagava e estragava as colheitas. O mundo inteiro, desordenado por esse macaco iníquo, foi privado de estudo sagrado e ritos religiosos, e estava muito aflito.

Em uma ocasião, Halayudha estava bebendo nos bosques de Raivata, junto com a ilustre Revati e outras mulheres bonitas; e o eminente Yadu, em cujo louvor canções eram cantadas, e que era preeminente entre mulheres graciosas e divertidas, parecia Kuvera, o deus das riquezas, no palácio dele. Enquanto assim ocupado, o macaco Dwivida chegou lá, e roubando o arado e maça de Baladeva, riu e escarneceu dele, e deu risada das mulheres, e jogou por toda parte e quebrou os copos cheios de vinho. Balarama, ficando enfurecido por isso, ameaçou o macaco; mas o último desconsiderou as ameaças dele, e fez um barulho inarticulado; no que Bala, levantando-se bruscamente, agarrou sua maça em ira; e o macaco agarrou uma pedra grande, a qual ele arremessou no herói. Bala lançou sua maça nela, quando ela se aproximou dele, e quebrou-a em mil fragmentos que, junto com a maça, caíram no chão. Vendo a maça derrubada, o macaco saltou sobre ela, e golpeou o Yadava violentamente no peito com suas patas. Bala respondeu com um soco de seu punho na testa de Dwivida, o que o derrubou vomitando sangue, e sem vida, na terra. O topo da montanha na qual ele caiu foi quebrado em cem pedaços pelo peso de seu corpo, como se aquele que faz trovejar [Indra] o tivesse despedaçado com seu raio. Os deuses jogaram uma chuva de flores sobre Rama, e se aproximaram dele, e o elogiaram pelo feito glorioso que ele tinha realizado. "O mundo foi livrado completamente", disseram eles, "por tua destreza, ó herói, desse macaco vil que era o aliado do inimigo dos deuses." Então eles e seus espíritos acompanhantes voltaram bem satisfeitos para o céu. Muitas tais ações inimitáveis foram feitas pelo ilustre Baladeva, a personificação de Sesha, o sustentador da terra[1]. ◄

---

[1] Essa façanha de Balarama também é narrada de modo semelhante, mas mais vulgarmente, no Bhagavata. O Hari Vansa diz simplesmente, e erroneamente, que Mainda e Dwivida foram conquistados por Krishna.

CAPÍTULO 37

Destruição dos Yadavas. Samba e outros enganam e ridicularizam os Rishis. Os primeiro porta um pilão de ferro, ele é quebrado, e lançado no mar. Os Yadavas vão para Prabhasa por desejo de Krishna, eles disputam e lutam, e todos perecem. A grande serpente que Sesha sai da boca de Rama. Krishna é atingido por um caçador, e novamente se torna um com o espírito universal.

Dessa maneira Krishna, ajudado por Baladeva, destruiu demônios e monarcas injustos, para o bem da terra; e junto com Phalguna[1] ele também aliviou a terra de seu peso, pela morte de inúmeras hostes. Tendo desse modo deixado mais leves as cargas da terra, e matado muitos príncipes iníquos, ele exterminou[2], pelo pretexto de uma maldição pronunciada por brâmanes, sua própria tribo Yadava. Então deixando Dwaraka, e abandonando sua vida mortal, o nascido por si mesmo reentrou, com todas as suas emanações, em sua própria esfera de Vishnu.

Maitreya: 'Conte-me como Janarddana efetuou a destruição do seu próprio povo sob o pretexto de maldição bramânica, e de que maneira ele renunciou ao seu corpo mortal[3].

Parasara: 'No lugar sagrado Pindaraka[4], Viswamitra, Kanwa, e o grande sábio Narada, foram observados por alguns meninos da tribo Yadu. Irrefletidos com juventude, e influenciados por resultados predestinados, eles vestiram e enfeitaram Samba, o filho de Jambavati, como uma donzela, e conduzindo-a até os sábios, eles se dirigiram a eles com os sinais usuais de reverência, e disseram, "À qual criança essa moça, a esposa de Babhru, que está ansiosa para ter um filho, dará à luz?" Os sábios, que eram possuidores de sabedoria divina, ficaram muito enfurecidos por se acharem enganados pelos meninos desse modo, e disseram, "Ela produzirá uma clava, que esmagará a tribo Yadava inteira." Os meninos, ouvindo isso dos sábios, foram e contaram tudo o que tinha ocorrido para Ugrasena; e, como predito, uma clava foi produzida da barriga de Samba. Ugrasena teve a clava, que era de ferro, triturada a pó, e lançada no mar; mas as partículas de pó se tornaram juncos lá[5]. Havia uma parte da clava de ferro que era como a lâmina de uma lança, e a qual os Andhakas não puderam quebrar [triturar]. Essa, quando jogada no mar, foi engolida por um peixe; o peixe foi capturado, a ponta de ferro foi extraída de sua barriga, e foi levada por um

---

1 Um nome de Arjuna, o grande amigo de Krishna, para quem o último serviu como quadrigário na guerra entre os Pandus e Kurus.

2 Com Balarama, Pradyumna, Aniruddha, e o resto.

3 A lenda da destruição da tribo Yadava, e a morte de Krishna, aparece provavelmente em sua forma existente mais antiga no Mausala Parva do Mahabharata. Ela forma a parte narrativa do décimo primeiro livro do Bhagavata, tendo sido aludida previamente brevemente no primeiro e terceiro livros; e é contada de modo sumário no Uttara Khanda do Padma Purana.

4 A aldeia de Pindaraka, ainda venerada, é situada em Guzerat, aproximadamente vinte milhas da extremidade de noroeste da Península. Hamilton, II. 664.

5 O termo é Eraka, que é explicado em alguns léxicos médicos, 'uma espécie de grama.' O comentador também o chama de um tipo de grama; e, no texto do Mahabharata o termo usado subsequentemente, e como sinônimo dele, é Trina, 'grama.' O Mahabharata, ao descrever o tumulto que segue, menciona que a grama ou juncos, ao serem arrancados por Krishna e os Yadavas, tornaram-se clavas {ou dardos}. O texto, e aquele do Bhagavata, diz aqui que as partículas em pó, flutuando no mar, tornaram-se juncos; ou o último pode sugerir que elas se prenderam à grama ou algas. O comentador, entretanto, explica que as partículas de ferro, sendo levadas à terra, foram transformadas dessa maneira. O Mahabharata não diz nada do pedaço que não pôde ser triturado, e isso parece ser um embelezamento do nosso texto ou do Bhagavata. Porém, o Mahabharata acrescenta outra precaução, que os dois outros deixaram despercebida. Ugrasena faz uma proclamação ser feita, que nenhum dos habitantes de Dwaraka dali em diante deveria beber vinho, sob pena de ser empalado vivo; e as pessoas por algum tempo cumprem a proibição.

caçador chamado Jara. O todo-sábio e glorioso Madhusudana não achou apropriado contrariar o que tinha sido predeterminado pelo destino.

Então lá se aproximou de Kesava, quando ele estava retirado e sozinho, um mensageiro dos deuses, que se dirigiu a ele com reverência, e disse, "Eu fui enviado a você, ó senhor, pelas divindades, e ouça o que Indra, junto com os Viswas, Maruts, Adityas, Sadhyas, e Rudras, expressam respeitosamente. Mais de cem anos se passaram desde que tu, em favor para os deuses, desceste na terra, com o propósito de aliviá-la de sua carga. Os demônios foram mortos, e o peso da terra foi removido. Agora que os imortais vejam mais uma vez mais seu monarca no céu. Um período que excede um século passou; agora, se for tua vontade, volte para Swarga. Esse é o pedido dos celestiais. Mas se esse não for teu desejo, então permaneça aqui por tanto tempo quanto possa ser desejável para teus dependentes[6]." A isso Krishna respondeu, "Eu estou bem ciente de tudo o que tu me disseste. A destruição dos Yadavas por mim começou. As cargas da terra não estarão eliminadas até que os Yadavas sejam extirpados. Eu também efetuarei isso em minha descida, e rapidamente; pois isso acontecerá em sete noites. Quando eu restabelecer a terra de Dwaraka ao oceano, e aniquilar a linhagem de Yadu, eu irei para as mansões dos imortais. Avise os deuses que, tendo abandonado meu corpo humano, e acompanhado por Sankarshana, eu voltarei então para eles. Os tiranos que oprimiram a terra, Jarasandha e o resto, foram mortos; e um jovem, mesmo da tribo de Yadu, é, não menos que eles, um encargo. Quando portanto eu tiver tirado esse grande peso da terra, eu retornarei para proteger a esfera dos celestiais. Diga isso a eles." O mensageiro dos deuses, tendo recebido essa resposta, curvou-se, e tomou seu rumo celestial até o rei dos deuses.

O poderoso Krishna agora viu sinais e portentos na terra e no céu, prognosticando, dia e noite, a ruína de Dwaraka[7]. Mostrando esses para os Yadavas, ele disse, "Vejam! Observem esses fenômenos temíveis! Vamos depressa para Prabhasa, para evitar esses presságios." Quando ele tinha falado desse modo para o Yadava eminente, o ilustre Uddhava o saudou e disse a ele, "Diga-me, ó senhor, o que é apropriado que eu faça, pois me parece que tu destruirás toda essa raça. Os sinais que são manifestos declaram nada menos que a aniquilação da tribo." Então Krishna respondeu para ele, "Vá por uma rota celestial, que minha proteção providenciará para você, para o lugar sagrado Badarikasrama, na montanha Gandhamadana, o santuário de Naranarayana; e naquele local, santificado por eles, tu, por meditares em mim, obterás perfeição por meu favor. Quando a tribo de Yadu tiver perecido, eu procederei para o céu; e o oceano inundará Dwaraka, quando eu a tiver abandonado."

---

[6] Nada desse tipo acontece no Mahabharata. Nosso texto, portanto, oferece um embelezamento. O Bhagavata, novamente, aperfeiçoa o texto; pois, não contente com um mensageiro, ele faz Brahma com os Prajapatis, Shiva com os Bhutas, Indra com as outras divindades, todos irem pessoalmente; indicando evidentemente uma data posterior, tão claramente quanto a adição do texto mostra que ele é subsequente à data da lenda no Mahabharata.

[7] O Mahabharata, que se deleita em descrever portentos e sinais, os detalha aqui. Uma figura terrível, a morte personificada, assombra toda casa, indo e vindo ninguém sabe como, e sendo invulnerável às armas pelas quais ele é atacado. Furacões fortes sopram; ratos grandes se multiplicam, e infestam as estradas e casas, e atacam pessoas em seu sono; Sarikas, ou estorninhos, proferem gritos inauspiciosos em suas gaiolas; cegonhas imitam o pio de corujas, e cabras o uivo de chacais; vacas produzem potros; e camelos, mulas; alimento, no momento de ser comido, fica cheio de vermes; o fogo queima com chamas descoloradas; e no pôr-do-sol e amanhecer o ar é atravessado por espíritos horrorosos e sem cabeça. Há mais no mesmo sentido, que nem nosso texto nem o Bhagavata ousaram detalhar. A passagem inteira foi publicada na História Antiga do Hindustão de Maurice, II. 463; traduzida aparentemente pelo falecido Sir Charles Wilkins. Os nomes foram muito desfigurados pelo copista ou tipógrafo.

Consequentemente Uddhava, assim instruído por Kesava, o saudou com reverência, e partiu para o santuário de Naranarayana[8].

Então os Yadavas subiram em seus carros rápidos, e dirigiram para Prabhasa[9], junto com Krishna, Rama, e o resto de seus chefes[10]. Eles se banharam lá, e, incitados por Vasudeva, os Kukkuras e Andhakas tomaram licor. Enquanto eles bebiam, a chama destrutiva da dissensão foi acesa entre eles por antagonismo mútuo, e alimentada com o combustível do insulto. Enfurecidos pela influência divina, eles caíram uns sobre os outros com armas mísseis, e quando essas foram gastas, eles recorreram ao junco [Eraka] que crescia perto. Os juncos nas mãos deles se tornaram como raios, e eles atingiram uns aos outros com seus golpes fatais. Pradyumna, Samba, Kritavarman, Satyaki, Aniruddha, Prithu, Viprithu, Charuvarman, Charuka, Akrura, e muitos outros, golpearam uns aos outros com os juncos que tinham assumido a dureza de raios[11]. Kesava interveio para impedi-los, mas eles pensaram que ele estava tomando o partido de cada um respectivamente, e continuaram a luta. Krishna então, enfurecido, pegou um punhado de juncos para destruí-los, e os juncos se tornaram uma clava de ferro, e com isso ele matou muitos dos Yadavas assassinos; enquanto outros, lutando ferozmente, acabaram uns com os outros. A carruagem do proprietário do disco, chamada Jaitra, foi levada rapidamente pelos corcéis velozes, e varrida pelo mar, à vista de Daruka o cocheiro. O disco, a maça, o arco, a aljava, a concha, e a espada de Kesava, tendo circungirado seu senhor, fugiram pelo caminho do sol. Em pouco tempo não havia um único Yadava deixado vivo, exceto os poderosos Krishna e Daruka[12]. Indo em direção a Rama, que estava sentado na raiz de uma árvore, eles viram uma grande serpente saindo de sua boca. Tendo saído de sua boca, a cobra poderosa procedeu para o oceano, louvada por santos e por outras grandes serpentes. Trazendo uma oferenda de respeito, o Oceano aproximou-se para encontrá-lo; e então o ser majestoso, adorado por cobras atendentes, entrou nas águas do mar. Vendo a partida do espírito de Balabhadra, Kesava disse a Daruka, "Tudo isso deve ser relatado por você para Vasudeva e Ugrasena. Vá e os informe da partida de Balabhadra, e da destruição dos Yadavas; e

---

8 No Mahabharata é dito somente que Uddhava, que era versado em Yoga, prevendo a destruição dos Yadavas, foi embora; isto é, de acordo com o comentador, ele praticou penitência, e foi para céu. O Bhagavata, pegando a dica, faz muito mais disso que nosso texto, e o amplia para um curso longo de instrução dado por Krishna a Uddhava, ocupando 150 folhas.

9 Veja a página 420, n. 3. Por mandar os Yadavas para Prabhasa, afirma o comentador, Krishna impediu de propósito os Yadavas de obterem Mukti, 'libertação final', que teria sido a consequência de morrer em Dwaraka. A morte em Prabhasa conferiu apenas o céu de Indra.

10 O Mahabharata os descreve como indo com cavalos, elefantes, e carros, e suas mulheres, e abundância de boa comida, e variedades de vinho e carne.

11 O Bhagavata, como o texto, só se refere dessa maneira geral ao conflito; mas o Mahabharata dá os detalhes. Yuyudhana critica Kritavarman por ter ajudado Aswatthaman em seu ataque noturno ao acampamento Pandu, e matar guerreiros adormecidos. Pradyumna se une no insulto. Kritavarman replica. Krishna olha furiosamente para ele. Satyaki repete a história da pedra preciosa Syamantaka, pela qual ele acusa Kritavarman de ser um cúmplice no assassinato de Satrajit (página 331). Satyabhama, a filha do último, então se mistura na briga, e incita Krishna a vingá-la; mas Satyaki se antecipa a ele, e assassina Kritavarman. Saineya e os Bhojas atacam Satyaki; os Andhakas o defendem; e a desordem se torna geral. Krishna tenta separar os combatentes, até que Pradyumna é morto; e então pegando um punhado de juncos, que se tornam uma clava de ferro, ele mata indiscriminadamente todos os que surgem em seu caminho. O conflito continua até a maior parte dos combatentes ter caído, inclusive todos os filhos de Krishna, e ele então em fúria varre todos os sobreviventes, menos Babhru e Daruka, com seu disco.

12 O Mahabharata, como observado no fim da última nota, soma Babhru, mas logo se livra dele. Krishna o envia para cuidar das pessoas idosas, das mulheres, e crianças, em Dwaraka, enquanto Daruka vai trazer Arjuna para ajudá-los. Mas, enquanto ele segue adiante, dominado pela angústia pela perda de sua família, e próxima separação de Krishna, ele é morto por uma maça que é lançada de uma cilada ou armadilha colocada por um caçador. Krishna vai então para Dwaraka, e pede que Vasudeva espere a chegada de Arjuna; depois do que ele volta para Rama, e vê o fenômeno descrito no texto; a serpente sendo Sesha, de quem Balarama era a encarnação. O Bhagavata não menciona esse incidente, meramente observando que Rama, pelo poder de Yoga, retornou para si mesmo; isto é, para Vishnu.

também que eu me dedicarei à meditação religiosa, e deixarei esse corpo. Avise Ahuka e todos os habitantes de Dwaraka[13] que o mar inundará a cidade. Estejam preparados, então, em expectativa da chegada de Arjuna, e quando ele deixar Dwaraka, não residam mais lá, mas vão para onde quer que o descendente de Kuru se dirigir. Vá você também ao filho de Kunti, e diga a ele que é meu pedido que ele conceda qual proteção ele puder a toda a minha família. Então parta com Arjuna e todo o povo de Dwaravati, e que Vajra seja instalado soberano sobre a tribo de Yadu."

Daruka, sendo assim instruído, prostrou-se repetidas vezes diante de Krishna, e caminhou em volta dele repetidamente, e então partiu como ele tinha sido pedido; e tendo conduzido Arjuna a Dwaravati, o inteligente servo de Krishna estabeleceu Vajra como rei. O divino Govinda então, tendo concentrado em si mesmo aquele espírito supremo que é uno com Vasudeva, foi identificado com todos os seres[14]. Com respeito às palavras do brâmane, a maldição de Durvasas[15], o ilustre Krishna sentou-se envolvido em pensamento, repousando seu pé sobre seu joelho. Então chegou lá um caçador, chamado Jara[16], cuja flecha tinha na ponta uma lâmina feita do pedaço de ferro da maça, que não tinha sido reduzido a pó; e vendo o pé de Krishna de longe, ele o confundiu com parte de um cervo, e atirando sua seta, alojou-a na sola[17]. Aproximando-se de seu alvo, ele viu o rei de quatro braços, e, caindo aos pés dele, pediu seu perdão repetidamente, exclamando, "Eu fiz esse ato involuntariamente, pensando que eu estava apontando para um cervo! Tenha piedade de mim, que sou consumido pelo meu crime; pois tu és capaz me consumir!" Bhagavat respondeu, "Não tema de modo algum. Vá, caçador, por meu favor, para o céu, a residência dos deuses." Assim que ele tinha falado dessa maneira, um carro celestial apareceu, e o caçador, subindo nele, procedeu sem demora para o céu. Então o ilustre Krishna, tendo se unido com seu próprio espírito puro, espiritual, inesgotável, inconcebível, não nascido, imorredouro, imperecível, [ilimitado] e universal, que é uno com Vasudeva, abandonou seu corpo mortal e a condição das qualidades triplas[18]. ◄

[13] As mulheres, os anciãos, e as crianças, entre os quais, como nós veremos agora, estava Vajra, o filho de Aniruddha, que foi estabelecido como chefe dos Yadavas em Indraprastha, e que, portanto, escapou da destruição que subjugou os parentes deles, os Vrishnis, Kukkuras, e Andhakas, de Dwaraka. Essa foi uma reserva afortunada para as tribos que em várias partes do Hindustão, no Ganges e no Dakhin, professam derivar sua origem dos Yadavas.

[14] O processo é explicado pelo comentador: 'Pela força de Dhyana, ou abstração, Krishna convence a si mesmo que ele é Brahma, ou espírito universal; e é convencido em seguida que ele é, portanto, todas as coisas; pelo que sua individualidade cessa.'

[15] A história é contada no Mahabharata. Durvasas foi, em uma ocasião, entretido com hospitalidade por Krishna, mas o último deixou de limpar os fragmentos da refeição que tinham caído no pé do sábio irascível, que por isso predisse que Krishna seria morto como no texto.

[16] Esse é um personagem alegórico, porém, pois Jara significa 'fraqueza', 'velhice', 'decadência.' {Essa, de acordo com o comentador da tradução do sr. Wilson, é uma especulação com a qual é difícil concordar, pois no original o nome do caçador é Jaras.}

[17] O Bhagavata explica como essa parte do pé ficou exposta. Krishna tinha assumido uma das posturas nas quais abstração é praticada. Ele tinha colocado sua perna esquerda sobre sua coxa direita, pelo que a sola do pé ficou virada para fora.

[18] Ele se tornou Nirguna, 'livre de todas as qualidades.'

CAPÍTULO 38

Arjuna chega a Dwaraka, e queima os mortos, e leva embora os habitantes sobreviventes. Começo da era Kali. Pastores e ladrões atacam Arjuna, e levam as mulheres e riqueza. Arjuna lamenta a perda de sua destreza para Vyasa; que o consola, e conta a ele a história de Ashtavakra amaldiçoando as Apsarasas. Arjuna e seus irmãos colocam Parikshit no trono, e vão para as florestas. Fim do quinto livro.

Arjuna, tendo encontrado os corpos de Krishna e de Rama, realizou para eles, e o restante dos mortos, os ritos fúnebres. As oito rainhas de Krishna, que foram mencionadas, com Rukmini à frente delas, abraçaram o corpo de Hari, e entraram no fogo funerário[1]. Revati também, abraçando o cadáver de Rama, entrou na pilha ardente, que era fria para ela, feliz em contato com seu marido. Sabendo desses eventos, Ugrasena e Anakadundubhi, com Devaki e Rohini, se entregaram às chamas[2]. As últimas cerimônias foram realizadas para todos esses por Arjuna, que então fez todas as pessoas deixarem a cidade, e levou Vajra com ele. O filho de Kunti conduziu as milhares das esposas de Krishna, com Vajra, e todo o povo, de Dwaraka, com ternura e cuidado, e viajou lentamente para longe. O palácio Sudharman e a árvore Parijata, que tinham sido trazidos para a terra por Krishna, ambos procederam para o céu; e no mesmo dia que Hari partiu da terra a poderosa era Kali de corpo escuro sobreveio[3]. O oceano subiu, e submergiu Dwaraka inteira, exceto apenas a residência da divindade da tribo de Yadu. O mar ainda não foi capaz de levar aquele templo, e lá Kesava reside sempre, até mesmo no tempo atual. Quem visita aquele santuário sagrado, o lugar onde Krishna desempenhou seus divertimentos, é libertado de todos os seus pecados[4].

O filho de Pritha, Arjuna, parou as pessoas ele tinha trazido de Dwaraka no país Panchanada[5], em um local rico e fértil; mas os desejos dos ladrões (da vizinhança) foram despertados, quando eles observaram tantas mulheres viúvas, também tais grandes riquezas, na posse de Arjuna sozinho. Inflamados por sua cobiça, eles reuniram os vis Abhiras[6], e disseram a eles, "Aqui está este Arjuna, imensamente rico, e tendo numerosas mulheres, cujos maridos foram mortos, passando confiantemente entre nós; uma desconsideração para todos os homens valentes. O orgulho dele é causado pela morte de Bhishma, Drona, Jayadratha, Karna, e outros, a quem ele matou. Ele não conhece a bravura de aldeões simples. De pé, de pé! Peguem seus bastões grossos compridos. Esse homem estúpido nos menospreza.

---

1 O Mahabharata leva as esposas de Krishna primeiro para Indraprastha, e lá Rukmini e quatro outras queimam; mas Satyabhama e outras se tornam ascetas, indo realizar Tapasya na floresta.

2 O Mahabharata diz somente que Vasudeva morreu; após o que quatro das esposas dele se queimaram.

3 A era Kali começou a partir da morte de Krishna, de acordo com as noções usuais; mas geralmente se supõe que ela começou um pouco depois, ou com o reinado de Parikshit.

4 O Bhagavata concorda com o texto em excetuar o templo de Dwaraka, e afirmar que ele ainda perdura, em contradição direta com o Mahabharata, que declara que o mar não poupou nenhuma parte. Está claro, portanto, que quando o último foi compilado o templo não estava de pé, e que ele foi erguido entre a data da compilação e aquela dos dois Puranas. O santuário atual, que tem grande renome, está localizado na extremidade da península de Guzerat. Ele ainda é um objeto de peregrinação; era assim no reinado de Akbar (Ayin Akbari); e tem sido assim, sem dúvida, desde um período remoto. A imagem antigamente adorada lá foi levada 600 anos atrás, e essa era, muito provavelmente, subsequente à data de ambos os Puranas; pois o ídolo era uma forma de Krishna, chamada Rana chor, uma divindade popular, desconhecida no panteão purânico. Outra imagem foi substituída em lugar daquela que foi roubada. Apesar do testemunho do nosso texto, e daquele do Bhagavata, a originalidade do templo é contestada, e é dito que um lugar trinta milhas ao sul de Purbandar é o local onde Dwaraka foi engolida pelo oceano. Hamilton, de Macmurdo, etc. I. 662.

5 'O país dos cinco rios', o Punjab: uma rota bastante fora do comum de Dwaraka para Delhi.

6 Abhiras quer dizer 'rebanhos', e eles são chamados depois, por Arjuna, de Gopalas, 'pastores'. As tribos pastorais do oeste da Índia, e particularmente aquelas do Afeganistão, quase sempre combinam o caráter de pirata com aquele de pastor.

Por que nós não deveríamos erguer nossas armas?" Assim dizendo, eles atacaram, armados com porretes e torrões de terra, as pessoas, que estavam sem seu senhor. Arjuna os enfrentou, e disse a eles em escárnio, "Afastem-se, patifes, ignorantes do que é certo, a menos que vocês estejam desejosos de morrer." Mas eles desconsideraram as ameaças dele, e agarraram os tesouros e as mulheres dele, as esposas de Viswaksena. Nisso Arjuna começou a retesar seu arco divino Gandiva, irresistível em batalha; mas isso foi em vão; pois, apesar de todos os seus esforços para esticá-lo, ele continuou flouxo. Nem ele podia se lembrar dos encantamentos das armas sobre-humanas. Perdendo toda a paciência, ele lançou, como melhor ele podia, suas flechas sobre o inimigo; mas aquelas atiradas do Gandiva somente arranhavam a pele. As setas dadas a ele por Agni para efetuarem certa destruição agora eram elas mesmas destruídas, e foram desastrosas para Arjuna em sua disputa com pastores. Ele se esforçou para recordar o poder de Krishna; animado pelo qual, suas numerosas setas tinham derrubado reis poderosos; mas ele tentou em vão, pois agora elas eram postas de lado pelos camponeses, ou elas voavam ao acaso, distantes de seu alvo. Suas setas sendo gastas, ele bateu nos bandidos com o corno de seu arco; mas eles só riram dos golpes dele; e os bárbaros, na visão de Arjuna, levaram todas as mulheres das tribos Vrishni e Andhaka, e seguiram seu caminho[7].

Então Jishnu ficou extremamente aflito, e lamentou amargamente, exclamando: "Ai! ai! Eu fui abandonado por meu senhor!" E ele chorou, e, naquele instante, o arco e armas divinas, seu carro e corcéis, pereceram completamente, como uma doação para um brâmane ignorante. "Irresistíveis", disse ele, "são os decretos do destino, por quem foi infligida fragilidade em mim, privado de meu amigo ilustre, e vitória dada aos vis. Estes dois braços são meus; meu, é este punho; este é meu lugar; eu sou Arjuna: mas, sem aquele amparo justo, todos esses são sem vigor. O valor de Arjuna, a força de Bhima, era tudo obra dele; e sem ele eu sou superado por camponeses; isso não pode ser por qualquer outra causa." Falando dessa maneira, Arjuna foi para a cidade de Mathura, e lá instalou o príncipe Yadava, Vajra, como seu rei. Lá ele viu Vyasa, que estava vivendo em uma floresta, e ele se aproximou do sábio, e o saudou respeitosamente. O Muni o examinou por algum tempo, enquanto ele jazia prostrado aos seus pés, e disse a ele, "Como é que eu o vejo assim desprovido de seu esplendor? Você foi culpado de relacionamento ilícito com mulheres, ou da morte de um brâmane? Ou você sofreu alguma decepção dolorosa, que você está tão abatido? Suas orações por progênie, ou outras dádivas boas, vieram a ser infrutíferas? Ou você se entregou a sentimentos impróprios, que seu brilho está tão ofuscado? Ou você é alguém que devora a refeição que foi dada aos brâmanes? Diga, Arjuna, você se apoderou da propriedade dos pobres? O vento de uma peneira desceu sobre você? Ou um mau-olhado fitou você, Arjuna, que você parece tão miserável? Você foi tocado pela água de uma unha? Ou a água de um jarro salpicou você? Ou, o que provavelmente é o caso, você foi vencido por seus inferiores em batalha?"

Arjuna, tendo suspirado profundamente, contou a Vyasa todas as circunstâncias de sua derrota, e continuou; "Hari, que era nossa força, nosso poder, nosso heroísmo, nossa coragem, nossa prosperidade, nosso brilho, nos deixou, e partiu. Privados dele, nosso amigo ilustre, e que sempre falava amavelmente, nós nos tornamos tão fracos como se feitos de palha. Purushottama, que era a energia viva de minhas armas, minhas flechas e meu arco, se foi. Enquanto nós olhávamos para ele, fortuna, fama, riqueza, dignidade nunca nos abandonavam. Mas Govinda não está mais entre nós. Abandonou a terra aquele Krishna, por cujo poder Bhishma, Drona, o rei de Anga, Duryodhana, e o resto foram destruídos. Não só eu, mas a Terra envelheceu, miserável, e sem brilho, na ausência do proprietário do disco. Krishna, por

[7] As principais esposas de Krishna, porém, de acordo com o Mahabharata, escaparam. A ocorrência é descrita lá de modo muito semelhante, mas mais brevemente. Ela não é detalhada no Bhagavata.

devoção a quem Bhishma e outros homens poderosos pereceram como traças na chama da minha destreza, se foi; e eu sou superado agora por vaqueiros. O arco Gandiva, que era afamado por todos os três mundos, foi derrotado, visto que ele partiu, pelas varas de camponeses. As miríades de mulheres sobre as quais eu era o senhor foram arrebatadas de mim por ladrões, armados apenas com porretes. A casa inteira de Krishna, ó Krishna[8], foi levada à força por camponeses, que com seus bastões envergonharam minha força. Que eu estou desprovido do meu esplendor eu não me admiro: é notável que eu esteja vivo. Seguramente, avô, apenas eu sou tão sem vergonha quanto a sobreviver à mácula de indignidade infligida pelos vis."

Vyasa respondeu a Arjuna, e disse, "Não pense mais, meu filho, em sua desgraça. Não lhe fica bem se afligir. Saiba que o tempo sujeita todos os seres à vicissitude semelhante. O tempo efetua a produção e dissolução de todas as criaturas. Tudo o que existe está baseado no tempo. Saiba disso, Arjuna, e mantenha sua fortaleza. Rios, mares, montanhas, a terra inteira, deuses, homens, animais, árvores, insetos, são todos criados, e serão todos destruídos, pelo tempo. Sabendo que tudo o que existe é o efeito do tempo, fique tranquilizado. Esses trabalhos imensos de Krishna, quaisquer que eles tenham sido, foram realizados para aliviar a terra de suas cargas: para isso ele veio. A Terra, oprimida por seu peso, recorreu à assembléia dos imortais; e Janarddana, que é uno com o tempo, desceu por causa disso. Esse objetivo foi agora realizado, todos os reis da terra estão mortos; a linhagem de Vrishni e Andhaka está destruída; nada mais restou para ele realizar. Portanto, o senhor partiu para onde ele quis, seus objetivos estando todos cumpridos. No período de criação o deus dos deuses cria; naquele de duração ele preserva; e no fim de tudo ele é poderoso para aniquilar. Agora tudo está feito. Então, Arjuna, não te angustie por tua derrota. A destreza de mortais é o presente do tempo. Bhishma, Karna, e outros reis, foram mortos por ti somente. Esse foi o trabalho do tempo, e por que, então, tua derrota, por aqueles inferiores a ti, não deveria ocorrer? De modo semelhante como por tua devoção por Vishnu esses foram derrotados por ti, assim finalmente tua derrota por ladrões miseráveis foi forjada pelo tempo. Aquela divindade, assumindo vários corpos, preserva o mundo; e no fim o senhor das criaturas o destrói. No nascimento de tuas fortunas Janarddana era teu amigo; no declínio delas, teus inimigos foram favorecidos por Kesava. Quem teria acreditado que tu matarias todos os descendentes de Kuru, e parentes de Ganga? Quem teria acreditado que camponeses triunfariam sobre ti? Esteja certo, filho de Pritha, que é apenas o passatempo do universal Hari que os Kauravas tenham sido destruídos por ti, e que tu tenhas sido derrotado por pastores. Com respeito às mulheres por quem tu lamentas, e que foram levadas pelos ladrões, ouça de mim uma história antiga que explicará por que isso aconteceu.

"Nos tempos antigos um brâmane, chamado Ashtavakra[9], estava fazendo suas penitências religiosas, permanecendo na água, e meditando no espírito eterno, por muitos anos. Por causa da derrota dos Asuras, houve um grande festival no topo de Meru; em seu caminho para o qual, Rambha, Tilottama, e centenas e milhares de ninfas belas, viram o asceta Ashtavakra, e elas o elogiaram e lhe cantaram louvores por suas práticas religiosas. Elas se curvaram diante dele, e o louvaram, enquanto ele estava imerso até sua garganta em água, seus cabelos entrelaçados em uma trança. Dessa forma elas cantaram em honra dele tudo o que elas pensaram que seria muito agradável para aquele mais eminente dos brâmanes. Ashtavakra afinal disse a elas,

---

8 Um nome de Vyasa.

9 A história de Ashtavakra é narrada no Mahabharata. Ele era o filho de Kahora, que, negligenciando sua esposa, foi repreendido por isso por seu filho ainda não nascido. O pai o amaldiçoou furiosamente, que ele deveria nascer curvado em todo membro; e consequentemente ele foi gerado torto (vakra) em oito membros (ashta). Ele não obstante tornou-se um sábio célebre. Veja também Teatro Hindu, I. 293, nota.

'Eu estou bem satisfeito com vocês, donzelas ilustres; o que quer que vocês desejem, peçam de mim, e eu o darei a vocês, embora possa ser de obtenção difícil.' Então todas aquelas ninfas, Rambha, Tilottama, e outras, lembradas nos Vedas, responderam, 'É suficiente para nós que tu estejas satisfeito; que necessidade nós temos de outra coisa, brâmane venerável?' Mas algumas entre elas disseram, 'Se, nobre senhor, você realmente está contente conosco, então nos conceda um marido, o melhor dos homens, e soberano dos brâmanes.' 'Assim seja', Ashtavakra respondeu, e logo após saiu das águas. Quando as ninfas o viram saindo da água, e viram que ele era muito feio, e torto em oito lugares, elas não puderam reprimir sua alegria ruidosa, mas deram risada alta. O Muni ficou muito irado, e as amaldiçoou, e disse, 'Já que vocês foram tão impertinentes a ponto de rirem da minha deformidade, eu pronuncio sobre vocês esta maldição: pela graça eu mostrei por vocês, vocês obterão o mais importante dos homens como seu marido; mas por causa da minha maldição, vocês posteriormente cairão nas mãos de ladrões.' Quando as ninfas ouviram isso proferido pelo Muni, elas se esforçaram para apaziguá-lo; e elas tiveram sucesso, até que ele anunciou a elas que elas voltariam finalmente à esfera dos deuses. É por consequência, então, da maldição do Muni Ashtavakra que aquelas mulheres, que foram a princípio as esposas de Kesava, caíram agora nas mãos dos bárbaros; e não há motivo, Arjuna, para você lamentar por isso de modo algum. Toda essa destruição foi efetuada pelo senhor de tudo; e seu fim está, também, próximo, já que ele retirou de você força, esplendor, heroísmo, e preeminência. A morte é o destino de todos os que nascem; queda é o fim da elevação; união termina em separação; e crescimento se dirige apenas à decadência. Sabendo de tudo isso, os homens sábios não estão sujeitos à aflição nem alegria; e aqueles que estudam os caminhos deles são assim como eles (igualmente livres de prazer ou dor). Portanto, ó príncipe mais excelente, compreenda essa verdade, e, junto com seus irmãos, renuncie a tudo, e se dirija para a floresta sagrada. Vá agora, e diga de minha parte para Yudhishthira que ele, com seus irmãos, trilhará o caminho de heróis amanhã."

Assim instruído por Vyasa, Arjuna foi e contou para os outros filhos de Pritha tudo o que ele tinha visto, experimentado, e ouvido. Quando ele tinha comunicado para eles a mensagem de Vyasa, os filhos de Pandu colocaram Parikshit no trono, e foram para a floresta.

Eu narrei assim para você, Maitreya, em detalhes, as ações de Vasudeva, quando ele nasceu na tribo de Yadu. ◄

LIVRO 6

CAPÍTULO 1

Da dissolução do mundo; as quatro eras; o declínio de todas as coisas, e deterioração da humanidade, na era Kali.

Maitreya: ‘Você narrou para mim, sábio ilustre, a criação do mundo, as genealogias dos patriarcas, a duração dos Manwantaras, e as dinastias de príncipes, em detalhes. Eu desejo agora ouvir de você uma descrição da dissolução do mundo, a época de destruição total, e aquilo que acontece no fim de um Kalpa[1].

Parasara: ‘Ouça de mim, Maitreya, exatamente as circunstâncias do fim de todas as coisas, e a dissolução que acontece no fim de um Kalpa, ou aquela que acontece no fim da vida de Brahma. Um mês de mortais é um dia e noite dos progenitores; um ano de mortais é um dia e noite dos deuses. Duas vezes mil agregados das quatro eras é um dia e noite de Brahma[2]. As quatro eras são a Krita, Treta, Dwapara, e Kali; compreendendo juntas doze mil anos dos deuses. Há sucessões infinitas dessas quatro eras, de uma descrição semelhante, a primeira das quais sempre é chamada de Krita, e a última de Kali. Na primeira, a Krita, é aquela era que é criada por Brahma; na última, que é a era Kali, uma dissolução do mundo acontece.

Maitreya: ‘Senhor venerável, você pode me dar uma descrição da natureza da era Kali, na qual a virtude de quatro pés[3] sofre extinção total.

Parasara: ‘Ouça, Maitreya, uma descrição da natureza da era Kali, a respeito da qual você perguntou, e que está agora muito próxima.

A observância de casta, ordem, e institutos não prevalecerá na era Kali, nem aquela do cerimonial ordenado pelo Sama, Rik, e Yajur Vedas. Matrimônios nessa era não serão de acordo com o ritual, nem as regras que ligam o preceptor espiritual e seu discípulo estarão em vigor. As leis que regulam a conduta de marido e esposa serão desconsideradas, e oblações para os deuses com fogo já não serão oferecidas. Em qualquer família que ele possa nascer, um homem poderoso e rico terá direito a se casar com moças de toda tribo. Um homem regenerado será iniciado de toda e qualquer maneira, e atos de penitência que possam ser realizados não serão acompanhados por quaisquer resultados[4]. Será escritura todo texto que as pessoas escolham considerar desse modo[5]; todos os deuses serão deuses para aqueles que os adorarem [deuses não reconhecidos receberão honra]; e todas as ordens de vida serão igualmente comuns para todas as pessoas. Na era Kali, jejum, austeridade,

---

1 Dois tipos de dissolução grande ou universal são indicados aqui; um que acontece ao término de um Kalpa, ou dia de Brahma, ao qual o termo Upasanhriti é aplicado no texto, e Atyantika laya pelo comentador; e o outro ocorrendo no fim da vida de Brahma, que é chamado de dissolução grande ou elementar: Maha-pralaya e Prakrita-pralaya.

2 Essas medidas de tempo são detalhadas mais inteiramente no primeiro livro: veja a página 74 e seguintes.

3 Essa é uma alusão a uma noção popular, originada provavelmente com Manu: "Na era Krita o gênio da verdade e justiça permanece firme sobre seus quatro pés; ... mas, nas eras seguintes, ... ele é privado, sucessivamente, de um pé," etc. I. 81, 82.

4 'Tal ato é exatamente o que ele é;' isto é, ele pode ser acompanhado por inconveniência para o indivíduo, mas é totalmente ineficaz para a expiação de pecado.

5 Ele concorde ou contradiga os Vedas e a lei. A passagem também pode ser traduzida, 'A doutrina ou dogma de qualquer um de qualquer modo será escritura.'

generosidade, praticados de acordo com a vontade daqueles por quem eles são observados, constituirão retidão. Orgulho de riqueza será inspirado por posses muito insignificantes. Orgulho de beleza será incitado por (nenhum outro atrativo pessoal além de belo) cabelo. Ouro, jóias, diamantes, roupas, terão todos acabado, e então cabelos serão o único ornamento com o qual as mulheres poderão se enfeitar. Esposas abandonarão seus maridos, quando eles perderem sua propriedade; e somente aqueles que são ricos serão considerados por mulheres como seus senhores. Aquele que dá muito dinheiro será o mestre de homens; e descendência familiar não será mais um título de supremacia. Tesouros acumulados serão gastos em habitações (ostentosas). As mentes dos homens estarão totalmente ocupadas em adquirir riqueza; e riqueza será gasta somente em satisfações egoístas. Mulheres seguirão suas inclinações, e serão sempre aficionadas por prazer. Homens fixarão seus desejos em riquezas, embora adquiridas desonestamente. Nenhum homem se separará da menor fração da menor moeda[6], embora pedido por um amigo. Homens de todas as classes vão se imaginar como iguais aos brâmanes. Só serão estimadas as vacas que fornecerem leite[7]. As pessoas quase sempre estarão com medo da carência, e receosas da escassez [fome]; e por isso estarão sempre observando o aspecto do céu; elas irão, todas, viver como anacoretas [ascetas], de folhas e raízes e frutas; e colocarão um fim em suas vidas por medo da escassez e penúria. Em verdade nunca haverá abundância na era Kali, e os homens nunca desfrutarão de prazer e felicidade. Eles comerão seu alimento sem ablução prévia, e sem adorar o fogo, deuses, ou convidados, ou [sem] oferecer libações funerais aos seus progenitores. As mulheres serão inconstantes [cobiçosas], de estatura baixa, glutonas. Elas terão muitos filhos, e poucos recursos. Coçando suas cabeças com ambas as mãos, elas não prestarão nenhuma atenção às ordens de seus maridos ou pais. Elas serão egoístas, abjetas, e negligentes; elas serão ralhadoras e mentirosas; elas serão indecentes e imorais em sua conduta, e sempre se apegarão a homens dissolutos. Jovens, embora desconsiderando as regras de estudo, estudarão os Vedas. Chefes de família nem sacrificarão nem praticarão generosidade apropriada. Anacoretas [eremitas] subsistirão de comida recebida de camponeses; e mendicantes serão influenciados por consideração por amigos e companheiros[8]. Príncipes, em vez de proteger, roubarão seus súditos; e, sob o pretexto de arrecadar taxas, pilharão os comerciantes da propriedade deles. Na era Kali cada um que tiver carros e elefantes e corcéis será um Raja[9]; todo o que for fraco será um escravo [ou criado]. Vaisyas abandonarão agricultura e comércio, e ganharão o sustento por servidão ou o exercício de artes mecânicas. Sudras, buscando uma subsistência por mendicância, e assumindo os sinais externos de mendicantes religiosos, se tornarão os seguidores impuros de doutrinas ímpias e heréticas[10].

---

6 Ele não se separará da metade da metade de meio Pana; isto é, de dez Cauris; um Pana sendo igual a oitenta Cauris, ou conchas pequenas. Cinco Panas são iguais a um Ana, ou o décimo sexto de uma Rupia; e, a dois xelins a Rupia, dez Cauris são iguais a cerca de um sétimo de uma moeda inglesa de cobre de um quarto de pêni.

7 Elas serão avaliadas por sua utilidade individual, não por alguma noção de sua santidade geral.

8 O Bhagavata [12; 3, 33] tem, "Estudantes religiosos serão indiferentes a votos e purificação; chefes de família mendigarão, não darão esmolas; anacoretas morarão em aldeias; e os mendicantes serão desejosos de riquezas."

9 Isto é, príncipes e guerreiros não serão mais assim em virtude de seu nascimento e casta.

10 A maioria das ordens mendicantes admitem membros sem distinção de casta; mas provavelmente os budistas são especialmente indicados aqui. O Bhagavata alude repetidamente à difusão de doutrinas e práticas heréticas, a substituição de sinais e marcas externos em lugar de devoção, e o abandono da adoração de Vishnu. Provavelmente as ordens mendicantes Saiva são aquelas em vista especialmente. O mesmo provavelmente é pretendido por nosso texto na alusão subsequente a austeridades não autorizadas, e marcas sectárias.

Oprimidos por escassez e tributação, os homens abandonarão suas terras nativas, e irão para aquelas regiões que são boas para cereais mais grosseiros[11]. O caminho dos Vedas sendo obliterado, e os homens tendo se desviado para a heresia, a iniquidade florescerá, e a duração de vida então diminuirá. Por causa de penitências horríveis não ordenadas pela escritura, e dos vícios dos governantes, crianças morrerão em sua infância. Mulheres terão filhos na idade de cinco, seis, ou sete anos; e homens os gerarão quando eles tiverem oito, nove, ou dez. Um homem estará grisalho quando ele tiver doze anos; e ninguém excederá vinte anos de vida[12]. Os homens possuirão pouca inteligência, energia, ou virtude, e portanto perecerão em um período muito breve. Em proporção conforme a heresia se estende, assim, Maitreya, o progresso da era Kali deve ser calculado pelos sábios. Em proporção como o número dos piedosos, que aderem às lições dos Vedas, diminui - conforme os esforços de indivíduos que cultivam a virtude enlanguescem - conforme o principal dos homens não se torna mais o objeto de sacrifícios - conforme o respeito pelos professores dos Vedas decai - e conforme consideração é aprovada para os disseminadores de heresias - assim os homens sábios podem notar a influência aumentada da era Kali[13].

Na era Kali, Maitreya, os homens, corrompidos por incrédulos, se absterão de adorar Vishnu, o senhor do sacrifício, o criador e senhor de tudo; e dirão, "De que autoridade são os Vedas? O que são deuses ou brâmanes? Que necessidade há de purificação com água?" Então as nuvens produzirão chuva escassa; então os grãos serão leves na espiga, e os cereais serão pobres, e de pouca seiva. As roupas serão feitas principalmente das fibras da San,[14] [Sani, a palavra também significa meros trapos]; a principal das árvores será a Sami;[15] a casta prevalecente será a sudra. Painço [milho miúdo] será o grão mais comum; o leite em uso será principalmente aquele de cabras; unguentos serão feitos de erva Usira [Andropogon muricatum]. A sobra e sogro serão venerados em lugar de pais; e o amigo de um homem será seu cunhado, ou um que tem uma esposa libertina. Homens dirão, "Quem tem um pai? Quem tem uma mãe? Cada um nasce de acordo com suas ações." E, portanto, eles considerarão uma esposa ou marido dos pais como seus próprios. Dotados de pouca compreensão, homens, sujeitos a todas as fraquezas da mente, fala, e corpo, cometerão pecados diariamente; e tudo o que é calculado para afligir os seres, vicioso, impuro, e vil, será gerado na era Kali. Então alguns lugares seguirão um dever separado[16], destituído de estudo sagrado, oblações ao fogo, e invocações dos deuses[17]. Então, na era Kali, um homem adquirirá por um esforço insignificante tanta

[11] 'Gavedhuka (Coix barbata) e outros tipos ruins de grãos.' Outra leitura é, 'Países que cultivam trigo, cevada, e semelhantes.' Mas colocar trigo e cevada entre cereais inferiores, e classificá-los mais baixo que arroz, é uma classificação que poderia ter ocorrido somente a um nativo de Bengala.

[12] O Vayu diz vinte e três; o Bhagavata, de vinte a trinta.

[13] As reclamações da prevalência de doutrinas heterodoxas, e negligência das práticas dos Vedas, que ocorrem periodicamente no Bhagavata e no nosso texto, indicam um período de mudança na condição da religião hindu, que seria importante verificar. Se referência é feita ao budismo, ao qual em alguns aspectos as alusões se aplicam especialmente, isso provavelmente denotaria um período não muito subsequente à era cristã; mas é mais provável ser de uma data posterior, ou no oitavo e nonos séculos, quando é dito que Sankara reformou uma variedade de práticas corruptas, e originou outras. Veja As. Res. vol. XVI. pág. 12.

[14] Crotolaria juncea.

[15] O algodoeiro-de-seda, Bombax heptaphylla.

[16] A expressão Kwachil-loka, 'um certo lugar', é explicada pelo comentador, 'Kikata, etc.'; confirmando a inferência que o budismo é apontado especialmente nas passagens prévias; pois Kikata, ou Behar Sul, é a cena dos trabalhos mais antigos e mais bem sucedidos de Sakya.

[17] Vários dos Puranas contêm alusões à degeneração da era Kali, mas nenhum fornece detalhes mais copiosos. A descrição no Bhagavata é muito mais curta; a do Vayu é praticamente igual, e emprega muitos dos mesmos versos e ilustrações.

eminência em virtude como é o resultado de penitência árdua na era Krita, ou era de pureza[18]. ◄

[18] Pode-se suspeitar que isso foi dito ironicamente, aludindo ao que acabou de ser observado sobre lugares onde uma predominava uma religião que não requeria nem estudo nem sacrifício. Porém, o comentador entende isso literalmente, e afirma que referência é feita aqui à fé Vaishnava, na qual devoção a Vishnu ou Krishna, e a mera repetição do nome dele, são igualmente eficazes na era Kali com as penitências e sacrifícios das eras precedentes. Então, ele conclui, a Kali, por essa única propriedade, é a melhor de todas as eras. Essa interpretação é confirmada pelo capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

Propriedades redentoras da era Kali. Devoção por Vishnu suficiente para a salvação naquela era para todas as castas e pessoas.

Sobre esse assunto, Maitreya, você ouvirá o que o sábio Vyasa contou, já que isso é comunicado verdadeiramente por mim.

Era uma vez uma questão de disputa entre os sábios, em que época o menor mérito moral obtinha a maior recompensa, e por quem ele era mostrado mais facilmente. Para terminar a discussão, eles foram até Veda Vyasa para eliminar suas dúvidas. Eles encontraram o Muni ilustre, meu filho, metade imerso na água do Ganges; e, esperando o fim das abluções dele, os sábios permaneceram nas margens do rio sagrado, sob o abrigo de um bosque de árvores. Quando meu filho mergulhou na água, e novamente ergueu-se dela, os Munis o ouviram exclamar, "Excelente, excelente, é a era Kali!" Novamente ele mergulhou, e subindo de novo, disse na audição deles, "Bravo, bravo, sudra! Tu és feliz!" Novamente ele afundou, e quando ele emergiu mais uma vez eles o ouviram dizer, "Bravo, bravo, mulheres! Elas são felizes! Quem é mais afortunado que elas?" Depois disso, meu filho terminou seu banho, e os sábios o encontraram quando ele se aproximou para recebê-los. Depois que ele tinha lhes dado assentos, e eles tinham oferecido seus respeitos, o filho de Satyavati disse a eles, "Por que razão vocês vieram a mim?" Eles responderam, "Nós viemos a você consultá-lo sobre um assunto sobre o qual nós nutrimos alguma dúvida; mas isso pode ser adiado no momento; explique-nos outra coisa. Nós o ouvimos dizer, 'Excelente é a era Kali! Bravo, sudra! Bravo, mulheres!' Agora nós desejamos saber por que isso foi dito, por que você os chamou de felizes repetidamente. Conte-nos o significado disso, se não for um mistério. Nós então proporemos a você a questão que ocupa nossos pensamentos."

Sendo assim endereçado pelos Munis, Vyasa sorriu, e disse a eles, "Ouçam, sábios excelentes, por que eu proferi as palavras 'Bravo! Bravo!' O resultado de penitência, de continência, de oração silenciosa, e semelhantes, praticadas na era Krita por dez anos, na Treta por um ano, na Dwapara por um mês, é obtido na era Kali em um dia e noite. Portanto eu exclamei: 'Excelente, excelente, é a era Kali!' Aquela recompensa que um homem obtém na Krita por meio de meditação abstrata, na Treta por sacrifício, na Dwapara por adoração, ele recebe na Kali por meramente recitar o nome de Kesava. Na era Kali um homem exibe a virtude mais exaltada por muito pouco esforço; então, sábios piedosos, que sabem o que é virtude, eu estava satisfeito com a era Kali. Antigamente os Vedas deviam ser adquiridos pelos duas vezes nascidos pela observância diligente de abnegação; e era o dever deles celebrar sacrifícios de acordo com o ritual. Então preces ineficientes, banquetes ineficientes, e cerimônias inúteis, eram praticados apenas para iludir os duas vezes nascidos; pois embora celebrados por eles devotamente, contudo, por causa de alguma irregularidade em sua celebração, incorria-se em pecado em todos seus trabalhos, e o que eles comiam, ou o que eles bebiam, não efetuava a realização dos desejos deles. Em todos os seus objetivos os duas vezes nascidos não desfrutavam de independência, e eles só atingiram suas respectivas esferas com muito sofrimento. O sudra, pelo contrário, mais afortunado que eles, alcança seu lugar designado prestando serviço para eles, e executando somente o sacrifício de preparar alimento, no qual nenhuma regra determina o que pode ou não pode ser comido, o que pode ou não pode ser bebido. Portanto, sábios mais excelentes, o sudra é afortunado.

"Riquezas são acumuladas, por homens, de modos não incompatíveis com seus deveres específicos, e elas então devem ser dadas aos merecedores, e gastas em sacrifício constante. Há grande dificuldade na aquisição delas; grande cuidado em sua preservação; grande angústia por causa da falta delas; e grande aflição por sua

perda. Assim, brâmanes eminentes, por essas e outras fontes de ansiedade, os homens atingem suas esferas designadas de Prajapati e o resto somente por meio de muito trabalho e sofrimento. Esse não é o caso com mulheres. Uma mulher só tem que honrar seu marido, em ato, pensamento, e palavra, para alcançar a mesma região à qual ele é elevado; e ela assim realiza seu objetivo sem qualquer grande esforço. Esse era o significado da minha exclamação, 'Bravo!' a terceira vez. Eu, desse modo, contei para vocês o que vocês perguntaram. Agora façam a pergunta que vocês vieram me fazer, de qualquer maneira que vocês quiserem, e eu lhes darei uma resposta precisa."

Os Munis disseram então a Vyasa, "A pergunta que nós pretendíamos lhe fazer já foi respondida por você, em sua resposta à nossa indagação subsequente." Ao ouvir isso, Krishna Dwaipayana gargalhou, e disse às pessoas santas que tinham ido vê-lo, cujos olhos estavam arregalados com surpresa, "Eu percebi, com a visão do conhecimento divino, a pergunta que vocês pretendiam fazer, e em alusão a isso eu proferi as expressões, 'Bravo! Bravo!' Em verdade, na era Kali o dever é cumprido com muito pouco transtorno por mortais, cujos erros são todos lavados pela água dos méritos individuais deles; por sudras, por serviço diligente aos duas vezes nascidos; e por mulheres, pelo esforço leve de obediência aos seus maridos. Então, brâmanes, eu expressei três vezes minha admiração da felicidade deles; pois, na Krita e outras eras, grandes eram as labutas dos regenerados para cumprirem seu dever. Eu não esperei pela sua indagação, mas respondi imediatamente à pergunta que vocês pretendiam fazer. Agora, vocês que sabem o que é virtude, o que mais vocês desejam que eu lhes fale?"

Os Munis então saudaram e glorificaram Vyasa, e, sendo livrados por ele da incerteza, partiram assim como eles chegaram. Para você também, Maitreya excelente, eu comuniquei esse segredo, essa única grande virtude da, de outra maneira, viciosa era Kali. A dissolução do mundo, e a agregação dos elementos, eu descreverei agora a você[1]. ◄

[1] A ilustração da eficácia da devoção a Vishnu dada nesse capítulo é peculiar a este Purana, mas a doutrina é comum a ele e o Bhagavata. Isso é inculcado repetidamente naquela obra. A passagem paralela no décimo segundo livro [cap. 3, 45-52] é a seguinte: "Purushottama, residindo nos corações dos homens, tira todos os pecados da era Kali, produzidos por lugar ou propriedade. Bhagavan, permanecendo no coração, e ouvido, repetido, lido, adorado, ou honrado, dissipa os males de homens por dez mil nascimentos. Como fogo, entrando na substância do ouro, o purifica da liga com a qual ele é corrompido na mina, assim Vishnu, unido com o devoto, é o refinador de tudo o que é mau. Por aprendizagem, penitência, supressão da respiração, amizade, peregrinação, ablução, mortificação, doações, oração, a alma não atinge aquela pureza excelente que ela deriva da presença de Vishnu. Portanto, com toda sua alma, ó rei, mantenha Kesava sempre presente em seu coração. Que a pessoa perto de morrer seja muitíssimo cuidadosa nisso; pois assim ela vai para a felicidade suprema. Que o nome do deus supremo, Vishnu, seja repetido diligentemente por todos em seus últimos momentos; pois aquele que deseja libertação a obterá pela repetição frequente do nome de Krishna. Felicidade final é derivada na era Krita de estudo sagrado; na Treta, de ritos religiosos. Na Dwapara ela é atingida através de serviços piedosos; mas na era Kali ela é assegurada por repetir o nome de Hari." Doutrinas semelhantes são ensinadas no Gita, e outros trabalhos Vaishnava. Veja As. Res. vol. XVI. pág. 116.

CAPÍTULO 3

Três tipos diferentes de dissolução. Duração de um Pararddha. A clepsidra, ou recipiente para medir tempo. A dissolução que ocorre ao término de um dia de Brahma.

A dissolução dos seres existentes é de três tipos, incidental, elementar, e absoluta[1]. A incidental é aquela que se relaciona com Brahma, e acontece ao término de um Kalpa; a elementar é aquela que ocorre depois de dois Pararddhas; a absoluta é libertação final [Moksha] de existência.

Maitreya: 'Diga-me, mestre excelente, qual é a enumeração de um Pararddha, o término de dois dos quais é o período de dissolução elementar[2].

Parasara: 'Um Pararddha, Maitreya, é aquele número que ocorre no décimo oitavo lugar de algarismos, enumerados de acordo com a regra de notação decimal[3]. No fim de duas vezes aquele período acontece a dissolução elementar, quando todos os produtos separados da natureza são recolhidos em sua fonte não separada. O período mais curto de tempo é um Matra, que é igual ao piscar do olho humano. Quinze Matras fazem um Kashtha; trinta Kashthas, um Kala; quinze Kalas, um Nadika. Um Nadika é averiguado por uma medida de água, com um recipiente feito de doze Palas e um meio de cobre, no fundo do qual deve haver um buraco feito com um tubo de ouro, do peso de quatro Mashas, e de quatro polegadas de comprimento[4]. De acordo com a medida Magadha, o recipiente deve conter um Prastha (ou dezesseis Palas) de água. Dois desses Nadis fazem um Muhurtta; trinta dos quais são um dia e noite. Trinta desses períodos formam um mês; doze meses fazem um ano, ou um dia e noite dos deuses; e trezentos e sessenta de tais dias constituem um ano dos celestiais. Um agregado de quatro eras contém doze mil anos divinos; e mil períodos de quatro eras completam um dia de Brahma. Esse período também é chamado de um Kalpa, durante o qual quatorze Manus presidem; e no fim dele acontece a

---

1 O primeiro é chamado de Naimittika, 'ocasional' ou 'incidental', ou Brahmya, como ocasionado pelos intervalos dos dias de Brahma; a destruição de criaturas, embora não da substância do mundo, ocorrendo durante a noite dele. A dissolução geral dos elementos em sua fonte primitiva, ou Prakriti, é a destruição Prakritika, e acontece no fim da vida de Brahma. A terceira, a absoluta ou final, Atyantika, é aniquilação individual; Moksha, isenção eterna de existência futura. O Bhagavata [12; 4, 36] cita aqui o quarto tipo, do qual ocorreu menção em uma passagem precedente (página 95), Nitya ou dissolução constante; explicando que essa é a mudança imperceptível que todas as coisas sofrem nas várias fases de crescimento e decadência, vida e morte. 'As várias condições dos seres sujeitos à mudança são ocasionadas por aquela dissolução constante da vida que é produzida rapidamente pelo fluxo irresistível do tempo, levando tudo embora perpetuamente.' O Vayu descreve apenas três tipos de Pralaya, omitindo o Nitya.

2 Maitreya tem uma memória bastante mediana (veja a página 74 e seguintes); mas os períodos especificados nos dois lugares não concordam. No primeiro livro dois Pararddhas, como iguais a cem anos de Brahma, são 311.040.000.000.000 anos de mortais.

3 Contando de acordo com esse modo de enumeração, um Pararddha é representado por 100.000.000.000.000.000. O Vayu Purana tem um termo para cada um destes valores decimais. Dasa, 10; Satam, 100; Sahasram, 1000; Ayutam, 10.000; Niyutam, 100.000; Prayutam, 1.000.000; Arvudam, 10.000.000; Nyurvudam, 100.000.000; Vrindam, 1.000.000.000; Param, 10.000.000.000; Kharvam, 100.000.000.000; Nikharvam, 1000.000.000.000; Sankham, 10.000.000.000.000; Padmam, 100.000.000.000.000; Samudram, 1.000.000.000.000; Madhyamam, 10.000.000.000.000.000; Pararddham, 100.000.000.000.000.000. No primeiro livro, o Pararddham, como a metade da vida de Brahma, é apenas 155.520.000.000.000, quinze, em vez de dezoito, lugares de algarismos.

4 A descrição da clepsidra é muito breve, e desprovida de precisão. Um dos comentários é mais explícito: 'Um recipiente feito de doze Palas e meio de cobre, e contendo um Prastha, medida Magadha, de água, largo no topo, e tendo no fundo um tubo de ouro pesando quatro Mashas, de quatro dedos de comprimento, é colocado em água, e o tempo no qual o recipiente é enchido pelo buraco no fundo é chamado de um Nadika.' O termo Salaka geralmente quer dizer uma agulha ou estaca, mas ele deve aqui denotar um tubo. A medida comum do Nadi é uma xícara estreita rasa de metal, com um buraco pequeno no fundo. Ele é colocado na superfície de água, em um recipiente grande, onde nada possa perturbá-lo, e onde a água enche a xícara gradualmente, e a afunda. As. Res, vol. V. pág. 87.

dissolução incidental ou Brahma. A natureza dessa dissolução é muito terrível. Ouça-me descrevê-la, como também aquilo que ocorre na dissolução elementar, que eu também contarei a você.

No fim de mil períodos de quatro eras a terra está em grande parte esvaziada. Uma escassez total se segue, a qual dura cem anos; e, por causa da falta de comida, todos os seres se tornam fracos e abatidos, e afinal perecem totalmente. O eterno Vishnu então assume o caráter de Rudra, o destruidor, e desce para reunir todas as suas criaturas com ele mesmo. Ele entra nos sete raios do sol[5], absorve todas as águas do globo, e faz toda a umidade, qualquer que seja, em corpos vivos ou no solo, evaporar; desse modo secando a terra inteira. Os mares, os rios, as torrentes de montanha, e fontes, são todas evaporadas; e assim são todas as águas de Patala, as regiões abaixo da terra. Alimentados dessa maneira, pela intervenção dele, com umidade abundante, os sete raios solares se expandem para sete sóis[6], cujo brilho arde acima, abaixo, e em todos os lados, e incendeia os três mundos e Patala. Os três mundos, consumidos por esses sóis, tornam-se acidentados e deformados por toda a extensão de suas montanhas, rios, e mares; e a terra, sem verdor, e desprovida de umidade, permanece sozinha, parecendo em aspecto o dorso de uma tartaruga. O destruidor de todas as coisas, Hari, na forma de Rudra, que é a chama do tempo, se torna o hálito ardente da serpente Sesha, e assim reduz Patala a cinzas. O grande fogo, quando ele queima todas as divisões de Patala, procede para a terra, e a consome também. Um redemoinho vasto de chama movendo-se em círculos então se propaga para a região da atmosfera, e a esfera dos deuses, e as envolve em ruína. As três esferas parecem com uma frigideira entre as chamas circundantes, que consomem todas as coisas móveis ou estacionárias. Os habitantes das duas esferas superiores, tendo cumprido suas funções, e estando incomodados pelo calor, se transferem para a esfera acima, ou Maharloka. Quando essa é aquecida, seus ocupantes, que depois do período total de sua permanência estão desejosos de ascender para regiões mais elevadas, partem para o Janaloka[7].

Janarddana, na pessoa de Rudra, tendo consumido o mundo inteiro, exala nuvens pesadas; e aquelas chamadas Samvartta, assemelhando-se a elefantes vastos em tamanho, cobrem o céu, ribombando, e dardejando raios. Algumas são tão pretas quanto o loto azul; algumas são brancas como o nenúfar; algumas são sombrias, como fumaça; e algumas são amarelas; algumas são de uma cor parda, como aquela de um asno; algumas como cinzas polvilhadas na testa; algumas são profundamente azuis, como o lápis lazuli; algumas cerúleas, como a safira; alguns são brancas, como a concha ou o jasmim; e algumas são pretas, como colírio; algumas são de vermelho vivo, como a joaninha [Indragopa]; algumas são da ferocidade do arsênico vermelho; e algumas são como a asa do gaio pintado. Assim são aquelas nuvens volumosas, em cor. Em forma algumas parecem cidades; algumas, montanhas; algumas são como casas e choupanas, e algumas são como colunas. Imensas em tamanho, e sonoras em trovão, elas enchem todo o espaço. Despejando

5 Veja a página 219, n. 3.

6 Esses também têm seus vários nomes. O comentador cita os Vedas como a autoridade: Araga, Bhraja, Patala, Patanga, Swamabhak, Jyotishmat, e Savibhasa.

7 A passagem também pode ser entendida: 'Vão para Janaloka aqueles que desejam obter Brahma, ou libertação final, através dos dez estágios de perfeição - devoção, penitência, veracidade, etc.' No Vayu Purana mais detalhes são especificados. Aqueles mortais puros que adoraram Vishnu diligentemente, e são eminentes por devoção, permanecem, na época da dissolução, em Maharloka, com os Pitris, os Manus, os sete Rishis, as várias ordens de espíritos celestiais, e os deuses. Esses, quando o calor das chamas que destroem o mundo alcança Maharloka, se dirigem para Janaloka em suas formas sutis, destinados a se reencarnarem, em capacidades similares como seus precedentes, quando o mundo é renovado, no começo do Kalpa seguinte. Isso continua ao longo da vida de Brahma; no fim da vida dele, todos são destruídos; mas aqueles que obtiveram uma residência no Brahmaloka, por terem se identificado em espírito com o supremo, são finalmente dissolvidos no unicamente-existente Brahma.

torrentes de água, essas nuvens extinguem os fogos terríveis que envolvem os três mundos, e então elas derramam chuva uninterruptamente por cem anos, e inundam o mundo inteiro. Caindo em gotas tão grandes quanto dados, essas chuvas cobrem a terra, e enchem a região intermediária, e alagam o céu. O mundo nessas circunstâncias é envolvido em escuridão, e todas as coisas, animadas ou inanimadas, tendo perecido, as nuvens continuam derramando suas águas por mais de cem anos. ◄

CAPÍTULO 4

Continuação da descrição do primeiro tipo de dissolução. Do segundo tipo, ou dissolução elementar; de todo ser dissolvido em espírito primordial.

Quando as águas alcançaram a região dos sete Rishis, e o todo dos três mundos é um oceano, elas param. O hálito de Vishnu se torna um vento forte, que sopra por mais de cem anos, até que todas as nuvens são dispersadas. O vento é então reabsorvido, e ele de quem todas as coisas são feitas, o senhor por quem todas as coisas existem, ele que é inconcebível, sem início, origem do universo, repousa, dormindo sobre Sesha, no meio do mar. O criador, Hari, dorme no oceano, na forma de Brahma - glorificado por Sanaka e os santos [Siddha] que tinham ido para o Janaloka, e contemplado pelos habitantes santos de Brahmaloka, ansiosos por libertação final - envolvido em sono místico [Yoganidra], a personificação celestial das próprias ilusões dele, e meditando em seu próprio espírito inefável, que é chamado Vasudeva. Essa, Maitreya, é a dissolução chamada de incidental, porque Hari, na forma de Brahma, dorme lá, como sua causa incidental.

Quando o espírito universal desperta, o mundo revive; quando ele fecha seus os olhos, todas as coisas caem no leito de sono místico. Do mesmo modo como mil grandes eras constituem um dia de Brahma, assim a noite dele consiste no mesmo período; durante o qual o mundo é submerso por um oceano vasto. Despertando ao fim de sua noite, o não nascido, Vishnu, no caráter de Brahma, cria o universo novamente, da maneira narrada antigamente para você[1].

Eu descrevi assim a você a dissolução [Pralaya] intermediária do mundo, ocorrendo no fim de todo Kalpa. Eu vou agora, Maitreya, descrever a você a dissolução elementar. Quando por escassez e fogo todos os mundos e Patalas são secados, e as modificações de Mahat e outros produtos da natureza são destruídos pela vontade de Krishna, o progresso de dissolução elementar é iniciado. Então, primeiro, as águas engolem a propriedade da terra, que é o rudimento de aroma; e a terra, privada de sua propriedade, procede para a destruição. Destituída do rudimento de odor, a terra se torna una com a água. As águas então sendo muito aumentadas, troando, e se precipitando adiante, enchem todo o espaço, agitadas ou serenas. Quando o universo é permeado assim pelas ondas do elemento aquoso, seu sabor rudimental é devorado pelo elemento de fogo, e, por causa da destruição de seus rudimentos, as próprias águas são destruídas. Privadas do rudimento essencial de sabor, elas se tornam unas com o fogo, e o universo é portanto enchido completamente com chama, que bebe a água de toda parte, e cobre gradualmente o mundo todo. Enquanto o espaço é envolvido em chama, acima, abaixo, e em todas as direções, o elemento de vento se apodera da propriedade rudimental, ou forma, que é a causa da luz; e essa sendo retirada, tudo se torna da natureza do ar. O rudimento de forma sendo destruído, e o fogo privado de seu rudimento, o ar extingue o fogo, e se espalha irresistivelmente sobre o espaço, o qual é privado de luz quando o fogo imerge no ar. O ar então, acompanhado pelo som, que é a fonte do éter, se estende por todos os lugares pelas dez regiões do espaço, até que o éter se apodera do toque, sua propriedade rudimental; pela perda do qual o ar é destruído, e o éter permanece inalterado: desprovido de forma, sabor, toque, e cheiro. Ele existe desincorporado e vasto, e permeia todo o espaço. O éter, cuja propriedade e rudimento característico é o som, existe sozinho, ocupando toda a vacuidade do espaço. Entretanto o elemento radical egotismo devora o som, e todos os elementos e faculdades imergem imediatamente em sua origem. Este elemento primário é consciência, combinada com a propriedade de escuridão, e é ela mesma consumida por Mahat, cuja propriedade

[1] O Naimittika Pralaya é descrito no Vayu, Bhagavata, Kurma, e outros Puranas, no mesmo sentido, e muito frequentemente precisamente nas mesmas palavras.

característica é inteligência [Buddhi]; e terra e Mahat são os limites internos e externos do universo. Dessa maneira, como na criação haviam as sete formas da natureza (Prakriti), contadas de Mahat até a terra[2], assim, na hora da dissolução elementar, essas sete reentram sucessivamente umas nas outras. O ovo de Brahma [Sarva-mandala] é dissolvido nas águas que o cercam, com suas sete zonas [Dwipas], sete oceanos, sete regiões, e suas montanhas. O envoltório de água é consumido pelo fogo; o estrato de fogo é absorvido por aquele de ar; o ar se mistura com éter; o elemento primário de egotismo devora o éter, e é ele mesmo absorvido por intelecto [Mahat], o qual, junto com todos esses, é capturado pela natureza (Prakriti). Equilíbrio das três propriedades, sem excesso ou deficiência, é chamado de natureza (Prakriti), origem (Hetu), o princípio essencial (Pradhana), causa (Karana), supremo (Param). Essa Prakriti é essencialmente a mesma, seja separada ou não separada; somente aquela que é separada é finalmente perdida ou absorvida na não separada. Espírito também, que é uno, puro, imperecível, eterno, que permeia tudo, é uma porção daquele espírito supremo que é todas as coisas. Aquele espírito que é diferente de espírito (encarnado), no qual não há atributos de nome, espécie, ou semelhantes - que é uno com toda a sabedoria, e deve ser compreendido como única existência - isso é Brahma, glória infinita, espírito supremo, poder supremo, Vishnu, tudo o que há; de onde o sábio perfeito não retorna mais. Natureza (Prakriti), a qual eu descrevi a você como sendo essencialmente separada e não separada, e espírito (que é unido com corpo), ambos se dissolvem em espírito supremo. Espírito supremo é o sustentador de todas as coisas, e o soberano de todas as coisas, e é glorificado nos Vedas e no Vedanta pelo nome de Vishnu.

Trabalhos, como ordenados pelos Vedas, são de dois tipos, ativos (Pravritta) e inativos (Nivritta); por ambos os quais a pessoa universal é adorada pela humanidade. Ele, o senhor do sacrifício, o macho do sacrifício, o ser masculino mais excelente, é adorado por homens no modo ativo por ritos ordenados no Rik, Yajur, e Sama Vedas. A alma da sabedoria, a personalidade da sabedoria, Vishnu, o concessor de emancipação, é adorado por sábios na forma inativa, por meio de devoção meditativa. O inesgotável Vishnu é qualquer coisa que é designada por sílabas longas, curtas, ou estendidas, ou aquilo que não tem um nome. Ele é aquilo que é separado, e aquilo que é não separado; ele é espírito inesgotável, espírito supremo, espírito universal, Hari, aquele que usa formas universais. Natureza, separada ou não separada, é absorvida nele, e espírito (separado) também se funde no espírito todo-difusível e livre. O período de dois Pararddhas, como eu o descrevi para você, Maitreya, é chamado de um dia daquele poderoso Vishnu; e, enquanto os produtos da natureza são fundidos em sua fonte, natureza em espírito, e esse no supremo, aquele período é chamado de a noite dele, e é de duração igual ao dia dele. Mas, na verdade, para aquele espírito supremo eterno não há dia nem noite, e essas distinções são só aplicadas figurativamente ao todo-poderoso. Eu expliquei assim a você a natureza da dissolução elementar, e agora explicarei a você qual é final[3]. ◄

[2] Veja as páginas 70 e 71.

[3] O Bhagavata cita o Prakrita pralaya muito mais brevemente, e ele é omitido no Vayu.

CAPÍTULO 5

O terceiro tipo de dissolução, ou libertação final de existência. Males da vida mundana. Sofrimentos na infância, idade adulta, velhice. tormentos do inferno. Felicidade imperfeita do céu. Dispensa de nascimento desejável pelos sábios. A natureza de espírito ou deus. Significado dos termos Bhagavat e Vasudeva.

O homem sábio, tendo investigado os três tipos de dor mundana, ou aflição mental e corporal e semelhantes[1], e tendo adquirido sabedoria verdadeira, e afastamento de objetos humanos, obtém dissolução final. A primeira das três dores, ou Adhyatmika, é de dois tipos, física e mental. Dor corporal é de muitos tipos, como você ouvirá. Doenças da cabeça, catarro, febre, colemia, fístula, hipocondria, hemorróidas, intumescência, náusea, oftalmia, disenteria, lepra, e muitas outras doenças, constituem aflição física. Sofrimentos mentais são amor, raiva, medo, ódio, cobiça, estupor, desespero, tristeza, malícia, desdém, ciúme, inveja, e muitas outras emoções que são geradas na mente. Essas e várias outras aflições, mentais ou corpóreas, estão incluídas sob a classe de sofrimentos mundanos, a qual é chamada de Adhyatmika (natural e inseparável). Aquela dor à qual, brâmane excelente, o termo Adhibhautika (natural, mas incidental) é aplicado, é todo tipo de mal que é infligido (de fora) em homens por animais, pássaros, homens, duendes, cobras, demônios, ou répteis; e a dor que é chamada de Adhidaivika (ou sobre-humana) é o trabalho do frio, calor, vento, chuva, raio, e outros (fenômenos atmosféricos). Aflição, Maitreya, é multiplicada em milhares de formas no progresso de concepção, nascimento, decadência, doença, morte, e inferno. O animal delicado (e sutil) existe no embrião, cercado por sujeira abundante, flutuando em água, e torcido em suas costas, pescoço, e ossos; suportando dor severa mesmo no decorrer de seu desenvolvimento, como desordenado pelos artigos ácidos, acres, amargos, pungentes, e salinos do alimento de sua mãe; incapaz de estender ou contrair seus membros; repousando entre a lama de fezes e urina; incomodado de todas as maneiras; incapaz de respirar; dotado de consciência, e chamando à memória muitas centenas de nascimentos anteriores. Assim existe o embrião em aflição profunda, vinculado ao mundo por seus trabalhos anteriores.

Quando a criança está prestes a nascer, sua face é lambuzada por excremento, urina, sangue, muco, e sêmen; sua ligação com o útero é rompida pelo vento Prajapatya; ela é virada de cabeça para baixo, e expelida violentamente do útero pelos ventos poderosos e dolorosos do parto; e a criança, perdendo por um tempo toda a sensação, quando trazida em contato com o ar externo, é imediatamente privada de seu conhecimento intelectual. Assim nascida, a criança é torturada em todo membro, como se perfurada com espinhos, ou cortada em pedaços com uma serra, e cai de seu alojamento fétido, como de uma ferida, como uma coisa rastejante, na terra. Incapaz se sentir [ou coçar] a si mesma, incapaz se virar, ela é dependente da vontade de outros para ser banhada e nutrida. Deitada em uma cama suja, ela é mordida por insetos e mosquitos, e não tem poder para afugentá-los. Muitas são as angústias que acompanham o nascimento, e muitas são aquelas que vêm depois do nascimento; e muitos são os sofrimentos que são infligidos através de agência elementar e sobre-humana no estado de infância. Envolvido pela escuridão da ignorância, e confuso interiormente, o homem não sabe de onde ele é, quem ele é, para onde ele vai, nem qual é sua natureza; por quais vínculos ele é amarrado; o que é causa, e o que não é causa; o que é para ser feito, e o que é para ser deixado por fazer, [ou: 'o que é efeito, e o que não é efeito']; o que deve ser dito, e o que deve ser mantido quieto; o que é retidão, o que é iniquidade; em que ela consiste, ou como; o

[1] Os três tipos de aflição, inseparável, incidental, e sobre-humana, são descritos integralmente no comentário no primeiro verso do Sankhya Karika, pág. 8, de uma maneira semelhante como a que é adotada no texto.

que é certo, o que é errado; o que é virtude, o que é vício. Assim o homem, como um animal irracional, viciado somente em satisfações animais, sofre a dor que a ignorância causa. Ignorância, escuridão, inatividade, influenciam aqueles desprovidos de conhecimento, de forma que trabalhos piedosos são negligenciados; mas inferno é a consequência de negligência de atos religiosos, de acordo com os grandes sábios, e o ignorante portanto sofre aflição nesse mundo e no próximo.

Quando a velhice chega, o corpo fica fraco; os membros são relaxados; a face é emaciada e seca, [ou: 'os dentes se deterioram e caem']; a pele é enrugada, e mal cobre as veias e tendões; o olho não discerne à distância, e a pupila fita o vácuo; as narinas são obstruídas com cabelo; o tronco treme quando se move; os ossos aparecem abaixo da superfície; as costas são curvadas, e as juntas são torcidas; o fogo digestivo está extinto, e há pouco apetite e pouco vigor; caminhar, se levantar, dormir, sentar, são todos esforços dolorosos; o ouvido é mouco; a visão é embaçada; a boca é repulsiva com saliva pingando; os sentidos não são mais obedientes à vontade; e quando a morte se aproxima, até as coisas que são percebidas são esquecidas imediatamente. A expressão vocal de uma única oração é fatigante, e insônia é perpetuada por respiração difícil, tosse, e esgotamento doloroso. O homem velho é erguido por outro alguém; ele é vestido por outro alguém; ele é um objeto de desprezo para seus criados, seus filhos, e sua esposa. Incapaz de se limpar, de se divertir, ou de comer, ou de desejar, seus dependentes riem dele, e ele é desconsiderado por seus parentes; e vivendo nas façanhas de sua juventude, como nas ações de uma vida passada, ele suspira profundamente, e fica extremamente aflito. Tais são algumas das dores que a velhice é condenada a sofrer. Eu descreverei agora para você as agonias da morte.

O pescoço pende; os pés e mãos são relaxados; o corpo treme; o homem é repetidamente esgotado, subjugado, e visitado por conhecimento interrompido. O princípio de egoísmo o aflige, e ele pensa: "O que será da minha riqueza, minhas terras, meus filhos, minha esposa, meus criados, minha casa?" As juntas de seus membros são torturadas por dores severas, como se cortadas por uma serra, ou como se elas fossem perfuradas pelas setas afiadas do destruidor; ele rola seus olhos, e agita suas mãos e pés; seus lábios e palato são ressecados e secos, e sua garganta, obstruída por líquidos orgânicos sujos e ares vitais desarranjados, emite um som semelhante ao do guizo ou do chocalho; ele é afligido com calor ardente, e com sede, e com fome; e ele finalmente falece, torturado pelos criados do juiz dos mortos, para passar por uma renovação de seus sofrimentos em outro corpo. Essas são as agonias que os homens têm que suportar quando eles morrem. Eu descreverei agora para você as torturas que eles sofrem no inferno.

Os homens são amarrados, quando eles morrem, pelos servos do rei de Tartarus com cordas, e açoitados com varas, e então têm que enfrentar o aspecto feroz de Yama, e os horrores da rota terrível deles. Nos diferentes infernos há várias torturas intoleráveis com areia ardente, fogo, máquinas, e armas; alguns são cortados com serras, alguns assados em forjas, alguns são cortados com machados, alguns enterrados no solo, alguns são levantados em estacas, alguns jogados para animais selvagens para serem devorados, alguns são bicados por urubus, alguns dilacerados por tigres, alguns são fervidos em óleo, alguns rolados em lodo cáustico, alguns são precipitados de grandes alturas, alguns lançados para cima por máquinas. O número de castigos infligidos no inferno, os quais são as consequências do pecado, é infinito[2].

Mas não só no inferno as almas dos falecidos sofrem dor: não há cessação, mesmo no céu; pois seu habitante temporário é sempre atormentado com a

[2] Alguns detalhes adicionais dos diferentes infernos, e os castigos infligidos neles, foram dados antes. Veja a página 189.

perspectiva de descer novamente para a terra. Novamente é ele sujeito à concepção e ao nascimento; ele é fundido novamente no embrião, e se dirige para ele quando prestes a nascer; então ele morre, logo que nasce, ou na infância, ou na juventude, ou na idade adulta, ou na velhice. A morte, cedo ou tarde, é inevitável. Por tanto tempo quanto ele vive ele está imerso em aflições múltiplas, como a semente do algodão em meio à lanugem [fibras] que é para ser girada em linha. Em adquirir, perder, e preservar riqueza há muitas aflições; e igualmente há nos infortúnios de nossos amigos. Tudo o que é produzido que é muito aceitável para o homem, aquilo, Maitreya, torna-se uma semente de onde cresce a árvore de tristeza. Esposa, filhos, criados, casa, terras, riquezas, contribuem muito mais para a miséria do que para a felicidade da humanidade. Onde poderia o homem, chamuscado pelos fogos do sol deste mundo [Samsara], procurar por felicidade, se não na sombra fornecida pela árvore de emancipação? Obtenção do ser divino é considerada pelos sábios como o remédio da classe tripla de males que atacam as diferentes fases da vida, concepção, nascimento, e decadência, como caracterizada por aquela única felicidade que ofusca todos os outros tipos de felicidade, embora abundantes, e como sendo absoluta e final[3].

Chegar a deus deveria então ser o esforço assíduo de homens sábios[4]. É dito que os meios de tal realização, grande Muni, são conhecimento e trabalhos. Conhecimento é de dois tipos, aquele que é derivado de escritura, e aquele que é derivado de reflexão [Viveka]. Brahma que é a palavra é composto de escritura; Brahma que é supremo é produzido de reflexão[5]. Ignorância é escuridão absoluta, na qual o conhecimento, obtido por qualquer sentido (como o de audição), brilha como uma lâmpada; mas o conhecimento que é derivado de reflexão rompe a obscuridade como o sol. O que foi dito por Manu, quando recorrendo ao significado dos Vedas com respeito a esse assunto, eu repetirei para você. Há duas (formas de) espírito (ou deus), o espírito que é a palavra, e o espírito que é supremo. Aquele que está saturado completamente com a palavra de deus obtém espírito supremo[6]. O Atharva Veda também afirma que há dois tipos de conhecimento; por um, que é o supremo, deus é alcançado; o outro é aquele que consiste no Rich e outros Vedas[7]. Aquilo que é imperceptível, imperecível, inconcebível, não nascido, inesgotável, indescritível; que não tem forma, nem mãos, nem pés; que é todo-poderoso, onipresente, eterno; a causa de todas as coisas, e sem causa; permeando tudo, ele mesmo não permeado, e do qual todas as coisas procedem; aquele é o objeto que os sábios vêem, que é Brahma, que é o estado supremo, que é o assunto de contemplação para aqueles que desejam libertação, que é a idéia comunicada pelos Vedas, a condição suprema, infinitamente sutil, de Vishnu. Aquela essência do supremo é definida pelo termo

---

3 Tudo isso é particularmente concordante com as doutrinas Sankhya, embora o mesmo espírito permeie todas as metafísicas hindus.

4 Tasmat Tat praptaye yatna kartavya panditairnaraih. A expressão Tat praptaye, 'para a obtenção daquele', se refere à frase imediatamente precedente, Bhagavatprapti, 'obtendo', ou 'atingindo a, Bhagavat', o senhor.

5 Brahma é de dois tipos; Sabda-Brahma, espírito ou deus a ser atingido pela palavra, isto é, os Vedas e os deveres que eles prescrevem; e Para-Brahma, espírito ou deus a ser atingido por reflexão, pela qual a diferença entre alma e matéria é averiguada.

6 Isso parece indicado como uma citação de Manu, mas não foi achado no código; isto é: द्वे ब्रह्मणी वेदितव्ये शब्दब्रह्म परं च यत्।
शब्दब्रह्मणि निष्णातः परं ब्रह्माधिगच्छति॥. [Essa estrofe aparece no Maitri Upanishad; e também no Santi Parva do Mahabharata.]

7 O comentador cita outras passagens dos Vedas de uma tendência semelhante, sugerindo, porém, a necessidade de executar atos antes de obter conhecimento; como: 'A decocção (processo preparatório) sendo digerida por ritos, consequentemente conhecimento é o recurso supremo.' 'Tendo cruzado o golfo da morte por meio de ignorância (atos cerimoniais), o homem obtém imortalidade por meio de conhecimento (sagrado).'

Bhagavat[8]. A palavra Bhagavat é a denominação daquele deus primevo e eterno; e aquele que entende totalmente o significado daquela expressão, é possuidor de sabedoria divina, a soma e substância dos três Vedas. A palavra Bhagavat é uma forma conveniente para ser usada na adoração daquele ser supremo, a quem nenhum termo é aplicável; e então Bhagavat expressa aquele espírito supremo, que é individual, todo-poderoso, e a causa de causas de todas as coisas. A letra *Bha* significa aquele que nutre e sustenta o universo. Por *ga* é compreendido o líder, impulsor, ou criador. O dissílabo *Bhaga* indica as seis propriedades, domínio, poder, glória, esplendor, sabedoria, e imparcialidade. O sentido da letra *va* é aquele espírito elementar no qual todos os seres existem, e que existe em todos os seres[9]. E assim essa grande palavra Bhagavan é o nome de Vasudeva, que é uno com o Brahma supremo, e de ninguém mais. Essa palavra, portanto, que é a denominação geral de um objeto adorável, não é usada com referência ao supremo em um significado geral, mas em um especial. Quando aplicada a qualquer outra (coisa ou pessoa) ela é usada em sua significação habitual ou geral. No último caso ela pode significar alguém que conhece a origem e fim e revoluções de seres, e o que é sabedoria [Vidya], o que é ignorância. No primeiro ela denota sabedoria [Jnana], energia, autoridade, domínio, poder, glória, sem fim, e sem defeito.

O termo Vasudeva significa que todos os seres residem naquele ser supremo, e que ele reside em todos os seres[10], como foi explicado antigamente por Kesidhwaja para Khandikya, chamado Janaka, quando ele indagou dele uma explicação do nome do imortal, Vasudeva. Ele disse: "Aquele que mora internamente em todos os seres, e todas as coisas moram nele; e por isso o senhor Vasudeva é o criador e preservador do mundo. Ele, embora uno com todos os seres, está além e separado da natureza material (Prakriti), de seus produtos, de propriedades, de imperfeições; ele está além de toda substância envolvente; ele é alma universal. Todos os interstícios do universo são preenchidos por ele. Ele é uno com todas as qualidades boas; e todos os seres criados são dotados de apenas uma porção pequena da individualidade dele. Assumindo à vontade várias formas, ele dá benefícios para o mundo inteiro, o qual foi obra dele. Glória, poder, domínio, sabedoria, energia, poder, e outros atributos, estão reunidos nele. Supremo do supremo, em quem não residem imperfeições, senhor sobre o finito e infinito, deus nos individuais e universais, visível e invisível, onipotente, onipresente, onisciente, todo-poderoso. A sabedoria, perfeita, pura, suprema, imaculada, e única, pela qual ele é concebido, contemplado, e conhecido, isso é sabedoria; tudo mais é ignorância." ◄

---

[8] De acordo com o comentário, alusão é feita aqui ao Mantra de dozes sílabas, ou fórmula mística endereçada a Vishnu: "'Om Bhagavate Vasudevaya nama'; 'Om! Saudação a Bhagavat Vasudeva;' a repetição do qual, por aqueles devotados (bhakta) a Vishnu, é o modo fácil de assegurar sua libertação." O misticismo é, no entanto, sem dúvida mais antigo que o culto de Vishnu; e o termo Bhagavat é definido no texto de acordo com a interpretação dos Vedas.

[9] O comentador diz que essas interpretações são do Nirukta, o glossário dos Vedas. A derivação mais etimológica do termo é, Bhaga, 'poder', 'autoridade', e vat, sufixo possessivo.

[10] Da raiz Vas, 'residir', 'morar.' Veja as páginas 62 e 67.

CAPÍTULO 6

Meios de atingir libertação. Anedotas de Khandikya e Kesidhwaja. O primeiro instrui o último como expiar por permitir a morte de uma vaca. Kesidhwaja oferece a ele uma recompensa, e ele deseja ser instruído em conhecimento espiritual.

Ele, Purushottama, também é conhecido por meio de estudo sagrado [Swadhyaya] e meditação devota [Samyama]; e também, como a causa de atingi-lo, é intitulado Brahma. Do estudo que um homem proceda para a meditação [Yoga], e da meditação para o estudo[1]; por perfeição em ambos, o espírito supremo se torna manifesto. Estudo é um olho, com o qual vê-lo; e meditação é o outro. Aquele que é uno com Brahma não vê com o olho de carne.

Maitreya: 'Professor venerável, eu desejo ser informado o que quer dizer o termo meditação (Yoga), por compreender o qual eu posso ver o ser supremo, o mantenedor do universo.

Parasara: 'Eu repetirei para você, Maitreya, a explicação dada antigamente por Kesidhwaja ao magnânimo Khandikya, também chamado Janaka.

Maitreya: 'Conte-me primeiro, brâmane, quem era Khandikya, e quem era Kesidhwaja; e como aconteceu que uma conversação relativa à prática de Yoga ocorreu entre eles.

Havia Janaka, chamado Dharmadhwaja, que tinha dois filhos, Amitadhwaja e Kritadhwaja; e o último era um rei sempre concentrado no espírito supremo existente; seu filho era o célebre Kesidhwaja. O filho de Amitadhwaja era Janaka, chamado Khandikya[2]. Khandikya era diligente do modo de trabalhos, e era renomado na terra por ritos religiosos. Kesidhwaja, por outro lado, era dotado de conhecimento espiritual. Esses dois estavam envolvidos em hostilidades, e Khandikya foi expulso de seu principado por Kesidhwaja. Expulso de seus domínios, ele vagou com alguns seguidores, seu sacerdote e seus conselheiros, entre florestas e montanhas onde, desprovido de sabedoria verdadeira, ele executou muitos sacrifícios, esperando obter por meio disso verdade divina, e escapar da morte por meio de ignorância[3].

Uma vez, enquanto o melhor daqueles que são hábeis em devoção, Kesidhwaja, estava ocupado em exercícios religiosos [Yoga], um tigre feroz matou sua vaca leiteira[4] na floresta isolada. Quando o Raja soube que a vaca tinha sido morta, ele perguntou para seus sacerdotes auxiliares que forma de penitência expiaria o crime. Eles responderam que eles não sabiam, e o encaminharam a Kaseru. Kaseru, quando o Raja o consultou, lhe falou que ele não sabia, mas que Sunaka poderia lhe falar. Consequentemente o Raja foi até Sunaka; mas ele respondeu, "Eu sou incapaz, grande rei, de responder sua pergunta como Kaseru foi; e não há ninguém agora

---

[1] Ambos, estudo dos Vedas (Swadhyaya) e abstração (Yoga) devem ser praticados. Quando um homem está cansado de um, ele pode recorrer ao outro. O Yoga, entretanto, limita a parte prática à oração silenciosa. 'Cansado de meditação, que ele reze de modo inaudível: cansado de oração, que ele repira meditação.' 'Pela união de prece e meditação que ele veja alma em si mesmo.'

[2] Nenhum desses nomes se acha entre os reis Maithila do Vishnu Purana (veja a página 306); mas, como lá citado (na nota 6), o Bhagavata os insere. Janaka é usado como um título. Kritadhwaja, em algumas das cópias, é lido Ritadhwaja.

[3] A realização de ritos como um meio de salvação é chamada de ignorância nos Vedas (veja a página 469, n. 7). Trabalhos são recomendados como introdutórios para a aquisição de conhecimento: é ignorância considerá-los como finitos.

[4] Tasya-dhenum. Uma cópia tem Homa-dhenu, 'vaca de sacrifício;' outra, Dharma-dhenu, 'vaca de retidão.' O comentador explica os termos como significando a mesma coisa, uma vaca que produz leite para propósitos sagrados, ou para a manteiga que é derramada em oblações sobre o fogo sacrifical.

sobre a terra que possa lhe dar a informação exceto seu inimigo Khandikya, a quem você venceu."

Ao receber essa resposta, Kesidhwaja disse, "Eu irei, então, e farei uma visita ao meu inimigo. Se ele me matar, não importa, pois então eu obterei a recompensa que acompanha ser morto por uma causa santa. Se, pelo contrário, ele me contar qual penitência realizar, então meu sacrifício não será diminuído em eficácia." Consequentemente ele subiu em seu carro, depois de ter se vestido na pele de cervo (do estudante religioso), e foi para a floresta onde o sábio Khandikya residia. Quando Khandikya o viu se aproximar, os olhos dele se avermelharam de raiva, e ele pegou seu arco, e disse a ele, "Você se armou com a pele de cervo para realizar minha destruição, imaginando que em tal traje você estará salvo de mim; mas, tolo, os cervos, em cujos dorsos essa pele é vista, são mortos, por você e por mim, com setas afiadas. Dessa maneira eu matarei você; você não sairá livre enquanto eu estiver vivo. Você é um criminoso sem princípios, que roubou meu reino, e merece morrer." A isso Kesidhwaja respondeu, "Eu vim para cá, Khandikya, lhe pedir para esclarecer minhas dúvidas, e não com alguma intenção hostil. Coloque de lado então sua seta e sua raiva." Assim falado, Khandikya retirou-se um tempo com seus conselheiros e seu sacerdote, e consultou com eles que conduta adotar. Eles o incitaram fortemente a matar Kesidhwaja, que estava agora em seu poder, e por cuja morte ele se tornaria o monarca da terra inteira novamente. Khandikya respondeu a eles, "É indubitavelmente verdade que por tal ato eu me tornaria o monarca da terra inteira. Ele, no entanto, conquistaria por meio disso o mundo seguinte; enquanto a terra seria minha. Agora se eu não matá-lo, eu subjugarei o próximo mundo, e deixarei esta terra para ele. Parece-me que este mundo não é de maior valor que o próximo; pois a subjugação do próximo mundo dura para sempre; a conquista sobre este é apenas por um período breve. Eu portanto não o matarei, mas lhe contarei o que ele deseja saber."

Voltando então a Kesidhwaja, Khandikya desejou que ele expusesse sua pergunta, a qual ele prometeu responder; e Kesidhwaja contou a ele o que tinha acontecido, a morte da vaca, e quis saber qual penitência ele deveria realizar. Khandikya, em resposta, explicou integralmente para ele a expiação que era adequada para a ocasião; e Kesidhwaja então, com a permissão dele, voltou ao lugar do sacrifício, e cumpriu regularmente todo ato necessário. Tendo completado a cerimônia, com seus ritos adicionais, Kesidhwaja realizou todos os seus objetivos. Mas então ele refletiu dessa forma: "Os sacerdotes que eu convidei para assistir foram todos honrados devidamente; todos aqueles que tinham algum pedido para fazer foram satisfeitos por meio da realização de seus desejos; tudo o que é apropriado para este mundo foi efetuado por mim. Por que, então, minha mente deveria sentir como se meu dever não tivesse sido cumprido?" Meditando assim, ele se lembrou de que ele não tinha oferecido para Khandikya o presente que é adequado oferecer para um preceptor espiritual, e, subindo em sua carruagem, ele partiu imediatamente para a floresta densa onde aquele sábio morava. Khandikya, na reaparição dele, pegou suas armas para matá-lo; mas Kesidhwaja exclamou, "Pare, sábio venerável. Eu não estou aqui para prejudicá-lo, Khandikya. Descarte sua ira, e saiba que eu vim para cá para lhe oferecer aquela remuneração que é devida a você como meu instrutor. Por suas lições eu completei meu sacrifício totalmente, e eu estou então desejoso de lhe dar um presente. Peça o que será."

Khandikya, tendo conversado intimamente mais uma vez com seus conselheiros, contou a eles o propósito da visita de seu rival, e perguntou-lhes o que ele deveria exigir. Seus amigos recomendaram que ele pedisse seu reino inteiro de volta, porque reinos são obtidos, por homens prudentes, sem hostes conflitantes. O rei Khandikya refletindo gargalhou, e respondeu para eles, "Por que uma pessoa como eu deveria ser cobiçosa de um reino terrestre temporário? Realmente vocês são conselheiros competentes nos assuntos dessa vida, mas daqueles da vida por vir

vocês são, seguramente, ignorantes." Falando assim, ele voltou a Kesidhwaja, e disse a ele, "É verdade que você deseja me fazer um presente, como para seu preceptor?" "Realmente eu desejo", Kesidhwaja respondeu. "Então", Khandikya replicou, "como é sabido que você é instruído na ciência espiritual que ensina a doutrina da alma, se você comunicar aquele conhecimento para mim, você terá pagado sua dívida com seu instrutor. Declare para mim quais atos são eficazes para o alívio da aflição humana."

◄

CAPÍTULO 7

Kesidhwaja descreve a natureza da ignorância, e os benefícios do Yoga, ou devoção contemplativa. Do principiante e do perito na realização do Yoga. Como ele é executado. A primeira fase, proficiência em atos de restrição e dever moral; o segundo, modo específico de sentar; o terceiro, Pranayama, modos de respirar; o quarto, Pratyahara, restrição de pensamento; o quinto, percepção do espírito; o sexto, retenção da idéia. Meditação nas formas individuais e universais de Vishnu. Aquisição de conhecimento. Libertação final.

"Mas", disse Kesidhwaja, "por que você não me pediu meu reino, agora livre de todo aborrecimento? O que mais a não ser domínio é aceitável para a classe guerreira?" "Eu lhe direi", Khandikya respondeu, "por que eu não fiz tal exigência, nem requeri aquele território que é um objeto de ambição ignorante. É o dever do guerreiro proteger seus súditos na paz, e matar em combate os inimigos de seu domínio. Não é errado que você tenha tirado meu reino de alguém que não podia defendê-lo, para quem ele era uma escravidão, e que foi, dessa maneira, libertado do ônus da ignorância. Meu desejo de domínio se originou em eu nascer para possuí-lo. A ambição de outros, a qual provém de fragilidades humanas, não é compatível com a virtude. Solicitar presentes não é o dever do príncipe e guerreiro; e, por essas razões eu não pedi seu reino, nem fiz uma demanda que somente a ignorância teria sugerido. Só aqueles que são desprovidos de conhecimento, cujas mentes estão dominadas pelo egoísmo, que estão intoxicados com a bebida embriagante da presunção, desejam reinos; não os que são como eu."

Quando o rei Kesidhwaja ouviu essas palavras, ele ficou muito satisfeito, e exclamou, "Isso foi bem falado!" Então dirigindo-se a Khandikya afetuosamente, ele disse, "Escute minhas palavras. Por desejo de escapar da morte pela ignorância de trabalhos, eu exerço o poder real, celebro vários sacrifícios, e desfruto de prazeres subversivos de pureza. É venturoso para você que sua mente tenha se atraído pelo domínio da discriminação. Orgulho de sua família! Agora escute a real natureza da ignorância. A noção (errônea) que o eu consiste no que é não eu, e a opinião que propriedade consiste no que não é próprio de alguém, constituem a semente dupla da árvore da ignorância. O ser encarnado julgando mal, desnorteado pela escuridão da fascinação, situado em um corpo composto dos cinco elementos, afirma ruidosamente, 'Isto é eu.' Mas quem atribuiria individualidade espiritual a um corpo no qual alma é distinta do éter, ar, fogo, água, e terra (dos quais aquele corpo é composto)[1]? Que homem de inteligência atribui a espírito desencarnado gozo corpóreo, ou terras, casas, e semelhantes, que diria, 'Esses são meus?' Que homem sábio nutre a idéia de propriedade em filhos ou netos gerados do corpo depois que o espírito o abandonou? O homem executa todos os atos com o propósito de gozo corpóreo, e a consequência de tais atos é outro corpo; de forma que o resultado deles é nada mais que confinamento à existência corpórea. Da mesma maneira como uma mansão de barro é rebocada com barro e água, assim o corpo, que é de terra, é perpetuado por meio de terra e água (ou por comer e beber). O corpo, consistindo nos cinco elementos, é nutrido por substâncias igualmente compostas daqueles elementos. Mas, já que esse é o caso, o que há nessa vida do qual o homem deveria ser orgulhoso? Percorrendo o caminho do mundo por muitos milhares de nascimentos, o homem obtém só o cansaço da confusão, e é sufocado pela poeira da imaginação. Quando aquela poeira é lavada pela água amena do conhecimento real, então o cansaço da confusão sofrido

---

1 O texto é um pouco obscuro, mas ele é aclarado em algum grau pela ilustração seguinte. Ninguém pensaria em aplicar a propriedade de eu - a idéia de posse ou personalidade - à alma separada do corpo. Mas a objeção é igualmente aplicável à alma no corpo; pois enquanto lá ela é tão distinta em sua natureza dos materiais do corpo como se ela estivesse desincorporada, e do mesmo modo totalmente incapaz de gozo pessoal individual.

pelo viandante por nascimentos repetidos é afastado. Quando aquele cansaço é aliviado, o homem interno está em paz, e ele obtém aquela felicidade suprema que é inigualável e imperturbada. Esta alma é (por sua própria natureza) pura, e composta de felicidade e sabedoria. As propriedades de dor, ignorância, e impureza, são aquelas da natureza (Prakriti), não da alma. Não há afinidade entre fogo e água, mas quando a última é colocada sobre o primeiro em um caldeirão ela borbulha e ferve, e exibe as propriedades do fogo. De modo semelhante, quando a alma é associada com Prakriti, ela é corrompida por egotismo e o resto, e assume as qualidades da natureza mais grosseira, embora essencialmente distinta delas, e incorruptível. Tal é a semente de ignorância, como eu expliquei a você. Há apenas uma cura das tristezas mundanas, a prática de devoção; nenhuma outra é conhecida."

"Então", disse Khandikya, "você, que é o principal daqueles versados em devoção contemplativa, explique-me o que é isso; pois na linhagem dos descendentes de Nimi[2] você está melhor familiarizado com os escritos sagrados nos quais ela é ensinada." "Ouça", Kesidhwaja respondeu, "a descrição da natureza da devoção contemplativa[3], a qual eu comunico a você, e por perfeição na qual o sábio atinge dissolução em Brahma, e nunca sofre nascimento novamente. A mente do homem é a causa de sua escravidão e de sua libertação: seu apego aos objetos dos sentidos é o meio de sua escravidão; sua separação dos objetos dos sentidos é o meio de sua liberdade. O sábio que é capaz de conhecimento discriminador deve portanto retrair sua mente de todos os objetos dos sentidos, e também meditar no ser supremo, que é uno com espírito, para obter libertação; pois aquele espírito supremo atrai para si mesmo aquele que medita nele, e que é da mesma natureza, como a magnetita atrai o ferro pela virtude que é comum a ela mesma e a seus produtos[4]. Devoção contemplativa é a união com Brahma, efetuada por aquela condição de mente que atingiu perfeição por meio daqueles exercícios que completam o controle do eu[5]; e aquele cuja devoção contemplativa é caracterizada pela propriedade de tal perfeição absoluta, é em verdade um sábio, expectante de libertação final do mundo.

---

2 Isto é, na linhagem de príncipes de Mithila.

3 O termo Yoga, que é aquele usado no texto, em sua aceitação literal significa 'união', 'junção', de युज 'unir;' em um sentido espiritual ele denota 'união de alma separada com alma universal'; e com alguma extensão de expressão vem a significar os meios pelos quais tal união é efetuada. No Bhagavad Gita ele é aplicado de modo variado, mas ordinariamente denota a realização de cerimônias religiosas como um dever, e não para propósitos interesseiros. Assim Krishna diz a Arjuna, "Empenhando-se em Yoga, realize ritos, Dhananjaya, sendo indiferente a sucesso ou fracasso, tal indiferença é chamada de Yoga." 2, v. 48. Ele é definido em outro lugar, 'isenção do contato da dor.' 6, v. 23. A palavra foi traduzida adequadamente 'devoção' por Wilkins, e 'devotio' por Schlegel, em suas traduções do Gita. Nesse lugar, porém, ela é usada em um sentido menos geral, e significa, como é explicado subsequentemente, reunião com espírito através dos exercícios necessários para aperfeiçoar abstração como eles são ensinados e praticados pelos seguidores de Patanjali.

4 Porém, essa ilustração é só até uma extensão limitada, explicativa da natureza do Yoga; pois embora a magnetita e o ferro se unam, em virtude de uma identidade de tipo, contudo a união que acontece é apenas aquela de proximidade, Samyoga, não aquela de identificação ou unidade, Tadaikyam. Alguma explicação adicional então é requerida.

5 O primeiro estágio é o Atma prayatna, a prática de restrição moral e religiosa, Yama, Niyama, etc. Quando o noviço é perfeito nesses, então ele está apto para atingir a perfectibilidade de um perito, pelas práticas especiais que tratados sobre Yoga prescrevem. Quando a mente atingiu o estado que só pode ser atingido por meio delas, então a união com Brahma, a qual é a consequência, é chamada de Yoga: आत्मप्रयत्नसापेक्षा विशिष्टा या मनोगतिः । तस्या ब्रह्मणि संयोगो योग इत्यभिधीयते ॥. O Atma prayatna é definido como aquilo que tem Yama, etc. como seu objetivo. A próxima frase é explicada, 'dependendo de, ou relativo a, tal controle.' मनोगतिः é o mesmo que मनोवृत्तिः, condição ou estado de mente que é विशिष्टा 'aperfeiçoado', daquele estado de mente, união com Brahma, é Yoga. União com Brahma é a abstração que propõe a identidade do espírito vivo com o espírito supremo do Jivatma, com Brahma; e Yoga é compreensão da identidade do contemplador e o objeto contemplado. Um texto de Yajnavalkya é citado nesse sentido: 'Saiba que sabedoria sagrada é o mesmo que Yoga, (a prática do) qual tem oito divisões. Aquilo que é chamado de Yoga é união da alma viva com a alma suprema.'

"O sábio, ou Iogue, quando aplicando-se inicialmente à devoção contemplativa, é chamado de noviço ou aprendiz (Yoga-yuj); quando ele alcançou união espiritual ele é chamado de perito, ou aquele cujas meditações estão efetuadas[6]. Os pensamentos do primeiro não devem ser contaminados por qualquer imperfeição obstrutiva, ele obterá liberdade [Mukti], depois de praticar devoção por várias vidas[7]. O último obtém libertação rapidamente naquela existência (na qual ele alcança perfeição), todos os seus atos sendo consumidos pelo fogo da devoção contemplativa. O sábio que traria sua mente para um estado adequado para a realização de contemplação religiosa deve ser desprovido de desejo, e observar invariavelmente continência, compaixão, veracidade, honestidade, e desinteresse; ele deve fixar sua mente atentamente no Brahma supremo, praticando estudo sagrado, purificação, contentamento, penitência, e autocontrole. Essas virtudes, chamadas respectivamente de os cinco atos de restrição (Yama), e cinco de obrigação (Niyama), dão recompensas excelentes quando praticados por causa de recompensa, e libertação eterna quando eles não são incitados por desejo (de benefícios passageiros). Dotado com esses méritos, o sábio autocontrolado deve sentar-se em um dos modos chamados Bhadrasana, etc., e se dedicar à contemplação[8]. Trazer seus ares vitais, chamados Prana, sob domínio, através de repetição frequente, é chamado por isso de Pranayama, que é por assim dizer uma semente com uma semente[9]. Nesse o alento de expiração e aquele de inspiração são obstruídos alternadamente, constituindo o ato duplo; e a supressão de ambos os modos de respirar produz um terceiro[10]. O exercício do Iogue, enquanto se esforçando para trazer diante de seus pensamentos a forma grosseira do eterno, é denominado Alambana[11]. Ele deve então executar o Pratyahara, que consiste em refrear seus órgãos de percepção de suscetibilidade a impressões externas, e dirigi-los totalmente para percepções mentais. Por esses meios é efetuada a subjugação total dos sentidos instáveis; e se eles não forem controlados, o sábio não realizará suas práticas religiosas. Quando pelo Pranayama os ares vitais forem contidos, e os sentidos forem dominados pelo Pratyahara, então o sábio será capaz de manter sua mente firme em seu santuário perfeito."

Khandikya disse então a Kesidhwaja, "Sábio ilustre, me informe o que é aquele santúario perfeito da mente, repousando no qual ele destrói todos os produtos da fraqueza (humana)." A isso, Kesidhwaja respondeu, "O refúgio da mente é espírito (Brahma), o qual por sua própria natureza é duplo, como sendo com ou sem forma; e cada um desses é supremo e secundário[12]. Percepção de espírito[13], além disso, é

---

6 Vinishpannasamadhi é a expressão do texto, que mal pode ser considerada como um apelativo. O comentador chama o adepto de Brahmajnani, 'Aquele que conhece Brahma.'

7 Depois de três vidas, de acordo com o Vayu Samhita, como citado no comentário.

8 Há várias posturas nas quais o Iogue é ensinado a sentar quando ele se dedica à meditação. Na Bhadrasana ele é instruído a cruzar suas pernas debaixo dele, e a segurar seus pés em cada lado com suas mãos. [Além da bhadrasana, a filosofia Yogue prescreve posturas denominadas padmasana, svastikasana, vajrasana, e virasana. Essas parecem ser as principais de um total que é dito consistir em oitenta e quatro, entre as quais estão a siddhasana, kamalasana, dandasana, etc.]

9 Isso é figurativamente a semente do fruto, que é meditação; mas é para ser acompanhada com o que também é chamado tecnicamente de Bija, ou semente, repetição inaudível de certas preces, e meditação na forma visível da divindade, chamada igualmente de Alambana, e mencionada em breve.

10 Pranayama é executado por três modificações da respiração: o primeiro ato é expiração, que é realizado pela narina direita, enquanto a esquerda é fechada com os dedos da mão direita; isso se chama Rechaka. O polegar é colocado então na narina direita, e os dedos erguidos da esquerda, pela qual o ar é inalado; isso se chama Puraka. No terceiro ato, ambas as narinas são fechadas, e a respiração suspensa; isso é Kumbhaka. E uma sucessão dessas operações é a prática de Pranayama.

11 Alambana é a repetição de oração silenciosa.

12 O Brahma que é sem forma (Amurtta) pode ser Para ou Apara. Espírito supremo informe é sem atributos de qualquer tipo. Espírito secundário informe é envolvido com os atributos de poder, glória, verdade, perfeição. Espírito encarnado, ou com forma em seu estado mais elevado, é, de acordo com nosso texto, Vishnu e suas manifestações. Espírito em uma série de formas corpóreas inferiores ou secundárias é Brahma e todos os outros seres vivos.

tripla. Eu explicarei a você os diferentes tipos. Elas são, aquela que é chamada de Brahma, aquela que é chamada de trabalhos, e aquela que compreende ambos. Aquela percepção mental que consiste em Brahma é uma; aquela que é formada de trabalhos é outra; e aquela que compreende ambos é a terceira; de forma que percepção mental (do objeto ou refúgio dos pensamentos) é tripla. Sanandana e outros (sábios perfeitos) eram dotados de percepção da natureza de Brahma. Os deuses e outros, animados ou inanimados, são possuidores daquela que diz respeito aos atos. A percepção que inclui obras e espírito existe em Hiranyagarbha [um nome de Brahma] e outros, que são possuidores de conhecimento contemplativo de sua própria natureza, e que também exercem certas funções ativas, como criação e o resto. Até que todos os atos, que são as causas de noções de individualidade, estejam cessados, espírito é uma coisa, e o universo é outra, para aqueles que contemplam objetos como separados e vários; mas é chamado de conhecimento verdadeiro, ou conhecimento de Brahma, aquele que não reconhece distinções, que contempla só existência absoluta, que é indefinível por palavras, e é para ser descoberto somente no próprio espírito da pessoa. Aquela é a forma suprema, não nascida, imperecível de Vishnu, que é sem forma (perceptível), e é caracterizada como uma condição da alma suprema, que é modificada variavelmente da condição de forma universal. Mas essa condição não pode ser contemplada por sábios em suas práticas religiosas (iniciais), e eles devem, portanto, dirigir suas mentes à forma grosseira de Hari, que é de perceptibilidade universal. Eles devem meditar nele como Hiranyagarbha, como o glorioso Vasava, como Prajapati, como os ventos [Marut], os Vasus, os Rudras, os sóis, estrelas, planetas, Gandharbas, Yakshas, Daityas, todos os deuses e seus progenitores, homens, animais, montanhas, oceanos, rios, árvores, todos os seres, e todas as fontes de seres, todas as modificações da natureza e seus produtos, sensíveis ou inconscientes, de um pé, dois pés, ou muitos pés, [ou sem pés]; todos esses são a forma perceptível de Hari, para serem apreendidos pelos três tipos de percepção. Todo esse mundo universal, esse mundo de seres móveis e estacionários, é permeado pela energia de Vishnu, que é da natureza do Brahma supremo. Essa energia ou é suprema, ou, quando é aquela de espírito encarnado consciente, é secundária. Ignorância, ou aquilo que é chamado de trabalhos, é uma terceira energia[14]; pela qual a energia onipresente do espírito encarnado é sempre estimulada, e por isso sofre todas as dores de existência mundana repetida. Obscurecida por aquela energia (de ignorância ou ilusão), a energia que é chamada de espírito encarnado é caracterizada por graus diferentes de perfeição em todos os seres criados. Em coisas sem vida [como pedras e semelhantes] ela existe em um grau muito pequeno; ela é maior em coisas que têm vida, mas são (sem movimento) [como árvores e semelhantes]; em insetos ela é ainda mais abundante, e ainda mais em aves; ela é maior em animais selvagens, e em animais domésticos a faculdade é ainda maior; homens têm mais dessa faculdade (espiritual) que animais, e por isso surge sua autoridade sobre eles; a faculdade existe, em um grau ascendente, em Nagas, Gandharbas, Yakshas, deuses, Sakra, Prajapati, e Hiranyagarbha; e é acima de tudo predominante naquele macho (Vishnu) de quem todas essas várias criaturas são apenas as formas diversificadas, permeadas universalmente pela energia dele, tão penetrante quanto o éter.

---

[13] O termo é Bhavana, definido como: 'função a ser gerada por conhecimento;' a impressão ou percepção mental que vem depois do conhecimento. Aqui ele implica particularmente a formação de uma idéia fixa pelo Iogue do objeto de suas contemplações. Isso também é chamado de Bhava-bhavana, 'percepção do ser, da existência, ou substancialidade do objeto; a coisa contemplada.'

[14] O termo usado do começo ao fim é Sakti, 'poder', 'habilidade', 'energia'. Pelo primeiro tipo, ou Para, é compreendido conhecimento capaz de apreciar verdade abstrata, ou a natureza da alma universal; pelo segundo, habilidade para entender a natureza da alma encarnada; e pelo terceiro, inabilidade para discernir sua própria natureza, e confiança em mérito moral ou cerimonial. Esses tipos diferentes são chamados de energias, porque eles são as energias ou faculdades do espírito supremo, ou, de acordo com os Vaishnavas, de Vishnu, acompanhando a alma em todas as suas várias condições de existência.

"O segundo[15] estado dele que é chamado Vishnu, e que é para ser meditado pelo sábio (avançado), é aquela forma imperceptível, informe de Brahma, que é chamada pelos sábios de 'Aquilo que é[16],' e na qual todas as energias descritas antes residem. Dali procede a forma da forma universal, a outra grande forma de Hari, que é a origem daquelas formas (ou encarnações) manifestadas que são dotadas de todo tipo de energia, e as quais, sejam as formas de deuses, animais, ou homens, são assumidas por ele (Hari) em seu passatempo. Essa intervenção ativa do deus indefinível, irresistível e que compreende tudo, é para o propósito de beneficiar o mundo, e não é a consequência necessária de trabalhos. Essa forma da forma universal deve ser meditada pelos sábios ['novatos'] para o objetivo de purificação, porque ela destrói todo o pecado. Da mesma maneira como fogo, brilhando no vento, queima grama seca, assim Vishnu, situado no coração, consome os pecados do sábio; e portanto que ele efetue resolutamente a fixação de sua mente naquele receptáculo de todas as três energias (Vishnu), pois essa é a operação da mente que é chamada de Dharana perfeito[17]; e assim o refúgio perfeito do espírito individual como também do espírito universal, aquilo que está além dos três modos de percepção, é alcançado, para a emancipação eterna do sábio. As mentes de outros seres, que não estão fixas naquele refúgio, são completamente impuras, e são todos os deuses e o resto, que surgem de atos. A retenção ou percepção, pela mente, daquela forma visível de Vishnu, sem levar em conta formas secundárias, é por isso chamada de Dharana; e eu descreverei para você a forma perceptível de Hari, a qual nenhuma retenção mental manifestará, exceto em uma mente que está apta para se tornar o receptáculo da idéia[18]. O sábio meditando deve pensar (ele vê internamente a figura) de Vishnu, como tendo um semblante satisfeito e adorável, com olhos como a pétala do loto, bochechas lisas, e uma testa larga e brilhante; orelhas de tamanho igual, os lóbulos das quais estão enfeitados com pendentes esplêndidos; um pescoço multicor, e um peito largo, no qual brilha a marca Srivatsa; uma barriga caindo em dobras graciosas, com um umbigo profundo; oito braços longos, ou então quatro; e coxas e pernas firmes e compactas, com pés e dedos bem formados. Que ele, com pensamentos bem controlados, contemple, por tanto tempo quanto possa perseverar em atenção constante, Hari como vestido em um manto amarelo, usando um diadema valioso em sua cabeça, e braceletes e pulseiras brilhantes em seus braços, e portando em suas mãos o arco, a concha, a maça, a espada, o disco, o rosário, o loto, e a flecha[19]. Quando essa imagem nunca parte da mente dele, esteja ele andando ou parado, ou ocupado em qualquer outro ato voluntário, então ele pode julgar que sua retenção é perfeita. O sábio pode então meditar na forma de Vishnu sem suas armas, como a concha, maça, disco, e arco; e como sereno, e portando somente seu rosário. Quando a idéia dessa imagem é retida firmemente, então ele pode meditar em Vishnu sem seu diadema, pulseiras, ou outros ornamentos. Ele pode em seguida contemplá-lo como tendo só um único membro, e pode então fixar todos os seus pensamentos no corpo ao qual os membros pertencem. Esse processo de formar uma imagem viva na mente, exclusiva de todos os outros objetos, constitui Dhyana, ou meditação, que é

---

15 O primeiro, que foi intentado ser descrito nas passagens precedentes, era a forma universal, visível de Vishnu; o segundo é sua condição informe ou imperceptível.

16 Sat 'o que é existente.'

17 Retenção, ou manter a imagem ou idéia formada na mente por contemplação: de Dhri, 'reter', literalmente ou figurativamente.

18 A explicação de Dharana dada no texto é tornada desnecessariamente confusa pela doutrina dupla aqui ensinada, e a tentativa de combinar as abstrações de teísmo Yoga com a adoração sectária de Vishnu.

19 Os dois últimos acessórios são do comentário; o texto especifica somente seis.

aperfeiçoada por meio de seis estágios[20]; e quando um conhecimento preciso de si mesmo, livre de toda distinção, é atingido por meio dessa meditação mental, isso se chama Samadhi[21].

"(Quando o Iogue concluiu essa fase, ele adquire) conhecimento discriminador, que é o meio de habilitar a alma viva, quando todos os três tipos de percepção são destruídos, a atingir o Brahma supremo atingível[22]. Espírito encarnado é aquele que faz uso do instrumento, qual instrumento é conhecimento verdadeiro; e por meio dele aquela (identificação) do primeiro (com Brahma) é obtida[23]. Libertação, que é o objetivo a ser efetuado, sendo realizada, o conhecimento discriminador cessa. Quando dotado da percepção da natureza do objeto de investigação, então, não há diferença entre ele (espírito individual e) espírito supremo: diferença é a consequência da ausência de conhecimento (verdadeiro). Quando aquela ignorância que é a causa da diferença entre espírito individual e universal é destruída finalmente e para sempre, quem alguma vez fará aquela distinção entre eles a qual não existe? Assim, Khandikya, eu expliquei a você, em resposta à sua pergunta, o que se entende por devoção contemplativa, detalhadamente e resumidamente. O que mais você deseja ouvir?"

Khandikya respondeu a Kesidhwaja, e disse, "A explicação que você me deu da real natureza da devoção contemplativa realizou todos os meus desejos, e eliminou toda a impureza da minha mente. A expressão 'meu', a qual eu estava acostumado a usar, é mentira, e não pode ser declarado o contrário por aqueles que conhecem o que é para ser conhecido. As palavras 'eu' e 'meu' constituem ignorância; mas prática é influenciada por ignorância. A verdade suprema não pode ser definida, pois ela não é para ser explicada através de palavras. Parta então, Kesidhwaja; você fez tudo o que é necessário para a minha real felicidade, ao me ensinar devoção contemplativa, a concessora inesgotável de libertação de existência."

Consequentemente o rei Kesidhwaja, depois de receber homenagem adequada de Khandikya, voltou para sua cidade. Khandikya, tendo nomeado seu filho Raja[24], retirou-se para as florestas para realizar suas práticas religiosas, toda a mente dele concentrada em Govinda. Lá, todos os seus pensamentos estando absortos em um só objeto, e sendo purificado por práticas de restrição, autocontrole, e o resto, ele obteve absorção no espírito puro e perfeito que é chamado de Vishnu. Kesidhwaja

---

20 Eles são: 1. Yama etc., atos de restrição e obrigação; 2. Asana, sentar em posturas específicas; 3. Pranayama, modos de respirar; 4. Pratyahara, exclusão de todas as idéias externas; 5. Bhavana, percepção de idéias internas; 6. Dharana, fixação ou retenção daquelas idéias.

[De acordo com o Yoga-sastra, II., 29, os seis estágios que antecedem dhyana são yama, niyama, asana, pranayama, pratyahara, e dharana. Yama e niyama mal podem, por sua própria natureza, ser aceitos como partes de um todo; e bhavana não é em absoluto uma fase útil para a obtenção de yoga.]

21 O resultado do Dhyana ou Samadhi é a ausência de toda idéia de individualidade, quando o meditator, a meditação, e a coisa ou objeto sobre o qual é meditado, são todos considerados como apenas um. De acordo com o texto de Patanjali: 'Restrição do corpo, retenção da mente, e meditação, que por isso é limitada exclusivamente a um objeto, é Dhyana. A idéia de identificação com o objeto de tal meditação, de modo como se desprovido de natureza individual, é Samadhi.'

22 As expressões do texto são um pouco obscuras, nem o comentador as faz muito mais inteligíveis, até que ele encurta o assunto ao declarar que o significado é que 'conhecimento discriminador capacita o espírito vivo a alcançar Brahma.'

23 O texto é muito elíptico e obscuro. Tendo declarado que espírito encarnado (Kshetrajna) é o Karanin, o possuidor ou o que usa o Karana, que é conhecimento, ele acrescenta तेन तस्य तत्, literalmente, 'por meio daquilo, daquilo, aquilo;' isto é, Tat, 'aquilo que é'; e Brahma, ou espírito supremo, é a obtenção daquele espírito que reside no corpo por meio daquele instrumento, ou conhecimento discriminador, do qual ele veio a ser possuidor através de meditação perfeita.

24 O comentador, para explicar como Khandikya poderia ter dado o que ele não possuía, afirma que deve ser entendido que Kesidhwaja cedeu o reino para ele; ou o termo Raja pode denotar somente, 'mestre de, ou familiarizado com, orações místicas, ou Mantras'.

também, para obter libertação, tornou-se avesso às suas próprias obras perecíveis, e viveu entre objetos de percepção (sem dar atenção a eles), e instituiu ritos religiosos sem esperar disso quaisquer vantagens para si mesmo. Desse modo por fruição pura e auspiciosa, sendo purificado de todo pecado, ele, também, obteve aquela perfeição que ameniza toda aflição para sempre. ◄

CAPÍTULO 8

Conclusão do diálogo entre Parasara e Maitreya. Recapitulação dos conteúdos do Vishnu Purana; mérito de ouvi-lo; como passado adiante. Louvores de Vishnu. Prece final.

Eu agora expliquei a você, Maitreya, o terceiro tipo de dissolução mundana, ou aquela que é absoluta e final, que é libertação e dissolução em espírito eterno[1]. Eu narrei para você a criação primária e secundária, as famílias dos patriarcas, os períodos dos Manwantaras, e as histórias genealógicas (dos reis). Eu repeti em resumo para você, que desejava ouvi-lo, o imperecível Vaishnava Purana, que é destrutivo de todos os pecados, a mais excelente de todas as escrituras sagradas, e os meios de atingir o grande objetivo do homem. Se há alguma outra coisa que você deseja ouvir, faça sua pergunta, e eu a responderei.

Maitreya: 'Professor santo, você realmente narrou para mim tudo o que eu desejava saber, e eu o escutei com atenção piedosa. Eu não tenho nada mais para indagar. As dúvidas inseparáveis da mente do homem foram todas esclarecidas por você, e por meio de suas instruções eu estou familiarizado com a origem, duração, e fim de todas as coisas; com Vishnu em sua forma quádrupla coletiva[2]; as três energias dele[3]; e com os três modos de perceber o objeto de contemplação[4]. De tudo isso eu adquiri um conhecimento por seu favor, e nada mais é digno de ser conhecido, quando é uma vez compreendido que Vishnu e este mundo não são mutuamente distintos. Grande Muni, eu obtive por sua bondade tudo o que eu desejava, a dissipação de minhas dúvidas, já que você me instruiu nos deveres das várias tribos, e em outras obrigações; a natureza da vida ativa, e descontinuação da ação; e a derivação de tudo o que existe de trabalhos. Não há nada mais, brâmane venerável, que eu tenha para perguntar a você; e me perdoe se suas respostas às minhas perguntas impuseram a você alguma fadiga. Perdoe-me o trabalho que eu lhe dei, por aquela qualidade amável dos virtuosos - que não faz distinção entre um discípulo e um filho.

Parasara: 'Eu narrei para você esse Purana, que é igual aos Vedas em santidade, e por ouvir o qual todas as falhas e pecados são expiados. Nele foi descrito a você a criação primária e secundária, as famílias dos patriarcas, os Manwantaras, as dinastias reais; os deuses, Daityas, Gandharbas, serpentes, Rakshasas, Yakshas, Vidyadharas, Siddhas, e ninfas divinas [Apsaras]; Munis dotados de sabedoria espiritual, e praticantes de devoção; as distinções das quatro castas, e as ações do mais eminente entre os homens; lugares santos sobre a terra, rios e oceanos sagrados, montanhas sagradas, e lendas dos verdadeiramente sábios; os deveres das diferentes tribos, e as observâncias ordenadas pelos Vedas. Por ouvir isso, todos os pecados são destruídos imediatamente. Nele também foi revelado o glorioso [Bhagavat] Hari, a causa da criação, preservação, e destruição do mundo; a alma de todas as coisas, e ele mesmo todas as coisas; pela repetição de cujo nome o homem é libertado indubitavelmente de todos os pecados, que fogem como lobos que são amedrontados por um leão. A repetição do nome dele com fé devota [Bhakti] é o melhor removedor de todos os pecados, destruindo-os como o fogo purifica o metal do refugo. A mácula da era Kali, que garante para os homens punições severas no inferno, é apagada imediatamente por uma única invocação de Hari. Ele que é tudo o que há, - o ovo inteiro de Brahma, com Hiranyagarbha, Indra, Rudra, os Adityas, os

---

[1] O termo é Layo Brahmani, que significa 'um derretimento', 'uma dissolução' ou 'fusão', da raiz, 'liquidificar', 'derreter', 'dissolver.'

[2] Ou com Vishnu nas quatro modificações descritas no segundo capítulo do Livro 1, espírito, matéria, forma, e tempo. Veja a página 67.

[3] Ou Sakti, mencionadas no último capítulo, página 476, n. 14.

[4] Ou Bhavanas, também descritos no capítulo precedente, página 476, n. 13.

Aswins, os ventos, os Kinnaras, os Vasus, os Sadhyas, Viswadevas, os deuses celestiais, os Yakshas, serpentes, Rakshasas, os Siddhas, Daityas, Gandharbas, Danavas, ninfas, as estrelas, asterismos, planetas, os sete Rishis, os regentes e superintendentes dos quadrantes [ou: os quadrantes e superintendentes dos quadrantes], homens, brâmanes e o resto, animais domesticados e selvagens, insetos, aves, fantasmas e duendes, árvores, montanhas, florestas, rios, oceanos, as regiões de subterrâneas, as divisões da terra, e todos os objetos perceptíveis - ele que é todas as coisas, que conhece todas as coisas, que é a forma de todas as coisas, ele mesmo sendo sem forma, e de quem o que quer que seja, do monte Meru a um átomo, tudo consiste - ele, o glorioso Vishnu, o destruidor de todo o pecado - é descrito nesse Purana. Por ouvir esse Purana é obtida uma recompensa igual àquela que é derivada da realização de um sacrifício Aswamedha, ou de jejuar nos lugares sagrados Prayaga, Pushkara, Kurukshetra, ou Arbuda. Ouvir esse Purana apenas uma vez é tão eficaz quanto o oferecimento de oblações em um fogo perpétuo por um ano. O homem que, com emoções bem governadas se banha em Mathura no décimo segundo dia do mês Jyeshtha[5], e vê (a imagem de) Hari, obtém uma grande recompensa; o mesmo ocorre com aquele que, com mente fixada atentamente em Kesava, recita esse Purana. O homem que se banha nas águas do Yamuna no décimo segundo dia lunar da quinzena iluminada do mês no qual a lua está na mansão Jyeshtha, e que jejua e adora Achyuta na cidade de Mathura, recebe a recompensa de um Aswamedha ininterrupto. Vendo o grau de prosperidade desfrutado por outros de eminência, pelos méritos de seus descendentes, os antepassados paternos de um homem, os pais dele e os pais deles, exclamam, "Quem quer que seja de nossos descendentes, que tendo se banhado no Yamuna e jejuado, adorar Govinda em Mathura, na quinzena clara de Jyeshtha, assegurará para nós exaltação eminente; porque nós seremos elevados pelos méritos de nossa posteridade!" Um homem de boa linhagem oferecerá bolos fúnebres para seus antepassados afortunados no Yamuna, tendo adorado Janarddana na quinzena clara de Jyeshtha. Mas o mesmo grau de mérito que um homem colhe de adorar Janarddana naquela época com um coração devotado, e de tomar banho no Yamuna, e de efetuar a libertação de seus progenitores por oferecer bolos fúnebres para eles em tal ocasião, ele também deriva de ouvir, com igual devoção, uma seção desse Purana. Esse Purana é o melhor de todos os preservativos para aqueles que temem a existência mundana, um alívio verdadeiro dos sofrimentos dos homens, e removedor de todas as imperfeições.

Esse Purana, composto originalmente pelo Rishi (Narayana), foi comunicado por Brahma a Ribhu; ele o narrou para Priyavrata, por quem ele foi comunicado a Bhaguri. Bhaguri o recitou para Tamasitra[6], e ele para Dadicha, que o transmitiu para Saraswata. Do último Bhrigu o recebeu, que o concedeu a Purukutsa, e ele o ensinou a Narmada. A deusa o recitou para Dhritarashtra o rei Naga [o original tem somente Naga], e para Apurana, da mesma raça*, por quem ele foi repetido para o monarca deles [literalmente: 'para o rei dos Nagas'], Vasuki. Vasuki o comunicou para Vatsa, e

* O original é: धृतराष्ट्राय नागायापूरणाय च ।. Não é dito então que Apurana é 'da mesma raça'. Em outra parte ele figura como um Gramani ou Yaksha.

[5] Esse mês também é chamado de Jyeshthamula, que o comentador explica significar o mês do qual a raiz ou causa (Mula) de ser assim chamado é a lua estar cheia na constelação Jyeshtha. Mas ele pode ser chamado dessa maneira, talvez, pelo asterismo lunar Mula, que é próximo a Jyeshtha, incidir também dentro da passagem da lua pelo mesmo mês.

[6] Esse nome também é lido Tambamitra. Uma cópia tem Tava-mitraya, 'para teu amigo', como se ele fosse um epíteto de Dadhicha; mas a construção do verso requer um nome próprio. 'Bhaguri o transmitiu para Tambamitra, e ele para Dadhicha.'

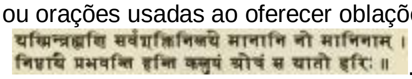
ele, para Aswatara, de quem ele procedeu sucessivamente para Kambala e Elapatra. Quando o Muni Vedasiras desceu a Patala, ele recebeu o Purana inteiro lá desses Nagas [ou apenas de Elapatra], e o comunicou a Pramati. Pramati o confiou ao sábio Jatukarna, e ele o ensinou para muitas outras pessoas santas. Pela bênção de Vasishtha [Pulastya, de acordo com outro manuscrito] ele veio ao meu conhecimento, e eu agora, Maitreya, o comuniquei fielmente a você. Você o ensinará, no fim da era Kali, para Samika[7]. Quem ouve esse grande mistério que remove a contaminação da Kali, será livrado de todos os seus pecados. Aquele que o ouve diariamente se isenta de suas obrigações diárias para com antepassados, deuses, e homens. O grande e raramente atingível mérito que um homem adquire pela doação de uma vaca marrom, ele deriva de ouvir dez capítulos desse Purana[8]. Aquele que ouve o Purana inteiro, contemplando em sua mente Achyuta, que é todas as coisas, e de quem todas as coisas são feitas; que é o esteio do mundo inteiro, o receptáculo do espírito; que é conhecimento, e que é para ser conhecido; que é sem início ou fim, e o benfeitor dos deuses – obtém, seguramente, a recompensa que acompanha a celebração ininterrompida do rito Aswamedha. Aquele que lê e retém com fé esse Purana, no princípio, meio, e fim do qual é descrito o glorioso Achyuta, o senhor do universo em toda fase, o mestre de tudo o que é estacionário ou móvel, composto de conhecimento espiritual, adquire tal pureza como não existe em nenhum mundo - o estado eterno de perfeição, que é Hari. O homem que fixa sua mente em Vishnu não vai para o inferno. Aquele que medita nele considera prazer celestial apenas como um impedimento; e aquele cuja mente e alma são permeadas por ele pensa pouco no mundo de Brahma; pois quando presente nas mentes daqueles cujos intelectos estão livres de mancha, ele confere a eles liberdade eterna. O que há de se admirar, portanto, que os pecados de alguém que repete o nome de Achyuta sejam eliminados? Não se deve ouvir a respeito daquele Hari?, a quem aqueles dedicados às ações cultuam com sacrifícios continuamente como o deus do sacrifício; a quem aqueles dedicados à meditação contemplam como primário e secundário, composto de espírito; por obter a quem o homem não é nascido, nem nutrido, nem sujeitado à morte; que é tudo o que é, e que não é (ou ambos causa e efeito); que, como os progenitores, recebe as libações feitas para eles; que, como os deuses, aceita as oferendas endereçadas a eles; o ser glorioso que é sem início ou fim; cujo nome é Swaha e Swadha[9]; que é a residência de todo o poder espiritual; em quem os limites de coisas finitas não podem ser medidos[10]; e que, quando ele entra no ouvido, destrói todo o pecado?

Eu adoro a ele, aquele primeiro dos deuses, Purushottama, que é sem fim e sem começo, sem crescimento, sem decadência, sem morte; que é substância que não conhece mudança. Eu adoro aquele espírito sempre inesgotável; que assumiu qualidades perceptíveis; que, embora um, tornou-se muitos; que, embora puro, tornou-se como se impuro, por aparecer em muitas e várias formas; que é dotado de sabedoria divina, e é o autor da preservação de todas as criaturas. Eu adoro a ele, que é a única essência e objeto unidos de sabedoria meditativa e virtude ativa; que é atento em proporcionar prazeres humanos; que é uno com as três qualidades; que, sem sofrer mudança, é a causa da evolução do mundo; que existe por sua própria essência, sempre isento de decadência. Eu constantemente adoro a ele, que é intitulado céu, ar, fogo, água, terra, e éter; que é o concessor de todos os objetos que dão satisfação aos sentidos; que beneficia a humanidade com os instrumentos de realização; que é perceptível, que é sutil, que é imperceptível. Que aquele Hari não

7 Uma série diferente de narradores foi especificadas no primeiro livro, página 67.

8 Isso parece ser uma interpolação imprudente; não está em todas as cópias.

9 As palavras ou orações usadas ao oferecer oblações com fogo.

10 O texto tem: 
यस्मिन्प्रब्रह्मणि सर्वशक्तिनिलये मानानि नो मानिनाम् ।
निष्ठायै प्रभवन्ति हन्ति कलुषं श्रोत्रं स यातो हरिः ॥
. Mana geralmente significa 'orgulho', mas aqui ele parece interpretado por sua significação radical, 'medida.' As medidas que existem para a delimitação de coisas mensuráveis não são aplicáveis a Vishnu.

nascido, eterno, cuja forma é múltipla, e cuja essência é composta de natureza e espírito, dê a toda a humanidade aquele estado abençoado que não conhece nem nascimento nem decadência!” ◄

Fim do Vishnu Purana.

GLOSSÁRIO[1]

A

Abhaya - Filho de Dharma.
Abhijit - Um chefe Yadava.
Abhimani - Um Agni.
Abhimanyu - Filho de Chakshusha. Filho de Arjuna.
Abhinivesa - 'Medo de sofrer'.
Abhiras - Um povo. Uma linhagem de reis.
Abhisaras - Um povo.
Abhutarajasas - Uma classe de divindades.
Abhyutthitaswa - Um príncipe.
Abiria - País dos Abhiras.
Acharas - Observâncias de casta e ordens.
Achyuta - 'O imperecível', um nome de Vishnu.
Adbhuta - Indra do nono Manwantara.
Adharma - Um Prajapati. Filho de Brahma. Casado com Hinsa. Casado com Mrisha.
Adhipurusha - 'Espírito supremo'.
Adhiratha - Um príncipe.
Adhivajya (Adhirajya) - Um país.
Adhosiras - Um inferno.
Adhrishya - Um rio.
Adhwaryu - Leitor de orações.
Adi - 'Primeiro': o Brahma Purana. Nome de um Purana secundário.
Adina - Um príncipe.
Aditi - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa; recebe os brincos produzidos no batimento do oceano.
Aditya - 'O sol', dá a pedra preciosa Syamantaka para Satrajit.
Adityas - Doze, os filhos de Aditi. Presentes no carro do sol em cada mês.
Adrisyanti - Esposa de Sakti. Mãe de Parasara.
Adyas - Uma classe de divindades.
Agada - Um ramo da medicina.
Agastya - Filho de Pulastya. Um asterismo.
Agneya - Um Purana.
Agni - Deus do fogo. Filho de Angiras. Rei dos Pitris. Uma estrela.
Agni Purana - Um da classe Tamasa.
Agnibahu - Filho de Priyavrata e Kamya; adota uma vida religiosa.
Agnidhra - Filho de Priyavrata e Kamya. Rei de Jambu-dwipa.
Agnihotra - 'Oferendas queimadas'.
Agnimathara - Professor do Rig-veda.
Agnimitra - Um príncipe Sunga.
Agnishtoma - Filho de Chakshusha. Tipo de sacrifício produzido por Brahma.
Agnishwattas - Uma classe de Pitris.
Agnivarchas - Um professor dos Puranas.
Agnivarna - Um príncipe.
Agrahayana - Um mês.
Ahalya - Filha de Bahwaswa, esposa de Gautama.
Ahamyati - Filho de Samyati.

---

[1] Um índice na versão em inglês. As alterações mínimas necessárias foram feitas para transformá-lo em glossário, derivadas principalmente do Dicionário Clássico Indiano, de John Garret.

Ahankara - 'Egotismo', produto de Mahat; envolvido por Intelecto: produz Akas ou 'éter'.
Ahar - 'Dia', uma forma de Brahma.
Ahikshetra - Uma cidade.
Ahinagu - Um príncipe.
Ahinaru - Um príncipe.
Ahirvradhna - Um Rudra.
Ahuka - Filho de Punarvasu, um chefe Yadava.
Ahuki - Filha de Punarvasu.
Airavata - Elefante produzido do oceano, levado por Indra; rei dos elefantes.
Airavata - Uma serpente. Rei das serpentes.
Airavata - Parte norte da esfera planetária.
Airavati - Uma divisão das mansões lunares.
Aja - Um Rudra. Um príncipe.
Ajagava - O arco de Mahadeva.
Ajaikapad - Um Rudra.
Ajaka - Um príncipe.
Ajamidha - Filho de Hastin.
Ajatasatru - Filho de Vidmisara.
Ajavithi - Uma divisão das mansões lunares.
Ajina - Filho de Havirdhana.
Ajita - Uma forma de Vishnu.
Ajitas - Uma classe de divindades.
Ajyapas - Uma classe de Pitris.
Akasa ou 'éter' - Produzido do rudimento de som; produz o de tato.
Akhyanani - Os Puranas.
Akritavrana - Um professor de Puranas.
Akrodhana - Um príncipe.
Akrura - Filho de Swaphalka. Recebe a jóia Syamantaka, confiada a ele por Krishna. Enviado por Kansa a Vrindavan; louva Vishnu; leva Krishna e Rama para Mathura.
Akuti - Filha de Swayambhuva Manu; casada com Ruchi.
Akuti - Esposa de Chakshush.
Alakananda - Um rio sustentado por Shiva.
Alambana - 'Prece silenciosa'.
Alarka - Filho de Pratarddana.
Alindayas - Um povo.
Ama - Um raio do sol.
Amara Kosha - Um dicionário de sinônimos, escrito por Amarasimha.
Amaravati - A capital de Indra.
Amarasimha - Gramático e poeta sânscrito, definiu o que é um Purana.
Amarsha - Um príncipe.
Amavasu - Filho de Pururavas. Filho de Kusa.
Amavasya - Dia de conjunção.
Ambarisha - Filho de Pulaha. Filho de Nabhaga. Filho de Mandhatri. Filho de Prasusruka.
Ambashthas - Um povo.
Ambhansi - Quatro classes de seres.
Ambika - Esposa de um Rudra.
Ambuvahini - Um rio.
Amitabhas - Uma classe de divindades.
Amitadhwaja - Filho de Dharmadhwaja.
Amitrajit - Um príncipe.
Amônio Sacas **-** Filósofo grego; instituiu a seita dos neoplatônicos em Alexandria. Derivou suas doutrinas do Oriente.

Amrita - 'Ambrosia', o oceano foi batido em busca dela, foi bebida pelos deuses, preservada na lua, é bebida pelos Pitris.
Amurttaraya - Um príncipe.
Anadhrishti - Filho de Sura.
Anaga - Um rio.
Anagha - Filho de Vasishtha.
Anakadundubhi - Um nome de Vasudeva.
Anala - Um Vasu.
Analavi (Alambi) **-** Professor do Yajur-veda.
Anamitra - Um príncipe.
Ananta - Um nome de Sesha.
Anaranya - Um patriarca venerável cuja filha Pushkarani foi a mãe do Manu Chakshusa. Filho de Sambhuta, foi morto por Ravana.
Anartha - Filho de Saryati. Um país.
Anarttas - Um povo.
Anasuya - 'Caridade', filha de Daksha, esposa de Atri.
Anavaratha - Um príncipe.
Anaximandro - Filósofo pré-socrático; sua noção de envolvimento elementar. Infinidade de mundos.
Anayush - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Anda-kataha - A casca do mundo.
Andhaka - Filho de Satwata.
Andhas - Um povo.
Andhatamisra - 'Escuridão absoluta', tipo de ignorância.
Andhra reis, dinastia de, **-** citados por Plínio.
Andhras - Um povo.
Andhrabhrityas - Uma dinastia.
Andhrajatiyas - O mesmo que Andhras.
Anenas - Filho de Kakutstha. Filho de Kshemari. Filho de Ayus.
Anga - Uma Dwipa menor.
Anga - Filho de Uru, da família de Atri. Filho de Bali.
Angada - Filho de Lakshmana, rei de Angadi.
Angaja - Filho de Brahma.
Angaraka - Um Rudra.
Angaras - Um povo.
Angas - Ciências adicionais dos Vedas: Siksha, regras de recitação de orações; Kalpa, ritual; Vyakarana, gramática; Nirukta, comentário referente a glossário; Chhandas, métrica; e Jyotish, astronomia).
Angas - Um povo.
Angiras - Um Prajapati, casa-se com Smriti (memória). Casa-se com duas filhas de Kasyapa. Filho de Uru.
Anila - Um Vasu. Filho de Tansu.
Angirasas - Sacerdotes guerreiros da família de Rathinara. Filhos de Harita.
Aniruddha - Filho de Pradyumna.
Anjaka - Filho de Viprachitti.
Anjana - Uma serpente. Um príncipe.
Anquetil Du Perron **-** Orientalista francês; traduziu os Upanishads.
Anrita - 'Mentira', filho de Adharma, casado com Nikriti.
Ansa - Um Aditya.
Ansu - Um príncipe.
Ansumat - Neto de Sagara.
Antacharas - Um povo.
Antiochus o Grande **-** Rei grego citado em inscrições.
Antarddhana - 'Desaparecimento', uma forma de Brahma. Filho de Prithu.
Antarddhi - Filho de Prithu.

Antariksha - Um Vyasa. Filho de Kinnara.
Antassila - Um rio.
Antrasila - Um rio.
Anu - Filho de Yayati. Rei do norte.
Anu - Dois Paramanus.
Anugraha - Uma criação secundária.
Anuha - Filho de Vibhraja.
Anuhlada - Filho de Hiranyakasipu.
Anumati - Filha de Angiras. Primeiro dia do quarto minguante da lua.
Anupavrittas - Um povo.
Anuradha - Uma mansão lunar.
Anuratha - Um príncipe.
Anushni - Um rio.
Anushtubh - Métrica de Brahma.
Anuvada - 'Trabalhos', ou 'Ritos adicionais'.
Anuvatsara - Quarto ano cíclico.
Anuvinda - Filho de Jayasena.
Apa - 'Água', o elemento; produzido do rudimento de paladar, e produz o de olfato. 'Águas' chamadas de Nara.
Apa - Um Vasu.
Apachiti - Filha de Paurnamasa.
Aparajita - Um Rudra.
Aparakasis - Um povo.
Aparakuntis - Um povo.
Aparinamin - Um nome de Purusha ou 'espírito'.
Aparantas - Um povo.
Aparravallabhas - Um povo.
Aparitas - Um povo.
Apaspati - Filho de Uttanapada.
Apava - Um nome de Vasishtha.
Apavahas - Um povo.
Apomurtti - Filho de Atri.
Apratiratha - Filho de Rantinara.
Apratishtha - Um inferno.
Apsarasas - 'Ninfas', nascidas de Brahma. Produzidas do oceano. Filhas de Kasyapa e Muni. Filhas de Vach. Amaldiçoadas por Ashtavakra.
Aptoryama - Rito criado por Brahma.
Araga - Um sol.
Aradwat - Um príncipe.
Aratta - Um príncipe. Um povo.
Arbuda (Abu) **-** Uma montanha.
Arbudas - Um povo.
Archish - Esposa de Krisaswa.
Arddhaketu - Um Rudra.
Ardra - Um príncipe.
Ardra - Uma mansão lunar.
Ardraka - Um príncipe.
Arhat - Rei do sul, convertido por Rishabha.
Arhats - Jainas.
Arimerddana - Filho de Swaphalka.
Aripu - Filho de Yadu.
Arishta - Filho de Vaivaswata. Um demônio morto por Krishna.
Arishta - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Arishtakarman - Um príncipe.

Arishtanemi - Um Prajapati. Casado com quatro filhas de Daksha. Um nome de Kasyapa. Um príncipe.
Arjjava - Professor do Rig-veda.
Arjuna - Filho de Kritavirya.
Arjuna - Filho de Pandu que leva a família de Krishna de Dwaraka; saqueado por pastores; consolado por Vyasa.
Arjuna-árvores - Derrubadas por Krishna.
Arshabhi - Uma divisão das mansões lunares.
Artha - Filho de Dharma.
Artha Sastra - 'Ciência de governo'.
Aruna - Filho de Kasyapa e Vinata.
Arundhati - Filha de Kardama, esposa de Vasishtha. Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Aruni - Professor do Yajur-veda.
Arunoda - Um lago.
Arvaksrotas - Criação da humanidade.
Arvarivat - Filho de Pulaha. Um Rishi.
Arvavasu - Um raio solar.
Aryaman - Um Aditya.
Asamanjas - Filho de Sagara.
Asana - Modo de sentar.
Asanga - Um príncipe.
Ashadha - Um mês.
Ashadha - Uma constelação: veja Purvashadha e Uttarashadha.
Ashtavakra - Brâmane deformado que amaldiçoa as Apsarasas por rirem dele.
Asi - Um regato.
Asikni - Filha de Virana, esposa de Daksha. Um rio.
Asima-krishna - Um príncipe.
Asipatravana - Um inferno.
Aslesha - Uma mansão lunar.
Asmaka - Filho de Saudasa.
Asmita - 'Egoísmo'.
Asoka - Rei de Magadha, patrono do Budismo.
Asokavarddhana - Filho de Vindusara.
Asramas - 'Ordens' ou estágios da vida: estudante religioso, chefe de família, ermitão, e mendicante.
Asruta ou Asrutavana **-** Filho de Dyutimat.
Asti - Esposa de Kansa.
Asuras - 'Demônios'. Procederam de Brahma, saindo de sua coxa.
Aswakas (Asmakas) **-** Um povo.
Aswalayana - Professor do Rig-veda.
Aswamedha - Sacrifício de um cavalo.
Aswamedhadatta - Um príncipe.
Aswatara - Filho de Kadru.
Aswayus - Filho de Pururavas.
Aswina - Um mês.
Aswini - Um asterismo lunar.
Aswins - Filhos do sol.
Atala - Uma divisão de Patala.
Atavya - Professor do Yajush branco.
Atharvan (Atharva-veda) **-** Escritura proveniente de Brahma. Organizado por Vyasa.
Atharva-veda (personificado) **-** Filho de Angiras.
Antimara - Um príncipe.
Atiratra - Sacrifício criado por Brahma.
Atiratra - Filho de Chakshusha.

Atithi - Filho de Kusa.
Ativisikharas - Um povo.
Atma - Nome de Vishnu.
Atri - Um Prajapati. Casa-se com Anasuya (caridade). Pai de Soma.
Atreyas - Um povo.
Audras - Um povo.
Aurva - Um sábio, ensina Sagara.
Auttama (Auttami) **-** Terceiro Manu.
Avanti - Um rio.
Avantis - Um povo.
Avantyas - Um ramo da tribo Haihaya.
Avarana - Envolvimento de elementos por rudimentos sucessivamente.
Avarttana - Uma ilha.
Avasthanas - Divisões do curso do sol.
Avataras - Manifestações corpóreas de divindades.
Avichi - Um inferno.
Avidya - 'Ignorância'.
Avikshit - Um príncipe.
Avyaya - Um nome de Purusha ou 'espírito'.
Ayana - Período de seis meses; dia e noite dos deuses.
Ayatayama - Textos do Yajur-veda.
Ayati - Esposa de Dhatri. Filha de Meru.
Ayati - Filho de Nahusha.
Ayomukha - Um Danava.
Ayur-**veda -** Ciência médica.
Ayus - Filho de Pururavas.
Ayushmat - Filho de Sanhrada. De Prahlada.
Ayushmanta - Filho de Uttanapada.
Ayutajit - Filho de Bhajamana.
Ayutaswa - Um príncipe.
Ayutayus - Um príncipe da linhagem Kuru. De Magadha.

B

Babhru - Professor do Atharva-veda. Filho de Romapada. Filho de Devavriddha. Filho de Druhyu.
Babhruvahana - Filho de Arjuna.
Badha - Imperfeição de vinte e oito tipos.
Badhnas - Um povo.
Bahikas - Um povo.
Bahkali (Bahkala) **-** Veja Bashkali.
Bahlika - Filho de Pratipa.
Bahlikas - Um povo.
Bahlika - Um reino. Os rei de lá.
Bahu (Bahuka) **-** Príncipe.
Bahubadhas - Um povo.
Bahuda - Um rio.
Bahugava - Filho de Sudyumna.
Bahula - Um Prajapati. Um príncipe. Um rio.
Bahulaswa - Um príncipe.
Bahuputra - Um Prajapati. Casou-se com duas filhas de Daksha, seus filhos eram os raios.
Bahuvatha - Um príncipe.

Bahurupa - Um Rudra.
Bahwaswa - Filho de Mudgala.
Bahyas - Um povo.
Bajikarana - Um ramo da medicina.
Balabhadra - Veja Balarama.
Balahaka - Uma serpente.
Balakhilyas - Sábios pigmeus, sessenta mil em número, os filhos de Kratu, acompanham o sol.
Balarama - Filho de Vasudeva, criado por Nanda; irmão mais velho de Krishna. Avatara de Sesha. Casado com Revati.
Bali - Filho de Virochana. Soberano de Patala. Indra do oitavo Manwantara. Filho de Sutapas.
Bali-dana - Oferendas de alimento.
Baluvahini - Um rio.
Bana - Asura filho de Bali; adora Shiva. Prende Aniruddha; luta com Krishna e é derrotado.
Bandhumat - Um príncipe.
Banga - Filho de Bali.
Banjula - Um rio.
Barbaras - Um povo.
Bashkali (Baskala) **-** Professor de um Samhita do Rig-veda. Um professor diferente.
Bauddhas - Aqueles que abandonaram a religião dos Vedas e eram contrários ao massacre de animais em sacrifícios para os deuses.
Baudhayanas - Seguidores de um ramo do Yajush branco.
Baudhya - Professor do Rig-veda.
Benares - Cidade queimada pelo disco de Krishna.
Bhaga - Um Aditya.
Bhagavat - Termo aplicável ao Ser Supremo.
Bhagavata - Um príncipe.
Bhagavata - Um Purana.
Bhagiratha - Um príncipe, traz Ganga do céu.
Bhagirathi - Um nome do Ganges.
Bhadra - Esposa de Vasudeva.
Bhadra - Um rio.
Bhadra - Um mês.
Bhadrabahu - Filho de Vasudeva
Bhadrachara - Filho de Krishna.
Bhadradeha - Filho de Vasudeva.
Bhadrakali - Forma nascida da raiva de Devi, ajudou a destruir o sacrifício de Daksha.
Bhadraratha - Um príncipe.
Bhadrasana - Modo de sentar.
Bhadrasena - Filho de Mahishmat. Filho de Vasudeva.
Bhadrasrenya - Um príncipe Yadava.
Bhadraswa - Filho de Agnidhra. Rei dos países ao leste de Meru. Filho de Vasudeva.
Bhadraswa - Um Varsha ou país.
Bhadravinda - Filho de Krishna.
Bharika - Filho de Krishna.
Bhajamana - Filho de Andhaka. Filho de Satwata.
Bhajina - Filho de Satwata.
Bhalandana - Filho de Nabhaga.
Bhallada - Um príncipe.
Bhallata - Um príncipe.
Bhanu - Filho de Krishna.
Bhanu - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Bhanus (Sóis) **-** Filhos de Bhanu.

Bhanumat - Um príncipe.
Bhanuratha - Filho de Chandragiri. Filho de Vrihadaswa.
Bharadwaja - Filho de Vrihaspati, dado a Bharata. Um Vyasa. Um professor dos Vedas.
Bharadwajas - Um povo.
Bharadwaja - Um rio.
Bharani - Um asterismo lunar.
Bharata - Filho de Rishabha. Rei sábio que renasce como um cervo; e como um brâmane aparentemente tolo. Imperador filho de Dushyanta, adota Bharadwaja. Filho de Dasaratha. Filho de Vitihotra. Um sábio, professor de ciência musical.
Bharata varsha - Índia. Terra de obras ou trabalhos.
Bharga - Um príncipe.
Bhargas - Um povo.
Bhargabhumi - Um príncipe.
Bhargavas - Um povo.
Bhasi - Filha de Kasyapa, mãe dos papagaios.
Bhauma - 'Marte'.
Bhautya - Décimo Manu. Décimo quarto Manu. Filho de Kavi.
Bhava - Shiva, o marido de Sati, e de Uma. Um Rudra. Filho de Pratihartta. Filho de Viloman. Sinônimo de Mahat.
Bhavana - 'Apreensão', tripla.
Bhavanmanya - Filho de Vitatha.
Bhavishya - Um Purana.
Bhavishyottara ou Uttaraparvan **-** Um purana menor, mais propriamente um manual de ritos religiosos, com algumas lendas e mitos.
Bhavya - Filho de Priyavrata. Rei de Saka-dwipa. Filho de Dhruva.
Bhavyas - Uma classe de divindades.
Bhaya - 'Medo', filho de Anrita.
Bhayada - Um príncipe.
Bhikshuka - 'Mendicante'.
Bhima - Um Rudra. Filho de Amavasu. Filho de Pandu. Um rio.
Bhimaratha - Filho de Ketumat. Filho de Vikriti.
Bhimarathi - Um rio, o Beemah.
Bhimasena - Filho de Parikshit. Veja Bhima.
Bhishma - Filho de Santanu.
Bhishmaka - Rei de Vidarbha.
Bhiras - Um povo.
Bhogavati - Cidade de Vasuki em Rasatala.
Bhojakata - Capital fundada por Rukmin.
Bhojas - Um povo. Um ramo dos Haihayas. Descendentes de Mahabhoja.
Bhraja - Um sol.
Bhrajiras - Uma classe de divindades.
Bhrami - Filha de Sisumara, esposa de Dhruva.
Bhrigu - Um Prajapati. Casado com Khyati. Professor de ciência militar.
Bhurishena - Um príncipe.
Bhumimitra - Um príncipe Kanwa.
Bhuri - Filho de Bahlika.
Bhurisravas - Filho de Bahlika.
Bhur-loka - A esfera terrestre: a terra e as regiões inferiores.
Bhuta - Filho de Vasudeva.
Bhutadi - Ahankara elementar, a origem dos elementos.
Bhutas - Espíritos maus, procedem de Brahma. Filhos de Krodha.
Bhutasantapana - Filho de Hiranyaksha.
Bhutatma - Nome de Vishnu.
Bhutavidya - Ramo da medicina.

Bhutesa - Um nome de Vishnu.
Bhuti - Uma deusa, esposa de Kavi. Um sábio, filho de Angiras.
Bhuvana - Um Rudra.
Bhuvar-loka - Esfera do céu: da terra até o sol.
Bodha - Filho de Dharma.
Bodhana - Uma montanha.
Bodhas - Um povo.
Brahma - O ser supremo e os Vedas; simbolizado por Om. Uno com Vishnu. Espírito abstrato. Possuidor de propriedades e origem da criação. Com ou sem forma.
Brahma - Igual a Vishnu em seu caráter de criador. As quatro castas procedem dele. Pai dos Rudras. O mesmo que Mahat. Primeiro professor do Vishnu Purana.
Brahma - Um Purana.
Brahmabali - Professor do Sama-veda.
Brahmabhuta - Condição de Brahma.
Brahmabodhya - Um rio.
Brahmachari - Estudante religioso.
Brahmadatta - Filho de Anuha.
Brahma-loka - Céu mais alto.
Brahmamedhya - Um rio.
Brahman - Leitor do Atharva-veda.
Brâmanes - Membros da casta sacerdotal. Surgiram da boca de Brahma.
Brahmanda - Um Purana.
Brahmani - Um rio.
Brahmarshis - Santos brâmanes.
Brahmas ou Brahmarishis **-** Filhos nascidos da mente de Brahma, nove.
Brahma savarni - Décimo Manu. Filho de Brahma.
Brahma-vaivartta - Um Purana.
Brahma-yajna - Estudo sagrado.
Buddhi - 'Compreensão', sinônimo de Mahat. Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Budha - Filho de Mahadeva. Filho de Soma. Nome de Mercúrio. Um príncipe, filho de Vegavat.

C

Cathaei - Kshatriyas.
Chaidyas - Descendentes de Chedi.
Chaitra - Um mês.
Chaitraratha - Uma floresta.
Chakora - Um príncipe.
Chakora - Uma montanha.
Chakras - Um povo.
Chakra-vartti - Um imperador. Alguém em quem o Chakra, o disco de Vishnu, reside (varttate). A etimologia gramatical é, 'aquele que reside em, ou reina sobre, um território extenso chamado Chakra.'
Chakshu - Um rio.
Chakshu - Um príncipe.
Chakshupa - Um príncipe.
Chakshusha - Filho de Ripu.
Chakshusha - Um Manu, filho de Chakshusha. Sexto Manu. Um príncipe, filho de Ami.
Chakshushas - Uma classe de divindades.
Champa - Fundador de Champa-puri.
Champa - Uma cidade fundada por Champa.

Chandana - Um rio.
Chandanodakadundhubi - Um chefe Yadava.
Chandragiri - Um príncipe.
Chandrabhaga - Um rio, o Chinab.
Chandragupta - Rei de Magadha. Sandrocoptus dos gregos.
Chandraketu - Filho de Lakshmanu, rei de Chandravaktra.
Chandrama - Um rio.
Chandrasri - Um príncipe.
Chandrasukta - Uma ilha.
Chandraswa - Filho de Dhundhumara.
Chandravaloka - Um príncipe.
Chanura - Um demônio, grande lutador de Mathura, morto por Krishna.
Charaka - Professor do Yajur-veda.
Charakas - Alunos de Vaisampayana. De Charaka.
Charishnu - Filho de Kirttimat.
Charmamandalas - Um povo.
Charmanvati - Um rio, o Chambal.
Charu - Filho de Krishna.
Charugupta - Filho de Krishna.
Charudeha - Filho de Krishna.
Charudeshna - Filho de Krishna.
Charumati - Filha de Krishna.
Charuvinda - Filho de Krishna.
Chatakas - Alunos de Vaisampayana.
Chaturanga - Um príncipe.
Chaturmasya - Quatro ritos mensais.
Chedi - Filho de Kaisika.
Chedyas - Um povo.
Chhala - Um príncipe.
Chhandajas - Os Vasus e divindades semelhantes.
Chhandas - Métrica, um Anga dos Vedas.
Chhaya - Esposa do sol. Filha de Viswakarman.
Chikitsa - Prática de medicina.
Chinas - Uma raça bárbara. Chineses.
Chiti - Sinônimo de Mahat.
Chitra - Uma mansão lunar.
Chitrabaha - Um rio.
Chitragupta - Registrador de Yama.
Chitraka - Um príncipe.
Chitraketu - Filho de Vasishtha.
Chitrakuta - Uma montanha.
Chitrakuta - Um rio.
Chitralekha - Amigo de Uri.
Chitrangada - Filho de Santanu.
Chitraratha - Rei dos Gandharbas. Filho de Rushadru. Filho de Dharmaratha. Filho de Ushna.
Chitraratha - Um rio.
Chitrasena - Um rio.
Chitropala - Um rio.
Cholas - Um povo.
Chulaka ou Chuluka **-** Um rio.
Chunchu - Um príncipe.
Chyavana - Um sábio. Filho de Mitrayu. Filho de Suhotra.
Clepsidra - Relógio de água.
Colebrooke, Henry Thomas **-** Botânico e linguista britânico.

D

Dadhicha - Um sábio, que critica Daksha na ocasião do sacrifício.
Dadhividarbhas - Um povo.
Dahas - Um povo.
Dahana - Um Rudra.
Dahragni - Um nome de Agastya.
Daityas - Filhos mais velhos de Kasyapa com Diti; inimigos dos deuses.
Daksha - Um Prajapati; nascido do polegar de Brahma. Casa-se com Prasuti; tem vinte e quatro filhas. Faz um grande sacrifício, que é arruinado por Virabhadra, por não incluir Shiva na partilha das oferendas. Filho dos Prachetasas. Chefe dos patriarcas.
Daksha-savarni - Nono Manu. Filho de Daksha.
Dakshina - Filha de Ruchi, casada com Yajna.
Dala - Um príncipe.
Dalaki - Professor do Rig-veda.
Dama - Um príncipe.
Damaliptas - Um povo.
Dambha - 'Hipocrisia', filho de Adharma.
Danavas - Inimigos dos deuses. Filhos de Danu.
Danda - Filho de Dharma. Filho de Ikshwaku. Morto por Sudyumna.
Danda - Uma medida de tempo, sessenta Vikalas.
Dandaka - Uma floresta.
Danshtrinas - Animais de dentes afiados, progênie de Krodhavasa.
Dantnvaktra - Filho de Vriddhasarman.
Danu - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Daradas - Um povo.
Darpa - Filho de Dharma.
Darsakas - Um povo.
Darsapaurnamasa - Sacrifício quinzenal.
Daruka - Quadrigário de Krishna.
Daruna - Um inferno.
Darvan - Filho de Usinara.
Darvas - Um povo.
Darvi - Um país.
Dasa - Nome para um Sudra.
Dasamalikas - Um povo.
Dasaparswas - Um povo.
Dasaratha - Filho de Mulaka. Filho de Aja, e pai de Rama. Filho de Navaratha. Filho de Suyasas.
Dasarha - Um príncipe.
Dasarnas - Um povo.
Dasarna - Um rio.
Dasi - Um rio.
Dasividarbhas - Um povo.
Dattatreya - Filho de Atri.
Dattoli ou Agastya **-** Filho de Pulastya. Um Rishi.
Daya - 'Clemência', esposa de Dharma.
Devabhaga - Filho de Sera.
Devabhuti - Um príncipe.
Devadarsa - Professor do Atharva-veda.
Devagiri ou Deogur **-** Uma montanha.
Devahuti - Filha de Swayambhuva Manu.

Devaka - Filho de Ahuka. Filho de Yudhishthira.
Devaki - Filha de Devaka, esposa de Vasudeva, mãe de Krishna.
Devakulya - Filha de Paurnamasa.
Devakuta - Uma cadeia de montanhas.
Devaka - Filho do Vasu Pratyusha. Um sábio, filho de Krisaswa.
Devakshatra - Um príncipe.
Devamidhusha - Filho de Vrishni. Filho de Hridika.
Devamitra - Professor do Rig-Veda.
Devanika - Um príncipe.
Devapi - Filho de Pratipa. Torna-se um asceta e uma apóstata. Ainda vivo.
Devarakshita - Filho de Devaka. Outro príncipe, rei do litoral.
Devarakshita - Filha de Devaka.
Devarata - Filho de Suketu. Filho de Viswamitra. Filho de Karambhi.
Devarshis - Sábios divinos.
Deva-savarni - Décimo terceiro Manu.
Devasravas - Filho de Sura.
Devavat - Filho de Akrura. Filho de Devaka.
Devavriddha - Filho de Satwata.
Devatithi - Um príncipe.
Deva-yajna - 'Oferendas queimadas'.
Devayani - Filha de Usanas, esposa de Yayati.
Devi - Esposa de Shiva.
Devi-bhagavata - Um Purana, considerado por alguns o Bhagavata genuíno.
Devika - Um rio, o Deva ou Goggra.
Devikota - Uma cidade.
Dhanaka - Um príncipe.
Dhananjaya - Uma serpente, filho de Kadru. Um Vyasa.
Dhanayus - Filho de Pururavas.
Dhaneyu - Um príncipe.
Dhanishtha - Uma mansão lunar.
Dhanur-veda - Ciência militar.
Dhanwantari - Produzido do oceano. Filho de Dirghatamas. Professor de ciência médica.
Dharana - Fixação de pensamento.
Dharani - Filha dos Pitris. Esposa de Meru.
Dharbaka - Filho de Ajatasatru.
Dharma - Um Prajapati, e filho de Brahma. Casa-se com algumas das filhas de Daksha. Filho de Gandhara. Filho de Suvrata.
Dharma - 'Lei'.
Dharmadris - Filho de Swaphalka.
Dharmadhwaja - Rei de Mithila.
Dharmaketu - Um príncipe.
Dharman - Um príncipe.
Dharmanetra - Filho de Haihaya.
Dharmaranya - Uma cidade.
Dharmaratha - Um príncipe.
Dharma-savarni - Décimo primeiro Manu. Filho de Dharma.
Dharshtaka - Uma linhagem de Kshatriyas.
Dhata (Dhatri) **-** Filho de Bhrigu.
Dhataki - Filho de Sauna. Divisão de Pushkara-dwipa.
Dhatri - Filho de Vishnu e Lakshmi, casado com Ayati.
Dhava - Um Vasu.
Dhenuka - Demônio asno, morto por Balarama.
Dhenuka - Esposa de Kirttimat.
Dhi - Esposa de Manyu.

Dhimat - Filho de Virat. Filho de Pururavas.
Dhishana - Esposa de Havirdhana. Esposa de Krisaswa.
Dhridhanemi - Um príncipe.
Dridhaswa - Filho de Dhundhumara.
Dhrishta - Filho de Vaivaswata.
Dhrishtadyumna - Filho de Drupada.
Dhrishtaketu - Filho de Satyadhriti. Filho de Sukumara. Filho de Dhrishtadyumna.
Dhrishtasarman - Filho de Swaphalka.
Dhrita - Um príncipe.
Dhritamati - Um rio.
Dhritarashtra - Uma serpente. Um rei, filho da viúva de Vichitravirya com Vyasa.
Dhritarashtra - Filha de Kasyapa.
Dhritavati - Um rio.
Dhritavrata - Um Rudra. Um príncipe.
Dhriti - 'Firmeza', filha de Daksha, esposa de Dharma. Esposa de um Rudra.
Dhriti - Filho de Vitihavya. Filho de Babhru. Filho de Vijaya.
Dhritimat - Filho de Kirttimat. Filho de Yavinara.
Dhruva - Filho de Uttanapada e Suniti. Adora Vishnu, que o eleva à esfera do polo norte. Nome de um Vasu. Filho de Rantinara.
Dhruva - A estrela polar.
Dhruvasandi - Um príncipe.
Dhumaketu - Filho de Krisaswa. Filho de Trinavindu.
Dhumrakesa - Filho de Prithu.
Dhumraswa - Rei de Vaisali.
Dhundhu - Um demônio.
Dhundumara - Nome de Kuvalayaswa.
Dhurundharas - Um povo.
Dhusulya - Um rio.
Dhutapapa - Um rio.
Dhuti - Um Aditya.
Dhyana - 'Meditação'.
Diksha - Esposa de Ugra. Esposa de Vamadeva.
Dilipa - Filho de Ansumat. Nome de Khatwanga. Filho de Riksha.
Diptimat - Filho de Krishna.
Dirghabahu - Um príncipe.
Dirghatamas - Filho de Kasiraja. Filho de Utathya.
Dis - 'Espaço', preside sobre a audição.
Dis - Um rio.
Disa - Esposa de Bhima, um Rudra.
Dishta - Filho de Vaivaswata.
Diti - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa. Mãe dos Daityas. Dos Maruts.
Divakara - Um príncipe.
Divaratha - Um príncipe.
Divaspati - Indra do décimo terceiro Manwantara.
Divijata - Filho de Pururavas.
Divodasa - Filho de Bhimaratha, rei de Kasi. Filho de Bahwaswa.
Divya - Filho de Satwata.
Dosha - Esposa de Kalpa.
Drauni - Um Vyasa.
Dravina - Filho de Prithu. Filho do Vasu Dhava.
Draviras - Um povo.
Dridhadhanush - Um príncipe.
Dridhasena - Um príncipe.
Dridhayus - Filho de Pururavas.
Drishadwati - Um rio, o Caggar. Mãe de Prasenajit.

Drona - Pai de Aswatthaman. Uma montanha.
Dronakas - Um povo.
Druma - Um rio.
Drupada - Filho de Prishata.
Druhyu - Filho de Yayati, rei do oeste.
Duhsasana - Filho de Dhritarashtra.
Dukha - 'Dor', filho de Naraka.
Durdama - Filho de Bhadrasrenya.
Durga - Uma fortaleza resistente.
Durga - Uma forma de Devi. Seu aspecto guerreiro.
Durga - Um rio.
Durgalas - Um povo.
Durga Mahatmya - Descrição das façanhas de Durga.
Durgama - Filho de Vasudeva.
Durjana-mukha-chapetika - Tradados sobre o Bhagavata.
Durjayanta - Uma montanha.
Durmada - Filho de Vasudeva.
Durmitra - Um príncipe.
Durmukha - Uma serpente.
Durvasas - Um sábio, filho de Atri.
Duryaman - Um príncipe.
Duryodhana - Filho de Dhritarashtra.
Dushyanta - Filho de Anila.
Dwajinyutsavasanketas - Um povo.
Dwapara - Terceiro Yuga ou 'era'.
Dwaraka - Cidade construída por Krishna. Submersa pelo mar.
Dwesha - 'Ódio', uma das cinco aflições.
Dwimidha - Filho de Hastin.
Dwimurddan - Filho de Kasyapa.
Dwipas - 'Continentes insulares', sete principais.
Dwivida - Um macaco, morto por Balarama.
Dyumat - Filho de Vasishtha.
Dyutimat - Filho de Priyavrata, rei de Krauncha-dwipa. Filho de Prana. Filho de Pandu.

E

Eka - Sinônimo de Mahat.
Ekachakra - Um Danava.
Ekapadukas - Um povo.
Ekavinsa - Hinos de Brahma.
Ekoddishta-sraddha - Cerimônia fúnebre realizada para uma única pessoa.
Elapatra - Filho de Kadru.
Ellis, **Francis Whyte -** Estudioso britânico de tamil e sânscrito.

F

Fa-hian - Monge budista chinês, que visitou a Índia durante o reinado de Chandragupta II.

G

Gabhastimat - Uma divisão de Bharata-varsha. Uma divisão de Patala.
Gachchas - Um povo.
Gada - Filho de Vasudeva.
Gadhi - Filho de Kusamba. Filho de Kusika ou Kusanabha.
Gahvaras - Um povo.
Gajavithi - Uma divisão das mansões lunares.
Galava - Professor do Yajush branco.
Gandaki - Um rio, o Gandak.
Gandhamadana - Uma montanha ao sul de Meru. Uma floresta. Uma serra a partir da base de Meru. Nome de Ketumala-varsha. Uma das sete cadeias de montanhas de Bharata.
Gandhamojavaha - Filho de Swaphalka.
Gandhara - Um príncipe. Um povo.
Gandharas - Um povo.
Gandharba - Uma divisão de Bharata-varsha.
Gandharbas - Cantores. Procedem de Brahma. Filhos de Arishta. De Vach.
Gandharba-loka - Céu de sudras.
Gandharba-veda - Ciência musical.
Gandharbi - Filha de Surabhi, mãe dos cavalos.
Gandini - Filha de Kasiraja.
Gandusha - Filho de Sura.
Ganesa - Um Upa-purana. Semideus, com corpo humano e cabeça de elefante, filho de Shiva e Parvati.
Ganga - Filha de Himavat. Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Ganga - O rio Ganges.
Gangadwara - Um local.
Gara - Filho de Usinara.
Gardhabas - Uma linhagem de reis.
Garga - Um sábio, que aprendeu astronomia de Sesha. Executa os ritos iniciatórios de Krishna e Rama. Um príncipe, filho de Bhavanmanyu.
Gargabhumi - Um príncipe.
Gargya - Um príncipe.
Gargya - Professor do Rig-veda. Um brâmane, o pai de Kalayavana.
Gargyas - Descendentes de Garga, filho de Bhavanmanyu; tornam-se brâmanes.
Garuda - Rei das aves, filho de Kasyapa e Vinata.
Garuda - Um Purana.
Gati - Esposa de Pulaha.
Gatra - Filho de Vasishtha.
Gatravat - Filho de Krishna.
Gauri - Esposa de Shiva. Esposa de Virajas. Esposa de Yuvanaswa, transformada no rio Bahuda. Filha de Antinara.
Gauri - Um rio.
Gautama - Um Prajapati. Um Rishi. Marido de Ahalya.
Gavya - 'Carne' ou 'produto;' da vaca oferecido aos Pitris.
Gaya - Filho de Havirdhana. Filho de Nakta. Filho de Sudyumna.
Gayatri - Métrica de Brahma. Verso dos Vedas.
Ghat - 'Degraus', que levam a alguma água sagrada, geralmente um rio.
Ghatasrinjayas - Um povo.
Ghatotkacha - Filho de Bhima.
Ghorata - 'Terror', uma propriedade de objetos sensíveis.
Ghosha - Filho de Lamba.

Ghoshavasu - Um príncipe.
Ghritachi - Uma ninfa divina.
Ghritaprishtha - Filho de Priyavrata.
Ghriteyu - Um príncipe.
Ghritsamada - Filho de Suhotra.
Giri - Um príncipe.
Girigahvaras - Um povo.
Girivraja - Uma cidade em Magadha.
Gobhanu - Filho de Vahni.
Goghnatas - Um povo.
Godavari - Um rio.
Gohamuka - Uma montanha.
Golaka - Professor do Rig-veda.
Go-loka - Céu de Krishna.
Gomanta - Uma montanha.
Gomantas - Um povo.
Gomati - Um rio, em Oude.
Gomatiputra - Um dos reis Andhra. Filho de Shivaswati.
Gopas - Vaqueiros; a designação dos habitantes de Gokula, onde Krishna passou seus primeiros anos. Eles vão em seguida para Vrindavana. Companheiros de Krishna em suas brincadeiras.
Gopalakakshas - Um povo.
Goparashtras - Um povo.
Gopis - Esposas dos Gopas.
Goswalu - Professor do Rig-veda.
Gotama - Um Vyasa.
Gotras - Famílias de brâmanes.
Gova - Um país.
Govarddhana - Uma montanha. Adorada pelos Gopas. Erguida por Krishna.
Govinda - Um nome de Krishna.
Govithi - Uma divisão das mansões lunares.
Gramanis - Acompanhantes do sol.
Gridhrika - Filha de Kasyapa, mãe de urubus.
Grihashtha - 'Chefe de família'.
Guhas - Reis de Kalinga.
Gunas - Qualidades de bondade, impureza, e escuridão.
Gupta - Nome para um Vaisya.
Guptas - Uma linhagem de reis.

H

Haihaya - Um príncipe da linhagem Yadava.
Haihayas - Uma tribo. Descendentes de Yadu. Eles conquistam Bahu, e o país dele é devastado por eles, por causa do que ele foge para as florestas com suas esposas. Eles quase são destruídos por Sagara, o filho póstumo de Bahu. Há cinco grandes divisões da tribo Haihaya. Acredita-se que eles são de origem Cita.
Haitukas - Uma classe de hereges.
Hala - Um príncipe.
Hansa - Uma montanha.
Hara - Um Rudra.
Hari - Nome de Vishnu.
Hari ou **Hari-varsha -** Um país.
Harikesa - Um raio solar.
Haris - Uma classe de divindades.

Harischandra - Um príncipe, filho de Trisanku. Elevado ao céu.
Harisrava - Um rio.
Harita - Um príncipe, filho de Yuvanaswa. Filho de Rohitaswa. Filho de Paravrit. Rei de Videha.
Haritas - Uma classe de divindades.
Haritas - Filhos de Harita; brâmanes.
Haritaswa - Filho de Sudyumna.
Hari-Vansa - Importante trabalho de literatura sânscrita, considerado um apêndice ou complemento do Mahabharata.
Harivarsha - Filho de Agnidhra, rei de Nishadha. Um país.
Harsha - Filho de Rama.
Harshavarddhana - Um príncipe.
Haryyaksha - Filho de Prithu.
Haryyanga - Um príncipe.
Haryyaswa - Filho de Dridhaswa. Filho de Prishadaswa. Filho de Drishtaketu. Filho de Chakshu.
Haryaswas - Filho de Daksha.
Haryatma - Um Vyasa.
Hasta - Uma mansão lunar.
Hastin - Filho de Suhotra.
Hastinapura - Cidade fundada por Hastin. Levada pela água do Ganges. Arruinada por Balarama.
Hastisoma - Um rio.
Havirbhu - Esposa de Pulastya.
Havirdhana - Filho de Antarddhi.
Havishmantas - Uma classe de Pitris.
Havya - Filho de Atri.
Havyavahana - Filho de Kochi.
Haya - Um príncipe Yadava.
Hayasiras - Filha de Vrishaparvan, o renomado Davana. Filha de Vaiswanara, e esposa de Kratu.
Hema - Um príncipe.
Hema - Um rio.
Hemachandra - Rei de Vaisali.
Hemakuta - Uma cadeia de montanhas.
Heti - Um Rakshasa.
Himavat - Rei das montanhas. Cordilheira nevada.
Hiranmaya - Um país.
Hiranvat - Filho de Agnidhra. Rei de Sweta-dwipa.
Hiranvati - Um rio.
Hiranyagarbha - Nome de Brahma.
Hiranyakasipu - Filho de Kasyapa e Diti. Rei dos Daityas.
Hiranyaksha - Filho de Kasyapa e Diti.
Hiranyanabha - Professor do Sama-veda. Um príncipe, pupilo de Jaimini.
Hiranyaretas - Filho de Priyavrata.
Hiranyaroman - Um Lokapala, filho de Marichi. Filho de Parjanya, regente do norte.
Hlada - Filho de Hiranyakasipu.
Hladini - Um rio.
Hotri - Recitador de hinos.
Hraswaroman - Um príncipe.
Hri - 'Modéstia', filha de Daksha, esposa de Dharma.
Hridika - Um príncipe Yadava.
Hrishikesa - Nome de Vishnu. Senhor dos sentidos.
Hunas - Um povo.
Hutasana - Deus do fogo.

Hilozoísmo - Doutrina segundo a qual a matéria é dotada de vida, ou a matéria e a vida são inseparáveis.

I

Ida - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Idhmadhwaja - Filho de Priyavrata.
Idvatsara - Terceiro ano cíclico.
Ijikas - Um povo.
Ijya - 'Oblação', de Brahma.
Ikshu - Um rio.
Ikshula (Ikshuda) **-** Um rio.
Ikshumalavi (Ikshumalina) **-** Um rio.
Ikshwaku - Filho de Vaivaswata.
Ila - Filho de Vaivaswata.
Ila - Filha de Vaivaswata, transformada em um homem, mãe de Pururavas. Esposa de um Rudra. Esposa de Vasudeva.
Ilavila - Filho de Dasaratha.
Ilavila - Esposa de Visravas. Filha de Trinavindu. Esposa de Pulastya.
Ilavrita - Filho de Agnidhra. Rei de Ilavrita.
Ilavrita - Um país.
Ilus - Filho do deus fenício Dagon.
Ilwala - Filho de Hlada. Filho de Viprachitti.
Indra - Rei dos deuses; preside sobre as mãos; marido de Sachi. Cada Manwantara tem um.
Indra-dwipa - Uma porção de Bharata-varsha.
Indradyumna - Filho de Sumati.
Indrakila - Uma montanha.
Indra-loka - Céu de Indra e Kshatriyas.
Indrapramati - Professor de um Samhita do Rigveda.
Indra-savarni - Décimo quarto Manu.
Indriyatma - Nome de Vishnu.
Iravat - Filho de Arjuna.
Iravati - Esposa de um Rudra.
Iravati - Um rio; o Ravi ou Hydraotes.
Isana - Um Rudra.
Isha - Um mês.
Iswara - Uno com Vishnu. Divindade ativa. Sinônimo de Mahat. Um Rudra.
Itihasa - 'Tradição histórica', ensinada por Vyasa.
Itikas - Um povo.
Ivilaka - Um príncipe.

J

Jabalas - Estudantes de um ramo do Yajush branco.
Jagati (métrica) **-** de Brahma.
Jahnu - Filho de Suhotra, bebe o Ganges. Filho de Kuru.
Jahnavi - Um nome de Ganga.
Jaimini - Aluno de Vyasa. Professor do Sama-veda.
Jaina - Fé adotada pelos filhos de Raji.
Jainas - Seguidores do Jainismo.

Jaitra - A carruagem de Krishna.
Jajali - Professor do Atharva-veda.
Jaleyu - Um príncipe.
Jamadagni - Um sábio. Filho de Richika. Pai de Parasurama. Morto pelos filhos de Karttavirya.
Jambavat - Rei dos ursos; mata o leão que matou Prasena. Derrotado por Krishna; dá a ele sua filha.
Jambavati - Esposa de Krishna.
Jambu - Um continente no centro de tudo. Uma árvore em Gandhamadana; dá nome a Jambu-dwipa; nome de um rio.
Jambu-dwipa - Um continente.
Jambunada - Ouro celeste.
Jambunadi - Um rio.
Janaka - Rei de Mithila. Segundo do nome, o mesmo que Siradhwaja. Rei de Magadha. Um título geral dos reis Maithila.
Janakpur - Uma cidade.
Jana-loka - Céu dos santos. Permanece durante um pralaya.
Janamejaya - Rei de Vaisali. Filho de Puranjaya. Filho de Puru. Filho de Parikshit filho de Kuru. Filho de Parikshit filho de Abhimanyu.
Janarddana - Um nome de Vishnu.
Jangalas - Um povo.
Jantu - Filho de Somaka. Filho de Sudhanwan.
Jara - Filho de Mrityu. Um caçador que mata Krishna.
Jara - Um demônio fêmea que une as duas partes de Jarasandha.
Jaradgava - Parte da esfera planetária.
Jaradgavi - Uma divisão das mansões lunares.
Jarasandha - Filho de Vrihadratha; ataca Mathura.
Jaratkaru - Um Vyasa.
Jarudhi - Uma montanha.
Jatas - Um ramo dos Haihayas.
Jatayu - Filho de Aruna e Syeni.
Jathara - Uma cadeia de montanhas.
Jatharagni - Nome de Agastya.
Jatharas - Um povo.
Jaya - Um príncipe.
Jaya - Filha de Daksha, esposa de Krisaswa.
Jayadratha - Filho de Vrihanmanas. Filho de Vrihatkarman.
Jayadhwaja - Filho de Karttavirya.
Jayanta - Um Rudra.
Jayantapur - Uma cidade.
Jayas - Uma classe de divindades.
Jayasena - Filho de Adina. Filho de Sarvabhauma.
Jharjhara - Filho de Hiranyaksha.
Jillikas - Um povo.
Jimuta - Um príncipe.
Jnyana - 'Sabedoria'.
Jrimbhika - 'Bocejante', uma forma de Brahma.
Jyamagha - Um príncipe; conquista Madhyadesa.
Jyeshtha - Um mês.
Jyeshtha ou Alakshmi **-** Deusa do infortúnio, produzida do oceano. Uma mansão lunar.
Jyotiratha - Um rio.
Jvotish - 'Astronomia', um Anga dos Vedas.
Jyotishmat - Filho de Priyavrata, rei de Saka-dwipa. Um sol.
Jyotsna - 'Alvorecer', uma forma de Brahma.

K

Ka (ou Prajapati) **-** Preside sobre os órgãos geradores.
Kabandha - Professor do Atharva-veda.
Kachchas (Kachchiyas) **-** Um povo.
Kadamba - Uma árvore em Mandara; produz um extrato alcoólico.
Kadru - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa, mãe das serpentes.
Kaikeya - Filho de Sivi.
Kaikeyas - Filhos de Dhrishtaketu.
Kailakila Yavanas - Uma linhagem de reis.
Kailasa - Uma montanha.
Kaisika - Filho de Viderbha.
Kajinghas - Um povo.
Kakamukhas - Um povo.
Kakas - Um povo.
Kakavarna - Um príncipe.
Kakshas - Um povo.
Kaksheyu - Um príncipe.
Kakubha - Uma montanha.
Kakud - Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Kakudmin - Nome de Raivata.
Kakutstha - Filho de Sasada. Filho de Bhagiratha.
Kala - Filha de Kardama, esposa de Marichi.
Kala - Um período de trinta Kashthas, um dígito da lua.
Kala - 'Tempo', uma forma de Vishnu, causa do mundo; conecta matéria e espírito.
Kala - Um Rudra. Filho do Vasu Dhruva.
Kala - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Kalanjara - Uma montanha.
Kalajoshikas - Um povo.
Kalakas - Uma classe de Danavas.
Kalakanjas - Uma classe de Danavas.
Kalakeyas - Uma classe de Danavas.
Kalanabha - Filho de Hiranyaksha. Filho de Viprachitti.
Kalanara - Um príncipe.
Kalapa - Uma aldeia.
Kalasutra - Um inferno.
Kalatoyakas - Um povo.
Kalavas - Um povo.
Kalayani - Professor do Rig-veda.
Kalayavana - Filho de Gargya, rei dos Yavanas; invade Mathura; destruído por Muchukunda.
Kali - Último Yuga ou 'era.'
Kalika - Filha de Vaiswanara, esposa de Kasyapa.
Kalika - Um Upa-purana.
Kalinga - Filho de Bali.
Kalingas - Um povo.
Kalindi - Esposa de Krishna.
Kaliya - Uma serpente; vencida por Krishna e banida para o mar.
Kalkalas - Um povo.
Kalki - Avatara de Vishnu na era Kali.
Kalmashapada - Um príncipe; também Saudasa. Filho de Raghu.
Kalpa - Filho de Dhruva.

Kalpa - 'Período de tempo'.
Kalpa - Um Anga dos Vedas.
Kama - Filho de Brahma. Filho de Dharma. Filho de Sahishnu.
Kamadeva - Senhor das Apsarasas.
Kamagamas - Uma classe de divindades.
Kamakshi - Uma forma de Durga.
Kamakhya - Uma forma de Durga.
Kamarupa - Um país. Lugar de peregrinação.
Kambala - Filho de Kadru.
Kambalavarhish - Filho de Andhaka.
Kambojas - Um povo. Conquistado por Sagara. Caumogees.
Kampana - Um rio.
Kampilya - Filho de Haryyaswa.
Kampilya - Uma cidade.
Kamya - Filha de Kardama. Esposa de Priyavrata.
Kanakas - Um povo.
Kanakhala - Uma aldeia.
Kanchana - Filho de Bhima.
Kandu - Um sábio.
Kanishthas - Uma classe de divindades.
Kanka - Filho de Ugrasena.
Kanki - Filha de Ugrasena.
Kansa - Filho de Ugrasena; avisado de sua morte, destrói os filhos de Vasudeva. Manda demônios encontrarem e destruírem Krishna. Morto por Krishna.
Kansa - Filha de Ugrasena.
Kansavati - Filha de Ugrasena.
Kantikas - Um povo.
Kanwa - Professor do Yajush branco. Filho de Apratiratha. Filho de Ajamidha.
Kanwas - Uma dinastia.
Kanwayanas - Uma linhagem de brâmanes.
Kanyakagunas - Um povo.
Kapalin - Um Rudra.
Kaparddin - Um Rudra.
Kapi - Um príncipe, que tornou-se um brâmane.
Kapi - Um rio.
Kapila - Um sábio, destrói os filhos de Sagara. Um Danava. Uma serpente. Uma montanha.
Kapila - Um rio.
Kapilasrama - Eremitério de Kapila.
Kapilaswa - Filho de Dhundhumara.
Kapinjala - Um rio.
Kapotaroman - Filho de Vrishta.
Karabhanjikas - Um povo.
Karakas - Um povo.
Karambhi - Um príncipe.
Karandhama - Filho de Khaninetra. Filho de Traisamba.
Karatas - Um povo.
Karatoya - Um rio.
Kardama - Um Prajapati; casa-se com Devahuti. Filho de Pulaha.
Karishakas - Um povo.
Karishini - Um rio.
Karitis - Um povo.
Karkkota - Uma serpente, filho de Radru.
Karmasa - Filho de Pulaha.
Karmasreshtha - Filho de Pulaha.

Karna - Filho de Pritha. Encontrado por Adhiratha.
Karnapravaranas - Um povo.
Karnatakas - Um povo.
Karnikas - Um povo.
Kartika - Um mês.
Kartikeya - Filho dos Krittikas.
Karttaviryya - Filho de Kritavirya; morto por Parasurama.
Karundhaka - Filho de Sura.
Karusha ou Karusha **-** Filho de Vaivaswata.
Karushas - Um povo.
Kasa - Filho de Suhotra.
Kaserumat - Uma divisão de Bharata-varsha.
Kasi - Um reino.
Kasikosalas - Um povo.
Kasiraja - Filho de Kasa.
Kasis - Um povo.
Kasmiras - Um povo.
Kashtha - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Kashtha - Quinze piscadas de olho. Cinco Kshanas.
Kasya - Um príncipe.
Kasyapa - Um Prajapati. Casa-se com as filhas de Daksha. Uma estrela.
Kasyata - Filho de Paurnamasa.
Kathajava - Professor do Rig-veda.
Kaukundakas - Um povo.
Kaukuttakas - Um povo.
Kaumara - Tipo de criação.
Kaumarabhritya - Um ramo da medicina.
Kaunkanas - Um povo.
Kauravyas - Um povo.
Kaurmma - Um Purana. Veja Kurma.
Kausamba - Uma cidade.
Kausalya - Um príncipe.
Kausharavi - Um nome de Maitreya.
Kausijas - Um povo.
Kausika - Filho de Vasudeva.
Kausikas - Descendentes de Viswamitra.
Kausiki - Um rio, o Kosi. Antigamente Satyavati.
Kaustubha - Uma pedra preciosa produzida do oceano; usada por Vishnu.
Kautilya - Destruidor dos Nandas.
Kaveri - Um rio, o Caveri.
Kavi - Filho de Chakshusha. Filho de Priyavrata. Filho de Urukshaya.
Kavyas - Uma classe de Pitris. Uma linhagem de brâmanes.
Kavyavahana - Filho de Pavaka.
Kekayas - Um povo.
Kenava - Um professor do Rig-veda.
Kerala - Um país.
Keralas - Um povo.
Kesidhwaja - Filho de Kritadhwaja. Ensina o Yoga a Khandikya.
Kesin - Um demônio, que assumiu a forma de um cavalo. Foi morto por Krishna.
Kesini - Esposa de Visravas. Esposa de Sagara.
Ketu - Filho de Sinhika.
Ketumala - Filho de Agnidhra. Rei de Gandhamadana.
Ketumala - Um Varsha ou 'país'.
Ketumat - Um Lokapala, filho de Rajas, regente do oeste. Filho de Dhanwantari.
Kevala - Um país. Um príncipe.

Khandas - 'Porções' ou divisões de Bharata-varsha. Porções do Padma Purana. Do Skanda.
Khandapani - Um príncipe.
Khandikya - Filho de Amitadhwaja. Ensina para Kesidhwaja a expiação de um pecado.
Khaninetra - Um príncipe.
Khanitra - Um príncipe.
Khasa - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Khasikas - Um povo.
Khasiras - Um povo.
Khasrima - Filho de Viprachitti.
Khatwanga - Um príncipe.
Khetaka - Uma vila.
Khyati - 'Celebridade', filha de Daksha, esposa de Bhrigu. Sinônimo de Mahat.
Kilakila - Uma cidade.
Kimpurusha - Filho de Anidhra. Rei de Hemakuta. Um país ou Varsha.
Kinnara - Um príncipe.
Kinnaras - Músicos e cantores celestes com tronco de homem e cabeça de cavalo, diferentes de Naras, que são centauros; criados dos membros de Brahma. Também chamados de Kimpurushas.
Kiratas - Um povo.
Kirtti - Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Kirttimat - Filho de Angiras. Filho de Uttanapada. Filho de Vasudeva.
Klesa - 'Aflição da alma'.
Kokanakhas - Um povo.
Kokarakas - Um povo.
Konwa - Uma montanha.
Kosa (Koka) **-** Um rio.
Kosalas - Um povo.
Kotavi - Uma deusa.
Kratha - Filho de Viderbha.
Kratu - Um Prajapati. Casa-se com Sannati. Filho de Uru.
Kratusthala - Uma ninfa.
Krauncha - Uma Dwipa. Uma montanha dividida por Kartikeya. Um Asura. Um professor do Rig-veda.
Krauncha - Filha de Kasyapa.
Krikana - Filho de Bhajamana.
Krimi - Filho de Bhajamana. Filho de Usinara.
Krimibhojana - Um inferno.
Krimisa - Um inferno.
Kripa - Filho de Satyadhriti.
Kripi - Filha de Satyadhriti. Esposa de Drona. Um rio.
Krisaswa - Um sábio, casou-se com duas das filhas de Daksha. Seus filhos são armas personificadas. Um rei, filho de Sahadeva. Filho de Sanhataswa.
Krishna - Filho de Vasudeva e Devaki. Um Avatara de Vishnu.
Krishna - Filho de Havirdhana. Um dos príncipes Andhra.
Krishna - Um inferno.
Krishna - Um rio.
Krishna-dwaipayana - Filho de Parasara e Satyavati. O último Vyasa. Autor do Mahabharata. Organizador dos Vedas.
Krishnavena - Um rio.
Krishnaveni - Um rio, o Krishna.
Krita - Primeiro Yuga ou era.
Krita - Filho de Kritaratha. Filho de Sannatimat, compilador de Samhitas dos Vedas.
Kritadhwaja - Filho de Dharmadhwaja.

Kritagni - Um príncipe.
Kritaka - Filho de Vasudeva. Filho de Chyavana.
Kritamala - Um rio.
Kritanjaya - Um Vyasa. Um príncipe.
Kritasmara - Uma montanha.
Kritaratha - Um príncipe.
Kritavarman - Filho de Dhanaka. Filho de Hridika.
Kritavirya - Um príncipe.
Kritaujas - Um príncipe.
Kriti - Filho de Bahulaswa. Filho de Nahusha. Um professor do Sama-veda.
Kritirata - Um príncipe.
Krittika - Uma mansão lunar.
Kritwi - Esposa de Anuha.
Kritya - Um rio.
Kriya - 'Devoção', filha de Daksha, esposa de Dharma. Esposa de Kratu. Um ser mágico.
Krodha - Filho de Brahma. Filho de Mrityu. Filho de Lobha e Nikriti.
Krodhavasa - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Kroshtri - Filho de Yadu.
Kshana - Trinta Kalas. Três Nimeshas.
Kshama - 'Paciência', filha de Daksha, esposa de Pulaha.
Kshatradharman - Um príncipe.
Kshatraujas - Um príncipe.
Kshatravriddha - Filho de Ayus.
Kshatriya - Classe militar e governante, a segunda das quatro classes; produzida do peito, algumas autoridades dizem dos braços, de Brahma.
Kshatropakshatra - Um príncipe.
Kshema - Filho de Dharma.
Kshemadhanwan - Um príncipe.
Kshemadharman - Um príncipe.
Kshemaka - Último da linhagem de Puru.
Kshemari - Um príncipe.
Kshemya - Filho de Ugrayudha. Filho de Suchi.
Kshetrajna - 'Espírito encarnado', uma forma de Vishnu.
Kshudraka - Filho de Prasenajit.
Kubja - Mulher concunda endireitada por Krishna.
Kuchira - Um rio.
Kuhu - Filha de Angiras. Um rio. Último dia da míngua da lua.
Kukkura - Filho de Andhaka.
Kukkuras - Um povo.
Kukkurangaras - Um povo.
Kukshi - Filha de Priyavrata.
Kukuras - Um povo.
Kuladhya (Kusadhya) **-** Um país.
Kulaparvatas - Cadeias de montanhas na Índia central.
Kulatthas - Um povo.
Kulindas - Um povo.
Kulindapatyakas - Um povo.
Kulutas - Um povo.
Kumara - Um Prajapati. Filho do Vasu Agni.
Kumari - Um rio.
Kumarika - Uma divisão de Bharata-varsha.
Kumbhaka - Suspensão da respiração.
Kumbhakarna - Filho de Visravas.
Kumuda - Uma Dwipa menor. Uma montanha.

Kumudadi - Professor do Atharva-veda.
Kumudvati - Um rio.
Kundaka - Filho de Kshudraka.
Kundala - Um rio.
Kundinapur - Capital de Vidarbha.
Kuni - Um príncipe.
Kuntalas - Um povo.
Kunthakas - Um povo.
Kunti - Filho de Dharmanetra. Filho de Kratha.
Kunti (Pritha) **-** Filha de Sara; adotada por Kuntibhoja, e casada com Pandu.
Kuntibhoja - Um rei, pai adotivo de Pritha.
Kuntikas - Um povo.
Kuntis - Um povo.
Kupathas - Um povo.
Kurari - Uma montanha.
Kurma - Um Purana.
Kuru - Filho de Agnidhra. Rei do país entre as montanhas Sweta e Sringavan. Filho de Samvarana.
Kurus - Um povo de Bharata.
Kuruvarnakas - Um povo.
Kuruvatsa - Um príncipe.
Kusa - Grama ou erva 'sacrifical'. Nome de uma Dwipa.
Kusa - Filho de Rama. Rei de Kusasthali. Filho de Valakaswa.
Kusachira - Um rio.
Kusadhara - Um rio.
Kusadhwaja - Rei de Kasi. De Sankasya.
Kusagra - Filho de Vrihadratha.
Kusalas - Um povo.
Kusamba - Um príncipe, filho de Kusa. Fundador de Kausambi.
Kusanabha - Um príncipe.
Kusandas (Kusadhyas) **-** Um povo.
Kusasthali - Uma cidade.Também Dwaraka.
Kusavindus - Um povo.
Kushidi - Professor do Sama-veda.
Kushmandas - Uma classe de divindades.
Kusika - Um príncipe.
Kutaka - Uma montanha.
Kutasaila - Uma montanha.
Kuthumi - Professor do Sama-veda.
Kuttaparantas - Um povo.
Kuvalayaswa - Filho de Vrihadaswa. Um nome de Pratarddana.
Kuvera - Filho de Visravas. Senhor da riqueza, e rei dos Yakshas.

L

Laghu - Uma medida de tempo, quinze Kashthas.
Lajja - 'Modéstia', filha de Daksha, esposa de Dharma.
Lakshmana - Filho de Dasaratha.
Lakshmana - Esposa de Krishna.
Lakshmi - 'Prosperidade', filha de Daksha, esposa de Dharma. Filha de Bhrigu. A esposa e contraparte de Vishnu. Nascida do oceano, e levada por Vishnu.
Lalabhaksha - Um inferno.
Lamba - Filha de Daksha, esposa de Dharma.

Lambodara - Um príncipe.
Langalas - Um povo.
Langali - Professor do Sama-veda.
Langalini - Um rio.
Langlois - Tradutor do Hari-Vansa.
Lanka - Uma ilha.
Lauhitya - Um rio, o Brahmaputra.
Lava - Filho de Rama. Rei de Sravasti.
Lava - Uma medida de tempo, três Vedhas.
Lavana - Um Asura. Um inferno.
Lekhas - Uma classe de divindades.
Lesa - Filho de Suhotra.
Linga - Um Purana.
Lobha - Filho de Brahma. Filho de Dharma. Filho de Adharma; casou-se com Nikriti.
Lohatarini ou Lohacharini **-** Um rio.
Lohitas - Uma classe de divindades.
Lokakshi - Professor do Sama-veda.
Lokaloka - Uma montanha.
Lokapalas - Guadiões dos pontos cardeais.
Lokas - 'Mundos ou 'esferas'.
Lomaharshana - Nome de Suta.

M

Macrobius - Romano do início do século V, que escreveu em seu Comentário Sobre o Sonho de Scipio (Commentarii in Somnium Scipionis) que Deus é o limite externo do universo.
Mada - Filho de Brahma.
Madayanti - Esposa de Saudasa.
Madhava - Um mês.
Madhavas - Uma tribo, os descendentes de Madhu o filho de Vrisha.
Madhu - Um mês.
Madhu - Filho de Karttavirya. Filho de Vrisha. Filho de Devakshatra. Um Asura, morto por Satrughna.
Madhumattas - Um povo.
Madhuvana - Lugar de Mathura.
Madhuvahini - Um rio.
Madhwacharya - Um famoso professor Vaishnava.
Madhyadina - Filho de Kalpa.
Madhyandina - Professor do Yajush branco.
Madira - Esposa de Vasudeva.
Madra - Filho de Sivi.
Madra - Um rio.
Madrabhujingas - Um povo.
Madras - Um povo.
Madreyas - Um povo.
Madri - Esposa de Pandu. Esposa de Krishna.
Magadha - Um país.
Magadha - 'Bardo'.
Magadhas - Um povo.
Magha - Uma mansão lunar.
Magha - Um mês.
Mahabhadra - Um lago.

Mahabharata - Um poema heróico, composto por Vyasa.
Mahabhoja - Filho de Satwata.
Mahadeva - Um Rudra.
Mahadhriti - Um príncipe.
Mahagauri - Um rio.
Mahajwala - Um inferno.
Mahamanas - Um príncipe.
Mahamani - Um príncipe.
Mahamoha - 'Ilusão extrema;' tipo de ignorância.
Mahan - Um Rudra.
Mahanabha - Filho de Hiranyaksha.
Mahanada - Um rio.
Mahanandi - Filho de Nandivarddhana.
Mahanila - Uma serpente.
Mahanta - Filho de Dhimat.
Mahapadma - Uma serpente, filho de Kadru. Um rei, filho de Mahananda.
Mahapaga - Um rio.
Mahapurusha - Nome de Vishnu. 'Espírito supremo'.
Maharashtra - Um país.
Mahar-loka - Céu dos celestiais. Sobrevive a um Pralaya.
Maharoman - Um príncipe.
Mahaswat - Um príncipe.
Mahat - 'Intelecto', primeiro produto de Pradhana. Triplo: origem de Ahankara.
Mahatala - Uma divisão de Patala.
Mahavichi - Um inferno.
Mahavira - Filho de Priyavrata. Filho de Savana.
Mahavira - Uma divisão de Pushkara-dwipa.
Mahavirya - Filho de Vrihaduktha. Filho de Bhavanmanyu.
Mahavishubha - Período equinocial.
Maha-yajnas - Os grandes Sacrifícios, as grandes obrigações, que são cinco: estudo sagrado, oblações para os espíritos dos mortos, oferendas queimadas para os deuses, oferendas para todas as criaturas, hospitalidade.
Mahayuga - Conjunto de quatro eras.
Mahendra - Uma cadeia de montanhas. Uma estrela.
Mahendra - Um rio.
Maheswara - Um nome de Shiva, 'O Grande Senhor'; ele produz Virabhadra, e o envia para perturbar o sacrifício de Daksha.
Maheyas - Um povo.
Mahi - Um rio.
Mahikas (Mahishas) **-** Um povo.
Mahinasa - Um Rudra.
Mahishakas - Um povo.
Mahishmat - Um príncipe da tribo Yadu.
Mahishmati - Uma cidade.
Mahita - Um rio.
Mahodaya - Uma cidade; a mesma que Kanoj.
Mahopama - Um rio.
Mahyuttaras - Um povo.
Mainaka - Filho de Himavat. Uma montanha.
Maitreya - Discípulo de Parasara, para quem o Vishnu Purana é narrado em resposta às perguntas dele. Um Rishi; filho de Kusharava; um dos interlocutores do Bhagavata. Filho de Mitrayu.
Maitreyas - Uma tribo de brâmanes de Mitrayu.
Maitri - 'Amizade', filha de Daksha, esposa de Dharma.
Makandi - Uma cidade.

Makari - Um rio.
Maladas - Um povo.
Malajas - Um povo.
Malas - Um povo.
Malavanas - Um povo.
Malavarttis - Um povo.
Malavas - Um povo.
Malaya - Uma cadeia de montanhas.
Malayas - Um povo.
Malina - Filho de Tansu.
Mallas - Um povo.
Mallarashtra - Um país.
Mallavas - Um povo.
Malyavan - Uma montanha na base de Meru.
Manas - 'Mente', sinônimo de Mahat.
Manasa - Uma forma de Vishnu.
Manasa - Um lago.
Manasottara - Uma montanha.
Manaswini - Esposa de Mrikanda.
Manasyu - Filho de Mahanta. Filho de Pravira.
Manavarjjakas - Um povo.
Mancha - Uma plataforma.
Mandaga - Um rio.
Mandahara - Uma ilha.
Mandakas - Um povo.
Mandakini - Um rio.
Mandavahini - Um rio.
Mandehas - Inimigos do sol.
Mandhatri - Um príncipe, filho de Yuvanaswa.
Mandukeya - Professor do Rig-veda.
Mangala - 'Marte', filho de Sarva.
Mangala-prastha - Uma montanha.
Mani - Uma serpente.
Manidhana - Um rei.
Maninga - Um rio.
Manjula - Um rio.
Manojava - Filho do Rudra Isana, filho do Vasu Anila. Indra do sexto Manwantara.
Manu - Um sábio que preside sobre um Manwantara.
Manu - Um Rudra. Filho de Krisaswa.
Manwantara - Um período igual a setenta e uma vezes o número de anos contidos nos quatro Yugas, com alguns anos adicionais.
Marietta - Filho de Sunda.
Marichi - Um Prajapati; casa-se com Sambhuti.
Marichigarbhas - Uma classe de divindades.
Marisha - Filha de Kandu e Pramlocha; casada com os Prachetasas
Markandeya - Filho de Mrikanda.
Markandeya - Um Purana.
Marshti - Filho de Sarana.
Marshtimat - Filho de Sarana.
Marttikavatas - Príncipes de Mrittikavati.
Mara - Filho de Sighra. Ainda vivo. Filho de Sighraga. Filho de Haryaswa.
Marubhaumas - Um povo.
Marudeva - Um príncipe.
Marut-loka - Céu dos ventos e Vaisyas.

Maruts - 'Ventos', quarenta-nove, os filhos de Diti. Os filhos de Marutwati. Dão Bharadwaja a Bharata.
Marutta - Filho de Avikshit. Filho de Karandhama.
Marutwati - Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Mathura - Uma cidade sagrada, fundada por Satrughna. Conquistada por ele.
Mati - 'Compreensão', sinônimo de Mahat.
Matinara - Filho de Riksha.
Matkuna - Um rio.
Matsya - Professor do Rig-veda.
Matsya - Uma Dwipa menor.
Matsya - Um Purana.
Matsyas - Um povo.
Maudga - Professor do Sama-veda.
Maudgalyas - Uma classe de brâmanes.
Maunas - Uma linhagem de reis.
Mauneyas - Uma tribo de Gandharbas.
Mauryas - Reis de Magadha.
Maya - Um Danava.
Maya - Vontade ativa personificada do Criador. Filha de Adharma. Filha de Anrita.
Mayadevi - A suposta esposa do Asura Sambara; resgatou e se casou com Pradyumna. Antigamente Rati.
Medha - Filho de Priyavrata.
Medha - 'Inteligência', filha de Daksha, esposa de Dharma.
Medhatithi - Filho de Priyavrata. Rei de Plaksha-dwipa. Filho de Kanwa.
Medhavin - Um príncipe.
Meghaswati - Um príncipe.
Mekala - Um Rishi, pai de Narmada.
Mekala - O rio Narmada.
Mekalas - Um povo.
Mena - Filha dos Pitris. Filha de Meru, esposa de Himavat.
Mena - (Sena), um rio.
Menaka - Uma ninfa celeste.
Meru - Esposa de Nabhi.
Meru - Uma Montanha no centro de Jambu-dwipa.
Merubhutas - Um povo.
Meru-mandara - Uma montanha, ao sul de Meru.
Meru-savarnis - O nono até o décimo segundo Manu.
Mimansa - 'Teologia'.
Minaratha - Um príncipe.
Misrakesi - Uma ninfa.
Mithi - Um príncipe, filho de Nimi. Pai de Janaka.
Mithila - Um país.
Mitra - Um Aditya. Preside sobre os órgãos de excreção. Filho de Vasishtha.
Mitrasaha - Filho de Sudasa, um príncipe.
Mitravrinda - Esposa de Krishna.
Mitrayu - Professor dos Puranas. Filho de Divodasa.
Mlechchas - Párias. Kshatriyas degradados. Os povos do oeste e sul da Índia. Súditos de Turvasu. Povos do norte.
Moha - 'Estupefação', uma propriedade de objetos sensíveis. Um tipo de ignorância.
Moha - Filho de Brahma.
Mot - Deus fenício.
Mrigavithi - Uma divisão das mansões lunares.
Mridu - Um príncipe.
Mridura - Um príncipe.
Mrigasiras - Uma mansão lunar.

Mrigavyadha - Um Rudra.
Mrikanda - Filho de Vidhatri e Niryati.
Mrittikavati - Uma cidade.
Mrityu - 'Morte', filho de Brahma. Filho de Bhaya. Filho de Kali. Um Rudra. Um Vyasa.
Muchukunda - Filho de Mandhatri; destrói Kalayavana.
Muda - Filho de Dharma.
Mudgala - Professor do Rig-veda. Um príncipe, filho de Haryaswa.
Muhita - Um rio.
Muhurtta - Uma medida de tempo, trinta Kalas. Doze Kshanas; trinta Kalas e um-décimo; dois Narikas.
Muhurtta - Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Muka - Filho de Upasunda.
Mukhyas - Uma classe de divindades.
Muktimati - Um rio.
Mukunda - Uma montanha.
Mula - Uma mansão lunar.
Mulaka - Um príncipe; também Narikavacha.
Mundas - Uma linhagem de reis.
Muni - Qualquer sábio.
Muni - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Munjakesa - Professor do Atharva-veda.
Mura - Um demônio, morto por Krishna.
Murtti - 'Forma', filha de Daksha, esposa de Dharma.
Murundas - Uma linhagem de reis.
Musala - 'Uma clava', nascida de Samba para a destruição dos Yadavas.
Mushakas - Um povo.
Mushikas - Um povo.
Mushtika - Campeão de luta, morto por Balarama.

N

Nabha - Filho de Viprachitti.
Nabhaga - Filho de Vaivaswata.
Nabhaga - Filho de Nedishta, torna-se um Vaisya. Filho de Nabhaga. Filho de Sruta. Filho de Yayati.
Nabhaganedishta - Filho de Vaivaswata.
Nabhas - Um mês.
Nabhas - Filho de Nala.
Nabhaswati - Esposa de Antardhana.
Nabhasya - Um mês.
Nabhi - Filho de Agnidhra. Rei de Hima.
Naga - Uma cadeia de montanhas no norte de Meru.
Naga - Uma serpente, filho de Kadru.
Naga-dwipa - Uma divisão de Bharata-varsha.
Nagara - Uma cidade.
Nagas - 'Deuses-cobra', filhos de Kadru. Atormentados pelos Gandharbas.
Nagas - Reis de Padmavati.
Nagavithi - Filha de Yami.
Nagavithi - Divisão das mansões lunares.
Nagna - Um asceta nu.
Nagnas - Apóstatas. Jainas, etc.
Nagnajiti - Esposa de Krishna.
Nahusha - Filho de Ambarisha. Filho de Ayus.

Nahusha - Uma serpente.
Naigama - Professor do Rig-veda.
Naigameya - Filho de Kumara.
Naikaprishthas - Um povo.
Nairritas - Um povo.
Naishadha - Um reino.
Nakshatra-yoginis - Estrelas das vinte e sete mansões lunares; filhas de Daksha; esposas de Chandra.
Nakta - Filho de Prithu.
Nakula - Filho de Pandu.
Nala - Um príncipe, filho de Nishadha. Filho de Yadu.
Nala - Um rio.
Nalakanakas - Um povo.
Nalini - Um rio.
Namuchi - Filho de Viprachitti.
Nanda - Chefe dos vaqueiros, deixa Mathura. Vai para Vrindavana. Filho de Vasudeva. Filho de Mahananda.
Nandana - Bosque de Indra.
Nandas - Uma dinastia de reis.
Nandayaniya - Professor do Rig-veda.
Nandi - 'Deleite', esposa de Kama.
Nandimukhas - Uma classe de Pitris.
Nandivardhana - Filho de Udavasu. Filho de Janaka. Filho de Udayaswa.
Nara - Um sábio, filho de Dharma. Filho de Gaya. Filho de Sudhriti. Filho de Bhavanmanyu.
Nara - 'Águas', primeiro produto de Nara.
Narada - Um Prajapati, ou Rishi celeste, nascido do quadril de Brahma. Dissuade os filhos de Daksha de multiplicarem as linhagens deles. Amaldiçoado por Daksha.
Narada - Um Purana.
Naradiya - Um Purana.
Naraka - 'Inferno'.
Naraka - Filho de Anrita. Filho de Viprachitti. Filho da Terra; um tirano, morto por Krishna.
Narakas - 'Infernos' debaixo da terra.
Naras - 'Centauros', criados por Brahma.
Narayana - Um nome de Vishnu. Um sábio, filho de Dharma. Um príncipe.
Narishyanta - Filho de Vaivaswata. Filho de Marutta.
Narika - Quinze Laghus.
Narikavacha - Um príncipe.
Narmada - Um rio, irmã dos Nagas. Mãe de Trasadasyu.
Navala - Filha de Vairaja, esposa de Chakshusha Manu.
Navaratha - Um príncipe.
Naya - Filho de Dharma.
Nedishta - Filho de Vaivaswata.
Nichakra - Um príncipe, que quando Hastinapura é levada pelo Ganges, remove a capital para Kausambi.
Nichita - Um rio.
Nidagha - Pupilo de Ribhu.
Nidra - 'Sono', uma forma de Brahma. Produzido do oceano.
Nighna - Filho de Anamitra.
Nikriti - Filha de Adharma.
Nikumbha - Um príncipe.
Nila - Uma cadeia de montanhas. Montanhas em Orissa.
Nila - Filho de Yadu. Filho de Ajamidha.
Nilalohita - Um nome de Rudra.

Nilini - Esposa de Ajamidha.
Nimesha - Medida de tempo. Três Lavas.
Nimi - Filho de Ikshwaku. Amaldiçoado por Vasishtha. Colocado nas pálpebras dos homens. Filho de Bhajamana.
Nipa - Filho de Para.
Niramitra - Filho de Nakula. Filho de Khandapani. Filho de Ayutayus.
Nirmanaratis - Uma classe de divindades.
Nirrita - Um Rudra.
Nirukta - Ou 'Explicação,' é o nome de um dos seis Vedangas que explicam difíceis obras védicas.
Niruktakrit - Autor de um glossário do Rig-veda.
Nirvindhya - Um rio.
Nirvriti - Um príncipe.
Nisatha - Filho de Balarama.
Nischara - Um Rishi.
Nischira - Um rio.
Nischita - Um rio.
Nishida - Um bárbaro.
Nishadas - Bárbaros.
Nishadha - Uma cadeia de montanhas.
Nishadha - Um príncipe.
Nishadha - Um rio.
Nishadhas - Um povo.
Nisitha - Filho de Kalpa.
Nisunda - Filho de Hlada.
Nitala - Uma divisão de Patala.
Nivara - Um rio.
Nivata-kavachas - Uma classe de Danavas.
Niyama - Deveres ou obrigações; o segundo estágio do Yoga, sendo autocontrole, do qual cinco tipos são especificados: pureza, contentamento, devoção, estudo dos Vedas e adoração do Supremo.
Niyama - Filho de Dharma.
Niyati - Esposa de Vidhatri. Filha de Meru.
Niyut - Esposa de Mahan.
Nrichakshu - Um príncipe.
Nriga - Filho de Vaivaswata; transformado em um lagarto.
Nripanjaya - Filho de Suvira. Filho de Medhavin.
Nri-yajna - 'Hospitalidade'.
Nyagrodha - Filho de Ugrasena.
Nyaya - 'Lógica'.

O

Odra - Um país.
Oghavati - Um rio.
Om - Sílaba mística e iniciatória; o monossilábico Brahma; um símbolo dos três mundos, de Brahma, dos Vedas. Símbolo de Vasudeva.
Oshtha-karnakas - Um povo.
Oxydracae - O povo Sudra.

P

Padma - Kalpa, ou dia de Brahma 'passado'.
Padma - Um Purana.
Padmavati - Uma cidade.
Pahlavas - Um povo.
Pahnavas - Um povo. Conquistado por Sagara.
Paila - Aluno de Vyasa. O compilador do Rig-veda.
Pakayajna - Tipo de sacrifício.
Paksha - Uma quinzena.
Palaka - Filho de Pradyota.
Palasini - Um rio.
Palin - Filho de Prithu.
Palita - Um príncipe. Governante de Videha.
Pampa - Um rio.
Panchadasa - Hinos, criados da boca de Brahma.
Panchajana - Um demônio, morto por Krishna.
Panchajanya - Uma ilha.
Panchala - Um país.
Pancha-lakshana - Um epíteto aplicado aos Puranas, significando 'aquele que tem cinco tópicos característicos.'
Panchalas - Um povo. Filhos de Haryyaswa.
Panchami - Um rio.
Pandara - Uma montanha.
Pandu - Filho de Dhatri e Ayati, casado com Pundarika. Filho de Vyasa. Casado com Pritha.
Pannagari - Professor do Rig-veda.
Pansurashtras - Um povo.
Papai - Um inferno.
Papahara - Um rio.
Para - Filho de Anga. Filho de Prithusena. Filho de Samara.
Para - Um rio.
Para - Supremo, infinito; a margem ou limite mais distante.
Paradas - Um povo. Conquistado por Sagara.
Paramanu - Uma medida de tempo; dois iguais a um Anu.
Param - A duração da vida de Brahma.
Paramatma - Nome de Vishnu.
Parameshthin - Filho de Indradyumna. Filho de Anu.
Parantas - Um povo.
Pararddham - A metade da vida de Brahma.
Paras - Uma classe de divindades.
Parasancharakas - Um povo.
Parasara - Neto de Vasishtha. Filho de Sakti ou Saktri. Executa um sacrifício para destruir os Rakshasas, e é parado por seu avô. Pulastya lhe ensina o Vishnu Purana. Ele o narra para Maitreya. Um dos Vyasas. Professor de um ramo do Rig-veda. Professor do Sama-veda.
Parasikas - O povo de Pars, ou persas.
Parasurama - Filho de Jamadagni, decapita sua mãe; mata os Kshatriyas; dá a terra aos brâmanes; retira-se para a montanha Mahendra.
Paratakas - Um povo.
Paratanganas - Um povo.
Paravatas - Uma classe de divindades.
Paravrit - Um príncipe.
Parijata - Árvore, produzida do oceano; levada do céu por Krishna; devolvida para lá.

Parikshit - Filho de Kuru. Filho de Abhimanyu; feito rei; o Bhagavata é narrado para ele.
Parinamin - Um nome de Pradhana.
Paripatra - Uma cadeia de montanhas; parte norte da cordilheira Vindhya.
Paripatra - Um príncipe.
Pariplava - Um príncipe.
Pariyatra - Uma cadeia de montanhas, a oeste de Meru; a mesma que Paripatra.
Parivatsara - 'Ano cíclico'.
Parjanya - Rei das nuvens.
Parjanya - Esposa de Marichi.
Parna - Professor do Yajush branco.
Parvana Sraddhas - Adoração de progenitores em períodos lunares, etc.
Parvas - Períodos de impureza.
Parvasa - Filho de Paurnamasa.
Parvasi - Esposa de Parvasa.
Parvatiyas - Montanheses.
Pasivatas - Um povo.
Pasupati - Um Rudra.
Pasuyajna - 'Sacrifício animal'.
Patala - Regiões debaixo da terra. Nome de uma divisão delas.
Patala - Um sol.
Patalavati - Um rio.
Pataliputra - Capital de Magadha.
Patanga - Uma montanha. Um sol.
Pathya - Professor do Sama-veda.
Pattis - Um povo.
Patumat - Um príncipe.
Patumitra - Um rei.
Paulomi - Esposa de Bhrigu.
Paulomas - Uma classe de Danavas.
Paundraka - Um Vasudeva, que assumiu o título e insignia de Krishna; é morto por ele.
Paundras - Um povo.
Pauras - Uma linhagem de reis.
Pauravas - Descendentes de Puru.
Pauravi - Esposa de Vasudeva.
Paurnamasa - Filho de Marichi e Sambhuti.
Paurnamasi - Dia de lua cheia.
Pausha - Um mês.
Paushyinji (Paushpinji) **-** Professor do Sama-veda.
Pavaka - Filho de Agni. Filho de Antardhana. Chefe dos Vasus.
Pavamana - Filho de Agni. Filho de Antardhana.
Pavani - Um rio.
Pavitra - Um rio.
Pavitras - Uma classe de divindades.
Payoshni - Um rio. Payin Ganga.
Phalguna - Um mês.
Pichchhala - Um rio.
Pindaraka - Um tirtha.
Pindas - Bolos de comida, oferecidos em Sraddhas.
Pingala - Um Rudra.
Pinjala - Um rio.
Pipal (árvore) **-** Ficus religiosa, é dito a que se encontra montanha Vipula, a oeste de Meru, estende-se por onze centenas de yojanas.
Pippala - Parte de Jambu-dwipa.

Pippalada - Professor do Atharva-veda.
Pisacha - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Pisachas - Espíritos maus ou demônios, nascidos de Brahma. Filhos de Pisacha.
Pisachika - Um rio.
Pitha Sthanas - 'Cinquenta e um lugares', onde Devi é adorada.
Pitri-loka - Céu dos Pitris e brâmanes.
Pitris - Progenitores, nascidos do lado de Brahma; eles também são chamados de filhos de Angiras. Os espíritos dos mortos.
Pitriyajna - 'Ritos fúnebres'.
Pivari - Esposa de Vedasiras.
Piyadasi - Um rei, identificado com Asoka.
Plaksha - Uma Dwipa.
Poley (Ludwig) **-** Traduziu os Upanishads.
Prabha - Filha de Swarbhanu. Esposa de Namuchi, mãe de Nahusha. Esposa do sol. Esposa de Kalpa.
Prabhakara - Um Rishi.
Prabhasa - Um Vasu.
Prabhasa - Um lugar de peregrinação.
Prabhata - Filho do sol.
Prachetas - Uma divindade, preside sobre a língua.
Prachetas - Príncipe da linhagem de Druyu.
Prachetasas - Dez filhos de Prachinavarhish.
Prachinavarhish - Filho de Havirdhana.
Prachinvat - Filho de Janamejaya.
Prachyas - Um povo.
Pradarsanas - Uma classe de divindades.
Pradhana - 'Matéria primordial', uma forma de Vishnu. Equilíbrio das três qualidades. O mesmo que Prakriti.
Pradyota - Um príncipe.
Pradhanatma - Nome de Vishnu.
Pradosha - Filho de Kalpa.
Pradyumna - Filho de Krishna e Rukmini. Levado por Sambara. Criado por Mayadevi. Mata Sambara.
Prahlada - Filho de Hiranyakasipu; devoto de Vishnu; perseguido por seu pai.
Prahladas - Um povo.
Prajani - Um príncipe.
Prajapati - Um Vyasa.
Prajapatis - Filhos nascidos-da-mente de Brahma; nascidos de partes do corpo de Brahma; dos fogos de um sacrifício; filhos (vinte e um) de Daksha, casados com as filhas de Daksha.
Prajapati-yajna - 'Gerar descendência'.
Prajna - Sinônimo de Mahat.
Prakrita - 'Criação primária'. 'Dissolução elementar'.
Prakriti - Veja Pradhana.
Pralaya - 'Dissolução', de quatro tipos: ocasional, elementar, absoluta e perpétua.
Pramlocha - Uma ninfa; morou muito tempo com Kandu. Uma ninfa divina.
Pramoda - Filho de Brahma.
Prana - Uma medida de tempo.
Prana - Filho de Dhatri e Ayati. Um Rishi.
Pranayama - 'Supressão da respiração', etc.
Pransu - Filho de Vaivaswata. Filho de Vatsapri.
Prapti - Esposa de Kansa.
Prasada - Filho de Dharma.
Prasena - Filho de Nighna; morto por um leão.
Prasenajit - Filho de Krisaswa. Filho de Ratula.

Prasraya - Filho de Dharma.
Prastara - Filho de Udgitha.
Prastutas - Uma classe de divindades.
Prasuhmas - Um povo.
Prasusruka - Um príncipe.
Prasuti - Filha de Swayambhuva Manu; casada com Daksha.
Pratah - Filho de Kalpa.
Pratarddana - Filho de Divodasa.
Pratibandhaka - Um príncipe.
Pratibimba - 'Reflexão', uma forma de Brahma.
Pratihara - Filho de Parameshthin.
Pratihartta - Filho de Pratihara.
Pratikshatra - Filho de Kshatravriddha. Filho de Samin.
Pratimasyas (Pratimatsyas) **-** Um povo.
Pratipa - Filho de Dilipa.
Pratisarga - 'Criação secundária'.
Pratishthana - Capital de Sudyumna.
Prativaha - Filho de Swaphalka.
Prativindhya - Filho de Yudhishthira.
Prativyoman - Um príncipe.
Pratyahara - 'Controle dos sentidos'.
Pratyaya - Uma criação secundária.
Pratyusha - Um Vasu.
Prava - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Pravaha - Um vento.
Pravara - Um rio.
Pravilasena - Um príncipe.
Pravira - Filho de Prachinvat. Filho de Puru. Filho de Haryaswa.
Pravrisheyas - Um povo.
Prayaschitta - 'Expiação', criada da boca leste de Brahma.
Prekshagara - Um tipo de teatro.
Prinsep, James - Estudioso inglês, secretário da Sociedade Asiática de Bengala, que publicou o Mahabharata. Decifrou inscrições e moedas.
Prishadaswa - Um príncipe. Filho de Anaranya.
Prishadhra - Filho de Vaivaswata; torna-se um Sudra.
Prishata - Filho de Somaka.
Prishtaja - Filho de Kumara.
Prisni - Filho de Anamitra.
Pritha - Filha de Sura, esposa de Pandu.
Prithivi - 'Terra', o elemento, produzido do rudimento do olfato.
Prithivi - 'Terra' personificada; dialoga com Varaha. Assume a forma de uma vaca por medo de Prithu. Nomeada por causa dele. Ordenhada por todos os seres.
Prithu - Filho de Vena. Conquista a terra. Filho de Prastara. Filho de Anenas. Filho de Samara. Filho de Chitraka.
Prithudana - Filho de Sasavindu.
Prithugas - Uma classe de divindades.
Prithujaya - Filho de Sasavindu.
Prithukarman - Filho de Sasavindu.
Prithukirtti - Filho de Sasavindu.
Prithulaksha - Um príncipe.
Prithurukman - Um príncipe.
Prithusena - Um príncipe.
Prithusravas - Filho de Sasavindu.
Prithuyasas - Filho de Sasavindu.
Priti - 'Afeição', filha de Daksha, esposa de Pulastya.

Priyavrata - Filho do Swayambhuva Manu.
Proshakas - Um povo.
Proshtas - Um povo.
Ptolomeu Euergetes - Rei da dinastia ptolomaica no Egito.
Pulaha - Um Prajapati; casa-se com Kshama.
Pulastya - Filho de Brahma, aparece para Parasara. Um dos Prajapatis. Casa-se com Priti.
Pulimat - Um príncipe.
Pulindaka - Um príncipe.
Pulindas - Bárbaros.
Puloma - Filha de Vaiswanara, esposa de Kasyapa.
Puloman - Um Danava, filho de Kasyapa. Filho de Viprachitti, pai de Sachi.
Pulomarchish - Último príncipe Andhra.
Puman - 'Espírito'. 'Espírito incorporado'.
Punarvasu - Uma mansão lunar.
Punarvasu - Um chefe Yadava.
Pundarika - Uma serpente. Um príncipe, filho de Nabhas.
Pundarika - Esposa de Prana ou Pandu. Filha de Vasishtha.
Pundarikaksha - Um nome de Vishnu. 'Tendo olhos como um loto'.
Pundra - Filho de Bali.
Pundra - Uma cidade lendária.
Pundras - Um povo.
Punya - Filha de Kratu.
Punya - Um rio.
Punyajanas - Uma classe de demônios, que destruíram Kusasthali.
Pur - Sinônimo de Mahat.
Puraka - 'Inspiração'.
Puramalini - Um rio.
Puranas - "Dos tempos antigos." Textos religiosos, notavelmente consistindo em narrativas da história do universo da criação à destruição, genealogias de reis, heróis, sábios e semideuses, e descrições da cosmologia, filosofia, e geografia hindus.
Purandara - Indra do sétimo Manwantara.
Puranjaya - Filho de Vikukshi; ajuda os deuses; também chamado de Kakutstha. Filho de Srinjaya. Filho de Vindhyasakti.
Puravati - Um rio.
Purnasa (Parnasa) **-** Um rio.
Purnotsanga - Um príncipe.
Puru - Filho de Chakshusha. Filho de Yayati. Rei da terra.
Puruhotra - Um príncipe.
Purujanu - Um príncipe.
Purukutsa - Um rei para quem o Vishnu Purana foi narrado. Filho de Mandhatri. Ajuda os Nagas, por súplica de Narmada.
Purumidha - Filho de Hastin.
Pururavas - Filho de Budha; apaixona-se por Urvasi; torna o fogo triplo.
Purusha - 'Espírito', uma forma de Vishnu. Nome de Mahat.
Purushottama - 'Espírito supremo', um nome de Vishnu.
Purva-bhadrapada - Uma mansão lunar.
Purvabhirama - Um rio.
Purvachitti - Uma ninfa celeste.
Purvaja - Nome de Vishnu.
Purvashadha - Uma mansão lunar.
Purva-phalguni - Uma mansão lunar.
Pushan - Um Aditya.
Pushkara - Filho de Bharata. Rei de Pushkaravati.
Pushkara - Uma Dwipa.

Pushkaravarttakas - Uma classe de nuvens.
Pushkarin - Um príncipe.
Pushkarini - Filha de Anaranya.
Pushpadanshtra - Uma serpente.
Pushpajati - Um rio.
Pushpamitra - Primeiro príncipe Sunga. Rei de Mekala.
Pushpavat - Um príncipe.
Pushpaveni - Um rio.
Pushti - 'Prosperidade', filha de Daksha, esposa de Dharma. Filha de Paurnamasa.
Pushya - Um príncipe.
Pushya - Uma mansão lunar.
Putana - Filha de Bali. Um Asura feminino, morto por Krishna.
Putisrinjayas - Um povo.
Putra - Filho de Priyavrata; adota uma vida religiosa.
Puyavaha - Um inferno.

R

Raga - 'Amor'.
Raghu - Um príncipe, filho de Dirghabahu. Filho de Kakutstha. Filho de Yadu.
Rahasya - Um rio.
Rahu - Um Danava, que obtém uma porção do Amrita; é decapitado por Vishnu; torna-se uma constelação; causa eclipses. Filho de Viprachitti, e Simhika. Rei dos meteoros.
Rahula - Filho de Sakya.
Raibhya - Filho de Sumati.
Raivata - Filho de Priyavrata. O quinto Manu. Um Rudra. Um príncipe, filho de Revata, visita Brahma; dá sua filha a Balarama.
Raivata - Uma montanha.
Raja - Filho de Viraja.
Raja - ‘Líder’; um príncipe; chefe ou governante na Índia.
Rajadhidevi - Filha de Sura. Esposa de Jayasena.
Rajani - Um rio.
Rajarshis - 'Sábios reais'.
Rajas - Qualidade de impureza, paixão, atividade.
Rajas - Filho de Vasishtha.
Rajyavarddhana - Um príncipe.
Rajavat - Filho de Dyutimat.
Raji - Filho de Ayus.
Rajni - Esposa de Vivaswat.
Raka - Filha de Angiras.
Raka - Dia quando a lua está redonda.
Raksha (Rakhi) **-** Um amuleto.
Rakshas - Filho de Khasa, pai dos Rakshasas.
Rakshasas - Descendentes de Pulastya; procedem de Brahma. Os filhos de Surasa. De Khasa.
Rama - Filho de Dasaratha.
Ramachandra - Um príncipe.
Ramagiri (Ramtek) **-** Uma montanha.
Ramanas (Ramathas) **-** Um povo.
Ramanaka - Uma ilha.
Ramanuja - Um célebre professor Vaishnava do século XII.
Ramas - Um povo.
Ramayana - Um poema heróico.

Rambha - Filho de Ayus.
Rambha - Uma ninfa.
Rammohun Roy - Reformador indiano, fez traduções de alguns dos Upanishads.
Ramya - Filho de Agnidhra. Rei do país entre monte Meru e monte Nila.
Ramyaka - Um país.
Rananjaya - Um príncipe.
Ranastambha - Um país.
Rantideva - Filho de Sankriti.
Rantinara - Filho de Riteyu.
Rasa - Dança de Krishna e as Gopis.
Rasaloma - Esposa de Mahinasa.
Rasatala - Uma divisão de Patala.
Rasayana - Um ramo de farmácia.
Rasollasa - Uma propriedade original do homem.
Rashtrapala - Filho de Ugrasena.
Rashtrapala - Filha de Ugrasena.
Rathachitra - Um rio.
Rathakrit - Um Yaksha.
Rathantara - Professor do Rig-veda.
Rathantara - Parte do Sama-veda, criada da boca leste de Brahma.
Rathinara - Um príncipe.
Ratnagarbha - Comentador sobre o Vishnu Purana.
Ratri - 'Noite', uma forma de Brahma.
Ratula - Filho de Suddhodana.
Rauchya - O décimo terceiro Manu. Filho de Ruchi. Nono Manu.
Raudraswa - Filho de Ahamyati. Filho de Puru.
Raurava - Um inferno.
Ravana - Filho de Visravas. Capturado por Karttavirya. Morto por Rama.
Raya - Filho de Pururavas.
Rayananiya - Professor do Sama-veda.
Rechaka - 'Expiração'.
Renuka - Esposa de Jamadagni; mãe de Parasurama.
Revanta - Filho de Vivaswat com Chhaya.
Revata - Filho de Anartta.
Revati - Filha de Raivata, esposa de Balarama.
Revati - Uma mansão lunar.
Ribhu - Filho de Rudra. Filho de Brahma.
Ribhus - Uma classe de divindades.
Rich - Veja Rig-veda.
Richa - Um príncipe.
Richas - Hinos do Rig-veda.
Richas - Filhos de Angiras.
Richeyu - Filho de Raudraswa.
Richika - Filho de Bhrigu, casa-se com Satyavati.
Rig (Rich) Veda **-** Criado da boca leste de Brahma. Ensinado por Vyasa. Por Paila.
Rijudasa - Filho de Vasudeva.
Riksha - Um Vyasa. Um príncipe, filho de Ajamidha. Filho de Akrodhana.
Riksha - Uma cadeia de montanhas. Em Gondwana.
Rina - Um Vyasa.
Ripu - Filho de Dhruva.
Ripunjaya - Filho de Dhruva. Filho de Viswajit. Rishabha, um rei, filho de Nabhi; adota uma vida religiosa; primeiro Tirthakara ou professor de doutrinas Jainas. Um Rishi, filho de Angiras. Um príncipe, filho de Kusagra.
Rishabha - Uma montanha.
Rishis - Grandes Sábios, sete, os mesmos que os Prajapatis. Acompanhantes do sol.

Rishis - Uma constelação, a Ursa Maior.
Rishika - Um rio.
Rishikas - Um povo.
Rishikulya - Um rio; o Rasikulia.
Rishyamuka - Uma montanha.
Rita - 'Verdade', filho de Dharma. Filho de Vijaya.
Ritadhaman - Décimo terceiro Manu.
Ritadhwaja - Um Rudra. Um nome de Pratarddana.
Riteyu - Filho de Raudraswa.
Ritu - Décimo segundo Manu.
Ritudhaman - Indra do décimo segundo Manwantara.
Ritujit - Um príncipe.
Rituparna - Um príncipe.
Rochana - Esposa de Vasudeva.
Rodha - Um inferno.
Rohi - Um rio.
Rohini - Filha de Surabhi, mãe do gado. Esposa de Mahadeva, um Rudra. Esposa de Vasudeva. Esposa de Krishna.
Rohini - Uma mansão lunar.
Rohita - Nono Manu.
Rohita - Também Rohitaswa.
Rohitaswa - Filho de Harischandra.
Romaharshana - Um nome de Suta, autor de um Samhita dos Puranas. Narrador dos Puranas.
Romanas - Um povo.
Romapada - Filho de Viderbha. Filho de Chitraratha.
Rosen - Estudioso que traduziu uma coleção de preces do Rig-veda.
Ruchaka - Uma montanha.
Ruchi - Um Prajapati. Casou-se com Akuti.
Ruchira - Um rio.
Ruchiradhi - Um príncipe.
Ruchiraswa - Um príncipe.
Rudhirandha - Um inferno.
Rudra - Um agente na criação, nascido da testa de Brahma; torna-se andrógino; dividido em onze formas masculinas, e onze formas femininas.
Rudra - Esposa de Vasudeva.
Rudrakali - Uma forma de Uma.
Rudra-loka - O céu acima de Brahma-loka.
Rudrani - Esposa de um Rudra.
Rudras - Onze, machos e fêmeas. Onze, filhos de Kasyapa e Surabhi; de Bhuta e Sarupa; de Brahma e Surabhi. Os filhos de Surabhi.
Rudra-savarni - Décimo segundo Manu. Filho de Rudra.
Rukmakavacha - Um príncipe Yadava.
Rukmeshu - Um príncipe.
Rukmin - Filho de Bhishmaka, funda Bhojakata; morto por Balarama.
Rukmini - Filha de Bhishmaka, levada por Krishna; mãe de Pradyumna; queima com o corpo de Krishna.
Rupa - Um rio.
Rupavahikas - Um povo.
Ruruka - Um príncipe.
Rushadru - Um príncipe.

S

Sabhanara - Filho de Anu.
Sacae - Veja Sakas.
Sadacharas - 'Observâncias fixas'.
Sadakanta - Um rio.
Sadanira - Um rio.
Sadaswa - Filho de Samara.
Sadhus - 'Homens religiosos'.
Sadhya - Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Sadhyas - Uma classe de deuses, filhos de Sadhya. Deuses do período atual.
Sadwati - Esposa de Agni. Filha de Pulastya.
Sagara - Filho de Bahu, subjuga as tribos bárbaras; impõe símbolos distintivos sobre elas; os filhos dele são destruídos.
Sagara - Leito do oceano cavado pelos filhos de Sagara.
Sahadeva - Filho de Srinjaya. Filho de Harshavardhana. Filho de Pandu. Filho de Sudasa. Filho de Jarasandha. Filho de Divakara.
Sahadeva - Filha de Devaka.
Sahajanya - Uma ninfa celeste.
Sahanji - Um príncipe.
Saharaksha - Filho de Pavamana.
Sahas - Um mês.
Sahasrabala - Um príncipe.
Sahasrajit - Filho de Yadu. Filho de Bhajamana.
Sahasraswa - Um príncipe.
Sahasya - Um mês.
Sahishnu - Filho de Pulaha. Filho de Vanakapivat.
Sahya - Uma cadeia de montanhas. Parte norte dos ghats ocidentais.
Saulkayani - Professor do Atharva-veda.
Saindhavas - Um povo. Uma escola de brâmanes.
Saindhavayana - Professor do Atharva-veda.
Saineyas - Filhos de Sini, um ramo dos Yadavas.
Sainyas - Descendentes de Sini.
Sainhikeyas - Filhos de Simhika, uma classe de Danavas.
Saisikatas - Um povo.
Saisiri - Professor do Yajush branco.
Saisireya - Professor do Rig-veda.
Saisunaga - Uma dinastia.
Saiva - Um Purana
Saivalas - Um povo.
Saivya - Um rio.
Saivya - Esposa de Satadhanu. Esposa de Jyamagha.
Saka - Uma Dwipa.
Sakalya - Professor do Rig-veda.
Sakapurni - Autor de um Nirukta. O mesmo que Rathantara.
Sakas - Um povo, conquistado por Sagara. Os reis da tribo deles.
Sakha - Filho de Kumara.
Sakra - Nome de Indra. Um Aditya.
Sakridgrahas - Um povo.
Sakti - Pai de Parasara, morto por Kalmashapada transformado em um Rakshasa. Um dos Vyasas.
Sakti - 'Energia', de três tipos.
Saktis - Formas femininas de Rudra, brancas e pretas.
Saktri - Filho de Vasishtha. Veja Sakti.
Sakuni - Filho de Hiranyaksha. Filho de Dasaratha.

Sakuni - Filha de Bali.
Sakya - Filho de Sanjaya. Filho de Suddhodana; professor dos budistas.
Sala - Filho de Bahlika.
Salagrama - Lugar de peregrinação.
Salaka - Uma ramo da cirurgia.
Salavanaka - Um povo.
Saligotra - Professor do Sama-veda.
Salin - Professor do Yajush branco.
Salisuka - Um príncipe.
Saliya - Professor do Rig-veda.
Salmali (ou Salmala) **-** Uma Dwipa.
Salwas - Um povo.
Salwasenis - Um povo.
Salya - Um ramo da cirurgia.
Salya - Filho de Viprachitti.
Samadhi - 'Fim da meditação'.
Saman - Veja Sama-veda.
Samangas - Um povo.
Samanodakas - Pessoas que são aparentadas ou relacionadas apenas por oferecimentos de água.
Samara - Filho de Nipa.
Sama-veda - Criado da boca de Brahma. Ensinado por Vyasa.
Samavegavasas - Um povo.
Samba - Filho de Krishna, feito prisioneiro pelos Kurus, recuperado por Balarama; amaldiçoado pelos Rishis.
Sambara - Um demônio que rouba Pradyumna, e é morto por ele.
Sambhala - Local de nascimento de Kalki.
Sambhu - Um Rudra.
Sambhu - Esposa de Dhruva.
Sambhuta - Um príncipe.
Sambhuti - Um príncipe.
Sambhuti - 'Aptidão', filha de Daksha, esposa de Marichi.
Samhitas - Coleções da mantras ou hinos.
Samhlada - Filho de Hiranyakasipu.
Samika - Filho de Sura.
Samin - Filho de Sura.
Samiras - Um povo.
Sampadvasu - Um raio solar.
Sampara - Filho de Samara.
Samparayana - Professor do Yajush branco.
Sampati - Filho de Syeni.
Samrat - O Manu de um período.
Samrat - Filha de Priyavrata.
Samudra - Rei dos rios.
Samudri - Filha de Samudra, esposa de Prachinavarhish.
Samvara - Um Daitya e mágico. Filho de Danu.
Samvarana - Filho de Riksha.
Samvatsara - Primeiro ano de um ciclo. Senhor das estações.
Samvit - Sinônimo de Mahat.
Samya - Uma propriedade original do homem.
Samyati - Filho de Bahugava, filho de Prachinvat.
Samyoga - 'União de contiguidade'.
Sanaischara - Filho de Rudra. Filho do sol. 'Saturno'.
Sanaka - Filho de Rudra.
Sananda - Filho de Rudra.

Sanatana - Filho de Rudra.
Sanatkumara - Filho de Rudra.
Sandansa - Um inferno.
Sandhya - 'Crepúsculo', uma forma de Brahma. Período que precede um Yuga.
Sandhya - 'Crepúsculo'. 'Amanhecer'. 'Manhã e noite'.
Sandipani - Tutor de Krishna e Balarama.
Sandhyansa - Período que sucede um Yuga.
Sandrocottus - Ver Chandragupta.
Sangramajit - Filho de Krishna.
Sanhataswa - Um príncipe.
Sani - Filho de Atri. (Sanaischara), filho do sol.
Saniyas - Um povo.
Sanjaya - Filho de Suparswa. Filho de Pratikshatra. Filho de Rananjaya.
Sanjna - Filha de Viswakarman, esposa do sol.
Sankalpa - Um Prajapati.
Sankalpa - Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Sankara - Um príncipe.
Sankara - Um nome de Shiva. Um Danava.
Sankara (Acharya) **-** Metafísico e monge errante indiano. Foi o principal formulador doutrinal da Vedanta Advaita, ou Vedanta não-dualista.
Sankarshana - Nome de Balarama.
Sankasya - Um reino.
Sankha - Filho de Kadru.
Sankha - Uma Dwipa secundária.
Sankhakuta - Uma montanha.
Sankhanabha - Um príncipe.
Sankhapada ou Sankhapad **-** Filho de Kardama. Regente do sul.
Sankhyayana - Professor do Rig-veda.
Sanku - Filho de Ugrasena.
Sankusiras - Um Danava.
Sankriti - Filho de Jayasena. Filho de Nara.
Santati - 'Humildade', filha de Daksha, esposa de Kratu.
Sannatimat - Um príncipe.
Sansapayana - Professor dos Puranas.
Sanskaras - Cerimônias iniciatórias no nascimento.
Santi - 'Placidez', uma propriedade de objetos sensíveis.
Santi - 'Expiação', filha de Daksha, esposa de Dharma. Esposa de Atharvan.
Santi - Indra do décimo Manwantara. Um brâmane, aluno de Angiras. Um príncipe, filho de Nila.
Santideva - Filha de Devaka.
Santana - Filho de Ugra,
Santanu - Filho de Pratipa.
Santarddana - Filho de Dhrishtaketu.
Santateyu - Um príncipe.
Santati - Filho de Alarka.
Santosha - Filho de Dharma
Saryati - Filho de Vaivaswata. Filho de Nahusha.
Sapindana - Sraddhas ancestrais.
Sapindas - Parentes conectados por oferecimentos de comida para ancestrais comuns.
Sapeyin - Professor do Yajush branco.
Saptadasa - 'Hinos', criados da boca oeste de Brahma.
Saradwat - Marido de Ahalya.
Sarana - Filho de Vasudeva.
Sarama - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.

Saraswata - Um sábio, narrador do Vishnu Purana para Parasara. Um Vyasa. Filho de Saraswati, preservador dos Vedas.
Saraswata - Um dialeto do sânscrito.
Saraswatas - Uma classe de brâmanes.
Saraswati - Filha de Daksha, esposa de Dharma. Deusa da literatura.
Saraswati - Um rio; o Sarsuti. O Caggar, no leste.
Sarayu - Um rio; o Sarju.
Sarimejaya - Um príncipe.
Sarman - Um nome para um brâmane.
Sarmishtha - Filha de Vrishaparvan; esposa de Yayati.
Sarpa - Um Rudra.
Sarpi - Esposa do Rudra, Shiva.
Saru - Filho de Vasudeva.
Sarva - Um Rudra.
Sarvabhauma - Um príncipe.
Sarvaga - Filho de Paurnamasa. Filho de Bhima.
Sarvakama - Um príncipe.
Sarvasanga - Um rio.
Sarvatobhadra - Uma floresta.
Sarvatraga - Filho de Bhima.
Saryatas - Filhos de Saryati.
Sasa - Parte de Jambu-dwipa.
Sasada - Filho de Ikshwaku.
Sasadharman - Um príncipe.
Sasavindu - Um príncipe.
Sasikas - Um povo.
Sastra-devatas - Armas divinizadas, filhos de Krisaswa.
Saswata - Um príncipe.
Satabala - Um rio.
Satabhisha - Uma mansão lunar.
Satadhanu - Um rei piedoso, que fala com um herege, e por isso nasce repetidas vezes; obtém a libertação final. Filho de Hridika
Satadhanwan - Um Yadava, que mata Satrajit; ele é morto por Krishna.
Satadru - Um rio; o Setlej.
Satadyumna - Filho de Chakshusha. Filho de Bhanumat.
Satajit - Filho de Raja. Filho de Sahasrajit. Filho de Bhajamana.
Satakarni - Nome ou título de vários príncipes Andhra.
Satakumbha - Um rio.
Satananda - Filho de Gautama.
Satanika - Filho de Nakula. Filho de Janamejaya. Filho de Vasudana.
Sataratha - Filho de Mulaka.
Satarupa - Porção feminina de Brahma, esposa de Swayambhuva Manu. Símbolo de muitas formas; o mesmo que Maya, como Savitri.
Satasankhyas - Uma classe de divindades.
Satavalaka - Professor do Rig-veda.
Satayus - Filho de Pururavas.
Sati - 'Veracidade', filha de Daksha, esposa de Bhava; queima a si mesma. Esposa de Angiras.
Satrughna - Filho de Dasaratha, toma posse de Mathura. Filho de Swaphalka.
Satrajit - Filho de Nighna, amigo de Aditya, recebe a jóia Syamantaka; dá para Krishna sua filha Satyabhama; é morto por Satadhanwan. Nome de Pratarddana.
Satwata - Príncipe da tribo Yadava.
Satwatas - Descendentes de Satwata.
Satya - Qualidade de bondade ou pureza, conhecimento, quietude. Uma forma de Vishnu.

Satyabhama - Filha de Satrajit, casada com Krishna; deseja a árvore Parijata; promove a disputa dos Yadavas.
Satyadhrita - Filho de Pushpavat.
Satyadhriti - Filho de Mahavirya. Filho de Sarana. Filho de Dhritimat. Filho de Satananda.
Satyadhwaja - Um príncipe.
Satyahita - Professor do Rigveda.
Satyajit - Um príncipe.
Satyaka - Filho de Sini.
Satyakarman - Um príncipe.
Satyaketu - Um príncipe.
Satyaki - Filho de Satyaka; também Yuyudhana.
Satya-loka - 'Céu de verdade'.
Satyanetra - Filho de Atri.
Satyaratha - Um príncipe.
Satyarathi - Um príncipe.
Satyas - Uma classe de divindades.
Satyasravas - Professor do Rig-veda.
Satyasri - Professor do Rig-veda.
Satyavak - Filho de Chakshusha.
Satyavati - Filha de Gadhi, esposa de Richika; torna-se o rio Kausiki. Mãe de Vyasa.
Satyavrata - Um príncipe; também Trisanku.
Satyayajna - 'Observância de veracidade'.
Saubhari - Um sábio; casa-se com as filhas de Mandhatri; torna-se um asceta.
Saudasa - Filho de Sudasa, um príncipe.
Saugata - Filho de Dasaratha.
Sauhridas - Um povo.
Saunaka - Filho de Ghritsamada. Filho de Sunaka.
Saumitri - Professor do Sama-veda.
Saumya - Uma divisão de Bharata-varsha.
Saumyas - Uma classe de Pitris.
Saunaka - Professor do Atharva-veda.
Saurashtras - Um povo.
Sauvalyas (Sausalyas) **-** Um povo.
Sauviras - Um povo.
Savala (ou Savana) **-** Filho de Priyavrata; rei de Pushkara.
Savalaswas - Filhos de Daksha.
Savana - Filho de Vasishtha.
Savarna - Filha do Oceano, esposa de Prachinavarhis.
Savarni - Filho do sol; oitavo Manu.
Savibhasa - Um sol.
Savitri - Um Aditya. Um Vyasa.
Savitri - Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Saya - Filho de Kalpa.
Schlegel, August Wilhelm **-** Tradutor alemão, traduziu o Ramayana.
Selu - Um rio.
Senajit - Filho de Viswajit. Filho de Vrihatkarman.
Senanin - Um Rudra.
Sesha - Um Prajapati.
Sesha - Filho de Kadru; rei dos Nagas. A serpente abaixo de Patala. Professor de astronomia. Sustenta o mundo sobre sua cabeça, encarna como Balarama.
Setu - Um príncipe.
Shandas - Um povo.

Shiva - Uma divindade, o mesmo que Vishnu no caráter de destruidor. Nascido como um Kumara de Brahma em cada Kalpa; de cores diferentes. Arruína o sacrifício de Daksha. Um Rudra. Um príncipe, filho de Uru.
Siddhas - Seres puros e santos.
Siddhas - Um povo.
Siddhi - 'Perfeição', filha de Daksha; esposa de Dharma.
Siddhis - Atributos de perfeição.
Sighra - Um príncipe.
Sighra - Um rio.
Sighraga - Um príncipe.
Sikhandini - Esposa de Antardhana.
Sikhivasas - Uma montanha.
Siksha - Um Anga dos Vedas.
Sindhu - Um rio de Bharata-varsha, o Indus; o Kali Sindh.
Sindhuka - Veja Sipraka.
Sindhudwipa - Um príncipe.
Sindhupulindas - Um povo.
Sindhusauviras - Um povo.
Sinhala - Uma ilha.
Sinhika - Filha de Kasyapa, esposa de Viprachitti.
Sinibahu - Um rio.
Sinivali - Filha de Angiras. Dia da lua visível.
Sipra - Um rio.
Sipraka - Primeiro rei Andhra.
Siradhwaja - Um príncipe de Mithila, pai de Sita.
Sisira - Uma montanha.
Sisira - Professor do Rig-veda.
Sisu - Filho de Sarana.
Sisumara - 'Toninha' ou golfinho (celestial); representa a esfera estelar.
Sisunaga - Um rei de Magadha.
Sisupala - Filho de Damaghosha; hostil a Krishna; obtém felicidade.
Sita - Um rio.
Sita - Esposa de Rama, filha de Siradhwaja.
Sitanta - Uma montanha.
Siteyus - Um príncipe.
Sitoda - Um lago.
Siva - Esposa de Isana.
Siva - Um rio.
Sivas - Uma classe de divindades.
Sivaskandha - Um príncipe.
Sivasri - Um príncipe.
Sivaswati - Um príncipe.
Siva - Um Upapurana.
Sivi - Filho de Sanhrada. De Prahlada. Indra do quarto Manwantara. Um príncipe, filho de Usinara.
Skanda - Filho de Pasupati.
Skanda - Um Purana.
Slishti - Filho de Dhruva.
Smaya - Filho de Dharma.
Smriti - 'Memória', sinônimo de Mahat.
Smriti - Filha de Daksha, esposa de Angiras.
Smriti - Filho de Dharma.
Sodhas - Um povo.
Soka - Filho de Mrityu.

Sol - Preside sobre os olhos. Filho de Aditi, e origem da dinastia solar. Dá para Yajnawalkya o Yajush branco. Dá a pedra preciosa Syamantaka para Satrajit. Torna-se sétuplo no fim do mundo.
Soma - 'A lua', filho de Atri. O rei sobre as constelações, brâmanes, plantas, etc. Arrebata Tara, tem Budha com ela, o fundador da raça lunar. Um Vasu. Filho do Rishi Prabhakara.
Somaka - Filho de Sahadeva.
Somadatta - Rei de Vaisali.
Somapas - Uma classe de Pitris.
Somapi - Filho de Sahadeva.
Somasarman - Um príncipe.
Somasushmapana - Um Vyasa.
Somatirtha - Um lugar de peregrinação.
Somayajna - Oferenda de asclepias.
Sona - Um rio, o Sone.
Sonitapura - Cidade de Bana.
Sraddha - 'Fé', filha de Daksha, esposa de Dharma. De Angiras.
Sraddha - 'Adoração de progenitores.'
Sravana - Um mês.
Sravana - Uma mansão lunar.
Sravasta - Um príncipe.
Sravasti - Uma cidade.
Sri (ou Lakshmi) **-** Filha de Bhrigu. Em todas as coisas a contraparte de Vishnu; produzida do oceano.
Srideva - Filha de Devaka.
Sridhara Swami - Comentador sobre o Bhagavata; e sobre o Vishnu Purana.
Srijavana - Filho de Dyutimat.
Sringi - Uma cadeia de montanhas.
Srinjaya - Filho de Dhumraswa. Filho de Sura. Filho de Kalanara. Filho de Haryaswa.
Srinjayas - Um povo.
Sri-saila (ou Sri-parvata) **-** Uma montanha.
Sritala - Uma divisão de Patala.
Sroni - Um rio.
Sruta - Filho de Dharma. Filho de Bhagiratha. Filho de Upagu. Filho de Krishna.
Srutadeva - Filha de Sura, esposa de Vriddhasarman.
Srutakarman - Filho de Sahadeva.
Srutakirtti - Filha de Sura, esposa de Dhrishtaketu. Filho de Arjuna.
Srutanjaya - Um príncipe.
Srutasena - Filho de Parikshit.
Srutasoma - Filho de Bhima.
Srutasravas - Um príncipe.
Srutasravas - Filha de Sura, esposa de Damaghosha.
Srutavat - Um dos príncipes de Magadha.
Srutayus - Filho de Bhanumitra. Filho de Arishtanemi. Filho de Pururavas.
Sruti - Filha de Atri, esposa de Kardama.
Stambha - Um Rishi.
Stanabalas - Um povo.
Stanayoshikas - Um povo.
Sthaleyu - Um príncipe.
Sthandileyu - Um príncipe.
Stoma - 'Hinos', criados da boca leste e outras de Brahma.
Stuti - 'Preces', criadas da boca leste e outras de Brahma.
Subahu - Filho de Satrughna, rei de Mathura.
Subhasa - Um príncipe.
Subhumi - Filho de Ugrasena.

Suchandra - Rei de Vaisali.
Sucharu - Filho de Krishna.
Suchchaya - Esposa de Dhruva.
Suchi - Filho de Agni. Filho de Antardhana. Filho de Satadyumna. Filho de Andhaka. Filho de Vipra. Indra do décimo quarto Manwantara.
Suchi - Filha de Kasyapa, mãe das aves aquáticas.
Suchi - Um mês.
Suchisravas - Um Prajapati.
Sudamas - Um povo.
Sudarsana - Um príncipe.
Sudasa - Filho de Sarvakama. Filho de Chyavana.
Suddhodana - Filho de Sakya. Pai de Sakya.
Sudellas (Sudeshnas, Sudeshtas) **-** Um povo.
Sudeshna - Filho de Krishna.
Sudeva - Filho de Chunchu. Filho de Devaka.
Sudhama - Uma montanha.
Sudhaman - Um Lokapala, filho de Virajas e Gauri. Filho de Kardama.
Sudhamas - Uma classe de divindades.
Sudhamans - Uma classe de divindades.
Sudhanush - Filho de Kuru.
Sudhanwan - Filho de Saswata. Filho de Satyadhrita.
Sudharman - O salão de Indra, dado a Ugrasena por Krishna, para a assembléia da tribo de Yadu; retorna para o céu.
Sudharmas - Uma classe de divindades.
Sudhis - Uma classe de divindades.
Sudhriti - Um príncipe.
Sudraci de Plínio **-** Sudras.
Sudraka - Primeiro príncipe Andhra.
Sudras - Um povo.
Sudras - A mais inferior das quatro castas, produzida dos pés de Brahma.
Sudyumna - Ila transformada em homem; rei de Pratishthana. Filho de Chakshush. Filho de Bhayada.
Sugandha - Escrava de Vasudeva.
Sugrivi - Filha de Kasyapa, mãe de cavalos, etc.
Suhma - Filho de Bali.
Suhmas - Um povo.
Suhotra - Filho de Kanchana. Filho de Kshatravriddha. Filho de Vrihatkshatra. Filho de Bhumanyu. Filho de Sudhanush. Filho de Sahadeva.
Sujati - Filho de Vitihotra.
Sujyeshtha - Um príncipe.
Sukala - Um país.
Sukalins - Uma classe de Pitris.
Sukandakas - Um povo.
Sukanya - Filha de Saryati, esposa de Chyavana.
Sukara - Um inferno.
Sukarman - Professor do Sama-veda.
Sukarmans - Uma classe de divindades.
Sukarmas - Uma classe de divindades.
Suketu - Filho de Nandivardhana. Filho de Sunitha.
Sukha - Filho de Dharma.
Sukhibala - Um príncipe.
Suki - Filha de Kasyapa, mãe de papagaios, etc.
Sukra - Filho de Bhava. Filho de Vasishtha. Filho de Havirdhana. O planeta Vênus.
Sukra - Um mês.
Sukriti - Filho de Pritha.

Sukshatra - Um príncipe.
Suktimat - Uma cadeia de montanhas, a parte leste e norte da cordilheira Vindhya.
Suktimati - Um rio.
Sukumara - Um príncipe.
Sukutyas - Um povo.
Sulapani - Chefe dos Bhutas.
Sulomadhi - Último príncipe Andhra.
Sumalya - Filho de Mahapadma.
Sumallis - Um povo.
Sumanas - Filho de Uru. Filho de Haryaswa.
Sumanasas - Uma classe de divindades.
Sumanga - Um rio.
Sumantu - Pupilo de Vyasa. Professor do Atharva-veda. Filho e aluno de Jaimini. Um príncipe, filho de Jahnu.
Sumati - Filho de Bharata; quinto Tirthakara. Filho de Janamejaya. Filho de Sagara. Filho de Suparswa. Filho de Dridhasena.
Sumati - Professor dos Puranas.
Sumati - Filha de Kratu.
Sumedhasas - Uma classe de divindades.
Sumitra - Filho de Vrishni; último da linhagem de Ikshwaku.
Sunahsephas - Filho de Viswamitra.
Sunaka - Filho de Ghritsamada.
Sunakshatra - Um príncipe.
Sunaman - Filho de Ugrasena.
Sunasa - Um rio.
Sunaya - Filho de Rita. Filho de Pariplava.
Sunayas - Um povo.
Sunda - Filho de Nisunda.
Sundara - Um príncipe.
Sundari - Filha de Vaiswanara.
Sungas - Uma dinastia que governou em Magadha.
Sunika - Ministro de Ripunjaya.
Sunita - Um príncipe.
Sunitha - Filho de Santati. Filho de Sushena.
Sunitha - Filha de Mrityu, esposa de Anga.
Sunrita - Esposa de Uttanapada.
Sunyabandhu - Filho de Trinavindu.
Suparna - Um nome de Garuda.
Suparswa - Uma montanha, norte de Meru.
Suparswa - Filho de Srutayus. Filho de Dridhanemi.
Supratitha - Um príncipe.
Suprayoga - Um rio.
Sura - Filho de Karttavirya. Filho de Viduratha. Filho de Devamidhusha.
Surabhi (vaca) **-** Produzida do oceano.
Surabhi - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Suras - Um povo.
Surasa - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Surasa - Um rio.
Surasena - Filho de Satrugna. Rei de Mathura. Filho de Karttavirya.
Surasenas - Um povo. Suraseni.
Suratha - Filho de Jahnu. Filho de Kundaka.
Sureswara - Um Rudra.
Surupas - Uma classe de divindades.
Surochish - Filho de Vasishtha.
Susandhi - Um príncipe.

Susanti - Um príncipe.
Susanti - Indra do terceiro Manwantara.
Susarman - Um príncipe.
Sushena - Filho de Vasudeva. Filho de Vrishnimat. Filho de Krishna.
Sushumna - Um raio do sol.
Susravas - Um Prajapati.
Susruta - Um príncipe. Um professor de ciência médica.
Susuma - Um príncipe.
Suta - Um bardo. O aluno de Vyasa. Professor dos Puranas. Um termo genérico para os cronistas e bardos.
Sutala - Uma divisão de Patala.
Sutanu - Filha de Ugrasena.
Sutapas - Filho de Vasishtha. Um príncipe, filho de Hema.
Sutapas - Uma classe de divindades.
Sutara - Filha de Swaphalka.
Suvala - Um príncipe.
Suvama - Um rio, o Ram-ganga.
Suvarchala - Esposa de Rudra.
Suvarna - Um príncipe.
Suvarnaroman - Um príncipe.
Suvastu - Um rio.
Suvela - Uma montanha.
Suvibhu - Um príncipe.
Suvira - Filho de Sivi. Filho de Kshemya.
Suvrata - Um príncipe.
Suyasas - Filho de Asokavarddhana.
Swabhavas - Características ou propriedades de coisas perceptíveis.
Swabhojana - Um inferno.
Swadha - 'Oblação', filha de Daksha, esposa dos Pitris. Esposa de Angiras. Esposa de um Rudra.
Swaha - 'Oferenda', filha de Daksha, esposa de Agni. Esposa do Rudra Pasupati.
Swahi - Um príncipe.
Swakshas - Um povo.
Swamabhak - Um sol.
Swaphalka - Um sábio de grande santidade; casa-se com Gandini. Filho de Prisni.
Swaraj - Um raio solar.
Swarat - O criador.
Swarashtras - Um povo.
Swarbhanu - Um Danava, filho de Kasyapa. Filho de Viprachitti.
Swarga - Paraíso, no Monte Meru.
Swarga - Filho de Bhima.
Swar-loka - Esfera planetária: do sol até Dhruva.
Swarnaprastha - Uma ilha.
Swarochisha - Filho de Swarochish, segundo Manu.
Swarupas - 'Formas de coisas'.
Swastyatreyas - Uma linhagem de brâmanes.
Swati - Uma mansão lunar.
Swati - Filho de Uru.
Swavambhoja - Um chefe Yadava.
Swayambhu (Brahma) **-** Sinônimo de Mahat. Um Vyasa.
Swayambhuva Manu - Nascido de, e uno com, Brahma.
Sweta - Filho de Kadru.
Sweta - Uma cadeia de montanhas.
Sweta-dwipa - 'Ilha branca'.
Syadvadis - 'Jainas'.

Syala - Um chefe Yadava, que ofendeu publicamente Gargya, o Brâmane.
Syama - Filho de Sura.
Syamantaka - Pedra preciosa, dada pelo Sol a Satrajit, levada por Jambavat, recuperada por Krishna; levada por Satadhanwan; transferida para Akrura. Permanece sob cuidado de Akrura.
Syamayani - Professor do Yajur-veda.
Syeni - Filha de Kasyapa, mãe dos falcões.

T

Tadaikyam - 'Unidade'.
Taittiriya - Parte do Yajur-veda.
Taksha - Filho de Bharata; rei de Takshasila.
Takshaka - Filho de Kadru.
Tala - Um inferno.
Talajangha - Príncipe da tribo Yadava.
Talajanghas - Uma tribo, que conquista Bahu, e é conquistada por Sagara; filhos de Talajangha; eram um ramo dos Haihayas.
Talaka - Um príncipe.
Talatala - Uma divisão de Patala.
Tamas - Qualidade de escuridão, ignorância, inércia. Um inferno.
Tamas - Um príncipe.
Tamasa Manu - Filho de Priyavrata.
Tamasa - Um rio, o Tonse.
Tamasi - Um rio.
Tamisra - 'Trevas;' tipo de ignorância.
Tamra - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Tamra - Um rio.
Tamraliptas (Tamaliptas) **-** Um povo.
Tamrapakshi - Filho de Krishna.
Tamraparni - Um rio, em Tinnivelly.
Tamravarna - Uma divisão de Bharata-varsha,.
Tamrayani - Professor do Yajush branco.
Tanabalas - Um povo.
Tanayas - Um povo.
Tandri - 'Indolência', uma forma de Brahma.
Tankanas - Um povo.
Tanmatra - Rudimento ou símbolo de um elemento; destituído de qualidades; o mesmo que as propriedades de um elemento.
Tansu - Um príncipe.
Tansurodha - Tansu.
Tapa-loka - Esfera dos sete Rishis.
Tapaniyas - Brâmanes de um ramo do Yajush branco.
Tapas - Um mês.
Tapaswin - Filho de Chakshusha.
Tapasya - Um mês.
Tapati - Filha do sol.
Tapi - Um rio, o Tapti.
Tapo-loka - A esfera de penitência.
Taptakumbha - Um inferno.
Taptaloha - Um inferno.
Tara - Esposa de Vrihaspati, levada por Soma; mãe de Budha.
Taraka - Filho de Hiranyaksha, filho de Kasyapa com Danu.

Taraka - Filha de Sunda.
Tarapida - Um príncipe.
Taru - Filho de Dhruva.
Tejas - 'Luz' ou 'fogo', o elemento; produzido do rudimento de forma ou cor, e produz aquele de paladar.
Tigma - Um príncipe.
Tilabharas - Um povo.
Tilakanijas - Um povo.
Tilottama - Uma ninfa.
Timi - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Tiragrahas - Um povo.
Tiryaksrotas - 'Criação de animais'.
Titiksha - 'Paciência', filha de Daksha, esposa de Dharma.
Titikshu - Um príncipe.
Tittiri - Um aluno de Yaska, professor do Taittiriya Yajush.
Tochari - Um povo.
Tomaras - Um povo.
Toya - Um rio.
Traisamba - Um príncipe.
Trasadasyu - Nome de Mandhatri. Filho de Purukutsa.
Trasarenu - Três Anus.
Trayyaruna - Príncipe, e autor de hinos. Um Vyasa. Filho de Urukshaya.
Treta - Segundo Yuga ou era.
Tridhaman - Um Vyasa.
Tridhanwan - Um príncipe.
Tridiva - Um rio.
Trigarttas - Um povo.
Trikuta - Uma montanha de Bharata-varsha.
Trimadhu - Uma classe de brâmanes.
Trina - Filho de Usinara.
Trinachiketa - Uma classe de brâmanes.
Trinavindu - Um Vyasa. Um príncipe, filho de Budha.
Tripti - Uma propriedade original do homem.
Trisama - Um rio.
Trisanku - Um príncipe, elevado ao céu.
Trishna - Filho de Mrityu.
Trishtubh - Métrica de Brahma.
Trisuparna - Uma classe de brâmanes.
Trivrishan - Um Vyasa.
Trivrit - Hinos de Brahma.
Truti - Três Trasarenus.
Tryambaka - Um Rudra.
Tukharas (Tusharas) **-** Um povo.
Tulasi - Uma planta, produzida do oceano.
Tulyata - Uma propriedade original do homem.
Tumburu - Um Gandharba.
Tungaprastha - Uma montanha.
Tungavena - Um rio, o Tambhudra.
Tundikeras - Um ramo da tribo Haihaya.
Tuni - Um príncipe.
Turvasu - Filho de Yayati; rei do sudeste.
Tusharas - Um povo. Um linhagem de príncipes.
Tushitas - Uma classe de divindades. Filhos de Kratu; de Vedasiras.
Tushti - 'Resignação', filha de Daksha, esposa de Dharma. Filha de Paurnamasa.
Tushtimat - Filho de Ugrasena.

Twashtri - Um Rudra.
Twashtri - Filho de Manasyu.
Twashtri - Um Aditya.
Twisha - Filha de Paurnamasa.

U

Uchchaissravas - O cavalo produzido no batimento do oceano, e levado por Indra; o principal dos cavalos.
Udaksena - Um príncipe.
Udaradhi - Filho de Pushti, filho de Dhruva.
Udavasu - Filho de Janaka.
Udayana - Filho de Satanika.
Udayaswa - Filho de Dharbaka.
Udayin - Filho de Vasudeva.
Uddalin - Professor do Yajush branco.
Uddhava - Um sábio, que busca conselho de Krishna e vai para Badarikasrama praticar penitência.
Udgatri - Cantor de orações e hinos.
Udgitha - Filho de Bhava.
Ugra - Um Rudra.
Ugraretas - Um Rudra.
Ugrasena - Filho de Ahuka; feito rei por Krishna. Queima a si mesmo. Filho de Parikshit.
Ugrayudha - Filho de Krita.
Uktha - Parte do Sama-veda, criada da boca sul de Brahma.
Uktha - Um príncipe.
Ulmuka - Filho de Balarama.
Uluki - Mãe das corujas.
Ulwana - Filho de Vasishtha.
Uma - Filha de Himavan, esposa de Bhava. Esposa de Shiva.
Unmada - 'Insanidade', uma forma de Brahma.
Unnati - 'Elevação', filha de Daksha, esposa de Dharma.
Upadanavi - Filha de Vrishaparvan. Filha de Vaiswanara, e esposa de Hiranyaksha.
Upadeva - Filho de Akrura. Filho de Devaka.
Upadeva - Filha de Devaka.
Upagu - Um príncipe.
Upamadgu - Um príncipe.
Upananda - Filho de Vasudeva.
Upanidhi - Filho de Vasudeva.
Upa-puranas - Puranas secundários ou menores, dezoito.
Uparichara - Um príncipe.
Upasunda - Filho de Nisunda.
Upavrittas - Um povo.
Upendra - A divindade que preside sobre os pés.
Upendra - Um nome de Krishna.
Upendra - Um rio.
Urddhabahu - Filho de Vasishtha.
Urja - Um Rishi.
Urja - Um mês.
Urjja - 'Energia', filha de Daksha, esposa de Vasishtha.
Urjjaswati - Filha de Daksha, esposa de Dharma. Filha de Priyavrata.
Urjjavaha - Um príncipe.

Uru - Filho de Chakshusha.
Urukshaya - Um príncipe.
Urukshepa - Um príncipe.
Urvasi - Uma ninfa celeste; que se apaixona por Pururavas.
Usanas - Filho de Vedasiras; filho de Bhrigu. Um Vyasa. Um príncipe.
Usha - Nome da noite.
Usha - Esposa de Bhava. Filha de Bana; apaixonada por Aniruddha.
Ushadratha - Um príncipe.
Ushna - Um príncipe.
Usinara - Um príncipe.
Utkala - Filho de Sudyumna.
Utkalas - Um povo.
Utpalavati - Um rio.
Uttama - Filho de Uttanapada. Filho de Priyavrata. Um Manu. Um Vyasa.
Uttamas ou Uttamarnas **-** Um povo.
Uttanapada - Filho de Swayambhuva Manu.
Uttanavarhish - Um príncipe.
Uttara-bhadrapada - Uma mansão lunar.
Uttara-kuru - Um Varsha ou país.
Uttara-phalguni - Uma mansão lunar.
Uttarashadha - Uma mansão lunar.
Utsavnsanketas (Utsavamanketas) **-** Um povo.
Uttathya - Filho de Angiras; e marido de Mamata.
Utulas - Um povo.

V

Vach - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa.
Vahni - Divindade do fogo (veja Agni), filho de Turvasu.
Vahnijwala - Um inferno.
Vaibhraja - Uma floresta.
Vaideha - Nome de Janaka. Um país.
Vaidehas - Um povo.
Vaidheya - Professor do Yajush branco.
Vaidurya - Uma montanha.
Vaikanka - Uma montanha.
Vaikuntha - Céu de Vishnu. Forma de Vishnu.
Vaikunthas - Uma classe de divindades.
Vaikrita - Criação secundária.
Vaimanika - Uma classe de divindades.
Vainahotra - Um príncipe.
Vairaja - Parte do Sama-veda, criada da boca norte de Brahma.
Vairaja - Um nome do primeiro Manu.
Vairajas - Uma classe de divindades. De Pitris.
Vaisakha - Um mês.
Vaisakhi - Esposa de Vasudeva.
Vaisali - Esposa de Vasudeva.
Vaisali - Uma cidade.
Vaisampayana - Pupilo de Vyasa; professor do Yajur-veda.
Vaishnava - Um Purana.
Vaisravana - Rei de reis.
Vaiswadeva - Culto dos Viswadevas.
Vaiswanara - Um Danava.

Vaiswanara - Parte da esfera planetária.
Vaiswanari - Uma divisão das mansões lunares.
Vaisyas - A terceira das classes regeneradas, nascida das coxas de Brahma.
Vaitalaki - Professor do Rig-veda.
Vaitandya - Filho do Vasu Apa.
Vaitarani - Um inferno.
Vaitarani - Um rio, em Cuttack.
Vaivaswata - Sétimo Manu. Filho do sol. Um Rudra.
Vajasaneyi - Uma parte do Yajur-veda.
Vajins - Estudantes do Yajush branco.
Vajra - Filho de Aniruddha, feito chefe da tribo Yadu por ordem de Krishna.
Vajra - Filha de Vaiswanara.
Vajramitra - Um príncipe.
Vajranabha - Um príncipe.
Vakras - Um povo.
Vakratapas - Um povo.
Vaktrayodhi - Filho de Viprachitti.
Valaka - Professor do Rig-veda.
Valakaswa - Um príncipe.
Valakrama - Uma montanha.
Vallabha - Um célebre professor Vaishnava que viveu no século XVI.
Vallabhas - Um povo.
Vallabhi - Uma cidade.
Vallirashtra - Um país.
Valmiki - Um Vyasa.
Vama - Um Rudra.
Vamadeva - Um Rudra.
Vamana - Uma forma de Vishnu; filho de Kasyapa.
Vamana - Um Purana.
Vanakapivat - Filho de Pulaha.
Vanaprastha - 'Ermitão'; o terceiro estágio da vida brahmânica.
Vanaraji - Escrava de Vasudeva.
Vanarasyas - Um povo.
Vanavas - Um povo.
Vanavasakas - Um povo.
Vanayas - Um povo.
Vanayus - Filho de Pururavas.
Vaneyu - Um príncipe.
Vangas (Bangas) **-** O povo de Bengala.
Vans Kennedy **-** Oficial do exército e estudioso do sânscrito e do persa.
Vansadhara - Um rio.
Vapra - Um Vyasa.
Vapu - 'Corpo', filha de Daksha, esposa de Dharma.
Vapushmat - Filho de Priyavrata e Kamya; rei da Dwipa de Salmali.
Vara - Um rio.
Varada (Warda) **-** Um rio.
Varaha - Uma forma de Vishnu; um javali.
Varaha - Atual Kalpa, ou dia de Brahma.
Varaha - Um Purana.
Varaha - Uma Dwipa secundária.
Varana - Um regato.
Varapasis (Varayasis) **-** Um povo.
Varchas - Filho do Vasu Soma.
Varenya - Um nome de Vishnu.
Varhadrathas - Reis de Magadha.

Varhaspatyas - 'Hereges'.
Varhis - 'Grama sacrifical'.
Varhishads - Uma classe de Pitris.
Varhishmati - Esposa de Priyavrata.
Varidhara - Uma montanha.
Variyas - Filho de Pulaha.
Varman - Nome para um Kshatriya.
Varnasa - Um rio.
Varshas - Divisões de Jambu-dwipa.
Varshneyas - Uma tribo.
Varuna - Senhor das águas; dá cavalos para Richika. Um Aditya.
Varuna - Uma divisão de Bharata-varsha.
Varuni - A deusa do vinho, produzida do oceano; serviu Balarama quando ele viveu por dois meses em Vraja.
Vasa - Um rio.
Vasahanu - Um príncipe.
Vashatkara - 'Oblação divinizada'.
Vashkala - Filho de Samhrada. Filho de Prahlada.
Vasishtha - Um célebre Rishi, avô de Parasara. Um Prajapati; casa-se com Urjja. Um Vyasa. Disputa com Viswamitra. Transformado em um estorninho. Amaldiçoa Saudasa, e Nimi, e é amaldiçoado por ele.
Vastu - Um rio.
Vasu - Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Vasu - Filho de Kusa.
Vasubhridyana - Filho de Vasishtha.
Vasudana - Um príncipe.
Vasudeva - Filho de Sara; casa-se com as filhas de Ahuka. É aprisionado por Kansa; pai de Krishna; queima a si mesmo.
Vasudeva - Primeiro o príncipe Kanwa.
Vasudeva - Nome de Vishnu. Filho de Vasudeva. Residindo e brilhando em todas as coisas. Uno com os três Vedas. Uno com Om.
Vasuki - Filho de Kadru; rei dos Nagas.
Vasumitra - Um príncipe Sunga.
Vasus - Filhos de Vasu.
Vasava - Rei dos ventos.
Vata - Árvore [Ficus Indica], na montanha Suparswa.
Vatadhanas - Um povo.
Vatajamarathorajas - Um povo.
Vatayanas - Um povo.
Vatapi - Filho de Hlada. Filho de Viprachitti.
Vatsa - Um nome de Pratarddana. Filho de Urukshepa.
Vatsabalaka - Filho de Sura.
Vatsabhumi - Um príncipe.
Vatsapri - Um príncipe.
Vatsara - Filho de Dhruva.
Vatsara - Quinto ano cíclico.
Vatsas - Um povo.
Vatsavyuha - Um príncipe.
Vatsya - Professor do Rig-veda; do Yajush branco.
Vavriddhas - Uma classe de divindades.
Vayu ou 'vento' **-** Produzido do rudimento de tato; produz aquele de forma, deus do ar, rei dos Gandharbas.
Vayu - Um Purana.
Varuna - Filho de Krisaswa.
Veda - Um rio.

Vedabahu - Filho de Pulastya.
Vedamitra - Professor do Rig-veda.
Vedana - 'Tortura.' Filha de Anrita.
Vedangas - De Veda e *anga,* ‘membro’**,** então, literalmente, ‘os membros do (corpo do) Veda’, são seis obras sânscritas, que ensinam como ler e compreender corretamente os textos Védicos.
Vedas - Quatro textos sagrados, simbolizados por Om.
Vedasini ou Vetasini **-** Um rio.
Vedasiras - Filho de Markandeya e Murdhanya. Filho de Prana. Progenitor dos brâmanes Bhargava. Filho de Krisaswa.
Vedasmriti - Um rio, o Beos.
Vedaswa - Um rio.
Vedavati - Um rio.
Vedavainasika - Um rio.
Veda-vyasas - Organizadores dos Vedas.
Vedha - Cem Trutis.
Vedhaka - Um inferno.
Vegavat - Um príncipe.
Vegavati (Vyki) **-** Um rio.
Vela - Filha de Meru, esposa de Samudra.
Vena - Filho de Anga.
Vena - Um Vyasa.
Vena - Um rio.
Venkata - Uma montanha.
Venu - Um príncipe Yadava.
Venuhaya - Um príncipe.
Venuhotra - Um príncipe.
Vetravati - Um rio, o Betwa.
Vibhishana - Filho de Visravas.
Vibhraja - Filho de Sukriti.
Vibhu - Indra do quinto Manwantara.
Vibhu - Um príncipe.
Vibudha - Um príncipe.
Vichitravirya - Filho de Santanu.
Vidagdha - Professor do Yajush branco.
Vidarbha - Filho de Jyamagha.
Vidarbhas - Um povo.
Videhas - Um povo.
Vidhatri - Filho de Bhrigu. Filho de Vishnu e Lakshmi, casado com Niryati.
Vidisa - Um rio, o Bess.
Vidmisara - Um príncipe.
Vidura - Filho de Vyasa.
Viduratha - Filho de Bhajamana. Filho de Suratha.
Vihangamas - Uma classe de divindades.
Vijaya - Um príncipe, filho de Chunchu. Filho de Jaya. Filho de Sanjaya. Filho de Jayadratha. Um príncipe Andhra.
Vijaya - Filha de Daksha, esposa de Krisaswa.
Vijayas - Um povo.
Vijitaswa - Filho de Prithu.
Vikala - Seis Pranas.
Vikalyas (Vikalpas) **-** Um povo.
Vikesi - A esposa do Rudra Sarva.
Vikranta - Um Prajapati.
Vikriti - Um príncipe.
Vikukshi - Filho de Ikshwaku; chamado Sasada.

Viloman - Um chefe Yadava.
Vimala - Filho de Sudyumna.
Vimohana - Um inferno.
Vina - Um rio.
Vinadi (Vainadi) **-** Um rio.
Vinata - Filho de Sudyumna.
Vinata - Filha de Daksha, esposa de Kasyapa. Esposa de Tarksha.
Vinaya - Filho de Dharma.
Vinda - Filho de Jayasena.
Vindhya - Uma cadeia de montanhas; a cordilheira Sathpura.
Vindhyachulukas - Um povo.
Vindhyamulikas - Um povo.
Vindhyasakti - Um rei.
Vindumati - Esposa de Mandhatri.
Vindusara - Filho de Chandragupta.
Vinita - Filho de Pulastya.
Vinsa - Um príncipe.
Vipapa - Um rio.
Vipasa - Um rio, o Beyah ou Hyphasis.
Vipaschit - Indra do segundo Manwantara.
Vipra - Filho de Dhruva. Filho de Srutanjaya.
Viprachitti - Um Danava; rei dos Danavas.
Vipritha - Filho de Chitraka.
Vipula - Uma montanha, a oeste de Meru.
Vira - Um rio.
Virabhadra - Um ser formidável criado da boca de Shiva para destruir o sacrifício de Daksha.
Viraj (ou Vidaj) **-** Progênie de Svayambhuva. Todos os animais machos; toda a substância corporal.
Viraja - Filho de Twashtri.
Virajas - Filho de Paurnamasa. Filho de Vasishtha.
Virana - Um sábio, pai de Virani; de Asikni. Professor do Yajush branco.
Virani - Filha de Virana, mãe de Chakshusha.
Virankara - Um rio.
Virat - Filho de Nara.
Virat - O universo material.
Viravati - Um rio.
Virochana - Filho de Prahlada.
Viruddhas - Uma classe de divindades.
Virupa - Um príncipe.
Virupaksha - Um Rudra.
Visakha - Filho de Kumara.
Visakha - Uma mansão lunar.
Visakhayupa - Um príncipe.
Visala - Filho de Trinavindu.
Visala - Uma cidade.
Visasana - Um inferno.
Visoka - Uma propriedade original do homem.
Visravas - Filho de Pulastya.
Visrutavat - Um príncipe.
Vishnu - O mesmo que Brahma, Iswara, espírito, causa da criação, preservação e destruição; pai da natureza, e material do universo. Origem, fim, e substância do mundo.
Vishnu - Um Purana.

Vishnu-loka - Vaikuntha, o elevado mundo de Vishnu.
Viswa - Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Viswabhavana - Nome de Vishnu; criador do universo.
Viswachi - Uma ninfa celeste.
Viswadevas - Uma classe de deuses, filhos de Viswa; adorados em Sraddhas.
Viswagaswa - Um príncipe.
Viswagjyotish - O mais velho dos cem filhos de Satajit.
Viswajit - Filho de Jayadratha. Filho de Satyajit.
Viswakarma - Artista dos deuses. Filho do Vasu Prabhasa.
Viswakarman - Um raio solar.
Viswakarya - Um raio solar.
Viswaksena - Décimo quarto Manu.
Viswaksena - Um príncipe, filho de Brahmadatta.
Viswamitra - Um célebre Rishi; ergue Trisanku para o céu; briga com Vasishtha; descendente de Gadhi.
Viswamitra - Um rio.
Viswarupa - Um nome de Vishnu. Um Rudra.
Viswasaha - Filho de Ilavila. Filho de Abhyutthitaswa.
Viswasphatika - Rei de Magadha.
Viswasphurtti (Viswasphurji) **-** Um príncipe.
Viswavasa - Filho de Pururavas.
Viswesa - Filha de Daksha, esposa de Dharma.
Vitahavya - Um príncipe.
Vitala - Uma divisão da Patala.
Vitasta - Um rio, o Jhelum ou Hydaspes.
Vitatha - Um nome de Bharadwaja.
Vithi - Divisão da esfera planetária.
Vitihotra - Filho de Priyavrata. Filho de Talajangha.
Vitihotras - Um ramo da tribo Haihaya.
Vivaswat - Um Prajapati. Um Aditya. Filho de Kasyapa. O sol, e pai do Manu Vaivaswata.
Vivinsati - Um príncipe.
Viyati - Filho de Nahusha.
Vraja - Filho de Havirdhana.
Vrateyu - Um príncipe.
Vrihabala (Brihadbala) **-** O rei de Kosala da dinastia Ikshwaku, morto por Abhimanyu.
Vrihadaswa - Filho de Sravasta. Filho de Sahadeva.
Vrihadbhanu - Um príncipe.
Vrihadishu - Filho de Ajamidha. Filho de Haryaswa.
Vrihadraja - Um príncipe.
Vrihadratha - Filho de Bhadraratha. Filho de Uparichara. Filho de Tigma. Filho de Sasadharman.
Vrihadvasu - Um príncipe.
Vrihaduktha - Um príncipe.
Vrihadvati - Um rio.
Vrihannaradiya - Um Purana.
Vrihaspati - Filho de Angiras. O planeta Júpiter. Um Vyasa, professor de ciência política; sua esposa Tara é levada por Soma.
Vrihatkarman - Filho de Bhadraratha. Filho de Vrihadvasu. Filho de Sukshatra.
Vrihatkshana - Filho de Vrihadbala.
Vrihatkshatra - Filho de Bhavanmanyu.
Vrihat-sama (Brihat-sama) **-** Hinos criados da boca sul de Brahma.
Vrijinavat - Filho de Kroshtri.
Vrika - Filho de Prithu. Filho de Vijaya. Filho de Krishna.

Vrikadeva - Filha de Devaka.
Vrikala - Filho de Dhruva.
Vrikas - Um povo.
Vrikatejas - Filho de Dhruva.
Vrisha - Indra do décimo primeiro Manwantara.
Vrisha - Filho de Vitihotra.
Vrishabha - Um rio.
Vrishadarbha - Filho de Sivi.
Vrishakapi - Um Rudra.
Vrishana - Filho de Karttavirya.
Vrishaparvan - Um Danava.
Vrishasena - Filho de Karna.
Vrishni - Um príncipe da tribo Yadu, filho de Madhu. Filho de Kunti. Filho de Satwata. Filho de Bhajamana.
Vrishnimat - Um príncipe.
Vrishnis - Uma tribo.
Vrishta - Filho de Kukkura.
Vritraghni - Um rio.
Vyadhi - Filho de Mrityu.
Vyahritis - Palavras místicas.
Vyakarana - "Gramática", um Anga dos Vedas.
Vyakta - "Substância visível", uma forma de Vishnu.
Vyansa - Filho de Viprachitti.
Vyasas - Organizadores dos Vedas em cada era Dwapara; vinte e oito.
Vyavasaya - Filho de Dharma.
Vyaya - Um nome de Pradhana, significando 'aquele que pode ser gasto.'
Vyoman - Um príncipe.
Vyusht - Nome do dia.
Vyushta - Filho de Kalpa.

Y

Yadavas - Uma tribo, descendentes de Yadu.
Yadu - Filho de Yayati; rei do Sul.
Yajna - Filho de Ruchi; casa-se com sua irmã Dakshina. "Sacrifício personificado"; decapitado; torna-se a constelação Mrigasiras.
Yajnabahu - Filho de Priyavrata.
Yajnakrit - Um príncipe.
Yajnas - Rituais de sacrifícios; também cultos, preces, louvores, oferendas e oblações.
Yajnasri - Um príncipe.
Yajnavama - Filho de Parvasa.
Yajur-veda - O Veda original; dividido em quatro; e também em Taittiriya ou Preto, e Vajasaneyi ou Branco.
Yajush - Ver Yajur-veda.
Yajnawalka - Professor do Rig-Veda.
Yajnawalkya - Pupilo de Vaisampayana; propicia o sol, e recebe o Yajush branco.
Yakrillomas - Um povo.
Yaksha - Filho de Khasa, pai dos Yakshas.
Yakshas - Divindades inferiores, procedem de Brahma; semideuses especialmente a serviço de Kuvera. Filhos de Khasa.
Yama - Uma Dwipa menor.
Yama - Monarca dos Pitris. Juiz dos mortos. Filho do sol.
Yama - Um quarto do dia ou da noite.

Yama-gita - "A canção de Yama;" nome do cap. 7 do livro 3 do Vishnu Purana.
Yamas - Deveres morais assim chamados; são cinco atos de contenção: não-violência, honestidade, veracidade, castidade e desinteresse.
Yamas - Divindades, doze, os filhos de Yajna e Dakshina.
Yami - Filha de Daksha, esposa de Dharma. Filha do sol. O rio Yamuna.
Yamuna - Um rio; filha do sol. Obrigada por Balarama a ir até ele.
Yamunas - Um povo.
Yasas - Filho de Dharma.
Yaska - Um predecessor de Panini, e autor de um Nirukta, explicando diferentes trabalhos védicos.
Yasoda - A esposa de Nanda e mãe adotiva de Krishna; ela deu à luz Yoganidra, que foi trocada por Krishna e destruída por Kansa.
Yasodhara - Esposa de Sahishnu.
Yati - Filho de Nahusha.
Yavaksha - Um rio.
Yavanas - Um povo, no oeste de Bharata-varsha; jônios ou gregos; conquistados por Sagara. Descendentes de Turvasu.
Yavinara - Filho de Dwimidha.
Yaudheya - Filho de Yudhisthira.
Yayati - Filho de Nahusha.
Yoga - Filho de Dharma.
Yoga - "União mística".
Yoganidra - "Ilusão personificada", é o sono de devoção ou abstração, nascida de Yasoda; escarnece de Kansa. No Markandeya Purana ela aparece como Devi ou Durga, a Sakti ou noiva de Shiva, mas no Vishnu Purana como a Sakti ou noiva de Vishnu.
Yogasiddha - Irmã de Vrihaspati, esposa do Prabhasa Vasu.
Yogi - Um devoto que busca a obtenção de Yoga.
Yuddhamushti - Filho de Ugrasena.
Yudhajit - Filho de Vrishni.
Yudhisthira - Filho de Pandu.
Yuga - O ciclo de cinco anos. Uma era: ver Yugas.
Yugandhara - Um príncipe.
Yugandharas - Um povo.
Yugas - Eras, quatro. (Ver Krita, Treta, Dwapara, Kali).
Yuvanaswa - Um príncipe, filho de Ardra. Filho de Prasenajit. Filho de Ambarisha.
Yuyudhana - Filho de Satyaka.